

CHARLES

DICKENS

GRANDES ESPERANÇAS

EDIÇÃO BILÍNGUE PORTUGUÊS-INGLÊS

LANDMARK

GRANDES ESPERANÇAS
CAPÍTULO I
CAPÍTULO II
CAPÍTULO III
CAPÍTULO IV
CAPÍTULO V
CAPÍTULO VI
CAPÍTULO VII
CAPÍTULO VIII
CAPÍTULO IX
CAPÍTULO X
CAPÍTULO XI
CAPÍTULO XII
CAPÍTULO XIII
CAPÍTULO XIV
CAPÍTULO XV
CAPÍTULO XVI
CAPÍTULO XVII
CAPÍTULO XVIII
CAPÍTULO XIX
CAPÍTULO XX
CAPÍTULO XXI
CAPÍTULO XXII
CAPÍTULO XXIII
CAPÍTULO XXIV
CAPÍTULO XXV
CAPÍTULO XXVI
CAPÍTULO XXVII
CAPÍTULO XXVIII
CAPÍTULO XXIX
CAPÍTULO XXX
CAPÍTULO XXI
CAPÍTULO XXXII
CAPÍTULO XXXIII
CAPÍTULO XXXIV
CAPÍTULO XXXV

CAPÍTULO XXXVI
CAPÍTULO XXXVII
CAPÍTULO XXXVIII
CAPÍTULO XXXIX
CAPÍTULO XL
CAPÍTULO XLI
CAPÍTULO XLII
CAPÍTULO XLIII
CAPÍTULO XLIV
CAPÍTULO XLV
CAPÍTULO XLVI
CAPÍTULO XLVII
CAPÍTULO XLVIII
CAPÍTULO XLIX
CAPÍTULO L
CAPÍTULO LI
CAPÍTULO LII
CAPÍTULO LIII
CAPÍTULO LIV
CAPÍTULO LV
CAPÍTULO LVI
CAPÍTULO LVII
CAPÍTULO LVIII
CAPÍTULO LIX
GREAT EXPECTATIONS
CHAPTER I
CHAPTER II
CHAPTER III
CHAPTER IV
CHAPTER V
CHAPTER VI
CHAPTER VII
CHAPTER VIII
CHAPTER IX
CHAPTER X
CHAPTER XI

CHAPTER XII
CHAPTER XIII
CHAPTER XIV
CHAPTER XV
CHAPTER XVI
CHAPTER XVII
CHAPTER XVIII
CHAPTER XIX
CHAPTER XX
CHAPTER XXI
CHAPTER XXII
CHAPTER XXIII
CHAPTER XXIV
CHAPTER XXV
CHAPTER XXVI
CHAPTER XXVII
CHAPTER XXVIII
CHAPTER XXIX
CHAPTER XXX
CHAPTER XXXI
CHAPTER XXXII
CHAPTER XXXIII
CHAPTER XXXIV
CHAPTER XXXV
CHAPTER XXXVI
CHAPTER XXXVII
CHAPTER XXXVIII
CHAPTER XXXIX
CHAPTER XL
CHAPTER XLI
CHAPTER XLII
CHAPTER XLIII
CHAPTER XLIV
CHAPTER XLV
CHAPTER XLVI
CHAPTER XLVII

CHAPTER XLVIII
CHAPTER XLIX
CHAPTER L
CHAPTER LI
CHAPTER LII
CHAPTER LIII
CHAPTER LIV
CHAPTER LV
CHAPTER LVI
CHAPTER LVII
CHAPTER LVIII
CHAPTER LIX
CHARLES DICKENS

CHARLES DICKENS

GRANDES ESPERANÇAS

GREAT EXPECTATIONS

EDIÇÃO BILÍNGUE PORTUGUÊS - INGLÊS

TRADUÇÃO

DORIS GOETTEMS

EDITORA LANDMARK

SÃO PAULO BRASIL

2015

COPYRIGHT © 2013 BY EDITORA LANDMARK LTDA
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS À EDITORA LANDMARK LTDA.
TEXTO ADAPTADO À NOVA ORTOGRAFIA DA LÍNGUA PORTUGUESA DECRETO NO 6.583, DE 29 DE SETEMBRO DE 2008
PRIMEIRA EDIÇÃO DE “GRANDES ESPERANÇAS”: CHAPMAN & HALL PUBLISHING COMPANY LONDRES; OUTUBRO DE 1861
PUBLICADO INICIALMENTE NA REVISTA LITERÁRIA “ALL THE YEAR ROUND” ENTRE DEZEMBRO DE 1860 E AGOSTO DE 1861

DIRETOR EDITORIAL: FABIO CYRINO
TRADUÇÃO E NOTAS: DORIS GOETTEMS
REVISÃO: FRANCISCO DE FREITAS
DIAGRAMAÇÃO E CAPA: ARQUÉTIPO DESIGN+COMUNICAÇÃO
IMPRESSÃO E ACABAMENTO: PROL EDITORA E GRÁFICA LTDA.
IMAGEM DE CAPA: © 2012THE BRITISH FILM INSTITUTE/BBC/NUMBER 9 FILMS (GREAT) LIMITED - ALL RIGHTS RESERVED

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, CBL, SÃO PAULO, BRASIL)
DICKENS, CHARLES (1812-1870)
GRANDES ESPERANÇAS = GREAT EXPECTATIONS/ CHARLES DICKENS;
[TRADUÇÃO E NOTAS DORIS GOETTEMS] -- SÃO PAULO : EDITORA LANDMARK, 2012.
TÍTULO ORIGINAL: GREAT EXPECTATIONS
EDIÇÃO BILÍNGUE: PORTUGUÊS/INGLÊS
EDIÇÃO ESPECIAL DE LUXO
ISBN 978-85-8070-024-4
E-ISBN 978-85-8070-025-1
1. ROMANCE INGLÊS I. TÍTULO. II. TÍTULO: GREAT EXPECTATIONS
12-15587/ CDD: 823

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:
1. ROMANCES : LITERATURA INGLESA 823

TEXTOS ORIGINAIS EM INGLÊS DE DOMÍNIO PÚBLICO.
RESERVADOS TODOS OS DIREITOS DESTA TRADUÇÃO E PRODUÇÃO.
NENHUMA PARTE DESTA OBRA PODERÁ SER REPRODUZIDA ATRAVÉS DE QUALQUER MÉTODO, NEM SER DISTRIBUÍDA E/OU ARMAZENADA EM SEU TODO OU EM PARTES ATRAVÉS DE MEIOS ELETRÔNICOS SEM PERMISSÃO EXPRESSA DA EDITORA LANDMARK LTDA, CONFORME LEI N° 9610, DE 19/02/1998

EDITORA LANDMARK
RUA ALFREDO PUJOL, 285 - 12° ANDAR - SANTANA
02017-010 - SÃO PAULO - SP
TEL.: +55 (11) 2711-2566 / 2950-9095
E-MAIL: EDITORA@EDITORALANDMARK.COM.BR
WWW.EDITORALANDMARK.COM.BR
IMPRESSO NO BRASIL
PRINTED IN BRAZIL
2013

GRANDES ESPERANÇAS

CAPÍTULO I

Como o sobrenome de meu pai é Pirrip e meu nome Phillip, no meu linguajar infantil, jamais consegui pronunciar nenhum desses dois nomes de forma mais longa ou explícita do que Pip. Assim, eu chamava a mim mesmo de Pip, e passei a ser chamado de Pip.

Se dou Pirrip como o sobrenome de meu pai, é com a autoridade conferida pela sua lápide, e a confirmação de minha irmã, Mrs. Joe Gargery, que se casou com o ferreiro. Como eu nunca vi meu pai nem minha mãe, e nunca vi qualquer retrato de nenhum dos dois (pois eles viveram bem antes de surgir a fotografia), minhas primeiras fantasias a respeito de como eles eram provinham, de maneira irracional, das suas lápides. O formato das letras no túmulo de meu pai deu-me a estranha ideia de que ele era um homem quadrado, robusto e escuro, com cabelos negros ondulados. Pelo caráter e inclinação da inscrição “Também Georgiana, Esposa do Anterior” tirei a conclusão infantil de que minha mãe era sardenta e doentia. Dos cinco pequenos losangos de pedra, cada um medindo mais ou menos meio metro, arrumados em uma fileira perfeita ao lado do túmulo e consagrados à memória de cinco irmãozinhos meus – que deixaram esta vida cedo demais – fui levado à convicção, que acalentei fervorosamente, de que todos haviam nascido deitados de costas, com as mãos nos bolsos das calças, e que nunca haviam saído desse estado de imobilidade.

Era nossa a área pantanosa, descendo ao longo do rio, a vinte milhas do mar, quando o rio mudava de direção. Minha primeira impressão mais vívida e plena da identidade das coisas me parece ter sido adquirida em uma tarde fria memorável, perto do anoitecer. Nesse momento, descobri com certeza que aquele lugar deserto, coberto de urtigas, era o cemitério; e que Philip Pirrip, falecido nesta paróquia, e também Georgiana, esposa do anterior, estavam mortos e enterrados; e que Alexander, Bartholomew, Abraham, Tobias e Roger, filhos menores do referido, também estavam mortos e enterrados; e que a vastidão plana e escura além do cemitério, atravessada por diques, cômoros e eclusas, com gado espalhado pastando, eram os pântanos; e que a linha baixa e cinzenta mais além era o rio; e que o covil selvagem e distante de onde o vento soprava com força era o mar; e que o pacotinho trêmulo parado ali, cada vez mais apavorado e a ponto de começar a chorar, era Pip.

“Pare com essa barulheira!” exclamou uma voz terrível, e um homem surgiu do meio das sepulturas, ao lado do pórtico da igreja. “Fique quieto, demoniozinho, ou corto sua garganta!”

Um homem temível, vestido dos pés à cabeça em um tecido cinza grosseiro, com uma grande algema de ferro na perna. Um homem sem chapéu, e com sapatos aos pedaços, e com um trapo velho amarrado em volta da cabeça. Um homem que tinha sido encharcado em água, e sufocado em lama, e machucado pelas pedras, e cortado pelas rochas, e picado pelas urtigas, e ferido pelos espinheiros; que mancava e tremia e encarava e rosnava; e cujos dentes batiam dentro da boca quando ele me agarrou pelo queixo.

“Oh! Não corte a minha garganta, senhor”, implorei aterrorizado. “Por favor, não faça isso, senhor.”

“Diga-me o seu nome!” disse o homem. “Sem demora!”

“Pip, senhor.”

“Mais uma vez”, disse o homem, me encarando. “Desembuche!”

“Pip. Pip, senhor.”

“Mostre onde você mora”, disse o homem. “Aponte *pro* lugar!”

Eu apontei para onde ficava a nossa aldeia, no terreno plano perto da costa entre os amieiros e as árvores podadas, a uma milha ou mais da igreja.

O homem, depois de olhar para mim por um momento, virou-me de cabeça para baixo e esvaziou meus bolsos. Não havia nada neles a não ser um pedaço de pão. Quando a igreja voltou a si – pois ele foi tão rápido e forte que a fez virar de pernas para o ar diante de mim, e eu vi o campanário debaixo dos meus pés – quando a igreja voltou a si, digo, eu estava sentado em uma lápide alta, tremendo enquanto ele comia o pão com avidez.

“Você, seu cachorrinho”, disse o homem, lambendo os lábios, “que bochechas gordas você arrumou.”

Acho que elas eram gordas, embora eu fosse naquela época menor do que o normal para a minha idade, e não fosse forte.

“Maldito seja eu se não conseguir comê-las”, disse o homem, com um movimento ameaçador da cabeça, “e se já não *tô* pensando nisso!”

Expressei gravemente minha esperança de que ele não estivesse, e me agarrei com mais força à lápide na qual ele havia me colocado; em parte, para me segurar ali; em parte, para me impedir de chorar.

“Agora, olhe aqui!” disse o homem. “Onde está sua mãe?”

“Lá, senhor!” disse eu.

Ele se espantou, fez um movimento rápido, parou e olhou por sobre o ombro.

“Lá, senhor!” expliquei timidamente. “Também Georgiana. Essa é minha mãe.”

“Oh!” disse ele, voltando-se. “E aquele é seu pai, junto com sua mãe?”

“Sim, senhor”, disse eu; “ele também; falecido nesta paróquia.”

“Ah!”, ele murmurou então, pensativo. “Com quem você vive – se é que vou ser bondoso pra permitir que você viva, coisa que ainda não decidi?”

“Minha irmã, senhor – Mrs. Joe Gargery – esposa de Joe Gargery, o ferreiro, senhor.”

“Ferreiro, é?” disse ele. E baixou o olhar para sua perna.

Depois de olhar de modo sombrio para sua perna e para mim várias vezes, ele se aproximou da lápide onde eu estava, pegou-me pelos dois braços e me inclinou para trás até onde pudesse me segurar, de forma que seus olhos pareciam ainda mais poderosos olhando para baixo na minha direção, e os meus o observavam de maneira ainda mais indefesa.

“Agora, olha aqui”, ele disse, “a questão é se eu vou deixar você viver. Você sabe o que é uma lixa?”

“Sim, senhor.”

“E sabe o que são víveres[1]?”

“Sim, senhor.”

Depois de cada pergunta ele me inclinava um pouco mais, para aumentar a minha sensação de desamparo e perigo.

“Você vai me arranjar uma lixa.” Ele me inclinou de novo. “E vai me arranjar víveres.” Ele me inclinou de novo. “Traz os dois *pra* mim.” Ele me inclinou de novo. “Ou vou arrancar fora seu coração e seu fígado.” Ele me inclinou de novo.

Eu estava terrivelmente amedrontado, e tão tonto que me agarrei a ele com as duas mãos e disse, “Se o senhor fizesse a gentileza de me deixar ficar em pé, senhor, talvez eu não ficasse enjoado, e talvez pudesse ajudar mais.”

Ele me deu um tremendo empurrão, de modo que a igreja pulou sobre o seu próprio cata-vento. Depois me segurou pelos braços, em uma posição vertical no topo da pedra, e prosseguiu falando nestes termos apavorantes:

“Você me *traz*, amanhã de manhã cedo, aquela lixa e a comida. Traz

isso *pra* mim, naquele velho forte lá adiante. Faça isso, e jamais se atreva a dizer uma palavra ou a dar qualquer sinal de que viu uma pessoa igual a mim, ou qualquer outra pessoa, seja quem for, e vou deixar que você viva. Se você falhar, ou repetir qualquer coisa que eu disse, mesmo que seja uma coisinha à toa, vou arrancar fora seu coração e seu fígado, depois vou assar e comer. Olha só, não estou sozinho, como você pode *tá* pensando. Há um rapaz escondido comigo, e comparado a ele, eu sou um anjo. Aquele rapaz faz tudo o que eu digo. Aquele rapaz tem um jeito secreto que é só dele, de chegar até um menino e arrancar o coração dele e o fígado também. Não adianta um menino tentar se esconder daquele rapaz. O menino pode trancar a porta, pode estar no quentinho da sua cama, pode se encolher, pode puxar as roupas para cima da cabeça, pode achar que está confortável e seguro, mas aquele homem vai rastejar devagarzinho até ele e vai rasgar *ele* todo. Eu estou impedindo a duras penas que aquele rapaz faça mal a você, até agora, mas acho muito difícil manter *ele* longe de você por muito tempo. Então, o que me diz?"

Eu disse que lhe conseguiria a lixa e lhe conseguiria o que pudesse de coisas para comer, e que viria encontrá-lo no forte, de manhã cedo.

"Diga que quer que Deus acabe com sua vida, se não vier!", disse o homem.

Eu disse o que ele mandou, e ele me colocou no chão.

"Agora", ele prosseguiu, "trate de lembrar-se do que você combinou, e lembre-se daquele rapaz, também. E vá *pra* casa!"

"Bo-boa noite, senhor", eu hesitei.

"Muito boa!", disse ele, olhando para o descampado molhado e frio. "Quem dera eu fosse uma rã. Ou uma enguia!"

Ao mesmo tempo, ele cruzou os dois braços em torno do corpo – apertando, como se quisesse manter-se unido – e saiu mancando em direção ao muro baixo da igreja. Enquanto eu o via partir, buscando um caminho entre as urtigas, e entre os arbustos que delimitavam os cômoros verdes, ele olhou em meus olhos jovens como se estivesse enganando as mãos dos mortos, que se estendiam de modo cauteloso para fora das sepulturas, tentando torcer-lhe o tornozelo e puxá-lo para dentro.

Quando ele chegou ao muro baixo da igreja, ultrapassou-o, como alguém que tivesse as pernas entorpecidas e duras, e então se virou para me olhar. Quando vi que ele estava se virando, fixei meu rosto na direção de casa

e fiz bom uso das minhas pernas. Depois olhei por sobre o ombro, e o vi andando de novo na direção do rio, ainda com os dois braços apertados em volta do corpo, e procurando o caminho com os pés doloridos, por entre as grandes pedras largadas aqui e ali nos pântanos para servir de lugar para pisar, quando as chuvas eram fortes ou a maré estava alta.

Quando parei para olhar a vista, os pântanos eram apenas uma longa linha negra horizontal; e o rio era apenas outra linha horizontal, um pouco menos larga e menos escura; e o céu era apenas uma fileira de longas e ameaçadoras linhas vermelhas, entremeadas a densas linhas negras. Na beira do rio, eu mal podia distinguir as duas únicas coisas escuras que pareciam estar de pé, em toda essa paisagem; uma delas era o farol que guiava os marinheiros – igual a um barril desmanchado sobre um poste – uma coisa bem feia, quando se chegava perto; a outra era uma forca, com algumas correntes penduradas, que uma vez tinham suspendido um pirata. O homem avançava com dificuldade na direção desta última, como se ele fosse o pirata revivido, descendo e voltando para se pendurar na forca outra vez. Tive um choque quando pensei nisso; e quando vi o gado levantando as cabeças para encará-lo, me perguntei se eles também não haviam pensado nisso. Olhei por tudo ao redor procurando o terrível rapaz, mas não vi nenhum sinal dele. Mas agora eu estava com medo de novo, e corri sem parar até em casa.

[1] No original “wittles”, corruptela de “victuals” (provisões, víveres, comida).

CAPÍTULO II

Minha irmã, Mrs. Joe Gargery, era mais velha do que eu mais de vinte anos, e tinha obtido uma grande reputação entre os vizinhos por ter me criado “à mão”. Naquela época, tendo que descobrir por mim mesmo o que a expressão significava, e sabendo que ela tinha a mão dura e pesada, e considerando seu hábito de deitar as mãos sobre o marido assim como sobre mim, supus que Joe Gargery e eu fomos ambos criados à mão.

Ela não era uma mulher bonita, minha irmã; e eu tinha a ligeira impressão de que ela deve ter feito Joe Gargery casar-se com ela “à mão”. Joe era um homem claro, com cachos de cabelos louros em cada lado do rosto liso, e olhos de um azul tão indeciso que pareciam ter se misturado de alguma maneira com a parte branca dos olhos. Ele era um rapaz agradável, de bom caráter, dócil, calmo, tolo e querido – um tipo de Hércules em termos de força, e também de fraqueza.

Minha irmã, Mrs. Joe, de cabelos e olhos negros, tinha uma pele de tal modo avermelhada que eu às vezes me perguntava se era possível que ela tivesse se lavado com um ralador de noz-moscada em vez de sabão. Ela era alta e ossuda, e quase sempre usava um avental grosseiro, amarrado atrás do corpo com duas voltas, e com um peitilho quadrado impermeável na frente, preso por montes de alfinetes e agulhas. Ela transformou o fato de usar sempre esse avental em uma importante concessão da sua parte, e em uma repreensão forte contra Joe. Embora eu realmente não veja nenhuma razão pela qual ela deveria tê-lo usado, afinal; ou por que, se ela resolveu usar assim mesmo, não deveria tirá-lo, todos os dias da sua vida.

A ferraria de Joe ficava junto à nossa casa, que era uma casa de madeira, como muitas das moradias em nosso país – a maioria delas, naquela época. Quando corri para casa vindo do cemitério, a ferraria estava fechada, e Joe estava sentado sozinho na cozinha. Como Joe e eu éramos companheiros de sofrimento e, por isso, confidentes, ele dividiu uma confidência comigo no momento em que levantei o trinco da porta e espiei para dentro; ele estava no lado oposto, sentado no canto da lareira.

“Mrs. Joe já foi lá fora uma dúzia de vezes, procurando por você, Pip. Está lá fora agora, preparando uma boa surra.”

“Está?”

“Sim, Pip”, disse Joe; “e o que é pior, ela levou Tickler com ela.”

Diante dessa triste informação, torci várias vezes o único botão do meu colete, e olhei para o fogo em grande depressão. Tickler era uma vara com ponta de cera, desgastada pela colisão com a minha carcaça.

“Ela se sentou”, disse Joe “e se levantou, tomou Tickler nas mãos e saiu enlouquecida. Foi isso que ela fez”, disse Joe, atiçando o fogo lentamente entre as barras mais baixas com o atiçador, e olhando para o fogo. “Ela saiu enlouquecida, Pip.”

“Faz muito tempo que ela saiu, Joe?” Eu sempre o tratei como uma espécie de criança maior, e como sendo nada mais que um igual.

“Bem”, disse Joe, olhando para o relógio holandês, “ela saiu enlouquecida, esta última vez, mais ou menos há cinco minutos. Aí vem ela, Pip! Fique atrás da porta, meu velho, e ponha a tapeçaria no meio.”

Eu segui o conselho. Minha irmã, Mrs. Joe, abrindo a porta toda e encontrando uma obstrução atrás dela, adivinhou imediatamente a causa, e se valeu de Tickler para uma investigação adicional. Terminou por me atirar para Joe – eu com frequência servia de projétil matrimonial – que, feliz de ficar comigo sob qualquer condição, colocou-me sobre a lareira e, com toda calma, cercou-me lá com a sua perna enorme.

“Onde você esteve, seu macaquinho?”, disse Mrs. Joe, batendo o pé. “Fale-me agora mesmo o que você andou fazendo, para me obrigar a andar por aí me cansando, irritada, nervosa e preocupada, ou tiro você desse canto como se fosse cinquenta Pips, e ele quinhentos Gargerys.”

“Eu só fui ao cemitério”, disse eu, do meu lugar, chorando e me coçando.

“Cemitério!”, repetiu minha irmã. “Se não fosse por mim você teria ido para o cemitério há muito tempo, e teria ficado por lá. Quem o criou à mão?”

“Você”, disse eu.

“E por que eu fiz isso, posso saber?”, exclamou minha irmã.

Choraminguei, “Eu não sei.”

“Não sabe!”, disse minha irmã. “Nunca mais vou fazer isso! É só o que sei. Posso dizer com certeza que nunca mais tirei esse avental desde que você nasceu. Já é ruim o bastante ser a esposa de um ferreiro (ainda mais sendo ele um Gargery), sem ser a sua mãe.”

Meus pensamentos se abstraíram daquela questão enquanto eu olhava desconsolado para o fogo. Pois o fugitivo lá fora no pântano com a perna

presa a um ferro, o rapaz misterioso, a lixa, a comida e a promessa terrível sob a qual eu estava de cometer um furto nas dependências da casa, ergueram-se diante de mim no meio das brasas vingativas.

"Ah!", disse Mrs. Joe, recolocando Tickler em seu lugar. "Cemitério, realmente! Podem muito bem falar em cemitério, vocês dois." Um de nós, pelo menos, não tinha dito nada disso. "Vocês juntos vão me mandar para o cemitério qualquer dia desses, e oh, que um be-e-e-e-lo par vocês fariam sem mim!"

Enquanto ela se ocupava preparando o chá, Joe me espiou por cima da perna, como se estivesse avaliando mentalmente a mim e a ele, e calculando que tipo de par nós faríamos de fato, sob as dolorosas circunstâncias profetizadas por ela. Depois disso, Joe sentou-se, cofiando os cachos louros e a suíça do lado direito, e seguindo Mrs. Joe com seus olhos azuis, como era seu costume em momentos difíceis.

Minha irmã tinha um modo vigoroso de cortar o nosso pão com manteiga, que nunca variava. Primeiro, com a mão esquerda ela apertava o pão de modo firme e rápido contra o peitilho – onde às vezes entrava um alfinete no pão, e às vezes uma agulha, que nós depois enfiávamos na boca. Então ela punha um pouco de manteiga (não muita) em uma faca, e esparramava no pão, à maneira de um boticário, como se ela estivesse fazendo um gesso – usando ambos os lados da faca com uma destreza grosseira, e aparando e modelando a manteiga para fora, em volta da crosta. Depois ela dava um rápido esfregão final com a faca na ponta do gesso, e então cortava uma fatia bem grossa do pão, a qual ela, por fim, antes de separar do pão, cortava em duas metades, das quais Joe ganhava uma e eu a outra.

Na presente ocasião, embora estivesse com fome, não ousei comer a minha fatia. Sentia que devia ter algo de reserva para o meu terrível conhecido, e seu aliado, o ainda mais terrível rapaz. Sabia que os arranjos domésticos de Mrs. Joe eram do tipo mais rígido que podia haver, e que as minhas pesquisas furtivas poderiam não achar nada disponível no guarda-comida. Então decidi pôr meu naco de pão com manteiga na perna das minhas calças.

A força de vontade necessária à realização desse propósito acabou por revelar-se uma verdadeira provação. Era como se eu tivesse que me decidir a saltar do topo de uma casa alta, ou mergulhar bem fundo na água. E isso era

ainda mais difícil porque Joe não sabia. Em nossa já mencionada maçonaria, como companheiros de sofrimento, e na agradável camaradagem dele para comigo, era nosso hábito à noite comparar o modo como mordíamos nossas fatias, segurando-as em silêncio de vez em quando para que o outro admirasse – o que nos estimulava a novos esforços. Nessa noite, Joe, por várias vezes, me convidou, exibindo sua fatia que diminuía com rapidez, para entrar na nossa competição amigável habitual; mas, a cada vez, ele me encontrava com minha caneca amarela de chá sobre um joelho, e o meu pão com manteiga intato sobre o outro. Afinal, pensei desesperado que a coisa que eu tinha em mente devia ser feita, e que era melhor fazê-la da maneira mais improvável nas atuais circunstâncias. Aproveitei um momento em que Joe acabara de olhar para mim e pus meu pão com manteiga embaixo da perna.

Joe evidentemente ficou incomodado com o que ele supôs ser falta de apetite da minha parte, e deu uma mordida pensativa na sua fatia, que ele não pareceu desfrutar. Ele ficou rolando o pão dentro da boca por mais tempo que o normal, ponderando sobre isso por um bom tempo, e afinal engoliu como se fosse uma pílula. Estava a ponto de dar outra mordida, e acabara de virar a cabeça de lado para comer um bom pedaço, quando seu olho caiu sobre mim, e ele viu que meu pão com manteiga tinha sumido.

O espanto e a consternação com que Joe parou no momento em que ia morder e me encarou eram evidentes demais para escapar à percepção da minha irmã.

“Qual é o problema agora?”, disse ela, de modo ríspido, baixando a xícara.

“Ah, você sabe!”, murmurou Joe, sacudindo a cabeça para mim em um gesto sério de protesto. “Pip, meu velho! Você está fazendo muito mal. Isso vai grudar em algum lugar. Você não pode ter mastigado, Pip.”

“Qual é o problema agora?”, repetiu minha irmã, mais ríspida do que antes.

“Se puder cuspir algum pedaço, Pip, eu recomendo que você faça isso”, disse Joe, horrorizado. “Modos são modos, mas mesmo assim sua saúde é a sua saúde.”

A essa altura, minha irmã já estava desesperada, então se lançou sobre Joe, e, puxando-o pelas duas suíças, bateu a cabeça dele algumas vezes contra a parede de trás, enquanto eu sentava no canto, com ar culpado.

“Agora talvez você me diga qual é o problema”, disse minha irmã, sem fôlego, “seu grande leitão empacado.”

Joe olhou para ela com ar indefeso, então deu uma mordida indefesa e olhou de novo para mim.

“Você sabe, Pip”, disse Joe, de modo solene, com o último pedaço de pão na bochecha, e falando em um tom de voz confidencial, como se nós dois estivéssemos completamente sozinhos, “você e eu somos muito bons amigos, e eu seria o último a mandar em você, de jeito nenhum. Mas...”, ele empurrou a cadeira e olhou para o chão entre nós dois, e depois de novo para mim “...mas devorar uma coisa dessa maneira!”

“Ele andou devorando a comida, é?”, exclamou minha irmã.

“Você sabe, meu velho”, disse Joe, olhando para mim, e não para Mrs. Joe, com seu pão ainda na bochecha, “Eu devorava a comida, eu mesmo, quando tinha a sua idade – muitas vezes – e quando menino cansei de engasgar; mas nunca tinha visto alguém devorar alguma coisa igual a você, Pip, e é uma sorte que não tenha engasgado e caído morto.”

Minha irmã mergulhou na minha direção e me levantou pelos cabelos, sem dizer nada além das terríveis palavras, “Venha cá tomar o remédio.”

Alguma besta metida a médico tinha ressuscitado a infusão de alcatrão naquela época como sendo um ótimo remédio, e Mrs. Joe sempre mantinha um estoque dela no armário; tinha uma confiança em suas virtudes correspondente à sua maldade. Em tempos melhores, me administraram tanto desse elixir como um reconstituinte, que eu tinha consciência de andar por aí cheirando igual a uma cerca nova. Nessa noite em particular, a urgência do meu caso requeria um quartilho[1] dessa mistura, que me foi derramada garganta abaixo, para meu maior conforto, enquanto Mrs. Joe segurava minha cabeça debaixo do braço, como uma bota em uma calçadeira. Joe escapou com meio quartilho; mas foi obrigado a engoli-lo (para grande contrariedade sua, já que se sentou mastigando lentamente e meditando diante do fogo), “pois tivera uma tontura.” Pelo que posso julgar, eu diria que ele certamente teve uma tontura depois, se não tivesse tido antes.

Consciência é uma coisa terrível, quando acusa um homem ou um menino; mas quando, no caso de um menino, esse fardo secreto se junta a outro fardo secreto dentro da perna das suas calças, é (como eu posso testemunhar) um grande castigo. A consciência da culpa por estar a ponto de roubar Mrs. Joe – nunca pensei que iria roubar Joe, pois nunca pensei em

qualquer das coisas da casa como sendo dele – unida à necessidade de sempre manter uma mão no meu pão com manteiga quando me sentava, ou quando me mandavam fazer alguma coisa na cozinha – quase me deixou louco. Então, quando os ventos do pântano fizeram as chamas do fogo arderem, pensei ter ouvido lá fora a voz do homem com a algema na perna que tinha me feito jurar segredo, dizendo que não podia e não iria passar fome até amanhã, mas queria sua comida agora. Outras vezes, pensava, o que aconteceria se o rapaz que estava com tanta dificuldade de se conter para não pôr suas mãos sobre mim se rendesse à impaciência, ou se enganasse com a hora, e se sentisse autorizado a arrancar meu coração e meu fígado esta noite, em vez de amanhã! Se algum dia os cabelos de alguém já se arrepiaram de terror, os meus devem ter se arrepiado então. Mas, talvez, ninguém jamais tenha feito isso.

Era Véspera de Natal, e eu tive que mexer o pudim para o dia seguinte com uma vareta de cobre, das sete às oito, pelo relógio holandês. Tentei fazer isso com o fardo na minha perna (e isso me fez pensar mais uma vez no homem com o fardo na perna dele) e achei quase insuportável a tendência do exercício de fazer o pão com manteiga escorregar até o meu tornozelo. Felizmente, consegui escapar, e depositei aquela parte da minha consciência no meu quarto no sótão.

“Escute!”, disse eu, quando já tinha acabado minha tarefa de mexer e estava pegando um último calorzinho no canto da lareira, antes de ser mandado para a cama. “Que tiroteio é esse, Joe?”

“Ah!”, disse Joe. “Outro condenado escapou.”

“O que quer dizer isso, Joe?”, disse eu.

Mrs. Joe, que sempre tomava a seu encargo as explicações, disse, impaciente, “Foragido. Foragido.” Administrou a explicação como se fosse infusão de alcatrão.

Enquanto Mrs. Joe sentava-se com a cabeça inclinada sobre seu trabalho de agulha, mexi com a boca de modo a dizer para Joe, “O que é um condenado?” Joe mexeu com a boca de modo a me dar uma resposta de tal forma elaborada, que não consegui entender nada além de uma única palavra: Pip.

“Tinha um condenado foragido na noite passada”, disse Joe, alto, “depois do sol se pôr. E eles dispararam tiros de alerta por causa dele. E agora parece que estão disparando tiros de alerta por causa de outro.”

“Quem está disparando os tiros?” eu disse.

“Maldito menino”, interrompeu minha irmã, me olhando carrancuda por cima do seu trabalho, “vive perguntando. Não pergunte nada, e não ouvirá nenhuma mentira.”

Não era muito educado da parte dela, pensei, insinuar que me contaria mentiras até quando eu fizesse uma simples pergunta. Mas ela nunca era polida, a menos que houvesse visitas.

Nesse ponto, Joe aumentou muito a minha curiosidade ao tomar o maior cuidado para abrir bem a boca, fazendo caretas para formar uma palavra que me eu entendi como algo parecido com “sulcos”. Então eu logo apontei para Mrs. Joe, e mexi a boca de modo a dizer “ela?” Mas John não entendeu, afinal, e de novo abriu bem a boca, de modo a formar uma palavra mais enfática. Mas eu não consegui entender nada.

“Mrs. Joe”, eu disse, como último recurso, “eu gostaria de saber – se você não se importar – de onde vem os tiros?”

“Deus abençoe esse menino!”, exclamou minha irmã, como se não quisesse dizer isso, mas exatamente o contrário. “Dos Hulks!”

“Ooh!”, disse eu, olhando para Joe. “Dos Hulks!”

Joe deu uma tossida acusadora, como se dissesse, “Eu não disse?”

“E, por favor, o que são os Hulks?”, disse eu.

“Esse menino não tem jeito!”, exclamou minha irmã, apontando para mim com a agulha e o fio e sacudindo a cabeça. “Responda só uma pergunta, e ele vai fazer uma dúzia em seguida. Hulks são navios-prisão, ficam logo depois dos charcos.” Sempre usávamos essa palavra para designar os pântanos, em nossa região.

“Fico me perguntando quem será que é colocado nesses navios-prisão, e por que eles são colocados lá!”, eu disse, de modo casual, já sem esperanças de ouvir uma resposta.

Foi demais para Mrs. Joe, que se levantou de imediato. “Vou lhe dizer então, rapazinho”, disse ela, “Eu não o criei à mão para amolar a paciência das pessoas. Seria motivo de culpa, e não de orgulho, se eu tivesse feito isso. As pessoas são colocadas nos Hulks porque matam, e porque roubam, e fraudam, e fazem todos os tipos de coisas más; e todas começam fazendo perguntas. Agora, vá para a cama!”

Nunca me permitiram levar uma vela que iluminasse meu caminho para a cama, e, enquanto eu subia as escadas no escuro, com a cabeça

latejando – por causa do dedal de Mrs. Joe, que a fizera de tambor ao acompanhar suas últimas palavras – sentia-me terrivelmente consciente da grande conveniência dos navios-prisão estarem bem à mão para mim. Era evidente que eu estava a caminho de lá. Tinha começado fazendo perguntas, e agora ia roubar Mrs. Joe.

Desde essa época, que agora já está muito distante, muitas vezes pensei que poucas pessoas conhecem os segredos que se escondem na mente de um jovem aterrorizado. Não importa quão irracional seja o terror, ainda assim é terror. Eu sentia um terror mortal do rapaz que queria arrancar meu coração e meu fígado; sentia um terror mortal do meu interlocutor com a algema na perna; sentia um terror mortal de mim mesmo, de quem uma promessa medonha havia sido arrancada; não tinha qualquer esperança de libertar-me da minha irmã todo-poderosa, que me rejeitava a cada oportunidade; tenho medo de pensar no que eu teria feito sob coação, no segredo do meu terror.

Se cheguei a dormir aquela noite, foi só para me imaginar vagueando rio abaixo na forte correnteza em direção aos Hulks; um pirata fantasmagórico gritava comigo através de uma corneta, enquanto eu passava pela base onde estava a forca, dizendo que era melhor que eu ficasse em terra firme e fosse enforcado lá de uma vez, sem precisar desembarcar. Eu tinha medo de dormir, mesmo quando tinha vontade, porque sabia que ao primeiro clarão do dia teria que roubar a despensa. Não havia como fazer isso à noite, pois não havia como conseguir uma luz que acendesse com um fósforo; para conseguir uma luz, eu teria que bater a pederneira[2] com um pedaço de aço, e teria feito tanto barulho quanto o próprio pirata arrastando suas correntes.

Assim que a grande mortalha de veludo negro fora da minha pequena janela coloriu-se de cinza, eu me levantei e desci a escada; cada tábua no caminho, e cada fresta em cada tábua, gritava quando eu passava, “Para, ladrão!”, e “Acorde, Mrs. Joe!” Na despensa, que estava provida com muito mais abundância do que o normal, por ser época de Natal, fiquei muito alarmado com uma lebre pendurada pelas patas, a qual eu achei que tinha pego enquanto estava meio virado de lado, fechando os olhos para não ver. Eu não tinha tempo para verificar, não tinha tempo para escolher, não tinha tempo para nada, pois não podia perder tempo. Roubei um pouco de pão, uma crosta de queijo, mais ou menos meio pote de carne moída (que eu amarrei no meu lenço, junto com a minha fatia de pão da noite anterior), um

pouco de conhaque de uma moringa (o qual eu passei para uma garrafa que eu tinha usado secretamente para fazer aquele fluído intoxicante, água de alcaçuz espanhol, lá em cima no meu quarto, completando o conteúdo da moringa de um jarro no armário da cozinha), um pernil quase desossado, e uma bela, redonda e compacta torta de carne de porco. Eu quase ia embora sem a torta, mas fui tentado a montar em uma estante para olhar o que era aquilo que fora guardado com tanto cuidado em um prato de porcelana coberto em um canto, e descobri que era a torta, e peguei-a na esperança de que não estivessem planejando usá-la tão cedo, e não dariam pela sua falta por algum tempo.

Havia uma porta na cozinha, comunicando com a ferraria; eu destranquei e abri aquela porta, e consegui uma lixa entre as ferramentas de Joe. Então coloquei a tranca conforme havia encontrado, abri a porta pela qual eu tinha entrado quando corri para casa na noite anterior, fechei-a, e corri para os pântanos cobertos pela névoa.

[1] Unidade de capacidade do sistema inglês, equivalente a 0,568 litro. No original: “pint.”

[2] Pedra muito dura, que produz faíscas quando esfregada com um fragmento de aço.

CAPÍTULO III

Era uma manhã gélida, e muito úmida. Eu tinha visto a umidade espalhada do lado de fora da minha janelinha, como se algum duende tivesse estado lá chorando durante a noite toda, e tivesse usado a janela como um lenço. Agora, eu via a geada estendendo-se nas cercas vivas nuas e na pouca grama que havia, como um tipo de teia de aranha grosseira, pendurando-se de galho em galho, de folha em folha. Em cada grade e portão, a umidade era pegajosa, e a névoa do pântano era tão grossa, que a seta de madeira no poste que indicava às pessoas a direção da nossa aldeia – uma direção que para elas pouco importava, pois nunca foram até lá – estava invisível para mim até que cheguei quase embaixo dela. Então, quando ergui os olhos para a seta que gotejava, ela pareceu à minha consciência oprimida como um fantasma entregando-me aos Hulks.

A névoa era ainda mais pesada quando saí para os pântanos, de forma que em vez de eu correr na direção de tudo, tudo é que parecia correr na minha direção. Isso era muito desagradável para uma consciência culpada. As comportas e diques e aterros precipitavam-se sobre mim através da névoa, como se gritassem tão claramente quanto podiam, “Aí vem um menino com a torta de carne de porco de outra pessoa! Parem-no!” O gado irrompia sobre mim de repente, dizendo com o seu olhar bovino, e com o vapor que escapava das suas narinas, “Oláaaa, ladrãozinho!” Um boi preto, com uma gravata de pelo branco – que até tinha certo ar clerical para a minha consciência culpada – encarou-me de modo tão obstinado com seus olhos, e girou a sua cabeça embotada de uma forma tão acusatória quando me movi, que eu choraminguei para ele, “Não pude evitar, senhor! Não foi para mim que peguei isso!” Com o que então ele baixou a cabeça, soltou uma nuvem de fumaça pelas narinas, e desapareceu com um coice das pernas traseiras e um abanar de cauda.

Durante todo esse tempo eu continuava seguindo para o rio; mas apesar de eu andar depressa, não conseguia esquentar meus pés, nos quais a umidade fria parecia ter se grudado, como a algema estava grudada na perna do homem que eu estava correndo para encontrar. Eu conhecia o caminho para o forte, direto em frente, pois tinha estado lá em um domingo com Joe, e Joe, sentando-se em um velho canhão, tinha me dito que quando eu fosse seu aprendiz, de modo regular, a gente se divertiria um bocado ali! Na confusão

da névoa, porém, eu descobri afinal que me afastara muito para a direita e, por conseguinte, teria que tentar voltar ao longo da margem do rio, pelo caminho de pedras soltas sobre a lama e as estacas que demarcavam a linha da maré. Abrindo caminho por ali a toda pressa, eu acabara de cruzar um fosso que eu sabia estar muito próximo do forte, e acabara de escalar o cômoro além do fosso, quando vi o homem sentado bem à minha frente. Tinha as costas viradas para mim e os braços cruzados, e sua cabeça inclinava-se para frente, pesada de sono.

Achei que ele ficaria mais contente se eu chegasse até ele com o seu café da manhã daquela maneira inesperada, então segui adiante devagarzinho e o toquei no ombro. Ele imediatamente deu um salto, mas não era o mesmo homem, era outro homem!

Este homem também estava vestido com tecido cinza grosseiro, e tinha uma grande algema na perna, era manco, rouco e frio. Era tudo o que o outro homem era, exceto que não tinha o mesmo rosto, e usava um chapéu de feltro chato de aba larga e copa baixa. Vi tudo isso em um momento, pois tinha só um momento para ver: ele me rogou uma praga, tentou me bater – foi um golpe fraco, que não me atingiu e quase o derrubou, pois o fez tropeçar – e então ele correu em meio à névoa, tropeçando duas vezes enquanto corria, e eu o perdi de vista.

“É o rapaz!”, pensei, sentindo meu coração disparar quando o identifiquei. Ouso dizer que eu devia ter sentido uma pontada no meu fígado, também, se eu soubesse onde ele ficava.

Depois disso eu logo cheguei ao forte, e lá estava o homem certo – apertando os braços em volta do corpo e mancando para lá e para cá, como se não tivesse passado a noite toda apertando os braços e mancando – esperando por mim. Ele certamente estava morto de frio. Eu meio que esperava vê-lo desmaiar na minha frente e morrer congelado. Seus olhos também pareciam de tal modo famintos, que quando eu lhe dei a lixa e ele a colocou na grama, ocorreu-me que ele teria tentado comê-la, se não tivesse visto o meu pacote. Ele não me virou de cabeça para baixo desta vez para pegar o que eu tivesse, mas me deixou em pé direitinho enquanto eu abria o pacote e esvaziava os bolsos.

“O que tem na garrafa, menino?”, disse ele.

“Conhaque”, disse eu.

Ele já estava enfiando a carne moída garganta abaixo da maneira mais

curiosa – mais como um homem que estivesse guardando a carne em algum lugar com uma pressa violenta do que alguém que estivesse comendo – mas ele parou para tomar um pouco da bebida. O homem tremia tanto o tempo todo, que já era muito que ele conseguisse manter o gargalo da garrafa entre os dentes, sem cuspi-lo fora.

"Acho que você pegou uma febre", disse eu.

"Concordo com a sua opinião, menino", disse ele.

"É ruim aqui", eu lhe disse. "Você tem se deitado aí fora nos charcos, e eles são terríveis para causar febre. E reumatismo, também."

"Vou tomar meu café da manhã antes que eles me matem, então", disse ele. "E eu ia fazer isso, mesmo que fosse *pra* ser amarrado bem alto naquela forca lá em cima logo depois. Até lá já não tenho mais calafrios, aposto com você."

Ele estava devorando carne moída, pernil, pão, queijo e torta de carne de porco, tudo de uma vez: olhando desconfiado enquanto isso para a névoa ao nosso redor, e muitas vezes parando – parava até suas mandíbulas – para escutar. Qualquer som real ou imaginário, algum barulho no rio ou o bufar de uma besta no pântano, causava-lhe um sobressalto. De repente, ele disse:

"Você não é um diabo de um traidor, não é? Não trouxe ninguém com você?"

"Não, senhor! Não!"

"Nem encarregou ninguém de seguir você?"

"Não!"

"Bem", disse ele, "acredito em você. Você não seria mais que um filhote de um cão feroz, realmente, se a essa altura da vida já pudesse ajudar a perseguir um patife infeliz, caçado até quase a morte, em um lugar imundo, como estão fazendo com este patife pobre e infeliz aqui!"

Alguma coisa clicou em sua garganta, como se ele tivesse engrenagens dentro de si como um relógio, e estivesse a ponto de bater as horas. E ele esfregou a manga áspera e rasgada sobre os olhos.

Com pena da sua desolação, e observando-o enquanto ele aos poucos deixava de lado a torta, criei coragem para dizer, "Fico contente que o senhor tenha gostado."

"Você falou alguma coisa?"

"Disse que fiquei contente que o senhor tenha gostado."

"*Brigado*, menino. Gostei, sim."

Eu tinha observado muitas vezes um enorme cachorro que nós tínhamos comendo a sua comida; e agora notava uma clara semelhança entre o modo de o cachorro comer e o do homem. O homem dava mordidas rápidas, afiadas e fortes, exatamente igual ao cachorro. Ele engolia, ou melhor, devorava, cada bocado, muito rápido e sem parar; e de vez em quando olhava para os lados enquanto comia, como se pensasse que havia o perigo de alguém chegar de qualquer direção e levar a torta embora. Ele estava com a mente inteiramente perturbada a esse respeito para apreciar a refeição com tranquilidade, pensei, ou para ter alguém com quem pudesse comer, sem arreganhar os dentes para a visita. Em todos esses particulares, ele era igualzinho ao cachorro.

"Receio que o senhor não vá deixar nada para ele", disse eu, timidamente, depois de um silêncio durante o qual eu tinha hesitado sobre a cortesia dessa observação. "Não dá para conseguir mais nada no lugar de onde veio isso." Era a certeza desse fato que me impeliu a fazer a alusão.

"Deixar um pouco *pra* ele? Quem é ele?", disse meu amigo, parando de mastigar a crosta da torta.

"O rapaz. De quem o senhor falou. Que está escondido com o senhor."

"Ah!", ele respondeu, com algo parecido com um riso áspero. "Ele? Ah, sim! Ele não quer comida nenhuma."

"Achei que ele olhou como se quisesse", disse eu.

O homem parou de comer, e me observou com o escrutínio mais agudo e a maior surpresa.

"Olhou? Quando?"

"Agora mesmo."

"Onde?"

"Lá", disse eu, apontando; "logo ali, onde eu o encontrei cabeceando de sono, e pensei que era o senhor."

Ele me segurou pelo colarinho e me encarou de tal maneira, que comecei a pensar que a ideia inicial dele de cortar a minha garganta havia revivido.

"Vestido como o senhor, sabe como, só que ele tinha um chapéu", eu expliquei, tremendo. "E... e...", eu estava muito angustiado para dizer isso com delicadeza "e com o mesmo motivo para querer pedir emprestada uma lixa. Não ouviu os tiros de canhão ontem à noite?"

"Então dispararam tiros!", ele disse para si mesmo.

“Espanta-me que o senhor não tenha certeza disso”, continuei, “porque nós ouvimos lá em casa, e fica bem distante, e, além disso, estávamos fechados lá dentro.”

“Ora, escute aqui!”, disse ele. “Quando um homem está sozinho nesses descampados, com uma cabeça tonta e um estômago vazio, morrendo de frio e privado de tudo, ele não ouve nada a noite toda, a não ser tiros de armas e vozes chamando. Será que ouve? Ele vê os soldados, com os casacos vermelhos iluminados pelas tochas que eles carregam, cercando-o cada vez mais. Ouve-os chamarem o seu número, ouve o desafio, ouve o matraquear dos mosquetes, ouve as ordens ‘Preparar! Apontar! Fechem o cerco, homens!’ e se põe as mãos para o alto... e então nada! Ora, se eu vi um grupo de busca ontem à noite – marchando em ordem, malditos, com seu passo pesado, tum, tum – vi cem deles. E quanto ao tiroteio! Ora, vi a névoa tremer com o canhão, mas era em pleno dia. Mas e esse homem”, ele tinha dito todo o resto como se tivesse esquecido que eu estava lá; “você notou qualquer coisa nele?”

“Ele tinha o rosto muito machucado”, disse eu, recordando o que eu quase nem sabia que sabia.

“Era aqui?”, exclamou o homem, batendo sem piedade em sua face esquerda, com a mão aberta.

“Sim, bem aí!”

“Onde ele está?” Ele enfiou o pouco de comida que restara no peito da sua jaqueta cinza. “Mostre-me *pra* onde ele foi. Eu vou acabar com ele, que nem um sabujo. Maldita algema na minha perna, como dói! Dê-me a lixa, garoto.”

Eu indiquei a direção em que o outro homem fora encoberto pela névoa, e ele olhou para lá por um momento. Mas ele estava abaixado na grama molhada e espessa, lixando sua algema como um louco, e não prestava atenção em mim nem prestava atenção em sua própria perna, que tinha uma escoriação antiga e estava sangrando, mas que ele tratava de modo tão rude como se não sentisse nada na perna a não ser a lixa. Eu estava de novo com muito medo dele, agora que ele tinha se entregue a essa pressa feroz, e também estava com muito medo de ficar mais tempo ainda longe de casa. Disse a ele que precisava ir, mas ele não tomou conhecimento, assim pensei que a melhor coisa que eu podia fazer era sair de mansinho. A última visão que tive dele, foi sua cabeça inclinada sobre o joelho e ele trabalhando duro

na sua algema, murmurando maldições impacientes para a algema e para a perna. Depois parei na névoa para escutar, e o último som que ouvi dele foi o barulhinho da lixa fazendo o seu trabalho.

CAPÍTULO IV

Eu estava certo de encontrar um policial na cozinha, esperando para me levar. Mas não só não havia nenhum policial lá, como ainda não tinha sido feita nenhuma descoberta do roubo. Mrs. Joe estava extremamente ocupada em deixar a casa pronta para as festividades do dia, e Joe tinha sido colocado no degrau da porta da cozinha, para evitar que recebesse a poeira no rosto – uma coisa para a qual seu destino sempre o conduzia, cedo ou tarde, quando minha irmã se decidia a atacar com vigor o assoalho dos seus domínios.

"E onde diabos você se meteu?". era a saudação de Natal de Mrs. Joe, quando eu e a minha consciência fizemos nossa entrada.

Eu disse que tinha descido para ouvir os cânticos de Natal. "Ah! bem!", observou Mrs. Joe. "Poderia ter feito coisa pior." Sem dúvida, pensei.

"Talvez, se eu não fosse a esposa de um ferreiro, e (o que é a mesma coisa) uma escrava que nunca tira o avental, eu teria ido ouvir os cânticos de Natal", disse Mrs. Joe. "Eu gosto muito de cânticos de Natal, e isso é razão de sobra para que nunca consiga ouvir nenhum."

Joe, que tinha se arriscado a entrar na cozinha depois de mim, pois a pá de lixo já havia se retirado, passou as costas da mão pelo nariz com ar conciliatório, quando Mrs. Joe lançou-lhe um olhar; mas quando os olhos dela se desviaram, cruzou em segredo os dois dedos indicadores e os exibiu para mim, como nosso sinal secreto de que Mrs. Joe estava de mau humor. Esse estado era tão normal nela, que Joe e eu muitas vezes éramos, em relação aos nossos dedos, por semanas a fio, como imponentes Cruzados em relação a suas pernas[1].

Nosso almoço seria soberbo, consistindo de um pernil de porco em conserva com verduras, e um par de aves recheadas e assadas. Uma bela torta de carne moída tinha sido feita na manhã anterior (o que explicava o porquê a falta da carne moída não ter sido sentida), e o pudim já estava cozinhando. Esses extensos arranjos resultaram no nosso corte sem qualquer cerimônia no que dizia respeito ao café da manhã. "Pois não vou", disse Mrs. Joe "não vou me empanturrar até explodir e ainda ter que lavar a louça, com todo o trabalho que tenho pela frente, pode apostar!"

Assim, nossas fatias foram servidas, como se fôssemos dois mil em uma tropa em marcha forçada, em vez de um homem e um menino em casa; e

tomamos alguns goles de leite e água, com cara de culpados, de um jarro no aparador. Enquanto isso, Mrs. Joe pendurou cortinas brancas limpas, e pregou um babado florido novo sobre a enorme lareira, para substituir o antigo, e tirou as capas dos móveis da pequena sala de visitas no outro lado do corredor, que nunca era aberta em nenhum outro momento, mas passava o resto do ano em uma névoa fria de papel prateado, que se estendia até mesmo aos quatro pequenos poodles de cerâmica brancos no parapeito da lareira, cada um com um nariz preto e uma cesta de flores na boca, um a duplicata do outro. Mrs. Joe era uma dona de casa muito caprichosa, mas tinha o estranho dom de fazer de sua limpeza algo mais incômodo e inaceitável que a própria sujeira. A limpeza é algo próximo da religiosidade, e algumas pessoas fazem o mesmo pela sua religião.

Minha irmã, tendo muito que fazer, ia à igreja por procuração, quer dizer, eu e Joe é que íamos. Nas suas roupas de trabalho, Joe era um característico ferreiro bem apessoado; nas roupas de domingo, ele parecia mais um espantalho em boas condições do que qualquer outra coisa. Nada do que ele vestia então combinava com ele, ou parecia pertencer a ele; e tudo o que ele vestia então roçava na pele. Na presente ocasião festiva, ele emergiu do seu quarto, quando os alegres sinos já repicavam, parecendo o retrato da infelicidade, em um terno completo para os domingos de penitência. Quanto a mim, creio que minha irmã devia ter a ideia geral de que eu era um delinquente juvenil a quem um policial parteiro havia recolhido (no dia em que eu nasci) e entregado na porta dela, para ser tratado de acordo com a majestade ultrajada da lei. Sempre fui tratado como se eu tivesse pedido para nascer, em oposição ao que ditavam a razão, a religião e a moralidade, e contra os argumentos dissuasivos dos meus melhores amigos. Mesmo quando me levaram para fazer um novo conjunto de roupas, o alfaiate recebeu ordens de fazê-las do tipo que se usava em um reformatório, e que em hipótese alguma me permitisse o livre uso dos meus membros.

Joe e eu indo para a igreja, então, deve ter sido um espetáculo comovente para mentes piedosas. Mesmo assim, o que eu sofri lá fora não era nada comparado ao que sofri lá dentro. Os terrores que me assaltavam sempre que Mrs. Joe se aproximava da despensa, ou saía da sala, só eram igualados pelo remorso com que minha mente lidava por conta do que minhas mãos haviam feito. Sob o peso do meu grave segredo, ponderei se a Igreja teria poder suficiente para me proteger da vingança do terrível rapaz, se eu o

revelasse àquela instituição. Eu concebera a ideia de que quando os proclamas fossem lidos, e quando o sacerdote dissesse, “Que o diga agora!”, seria o momento de eu levantar e propor uma conferência privada na sacristia. Estou longe de ter certeza se eu não teria assustado a nossa pequena congregação recorrendo a essa medida extrema, mas só por ser dia de Natal e não domingo.

Mr. Wopsle, o sacristão da igreja, devia almoçar conosco; e Mr. Hubble, o borracheiro, e Mrs. Hubble; e Tio Pumblechook (o tio de Joe, mas Mrs. Joe se apropriara dele), que era um próspero produtor de trigo e grãos na cidade vizinha, e dirigia sua própria charrete. O almoço estava marcado para uma e meia. Quando eu e Joe chegamos em casa, encontramos a mesa posta, Mrs. Joe vestida, o almoço preparado e a porta da frente destrancada (o que nunca acontecia, em qualquer outro momento) para os convidados entrarem, e tudo no maior esplendor. E ainda nem uma palavra sobre o roubo.

A hora chegou, sem trazer qualquer alívio para os meus sentimentos, e os convidados também chegaram. Mr. Wopsle, além de um nariz romano e uma enorme testa calva e lustrosa, tinha uma voz profunda da qual ele tinha excepcional orgulho; de fato, era voz corrente entre os seus conhecidos que, se fosse considerada apenas a sua cabeça, ele reduziria o clérigo a pó; ele mesmo confessava que se a Igreja fosse “aberta”, quer dizer competitiva, ele não desistiria de imprimir sua marca nela. Como a Igreja não era “aberta”, ele era, como já disse, nosso sacristão. Mas ele castigava os “Améns” de modo formidável; e quando lia o salmo – sempre o verso inteiro – ele primeiro olhava em volta para toda a congregação, como se dissesse, “Vocês ouviram o meu amigo lá em cima; façam-me o obséquio de dar sua opinião sobre esse estilo!”

Eu abri a porta para os convidados – fingindo que era um hábito nosso abrir aquela porta – e abri primeiro para Mr. Wopsle, depois para Mr. e Mrs. Hubble, e por último para Tio Pumblechook. N.B.[2] – Eu não tinha permissão para chamá-lo de tio, sob as mais severas penalidades.

“Mrs. Joe”, disse Tio Pumblechook, um homem grande e lento de meia-idade que respirava com dificuldade, com uma boca de peixe, olhos fixos e embotados e cabelos cor de areia espetados sobre a cabeça, de forma que ele apenas parecia como se acabasse de ter sido sufocado, e naquele momento conseguisse dizer, “Eu lhe trouxe, para comemorar o Natal... eu lhe trouxe, senhora, uma garrafa de xerez... e também lhe trouxe, senhora, uma

garrafa de vinho do Porto.”

Todo dia de Natal ele se apresentava, como uma grande novidade, exatamente com as mesmas palavras, carregando as duas garrafas como dois halteres. Todo dia de Natal, Mrs. Joe respondia, como respondeu agora, “Ooh, Tiio Puum-ble-chook! Quanta bondade!” Todo dia de Natal, ele replicava, como replicou agora, “Não é mais do que a senhora merece. E vocês estão todos cheios de saúde, e como vai o *Moedinha de Meio Centavo*[3]?” referindo-se a mim.

Nessas ocasiões, fazíamos a refeição na cozinha, e depois nos mudávamos, para as nozes e laranjas e maçãs, para a sala de visitas; o que era uma mudança muito parecida com a mudança de Joe das suas roupas de trabalho para os trajes de domingo. Minha irmã estava excepcionalmente vivaz na presente ocasião, e de fato era de modo geral mais cortês na companhia de Mrs. Hubble do que em outra companhia. Eu me lembro de Mrs. Hubble como uma pessoa pequena e cacheada, de pontas afiadas, em azul-celeste, que ocupava uma posição juvenil convencional, pois tinha se casado com Mr. Hubble – não me lembro em que período remoto – quando ela era muito mais jovem do que ele. Lembro-me de Mr. Hubble como um velho durão, curvado, de ombros largos, com cheiro de serragem e as pernas muito separadas: de forma que em meus dias de floração eu sempre enxergava algumas milhas de campo aberto entre elas quando o encontrava subindo o caminho.

Em meio a um grupo tão seleto, eu me sentiria em posição ilusória, mesmo se não tivesse roubado a despensa. Não porque eu estivesse apertado em um canto onde a toalha de mesa fazia um ângulo agudo, com a mesa à altura do meu peito, e o cotovelo pumblechookiano no meu olho, nem porque não me permitiam falar (eu não queria falar), nem porque eu era contemplado com as pontas miseráveis das coxas das aves, e com aquelas obscuras extremidades da carne de porco, das quais o porco, quando vivo, não teria tido a menor razão para se orgulhar. Não. Eu não teria me importado com isso, se eles ao menos tivessem me deixado em paz. Mas eles não iriam me deixar em paz. Eles pareciam pensar que a oportunidade seria perdida, se deixassem de dirigir a conversa para mim de vez em quando, e prender-se no assunto da minha pessoa. Eu podia ter sido um pequeno touro infeliz em uma arena espanhola, de tal forma fui tocado por essas dolorosas ferroadas morais.

Começou no momento em que nos sentamos para almoçar. Mr.

Wopsle recitou a ação de graças com uma entonação pomposa e teatral – ou pelo menos assim me pareceu, algo como uma mistura religiosa do Fantasma de Hamlet com Ricardo III[4] – e terminou com o desejo muito apropriado de que nós deveríamos ser sinceramente gratos. Ao que minha irmã me encarou e disse, em uma voz baixa e reprovadora, “Você ouviu isso? Seja grato.”

“Especialmente”, disse Mr. Pumblechook, “agradeça àqueles que o criaram à mão, menino.”

Mrs. Hubble balançou a cabeça, e me olhando com o triste pressentimento de que eu não iria dar em boa coisa, perguntou, “Por que será que os jovens nunca são gratos?” Esse mistério moral parecia demais para os convidados, até que Mr. Hubble resolveu-o, dizendo de modo conciso, “Vícios naturais.” Todos então murmuraram “É verdade!” e olharam para mim de uma maneira particularmente desagradável e pessoal.

A posição e influência de Joe eram ainda mais fracas (se fosse possível) quando havia convidados do que quando não havia nenhum. Mas ele sempre me apoiava e confortava quando podia, de seu próprio modo, e ele sempre fazia isso durante o almoço me servindo molho de carne, se havia algum. Como naquele dia havia bastante, Joe derramou no meu prato, naquele momento, mais ou menos meio quartilho.

Um pouco mais tarde durante o almoço, Mr. Wopsle criticou o sermão com certa severidade, e anunciou – no caso hipotético habitual de a Igreja ser “aberta”– que tipo de sermão ele teria feito. Depois de favorecê-los com alguns temas daquele discurso, ele observou que considerava o assunto do sermão do dia mal escolhido; o que era ainda mais indesculpável, ele acrescentou, quando havia tantos temas “por aí”.

“De fato é verdade”, disse Tio Pumblechook. “Acertou em cheio, senhor! Há muitos temas por aí, para aqueles que sabem pôr sal na ferida. É disso que se precisa. Um homem não necessita ir longe para achar um tema, se está preparado com a sua caixinha de sal”. Mr. Pumblechook acrescentou, depois de um curto momento de reflexão, “A carne de porco, por exemplo. Eis aí um assunto! Se quiser um tema, use a carne de porco!”

“Verdade, senhor. Há mais de um ensinamento moral para os jovens”, retorquiu Mr. Wopsle – e eu sabia que ele ia me enfiar no meio disso antes que ele dissesse, “a ser extraído desse texto.”

(“Escute bem isso”, disse minha irmã para mim em um tom severo, fazendo um parêntese.)

Joe me serviu mais um pouco de molho.

“Os suínos”, prosseguiu Mr. Wopsle, na sua voz mais profunda, e apontando o garfo para as minhas faces coradas, como se estivesse dizendo meu próprio nome, “os suínos eram os companheiros do pródigo. A glutonaria dos suínos é posta diante de nós, como um exemplo para os jovens.” (Achei isso muito apropriado da parte dele, que tinha estado elogiando a carne de porco por ser tão gorda e suculenta.) “O que é detestável em um porco é mais detestável em um menino.”

“Ou em uma menina”, sugeriu Mr. Hubble.

“Ou em uma menina, é claro, Mr. Hubble”, concordou Mr. Wopsle, bastante irritado, “mas não há nenhuma menina presente.”

“Além disso”, disse Mr. Pumblechook, virando-se para mim de repente, “pense em todas as coisas pelas quais você tem que agradecer. Se você tivesse nascido um leitãozinho...”

“Mas ele era”, disse minha irmã vivamente, “tanto quanto uma criança podia ser.”

Joe me serviu mais um pouco de molho.

“Sim, mas quero dizer um leitão de quatro patas”, disse Mr. Pumblechook. “Se tivesse nascido assim, será que estaria aqui agora? Com certeza não...”

“A menos que fosse naquela forma”, disse Mr. Wopsle, concordando com a cabeça e olhando para o prato.

“Mas eu não quis dizer naquela forma, senhor”, retorquiu Mr. Pumblechook, que detestava ser interrompido; “Quero dizer, aproveitando a companhia dos mais velhos e experientes, e aprendendo com a sua conversa, e se esbaldando no meio do luxo. Ele teria feito isso? Não, não teria. E qual teria sido o seu destino?” virando-se para mim de novo. “Você teria sido vendido pelo preço de mercado na ocasião, e Dunstable, o açougueiro, teria vindo buscar você quando ainda estivesse no meio do feno, e teria arrancado você de lá e colocado debaixo do braço esquerdo, e com o direito ele teria levantado o avental para tirar um canivete do bolso do colete, e teria derramado seu sangue e tirado sua vida. Nada de ser criado à mão, então. Nada disso!”

Joe me ofereceu mais molho, que eu tive medo de aceitar.

“Ele lhe deu um bocado de trabalho, então, senhora?” disse Mrs. Hubble, compadecendo-se da minha irmã.

“Trabalho?” ecoou minha irmã. “Trabalho?” e então passou a desfiar uma lista terrível de todas as doenças das quais eu tinha sido culpado, de todos os atos de insônia que eu tinha cometido, e todos os lugares altos dos quais eu tinha saltado, e todos os lugares baixos nos quais eu tinha pulado, e todos os machucados que eu mesmo me provocara, e todas as vezes que ela tinha desejado que eu estivesse na sepultura e eu me recusara terminantemente a ir para lá.

Acho que os romanos devem ter irritado muitíssimo uns aos outros, com seus narizes. Talvez tenham se tornado as pessoas inquietas que eram por causa disso. De qualquer modo, o nariz romano de Mr. Wopsle me irritou tanto, durante o recital da minha má conduta, que eu teria gostado de puxá-lo até que ele gritasse. Mas, tudo que eu tinha suportado até agora não era nada comparado aos sentimentos terríveis que tomaram conta de mim quando se quebrou a pausa que se seguiu ao recital da minha irmã, e durante a qual todo mundo tinha olhado para mim (como eu estava dolorosamente consciente) com indignação e aversão.

“Mesmo assim”, disse Mr. Pumblechook, conduzindo as pessoas gentilmente de volta ao tema do qual haviam se desviado, “A carne de porco – quando cozida – é deliciosa, não é?”

“Um pouco de conhaque, meu tio?”, disse minha irmã.

Deus do Céu! Tinha chegado a hora, afinal! Ele ia achar que o conhaque estava fraco, ia dizer que estava aguado, e eu estava perdido! Agarrei-me à perna da mesa debaixo da toalha, com as duas mãos, e esperei pelo meu destino.

Minha irmã foi buscar a moringa, voltou com ela, e serviu o conhaque para Mr. Pumblechook, a única pessoa que ia tomá-lo. O miserável brincava com o copo – levantava-o, olhava-o contra a luz, colocava-o de novo na mesa – prolongando minha infelicidade. Durante todo esse tempo, Mrs. Joe e Joe estavam tirando a mesa a toda pressa, para trazer a torta e o pudim.

Eu não conseguia tirar os olhos dele. Sempre apertando a perna da mesa com as mãos e os pés, eu vi a infeliz criatura brincar com o copo, sorrir, jogar a cabeça para trás, e tomar o conhaque de um só gole. No instante seguinte, as visitas foram presas de indizível consternação, ao vê-lo atirar o copo aos pés, tossir, dar duas ou três voltas em uma dança espasmódica apavorante, e correr para a porta; nós o vimos então pela janela, em meio a violentos esforços para cuspir e expectorar, fazendo as caretas mais horríveis,

parecendo ter perdido a razão.

Agarrei-me firme ao pé da mesa, enquanto Mrs. Joe e Joe corriam para ele. Não sei como eu tinha feito isso, mas não tive a menor dúvida de que eu o havia matado de alguma maneira. Na terrível situação em que me encontrava, foi um alívio quando ele foi trazido de volta, e, inspecionando o grupo inteiro ao seu redor como se eles tivessem discordado dele, afundou na sua cadeira com um único trejeito significativo, “Alcatrão!”

Eu havia enchido a moringa com o jarro da infusão de alcatrão. Eu sabia que a coisa só tendia a piorar. Cheguei a mover a mesa, como um médium dos dias atuais, pelo vigor com que me agarrava a ela sem vê-la.

“Alcatrão!”, exclamou minha irmã, espantadíssima. “Mas como, de que jeito o alcatrão foi parar lá?”

Mas, Tio Pumblechook, que era onipotente naquela cozinha, não quis ouvir uma palavra, não quis ouvir falar do assunto, recusando qualquer explicação com um gesto imperioso da mão, e pediu um grogue de gim. Minha irmã, que tinha começado a refletir de modo alarmante, teve que se ocupar ativamente preparando o gim, a água quente, o açúcar e a casca de limão, e misturando-os. Por enquanto, pelo menos, eu estava salvo. Eu ainda me agarrava à perna da mesa, mas agora a apertava com o fervor da gratidão.

Aos poucos, fiquei tranquilo o bastante para aliviar o aperto e compartilhar o pudim. Mr. Pumblechook comeu sua parte do pudim. Todo mundo comeu do pudim. Depois de todos servidos, Mr. Pumblechook começou a sorrir de alegria sob a agradável influência do grogue de gim. Eu começava a acreditar que o dia se passaria sem incidentes, quando minha irmã disse a Joe, “Traga pratos limpos... para comer o prato frio.”

Eu me agarrei de novo à perna da mesa no mesmo instante, e apertei-a contra o peito como se fosse a companheira da minha infância, minha alma irmã. Eu já previa o que estava para acontecer, e sentia que desta vez eu realmente estava perdido.

“Vocês devem provar”, disse minha irmã, dirigindo-se aos convidados com seus modos mais graciosos, “vocês devem provar, para terminar, o presente mais encantador e delicioso de Tio Pumblechook!”

Deviam mesmo! Não deixe que esperem, então!

“Vocês sabem”, disse minha irmã, levantando-se, “é uma torta; uma saborosa torta de carne de porco.”

Os convidados murmuraram seus elogios. Tio Pumblechook,

encantado de ter bem servido aos seus semelhantes, disse – com bastante vivacidade, considerando-se tudo:

“Bem, Mrs. Joe, procuramos fazer o melhor possível. Vamos cortar um pedaço dessa torta.”

Minha irmã saiu para buscá-la. Ouvi seus passos chegarem à despensa. Vi Mr. Pumblechook balançar a faca. Vi o apetite voltar a despertar nas narinas romanas de Mr. Wopsle. Ouvi a observação de Mr. Hubble de que “um pedaço de uma saborosa torta de carne de porco se sobrepõe a qualquer coisa que você possa imaginar, e não faz mal nenhum”, e ouvi Joe dizer, “Você vai ganhar um pedaço, Pip.” Nunca saberei com absoluta certeza se dei um grito estridente de terror apenas em pensamento, ou se o grito chegou aos ouvidos reais dos convidados. Senti que não podia suportar mais, e que tinha que fugir. Larguei a perna da mesa, e corri para salvar a pele.

Mas não fui além da porta de casa, pois lá dei de cara com um grupo de soldados com seus mosquetes, um dos quais me estendeu um par de algemas, dizendo, “Ah, aí está você... Cuidado, vamos!”

[1] Charles Dickens faz referência ao modo como o Cruzados eram representados, seja em pinturas, seja em esculturas, simbolizando a santidade dos seus atos e o compromisso assumido entre si.

[2] N.B. : Nota Bene: expressão latina que indica um pouco a ser ressaltado dentro da narrativa.

[3] No original: “Sixpennorth of halfpence”. Tio Pumblechook usa uma expressão monetária para referir-se a Pip, de uso proverbial no século XIX. Pennorth era pennyworth, ou algo que se podia comprar com um pêni, ou pence, a menor divisão da libra inglesa. A expressão significava uma quantia ínfima de dinheiro, ou, no caso de Pip, alguém muito pequeno.

[4] “A Tragédia de Hamlet, Príncipe da Dinamarca” e “Ricardo III” são peças de autoria de William Shakespeare.

CAPÍTULO V

A aparição de uma fileira de soldados com seus mosquetes carregados retinindo na soleira da nossa porta, fez os convidados levantarem-se da mesa na maior confusão. E Mrs. Joe, que voltava de mãos vazias, parou bruscamente e olhou espantada, enquanto se lamentava: “Deus misericordioso... o que aconteceu... com a torta?”

O sargento e eu estávamos na cozinha quando Mrs. Joe parou, encarando; e diante dessa crise, eu recuperei em parte o uso dos meus sentidos. Era o sargento que tinha falado comigo, e agora ele olhava em volta para os convidados, estendo as algemas para eles de modo convidativo com a mão direita, e a mão esquerda pousada em meu ombro.

“Perdoem-me, senhoras e senhores”, disse o sargento, “mas como eu mencionei na porta a este esperto rapazinho, (o que ele não fez), “estou em uma perseguição em nome do rei, e preciso do ferreiro.”

“E pode-se saber para que precisam dele?”, replicou minha irmã, ressentida com o fato de precisarem de Joe.

“Senhora”, respondeu o galante sargento, “falando por mim, eu diria que é pela honra e o prazer de conhecer sua gentil esposa; falando pelo rei, eu digo que é para realizar um pequeno trabalho.”

Isso foi considerado bastante elegante da parte do sargento; enquanto isso, Mr. Pumblechook exclamava bem alto, “Muito bem!”

“Veja, ferreiro”, disse o sargento, que a essa altura já tinha descoberto Joe, “tivemos um acidente com as algemas, eu acho que uma das fechaduras está com defeito, não estão fechando direito. Como precisamos delas imediatamente, será que daria uma olhada nisso?”

Joe lançou o olhar para as algemas, e declarou que precisaria do fogo da sua forja para o trabalho, e que levaria pelo menos duas horas, “É mesmo? Então pode consertá-las imediatamente”, disse o sargento apressado, “já que é a serviço de Sua Majestade? E se meus homens puderem dar uma mão em qualquer coisa, eles estão à disposição.” Dito isso, chamou seus homens, que vieram se amontoar na cozinha um depois do outro, empilhando as armas em um canto. E então ficaram por ali, como fazem os soldados, ora cruzando os braços livres sobre o peito, ora se apoiando em um joelho ou um ombro, ora afrouxando o cinto ou a cartucheira, ora abrindo a porta para cuspir com força a uma boa distância, lá fora no pátio.

Eu via todas essas coisas sem ter consciência do que via, pois estava em uma apreensão terrível. Mas, começando a perceber que as algemas não eram para mim, e que os soldados até agora tinham mais o que fazer do que se ocupar da torta, eu recobrei um pouco mais dos meus sentidos entorpecidos.

"Poderia me dizer as horas?", disse o sargento, dirigindo-se a Mr. Pumblechook, como um homem cuja posição de poder justificava a conclusão de que ele era seu igual.

"Acabou de dar duas e meia."

"Não é tão mau", disse o sargento, refletindo; "mesmo que eu seja forçado a parar aqui por duas horas, não teria problema. A que distância vocês acham que ficam os pântanos, aqui perto? Não mais de uma milha, eu calculo?"

"Exatamente uma milha", disse Mrs. Joe.

"Assim está bem. Estaremos chegando lá ao entardecer. Um pouco antes do crepúsculo, foram as minhas ordens. Vai dar certo."

"Condenados, sargento?", perguntou Mr. Wopsle, de modo óbvio.

"Sim!", respondeu o sargento, "Dois. Temos certeza de que eles ainda estão nos pântanos, e não vão tentar sair de lá antes do crepúsculo. Alguém aqui viu algum tipo dessa espécie?"

Todo mundo, exceto eu, disse que não, com certeza. Ninguém se lembrou de mim.

"Bem!", disse o sargento, "Eles vão se achar cercados, eu creio, antes do que pensam. Agora, ferreiro, se você está pronto, Sua Majestade também está."

Joe tirou o casaco, o colete, a gravata, colocou o avental e entrou na ferraria. Um dos soldados abriu as janelas de madeira, outro acendeu o fogo, outro se ocupou dos foles, e o resto ficou em volta da chama, que logo estava crepitando. Então Joe começou a martelar e martelar, o ferro tinindo, enquanto nós todos olhávamos.

O interesse na perseguição iminente não apenas absorveu a atenção geral, mas despertou a generosidade da minha irmã. Ela tirou um jarro de cerveja do barril para os soldados, e convidou o sargento para tomar um copo de conhaque. Mas Mr. Pumblechook disse, categoricamente, "Sirva-lhe vinho, senhora. Garanto que não há alcatrão nele". Assim, o sargento lhe agradeceu, e disse que como preferia sua bebida sem alcatrão, aceitaria o

vinho, se não houvesse inconveniente. Quando recebeu a bebida, brindou à saúde de Sua Majestade, e exprimiu seus cumprimentos pelo Natal, depois bebeu tudo de um só gole e estalou os lábios.

"Coisa boa, heim, sargento?" disse Mr. Pumblechook.

"Vou lhe dizer uma coisa", respondeu o sargento; "Suspeito que esse vinho tenha sido fornecido pelo senhor."

Mr. Pumblechook, com uma espécie de sorriso amarelo, disse, "Ah, é? Mas por quê?"

"Porque", respondeu o sargento, dando-lhe um tapinha no ombro, "o senhor é um homem que conhece o que é bom."

"O senhor acha?", disse Mr. Pumblechook, com o mesmo sorriso de antes. "Tome mais um copo!"

"Com o senhor, então. Vamos brindar", respondeu o sargento. "Em cima... Em baixo... Tim, tim!... Nada como a melodia do choque das taças! À sua saúde. Que o senhor possa viver mil anos, e seja sempre um bom juiz das coisas como é no momento presente da sua vida!"

O sargento bebeu de novo de um gole só, e parecia pronto para outra taça. Notei que Mr. Pumblechook, em sua hospitalidade, parecia ter esquecido que havia presenteado o vinho; tomou a garrafa de Mrs. Joe, e aceitou fazer as honras com a maior alegria. Até eu tomei um pouco. E foi tão generoso ao servir o vinho, que até pediu a outra garrafa, que ofereceu com a mesma liberalidade, quando a primeira se esvaziou.

Ao observá-los, agrupados em volta da forja, divertindo-se a valer, pensei em que terrível tempero para o almoço, o meu amigo refugiado nos pântanos representava. Eles não estavam se divertido nem a metade, antes que a reunião fosse abrilhantada com a excitação fornecida por ele. E agora que todos desfrutavam da viva expectativa de prender "os dois bandidos"; que os foles pareciam rugir por eles, o fogo brilhar em sua honra e a fumaça sair a toda pressa, como se os perseguisse; que Joe martelava e fazia retinir o metal por sua causa, e as sombras turvas na parede pareciam tremeluzir em ameaça aos dois condenados, enquanto a chama subia e descia; que as faíscas incandescentes saltavam e morriam, o pálido declínio da tarde quase parecia, para a minha piedosa imaginação infantil, empalidecer por causa deles, pobres infelizes.

Por fim, Joe terminou seu trabalho, as batidas e os tinidos cessaram. Enquanto Joe vestia o casaco, reuniu coragem para propor que alguns de nós

fôssemos com os soldados para ver o que aconteceria. Mr. Pumblechook e Mr. Hubble recusaram, dando como desculpa o cachimbo e a companhia das senhoras; mas Mr. Wopsle disse que iria, se Joe fosse. Joe disse que seria ótimo, e que me levaria, se Mrs. Joe concordasse. Nós nunca teríamos tido permissão para ir, tenho certeza, se não fosse pela curiosidade de Mrs. Joe em saber tudo sobre o assunto, e como terminaria. Sendo assim, ela apenas especificou, “Se você trouxer o menino com a cabeça partida em pedaços por um mosquete, não conte comigo para juntar os pedaços outra vez.”

O sargento pediu licença às damas com toda cortesia, e despediu-se de Mr. Pumblechook como de um velho camarada; embora eu tenha dúvidas se ele não estava exagerando os méritos daquele cavalheiro, naquelas condições áridas, pois parecia ter os olhos úmidos. Seus homens retomaram os mosquetes e saíram em fila. Mr. Wopsle, Joe e eu, recebemos ordens rigorosas de nos mantermos no fim da fila, e de não falarmos uma palavra depois que chegássemos aos pântanos. Quando estávamos todos em pleno ar, caminhando firme em direção ao nosso objetivo, sussurrei traiçoeiramente para Joe, “Espero, Joe, que a gente não os encontre”, e Joe sussurrou para mim, “Eu daria um xelim para que eles escapassem, Pip.”

Não cruzamos com nenhum transeunte vindo da aldeia, pois o tempo estava frio e ameaçador, o caminho sombrio, a marcha pesada, a escuridão se aproximando, e as pessoas tinham belos fogos acesos dentro de casa e estavam festejando o Natal. Alguns poucos rostos correram para as janelas iluminadas para olhar o nosso grupo, mas ninguém saiu de casa. Passamos pelo poste com as setas indicadoras, e fomos para o cemitério. A um sinal do sargento, paramos ali por alguns minutos, enquanto dois ou três dos seus homens se espalhavam entre as sepulturas, examinando também a varanda. Eles voltaram sem ter encontrado nada, então nos pusemos a caminho dos pântanos abertos, pelo portão lateral do cemitério. Um granizo cortante fustigou-nos, empurrado pelo vento leste, e Joe me colocou em suas costas.

Agora que estávamos lá fora, na vastidão lúgubre onde eles sequer imaginavam que eu tinha estado oito ou nove horas atrás, e vira ambos os homens se escondendo, pela primeira vez fiquei morrendo de medo ao pensar que, se nós os encontrássemos, será que o meu condenado não iria supor que eu é que tinha levado os soldados até lá? Ele havia me perguntado se eu não era um diabo de um traidor, e tinha dito que eu não passaria de um filhote de cão feroz, se ajudasse a caçá-lo. Será que ele iria pensar que eu era as duas

coisas, um traidor e um filhote de cão feroz, e que o tinha traído?

Era inútil me perguntar essas coisas agora. Lá estava eu, nas costas de Joe, e lá estava Joe debaixo de mim, avançando pelas valas como um caçador, e recomendando a Mr. Wopsle que não caísse sobre seu nariz romano, e se mantivesse junto de nós. Os soldados estavam à nossa frente, estendendo-se em uma linha bem longa, com um intervalo entre um homem e outro. Nós estávamos seguindo o caminho que eu tentara tomar pela manhã, e do qual havia me extraviado na névoa. Ou a névoa ainda não tinha surgido de novo, ou o vento a dispersara. Sob o baixo clarão vermelho do sol poente, o farol, a forca, a colina do forte e a margem oposta do rio, tudo parecia plano e tingido com a cor acinzentada da água.

Com meu coração martelando como um ferreiro contra o ombro largo de Joe, olhei ao longe para ver se havia algum sinal dos condenados. Não vi nada, nem ouvi nada. Mr. Wopsle tinha me deixado muito assustado por mais de uma vez, com sua respiração difícil e arquejante; mas a essa altura eu já conhecia os sons, e podia distingui-los do objeto da nossa perseguição. Tive um sobressalto terrível, quando pensei ter ouvido a lixa ainda raspando; mas era só o chocalho de uma ovelha. As ovelhas paravam de comer e ficavam olhando timidamente para nós; e o gado, as cabeças viradas na direção contrária ao vento e ao granizo, olhavam para nós com fúria, como se nos considerassem responsáveis por ambas as contrariedades; mas, fora essas coisas, e o tremor do dia agonizante em cada raminho de grama, não havia nenhum ruído na quietude solitária dos pântanos.

Os soldados avançavam na direção do antigo forte, e nós avançávamos um pouco mais atrás, quando, de repente, todos paramos. Nas asas do vento e da chuva, um longo grito havia chegado até nós. O grito se repetiu. Parecia vir do leste, a uma grande distância, mas era longo e alto. Não, daria para dizer que eram dois ou mais gritos ao mesmo tempo – se fosse possível entender alguma coisa naquela confusão de sons.

O sargento e os homens mais próximos discutiam o assunto, quando Joe e eu os alcançamos. Depois de confabular por um momento, Joe (que era um bom juiz) concordou, e Mr. Wopsle (que era um mau juiz) também concordou. O sargento, a quem cabia a decisão, ordenou que não se respondesse ao grito, mas que se mudaria o trajeto, e que seus homens deveriam se encaminhar para o lugar de onde ele vinha a toda pressa. Assim, nós viramos à direita (onde ficava o leste), e Joe saiu correndo tão ligeiro,

que eu tive que me agarrar a ele para não cair do lugar.

Agora, tratava-se de uma verdadeira corrida, e como Joe disse, “contra o relógio”, nas únicas três palavras que pronunciou em todo esse tempo. Descendo e subindo taludes, transpondo barreiras, chapinhando nos diques e enfrentando os piores obstáculos: ninguém se importava para onde ia. À medida que nos aproximávamos, ficava cada vez mais evidente que se tratava de mais de uma voz. Às vezes paravam de repente, e então os soldados também paravam. Quando recomeçavam, os soldados corriam em sua direção a uma velocidade ainda maior, e nós atrás deles. Depois de algum tempo, tínhamos corrido tanto para lá, que ouvimos uma voz dizer “Assassino!” e outra voz, “Condenados! Fugitivos! Guardas! Por aqui! Ali vão os fugitivos!” Depois, as duas vozes se misturaram como em uma luta, e então começaram outra vez. A essa altura, os soldados corriam como cervos perseguidos, e Joe também.

O sargento corria na frente, e quando corremos o barulho cessou de repente. Dois dos seus homens seguiam próximos a ele, suas armas erguidas e prontas para atirar, quando todos nos aproximamos.

“Aqui estão os dois!”, arquejou o sargento, lutando no fundo de um fosso. “Rendam-se, vocês dois! Malditos sejam, suas bestas selvagens! Venham para cá!”

A água espirrava... a lama jorrava... ouviam-se maldições... davam-se golpes, quando mais alguns homens desceram ao fosso para ajudar o sargento, e tirar de lá, separados, o meu condenado e o outro. Os dois sangravam, arquejavam, praguejavam e se debatiam. É claro que reconheci os dois imediatamente.

“Não se esqueça!”, disse o meu condenado, esfregando o sangue do rosto com as mangas rasgadas, e sacudindo fios de cabelo dos dedos: “Fui eu que o peguei! Eu o entreguei a vocês! Não se esqueça disso!”

“Não adianta muita coisa ficar lembrando disso”, disse o sargento, “vai te ajudar muito pouco, meu bom homem, já que você está na mesma situação. Tragam as algemas!”

“Não espero que isso me ajude. Não espero que me ajude mais do que *tá* ajudando agora”, disse meu condenado, com um riso mesquinho. “Eu o peguei, e ele sabe disso. É o bastante *pra* mim.”

O outro condenado estava lívido, quando olhei para ele, e, além da antiga contusão no lado esquerdo do rosto, agora parecia ter machucados e

arranhões por toda parte. Ele mal tinha fôlego para falar, até que os dois foram algemados em separado, mas ligados a um soldado para impedi-los de cair.

"Preste atenção, guarda... ele tentou me assassinar", foram suas primeiras palavras.

"Eu tentei assassinar?", disse o meu condenado, desdenhoso. "E será que eu ia tentar e não ia conseguir? Ora, eu o peguei e o entreguei; foi isso que eu fiz. Não só impedi que ele fugisse do pântano, mas arrastei-o até aqui... arrastei-o de volta até aqui. Ora, esse bandido é um cavalheiro, se faz favor. Agora, os Hulks conseguiram de volta o seu cavalheiro, graças a mim. Matar essa criatura? E porque eu ia querer matá-lo, também, quando podia fazer pior e arrastá-lo de volta?"

O outro ainda arquejou, "Ele tentou... ele tentou me assassinar... Vocês são testemunhas."

"Olha só aqui!", disse o meu condenado ao sargento. "Eu fugi do navio-prisão sem ajuda de ninguém; armei uma confusão e fugi. E eu podia ter escapado desses pântanos frios como gelo, também – olhem a minha perna: não resta grande coisa da algema nela – se eu não tivesse descoberto que ele estava aqui. Eu ia deixar que ele fugisse? Deixar que ele tirasse proveito dos meios que eu descobri? Deixar que ele me usasse como uma ferramenta de novo? Mais uma vez? Não, não e não. Se eu tivesse morrido lá no fundo", e ele fez um gesto enfático na direção do fosso, com as mãos algemadas, "eu teria me agarrado a ele com toda força, e vocês podem ter certeza que iam encontrar *ele* nas minhas garras."

O outro fugitivo, que evidentemente estava aterrorizado com o seu companheiro, repetiu, "Ele tentou me matar. Eu seria um homem morto, se vocês não tivessem aparecido."

"Ele mente!", disse o meu condenado, com energia feroz. "Ele nasceu mentiroso, e vai morrer mentiroso. Olhem para ele; não tá escrito na sua cara? Deixem-no virar os olhos pra mim, eu o desafio a fazer isso."

O outro fez um esforço para sorrir com desdém, mas não conseguiu, apesar dos seus esforços, levar sua boca a uma expressão muito agradável. Olhou para os soldados, olhou em volta para os pântanos e para o céu, mas certamente não olhou para o seu interlocutor.

"Vocês *tão* vendo?", continuou o meu condenado. "*Tão* vendo o patife que ele é? *Tão* vendo esses olhos vagos e rastejantes? Foi assim que ele

me olhou quando fomos julgados, os dois juntos. Ele nunca olhou para mim.”

O outro, sempre umedecendo os lábios secos, e olhando com impaciência aqui e ali, afinal fixou os olhos por um momento no interlocutor, dizendo, “Você não é muito bonito de se olhar”, e com um olhar de relance meio-sarcástico às mãos algemadas. Naquele momento, o meu condenado ficou tão furioso que teria pulado sobre ele, se não fosse a intervenção dos soldados. “Eu não disse a vocês”, falou então o outro condenado, “que ele teria me matado, se pudesse?” E qualquer um podia ver que ele tremia de medo, e que irrompeu dos seus lábios uma curiosa espuma branca, como neve fina.

“Chega dessa conversa”, disse o sargento. “Acendam as tochas.”

Um dos soldados, que carregava uma cesta em vez de uma arma, ajoelhou-se para abri-la. Meu condenado olhou então à sua volta pela primeira vez, e me viu. Eu tinha descido das costas de Joe quando subimos para a beira do fosso, e não me movera desde então. Olhei ansioso para ele, quando ele me olhou, mexi as mãos de leve e balancei a cabeça. Eu estivera esperando que ele me visse, para que pudesse assegurá-lo da minha inocência. Não ficou claro para mim se ele compreendeu a minha intenção, pois me deu um olhar que eu não entendi, e tudo se passou muito rápido. Eu jamais esqueceria a expressão atenta do seu rosto, mesmo se ele tivesse me olhado durante uma hora, ou durante um dia.

O soldado com a cesta logo arranjou uma luz, e acendeu três ou quatro tochas, ficando com uma e distribuindo as outras. Antes já estava quase escuro, mas agora parecia bem escuro e logo veio a escuridão total. Antes de partirmos daquele lugar, quatro soldados formando um círculo atiraram para o alto duas vezes. Agora víamos outras tochas acesas a alguma distância atrás de nós, e outras nos pântanos na outra margem do rio. “Tudo certo”, disse o sargento. “Em marcha.”

Não tínhamos ido muito longe quando ouvimos os disparos de três canhões à nossa frente, um som que pareceu estourar alguma coisa dentro do meu ouvido. “Vocês estão sendo esperados a bordo”, disse o sargento para o meu condenado; “eles sabem que estão chegando. Vamos em frente, meu bom homem. Cerrem as fileiras.”

Os dois foram mantidos separados, cada um cercado por sua própria guarda. Eu agora segurava a mão de Joe, e ele carregava uma das tochas. Mr. Wopsle tinha intenção de voltar, mas Joe estava determinado a ver tudo,

então seguimos com o grupo. O caminho agora era razoavelmente bom, em especial ao longo do rio, com uma interrupção aqui e ali onde havia um dique, com a miniatura de um moinho e uma comporta coberta de lama. Quando olhei para trás, pude ver as outras luzes que nos seguiam. Nossas tochas derramavam grandes manchas de fogo na trilha, e eu as via chamejar e soltar fumaça, antes de se extinguir. À nossa volta, tudo era só escuridão. Nossas luzes esquentavam o ar ao redor com sua chama, e os dois prisioneiros pareciam estar gostando disso, enquanto seguiam a passos trôpegos no meio dos mosquetes. Como eles mancavam, não podíamos ir depressa; e eles estavam tão exaustos, que fomos obrigados a parar duas ou três vezes para que descansassem.

Depois de mais ou menos uma hora nesse passo, chegamos a uma cabana rústica de madeira com um desembarcadouro. Havia um guarda na cabana, questionaram o sargento e ele respondeu. Entramos então na cabana, onde reinava um cheiro de tabaco e de cal. Havia um belo fogo aceso, uma lamparina, um suporte com mosquetes, um tambor e uma enorme cama de armar de madeira, como uma passadeira imensa sem o ferro, capaz de acomodar uma dúzia de soldados de uma vez. Três ou quatro soldados, estendidos na cama com seus casacos pesados, não se interessaram muito por nós; contentaram-se em erguer a cabeça, os olhos pesados de sono, depois se deitaram de novo. O sargento fez uma espécie de relatório, e escreveu alguma coisa em um livro. E então, aquele condenado que eu chamo de o outro, foi levado para fora com sua guarda, para subir a bordo primeiro.

Meu condenado nunca olhou para mim, a não ser daquela vez. Enquanto permanecemos na cabana, ele ficou diante do fogo, olhando-o pensativamente; ou então punha os pés um de cada vez sobre o guarda-fogo, e olhava-os pensativamente, como se sentisse pena deles por suas recentes aventuras. De repente, ele virou-se para o sargento e disse:

“Gostaria de dizer algo a respeito desta fuga. Isso pode evitar que algumas pessoas se tornem suspeitas por minha causa.”

“Você pode dizer o que quiser”, respondeu o sargento, olhando-o friamente, os braços cruzados, “mas não tem nenhuma obrigação de dizer isso aqui. Terá oportunidade de sobra para falar sobre isso, e ouvir também, antes que acabe... você sabe.”

“Eu sei, mas isso é outra coisa, é outro assunto. Um homem não pode morrer de fome; eu, pelo menos, não posso. Peguei alguns víveres na aldeia,

lá adiante... perto de onde fica a igreja, acima dos pântanos.”

“Você quer dizer que os roubou”, disse o sargento.

“E vou lhe dizer de onde. Da casa do ferreiro.”

“Ora, ora!”, disse o sargento, olhando para Joe.

“Ora, ora, Pip!”, disse Joe, olhando para mim.

“Eram só alguns restos de víveres – só isso – e um gole de bebida, e uma torta.”

“Você por acaso deu por falta de algo como uma torta, ferreiro?”, perguntou o sargento, em tom confidencial.

“Minha esposa deu pela falta, bem no momento em que vocês entraram em casa. Não é mesmo, Pip?”

“Então”, disse meu condenado, voltando os olhos tristes para Joe, sem me lançar um olhar sequer, “quer dizer que você é que é o ferreiro? Então lamento dizer, mas eu comi sua torta.”

“Deus sabe que fez muito bem – por muito que me importo com essa torta”, respondeu Joe, lembrando-se de Mrs. Joe. “Não sabemos o que você fez, mas não íamos deixar que morresse de fome por causa disso, pobre criatura infeliz... Não é mesmo, Pip?”

Aquele clique que eu já tinha ouvido antes na garganta do meu condenado voltou a acontecer, e ele virou as costas. O barco havia retornado, e os seus guardas estavam prontos. Nós o seguimos até o desembarcadouro, feito de pedras e estacas rústicas, e o vimos entrar no barco, conduzido por uma tripulação de condenados como ele. Ninguém parecia surpreso, ou interessado, ou aborrecido, ou contente de vê-lo; ninguém disse uma palavra, a não ser alguém no barco, que berrou como se falasse com cães, “Ao largo!” que era o sinal para movimentarem os remos. À luz das tochas, vimos o negro navio-prisão, a pouca distância da lama da costa, como uma lúgubre arca de Noé. Amarrado e ancorado com maciças correntes enferrujadas, o navio parecia, à minha jovem imaginação, estar acorrentado como os prisioneiros. Vimos o barco chegar ao navio, contorná-lo e desaparecer. Então se atiraram os tocos das tochas na água, e elas se apagaram, como se estivesse tudo acabado para ele.

CAPÍTULO VI

Meu estado de espírito em relação ao roubo do qual eu tinha sido exonerado de modo tão inesperado não me motivou a fazer uma confissão completa; mas eu esperava que alguma coisa boa surgisse dali.

Não me recordo de ter sentido qualquer dor na consciência em relação a Mrs. Joe, quando perdi o medo de ser descoberto. Mas eu amava Joe – por nenhuma razão melhor, talvez, naqueles dias longínquos, mas porque o querido companheiro me deixava amá-lo – e, em relação a ele, meus escrúpulos de consciência não podiam ser superados com tanta facilidade. Eu sempre pensava (em especial quando o vi pela primeira vez procurando a sua lixa) que deveria contar toda a verdade para Joe. Mesmo assim não contei, e pela simples razão que, se o fizesse, ele me acreditaria pior do que eu era. O medo de perder a confiança de Joe, e de ter que me sentar de agora em diante no canto da lareira, à noite, olhando de modo lúgubre para o meu querido companheiro, meu amigo para sempre perdido, ataram minha língua. Eu imaginava de maneira mórbida que, se Joe soubesse tudo, eu nunca mais o veria, no canto da lareira, cofiando suas suíças louras, sem pensar que ele estava refletindo sobre o meu erro. Imaginava que, se Joe soubesse tudo, eu nunca mais o veria olhar, mesmo de modo casual, para a carne ou o pudim de ontem que fossem trazidos à mesa hoje, sem pensar que ele estava se perguntando se eu tinha estado na despensa. Acreditava que, se Joe soubesse tudo, ele não poderia mais, em qualquer período posterior da nossa vida doméstica, observar que a cerveja estava ruim ou espessa sem que eu tivesse a certeza de que ele suspeitava que houvesse alcatrão na bebida, e um rubor me subiria ao rosto. Em suma, eu era covarde demais para fazer o que eu sabia que era certo, como tinha sido covarde demais para evitar fazer aquilo que eu sabia ser errado. Eu não tinha tido nenhum contato com o mundo naquela época, e por isso não segui o exemplo de nenhum dos seus habitantes que agem dessa maneira. Um verdadeiro gênio ignorante, descobri aquela linha de conduta por mim mesmo.

Como eu estava com sono antes que estivéssemos longe do navio-prisão, Joe me botou de novo nas costas e me carregou para casa. Deve ter sido uma viagem bem cansativa, pois Mr. Wopsle estava exausto, e isso o levou a tal estado de mau humor, que se a Igreja fosse aberta ele provavelmente teria excomungado a expedição inteira, começando por Joe e

por mim. Na sua capacidade secular, ele insistira em sentar-se na terra úmida em um grau tão insano, que quando tirou o casaco para secá-lo ao fogo da cozinha a evidência circunstancial nas suas calças seria suficiente para pendurá-las também, se não fosse uma enorme ofensa.

A essa altura, eu já fora colocado de pé sobre o chão da cozinha, e cambaleava como um pequeno bêbedo, depois de estar profundamente adormecido e acordar com o calor, as luzes acesas e as línguas tagarelando todas ao mesmo tempo. Quando voltei a mim (com a ajuda de uma pesada batida nas costas da parte da minha irmã, e a exclamação animadora, “Então! Se já se viu um menino assim!”) descobri que Joe estava lhe contando sobre a confissão do condenado, e que todas as visitas sugeriam diversas maneiras pelas quais ele poderia ter entrado na despensa. Mr. Pumblechook concluiu, depois de examinar com cuidado todos os locais, que ele primeiro havia subido no telhado da ferraria, e então tinha descido pela chaminé da cozinha por uma corda feita com a sua roupa de cama cortada em tiras; e como Mr. Pumblechook foi muito enfático, e como ele dirigia sua própria charrete – para cima de qualquer um – todos concordaram que devia ter sido assim mesmo. Mr. Wopsle, na verdade, gritou um vigoroso “Não! Não!” com a fúria enfraquecida de um homem cansado; mas, como ele não tinha nenhuma teoria, e estava sem o casaco, foi unanimemente desprezado – sem falar que saía um espesso vapor dos fundilhos das suas calças, pois ele tinha as costas voltadas para o fogo para evaporar a umidade, o que não ajudava a inspirar confiança.

Isso foi tudo que eu ouvi naquela noite, antes que minha irmã me agarrasse com força, como se minha presença sonolenta ofendesse os convidados, e me levasse para a cama puxando-me com tal violência, que ao caminhar eu parecia estar usando cinquenta botinas, arrastando todas elas contra os degraus da escada. Meu estado de espírito, aquele que já mencionei, começou antes que eu levantasse pela manhã, e durou ainda por muito tempo depois que o assunto já havia sido esquecido, e não foi mais mencionado senão em ocasiões excepcionais.

CAPÍTULO VII

Naquela época, quando eu me encontrava no cemitério lendo os nomes nas lápides da família, eu mal aprendera o suficiente para soletrá-los. Meu entendimento, mesmo sobre o seu significado simples, não era muito correto, pois eu lera “esposa do anterior” como uma referência elogiosa a meu pai em um mundo melhor; e se lesse no túmulo de algum dos meus parentes falecidos a expressão “abaixo”, não tenho dúvidas de que teria formado a pior opinião possível sobre aquele membro da família. Minhas noções sobre as posições teológicas, que o Catecismo me obrigava a seguir, também não eram muito precisas, pois tenho uma vívida lembrança de que supus que a declaração de que eu devia seguir “o bom caminho, todos os dias da minha vida”, punha-me na obrigação de sempre ir ou voltar da aldeia pelo mesmo caminho, sem nunca variar, passando pela oficina do borracheiro ou então pelo moinho.

Quando eu tivesse idade suficiente deveria ser aprendiz na oficina de Joe, e até que pudesse assumir essa posição tão digna, não deveria ser o que Mrs. Joe chamava de “estragado”, ou (como eu entendia a coisa) mimado. Assim, eu não só servia como ajudante na ferraria, mas se algum vizinho, por acaso, precisasse de um menino extra para assustar os pássaros, ou para juntar pedras, ou qualquer trabalho desse tipo, eu era honrado com a tarefa. No entanto, para que isso não viesse a comprometer a nossa posição superior, colocaram um cofrinho na prateleira sobre o fogão da cozinha, no qual, como era de conhecimento público, todos os meus ganhos deveriam ser depositados. Tenho a impressão de que eles foram utilizados eventualmente para ajudar na liquidação da Dívida Interna Nacional, mas o que eu sabia era que não deveria alimentar qualquer esperança de um dia vir a ter qualquer participação pessoal no tesouro.

A tia-avó de Mr. Wopsle tinha uma escola noturna na aldeia; isso quer dizer que ela era uma velha ridícula, de recursos limitados e enfermidades ilimitadas; ela costumava dormir das seis às sete horas todas as noites, na presença de jovens que pagavam dois pence por semana cada um pela oportunidade de vê-la dedicar-se a essa tarefa edificante. Essa senhora alugava um pequeno chalé, e Mr. Wopsle ocupava o quarto no andar de cima, onde nós estudantes o ouvíamos lendo em voz alta, da maneira mais digna e aterrorizante, às vezes batendo com os pés no chão. Acreditava-se que Mr.

Wopsle “examinava” os estudantes uma vez por trimestre, mas era pura ficção. O que ele fazia, nessas ocasiões, era arregaçar as mangas, arrumar o cabelo, e nos passar o discurso de Marco Antonio sobre o corpo de César[1]. A isso, seguia-se sempre a Ode sobre as Paixões, de Collins[2], na qual eu comparava Mr. Wopsle com a Vingança arremessando sua espada manchada de sangue, e pegando a trombeta que anunciava a guerra com um olhar destruidor. Naquela época eu ainda não era aquele que vim a ser mais tarde na vida, quando passei a conhecer as Paixões, e as comparei a Collins e Wopsle, com grande desvantagem para ambos os cavalheiros.

A tia-avó de Mr. Wopsle, além de manter essa instituição educacional, tinha na mesma sala uma pequena lojinha que vendia um pouco de tudo. Ela não tinha a menor ideia do seu estoque, ou do preço de qualquer coisa; mas havia um pequeno livro de anotações um pouco engordurado dentro de uma gaveta, que servia como catálogo de preços, e era com a ajuda desse oráculo que Biddy organizava todas as transações da loja. Biddy era a neta da tia-avó de Mr. Wopsle; confesso que jamais consegui solucionar o problema de qual era o seu parentesco com Mr. Wopsle. Ela era órfã como eu; e, também como eu, tinha sido criada à mão. Fazia-se notar sobremaneira, pensava eu, por causa das suas extremidades, pois seus cabelos sempre precisavam ser penteados, suas mãos sempre precisavam ser lavadas, e seus sapatos nunca eram abotoados e sempre precisavam de remendo. Devo esclarecer que essa descrição só valia para os dias da semana. Aos domingos, ela ia para a igreja devidamente arrumada.

Graças à minha própria dedicação, e mais pela ajuda de Biddy que da tia-avó de Mr. Wopsle, eu lutei com o alfabeto como se ele fosse um pé de amoreira silvestre – cansado ao extremo e arranhado por cada letra. Depois, caí no meio desses vilões, os nove números, que pareciam assumir um novo disfarce a cada noite para evitar que fossem reconhecidos. Mas, por fim, comecei a ler, escrever e calcular – às cegas e de maneira hesitante, e em uma escala muito pequena.

Certa noite, eu estava sentado no canto da lareira com a minha lousa, fazendo esforços enormes para escrever uma carta para Joe. Acho que deve ter sido um ano ou mais depois da nossa caçada nos pântanos, pois sei que se passara muito tempo, era inverno e geava bastante. Com um alfabeto aos meus pés, junto à lareira, para servir de referência, consegui, depois de uma ou duas horas, produzir a seguinte epístola:

“Me U Ca RrO JO esPer q voc eTÁ bem eU esPer qe log poSSo enCiná
Td pr ocÊ JO e emTão tDO estará mTO bem e qando Eu soU aprendis
pra voc JO eM bleve SeU sincer Amgo PIP”

Não era indispensável que eu me comunicasse com Joe através de uma carta, já que ele estava sentado ao meu lado e estávamos sozinhos. Mas eu produzi esta comunicação (escrita na lousa, e tudo o mais) com minha própria mão, e Joe a recebeu como um milagre de erudição.

“Ora, Pip, meu velho!”, exclamou Joe, abrindo bem seus olhos azuis, “que belo estudante você me saiu! É mesmo!”

“Eu bem que gostaria de ser”, disse eu, olhando para a lousa quando ele a pegou. Sentia-me um pouco apreensivo, pois me parecia que as letras apresentavam uma certa inclinação de baixo para cima.

“Bem, aqui está um J”, disse Joe “e um O, quer dizer... Ah! Aqui está um J e um O, Pip, e J-O quer dizer Joe.”

Eu nunca tinha visto Joe ler em voz alta mais do que esse monossílabo, e havia reparado na igreja, no domingo anterior, quando segurei sem querer nosso livro de orações de cabeça para baixo, que para ele isso parecia tão conveniente quanto se estivesse no sentido certo. Querendo aproveitar a ocasião presente para descobrir se, ensinando Joe, eu estaria lidando com um principiante, eu disse, “Ah! Mas leia o resto, Joe.”

“Ler o resto, é, Pip?”, disse Joe, olhando para a lousa com um olhar lento, investigativo, “Um, dois, três. Ora, aqui tem três J e três O e três J-O, são três Joes aqui nessa carta, Pip!”

Eu me inclinei para Joe, e, com a ajuda do meu dedo, li para ele a carta inteira.

“Espantoso!”, disse Joe, quando eu terminei. “Você É um estudante de verdade.”

“Como você soletra Gargery, Joe?”, eu lhe perguntei, com certo ar indulgente.

“Eu nunca soletro”, disse Joe.

“Mas supondo que você soletrasse?”

“Não precisa supor”, disse Joe. “Embora eu goste muito de ler.”

“É mesmo, Joe?”

“Enormemente”, disse Joe. “Dê-me um bom livro, ou um bom jornal, e me ponha diante de um bom fogo, e não peço mais nada. Senhor!” ele

continuou, depois de esfregar um pouco os joelhos, “Quando você vê um J e um O, e diz para si mesmo, “Ora, aqui está um J, e um O, isto é J-O, Joe’, que leitura interessante, Pip!”

Concluí disso que, assim como o vapor, a educação de Joe estava ainda na infância. Insistindo no assunto, perguntei:

“Você nunca foi à escola, Joe, quando tinha o meu tamanho?”

“Não, Pip.”

“Por que você nunca foi à escola, Joe, quando tinha o meu tamanho?”

“Bem, Pip”, disse Joe, pegando o atiçador e se dedicando à sua ocupação habitual, quando estava pensativo, de avivar o fogo lentamente, entre as barras mais baixas da lareira; “eu vou lhe contar. Meu pai, Pip, era dado a beber, e quando ele bebia demais, ele batia com o martelo na minha mãe, sem a menor piedade. Ela era a única pessoa em quem ele batia, na verdade, exceto eu. E ele me batia com toda força, com um vigor que ele não tinha para bater na sua bigorna. Você está escutando, Pip? Está entendendo?

“Sim, Joe.”

“Por causa disso, minha mãe e eu corremos para longe do meu pai muitas vezes; e então a minha mãe tinha que sair para trabalhar, e ela dizia, ‘Joe, se Deus permitir, você vai ter alguma instrução, meu filho” e ela me botou na escola. Mas meu pai tinha isso de bom nele, não podia ficar longe de nós. Assim, ele veio com um monte de gente e fez tal rebuliço nas portas das casas onde nós estávamos, que eles foram obrigados a nos despachar de uma vez por todas, e nos entregar para ele. E então ele nos levou para casa e nos bateu de novo. E isso, como você vê, Pip”, disse Joe, parando de avivar o fogo e olhando para mim, “não ajudou em nada a minha educação.”

“Certamente que não, pobre Joe!”

“No entanto, preste atenção em uma coisa, Pip”, disse Joe, dando um ou dois toques judiciosos com o atiçador na barra de cima, “com tudo o que ele fez, é preciso fazer justiça a cada um: meu pai tinha isso de bom, você vê?”

Eu não via; mas não disse nada.

“Bem!” Joe prosseguiu, “Alguém tem que pôr comida na mesa, Pip, senão a panela fica vazia, você não sabe?”

Eu entendia isso, e disse que sim.

“Em consequência, meu pai não me impediu de trabalhar; e foi assim que comecei a trabalhar na minha ocupação atual, que era também a dele, se

ele tivesse prosseguido nisso, e eu tive que trabalhar duro, posso te afirmar, Pip. Em pouco tempo eu o sustentava, e sustentei até que ele morresse de um ataque de púrpura. Era minha intenção mandar escrever no seu túmulo ‘Lembre-se, leitor, que apesar da sua má ação, ele era bom, de fato, no fundo de seu coração’.”

Joe recitou esse epitáfio com orgulho tão evidente e com tanta clareza, que eu lhe perguntei se ele mesmo tinha feito o verso.

“Eu mesmo o fiz” disse Joe. “Fiz de uma vez só. Foi como ferrar um cavalo com um só golpe de martelo. Nunca fiquei tão surpreso em minha vida – não podia acreditar nos meus próprios olhos – para dizer a verdade, mal acreditava que era obra minha. Como eu dizia, Pip, era minha intenção mandar gravar isso sobre o seu túmulo; mas a poesia custa caro, não importa como vai ser gravado, em letras grandes ou pequenas – e acabou não sendo feito. Sem falar nos carregadores, tudo o que eu pude economizar foi para minha mãe. Ela estava muito mal de saúde, e sem dinheiro algum. Não demorou para segui-lo, pobre alma, e por fim descansou em paz.”

Os olhos azuis de Joe ficaram um pouco úmidos; ele esfregou primeiro um, depois o outro, da maneira mais desajeitada, com o cabo redondo do atiçador.

“Isso aqui era muito solitário, então”, disse Joe, “pois eu vivia sozinho, e acabei conhecendo sua irmã. Agora ouça, Pip”, Joe me olhou com firmeza, como se soubesse que eu não ia concordar com ele, “sua irmã é uma bela figura de mulher.”

Não pude deixar de olhar para o fogo, pois minha dúvida era evidente.

“Não importa qual seja a opinião da família, nem a opinião do mundo sobre esse assunto, Pip, o fato é que sua irmã é... uma-bela-figura-de-mulher!”, e Joe batia na barra de cima com o atiçador depois de dizer cada palavra.

Não pude pensar em nada melhor para dizer do que “Fico feliz que você pense assim, Joe.”

“Eu também”, respondeu Joe, aproximando-se de mim. “Fico feliz de pensar assim, Pip. Um pouco corada, ou um pouco ossuda, aqui ou ali, o que importa isso para mim?

Eu observei com muita sagacidade que, se não importava para ele, ia importar para quem?

“Certamente!” concordou Joe. “É isso aí. Você tem razão, meu velho!

Quando conheci sua irmã, só se falava em como ela estava educando você à mão. Muita bondade da parte dela, era o que todos diziam, e eu também, junto com os outros. Quanto a você", Joe prosseguiu, com a expressão de alguém que via alguma coisa realmente desagradável, "se você soubesse o quanto era pequeno, fraco e raquítico, meu Deus, você teria formado a pior opinião sobre si mesmo!"

Não gostando muito disso, eu apenas disse, "Não se importe comigo, Joe."

"Mas eu me importo com você, Pip", ele respondeu com terna simplicidade. "Quando eu pedi a sua irmã para ser minha companheira, ao perguntar a ela na igreja nessa ocasião se ela estava disposta e pronta a vir morar na ferraria, eu disse a ela, 'E traga o coitadinho. Deus abençoa as criancinhas pobres', eu disse a sua irmã, 'tem lugar para ele na ferraria!'"

Eu desatei a chorar e me agarrei ao pescoço de Joe, pedindo perdão. Ele deixou cair o atiçador para me abraçar, e disse, "Vamos ser sempre os melhores amigos, não é mesmo, Pip? Não chore, meu velho!"

Após essa breve interrupção, Joe recomeçou:

"Bem, como vê, Pip, aqui estamos! É o que eu digo: aqui estamos! Agora, se você vai me ajudar a estudar, Pip (e eu lhe aviso de antemão que sou bastante estúpido, terrivelmente estúpido), Mrs. Joe não deve saber muita coisa sobre o que estamos fazendo. Tudo deve ser feito em segredo, se posso dizer assim. E por que em segredo? Vou lhe dizer por que, Pip."

Ele tinha pego o atiçador outra vez, sem o qual eu duvido que ele pudesse ter prosseguido em sua demonstração.

"Sua irmã é dada ao governo."

"Dada ao governo, Joe?"

Eu estava assustado, pois tivera certa ideia obscura (e, receio ter que acrescentar, certa esperança) de que Joe tivesse se divorciado dela em favor dos Lordes do Almirantado, ou do Tesouro.

"Dada ao governo", disse Joe. "O que quer dizer que ela governa a você e a mim."

"Oh!"

"E ela não ia gostar de ter gente instruída nos seus domínios", continuou Joe, "e muito menos eu, por medo que eu possa escapar ao seu governo. Como uma espécie de rebelde, entende?"

Eu ia responder com uma pergunta, e cheguei a dizer "Por que..."

quando Joe me fez parar.

“Espere um pouco. Eu sei o que você ia dizer, Pip; espere um pouco! Não nego que sua irmã banque o cacique para cima de nós, de vez em quando. Não nego que ela se lance sobre a gente como uma fera. Nessas ocasiões, quando sua irmã está enlouquecida, Pip”, Joe baixou a voz a um sussurro, e olhou rapidamente para a porta, “a sinceridade me obriga a admitir que ela é um tanto violenta.”

Joe pronunciou essa palavra como se ela começasse com um enorme V maiúsculo.

“Por que não me revolto? Era essa a observação que você ia fazer quando eu interrompi, Pip?”

“Sim, Joe.”

“Bem”, disse Joe, passando o atiçador para a mão esquerda, de modo a poder alisar a suíça; e eu perdia qualquer esperança, sempre que ele se dedicava àquela plácida ocupação; “sua irmã tem um espírito forte. Um espírito forte.”

“O que é isso?” perguntei, na débil esperança de trazê-lo de volta ao ponto. Mas Joe estava mais pronto com sua definição do que eu esperava, e me parou inteiramente argumentando de modo vago e respondendo com um olhar fixo, “Ela.”

“E eu não tenho um espírito forte”, Joe voltou a falar, parando de me olhar no rosto e voltando à sua suíça. “E acima de tudo, Pip – e digo isso a você com toda seriedade, meu velho – eu me lembro sempre da minha pobre mãe, uma mulher que trabalhava duro e só sofreu nessa vida, nunca tendo um dia de paz enquanto viveu, e eu morro de medo de seguir o caminho errado e não fazer o que é certo por uma mulher; e entre os dois, prefiro errar para o outro lado, e deixar que seja eu o maltratado. Queria que fosse só eu a passar por maus bocados, Pip; queria que não houvesse nenhuma Tickler para você, meu velho; queria que tudo recaísse só sobre mim; mas isso é coisa muito difícil, Pip, e tenho fé que você vai superar essas desvantagens.”

Mesmo jovem como eu era, acredito que passei a nutrir uma nova admiração por Joe a partir daquela noite. Desde então fomos iguais, como havíamos sido antes; mas, desde aquele dia, em momentos tranquilos, quando olhava para Joe e pensava nele, creio que tinha uma nova consciência de que minha admiração por ele vinha do fundo do meu coração.

“No entanto”, disse Joe, levantando-se para reabastecer o fogo; “o

relógio holandês já vai bater oito horas, e ela ainda não voltou para casa! Espero que a égua de Tio Pumblechook não tenha dado um coice em um pedaço de gelo e afundado."

Mrs. Joe fazia viagens ocasionais com Tio Pumblechook nos dias de mercado, para ajudá-lo a comprar coisas de casa e mercadorias que exigissem o julgamento de uma mulher; Tio Pumblechook era solteiro e não tinha a menor confiança em seu criado doméstico. Hoje era dia de mercado, e Mrs. Joe estava fora em uma dessas expedições.

Joe acendeu o fogo e varreu o chão em frente à lareira, depois fomos para a porta para escutar quando a charrete se aproximasse. Era uma noite fria e seca, soprava um vento penetrante, e a geada formava uma capa branca e dura. Um homem morreria em uma noite como essa, pensei, se estivesse lá fora nos pântanos. Então olhei para as estrelas, e pensei em como seria terrível para um homem erguer o rosto para elas enquanto congelava até a morte, sem ver qualquer ajuda ou piedade naquela multidão de astros cintilantes.

"Aí vem a égua", disse Joe. "Parece um carrilhão!"

A égua se aproximava em um trote bem mais vivo que o habitual, e o som das suas ferraduras na estrada dura era bastante musical. Tínhamos posto uma cadeirinha lá fora, pronta para o desembarque de Mrs. Joe, e avivamos o fogo para que ela pudesse ver o brilho através da janela, depois fizemos uma inspeção final na cozinha para que nada estivesse fora do seu lugar. Quando tínhamos terminado esses preparativos, eles chegaram, agasalhados até os olhos. Mrs. Joe logo havia desembarcado, e Tio Pumblechook também desceu em seguida, cobrindo a égua com um pano. Logo estávamos todos na cozinha, carregando tanto ar frio conosco que ele parecia expulsar todo o calor do fogo.

"Bem", disse Mrs. Joe, tirando o agasalho na maior pressa e excitação, e jogando o chapéu para as costas, onde ele ficou pendurado pelas fitas, "se esse menino não ficar agradecido esta noite, nunca irá ficar!"

Eu parecia tão grato quanto qualquer menino podia ser, sem ter recebido a menor informação sobre os motivos pelos quais eu deveria assumir essa expressão.

"Só o que eu espero", disse minha irmã, "é que ele não venha a ser estragado. Mas eu tenho minhas dúvidas."

"Ela não vai tomar esse caminho, senhora" disse Mr. Pumblechook.

“Não há o que temer.”

Ela? Olhei para Joe, fazendo um movimento com os lábios e as sobrancelhas, “Ela?” Joe olhou para mim, fazendo o mesmo movimento com seus lábios e sobrancelhas, “Ela?” Como minha irmã pegou-o no ato, ele passou as costas da mão pelo nariz, com o seu ar conciliatório habitual em tais ocasiões, e olhou para ela.

“Bem?” disse minha irmã, no seu modo brusco. “O que você está olhando? A casa está pegando fogo, por acaso?”

“É que alguém”, Joe insinuou polidamente, “mencionou ela.”

“E ela é ela, evidentemente! disse minha irmã. “A menos que você chame Miss Havisham de ele. E eu duvido que até mesmo você se atreva a tanto.”

“Miss Havisham, lá da cidade?” disse Joe.

“E há alguma Miss Havisham aqui na aldeia?” retrucou minha irmã.

“Ela quer que esse menino vá à casa dela para brincar, e é claro que ele vai. E é melhor que ele fique bem contente”, disse minha irmã, balançando a cabeça para mim, de modo a me encorajar a ser muito alegre e contente “ou acabo com ele.”

Eu já tinha ouvido falar de Miss Havisham lá da cidade. Todo mundo, em um raio de várias milhas, já tinha ouvido falar de Miss Havisham lá da cidade, como uma dama imensamente rica e severa, que vivia em uma casa grande e sombria, fortificada contra ladrões, e levava uma vida retirada.

“Sim, com certeza!” disse Joe, surpreso. “Pergunto-me como ela veio a conhecer Pip!”

“Imbecil!” exclamou minha irmã. “Quem disse que ela o conheceu?”

“É que alguém”, Joe insinuou polidamente de novo, “mencionou que ela queria que ele fosse até lá para brincar.”

“E ela não podia ter perguntado ao tio Pumblechook, se ele conhecia um menino que pudesse ir lá para brincar? Não há a menor possibilidade de que tio Pumblechook possa ser um arrendatário dela, e que ele possa às vezes – não vamos especificar que é uma vez ao trimestre, ou duas vezes por ano, pois isso seria pedir demais de você – mas que ele possa às vezes, ir até lá pagar o aluguel? E ela não podia perguntar então ao tio Pumblechook, se ele conhecia um menino que pudesse ir lá para brincar? E tio Pumblechook, que sempre teve a maior consideração por nós – embora você possa não pensar assim, Joseph”, dito em um tom de profunda repreensão, como se Joe fosse o

mais insensível dos sobrinhos, “não podia então mencionar esse menino, parado aí fazendo cara feia” – o que eu juro solenemente que não estava – “e para quem eu sempre fui uma dedicada escrava?”

“Muito bem!” exclamou tio Pumblechook. “Muito bem dito! Lindamente exposto! Muito bom, de fato! Agora, Joseph, você já sabe de todo o caso.”

“Não, Joseph”, disse minha irmã, ainda em tom reprovador, enquanto Joe tornava a passar as costas da mão pelo nariz, “você ainda não sabe de todo o caso – embora possa não pensar assim. Pode até achar que sabe, mas na verdade não sabe, Joseph. Pois você não sabe que tio Pumblechook, sensível a tudo que nos diz respeito, e vendo que a fortuna desse menino pode estar na sua ida para a casa de Miss Havisham, ofereceu-se para levá-lo à cidade hoje à noite em sua própria charrete, ficar com ele hoje, e levá-lo pessoalmente para Miss Havisham amanhã de manhã. Ah, meu Deus! Que estou fazendo?” exclamou minha irmã, arrancando o chapéu em um gesto de desespero, “aqui estou eu de pé, falando com dois meros palermas, enquanto tio Pumblechook está esperando, e a égua pegando frio lá fora, e o menino encardido de sujeira e fuligem da ponta do cabelo até a sola do pé!”

Dito isso, ela se lançou sobre mim, como uma águia sobre um cordeiro. Meu rosto foi enfiado em uma tina cheia de água, e eu fui ensaboado, esfregado, enxugado, empurrado, arranhado e raspado, até que eu realmente não fosse mais o mesmo. (Posso observar aqui que eu penso conhecer melhor que qualquer autoridade viva os sulcos causados por um anel de casamento, passado de maneira pouco piedosa sobre o rosto humano.)

Quando terminou a minha lavagem, me vestiram com roupa branca nova, do tipo mais áspero, como um jovem penitente em seu cilício, e fui enfiado no meu traje mais apertado e mais horrendo. Depois fui entregue às mãos de Mr. Pumblechook, que me recebeu oficialmente, como se fosse o xerife, e que despejou sobre mim um discurso que eu sabia que ele estava morrendo de vontade de fazer desde o princípio: “Menino, seja sempre grato com todos os seus amigos e parentes, mas especialmente com aqueles que o criaram à mão!”

“Adeus, Joe!”

“Deus o abençoe, Pip, meu querido amigo!”

Eu nunca me separara dele antes, e, fosse por causa dos meus sentimentos, ou da água com sabão, não pude ver as estrelas no princípio,

quando subi na charrete. Mas elas brilhavam, uma a uma, sem lançar nenhuma luz sobre as questões que eu me colocava: por que, meu Deus, eu estava indo para a casa de Miss Havisham? E o que, meu Deus, esperavam que eu fizesse lá?

[1] Referência ao famoso discurso proferido por Marco Antônio na peça "Júlio César", de William Shakespeare: "Venho para sepultar César, não para louvá-lo".

[2] William Collins (1721-1759): poeta e ensaísta inglês.

CAPÍTULO VIII

A residência de Mr. Pumblechook, na High Street, a rua principal da cidade onde havia o mercado, era de um caráter granuloso e farináceo, como devia ser a mansão de um comerciante de trigo e grãos. Eu imaginava que ele devia ser um homem muito feliz, realmente, por ter tantas gavetinhas na sua loja; e me perguntava, espiando dentro de uma ou duas, nas fileiras mais baixas, e vendo os pacotes de papel marrom amarrados ali, se as sementes e bulbos que elas continham algum dia pensaram em fugir dessa prisão em um belo dia de sol, e florescer ao ar livre.

Foi na manhã seguinte à minha chegada, bem cedo, que me veio essa ideia. Na noite anterior, tinham me mandado direto para a cama, em um sótão com um telhado inclinado; o teto era tão baixo no canto onde havia a cama, que eu calculei que as telhas estavam a uns trinta centímetros da minha cabeça. Na mesma manhã, descobri uma afinidade singular entre sementes e veludo cotelê. Mr. Pumblechook vestia calças de veludo cotelê, assim como o vendedor da sua loja. De alguma maneira, havia um odor geral no veludo cotelê tão parecido com a natureza do odor das sementes, e um odor geral nas sementes tão parecido com o do veludo cotelê, que eu mal distinguia um do outro. A mesma ocasião me serviu para perceber que Mr. Pumblechook parecia administrar seu negócio olhando para o seleiro, no outro lado da rua, que parecia fazer suas transações mantendo o olho no carroceiro, que parecia levar sua vida pondo as mãos nos bolsos e contemplando o padeiro, que por sua vez cruzava os braços e encarava o merceeiro, que ficava parado na porta bocejando e olhando para o boticário. O relojoeiro, sempre inclinado sobre a sua pequena escrivaninha com uma lente de aumento no olho, e sempre inspecionado por um grupo de jaleco que o olhava atentamente através da vitrina da sua loja, parecia ser a única pessoa, na High Street, cujo trabalho exigia a sua atenção.

Mr. Pumblechook e eu tomamos o café da manhã às oito horas, na sala de estar atrás da loja, enquanto o vendedor tomava uma caneca de chá e um pedaço de pão com manteiga sentado sobre um saco de ervilhas, nas dependências da frente. Eu considerei Mr. Pumblechook uma companhia desprezível. Ele fora doutrinado pela minha irmã para impor um caráter mortificante e penitencial à minha dieta, e por isso me deu a maior quantidade de miolo de pão possível, acompanhada da menor quantidade de

manteiga possível, e pôs no leite tal quantidade de água morna, que teria sido mais sincero da parte dele ter deixado o leite de fora por completo. Além disso, sua conversação versava apenas sobre aritmética. Quando lhe desejei bom dia educadamente, ele disse de modo pomposo, “Sete vezes nove, menino?” E como eu poderia responder, interrogado daquele jeito, em um lugar estranho, e com o estômago vazio! Eu estava com fome, mas antes que tivesse tempo de engolir um bocado que fosse, ele começou uma soma que durou todo o café da manhã. “Sete?” “E quatro?” “E oito?” “E seis?” “E dois?” “E dez?” E assim por diante. E depois de cada número, eu mal podia dar uma mordida ou beber um gole, antes que viesse o próximo; enquanto isso, ele se sentava à vontade sem pensar em nada, comendo toucinho e bolo quente, de uma maneira voraz, como quem se empanturra (se me permitem a expressão).

Por isso, fiquei bem contente quando bateram dez horas, e nós partimos para a casa de Miss Havisham; embora eu não estivesse nem um pouco seguro quanto a maneira pela qual eu seria recebido sob o teto daquela senhora. Dentro de um quarto de hora chegávamos à casa de Miss Havisham, que era de tijolos antigos, de aspecto sombrio, e cercada por muitas barras de ferro. Algumas das janelas tinham sido muradas; das que restaram, todas as inferiores tinham grades enferrujadas. Havia um pátio na frente, também gradeado; assim, depois de tocar a campainha, tivemos que esperar até que alguém viesse abrir. Enquanto esperávamos no portão, espiei para dentro (mesmo naquele momento, Mr. Pumblechook disse “E quatorze?” mas eu fingi não ouvir), e vi que ao lado da casa havia uma enorme cervejaria. Não estava em atividade, e parecia estar fechada há muito tempo.

Uma janela foi aberta, e uma voz clara perguntou “Quem está aí?” Ao que meu companheiro respondeu, “Pumblechook.” A voz respondeu, “Muito bem”. A janela então foi fechada de novo, e uma jovem dama atravessou o pátio, com um molho de chaves na mão.

“Este é Pip”, disse Mr. Pumblechook.

“Ah, então este é Pip?” respondeu a jovem, que era muito bonita e parecia muito orgulhosa; “entre, Pip.”

Mr. Pumblechook também já ia entrando, quando ela o impediu com o portão.

“Oh!” ela disse. “O senhor queria falar com Miss Havisham?”

“Se Miss Havisham quiser falar comigo...”, retrucou Mr.

Pumblechook, embaraçado.

"Ah!" disse a menina; "mas o senhor sabe que ela não quer."

Ela disse isso de modo tão decidido, tão indiscutível, que Mr. Pumblechook, embora em um estado de dignidade ultrajada, não pôde protestar. Mas ele me olhou de modo severo – como se eu tivesse lhe feito alguma coisa! – e partiu, depois de dizer essas palavras reprovadoras: "Menino! Faça do seu comportamento aqui um crédito para aqueles que o criaram à mão!" Eu não estava livre do temor de que ele voltasse para perguntar, através da grade, "E dezesseis?" Mas ele não voltou.

Minha jovem acompanhante trancou o portão, e nós atravessamos o pátio. A área era pavimentada e limpa, mas a grama crescia em cada fenda. Havia um pequeno caminho comunicando o pátio com o prédio da cervejaria, cujos portões de madeira estavam abertos; toda a cervejaria estava aberta, para além do muro alto que a rodeava e tudo era vazio e difuso. O vento frio parecia mais frio aqui do que lá fora, e fazia um barulho estridente, uivando através da cervejaria aberta, como o barulho do vento no cordame de um navio em alto mar.

Ela viu que eu olhava para lá, e disse, "Você poderia beber toda a cerveja forte que fazem lá dentro, sem que lhe fizesse mal, menino."

"Eu acho que poderia, senhorita", disse eu, em uma voz tímida.

"É melhor não tentar fazer cerveja lá agora, ou ela ficaria azeda. Não acha, menino?"

"É o que parece, senhorita."

"Não que alguém tenha tentado" ela acrescentou, "pois isso já acabou, e o lugar vai ficar vazio como está até que caia. Quanto à cerveja, há bastante nas adegas para afogar toda a Manor House."

"É esse o nome desta casa, senhorita?"

"Um dos seus nomes."

"Ela tem mais de um, então, senhorita?"

"Tem mais um. Seu outro nome era Satis[1]; que é grego, ou latim, ou hebreu, ou todos os três – dá no mesmo para mim – e significa: bastante."

"Casa Bastante?", disse eu; "que nome curioso, senhorita."

"Sim", ela respondeu; "mas significa mais do que a palavra diz. Significava, quando foi escolhido, que aquele que possuísse esta casa não precisaria de mais nada. Eles deviam se contentar com pouco naquela época, imagino. Mas, vamos nos apressar, menino."

Embora ela me chamasse de “menino” a todo o momento, e com uma displicência que estava longe de ser lisonjeira, ela devia ter mais ou menos a minha idade. Parecia muito mais velha, é claro, sendo uma menina, além de ser bonita e autoconfiante; e era tão desdenhosa comigo, como se tivesse vinte e um anos e fosse uma rainha.

Entramos na casa por uma porta lateral – a grande porta dianteira tinha duas correntes do lado de fora – e a primeira coisa que eu notei foi que os corredores eram todos muito escuros, e que a menina tinha deixado uma vela acesa. Ela a pegou, e nós passamos por vários corredores e subimos uma escadaria; mesmo assim tudo era escuro, e só tínhamos a vela para nos iluminar.

Afinal chegamos diante da porta de um quarto, e ela me disse, “Entre.”

Eu respondi, mais por timidez que por cortesia, “Primeiro a senhorita.”

Ao que ela respondeu: “Não seja bobo, menino; eu não vou entrar.” E se afastou com um ar de desdém. E – o que era pior – levando a vela.

Isso era muito desagradável, e fiquei um pouco amedrontado. No entanto, só me restava uma coisa a fazer: bater na porta. Eu bati, e uma voz lá de dentro me mandou entrar. Entrei, então, e me encontrei em um quarto enorme, muito bem iluminado com velas, e onde não penetrava o menor raio de sol. Era um quarto de vestir, eu imaginei, pelo tipo de mobília, embora as formas e usos de muitos deles fossem desconhecidos para mim naquela época. Mas o móvel que mais se destacava era uma mesa drapejada com um espelho dourado, que eu pensei à primeira vista tratar-se do toucador de uma grande dama.

Talvez eu não tivesse entendido isso tão rápido, se não tivesse visto uma grande dama sentada no toucador, mas eu não saberia dizer. Em uma poltrona, o cotovelo apoiado nessa mesa, e a cabeça debruçada sobre a mão, estava sentada a mais estranha dama que eu jamais vira, e que jamais veria.

Ela estava vestida com ricos tecidos – cetins, rendas e sedas – todos brancos. Seus sapatos também eram brancos. Usava um longo véu branco que pendia da cabeça; nos seus cabelos havia uma grinalda branca, como a de uma noiva, só que os cabelos eram brancos. Belas joias brilhavam no seu pescoço e em suas mãos, e algumas outras jaziam brilhando sobre a mesa. Outros vestidos, menos esplêndidos que o vestido que ela usava, e alguns

baús embalados a meio, estavam espalhados ao redor. Ela ainda não terminara de se vestir, pois calçara apenas um sapato – o outro estava na mesa próximo à mão; o véu fora arrumado pela metade; ela ainda não pusera o relógio e a corrente; e algumas rendas do seu peitilho estavam misturadas com as joias, o lenço, as luvas, algumas flores e um livro de orações, amontoados de modo confuso junto ao espelho.

Não reparei em todas essas coisas nos primeiros momentos, embora eu tivesse visto mais naqueles primeiros instantes do que se poderia supor. Mas vi que tudo que devia ser branco naquela visão, tinha sido branco há muito tempo, e com o passar do tempo havia perdido seu lustro, e agora estava esmaecido e amarelado. Vi que, dentro do vestido de noiva, a noiva havia murchado, assim como o vestido e as flores, e não lhe restara qualquer brilho, a não ser o brilho dos seus olhos fundos. Vi que o vestido havia outrora recoberto a silhueta mais arredondada de uma mulher jovem, e que a figura sobre a qual ele agora pendia frouxo, tinha se transformado em pele e ossos. Certa vez, fui levado à Exposição para ver uma figura de cera horrível, representando não sei qual personagem imóvel, jazendo em câmara ardente. Outra vez, fui levado a uma das nossas velhas igrejas nos pântanos, para ver um esqueleto coberto com um rico vestido, que haviam encontrado ao escavar uma catacumba sob o pavimento da igreja. Naquele momento, a figura de cera e o esqueleto pareciam ter olhos escuros, que se moveram e olharam para mim. Eu teria gritado, se pudesse.

“Quem está aí?”, perguntou a dama sentada ao toucador.

“Pip, senhora.”

“Pip?”

“O menino de Mr. Pumblechook, senhora. Para... brincar.”

“Chegue mais perto; deixe-me olhar para você. Venha... aproxime-se.”

Foi quando fiquei diante dela, evitando seu olhar, que reparei em detalhe nos objetos ao redor. Vi que seu relógio havia parado às vinte para as nove, e que um relógio no quarto também tinha parado à mesma hora.

“Olhe para mim”, disse Miss Havisham. “Não tem medo de uma mulher que não vê a luz do dia desde que você nasceu?”

Lamento dizer que não tive o menor medo de contar a enorme mentira contida na minha resposta: “Não.”

“Você sabe o que eu estou tocando aqui?”, ela disse, pondo as mãos,

uma depois da outra, no lado esquerdo do peito.

"Sim, senhora." (Isso me fez pensar no rapaz, que ia me arrancar o coração.)

"E o que é?"

"Seu coração."

"Que foi partido!"

Ela proferiu essas palavras de modo enfático, com um olhar ansioso e um sorriso estranho, que encerrava uma espécie de orgulho. Manteve as mãos ali por algum tempo, e depois as deixou cair devagar, como se pesassem.

"Estou cansada", disse Miss Havisham. "Quero distrair-me. Desisti dos homens e das mulheres... Brinque."

Creio que até o mais polêmico dos meus leitores concordará que, naquelas circunstâncias, ela dificilmente poderia ter mandado um menino infeliz fazer qualquer coisa neste mundo que fosse mais difícil do que aquilo.

"Eu às vezes tenho fantasias esquisitas", ela prosseguiu, "e agora estou com a fantasia esquisita de ver alguém brincar. Vamos, vamos!" agitando com impaciência os dedos da mão direita, "brinque, brinque, brinque!..."

Por um momento, com medo de a minha irmã acabar comigo, tive a ideia desesperada de sair dando voltas em torno do quarto, como se imitasse a charrete de Mr. Pumblechook. Mas me sentia tão despreparado para desempenhar esse papel que desisti. Continuei de pé, olhando para Miss Havisham de um modo que ela sem dúvida considerou como teimosia, pois me disse, depois de darmos uma boa olhada um no outro:

"Então você é mal-humorado e teimoso?"

"Não, senhora, lamento muito pela senhora, e lamento não poder brincar agora. Se a senhora se queixar de mim vai me criar um problema com a minha irmã, por isso eu brincaria, se pudesse; mas aqui é tudo tão novo, tão estranho, tão bonito... e triste também." Parei, com medo de acabar falando demais, ou de já ter falado, e nós demos uma boa olhada um no outro de novo.

Antes de voltar a falar, ela tirou os olhos de cima de mim e olhou para o próprio vestido, depois para o toucador, e finalmente para sua imagem no espelho.

"Tão novo para ele", murmurou ela, "e tão velho para mim; tão estranho para ele, tão familiar para mim; tão triste para nós dois! Chame

Estella.”

Como ela ainda estava olhando para o espelho, pensei que ainda estivesse falando consigo mesma, e fiquei quieto.

“Chame Estella”, ela repetiu, lançando-me um olhar flamejante. “É capaz de fazer isso, não é? Vá até a porta e chame Estella.”

Ficar no escuro em um corredor misterioso de uma casa desconhecida, gritando “Estella!” para uma jovem e desdenhosa criatura que não estava à vista nem ao alcance da voz, e sentindo a terrível liberdade de gritar assim o seu nome, era quase tão ruim quanto brincar sob coação. Mas ela respondeu, afinal, e a vela que trazia na mão veio brilhando pelo corredor escuro, como uma estrela.

Miss Havisham fez-lhe um sinal para que se aproximasse, pegou uma joia do toucador e experimentou-a sobre seu lindo pescoço, e sobre seus belos cabelos castanhos. “Isso vai ser seu um dia, minha querida, e você fará bom uso. Quero que jogue cartas com esse menino.”

“Com esse menino? Por quê? Ele não passa de um trabalhador vulgar!”

Pensei ter ouvido Miss Havisham responder – só me parecia muito improvável – “E então? Você pode partir o coração dele.”

“O que você sabe jogar, menino?” Estella me perguntou, com o maior desdém.

“Só sei jogar ‘beggar my neighbour[2]’, senhorita.”

“Vença-o”, disse Miss Havisham para Estella. E assim nos sentamos para jogar.

Foi então que comecei a entender que tudo naquele quarto havia parado há muito tempo, como o relógio sobre o toucador e o relógio na parede. Notei que Miss Havisham pôs a joia no lugar exato de onde a havia tirado. Enquanto Estella dava as cartas, olhei de novo para o toucador, e vi que o sapato, outrora branco, hoje amarelo, nunca tinha sido usado. Baixei os olhos para o pé no qual faltava o sapato, e vi que a meia de seda, outrora branca e agora amarela, estava rasgada pelo uso. Sem essa parada de todas as coisas, sem essa imobilidade de todos aqueles objetos desbotados e destruídos, o vestido de noiva frouxo naquele corpo em ruínas não teria me parecido uma mortalha; nem o véu longo se assemelharia tanto a um sudário.

Miss Havisham ficou sentada como um cadáver, enquanto jogávamos cartas; e os babados e fitas do seu vestido de noiva pareciam de papel

grosseiro. Na época, eu não sabia nada sobre as descobertas que são feitas de vez em quando de corpos enterrados na antiguidade, e que se desfazem em pó ao serem revelados; mas, desde então, pensei muitas vezes que ela parecia alguém a quem a luz natural do dia teria transformado em pó.

"Ele chama os valetes de Jack, esse menino!", disse Estella com desprezo, antes que a nossa primeira partida terminasse. "Que mãos ásperas ele tem! E que botas grosseiras!"

Eu nunca tinha pensado em ter vergonha das minhas mãos, mas comecei a considerá-las bastante medíocres. Seu desprezo por mim era tão forte que se tornou contagioso, e eu fui infectado.

Ela ganhou a partida, e foi minha vez de dar as cartas. Eu me enganei, o que era muito natural, quando vi que ela me vigiava esperando me pegar em erro; e ela me acusou de ser um trabalhador estúpido e desajeitado.

"Você não disse nada sobre ela", observou Miss Havisham, olhando para mim. "Ela disse muitas coisas duras sobre você, mas você não respondeu. O que acha dela?"

"Não quero dizer", gaguejei.

"Diga no meu ouvido", disse Miss Havisham, inclinando-se para mim.

"Acho que ela é muito orgulhosa", respondi em um sussurro.

"Algo mais?"

"Acho que ela é muito bonita."

"Algo mais?"

"Acho que ela é muito insolente." (Ela estava olhando para mim, então, com um olhar de suprema aversão.)

"Algo mais?"

"Acho que gostaria de ir para casa."

"E nunca mais vê-la, apesar de ser tão bonita?"

"Não tenho certeza se gostaria de nunca mais vê-la, mas gostaria de ir para casa agora."

"Você irá logo", disse Miss Havisham, em voz alta. "Continuem o jogo."

Se não fosse aquele sorriso estranho no início, eu jamais teria acreditado que o rosto de Miss Havisham pudesse sorrir. Seu rosto assumira uma expressão alerta e pensativa – talvez porque transpassara com o olhar todas as coisas ao seu redor – e parecia como se nada pudesse erguê-lo de novo. Seu peito estava caído, de modo que ela se inclinara; sua voz estava

fraca, de modo que ela falava baixo; uma calmaria mortal tomara conta dela. No geral, seu aspecto era de quem tinha o corpo e a alma partidos, por dentro e por fora, sob o peso de um golpe esmagador.

Terminei de jogar a partida com Estella, e ela me venceu. Ela atirou as cartas na mesa depois de ter ganho tudo, como se as desprezasse por terem ganho de mim.

"Quando você virá aqui de novo?", disse Miss Havisham. "Deixe-me pensar..."

Eu estava começando a lembrá-la de que hoje era quarta-feira, quando ela me deteve com aquele movimento impaciente dos dedos da mão direita, como havia feito antes.

"Ora! Não sei nada sobre os dias da semana; e nem sobre as semanas, ou os anos. Venha de novo daqui a seis dias. Entendeu?"

"Sim, senhora."

"Estella, leve-o para baixo. Deixe que coma alguma coisa, e que ande um pouco por aí enquanto come. Vá, Pip."

Segui a vela para baixo, como tinha seguido para cima, e Estella a colocou no lugar onde a havíamos encontrado. Até que ela abrisse a porta lateral, eu havia imaginado, sem pensar nisso, que certamente já devia ser noite. O jato de luz do dia me confundiu; senti como se tivesse passado muitas horas naquele quarto estranho, sob a luz das velas.

"Você deve esperar aqui, menino", disse Estella; e desapareceu, fechando a porta.

Aproveitei a oportunidade de ficar sozinho no pátio para olhar para minhas mãos ásperas e minhas botas grosseiras. Minha opinião sobre esses acessórios não era nada favorável. Eles nunca tinham me incomodado antes, mas me incomodavam agora, como apêndices vulgares. Estava decidido a perguntar a Joe por que ele sempre tinha me ensinado a chamar aquelas cartas com figuras de Jacks, quando deviam ser chamadas de valetes. Desejei que Joe tivesse sido educado com mais gentileza, então eu seria assim também.

Estella voltou, trazendo um pouco de pão e carne, e uma pequena caneca de cerveja. Ela pôs a caneca no chão, sobre as pedras do pátio, e me deu o pão e a carne sem olhar para mim, com tanta insolência como se eu fosse um cão em desgraça. Eu me sentia tão humilhado, tão ferido, tão rejeitado, tão ofendido, tão zangado, tão angustiado – não consigo atinar com o nome certo para essa dor, só Deus sabe o que eu passei – que me vieram

lágrimas aos olhos. No momento em que elas irromperam, a menina me olhou deliciada por ter sido a causa do choro. Isso me deu forças para contê-las, e olhar para ela; ela fez um sinal de desprezo – como se tivesse certeza, pensei, de que havia me ferido – e deixou-me.

Quando ela se foi, olhei ao redor procurando um lugar onde esconder o rosto, e fui para trás de um dos portões na direção da cervejaria; encostei-me na parede, inclinei a cabeça e chorei. Enquanto chorava, bati com a cabeça e perdi um punhado de cabelos. Tão amargos eram meus sentimentos, tão aguda era a dor sem nome, que um contra-ataque se fazia necessário.

A criação que eu recebera da minha irmã me tornara uma criança sensível. No pequeno mundo em que vivem as crianças, não importa quem as crie, nada é mais delicadamente percebido, nada é mais delicadamente sentido que a injustiça. Pode ser que sejam pequenas as injustiças a que uma criança é exposta; mas a criança é pequena, e seu mundo é pequeno, e seu cavalinho de pau não se eleva mais do que alguns palmos, de acordo com o seu tamanho, para parecer um grande garanhão irlandês. Desde a infância, eu mantinha dentro de mim um conflito perpétuo com a injustiça. Eu sabia, desde o dia em que pude falar, que minha irmã, com suas correções caprichosas e violentas, era injusta para comigo. Acalentava a profunda convicção de que o fato de ter me criado à mão, não lhe dava o direito de me criar aos empurrões. Durante todos os meus castigos, jejuns, vigílias e outras penitências, eu alimentava essa certeza; e, a força de pensar nisso, ao meu modo solitário e indefeso, acabei por aceitar o fato de que eu era moralmente tímido e muito sensível.

Descarreguei meus sentimentos feridos naquele momento batendo-os contra a parede da cervejaria, e arrancando-os junto com os cabelos, depois limpei o rosto com a manga e saí de trás do portão. O pão e a carne eram aceitáveis, e a cerveja estava morna e borbulhante, e eu logo me senti em condições emocionais de olhar à minha volta.

O pombal no pátio da cervejaria estava deserto, certamente, e fora atingido por algum vento forte que o deixara torto – o que deve ter feito os pombos imaginarem que estavam no mar – se é que havia algum pombo ali para ser sacudido. Não havia pombos no pombal, nem cavalos no estábulo, nem porcos no chiqueiro, nem malte no depósito, nem cheiro de grãos ou cerveja nos toneis de cobre e barris. Todos os usos e cheiros da cervejaria deviam ter desaparecido com sua última nuvem de vapor malcheiroso. Em

um pátio anexo, havia uma imensidão de barris vazios, cujo odor acre trazia certa lembrança de dias melhores; mas o odor era amargo demais para ser aceito como uma amostra da cerveja que houvera ali, e, nesse sentido, lembro-me desses objetos abandonados como iguais a muitos outros.

No canto mais afastado da cervejaria havia um jardim malcuidado, cercado por um velho muro que, no entanto, não era alto o bastante para me impedir de subir, dar uma olhada, e ver que esse jardim malcuidado era o jardim da casa. Ele estava coberto de ervas daninhas emaranhadas, mas havia rastros sobre o gramado verde e as aleias amarelas, como se alguém às vezes caminhasse por ali. Vi Estella, que ainda se afastava de mim; mas ela parecia estar em toda parte, pois quando cedi à tentação oferecida pelos barris, e comecei a caminhar sobre a fileira formada por eles, eu a vi caminhando sobre eles no outro lado do pátio; tinha as costas viradas para mim, e segurava seus belos cabelos castanhos com as duas mãos, mas não chegou a se virar, e desapareceu imediatamente da minha vista. Aconteceu o mesmo na própria cervejaria – quero dizer o grande pavilhão pavimentado, de pé direito alto, onde costumavam fazer a cerveja antigamente, e onde ainda estavam os utensílios utilizados na fábrica. Assim que entrei ali, e, um pouco oprimido pela obscuridade, fiquei parado perto da porta olhando ao redor, eu a vi passar entre os fornos extintos, subir por uma escadinha de ferro, e sair em uma galeria lá em cima, como se estivesse no céu.

Foi neste lugar, e neste momento, que uma coisa estranha aconteceu com a minha imaginação. Se naquela hora eu a considerei estranha, mais tarde vim a achá-la ainda mais estranha. Virei meus olhos – um pouco ofuscados pela luz fria – para uma grande viga de madeira situada à direita, em um canto do prédio, e ali vi uma figura pendurada pelo pescoço. Uma figura toda vestida em branco amarelado, e com apenas um sapato nos pés; do jeito que estava, eu podia ver que os enfeites desgastados do seu vestido pareciam feitos de papel grosseiro, e que ela tinha o rosto de Miss Havisham; sua face tinha uma expressão estranha, como se ela estivesse tentando me chamar. Aterrorizado com aquela visão, e mais aterrorizado pela certeza de que ela não estava lá um momento antes, primeiro corri para longe, depois corri em sua direção. E meu terror foi maior ainda quando vi que não havia figura alguma ali.

Para que eu me recobrasse do susto, foi preciso nada menos que a bela e fria luminosidade do dia, a visão das pessoas passando ao longe, além das

grades do portão, e a influência revigorante do pão, da carne e da cerveja que me restavam. Mesmo com essa ajuda, eu não teria me recobrado tão depressa como fiz, se não tivesse visto Estella se aproximando com as chaves, para me deixar sair. Ela teria mais uma justa razão para me desprezar, pensei, se visse que eu estava amedrontado; e eu não lhe daria essa satisfação.

Ela me lançou um olhar triunfante ao passar, como se ela se alegrasse por minhas mãos serem tão ásperas e minhas botas tão grosseiras; então abriu o portão e ficou segurando-o. Eu já estava passando sem olhar para ela, quando ela me tocou com um gesto de zombaria.

"Por que você não chora?"

"Porque eu não quero."

"Você chorou", ela disse. "Chorou até ficar quase cego pelas lágrimas, e está a ponto de chorar de novo agora."

Ela riu com desdém, empurrou-me para fora e fechou o portão sobre mim. Fui direto para a casa de Mr. Pumblechook, e fiquei muito aliviado por não tê-lo encontrado em casa. Assim, deixando um recado com o vendedor sobre quando eu deveria visitar Miss Havisham de novo, parti em uma caminhada de quatro milhas até a ferraria. Enquanto andava, ia pensando em tudo que havia visto, e meditando profundamente no fato de que eu era um trabalhador vulgar; que minhas mãos eram ásperas; que minhas botas eram grosseiras; que eu tinha adquirido o hábito desprezível de chamar valetes de Jacks; que eu era muito mais ignorante do que eu teria me considerado na noite anterior, e, de modo geral, que eu ia de mal a pior.

[1] Ironicamente, Dickens apresenta Satis como o contraponto à verdadeira situação de Manor House, pois para Miss Havisham, ela não representa a abundância que a expressão significava, mas sim, a pobreza absoluta de seu estado.

[2] "Beggar my neighbour" é um jogo de cartas, comumente jogado por crianças, cujo objetivo é tomar as cartas do oponente, tornando-o o "mendigo" (beggar) do jogo. Figurativamente, Miss Havisham pede à Estella que faça com que Pip 'mendigue' por seu amor pelo resto de suas vidas.

CAPÍTULO IX

Quando cheguei em casa, minha irmã estava muito curiosa para saber tudo sobre a casa de Miss Havisham, e me encheu de perguntas. E logo me vi levando um pesado golpe na nuca e nas costas, depois ela empurrou meu rosto contra a parede da cozinha, de maneira infame, porque eu não respondera a suas perguntas com a quantidade de detalhes que ela queria.

Se o medo de não ser compreendido pode estar escondido no peito de outras crianças no mesmo grau em que estava escondido no meu – o que eu considero provável, pois não tenho nenhuma razão particular para suspeitar que eu fosse uma monstruosidade – essa é a chave para muitas reservas. Eu estava convencido de que, se descrevesse a casa de Miss Havisham como meus olhos a tinham visto, não seria compreendido. Não apenas isso, mas eu também estava convencido de que a própria Miss Havisham não seria compreendida; e, embora eu mesmo não a compreendesse, tinha a impressão de que haveria algo de maldoso e traiçoeiro em apresentá-la diante de Mrs. Joe como ela realmente era (sem falar em Miss Estella). Por conseguinte, eu disse o menos que pude, e meu rosto foi empurrado contra a parede da cozinha de novo.

O pior de tudo, era que aquele velho tirano do Pumblechook, consumido por uma curiosidade voraz de ser informado sobre tudo que eu tinha visto e ouvido, veio correndo na sua charrete à hora do chá, para tratar de saber de todos os detalhes. E à mera visão daquele carrasco, com seus olhos de peixe e a boca aberta, os cabelos cor de areia mais espetados do que nunca, e o colete levantando-se com sua respiração matemática, só me tornaram ainda mais reticente.

“Bem, menino”, começou tio Pumblechook, assim que se sentou na cadeira de honra diante do fogo. “Como você se saiu, lá na cidade?”

Eu respondi, “Muito bem, senhor”, e minha irmã sacudiu o punho fechado para mim.

“Muito bem?” repetiu Mr. Pumblechook. “Muito bem não é resposta. Conte-nos o que você quer dizer com muito bem, menino!”

Talvez a cal na testa endureça o cérebro até um estado de obstinação. De qualquer modo, com a cal da parede em minha testa, minha obstinação era inflexível. Refleti por algum tempo, e então respondi, como se tivesse descoberto uma nova ideia, “Quero dizer muito bem, senhor.”

Minha irmã soltou uma exclamação de impaciência e ia voar sobre mim – eu não tinha qualquer esperança de defesa, pois Joe estava ocupado na ferraria – quando Mr. Pumblechook interveio.

“Não! Não perca a paciência. Deixe esse rapazinho comigo, senhora, deixe esse rapazinho comigo.” Mr. Pumblechook me virou então para ele, como se fosse cortar o meu cabelo, e disse:

“Primeiro (para colocar nossos pensamentos em ordem): quanto são quarenta e três pence?”

Eu calculei as consequências de responder “Quatrocentas libras”, e, achando que as chances estavam contra mim, cheguei o mais perto possível da resposta – que era algo em torno de oito pence. Mr. Pumblechook então me colocou para recitar a tabela de multiplicação dos pence, desde “doze pence fazem um xelim”, até “quarenta pence fazem três xelins e quatro pence” e então perguntou triunfante, como se tivesse terminado, “Agora me diga! Quanto são quarenta e três pence?” Ao que eu respondi, depois de refletir por longo tempo, “Eu não sei.” E estava tão ofendido, que quase duvido se de fato sabia.

Mr. Pumblechook então me deu pancadinhas na testa, como para me enfiar a resposta lá dentro, e disse, “Por acaso, quarenta e três pence são sete xelins, seis pence e três centavos?”

“Sim!”, disse eu. E embora minha irmã estapeasse minhas orelhas no mesmo instante, fiquei bastante satisfeito de ver que a minha resposta estragara o seu jogo, deixando-o mudo.

“Menino! Como é Miss Havisham?”, recomeçou Mr. Pumblechook, depois de se recuperar, cruzando os braços no peito.

“Ela é muito alta e escura”, eu disse.

“É verdade, meu tio?”, perguntou minha irmã.

Mr. Pumblechook fez um sinal de assentimento, do qual eu deduzi de imediato que ele nunca tinha visto Miss Havisham, pois ela não era nada disso.

“Bom!”, disse Mr. Pumblechook, orgulhoso. E para minha irmã: “Esse é o jeito de pegá-lo! Logo vamos descobrir o que queremos, não acha, senhora?”

“Gostaria tanto, meu tio”, respondeu Mrs. Joe, “que o senhor ficasse sempre com ele; sabe tão bem como lidar com esse menino.”

“Agora, menino! O que ela estava fazendo, quando você chegou hoje?

perguntou Mr. Pumblechook.

"Ela estava sentada", eu respondi, "em uma carruagem de veludo negro."

Mr. Pumblechook e Mrs. Joe olharam espantados um para o outro – como podiam muito bem fazer – e ambos repetiram, "Em uma carruagem de veludo negro?"

"Sim", disse eu. "E Miss Estella – a sobrinha dela, eu acho – servia-lhe bolo e vinho pela janela da carruagem, em um prato de ouro. E todos nós comemos bolo e vinho em pratos de ouro. E eu sentei na parte traseira da carruagem para comer o meu bolo, porque ela mandou."

"Havia mais alguém lá?", perguntou Mr. Pumblechook.

"Quatro cachorros", eu disse.

"Grandes ou pequenos?"

"Enormes", disse eu. "E eles brigavam para pegar algumas costeletas de vitela, dentro de uma cesta de prata."

Mr. Pumblechook e Mrs. Joe olharam um para o outro de novo, absolutamente espantados. Eu estava em total frenesi – uma testemunha indiferente à tortura – e teria lhes dito qualquer coisa.

"E onde estava essa carruagem, em nome de Deus?", perguntou minha irmã.

"No quarto de Miss Havisham." Eles se olharam de novo. "Mas não havia cavalos." Acrescentei essa ressalva salvadora, enquanto rejeitava quatro corcéis ricamente ajaezados, que eu tinha sentido um louco ímpeto de atrelar à carruagem.

"Será que é possível, meu tio?", perguntou Mrs. Joe. "O que esse menino quer dizer?"

"Vou lhe dizer, senhora", disse Mr. Pumblechook. "Em minha opinião, trata-se de uma liteira. Miss Havisham é excêntrica, sabe – muito excêntrica – o bastante para passar seus dias em uma liteira."

"O senhor já a viu nessa liteira, meu tio?", perguntou Mrs. Joe.

"E como eu poderia", respondeu ele, forçado a admitir, "se eu nunca a vi em toda a minha vida? Nunca bati os olhos nela!"

"Deus do céu, meu tio! Mesmo assim falou com ela?"

"Bem, a senhora sabe", disse Mr. Pumblechook, irritado, "que quando eu estive lá, fui levado até o lado de fora da porta, que ficou entreaberta, e ela falou comigo desse modo. Não me diga que não sabe disso, senhora. De

qualquer modo, o menino foi lá para brincar. Do que você brincou, menino?”

“Brincamos de bandeiras”, eu disse. (Devo observar que fico assombrado, hoje em dia, quando recordo as mentiras que contei nessa ocasião.)

“Bandeiras?”, ecoou minha irmã.

“Sim”, disse eu. “Estella agitava uma bandeira azul, e eu agitava uma vermelha, e Miss Havisham agitava uma toda salpicada de pequenas estrelas de ouro, para fora da janela da carruagem. E então sacudíamos nossas espadas e dávamos hurras!”

“Espadas?”, repetiu minha irmã. “De onde tiraram essas espadas?”

“De um armário”, disse eu. “E havia pistolas lá também – e geleia – e pílulas. A luz do dia não entrava no quarto, mas ele era todo iluminado com velas.”

“Isso é verdade, senhora”, disse Mr. Pumblechook, concordando de modo grave. “É esse o estado das coisas lá, eu mesmo sou testemunha.” E então os dois me olharam, e eu, com o ar mais cândido do mundo, olhei-os também, amarrotando com a mão direita a perna direita das minhas calças.

Se eles tivessem me feito mais algumas perguntas, eu com certeza teria me traído, pois estava a ponto de mencionar que havia um balão no pátio, e teria me arriscado a fazer essa declaração se minha imaginação não tivesse hesitado entre aquele fenômeno e um urso dentro da cervejaria. Eles estavam tão ocupados, porém, discutindo as maravilhas eu já havia apresentado à sua consideração, que consegui escapar. Os dois ainda conversavam sobre o assunto quando Joe deixou a ferraria e entrou para tomar uma xícara de chá. Minha irmã então lhe contou minhas supostas experiências, mais para o alívio da sua própria mente do que para a satisfação de Joe.

Agora, ao ver Joe arregalar os olhos azuis, e olhar em volta da cozinha em completo assombro, fui tomado pelo remorso; mas só em relação a ele, sem me importar nem um pouco com os outros dois. Para Joe, e só para Joe, eu me considerava um pequeno monstro, enquanto eles debatiam que vantagens poderiam resultar para mim do conhecimento e favor de Miss Havisham. Eles não tinham nenhuma dúvida de que Miss Havisham faria “alguma coisa” por mim; suas dúvidas se relacionavam à forma que essa coisa tomaria. Minha irmã inclinava-se por algo do tipo “propriedade.” Mr. Pumblechook era a favor de uma bela recompensa monetária, que permitiria

que eu me tornasse aprendiz em algum tipo de comércio elegante – leia-se, comércio de trigo e grãos. Joe caiu em profunda desgraça perante ambos, ao oferecer a brilhante sugestão de que eu poderia apenas ser presenteado com um dos cães que tinham lutado pelas costeletas de vitela. “Se essa sua cabeça tola não pode expressar opiniões melhores do que essa”, disse minha irmã “e se tem trabalho a fazer, é melhor que vá trabalhar.” Então ele saiu.

Depois que Mr. Pumblechook tinha partido, e minha irmã estava lavando a louça, eu saí às escondidas e fui até a ferraria para ver Joe; fiquei com ele até que terminasse o trabalho do dia. Então eu disse, “Antes de apagar o fogo, Joe, eu queria dizer uma coisa.”

“É mesmo, Pip?” disse Joe, tirando seu banquinho de perto da forja. “Então diga. O que é, Pip?”

“Joe”, disse eu, pegando a manga arregaçada da sua camisa, e torcendo-a entre o dedo indicador e o polegar, “você se lembra de tudo aquilo que eu falei sobre Miss Havisham?”

“Lembrar?”, disse Joe. “Eu acredito em você, Pip! É maravilhoso!”

“É uma coisa terrível, Joe, mas nada disso é verdade.”

“O que está dizendo, Pip?”, exclamou Joe, recuando no maior espanto. “Não está querendo dizer que é...”

“Sim; é tudo mentira, Joe.”

“Mas não tudo, não é? Pois com certeza não pretende dizer, Pip, que não havia nenhum coche de veludo negro?” Eu só balancei a cabeça. “Mas pelo menos havia cachorros, não é Pip? Vamos, Pip”, disse Joe, de modo persuasivo, “se não havia costeleta de vitela, pelo menos havia cachorros?”

“Não, Joe.”

“Um cachorro, então?” disse Joe. “Quem sabe um filhotinho? Vamos...”

“Não, Joe, não havia cão de espécie alguma.”

Quando fixei meus olhos desamparados em Joe, ele me contemplou desanimado. “Pip, velho amigo! Assim não dá, meu companheiro! Ora! O que pretende com isso?”

“É terrível, Joe, não é?”

“Terrível?”, exclamou Joe. “É medonho! O que deu em você?”

“Não sei o que deu em mim, Joe”, respondi, largando a manga da sua camisa, e sentando-me aos pés dele junto às cinzas, a cabeça baixa; “mas gostaria que você não tivesse me ensinado a chamar os valetes de Jacks; e

gostaria que minhas botas não fossem tão grosseiras, nem minhas mãos tão ásperas.”

Então contei a Joe que me sentia muito infeliz, e que não tinha conseguido me explicar para Mrs. Joe e Mr. Pumblechook, que foram muito rudes comigo, e que havia uma bela mocinha na casa de Miss Havisham, que era terrivelmente orgulhosa, e que ela tinha dito que eu era vulgar, e que eu sabia que era vulgar, e que eu gostaria de não ser vulgar, e que as mentiras tinham surgido daí de alguma maneira, embora eu não soubesse como.

Este era um caso metafísico, pelo menos tão difícil para o entendimento de Joe quanto para o meu. Mas Joe tirou inteiramente o caso do terreno metafísico, e assim conseguiu vencê-lo.

“Há uma coisa que você deve saber com certeza, Pip”, disse Joe, depois de refletir durante algum tempo, “isto é, que mentiras são mentiras, não importa de onde venham, e elas não devem vir; elas começam com uma mentira maior, e depois ficam dando voltas no mesmo lugar. Não conte mais nenhuma mentira, Pip. Não é dessa maneira que você vai deixar de ser vulgar, meu rapaz. E quanto a essa história de ser vulgar, não sei se entendi direito. Você não é vulgar em várias coisas. Você é pequeno, de um tamanho pouco vulgar. E também não é um estudante vulgar.

“Não, eu sou ignorante e atrasado, Joe.”

“Ora, veja a carta que você me escreveu na noite passada! Até escreveu em letra de imprensa! Eu já vi outras cartas – sim! e de gente educada! – que eu juro que não eram escritas em letras de imprensa”, disse Joe.

“Eu não aprendi quase nada, Joe. Você é que pensa bem demais de mim. Só isso.”

“Bem, Pip”, disse Joe, “seja assim ou não seja, você tem que ser um estudante vulgar, antes de ser mais do que isso, eu acho! O rei no seu trono, com sua coroa sobre a cabeça, bem, ele não se sentou ali e começou a escrever seus atos do Parlamento assim de repente. Ele começou aprendendo o alfabeto, quando ainda era só um príncipe. Ah!”, acrescentou Joe, com um aceno de cabeça pleno de significado, “e ele também começou com o A, para depois chegar até o Z. E eu sei muito bem o trabalho que dá fazer isso, embora eu não possa dizer que eu mesmo tenha feito.”

Havia alguma esperança nessas palavras sábias, o que me encorajou bastante.

“E quanto aos comuns”, continuou Joe, refletindo, “não é melhor continuar na companhia dos comuns, em vez de sair para brincar com os incomuns... o que me fez lembrar que você mencionou uma bandeira, talvez?”

“Não, Joe.”

“Pena que não tinha ao menos uma bandeira, Pip. Bem, se é verdade ou não é, não se pode fazer mais nada agora sem deixar sua irmã enlouquecida; e, além disso, você não fez por mal. Escute, Pip, aquilo que vai lhe dizer um verdadeiro amigo. O que eu lhe digo é: se você não conseguir deixar de ser vulgar por meios honestos, não imagine que vai conseguir isso sendo desonesto. Portanto, não diga mais mentiras, Pip, viva bem e morra feliz.”

“Você não está bravo comigo, Joe?”

“Não, meu velho. Mas só posso pensar que eles eram o que eu chamaria de audaciosos – e estou falando desses cães brigando pelas costeletas de vitela – e lhe dou um conselho bem-intencionado e sincero, Pip: tire-os da cabeça, quando for para a cama. Isso é tudo, meu velho amigo, e nunca mais faça isso.”

Quando subi para o meu quartinho e fiz minhas orações, não me esqueci da recomendação de Joe; no entanto, minha mente jovem estava em tal estado de agitação que, muito tempo após ter me deitado, eu ainda pensava em como Estella consideraria Joe uma pessoa vulgar, sendo um simples ferreiro; e o quanto acharia suas botas grosseiras e suas mãos ásperas. Pensava que Joe e minha irmã estavam agora sentados na cozinha, como era seu hábito, e que eu mesmo tinha saído da cozinha para vir me deitar; que Miss Havisham e Estella jamais sentavam na cozinha, e que estavam muito acima dessas ações comuns. Adormeci pensando no que eu “costumava fazer” quando estava na casa de Miss Havisham, como se eu tivesse passado semanas ou meses lá, em vez de horas; e como se fosse uma antiga lembrança, em vez de uma coisa acontecida naquele mesmo dia.

Aquele foi um dia memorável para mim, pois provocou grandes mudanças em minha vida. Mas acontece o mesmo com a vida de qualquer um. Imagine escolher um dia específico, e pensar em como ele poderia ter sido diferente. Pare um pouco, leitor, e pense por um momento na longa corrente de ferro ou de ouro, de espinhos ou de flores, que nunca o teria tocado, se, em certo dia memorável, o primeiro elo não se tivesse formado.

CAPÍTULO X

Um ou dois dias depois, ao acordar de manhã, me ocorreu a feliz ideia de que o melhor caminho para deixar de ser uma pessoa vulgar era tirar de Biddy tudo o que ela soubesse. Pondo em prática essa brilhante ideia, mencionei a Biddy certa noite, quando fui à casa da tia-avó de Mr. Wopsle, que eu tinha uma razão particular para desejar melhorar na vida, e que ficaria muito grato se ela me ensinasse tudo o que sabia. Biddy, que era a mais amável das meninas, imediatamente disse que sim, e, cinco minutos depois, já tinha começado a cumprir sua promessa.

O sistema educacional adotado pela tia-avó de Mr. Wopsle pode ser resumido no esquema a seguir. Os alunos comiam maçãs e colocavam punhados de palha nas costas uns dos outros, até que a tia-avó de Mr. Wopsle reunia todas as suas energias e se lançava cambaleando sobre eles, munida de uma vara de bétula. Depois de receber o castigo com todas as marcas de escárnio possíveis, os alunos faziam fila e cochichavam, passando de mão em mão um livro todo rasgado. O livro continha, quer dizer, um dia havia contido, um alfabeto, alguns números e tabelas, e uma pequena ortografia. Assim que esse volume começava a circular, a tia-avó de Mr. Wopsle entrava em uma espécie de estado de coma, proveniente do sono ou de um ataque de reumatismo. Os alunos começavam então uma competição uns com os outros a respeito de botas, com o objetivo de averiguar quem podia bater mais forte com os pés. Esse exercício mental durava até que Biddy aparecesse e distribuísse três Bíblias deterioradas (como se tivessem sido desajeitadamente cortadas com a ponta de algum objeto rombudo), mais ilegíveis e mal impressas que qualquer curiosidade literária com que eu tenha me deparado desde então, manchadas de bolor por toda parte, e contendo, esmagados entre as folhas, espécimes variados de todos os insetos do mundo. Essa parte da aula em geral era alegrada por alguns combates individuais entre Biddy e os estudantes refratários. Quando as brigas terminavam, Biddy dava o número de uma página, e então todos nós líamos em voz alta do jeito que podíamos – ou não podíamos – formando um coro assustador; Biddy conduzia a leitura em uma voz alta, estridente e monótona, e nenhum de nós tinha a menor noção do que estava lendo, ou reverência pela leitura. Quando essa barulheira infernal já durava certo tempo, automaticamente despertava a tia-avó de Mr. Wopsle, e ela saía cambaleando até um menino qualquer e puxava-lhe as

orelhas. Isso era entendido como um sinal de que a aula havia terminado por aquela noite, e nós emergíamos ao ar livre com gritos agudos de triunfo intelectual. É justo observar que não havia qualquer proibição de algum aluno entreter-se escrevendo na lousa, ou até mesmo no papel, quando havia tinta. Não era nada fácil, porém, dedicar-se a esse tipo de estudo no inverno, porque a pequena loja na qual eram ministradas as aulas – e que também servia de sala de estar e dormitório para a tia-avó de Mr. Wopsle – era muito mal iluminada por uma melancólica vela de cera.

Eu tinha a impressão de que levaria um bocado de tempo para que eu deixasse de ser vulgar, dadas as circunstâncias. Apesar disso, resolvi tentar, e naquela mesma noite Biddy começou a cumprir o nosso acordo, dando-me algumas informações do seu pequeno catálogo de preços, sob a rubrica de açúcar, e me emprestando, para copiar em casa, um grande e antigo D, que ela tinha copiado do título de algum jornal, e que, até que ela me contasse o que era, eu imaginei ser o desenho de uma fivela.

É claro que havia uma taberna na aldeia, e Joe às vezes gostava de ir até lá, para fumar seu cachimbo. Eu tinha recebido ordens rigorosas da minha irmã para buscá-lo no “Três Barqueiros Alegres” naquela noite, quando voltasse da escola, e trazê-lo para casa por minha própria conta e risco. Foi ao “Três Barqueiros Alegres”, portanto, que me dirigi.

Junto ao balcão do “Três Barqueiros Alegres” havia uma lista longa e alarmantes de contas, escritas a giz na parede ao lado da porta, e que me pareciam nunca ter sido pagas. Elas estavam lá desde que eu podia me lembrar, e tinham crescido mais do que eu. Mas havia uma grande quantidade de giz em nosso país, e talvez as pessoas não quisessem perder nenhuma oportunidade de utilizá-lo para escrever contas.

Como era sábado à noite, encontrei o proprietário olhando para esses registros com um ar bastante irritado; mas, como meu assunto era com Joe e não com ele, apenas lhe desejei boa noite e entrei na sala comum ao final do corredor, onde havia um fogo alto e brilhante, e onde Joe estava fumando seu cachimbo em companhia de Mr. Wopsle e de um estranho. Joe me cumprimentou como sempre, dizendo “Olá, Pip, meu velho amigo!” e no momento em que disse isso, o estranho virou a cabeça e olhou para mim.

Era um homem de aspecto misterioso, a quem eu nunca tinha visto antes. Sua cabeça estava inclinada para o lado, e um dos seus olhos estava meio fechado, como se ele estivesse apontando para alguma coisa com uma

arma invisível. Tinha um cachimbo na boca, e o retirou; depois de soprar lentamente a fumaça, sem deixar de me olhar duramente o tempo inteiro, acenou com a cabeça. Assim, acenei com a cabeça de volta, e então ele acenou de novo, e abriu espaço no banco ao seu lado para que eu me sentasse.

Mas, como eu costumava sentar ao lado de Joe sempre que entrava naquele lugar, eu disse, “Não, obrigado, senhor”, e sentei no espaço que Joe abrira para mim no lado oposto do banco. O estranho, depois de olhar para Joe e ver que sua atenção estava ocupada com outra coisa, me acenou com a cabeça de novo quando tomei meu lugar, e então esfregou a perna – de um modo muito estranho, ou assim me pareceu.

“O senhor estava me dizendo”, disse o estranho, virando-se para Joe, “que é ferreiro.”

“Sim, eu disse” respondeu Joe.

“O que gostaria de beber, Mr. ...? A propósito, o senhor não mencionou seu nome.”

Joe mencionou-o então, e o estranho chamou-o pelo nome. “O que gostaria de beber, Mr. Gargery? Por minha conta? Para brindarmos?”

“Bem”, disse Joe, “para lhe dizer a verdade, não tenho o hábito de beber à custa de qualquer um a não ser eu mesmo.”

“Hábito? Claro que não”, respondeu o estranho, “mas uma vez ou outra não faz mal, ainda mais em uma noite de sábado. Vamos! Só diga o que gostaria, Mr. Gargery.”

“Bem, não quero ser uma companhia desagradável”, disse Joe. “Rum, então.”

“Que seja rum”, repetiu o estranho. “E o outro cavalheiro, também vai se pronunciar?”

“Rum”, disse Mr. Wopsle.

“Três copos de rum!”, gritou o estranho, chamando o proprietário. “Copos cheios!”

“Este outro cavalheiro”, observou Joe, como meio de apresentar Mr. Wopsle, “é um cavalheiro a quem o senhor gostaria de conhecer. É o nosso sacristão.”

“Ah!”, disse o estranho, depressa, erguendo o olho para mim. “A igreja solitária, lá fora nos pântanos, com sepulturas ao redor!”

“Essa mesma”, disse Joe.

O estranho, com um tipo de murmúrio de satisfação ao fumar seu cachimbo, pôs as pernas sobre o banco que ele ocupava sozinho. Usava um chapéu de viajante de aba larga, e por baixo um lenço amarrado ao redor da cabeça, como se fosse um barrete, de forma que não se via o seu cabelo. Quando ele olhou para o fogo, pensei ter visto no seu rosto uma expressão astuciosa, seguida de um leve sorriso.

"Não conheço bem o seu país, cavalheiros, mas lá perto do rio me parece um lugar bem solitário."

"A maioria dos pântanos é solitária", disse Joe.

"Sem dúvida, sem dúvida. Vocês costumam encontrar ciganos, agora, ou mendigos, ou vagabundos de qualquer tipo lá nos pântanos?"

"Não", disse Joe; "só algum condenado foragido de vez em quando. E não são fáceis de encontrar. Não é, Mr. Wopsle?"

Mr. Wopsle assentiu, com uma recordação majestosa de sua antiga derrota; mas não o fez de bom grado.

"Parece que vocês andaram perseguindo alguns?" perguntou o estranho.

"Uma vez", disse Joe. "Não que a gente quisemos pegá-los, entende? Fomos só como curiosos; eu, Mr. Wopsle e Pip. Não foi, Pip?"

"Sim, Joe."

O estranho me olhou de novo – ainda erguendo o olho entreaberto, como se estivesse apontando direto para mim com sua arma invisível – e disse, "É um belo pinguinho de gente, esse menino. Como é que o senhor o chama mesmo?"

"Pip", disse Joe.

"O nome de batismo dele é Pip?"

"Não, o nome de batismo não."

"Sobrenome, então?"

"Não", disse Joe, "é um tipo de sobrenome que ele mesmo se deu quando era criança, e é chamado assim."

"Seu filho?"

"Bem", disse Joe, refletindo, não que fosse necessário refletir sobre isso, é claro, mas porque era o modo, nos "Três Barqueiros Alegres", de parecer considerar profundamente qualquer coisa que fosse dita enquanto se fumava um cachimbo. "Bem... não. Não é."

"Seu sobrinho?", disse o estranho.

“Bem”, disse Joe, com a mesma expressão de profunda reflexão, “também não é... Não quero enganar o senhor, mas... ele não é meu sobrinho.”

“Então que diabos ele é seu?”, perguntou o estranho, de um modo que me pareceu pecar por um vigor desnecessário.

Neste ponto, Mr. Wopsle interveio, como alguém que sabe tudo sobre relações de parentesco, visto que sua profissão lhe propiciava saber de cor até que grau de parentesco um homem era impedido de se casar com uma mulher; e explicou o relacionamento entre Joe e eu. Já que estava com a mão na massa, Mr. Wopsle terminou citando uma passagem terrível e emaranhada de Ricardo III, e parecia acreditar que tinha dito tudo que se fazia necessário dizer sobre o assunto, quando acrescentou, “...como diz o poeta.”

Aqui, devo observar que ao se referir a mim Mr. Wopsle achava necessário despentear meus cabelos, e jogá-los nos meus olhos. Não consigo entender por que todo mundo da mesma posição dele que visitava a nossa casa, sempre me submetia ao mesmo processo desagradável, em circunstâncias semelhantes. Mesmo assim, não me lembro de jamais ter sido, na minha primeira infância, assunto para conversa em nosso círculo social familiar; mas algumas pessoas de mãos grandes às vezes tomavam essas atitudes oftálmicas para mostrar paternalismo em relação a mim.

Durante todo esse tempo, o estranho não olhou para ninguém, só para mim; e me olhava como se estivesse determinado a me dar um tiro, afinal, e me derrubar. Mas ele não disse mais nada depois da sua observação do que diabos, até que trouxessem os copos com o grogue de rum; então ele deu o seu tiro, e foi um tiro realmente extraordinário.

Não foi uma observação verbal, mas uma pantomima muda, e era expressamente endereçada a mim. Ele mexeu o seu grogue de rum sugestivamente, e o provou sugestivamente, sem tirar os olhos de mim. Mexeu e provou a bebida, não com a colher que lhe foi trazida, mas com uma lixa.

Fez isso de forma que ninguém além de mim visse a lixa; depois a secou e pôs no bolso do casaco. Eu sabia que era a lixa de Joe, e sabia que ele conhecia o meu condenado, no momento em que vi o instrumento. Fiquei olhando para ele, fascinado. Mas o estranho agora se reclinava no banco, fazendo pouco caso da minha presença, e começou uma longa conversa sobre nabos.

Nas noites de sábado, havia em nossa aldeia um senso delicioso de purificação e tranquilidade antes que a vida seguisse, e por isso Joe ousava ficar fora meia hora a mais no sábado do que nos outros dias. Ao acabar a meia hora e o grogue de rum ao mesmo tempo, Joe se levantou para ir e me pegou pela mão.

"Espere um instante, Mr. Gargery", disse o estranho. "Acho que tenho uma moedinha de um xelim bem nova e brilhante em algum lugar aqui no meu bolso, e se eu tiver, será do menino."

E ele desencavou-a do meio de um punhado de moedinhas de pouco valor, embrulhou-a em um pedaço de papel amassado e entregou-me. "É para você!" disse ele. "Lembre-se! Só para você."

Eu lhe agradeci, encarando-o além do que mandavam as boas maneiras, agarrado à mão de Joe. Ele deu boa noite a Joe e também a Mr. Wopsle (que saiu conosco), e me deu só um olhar com aquele olho que fazia mira – não, não foi um olhar, pois ele o fechou, mas podem se fazer maravilhas apenas piscando um olho.

No caminho para casa, se eu estivesse em um humor propício a falar, a conversa teria ficado relegada à minha pessoa, pois Mr. Wopsle despediu-se de nós na porta do "Três Barqueiros", e Joe andou todo o caminho com a boca bem aberta, tentando aspirar a maior quantidade de ar possível para espantar os efeitos do rum. Mas eu estava estupefato por esse ressurgimento do meu antigo crime e do meu velho conhecido, e não conseguia pensar em nada mais.

Minha irmã não estava em um temperamento muito ruim quando nos apresentamos na cozinha, e Joe foi encorajado por essa circunstância incomum a lhe falar sobre o xelim brilhante. "Deve ser falso, posso garantir", disse Mrs. Joe em tom de triunfo, "ou ele não o teria dado ao menino! Vamos dar uma olhada."

Tirei a moeda do papel, e descobriu-se que era verdadeira. "Mas o que é isso?" disse Mrs. Joe, deixando cair o xelim no chão e pegando o papel. "Duas notas de uma libra?"

De fato, não era nada menos que duas gordas notas de uma libra cada, que pareciam ter estado na mais estreita intimidade com todos os mercados de gado do condado. Joe pegou de novo o chapéu e correu de volta ao "Três Barqueiros", para devolvê-las ao seu dono. Enquanto ele estava fora, sentei no meu banco de sempre, olhando de modo vago para minha irmã, pois tinha

plena certeza de que o homem não estaria lá.

Joe voltou em seguida, dizendo que o homem já tinha ido, mas que ele, Joe, tinha deixado um recado no “Três Barqueiros Alegres” a respeito das notas. Então minha irmã embrulhou-as em um pedaço de papel e as pôs dentro de uma chaleira de chá com folhas de rosa secas, que servia de enfeite no alto de um armário da sala de visitas. E lá elas permaneceram, como um pesadelo para mim, por muitos e muitos dias e noites.

Não consegui pegar no sono quando fui para a cama, pensando no estranho apontando para mim com sua arma invisível, e em como era uma coisa censurável, grosseira e vulgar conspirar secretamente com condenados – uma característica da minha carreira da qual eu não tinha me lembrado até então. Também estava assombrado com a lixa. Fui possuído pelo medo de que ela reaparecesse quando eu menos esperasse. Convenci-me a dormir pensando no encontro com Miss Havisham, na quarta-feira seguinte; e enquanto dormia, vi a lixa sair de uma porta e vir na minha direção, sem que eu visse quem a segurava, e acordei gritando.

CAPÍTULO XI

No dia marcado, voltei à casa de Miss Havisham; apertei a campainha do portão de modo hesitante, e Estella apareceu. Ela o trancou depois de me deixar entrar, como havia feito antes, e de novo me precedeu no corredor escuro onde estava a vela. Ela não prestou a menor atenção em mim até que pegou a vela, quando olhou por cima do ombro, dizendo de maneira arrogante, “Hoje você vai vir por aqui”, e me levou para uma parte da casa totalmente diferente.

Era um corredor muito comprido, e parecia atravessar todo o quadrado formado pelo porão da Manor House. Nós atravessamos só um lado do quadrado, porém, ao fim do qual ela parou, largou a vela no chão e abriu uma porta. Aqui a luz do dia reapareceu, e eu me encontrei em um pequeno pátio pavimentado; do lado oposto havia uma casa separada, que parecia ter pertencido antigamente ao gerente ou ao empregado principal da extinta cervejaria. Havia um relógio na parede externa dessa casa. Como o relógio no quarto de Miss Havisham, e o outro sobre o toucador, este também estava parado às vinte para as nove.

Entramos pela porta, que estava aberta, em um quarto escuro e de teto baixo, nos fundos do andar térreo. Havia algumas pessoas no quarto, e Estella se juntou a elas, dizendo-me, “Você deve esperar lá, menino, até que o chamem.” O “lá” a que ela se referia era a janela, então atravessei e fiquei parado “lá”, em um estado de espírito muito desconfortável, e olhando ao redor.

A janela abria-se para o canto mais miserável do jardim mal cuidado, onde havia uma fileira de velhos talos de repolho, e um buxo que, há muito tempo, tinha sido cortado de forma redonda, como um pudim, e tinha uma nova folhagem crescendo no topo, fora da forma original e de cor diferente, como se aquela parte do pudim tivesse aderido à panela e queimado. Este foi o meu pensamento singelo, quando olhei para o buxo. Tinha nevado um pouco durante a noite, mas não havia mais neve em parte alguma, que eu soubesse; mas lá ela ainda não havia derretido, à sombra fria desse canto do jardim, e o vento a soprava em pequenos flocos e os lançava contra a janela, como se me jogasse pedras por ter ido lá.

Eu percebera que a minha chegada havia parado a conversação, e que os outros ocupantes da peça estavam olhando para mim. Eu não podia ver

nada do quarto, exceto o brilho do fogo no vidro da janela, mas minhas juntas todas se enrijeceram, com a consciência de que eu estava sob rigorosa inspeção.

Havia no quarto três senhoras e um cavalheiro. Eu não tinha passado nem cinco minutos na janela, quando eles, de alguma forma, me fizeram saber que eram todos bajuladores e trapaceiros; mas cada um fingia não saber que os outros eram bajuladores e trapaceiros, pois admitir que soubessem disso seria admitir que possuíssem os mesmos defeitos.

Todos eles tinham um ar desatento e triste, de quem espera o prazer de outrem, e a dama mais falante se expressava com rigidez, na ânsia de reprimir um bocejo. Esta senhora, que se chamava Camilla, me lembrava muito minha irmã, com a diferença de que era mais velha, e seu rosto (como me pareceu à primeira vista) tinha os traços mais grosseiros. Na verdade, quando vim a conhecê-la melhor, comecei a pensar que era uma graça divina que ela tivesse um traço que fosse, de tal forma era pálido e alto o muro inanimado do seu rosto.

“Pobre alma querida!”, disse essa senhora, com uma brusquidão de maneiras muito semelhante à da minha irmã. “Ele não tem outro inimigo a não ser ele próprio!”

“Seria muito mais recomendável ser o inimigo de alguém”, disse o cavalheiro; “bem mais natural.”

“Primo Raymond”, observou outra senhora, “devemos amar o nosso próximo.”

“Sarah Pocket”, respondeu o primo Raymond, “se um homem não é seu próprio próximo, o que será então?”

Miss Pocket riu. Camilla riu também, e disse (reprimindo um bocejo), “Que ideia!” Mas tive a impressão que eles pareciam achar a ideia muito boa. A outra dama, que ainda não tinha falado, disse de modo sério e enfático, “É bem verdade!”

“Pobre alma!” Camilla continuou, (eu sabia que todos eles me olhavam, naquele momento), “ele é tão estranho! Alguém acreditaria que quando a esposa de Tom morreu, ele realmente não pôde ver a importância das crianças usarem luto fechado? ‘Deus do céu!’, disse ele, ‘Camilla, de que serve essas pobres criaturinhas órfãs se vestirem de preto?’ Igual ao Matthew! Que ideia!”

“Ele até tem qualidades, tem qualidades”, disse o primo Raymond;

“que o céu não permita que eu negue as qualidades dele; mas ele nunca teve, e nunca terá, qualquer senso de decoro.”

“Você sabe como eu fui obrigada a ser firme”, disse Camilla. Eu lhe disse, ‘É preciso que seja assim, pela honra da família.’ Disse-lhe que, sem o luto fechado, a família estaria desonrada. Passei falando nisso do café da manhã até o jantar, até prejudiquei minha digestão. E afinal ele ficou furioso, e gritou daquele seu modo agressivo, “Faça como quiser, então!’ Graças ao bom Deus, sempre me servirá de consolo lembrar que saí imediatamente, apesar da chuva torrencial, e comprei as coisas necessárias para o luto.”

“Mas ele pagou por tudo, não pagou?”, perguntou Estella.

“Não é a questão, minha querida criança, saber quem pagou por elas”, Camilla respondeu. “Fui eu quem as comprou. E muitas vezes penso nisso como um consolo, quando acordo à noite.”

O som de um sino distante, misturado com o eco de um grito ou chamado no corredor pelo qual eu tinha vindo, interrompeu a conversação, e fez Estella dizer para mim, “Vamos, menino!” Quando me virei, todos eles me olharam com extremo desprezo, e, ao sair, ouvi Sarah Pocket dizer, “Bem, com certeza! E então?” E Camilla acrescentou, indignada, “Onde já se viu uma coisa dessas? Que i-de-ia!”

Enquanto avançávamos com nossa vela ao longo do corredor escuro, Estella parou de repente, e, olhando em volta, disse no seu modo sarcástico, com o rosto muito perto do meu:

“E então?”

“E então, senhorita?”, respondi, recuando, quase caindo em cima dela.

Ela ficou me olhando, e, é claro, eu fiquei olhando para ela.

“Sou bonita?”

“Sim; eu acho que é muito bonita.”

“Sou orgulhosa?”

“Não tanto quanto foi da última vez”, disse eu.

“Não tanto?”

“Não.”

Ela estava inflamada, quando fez a última pergunta, e esbofeteou meu rosto com toda força quando respondi.

“E agora?” disse ela. “O que você pensa de mim agora, seu monstrinho grosseiro?”

“Não vou lhe contar.”

“Porque vai contar lá em cima. É isso?”

“Não”, disse eu, “não é isso.”

“Por que não chora de novo, seu pequeno miserável?”

“Porque nunca mais vou chorar por você”, disse eu. O que era a declaração mais falsa que já havia sido feita, suponho, pois então eu já estava chorando por dentro por causa dela, e Deus sabe a dor que ela me causou mais tarde.

Seguimos nosso caminho para o andar de cima, depois desse episódio; e, ao subir, encontramos um cavalheiro que descia tateando.

“Quem está aí?”, perguntou o cavalheiro, parando e olhando para mim.

“Um menino”, disse Estella.

Era um homem forte, com o semblante extremamente escuro, uma cabeça muito grande, e mãos também muito grandes. Ele pegou meu queixo com a mão enorme, e ergueu meu rosto para me ver à luz da vela. Era prematuramente calvo, e tinha um par de sobrancelhas negras cerradas, que pareciam bem eriçadas. Tinha os olhos fundos, e uma expressão desagradavelmente penetrante e desconfiada. Usava uma corrente de relógio comprida, e no rosto havia grandes pontos negros, onde deveriam estar sua barba e suíças, se ele as tivesse deixado crescer. Não significava nada para mim, e eu jamais poderia prever então que um dia viria a significar, mas por sorte tive a oportunidade de observá-lo bem.

“Menino da vizinhança, então? disse ele.

“Sim, senhor”, respondi.

“E por que vem aqui?”

“Miss Havisham me chamou, senhor”, eu expliquei.

“Bem! Trate de comportar-se. Tenho muita experiência com meninos, e são um bando bem difícil. Lembre-se!”, disse ele, mordendo seu grande dedo indicador e franzindo o cenho, “comporte-se bem, heim?”

Com essas palavras, ele me largou – o que me deixou bem contente, pois sua mão cheirava a sabão – e continuou descendo a escada. Fiquei imaginando se ele poderia ser um médico; mas não, pensei, ele não podia ser um médico, senão suas maneiras seriam mais calmas e persuasivas. Não havia muito tempo para pensar no assunto, pois logo nos achamos no quarto de Miss Havisham, onde ela e tudo o mais estavam da mesma maneira que eu os havia deixado. Estella me deixou parado perto da porta, e fiquei ali até que

Miss Havisham lançou seus olhos sobre mim do toucador.

"Então!", disse ela, sem parecer assustada ou surpresa, "os dias se passaram, não é?"

"Sim, senhora. Hoje é..."

"Não, não...!", fez ela, com seu movimento impaciente dos dedos. "Eu não quero saber. Você está pronto para brincar?"

Fui obrigado a responder, um tanto confuso, "Acho que não estou, senhora."

"Nem para jogar cartas de novo?" ela exigiu, com um olhar penetrante.

"Sim, senhora; eu posso fazer isso, se for preciso."

"Já que esta casa lhe parece velha e triste, menino", disse Miss Havisham, com impaciência, "e você não quer brincar, está disposto a trabalhar?"

Eu podia responder a esta pergunta com mais boa vontade do que à outra, e disse que estava bastante disposto a trabalhar.

"Então entre naquele quarto do outro lado", disse ela, apontando para a porta atrás de mim com sua mão enrugada, "e espere lá até que eu chegue."

Cruzei o patamar da escada e entrei no quarto que ela indicou. Neste quarto, também, a luz do dia fora excluída, e havia um cheiro abafado que era opressivo. Um fogo recém tinha sido aceso na grelha antiquada e úmida, mas estava mais disposto a se apagar do que a queimar, e a fumaça relutante que pairava no quarto era mais fria do que o ar puro – parecida com a névoa dos nossos pântanos. Alguns tocos de velas sobre o apoio da enorme lareira iluminavam fracamente a peça; ou, seria melhor dizer, mal espantavam a escuridão. Era um quarto espaçoso, e ouso dizer que um dia tinha sido bonito, mas todas as coisas que se podia enxergar estavam cobertas de pó e mofo, e caindo aos pedaços. A peça que mais se destacava era uma mesa longa, coberta por uma toalha, como se um banquete estivesse em preparação quando a casa e os relógios pararam todos ao mesmo tempo. Um prato grande, ou centro de mesa de algum tipo, ocupava o centro da mesa, e estava de tal forma coberto de teias de aranha, que mal se podia distinguir sua forma. Olhando ao longo da toalha amarelada, para onde a teia parecia ter se expandido, como um imenso cogumelo negro, vi aranhas de pernas arqueadas e corpos manchados entrando e saindo dali. Parecia que alguma circunstância pública da maior importância acabara de acontecer na comunidade aracnídea.

Também ouvi os ratos, correndo e fazendo barulho atrás dos painéis de madeira, como se a mesma circunstância fosse importante para os seus interesses. Mas os besouros pretos não tomavam conhecimento da agitação, e avançavam tateando pelo chão, como se fossem idosos e pesados, míopes e surdos, e não estivessem em bons termos uns com os outros.

Essas criaturas rastejantes haviam fascinado minha atenção, e eu as observava à distância, quando Miss Havisham pôs uma das mãos no meu ombro. Na outra mão ela tinha uma bengala, e se apoiava sobre o castão, parecendo a bruxa do lugar.

“Isto”, disse ela, apontando para a mesa com a bengala, “é onde vou ser exposta depois que morrer. É aqui que as pessoas virão me ver.”

Senti um vago temor de que ela fosse se estender na mesa ali mesmo, e morrer em seguida, o que seria a completa realização da horrível figura de cera da Exposição, e tremi sob seu toque.

“O que você acha que é aquilo?” ela me perguntou, apontando de novo com a bengala; “aquilo ali, onde estão as teias de aranha?”

“Não consigo adivinhar, senhora.”

“É um bolo de noiva. Um grande bolo de noiva... o meu!”

Ela olhou em volta do quarto com um olhar penetrante, e então disse, apoiando-se em mim, a mão se contraindo sobre o meu ombro, “Vamos, vamos, vamos! Caminhe comigo, caminhe comigo!”

Entendi disso que o meu trabalho seria levar Miss Havisham para dar voltas em torno do quarto. Por conseguinte, comecei de imediato, ela apoiada em meu ombro, e nós seguimos adiante em um passo que poderia passar por uma imitação (baseado no meu primeiro impulso sob aquele teto) da charrete de Mr. Pumblechook.

Ela não era muito forte, e em pouco tempo disse, “Mais devagar!” Assim, seguimos a uma velocidade moderada e impaciente e, enquanto andávamos, ela movimentava a mão sobre o meu ombro e mexia a boca, o que me levou a acreditar que íamos rápido, porque seus pensamentos eram rápidos. Depois de um tempo ela disse, “Chame Estella!” e eu saí para o patamar e gritei aquele nome, como tinha feito na primeira vez. Quando a luz apareceu, voltei para o lado de Miss Havisham, e começamos de novo a dar voltas e voltas em torno do quarto.

Se apenas Estella tivesse vindo assistir às nossas atividades, eu já teria ficado bastante descontente; mas como ela trouxe consigo as três senhoras e o

cavalheiro que eu tinha visto lá embaixo, eu não sabia o que fazer. Por cortesia, eu teria parado; mas Miss Havisham mexeu a mão sobre o meu ombro e nós seguimos naquele andar para cima e para baixo. Da minha parte, eu exibia uma expressão envergonhada à ideia de que pensassem que era tudo obra minha.

"Querida Miss Havisham", disse Miss Sarah Pocket, "você está muito bem!"

"Não estou", respondeu Miss Havisham. "Estou amarelada, sou só pele e ossos."

Camilla se iluminou ao ver Miss Pocket ser contrariada; e murmurou, enquanto contemplava Miss Havisham com ar de pena, "Pobre alma querida! Certamente não se espera que pareça bem, coitada. Que ideia!"

"E você, como vai?", disse Miss Havisham para Camilla. Como estávamos perto de Camilla, eu teria parado como seria o costume, só que Miss Havisham não quis parar. Continuamos, portanto, e senti que desagradara muitíssimo a Camilla.

"Obrigada, Miss Havisham", ela respondeu, "estou tão bem quanto seria de se esperar."

"Por que, qual é o problema com você?", perguntou Miss Havisham, com extrema vivacidade.

"Nada que valha a pena ser mencionado", respondeu Camilla. "Não desejo exibir meus sentimentos, mas pensei mais em você durante a noite do que desejaria."

"Então não pense em mim", retrucou Miss Havisham.

"É mais fácil dizer do que fazer!", observou Camilla amavelmente, reprimindo um soluço, enquanto seu lábio superior tremia e as lágrimas lhe escorriam pelo rosto. "Raymond é testemunha de quanto gengibre e sais aromáticos sou obrigada a tomar à noite. Raymond é testemunha dos tremores nervosos que tenho nas pernas. Mas sufocação e tremores não são nada para mim, quando penso com ansiedade naqueles que eu amo... Se eu pudesse ser menos afetuosa e sensível, teria uma digestão melhor e nervos de aço. Gostaria muito que fosse assim. Quanto a não pensar em você à noite... Que ideia!" E aqui, ela desatou a chorar de novo.

Eu entendi que o referido Raymond era o cavalheiro presente, e também entendi que se tratava de Mr. Camilla. Ele veio em socorro da esposa neste momento, e disse em uma voz gentil e consoladora, "Camilla, minha

querida, todos sabem que seus sentimentos familiares estão arruinando aos poucos a sua saúde, a ponto de tornar uma de suas pernas mais curta do que a outra."

"Eu não sabia", observou a senhora circunspecta cuja voz eu só tinha ouvido uma vez, "que pensar em uma pessoa é possuir direitos sobre essa pessoa, minha querida."

Miss Sarah Pocket, que eu via agora tratar-se de uma mulher velha, seca, de tez marrom e enrugada, com um rosto pequeno que parecia uma casca de noz, e uma boca grande como a de um gato sem bigodes, apoiou esta posição dizendo, "Não, realmente, minha querida. Hum!"

"Pensar é bem fácil", disse a senhora circunspecta.

"O que pode ser mais fácil?", assentiu Miss Sarah Pocket.

"Oh, sim, sim!", exclamou Camilla, cujos sentimentos em fermentação pareciam subir de suas pernas para o coração. "Tudo isso é muito verdadeiro! É uma fraqueza minha ser tão afetuosa, mas não posso evitar. Sem dúvida, minha saúde seria muito melhor se fosse de outro modo, mesmo assim eu não mudaria minha natureza, se pudesse. É causa de muito sofrimento, mas é um consolo saber que a possuo, quando acordo à noite." E aqui, outra explosão de sentimento.

Miss Havisham e eu não paramos de andar um só momento durante esse tempo, mas continuamos dando voltas e mais voltas em torno do quarto; ora esbarrando nas roupas das visitas, ora deixando entre nós e eles todo o comprimento do quarto escuro.

"Veja só o Matthew!", disse Camilla. "Nunca se importa com suas relações familiares, nunca vem aqui para saber como Miss Havisham está passando! Acabei presa ao sofá pelo corpete, e fiquei lá durante horas, insensível, com a cabeça tombada de lado, os cabelos soltos, e meus pés nem sei aonde..."

"Bem mais altos que a sua cabeça, meu amor", disse Mr. Camilla.

"Fiquei naquele estado por horas e horas, em razão da conduta estranha e inexplicável de Matthew, e ninguém sequer me agradeceu."

"Realmente, devo dizer que isso não me espanta!", interpôs a senhora circunspecta.

"Veja, minha querida", acrescentou Miss Sarah Pocket (uma personagem cruelmente doce), "a questão é: quem você espera que lhe agradeça, meu amor?"

“Sem esperar qualquer agradecimento ou coisa do tipo”, retomou Camilla, “permaneci naquele estado por horas e horas, e Raymond é testemunha do quanto sufoquei, e da ineficácia total do gengibre, ao ponto de ser ouvida na casa do afiador de piano do outro lado da rua, onde as pobres crianças, enganadas, acreditaram até que se tratasse de pombos arrulhando à distância... e agora ouvir as pessoas me dizerem...” E aqui Camilla pôs a mão na garganta, e começou a sentir as novas combinações químicas que se formavam ali.

Quando o nome Matthew foi mencionado, Miss Havisham me fez parar e parou também; ficou de pé olhando para a interlocutora. Esta mudança teve uma grande influência sobre a química de Camilla, que cessou de repente.

“Matthew virá aqui me ver, afinal”, disse Miss Havisham, severamente, “quando eu estiver morta sobre aquela mesa. Lá será o lugar dele...”, batendo na mesa com a bengala, “lá, na cabeceira, junto a mim! E o seu será ali! E seu marido lá! E Sarah Pocket lá! E Georgiana lá! Agora todos vocês já sabem em que lugares deverão ficar quando vierem me festejar pela última vez. E agora, vão!”

Ao mencionar cada nome, ela havia batido na mesa com a bengala em um novo lugar. Miss Havisham disse então, “Ande comigo, ande comigo!” e nós recomeçamos.

“Suponho que não há nada a ser feito”, exclamou Camilla, “senão concordar e sair. Já foi alguma coisa ter visto, mesmo por tempo tão curto, o objeto do meu amor e cuidado. Pensarei nisso com terna satisfação, quando acordar à noite. Gostaria que Matthew pudesse ter esse consolo, mas ele entende isso como um desafio. Estou determinada a não exibir meus sentimentos, mas é muito duro ouvir alguém dizer que se quer festejar a morte de um parente – como se essa pessoa fosse um gigante – e depois ser mandada embora. Que ideia fraca!”

Mr. Camilla interveio, e Mrs. Camilla pôs a mão sobre o peito oprimido, afetando uma fortaleza de caráter que não era natural, e que eu supus ser indicativa de sua intenção de cair sufocada quando estivesse longe dali; ela enviou um beijo com a mão para Miss Havisham, e foi conduzida para fora. Sarah Pocket e Georgiana disputavam para ver quem sairia por último; mas Sarah era muito inteligente para ser ultrapassada, e ficou andando devagar em volta de Georgiana, com aquele seu modo astuto e

escorregadio, até que a última foi obrigada a sair primeiro. Sarah Pocket fez então seu próprio ritual de despedida, dizendo, “Deus a abençoe, querida Miss Havisham!”, com um sorriso de piedade para com as fraquezas dos outros no seu semblante de casca de noz.

Enquanto Estella iluminava o caminho para as visitas descerem, Miss Havisham ainda estava caminhando com a mão em meu ombro, mas cada vez mais devagar. Por fim, ela parou diante do fogo, e disse, depois de olhá-lo e refletir por alguns instantes:

“Hoje é meu aniversário, Pip.”

Eu já ia desejar-lhe muitas felicidades, quando ela ergueu a bengala.

“Eu não tolero que falem nisso. Não aceito que esses que estavam aqui, ou qualquer outra pessoa, fale nisso. Eles vêm me ver nesse dia, mas não ousam mencioná-lo.”

É claro que eu, então, não fiz nenhum esforço adicional para mencioná-lo.

“Em um dia como o de hoje, muito tempo antes de você nascer, esse monte de ruínas”, e ela apontou com a bengala, mas sem tocar, a pilha de teias de aranha sobre a mesa, “foi trazido para cá. Ele e eu nos deterioramos juntos. Os ratos roeram o bolo, e eu mesma fui roída por dentes mais afiados que os dos ratos.”

Ela segurou o castão da bengala contra o peito, enquanto olhava para a mesa. Via seu vestido outrora branco, e agora amarelo e ressecado, a toalha outrora branca, toda amarela e ressecada, e tudo ao redor parecendo que ia desmoronar a um simples toque.

“Quando a ruína estiver completa”, disse ela, com um olhar terrível, “e quando me colocarem morta, no meu vestido de noiva, sobre esta mesa de banquete de noiva... o que será feito, e será minha última maldição... melhor seria se acabasse em um dia como hoje!”

Ela ficou olhando para a mesa, como se estivesse olhando para sua própria figura deitada ali. Eu fiquei em silêncio. Estella retornou, e ela também ficou em silêncio. Pareceu-me que ficamos assim por longo tempo. No ar pesado do quarto, na escuridão que penetrava nos seus cantos mais remotos, eu comecei a ter uma fantasia aterrorizante de que Estella e eu também começaríamos a nos deteriorar naquele momento.

Por fim, Miss Havisham saiu daquele devaneio, não aos pouquinhos, mas de repente, dizendo, “Quero ver os dois jogando cartas; por que ainda

não começaram?” Assim, voltamos ao quarto dela e nos sentamos, como havíamos feito antes; fui vencido, como antes; e, também como antes, Miss Havisham nos observou o tempo todo, chamou minha atenção para a beleza de Estella, e me fez notar ainda mais essa beleza experimentando suas joias no pescoço e nos cabelos da menina.

Estella, por sua vez, tratou-me do mesmo modo que antes, exceto que não se dignou a falar. Depois de termos jogado uma meia dúzia de partidas, foi designado um dia para o meu retorno, e fui levado ao jardim e alimentado igual a um cachorro, como antes. Lá, de novo, fui deixado à vontade para andar por onde quisesse.

Não vem muito ao caso saber se um portão naquele muro do jardim onde eu tinha subido para espiar na última vez estava, nessa ocasião, aberto ou fechado. Basta dizer que não vi nenhum portão antes, e via um agora. Como ele se encontrava aberto, e como eu sabia que Estella tinha deixado as visitas saírem, pois a tinha visto voltar com as chaves na mão – entrei no jardim, e o percorri inteiro. Era um lugar bastante selvagem, com fileiras de melões e de pepinos, entre pedaços de chapéus velhos e botas, que pareciam ter produzido, ao se decompor, uma vegetação espontânea, e, aqui e ali, uma ramificação de ervas daninhas, parecendo uma panela quebrada.

Quando já havia examinado todo o jardim, e também uma estufa sem nada dentro a não ser uma parreira caída e algumas garrafas, encontrei-me no canto escuro que eu tinha visto pela janela. Sem duvidar por um momento que a casa agora estava vazia, olhei para dentro por outra janela, e me vi, para minha grande surpresa, encarando um jovem cavalheiro pálido, com pálpebras vermelhas e cabelos claros.

Esse jovem cavalheiro pálido desapareceu por um instante, e reapareceu ao meu lado. Ele estava ocupado com seus livros quando eu o surpreendera, e vi agora que estava sujo de tinta.

“Olá, meu rapaz!”, disse ele.

Olá é uma expressão geral que, eu havia observado muitas vezes, era melhor respondida por si só. Então eu disse, “Olá!”, educadamente omitindo o “meu rapaz”.

“Quem o deixou entrar?”, disse ele.

“Miss Estella.”

“Quem lhe deu licença para andar por aí?”

“Miss Estella.”

“Venha e lute”, disse o jovem cavalheiro pálido.

O que eu poderia fazer senão segui-lo? Tenho me feito esta pergunta muitas vezes, desde então; mas o que mais eu poderia fazer? Seus modos eram tão decididos, e eu estava tão surpreso, que o segui sem questionar, como se estivesse sob o efeito de algum encanto.

“Pare um instante”, disse ele, virando-se, antes que tivéssemos andado mais que alguns passos. “É preciso que eu lhe dê uma razão para lutar. Aí está!”

Assumindo uma expressão irritada, ele bateu as mãos uma contra a outra, jogou uma das pernas para trás, puxou meu cabelo, bateu as mãos de novo, curvou a cabeça e lançou-se nessa posição contra o meu estômago.

Essa atitude de touro que acabo de mencionar, além de ser, sem sombra de dúvida, um ataque à liberdade individual, era particularmente desagradável para alguém que acabara de comer pão e carne. Então me atirei sobre ele uma vez, e ia me atirar de novo, quando ele disse, “A-há! É isso então?” e começou a dançar para frente e para trás, de um modo que, na minha experiência limitada, não tinha qualquer comparação.

“Regras do jogo!” disse ele. E aqui ele saltou da perna esquerda para a direita. “Estas são as regras normais!” E aqui ele saltou da perna direita para a esquerda. “Venha para o terreno, e passemos às preliminares!” E aqui ele movimentou-se para trás e para frente, e fez todo tipo de coisa, enquanto eu o olhava assustado.

Eu estava secretamente amedrontado, ao vê-lo tão alerta; mas sentia-me convencido, moral e fisicamente, de que ele não tinha o direito de arremessar sua cabeça de cabelos claros contra o meu estômago, e que eu tinha o direito de considerar irreverente o que ele acabara de me impor. Então, eu o segui sem uma palavra para um recanto retirado do jardim, formado pela junção de duas paredes, e escondido por um amontoado de entulho. Ao me perguntar se eu estava satisfeito com o terreno, e ante a minha concordância, ele pediu-me licença por um momento, e logo retornou com uma garrafa de água e uma esponja embebida em vinagre. “É para nós dois”, disse ele, colocando-as contra a parede. E então começou a tirar não só o casaco e o colete, mas a camisa também, de um modo ao mesmo tempo alegre, profissional e sanguinário.

Embora ele não parecesse muito saudável – tinha espinhas no rosto e um corte na boca – esses preparativos terríveis me deixaram intimidado.

Julguei que ele devia ter mais ou menos a minha idade, mas era muito mais alto do que eu, e tinha um modo de girar em volta de mim que era bastante impositivo. No mais, era um jovem cavalheiro em um terno cinza (quando não o despia para lutar), com os cotovelos, joelhos, pulsos e pés consideravelmente mais desenvolvidos do que o resto da sua pessoa.

Meu coração falhou quando eu o vi enquadrando-me com precisão mecânica, e olhando para minha anatomia como se estivesse escolhendo com todo cuidado o osso que mais lhe conviria. Nunca fiquei tão surpreso em minha vida, como quando dei o primeiro golpe e o vi deitado de costas no chão, olhando para mim com o nariz sangrando e o rosto encolhido.

Ele levantou-se de imediato, porém, e depois de esfregar o rosto com uma grande demonstração de agilidade, começou a me enquadrar outra vez. A segunda maior surpresa que já tive em toda minha vida, foi quando o vi novamente de costas no chão, olhando para mim com um olho roxo.

Sua coragem inspirou-me grande respeito. Ele parecia não ter força alguma, jamais me bateu forte, e eu sempre o atirava ao chão; mas ele se levantava em um instante, esfregava o rosto ou bebia da garrafa de água, cuidando de si mesmo com a maior satisfação; depois vinha contra mim com um ar triunfante, fazendo-me crer que desta vez iria afinal me acertar um bom golpe. Ele ficou bem machucado, pois lamento dizer que, a cada vez que eu batia, batia com mais força; mas ele se levantava de novo, e de novo, e de novo, até que afinal teve uma queda pior e bateu com a parte de trás da cabeça contra o muro. Mesmo depois desta crise, ele se levantou e ficou rodando de maneira confusa, sem saber bem onde eu estava; por fim, foi de joelhos até a esponja e atirou-a longe, enquanto ofegava, dizendo, “Isso significa que você ganhou.”

Ele parecia tão corajoso e inocente, que embora não fosse eu quem propôs a luta, minha vitória não me proporcionou senão uma triste satisfação. Realmente, chego ao ponto de achar que eu me via como uma espécie de jovem lobo selvagem, ou outra besta feroz. No entanto, vesti-me, esfregando de modo sombrio meu rosto ensanguentado de vez em quando, e disse “Posso ajudar você?”, e ele disse “Não, obrigado”, e eu disse “Boa tarde”, e ele disse “Para você também.”

Quando voltei ao pátio, encontrei Estella esperando com as chaves; mas ela não me perguntou nem onde eu tinha ido, nem porque a tinha deixado esperando. Havia um brilho em seu rosto, como se tivesse acontecido

algo que a deliciara. Em vez de ir direto para o portão, ela parou no corredor e me fez um sinal.

“Venha cá! Pode beijar-me, se quiser.”

Eu a beijei na face, quando ela a virou para mim. Acho que eu teria feito qualquer coisa para beijá-la. Mas sentia que o beijo fora dado como se dá uma moedinha a um menino vulgar e grosseiro, e que não valia nada.

Com as visitas de aniversário, o jogo de cartas, e a briga, minha visita tinha durado tanto tempo que, quando me aproximei de casa, os últimos raios de sol na faixa de areia dos pântanos brilhavam contra um céu escuro, e o forno de Joe fazia flutuar um longo traço de fogo pela estrada.

CAPÍTULO XII

Fiquei muito inquieto a respeito do jovem cavalheiro pálido. Quanto mais eu pensava na luta, e recordava do jovem cavalheiro pálido caído de costas, o rosto em vários estágios de inchaço e vermelhidão, mais certo me parecia que alguma coisa aconteceria comigo. Sentia que o sangue do jovem cavalheiro recairia sobre a minha cabeça, e que a lei iria vingá-lo. Sem ter nenhuma ideia precisa das penalidades em que eu havia incorrido, estava claro para mim que meninos de aldeia não podiam sair pela região depredando as casas das pessoas bem-nascidas, e batendo na juventude estudiosa da Inglaterra sem atraírem sobre si algum castigo severo. Durante vários dias fiquei encerrado em casa, olhando para a porta da cozinha com a maior precaução e temor antes de sair em alguma incumbência, de medo que os oficiais da prisão municipal se lançassem sobre mim. O nariz do jovem cavalheiro havia manchado minhas calças, e aproveitei o silêncio da noite para lavar essa evidência do meu crime. Eu também havia cortado os dedos contra os dentes do jovem cavalheiro, e torturei minha imaginação para inventar maneiras incríveis de explicar aquela circunstância condenatória quando fosse levado perante os juízes.

Quando chegou o dia de voltar à cena dos meus atos de violência, meus terrores não conheciam limites. Será que os mirmídones[1] da justiça, especialmente os enviados de Londres, estariam me esperando em emboscada atrás do portão? Será que Miss Havisham preferiria vingar-se pessoalmente de uma afronta contra sua casa, levantando-se contra mim naquelas suas roupas de defunta, armada de uma pistola, para estender-me morto no chão? Ou será que meninos mercenários – um bando deles – seria contratado para cair em cima de mim na antiga cervejaria e bater-me até que eu deixasse de existir? Devo dizer que sempre tive inteira confiança no jovem cavalheiro pálido, e que nunca o imaginei mancomunado com essas retaliações; elas sempre me vinham à mente como atos de seus parentes imprudentes, incomodados com o estado do seu rosto, e instigados por uma simpatia indignada por seus traços de família.

De qualquer modo, eu devia ir à casa de Miss Havisham, e para lá eu fui. E o mais estranho! Nem uma palavra sobre a luta recente. Não houve a menor alusão a ela, e nenhum jovem cavalheiro pálido foi encontrado nas dependências da casa. Encontrei o mesmo portão aberto, explorei o mesmo

jardim e até olhei pela mesma janela da casa separada; mas minha visão foi impedida pelas venezianas fechadas, e lá dentro não havia qualquer sinal de vida. Apenas no canto onde o combate tinha acontecido eu podia detectar algum sinal da existência do jovem cavalheiro. Havia rastros do seu sangue coagulado, e eu os cobri dos olhos dos homens com a terra do jardim.

No largo patamar entre o quarto de Miss Havisham e aquele outro quarto onde a longa mesa fora disposta, vi uma cadeira de jardim – uma cadeira leve com rodas, para ser empurrada por trás. Fora colocada ali desde a minha última visita, e a partir daquele dia fui encarregado de empurrar Miss Havisham nessa cadeira ao redor do seu próprio quarto, no patamar da escada e ao redor do outro quarto, regularmente, quando ela se cansava de andar com a mão no meu ombro. Fazíamos essas viagens vezes sem conta, sem parar, às vezes durante três horas seguidas. Menciono essas viagens, de modo insensível, como intermináveis, porque foi imediatamente estabelecido que eu devesse voltar em dias alternados, ao meio-dia, com esse propósito; e porque vou resumir agora um período de pelo menos oito ou dez meses.

À medida que ficamos mais acostumados um com o outro, Miss Havisham falava mais comigo, e me perguntava coisas tais como o que eu tinha aprendido na escola, e o que queria ser no futuro. Eu lhe disse que iria ser aprendiz de Joe, eu acho; acrescentei que não sabia nada e queria aprender tudo, na esperança de que ela pudesse me oferecer alguma ajuda para atingir esse objetivo tão desejado. Mas ela não o fez; pelo contrário, parecia preferir que eu fosse ignorante. Ela jamais me deu dinheiro – ou qualquer coisa além do meu jantar – nem jamais falou em pagar pelos meus serviços.

Estella estava sempre lá, e sempre me fazia entrar e sair, mas nunca mais me disse que eu poderia beijá-la. Às vezes, ela me tolerava friamente; outras vezes, era condescendente comigo; em outras, me tratava com bastante familiaridade; e às vezes dizia de maneira enfática que me odiava. Miss Havisham com frequência me perguntava em um sussurro, ou quando estávamos sós, “Ela não está cada dia mais bonita, Pip?” E quando eu dizia que sim (pois era verdade), ela parecia se regozijar em segredo. Da mesma forma, quando jogávamos cartas, Miss Havisham observava com prazer mesquinho os caprichos de Estella, quaisquer que fossem. E às vezes, quando esses caprichos eram tantos e tão contraditórios que eu ficava confuso, sem saber o que dizer ou fazer, Miss Havisham a abraçava com pródigo afeto, murmurando em seu ouvido algo que para mim soava como “Parta os

corações deles, minha menina, minha alegria e meu orgulho... parta-os... e não tenha piedade!”

Quando estava na ferraria, Joe costumava murmurar fragmentos de uma canção, cujo refrão era Velho Clem[2]. Não era um modo muito cerimonioso de se render homenagem a um santo padroeiro, mas acredito que o Velho Clem não se incomodava muito com os termos usados por seus ferreiros. Era uma canção que imitava o som do martelo batendo sobre o ferro, e era só uma desculpa lírica para a introdução do nome respeitado do Velho Clem. Assim, era preciso bater no outro com um golpe e um som... Velho Clem! Bata, bata... Velho Clem! Um tinido pra cerveja... Velho Clem! Sopre o fogo, sopre o fogo... Velho Clem! Bata mais forte, voe mais alto... Velho Clem! Certo dia, logo depois do aparecimento da cadeira, Miss Havisham me disse de repente, com o movimento impaciente dos dedos, “Vamos, vamos! Cante!”, e fiquei surpreso de murmurar essa cantiga enquanto empurrava a cadeira. Aconteceu de ela tomar gosto pela canção, de tal modo que a cantava em sua voz baixa e meditativa, como se estivesse cantando enquanto dormia. Depois disso, tornou-se nosso habito cantá-la enquanto andávamos à volta do quarto, e Estella com frequência se juntava a nós; mas nosso refrão era tão contido, mesmo quando cantavam os três, que fazíamos menos barulho na velha casa do que o mais leve sopro do vento.

O que eu poderia me tornar, em um ambiente como esse? Como meu caráter poderia deixar de sofrer sua influência? É de se espantar que meus pensamentos, assim como os meus olhos, estivessem ofuscados quando saí daqueles quartos sombrios para a claridade plena do dia?

Talvez eu pudesse ter contado a Joe sobre o jovem cavalheiro pálido, se já não tivesse me metido antes nessas enormes invenções que eu havia confessado. Dadas as circunstâncias, sentia que Joe dificilmente deixaria de considerar o jovem cavalheiro pálido um passageiro apropriado para ser colocado na carruagem de veludo negro; portanto, não disse nada sobre ele. Além disso, aquele temor que me havia acometido no princípio, de que Miss Havisham e Estella estivessem planejando algo, não fez mais que aumentar com o tempo. Eu não confiava em ninguém, a não ser em Biddy; então contei tudo para a pobre Biddy. Por que foi tão natural tomar essa atitude para mim, e por que Biddy se preocupou tanto com o que lhe contei? Naquela época eu não sabia, mas creio que sei agora.

Enquanto isso, aconteciam reuniões de conselho na cozinha de casa,

agravando de modo insuportável os temores que se agitavam em meu pobre espírito exacerbado. Aquele asno do Pumblechook, muitas vezes costumava vir à noite, com o propósito de discutir minhas perspectivas futuras com minha irmã; e eu realmente acredito (com menos arrependimento do que deveria sentir), que se estas mãos pudessem ter tirado os parafusos da roda da sua charrete, o teriam feito com prazer. Esse miserável era um homem de mente tão estreita e limitada, que não podia discutir minhas perspectivas futuras sem que eu estivesse diante dele – como se fizesse alguma diferença – e me arrancava de cima do meu banquinho (em geral pelo colarinho), me tirando do canto onde eu estava bem quietinho para me pôr diante do fogo, como se quisesse me cozinhar. Então, começava dizendo, “Aqui está o menino, senhora! Aqui está esse menino que a senhora criou à mão. Levante essa cabeça, menino, e não deixe nunca de ser grato com aqueles que lhe fizeram esse favor. Agora, senhora, no que diz respeito a esse menino...” Então despenteava meu cabelo – coisa que, como já disse, dentro da minha alma jamais concedi a qualquer criatura o direito de fazer – e me postava diante dele segurando-me pela manga: um espetáculo de imbecilidade que só era igualado pela sua própria pessoa.

Então, ele e minha irmã se juntavam em especulações tão absurdas sobre Miss Havisham, e sobre o que ela faria comigo e por mim, que eu costumava – de maneira muito dolorosa – desatar em lágrimas, desejando voar para cima do Pumblechook e cobri-lo de pancadas. Nesses diálogos, cada vez que minha irmã se dirigia a mim era como se estivesse moralmente arrancando um dos meus dentes; enquanto o próprio Pumblechook, que se autoproclamara meu protetor, observava-me com um olhar depreciativo, como um empreendedor que se visse engajado em um negócio que não lhe traria lucro algum.

Joe não tomava parte alguma nessas discussões. Mas muitas vezes era chamado a falar por Mrs. Joe, pois ela via claramente que ele não estava de acordo que eu deixasse a ferraria. Eu agora já era grande o bastante para ser aprendiz de Joe; e quando ele sentava-se com o atiçador no colo, limpando de maneira pensativa as barras mais baixas da lareira, minha irmã interpretava aquela atitude inocente como oposição da parte dele, e atirava-se em sua direção, tirando-lhe o atiçador das mãos, sacudindo-o, e colocando-o de lado. Havia um final ainda mais irritante para cada um desses debates. De repente, sem nada mais a discutir, minha irmã parava no meio de um bocejo, e me

vendo casualmente, se lançava sobre mim, dizendo, “Vamos! Já estou farta de você! Vá logo para a cama; já deu trabalho demais por uma noite, espero!” Como se eu tivesse lhes pedido, como um favor, que atormentassem a minha existência.

Isso já durava um longo tempo, e parecia que continuaria assim por um longo tempo ainda, se um dia Miss Havisham não tivesse parado bruscamente, enquanto caminhava apoiada em meu ombro, dizendo, com certo desgosto:

“Você está crescendo, Pip!”

Achei melhor dar-lhe a entender, por meio de um olhar pensativo, que isso sem dúvida era ocasionado por circunstâncias sobre as quais eu não tinha controle algum.

Naquele momento, ela não disse mais nada; mas logo parou e olhou de novo para mim; e pouco depois olhou outra vez, parecendo carrancuda e mal-humorada. No dia seguinte, quando nosso exercício habitual terminara e eu a tinha deixado junto ao toucador, ela me chamou com aquele movimento impaciente dos dedos.

“Diga-me outra vez o nome daquele seu ferreiro.”

“Joe Gargery, senhora.”

“É ele o mestre do qual você vai ser aprendiz?”

“Sim, Miss Havisham.”

“É melhor que comece logo a ser aprendiz. Acha que Gargery viria aqui com você, e traria o seu contrato?”

Eu disse que não tinha nenhuma dúvida de que ele se sentiria honrado em vir.

“Então lhe diga que venha.”

“A que horas ele deve vir, Miss Havisham?”

“Ora! Não sei nada sobre horas. Diga-lhe que venha logo, e que venha só com você.”

Quando cheguei em casa à noite e dei o recado para Joe, minha irmã “enlouqueceu” de um modo alarmante, como eu nunca tinha visto antes. Ela perguntou a Joe e a mim se nós pensávamos que ela era um capacho sob os nossos pés, e como ousávamos usá-la dessa maneira, e para companhia de quem nós tínhamos a bondade de achar que ela era adequada? Quando esgotou essa torrente de perguntas, atirou um castiçal na cabeça de Joe, desatou em soluços e pegou a pá de lixo – o que era sempre um mau sinal –

pôs seu avental grosseiro e começou a limpar tudo que via pela frente. Não satisfeita com uma limpeza a seco, pegou o balde e o esfregão e atirou-nos para fora de casa, de modo que acabamos tremendo de frio no pátio dos fundos. Já eram dez horas da noite quanto nos aventuramos a rastejar de volta; ela então perguntou a Joe por que ele não tinha se casado logo com uma escrava negra? Joe não deu resposta, pobre amigo, mas ficou de pé alisando a suíça com um ar abatido, e olhando para mim como se realmente pensasse que talvez tivesse sido uma solução melhor.

[1] Os mirmídones eram um povo lendário, originários do sul da Tessália, cujos guerreiros acompanharam Aquiles durante a Guerra de Tróia; eram famosos por sua lealdade e, por isso, passaram a ser sinônimo de criados fieis.

[2] Referente ao santo padroeiro dos ferreiros, São Clemente I, Papa (35-97 d.C), celebrado em 23 de novembro.

CAPÍTULO XIII

Foi uma provação para os meus sentimentos, dois dias depois, ver Joe vestir-se com seus trajes de domingo para me acompanhar à casa de Miss Havisham. No entanto, como ele julgou necessário vestir a jaqueta para a ocasião, não era eu quem iria dizer-lhe que ficava melhor nos seus trajes de trabalho; especialmente porque eu sabia que ele se deu a esse terrível incômodo só por minha causa, e que era por mim que ele usava um colarinho de camisa tão alto atrás, que levantava seu cabelo para o alto da cabeça como se fosse um tufo de penas.

Durante o café da manhã minha irmã declarou sua intenção de ir conosco para a cidade, e de ficar na casa de Tio Pumblechook para ser chamada quando "tivéssemos terminado com nossas gentis damas" – um modo de colocar a questão, do qual Joe parecia inclinado a esperar o pior. A ferraria ficaria fechada naquele dia, e Joe escreveu com giz na porta (como era seu costume, nas raríssimas ocasiões em que não estava no trabalho) o monossílabo "FORA[1]", acompanhado do esboço de uma seta, supostamente indicando a direção que ele havia tomado.

Fomos a pé para a cidade, minha irmã à frente, com um gorro de castor enorme, um par de tamancos, um xale de reserva e um guarda-chuva, embora o dia estivesse lindo e ensolarado, e carregando uma cesta como se fosse o Grande Selo da Inglaterra feito de palha trançada. Não estou bem certo se esses artigos eram levados por penitência ou por ostentação; mas acredito que eram exibidos mais como artigos de posse – do mesmo modo que Cleópatra, ou qualquer outra soberana, em um momento de inquietação exibiria sua riqueza em um ostentoso desfile ou procissão.

Quando chegamos à casa de Tio Pumblechook, minha irmã atirou-se porta adentro e nos deixou. Como era quase meio-dia, Joe e eu fomos direto à casa de Miss Havisham. Estella abriu o portão como sempre, e, no momento em que ela apareceu, Joe tirou o chapéu e ficou segurando-o pela aba com ambas as mãos, como se tivesse alguma razão urgente para saber exatamente o quanto ele pesava.

Estella não deu a menor importância a nenhum de nós dois, mas conduziu-nos pelo caminho que eu conhecia tão bem. Eu seguia atrás dela, e Joe vinha por último. Quando olhei para trás no longo corredor, Joe ainda estava pesando o chapéu com o maior cuidado, e nos seguia em longas

passadas, nas pontas dos pés.

Estella disse-me que devíamos entrar, então peguei Joe pelo punho do casaco e o conduzi à presença de Miss Havisham. Ela estava sentada ao toucador, e olhou imediatamente para nós.

“Oh!” disse ela para Joe. “O senhor é o marido da irmã deste menino?”

Eu dificilmente teria imaginado o meu velho e querido Joe parecendo tão diferente de si mesmo, ou parecendo tanto com algum pássaro estranho, ali de pé, estupefato, com o topete de penas arrepiado e a boca aberta como se quisesse engolir uma minhoca.

“O senhor é o marido” repetiu Miss Havisham, “da irmã deste menino?”

Era muito irritante; mas, ao longo da entrevista, Joe insistiu em se dirigir a mim, em vez de Miss Havisham.

“O que eu quero dizer, Pip”, Joe observou, de um modo que expressava ao mesmo tempo uma poderosa argumentação, inteira confiança e grande cortesia, “é que quando eu cortejei e me casei com sua irmã, eu era naquela ocasião o que se poderia chamar (se é que me permite dizer) um homem solteiro.”

“Bem!” disse Miss Havisham. “E o senhor criou o menino com a intenção de torná-lo seu aprendiz, não é isso, Mr. Gargery?”

“Sabe, Pip”, Joe respondeu, “você e eu sempre fomos amigos, e ficou combinado entre nós de no futuro dividir as alegrias e os pesares. Mas só se você não tiver qualquer objeção ao negócio, Pip – não tiver medo do negrume ou da fuligem – nada que não seja de se esperar, você vê...”

“O menino”, disse Miss Havisham, “já fez qualquer objeção? Ele gosta do negócio?”

“O que você sabe muito bem, Pip”, retornou Joe, persistindo na sua mistura anterior de argumentação, confiança e cortesia, “é que esse é o seu maior desejo.” (Vi que de repente lhe veio à mente a ideia de adaptar seu epitáfio à ocasião, antes que ele continuasse a dizer) “E não houve nenhuma objeção da sua parte, Pip, esse é o seu grande sonho!”

Era em vão que eu me esforçava para fazê-lo entender que deveria dirigir-se a Miss Havisham. Quanto mais eu lhe fazia gestos e sinais nesse sentido, mais confidencial, argumentativo e cortês para comigo ele persistia em ser.

“O senhor trouxe o contrato de aprendiz do menino?”, perguntou Miss Havisham.

“Bem, Pip, você sabe”, respondeu Joe, como se isso fosse um tanto irracional, “você mesmo me viu colocá-lo no chapéu, então sabe que tenho o contrato aqui.” Com isso ele o pegou e o entregou, não para Miss Havisham, mas para mim. Receio que eu tenha ficado um tanto envergonhado do meu querido companheiro – sei que fiquei envergonhado dele – quando vi Estella de pé atrás da cadeira de Miss Havisham, os olhos rindo de modo travesso. Peguei o contrato das mãos de Joe e entreguei-o a Miss Havisham.

“O senhor não espera” disse Miss Havisham, examinando os papéis, “nenhuma recompensa pelos serviços prestados pelo menino?”

“Joe!”, protestei, pois ele não deu resposta alguma. “Por que não responde...”

“Pip”, respondeu Joe, interrompendo-me bruscamente, como se estivesse magoado, “o que eu quero dizer é que essa não é uma pergunta que requeira uma resposta, entre você e eu, e que você sabe muito bem que a resposta é um redondo ‘Não’. Você sabe que a resposta é ‘Não’, Pip, portanto, porque eu precisaria dizer?”

Miss Havisham olhou-o como se entendesse o que ele realmente era, mais do que eu teria julgado possível, vendo o que ele fazia, e pegou uma pequena bolsa da mesa ao seu lado.

“Pip ganhou uma recompensa vindo aqui”, ela disse “e aqui está. Há vinte e cinco guinéus nesta bolsa. Entregue ao seu mestre, Pip.”

Como se ele estivesse completamente fora de si com o espanto provocado por aquela figura estranha e aquele quarto não menos estranho, Joe, até mesmo nessa hora, persistiu em dirigir-se a mim.

“Isso é muito generoso da sua parte, Pip”, disse Joe “e como tal eu o recebo e fico muito grato, embora não o tenha procurado, nem antes nem depois, ou em momento algum. E agora, meu velho”, disse Joe, provocando-me uma sensação primeiro de calor, depois de frio, pois eu sentia como se aquela expressão familiar fosse aplicada a Miss Havisham, “e agora, meu velho, devemos fazer nosso dever! Que nós dois possamos fazer nosso dever, por nós mesmos e por aqueles que nos oferecem tão generoso presente... que possa ser... para a satisfação do coração daqueles que ... agora e sempre...” e aqui Joe demonstrou sentir que havia se enredado em enormes dificuldades, até que se salvou triunfalmente dizendo, “e da minha parte mais ainda!”

Essas palavras tinham para ele um som tão efetivo e convincente, que ele as repetiu duas vezes.

"Adeus, Pip!", disse Miss Havisham. "Acompanhe-os, Estella."

"Devo vir de novo, Miss Havisham?", perguntei.

"Não. Gargery é o seu mestre, agora. Gargery! Uma palavrinha!"

Chamou-o de volta enquanto eu saía pela porta, e ouvi-a dizer a Joe, em uma voz clara e enfática, "O menino comportou-se muito bem aqui, e essa é a sua recompensa. Claro que, como um homem honesto, o senhor não esperaria nada mais do que isso."

Como Joe conseguiu sair do quarto, nunca consegui saber; mas sei que quando saiu ele começou a subir com firmeza a escadaria, em vez de descer, e que ficou surdo a todos os protestos, até que fui atrás dele e o trouxe de volta. Um minuto depois estávamos do lado de fora do portão, e este estava fechado, e Estella desaparecera. Quando nos vimos novamente à luz do dia, Joe apoiou-se contra o muro e disse-me, "Espantoso!" E ali ficou por longo tempo, dizendo "Espantoso!" a intervalos regulares, com tanta frequência que comecei a pensar que ele nunca recuperaria a razão. Por fim, ele alongou as suas observações, dizendo, "Pip, eu lhe asseguro que isso é es-pan-to-so!" E assim, aos poucos, voltou a ficar sociável e capaz de ir embora.

Tenho razões para pensar que a inteligência de Joe foi esclarecida por esse encontro, e que em nosso trajeto para a casa de Pumblechook ele criou para si um projeto sutil e profundo. Minhas razões se apoiam no que aconteceu na sala de estar de Mr. Pumblechook, aonde, quando chegamos, minha irmã estava em conferência com aquele detestável comerciante de grãos.

"E então?", exclamou minha irmã, dirigindo-se a ambos ao mesmo tempo. "O que aconteceu com vocês? Admiro-me que tenham feito o favor de voltar para uma companhia tão pobre como a nossa. É mesmo espantoso!"

"Miss Havisham", disse Joe, olhando-me fixamente, como se fizesse um esforço para recordar-se, "foi muito específica quanto ao fato de que deveríamos transmitir seus... – eram cumprimentos ou respeitos, Pip?"

"Cumprimentos", eu disse.

"Foi o que pensei", Joe respondeu; "seus cumprimentos para Mrs. J. Gargery..."

"Muito bem eles me farão, decerto!", observou minha irmã com ironia, mas ficou bastante satisfeita.

“Ela gostaria”, Joe continuou, com outro olhar fixo para mim, como se fizesse outro esforço para lembrar-se, “que o estado de sua saúde fosse tal que... permitisse, não é mesmo, Pip?”

“Que ela tivesse o prazer”, eu acrescentei.

“De receber as damas”, disse Joe. E respirou profundamente.

“Bem!”, exclamou minha irmã, lançando um olhar mais brando na direção de Mr. Pumblechook. “Ela poderia ter tido a delicadeza de enviar essa mensagem no princípio, mas antes tarde do que nunca. E o que ela deu para o nosso jovem destrambelhado aqui?”

“Nada”, disse Joe, “não deu nada.”

Mrs. Joe ia interromper, mas Joe continuou.

“O que ela deu”, disse Joe, “era para ser entregue aos amigos dele. ‘E por amigos do menino’, era a explicação dela, ‘eu quero dizer que deve ser entregue nas mãos da sua irmã, Mrs. J. Gargery.’ Essas foram as suas palavras: ‘Mrs. J. Gargery.’ Ela não podia saber”, acrescentou Joe, como um ar de reflexão, “se J. era Joe ou Jorge.”

Minha irmã olhou para Pumblechook, que alisou os braços da sua poltrona de madeira e acenou com a cabeça concordando, com ela e com o fogo, como se já soubesse de antemão sobre tudo isso.

“E quanto você conseguiu?”, perguntou minha irmã, rindo. Ela estava realmente rindo!

“O que a senhora e o senhor diriam de dez libras?”, perguntou Joe.

“Eles diriam”, respondeu minha irmã, de modo breve, “que está muito bem. Não é muito, mas está bem.”

“Bem, é mais do que isso”, disse Joe.

Aquele impostor infame do Pumblechook acenou com a cabeça e se apressou a dizer, esfregando os braços da cadeira, “É mais do que isso, senhora.”

“Ora, o senhor não está querendo dizer...”, começou minha irmã.

“Sim, estou, senhora”, disse Pumblechook; “mas espere um pouco. Continue, Joseph. Deus o abençoe! Continue!”

“O que os senhores diriam”, prosseguiu Joe, “de vinte libras?”

“Bonita soma seriam as palavras”, respondeu minha irmã.

“Muito bem, então”, disse Joe. “São mais de vinte libras.”

Aquele hipócrita miserável do Pumblechook acenou com a cabeça de novo, e disse, com um sorrisinho condescendente, “É mais do que isso,

senhora. Muito bom, muito bom! Prossiga, Joseph!”

“Bem, para pôr um fim a isso”, disse Joe, entregando delicadamente a bolsa para minha irmã; “são vinte e cinco libras.”

“São vinte e cinco libras, senhora”, ecoou o mais vil dos trapaceiros, Pumblechook, levantando-se para trocar um aperto de mãos com ela; “e não é nada mais do que a senhora merece (como eu já disse, quando pediram minha opinião) e desejo que desfrute muito desse dinheiro!”

Se o bandido tivesse parado por aqui, seu caso já teria sido suficientemente terrível, mas ele piorou sua culpa tentando transformar-se em meu protetor, em uma atitude que ultrapassava em muito toda sua hipocrisia anterior.

“Agora você vê, Joseph, e a senhora também, minha sobrinha”, disse Pumblechook, pegando-me pelo braço, “que eu sou daqueles que sempre vai até o fim quando começa alguma coisa. Esse menino deve ser engajado, imediatamente. Esse é o meu sistema. Engajado como aprendiz sem mais demora.”

“Deus sabe, Tio Pumblechook”, disse minha irmã, agarrando o dinheiro, “que nós temos uma profunda dívida de gratidão para com o senhor.”

“Não se importe comigo, senhora”, respondeu aquele mercador de grãos diabólico. “Um prazer é sempre um prazer. Mas esse menino, a senhora sabe, temos que engajá-lo como aprendiz. Eu mesmo posso cuidar disso, na verdade.”

A Justiça estava sediada na prefeitura da cidade, ali pertinho, e nos dirigimos para lá sem demora, para oficializar minha situação de aprendiz na oficina de Joe na presença do magistrado. Eu disse que nós fomos, mas eu fui empurrado por Pumblechook, exatamente como se tivesse roubado a carteira de alguém ou posto fogo em um monte de feno. Aliás, a impressão geral no tribunal era de que eu tinha sido apanhado em flagrante delito, pois, enquanto Pumblechook me empurrava para diante no meio da multidão, ouvi algumas pessoas dizerem, “O que foi que ele fez?” e outros, “Ele ainda é muito jovem, mas tem uma cara de malvado, não acha?” Uma pessoa, de aspecto gentil e benevolente, chegou mesmo a me dar um panfleto, com uma gravura em madeira representando um jovem malfeitor usando o tipo exato de correntes que se vê nas lojas de salsichas, e intitulado “PARA SER LIDO EM MINHA CELA.”

A sala onde entramos era um lugar esquisito, pensei, com bancos mais altos do que aqueles da igreja – e pessoas penduradas nos bancos, olhando. Havia juízes poderosos (um deles com a cabeça empoada); alguns estavam recostados nas cadeiras, outros de braços cruzados, ou cheirando rapé, ou a ponto de dormir; outros escreviam ou liam os jornais. E havia alguns retratos escuros e brilhantes nas paredes, que pareceram ao meu olhar pouco conhecedor de arte uma mistura de argamassa e tecido colado. Foi ali que, em um cantinho da sala, meu contrato foi devidamente assinado e atestado, e eu estava "engajado"; Mr. Pumblechook segurou-me o tempo todo, durante essas pequenas preliminares, como se estivessem me conduzindo ao cadafalso.

Quando saímos de novo, e nos livramos dos rapazes que tinham ficado muito alvoroçados com a expectativa de assistirem à minha tortura pública, e que ficaram muito desapontados ao descobrir que meus amigos estavam apenas me acompanhando, voltamos para a casa de Pumblechook. E lá minha irmã ficou tão excitada com as vinte e cinco libras que nada lhe convinha, a não ser que todos jantássemos fora no "Javali Azul", para comemorar aquela sorte inesperada, e o Pumblechook deveria sair com a charrete para trazer os Hubble e Mr. Wopsle.

Todos concordaram com isso, e eu passei um dia dos mais melancólicos; pois parecia estar na mente de todos os presentes, de modo inexplicável, que eu era uma excrescência naquela festa. E para tornar tudo ainda pior, todos me perguntavam de vez em quando – ou seja, sempre que não tinham outra coisa para fazer – por que eu não estava me divertindo? E o que eu podia fazer então, senão dizer que estava me divertindo, sim... quando estava morto de tédio!

Eles, porém, eram adultos, e tinham seu próprio modo de divertir-se, e aproveitaram ao máximo. O trapaceiro do Pumblechook, exaltado como o caridoso responsável por todo aquele belo evento, de fato ocupou a cabeceira da mesa. E, quando ele levou o assunto à questão do meu engajamento, felicitou-os de modo diabólico por eu estar sujeito à prisão caso jogasse cartas, ou tomasse bebidas fortes, ou chegasse tarde em casa, ou andasse em más companhias, e outros caprichos que a forma do meu contrato parecia contemplar como próximos do inevitável. Ele então me colocou em uma cadeira ao seu lado, para melhor ilustrar suas observações.

Minhas únicas outras lembranças do grande festival era que eles não

queriam me deixar dormir, pois sempre que me viam cabeceando de sono, me acordavam para me dizer que eu devia me divertir. Depois, bem tarde da noite, que Mr. Wopsle recitou-nos a ode de Collins, e atirou ao chão sua espada manchada de sangue com tal estrondo, que um garçom entrou e disse, “Os comerciantes do andar de baixo enviam seus cumprimentos, e mandam dizer que não estamos no ‘Acrobatas Armados’”. E ainda, que todos estavam de excelente humor no caminho de volta para casa, e cantaram “Oh, Bela Dama!” Mr. Wopsle fez o papel do baixo, afirmando com uma voz fortíssima (como resposta à pessoa enfadonha e inquisitiva que conduz essa peça de música de uma maneira mais impertinente, querendo saber sobre os assuntos privados de todo o mundo) que apesar dos seus olhos onde só se via o branco, ele ainda estava acima do mais fraco dos peregrinos.

Por fim, lembro-me de que estava realmente infeliz quando entrei no meu quartinho, e tinha a profunda convicção de que jamais viria a gostar do trabalho de Joe. Eu havia gostado antes, mas antes não era agora.

[1] No original, “HOUT”: era comum entre as classes baixas da Inglaterra, em seu dialeto próprio, a inclusão de um “H” antes das palavras iniciadas por vogais e a exclusão do “H” nas palavras iniciadas por esta consoante. Mais tarde, ao longo da narrativa, Joe se refere à Miss Havisham como “Miss A.”

CAPÍTULO XIV

É a coisa mais infeliz sentir vergonha de casa. Pode ser uma enorme ingratidão, e o castigo pode ser severo e bem merecido; mas que é uma coisa infeliz, eu próprio sou testemunha.

Minha casa nunca tinha sido um lugar muito agradável para mim, por causa do temperamento da minha irmã. Mas Joe a tinha santificado, e eu havia acreditado nisso. Acreditara que a nossa sala de estar era o salão mais elegante; acreditara que a porta da frente era o portal misterioso de um templo, cuja abertura solene era precedida de um sacrifício de aves assadas; acreditara que a cozinha era um local agradável, embora não magnífico; acreditara que a ferraria era a estrada incandescente que me levaria à virilidade e à independência. Em apenas um ano, tudo isso mudou. Agora, tudo era grosseiro e vulgar, e eu não queria, em hipótese alguma, que Miss Havisham e Estella vissem nada disso.

O quanto da minha desagradável condição mental era minha própria culpa? O quanto era culpa de Miss Havisham? O quanto era culpa da minha irmã? No momento isso não importava mais, nem para mim nem para qualquer outro. A mudança em mim acontecera; estava feita. Bem ou mal feita, com ou sem motivos, mas era um fato.

Houve um tempo em que achei que quando arregaçasse minhas mangas e entrasse afinal na ferraria, como aprendiz de Joe, eu seria distinto e feliz. Agora que a realidade estava ao meu alcance, eu só sentia que estava sujo com o pó de carvão, e que minhas lembranças diárias carregavam um peso tão grande, que diante dele uma bigorna não era mais que uma pluma. Houve ocasiões posteriores em minha vida (como creio que haja na maioria das vidas) em que senti, por algum tempo, como se uma cortina pesada tivesse caído sobre tudo que fazia o interesse e o encanto da existência, só me deixando ver a estupidez e o aborrecimento. Nunca essa cortina foi tão pesada e espessa como quando vi meu caminho na vida estender-se em linha reta diante de mim, na estrada recém aberta em que eu entrava como aprendiz de Joe.

Lembro-me que em uma época posterior da minha infância eu costumava sentar-me no cemitério nas tardes de domingo, ao cair da noite. Lá eu comparava minhas próprias perspectivas com a visão dos pântanos varridos pelo vento, encontrando algumas semelhanças entre as duas coisas,

ao pensar em como ambos eram planos e baixos, e em como havia em ambos uma névoa escura sobre o caminho desconhecido que levava ao mar. Eu estava tão abatido no meu primeiro dia como aprendiz quanto estive depois, nessas ocasiões no cemitério; mas fico feliz de nunca ter deixado transpirar um murmúrio de queixa para Joe, enquanto durou meu contrato de aprendiz. É a única coisa relacionada a isso da qual posso me orgulhar.

Pois, embora eu também possa me orgulhar de ter perseverado, todo o mérito pela minha perseverança foi de Joe. Não foi porque eu era leal, mas porque Joe era leal, que eu nunca fugi para ser soldado ou marinheiro. Não foi porque eu tivesse a grande virtude de ser dedicado ao trabalho, mas porque Joe tinha a grande virtude de ser dedicado ao trabalho, que exerci meu ofício com zelo tolerável contra todas as circunstâncias. Não é possível saber até que ponto pode estender-se sobre o mundo a influência de um homem amável, honesto e de bom coração; mas é possível saber o quanto isso nos influenciou quando aconteceu conosco, e eu sei muito bem que qualquer alegria que tenha surgido do meu aprendizado veio do simples contentamento de Joe, e não de minhas aspirações inquietas e descontentes.

O que eu queria, alguém saberia dizer? Como posso eu mesmo dizer, se nunca soube? O que eu temia era erguer os olhos, em alguma hora fatal, e ver Estella me olhando por uma das janelas de madeira da ferraria, bem no momento em que eu estivesse com o aspecto mais encardido e vulgar possível. Eu era assombrado pelo medo de que ela, mais cedo ou mais tarde, acabaria me descobrindo, com o rosto e as mãos escuras de fuligem, fazendo a parte mais grosseira do meu trabalho, e que ela riria de mim e me desprezaria. Muitas vezes, depois que escurecia, quando eu puxava o fole da forja para Joe enquanto cantávamos a canção do Velho Clem, a lembrança do modo como a cantávamos na casa de Miss Havisham me incendiava a imaginação, e eu parecia ver o rosto de Estella no fogo, com seu bonito cabelo tremulando ao vento e seus olhos me fitando com desprezo. Muitas vezes, em tais momentos, eu olhava para os vidros das janelas, que eram como painéis na parede a enquadrar a noite escura, e me parecia ver o rosto dela se afastando; e acreditava que ela havia me descoberto e viera, afinal.

Depois disso, quando nos sentávamos para a ceia, o lugar e a refeição tinham um aspecto ainda mais vulgar do que antes, e o meu próprio coração ingrato me tornava mais envergonhado do que nunca da minha pobre casa.

CAPÍTULO XV

Como eu estava ficando grande demais para a sala da tia-avó de Mr. Wopsle, minha educação sob a tutela daquela senhora absurda teve um fim. Não antes, porém, que Biddy me transmitisse tudo o que sabia, do pequeno catálogo de preços a uma canção cômica que ela uma vez comprara por um centavo. Embora a única parte coerente dessa última peça literária fossem as linhas de abertura:

Quando a Londres eu fui
Ui, ui, ui... Ui, ui, ui
Não vi tudo que há de bom?
Om, om, om... Om, om, om

Mesmo assim, meu desejo de aprender era tão grande que decorei esta composição com a maior boa-fé; nem lembro de ter questionado seu mérito, embora tenha achado (como ainda acho) a quantidade de ui, ui, ui e om, om, om um pouco excessiva na poesia. Na minha ânsia por cultura, fiz propostas a Mr. Wopsle para que deixasse cair sobre mim algumas migalhas intelectuais, com o que ele concordou amavelmente. No entanto, como ele só me queria como uma espécie de figurante dramático, para dar-lhe a réplica, e a quem ele pudesse abraçar, e lamentar, e tiranizar, e apertar, e apunhalar, e bater em uma infinidade de maneiras, eu logo recusei aquele tipo de instrução; mas não antes que Mr. Wopsle, na sua fúria poética, tivesse me espancado cruelmente.

Tudo que eu aprendia, tentava transmitir a Joe. Essa declaração soa tão bem, que não posso em sã consciência deixá-la passar sem explicação. Eu queria tornar Joe menos ignorante e vulgar, para que ele pudesse ser digno da minha companhia, e fosse menos exposto à repreensão de Estella.

O velho forte nos pântanos era o nosso lugar de estudo, e nossos instrumentos educacionais consistiam de uma pedra de ardósia quebrada e um toco de lápis, aos quais Joe sempre acrescentava um cachimbo e um punhado de fumo. Eu nunca vi Joe recordar-se de alguma coisa de um domingo para o outro, ou adquirir, sob a minha direção, o menor conhecimento que fosse. Mesmo assim, ele fumava seu cachimbo no velho forte com um ar muito mais sagaz – até mesmo instruído – do que em qualquer outro lugar, como se ele acreditasse que estava fazendo progressos

enormes. Pobre homem, espero que tenha feito.

Era um lugar tranquilo e agradável, com as velas no rio passando além da fortificação, e que às vezes, quando a maré estava baixa, pareciam pertencer a navios afundados que ainda estavam velejando nas profundezas da água. Sempre que eu via os navios no mar com suas velas brancas enfunadas, de alguma maneira eu pensava em Miss Havisham e Estella; e sempre que a luz incidia de modo oblíquo, ao longe, sobre uma nuvem, ou uma vela, ou em uma encosta de montanha ou na linha da água, acontecia o mesmo: Miss Havisham e Estella, e a casa estranha, e a vida estranha, pareciam ter algo a ver com tudo o que era pitoresco.

Certo domingo, Joe, fumando com grande prazer o seu cachimbo, tinha se gabado tanto de ser “um terrível estúpido”, que desisti de ensinar-lhe naquele dia. Fiquei recostado na fortificação durante algum tempo, com o queixo apoiado na mão, avistando traços de Miss Havisham e de Estella por toda parte, no céu e na água, até que afinal decidi mencionar um pensamento relativo a elas que não me saía da cabeça.

“Joe”, eu disse; “você não acha que eu devia fazer uma visita a Miss Havisham?”

“Bem, Pip”, respondeu Joe, refletindo sobre o assunto. “Para quê?”

“Para que, Joe? Ora, para que serve uma visita?”

“Há algumas visitas, talvez”, disse Joe, “que ficam sempre abertas a questões, Pip. Mas quanto a visita a Miss Havisham, ela poderia pensar que você quer algo... que espera dela alguma coisa.”

“Você não acha que eu poderia dizer que não quero nada, Joe?”

“Você poderia, meu velho”, disse Joe. “E ela poderia acreditar. Da mesma forma, ela poderia não acreditar.”

Joe sentia, assim como eu, que ele havia colocado bem a questão, e ele tragou fundo o cachimbo para impedir-se de enfraquecer o argumento repetindo-o.

“Veja bem, Pip”, Joe prosseguiu, assim que passou o perigo, “Miss Havisham fez algo muito bonito por você. Quando Miss Havisham fez essa coisa bonita por você, ela me chamou de volta para me dizer que isso era tudo.”

“Sim, Joe. Eu ouvi o que ela disse.”

“TUDO”, Joe repetiu, de modo bastante enfático.

“Sim, Joe. Eu lhe disse que ouvi.”

“O que eu quero dizer, Pip, é que pode ser que ela quisesse dizer ‘Acabe com isso!’, ou ‘Cada um no seu canto’, ou então ‘Eu para o Norte, você para o Sul!, ou ainda ‘Mantenha distância!’”

Eu já tinha pensado nisso, e não era nem de longe uma ideia reconfortante saber que ele havia pensado o mesmo, pois isso parecia tornar o fato mais provável.

“Mas, Joe...”

“Sim, meu velho.”

“Aqui estou eu, progredindo no meu primeiro ano na oficina, e, desde que me tornei aprendiz, nunca agradeci a Miss Havisham, ou perguntei por ela, ou demonstrei lembrar-me dela.”

“É verdade, Pip. E a menos que você lhe ofereça um conjunto de ferraduras para quatro cavalos – e eu ouso dizer que um conjunto de ferraduras para quatro cavalos não seria um bom presente, já que não há cavalo algum...”

“Eu não quis dizer esse tipo de lembrança, Joe. Não quis dizer um presente.”

Mas Joe havia enfiado a ideia de um presente na cabeça, e insistia nisso.

“Ou, quem sabe”, disse ele, “se alguém o ajudasse a forjar uma corrente nova para a porta da frente da casa? Ou talvez uma ou duas grosas de parafusos de ponta afiada, para uso geral? Ou ainda um artigo leve e elegante, como um garfo para assar bolinhos, ou uma grelha, caso ela queira assar um peixe, ou algo do tipo...”

“Quero dizer que não pretendo dar nenhum presente, Joe”, eu interrompi.

“Bem”, disse Joe, ainda batendo na mesma tecla, como se eu tivesse insistido no assunto, “se eu fosse você, Pip, eu não daria nada disso. Não, eu não daria nada disso. O que ela faria com uma corrente nova, quando tem uma que serve bem? E pregos de ponta afiada estão sujeitos a violação. Quanto ao garfo para assar, ele é feito de bronze e não nos traria nenhum crédito. E nenhum trabalhador comum pode mostrar-se especial ao fazer uma grelha, pois uma grelha é só uma grelha”, disse Joe, agarrando-se firmemente às palavras, como se tentasse me afastar de uma ideia fixa, “e você pode fazer o que quiser, mas uma grelha é apenas uma grelha, quer você queira ou não, e não poderá mudar isso depois.”

“Meu querido Joe”, exclamei, em desespero, agarrando seu casaco, “não prossiga com esse assunto. Eu nunca pensei em fazer qualquer presente para Miss Havisham.”

“Não, Pip, claro que não”, Joe concordou, como se ele estivesse afirmando isso desde o início; “e o que eu posso lhe dizer é que você está certo, Pip.”

“Sim, Joe. Mas o que eu queria lhe dizer é que, como estamos com pouco trabalho no momento, se você me desse meio dia de folga amanhã, acho que eu iria até a cidade e faria uma visita a Miss Est... Havisham.”

“E o nome dela”, disse Joe, gravemente, “não é Estavisham, Pip, a menos que ela tenha sido batizada de novo.”

“Eu sei, Joe, eu sei. Foi um deslize da minha parte. O que você acha da ideia, Joe?”

Em resumo, Joe achava que se eu achava que estava bem, ele também achava que estava bem. Mas ele foi muito específico ao determinar que, se eu não fosse recebido com cordialidade, ou não fosse encorajado a repetir uma visita que não tinha qualquer outro objetivo que não fosse a simples gratidão por um favor recebido, então essa viagem experimental seria a primeira e a única. Eu prometi me submeter a essas condições.

Joe havia admitido um trabalhador de contrato semanal, chamado Orlick. Ele fingia que seu nome de batismo era Dolge – algo impossível, é claro – mas o sujeito tinha um caráter de tal forma obstinado, que acho que ele mesmo não se iludia a esse respeito, mas impusera de modo deliberado aquele nome na aldeia como uma afronta à nossa inteligência. Era um rapaz de ombros largos, pernas compridas e tez morena, dotado de grande força; nunca tinha pressa, andava sempre devagar. Ele nem mesmo parecia vir ao trabalho de propósito, mas entrava na oficina se arrastando, como se estivesse ali por mero acaso; e quando ele ia ao “Três Barqueiros Alegres” para jantar, ou ia embora à noite, esgueirava-se porta afora como Caim ou o Judeu Errante, parecendo não ter a menor ideia de onde estava indo, nem qualquer intenção de voltar. Ele morava na casa do encarregado da eclusa, lá fora nos pântanos, e nos dias de trabalho vinha se arrastando lá do seu retiro de ermitão, com as mãos nos bolsos e o seu jantar amarrado em um pacote preso ao pescoço, ou balançando nas costas. Aos domingos, passava praticamente o dia inteiro na barreira da eclusa, ou entre os montes de feno e os celeiros. Andava sempre se balançando, os olhos fixos no chão; e, quando era

abordado ou obrigado a levantar os olhos, olhava de modo meio-ressentido, meio-confuso, como se o seu único pensamento fosse de que aquele era o fato mais estranho e injurioso que poderia ter lhe acontecido, e nunca deveria ter sido obrigado a incomodar-se com isso.

Esse diarista taciturno não tinha qualquer simpatia por mim. Quando eu era ainda pequeno e tímido, ele me deu a entender que o Diabo vivia em um canto escuro da forja, e que ele mesmo conhecia muito bem o demônio; também me disse que era necessário alimentar o fogo, uma vez a cada sete anos, com um menino vivo, e que eu podia me considerar o combustível. Quando me tornei aprendiz de Joe, Orlick talvez tenha confirmado alguma suspeita de que eu pretendia tomar-lhe o lugar; com isso, passou a gostar de mim ainda menos. Não que ele alguma vez tivesse dito alguma coisa, ou feito alguma coisa, que indicasse a menor hostilidade; notei apenas que ele sempre mandava as suas faíscas na minha direção, e que sempre que eu cantava Velho Clem, ele entrava fora do ritmo.

Dolge Orlick estava no trabalho, no dia seguinte, quando lembrei a Joe do meu meio dia de folga. Ele não disse nada na hora, pois ele e Joe tinham acabado de colocar um pedaço de ferro quente entre os dois, e eu estava ocupado no fole; mas logo ele falou, apoiando-se no martelo:

“Bem, mestre! Por certo que o senhor não vai favorecer apenas um de nós. Se vai dar meio dia de folga ao Jovem Pip, faça o mesmo pelo Velho Orlick.” Eu suponho que ele tinha cerca de vinte e cinco anos, mas costumava falar de si mesmo como uma pessoa idosa.

“Por quê? O que você fará com meio dia de folga, se eu o conceder? disse Joe.

“O que eu farei com isso? Ora, o que ele fará com isso? Eu farei o mesmo que ele”, disse Orlick.

“Quanto ao Pip, ele está indo para a cidade”, disse Joe.

“Muito bem, então. Quanto ao Velho Orlick, ele também está indo para a cidade”, replicou o digno rapaz. “Podemos ir os dois. Não é só ele que pode ir à cidade.”

“Não perca a paciência”, disse Joe.

“Perco sim, se tiver vontade”, rosnou Orlick. “As pessoas que vão à cidade! Ora, mestre, convenhamos! Nada de favorecimentos nesta oficina. Seja homem!”

O mestre recusou-se a discutir o assunto até que o diarista estivesse de

melhor humor. Orlick então mergulhou no forno, tirou uma barra incandescente, voltou-se na minha direção como se fosse transpassá-la no meu corpo, passou com ela ao redor da minha cabeça, colocou-a na bigorna e martelou-a com força – como se a barra fosse eu, pensei, e as faíscas fossem o meu sangue esguichando. Por fim, depois de bater tanto até ficar afogueado e o ferro frio, apoiou-se novamente no martelo e disse:

"E então, mestre?"

"Está mais calmo agora?" perguntou Joe.

"Ah! Eu estou bem", respondeu bruscamente o Velho Orlick.

"Então, como em geral você se dedica ao seu trabalho tanto quanto os outros", disse Joe, "será meio dia de folga para todos."

Minha irmã, que estivera em silêncio no jardim ouvindo toda a conversa – ela era a espiã e ouvinte mais sem escrúpulos que eu já vi – apareceu de repente em uma das janelas.

"Então é assim, seu grande tolo?" disse ela para Joe, "Dando folga a dois cães preguiçosos como esses. Você deve ser um homem muito rico, juro por Deus, para desperdiçar salários desse modo. Quem dera fosse eu o mestre deles!"

"A senhora seria o mestre de todo mundo, se tivesse ousadia para isso", replicou Orlick, com uma careta.

("Deixe-a em paz", disse Joe.)

"Eu seria páreo para todos os imbecis e todos os patifes", retorquiu minha irmã, começando a consumir-se em uma raiva violenta. "E não poderia ser páreo para os imbecis sem ser páreo para o seu mestre, que é o rei dos imbecis. E não poderia ser páreo para os patifes sem ser páreo para você, que é o mais tenebroso e o pior patife que existe da Inglaterra à França. E então!"

"A senhora é uma megera horrível, Mãe Gargery", rosnou o empregado. "E se isso é o bastante para ser juiz de patifes, então a senhora deve ser uma das melhores."

("Deixe-a em paz, está bem?", disse Joe.)

"O que foi que você disse?", berrou minha irmã. "O que foi que você disse? O que esse tal de Orlick disse para mim, Pip? Do que foi que ele me chamou, na frente do meu marido? Oh! oh! oh!" Cada uma dessas exclamações era um grito agudo. E devo observar que para minha irmã, assim como para todas as mulheres violentas que conheci na vida, a paixão não era nenhuma desculpa, pois é inegável que em vez de se deixar levar pela

cólera, ela fazia um grande esforço, consciente e deliberado, para levar a si mesma a esse estado, e foi aos poucos sendo tomada por uma fúria cega. “De que nome ele me chamou, diante desse homem vil que jurou defender-me? Oh! Segure-me! Segure-me!”

“Ah-h-h!” rosnou Orlick, por entre os dentes. “Eu a seguraria, se fosse minha esposa. Eu a seguraria debaixo da bomba d’água, até sufocar.”

(“Deixe-a em paz, estou dizendo”, disse Joe.)

“Oh! Ouçam o que ele diz!”, gritou minha irmã, com um tapa na palma da mão acompanhado de um grito – que era o próximo estágio do seu ataque. “Ouçam os nomes que ele está me chamando, esse Orlick! E em minha própria casa! Eu, uma mulher casada! E na frente do meu marido! Oh! Oh!” E minha irmã, depois de uma explosão de tapas e gritos, levou as mãos ao peito, depois aos joelhos, e então arrancou a touca e soltou os cabelos – que eram as últimas etapas no seu caminho para a loucura. A essa altura minha irmã já tinha se transformado em uma fúria perfeita, com total sucesso, e precipitou-se para a porta, que eu felizmente havia trancado.

O que poderia fazer o infeliz do Joe naquela hora, depois das suas interrupções entre parênteses terem sido desconsideradas, senão dirigir-se ao seu empregado e perguntar-lhe o que ele pretendia interferindo entre ele e Mrs. Joe; e em seguida, se ele era homem o bastante para enfrentá-lo? O Velho Orlick viu que a situação não admitia outra saída senão um enfrentamento, e colocou-se na defensiva; assim, com o tempo apenas de tirarem seus aventais chamuscados, eles se lançaram um ao outro como dois gigantes. Mas, se havia algum homem naquela vizinhança capaz de aguentar por muito tempo uma luta contra Joe, eu nunca vi esse homem. Orlick, como se fosse ninguém mais nem menos do que o jovem cavalheiro pálido, logo estava de cara no carvão, e sem pressa alguma de sair dali. Joe então destrancou a porta e pegou minha irmã, que caíra desmaiada junto à janela (mas que tinha visto a briga antes, acho eu). Nós a levamos para casa, a deitamos, e fizemos o que devia ser feito para reanimá-la, mas ela nada mais fez que lutar e agarrar-se aos cabelos de Joe. Então, seguiu-se aquela calma singular e o silêncio que sucedem a todos os tumultos. E assim, com a vaga sensação de que eu já passara por uma calmaria semelhante – quer dizer, era domingo e alguém morrera – subi a escadaria para me vestir.

Quando voltei a descer, encontrei Joe e Orlick varrendo, sem qualquer outro traço da sua briga que um arranhão em uma das narinas de Orlick, que

não o embelezava nem acrescentava nada à sua expressão. Uma jarra de cerveja fora trazida do “Três Barqueiros Alegres”, e os dois a estavam partilhando da maneira mais pacífica do mundo. A calmaria tinha uma influência sedativa e filosófica sobre Joe, que me seguiu até a estrada para me fazer, à guisa de despedida, uma observação que poderia me ser útil, “A loucura e a tranquilidade, Pip: assim é a vida!”

Quais as emoções absurdas que me dominavam – pois achamos cômico em um menino os sentimentos que são muito sérios em um homem adulto – que emoções eu sentia, quando me encontrei de novo indo para a casa de Miss Havisham, pouco importa agora. Nem importa quantas vezes eu passei e repassei diante do portão, antes de me decidir a tocar a campainha. Nem tampouco o quanto eu me debati pensando se devia ir embora sem tocar; o que eu devia ter feito, sem dúvida, caso tivesse tido tempo para dar meia volta.

Miss Sarah Pocket veio abrir o portão. Nenhum sinal de Estella.

“Ora! Você por aqui de novo?” disse Miss Pocket. “O que quer?”

Quando eu disse que só viera para saber como Miss Havisham estava passando, Sarah evidentemente deliberou se devia ou não permitir que eu cumprisse minha missão. Mas, não desejando assumir tal responsabilidade, ela me deixou entrar, e logo trouxe a seca mensagem de que eu devia “subir”.

Nada havia mudado, e Miss Havisham estava sozinha.

“Bem?” disse ela, fixando os olhos sobre mim. “Espero que não queira nada, pois não vai conseguir nada.”

“Não, realmente, Miss Havisham. Eu só queria que soubesse que estou indo muito bem no meu aprendizado, e serei sempre muito grato à senhora.”

“Ora, ora!” estalando os velhos dedos inquietos. “Venha de vez em quando. Venha no seu aniversário... Ah!” ela exclamou de repente, virando a cadeira na minha direção, “Você está olhando em volta à procura de Estella, não é?”

Eu realmente olhara em volta – à procura de Estella, de fato – e gaguejei que esperava que ela estivesse bem.

“Está no exterior”, disse Miss Havisham; “educando-se para ser uma dama, totalmente fora de alcance. Mais bonita do que nunca, admirada por todos que a veem. Você sente que a perdeu?”

Havia tanto prazer maligno na maneira como ela pronunciou as

últimas palavras, e o acesso de riso que se seguiu foi tão desagradável, que eu fiquei sem saber o que dizer. Ela me poupou o trabalho de resolver esse problema ao me despedir. Quando Sarah, com seu rosto de casca de noz, fechou o portão atrás de mim, eu me sentia mais descontente do que nunca com minha casa, com meu trabalho, com todas as coisas; e isso foi tudo que consegui com aquela visita.

Quando eu estava vagando pela High Street, olhando de modo desolado para as vitrinas das lojas, pensando no que eu compraria se fosse um cavalheiro, quem eu vi sair da livraria senão Mr. Wopsle? Mr. Wopsle tinha nas mãos um volume da comovente tragédia George Barnwell[1], no qual acabara de investir meio xelim, com a intenção de ler o livro inteiro e enfiar cada palavra na cabeça de Pumblechook, com quem ele estava indo tomar chá. Nem bem ele me viu, pareceu considerar que fora a Divina Providência que colocara um aprendiz em seu caminho, para participar da fatídica leitura. Ele me pegou pelo braço e insistiu em que eu o acompanhasse até a sala de estar de Pumblechook. Como eu sabia que seria infeliz em casa, e como as noites eram escuras e o caminho de volta sombrio, e que um companheiro de estrada, qualquer que fosse, era melhor do que nenhum, não opus grande resistência. Assim, fomos para a casa de Pumblechook, no momento em que as ruas e as lojas estavam começando a se iluminar.

Como eu nunca assisti a qualquer outra representação de George Barnwell, não sei quanto tempo a peça costuma durar normalmente, mas sei muito bem que naquela noite ela terminou depois das nove e meia, e que quando Mr. Wopsle foi para a prisão de Newgate, achei que ele jamais sairia para subir ao cadafalso, pois se demorou mais naquele dia do que em qualquer período anterior da sua infame carreira. Achei que ele se queixou um pouco demais, afinal de contas, de ser cortado em plena floração, como se não viesse perdendo as folhas, uma depois da outra, desde o início da sua vida. Esta, porém, era uma mera questão de duração e aborrecimento. O que me incomodou, de fato, foi a correlação entre esse caso todo e a minha inocente pessoa. Quando Barnwell começar a agir errado, confesso que me senti positivamente identificado com ele, de tal forma Pumblechook me fuzilou com seu olhar indignado. Wopsle, também, tomou o cuidado de me apresentar sob o pior aspecto. De caráter feroz e sentimental ao mesmo tempo, fizeram-me assassinar meu tio sem uma circunstância atenuante que fosse; Millwood me vencia sempre nas discussões; e era uma absoluta

monomania da parte da filha do meu mestre importar-se tanto comigo. Tudo o que eu posso dizer para justificar a minha conduta errática naquela manhã fatídica, é que ela era digna da minha total fraqueza de caráter. Mesmo depois que eu fora felizmente enforcado e Wopsle tinha fechado o livro, Pumblechook continuou a me encarar, balançando a cabeça e dizendo, “Que lhe sirva de exemplo, menino, que lhe sirva de exemplo!” como se fosse um fato bem conhecido que eu pretendia assassinar algum parente próximo, desde que pudesse induzi-lo a cometer a fraqueza de se tornar meu benfeitor.

Já era noite fechada quando tudo terminou, e Mr. Wopsle e eu partimos a caminho de casa. Ao sairmos da cidade, fomos envolvidos por uma névoa pesada e espessa, muito úmida. O lampião na barreira da estrada era um borrão, aparentemente bem fora do seu lugar habitual, e seus raios pareciam uma substância sólida na névoa. Estávamos observando isso, e comentando como a névoa subia com uma mudança de vento de certo lado dos pântanos, quando topamos com um homem, balançando o corpo e abrigando-se contra o vento na casa da barreira.

“Olá!”, dissemos, parando. “Orlick?”

“É!”, ele respondeu, arrastando-se na nossa direção. “Parei por um momento, para ver se arranjava companhia.”

“Você está atrasado”, eu observei.

Orlick naturalmente respondeu, “E daí? Você também está atrasado.”

“Nós estávamos”, disse Mr. Wopsle, exaltado com seu recente desempenho, “nós estávamos desfrutando de uma noite literária, Mr. Orlick.”

O Velho Orlick resmungou, como se não tivesse nada a dizer sobre isso, e todos seguimos caminho juntos. Perguntei-lhe, então, se ele tinha passado toda sua folga na cidade.

“Sim”, disse ele, “toda. Vim logo depois de você. Eu não o vi, mas devia estar bem atrás de você. A propósito, os canhões estão disparando de novo.”

“Nos Hulks?”, disse eu.

“É! Alguns pássaros voaram das gaiolas. Os canhões estão disparando desde o anoitecer. Agora mesmo você vai ouvir um.”

De fato, não tínhamos avançado mais que alguns metros quando o estrondo bem conhecido chegou até nós, enfraquecido pela névoa, e rolou pesadamente ao longo das margens do rio, como se estivesse perseguindo e ameaçando os fugitivos.

“Uma bela noite para perseguir alguém”, disse Orlick. “Eles vão se ver mal para colocar um pássaro na gaiola, em uma noite como essa.”

O assunto me tocava de perto, e fiquei pensando nisso em silêncio. Mr. Wopsle, igual ao tio malfadado da tragédia da noite, desandou a meditar em voz alta no seu jardim de Camberwell. Orlick, com as mãos nos bolsos, arrastava-se pesadamente ao meu lado. Estava muito escuro, muito úmido, muito lamacento, de modo que chapinhávamos na lama enquanto andávamos. De vez em quando, o som do canhão de alerta nos alcançava de novo, e de novo rolava pesadamente ao longo do curso do rio. Eu me mantive calado, imerso nos meus pensamentos. Mr. Wopsle morreu de modo gentil em Camberwell, e caçou bastante em Bosworth Field, e passou as maiores agonias em Glastonbury. Orlick às vezes murmurava, “Bata, bata... Velho Clem! Um tinido pra cerveja... Velho Clem!”. Eu pensei que ele tivesse bebido, mas ele não estava bêbado.

Assim, chegamos à aldeia. O caminho pelo qual chegamos nos levou a passar pelo “Três Barqueiros Alegres”, a taberna que, para nossa surpresa – pois já eram onze horas – encontramos em um estado de grande agitação, as portas escancaradas e várias lamparinas espalhadas apressadamente ao redor. Mr. Wopsle entrou para perguntar o que estava acontecendo (imaginando que um condenado fora apanhado), mas logo voltou correndo, assustado.

“Há algo errado”, disse ele, sem parar, “na sua casa, Pip. Vamos correr até lá!”

“O que foi?”, eu perguntei, acompanhando-o apressado. Orlick, ao meu lado, fez o mesmo.

“Não pude entender direito. Parece que a casa foi invadida, quando Joe Gargery estava fora; supõe-se que foram os condenados. Alguém foi atacado e ferido.”

Corríamos rápido demais para poder dizer qualquer outra coisa, e não paramos até entrarmos na nossa cozinha. Estava cheia de gente; a aldeia inteira estava lá, ou no jardim; e havia um médico, e Joe, e um grupo de mulheres, todos no chão, no meio da cozinha. Os espectadores desocupados afastaram-se quando perceberam a minha presença, e foi assim que vi minha irmã estendida imóvel e sem sentidos sobre o assoalho, onde havia sido derrubada por um terrível golpe na parte de trás da cabeça, dado por alguma mão desconhecida quando seu rosto estava virado para o fogo. Estava destinada a nunca mais ter um ataque de cólera, enquanto fosse a esposa de

Joe.

[1] “George Barnwell”: peça dramática escrita por George Lillo (1693/1739), escritor e dramaturgo inglês, que também era joalheiro. Lillo escreveu várias peças para o teatro inglês, inclusive “O Mercador de Londres”, seu trabalho mais conhecido; é considerado o criador da tragédia burguesa.

CAPÍTULO XVI

Com a cabeça cheia de George Barnwell, no início me dispus a acreditar que eu devia ter tido alguma participação no ataque à minha irmã, ou, para todos os efeitos, como seu parente mais próximo, considerado por todos como tendo obrigações para com ela, eu era um objeto de suspeita mais legítimo do que qualquer outro. Mas no dia seguinte, à clara luz da manhã, quando comecei a reconsiderar o assunto ao ouvi-lo sendo discutido ao meu redor, passei a ter outra visão do caso, muito mais razoável.

Joe tinha estado no “Três Barqueiros Alegres”, fumando seu cachimbo, das oito e quinze até quinze para as dez. Enquanto ele estava lá, minha irmã tinha sido vista na porta da cozinha, e havia trocado cumprimentos de boa noite com o trabalhador de uma fazenda que voltava para casa. O homem não pôde ser muito preciso quanto a hora em que a tinha visto (ficou confuso, quando tentou lembrar-se), só soube dizer que devia ter sido antes das nove. Quando Joe chegou em casa, cinco minutos antes das dez, encontrou-a caída no chão, e prontamente chamou ajuda. O fogo não parecia ter queimado muito e não estava extinto, nem o pavio da vela era muito longo; a vela, porém, havia sido apagada.

Nada tinha sido levado da casa. Tampouco havia qualquer coisa desarrumada na cozinha – exceto o desarranjo que ela própria tinha provocado, ao cair e sangrar – e a vela que fora apagada, e que ficava em uma mesa entre a porta e minha irmã, e estava atrás dela quando se voltara para o fogo e fora golpeada. Mas havia uma evidência importante no próprio lugar. Ela tinha sido golpeada com algum objeto duro e pesado, na cabeça e na coluna; depois que os golpes foram desferidos, ela fora atingida no rosto com esse objeto duro, e derrubada violentamente. E quando Joe a levantou, encontrou no chão ao seu lado uma algema usada na perna dos condenados, lixada até partir-se em duas.

Joe, examinando depois essa algema com o olhar de um ferreiro, declarou que devia ter sido lixada algum tempo atrás. Quando o clamor público da descoberta chegou até os Hulks, e as pessoas vieram examinar a peça, a opinião de Joe foi confirmada. Eles não se arriscaram a dizer quando a algema deixara os Hulks, aonde sem dúvida pertencia; mas afirmaram com certeza que aquela algema em particular não tinha sido usada por nenhum dos dois condenados que tinham escapado na noite anterior. Além disso, um

desses dois já tinha sido apanhado de novo, e não havia se livrado da sua algema.

Sabendo o que eu sabia, tirei uma conclusão por conta própria. Eu acreditava que aquela algema era a mesma do meu condenado – a algema que eu o tinha visto lixando lá nos pântanos – mas na minha mente eu não o acusava de tê-la usado para esse fim. Eu suspeitava de duas outras pessoas, e achava que uma delas havia se apossado do ferro e o utilizara para esse ato cruel: ou Orlick, ou o homem estranho que tinha me mostrado a lixa.

Quanto a Orlick, ele tinha ido para a cidade exatamente como nos contou quando nós o encontramos na barreira; tinha sido visto na cidade a tarde toda, havia entrado em várias tabernas com várias pessoas, e tinha voltado com Mr. Wopsle e eu. Não havia nada contra ele, fora a briga; e minha irmã havia brigado com ele pelo menos dez mil vezes, assim como havia brigado com todo mundo. Quanto ao estranho, se ele tivesse voltado para buscar suas duas notas de uma libra, não teria havido nenhuma briga, pois minha irmã estava perfeitamente pronta a restituí-las. Além do mais, não houvera qualquer discussão entre ela e o assaltante, pois este havia entrado de modo tão repentino e silencioso, que minha irmã fora atingida antes que pudesse sequer olhar ao redor.

Era horrível pensar que eu havia fornecido a arma, embora sem querer, mas eu dificilmente poderia pensar de outra forma. Sofri as penas do inferno, enquanto pensava sem cessar se não deveria afinal terminar com o encanto da minha infância contando toda a história para Joe. Durante meses a fio, todo dia eu me questionava e decidia pela negativa, só para voltar à questão na manhã seguinte. Essa luta acabou, afinal de contas, com o reconhecimento de que o segredo já era uma coisa antiga; havia crescido tanto que se tornara parte de mim, e agora eu não podia jogá-lo fora. Além do mais, eu tinha medo de que, tendo causado tanto dano, eu provavelmente afastaria Joe de mim, se ele acreditasse na história; eu tinha medo também de que ele não acreditasse, mas achasse que era uma invenção monstruosa, igual a dos cachorros fabulosos e suas costeletas de vitela. No entanto, acabei por transigir comigo mesmo; afinal, de que adiantava oscilar entre o certo e o errado depois da coisa feita? E decidi fazer uma confissão completa, caso vislumbrasse uma nova ocasião que me permitisse ajudar na descoberta do culpado.

Os policiais e os homens da Bow Street, de Londres – pois isso

aconteceu na época da extinta polícia dos coletes vermelhos – estiveram na nossa casa por uma ou duas semanas, e fizeram exatamente o que eu havia lido ou ouvido dizer que as autoridades como eles faziam em situações semelhantes. Eles prenderam diversas pessoas erradas que obviamente não tinham nada a ver com o caso, enfiaram na cabeça as ideias mais estapafúrdias, e insistiram em tentar ajustar as circunstâncias às ideias, em vez de tentar extrair ideias das circunstâncias. E mais, postaram-se na porta do "Três Barqueiros Alegres" com o ar reservado de quem sabia muito mais do que dizia, o que encheu a vizinhança inteira de admiração; e tinham uma maneira misteriosa de pegar seus copos de bebida, como se estivessem pegando o próprio culpado. Mas não de todo, porém, pois isso eles nunca fizeram.

Muito tempo depois que esses dignos poderes constitucionais já haviam partido, minha irmã ainda estava de cama, muito doente. Sua visão fora afetada, de forma que ela via os objetos multiplicados, e agarrava xícaras de chá ou copos de vinho imaginários, em vez dos reais; sua audição fora muito prejudicada, assim como sua memória; e sua fala era ininteligível. Quando, afinal, ela conseguiu descer as escadas com ajuda, ainda era necessário manter sempre minha ardósia por perto, para que minha irmã pudesse escrever aquilo que não podia articular em palavras. Como sua ortografia era muito ruim (sem contar a péssima letra), e Joe era um leitor ainda pior, surgiam complicações extraordinárias entre eles, que sempre me chamavam para resolver. A administração de carne de carneiro em vez de remédio, a substituição de chá por Joe, e do padeiro por toucinho, estavam entre os erros mais moderados.

No entanto, seu temperamento melhorara bastante, e ela se tornara mais paciente. Um tremor nervoso tomou conta de todos os seus membros, e logo se tornou parte do seu estado regular; depois, a intervalos de dois ou três meses, ela muitas vezes punha as mãos na cabeça, e então permanecia em torno de uma semana em um estado de melancólica aberração de espírito. Nós estávamos com problemas para encontrar uma acompanhante adequada para ela, até que uma circunstância fortuita veio em nosso auxílio. A tia-avó de Mr. Wopsle resolveu abandonar aquele seu péssimo hábito de viver, e Biddy passou a ser parte da nossa casa.

Foi cerca de um mês depois que minha irmã reapareceu na cozinha, que Biddy chegou à nossa casa com uma caixinha pintada contendo todos os

seus pertences mundanos, e tornou-se uma bênção para a família. Acima de tudo, foi uma bênção para Joe, pois o pobre companheiro estava terrivelmente abatido por contemplar a lenta destruição da sua esposa, e à noite, ao cuidar dela, costumava virar-se para mim de vez em quando e dizer, com os olhos azuis marejados de lágrimas, “Ela era uma bela figura de mulher, Pip!” Biddy logo se encarregou da doente com a maior eficiência, como se a tivesse conhecido desde a infância; Joe pode então desfrutar, de algum modo, da maior tranquilidade que fazia parte da sua vida agora, e de vez em quando aparecia no “Três Barqueiros Alegres”, em uma mudança de ares que lhe fazia muito bem. Uma coisa característica dos policiais é que todos haviam suspeitado mais ou menos do pobre Joe (embora ele jamais soubesse disso), e que todos, de comum acordo, o consideravam como um dos espíritos mais profundos que já haviam encontrado.

O primeiro triunfo de Biddy na sua nova tarefa foi resolver uma dificuldade que havia me derrotado por completo. Eu me esforçara muito, mas não conseguira nada. Tratava-se do seguinte:

Muitas e muitas vezes, minha irmã tinha escrito na ardósia uma letra que se parecia com um curioso T; depois, com muita ansiedade, chamava nossa atenção para a letra, como uma coisa que ela desejasse particularmente. Tentei em vão tudo que começasse com um T, desde tacho e torrada até tubarão. Por fim, me ocorreu que a letra se parecia com um martelo, e ao pronunciar essa palavra no ouvido da minha irmã, ela começou a martelar na mesa, expressando sua concordância. Eu logo trouxe todos os martelos que tínhamos na casa, um depois de outro, mas sem o menor resultado. Então pensei em uma muleta, pois a forma era quase a mesma. Pedi uma emprestada na aldeia, e, cheio de confiança, exibi-a diante dos olhos da minha irmã. Mas quando ela viu, sacudiu a cabeça de tal forma que ficamos apavorados, temendo que no seu estado de fraqueza ela acabasse deslocando o pescoço.

Quando minha irmã percebeu que Biddy era muito rápida para entendê-la, esse sinal misterioso reapareceu na ardósia. Biddy olhou pensativamente para a letra, ouviu minha explicação, olhou pensativamente para minha irmã, olhou pensativamente para Joe (que sempre era representado na ardósia pela sua inicial), e correu para a ferraria, seguida por Joe e eu.

“Ora, é claro!”, exclamou Biddy, com uma expressão triunfante. “Não

estão vendo? É ele!”

Orlick, sem dúvida! Ela esquecera o nome dele, e só conseguia representá-lo pelo seu martelo. Nós lhe contamos por que queríamos que ele fosse até a cozinha. Ele largou o martelo lentamente, enxugou o rosto com a manga, enxugou de novo com o avental e veio se arrastando para fora, naquele passo hesitante e despreocupado que o distinguia.

Confesso que eu esperava ver minha irmã denunciá-lo, e fiquei desapontado quando o resultado foi outro. Ela mostrou-se muito ansiosa para ficar em bons termos com ele, ficou muito feliz por nós o termos trazido, e fez sinal para que lhe oferecêssemos uma bebida. Ela observava o rosto de Orlick como se estivesse desejosa de se assegurar que ele recebia essa atitude com amabilidade. Mostrou grande desejo de reconciliar-se, e havia nela um ar de humildade, como eu muitas vezes vi no comportamento das crianças diante de um mestre severo. Dali em diante, raramente se passava um dia sem que ela desenhasse o martelo na ardósia, e sem que Orlick entrasse se arrastando e se colocasse diante dela com uma expressão obstinada, como se não soubesse mais do que eu o que devia fazer.

CAPÍTULO XVII

Eu entrei na rotina normal da vida de um aprendiz, que não foi marcada, além dos limites da aldeia e dos pântanos, por nenhuma outra circunstância mais digna de nota do que a chegada do meu aniversário, e a minha outra visita a Miss Havisham. Encontrei Miss Sarah Pocket ainda encarregada de abrir o portão; encontrei Miss Havisham da mesma maneira que a tinha deixado, e ela falou de Estella exatamente do mesmo modo, senão com as mesmas palavras. A entrevista durou só alguns minutos, e quando eu estava indo embora ela me deu um guinéu, dizendo-me que viesse de novo no meu próximo aniversário. Posso mencionar de uma vez que isso se tornou um costume anual. Tentei recusar o guinéu na primeira vez, mas sem efeito melhor do que ouvi-la me perguntar, zangada, se eu esperava mais, por acaso? Desde então, passei a aceitar a moeda.

Tudo era tão imutável, na velha casa sombria, na luz amarela do quarto escuro, no espectro esmaecido na cadeira ao lado do toucador, que me parecia que, assim como os relógios, o tempo também tinha parado naquele lugar misterioso; ali, enquanto eu e tudo em volta envelhecia, tudo permanecia imóvel. A luz do dia jamais entrou naquela casa, tanto quanto minhas lembranças e pensamentos possam me esclarecer sobre o fato agora. Isso me desnorteava, e sob tal influência, no fundo do coração continuei a odiar a minha ocupação e a ter vergonha da minha casa.

Sem me dar conta, comecei a perceber uma grande mudança em Biddy. Seus sapatos agora chegavam até o tornozelo, seu cabelo tornara-se limpo e brilhante, e suas mãos também estavam sempre limpas. Ela não era bonita – era comum, e não podia ser como Estella – mas era agradável, tinha boa saúde e um temperamento gentil. Biddy não devia estar conosco há mais de um ano (lembro-me que ela recém deixara o luto, quando isso me ocorreu), quando percebi certa noite que ela tinha olhos curiosamente pensativos e atentos; olhos muito bonitos e muito bons.

Aconteceu quando levantei meus próprios olhos de uma tarefa a que eu estava me dedicando – eu copiava algumas passagens de um livro, para melhorar duas coisas ao mesmo tempo, conhecimento e escrita, como um tipo de estratagema – e vi Biddy observando o que eu estava fazendo. Larguei a caneta, e Biddy parou com seu trabalho de costura, mas sem deixá-lo de lado.

“Biddy”, disse eu, “como é que você consegue? Ou eu sou muito

estúpido, ou você é muito inteligente.”

“O que é que eu consigo? Não sei do que está falando”, respondeu Biddy, sorrindo.

Biddy conseguia administrar toda nossa vida doméstica, e de modo maravilhoso, por sinal; mas não era a isso que eu me referia, embora tornasse o que eu queria dizer ainda mais surpreendente.

“Como você consegue, Biddy”, disse eu, “aprender tudo o que eu aprendo, sem nunca me deixar perceber?” Eu estava começando a ficar um tanto orgulhoso do meu conhecimento, pois gastava nisso todos os meus guinéus de aniversário, e separava a maior parte do meu dinheiro miúdo para investimento semelhante; embora eu não tenha a menor dúvida, agora, de que pagava extremamente caro pelo pouco que sabia.

“Eu também posso muito bem lhe perguntar”, disse Biddy, “como você consegue?”

“Não; porque quando eu venho da ferraria à noite, qualquer um pode ver que eu me dedico ao estudo. Mas você, Biddy, ninguém nunca vê.”

“Suponho que pego isso como se fosse uma tosse”, disse Biddy, calmamente; e continuou com sua costura.

Segui pensando nisso quando me reclinei na cadeira de madeira, e olhando para Biddy, costurando com a cabeça inclinada para o lado, comecei a pensar que ela era uma moça bastante extraordinária. Pois agora eu me lembrava que ela era igualmente eficiente no conhecimento dos termos usados na nossa atividade; sabia os nomes dos diferentes tipos de trabalho e das diversas ferramentas que usávamos na ferraria. Em resumo: tudo o que eu sabia, Biddy também sabia. Teoricamente, ela já era um ferreiro tão bom quanto eu, ou melhor.

“Você é uma dessas pessoas, Biddy”, disse eu, “que aproveitam da melhor maneira qualquer oportunidade. Você nunca teve uma chance antes de vir para cá, e olha o quanto já melhorou!”

Biddy olhou para mim por um momento, e prosseguiu com sua costura. “No entanto, eu fui sua primeira professora, não fui?”, disse ela, enquanto costurava.

“Biddy!”, exclamei, espantado. “Ora, você está chorando!”

“Não, não estou”, disse Biddy, olhando-me e rindo. “De onde tirou essa ideia?”

O que poderia ter me dado essa ideia senão o brilho de uma lágrima

caindo na sua costura? Fiquei em silêncio, recordando o burro de carga que Biddy tinha sido, até que a tia-avó de Mr. Wopsle perdeu aquele seu péssimo hábito de viver, hábito esse tão difícil de ser abandonado por certas pessoas. Recordei das circunstâncias desesperadas que a cercavam naquela lojinha miserável, e na escolinha noturna ruidosa e miserável, com aquele velho bando miserável de incompetentes sempre precisando ser corrigido e empurrado. Refleti que, mesmo naqueles tempos difíceis, devia ter estado oculto em Biddy aquilo que agora desabrochava, pois, no meu primeiro descontentamento e inquietação, fora para ela que eu me virara em busca de ajuda, como sempre. Biddy sentava-se quieta, costurando, sem derramar mais nenhuma lágrima, e me ocorreu, ao pensar em tudo isso enquanto a olhava, que talvez eu não tivesse sido suficientemente grato à Biddy. Que eu devia ter sido muito reservado, e que deveria tê-la honrado mais (embora não fosse bem essa palavra que eu usara nas minhas reflexões) com a minha confiança.

"Sim, Biddy", eu observei, quando pus um ponto final nas minhas reflexões, "você foi minha primeira professora, e isso em uma época em que nós jamais imaginaríamos que um dia estaríamos reunidos aqui nesta cozinha."

"Ah, pobrezinha!", respondeu Biddy. Era bem típico da abnegação de Biddy transferir a observação para minha irmã, lembrando-se de levantar-se para cuidar dela, deixando-a mais confortável; "Infelizmente é verdade!"

"Bem!", disse eu, "precisamos conversar um pouco mais, como fazíamos antes. E preciso consultá-la um pouco mais, também, como costumava. Vamos fazer um bom passeio pelos pântanos no domingo que vem, Biddy, e ter uma longa conversa."

Minha irmã nunca ficava sozinha, mas Joe prontificou-se a tomar conta dela na tarde daquele domingo, e Biddy e eu saímos juntos. Era verão, e o tempo estava lindo. Depois que tínhamos passado pela aldeia, pela igreja e pelo cemitério, e já estávamos nos pântanos, onde começamos a avistar as velas dos navios que navegavam por ali, eu comecei a misturar Miss Havisham e Estella com aquilo que estava diante dos meus olhos, como era meu hábito. Chegamos à margem do rio e nos sentamos na beira, com a água ondulando aos nossos pés; o suave murmúrio da água tornava a paisagem ainda mais silenciosa do que estaria sem aquele som. Eu resolvi que aquela era uma boa hora e um bom lugar para fazer minhas confidências à Biddy.

"Biddy", disse eu, partilhando meu segredo, "eu quero ser um

cavalheiro.”

“Oh, eu não quereria, se fosse você!”, ela respondeu. “Acho que não adiantaria nada.”

“Biddy”, disse eu, em um tom um pouco severo, “tenho razões particulares para querer ser um cavalheiro.”

“Você é quem sabe, Pip; mas não acha que é mais feliz do jeito que é agora?”

“Biddy”, eu exclamei, com impaciência, “não sou nem um pouco feliz do jeito que sou agora. Estou desgostoso com o meu aprendizado e com a minha vida. Nunca gostei de nenhum dos dois, desde que fui engajado como aprendiz. Não seja boba.”

“Eu fui boba?”, disse Biddy, levantando calmamente o olhar; “Sinto muito por isso; não era minha intenção. Só quero que você esteja bem e tranquilo.”

“Bem, então entenda de uma vez por todas que eu jamais estarei ou poderei estar tranquilo, nem serei qualquer outra coisa senão infeliz... Aí está, Biddy! A menos que eu possa levar um tipo de vida muito diferente do que levo agora.”

“É uma pena!”, disse Biddy, sacudindo a cabeça com ar desolado.

Bem, eu também pensara tantas vezes que era uma pena, que, no tipo singular de combate que eu estava sempre travando comigo mesmo, fiquei meio inclinado a derramar lágrimas de vergonha e angústia quando Biddy expressou verbalmente seu sentimento e o meu. Eu lhe disse que ela tinha razão, e que eu sabia que era o caso de lamentar-se, mas ainda assim não podia fazer nada.

“Se eu pudesse ter me habituado”, eu disse a Biddy, arrancando um punhado de grama ao meu alcance, como eu uma vez, na casa de Miss Havisham, tinha arrancado os cabelos e batido a cabeça na parede da cervejaria, para dar vazão aos meus sentimentos, “se eu pudesse ter me habituado, ou se pudesse gostar do trabalho na ferraria só a metade do que gostava quando era pequeno, sei que teria sido muito melhor para mim. Você, Joe e eu, não teríamos desejado mais nada, e Joe e eu teríamos nos tornado sócios, quando eu terminasse meu aprendizado, e eu poderia ter casado com você quando crescesse, e nós até mesmo poderíamos nos sentar nesta mesma margem, em um belo domingo, como pessoas bem diferentes. Eu seria bom o bastante para você, não seria, Biddy?”

Biddy suspirou, enquanto olhava para os navios passando ao longe, e respondeu, “Sim; não sou muito exigente.” Não soava muito lisonjeiro, mas eu sabia que ela não tinha má intenção.

“Em vez disso”, disse eu, arrancando um pouco mais de grama, e mastigando um talo ou dois, “veja como estou. Insatisfeito, inquieto e... O que significaria para mim ser grosseiro e vulgar, se ninguém tivesse me dito isso?”

Biddy virou o rosto para mim de repente, e me olhou com muito mais atenção do que olhara para os navios.

“Não é uma coisa muito verdadeira nem muito polida para se dizer”, ela observou, voltando a olhar para os navios. “Quem disse isso?”

Fiquei desconcertado, porque tinha feito o desabafo sem perceber bem aonde ia. Não podia recuar agora, porém, e respondi, “A linda senhorita na casa de Miss Havisham, e ela é mais bonita do que qualquer pessoa que já vi, e eu a admiro demais, e quero ser um cavalheiro por causa dela.” Tendo feito essa confissão inteiramente louca, comecei a lançar toda grama que eu havia arrancado no rio, como se tivesse vontade de segui-la e me jogar ali também.

“Você quer ser um cavalheiro para humilhá-la ou para conquistá-la?” Biddy perguntou-me calmamente, após um momento.

“Eu não sei”, respondi, de mau humor.

“Porque, se for para humilhá-la”, Biddy prosseguiu, “eu diria que o melhor caminho seria não ligar nem um pouco para as suas palavras. E se for para conquistá-la, eu diria que ela não merece ser conquistada. Mas você é quem sabe.”

Exatamente o que eu tinha pensado, muitas vezes. Exatamente o que estava perfeitamente claro para mim naquele momento. Mas como poderia eu, um pobre rapaz tosco de aldeia, evitar aquela inconsistência maravilhosa na qual os melhores e mais sábios dos homens caem todos os dias?

“Tudo isso pode ser bastante verdadeiro”, disse eu para Biddy, “mas eu tenho tanta admiração por ela!”

Para resumir, ao dizer isso virei bruscamente o rosto e agarrei um bom punhado dos meus cabelos, de cada lado da cabeça, arrancando-os com violência. Sabendo o tempo todo que a loucura que me ia no coração era tão absurda e disparatada, que eu teria feito muito melhor se, em vez de virar o rosto e me arrancar os cabelos, tivesse batido minha cabeça contra os seixos, como castigo por pertencer a um idiota como eu.

Biddy era a mais sensata das moças, e não tentou mais argumentar comigo. Ela pôs suas mãos, que eram bastante agradáveis, embora um pouco ásperas pelo trabalho, sobre as minhas, uma depois da outra, e tirou-as suavemente dos meus cabelos. Então deu uma palmadinha gentil no meu ombro, à guisa de conforto, enquanto eu chorava um pouco com o rosto escondido na manga – exatamente como havia feito no pátio da cervejaria. No fundo do coração, eu me sentia vagamente convencido de que fora maltratado por alguém, ou por todo mundo, não sei qual dos dois.

"Estou contente com uma coisa, Pip", disse Biddy "é que você tenha sentido que podia confiar em mim. E estou contente com outra coisa, isto é, que você sabe com certeza que sempre serei digna dessa confiança, e farei tudo para conservá-la. Se a sua primeira professora (pobre professora, com tanta necessidade ela mesma de aprender!) fosse a sua professora neste momento, acho que ela sabe bem que lição teria para lhe dar. Mas seria uma lição muito difícil de aprender, e como agora você já sabe mais do que ela, não serviria para nada." Assim, com um sinal para mim, Biddy levantou-se e disse, com uma mudança agradável na voz, "Vamos andar um pouco mais adiante, ou voltamos para casa?"

Levantei-me, pus meus braços ao redor do seu pescoço e dei-lhe um beijo, exclamando, "Biddy, sempre vou lhe contar tudo."

"Até o dia em que for um cavalheiro", disse Biddy.

"Você sabe que eu nunca serei, então vai ser para sempre. Não que eu tenha qualquer chance de lhe contar alguma coisa, pois você sabe tudo que eu sei – como eu lhe disse outra noite lá em casa."

"Ah!", disse Biddy, em um sussurro, olhando para os navios. E então repetiu, com aquela mudança agradável de voz, "vamos um pouco mais adiante, ou voltamos para casa?"

Eu disse a Biddy que iríamos um pouco mais adiante, e assim fizemos; e a tarde de verão transformou-se em uma noite de verão, e tudo ao redor era muito bonito. Comecei a pensar se afinal não estava em uma posição muito melhor, sob todos os aspectos, nas minhas atuais circunstâncias, do que jogando batalha à luz de velas, em um quarto com os relógios parados onde era desprezado por Estella. Pensei que seria muito bom para mim se eu pudesse tirá-la da cabeça, assim como todo o resto dessas recordações e fantasias, e se pudesse apreciar o meu trabalho, agarrar-me a ele e fazer o melhor com o que me coubera na vida. Eu me perguntava se já

não sabia que, caso fosse Estella que estivesse ao meu lado naquele momento ao invés de Biddy, se ela não me faria infeliz. Fui obrigado a admitir que sabia com certeza que sim, e disse para mim mesmo, “Pip, que tolo você é!”

Conversamos muito enquanto andávamos, e tudo que Biddy dizia me parecia correto. Biddy nunca era ofensiva nem caprichosa, nem era Biddy hoje e outra pessoa diferente amanhã; ela só sentiria tristeza, e não prazer, se me causasse alguma dor, e teria mil vezes preferido machucar seu próprio coração do que o meu. Como podia acontecer, então, que eu não gostasse muito mais dela do que da outra?

“Biddy”, disse eu, quando voltávamos para casa, “queria que você pudesse colocar-me no caminho certo.”

“Quem me dera pudesse!”, disse Biddy.

“Se eu apenas pudesse me apaixonar por você... Não se importa que eu fale com tanta franqueza a uma velha conhecida, não é?”

“Oh, querido, claro que não!”, disse Biddy. “Não se importe comigo.”

“Se eu pudesse conseguir isso, seria a melhor coisa do mundo para mim.”

“Mas, veja bem, você jamais poderá, Pip”, disse Biddy.

O fato não me parecia tão improvável naquela noite, como teria parecido se nós o tivéssemos discutido algumas horas antes. Observei a Biddy então que eu não estava tão certo disso. Mas Biddy disse que estava, e falou de modo decisivo. No fundo do coração, eu sabia que ela estava certa. Mesmo assim, fiquei um tanto incomodado por ela ser tão positiva sobre esse ponto.

Quando chegamos ao cemitério, tínhamos que cruzar um dique e transpor uma barreira perto do portão da eclusa. Ali vimos surgir de repente o Velho Orlick, que saíra do portão, ou dos juncos, ou da vasa, que se estendia calma e estagnada.

“Olá!”, ele murmurou, “Para onde vocês dois estão indo?”

“Para onde estaríamos indo, senão para casa?”

“Bem, então”, disse ele, “que eu seja amaldiçoado, se não for junto para ver os dois entrando em casa!”

Essa coisa de ser castigado por uma maldição era sua expressão imaginária favorita. Que eu saiba, ele não emprestava nenhum significado definido à palavra, mas usava-a, assim como seu pretenso nome de batismo, para afrontar o gênero humano e transmitir uma ideia de algo terrivelmente

nocivo. Quando eu era mais jovem, tinha a firme convicção de que se o diabo me amaldiçoasse pessoalmente, faria isso usando um gancho torto e afiado.

Biddy era contrária à ida dele conosco, e disse-me em um sussurro, “Não deixe que ele venha; não gosto dele.” Como eu também não gostava, tomei a liberdade de dizer-lhe que nós lhe agradecíamos, mas não queríamos companhia para casa. Ele recebeu aquela informação com uma risada e recuou, mas veio se arrastando atrás de nós a uma pequena distância.

Curioso para saber se Biddy suspeitava que ele tivesse alguma participação naquele ataque assassino, do qual minha irmã jamais pudera contar coisa alguma, perguntei-lhe por que ela não gostava dele.

“Oh!”, ela respondeu, olhando por sobre o ombro enquanto ele vinha no seu passo gingado atrás de nós, “porque eu... eu tenho medo que ele goste de mim.”

“Ele já lhe falou que gosta de você?”, perguntei, indignado.

“Não”, disse Biddy, olhando novamente por cima do ombro, “ele nunca me falou isso; mas ele dança para mim, sempre que percebe que estou olhando para ele.”

Embora me parecesse novo e original esse testemunho de afeição, não duvidei do acerto da interpretação de Biddy. Na verdade estava furioso com o Velho Orlick, por ter tido a ousadia de admirá-la; tão furioso como se fosse uma afronta à minha própria pessoa.

“Mas isso não tem importância para você, sabe disso”, disse Biddy, calmamente.

“Não, Biddy, não tem importância para mim; só não gosto disso; não aprovo.”

“Nem eu”, disse Biddy. “Embora não tenha importância para você.”

“Exatamente”, eu disse; “mas devo dizer-lhe que eu não teria consideração por você, Biddy, se ele dançasse para você com o seu consentimento.”

Passei a vigiar Orlick a partir daquela noite, e, sempre que as circunstâncias eram favoráveis a que ele dançasse para Biddy, postava-me diante dele para atenuar essa demonstração. Ele tinha fincado raízes na oficina de Joe, por causa da súbita afeição de minha irmã por ele, ou eu teria tentado fazer com que fosse despedido. Ele entendeu muito bem, e retornou minhas boas intenções, como tive razões de constatar depois disso.

E agora, como se meu espírito já não estivesse confuso o suficiente,

eu aumentei a confusão cinquenta mil vezes, ao pensar em certos dias e em certos momentos, no quanto Biddy era infinitamente melhor do que Estella, e que a vida de trabalho simples e honesta para a qual eu havia nascido não tinha nada de que eu pudesse me envergonhar, mas me oferecia meios suficientes de amor-próprio e felicidade. Nessas ocasiões, eu concluía que meu desamor pelo querido Joe e pela ferraria tinha se dissipado, e que eu estava caminhando na direção de me tornar sócio de Joe e companheiro de Biddy... quando de repente, em um momento, alguma lembrança confusa dos meus dias em casa de Miss Havisham caía sobre mim como um raio fulminante, dispersando meu pobre espírito em todas as direções. Recuperar o espírito leva um longo tempo; e muitas vezes, antes que eu tivesse tempo de recuperá-lo, meu pobre espírito era de novo fulminado e se dispersava outra vez, a um simples pensamento perdido, de que talvez Miss Havisham afinal fizesse a minha fortuna quando meu aprendizado chegasse ao fim.

Se meu aprendizado tivesse terminado, ouso dizer que teria me encontrado ainda mergulhado nessas perplexidades. Ele nunca terminou, porém, mas foi levado a um fim prematuro, como passo a relatar.

CAPÍTULO XVIII

Foi no quarto ano do meu aprendizado com Joe, em uma noite de sábado. Havia um grupo reunido junto ao fogo no “Três Barqueiros Alegres”, atento a Mr. Wopsle, que lia o jornal em voz alta. Eu era um dos que faziam parte do grupo.

Fora cometido um crime que causara grande comoção pública, e Mr. Wopsle estava encharcado de sangue até os olhos, só de ler. Ele se comprazia com cada um dos adjetivos repugnantes usados no relato, e se identificava com toda e qualquer testemunha do inquérito. Ele até gemeu fracamente como a vítima: “Estou acabado!”, e berrou selvagemente como o assassino: “Vou pagar na mesma moeda!”. Ele nos forneceu o testemunho médico, em uma imitação perfeita do nosso médico local; e gaguejou e tremeu como o velho encarregado da barreira, que tinha ouvido os golpes, a ponto de imitar até a sua paralisia, e lançar dúvidas sobre a competência mental daquela testemunha. O juiz encarregado de investigar o crime, nas mãos de Mr. Wopsle, tornou-se Timon de Atenas[1]; o bedel, Coriolano[2]. Ele se divertia imensamente, e todos nós nos divertíamos também, em uma aura de delicioso conforto. Neste agradável estado de espírito, pronunciamos o veredicto de assassinato premeditado.

Foi só então que me dei conta da presença de um cavalheiro estranho, apoiado nas costas de um banco em frente a mim, olhando para nós. Havia em seu rosto uma expressão de desprezo, e ele mordia o lado do seu dedo indicador, enquanto olhava para as pessoas do grupo.

“Bem!”, disse o estranho para Mr. Wopsle, quando a leitura terminou, “o senhor resolveu tudo do modo que melhor o satisfaz, sem dúvida?”

Todo mundo se assustou e olhou para ele, como se o homem fosse o assassino. Ele olhou para todo mundo com uma expressão de frieza e sarcasmo.

“Culpado, não é?”, disse ele. “Ora, digam logo. Vamos!”

“Senhor”, respondeu Mr. Wopsle, “mesmo sem ter a honra de conhecê-lo, eu digo: culpado.” Diante disso, todos criamos coragem para murmurar uma confirmação.

“Sei que pensam assim”, disse o estranho; “Eu sabia que diriam isso. Eu lhes disse. Mas agora, faço-lhes uma pergunta. Vocês sabem, ou não sabem, que a lei da Inglaterra supõe que todo homem é inocente, até que se

prove – que se prove de modo definitivo – que é culpado?”

“Senhor”, Mr. Wopsle começou a responder, “na minha qualidade de inglês, eu...”

“Vamos!”, disse o estranho, mordendo o dedo. “Não fuja da pergunta. Ou o senhor sabe, ou não sabe. O que vai ser?”

Ele ficou com a cabeça e o corpo para frente, em um modo interrogativo e ameaçador, e apontou o dedo indicador para Mr. Wopsle, antes de mordê-lo de novo.

“E então?”, disse ele. “O senhor sabe disso, ou não sabe?”

“Certamente que sei”, respondeu Mr. Wopsle.

“Certamente que sabe! Então por que não disse logo? Agora, vou lhe fazer outra pergunta”, disse o homem, apropriando-se de Mr. Wopsle, como se tivesse direito à pessoa dele, “o senhor sabia que nenhuma dessas testemunhas foi reinquirida?”

Mr. Wopsle começou com, “Tudo que posso dizer é que...”, quando o estranho o interrompeu.

“O quê? Não vai responder à pergunta? Sim ou não? Bem, vou colocá-lo à prova de novo.” E apontou o dedo outra vez para ele. “Preste atenção. O senhor está ao par, ou não está ao par, que nenhuma dessas testemunhas foi interrogada de novo ainda? Vamos, só quero uma palavra do senhor: sim ou não?”

Mr. Wopsle hesitou, e todos nós começamos a ter uma opinião bem pobre sobre ele.

“Vamos!”, disse o estranho, “Vou ajudá-lo. O senhor não merece, mas vou ajudá-lo mesmo assim. Olhe para esse papel que o senhor segura na mão. O que é isso?”

“O que é isso?”, repetiu Mr. Wopsle, olhando para o papel, meio perdido.

“É, por acaso”, prosseguiu o estranho, no seu modo mais sarcástico e suspeitoso, “o papel impresso que o senhor estava lendo há pouco?”

“Sem dúvida.”

“Sem dúvida...! Agora, olhe para esse papel, e me diga se ele afirma com toda clareza que o prisioneiro disse expressamente que os seus consultores legais o instruíram a reservar sua defesa?”

“Eu li isso agora mesmo”, defendeu-se Mr. Wopsle.

“Não importa o que o senhor leu agora mesmo, cavalheiro; não estou

lhe perguntando o que acabou de ler. Pode até ler o Pai Nosso de trás para frente, se lhe agrada – e já deve até ter feito isso antes. Volte ao papel. Não, não, não meu amigo; não é no alto da coluna, o senhor sabe muito bem; em baixo, em baixo." (Todos nós começamos a considerar Mr. Wopsle um homem cheio de subterfúgios.) "Bem? Encontrou?"

"Aqui está", disse Mr. Wopsle.

"Agora, siga essa passagem com os olhos, e me diga se afirma com toda clareza que o prisioneiro disse expressamente que foi instruído pelos seus consultores legais a reservar a sua defesa? Vamos! Está escrito isso aí?"

Mr. Wopsle respondeu, "Não são essas as palavras exatas."

"Não são as palavras exatas!", repetiu o cavalheiro, em um tom amargo. "Mas o sentido é o mesmo?"

"Sim", disse Mr. Wopsle.

"Sim", repetiu o estranho, olhando em volta para o resto do grupo, com a mão direita estendida na direção da testemunha, Mr. Wopsle. "E agora eu pergunto aos senhores o que pensam da consciência deste homem, que, com essa passagem diante dos olhos, pode deitar a cabeça tranquilamente no travesseiro depois de ter declarado culpado um de seus semelhantes, que nem mesmo foi ouvido?"

Todos começamos a suspeitar que Mr. Wopsle não era o homem que havíamos imaginado, e que a verdade a esse respeito começava a vir à tona.

"E lembrem-se que este mesmo homem", prosseguiu o cavalheiro, apontando o dedo com firmeza para Mr. Wopsle, "este mesmo homem poderia ser chamado para ser jurado nesse mesmo julgamento, e, depois de ter-se pronunciado assim publicamente, voltaria ao seio da sua família e colocaria a cabeça com toda tranquilidade no travesseiro, depois de jurar deliberadamente que julgaria com imparcialidade e justiça, entre Sua Majestade, o Rei, nosso soberano, e o prisioneiro levado ao tribunal, e pronunciaria um veredicto baseado inteiramente nas provas, com a graça de Deus!"

Todos ficamos inteiramente convencidos de que o infeliz Wopsle tinha ido longe demais, e que faria melhor em abandonar esse curso de ação desastroso enquanto ainda era tempo.

O estranho cavalheiro, com um ar de autoridade incontestável, e uma maneira expressiva de nos indicar que sabia algum segredo sobre cada um de nós, e que nos traria problemas se resolvesse revelá-los, deixou a parte de trás

do banco e se colocou no espaço livre entre dois bancos, onde ficou parado em frente ao fogo, a mão esquerda no bolso e o dedo indicador da outra mão entre os dentes.

"Por uma informação que recebi", disse ele, olhando em volta para nós, todos atentos a ele, "tenho razões para acreditar que há um ferreiro entre os senhores, chamado Joseph – ou Joe – Gargery. Quem é este homem?"

"Aqui está ele", disse Joe.

O estranho cavalheiro chamou-o de lado, e Joe foi.

"O senhor tem um aprendiz", prosseguiu o estranho, "conhecido vulgarmente como Pip? Ele está aqui?"

"Estou aqui!", exclamei.

O estranho não me reconheceu, mas eu o reconheci como o cavalheiro que eu tinha encontrado na escadaria, por ocasião da minha segunda visita a Miss Havisham. Eu o havia reconhecido no momento em que o vi atrás do banco, olhando para nós, e agora que ele tinha a mão sobre meu ombro e eu podia examiná-lo de perto, vi de novo em detalhes sua cabeça grande, o semblante escuro, os olhos fundos, as sobrancelhas negras cerradas, a longa corrente do relógio, os fortes pontos negros da barba e das suíças e até o cheiro de sabão perfumado na sua mão enorme.

"Eu desejo ter uma conversa particular com vocês dois", disse ele, depois de me examinar à vontade. "Levará pouco tempo. Talvez fosse melhor irmos até a sua residência. Prefiro não antecipar aqui o que tenho a dizer; vocês podem comunicar o quanto quiserem aos seus amigos depois, isso não me diz respeito."

Em meio a um silêncio curioso, nós três saímos do "Três Barqueiros Alegres", e em um silêncio curioso caminhamos até em casa. Enquanto andávamos, o estranho cavalheiro de vez em quando olhava para mim, e de vez em quando mordia o dedo. Quando nos aproximamos de casa, Joe, tendo um vago pressentimento de que a ocasião devia ser importante e requeria certa cerimônia, adiantou-se para abrir a porta da frente. Nossa conversa teve lugar na sala de visitas, fracamente iluminada por uma vela.

Começou com o estranho cavalheiro sentando-se à mesa, puxando a vela para si, e examinando algumas anotações em um livrinho de bolso. Ele então largou o livrinho, e colocou a vela um pouco de lado, depois de olhar em volta na escuridão para Joe e eu, para assegurar-se de quem era quem.

"Meu nome é Jaggers", disse ele, "e sou advogado em Londres, onde

sou bastante conhecido. Tenho um assunto incomum a tratar com vocês, e começo explicando que não veio da minha parte. Se tivessem pedido o meu conselho, eu não estaria aqui. Mas não pediram, por isso estou aqui. Faço apenas aquilo que tenho que fazer como agente confidencial de outra pessoa. Nem mais, nem menos."

Achando que não podia nos ver muito bem de onde estava sentado, ele se levantou; colocou uma perna na parte de trás de uma cadeira e assim ficou, um pé no assento da cadeira e outro no chão.

"Bem, Joseph Gargery, sou portador de uma oferta para liberá-lo desse rapaz, seu aprendiz. Não faria objeção a cancelar o seu contrato, a pedido dele e para o seu bem? Não exigiria nada para fazer isso?"

"Que Deus me guarde de pedir qualquer coisa para não ficar no caminho de Pip", disse Joe, olhando fixamente para o homem.

"Que Deus me guarde é muito piedoso, mas não neste caso", respondeu Mr. Jaggers. "A questão é: o senhor pediria alguma coisa? Deseja alguma coisa?"

"A resposta", replicou Joe, severamente, "é não."

Achei que Mr. Jaggers lançou um olhar para Joe, como se o considerasse um tolo por seu desinteresse. Mas eu estava muito confuso, entre a curiosidade e a surpresa, para ter certeza.

"Muito bem", disse Mr. Jaggers. "Lembre-se da admissão que fez, e não tente voltar atrás a qualquer momento".

"Quem está tentando voltar atrás?", retorquiu Joe.

"Não estou dizendo que alguém está tentando. O senhor tem um cachorro?"

"Sim, eu tenho um cachorro."

"Ponha na cabeça então que Fanfarrão é um bom cachorro, mas Gancho é um cachorro melhor ainda. Ponha isso na cabeça, está bem?" repetiu Mr. Jaggers, fechando os olhos e acenando com a cabeça para Joe, como se o estivesse perdoando por alguma coisa. "Bem, voltemos a esse rapazinho. Tenho a comunicar-lhe que há grandes esperanças para ele."

Joe e eu perdemos o fôlego, e olhamos um para o outro.

"Fui instruído a comunicar-lhe", disse Mr. Jaggers, apontando o dedo de lado para mim, "que ele entrará na posse de uma bela propriedade. Mais ainda: que é o desejo do dono atual dessa propriedade, que ele deixe imediatamente este lugar e a sua vida atual, e seja educado como um

cavalheiro. Em resumo: como um jovem de grandes esperanças.”

Meu sonho surgira; minhas mais loucas fantasias haviam sido ultrapassadas pela sóbria realidade; Miss Havisham ia providenciar minha fortuna em grande escala.

“Agora, Mr. Pip”, prosseguiu o advogado, “é ao senhor que eu dirijo o resto do que eu tenho a dizer. O senhor deve entender, em primeiro lugar, que é desejo da pessoa que me instruiu que o senhor use sempre o nome de Pip. O senhor não permitirá, suponho, que suas grandes esperanças sejam entravadas por essa condição tão fácil. Mas se tiver qualquer objeção, este é o momento de dizê-la.”

Meu coração batia tão rápido, e havia um zumbido tão forte em meus ouvidos, que eu mal pude gaguejar que não tinha nenhuma objeção.

“Achei mesmo que não! Em segundo lugar, Mr. Pip, o senhor deve entender que o nome do seu generoso benfeitor deve permanecer um profundo segredo, até que essa pessoa decida revelá-lo. Estou autorizado a dizer que é intenção dessa pessoa revelá-lo ao senhor pessoalmente, com suas próprias palavras, na primeira oportunidade. Quando ou onde essa intenção poderá se realizar, eu não saberia dizer; ninguém saberia, aliás. Pode levar anos. Agora, o senhor precisa entender com toda clareza que está formalmente proibido de fazer qualquer investigação nesse sentido, ou qualquer insinuação ou referência, mesmo distante, a qualquer pessoa como sendo o indivíduo em questão, em todas as comunicações que vier a ter comigo. Se tiver alguma suspeita no fundo do coração, guarde-a para si. Também não é o caso de saber as razões dessa proibição; podem ser as mais fortes e graves razões, ou pode ser mero capricho. Não lhe cabe indagar. As condições são estas. A única condição restante imposta pela pessoa a quem eu represento, e por quem não sou responsável em nenhum outro sentido, é que o senhor aceite essas condições e se comprometa a cumpri-las à risca. Essa pessoa é a pessoa sobre a qual repousam todas as suas expectativas na vida, e o segredo está selado entre essa pessoa e eu. Repito, não são condições difíceis de cumprir, a ponto de tolher a sua boa fortuna e a condição elevada que passará a ter. Mas se tiver qualquer objeção, este é o momento de mencioná-la. Fale.”

Mais uma vez, gaguejei com dificuldade que não tinha qualquer objeção.

“Achei mesmo que não! Bem, Mr. Pip, terminei de enumerar as

condições.” Embora ele me chamasse de Mr. Pip, e começasse a me tratar com mais respeito, ainda não conseguira se livrar de um certo ar suspeitoso e ameaçador; e mesmo agora ele ocasionalmente fechava os olhos e apontava o dedo para mim enquanto falava, como se quisesse indicar que conhecia todos os tipos de coisas desprezíveis sobre mim, e que podia mencioná-las quando bem entendesse. “Chegamos agora aos detalhes práticos. O senhor deve saber que, embora eu tenha usado o termo “esperanças” mais de uma vez, não foi dotado apenas de esperanças. Já se encontra em minhas mãos uma soma de dinheiro amplamente suficiente para sua educação e manutenção satisfatórias. Peço que me considere como seu tutor. Oh!”, pois eu ia começar a agradecer-lhe, “digo-lhe de uma vez que sou pago pelos meus serviços, ou não poderia prestá-los. Foi decidido que o senhor deve receber uma educação melhor, de acordo com sua nova posição, e o senhor perceberá a importância e a necessidade de começar de imediato a desfrutar dessa prerrogativa.”

Eu disse que sempre havia ansiado por isso.

“Não importa pelo que o senhor sempre tenha ansiado, Mr. Pip”, ele replicou; “guarde para si. Basta que anseie por isso agora. Entendi bem que o senhor está pronto a ser colocado de imediato sob a orientação de um preceptor adequado? É isso?”

Eu gaguejei que sim, que era isso.

“Ótimo. Agora, seus gostos devem ser levados em conta. Não acho que isso seja uma atitude sábia, veja bem, mas é minha obrigação. Alguma vez já ouviu falar de algum preceptor que o senhor prefira a qualquer outro?”

Eu nunca tinha ouvido falar de nenhum professor, exceto Biddy e a tia-avó de Mr. Wopsle; assim, respondi negativamente.

“Há um certo preceptor, a quem conheço um pouco, e que eu acho que poderia servir ao nosso propósito”, disse Mr. Jaggers. “Não o estou recomendando, note bem, pois nunca recomendo ninguém. O cavalheiro de quem falo é um certo Mr. Matthew Pocket.”

Ah! Lembrei na mesma hora do nome. O parente de Miss Havisham. O Matthew de quem Mr. e Mrs. Camilla haviam falado. O mesmo Matthew cujo lugar era à cabeceira de Miss Havisham, quando ela fosse estendida morta na sua mesa de casamento, com seu vestido de noiva.

“O senhor conhece esse nome?”, perguntou Mr. Jaggers, olhando astutamente para mim, e fechando os olhos enquanto esperava pela minha resposta.

Minha resposta foi que eu já tinha ouvido falar naquele nome.

“Ah!”, disse ele. “Já ouviu falar do nome. Mas a questão é: o que acha disso?”

Eu disse, ou tentei dizer, que lhe agradecia muito pela recomendação...

“Não, meu jovem amigo!”, ele interrompeu, balançando lentamente sua cabeça enorme. “Tente lembrar-se!”

Sem conseguir me lembrar, comecei de novo a dizer que lhe agradecia muito pela recomendação...

“Não, meu jovem amigo”, ele interrompeu, balançando a cabeça; depois franziu o cenho e sorriu ao mesmo tempo. “não, não, não; está muito bom, mas não basta; o senhor é jovem demais para me convencer com isso. Recomendação não é a palavra, Mr. Pip. Tente outra.”

Corrigindo-me, eu disse que lhe agradecia muito por mencionar Mr. Matthew Pocket.

“Assim está melhor!” exclamou Mr. Jaggers.

E acrescentei que ficaria contente de experimentar os serviços daquele cavalheiro.

“Ótimo. É melhor que o experimente na casa dele. Tudo estará preparado para o senhor, e poderá primeiro conhecer seu filho, que está em Londres. Quando virá a Londres?”

Eu disse (lançando um olhar para Joe, que estava imóvel e silencioso), que eu supunha que poderia ir imediatamente.

“Primeiro”, disse Mr. Jaggers, “o senhor precisa de algumas roupas novas, as roupas de trabalho não servem. Digamos daqui a uma semana, então. Vai precisar de algum dinheiro. Posso deixar-lhe vinte guinéus?”

Ele puxou uma bolsa comprida, colocou o dinheiro sobre a mesa e contou-o com a maior calma, depois o empurrou para mim. Foi a primeira vez que ele tirou a perna da cadeira. Sentou-se, então, com as pernas afastadas, depois de empurrar o dinheiro, e se pôs a balançar a bolsa olhando para Joe.

“Bem, Joseph Gargery? O senhor parece perplexo!”

“E estou!” disse Joe, de modo bastante decidido.

“Ficou entendido que o senhor não queria nada para si mesmo, está lembrado?”

“Ficou entendido, sim”, disse Joe. “E continua entendido. E sempre

será do mesmo modo.”

“Mas o que o senhor diria”, disse Mr. Jaggers, balançando a bolsa, “o que o senhor diria se eu tivesse recebido instruções para lhe dar um presente, como compensação?”

“Como compensação pelo quê?” perguntou Joe.

“Pela perda dos seus serviços.”

Joe pôs a mão no meu ombro, com a delicadeza de uma mulher. Desde então, muitas vezes pensei nele, com sua combinação de força e gentileza, como um martelo a vapor, que tanto pode esmagar um homem quanto quebrar levemente a casca de um ovo. “Pip é livre para partir, e é do fundo do coração, mais do que posso expressar em palavras, que desejo que seja feliz, em honra e fortuna. Mas se o senhor pensa que algum dinheiro pode me compensar pela perda dessa criança... que eu vi crescer na ferraria... e que foi o melhor dos meus amigos...”

Oh, meu bom e querido Joe, a quem eu estava tão pronto a deixar, e com quem fui tão ingrato! Eu o vejo ainda com seu braço musculoso de ferreiro diante dos olhos, seu largo peito arfando e sua voz se extinguindo. Oh, querido, bom, fiel e terno Joe, ainda sinto o tremor afetuoso da sua mão em meu braço, tão solenemente agora como se tivesse sido o roçar das asas de um anjo!

Mas, naquele momento, eu encorajei Joe. Eu estava perdido no labirinto das minhas futuras venturas, e não podia voltar meus passos pelos caminhos que havíamos percorrido juntos. Supliquei a Joe que se consolasse, pois (como ele disse) nós sempre tínhamos sido os melhores amigos do mundo, e (como eu disse) sempre seríamos. Joe esfregou os olhos com a mão livre, como se estivesse empenhado em arrancá-los, mas não disse mais uma palavra sequer.

Mr. Jaggers olhara para aquilo como se reconhecesse em Joe o idiota da aldeia, e em mim o seu guardião. Quando a cena acabou, ele disse, pesando na mão a bolsa que havia parado de balançar:

“Agora, Joseph Gargery, eu o advirto de que esta é sua última chance. Nada de meias palavras comigo. Se pretende receber o presente que fui encarregado de lhe ofertar, fale e o receberá. Se, ao contrário, pretende dizer...” Então, para seu grande assombro, Mr. Jaggers foi interrompido por Joe, que ficou andando ao redor dele com os punhos erguidos, como se estivesse pronto a cair sobre ele e derrubá-lo com um soco.

“O que eu pretendo dizer”, exclamou Joe, “é que, se o senhor entrou na minha casa para me importunar e me insultar, pode sair! O que eu pretendo dizer é que, se for um homem, pode vir! Pretendo dizer exatamente o que digo, e mantenho minha palavra!”

Afastei Joe dali, e ele se acalmou em seguida; contentou-se em me afirmar, de uma maneira amável e como uma advertência cortês a quem pudesse interessar, que ele não se deixaria importunar nem insultar dentro da sua própria casa. Mr. Jaggers havia se levantado quando Joe fez aquela demonstração belicosa, e recuara para perto da porta. Sem demonstrar qualquer intenção de voltar, ele me endereçou de longe suas últimas recomendações. Eram estas:

“Bem, Mr. Pip, acho que quanto mais cedo sair daqui, melhor – já que está destinado a ser um cavalheiro. Que seja dentro de uma semana, então. Até lá o senhor receberá por escrito o meu endereço. Pode tomar um coche de aluguel na estação das diligências em Londres, e dirigir-se imediatamente à minha casa. Entenda que não manifesto nenhuma opinião, seja qual for, sobre a missão de que fui encarregado. Sou pago para cumpri-la, e cumpro. Entenda bem isso, sobretudo, entenda bem isso!”

Ao dizer isso, ele apontava o dedo para nós dois, e acho que teria continuado, se não achasse que Joe podia se tornar perigoso; então partiu.

Algo me veio à cabeça que me levou a correr atrás dele, enquanto descia na direção do “Três Barqueiros Alegres”, onde o esperava uma carruagem de aluguel.

“Peço-lhe perdão, Mr. Jaggers.”

“Olá!”, disse ele, olhando em volta, “Qual é o problema?”

“Eu desejo agir certo, Mr. Jaggers, e cumprir suas instruções, então achei melhor perguntar. Haveria alguma objeção a que eu me despedisse das pessoas que eu conheço, aqui na região, antes de ir embora?”

“Não”, disse ele, olhando-me como se não entendesse direito.

“Quero dizer, não só aqui na aldeia, mas na cidade também.”

“Não”, disse ele. “Nenhuma objeção.”

Eu lhe agradeci e corri de novo para casa. Lá descobri que Joe já tinha fechado a porta da frente e desocupado a sala de visitas, e estava sentado na cozinha diante do fogo, com as mãos sobre os joelhos, olhando fixamente para as brasas incandescentes. Eu também me sentei diante do fogo e me pus a olhar as brasas, e ficamos em silêncio por um longo tempo.

Minha irmã estava no seu canto, sentada em sua cadeira acolchoada, e Biddy costurava, sentada diante do fogo. Joe estava sentado próximo a Biddy, e eu ao lado de Joe, no canto oposto à minha irmã. Quanto mais eu olhava para as brasas incandescentes, mais eu me sentia incapaz de olhar para Joe; quanto mais durava o silêncio, mais eu me sentia incapaz de falar.

Por fim, consegui dizer, “Joe, você contou para Biddy?”

“Não, Pip”, respondeu Joe, ainda olhando para o fogo e segurando os joelhos com força, como se tivesse alguma informação privilegiada de que eles pretendiam fugir para algum lugar, “achei que seria melhor você contar, Pip.”

“Eu preferia que você contasse, Joe.”

“Pip agora é um cavalheiro rico”, disse Joe “e que a benção de Deus o acompanhe!”

Biddy derrubou sua costura, e olhou para mim. Joe apertou os joelhos e olhou para mim. Eu olhei para os dois. Depois de uma pausa, ambos me felicitaram de todo coração; mas havia certo toque de tristeza nas suas felicitações, o que me deixou bastante triste.

Assumi a tarefa de fazer entender a Biddy (e através dela, a Joe) que eu considerava os meus amigos na séria obrigação de não saber nada e não dizer nada sobre a pessoa que fizera a minha fortuna. Isso tudo se saberia com o tempo, observei, e enquanto isso não se deveria dizer nada, exceto que havia grandes esperanças para mim, e que vinham de um protetor misterioso. Biddy concordou com ar pensativo, enquanto olhava para o fogo e retomava o trabalho, e disse que seria muito discreta; e Joe, ainda segurando os joelhos, disse, “Sim, sim, Pip, eu serei mais do que discreto”; e então eles me felicitaram de novo, e passaram a expressar tanto espanto de eu vir a me tornar um cavalheiro, que isso acabou por me agradar apenas pela metade.

Biddy então tomou infinitos cuidados para transmitir a minha irmã uma ideia do que tinha acontecido. Como eu havia previsto, esses esforços falharam por completo. Ela riu e balançou a cabeça muitas vezes, e até mesmo repetiu depois de Biddy as palavras “Pip” e “fortuna”. Mas duvido que elas tivessem mais sentido para ela do que um grito de eleição, e não posso pintar um quadro mais negro para dar uma ideia do seu estado mental.

Eu nunca poderia ter acreditado nisso se não tivesse experimentado, mas, enquanto Joe e Biddy voltavam ao seu estado de alegria habitual, eu ficava mais triste. Descontente com a minha fortuna, é claro que eu não

poderia estar; mas é bem possível que eu estivesse, sem me dar conta, insatisfeito comigo mesmo.

De qualquer modo, fiquei sentado, os cotovelos sobre os joelhos e o rosto apoiado nas mãos, olhando para o fogo, enquanto os dois falavam sobre a minha partida, e sobre o que fariam sem mim, e coisas como essas. E sempre que eu surpreendia um deles me olhando, embora o fizessem com alegria (e eles me olhavam um bocado, especialmente Biddy), eu me sentia ofendido, como se eles estivessem expressando algum tipo de desconfiança a meu respeito. Embora, Deus é testemunha, jamais tenham expressado tal sentimento por palavra ou sinal.

Nesses momentos, eu me levantava e olhava pela porta, pois a porta da nossa cozinha ficava aberta nas noites de verão para arejar a peça. As próprias estrelas para as quais eu erguia meus olhos, eu as considerava as estrelas mais pobres e humildes que havia, pois brilhavam sobre os objetos rústicos entre os quais eu tinha passado a minha vida.

"Já estamos na noite de sábado", disse eu, quando nos sentamos para nossa ceia de pão, queijo e cerveja. "Mais cinco dias e será a véspera do grande dia! Vai passar logo."

"Sim, Pip", observou Joe, cuja voz soava abafada na caneca de cerveja. "Vai passar logo."

"Logo, logo", disse Biddy.

"Estive pensando, Joe, que quando eu for à cidade na segunda-feira, para encomendar minhas roupas novas, seria melhor dizer ao alfaiate que vou buscar as roupas lá, ou então que ele pode mandá-las para a casa de Mr. Pumblechook. Seria muito desagradável ser olhado por toda gente aqui na aldeia."

"Mr. e Mrs. Hubble poderiam gostar de ver você nos seus trajes de cavalheiro, Pip", disse Joe, cortando meticulosamente o pão com o queijo na palma da mão esquerda, e olhando para a minha ceia intocada, como se pensasse no tempo em que costumávamos comparar nossas fatias. "E Mr. Wopsle também. E o pessoal dos 'Três Barqueiros Alegres' poderia considerar a sua visita como uma grande honra."

"É justamente isso que eu não quero, Joe. Eles fariam disso um acontecimento – uma coisa tão grosseira e vulgar – que eu não poderia suportar."

"Ah, realmente, Pip!". disse Joe. "Se você não se sente bem com

isso...”

Biddy então me perguntou, enquanto segurava o prato de minha irmã, “Você já pensou em se mostrar para Mr. Gargery, e para sua irmã e eu? Você vai nos deixar vê-lo, não vai?”

“Biddy”, respondi, um tanto ressentido, “você é tão viva, que é bem difícil acompanhar o seu ritmo.”

(“Ela sempre foi viva”, observou Joe.)

“Se você tivesse esperado mais um momento, Biddy, teria me ouvido dizer que trarei minhas roupas aqui em um pacote... provavelmente na véspera da minha partida.”

Biddy não disse mais nada. Perdoei-a generosamente, dei um afetuoso boa noite para ela e Joe, e fui para a cama. Quando entrei no meu pequeno quarto, sentei-me e olhei longamente para o quartinho miserável, que eu logo deixaria para sempre, para subir a uma posição mais elevada. Ele era mobiliado com recordações recentes, também, e não pude deixar de sentir minha mente confusa e dividida ao compará-lo com os quartos melhores em que eu iria viver, do mesmo modo que me sentira dividido tantas vezes entre a ferraria e a casa de Miss Havisham, e entre Biddy e Estella.

O sol brilhara forte o dia todo no telhado do meu pequeno sótão, e o quarto estava aquecido. Quando abri a janela e fiquei olhando a noite, vi Joe sair lentamente pela porta escura no andar de baixo, para dar uma ou duas voltas ao ar livre; então vi Biddy trazer-lhe o cachimbo e acendê-lo. Ele nunca fumava assim tão tarde, e me pareceu que precisava de consolo, por uma razão ou outra.

Ele então parou na porta logo abaixo de mim, fumando seu cachimbo; Biddy estava lá, também, conversando calmamente com ele. Soube que falavam de mim, pois ouvi meu nome ser mencionado em um tom amável por ambos mais de uma vez. Eu não queria ouvir mais, mesmo que pudesse. Assim, afastei-me da janela e sentei-me na única cadeira, ao lado da cama, pensando em como era estranho e triste que essa primeira noite da minha brilhante fortuna fosse a mais solitária que eu já havia passado até então.

Olhando pela janela aberta, vi as claras espirais de fumo do cachimbo de Joe flutuando no ar, e imaginei que eram uma bênção da parte dele – não impostas a mim, ou passando diante de mim, mas invadindo o ar que nós dois compartilhávamos. Apaguei a luz e deslizei para a cama. Não era mais a minha cama tranquila de antes, e eu jamais viria a dormir ali meu antigo sono

calmo e profundo.

[1] “Timon de Atenas”: uma das peças menos conhecidas de William Shakespeare onde é narrada a trajetória de um misantropo ateniense, Timon, personagem provavelmente inspirado no filósofo homônimo.

[2] “Coriolanus”: peça de William Shakespeare, que narra a história de Caio Márcio Coriolano, general romano que após ser traído pelo Senado romano une-se aos povos inimigos de Roma. A tragédia parece inspirada por violento ódio contra o povo e a democracia, mas também por domável espírito de revolta e de liberdade do indivíduo.

CAPÍTULO XIX

A luz da manhã fez uma diferença considerável na minha perspectiva geral de vida, e ela se tornou tão luminosa que mal parecia a mesma. O que pesava mais no meu espírito era pensar que havia seis dias entre hoje e o dia da minha partida, pois eu não conseguia evitar o receio de que algo poderia acontecer em Londres nesse meio tempo, e que, quando eu chegasse lá, a encontraria muito arruinada, senão completamente arrasada.

Joe e Biddy mostravam muita simpatia e gentileza quando eu falava da nossa próxima separação, mas só se referiam a isso quando eu tocava no assunto. Depois do café da manhã, Joe pegou meu contrato no armário da sala de visitas e nós o atiramos ao fogo, e eu senti que estava livre. Recentemente emancipado, fui para a igreja com Joe, e pensei que o clérigo talvez não tivesse lido aquilo sobre o homem rico e o reino dos céus[1] se soubesse de tudo que se passava.

Depois de jantarmos cedo, saí a passear sozinho, com a intenção de acabar de uma vez com os pântanos, despedindo-me daquele lugar. Quando passei pela igreja, senti (como já havia sentido durante o serviço religioso da manhã) uma compaixão sublime pelas pobres criaturas que estavam destinadas a continuar indo lá, domingo após domingo por toda sua vida, e acabar jazendo obscuramente sob esses humildes montículos de grama. Prometi a mim mesmo que faria alguma coisa por eles um dia desses, e esbocei um plano de oferecer um jantar de carne de boi assada, pudim de ameixa, um quartilho de cerveja inglesa e galões de condescendência, para todo mundo na aldeia.

Se até então eu tinha pensado muitas vezes, com um pouco de vergonha, na minha ligação com o fugitivo a quem eu tinha visto uma vez mancando entre essas sepulturas, quais não foram os meus pensamentos naquele domingo, quando o lugar me recordava o infeliz, em farrapos e tremendo de frio, com sua algema e a marca de criminoso! Meu consolo é que tudo havia acontecido muito tempo atrás, e que ele sem dúvida tinha sido levado para bem longe, e que agora estava morto para mim, se não estivesse realmente morto para o mundo inteiro.

Para mim, não haveria mais campos baixos e úmidos, nada mais de diques e eclusas, nada mais de gado pastando, embora, da sua maneira sombria, os animais me parecessem ter agora um ar mais respeitável, virando

a cabeça para ver, pelo maior tempo possível, o detentor de tão grandes esperanças. Adeus, companheiros monótonos da minha infância, daqui em diante só pensarei em Londres e na grandeza, não no trabalho da ferraria ou em vocês! Nesta disposição de espírito triunfante cheguei ao velho forte. Ali, deitei-me e acabei por adormecer, pensando se Miss Havisham pretendia que eu me casasse com Estella.

Quando acordei, fiquei bastante surpreso de encontrar Joe sentado ao meu lado, fumando seu cachimbo. Ele me deu um sorriso alegre quando abri os olhos, e disse:

"Como é sua última vez aqui, Pip, achei melhor seguir você."

"E fico muito contente que tenha feito isso, Joe."

"Obrigado, Pip."

"Pode estar certo, meu querido Joe", continuei, depois que trocamos um aperto de mão, "que eu nunca o esquecerei."

"Não, não, claro que não, Pip!", disse Joe, para me tranquilizar, "Tenho certeza disso. Sim, meu velho amigo! Deus o abençoe, basta apenas que um homem enfie isso direitinho na cabeça para ter certeza. Mas leva um pouco de tempo para entrar direitinho na cabeça, pois a mudança foi tão brusca, não foi, Pip?"

De algum modo, eu não me sentia contente por Joe ter tanta certeza a meu respeito. Eu preferia que ele tivesse traído alguma emoção, ou que tivesse dito, "Isso só te enobrece, Pip", ou algo desse tipo. Então, não respondi nada à primeira observação de Joe, e respondi à segunda dizendo apenas que as novidades realmente tinham surgido de repente, mas que eu sempre quisera ser um cavalheiro, e que muitas e muitas vezes tinha pensado no que faria caso fosse um.

"Você pensou?", disse Joe. "Isso é surpreendente!"

"É uma pena", disse eu, "que você não tenha aproveitado um pouco mais, Joe, quando estudávamos nossas lições aqui, não é?"

"Bem, eu não sei", respondeu Joe. "Sou tão lerdo para aprender! Só sou mestre em minha própria oficina. É uma pena que eu tenha sido sempre tão estúpido; mas não é pior agora do que antes... hoje faz um ano... Não é mesmo, Pip?"

O que eu queria dizer era que, quando eu entrasse na posse dos meus bens e pudesse fazer algo por Joe, seria muito mais agradável se ele estivesse melhor qualificado para ocupar uma posição mais elevada. Ele era tão

inocente sobre o meu propósito, porém, que achei melhor mencioná-lo para Biddy, de preferência.

Assim, depois que havíamos voltado para casa e tomado o chá, levei Biddy para a parte do nosso pequeno jardim que dava para a rua, e, depois de elevar-lhe o espírito de modo geral, dizendo que nunca a esqueceria, disse que queria pedir-lhe um favor.

"E o favor que lhe peço, Biddy", disse eu, "é que você não perca nenhuma oportunidade de ajudar Joe a melhorar um pouco."

"Melhorar em quê?", perguntou Biddy, com uma espécie de olhar fixo.

"Bem! Joe é um sujeito muito bom e digno – na verdade, acho que é o sujeito mais digno que já viveu neste mundo – mas ele é um tanto atrasado em certas coisas. Por exemplo, Biddy, na sua instrução e nas suas maneiras."

Embora eu estivesse olhando para Biddy enquanto falava, e embora ela arregalasse os olhos quando falei, ela não olhava para mim.

"Oh, suas maneiras! As maneiras dele não servem, então?", perguntou Biddy, arrancando uma folha de groselha.

"Minha querida Biddy, elas servem muito bem aqui..."

"Oh! Servem muito bem aqui!", interrompeu Biddy, olhando de perto para a folha em sua mão.

"Escute-me, Biddy... Se eu fosse promover a mudança de Joe para um círculo social mais elevado, como espero fazer quando entrar na posse dos meus bens, elas dificilmente lhe fariam justiça."

"E você acha que ele não sabe disso?", perguntou Biddy.

Era uma pergunta tão perturbadora (pois isso nunca me ocorrera, nem em sonho), que eu disse, de modo impaciente:

"Biddy, o que está querendo dizer?"

Biddy, depois de amassar a folha entre as mãos – e desde então, o cheiro de um arbusto de groselha sempre me recordava daquela noite no pequeno jardim ao lado da rua – disse:

"Nunca lhe ocorreu que ele pode ser orgulhoso?"

"Orgulhoso?", eu repeti, com um acento de desdém.

"Oh! Há muitos tipos de orgulho", disse Biddy, olhando direto para mim e balançando a cabeça; "O orgulho não é sempre da mesma espécie..."

"Bem? O que está querendo dizer exatamente?", disse eu.

"O orgulho não é sempre da mesma espécie", retomou Biddy. "Ele

pode ser muito orgulhoso para permitir que alguém o tire de uma posição que ele está perfeitamente apto a ocupar, e que ocupa bem e com respeito. Para falar a verdade, acho que ele é; embora pareça audácia da minha parte dizer isso, pois você deve conhecê-lo bem melhor do que eu."

"Escute, Biddy", disse eu, "estou muito desapontado com você. Eu não esperava isso da sua parte. Você é invejosa e ciumenta, Biddy. Você está descontente com a minha melhoria na vida, e não consegue esconder isso."

"Se você tem coragem de pensar assim", respondeu Biddy, "então diga. Diga isso muitas e muitas vezes, se tem coragem de pensar assim."

"E se você tem coragem de ser assim, Biddy", disse eu, em um tom virtuoso e superior; "não coloque isso sobre mim. Fico muito triste de ver uma coisa dessas. Esse é... esse é um lado mau da natureza humana. Eu pretendia pedir-lhe que aproveitasse qualquer oportunidade que tivesse depois que eu partir para ajudar a melhorar o meu querido Joe. Mas, depois disso, não lhe peço mais nada. Estou extremamente desapontado com você, Biddy", repeti. "Esse é um lado mau da natureza humana."

"Quer você me censure ou me aprove", respondeu a pobre Biddy, "pode contar comigo do mesmo modo, para tentar fazer tudo o que estiver ao meu alcance, aqui, a qualquer hora. E seja qual for a opinião que leve de mim, não fará a menor diferença na lembrança que terei de você. Embora um cavalheiro não devesse ser injusto", disse Biddy, virando a cabeça.

Eu repeti de novo, veementemente, que era um lado mau da natureza humana (em cujo sentimento, descontada a sua aplicação, desde então tenho tido razões para acreditar que estava certo), e desci o caminho, afastando-me de Biddy. Ela entrou na casa, e eu saí pelo portão do jardim e dei uma volta, desgostoso, até a hora da ceia. De novo, achei muito triste e estranho que a segunda noite da minha brilhante fortuna fosse tão solitária e insatisfatória quanto a primeira.

Mas a chegada da manhã mais uma vez clareou minhas ideias; estendi minha clemência a Biddy, e abandonamos o assunto. Vestindo minhas melhores roupas, fui para a cidade o mais cedo que pude, esperando encontrar as lojas abertas, e me apresentei a Mr. Trabb, o alfaiate. Mr. Trabb estava tomando o café da manhã na sala de estar atrás da sua loja, e achou que não valia a pena sair para me atender, mas mandou que eu fosse até ele.

"Bem!", disse Mr. Trabb, em um tipo de cumprimento *ei-amigo-que-bom-te-ver*. "Como vai você, e o que posso fazer por você?"

Mr. Trabb havia cortado seu pãozinho quente em três fatias, e estava passando manteiga nas três, e colocando-as umas sobre as outras. Ele era um próspero e velho solteirão, e sua janela aberta dava para um pequeno e próspero jardim e pomar, e havia um cofre de ferro bem próspero na parede ao lado da sua lareira, e eu não duvidava que dentro dele houvesse pilhas de prosperidade guardadas em bolsas.

"Mr. Trabb", disse eu, "é uma coisa desagradável de mencionar, porque parece ostentação, mas eu entrei na posse de uma bela fortuna."

Operou-se uma mudança em Mr. Trabb. Ele esqueceu da manteiga nas fatias, levantou-se da mesa e limpou os dedos na toalha, exclamando, "Que Deus abençoe minha alma!"

"Estou indo encontrar meu tutor em Londres", disse eu, tirando como por acaso alguns guinéus do bolso, e lançando-lhes um olhar casual; "e preciso de alguns trajes elegantes para a ocasião. Desejo pagá-los", acrescentei, do contrário achei que ele só fingiria fazê-los, "em dinheiro vivo."

"Meu caro senhor", disse Mr. Trabb, e curvou-se respeitosamente, abriu os braços e tomou a liberdade de tocar-me nos dois cotovelos, "não me magoe mencionando isso. Posso aventurar-me a felicitá-lo? O senhor me faria o favor de entrar na loja?"

O rapaz que trabalhava com Mr. Trabb era o rapaz mais audacioso de toda a região. Quando eu entrei, ele estava varrendo a loja, e suavizou suas agruras varrendo para cima de mim. Ele ainda estava varrendo quando voltei para a loja com Mr. Trabb, e batia sua vassoura contra todos os cantos e obstáculos imagináveis, para indicar (conforme eu entendi) que era igual ou melhor que qualquer ferreiro, vivo ou morto.

"Pare com esse barulho", disse Mr. Trabb, com a maior severidade, "ou lhe dou uns sopapos! Faça-me o favor de sentar-se, senhor. Vejamos, este aqui", disse Mr. Trabb, puxando um rolo de tecido, e deitando-o com leveza sobre o balcão, antes de colocar a mão sobre as pregas do tecido para mostrar-me o brilho, "é um artigo muito fino. Posso recomendá-lo para o seu propósito, senhor, porque é realmente extra-superior. Mas o senhor deve ver alguns outros. Dê-me o número quatro, menino!", dirigindo-se ao rapaz com um olhar terrivelmente severo, prevendo o perigo daquele patife esfregar-me o tecido ao passar, ou mostrar algum outro sinal de familiaridade.

Mr. Trabb não desgrudou o olhar implacável do rapaz até que ele

tivesse depositado o número quatro no balcão, e estivesse novamente a uma distância segura. Então mandou que ele trouxesse o número cinco, depois o número oito. “E não me venha com nenhum dos seus truques aqui”, disse Mr. Trabb “ou vai se arrepender, seu pequeno salafrário, até o último dia da sua vida.”

Mr. Trabb então se inclinou sobre o número quatro, e em um tom de respeitosa confiança recomendou-o para mim como um artigo leve para ser usado no verão, um artigo muito em voga entre a nobreza e os cavalheiros, um artigo que seria sempre uma honra para ele fornecer para uso de um distinto conterrâneo (se lhe fosse permitido considerar-se meu conterrâneo). “Você está trazendo os números cinco e oito, seu vagabundo”, disse Mr. Trabb para o rapaz, “ou terei que expulsá-lo da loja e trazê-los eu mesmo?”

Escolhi os tecidos para um terno, com a ajuda e conselho de Mr. Trabb, e voltei para a sala de estar para que ele tomasse as medidas. Pois embora Mr. Trabb já tivesse as minhas medidas, e isso antes sempre lhe tivesse servido muito bem, ele desculpou-se e disse que elas “não serviriam nas atuais circunstâncias, senhor, absolutamente não serviriam.” Assim, Mr. Trabb mediu-me e calculou-me, como se eu fosse uma propriedade e ele o mais hábil dos agrimensores. Deu-se a tamanha trabalheira, que eu sentia que nenhum terno poderia compensá-lo adequadamente por suas dificuldades. Quando ele terminou, afinal, e combinou de enviar os artigos para a casa de Mr. Pumblechook na noite de quinta-feira, disse, com a mão na maçaneta da sala de estar, “Eu sei, senhor, que os cavalheiros de Londres não costumam patrocinar a confecção local, via de regra; mas se o senhor vier me ver de vez em quando, na qualidade de conterrâneo, eu ficaria extremamente grato. Bom dia, senhor, eu lhe agradeço muito!... A porta!”

A última palavra fora dirigida ao rapaz, que não tinha a menor noção do seu significado. Mas eu o vi desmoronar, quando seu mestre alisou minha roupa para tirar o pó com suas próprias mãos, ao conduzir-me até a porta. Minha primeira experiência decisiva sobre o estupendo poder do dinheiro, foi ver moralmente arrasado o rapaz da loja de Mr. Trabb.

Depois desse evento memorável, fui ao chapeleiro, ao sapateiro, e ao camiseiro, sentindo-me igual ao cachorro de Mamãe Hubbard[2], cujo vestuário requeria os serviços de tantos profissionais. Fui também à estação das diligências, e comprei uma passagem para as sete horas da manhã de sábado. Não era necessário explicar em todos os lugares que eu havia entrado

na posse de uma bela propriedade, mas sempre que eu dizia alguma coisa a esse respeito, acontecia do negociante em questão parar de olhar distraidamente pela janela que dava para a rua, e concentrar toda sua atenção na minha pessoa. Depois de encomendar tudo o que precisava, dirigi-me à casa de Pumblechook, e, ao me aproximar da loja deste cavalheiro, vi-o parado na porta.

Ele estava esperando por mim com grande impaciência. Tinha saído de manhã bem cedo na sua charrete, e fora até a ferraria onde soubera das novidades. Ele havia preparado uma refeição leve para mim na sala de estar onde fora lido o Barnwell, e também mandara o seu empregado “sair do caminho”, quando a minha sagrada pessoa entrasse.

“Meu querido amigo”, disse Mr. Pumblechook, tomando-me pelas duas mãos, assim que ficamos a sós, ele, eu e a refeição, “eu o felicito pela sua boa fortuna. É bem merecida, muito bem merecida!”

Estava chegando ao ponto, e eu achei que era uma maneira conveniente de se expressar da parte dele.

“Pensar”, disse Mr. Pumblechook, depois de me considerar com admiração por alguns momentos, “que eu seria o humilde instrumento que conduziria a isso, é para mim uma recompensa esplêndida.”

Implorei a Mr. Pumblechook que se lembrasse de que nada deveria jamais ser dito ou suposto, sobre esse ponto.

“Meu jovem e querido amigo”, disse Mr. Pumblechook; “se é que me concede a honra de chamá-lo assim...”

Eu murmurei “certamente”, e Mr. Pumblechook pegou-me de novo pelas duas mãos, comunicando ao seu colete um movimento que poderia ser tomado por emoção, embora se tratassem de fatos concretos, “Meu jovem e querido amigo, confie em mim para fazer tudo o que puder na sua ausência, para que Joseph não se esqueça desse fato... Joseph! Oh!” disse Mr. Pumblechook, em um tom de compaixão. “Joseph!!! Joseph!!!” Então sacudiu a cabeça, dando uma pancadinha na testa, querendo expressar sua pouca confiança no senso de Joseph.

“Mas meu jovem e querido amigo”, disse Mr. Pumblechook, “deve estar com fome, deve estar exausto. Sente-se. Aqui está um frango que eu mandei vir do “Javali Azul”, aqui está uma língua que me foi enviada do “Javali Azul”, e aqui estão uma ou duas coisinhas que também vieram do “Javali Azul”, e que eu espero que você não deixe de apreciar. Mas”, disse

Mr. Pumblechook, levantando-se de novo um momento depois de ter se sentado, “será verdade que tenho diante de mim aquele com quem já brinquei tantas vezes durante a sua infância feliz? Será que me permite... me permite...?”

Este “me permite” devia significar que ele desejava apertar-me a mão. Eu consenti, e depois de apertar-me as mãos com fervor, ele sentou-se novamente.

“Aqui está o vinho”, disse Mr. Pumblechook. “Vamos beber... Brindemos à Fortuna, e que ela possa sempre escolher seus favoritos com o mesmo discernimento! E, no entanto, eu não posso”, disse Mr. Pumblechook, levantando-se novamente, “ver diante de mim o Eleito – e até mesmo beber com o Eleito – sem expressar de novo... Será que me permite... me permite...?”

Eu disse que permitia, e ele voltou a apertar-me as mãos, e esvaziou seu copo e virou-o de cabeça para baixo. Eu fiz o mesmo; e se eu tivesse virado a mim mesmo de cabeça para baixo antes de beber, o vinho não teria subido com mais rapidez à minha cabeça.

Mr. Pumblechook serviu-me a asa do frango, e a melhor fatia da língua (e o porco também, e não se tratavam de pedaços menos nobres), e, falando de modo comparativo, não se preocupou nem um pouco consigo mesmo. “Ah! As aves, as aves! Você dificilmente poderia pensar”, disse Mr. Pumblechook, apostrofando a ave no prato, “quando era apenas um pintinho, no que lhe estava reservado. Dificilmente poderia pensar que seria um alento, sob este humilde teto, para alguém como... Chame de fraqueza, se quiser”, disse Mr. Pumblechook, levantando-se novamente, “mas será que me permite... me permite...?”

Começou a ser desnecessário repetir-lhe que eu permitia, então ele o fez sem esperar consentimento. Como ele conseguia fazia isso com tanta frequência sem se ferir com a minha faca, confesso que não sei.

“E sua irmã”, ele retomou, depois de comer com firmeza alguns bocados, “que teve a honra de criá-lo à mão! É uma coisa muito triste, pensar que ela já não é capaz de entender tamanha honraria... me permite...”

Vi que ele estava a ponto de vir novamente com aquela história de abraço, e o interrompi.

“Vamos beber à saúde dela”, disse eu.

“Ah!”, exclamou Mr. Pumblechook, recostando-se na cadeira,

lânguido de admiração, “como é reconhecido a eles, senhor!” (Eu não sei quem era o senhor a quem ele se referia, mas certamente não era eu, e não havia uma terceira pessoa presente); “É assim que se reconhece um espírito nobre, senhor! Sempre generoso e sempre afável. Uma pessoa vulgar”, disse o servil Pumblechook, baixando depressa o copo sem ter provado a bebida, e voltando a se levantar, “poderia achar que estou me repetindo, mas será que me permite...?”

Depois de ter feito isso de novo, ele voltou a sentar-se e bebeu à saúde de minha irmã. “Não vamos ser cegos”, disse Mr. Pumblechook, “às suas falhas de temperamento, mas é de se esperar que ela tivesse boas intenções.”

A essa altura, eu comecei a observar que suas faces estavam ficando coradas; quanto a mim, sentia meu rosto todo arder, como se tivesse sido mergulhado em vinho.

Mencionei a Mr. Pumblechook que desejava que minhas roupas novas fossem enviadas para a sua casa, e ele ficou extasiado por eu tê-lo distinguido desta forma. Mencionei que queria evitar os olhares curiosos das pessoas na aldeia, e ele louvou minha atitude elevando-me aos céus. E declarou que não havia outra pessoa senão ele, que fosse digna da minha confiança, e... será que eu permitia? Então me perguntou ternamente se eu me lembrava dos jogos infantis em que nos divertíamos fazendo cálculos, e de como tínhamos ido juntos firmar meu contrato de aprendiz, e, de fato, de como ele sempre tinha sido o ideal da minha imaginação e o meu amigo mais dileto. Se eu tivesse tomado uma quantidade dez vezes maior de taças de vinho do que tomara, mesmo assim eu saberia que ele jamais tivera aquele tipo de relacionamento comigo, e do fundo do meu coração teria repudiado a ideia. No entanto, depois de tudo aquilo, lembro-me de ter me sentido convencido de que eu estivera muito enganado sobre ele, e que ele era um excelente companheiro, sensível, prático e generoso.

Aos poucos, ele passou a depositar em mim uma confiança tão grande, que começou a pedir meu conselho em relação aos seus próprios negócios. Mencionou que havia uma oportunidade para encampar e monopolizar o comércio de trigo e grãos naquele local, caso o estabelecimento pudesse ser aumentado, como nunca tinha acontecido antes, nesta ou em qualquer outra redondeza. A única coisa que estava faltando para a concretização desta vasta fortuna, no seu entender, era mais capital. Essas eram as duas palavrinhas mágicas: mais capital. Pois, parecia-lhe (a ele, Pumblechook) que se esse

capital fosse aportado ao negócio por um sócio anônimo, senhor, esse sócio anônimo não teria nada que fazer a não ser entrar sempre que lhe agradasse e examinar os livros, por si mesmo ou através de um representante – e vir duas vezes por ano só para botar seus lucros no bolso, à razão de cinquenta por cento. Parecia-lhe que este poderia ser um bom começo para um jovem cavalheiro que possuísse inteligência e fortuna, e que seria merecedor da sua atenção. Mas o que eu achava? Ele tinha muita confiança em minha opinião, o que eu achava? Minha opinião foi: “Espere um pouco!” A extensão e a clareza contidas nesta visão o atingiram de tal maneira, que ele não perguntou mais se poderia apertar-me a mão, mas disse que devia fazê-lo – e o fez.

Bebemos todo o vinho, e Mr. Pumblechook comprometeu-se inúmeras vezes a manter Joseph na linha (não sei que linha), e a me prestar serviços eficientes e constantes (não sei que serviços). Ele também fez questão de me informar, pela primeira vez na minha vida e sem dúvida depois de ter mantido esse segredo maravilhosamente bem guardado, que ele sempre tinha dito sobre mim, “Esse menino não é um menino comum, e ouçam o que digo, seu destino não será um destino comum”. Disse com um sorriso lacrimoso que, considerando o que acontecera, era algo bem estranho. Eu disse a mesma coisa. Finalmente, saí para o ar livre, com uma percepção turva de que havia algo diferente na conduta do sol, e descobri que tinha chegado meio sonolento à barreira, sem tomar o menor conhecimento da estrada.

Lá, fui despertado por Mr. Pumblechook, que me chamava. Ele estava bem longe na rua ensolarada, e fazia gestos expressivos para que eu parasse. Eu parei, e ele me alcançou ofegante.

“Não, meu querido amigo”, disse ele, quando recuperou o fôlego o suficiente para falar. “Não se eu puder evitar. Esta ocasião não pode passar sem essa amabilidade da sua parte. Será que me permite, como um velho e bem-intencionado amigo? Será que me permite?”

Trocamos um aperto de mãos pela centésima vez, pelo menos, e ele ordenou a um jovem carreteiro que passava, com a maior indignação, que saísse do meu caminho. Depois me abençoou e ficou acenando para mim até que eu tivesse passado a curva da estrada. Eu virei na direção de um campo, onde tirei um longo cochilo debaixo de uma cerca viva, antes de seguir meu caminho para casa.

A bagagem que eu levaria comigo para Londres era muito escassa, pois quase nada do que eu possuía serviria na minha nova situação. Mas

comecei a fazer as malas naquela mesma tarde, e empacotei de modo frenético coisas que eu sabia que precisaria na manhã seguinte, imaginando que não havia um minuto a perder.

E assim se passaram a terça, a quarta e a quinta-feira; e na sexta-feira pela manhã eu fui até a casa de Mr. Pumblechook, vestir minhas roupas novas e fazer minha visita a Miss Havisham. Mr. Pumblechook me cedeu seu próprio quarto para que eu me vestisse, e foram colocadas toalhas limpas especialmente para a ocasião. Minhas roupas foram uma grande decepção, é claro. Provavelmente, desde que se veste a roupa, toda vestimenta nova e ansiosamente esperada jamais correspondeu à expectativa do portador. Mas depois de usar meu terno novo por uma meia hora, e de ter feito uma infinidade de poses diante do espelho limitadíssimo de Mr. Pumblechook, na fútil tentativa de ver minhas pernas, ele parecia servir-me melhor. Como era dia de mercado em uma cidade vizinha, a cerca de dez milhas, Mr. Pumblechook não estava em casa. Eu não tinha lhe dito exatamente o dia da minha partida, e não era provável que trocasse de novo um aperto de mãos com ele antes de partir. Era tudo como deveria ser, e eu saí com o meu novo traje, envergonhado de ter que passar pelo rapaz da loja, e suspeitando afinal que eu não devia estar em grande vantagem pessoal, como Joe no seu terno de domingo.

Dei várias voltas pelas ruas secundárias para ir até a casa de Miss Havisham, e tive dificuldade para tocar o sino, por causa dos dedos longos e duros das minhas luvas. Sarah Pocket veio ao portão, e positivamente recuou quando me viu tão mudado; seu rosto de casca de noz passou de marrom para verde, depois para amarelo.

“Você?”, disse ela. “Você? Deus seja louvado! O que quer?”

“Vou para Londres, Miss Pocket”, disse eu “e queria dizer adeus para Miss Havisham.”

Eu não era esperado, pois ela me deixou trancado no pátio, enquanto ia perguntar se eu podia entrar. Depois de um curta demora, voltou e levou-me para cima, sem deixar de me encarar.

Miss Havisham exercitava-se no quarto em que havia a mesa comprida, apoiando-se na sua bengala. O quarto estava iluminado como antigamente, e ao ouvir nossos passos ela parou e virou-se. Estava então bem em frente ao bolo de noiva mofado.

“Não vá, Sarah”, ela disse. “Bem, Pip?”

“Estou partindo para Londres amanhã, Miss Havisham”, eu tomava extremo cuidado com o que dizia, “e pensei que a senhora não se importaria de eu vir me despedir.”

“Está uma figura e tanto, Pip”, disse ela, dando uma volta em torno de mim com a bengala, como se fosse a fada madrinha que mudara o meu destino, e agora estivesse dando seu toque final.

“Entrei na posse de uma bela fortuna desde a última vez que a vi, Miss Havisham”, murmurei. “E sou muito grato por isso, Miss Havisham!”

“Sim, sim!”, disse ela, olhando com deleite para a embaraçada e invejosa Sarah. “Estive com Mr. Jaggers. Já ouvi falar disso, Pip. Então parte amanhã?”

“Sim, Miss Havisham.”

“E foi adotado por uma pessoa rica?”

“Sim, Miss Havisham.”

“Uma pessoa cujo nome não foi informado?”

“Sim, Miss Havisham.”

“E Mr. Jaggers foi nomeado seu tutor?”

“Sim, Miss Havisham.”

Ela sentiu imenso prazer com essas perguntas e respostas, um prazer tão vivo quanto a decepção ciumenta de Sarah Pocket. “Bem!”, ela prosseguiu; “você tem uma carreira promissora diante de si. Seja bom, mereça a sorte que teve, e obedeça as ordens de Mr. Jaggers.” Ela olhou para mim, depois olhou para Sarah, e o rosto atento de Sarah torceu-se em um sorriso cruel. “Adeus, Pip! Seu nome sempre será Pip, sabe disso.”

“Sim, Miss Havisham.”

“Adeus, Pip!”

Ela estendeu a mão; fiquei de joelhos e levei-a aos lábios. Eu não havia pensado em como deveria despedir-me dela; no momento, me veio naturalmente a ideia de fazer isso. Ela olhou para Sarah Pocket com uma expressão de triunfo nos olhos estranhos. E assim deixei minha fada madrinha, com ambas as mãos apoiadas na bengala, parada no meio do quarto mal iluminado, ao lado do bolo de noiva mofado, que as teias de aranha escondiam da vista.

Sarah Pocket conduziu-me para baixo, como se eu fosse um fantasma que ela quisesse ver bem longe. Ela ainda não se recuperara da mudança na minha aparência, e estava muito confusa. Eu disse, “Adeus, Miss Pocket”,

mas ela apenas me encarou, e não parecia ter se dado conta que eu havia falado. Uma vez fora da casa, fui a toda pressa para a residência de Pumblechook; tirei minhas roupas novas, fiz um pacote, e voltei para casa nas minhas velhas roupas, sentindo-me, para falar a verdade, muito mais à vontade, embora tivesse um pacote para carregar.

Esses seis dias que eram para passar lentamente, acabaram voando, e chegou a hora em que o amanhã me encarou com mais firmeza do que eu podia encará-lo. Enquanto as seis noites se reduziam para cinco, para quatro, para três, e para duas, eu apreciava cada vez mais a companhia de Joe e Biddy. Na última noite, vesti-me com minhas roupas novas, para o encanto de ambos, e me mantive nesse esplendor até a hora de dormir. Fizemos uma ceia quente, na ocasião, agraciada pelo inevitável frango assado, e terminamos tomando licor de ovos. Estávamos todos muito abatidos, e nem tínhamos ânimo para fingir alegria.

Eu devia deixar nossa aldeia às cinco horas da manhã, levando minha pequena valise de mão, e tinha dito à Joe que desejava ir sozinho. Receio que esse propósito tenha se originado – dolorosamente – do contraste que haveria entre eu e Joe, se fôssemos juntos até a diligência. Eu tinha fingido para mim mesmo que não fora por isso que eu fizera esse arranjo; mas quando subi para o meu pequeno quarto nessa última noite, me vi obrigado a admitir que devia ser assim, e senti um impulso de descer e pedir a Joe que fosse comigo de manhã. Mas não desci.

Sonhei a noite inteira, em um sono entrecortado, com diligências que iam para lugares errados, em vez de ir para Londres, e que estavam atreladas, ora com cachorros, ora com gatos, ora com porcos, ora com homens – mas nunca com cavalos. Fantásticas viagens fracassadas ocuparam minha mente, até que o dia amanheceu e os pássaros começaram a cantar. Então me levantei e vesti-me parcialmente, e sentei-me à janela para dar uma última olhada na paisagem, onde acabei adormecendo.

Biddy estava ativa desde cedo para preparar meu café da manhã, e, embora eu não tivesse dormido na janela por mais que uma hora, acordei sobressaltado com o cheiro do fogo na cozinha, com a ideia terrível de que a tarde já devia estar avançada. Mas muito tempo depois disso, e muito tempo depois que eu ouvira o barulho das xícaras e já estava pronto, ainda me faltava coragem para descer as escadas. Afinal, fiquei lá em cima, destrancando e desamarrando a minha pequena valise repetidas vezes, e

voltando a trancar e amarrar de novo, até que Biddy me chamou dizendo que eu estava atrasado.

Foi um café da manhã apressado, sem gosto nenhum. Levantei-me da mesa, dizendo com certa vivacidade, como se tivesse acabado de me ocorrer, “Bem! Acho que é hora de ir!”, e beijei minha irmã, que ria e acenava com a cabeça, no seu lugar de sempre; depois beijei Biddy, e lancei meus braços ao redor do pescoço de Joe. Então peguei minha pequena valise e parti. Ouvi um barulho atrás de mim e me virei para olhar: vi Joe atirando um sapato velho, depois Biddy atirou outro[3]. Foi a última visão que tive deles. Parei e acenei com o chapéu, e o meu velho e querido Joe levantou seu braço forte sobre a cabeça e acenou, gritando rudemente, “Urra!”, e Biddy escondeu o rosto no avental.

Caminhei apressado, pensando que era mais fácil ir embora do que eu havia suposto, e refletindo que nunca teria dado certo ter um sapato velho atirado atrás da diligência à vista de toda a High Street. Comecei a assobiar, como se partir não fosse nada de mais. Mas a aldeia estava bastante calma e tranquila, e a névoa se elevava solenemente, como se quisesse me deixar ver o mundo inteiro. Eu era tão pequeno e inocente ali, e o mundo lá fora era tão grande e desconhecido, que de repente, dando um profundo suspiro, rompi em lágrimas. Foi junto ao poste com as setas indicadoras no final da aldeia, e então pus minha mão sobre ele, dizendo, “Adeus, meu velho e querido amigo!”

Deus sabe que nunca devemos nos envergonhar das nossas lágrimas, pois elas são a chuva que dispersa a poeira ofuscante da terra, que recobre nossos corações empedernidos. Senti-me melhor depois de ter chorado – mais pesaroso, mais ciente da minha própria ingratidão, mais humano. Se eu tivesse chorado antes, Joe teria vindo comigo.

Fiquei tão emocionado com essas lágrimas, e por voltar a chorar quando retomei o caminho em silêncio, que quando já estava na diligência e deixara a cidade para trás, pensei com o coração dolorido se não deveria descer, quando parássemos para trocar os cavalos, e voltar para casa, para passar outra noite e partir em melhor disposição de espírito. Foi feita a troca, e eu ainda não tinha me decidido; pensei, para minha tranquilidade, que ainda seria possível descer e retornar na parada seguinte. Enquanto estava ocupado com essas deliberações, vi um homem vindo pela estrada que me pareceu igual a Joe, e meu coração bateu forte. Como se fosse possível que fosse ele!

Fizemos nova troca de cavalos, depois outra, e então ficou tarde demais e longe demais para pensar em voltar, portanto prossegui. Agora, a névoa havia se dissipado inteiramente, e o mundo se estendia à minha frente.

Este é o fim da primeira etapa das esperanças de Pip.

[1] Refere-se à parábola do homem rico e o reino dos céus, especificamente à passagem do Evangelho de Mateus (MT 19:16-24) que declara que seria mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha que um homem ingressar no Reino dos Céus.

[2] “Old Mother Hubbard”, em inglês, é um tradicional poema para crianças e canção de ninar, muito popular durante o século XIX, publicado pela primeira vez em 1805, como “The Comic Adventures of Old Mother Hubbard and her dog”.

[3]Antigo costume inglês. No momento da partida de uma pessoa querida, joga-se um sapato velho na direção tomada por ela, como desejo de boa sorte e feliz retorno.

CAPÍTULO XX

A viagem da nossa aldeia até a metrópole levava cerca de cinco horas. Passava um pouco do meio-dia, quando a diligência de quatro cavalos da qual eu era um passageiro entrou na confusão do tráfego em torno de Cross Keys, Wood Street, Cheapside, Londres.

Nós, britânicos, havíamos determinado, particularmente naquele momento, que era crime de alta traição duvidar de que tínhamos tudo e éramos os melhores em tudo: caso contrário, enquanto eu era engolido pela imensidão de Londres, creio que talvez duvidasse um pouco se a cidade não era um tanto feia, tortuosa, estreita e suja.

Mr. Jaggers tinha me enviado devidamente o seu endereço; era na Pequena Inglaterra, e ele tinha escrito logo abaixo no seu cartão, “saindo de Smithfield, perto da estação de diligências.” Não obstante, um cocheiro de aluguel, que parecia ter tantas capas para seu enorme casaco gorduroso quanto tinha anos de vida, empacotou-me dentro do seu coche e fez inúmeras voltas, marchas e contramarchas, como se fosse levar-me a algum lugar a cinquenta milhas de distância. Levou um bocado de tempo para subir no seu assento, que eu me lembro de ser coberto por uma capa verde ervilha, manchada pelo tempo e roída pelas traças até virar quase um farrapo. Era uma equipagem maravilhosa, com seis grandes coroas nas laterais, e atrás, uma coisa enorme e irregular para suportar não sei quantos criados, e uma grade embaixo, para impedir os lacaios amadores de cair na tentação de subir ao veículo.

Eu mal tive tempo para desfrutar da viatura, e refletir sobre como ela se parecia com um estábulo, ou ainda com uma loja de artigos usados, e para me perguntar por que as cevadeiras dos cavalos ficavam dentro do coche, quando vi que o cocheiro começava a descer, como se fôssemos parar de imediato. E de fato paramos em uma rua bem escura, em certo escritório cuja porta estava aberta, e sobre a qual estava escrito: MR. JAGGERS.

“Quanto?”, perguntei ao cocheiro.

O cocheiro respondeu, “Um xelim, a menos que o senhor queira pagar mais.”

Eu respondi, naturalmente, que não tinha nenhuma intenção de pagar mais.

“Então é um xelim”, observou o cocheiro. “Não quero problemas para

o meu lado. Eu o conheço!” E lançou um olhar sombrio para a placa com o nome de Mr. Jaggers, balançando a cabeça.

Depois que ele recebeu seu xelim, e empregou um bom tempo para subir ao assento, e afinal partiu (o que pareceu trazer um grande alívio ao seu espírito), eu entrei no escritório da frente com a pequena valise na mão, e perguntei, “Mr. Jaggers está em casa?”

“Não”, respondeu o escriturário. “Ele está no tribunal, no momento. É a Mr. Pip que tenho a honra de me dirigir?”

Fiz um sinal afirmativo.

“Mr. Jaggers deixou dito que o senhor deve esperá-lo em sua sala. Ele não pôde precisar quanto tempo estaria fora, já que tem um caso em andamento. Mas é lógico supor, como o seu tempo é valioso, que ele não deverá demorar mais do que o estritamente necessário.”

Com essas palavras, o escriturário abriu uma porta e acompanhou-me até uma sala interna, dando para os fundos. Lá, encontrei um cavalheiro caolho, vestindo um terno de veludo e calças até os joelhos, que assoou o nariz na manga, ao ser interrompido em sua leitura do jornal.

“Saia e espere lá fora, Mike”, disse o escriturário.

Eu comecei a dizer que esperava não estar interrompendo, quando o escriturário empurrou este cavalheiro para fora com tanta falta de cerimônia como eu jamais havia visto. Depois, atirando-lhe o boné de pele, deixou-me só.

A sala de Mr. Jaggers era iluminada apenas por uma claraboia, e era um lugar bastante lúgubre. A claraboia era posicionada de modo excêntrico, como uma cabeça quebrada, e as casas adjacentes pareciam se torcer para olhar para baixo, como se estivessem me espiando. Não havia tantos papéis no lugar, como eu esperava encontrar; e havia alguns objetos estranhos, que eu não esperava encontrar por ali – como uma antiga pistola enferrujada, uma espada na sua bainha, várias caixas e pacotes de aspecto estranho, e dois terríveis moldes de gesso em uma estante, representando rostos peculiarmente inchados e arranhados perto do nariz. A cadeira de espaldar alto de Mr. Jaggers era recoberta de crina negra, com fileiras de pregos de metal ao redor, como um caixão; e eu imaginei vê-lo reclinado na cadeira, mordendo o dedo indicador para os clientes. A sala era bem pequena, e os clientes pareciam ter o hábito de se apoiar contra a parede, pois a parte em frente à cadeira de Mr. Jaggers parecia especialmente suja e gordurosa, pelo

contínuo esfregar de ombros. Lembrei-me, de fato, que o cavalheiro caolho havia deslizado contra a parede ao sair, quando eu havia sido a causa inocente da sua expulsão.

Sentei-me na cadeira dos clientes, colocada em frente à poltrona de Mr. Jaggers, e fiquei fascinado pela atmosfera sinistra do lugar. Lembrei-me de ter notado que o escriturário, como seu patrão, tinha o mesmo ar de quem sabia alguma coisa contra cada um que surgisse na sua frente. Fiquei imaginando quantos outros escriturários haveria lá em cima, e se todos tinham o mesmo domínio pernicioso sobre os seus semelhantes. Fiquei imaginando qual seria a história por trás de todo aquele lixo estranho espalhado pela sala, e como viera parar ali. Fiquei imaginando se os dois rostos inchados eram da família de Mr. Jaggers, e, se ele fora infeliz a ponto de ter tido um par de parentes de cara tão feia, por que os havia largado naquela prateleira poeirenta, para ficarem pretos e cobertos de moscas, em vez de arranjar-lhes um lugar na casa? Eu não tinha, é claro, a menor ideia do que era um dia de verão em Londres, e o meu espírito poderia muito bem ter sido oprimido pelo ar quente e opressivo, e pela película grossa de poeira que cobria tudo. Permaneci sentado na sala particular de Mr. Jaggers, imaginando e esperando, até que eu realmente não pude mais suportar a vista dos dois moldes na estante acima da cadeira de Mr. Jaggers. Levantei-me e saí.

Quando eu disse ao escriturário que iria dar uma volta ao ar livre enquanto esperava, ele me aconselhou a ir até o fim da rua e dobrar a esquina, e então estaria em Smithfield. Assim, fui para Smithfield. Esse lugar infame, coberto de sujeira, gordura, sangue e espuma, parecia grudar-se a mim. Então, fugi dali a toda pressa, dobrando em uma rua onde vi a grande cúpula negra da igreja de Saint Paul elevando-se na minha direção, por trás de um edifício austero de pedra, que um transeunte me disse tratar-se da prisão de Newgate. Seguindo ao longo do muro da prisão, encontrei o caminho coberto de palha, para enfraquecer o barulho dos veículos. Deduzi disso, e da quantidade de pessoas que andavam por ali, exalando um forte odor de bebidas e cerveja, que os julgamentos estavam em curso.

Enquanto eu olhava em volta, um oficial de justiça extremamente sujo e meio bêbado perguntou-me se eu gostaria de entrar e assistir a um ou dois julgamentos. Disse-me que poderia me conseguir um lugar bem na frente, pelo preço módico de meia coroa, e que por essa soma eu teria uma visão plena do Ministro Chefe de Justiça, com sua peruca e sua toga; mencionou

esse personagem terrível como se fosse uma figura de cera, e então o ofereceu pelo preço reduzido de dezoito pence. Quando recusei a proposta, alegando um compromisso, ele foi esperto o suficiente para levar-me até um pátio e mostrar-me onde estava colocada a forca, e também o lugar onde as pessoas eram chicoteadas publicamente. Mostrou-me em seguida a Porta dos Devedores, por onde os culpados saíam para ser enforcados, e aumentou o interesse daquele portal terrível dando-me a entender que “quatro deles” sairiam por ali depois de amanhã, às oito horas, para serem executados em fila. Essas coisas horríveis me deram uma ideia repugnante de Londres, tanto mais que a criatura que se arvorava em proprietário do Ministro da Justiça usava (dos pés à cabeça, e até o lenço, inclusive) roupas mofadas que, na origem, não lhe pertenciam, e que eu pus na cabeça que ele devia ter comprado, a um preço baixíssimo, do carrasco. Nessas circunstâncias, achei que um xelim era um preço até barato para me ver livre dele.

Fui até o escritório para perguntar se Mr. Jaggers tinha voltado; lá fui informado de que ele ainda estava ausente, e saí de novo. Desta vez, fiz um passeio pela Pequena Inglaterra, retornando ao pátio Bartolomeu. Ali descobri que outras pessoas estavam esperando o retorno de Mr. Jaggers, assim como eu. Havia dois homens de aspecto misterioso vagando pelo pátio Bartolomeu, ocupados em colocar a ponta das botas nas rachaduras do calçamento, enquanto conversavam de modo casual. Um deles disse ao outro, na primeira vez que passaram por mim, que “Jaggers faria isso, se fosse o caso de fazer.” Em um canto, havia um grupo de três homens e duas mulheres; uma das mulheres estava chorando, cobrindo o rosto com um xale sujo, e a outra, passando seu próprio xale sobre os seus ombros, a consolava dizendo, “Jaggers está ao lado dele, Melia, o que mais você quer?”. Enquanto eu flanava por lá, chegou um pequeno judeu de olhos vermelhos, acompanhado de outro pequeno judeu, a quem ele mandara em alguma incumbência. Quando o mensageiro saiu, observei que esse judeu parecia ter um temperamento bastante agitado, e saltitava com ansiedade sob o poste de luz, repetindo, em uma espécie de frenesi, as seguintes palavras, “Oh, Jaggerth, Jaggerth, Jaggerth! Todos os outrrros non valem nada, é Jaggerth que prreciso!” Esses testemunhos sobre a popularidade do meu tutor me causaram profunda impressão, e fiquei mais admirado e espantado do que nunca.

Por fim, enquanto eu olhava para a Pequena Inglaterra pelo portão de

ferro do pátio Bartolomeu, vi Mr. Jaggers vindo pela rua na minha direção. Todos os outros que estavam esperando o viram ao mesmo tempo, e foi uma correria. Mr. Jaggers, pondo a mão no meu ombro e me fazendo caminhar ao seu lado sem dizer-me uma só palavra, dirigiu-se àqueles que o seguiam.

Primeiro, falou com os dois homens misteriosos.

“Não tenho nada a dizer a vocês”, disse Mr. Jaggers, apontando-lhes o dedo. “E nem quero saber de mais nada. Quanto ao resultado, é uma questão de cara ou coroa. Eu lhes disse desde o início que era um lance de sorte. Vocês pagaram ao Wemmick?”

“Nós conseguimos o dinheiro só esta manhã, senhor”, disse um dos homens em um tom submisso, enquanto o outro observava o rosto de Mr. Jaggers.

“Eu não perguntei quando vocês conseguiram o dinheiro, nem onde, nem como. O Wemmick recebeu?”

“Sim, senhor”, responderam ambos ao mesmo tempo.

“Muito bem; então podem ir. Agora, não quero ouvir mais nada!” disse Mr. Jaggers, acenando com a mão para mandá-los embora. “Se vocês disserem mais uma palavra, eu largo o caso.”

“É que nós pensamos, Mr. Jaggers...”, um dos homens começou, tirando o chapéu.

“Foi exatamente o que eu lhes disse para não fazer”, atalhou Mr. Jaggers. “Vocês pensaram! Eu é que penso por vocês; e isso deve bastar. Se precisar de vocês, sei onde encontrá-los; não quero que venham me procurar. Agora chega. Não ouvirei nem mais uma palavra.”

Os dois homens olharam um para o outro enquanto Mr. Jaggers os dispensava, depois se retiraram humildemente sem proferir uma palavra.

“E agora vocês!”, disse Mr. Jaggers, parando de repente e virando-se para as duas mulheres com os xales; os três homens haviam se afastado docilmente. “Oh! Amélia, não é?”

“Sim, Mr. Jaggers.”

“Você percebe”, replicou Mr. Jaggers, “que se não fosse por mim você não estaria aqui, e nem poderia estar?”

“Oh, sim, senhor!”, exclamaram ambas as mulheres ao mesmo tempo. “Deus o abençoe, senhor, nós sabemos muito bem disso!”

“Então”, disse Mr. Jaggers, “por que estão aqui?”

“Meu Bill, senhor!”, disse a mulher que chorava.

“Ora, escute aqui!”, disse Mr. Jaggers. “De uma vez por todas. Se não sabe que o seu Bill está em mãos boas, eu sei. E se vier aqui me aborrecer a respeito do seu Bill, farei um exemplo de você e do seu Bill, deixando-o escapar das minhas mãos. Já pagou ao Wemmick?”

“Oh, sim, senhor! Até o último centavo.”

“Muito bem. Então já fez tudo que era preciso fazer. Diga mais uma palavra – uma única palavra – e Wemmick vai devolver-lhe o dinheiro.”

Essa ameaça terrível fez as duas mulheres saírem imediatamente. Não restava mais ninguém agora, a não ser o judeu agitado, que já tinha levado aos lábios, inúmeras vezes, a barra do casaco de Mr. Jaggers.

“Não conheço este homem!”, disse Mr. Jaggers, no mesmo tom devastador: “O que esse indivíduo deseja?”

“Meu querrido Mishterr Jaggerth. Eu irrmão de Habraham Latharuth!”

“Quem?”, disse Mr. Jaggers. “Largue o meu casaco!”

O solicitante, beijando outra vez a barra do casaco antes de desistir, respondeu, “Habraham Latharuth, zuspeito de roubo.”

“Chegou tarde demais”, disse Mr. Jaggers. “Estou representando a outra parte.”

“Deus do céu, Mishterr Jaggerth!”, exclamou meu agitado companheiro, empalidecendo, “não tiga que senhorr eshtá contrra Habraham Latharuth!”

“Estou”, disse Mr. Jaggers, “e fim de conversa. Saia do caminho.”

“Mishterr Jaggerth! Um minuto! Meu próprrio sobrrinho foi verr Mishterr Wemmick agorra mesmo, parra oferecer qualquerr coisa. Mithter Jaggerth! Um quarrto de minuto! Se senhorr tiverr recebido dinheirro da outrra parrte... qualquerrr valor... dinheirro não é prroblema!... Mishterr Jaggerth... Mishterr...!”

Meu tutor se livrou do solicitante com indiferença suprema, e deixou-o saltitando sobre a calçada, como se as pedras do pavimento estivessem em brasa. Sem mais interrupções, chegamos ao escritório da frente, onde encontramos o escriturário e o homem vestido de veludo com o boné de pele.

“Mike está aqui”, disse o escriturário, descendo do seu tamborete e aproximando-se de Mr. Jaggers de modo confidencial.

“Oh!”, disse Mr. Jaggers, virando-se para o homem, que puxava uma mecha dos seus cabelos para o meio da testa, como o touro de “Cock Robin[1]” puxava o cordão da sineta; “Seu homem vem esta tarde. E então?”

“Então, Mr. Jaggers”, respondeu Mike, com a voz de alguém que sofria de resfriado crônico; “depois de muito trabalho, afinal encontrei um, senhor, que acho que vai lhe servir.”

“E ele está preparado para jurar pelo o quê?”

“Bem, Mr. Jaggers”, disse Mike, enxugando o nariz no boné de pele, desta vez; “de modo geral, acho que por qualquer coisa.”

Mr. Jaggers de repente ficou muito irritado. “Eu já lhe avisei antes”, disse ele, apontando o dedo indicador para o cliente apavorado “que se você acha que tem o direito de falar deste modo aqui, eu faria de você um exemplo. Seu patife do diabo, como ousa falar assim comigo?”

O cliente pareceu assustado, mas também confuso, como se não tivesse consciência do que havia feito.

“Estúpido!”, disse o escriturário, em voz baixa, dando-lhe um cutucão com o cotovelo. “Cabeça fraca! Precisava dizer isso cara a cara?”

“Agora eu lhe pergunto, seu idiota simplório”, disse meu tutor severamente, “pela segunda e última vez: esse homem que você trouxe aqui está preparado para jurar pelo o quê?”

Mike olhou de modo intenso para o meu tutor, como se estivesse tentando aprender uma lição do seu rosto, e lentamente respondeu, “Jura pelo caráter dele, ou então que passou na companhia dele toda a noite em questão, sem nunca tê-lo deixado.”

“Agora, preste atenção. Em que posição social se encontra esse homem?”

Mike olhou para o boné, depois para o chão, depois para o teto, depois para o escriturário; olhou até mesmo para mim, antes de começar a responder de modo nervoso, “Nós o vestimos como...”, quando meu tutor vociferou:

“O quê? Você o quê?”

(“Estúpido!”, disse o escriturário de novo, com outro cutucão).

Depois de olhar em volta desamparado, Mike pensou e recomeçou a dizer:

“Ele está vestido como um homem respeitável. Uma espécie de confeiteiro.”

“Ele está aqui?”, perguntou meu tutor.

“Eu o deixei”, disse Mike, “sentado no vão de uma porta, dobrando a esquina.”

“Faça-o passar diante dessa janela, para que eu o veja.”

A janela indicada era a janela do escritório. Fomos para lá os três, por trás da persiana, e então vimos o cliente passar como por acaso em companhia de um indivíduo alto com cara de assassino, vestido em um terno curto de linho branco e usando um chapéu de papel. O sincero confeiteiro não estava nem um pouco sóbrio, e tinha um olho roxo em fase de recuperação que já se tornara verde e amarelo, e fora pintado para disfarçar.

"Diga-lhe que leve a sua testemunha embora imediatamente", disse meu tutor ao escriturário, com desgosto extremo, "e pergunte-lhe o que ele pretendia trazendo aqui um indivíduo como esse."

Meu tutor levou-me então para sua própria sala, e enquanto almoçava, de pé, um sanduíche e um frasco de bolso de xerez (até o sanduíche parecia assustado, enquanto ele comia), informou-me as disposições que havia tomado para mim. Eu devia ir para a Hospedaria Barnard, para os aposentos do jovem Mr. Pocket, onde um leito fora preparado para minha acomodação; eu devia ficar com o jovem Mr. Pocket até segunda-feira; nesse dia, devia ir com ele até a casa de seu pai para uma visita, para ver se era do meu agrado. Soube também qual seria a minha mesada – que era bem generosa; meu tutor tirou de uma gaveta os cartões de vários comerciantes, com os quais eu devia tratar para qualquer tipo de roupa, ou outras coisas de que pudesse necessitar. "Creio que achará seu crédito suficiente, Mr. Pip", disse meu tutor, cujo frasco de xerez exalava tanto odor quanto ele próprio, enquanto bebia apressado, "mas eu tenho permissão para conferir suas contas, e para suspender seu crédito, caso o senhor acabe tendo problemas com a polícia. É claro que o senhor acabará cometendo erros de um modo ou outro, mas não por culpa minha."

Depois de ter ponderado um pouco sobre esse sentimento encorajador, perguntei a Mr. Jaggers se eu poderia chamar um coche. Ele disse que não valia a pena, pois estava bem próximo do meu destino, e que Wemmick poderia acompanhar-me até lá, se fosse do meu agrado.

Fiquei sabendo então que Wemmick era o escriturário na sala ao lado. Outro escriturário desceu do andar de cima para tomar o lugar dele, enquanto estava fora, e eu o acompanhei até a rua, depois de apertar a mão do meu tutor. Encontramos um novo grupo de pessoas vagando lá fora, mas Wemmick abriu espaço entre eles dizendo, de modo frio e decidido, "Eu já lhes disse que é inútil; ele não tem nada a dizer a nenhum de vocês." Logo nos livramos deles, e prosseguimos caminhando lado a lado.

[1] Dickens refere-se a uma tradicional cantiga de roda inglesa, “Who Killed Cock Robin”, que tem servido como a figura arquetípica para o assassinato na cultura popular daquele país.

CAPÍTULO XXI

Olhei de relance para Mr. Wemmick, enquanto seguia ao seu lado, para ver que tipo de homem ele era à luz do dia. Achei-o um homem seco, um tanto baixo de estatura, com uma face quadrada como se fosse entalhada em madeira, e cujos traços pareciam ter sido esculpidos de modo rude com um cinzel de ponta rombuda. Havia algumas marcas que poderiam passar por covinhas, se o material tivesse sido mais macio e o instrumento mais aguçado, mas que, como era, pareciam apenas duas mossas. O cinzel tinha feito três ou quatro tentativas de embelezar o nariz, mas havia desistido sem conseguir suavizá-lo. Julguei que ele fosse solteiro, devido ao estado desgastado das suas roupas. Ele parecia também ter suportado algumas boas perdas, pois usava pelo menos quatro anéis de viúvo, além de um broche que representava uma senhora e um salso-chorão, junto a uma tumba encimada por uma urna. Notei, também, que havia vários anéis e sinetes pendurados à corrente do seu relógio, como se ele estivesse bastante sobrecarregado com lembranças de amigos perdidos. Tinha olhos brilhantes, pequenos, penetrantes e negros, e lábios finos e entreabertos. Ele devia ter, segundo me parecia, entre quarenta e cinquenta anos.

"Então, nunca veio a Londres antes?", disse-me Mr. Wemmick.

"Não", disse eu.

"Eu também já fui um novato aqui uma vez", disse Mr. Wemmick. "Estranho pensar nisso agora!"

"Conhece bem Londres, agora?"

"Oh, sim", disse Mr. Wemmick. "Agora conheço todos os meandros."

"É um lugar muito mau?", perguntei, mais para dizer alguma coisa do que para obter informação.

"O senhor pode ser enganado, roubado, e até assassinado em Londres. Mas há muitas pessoas em qualquer lugar que fariam o mesmo com o senhor."

"Se houver algum rancor entre você e elas", disse eu, para suavizar um pouco a sua declaração.

"Oh! Não sei nada sobre rancores", respondeu Mr. Wemmick; "não há muito rancor por aqui. Eles farão isso se tiverem alguma coisa a ganhar."

"Isso é ainda pior."

"O senhor acha?", disse Mr. Wemmick. "Eu diria que vem a dar no

mesmo.”

Ele usava o chapéu na parte de trás da cabeça, e olhava direto para frente, caminhando com indiferença, como se não houvesse nada nas ruas que atraísse sua atenção. Sua boca parecia a abertura de uma caixa de correio, e ele tinha um modo mecânico de sorrir. Nós já havíamos chegado ao topo de Holborn Hill, antes que eu me desse conta de que ele não estava sorrindo, absolutamente, e que isso era apenas um movimento mecânico.

“O senhor sabe onde mora Mr. Matthew Pocket?”, perguntei a Mr. Wemmick.

“Sim”, disse ele, acenando com a cabeça naquela direção. “Em Hammersmith, a oeste de Londres.”

“É muito longe?”

“Bastante! Mais ou menos cinco milhas.”

“O senhor o conhece?”

“Ora, o senhor é um excelente interrogador!”, disse Mr. Wemmick, olhando-me com ar de aprovação. “Sim, eu o conheço. Eu o conheço!”

Havia um ar de tolerância ou depreciação no modo como ele pronunciou essas palavras que me deixou bastante deprimido, e lancei um olhar de lado para o bloco do seu rosto à procura de algum sinal que atenuasse a frase, quando ele disse que havíamos chegado à Hospedaria Barnard. Meu desânimo não foi aliviado por esse anúncio, pois eu havia imaginado que aquele estabelecimento era um hotel mantido por Mr. Barnard, perto do qual o “Javali Azul”, na nossa cidade, era uma mera estalagem. Eu agora descobria que Mr. Barnard era apenas um espírito, sem existência corpórea, ou uma ficção, e que seu hotel era a mais suja coleção de edifícios miseráveis que jamais haviam se apertado em um canto sórdido, para alojar um clube de gatos.

Entramos nesse paraíso por uma entrada de portinhola, e fomos atirados, através de uma passagem de ligação, em uma pracinha melancólica, que me parecia um cemitério plano. Pensei que ali havia as árvores mais lúgubres, os pardais mais lúgubres, os gatos mais lúgubres e as casas mais lúgubres (em número de meia-dúzia, ou algo assim) que eu jamais havia visto. Percebi que as janelas desse conjunto de quartos, que dividia essas casas, apresentava uma coleção de persianas dilapidadas, cortinas rasgadas, vasos de flores secas, vidros quebrados, amontoados de poeira e miseráveis andrajos, enquanto placas de “para alugar”, “para alugar”, “para alugar”, me

olhavam dos quartos vazios, como se novos infelizes jamais viessem ali, e que a vingança da alma de Barnard tivesse que ser satisfeita lentamente pelo suicídio gradual dos atuais ocupantes, e pelo seu enterro profano debaixo das pedras. Uma suja mortalha de fuligem e fumaça encobria essa criação abandonada de Barnard, que tinha cinzas dispersas sobre si e sofria penitência e humilhação como um mero buraco poeirento. Isso era apenas o que a vista alcançava, enquanto a podridão seca e a podridão úmida e todas as podridões silenciosas que se estendiam do telhado ao porão, ambos abandonados – e a sujeira dos ratos, camundongos, percevejos e dos estábulos bem à mão – se dirigiam fracamente ao meu senso olfativo, e gemiam, “Prove a Mistura de Barnard”.

Aquela primeira realização das minhas grandes esperanças era tão imperfeita, que olhei desolado para Mr. Wemmick. “Ah!”, disse ele, equivocando-se; “esse retiro o faz lembrar-se do campo. Acontece o mesmo comigo.”

Ele conduziu-me por um canto ao alto de um lance de escadas – que me pareciam estar desmoronando lentamente em um monte de serragem, de modo que um dia desses os hóspedes dos andares superiores olhariam para fora de suas portas e se veriam sem os meios para descer. Dirigimos-nos a um conjunto de quartos no último andar. Na porta estava escrito: MR. POCKET, JR., e havia um rótulo escrito a mão na caixa de correio, “Retorna em breve.”

“Ele não imaginava que o senhor viria tão cedo”, explicou Mr. Wemmick. “O senhor não precisa mais de mim?”

“Não, obrigado”, disse eu.

“Como sou eu que cuido do caixa”, observou Mr. Wemmick, “nós provavelmente nos encontraremos muito em breve. Bom dia.”

“Bom dia.”

Estendi a mão, e Mr. Wemmick a princípio olhou como se achasse que eu queria alguma coisa. Então olhou para mim e disse, corrigindo-se:

“Oh, certamente! Sim. O senhor tem o hábito de trocar apertos de mão?”

Fiquei um tanto confuso, pensando que isso devia ser algo fora de moda em Londres, mas disse que sim.

“Faz tanto tempo que não faço mais isso![1]”, disse Mr. Wemmick. “Exceto ultimamente. Foi um grande prazer conhecê-lo. Bom dia!”

Depois que trocamos um aperto de mãos e ele se foi, abri a janela que

dava para a escadaria e quase fui decapitado, pois os cordões haviam apodrecido, e ela veio abaixo como uma guilhotina. Felizmente, foi tão rápido que não cheguei a pôr a cabeça para fora. Depois de ter escapado, contentei-me com uma vista nebulosa da hospedaria através do vidro incrustado de poeira. Fiquei de pé, olhando com tristeza para fora, dizendo a mim mesmo que Londres era decididamente uma cidade valorizada em excesso.

A ideia de Mr. Pocket, Jr., sobre o significado da expressão “em breve” não era a mesma que eu tinha, pois quase enlouqueci olhando para fora por meia hora, e escrevi meu nome com o dedo várias vezes na sujeira de cada vidraça da janela, antes de ouvir passos na escada. Pouco a pouco, foi surgindo diante dos meus olhos o chapéu, a cabeça, o colarinho, o colete, as calças e as botas de um membro da sociedade mais ou menos semelhante a mim. Ele tinha uma sacola de papel embaixo de cada braço, um pote de morangos em uma das mãos, e estava sem fôlego.

“Mr. Pip?”, disse ele.

“Mr. Pocket?”, disse eu.

“Meu Deus!”, ele exclamou. “Sinto muitíssimo; mas soube que chegaria uma diligência da sua região ao meio-dia, e pensei que você viria nessa. O fato é que estive fora por sua causa – não que isso seja uma desculpa – pois pensei que, como vinha do campo, talvez gostasse de um pouco de fruta depois do jantar, e fui até o mercado de Covent Garden para conseguir as melhores.”

Por uma razão minha, particular, senti como se meus olhos fossem saltar fora da cabeça. Agradeci-lhe de modo incoerente pela atenção, e comecei a me perguntar se aquilo não era um sonho.

“Meu Deus!” disse Mr. Pocket, Jr. “Essa porta é tão dura!”

Como ele estava pronto a transformar suas frutas em geleia, lutando com a porta enquanto segurava os sacos de papel debaixo dos braços, pedi-lhe que me permitisse segurá-los. Ele entregou-os com um sorriso amável, e lutou com a porta como se ela fosse uma besta selvagem. A porta cedeu tão subitamente, afinal, que ele foi jogado para trás sobre mim, e eu fui jogado para trás sobre a porta em frente, e ambos caímos na risada. Mas eu ainda me sentia como se meus olhos fossem saltar da cabeça, e como se aquilo fosse um sonho.

“Por favor, entre”, disse Mr. Pocket, Jr. “Permita que lhe mostre o

caminho. Aqui é um tanto vazio, mas eu espero que você possa ficar razoavelmente bem até segunda-feira. Meu pai achou que até lá você ficaria melhor comigo do que com ele, e poderia gostar de dar um passeio por Londres. Eu certamente terei o maior prazer de lhe mostrar a cidade. Quanto às nossas refeições, não achará ruim, espero, pois serão providenciadas pelo restaurante aqui da casa, e (é preciso que eu lhe diga) às suas expensas. Essas foram as ordens de Mr. Jaggers. Quanto ao nosso alojamento, não é de modo algum esplêndido, pois eu tenho que ganhar meu próprio sustento, e meu pai não tem nada para me dar, e eu nem aceitaria nada, caso ele tivesse. Esta é a nossa sala de estar – só algumas cadeiras, mesas, tapete, essas coisas, como vê, que se pode arranjar na casa. Não deve me agradecer pela toalha de mesa, as colheres e os galheteiros, pois vieram para você do restaurante. Este é o meu pequeno quarto; é bastante embolorado, mas toda mansão Barnard é embolorada. Este é o seu quarto; a mobília foi alugada para você, mas creio que servirá ao propósito. Se desejar qualquer coisa, eu irei buscá-la. Os aposentos são retirados, e estaremos sozinhos os dois, mas não vamos lutar, ouso dizer. Mas, meu Deus! peço-lhe perdão, você está segurando as frutas todo esse tempo. Por favor, passe-me essas sacolas. Estou muito envergonhado."

Enquanto eu estava parado diante de Mr. Pocket, Jr., entregando-lhe as sacolas, uma..., duas..., vi surgir nos seus olhos o mesmo reconhecimento que eu sabia estar nos meus, e ele disse, recuando:

"Deus me abençoe, você é o menino que encontrei zanzando...!"

"E você", disse eu, "é o jovem cavalheiro pálido!"

[1] Dickens refere-se à proibição de se cumprimentar as pessoas, trocando-se apertos de mãos, que vigorou no final do século XVIII e início do século XIX, por se acreditar que o ato contribuía para a disseminação das epidemias que assolavam a Inglaterra à época.

CAPÍTULO XXII

O jovem cavalheiro pálido e eu ficamos de pé, olhando um para o outro, no quarto da Hospedaria Barnard, até que ambos caímos na risada. “Então é você! Quem iria imaginar!”, disse ele. “Então é você! Quem iria imaginar!”, disse eu. Depois nos olhamos mais uma vez, e caímos na risada de novo. “Bem!”, disse o jovem cavalheiro pálido, estendendo a mão com bom humor, “está tudo acabado, espero, e seria muito nobre da sua parte se me perdoasse por ter lhe batido daquela maneira.”

Deduzi por este discurso que Mr. Herbert Pocket (pois era Herbert o nome do jovem cavalheiro pálido) ainda confundia a sua intenção com a sua execução. Mas dei uma resposta modesta, e trocamos um caloroso aperto de mãos.

“Você ainda não tinha entrado na posse da sua fortuna naquela época?”, disse Herbert Pocket.

“Não”, disse eu.

“Não, é claro”, ele concordou: “Ouvi dizer que aconteceu recentemente. Eu mesmo estava então à procura de uma boa fortuna.”

“É mesmo?”

“Sim. Miss Havisham tinha mandado me chamar, para ver se podia gostar de mim. Mas ela não pôde... Ou não o fez, em todo caso.”

Achei cortês observar que eu estava surpreso de saber disso.

“É mau gosto da parte dela”, disse Herbert, rindo, “mas é um fato. Sim, ela mandara me chamar para uma visita de teste, e se eu tivesse tido sucesso, suponho que receberia alguma dotação; talvez eu até me tornasse o... *como-você-queira-chamar* de Estella.”

“O que é isso?”, perguntei, com súbita seriedade.

Ele estava arrumando as frutas no prato, enquanto falávamos, o que distraiu sua atenção e o fez omitir uma palavra. “Noivo”, ele explicou, ainda ocupado com as frutas. “Noivo. Prometido. Como-queira-chamar. Qualquer palavra desse tipo.”

“Como você suportou a decepção?” perguntei.

“Bah!”, disse ele, “Não liguei muito para isso. Ela é intratável.”

“Miss Havisham?”

“Não digo que ela não seja também, mas me refiro a Estella. Aquela menina é dura, arrogante e caprichosa até o último grau, e foi criada por Miss

Havisham para exercer sua vingança sobre todo o sexo masculino.”

“Qual é o parentesco dela com Miss Havisham?”

“Nenhum”, disse ele. “Só foi adotada por Miss Havisham.”

“Por que ela se vingaria sobre todo o sexo masculino? Que vingança seria essa?”

“Meu Deus, Mr. Pip!”, disse ele. “Então não sabe?”

“Não”, disse eu.

“Deus do céu! É uma história e tanto, e deve ser guardada para a hora do jantar. E agora, permita que eu tome a liberdade de lhe fazer uma pergunta. Como apareceu por lá, naquele dia?”

Eu lhe contei, e ele prestou atenção até que eu terminasse; então caiu na gargalhada de novo, e me perguntou se eu tinha ficado dolorido depois da luta. Eu não lhe perguntei se ele ficara, pois já tinha convicção firmada sobre este ponto.

“Mr. Jaggers é o seu tutor, pelo que entendi?” ele continuou.

“Sim.”

“Você sabia que ele é o advogado e a pessoa encarregada dos negócios de Miss Havisham, e que tem sua inteira confiança, quando ninguém mais tem?”

Isso me levava (eu sentia) para um terreno perigoso. Respondi com um constrangimento que não tentei sequer disfarçar, que tinha visto Mr. Jaggers na casa de Miss Havisham no próprio dia da nossa luta, mas que jamais voltara a vê-lo, e que acreditava que ele não guardasse nenhuma lembrança de ter me visto lá algum dia.

“Ele teve a gentileza de sugerir o nome de meu pai para seu preceptor, e foi visitá-lo para fazer essa proposta. É claro que ele conheceu meu pai por seu parentesco com Miss Havisham. Meu pai é primo de Miss Havisham; não que isso indique que eles mantenham um relacionamento estreito, pois ele é um mau cortesão, e não vai perdoá-la.”

Herbert Pocket tinha um modo de ser honesto e franco que era muito atrativo. Eu nunca tinha visto ninguém até então, e nunca vi ninguém depois, que expressasse com mais força, tanto pela voz quanto pelo olhar, uma incapacidade natural de fazer qualquer coisa má ou dissimulada. Havia alguma coisa de maravilhosamente confiante em toda sua aparência, e, ao mesmo tempo, alguma coisa que me sussurrava que ele jamais seria muito bem-sucedido e nunca ficaria rico. Não sei como isso acontecia. Fui tomado

por essa convicção naquele primeiro dia, antes de nos sentarmos para jantar, mas não sei definir por que meios.

Ele ainda era um jovem cavalheiro pálido, e havia um certo langor adquirido misturado a todo o seu espírito e vivacidade, que não parecia indicativo de força natural. Seu rosto não era bonito, mas era mais do que bonito: era extremamente amável e alegre. Sua figura ainda era um pouco desajeitada, como na época em que meus punhos tinham tomado certas liberdades com ele, mas aparentava ser daqueles que sempre parecem leves e jovens. Se a confecção local de Mr. Trabb assentaria com mais graça nele do que em mim, é uma questão a ser considerada; mas tenho consciência que ele vestia suas roupas um tanto velhas com muito mais classe do que eu vestia meu terno novo.

Como ele se mostrava tão comunicativo, senti que a reserva da minha parte seria uma péssima retribuição, além de ser inadequada à nossa idade. Contei-lhe então a minha breve história, colocando bastante ênfase no fato de que eu estava proibido de indagar quem era o meu benfeitor. Mais adiante mencionei que, como eu tinha sido criado como um ferreiro em uma aldeia rural e conhecia muito pouco sobre os modos corteses, consideraria uma grande bondade da parte dele se me advertisse sempre que me visse embaraçado ou a ponto de fazer algo errado.

“Com prazer”, disse ele, “embora eu me arrisque a profetizar que você precisará de muito pouca advertência. Quero acreditar que estaremos juntos com frequência, e eu gostaria de eliminar qualquer constrangimento desnecessário entre nós. Você me faria o favor de começar desde logo a me chamar pelo meu nome de batismo, Herbert?”

Eu lhe agradeci e disse que o faria. Em troca, informei-o que meu nome de batismo era Philip.

“Não vou me prender a Philip”, disse ele, sorrindo, “pois me lembra o menino da fábula moral do abecedário, que era tão preguiçoso que caiu em uma lagoa, ou tão gordo que não podia ver nada além dos próprios olhos, ou tão avarento que trancou seu bolo no armário até que os ratos o comessem, ou tão determinado a descobrir um ninho de pássaros que foi comido pelos ursos que viviam bem pertinho na vizinhança. Vou lhe dizer o que eu acho que seria melhor. Nós estamos em grande harmonia, e você foi um ferreiro... Não se importaria?”

“Não me importaria com nada que venha a me propor”, eu respondi,

“mas não o compreendo.”

“Se importaria se eu o chamasse de Handel? Há um trecho encantador em uma peça musical de Handel chamado ‘O ferreiro harmonioso’. O que acha?”

“Eu gostaria muito.”

“Então, meu caro Handel”, disse ele, virando-se quando a porta se abriu, “aí está o jantar, e devo pedir-lhe que tome a cabeceira da mesa, pois o jantar está sendo pago por você.”

Eu não quis ouvir falar disso, então ele tomou a cabeceira da mesa e eu me sentei em frente a ele. Foi um jantarzinho muito agradável – que então me pareceu um verdadeiro Banquete do Prefeito – e tinha o prazer adicional de ser degustado sob as minhas novas circunstâncias de independência, sem a presença de pessoas adultas, e com Londres inteira ao nosso redor. Esse prazer foi aumentado por um certo caráter cigano que permeou o banquete; pois, embora a mesa fosse, como Mr. Pumblechook poderia ter dito, o cúmulo do luxo – tendo sido inteiramente fornecida pelo restaurante da casa – a região adjacente da sala de estar era de um caráter comparativamente mesquinho e pouco apetecível, impondo ao garçom os hábitos errantes de pôr as tampas das travessas no chão (onde ele se precipitou sobre elas), a manteiga derretida na poltrona, o pão nas estantes, o queijo no depósito de carvão e a ave cozida sobre a minha cama no quarto ao lado – onde, naquela noite, encontrei grande parte da sua salsa e manteiga em um estado de congelamento, ao me retirar para dormir. Tudo isso tornou o banquete encantador, e quando o garçom não estava lá para me observar, meu prazer era sem mácula.

Nosso jantar já ia adiantado, quando lembrei a Herbert da sua promessa de me contar sobre Miss Havisham.

“Verdade”, ele respondeu. “Vou cumprir a promessa de uma vez. Permita que eu comece por mencionar, Handel, que em Londres não é costume pôr a faca na boca – por medo de acidentes – e que embora o garfo seja reservado para esse uso, não precisa fazê-lo entrar mais longe do que o necessário. Nem vale a pena mencionar isso, mas o melhor é fazer como todo mundo. Acrescento que a colher geralmente não é usada em cima da mão, mas embaixo. Isso tem duas vantagens. Você chega mais facilmente à boca (que, afinal de contas, é o objetivo principal), e economiza bastante ao seu cotovelo direito a atitude de abrir ostras.”

Ele ofereceu estas sugestões amigáveis de um modo tão divertido, que nós acabamos rindo, e eu quase não fiquei ruborizado.

“Agora”, ele prosseguiu, “falemos de Miss Havisham. Miss Havisham, é preciso que você saiba, foi uma criança mimada. Sua mãe morreu quando ela era um bebê, e seu pai não lhe negava nada. O pai era um cavalheiro rural, lá na sua região, e era cervejeiro. Não sei por que é uma coisa tão bem vista ser um cervejeiro; mas é inquestionável que, enquanto você não pode ser um cavalheiro e assar pão, pode ser tão cavalheiro quanto queira e fazer cerveja. Vemos isso todos os dias.”

“Mesmo assim, um cavalheiro não pode manter um restaurante, pode?”, perguntei.

“Não, de jeito nenhum”, Herbert respondeu; “mas um restaurante pode manter um cavalheiro. Bem! Mr. Havisham era muito rico e muito orgulhoso. E sua filha era igual.”

“Miss Havisham era filha única?”, arrisquei.

“Espere um pouco, estou chegando lá. Não, ela não era filha única. Tinha um meio-irmão. Seu pai casou-se de novo em segredo – com sua cozinheira, eu creio.”

“Pensei que ele era orgulhoso”, disse eu.

“Meu bom Handel, sim, ele era. Ele se casou com a segunda esposa secretamente, porque era orgulhoso, e um tempo depois ela morreu. Quando ela morreu, entendo que ele contou para a filha o que havia feito; então o filho se tornou parte da família, morando na casa que você conhece. Quando o filho ficou adulto, mostrou-se rebelde, extravagante, irresponsável. Em resumo: uma pessoa má. Afinal, o pai deserdou-o; mas amoleceu quando estava morrendo, e o deixou muito bem, embora não tão bem quanto Miss Havisham. Tome outra taça de vinho, e perdoe-me por observar que a sociedade como um todo não espera que uma pessoa seja tão estritamente conscienciosa ao esvaziar o próprio copo, a ponto de virar o fundo para cima e apoiá-lo sobre o nariz.”

Eu estivera fazendo aquilo, devido ao excesso de atenção que prestava ao seu relato. Agradeci a ele e me desculpei. Ele disse, “Não, de modo algum”, e continuou.

“Miss Havisham era agora uma herdeira, e você pode supor que passou a ser vista como um ótimo partido. Seu meio-irmão tinha de novo amplos recursos, mas fosse com dívidas, fosse com novas loucuras,

desperdiçou tudo outra vez. Havia diferenças mais profundas no modo de ser entre ele e Miss Havisham, do que tinha havido entre ele e o pai, e suspeita-se que ele tenha nutrido por ela um ódio mortal, por ter influenciado a cólera do pai. Agora, chegamos à parte cruel da história... Só faço um parêntese, meu caro Handel, para observar que não se põe um guardanapo dentro de um copo."

Por que eu estava tentando enfiar o meu dentro do copo, não tenho a menor condição de dizer. Só sei que eu me encontrava, com uma perseverança digna de uma causa muito melhor, fazendo os esforços mais extremos para comprimi-lo dentro desses limites exíguos. De novo lhe agradeci e me desculpei, e de novo ele disse na sua maneira mais agradável, "Não, de modo algum, asseguro-lhe!" e prosseguiu.

"Então surgiu em cena – digamos nas corridas, ou em um baile público, ou em qualquer outro lugar que lhe agrade – certo homem, que fez a corte a Miss Havisham. Eu nunca o vi (pois isso aconteceu há vinte e cinco anos, bem antes de você e eu termos nascido, Handel), mas ouvi meu pai dizer que ele era um homem vistoso, o tipo de homem que poderia agradá-la. Meu pai também afirma que esse homem jamais poderia, a não ser por ignorância ou preconceito, ser confundido com um verdadeiro cavalheiro; meu pai tem como princípio que, nenhum homem que não seja um verdadeiro cavalheiro no fundo da alma, jamais poderia ser, desde que o mundo é mundo, um verdadeiro cavalheiro nas maneiras. Ele dizia que não há verniz que esconda o grão da madeira, e quanto mais verniz se põe, mais o grão aparece. Muito bem! Esse homem cercou Miss Havisham de perto, professando sua dedicação a ela. Eu acredito que, até aquele momento, ela não havia mostrado muita sensibilidade, mas toda sensibilidade que ela tinha veio a tona então, e ela o amou com paixão. Não há nenhuma dúvida de que ela o idolatrava. Ele se aproveitou do seu afeto de modo sistemático, obtendo dela grandes somas de dinheiro, e levando-a a comprar a parte do irmão na cervejaria (que seu pai deixara para o filho, em um momento de fraqueza) a um preço enorme, argumentando que quando fosse seu marido ele poderia manter e administrar tudo. Seu tutor não era conselheiro de Miss Havisham naquela época, e ela era muito arrogante e estava muito apaixonado para se deixar aconselhar por qualquer um. Seus parentes eram pobres e intrigantes, com a exceção de meu pai; ele era bem pobre, mas não era servil nem invejoso, e foi o único independente entre eles; ele a advertiu de que estava

fazendo muito por este homem, colocando-se abertamente em seu poder. Ela aproveitou a primeira oportunidade para ordenar a meu pai que deixasse a casa, na presença do noivo, e ele nunca a viu desde então."

Lembrei-me dela dizendo, "Matthew virá me ver, afinal, quando eu estiver morta sobre aquela mesa"; e perguntei a Herbert se o seu pai realmente tinha tanta raiva dela.

"Não é por isso", disse ele, "mas ela o acusou, na presença do futuro marido, de ter sido frustrado na sua expectativa de aproveitar-se dela para seu próprio benefício, e, se ele fosse lá agora, isso pareceria verdade, até mesmo para ele, quanto mais para ela. Voltando ao noivo, para concluir a história. O dia do casamento foi marcado, o vestido de noiva foi comprado, a viagem de núpcias foi planejada, as pessoas foram convidadas. O dia chegou, mas o noivo não apareceu. Ele lhe escreveu uma carta..."

"Que ela recebeu", interrompi, "quando estava se vestindo para a cerimônia... às vinte para as nove..."

"Nessa hora e nesse minuto", disse Herbert, concordando com a cabeça "o momento exato em que ela depois parou todos os relógios. O que aconteceu, além de ter acabado cruelmente com o casamento, não posso lhe dizer, porque eu mesmo não sei. Quando ela se recuperou de uma grave doença que teve, deixou o lugar inteiro desmoronar, como você viu, e nunca mais olhou para a luz do dia."

"Essa é toda a história?", perguntei, depois de refletir um instante.

"Tudo o que eu sei; e só sei tanto, na verdade, porque juntei os pedaços aqui e ali. Meu pai sempre evita esse assunto, e, mesmo quando Miss Havisham me convidou para ir lá, ele não me contou mais do que era absolutamente necessário que eu soubesse. Mas esqueci de uma coisa. Supõe-se que o homem em quem ela depositou sua confiança de modo tão desastroso agiu em conluio com seu meio-irmão; que foi uma conspiração entre os dois, e que eles dividiram os lucros."

"Pergunto-me por que ele não se casou com ela, e ficou com toda a fortuna", disse eu.

"Talvez ele já fosse casado, e o cruel sofrimento dela pode ter sido uma parte do plano do meio-irmão", disse Herbert. "Mas veja bem, não tenho certeza disso."

"O que aconteceu com os dois homens?", perguntei, depois de refletir sobre o assunto novamente.

“Caíram em uma vergonha e degradação ainda mais profundas – se é possível – e depois veio a ruína.”

“Eles ainda estão vivos?”

“Não sei.”

“Você disse há pouco que Estella não é parente de Miss Havisham, mas adotada. Quando ela foi adotada?”

Herbert deu de ombros. “Sempre houve uma Estella, desde que ouvi falar em Miss Havisham. Não sei de nada mais. E agora, Handel”, disse ele, por fim, largando a história como estava, “há entre nós um entendimento perfeito. Tudo o que eu sei sobre Miss Havisham, você também sabe.”

“E tudo que eu sei”, respondi, “você também sabe.”

“Acredito plenamente. Assim, não pode haver entre você e eu nenhuma rivalidade ou desavença. E quanto à condição sob a qual você recebeu sua fortuna – isto é, que não deve perguntar nem tentar saber a quem você a deve – pode estar seguro de que ela nunca será desrespeitada, no menor grau que seja, por mim ou por qualquer dos meus.”

Na verdade, ele disse essas palavras com tanta delicadeza que considerei o assunto encerrado, mesmo que eu viesse a viver sob o teto do seu pai durante anos e anos. Todavia, suas palavras tinham tanto significado, que eu senti que ele havia entendido perfeitamente, assim como eu mesmo, que Miss Havisham era a minha benfeitora.

Não havia me ocorrido antes que ele tinha trazido o assunto à tona para tirá-lo do nosso caminho; mas nos sentimos tão leves e tranquilos após ter abordado a questão, que eu percebi que fora essa a sua intenção. Estávamos muito alegres e sociáveis, e, no decorrer da conversa, perguntei-lhe o que ele fazia. Ele respondeu, “Sou capitalista, segurador de navios.” Suponho que ele me viu olhando ao redor do quarto, à procura de algum sinal de navios, ou capitais, pois acrescentou, “Na City.”

Eu tinha um alto conceito sobre a riqueza e a importância de seguradores de navios na City, e comecei a pensar com temor que uma vez havia atirado ao chão esse jovem segurador de navios, deixado seu olho de empreendedor arroxeado, e feito um talho na sua cabeça de negociante. Mas, para meu alívio, de novo me veio aquela estranha impressão de que Herbert Pocket nunca teria muito êxito na vida, nem ficaria rico.

“Não me contentarei no futuro de empregar meu capital apenas no seguro de navios. Vou comprar algumas boas ações de seguro de vida, e fazer

parte da diretoria. Também farei algumas coisinhas no setor de mineração, mas nenhuma dessas coisas me impedirá de fretar alguns milhares de toneladas por minha própria conta. Acho que vou comerciar", disse ele, reclinando-se na cadeira, "com as Índias Orientais, artigos como sedas, xales, temperos, tinturas, drogas e madeiras preciosas. É um comércio interessante."

"E os lucros são grandes?", disse eu.

"Enormes!", disse ele.

Voltei a divagar outra vez, e comecei a pensar que aí estavam esperanças ainda maiores do que as minhas.

"Acho que vou comerciar, também", disse ele, pondo os polegares nos bolsos do colete, "com as Índias Ocidentais, coisas como açúcar, tabaco e rum. E especialmente com o Ceilão, para dentes de elefantes."

"Precisará de muitos navios", disse eu.

"Uma verdadeira frota", disse ele.

Totalmente dominado pela magnificência dessas transações, perguntei-lhe onde os navios segurados por ele costumavam comerciar no momento.

"Ainda não comecei a fazer seguros", ele respondeu. "Mas estou procurando à minha volta."

De certo modo, aquela busca parecia mais de acordo com a Hospedaria Barnard. Eu disse, em um tom de convicção, "Ah-h!"

"Sim. Estou em um escritório de contabilidade, mas procurando à minha volta."

"E um escritório de contabilidade é lucrativo?", perguntei.

"Para quem?... Você quer dizer para o sujeito que trabalha lá?", ele perguntou, em resposta.

"Sim; para você."

"Ora, n-n-ã-o... Para mim, não." Ele disse isso com o ar de quem considera cuidadosamente uma questão antes de chegar a um acordo. "Não é lucrativo diretamente, quer dizer, não me pagam coisa alguma, e eu tenho que... tenho que me manter."

Aquilo certamente não parecia lucrativo, e eu sacudi a cabeça, como se insinuasse que seria difícil conseguir acumular muito capital, com uma fonte de renda desse tipo.

"Mas o fato é", disse Herbert Pocket, "que você pode procurar à sua volta. Essa é a grande jogada. Você está em um escritório de contabilidade,

sabe, então procura à sua volta."

Ocorreu-me uma dedução singular: que você não podia procurar à sua volta, sabe, se não estivesse dentro de um escritório de contabilidade; mas fiquei em silêncio, submetendo-me à sua experiência.

"Então chega a hora", disse Herbert, "em que você vê sua oportunidade. Você a pega, mergulha de cabeça e faz seu capital, e de repente, lá está você, feito na vida! Uma vez que tiver ganho o seu capital, não tem mais nada a fazer senão empregá-lo."

Essa maneira de se portar era bem semelhante ao modo como ele agira naquele nosso primeiro encontro no jardim. Muito semelhante. Sua maneira de suportar a pobreza, também, correspondia exatamente à sua maneira de suportar aquela derrota. Parecia-me que ele agora recebia todas as pancadas e golpes da sorte como tinha recebido os meus naquele dia. Era evidente que ele não tinha ao seu redor senão o mínimo necessário, pois tudo que eu notara no apartamento terminava sempre por ter sido mandado para lá por minha causa, pelo restaurante ou por algum outro lugar.

Como já havia feito sua fortuna na própria mente, ele era tão modesto a respeito que eu até me sentia grato a ele por não se vangloriar. Era um agradável acréscimo aos seus modos naturalmente gentis, e seguimos nos dando bem. À noite, saímos para um passeio pelas ruas, e fomos ao teatro pagando meia entrada. No dia seguinte fomos à igreja, na Abadia de Westminster, e à tarde fomos passear nos parques. Eu me perguntava quem teria ferrado todos os cavalos que eu via; gostaria que tivesse sido Joe.

Naquele domingo, eu tinha a impressão, em um cálculo modesto, que haviam se passado muitos meses desde que eu deixara Joe e Biddy. O espaço que nos separava parecia ter-se expandido, e nossos pântanos estavam a uma distância infinita. A ideia de que apenas um domingo antes eu tivesse estado na nossa velha igrejinha, com minhas velhas roupas domingueiras, parecia uma combinação de impossibilidades, geográficas e sociais, solares e lunares. No entanto, nas ruas de Londres, tão cheias de gente e tão brilhantemente iluminadas ao crepúsculo, eu me sentia como se estivesse sendo censurado por ter afastado para tão longe a pobre e velha cozinha da nossa casa. E no silêncio da noite, os passos de um desastrado impostor de um porteiro, vagueando pela Hospedaria Barnard sob o pretexto de vigiá-la, tocaram fundo o meu coração.

Na manhã de segunda-feira, às quinze para as nove, Herbert foi ao

escritório de contabilidade para marcar presença – e para procurar à sua volta, também, imagino – e eu o acompanhei. Ele devia sair dentro de uma ou duas horas, para levar-me a Hammersmith, e eu devia esperar por ele ali. Tive a impressão de que os ovos nos quais os jovens seguradores eram chocados tinham sido incubados na poeira e no calor, como os ovos de avestruzes, a julgar pelos lugares aos quais esses pequenos gigantes se dirigiam em uma manhã de segunda-feira. O escritório de contabilidade onde Herbert atuava não me pareceu um bom observatório, tampouco; ficava no segundo andar de fundos sobre um pátio, tinha uma aparência muito suja em todos os aspectos, e dava vista para os fundos de outro segundo andar, e não para a rua.

Esperei até meio-dia, e fui fazer uma visita à Bolsa de Valores; vi homens barbudos sentados embaixo de painéis com a lista dos navios, os quais eu tomei por grandes comerciantes, embora não entendesse por que todos eles pareciam ter perdido a cabeça. Quando Herbert chegou, fomos almoçar em um restaurante famoso, que na época eu considerei divino, mas que agora acredito ter sido a enganação mais abjeta da Europa, e onde eu não pude deixar de notar, já naquela ocasião, que havia muito mais molho nas toalhas de mesa, nas facas e nas roupas dos garçons, do que nos bifes. Depois de almoçarmos a um preço moderado (considerando a gordura, que não foi cobrada), voltamos a Hospedaria Barnard para pegar minha pequena valise, e então tomar um coche para Hammersmith. Chegamos lá em torno das três horas da tarde, e tivemos que andar muito pouco para chegar à casa de Mr. Pocket. Erguendo o trinco de um portão, entramos diretamente em um pequeno jardim dando para o rio, onde os filhos de Mr. Pocket brincavam. E a menos que eu me engane em um ponto em que meus interesses e preconceitos certamente não estavam em causa, observei que os filhos de Mr. e Mrs. Pocket não se educavam nem estavam sendo educados, mas apenas faziam bagunça.

Mrs. Pocket estava sentada em uma cadeira de jardim, sob uma árvore; estava lendo, com as pernas apoiadas sobre outra cadeira; e as duas babás de Mrs. Pocket observavam as crianças enquanto brincavam. “Mamãe”, disse Herbert, “este é o jovem Mr. Pip.” Ao ouvir isso, Mrs. Pocket recebeu-me com uma aparência de amável dignidade.

“Master Alick e Miss Jane”, exclamou uma das babás a duas das crianças, “se vocês pularem aqueles arbustos vão cair no rio e se afogar, e o que seu pai dirá então?”

Ao mesmo tempo, a empregada apanhou o lenço de Mrs. Pocket e disse, “Esta é a sexta vez, pelo menos, que a senhora derruba o lenço, senhora!” A isso, Mrs. Pocket riu e disse, “Obrigada, Flopson”, e acomodando-se em uma só cadeira, retomou a leitura. Seu rosto logo assumiu uma expressão concentrada, como se ela estivesse lendo há uma semana, mas antes que pudesse ter lido meia dúzia de linhas, levantou os olhos para mim e disse, “E a sua querida mãe, está passando bem?” Essa pergunta inesperada me pôs em tal dificuldade, que comecei a dizer, do modo mais absurdo, que se tivesse havido tal pessoa eu não tinha a menor dúvida de que ela estaria passando muito bem, e que agradeceria muito e enviaria seus cumprimentos, quando a empregada veio em meu auxílio.

“Ora!”, ela exclamou, apanhando o lenço, “se esta não é a sétima vez! O que está acontecendo esta tarde, senhora?” Mrs. Pocket recebeu o lenço, primeiro com um olhar de surpresa indescritível, como se nunca tivesse visto aquilo antes, depois com um sorriso de reconhecimento, e disse, “Obrigada, Flopson”; então se esqueceu de mim e voltou a ler.

Descobri, agora que estava à vontade para contá-los, que havia nada menos do que seis pequenos Pockets ali presentes, em vários estágios de confusão. Eu mal tinha chegado ao total quando ouvi a voz de um sétimo, como se estivesse no ar, chorando de modo triste.

“Ora, se não é Baby!”, disse Flopson, aparentando a maior surpresa. “Vá ver depressa, Miller.”

Miller, que era a outra babá, saiu na direção da casa, e o choro da criança foi silenciando aos poucos, como se fosse um jovem ventríloquo a quem se fechou a boca com alguma coisa. Mrs. Pocket leu o tempo inteiro, e eu fiquei curioso para saber que livro seria aquele.

Estávamos esperando, eu supunha, que Mr. Pocket viesse até nós; de qualquer modo, esperamos ali, e assim eu tive a oportunidade de observar um notável fenômeno familiar. Todas as vezes que alguma das crianças se aproximava de Mrs. Pocket ao brincar, elas acabavam tropeçando e caindo sobre ela – para sua momentânea surpresa, e as mais dolorosas lamentações da parte deles. Eu estava confuso com essa circunstância inusitada, e não pude evitar de ficar especulando em silêncio, até que Miller desceu com o bebê, e o bebê foi entregue a Flopson, e Flopson foi entregá-lo a Mrs. Pocket, quando ela também tropeçou e caiu sobre Mrs. Pocket, com bebê e tudo, e foi segura por Herbert e eu.

“Deus do céu, Flopson!”, disse Mrs. Pocket, levantando os olhos do livro por um momento, “todo mundo está tropeçando aqui!”

“Deus do céu a senhora, senhora, realmente!”, respondeu Flopson, o rosto vermelho; “o que é que a senhora tem aí?”

“O que eu tenho aqui, Flopson?”, perguntou Mrs. Pocket.

“Ora, se não é o seu banquinho de apoiar os pés!”, exclamou Flopson. “E se a senhora o mantém sob as saias desse jeito, quem é que não vai cair? Tome! Pegue o bebê, senhora, e me dê o seu livro.”

Mrs. Pocket agiu conforme lhe aconselhavam, e balançou a criança de maneira desajeitada sobre o colo por um momento, enquanto as outras crianças brincavam ao redor. Aquilo durou pouquíssimo tempo, quando Mrs. Pocket deu ordens sumárias de que todos fossem levados para a casa para tirar um cochilo. Foi assim que, naquela primeira ocasião, fiz a segunda descoberta: que a criação dos pequenos Pocket consistia em cair e dormir, alternadamente.

Dadas as circunstâncias, quando Flopson e Miller levaram as crianças para casa, como um pequeno rebanho de ovelhas, e Mr. Pocket saiu para me conhecer, não fiquei muito surpreso ao descobrir que Mr. Pocket era um cavalheiro cujo rosto tinha uma expressão perplexa, e que tinha os cabelos, já inteiramente grisalhos, em desordem sobre a cabeça, como alguém que não visse um jeito de colocar as coisas em ordem.

CAPÍTULO XXIII

Mr. Pocket disse que estava feliz em me ver, e que esperava que eu não estivesse aborrecido por encontrá-lo. “Pois eu, realmente”, acrescentou ele, com o sorriso do filho, “não sou um personagem assustador.” Era um homem de aparência jovem, apesar do rosto perplexo e dos cabelos inteiramente grisalhos, e suas maneiras pareciam bastante naturais. Uso a palavra natural, no sentido de não serem afetadas; havia algo de cômico no seu modo distraído, que teria sido absolutamente ridículo, se ele mesmo não tivesse percebido que estava muito perto de sê-lo. Depois de conversar comigo um pouco, ele disse a Mrs. Pocket, com uma contração um tanto ansiosa das sobrancelhas, que eram negras e bonitas, “Belinda, espero que você tenha dado as boas-vindas a Mr. Pip?” Ela levantou os olhos do livro e disse, “Sim.” Então sorriu para mim, como se sua mente estivesse em outro lugar, e me perguntou se eu gostaria de provar um pouco de água de flor de laranjeira. Como esta pergunta não tinha qualquer relação, próxima ou remota, com qualquer outro assunto, passado ou futuro, considerei aquilo como se tivesse sido uma aproximação que ela fazia para participar da conversação geral.

Em poucas horas descobri, e posso mencionar de uma vez, que Mrs. Pocket era a filha única de certo cavaleiro, morto de modo totalmente acidental, e que havia persuadido a si mesmo de que o pai falecido teria sido feito baronete, não fosse pela oposição determinada de alguém, baseada em motivos inteiramente pessoais – eu esqueço de quem, se é que cheguei a saber – do soberano, do primeiro-ministro, do chanceler, do arcebispo de Canterbury, qualquer um. Esse cavaleiro havia brigado com todos os nobres da terra, por conta desse fato completamente suposto. Creio que ele mesmo tenha se sagrado cavaleiro por atacar de modo violento a gramática inglesa, à bico de pena, em uma petição desesperada copiada em velino, por ocasião da colocação da pedra fundamental de um edifício qualquer, e por haver entregue a algum personagem real, ou a colher de pedreiro, ou a argamassa. Seja como for, ele determinara que Mrs. Pocket fosse criada, desde o berço, como alguém que, na ordem natural das coisas, teria que se casar com um personagem que ostentasse um título, e que não deveria jamais adquirir qualquer conhecimento plebeu.

A vigilância e a proteção exercidas sobre a jovem dama por esse pai

judicioso foram tão bem sucedidas, que ela havia se tornado uma criatura muito decorativa, mas perfeitamente incapaz e inútil. Com um caráter formado de modo tão feliz, na flor da juventude ela encontrara Mr. Pocket. Este cavalheiro também estava na flor da juventude, e ainda não decidira se devia subir às alturas de Woolsack[1], ou às alturas de uma mitra cardinalícia. Como para chegar a uma ou a outra, era mera questão de tempo, ele e Mrs. Pocket agarraram o tempo pelos cabelos (embora, a julgar pelo comprimento, pareciam estar precisando de um corte) e tinham se casado sem o conhecimento do pai judicioso. O pai judicioso, não tendo nada a dar ou a recusar senão a sua bênção, tinha magnanimamente entregue o dote a eles, depois de uma breve luta, e havia informado a Mr. Pocket que sua esposa era "um tesouro digno de um príncipe." Mr. Pocket tinha investido o tesouro do príncipe nos meios mundanos desde então, mas supõe-se que tenha lhe trazido apenas um rendimento mediano. Mais ainda, Mrs. Pocket era em geral objeto de um tipo estranho de piedade respeitosa, pois não tinha se casado com um título; enquanto Mr. Pocket era objeto de um tipo estranho de reprovação benevolente, pois nunca conseguiu um.

Mr. Pocket levou-me para a casa e me mostrou meu quarto – que era muito agradável, e tão bem mobiliado que eu poderia usá-lo, com todo conforto, como minha sala de estar particular. Ele então bateu nas portas de dois outros quartos semelhantes, e me apresentou aos seus ocupantes, chamados Drummle e Startop. Drummle, um jovem com cara de velho de uma estrutura corporal pesada, estava assobiando. Startop, mais jovem na idade e na aparência, estava lendo e segurando a cabeça, como se achasse que ela corria o risco de explodir com tamanha carga de conhecimentos.

Mr. e Mrs. Pocket tinham um ar tão notório de quem estava nas mãos de alguém, que eu me perguntava quem de fato estava de posse da casa e os deixava viver ali, até que descobri que esse poder desconhecido era exercido pelos criados. Era um modo tranquilo de levar as coisas, talvez, quando se tratava de evitar problemas; mas parecia ser um modo de vida caro, pois os criados consideravam um dever para consigo mesmos comer bem, beber bem, e receber um bocado de companhia no trabalho. Eles permitiam que Mr. e Mrs. Pocket tivessem uma mesa farta, embora sempre me parecesse que a melhor parte da casa era sem dúvida a cozinha; sempre supondo que o pensionista fosse capaz de defender-se, pois antes de completar-se uma semana da minha chegada, uma senhora da vizinhança, desconhecida da

família, escreveu para dizer que tinha visto Miller batendo no bebê. Isso afligiu muitíssimo Mrs. Pocket, que rompeu em lágrimas ao receber a carta, dizendo que era de fato extraordinário que os vizinhos não pudessem cuidar dos seus próprios assuntos.

Eu soube pouco a pouco, principalmente por Herbert, que Mr. Pocket tinha sido educado, com distinção, em Harrow e Cambridge; mas que, tendo tido a felicidade de se casar com Mrs. Pocket tão cedo na vida, havia prejudicado seu futuro, e passado a exercer a profissão de afiador de facas. Depois de amolar uma infinidade de facas cegas – cujos possuidores, era interessante notar, como pessoas influentes que eram, sempre prometiam ajudá-lo a melhorar, mas sempre esqueciam de fazê-lo depois que as facas deixavam o esmeril – ele acabara se cansando daquele trabalho indigno e tinha vindo para Londres. Ali, após ver desaparecerem gradualmente suas mais caras esperanças, havia começado a "ler" para diversas pessoas que não tinham tido ocasião de fazê-lo, ou haviam negligenciado a sua leitura, e tinha dado um polimento literário em várias outras, para ocasiões especiais; depois passou a dedicar-se à compilação e à correção de livros, e com tais meios, acrescidos de alguns recursos pessoais, muito modestos, mantinha a casa que eu vi.

Mr. e Mrs. Pocket tinham um vizinho bajulador; uma senhora viúva, de uma natureza de tal modo simpática, que concordava com todo mundo, abençoava todo mundo, e distribuía sorrisos e lágrimas para todo mundo, de acordo com as circunstâncias. O nome desta senhora era Mrs. Coiler, e eu tive a honra de conduzi-la até a sala de jantar, no dia da minha instalação. Ela me deu entender, enquanto descíamos as escadas, que era um golpe para a querida Mrs. Pocket que o querido Mr. Pocket tivesse necessidade de receber cavalheiros para estudar com ele. Isso não se aplicava a mim, ela me disse, em um transbordamento de afeição e confiança (naquele momento, eu a conhecia há menos de cinco minutos), pois se todos eles fossem como eu, seria completamente diferente.

"Mas a querida Mrs. Pocket", disse Mrs. Coiler, "depois da decepção que sofreu tão cedo na vida (não que o querido Mr. Pocket tivesse alguma culpa), precisa de tanto luxo e elegância..."

"Sim, senhora", eu disse, para interrompê-la, pois temia que ela começasse a chorar.

"E ela tem uma natureza tão aristocrática..."

“Sim, senhora”, eu disse novamente, com o mesmo objetivo de antes.

“...pois é muito duro”, disse Mrs. Coiler, ver o tempo e a atenção do querido Mr. Pocket desviados da querida Mrs. Pocket.”

Eu não pude deixar de pensar que talvez fosse mais duro se o tempo e a atenção do açougueiro fossem desviados da querida Mrs. Pocket; mas não disse nada, pois na verdade já tinha bastante trabalho em observar discretamente as maneiras dos meus companheiros.

Enquanto eu estava atento à minha faca, ao garfo, à colher, ao copo e aos outros instrumentos de autodestruição, fiquei sabendo, pelo que se passou entre Mrs. Pocket e Drummle, que Drummle, cujo nome de batismo era Bentley, era de fato o segundo na linha de herança de um título de baronete. Mais tarde descobri que o livro que eu tinha visto Mrs. Pocket lendo no jardim era todo sobre títulos de nobreza, e que ela sabia a data exata em que seu avô teria entrado no livro, se algum dia ele tivesse entrado. Drummle não disse muita coisa, mas, do seu modo limitado (ele me surpreendeu por ser um tipo de sujeito muito mal-humorado), expressou-se como um dos eleitos, e reconhecia em Mrs. Pocket uma mulher e uma irmã. Ninguém, além deles e de Mrs. Coiler, a vizinha bajuladora, mostrou qualquer interesse nessa parte da conversa, e me pareceu que o assunto era doloroso para Herbert; mas prometia durar bastante tempo, quando a página foi virada pelo anúncio de um pequeno contratempo doméstico. Com efeito, a cozinheira havia perdido o bife. Para meu indescritível espanto, eu vi então pela primeira vez Mr. Pocket se entregar, para aliviar sua mente, a uma demonstração que me surpreendeu como bastante extraordinária, mas que não causou a menor impressão em qualquer outra pessoa, e com a qual eu logo me acostumei tanto quanto os outros. Ele pousou a faca de trinchar e o garfo – pois estava ocupado em trinchar, naquele momento – pôs as duas mãos nos cabelos revoltos, e pareceu fazer um esforço extraordinário para se levantar com a sua ajuda. Depois desse ato, e vendo que não conseguira se levantar nem um milímetro, continuou calmamente com aquilo que estava fazendo.

Mrs. Coiler então mudou de assunto e começou a lisonjear-me. Aquilo me agradou por alguns momentos, mas ela me lisonjeou tanto que o prazer não durou muito. Ela tinha um modo sinuoso de chegar perto de mim, quando fingia interessar-se vivamente pelos amigos e os lugares de onde eu tinha vindo, que se assemelhava a uma víbora de língua bifurcada; e quando ela fez uma tentativa ocasional sobre Startop (que lhe falou pouquíssimo), ou sobre

Drummle (que falou ainda menos), eu os invejei por estarem do outro lado da mesa.

Depois do jantar, trouxeram as crianças, e Mrs. Coiler fez comentários apreciativos sobre seus olhos, seus narizes e suas pernas – um modo inteligente de melhorar o seu espírito. Havia quatro meninas e dois meninos, além do bebê, que poderia ser um ou outro, e do próximo sucessor do bebê, que ainda não era nem um nem outro. Eles foram trazidos por Flopson e Miller, como se essas duas suboficiais tivessem sido enviadas para recrutar crianças em algum lugar, e tivessem alistado estas. Mrs. Pocket olhava para os jovens nobres que deveriam ter sido, como se achasse que já tinha tido o prazer de vê-los em algum lugar antes, mas não soubesse exatamente o que fazer com eles.

"Aqui! Dê-me seu garfo, senhora, e pegue o bebê", disse Flopson. "Não o segure desse modo, ou vai deixar sua cabeça cair sob a mesa."

Assim avisada, Mrs. Pocket pegou-o do outro modo, e deixou sua cabeça cair sob a mesa, o que foi anunciado a todos os presentes por um choque terrível.

"Meu Deus! Meu Deus! Dê-me o bebê de volta, senhora", disse Flopson. "Miss Jane, venha dançar para o bebê, vamos, vamos!"

Um das menininhas, um simples tiquinho de gente que parecia ter prematuramente tomado a si o encargo dos outros, saiu do seu lugar ao meu lado e dançou para o bebê até que ele parasse de chorar, e começasse a rir. Então, todas as crianças riram, e Mr. Pocket (que nesse meio tempo tinha tentado duas vezes erguer-se pelos cabelos) riu também, e todos nós rimos e ficamos alegres.

Flopson, dobrando o bebê pelas juntas como uma boneca holandesa, colocou-o em segurança no colo de Mrs. Pocket, e deu-lhe o quebrador de nozes para brincar. Ao mesmo tempo, recomendou a Mrs. Pocket que prestasse atenção, pois os cabos daquele instrumento não eram de natureza a viver em acordo com os olhos do bebê, e rapidamente encarregou Miss Jane de cuidar da criança. As duas babás então deixaram a sala, e tiveram uma animada briga na escadaria com um pajem desregrado que havia servido à mesa, e que tinha perdido na mesa de jogo metade dos seus botões.

Senti meu espírito muito pouco à vontade quando Mrs. Pocket entrou em uma discussão com Drummle a respeito de dois baronetes, enquanto comia uma laranja fatiada macerada em açúcar e vinho, e esqueceu-se do

bebê no seu colo, que fez as coisas mais apavorantes com o quebrador de nozes. Por fim, a pequena Jane, percebendo que o jovem cérebro do irmão estava em perigo, calmamente deixou seu lugar, e, empregando uma série de pequenos artifícios, conseguiu afastar a perigosa arma. Mrs. Pocket terminou ao mesmo tempo de comer sua laranja, e não aprovando isso, disse à Jane:

"Sua menina malcriada, como ousa? Vá sentar-se agora mesmo!"

"Mamãe querida", balbuciou a menininha, "o bebê ia arrancar os olhos."

"Como tem coragem de me dizer uma coisa dessas?", replicou Mrs. Pocket. "Vá já para o seu lugar!"

A indignação de Mrs. Pocket era tão esmagadora, que eu me sentia muito envergonhado, como se tivesse feito alguma coisa para despertar-lhe a ira.

"Belinda", protestou Mr. Pocket, da outra ponta da mesa, "como pode ser tão injusta? Jane só interferiu para proteger o bebê."

"Não permito que ninguém interfira", disse Mrs. Pocket. "Estou surpresa, Matthew, que você me exponha à tamanha afronta."

"Bom Deus!", exclamou Mr. Pocket, em um ataque de desespero. "Deve-se deixar as crianças se matarem a golpes de quebra-nozes, sem que ninguém tente salvá-las?"

"Não vou permitir que Jane interfira", disse Mrs. Pocket, com um olhar majestoso para a pequena e inocente ofensora. "Eu conheço, assim espero, a posição do meu pobre avô. Jane, realmente!"

Mr. Pocket enfiou as mãos nos cabelos de novo, e desta vez realmente ergueu-se algumas polegadas acima da cadeira. "Ouça bem!", ele exclamou, desesperado, dirigindo-se aos elementos de maneira geral. "Bebês não são feitos para se matarem a golpes de quebra-nozes, só pela posição do pobre do seu avô!" Então voltou a sentar-se, e ficou em silêncio.

Todos nós olhávamos embaraçados para a toalha de mesa, enquanto tudo isso se passava. Seguiu-se uma pausa, durante a qual o sincero e irreprimível bebê fez uma série de pulos e movimentos na direção da pequena Jane, que me parecia ser o único membro daquela família (fora os criados) com quem ele tinha algum relacionamento.

"Mr. Drummle", disse Mrs. Pocket, "o senhor faria a gentileza de tocar a sineta para chamar Flopson? Jane, sua coisinha desobediente, vá já para a cama. Agora, meu bebezinho, venha com a mamãe!"

O bebê era o paradigma da honestidade, e protestou com todas as suas forças. Dobrou-se em dois e atirou-se para baixo no braço de Mrs. Pocket, exibindo um par de sapatinhos tricotados e tornozelos com covinhas aos convidados, em vez do seu rosto angelical, e foi levado embora em meio ao mais terrível motim. Mas venceu a batalha, afinal, pois alguns minutos depois eu o vi pela janela, nos braços da pequena Jane.

As outras cinco crianças foram deixadas para trás, sentadas à mesa, visto que Flopson já tinha assumido um compromisso, e elas não eram responsabilidade de mais ninguém. Eu pude assim dar-me conta das relações que existiam entre eles e Mr. Pocket, tomando como exemplo o que aconteceu a seguir. Mr. Pocket, com a perplexidade natural da sua face aumentada, e o cabelo despenteado, olhou para eles durante alguns minutos, como se não pudesse entender como eles vieram a comer e dormir naquele estabelecimento, e por que a natureza não os havia alojado na casa de alguma outra pessoa. Então, de modo distante, como se estivesse fazendo um sermão, fez aos filhos certas perguntas, como estas: Por que o pequeno Joe tinha aquele buraco no babado da roupa? E o pequeno Joe respondeu que Flopson ia consertá-lo quando tivesse tempo. Como a pequena Fanny tinha aquele panarício? E a menina respondeu que Miller disse que ia fazer um cataplasma quando se lembrasse. Ele então se derreteu em acessos de ternura paternal, deu um xelim para cada um, e disse-lhes que fossem brincar. Depois que eles saíram, Mr. Pocket fez um esforço enorme para se erguer pelos cabelos, e encerrou o famigerado assunto.

À noite, houve uma competição de remo no rio. Como Drummle e Startop tinham seus próprios barcos, eu resolvi arranjar um para mim, e vencer a ambos. Eu era muito bom em vários exercícios em que os meninos do campo são peritos, mas tinha consciência de que me faltava o estilo elegante necessário para remar no Tâmisa – sem falar de outras águas – e tratei de me colocar de imediato sob a direção de um homem que vencera uma regata e navegava em nosso píer, e a quem fui apresentado por meus novos amigos. Essa autoridade prática confundiu-me bastante ao dizer que eu tinha o braço de um ferreiro. Se ele soubesse o quanto aquele elogio quase o fez perder seu aluno, duvido que o tivesse feito.

Havia uma bandeja com a ceia servida quando voltamos para casa à noite, e acho que todos teríamos nos divertido, se não fosse por uma ocorrência doméstica bastante desagradável. Mr. Pocket estava de bom

humor, quando uma criada entrou e disse, “Com sua licença, senhor, eu gostaria de falar com o senhor.”

“Falar com o seu patrão?”, disse Mrs. Pocket, cuja indignação havia sido novamente despertada. “Como pode pensar em uma coisa dessas? Vá falar com Flopson. Ou fale comigo... em outro momento.”

“Peço-lhe perdão, senhora”, respondeu a criada, “mas eu gostaria de falar agora, e com o patrão.”

Diante disso, Mr. Pocket saiu da sala, e nós fizemos o melhor possível para ter paciência até que ele voltasse.

“Essa é uma cena bem bonita, Belinda!”, disse Mr. Pocket, voltando com uma expressão de aflição e desespero no rosto. “Lá está a cozinheira estendida bêbada e inconsciente no chão da cozinha, e que botou no armário um enorme pacote de manteiga fresca, pronta para ser vendida como gordura!”

Mrs. Pocket mostrou de imediato a mais amável das emoções, e disse, “Isso é obra daquela odiosa Sophia!”

“O que você quer dizer, Belinda?”, perguntou Mr. Pocket.

“Sophia já lhe falou”, disse Mrs. Pocket. “Por acaso eu não a vi com meus próprios olhos e ouvi com meus próprios ouvidos, entrando agora mesmo na sala e pedindo para falar com você?”

“Mas ela não me levou lá embaixo, Belinda”, replicou Mr. Pocket, “e não me mostrou a mulher, e o pacote também?”

“E você a defende, Matthew”, disse Mrs. Pocket, “por fazer intrigas?”

Mr. Pocket deu um gemido desanimado.

“E eu, a neta do meu avô, por acaso não sou ninguém nesta casa?”, disse Mrs. Pocket. “Além disso, a cozinheira sempre foi uma mulher muito gentil e respeitável, e disse da maneira mais natural, quando veio pedir o emprego, que ela sentia que eu havia nascido para ser uma duquesa.”

Mr. Pocket estava parado junto a um sofá, e desabou sobre ele em uma atitude de gladiador agonizante. Ainda nessa postura, disse com uma voz oca, “Boa noite, Mr. Pip”. Julguei aconselhável, então, deixá-lo e ir para a cama.

[1]Woolsack refere-se a uma almofada de lã de ovelha sobre a qual tomavam assento os juízes e os membros da Câmara dos Lordes, muito comum à época de Dickens. Neste caso, Dickens pode estar sugerindo uma carreira

na política ou no poder judiciário.

CAPÍTULO XXIV

Depois de dois ou três dias, quando eu já estava bem estabelecido no meu quarto, havia andado de um lado para o outro em Londres por várias vezes, e encomendado tudo que eu precisava aos meus fornecedores, Mr. Pocket e eu tivemos uma longa conversa. Ele sabia mais sobre a minha futura carreira do que eu mesmo, pois mencionou que Mr. Jaggers lhe dissera que eu não estava destinado a nenhuma profissão, e que deveria ser muito bem educado para o meu futuro, caso pudesse “me manter”, como a média dos jovens em circunstâncias prósperas. Concordei, é claro, não sabendo de nada em contrário.

Ele me aconselhou que fosse a certos lugares em Londres para adquirir alguns rudimentos de educação que me eram necessários, e que eu o investisse das funções de orientador e diretor de todos os meus estudos. Ele esperava que sob uma direção inteligente eu encontraria poucas coisas que me desencorajassem, e logo poderia dispensar qualquer ajuda que não a sua. Pelo tom com que me disse isso, e muitas outras coisas semelhantes, ele soube conquistar minha confiança de maneira admirável. Posso declarar de uma vez que ele sempre foi tão zeloso e honrado ao cumprir seus compromissos comigo, que me fez zeloso e honrado ao cumprir os meus com ele. Se ele tivesse mostrado indiferença como mestre, não tenho dúvida de que eu teria retornado a atitude como aluno; mas ele não me deu esse pretexto, e cada um de nós fez justiça ao outro. Eu jamais o considerei como alguém que tivesse alguma coisa de ridículo em si – ou nada que não fosse sério, honesto e bom – em suas relações de preceptor para comigo.

Depois de estabelecidos estes pontos, e cumpridos com tanta presteza que me pus a trabalhar com ardor, ocorreu-me que, se eu pudesse manter meu quarto na Hospedaria Barnard, minha vida seria agradavelmente variada, e meus modos só poderiam melhorar com a companhia de Herbert. Mr. Pocket não se opôs a este arranjo, mas insistiu que, antes que eu tomasse qualquer decisão a esse respeito, ele deveria ser submetido ao meu tutor. Percebi que a sua delicadeza provinha da consideração de que o plano pouparia algumas despesas a Herbert. Assim, fui à Pequena Inglaterra e comuniquei meu desejo a Mr. Jaggers.

“Se eu pudesse comprar a mobília que eu alugo no momento”, disse eu “e mais uma ou duas coisinhas, eu me sentiria em casa ali.”

“Faça isso!”, disse Mr. Jaggers, com um pequeno sorriso. “Eu lhe disse que você se sairia bem. Então, de quanto precisa?”

Eu disse que não sabia quanto.

“Vamos!”, replicou Mr. Jaggers. “Quanto? Cinquenta libras?”

“Oh, nem perto disso.”

“Cinco libras?” disse Mr. Jaggers.

Era uma baixa tão grande no valor, que fiquei desapontado, “Oh, mais do que isso.”

“Mais do que isso, é?”, respondeu Mr. Jaggers, parado esperando a minha resposta, com as mãos nos bolsos, a cabeça de lado e os olhos na parede atrás de mim; “Quanto mais?”

“É tão difícil determinar um valor”, disse eu, hesitando.

“Vamos!”, disse Mr. Jaggers. “Vamos chegar a um acordo. Duas vezes cinco; é suficiente? Três vezes cinco; é suficiente? Quatro vezes cinco; é suficiente?”

Eu lhe disse que achava que aquilo seria ótimo.

“Quatro vezes cinco seria ótimo, então?”, disse Mr. Jaggers, franzindo a testa. “Agora, o que faz de quatro vezes cinco?”

“O que eu faço?”

“Sim!” disse Mr. Jaggers; “quanto é?”

“Suponho que sejam vinte libras”, disse eu, sorrindo.

“Não se importe com quanto isso faz para mim, meu amigo”, observou Mr. Jaggers, balançando a cabeça de modo contraditório. “Quero saber quanto faz para você.”

“Vinte libras, é claro.”

“Wemmick!” disse Mr. Jaggers, abrindo a porta do seu escritório. “Pegue uma ordem escrita de Mr. Pip, e pague-lhe vinte libras.”

Essa maneira marcante de fazer negócios causou-me uma impressão profunda, e que não foi das mais agradáveis. Mr. Jaggers não riu em momento algum; mas usava grandes botas lustrosas, e, equilibrando-se nessas botas, com a cabeça grande abaixada e as sobrancelhas unidas enquanto esperava uma resposta, ele às vezes fazia as botas rangerem, como se elas rissem um riso seco e suspeito. Como ele agora já tinha saído, e como Wemmick era vivaz e falante, eu disse à Wemmick que não conseguia entender muito bem as maneiras de Mr. Jaggers.

“Diga-lhe isso, e ele o tomará como um elogio”, respondeu

Wemmick; “Ele não quer que o senhor entenda bem as suas maneiras. Oh!” pois eu parecia surpreso, “não é nada pessoal; é profissional, apenas profissional.”

Wemmick estava à sua escrivaninha, almoçando – e mastigando – um biscoito seco e duro; de vez em quando lançava alguns pedaços do biscoito na sua boca em forma de fenda, como se os estivesse enfiando em uma caixa de correio.

“Sempre me parece”, disse Wemmick, “como se ele tivesse montado uma armadilha humana, e ficasse vigiando. Um golpe repentino, e clic!... Você foi pego!”

Sem observar que uma armadilha humana não estava entre as amenidades da vida, eu disse que supunha que ele fosse muito competente.

“Profundamente”, disse Wemmick, “como a Austrália.” E apontou com a caneta para o piso do escritório, dando a entender que a Austrália, para efeitos daquela comparação, era o lugar do globo perfeitamente oposto. “Se houver qualquer coisa mais profunda”, acrescentou Wemmick, voltando a caneta para o papel, “é isso que ele é.”

Então eu lhe disse que supunha que seu negócio fosse muito próspero. E Wemmick disse, “Ex-ce-lente!” Então perguntei se havia muitos escriturários, ao que ele respondeu:

“Não contratamos muitos escriturários, pois só há um Mr. Jaggers, e as pessoas não querem tê-lo em segunda-mão. Só há quatro de nós. Gostaria de conhecê-los? O senhor é um de nós, se posso me expressar assim.”

Aceitei a oferta. Depois que Mr. Wemmick havia posto todo o biscoito no correio, e havia me pago o dinheiro de uma caixa em um cofre, cuja chave ele guardava em algum lugar nas costas, e a tirou pelo colarinho como um rabicho de ferro, fomos para o andar de cima. A casa era escura e gasta, e os ombros gordurosos que tinham deixado a marca na sala de Mr. Jaggers pareciam ter se arrastado para cima e para baixo na escadaria durante anos. Na frente do primeiro andar, um escriturário que parecia algo entre um coletor de impostos e um caçador de ratos – um homem grande, pálido e inchado – estava inteiramente ocupado com três ou quatro pessoas de aparência pobre, a quem ele tratava com tanta falta de cerimônia como costumavam ser tratados todos aqueles que contribuíam para os cofres de Mr. Jaggers. “Está reunindo provas”, disse Mr. Wemmick, quando saímos, “para a Corte Criminal.” Na sala em cima desta, um escriturário parecendo um

filhote de um cachorrinho terrier, com os cabelos pendentes (que pareciam jamais terem sido cortados desde que ele era um filhotinho) estava igualmente ocupado com um homem de vista fraca, a quem Mr. Wemmick me apresentou como um fundidor que mantinha seu caldeirão sempre fervendo, e que fundiria para mim qualquer coisa que eu quisesse. Ele transpirava tanto, que parecia estar testando sua arte em si mesmo. Em uma sala nos fundos, um homem de ombros largos, com um rosto sofrido, envelopado em flanela suja, vestido com velhas roupas pretas que pareciam ter sido enceradas, estava inclinado sobre seu trabalho de passar a limpo as anotações dos outros dois cavalheiros, para uso do próprio Mr. Jaggers.

Esse era todo o estabelecimento. Quando descemos outra vez, Wemmick me conduziu à sala do meu tutor e disse, “Esta o senhor já conhece.”

“Por favor”, disse eu, quando os dois odiosos moldes de gesso atraíram de novo o meu olhar, “de quem são estas figuras?”

“Estas?”, disse Wemmick, subindo em uma cadeira e espanando o pó das horríveis cabeças antes de descê-las. “São duas celebridades. Dois clientes famosos, que nos valeram um monte de crédito. Este sujeito (ora, você deve ter descido à noite da estante e meteu a cara no tinteiro, seu velho maroto, para conseguir esse borrão na testa!) assassinou seu patrão, e, considerando que ele não deixou provas, até que não foi mal planejado.”

“É parecido com ele?”, perguntei, recuando diante da criatura brutal, enquanto Wemmick dava um tapinha e esfregava com a manga a testa da figura.

“Parecido? É igual a ele. O molde foi feito em Newgate, logo depois que ele foi enforcado. Você tem uma afeição especial por mim, não tem, seu velho astuto?” disse Wemmick. Ele então explicou esse apóstrofo afetuoso, tocando seu broche que representava a dama e o salso-chorão, e dizendo, “Ele fez isto para mim, especialmente!”

“A senhora representa alguém?”, disse eu.

“Não”, respondeu Wemmick. “É só um jogo dele. (Você gostou da brincadeira, não foi?) Não. Lembra um pouco uma senhora no caso, Mr. Pip, mas ela não era do tipo de dama que conhecemos, e não daria para colocar seu rosto junto a essa urna, a menos que houvesse algo para beber ali.” Com a atenção voltada para o broche, Wemmick largou o molde, e poliu o broche com seu lenço.

“E aquela outra criatura teve o mesmo fim?”, perguntei. “Tem a mesma expressão.”

“Tem razão”, disse Wemmick; “é a expressão genuína desse tipo de gente. Como se as narinas fossem suspensas com crina de cavalo e um pequeno anzol. Sim, ele teve o mesmo fim. É um fim muito natural por aqui, asseguro-lhe. Ele falsificou testamentos, e com esta lâmina aqui, botou os supostos testamenteiros para dormir também. Você era um cavalheiro, meu camarada”, (disse Mr. Wemmick, começando a apostrofar de novo) “e dizia que sabia escrever em grego. É, camarada! Você era um grande mentiroso! Nunca encontrei um mentiroso igual a você!” Antes de pôr seu amigo falecido de novo na estante, Wemmick tocou o maior dos seus anéis de viúvo e disse, “Mandou comprar isso para mim, ainda na véspera.”

Enquanto ele colocava o outro molde lá em cima, e descia da cadeira, passou pela minha mente a ideia de que todas as suas joias vinham de fontes análogas. Como ele não havia mostrado qualquer discrição a respeito do assunto, tomei a liberdade de fazer-lhe a pergunta, quando ele parou diante de mim, limpando o pó das mãos.

“Oh, sim”, ele respondeu, “são todos presentes desse tipo. Uma coisa leva a outra, o senhor sabe; é assim que funciona. Eu sempre aceito. São curiosidades. E tem algum valor, pode não ser muito, mas tem algum valor e são fáceis de carregar. Pode não significar nada para o senhor, com seu aspecto brilhante, mas quanto a mim, minha estrela-guia sempre me diz: ‘Aceite tudo que seja portável’.”

Quando eu prestei homenagem à sua previdência, ele prosseguiu, em um tom amigável:

“Se qualquer dia desses o senhor não tiver nada melhor para fazer, e não se importar de vir me visitar em Walworth, eu poderia lhe oferecer um leito, e consideraria isso uma grande honra. Não tenho muito para mostrar-lhe, só duas ou três curiosidades que eu acho que o senhor talvez gostasse de ver. Gosto muito do meu pedacinho de jardim e da minha casa de campo.”

Eu disse que ficaria feliz de aceitar sua hospitalidade.

“Obrigado”, disse ele; “então vamos considerar a coisa acertada, venha quando lhe for conveniente. O senhor já jantou com Mr. Jaggers?”

“Ainda não.”

“Bem”, disse Wemmick, “ele vai servir-lhe vinho, e vinho bom. Eu lhe servirei ponche, e um ponche que não será ruim. E agora vou contar-lhe

uma coisa. Quando for jantar com Mr. Jaggers, preste atenção na sua governanta."

"Verei alguma coisa muito extraordinária?"

"Bem", disse Wemmick, "o senhor verá uma besta selvagem domesticada. Talvez o senhor me diga que isso não é assim tão extraordinário. Eu lhe respondo que isso depende da selvageria original da besta, e do quanto foi domada. Não diminuirá sua opinião sobre os poderes de Mr. Jaggers, mas preste bem atenção."

Eu lhe disse que faria isso, com todo o interesse e curiosidade que aquelas palavras me despertaram. Quando eu me preparava para partir, ele me perguntou se eu não gostaria de dedicar cinco minutos para ver Mr. Jaggers "em ação".

Por várias razões e, sobretudo, porque eu não sabia claramente em que "ação" eu encontraria Mr. Jaggers, respondi afirmativamente. Mergulhamos na cidade, e desembocamos em um tribunal de polícia abarrotado de gente, onde um parente de sangue (no sentido assassino) do defunto com o estranho gosto por broches estava de pé diante da corte, mastigando alguma coisa, enquanto meu tutor interrogava ou contra-interrogava uma mulher, não sei bem qual dos dois. Ele a enchia de terror, e também aos juízes, e a todos os presentes. Se qualquer pessoa, de qualquer condição social, dissesse uma palavra que ele não aprovasse, ele imediatamente determinava que a pessoa fosse "levada". Se qualquer pessoa não fizesse uma admissão de culpa, ele dizia, "Vou arrancar isso de você!", e se qualquer pessoa fizesse uma admissão de culpa, ele dizia, "Agora eu o peguei!" Os magistrados tremiam diante de um simples movimento do seu dedo. Ladrões e caçadores de ladrões ouviam as suas palavras em um estado de êxtase entremeado de terror, e se encolhiam quando um único cabelo das sobrancelhas de Mr. Jaggers virava na sua direção. De qual lado ele estava? Confesso que não consegui descobrir, pois ele parecia estar triturando o lugar inteiro em um moinho. Só sei que quando eu saí da sala na ponta dos pés, ele não estava ao lado dos juízes, pois se dedicava a fazer as pernas do velho cavalheiro que presidia tremerem de maneira convulsiva embaixo da mesa, com suas denúncias sobre a conduta do cavalheiro como representante da lei e da justiça britânicas naquela cadeira.

CAPÍTULO XXV

Bentley Drummle, que era um sujeito tão mal-humorado a ponto de considerar um livro como uma injúria pessoal feita a ele pelo autor, não encarava um novo conhecido com melhor disposição de espírito. Pesado de corpo, de movimentos e de compreensão, tinha uma expressão de inércia no rosto, e uma língua grande, desajeitada, que parecia ficar à toa em sua boca, do mesmo modo que ele ficava à toa em uma sala. Era preguiçoso, reservado orgulhoso, mesquinho e desconfiado. Pertencia a uma família rica do Somersetshire, que havia alimentado essa combinação de qualidades, até que descobriram que ele já estava crescido e não passava de um idiota. Assim, Bentley Drummle fora mandado para Mr. Pocket, quando já tinha uma cabeça a mais de altura que este cavalheiro, e meia dúzia de cabeças a mais de largura que a maioria dos cavalheiros.

Startop tinha sido mimado por uma mãe indulgente, e mantido em casa quando já deveria estar na escola, mas ele era extremamente dedicado a ela, e admirava-a acima de tudo no mundo. Tinha os traços delicados como os de uma mulher, e era... “como você poderá perceber, embora nunca a tenha visto”, disse-me Herbert, “exatamente igual à mãe”. Era natural, portanto, que eu me desse muito melhor com ele do que com Drummle. Nas primeiras noites em que saíamos para velejar, ele e eu remávamos lado a lado ao voltar para casa, conversando de um barco ao outro, enquanto Bentley Drummle seguia sozinho no nosso rastro, sob as ribanceiras e entre os juncos. Ele sempre rastejava para a costa como um tipo de criatura anfíbia, que se sentia incômoda mesmo quando a maré podia colocá-la rapidamente no caminho certo. Lembro-me sempre dele vindo atrás de nós na escuridão ou nos baixios, enquanto nossos dois barcos deslizavam devagar ao pôr-do-sol ou sob o luar.

Herbert era o meu amigo e o companheiro mais íntimo. Eu lhe ofereci a metade do meu barco, o que lhe deu motivo para vir com frequência a Hammersmith; e o fato de eu possuir a metade dos seus aposentos na cidade, levava-me com frequência à Londres. Nós costumávamos ir e vir a qualquer hora, de um lugar a outro. Ainda tenho afeto por aquela estrada (embora ela não seja mais tão agradável quanto era então), um afeto propiciado por uma juventude esperançosa, que ainda não tinha passado pela experiência da vida.

Eu já estava há um ou dois meses com a família de Mr. Pocket,

quando Mr. e Mrs. Camilla apareceram. Camilla era irmã de Mr. Pocket. Georgiana, a quem eu tinha visto na casa de Miss Havisham no mesmo dia, também fez sua aparição. Ela era uma prima – uma solteirona indigesta, que chamava de religião a sua rigidez de caráter, e amava seu fígado acima de tudo. Essas pessoas me odiavam, um ódio nascido da cobiça e da decepção. Não é preciso dizer que eles me bajulavam na minha prosperidade, com a baixeza mais abjeta. Quanto a Mr. Pocket, eles o viam como uma criança adulta sem a menor noção dos seus próprios interesses, e mostravam em relação a ele a paciência complacente que eu já os vira expressar. Por Mrs. Pocket, mostravam apenas desprezo; mas admitiam que a pobre alma sofrera um grave desapontamento na vida, pois essa conduta refletia sobre eles uma fraca luz de respeito.

Era este o ambiente no qual eu me estabelecera, e onde me devotava à minha educação. Eu logo adquiri hábitos caros, e comecei a gastar uma quantia de dinheiro que poucos meses antes teria me parecido quase fabulosa; mas entre o bem e o mal, mantive-me firme nos estudos. Não havia nenhum outro mérito nisso, a não ser que fui sensato o bastante para reconhecer minhas deficiências. Entre Mr. Pocket e Herbert, aprendi depressa. E como eu tinha sempre um ou outro ao meu lado, para me dar o encorajamento necessário e remover os obstáculos do meu caminho, teria me tornado um tolo tão grande quanto Drummle, se tivesse trabalhado menos.

Já fazia algumas semanas que eu não via Mr. Wemmick, quando pensei em lhe escrever um bilhete propondo ir com ele à sua casa em uma determinada noite. Ele respondeu que isso lhe daria grande prazer, e que me esperaria no escritório às seis horas. Assim, fui até lá, e o encontrei pondo a chave do cofre nas costas, enquanto o relógio batia as horas.

“Gostaria de ir a pé até Walworth?” disse ele.

“Certamente”, disse eu, “se lhe agrada.”

“Muito”, foi a resposta de Wemmick, “pois passei o dia todo com as pernas debaixo da escrivaninha, e ficarei contente de esticá-las um pouco. Agora, vou lhe dizer o que tenho para a ceia, Mr. Pip. Tenho um bife guisado – de preparação caseira – e uma ave assada fria, que veio da loja de assados. Acho que é tenra, pois o dono da loja foi jurado em alguns casos, outro dia, e nós tornamos sua tarefa bem fácil. Eu o lembrei disso quando comprei a ave, e lhe disse, ‘Escolha uma boa, velho Briton, pois se nós tivéssemos resolvido mantê-lo no banco por mais um dia ou dois, poderíamos ter feito isso com

muita facilidade.’ Ele disse então, ‘Deixe-me presenteá-lo com a melhor ave da loja.’ Eu deixei, é claro. Até certo ponto, tem algum valor e é portável. O senhor não faz objeção à presença de um velho parente, espero?”

Eu realmente pensei que ele ainda estivesse falando da ave, até que ele acrescentou, “Pois tenho em minha casa uma pessoa idosa, meu velho pai.” Eu disse então o que mandava a cortesia.

“Então o senhor ainda não jantou com Mr. Jaggers?” ele prosseguiu, enquanto andávamos.

“Ainda não.”

“Ele me falou esta tarde, quando soube que o senhor viria. Creio que o senhor deverá receber um convite amanhã. Ele vai convidar os seus camaradas, também. São três, não são?”

Embora eu não tivesse o hábito de contar Drummle entre os meus amigos mais íntimos, respondi, “Sim.”

“Bem, ele vai convidar o bando inteiro”, tive dificuldade para considerar aquela palavra como um elogio, “e seja o que for que ele oferecer, vai ser do melhor. Não espere variedade, mas terá excelência. E há outra coisa esquisita na casa”, prosseguiu Wemmick, depois de uma pequena pausa, como se a observação fosse cair nos ouvidos da governanta; “ele nunca permite que as janelas ou portas sejam fechadas à noite.”

“E nunca o roubaram?”

“Nunca!”, respondeu Wemmick. “Ele diz e repete para quem quiser ouvir, ‘Quero ver o homem que terá coragem de me roubar.’ Que Deus me abençoe, se eu já não o ouvi dizer cem vezes, não foi uma só, para os ladrões que costumam frequentar o nosso escritório, ‘Você sabe onde eu moro; as portas jamais são trancadas na minha casa; por que você não tenta um golpe por lá? Vamos, será que não posso tentá-lo?’ Nenhum entre eles, senhor, seria corajoso o bastante para tentar, nem por amor nem por dinheiro.”

“Eles o temem tanto assim?”, disse eu.

“Temem”, disse Wemmick. “Tenho certeza de que temem. Não que ele não seja ardiloso, até mesmo no seu desafio. Nada de prata por lá, senhor. Tudo metal inglês, cada colher.”

“Então eles não obteriam muita coisa”, eu observei, “mesmo se eles...”

“Ah! Mas ele obteria muito”, disse Wemmick, interrompendo-me de pronto, “e eles sabem disso. Ele obteria as suas vidas, e as vidas de grande

número deles. Obteria tudo que pudesse. E é impossível dizer o que ele não consegue, quando enfia uma coisa na cabeça."

Eu estava começando a refletir sobre a grandeza do meu tutor, quando Wemmick observou:

"Quanto à ausência de prataria, é só a sua profundidade natural, sabe você. Um rio tem sua profundidade natural, e ele tem sua profundidade natural, também. Olhe para corrente do seu relógio. Essa é de verdade."

"É bem pesada", disse eu.

"Pesada?" Wemmick repetiu. "É o que penso. E o seu relógio de repetição é de ouro, e vale cem libras, mas é como se valesse um centavo. Mr. Pip, há cerca de setecentos ladrões nesta cidade que sabem tudo sobre aquele relógio; não há um homem, uma mulher, uma criança entre eles que não identificaria o menor elo daquela corrente, e que a largaria como se fosse ferro em brasa, se caísse na tentação de tocá-la."

Primeiro com esse assunto, depois com uma conversação de natureza mais geral, Mr. Wemmick e eu logramos o tempo e a estrada, até que ele me deu a entender que tínhamos chegado ao distrito de Walworth.

O lugar parecia uma coleção de vielas recuadas, fossos e pequenos jardins, e tinha o aspecto de um retiro bastante triste. A casa de Wemmick era um pequeno chalé de madeira em meio a alguns canteiros de jardim, e o alto da casa era cortado e pintado de modo a parecer uma bateria de canhões.

"É obra minha", disse Wemmick. "Bonita, não acha?"

Elogiei copiosamente a casa. Acho que era a menor casa que eu já tinha visto na vida; com as janelas góticas mais esquisitas (a maior parte falsa, sem dúvida), e uma porta gótica tão pequena que mal se podia entrar.

"Repare que o mastro da bandeira é verdadeiro", disse Wemmick, "e aos domingos eu hasteio uma bandeira de verdade. Agora veja isso. Depois de cruzar essa ponte, eu a levanto assim... e corto a comunicação."

A ponte era uma simples prancha, e cruzava uma fenda de mais ou menos quatro pés de largura por dois de profundidade. Mas era muito agradável ver com que orgulho e prontidão ele a içava, ostentando um sorriso de verdadeiro prazer, não um sorriso maquinal.

"Às nove horas, todas as noites, pelo horário de Greenwich", disse Wemmick, "os canhões disparam. Lá está ele, olhe só! E quando o senhor ouvir o som, acho que reconhecerá um Stinger."

A peça de artilharia a que ele se referia estava montada em uma

fortaleza separada, construída de treliça. Era protegida da intempérie por um pequeno e engenhoso dispositivo de lona encerada, na forma de um guarda-chuva.

"E na parte de trás", disse Wemmick, "fora de vista, para não abandonar a ideia de uma fortificação – pois para mim é questão de princípio, quando tenho uma ideia, de manter-me fiel a ela até o fim; não sei se o senhor é da mesma opinião..."

"Com toda certeza!", disse eu.

"Lá nos fundos há um porco, e aves e coelhos; e eu também mexo o esqueleto às vezes plantando pepinos, na ceia o senhor vai ver que tipo de salada eu consigo fazer. Assim, senhor", disse Wemmick, sorrindo novamente, mas balançando a cabeça de modo sério, "supondo que este lugarzinho fosse sitiado, poderia se manter um bocado de tempo com suas provisões."

Ele me conduziu em seguida a um pavilhão, uma dúzia de metros mais adiante, mas o engenhoso caminho dava tantas voltas que levava bastante tempo para chegar lá. Nossos copos já estavam preparados nesse retiro, e nosso ponche estava esfriando em um lago ornamental, em cuja margem fora erguido o pavilhão. Aquele pedaço de água (com uma ilha no meio, que poderia servir de salada para a ceia) tinha forma circular, e ali fora construída uma fonte, que, quando se dava partida em um pequeno moinho tirando a rolha de um tubo, jorrava com tanta força que deixava o dorso da sua mão encharcado.

"Sou meu próprio engenheiro, meu próprio carpinteiro, meu encanador, meu jardineiro; sou o meu João Faz Tudo", disse Wemmick, em resposta aos meus elogios. "Bem, é uma coisa boa, sabe. Remove as teias de aranha de Newgate, e agrada ao Velho. O senhor não se importaria de ser apresentado logo ao Velho, não é? Não o incomodaria?"

Expressei minha imediata disponibilidade, e nós entramos na fortificação. Lá encontramos, sentado junto ao fogo, um homem muito velho, vestido em um casaco de flanela – limpo, alegre, confortável e bem cuidado, mas terrivelmente surdo.

"Bem, velho pai", disse Wemmick, apertando a mão do velho de modo cordial e brincalhão, "como vai?"

"Tudo bem, John; tudo bem!", respondeu o velho.

"Este é Mr. Pip, velho pai", disse Wemmick, "gostaria que pudesse

ouvir o seu nome. Acene com a cabeça para ele, Mr. Pip, ele gosta disso. Faça um sinal com a cabeça, por favor, como se estivesse piscando!"

"É uma bela casa que o meu filho tem aqui, senhor", exclamou o velho, enquanto eu lhe fazia tantos acenos de cabeça quanto podia. "E o jardim é um bom lugar de lazer, também. Este lugar e os bonitos trabalhos feitos aqui deveriam ser conservados pela nação, depois que o meu filho se for, para as pessoas aproveitarem."

"Você tem tanto orgulho disso quanto o Polichinelo, não é, Velho?", disse Wemmick, contemplando o velho com uma expressão muito suave. "Olhe, aqui vai um aceno de cabeça para você", e fez-lhe um enorme aceno de cabeça; "Tome, aqui vai outro", fazendo um aceno maior ainda; "gosta disso, não é? Se não estiver aborrecido, Mr. Pip – embora eu saiba que é bastante aborrecido para os estranhos – será que lhe faria mais um aceno? O senhor não imagina o quanto isso o agrada."

Fiz-lhe vários outros sinais, o que o deixou muito animado. Nós o deixamos saindo para alimentar as aves, e nos sentamos na pérgula para tomar o nosso ponche. Wemmick, então, contou-me, enquanto fumava seu cachimbo, que tinha levado alguns bons anos para deixar a propriedade no seu estado atual de perfeição.

"A propriedade é sua, Mr. Wemmick?"

"Oh, sim", disse Wemmick, "fui comprando aos poucos. É tudo propriedade minha, por São Jorge!"

"É mesmo? E Mr. Jaggers a admira muito, espero?"

"Ele nunca a viu", disse Wemmick. "Nem ouviu falar. Nunca viu o Velho. Nem sabe da existência dele. Não, o trabalho é uma coisa e a vida privada é outra. Quando entro no escritório, deixo o chalé para trás, e quando entro no chalé, também deixo o escritório para trás. Se não lhe desagradar, o senhor me faria um favor agindo da mesma forma. Eu não gostaria de falar de assuntos profissionais aqui."

É claro que eu senti que ele contava com a minha boa-fé para atender ao seu pedido. O ponche estava muito bom, e ficamos ali bebendo e conversando, até que fossem quase nove horas. "Já está quase na hora dos fogos", disse Wemmick então, pousando o cachimbo; "é a alegria do Velho."

Voltando para o chalé, encontramos o Velho aquecendo o atiçador. Era uma preliminar para a grande cerimônia noturna, e seus olhos brilhavam de expectativa. Wemmick ficou parado, com o relógio na mão, até que

chegou o momento de pegar o atiçador incandescente das mãos do Velho e dirigir-se à bateria. Ele o pegou, saiu, e pouco depois o canhão Stinger explodiu, com um estrondo que sacudiu aquela caixinha maluca de um chalé como se fosse parti-la em pedaços, e fez todos os copos e até as xícaras de chá retinirem. A isso, o Velho, que eu achei que teria sido arrancado da poltrona se não tivesse se agarrado com os braços, gritou exultante, “Explodiu! Eu ouvi!”. Eu fiz acenos de cabeça para o velho cavalheiro até o momento em que podia declarar – sem nenhuma figura de linguagem – que me era absolutamente impossível vê-lo.

Wemmick dedicou o intervalo de tempo entre esse momento e a ceia para mostrar-me a sua coleção de curiosidades. Eram principalmente de natureza criminal. Incluíam a pena com a qual fora cometida uma falsificação célebre, uma ou duas belas navalhas, algumas mechas de cabelo, e várias confissões manuscritas escritas após a condenação, às quais Mr. Wemmick concedia um valor especial, como sendo todas, para usar suas próprias palavras, “Um monte de mentiras, senhor, cada uma delas.” Estas últimas estavam agradavelmente espalhadas entre pequenos exemplares de porcelana da china, copos, várias ninharias feitas pelo proprietário do museu, e alguns socadores de tabaco, esculpidos pelo Velho. Eram todas exibidas naquela sala do chalé onde eu fora introduzido primeiro, e que servia não apenas como sala de estar mas como cozinha também, a julgar por uma caçarola na grelha junto ao fogo, e uma peça lavrada em bronze sobre a lareira, projetada para suspender um espeto-giratório.

Fomos servidos por uma menina muito limpa, que cuidava do Velho durante o dia. Depois que ela pôs a mesa para a ceia, baixaram a ponte para que ela pudesse passar, e a menina retirou-se para ir dormir. A ceia estava excelente; e embora o chalé estivesse tão sujeito à podridão da madeira a ponto de cheirar a nozes estragadas; e embora o porco pudesse ter sido mantido mais afastado, fiquei de modo geral bastante contente com a hospitalidade que me foi oferecida. Também não achei qualquer defeito no meu pequeno quarto em forma de torre, além de ter um teto tão fino a separar-me do mastro da bandeira, que quando me deitei de costas na cama parecia-me estar equilibrando o mastro na testa durante toda a noite.

Wemmick já estava de pé de manhã bem cedo, e receio tê-lo ouvido limpando ele mesmo as minhas botas. Depois disso, ele saiu para cuidar do jardim, e eu o vi da minha janela gótica fingindo ocupar o Velho, e fazendo-

lhe sinais de cabeça do modo mais devotado. Nosso café da manhã foi tão bom quanto a ceia, e às oito e meia em ponto partimos para a Pequena Inglaterra. Enquanto andávamos, Wemmick foi se tornando cada vez mais seco e mais duro, e sua boca apertou-se de novo na forma de uma caixa de correio. Por fim, quando chegamos ao seu lugar de trabalho e ele puxou a chave do colarinho, parecia não se lembrar mais da sua propriedade em Walworth, como se o chalé, a ponte levadiça, o pavilhão, o lago, a fonte e o Velho, tivessem sido mandados para o espaço pela última descarga do canhão.

CAPÍTULO XXVI

Aconteceu como Wemmick tinha previsto, que logo eu teria uma oportunidade de comparar a residência do meu tutor com aquela do seu caixa e escriturário. Meu tutor estava em sua sala, lavando as mãos com seu sabão perfumado, quando cheguei ao escritório vindo de Walworth. Ele me chamou, e fez, para mim e meus amigos, o convite que Wemmick me havia preparado para receber. “Nada de cerimônia”, ele estipulou “nem roupas de noite, e vamos combinar para amanhã.” Eu lhe perguntei onde teríamos que ir (pois não tinha a menor ideia de onde ele morava), e creio que foi apenas por sua forte objeção a admitir qualquer coisa, que ele respondeu, “Venha me encontrar aqui, e eu o levarei até minha casa.” Aproveito esta oportunidade para observar que ele se lavava depois de atender seus clientes, como faz um médico ou um dentista. Ele tinha um closet em sua sala, equipado para esse fim, que cheirava a sabão perfumado como a loja de um perfumista. Lá, ele tinha uma toalha de dimensões pouco comuns, em um rolo atrás da porta, e ele lavava as mãos, as enxugava e as secava nessa enorme toalha, sempre que voltava do tribunal ou que um cliente deixava sua sala. Quando eu e meus amigos viemos encontrá-lo no dia seguinte às seis horas, ele parecia ter se ocupado de um caso de aparência mais negra do que o normal, pois nós o encontramos com a cabeça enfiada no closet, lavando não só as mãos, mas o rosto também, e fazendo gargarejos. E mesmo depois de fazer tudo isso, e de ter usado toda a toalha, ele tirou o canivete do bolso e raspou as unhas, para tirar qualquer resquício do caso, antes de vestir o casaco.

Como sempre, havia algumas pessoas rondando a casa, quando saímos para a rua, e que evidentemente estavam ansiosas para lhe falar; mas havia algo de tão conclusivo no halo de sabão perfumado que cercava a sua pessoa, que elas desistiram por aquele dia. Enquanto andávamos para oeste, ele era reconhecido a cada instante por algum rosto na multidão que enchia as ruas e, sempre que isso acontecia, ele falava em um tom mais alto comigo; mas ele jamais reconheceu qualquer pessoa, nem tomou conhecimento de que alguém o reconhecesse.

Ele nos conduziu a Gerrard Street, no bairro do Soho, a uma casa situada no lado sul daquela rua. Era uma casa bastante imponente no seu estilo, mas com as janelas sujas, e necessitando urgentemente de pintura. Ele pegou a chave, abriu a porta, e nós entramos todos em um vestíbulo de pedra,

nu, escuro e pouco usado. Subimos por uma escadaria escura até o primeiro andar, onde havia uma série de três peças escuras e sombrias. Havia guirlandas esculpidas nos painéis das paredes, e quando ele parou em meio a essas esculturas para nos receber, pensei que sabia com que tipo de guirlandas elas se pareciam.

O jantar foi servido no melhor destes cômodos; o segundo era o seu quarto de vestir, e o terceiro era o seu quarto de dormir. Ele nos disse que ocupava toda a casa, mas que raramente usava mais do que aquelas peças que nós tínhamos visto. A mesa estava posta de modo conveniente – mas sem prataria, é claro – e ao lado da sua cadeira ficava um espaçoso criado-mudo, com uma variedade de garrafas e jarras para decantação, e quatro pratos de fruta para a sobremesa. Notei que ele mantinha tudo ao alcance da mão, e que ele mesmo distribuía cada coisa.

Havia uma estante de livros na sala. Eu vi, pelas lombadas dos livros, que tratavam sobre lei criminal, provas, biografias criminais, julgamentos, atos do Parlamento, e coisas desse tipo. A mobília era toda muito boa e sólida, como a corrente do seu relógio. Tinha um ar oficial, no entanto, e não se via nada que fosse simplesmente ornamental. Em um canto havia uma pequena mesa coberta de papéis, com um abajur; ele parecia, portanto, trazer para casa o seu trabalho do escritório, e se meter a trabalhar à noite.

Como ele mal tinha visto meus três companheiros até agora – pois ele e eu havíamos caminhado juntos – ele parou no tapete junto à lareira, depois de tocar a campainha, e os examinou com atenção. Para minha surpresa, ele pareceu logo interessar-se principalmente, se não exclusivamente, por Drummle.

“Pip”, disse ele, pondo sua mão enorme no meu ombro e conduzindo-me à janela, “não sei distinguir um do outro. Quem é o Aranha?”

“O aranha?” disse eu.

“O sujeito pustuloso, rabugento, preguiçoso.”

“Esse é Bentley Drummle”, respondi; “Aquele de rosto delicado é Startop.”

Não ligando a mínima para “aquele de rosto delicado”, ele respondeu, “O nome dele é Bentley Drummle, então? Gosto da aparência desse sujeito.”

Ele imediatamente começou a falar com Drummle. Não ficou nem um pouco intimidado com sua maneira lenta e reticente de responder, mas ao que parecia tomou como um desafio arrancar-lhe algumas palavras. Eu estava

olhando para os dois, quando se colocou entre eles e eu a governanta, com o primeiro prato do jantar.

Era uma mulher dos seus quarenta anos, eu supus, mas posso tê-la imaginado mais jovem do que realmente era. Bastante alta, com uma figura ágil e flexível, extremamente pálida, grandes olhos desbotados, e cabelos ondulados em quantidade. Não sei dizer se alguma doença do coração mantinha seus lábios entreabertos, como se ela estivesse arquejando, e dava ao seu rosto uma expressão curiosa de espanto e agitação. Só sei que eu tinha visto Macbeth no teatro, uma ou duas noites antes, e que seu rosto me pareceu transtornado por um ar feroz, como os rostos que eu tinha visto sair do caldeirão das bruxas.

Ela colocou o prato na mesa, tocou calmamente o braço do meu tutor com o dedo, para avisá-lo que o jantar estava servido, e desapareceu. Tomamos nossos lugares à mesa redonda, e meu tutor manteve Drummle de um lado, enquanto Startop sentava-se do outro. Era um fino prato de peixe que a governanta pusera sobre a mesa. Então tivemos um assado de carneiro muito bem preparado, e depois um prato de ave igualmente selecionado. Os molhos, os vinhos, todos os acompanhamentos necessários, e tudo do melhor, foram servidos pelo nosso anfitrião, que os pegava no criado-mudo; depois que eles tinham circulado ao redor da mesa, ele os punha de volta no mesmo lugar. Da mesma forma, ele nos entregava pratos limpos, facas e garfos, específicos para cada prato servido, e colocava os pratos usados em duas cestas colocadas no chão, ao lado da sua cadeira. Nenhum outro criado, além da governanta, apareceu. Ela trazia cada prato, e eu continuava a achar seu rosto igual aos rostos saídos do caldeirão. Anos depois, fiz uma reconstituição terrível da imagem daquela mulher, fazendo passar um rosto que não tinha nenhuma outra semelhança natural com ela além daquela que provinha do cabelo ondulado por trás de uma tigela de bebida flamejante em um quarto escuro.

Induzido a prestar atenção especial na governanta, tanto por sua aparência extraordinária quanto pelo aviso de Wemmick, observei que sempre que ela estava na sala mantinha seus olhos atentos fixos em meu tutor, e que tirava as mãos de qualquer prato que punha diante dele de modo hesitante, como se temesse que ele a chamasse de volta, e tentasse falar-lhe enquanto ela ainda estava próxima, se tivesse alguma coisa a dizer. Imaginei ter visto nas maneiras dele a consciência desse fato, e o propósito de mantê-la

sempre na expectativa.

O jantar prosseguiu alegremente, e embora meu tutor parecesse seguir em vez de conduzir a conversação, percebi que ele nos forçava a revelar o lado mais fraco dos nossos caráteres. Da minha parte, descobri que estava expressando minha tendência para o esbanjamento, e meu desejo de patrocinar Herbert, e me gabando das minhas grandes esperanças, antes de perceber que havia aberto a boca. Foi assim com todos nós, mas com Drummle ainda mais do que com os outros: sua inclinação para zombar do resto do mundo, com inveja e desconfiança, foi arrancada dele antes de terminarmos o peixe.

Não foi naquela hora, mas depois da sobremesa, que a conversa se dirigiu aos nossos feitos no remo, e que zombamos de Drummle por sua maneira anfíbia e lenta de remar, à noite, atrás de nós. Diante disso, Drummle informou ao nosso anfitrião que ele preferia o nosso lugar à nossa companhia, e que, quanto à habilidade, podia ser mais do que nosso mestre, e que, quanto à força, podia nos moer como se fôssemos de palha. Por alguma influência invisível, meu tutor soube levá-lo a um grau de ferocidade enorme a respeito dessa ninharia, e ele acabou por desnudar o braço e medi-lo, para mostrar como era musculoso, e todos nós acabamos por desnudar e medir nossos braços de uma maneira ridícula.

A essa altura, a governanta estava tirando a mesa. Meu tutor não lhe prestava a menor atenção, mas, o rosto virado de lado, recostava-se na cadeira mordendo o dedo indicador, mostrando um interesse por Drummle que, para mim, era totalmente inexplicável. De repente, ele deixou sua grande mão cair como uma armadilha sobre a mão da governanta, que ela estendia por sobre a mesa. Fez isso de modo tão repentino e hábil, que nós paramos em nossa tola disputa.

“Se vocês estão falando de força”, disse Mr. Jaggers, “vou lhes mostrar o que é um punho. Molly, deixe que eles vejam seu punho.”

A mão de Molly, presa na armadilha, estava sobre a mesa, mas ela já tinha posto a outra mão atrás da cintura. “Mestre”, disse ela, em voz baixa, os olhos atentos e suplicantes fixos nele. “Não.”

“Vou lhes mostrar o que é um punho”, repetiu Mr. Jaggers, com uma determinação imutável de mostrá-lo. “Molly, deixe que eles vejam seu punho.”

“Mestre”, ela murmurou de novo. “Por favor!”

“Molly”, disse Mr. Jaggers, sem olhar para ela, mas olhando teimosamente para o lado oposto da sala, “deixe que eles vejam seus dois punhos. Mostre para eles. Vamos!”

Ele tirou sua mão, e virou aquele punho para cima na mesa. Ela trouxe a outra mão de trás do corpo e mostrou as duas lado a lado. O último punho estava muito desfigurado, coberto de cicatrizes em todos os sentidos. Ao mostrar as mãos, ela tirou os olhos de Mr. Jaggers, e virou-os de modo atento para cada um de nós sucessivamente.

“Aqui existe força”, disse Mr. Jaggers, traçando friamente com seu dedo indicador os tendões do punho. “Muito poucos homens têm um punho poderoso como o desta mulher. A força de pegada destas mãos é simplesmente notável. Tive ocasião de observar muitas mãos, mas nunca vi nenhuma mais forte nesse sentido, de homem ou de mulher, do que estas.”

Enquanto ele dizia estas palavras em um estilo vagaroso, crítico, ela continuou olhando para cada um de nós em sequência, enquanto permanecíamos sentados. Quando ele parou, ela voltou o olhar para ele. “É só, Molly”, disse Mr. Jaggers, fazendo-lhe um leve aceno de cabeça; “já foi admirada, pode ir.” Ela retirou as mãos e saiu da sala. Mr. Jaggers, pegando as garrafas do criado-mudo, encheu seu copo e fez circular o vinho.

“Às nove e meia, cavalheiros”, disse ele, “temos que nos separar. Peço-lhes que façam o melhor uso possível do seu tempo. Fiquei muito contente de conhecê-los. Mr. Drummle, bebo à sua saúde.”

Se o seu objetivo, ao destacar a pessoa de Drummle, era fazê-lo revelar-se ainda mais, teve pleno sucesso. Em um acesso de triunfo ressentido, Drummle mostrou o desprezo sombrio que tinha por nós, em um grau cada vez mais ofensivo, até que se tornou completamente intolerável. Mr. Jaggers seguiu-o em todos esses estágios com o mesmo interesse estranho. Ele na verdade parecia servir como tempero para o vinho de Mr. Jaggers.

Na nossa falta de discrição juvenil, creio que bebemos demais, e sei que falamos demais também. Ficamos particularmente esquentados com uma zombaria grosseira de Drummle, sobre sermos muito liberais para gastar nosso dinheiro. Isso me levou a observar, com mais zelo do que tato, que isso era uma piada sem graça da parte dele, a quem Startop havia emprestado dinheiro em minha presença, não fazia uma semana.

“Bem”, replicou Drummle; “ele será pago.”

“Eu não quero dizer que ele não vai ser pago”, disse eu, “mas isso deveria fazê-lo segurar sua língua sobre nós e o nosso dinheiro, é o que eu acho.”

“Você acha!”, replicou Drummle. “Oh, Senhor!”

“Ouso dizer”, eu prossegui, pretendendo ser muito severo, “que você não emprestaria dinheiro a qualquer um de nós, caso precisássemos.”

“Você tem razão”, disse Drummle. “Eu não emprestaria um centavo a nenhum de vocês. Eu não emprestaria um centavo a ninguém.”

“Prefere pedi-lo emprestado nas mesmas circunstâncias, eu diria.”

“Você diria”, repetiu Drummle. “Oh, Senhor!”

Isso estava se tornando tão grave – especialmente porque era evidente que eu não estava fazendo progressos contra a sua estupidez irritada – que eu disse, sem dar atenção aos esforços de Herbert para me conter:

“Ora, Mr. Drummle, já que estamos falando no assunto, vou lhe contar o que se passou entre o Herbert aqui e eu, quando você pediu emprestado aquele dinheiro.”

“Eu não quero saber o que se passou entre o Herbert aí e você”, rosnou Drummle. E eu acho que ele resmungou baixinho que nós poderíamos ir para o diabo que o carregue.

“Mas eu vou contar assim mesmo”, disse eu, “quer você queira saber ou não. Nós dissemos que, enquanto você punha o dinheiro no bolso, bem contente de consegui-lo, parecia estar achando muito divertido que ele fosse fraco o bastante para emprestá-lo.”

Drummle desatou a rir; e ficou rindo na nossa cara, com as mãos nos bolsos e os ombros redondos jogados para trás, dando a entender claramente que era a pura verdade, e que ele nos tomava a todos por asnos.

Nesse momento, Startop interveio, embora com muito mais clemência do que eu teria demonstrado, e exortou-o a ser um pouco mais agradável. Startop era um rapaz vivo e alegre, e Drummle era exatamente o oposto; este último estava sempre disposto a ver nele um insulto direto e pessoal. Drummle replicou de modo grosseiro e pesado, e Startop tentou apaziguar a discussão, fazendo alguma brincadeira leve que nos fez rir a todos. Ressentido com esse pequeno sucesso, mais do que qualquer outra coisa, Drummle, sem ameaça ou aviso, tirou as mãos dos bolsos, deixou cair os ombros redondos, xingou, pegou um copo grande e o teria arremessado à cabeça do seu adversário, se o nosso anfitrião não o tivesse agarrado com

destreza no momento em que fora levantado com essa intenção.

"Cavalheiros", disse Mr. Jaggers, pousando deliberadamente o copo, e puxando seu relógio de repetição de ouro pela corrente maciça, "sinto imensamente anunciar que são nove e meia."

Com esse aviso, todos nos levantamos para partir. Antes de chegarmos à porta da rua, Startop estava alegremente chamando Drummle de "meu velho", como se nada tivesse acontecido. Mas o velho estava tão longe de responder, que não queria sequer voltar a Hammersmith pelo mesmo lado da rua. Assim, Herbert e eu, que ficamos na cidade, vimos os dois caminhando rua abaixo em lados opostos; Startop na frente, e Drummle seguindo atrás na sombra das casas, como ele tinha o costume de fazer com seu barco.

Como a porta ainda não havia sido fechada, pensei em deixar Herbert ali por um momento, e subir outra vez a escadaria para dizer uma palavra ao meu tutor. Encontrei-o no seu quarto de vestir, cercado pela sua coleção de botas; ele já se ocupava em lavar as mãos, como se quisesse se livrar de nós.

Eu lhe disse que tinha voltado para dizer o quanto lamentava que tivesse acontecido alguma coisa desagradável, e que esperava que ele não me culpasse muito.

"Bobagem!" disse ele, banhando o rosto e falando através das gotas d'água; "não é nada, Pip. Eu gosto daquele Aranha, no entanto."

Ele tinha se virado para mim agora, e balançava a cabeça, sacudindo-se e enxugando-se na toalha.

"Fico contente que goste dele, senhor", disse eu, "mas eu não gosto."

"Não, não", meu tutor concordou; "não se meta muito com ele. Mantenha-se tão longe dele quanto puder. Mas eu gosto do camarada, Pip; ele é do tipo verdadeiro. Ora, se eu fosse um adivinho..."

Olhando por baixo da toalha, seu olhar encontrou o meu.

"Mas eu não sou um adivinho", ele disse, deixando cair a cabeça nas dobras da toalha, e enxugando as duas orelhas. "Você sabe o que eu sou, não sabe? Boa noite, Pip."

"Boa noite, senhor."

Aproximadamente um mês depois disso, o tempo que o Aranha devia passar com Mr. Pocket terminou, e, para grande alívio de toda casa, menos de Mrs. Pocket, Drummle voltou para casa, para o seio da sua família.

CAPÍTULO XXVII

Meu caro Mr. Pip

Escrevo esta a pedido de Mr. Gargery, para informá-lo de que ele está indo para Londres em companhia de Mr. Wopsle, e ficaria muito feliz se tivesse permissão para vê-lo, caso seja do seu agrado. Ele pretende estar no Hotel Barnard, terça-feira, às nove horas da manhã. Caso não lhe seja conveniente, por gentileza deixe um recado. Sua pobre irmã está no mesmo estado em que o senhor a deixou. Falamos do senhor na cozinha todas as noites, e nos perguntamos o que o senhor tem dito e feito todo esse tempo. Se considerar que estou tomando alguma liberdade, peço que me desculpe em nome do afeto dos velhos tempos. Sem mais para o momento, prezado Mr. Pip,

Sua sempre grata e dedicada criada,

BIDDY

P.S.: Ele me pediu especialmente que lhe escreva essas palavras: que diversão. Diz que o senhor entenderá. Espero e acredito que o senhor gostará de vê-lo, embora agora seja um cavalheiro, pois sempre teve um bom coração, e ele é um homem muito, muito digno. Li toda a carta para ele, exceto a última frase, e ele deseja especialmente que eu lhe escreva de novo: que diversão.

Recebi esta carta pelo correio na manhã de segunda-feira, e o encontro era para o dia seguinte, portanto. Vou confessar exatamente com que sentimentos eu aguardava a vinda de Joe.

Não com prazer, embora estivesse ligado a ele por tantos laços. Não: era com considerável perturbação, um pouco de mortificação, e uma profunda sensação de inconveniência. Se eu pudesse pagar algum dinheiro para mantê-lo à distância, eu certamente teria pago. O que mais me tranquilizava, era que ele vinha para a Hospedaria Barnard, e não para Hammersmith, e portanto não cairia no caminho de Bentley Drummle. Eu não fazia muita objeção a que Joe fosse visto por Herbert ou pelo pai, pois tinha respeito por ambos; mas tinha profundo receio de que ele fosse visto por Drummle, a quem eu desprezava. É assim que, ao longo de vida, nossas piores fraquezas e baixezas

são normalmente cometidas por causa das pessoas a quem mais desprezamos.

Eu tinha começado a decorar os quartos da hospedaria, às vezes de modo desnecessário, outras vezes de modo inapropriado, e esse combate com a Barnard acabou por revelar-se muito caro. A essa altura, os quartos eram muitíssimo diferentes daqueles que eu tinha encontrado, e eu desfrutava da honra de ocupar algumas das páginas mais proeminentes nos livros de registro de um tapeceiro vizinho. Eu tinha ido tão longe nos últimos tempos, a ponto de fazer um menino usar botas – ótimas botas – e pode-se dizer que eu passava meus dias como escravo e servo dessa criatura. Pois, depois de ter criado o monstro (tirado da escória da família da minha lavadeira), e de tê-lo vestido com um casaco azul, colete amarelo-canário, gravata branca, calças cor de creme e as botas já mencionadas, acabei por descobrir que ele tinha pouco que fazer, mas muito que comer; e com essas duas exigências terríveis ele assombrava a minha existência.

Esse fantasma vingativo recebeu ordens para estar de prontidão no vestíbulo (que tinha dois pés quadrados, pela conta do tapeceiro), na terça-feira, às oito horas da manhã; e Herbert sugeriu certas coisas para o café da manhã que ele achou que Joe poderia apreciar. Embora eu me sentisse sinceramente grato a ele pelo seu interesse e consideração, senti uma estranha pontinha de suspeita, de que se Joe tivesse vindo para vê-lo, ele não teria sido tão solícito.

No entanto, vim para a cidade na segunda-feira à noite, para estar pronto quando Joe chegasse. Levantei-me de manhã bem cedo, para dar à sala de estar e à mesa do café da manhã seu aspecto mais esplêndido. Infelizmente, a manhã estava chuvosa, e um anjo não poderia ter escondido o fato de que a Barnard derramava lágrimas de fuligem do lado de fora das janelas, como se houvesse algum varredor gigante em cima do teto.

À medida que a hora se aproximava, creio que teria gostado de fugir, mas o Vingador, seguindo minhas ordens, estava no vestíbulo, e então ouvi a voz de Joe na escadaria. Eu sabia que era Joe, pela sua maneira desajeitada de subir as escadas – suas botas sempre eram grandes demais para ele – e pelo tempo que ele levava para ler os nomes nos outros andares enquanto subia. Quando, por fim, ele parou diante da nossa porta, eu podia ouvir seu dedo passando pelas letras pintadas com o meu nome, e depois ouvi distintamente sua respiração através do buraco da fechadura. Finalmente, ele deu uma única batida fraca na porta, e Pepper – tal era o nome comprometedor do menino

vingativo – anunciou “Mr. Gargery!” Pensei que ele nunca acabaria de limpar os pés, e que eu seria obrigado a sair para tirá-lo de cima do capacho, mas por fim ele entrou.

“Joe, como vai você, Joe?”

“Pip, como vai você, Pip?”

Com uma expressão luminosa e ardente no seu rosto bom e honesto, botou o chapéu no chão entre nós, e então pegou minhas duas mãos e sacudiu-as para cima e para baixo, como se eu fosse a última bomba de água patenteada.

“Estou feliz de ver você, Joe. Dê-me o seu chapéu.”

Mas Joe, pegando o chapéu cuidadosamente com ambas as mãos, como se fosse um ninho de pássaros com ovos dentro, não quis ouvir falar de separar-se daquela peça de propriedade, e insistiu em continuar falando por cima dele da maneira mais incômoda.

“Como você cresceu”, disse Joe “e como ganhou corpo, parece um cavalheiro”; Joe refletiu um pouco antes de dizer essa palavra; “pode ter certeza de que você é uma honra para o seu rei e o seu país.”

“E você, Joe, parece ótimo.”

“Graças a Deus”, disse Joe, “eu estou muito bem. E sua irmã, não está pior do que antes. E Biddy, sempre correta e prestativa. E todos os amigos não deram para trás, se não foram para frente. Exceto Wopsle; ele teve uma queda.”

Todo esse tempo (tomando extremo cuidado com seu ninho de pássaro, que ele ainda segurava com ambas as mãos), Joe passeava os olhos ao redor de todo o quarto, e pelo padrão florido do meu roupão.

“Teve uma queda, Joe?”

“Ora, teve sim”, disse Joe, baixando a voz, “ele largou a igreja para entrar no teatro. Pois foi o teatro que o trouxe para Londres comigo. E ele desejava”, disse Joe, colocando o ninho de pássaro debaixo do braço esquerdo por um momento, e tateando dentro à procura de um ovo com o braço direito; “se não for ofensa, que eu lhe entregasse isto.”

Peguei o papel que Joe me entregara. Descobri que se tratava do programa amassado de um pequeno teatro metropolitano, anunciando a primeira apresentação, naquela mesma semana, do “célebre e renomado Roscius, ator provinciano amador, cujo desempenho sem igual nas maiores tragédias do nosso bardo nacional, vem causando tão grande sensação

ultimamente nos círculos dramáticos locais.”

“Você foi assistir a essa apresentação, Joe?” eu perguntei.

“Fui”, disse Joe, com ênfase e solenidade.

“Foi uma grande sensação?”

“Ora”, disse Joe, “sim, certamente lhe jogaram um monte de cascas de laranja. Especialmente quando ele vê o fantasma. Embora eu lhe pergunte, senhor, se foi calculado para manter o ânimo de um homem para que faça seu trabalho de bom coração, porque intervir o tempo todo entre ele e o fantasma, dizendo ‘Amém!’ Um homem pode ter tido um desgosto e pode ter estado na igreja”, disse Joe, baixando a voz e dando-lhe um tom persuasivo e surpreso, “mas isso não é razão para expulsá-lo em uma hora dessas. Quero dizer, se o fantasma do próprio pai de um homem não pode reclamar sua atenção, quem poderá, senhor? Além do mais, quando o peso do luto é tão pequeno, infelizmente, que o peso das plumas negras basta para expulsá-lo... Tente mantê-lo, se puder.”

Um efeito-fantasma no próprio rosto de Joe informou-me que Herbert acabara de entrar no quarto. Assim, apresentei Joe a Herbert, que estendeu a mão; mas Joe recuou, e agarrou-se ao ninho de pássaro.

“Seu criado, senhor”, disse Joe “espero que o senhor e Pip...” Aqui o olhar de Joe caiu sobre o Vingador, que estava pondo um assado na mesa, e mostrava com tanta clareza sua intenção de considerar aquele jovem cavalheiro como alguém da família, que eu franzi o cenho e o deixei ainda mais embaraçado; “quero dizer, estou falando de vocês dois, cavalheiros, espero que consigam manter sua saúde neste lugar fechado! No momento pode ser uma hospedaria muito boa, de acordo com as opiniões de Londres”, disse Joe, confidencialmente, “e acredito que se mantenha; mas eu não guardaria um porco aqui dentro, não se eu quisesse engordá-lo de maneira saudável e comê-lo com todo seu sabor.”

Depois de ter emitido esse testemunho lisonjeiro sobre os méritos da nossa moradia, e de ter mostrado incidentemente sua tendência a me chamar de “senhor”, Joe, sendo convidado a sentar-se à mesa, olhou ao redor de todo o quarto procurando um lugar conveniente para depositar seu chapéu – como se ele contivesse algumas substâncias tão raras que não pudesse achar um lugar de descanso – e acabou por colocá-lo na borda extrema da lareira, de onde ele depois caía a todo o momento.

“O senhor toma chá ou café, Mr. Gargery?”, perguntou Herbert, que

sempre fazia as honras no café da manhã.

"Obrigado, senhor", disse Joe, em uma postura rígida dos pés a cabeça, "tomarei o que for mais conveniente para o senhor."

"O que acha de café?"

"Obrigado, senhor", respondeu Joe, evidentemente desanimado pela proposta, "já que o senhor é gentil o bastante para escolher café, não vou contrariar sua opinião. Mas o senhor não acha que é um pouco forte?"

"Chá, então?", disse Herbert, despejando-o na xícara.

Aqui o chapéu de Joe despencou do seu lugar na lareira; ele levantou-se, apanhou-o e colocou-o de volta no mesmo lugar. Como se fosse absolutamente necessário, pelas regras da boa-educação, que ele logo voltasse a cair.

"Quando chegou à cidade, Mr. Gargery?"

"Foi ontem à tarde?", disse Joe, depois de tossir por trás da mão, como se tivesse tido tempo de pegar um resfriado desde que chegara. "Não, não foi. Foi, sim. Sim. Foi ontem à tarde (com uma aparência de sabedoria, misturada com alívio e rígida imparcialidade)."

"Já viu alguma coisa de Londres?"

"Oh, sim, senhor", disse Joe, "eu e Wopsle fomos direto ver a fábrica de graxa de sapatos Blacking Ware. Mas nós não achamos que ela se parecesse muito com os cartazes vermelhos nas portas da loja; quero dizer", Joe acrescentou, de maneira explicativa, "lá é tudo muito arqui-te-te-tuuraaal."

Eu creio realmente que Joe teria prolongado essa palavra (que me trazia vigorosamente à lembrança certa arquitetura que conheço) em um perfeito coro, não fosse sua atenção ter sido providencialmente atraída pelo chapéu, que estava caindo de novo. Na verdade, isso exigia dele uma atenção constante, e uma rapidez de vista e de mão bem parecida com a de um jogador de críquete. Ele jogou de modo extraordinário, e mostrou a maior habilidade; ora apressando-se a agarrá-lo antes que caísse no chão, ora parando-o a meio caminho, batendo-o, ou fazendo-o saltar em várias partes do quarto, e contra as flores do papel de parede, antes de sentir que estava seguro; por fim, deixou-o cair dentro da bacia, onde tomei a liberdade de meter-lhe as mãos.

Quanto ao colarinho da sua camisa e o colarinho do seu casaco, eram duas questões sobre as quais refletir – mistérios insolúveis, ambos. Por que

um homem precisa se incomodar a esse ponto, antes de se considerar completamente vestido? Por que ele achava necessário ser purificado pelo sofrimento com suas roupas de domingo? Joe então entrou em um estado inexplicável de meditação, o garfo a meio caminho entre o prato e a boca. Seus olhos eram atraídos para direções estranhas; ele era afligido por uma tosse impressionante; sentava-se bem longe da mesa e derrubava mais do que comia, fingindo que não tinha derrubado nada. Fiquei contente, do fundo do coração, quando Herbert nos deixou para ir à City.

Não tive nem o bom senso nem a boa vontade de perceber que tudo aquilo era minha culpa, e que se eu tivesse sido mais calmo com Joe, Joe teria sido mais calmo comigo. Eu me senti incomodado, e perdi a paciência com ele. Joe então amontoou algumas brasas sobre a minha cabeça.

"Agora que estamos sozinhos, senhor", começou Joe.

"Joe", eu interrompi, mal-humorado, "como pode me chamar de senhor?"

Joe me olhou por um momento, com alguma coisa na expressão que indicava censura. Eu estava consciente da dignidade do seu olhar, apesar da sua gravata totalmente absurda e do seu colarinho também absurdo.

"Agora que estamos sozinhos", retomou Joe, "e como não tenho a intenção nem a disponibilidade para ficar muito mais tempo, concluirei agora; e começo mencionando o que me levou a ter a presente honra. Pois se não fosse", disse Joe, com seu antigo ar de lúcida exposição, "o meu único desejo de ser útil a você, eu não teria tido a honra de partilhar os víveres na companhia e na residência de cavalheiros."

Eu estava tão pouco disposto a ver aquele olhar de novo, que não fiz nenhum protesto contra o tom que ele usava.

"Bem, senhor", prosseguiu Joe, "foi assim que aconteceu. Eu estava no 'Três Barqueiros Alegres' outra noite, Pip"; sempre que Joe voltava ao seu antigo afeto, ele me chamava de Pip, e sempre que ele recaía na cortesia, ele me chamava de senhor; "quando Pumblechook chegou na sua charrete, com aquele seu mesmo jeito", disse Joe, entrando por uma nova trilha, "de virar meu cabelo do lado errado, terrível, andando para cima e para baixo na cidade como se fosse ele o seu amigo de infância, e como se você o considerasse um companheiro de jogos."

"Bobagem. Você é que era, Joe."

"E eu sempre acreditei que fosse, Pip", disse Joe, balançando

ligeiramente a cabeça, “embora isso signifique muito pouco agora, senhor. Bem, Pip; este mesmo Pumblechook, com suas maneiras terríveis, veio até mim no ‘Três Barqueiros Alegres’ (onde um cachimbo e um quartilho de cerveja dão refresco a um trabalhador, senhor, se ele não abusar), e me disse estas palavras, ‘Joseph, Miss Havisham deseja falar com você.’”

“Miss Havisham, Joe?”

“Ela deseja falar com você: foram as palavras de Pumblechook”, Joe sentou-se e levantou os olhos para o teto.

“Sim, Joe? Continue, por favor.”

“No outro dia, senhor”, disse Joe, olhando para mim como se eu estivesse muito distante, “depois de me lavar, eu fui ver Miss A.”

“Miss A., Joe? Miss Havisham?”

“Eu digo, senhor”, respondeu Joe, com um ar de formalidade legal, como se estivesse fazendo seu testamento, “Miss A., ou de outra forma, Miss Havisham. Ela se expressou então do seguinte modo: ‘Mr. Gargery, o senhor está se correspondendo com Mr. Pip?’ Como eu tinha recebido uma carta sua, pude dizer ‘Estou.’ (Quando me casei com sua irmã, senhor, eu disse ‘eu serei’; e quando respondi para sua amiga, Pip, eu disse ‘estou.’) ‘Poderia dizer-lhe, então’, disse ela, ‘que Estella veio para casa e ficaria contente de vê-lo?’”

Senti meu rosto em fogo, quando olhei para Joe. Espero que uma causa remota desse fogo tivesse vindo da minha consciência de que, se eu soubesse do objetivo da sua visita, eu teria lhe dado mais encorajamento.

“Biddy”, prosseguiu Joe, “quando cheguei em casa e lhe pedi para escrever essa mensagem, Biddy hesitou um pouco. Ela disse, ‘Eu sei que ele ficará contente de receber essa mensagem de viva voz; é feriado, se o senhor deseja vê-lo, vá até lá!’ Eu agora terminei, senhor”, disse Joe, levantando-se da cadeira, “e, Pip, desejo que esteja sempre bem e próspero, cada vez mais.”

“Mas você não vai agora, Joe, não é?”

“Sim, eu vou”, disse Joe.

“Mas vai voltar para o jantar, Joe?”

“Não, não vou”, disse Joe.

Nossos olhos se encontraram, e todos os “senhor” foram banidos daquele coração de ouro, quando ele me estendeu a mão.

“Pip, meu velho amigo, a vida é feita de tantas separações de pessoas que sempre estiveram ligadas, se posso falar assim: um homem é ferreiro, o

outro é polidor, o outro é ourives, e o outro é caldeireiro. As separações acabam surgindo, e devem ser aceitas como elas vêm. Se alguém cometeu um erro hoje, esse fui eu. Você e eu não somos duas pessoas para andarem juntas em Londres; nem em qualquer outro lugar, a não ser na intimidade, ou entre amigos, bem entendido. Não é que eu seja orgulhoso, só quero fazer o que é certo, e você nunca mais me verá nessas roupas. Eu não sirvo para essas roupas. Não sirvo para nada que não seja a ferraria, a nossa cozinha, ou os pântanos. Você não encontraria em mim a metade dos defeitos, se lembrar de mim com minhas roupas de ferreiro, com meu martelo na mão, ou até mesmo meu cachimbo. Você não encontraria em mim a metade dos defeitos, se, supondo que desejasse me ver, viesse enfiar a cabeça pela janela da ferraria, e visse Joe, o ferreiro, lá, junto à velha bigorna, com seu velho avental queimado, fazendo seu velho trabalho. Sou muito estúpido, mas espero que eu tenha afinal dito alguma coisa que seja certa. E assim, que Deus o abençoe, meu querido Pip, meu velho amigo, Deus o abençoe!”

Eu não tinha me enganado ao imaginar que havia em Joe uma dignidade verdadeira. O estilo das suas roupas não importava mais quando ele disse essas palavras, como espero que não importe agora que está no céu. Ele me tocou suavemente na testa, e saiu. Assim que eu pude me recuperar o suficiente, corri atrás dele e o procurei pelas ruas da vizinhança; mas ele se fora.

CAPÍTULO XXVIII

Estava claro que eu devia partir para a nossa cidade no dia seguinte, e nas primeiras efusões do meu arrependimento, estava igualmente claro que eu devia ficar na casa de Joe. Mas, depois que eu tinha garantido o meu lugar na diligência do dia seguinte, e tinha ido e voltado da casa de Mr. Pocket, já não estava de modo algum convencido sobre o último ponto, e comecei a inventar razões e justificativas para ficar no “Javali Azul”. Eu seria um incômodo para Joe; não estavam à minha espera, e minha cama não estaria pronta; eu ficaria muito longe da casa de Miss Havisham, e ela era exigente e poderia não gostar. Nenhum trapaceiro na face da terra nos engana tão bem quanto o trapaceiro que existe em nós, e com tais pretextos eu enganava a mim mesmo. Uma coisa bastante curiosa, certamente. Que eu receba inocentemente uma moeda falsa de meia-coroa feita por algum outro, é bastante razoável; mas que eu aceite como dinheiro bom, com pleno conhecimento, as moedas espúrias cunhadas por mim mesmo, é espantoso! Um estranho amável, sob o pretexto de guardar em segurança as minhas cédulas, apropria-se delas e me entrega cascas de noz; mas o que representa esse truque de prestidigitador que ele faz comparado ao meu, quando guardo, eu mesmo, minhas cascas de noz, e as faço passar aos meus próprios olhos como cédulas verdadeiras!

Depois de haver decidido ficar no “Javali Azul”, a indecisão passou a perturbar minha mente: eu devia ou não devia levar o Vingador? Era tentador pensar naquele mercenário caríssimo, arejando suas botas publicamente sob o pórtico do pátio do “Javali Azul”; havia alguma coisa de quase solene em imaginá-lo entrando casualmente na loja do alfaiate, e confundindo com a surpresa o desrespeitoso rapaz do Trabb. Por outro lado, o rapaz do Trabb poderia se tornar íntimo dele e contar-lhe muitas coisas; ou então, um miserável petulante e maldoso como eu sabia que ele era, podia vaiá-lo até a High Street. Minhas protetoras, também, podiam ouvir falar dele e não aprovar. Considerando tudo, resolvi deixar o Vingador para trás.

Eu tinha comprado um lugar na diligência da tarde, e, como o inverno estava se aproximando, não deveria chegar ao meu destino senão duas ou três horas depois de escurecer. Devíamos partir de Cross Keys às duas horas. Eu cheguei ao lugar um quarto de hora adiantado, assistido pelo Vingador – se é que posso usar essa expressão para alguém que jamais me assistia, se tivesse

a chance de evitar.

Naquela época, era habitual levar os condenados até a prisão pela diligência. Como eu tinha ouvido falar deles muitas vezes na qualidade de passageiros externos, e os tinha visto mais de uma vez na estrada, balançando as pernas acorrentadas sobre o teto da diligência, não tive nenhum motivo para surpresa quando Herbert, encontrando-me na estação, veio contar-me que haveria dois condenados viajando comigo. Mas eu tinha uma razão, uma razão antiga àquela altura, para tremer involuntariamente sempre que ouvia a palavra “condenado.”

“Você não se importa com isso, Handel?”, disse Herbert.

“Oh, não!”

“Tive a impressão de que você parece não gostar deles.”

“Não posso fingir que gosto, e suponho que você também não goste particularmente. Mas não me importo com eles.”

“Veja! Lá estão eles”, disse Herbert, “saindo da agência. Que espetáculo degradante e triste!”

Eles tinham estado se regalando junto com o guarda, suponho, pois havia um carcereiro com eles, e todos os três saíram limpando a boca com a mão. Os dois condenados estavam algemados um ao outro, e tinham correntes nas pernas – correntes de um tipo que eu conhecia muito bem. Usavam o uniforme que eu igualmente conhecia muito bem. O guarda tinha um cinturão com pistolas, e levava um porrete grosso e cheio de nós embaixo do braço; mas ele estava em bons termos com eles, e os manteve ao seu lado enquanto observavam os cavalos serem atrelados; tinha o ar de quem considerava os condenados como uma espécie de exposição, ainda não aberta oficialmente, e da qual ele fosse o curador. Um dos homens era bem mais alto e robusto do que o outro, e o fato é que, de acordo com as misteriosas leis do mundo, tanto para condenados como para homens livres, tinha sido dado a ele o menor dos uniformes. Seus braços e pernas pareciam grandes alfineteiras daquele formato, e o traje o disfarçava inteiramente. Mas, reconheci seu olho entreaberto à primeira vista. Lá estava o homem a quem eu tinha visto no banco do “Três Barqueiros Alegres” em uma noite de sábado, e que tinha me derrubado com sua arma invisível!

Era fácil perceber que, até o momento, ele não me reconhecera, como se nunca tivesse me visto na vida. O homem olhou para mim de lado, seu olho avaliando a corrente do meu relógio; então ele cuspiu e disse alguma

coisa ao outro condenado, e os dois começaram a rir; depois giraram sobre si mesmos, fazendo retinir as algemas, e olharam para alguma outra coisa. Os números grandes em suas costas, como se eles fossem portas de rua; sua aparência suja e grosseira, como se fossem animais inferiores; suas pernas acorrentadas, modestamente adornadas com lenços; e o modo como todos os presentes olhavam para eles e mantinham-se à distância, faziam dos dois homens (como Herbert tinha dito) o espetáculo mais desagradável e degradante.

Mas isso não foi o pior de tudo. Revelou-se que a parte de trás da diligência tinha sido reservada por uma família que estava se mudando de Londres, e que não havia nenhum outro lugar para os dois prisioneiros senão no assento em frente, atrás do cocheiro. Diante disso, um cavalheiro mal-humorado que tinha reservado o quarto lugar naquele assento, teve um violento ataque de cólera, dizendo que era uma quebra de contrato misturá-lo com esse tipo de gente sórdida, e que isso era odioso, e pernicioso, e infame, e vergonhoso, e nem sei o que mais. A essa altura, a diligência já estava pronta, e o cocheiro impaciente. Preparamos-nos todos para subir, e os prisioneiros se aproximaram com o guarda – trazendo consigo aquele odor curioso de miolo de pão, lã grosseira, fio de corda e pedra enfumaçada, que acompanha a presença dos condenados.

“Não leve isso tão a mal, senhor”, pediu o guarda ao irado passageiro; “eu próprio sentarei ao seu lado. Vou colocá-los do lado de fora do banco. Eles não vão incomodar o senhor, cavalheiro. Não vai nem perceber que eles estão lá.”

“E não ponha a culpa em mim”, rosnou o condenado que eu tinha reconhecido. “Eu nem quero ir. Estou bastante disposto a ficar para trás. No que me diz respeito, qualquer um pode ficar com o meu lugar.”

“Ou com o meu”, disse o outro, de modo rude. “Eu não estaria incomodando nenhum de vocês, se me deixassem fazer do meu modo.” Então os dois riram, e começaram a quebrar nozes e jogar as cascas no chão. Realmente, acho que teria gostado de fazer o mesmo, se estivesse no seu lugar e fosse desprezado dessa maneira.

Por fim, decidiu-se que não havia nada a fazer pelo cavalheiro irado, e que ele devia ou ficar, ou seguir com a companhia que o acaso lhe destinara. Assim, ele tomou seu lugar, ainda se queixando, e o guarda sentou-se ao lado dele. Os condenados subiram e se instalaram do melhor modo possível, e o

condenado que eu tinha reconhecido sentou-se atrás de mim, tão perto que eu sentia sua respiração nos meus cabelos.

“Adeus, Handel!” Herbert gritou quando partimos. Pensei que era uma benção dos céus que ele tivesse encontrado outro nome para mim que não fosse Pip.

É impossível expressar com que intensidade eu sentia a respiração do condenado, não somente atrás da cabeça, mas ao longo de toda a espinha dorsal. A sensação era de que me tocavam a medula com algum ácido mordente e penetrante, fazendo até os meus dentes rangerem. Ele parecia ter necessidade de respirar mais do que qualquer outro homem, e fazer mais barulho enquanto respirava. Eu tinha consciência de que um dos meus ombros estava mais alto que o outro, no esforço de me encolher para escapar a isso.

O tempo estava terrível, inclemente, e os dois amaldiçoaram o frio. Antes que tivéssemos ido longe, todos caímos em estado de letargia, e depois que havíamos deixado para trás a estalagem do Meio-Caminho, não fizemos outra coisa senão cochilar, tremer e ficar em silêncio. Eu também cochilei, pensando se deveria devolver as duas libras a essa criatura antes de perdê-la de vista, e qual seria o melhor modo de fazê-lo. Enquanto era jogado para frente, como se fosse mergulhar entre os cavalos, despertei assustado e comecei a pensar de novo na questão.

Mas devo tê-la abandonado de novo antes do que pensei, pois, embora eu não pudesse reconhecer nada na escuridão, às luzes intermitentes e sombrias dos nossos lampiões, soube que estava perto dos pântanos pelo vento úmido e frio que soprava sobre nós. Os condenados estavam mais perto de mim do que antes, encolhendo-se na tentativa de se aquecer e proteger-se do vento. As primeiras palavras que ouvi os dois trocarem quando voltei à consciência, foram as mesmas palavras que estavam na minha mente, “Duas notas de uma libra.”

“Como ele conseguiu essas notas?”, disse o condenado que eu não conhecia.

“Como posso saber?”, respondeu o outro. “Conseguiu de algum modo, com os amigos, eu acho.”

“Eu queria”, disse o outro, com uma amarga imprecação contra o frio, “que estivessem aqui comigo.”

“As duas notas de uma libra, ou os amigos?”

“As duas notas. Eu venderia todos os amigos que já tive por uma só, e acho que seria uma tremenda pechincha. Bem? Ele dizia então...?”

“Ele dizia”, retomou o condenado que eu tinha reconhecido, “que foi tudo dito e feito em menos de um minuto, atrás de uma pilha de madeira, no estaleiro. ‘Você vai ser solto?’ Sim, eu ia. Será que eu podia encontrar o menino que o tinha alimentado e que guardou seu segredo, e lhe daria duas notas de uma libra? Sim, eu podia. E foi o que eu fiz.”

“Mas que grande tolo”, resmungou o outro. “Eu teria gasto tudo em uma taberna, com comida e bebida. Ele devia ser um novato. Quer dizer que ele não sabia nada de você?”

“Não, nada mesmo. Bandos diferentes, navios diferentes. Ele foi julgado de novo por fuga, e recebeu pena de prisão perpétua.”

“E foi fazendo essa honraria, a única vez que você trabalhou nesta parte do país?”

“A única vez.”

“E qual é a sua opinião sobre o lugar?”

“O lugar mais abominável. Bancos de lama, nevoeiro, pântano e trabalho; trabalho, pântano, nevoeiro e bancos de lama.”

Ambos execraram o lugar em uma linguagem muito forte, depois murmuraram mais algumas palavras, até que não restou nada a ser dito.

Depois de escutar esse diálogo, eu seguramente teria descido e ficado na solidão e na escuridão da estrada, se não estivesse certo de que o homem não podia ter nenhuma suspeita da minha identidade. De fato, eu não só estava mudado em aparência com o passar dos anos, mas usava roupas tão diferentes, e viajava em circunstâncias tão opostas, que não era provável que ele me reconhecesse sem a ajuda do acaso. Mesmo assim, a coincidência de termos viajado juntos na diligência era estranha o bastante para me fazer temer que alguma outra coincidência pudesse, a qualquer momento, fazê-lo ouvir o meu nome. Por isso, resolvi descer assim que chegássemos à cidade, e me colocar fora do alcance do seu ouvido. Executei esse projeto com sucesso. Minha pequena valise estava no porta-malas sob os meus pés; bastava virar uma dobradiça para pegá-la; eu a joguei no chão antes de mim, depois desci, e fiquei junto ao primeiro lampião nas primeiras pedras do pavimento da cidade. Quanto aos condenados, seguiram seu caminho com a diligência, e eu sabia em que ponto eles seriam desembarcados no rio. Na minha imaginação, vi o barco com sua tripulação de condenados esperando

por eles nas escadarias cobertas de lodo, e ouvi de novo o rude “Ao largo!”, como uma ordem que se dá a um cão, e de novo vi a lúgubre Arca do Noé ancorada na água escura.

Eu não poderia ter dito do que eu tinha medo, pois meu medo era vago e indefinido, mas sentia um grande pavor. Enquanto andava até o hotel, senti que um medo terrível, que excedia em muito o mero temor de um reconhecimento doloroso ou desagradável, me fazia tremer. Estou certo de que ele não tomou nenhuma forma distinta, e que não foi, durante alguns minutos, mais do que o ressurgimento do terror da infância.

O restaurante do “Javali Azul” estava vazio, e eu não apenas pedi o jantar, como já tinha me sentado para comer, antes que o garçom me reconhecesse. Assim que ele se desculpou pela fraqueza da sua memória, ele me perguntou se devia enviar Boots à casa de Mr. Pumblechook.

“Não”, disse eu, “certamente não.”

O garçom (fora ele que tinha nos dado ciência do Grande Protesto dos Comerciantes, no dia em que fui engajado como aprendiz) pareceu surpreso, e aproveitou a primeira oportunidade para colocar uma cópia velha e suja de um jornal local de um modo tão direto em meu caminho, que eu o peguei, e li este parágrafo:

“Nossos leitores saberão, não sem interesse, a propósito da elevação recente e romântica à fortuna de um jovem artífice do ferro da nossa localidade (que tema, diga-se de passagem, para a pena mágica, embora não ainda universalmente reconhecida, do nosso conterrâneo Toby, o poeta das nossas colunas!) que o primeiro patrono, companheiro e amigo do jovem, foi um indivíduo altamente respeitado, não inteiramente estranho ao comércio de trigo e grãos, e cujas instalações comerciais, eminentemente espaçosas e confortáveis, estão situadas a menos de cem milhas da High Street. Não está completamente em desacordo com nossos sentimentos pessoais reconhecermos o referido cidadão como o Mentor do nosso jovem Telêmaco[1], pois é bom saber que a nossa cidade é o berço do fundador da fortuna deste último. Precisa o cenho franzido do Sábio local ou o olho brilhante da Beleza local indagar qual fortuna é essa? Nós acreditamos que Quintin Matsys era o Ferreiro da Antuérpia.” VERB. SAP[2].

Tenho a firme convicção, baseada em larga experiência, de que, se nos meus dias de prosperidade eu tivesse ido para o Polo Norte, teria encontrado lá alguém, esquimó errante ou homem civilizado, para me dizer

que Pumblechook era o meu primeiro protetor e o fundador de minha fortuna.

[1]Dickens faz uma correlação entre Pip e Telêmaco, o filho de Ulisses, que também cresceu sem a figura paternal em sua vida.

[2] Abreviação para a expressão latina “verbum sapienti sat est”, ou “para o sábio uma palavra basta”, ou ainda popularmente na língua portuguesa, “para bom entendedor, meia palavra basta”.

CAPÍTULO XXIX

Bem cedo de manhã, eu já estava de pé e na rua. Era muito cedo ainda para ir à casa de Miss Havisham, então fiquei vagando pelo lugar, no lado da cidade em que morava Miss Havisham – que não era o mesmo lado da casa de Joe: lá eu poderia ir amanhã. Pensando na minha protetora, pintava imagens brilhantes dos seus planos para mim.

Ela havia adotado Estella, e de algum modo havia me adotado também, e não podia deixar de ser sua intenção nos reunir. Reservara para mim a tarefa de restaurar a casa destruída, fazer entrar o sol nos quartos escuros, colocar os relógios em movimento e aquecer os quartos frios, arrancar as teias de aranha, destruir os animais daninhos – em suma, realizar todos os brilhantes feitos de um jovem cavaleiro de romance, e casar-me com a princesa. Parei para olhar a casa enquanto passava; suas paredes de tijolos vermelhos calcinados, as janelas muradas, a hera verde e vigorosa que abraçava até as chaminés com seus ramos e tendões, como se seus velhos braços sinuosos criassem um mistério rico e atraente, do qual eu era o herói. Estella era a inspiração de tudo isso, e também o coração, é claro. Mas, embora ela pudesse ter exercido um forte poder sobre mim, embora minha fantasia e minha esperança repousassem nela, embora sua influência na minha vida de menino e no meu caráter tenha sido poderosíssima, eu não a investira, até mesmo naquela manhã romântica, de qualquer atributo que não fosse os que ela possuía. Menciono isso agora com um propósito definido, pois é o fio condutor por meio do qual entrei no meu pobre labirinto. De acordo com a minha experiência, a noção convencional de um amante pode não ser sempre verdadeira. A verdade pura e simples é que, quando amei Estella com o amor de um homem, eu a amei simplesmente porque a achei irresistível. Uma vez por todas eu senti, para minha grande tristeza, muitas e muitas vezes, se não sempre, que eu a amei contra a razão, contra as promessas, contra a tranquilidade, contra a esperança, contra a felicidade, contra qualquer desencorajamento que pudesse existir. Uma vez por todas, eu não a amei menos por saber disso, e isso não teve mais influência para me impedir, do que se eu tivesse acreditado devotamente que ela era a própria perfeição humana.

Calculei minha caminhada de modo a chegar ao portão no meu antigo horário. Depois de tocar a campainha com a mão trêmula, virei-me de costas

para o portão, enquanto tentava acalmar minha respiração e manter meu coração batendo de modo relativamente calmo. Ouvi a porta lateral abrir-se, e depois o som de passos no pátio; mas fingi não ouvir, até mesmo quando o portão balançou sobre os gonzos enferrujados.

Afinal, sentindo um toque no ombro, assustei-me e me virei. Fiquei muito mais assustado então, ao me encontrar face a face com um homem vestido em roupas sombrias. O último homem que esperaria ver ocupar o lugar de porteiro na casa de Miss Havisham.

“Orlick!”

“Ah, jovem mestre, há mudanças maiores do que a sua. Mas entre, entre. É contra as minhas ordens manter o portão aberto.”

Eu entrei, e ele fechou o portão, trancou-o e tirou a chave. “Sim!”, disse ele, olhando em volta, depois de ter teimosamente me precedido em alguns passos na direção da casa. “Aqui estou eu!”

“Como veio parar aqui?”

“Vim com as minhas pernas”, ele replicou. “E trouxe minha mala em um carrinho de mão.”

“Está aqui para o bem?”

“Não estou aqui para o mal, jovem mestre, por suposto!”

Eu não estava tão certo disso. Tive tempo para pensar em uma resposta, enquanto ele erguia lentamente seu olhar soturno do pavimento para as minhas pernas e braços, e depois para o meu rosto.

“Então você deixou a ferraria?”, eu disse.

“E isso aqui parece uma ferraria?”, respondeu Orlick, lançando um olhar de injúria ao redor. “Então, parece ou não, o que acha?”

Perguntei-lhe há quanto tempo havia deixado a ferraria de Gargery.

“Um dia é tão igual ao outro por aqui”, ele respondeu, “que não sei dizer sem fazer o cálculo. No entanto, vim para cá algum tempo depois que você partiu.”

“Eu poderia ter lhe dito isso, Orlick.”

“Ah!” disse ele, secamente. “Então você teria que ser um estudante.”

A essa altura, já tínhamos chegado à casa, onde descobri que seu quarto ficava bem ao lado da porta lateral, com uma janelinha dando para o pátio. Guardadas as proporções, não era muito diferente do tipo de lugar normalmente destinado a um porteiro em Paris. Havia algumas chaves penduradas na parede, às quais ele agora acrescentou a chave do portão. Sua

cama, coberta de patchwork, ficava atrás, em um pequeno compartimento interno ou recesso. No geral, tinha uma aparência desleixada, confinada e sonolenta, como uma gaiola para uma marmota humana, enquanto ele, surgindo escuro e pesado na sombra de um canto junto à janela, parecia ser a marmota humana para a qual se destinava esse lugar. O que ele era, de fato.

"Eu nunca vi esse quarto antes", observei; "mas não costumava haver nenhum porteiro aqui."

"Não", disse ele; "não até que se descobriu que não havia nenhuma proteção nesse local, e passou a ser considerado perigoso, com os condenados e com os 'sem-eira-nem-beira[1]' que vadiam para cima e para baixo. Então me recomendaram para o lugar, como um homem capaz de dar a outro homem o que ele merece, e consegui o posto. É mais fácil que abanar o fole e dar golpes de martelo. Está carregada, está sim."

Meu olhar havia sido atraído por uma arma com a coronha de cobre, sobre o parapeito da lareira, e o olhar dele tinha seguido o meu.

"Bem", disse eu, não desejando prolongar a conversa, "posso subir para ver Miss Havisham?"

"Que eu seja queimado vivo, se eu sei!", ele replicou, primeiro se esticando e depois se balançando; "minhas ordens param por aqui, jovem mestre. Dou uma batidinha neste sino aqui com este martelo aqui, e você segue pelo corredor até que encontre alguém."

"Estou sendo esperado, acredito."

"Que eu seja queimado vivo duas vezes, se posso dizer!", disse ele.

Diante disso, virei-me e desci o longo corredor que eu havia percorrido antigamente com minhas botas grossas, e ele fez soar o seu sino. No final do corredor, enquanto o som do sino ainda reverberava, encontrei Sarah Pocket, que agora parecia ter se tornado verde e amarela por minha causa.

"Oh!", disse ela. "É o senhor, então, Mr. Pip?"

"Sim, Miss Pocket. Fico contente de lhe dizer que Mr. Pocket e sua família estão todos bem."

"E por acaso estão mais sábios?", disse Sarah, balançando a cabeça com tristeza; "eles fariam melhor sendo mais sábios do que estando bem de saúde. Ah, Matthew, Matthew! Conhece o caminho, não é, senhor?"

Razoavelmente, pois eu tinha subido a escadaria no escuro, mais de uma vez. Subi, então, com botas mais leves do que as antigas e bati, como

costumava fazer, na porta do quarto de Miss Havisham. “É a batida de Pip”, eu a ouvi dizer, de imediato; “entre, Pip.”

Ela estava em sua cadeira perto da velha mesa, no seu velho vestido, com as duas mãos cruzadas sobre a bengala, o queixo descansando sobre elas, e os olhos no fogo. Sentada ao seu lado, com o sapato branco que nunca tinha sido usado nas mãos, e a cabeça inclinada como se olhasse para ele, estava uma dama elegante a quem eu nunca tinha visto.

“Entre, Pip”, continuou Miss Havisham, sem levantar o olhar; “entre, Pip! Como vai você, Pip? Então agora beija a minha mão como se eu fosse uma rainha, hem? E então?”

Ela olhou para mim de repente, movendo apenas os olhos, e repetiu com um ar meio risonho, meio sério.

“E então?”

“Eu soube, Miss Havisham”, disse eu, um tanto perdido, “que a senhora foi amável o bastante para desejar que eu viesse vê-la, e eu vim imediatamente.”

“E então?”

A dama a quem eu nunca tinha visto antes, ergueu os olhos e me olhou astuciosamente, e então eu vi que seus olhos eram os olhos de Estella. Mas ela estava tão mudada, tão mais bonita, tornara-se tão feminina, havia feito tantos progressos que mereciam admiração, que comparado a ela eu parecia não ter feito nenhum. Imaginei, ao olhá-la, que eu tinha voltado a ser aquele menino grosseiro e vulgar. Oh, senti intensamente a distância e a disparidade entre nós, e ela sentiu o quanto se tornara inacessível!

Ela me estendeu a mão. Gaguejei algo sobre o prazer que sentia em vê-la novamente, e de ter esperado por isso durante um longo, longo tempo.

“Acha que ela está muito mudada, Pip?” perguntou Miss Havisham, com seu olhar ávido, batendo com a bengala em uma cadeira entre elas, como um sinal para que eu me sentasse.

“Quando entrei, Miss Havisham, não vi nada de Estella, nem no rosto, nem nas formas; mas agora, curiosamente tudo se ajustou à antiga...”

“O quê? Não está pretendendo dizer à antiga Estella, está?” Miss Havisham interrompeu. “Ela era orgulhosa e insolente, e você queria ficar longe dela. Não se lembra?”

Eu disse de modo confuso que aquilo fora há muito tempo, e que na época eu não me conhecia direito, e coisas desse tipo. Estella sorriu com

perfeita compostura, e disse que não tinha nenhuma dúvida de que eu estava certo, e que ela devia ter sido muito desagradável.

"E ele, está mudado?" Miss Havisham lhe perguntou.

"Muito", disse Estella, olhando para mim.

"Menos grosseiro e vulgar?" disse Miss Havisham, brincando com o cabelo de Estella.

Estella riu, depois olhou para o sapato em sua mão, riu de novo e olhou para mim, e largou o sapato. Ela ainda me tratava como um menino, mas estava tentando me seduzir.

Ficamos sentados naquele quarto fantástico, entre as coisas velhas e estranhas que tiveram uma influência tão forte sobre mim, e eu soube que ela acabara de voltar da França, e que estava indo para Londres. Orgulhosa e voluntariosa como antes, trazia esses defeitos de tal modo subjugados à sua beleza, que era impossível e até antinatural – ou eu assim pensei – tentar separá-los da sua beleza. Na verdade, era impossível dissociar a presença de Estella de todos aqueles infelizes anseios por dinheiro e requinte, que tanto perturbaram minha juventude, desde as más aspirações que tinham começado por me deixar envergonhado da minha pobre casa e de Joe, até as visões que me faziam ver seu rosto no fogo incandescente, nos golpes da bigorna, saindo da escuridão da noite para olhar pela janela de madeira da ferraria e depois desaparecer. Em uma palavra, era impossível para mim dissociá-la, no passado ou no presente, dos momentos mais íntimos da minha vida.

Ficou decidido que eu passaria o resto do dia na casa de Miss Havisham, e voltaria à noite para o hotel, indo para Londres no dia seguinte. Quando tínhamos conversado por algum tempo, Miss Havisham mandou-nos passear no jardim malcuidado. No nosso caminho para lá, ela disse que eu devia rodar por ali com ela, como antigamente.

Assim, Estella e eu saímos para o jardim pelo portão no qual eu entrara por engano, quando do meu encontro com o jovem cavalheiro pálido, agora Herbert. Eu, tremendo em espírito, e adorando a própria barra do seu vestido; ela, bastante composta, e decididamente sem adorar a barra da minha roupa. Quando nos aproximamos do local do encontro, ela parou e disse:

"Eu devia ter sido uma criaturinha muito estranha, para me esconder e assistir aquela briga naquele dia; mas eu assisti, e me diverti bastante."

"Você me lisonjeia muito."

"É mesmo?" respondeu ela, de modo casual e distraído. "Lembro-me

de cultivar uma grande antipatia pelo seu adversário, pois tomei como ofensa que ele fosse trazido aqui para me importunar com a sua companhia."

"Ele e eu somos grandes amigos, agora."

"São? Parece-me que você estuda com o pai dele?

"Sim."

Admiti com relutância, pois me parecia algo um tanto infantil, e ela já me tratara como menino por tempo mais que suficiente.

"Então, desde que mudou de posição e de perspectivas, mudou também suas companhias", disse Estella.

"Naturalmente", disse eu.

"E obviamente", ela acrescentou, em um tom arrogante; "aqueles que uma vez foram uma boa companhia para você, poderiam agora ser uma companhia bastante imprópria."

Na minha consciência, duvido muito que ainda me restasse a mais leve intenção de ir ver Joe; mas se ainda restasse, esta observação pôs fim a isso.

"Naquela época, você não tinha a menor ideia da fortuna que o esperava?" disse Estella, com um leve aceno da mão, significando os tempos difíceis.

"Não, nenhuma."

Seu ar de perfeição e superioridade caminhando ao meu lado, e meu ar de juventude e submissão caminhando ao lado dela, formavam um contraste que eu sentia fortemente. Teria me incomodado ainda mais, se eu não tivesse percebido que isso vinha de mim, por estar tão afastado dela em posição e tão próximo a ela em sentimento.

O jardim estava muito coberto de vegetação para que se pudesse caminhar à vontade, e depois de darmos a volta duas ou três vezes, entramos de novo no pátio da cervejaria. Eu mostrei-lhe o lugar exato onde a vira caminhando sobre os barris, naquele primeiro dia dos velhos tempos, e ela disse, com um olhar frio e descuidado naquela direção, "Eu fiz isso?" Lembrei-a do lugar onde ela havia saído da casa para me dar comida e bebida, e ela disse, "Não me lembro." "Não se lembra de ter me feito chorar?" disse eu. "Não", disse ela, balançando a cabeça e olhando ao redor. Acredito firmemente que sua pouca memória e sua indiferença me fizeram chorar de novo, intimamente – e essas lágrimas são as mais ardentes de todas.

"Você precisa saber", disse Estella, de modo condescendente, como

só pode fazer uma mulher bonita e brilhante, “que eu não tenho coração... tanto quanto isso tiver a ver com a minha memória.”

Comecei a dizer algumas palavras no sentido de que eu tomava a liberdade de duvidar. Que eu sabia bem outra coisa. Que não podia haver tal beleza sem coração.

“Oh! Eu tenho um coração que alguém pode apunhalar ou crivar de balas, não tenho a menor dúvida”, disse Estella, “e é claro que se ele deixasse de bater eu deixaria de existir. Mas você sabe o que eu quero dizer. Não tenho nenhuma doçura no coração. Nada de simpatia... de sentimento... Isso é tolice.”

O que era aquilo que me impressionava tanto enquanto ela ficava parada ao meu lado e me olhava com atenção? Algo que eu tinha visto em Miss Havisham? Não. Em alguns dos seus olhares e gestos havia uma sombra de semelhança com Miss Havisham; a mesma que se observa muitas vezes entre as crianças e os adultos com quem estão muito ligadas ou vivem reclusas, e que, depois que acaba a infância, poderá produzir uma semelhança de expressão ocasional entre rostos que, caso contrário, seriam bastante diferentes. Mesmo assim, eu ainda não podia relacioná-la a Miss Havisham. Olhei de novo, e embora ela ainda estivesse olhando para mim, a impressão se fora.

O que era aquilo?

“Estou falando sério”, disse Estella, não tanto franzindo o cenho (pois sua testa estava lisa), mas com um ar sombrio no rosto; “se nós tivermos que passar muito tempo juntos, é melhor que acredite nisso de uma vez. Não!” interrompeu-me de modo imperioso, quando abri a boca para falar. “Eu nunca derramei minha ternura em lugar algum. Nem mesmo sei o que é isso.”

Um momento depois estávamos na cervejaria, abandonada há tanto tempo, e ela apontou para a galeria alta por onde eu vira saindo naquele primeiro dia, e disse que se lembrava de ter estado lá em cima e de ter me visto olhando assustado lá embaixo. Enquanto meus olhos seguiam sua alva mão, outra vez me cruzou a mente a mesma vaga semelhança que eu não conseguia definir. Tremi de modo involuntário, o que a fez pousar a mão em meu braço. No mesmo instante, o fantasma passou mais uma vez e se foi.

O que era aquilo?

“Qual é o problema?” perguntou Estella. “Está assustado de novo?”

“Eu deveria estar, se acreditasse no que você acabou de me dizer”,

respondi, para acabar com aquilo.

"Então não acredita? Muito bem. De qualquer modo, está dito. Miss Havisham logo estará esperando por você no seu velho posto, embora eu ache que isso agora devia ser colocado de lado, junto com outros velhos pertences. Vamos dar mais uma volta no jardim, e então entramos. Vamos! Hoje você não derramará lágrimas por causa da minha crueldade; você será o meu pajem, e me oferecerá seu ombro."

Seu belo vestido arrastava no chão. Ela segurou-o então com uma das mãos, e com a outra tocava levemente o meu ombro enquanto andávamos. Demos a volta no jardim arruinado mais duas ou três vezes, e para mim ele estava todo florido. Se as ervas daninhas verdes e amarelas que subiam pelas fendas do velho muro fossem as flores mais preciosas que já desabrocharam, não poderiam ter me deixado uma recordação mais valiosa.

Não havia nenhuma discrepância de idade entre nós para afastá-la de mim; éramos quase da mesma idade, embora, é claro, a idade favorecesse mais a ela do que a mim. O ar de inacessibilidade que sua beleza e suas maneiras lhe davam, porém, atormentava-me em meio à minha felicidade; mas no íntimo eu tinha certeza de que nossa protetora nos destinara um ao outro. Menino infeliz!

Afinal voltamos para a casa, e eu soube com surpresa que meu tutor tinha vindo ver Miss Havisham a negócios, e voltaria para o jantar. Os velhos e sombrios candelabros no quarto onde a mesa estava posta tinham sido acesos enquanto estávamos fora, e Miss Havisham me esperava sentada em sua cadeira.

Era como empurrar a própria cadeira de volta ao passado, quando começamos o velho e lento circuito em volta das ruínas do banquete nupcial. Mas, naquela sala fúnebre, com aquela imagem da morte recostada na cadeira e fixando seus olhos sobre ela, Estella parecia mais bela e radiante do que nunca, e caí sob um encanto ainda mais poderoso.

O tempo passou tão rápido que a hora do jantar logo se aproximou, e Estella nos deixou para se preparar. Nós tínhamos parado perto do centro da longa mesa, e Miss Havisham, um dos braços murchos esticado para fora da cadeira, descansou a mão enrugada sobre a toalha amarela. Como Estella olhou por cima do ombro antes de sair, Miss Havisham enviou-lhe um beijo com a mão, com uma intensidade voraz bastante terrível no seu gênero.

Depois que Estella saiu, e nós ficamos sozinhos, ela virou-se para

mim e disse em um sussurro:

"Ela não está bonita, graciosa, bem-educada? Você não a admira?"

"Todo mundo que a vê deve admirá-la, Miss Havisham."

Ela pôs um braço ao redor do meu pescoço, e puxou meu rosto para perto do seu, ainda sentada na cadeira. "Ame-a, ame-a, ame-a! Como ela é com você?"

Antes que eu pudesse responder (se é que eu poderia ter respondido a uma questão tão delicada), ela repetiu, "Ame-a, ame-a, ame-a! Se ela o favorecer, ame-a. Se ela o ferir, ame-a. Se ela despedaçar seu coração – e quanto mais velho e mais forte se tornar, mais sangrará – ame-a, ame-a, ame-a assim mesmo!"

Eu nunca tinha visto um ardor tão apaixonado quanto aquele com o qual ela proferiu essas palavras. Eu podia sentir os músculos do braço magro ao redor do meu pescoço se incharem com a veemência que a possuiu.

"Ouça-me, Pip! Eu a adotei para ser amada. Eu a criei e a eduquei para ser amada. Eu fiz dela o que ela é, para que pudesse ser amada. Ame-a!"

Ela disse a palavra com bastante frequência, e não podia haver qualquer dúvida sobre o que pretendia dizer. Mas se a palavra tantas vezes repetida tivesse sido ódio em vez de amor... ou desespero... vingança... morte cruel... não poderia ter soado mais como uma maldição naqueles lábios.

"Eu vou lhe contar", disse ela, no mesmo murmúrio apaixonado e precipitado, "o que é o verdadeiro amor. É devoção cega, abnegação inquestionável, submissão absoluta, convicção e confiança contra você mesmo e contra o mundo inteiro, entregando sua alma e seu coração inteiro ao torturador... como eu fiz!"

Quando ela chegou a essas palavras, e ao grito selvagem que se seguiu, segurei-a pela cintura, pois ela se levantara da cadeira, no vestido que lhe serviria de mortalha, e se lançou no espaço, como se quisesse se atirar contra a parede e cair morta.

Tudo isso se passou em poucos segundos. Quando a coloquei de volta na cadeira, percebi no ar um odor que eu conhecia, e ao me virar vi meu tutor no quarto.

Ele sempre carregava (ainda não mencionei isso, eu creio) um lenço de rica seda, de proporções imponentes, que lhe era de grande valia na sua profissão. Eu o vi encher de terror um cliente ou testemunha apenas desdobrando esse lenço com a maior cerimônia, como se fosse assoar o nariz

de imediato, e então parando, como se soubesse que não teria tempo de fazer isso antes que o tal cliente ou testemunha se comprometesse, e o compromisso se seguira imediatamente, como ele esperava. Quando eu o vi no quarto, ele segurava esse expressivo lenço com ambas as mãos e olhava para nós. Ao encontrar meu olhar, ele disse claramente, por uma pausa momentânea e silenciosa, mantendo a mesma atitude, “Realmente? É singular!” E então se serviu do lenço como de direito, com efeito formidável.

Miss Havisham o tinha visto ao mesmo tempo em que eu. Como todo mundo, ela tinha medo dele. Fez um esforço violento para se recompor, e balbuciou que ele era tão pontual como sempre.

“Tão pontual como sempre”, ele repetiu, vindo até nós. “Como vai você, Pip? Gostaria que eu desse uma volta consigo, Miss Havisham? Mais uma volta? Então você está aqui, Pip?”

Eu lhe contei quando havia chegado, e como Miss Havisham tinha pedido que eu viesse ver Estella. Ao que ele respondeu, “Ah! Uma jovem muito bonita!” Depois ele empurrou a cadeira de Miss Havisham diante de si com uma das suas grandes mãos, e pôs a outra no bolso das calças, como se o bolso estivesse cheio de segredos.

“Bem, Pip! Quantas vezes você viu Miss Estella antes?” disse ele, quando fez uma parada.

“Quantas vezes?”

“Sim! Quantas vezes? Dez mil vezes, talvez?”

“Oh! Certamente não tantas assim.”

“Duas vezes?”

“Jaggers”, interrompeu Miss Havisham, para meu grande alívio, “deixe o meu Pip em paz, e desça com ele para jantar.”

Ele concordou, e nós fizemos juntos o trajeto até lá embaixo, tateando pela escadaria escura. Enquanto nos dirigíamos para os apartamentos separados, atravessando o pátio pavimentado dos fundos, ele me perguntou quantas vezes eu tinha visto Miss Havisham comer e beber, oferecendo-me uma amplitude de escolha, como sempre, entre cem vezes e uma vez.

Eu pensei, e disse, “Nunca.”

“E nunca verá, Pip”, ele replicou, com um sorriso estranho. “Ela nunca permitiu que ninguém a visse fazendo qualquer uma dessas duas coisas, desde que começou a viver desse jeito. Ela vaga pela casa à noite, e então pega a comida que precisa.”

“Por favor, senhor”, disse eu, “posso lhe fazer uma pergunta?”

“Pode”, disse ele “e eu me reservo o direito de não responder. Faça sua pergunta.”

“O sobrenome de Estella. É Havisham, ou...?” Eu não tinha o que acrescentar.

“Ou o quê?”, disse ele.

“É Havisham?”

“É Havisham.”

Com isso chegamos à mesa, onde ela e Sarah Pocket nos esperavam. Mr. Jaggers ocupou a cabeceira, Estella sentou-se em frente a ele, e eu fiquei de frente para minha amiga verde e amarela. Jantamos muito bem, e fomos servidos por uma criada a quem eu nunca tinha visto em todas as minhas idas e vindas, mas que, tanto quanto sei, estivera naquela casa misteriosa o tempo inteiro. Depois do jantar, uma garrafa de um velho vinho do porto foi colocada diante do meu tutor (ele estava bastante familiarizado com o vinho antigo, evidentemente) e as duas senhoras nos deixaram.

Nunca vi em outro lugar, nem mesmo na pessoa dele, algo que se igualasse à reserva que Mr. Jaggers ostentava sob aquele teto. Ele guardou seus olhares para si, e mal dirigiu o olhar uma vez para o rosto de Estella durante o jantar. Quando ela falava com ele, ele escutava e respondia no devido tempo, mas nunca olhava para ela, que eu tivesse visto. Por outro lado, ela o olhava com frequência, um olhar de interesse e curiosidade, se não de desconfiança, mas ele jamais demonstrou ter consciência disso. Ao longo do jantar, ele se deleitou perversamente em deixar Sarah Pocket mais verde e mais amarela do que antes, referindo-se com frequência, na sua conversa comigo, às minhas esperanças; mas aqui também ele parecia não se aperceber de nada, e até mesmo fez parecer que ele arrancara – e de fato arrancou, embora eu não saiba como – essas informações da minha inocente pessoa.

Quando ele e eu ficamos sozinhos, Mr. Jaggers sentou-se com um ar de perfeita tranquilidade, talvez por causa das informações que possuía sobre qualquer um, o que realmente era demais para mim. Ele interrogava o próprio vinho do porto, quando não tinha outra coisa em mãos. Segurava o cálice entre ele e a chama da vela, provava o porto, rolava-o dentro da boca, depois engolia, olhava novamente para o copo, cheirava o vinho, provava, bebia, enchia outra vez o cálice, e interrogava o copo de novo, até que fiquei bastante nervoso, como se soubesse que o vinho estava lhe contando alguma

coisa desabonadora sobre mim. Três ou quatro vezes, pensei fracamente em começar uma conversação; mas sempre que ele percebia que eu estava a ponto de perguntar-lhe alguma coisa, olhava para mim com o copo na mão, rolando o vinho na boca, como para me fazer entender que seria inútil, pois ele não poderia responder.

Creio que Miss Pocket achava que a minha simples presença a colocava em risco de ficar louca, ao ponto de rasgar sua touca – que era uma touca bem horrorosa, parecida com um esfregão de musselina – e a espalhar seus cabelos pelo chão, os quais seguramente jamais haviam crescido em sua cabeça. Ela não apareceu quando subimos mais tarde para o quarto de Miss Havisham, onde nós quatro jogamos uma partida de uíste[2]. Durante nossa ausência, Miss Havisham, de maneira realmente fantástica, tinha colocado algumas das joias mais belas do seu toucador nos cabelos de Estella, e também sobre o colo e os braços, e vi que até meu tutor a olhava sob as sobrancelhas espessas, erguendo-as um pouco quando viu diante de si todo o encanto de Estella, com seu rico brilho de luz e cor.

Não direi nada sobre a maneira e a extensão com que ele tomou para si todos os nossos trunfos, e conseguiu, com as baixas cartas que tinha em mãos, rebaixar toda a glória dos nossos reis e rainhas; nem sobre o sentimento que tive de que ele nos olhava como três enigmas bastante óbvios e pobres, a quem ele tinha decifrado há muito tempo. O que me fazia sofrer mais, era a incompatibilidade entre a presença fria do meu tutor e meus sentimentos para com Estella. Não era porque eu sabia que nunca suportaria falar com ele sobre ela, não era porque eu sabia que nunca suportaria vê-lo ranger suas botas diante dela, não era porque eu sabia que nunca suportaria vê-lo lavar as mãos para se livrar da presença dela; era porque eu sabia que minha admiração estaria sempre um passo ou dois atrás dele, quando deveria estar no mesmo lugar – esta era a circunstância mais triste.

Jogamos até nove horas, e então ficou combinado que, quando Estella fosse a Londres, eu seria avisado da sua chegada e a encontraria na estação da diligência. Depois me despedi dela, apertei-lhe a mão e a deixei.

Meu tutor estava hospedado no “Javali Azul”, no quarto ao lado do meu. No meio da noite, ainda soavam em meus ouvidos as palavras de Miss Havisham, “Ame-a, ame-a, ame-a!” Eu as adaptei para meu próprio uso, e disse ao meu travesseiro, “Eu a amo, eu a amo, eu a amo!” centenas de vezes. Então, uma onda de gratidão me envolveu, ao imaginar que ela seria

destinada a mim, eu, outrora o pobre menino da ferraria. Depois pensei que, se ela ainda não sentia nenhum entusiasmo ou gratidão por aquele destino, como eu temia, quando começaria a se interessar por mim? Quando eu despertaria o seu coração mudo e adormecido?

Ah, Deus! Eu acreditava que aquelas emoções fossem grandes e nobres. Mas nunca pensei que havia algo de baixo e mesquinho em me manter longe de Joe porque sabia que ela o desprezaria. Não se passara um dia, e Joe tinha trazido lágrimas aos meus olhos, mas elas logo secaram. Que Deus me perdoe!, mas elas logo secaram.

[1] No original, “Tag and Rag and Bobtail.”

[2] Uíste foi um jogo muito difundido entre os séculos XVIII e XIX, sendo o ancestral do bridge (que o acabou eliminando); era jogado com um baralho de 52 cartas, divididas equitativamente por quatro jogadores em duas parcerias.

CAPÍTULO XXX

De manhã, depois de considerar bem o assunto enquanto me vestia no “Javali Azul”, resolvi dizer ao meu tutor que duvidava de que Orlick fosse o tipo certo de homem para ocupar um posto de confiança na casa de Miss Havisham. “Ora, é claro que ele não é o tipo certo de homem, Pip”, disse meu tutor, bastante satisfeito de antemão com o conhecimento que tinha, “porque o homem que ocupa um posto de confiança nunca é o tipo certo de homem.” Ele parecia quase contente em pensar que este posto em particular não era ocupado excepcionalmente pelo tipo certo de homem, e escutou com satisfação enquanto eu lhe contava o que sabia sobre Orlick. “Muito bem, Pip”, ele observou, quando eu tinha terminado, “irei agora mesmo lá e acertarei as contas com o nosso amigo.” Bastante alarmado por essa ação sumária, opinei por uma pequena demora, e até mesmo insinuei que o nosso amigo poderia ser uma pessoa difícil de lidar. “Oh, não, não será”, disse meu tutor, fazendo o truque do lenço, com perfeita confiança; “eu gostaria de vê-lo discutir a questão comigo.”

Como estávamos voltando juntos para Londres pela diligência do meio-dia, e como eu havia tomado o café da manhã com tanto medo de ver Pumblechook aparecer, que mal conseguia segurar a xícara, isso me deu uma oportunidade de dizer que gostaria de dar um passeio, e que eu iria na frente pela estrada de Londres enquanto Mr. Jaggers estava ocupado, se ele informasse ao cocheiro que eu tomaria o meu lugar quando fosse alcançado na estrada. Desta forma, escapei do “Javali Azul” logo depois do café da manhã. Dando uma volta de algumas milhas, pelo campo aberto nos fundos do estabelecimento de Pumblechook, entrei de volta na High Street um pouco além dessa armadilha, e me senti relativamente seguro.

Era interessante estar mais uma vez na velha e silenciosa cidade, e não era desagradável me ver de repente, aqui e ali, reconhecido e examinado. Um ou dois comerciantes chegaram mesmo a sair das suas lojas, e caminharam um pouco à minha frente na rua, de modo que pudessem se virar, como se tivessem esquecido alguma coisa, e se encontrar face a face comigo. Nessas ocasiões, não sei quem fingia de modo pior, se eles ou eu; eles por fingirem não me olhar, eu por fingir não vê-los. Mesmo assim, minha posição era digna, e eu não estava de todo insatisfeito com a situação, até que o destino lançou no meu caminho aquele patife miserável, o rapaz do Trabb.

A certa altura, olhei ao longo da rua, e vi o rapaz do Trabb se aproximando, batendo nas pernas com um saco azul vazio. Julgando que um olhar sereno e indiferente, lançado de modo casual sobre ele, me conviria melhor, e provavelmente venceria seu mau espírito, avancei com essa expressão tranquila no rosto, e já estava me felicitando pelo meu sucesso, quando de repente os joelhos do rapaz do Trabb tremeram, seus cabelos se eriçaram, seu boné caiu, todos os seus membros tremeram violentamente, e ele cambaleou para a rua, gritando para o populacho, “Ajudem-me! Estou morrendo de medo!” Fingiu estar em um paroxismo de terror e prostração, ocasionado pela dignidade da minha presença. Quando passei por ele, seus dentes batiam ruidosamente dentro da boca, e ele se jogou na poeira do chão, com todos os sinais de profunda humilhação.

Foi uma coisa bem difícil de aguentar, mas isso ainda não foi nada. Eu não tinha avançado duzentos metros, quando, para meu inexprimível horror, assombro e indignação, vi de novo o rapaz do Trabb que se aproximava. Acabava de virar no canto da rua. Seu saco azul estava atirado sobre o ombro, em seus olhos brilhava uma honesta diligência, e, pelo seu andar, se notava sua determinação de prosseguir com a maior rapidez até a loja de Trabb. Fingiu levar um susto ao dar-se conta da minha presença, e recebeu um olhar severo, como antes. Desta vez, porém, fazia movimentos giratórios, cambaleando sem parar ao meu redor, os joelhos tremendo e as mãos erguidas em forma de súplica, como se implorasse por clemência. Seus supostos sofrimentos eram saudados com a maior alegria por um grupo de espectadores, e eu me senti absolutamente confuso.

Eu ainda não tinha passado do correio, mais abaixo na rua, quando vi de novo o rapaz do Trabb, surgindo de um desvio no caminho. Desta vez, estava completamente mudado. Usava o saco azul da maneira que eu usava o meu sobretudo, e vinha se pavoneando em minha direção pela calçada oposta, seguido por um grupo de jovens amigos deliciados com o espetáculo, e a quem ele exclamava de vez em quando, com um movimento de mão, “Não te conheço!...” Palavras não podem exprimir a enormidade de ofensas e agravos descarregados sobre mim pelo rapaz do Trabb, quando, passando ao meu lado, levantou o colarinho, retorceu os cabelos, pôs um braço na cintura, e sorriu de modo malicioso e extravagante, sacudindo os cotovelos e o corpo e falando de modo jocoso àqueles que o seguiam, “Não te conheço!... Não te conheço!... Por minha alma, não te conheço!...” Os seus desgraçados

companheiros logo começaram a cacarejar, e a me perseguir pela ponte com seus cacarejos. Seus gritos lembravam os de alguma ave triste que tivesse me conhecido quando eu era um ferreiro, e culminaram na minha saída da cidade em desgraça, tendo sido, por assim dizer, expulso por eles na direção do campo aberto.

Mas, a menos que eu tivesse tirado a vida do rapaz do Trabb naquela ocasião, ainda hoje eu realmente não sei o que poderia ter feito, senão aguentar. Ter lutado com ele na rua, ou ter tirado dele qualquer reparação menor do que o melhor sangue do seu coração, teria sido fútil e degradante. Além do mais, ele era um rapaz a quem nenhum homem poderia ferir; uma serpente invulnerável e astuciosa que, encurralado em um canto, fugiria por entre as pernas do seu captor, ganindo com desdém. No entanto, escrevi para Mr. Trabb, pelo correio do dia seguinte, para dizer que Mr. Pip recusava-se no futuro a ter qualquer relação comercial com alguém que podia esquecer o quanto devia aos melhores interesses da sociedade, a ponto de empregar um rapaz que excitava apenas aversão e desprezo em qualquer pessoa respeitável.

A diligência, trazendo Mr. Jaggers, chegou bem a tempo, e tomei de novo o meu lugar. Cheguei em Londres salvo... mas não posso dizer que cheguei são, pois meu coração estava destroçado. Assim que desembarquei, enviei um bacalhau e uma barrica de ostras para Joe, uma oferta de penitência, como reparação por não ter ido visitá-lo, e então fui para a Hospedaria Barnard.

Encontrei Herbert jantando carne fria, e encantado por me ver de volta. Tendo despachado o Vingador para o restaurante, para buscar uma adição ao jantar, senti que devia abrir meu coração naquela mesma noite para o meu amigo e companheiro. Como a confidência não dizia respeito ao Vingador que estava no vestíbulo, que só podia ser considerado como uma antecâmara para o buraco da fechadura, enviei-o ao teatro. Dificilmente eu poderia dar melhor prova da dureza da minha escravidão para com esse mestre, do que os degradantes subterfúgios aos quais eu era obrigado a recorrer para encontrar-lhe ocupação Chegava ao extremo de enviá-lo às vezes ao Hyde Park Corner para ver que horas eram.

Depois do jantar, quando nos sentamos com os pés no guarda-fogo da lareira, eu disse a Herbert, “Meu querido Herbert, tenho algo muito particular a lhe dizer.”

“Meu querido Handel”, ele respondeu, “estimo que confie em mim;

sua confiança será respeitada.”

“Diz respeito a mim, Herbert”, disse eu “e a outra pessoa.”

Herbert cruzou os pés, olhou para o fogo com a cabeça de lado, e, depois de olhá-lo em vão durante algum tempo, virou-se para mim, pois eu não havia continuado.

“Herbert”, disse eu, pondo a mão sobre seu joelho, “eu amo... eu adoro Estella.”

Em vez de ficar horrorizado, Herbert respondeu como se não fosse nada de mais, “Precisamente. E então?”

“Bem, Herbert? É só isso que tem a dizer? E então?”

“O que vem depois, quero dizer?”, disse Herbert. “É claro que eu sei disso.”

“Como sabe disso?”, disse eu.

“Como eu sei disso, Handel? Ora, soube por você.”

“Eu nunca lhe contei.”

“Contar-me! Você nunca me contou quando mandou cortar os cabelos, mas eu tive sensibilidade para perceber. Você sempre a adorou, desde que o conheço. Trouxe sua adoração e sua valise para cá juntas. Contar-me! Ora, você só fez me contar, o tempo todo. Quando me contou sua própria história, contou-me claramente que começou a adorá-la na primeira vez em que a viu, quando vocês eram de fato muito jovens.”

“Muito bem, então”, disse eu, para quem aquilo representava uma nova luz, até bem-vinda, “nunca deixei de adorá-la. E ela voltou, transformada na mais linda e elegante das criaturas. Eu a vi ontem. E se eu a adorava antes, adoro-a duplamente agora.”

“Sorte a sua, então, Handel”, disse Herbert “que você tenha sido escolhido para ela, e que lhe tenha sido destinado. Sem entrar em terreno proibido, podemos nos aventurar a dizer que entre nós não resta qualquer dúvida quanto a esse fato. Mas você já tem alguma ideia da opinião de Estella sobre essa adoração?”

Balancei a cabeça com tristeza. “Oh! Ela está muitas e muitas milhas distante de mim”, disse eu.

“Paciência, meu caro Handel: tem tempo bastante, tem tempo bastante. Mas você tem algo mais a me dizer?”

“Tenho vergonha de lhe contar isso”, eu respondi, “e mesmo assim, não é pior dizer do que pensar nisso. Você diz que eu tenho sorte. É claro que

tenho. Ontem, eu era o pobre menino da ferraria; hoje sou... o que posso dizer que eu sou hoje, Herbert?"

"Digamos um bom companheiro, se quiser terminar sua frase", Herbert respondeu, sorrindo, dando uma palmadinha no dorso da minha mão... "um bom companheiro, que tem em si uma curiosa mistura de impetuosidade e hesitação, coragem e desconfiança, energia e devaneio."

Parei por um momento para pensar se realmente havia essa mistura em meu caráter. No geral, não reconheci nenhum ponto dessa análise, mas achei que não valia a pena discutir por isso.

"Quando perguntei o que eu sou hoje, Herbert", prossegui, "pensei naquilo que ocupa meus pensamentos. Você diz que eu tenho sorte. Eu sei que não fiz nada para subir na vida, e que foi só a fortuna que me elevou. Isso é ter muita sorte. Ainda assim, quando penso em Estella..."

("E quando é que não pensa?", lançou-me Herbert, com os olhos no fogo; o que eu achei gentil e solidário da parte dele.)

"...Então, meu caro Herbert, não posso lhe dizer o quanto me sinto incerto sobre o futuro e dependente do destino, exposto a centenas de acasos. Evitando terreno proibido, como você fez agora mesmo, ainda posso dizer que todas as minhas esperanças dependem da constância de uma pessoa (sem nomear pessoa alguma). E, na melhor das hipóteses, o quanto é indefinido e insatisfatório saber apenas vagamente que esperanças são essas!" Ao dizer isso, aliviei meu coração de um sentimento que sempre estivera lá, às vezes mais forte, às vezes menos, mas sem dúvida muito mais forte desde a véspera.

"Agora, Handel", respondeu Herbert, no seu modo alegre e esperançoso, "me parece que, no desalento de uma paixão terna, estamos olhando os dentes do nosso cavalo presenteado com uma lente de aumento. Também me parece que, concentrando nossa atenção nos dentes, estamos negligenciando por completo um dos melhores pontos do animal. Você não me falou que seu tutor, Mr. Jaggers, disse-lhe logo no princípio que você não havia sido dotado apenas com esperanças? E mesmo se ele não tivesse dito – embora seja um enorme "se", admito – você não acha que, de todos os homens de Londres, Mr. Jaggers seria o último a continuar suas relações com você se não estivesse seguro do chão onde pisa?"

Eu disse que não havia como negar que aquele era um argumento muito forte. E disse isso (como as pessoas fazem com frequência, em casos

semelhantes), como uma concessão bastante relutante à verdade e à justiça; disse como se quisesse negá-lo!

"Acredito que seja mesmo um argumento forte", disse Herbert "e acredito que você teria dificuldade para imaginar outro mais forte. Quanto ao resto, você terá que esperar a boa vontade do seu tutor, e ele terá que esperar a boa vontade do seu cliente. Você terá vinte e um anos antes que se dê conta, e então talvez receba algum outro esclarecimento. Para todos os efeitos, estará mais próximo de recebê-lo, pois ele terá que vir, afinal."

"Que disposição de espírito otimista você tem!", disse eu, admirando com gratidão suas maneiras alegres.

"Sou obrigado a ter", disse Herbert, "porque não tenho muito mais do que isso. Devo reconhecer, a propósito, que o bom senso do que eu acabei de dizer não é meu, mas do meu pai. A única observação que já o ouvi fazer sobre a sua história, foi esta conclusão, "A coisa está feita e decidida, ou Mr. Jaggers não estaria metido nisso." E agora, antes de dizer qualquer coisa mais sobre meu pai, ou sobre seu filho, e para retribuir confiança com confiança, preciso me tornar seriamente desagradável para você por um momento... serei positivamente repulsivo."

"Você não terá sucesso", disse eu.

"Oh, sim, eu terei!", disse ele. "Um, dois, três, e lá vou eu. Handel, meu bom amigo", embora ele falasse nesse tom leve, estava bastante sério, "tenho pensado desde que nós estamos conversando com os pés neste guarda-fogo, que Estella certamente não pode ser uma condição para a sua herança, já que nunca foi mencionada pelo seu tutor. Estou certo em entender, pelo que você me contou, que ele nunca se referiu a ela, direta ou indiretamente, de forma nenhuma? Nunca insinuou, por exemplo, que seu protetor poderia ter ideias sobre o seu casamento, no final das contas?"

"Nunca."

"Agora, Handel, estou livre de achar que as uvas estão verdes, juro pela minha alma e pela minha honra! Já que não está ligado a Estella, você não poderia afastar-se dela? Eu lhe disse que seria desagradável."

Virei o rosto, pois alguma coisa impetuosa e assustadora me atingiu, como os ventos dos velhos pântanos que vinham do mar; um sentimento triste como aquele que tomara conta de mim na manhã em que deixei a ferraria, quando a névoa se elevava solenemente, e quando pus a mão no poste com as setas indicadoras da nossa aldeia, voltou a golpear meu coração.

Houve silêncio entre nós por alguns momentos.

"Sim; mas meu caro Handel", Herbert continuou, como se tivéssemos falado, em vez de ficar em silêncio, "o que torna isso tão sério, é que criou raízes fortíssimas no peito de um menino a quem a natureza e as circunstâncias tornaram tão romântico. Pense na criação que ela teve, e pense em Miss Havisham. Pense no que ela mesma realmente é (agora estou sendo repulsivo, e você me detesta). Isso pode conduzir a algo muito infeliz."

"Eu sei, Herbert", disse eu, com o rosto ainda virado, "mas não posso evitar."

"Não pode desligar-se?"

"Não. É impossível!"

"Não pode tentar, Handel?"

"Não. É impossível!"

"Bem!" disse Herbert, levantando-se com uma viva sacudidela, como se tivesse dormido, e se pondo a remexer o fogo, "agora, vou tentar ser agradável de novo!"

Assim, ele andou ao redor do quarto, sacudiu as cortinas, pôs as cadeiras nos seus lugares, limpou os livros e outras coisas que estavam por ali, olhou no vestíbulo, espiou a caixa de correio, fechou a porta, e voltou para sua cadeira junto ao fogo, onde se sentou, segurando a perna esquerda entre os dois braços.

"Eu ia dizer uma palavra ou duas, Handel, a respeito de meu pai e de seu filho. Receio que não seja necessário para o filho de meu pai observar que o estabelecimento de meu pai não é particularmente brilhante em sua manutenção doméstica."

"Sempre há o necessário, Herbert", disse eu, para dizer algo encorajador.

"Oh, sim! O mesmo diz o varredor, eu creio, com a maior aprovação, e o mesmo diz também a loja de peixes, na rua de trás. Seriamente falando, Handel, pois o assunto é bastante sério, você sabe como são as coisas, tão bem quanto eu. Suponho que tenha havido um tempo em que meu pai não tinha desistido de se ocupar das coisas; mas se algum dia houve, esse tempo já se foi. Posso lhe perguntar se você alguma vez teve a oportunidade de observar, lá na sua parte do país, que os filhos de casamentos não exatamente satisfatórios estão sempre particularmente ansiosos por se casar?"

Era uma questão tão singular, que eu lhe perguntei de volta, "É assim

mesmo?”

“Não sei”, disse Herbert “é o que eu quero saber. Pois é decididamente o caso conosco. Minha pobre irmã Charlotte, que veio logo depois de mim e que morreu antes dos quatorze anos, era um exemplo notável. Com a pequena Jane acontece o mesmo; seu desejo de se estabelecer no matrimônio poderia fazê-lo supor que ela passou a sua curta existência contemplando a perpétua felicidade doméstica. O pequeno Alick, que ainda usa avental, já fez arranjos para a sua união com uma jovem pessoa muito adequada de Kew. Na verdade, acho que estamos todos comprometidos, à exceção do bebê.”

“Então você também está?” disse eu.

“Estou”, disse Herbert; “mas é um segredo.”

Assegurei-lhe que manteria o segredo, e implorei que ele me favorecesse com mais detalhes. Ele tinha falado com tanta sensibilidade e delicadeza sobre a minha fraqueza, que eu queria saber algo sobre a sua força.

“Posso perguntar o nome?” eu disse.

“O nome é Clara”, disse Herbert.

“Ela mora em Londres?”

“Sim, talvez eu devesse mencionar”, disse Herbert, que tinha se tornado curiosamente abatido e humilde, desde que entramos nesse assunto interessante, “que ela está um pouco abaixo das absurdas noções familiares de minha mãe. Seu pai tinha algo a ver com o abastecimento de navios. Creio que ele era uma espécie de comissário de bordo na marinha.”

“O que ele é agora?” disse eu.

“Ele agora é um inválido”, respondeu Herbert.

“E vive de...?”

“No primeiro andar”, disse Herbert. Que não era o que eu queria dizer, pois tinha pretendido perguntar sobre os seus meios de vida. “Eu nunca o vi, pois ele sempre manteve seu quarto lá em cima, desde que conheci Clara. Mas já o ouvi muitas vezes. Ele faz uma tremenda barulheira – rugidos e barulhos no chão, com algum instrumento assustador.” Herbert olhou para mim e riu de modo jovial, e recuperou no momento suas maneiras vivas habituais.

“Você não espera vê-lo?”, disse eu.

“Oh, sim, estou sempre esperando vê-lo”, respondeu Herbert, “pois

nunca o ouço sem esperar que ele venha despencando através do teto. Mas não sei quanto tempo as vigas podem aguentar.”

Depois que ele riu de modo jovial mais uma vez, voltou a ficar humilde de novo, e contou-me que, no momento em que realizasse algum capital, era sua intenção casar-se com essa jovem. Ele acrescentou, como uma proposição sua que causasse depressão, “Mas você não pode se casar, sabe, enquanto está olhando à sua volta.”

Enquanto olhávamos para o fogo, e eu pensava em como era uma perspectiva difícil, às vezes, realizar aquele capital, pus minhas mãos nos bolsos. Um pedaço de papel dobrado, que estava em um deles, chamou minha atenção; eu o abri e descobri que era o programa de teatro que eu tinha recebido de Joe, referente ao ator provinciano amador, o célebre e renomado Roscius. “Bendito seja Deus”, falei alto sem me dar conta, “é hoje à noite!”

Aquilo nos fez mudar de assunto no mesmo instante, e decidimos às pressas ir ao teatro. Assim, depois que me empenhei em confortar e auxiliar Herbert no seu caso de amor por todos os meios praticáveis e impraticáveis, e depois que Herbert me contou que sua noiva já me conhecia de nome e que eu seria apresentado a ela, e depois que trocamos um aperto de mãos caloroso selando nossa confiança mútua, sopramos as velas, apagamos o fogo, fechamos a porta, e saímos em busca de Mr. Wopsle e do reino da Dinamarca[1].

[1] Referência à peça que Pip e Herbert vão assistir no teatro, “A Tragédia de Hamlet, Príncipe da Dinamarca”, de William Shakespeare, ambientada naquele reino.

CAPÍTULO XXI

Quando chegamos à Dinamarca, encontramos o rei e a rainha daquele país sentados em duas cadeiras elevadas junto à mesa da cozinha, acompanhados da corte. Toda a nobreza dinamarquesa estava presente; consistia de um rapaz da nobreza com as botas de camurça de um antepassado gigantesco, um venerável par do reino com um rosto sujo, que não parecia ter saído da plebe senão tarde na vida, e o cavalheiro dinamarquês com um pente no cabelo, as duas pernas vestidas de seda branca, e apresentando no geral uma aparência feminina. Meu talentoso conterrâneo estava tristemente à parte, com os braços cruzados, e pensei que seria desejável que seus cachos e a testa fossem mais verossímeis.

Várias pequenas circunstâncias curiosas aconteceram enquanto a ação prosseguia. O falecido rei do país não só parecia ter sido atacado por uma tosse na época do seu falecimento, mas tê-la levado com ele para o túmulo, e depois tê-la trazido de volta. O fantasma real carregava um manuscrito fantasmagórico em volta do seu bastão, o qual ele parecia consultar ocasionalmente, e isso com um ar de ansiedade e uma tendência a esquecer do lugar onde estava, o que era sugestivo de um estado de mortalidade. Foi isso, imaginei, que levou os espectadores da galeria a avisarem à sombra para "virar a página!", recomendação que ela levou extremamente a mal. Também seria de se notar igualmente que aquele espírito majestoso, que sempre que aparecia tinha o ar de ter estado fora durante muito tempo e de ter caminhado uma imensa distância, vinha visivelmente de uma parede contígua. Isso fazia com que seus terrores fossem recebidos com ironia. A rainha da Dinamarca, uma senhora de seios enormes, embora sem dúvida historicamente insolente, foi considerada pelo público como tendo muito bronze sobre o corpo; seu queixo estava preso ao diadema por uma faixa larga daquele metal (como se ela tivesse uma formidável dor de dentes); ao redor da sua cintura havia outro aro de bronze, assim como em cada um dos seus braços, de forma que ela foi ostensivamente chamada de "chaleira-redonda." O rapaz nobre com as botas do ancestral era incompatível para representar, em um fôlego só, ele mesmo, um marinheiro capaz, um ator ambulante, um coveiro, um clérigo, e um personagem de extrema importância que assistia a uma luta de esgrima na corte, e que por seu olho experiente e seu discernimento isento, era autorizado a julgar os melhores golpes. Isso levou o público a perder

gradualmente a paciência com ele, e até mesmo – quando se descobriu que era ele o detentor das ordens sacras, e que se recusara a executar o serviço fúnebre – a uma indignação geral que tomou a forma de uma chuva de cascas de nozes. Finalmente, Ofélia era presa de uma loucura tão lenta e musical, que, quando chegou o momento em que ela tirava seu xale de musselina branca, dobrava-o e depois o enterrava, um homem mal-humorado, que há muito tempo vinha refrescando seu nariz impaciente contra uma barra de ferro na primeira fila da galeria, rosnou, “Agora que o bebê já foi dormir, vamos tomar a ceia!” O que, para dizer o mínimo, era totalmente fora de propósito.

Todos estes incidentes se acumularam de maneira jocosa sobre o meu infeliz conterrâneo. Sempre que o príncipe indeciso tinha que fazer uma pergunta ou esclarecer uma dúvida, o público o ajudava. Como por exemplo, na questão: se era mais nobre para o espírito sofrer, alguns gritaram “sim”, outros “não”, e outros, inclinados a ambas as opiniões, disseram, “Jogue cara ou coroa”; e a plateia se transformou em uma verdadeira assembleia de debates. Quando ele perguntou: porque camaradas como ele rastejavam entre o céu e a terra, encorajaram-no com gritos de “Escute! Escute!” Quando ele apareceu com as meias em desordem (desordem esta expressa, conforme o costume, por uma dobra perfeita na parte superior, que eu suponho que se obtenha com a ajuda de um ferro de passar), começou uma discussão na galeria a respeito da palidez de sua perna, e se ela fora causada pelo susto que o fantasma lhe dera. Quando ele pegou o flautim – muito parecido com uma pequena flauta preta que há pouco fora tocada pela orquestra, e tinha sido devolvida atrás do palco – foi unanimemente solicitado a ele que tocasse “Rule, Britannia![1]“. Quando ele recomendou ao executante que não torturasse o ar daquela maneira, o homem mal-humorado na plateia disse: “E você também não; você é muito pior do que ele!” E sinto acrescentar que em cada uma dessas ocasiões Mr. Wopsle era saudado com gargalhadas.

Mas suas maiores provações foram no cemitério, que tinha a aparência de uma floresta primitiva, com um tipo de pequena lavanderia eclesiástica de um lado, e um portão de pedágio do outro. Quando Mr. Wopsle, em uma enorme capa preta, foi visto entrando pelo portão, o coveiro foi avisado de modo amigável, “Olhe! Aí vem vindo o agente funerário para ver como vai indo o seu trabalho!” Acredito que seja bastante conhecido, em um país democrático, que Mr. Wopsle não poderia ter devolvido o crânio, depois de

moralizar em cima dele, sem tirar a poeira dos dedos em um guardanapo branco que ele puxou do peito; mas mesmo aquele ato, inocente e indispensável, não passou sem o comentário, “Aí, garçom!” A chegada do corpo para o enterro (em uma caixa preta vazia, com a tampa aberta e caída para fora), era o sinal para uma alegria generalizada, que cresceu ainda mais com a descoberta, entre os que carregavam o caixão, de um indivíduo sujeito a imediata identificação. A alegria seguiu Mr. Wopsle em sua luta com Laertes, entre a beira do poço da orquestra e a sepultura, e não diminuiu até que ele arrancasse o rei da mesa da cozinha e morresse aos poucos com os pés para cima.

Nós tínhamos feito no princípio alguns tímidos esforços para aplaudir Mr. Wopsle, mas eles eram muito solitários para que se pudesse persistir. Então ficamos sentados, sentindo muito por ele, mas rindo, porém, de orelha a orelha. Eu ri o tempo inteiro, contra a minha vontade, tão divertida era a coisa. Mesmo assim, eu tinha uma impressão latente de que havia algo decididamente belo na elocução de Mr. Wopsle – não para o bem dos seus antigos amigos, receio, mas porque era muito lenta, muito triste, subindo e descendo, e não se parecia de maneira nenhuma com o modo com que qualquer homem, em qualquer circunstância natural da vida ou da morte, já tenha se expressado sobre qualquer coisa. Quando a tragédia terminou, e depois que ele tinha sido chamado e vaiado, eu disse a Herbert, “Vamos embora de uma vez, senão corremos o risco de encontrá-lo.”

Descemos a toda pressa, mas mesmo assim não fomos bastante rápidos. Parado na porta estava uma espécie de judeu, com sobrancelhas espessas e antinaturais; ele me viu enquanto passávamos, e disse, quando chegamos perto dele:

“Mr. Pip e seu amigo?”

As identidades de Mr. Pip e de seu amigo foram confirmadas.

“Mr. Waldengarver”, disse o homem, “ficaria feliz de ter a honra.”

“Waldengarver?”, eu repeti, quando Herbert murmurou em meu ouvido, “É Wopsle, sem dúvida.”

“Oh!” disse eu. “Sim. Devemos segui-lo?”

“Só alguns passos, por favor.” Quando estávamos em uma aleia lateral, ele virou-se e perguntou, “O que achou da aparência dele? Fui eu que o vesti.”

Eu não sabia com o que ele se parecia, exceto com um agente

funerário, com o acréscimo de um grande sol ou estrela dinamarquesa pendurada em seu pescoço por uma fita azul, o que lhe dava o ar de ter sido segurado por alguma extraordinária companhia de seguros contra fogo. Mas eu disse que achara sua aparência muito agradável.

"Quando ele chegou à sepultura", disse o homem, "usou sua capa de modo brilhante. Mas, julgando pelo que vi dos bastidores, pareceu-me que quando ele foi ver o fantasma no apartamento da rainha, poderia ter tirado melhor partido de suas meias."

Assenti modestamente, e depois de passarmos por uma pequena porta de vaivém um tanto suja, caímos em um tipo de caixa de embalagem abafada logo atrás, onde Mr. Wopsle estava despindo suas vestimentas dinamarquesas; aqui só havia lugar para nos olharmos por cima dos ombros, mantendo aberta a porta, ou a tampa, da caixa.

"Cavalheiros", disse Mr. Wopsle, "estou orgulhoso de vê-los. Espero, Mr. Pip, que me desculpe por ter-lhe pedido que viesse. Eu tive a felicidade de conhecê-lo em tempos passados, e o drama sempre teve seu lugar, devidamente reconhecido, na estima dos nobres e influentes."

Enquanto isso, Mr. Waldengarver, transpirando de modo assustador, tentava desembaraçar-se do seu traje de luto principesco.

"Baixe as meias, Mr. Waldengarver", disse o dono da propriedade, "ou vai estragá-las. Se estragá-las, estará estragando trinta e cinco xelins. Shakespeare nunca foi honrado com um par de meias melhor. Fique quieto em sua cadeira, agora, e deixe que eu cuido disso."

Com isso, ele ajoelhou-se e começou a espoliar sua vítima, a qual, quando a primeira meia saiu, certamente teria caído para trás com sua cadeira, se houvesse algum lugar onde cair, não importa de que maneira.

Até então, eu não tinha tido coragem de dizer uma palavra sobre a peça. Mas então, Mr. Waldengarver olhou-nos de modo complacente e disse:

"Cavalheiros, o que lhes pareceu, visto assim de frente?"

Herbert disse atrás de mim (enquanto me cutucava), "Sensacional." Então eu disse, "Sensacional."

"O que acharam da minha leitura do personagem, cavalheiros?" disse Mr. Waldengarver, quase, se não totalmente, com um tom de patronato.

Herbert disse atrás de mim (me cutucando de novo), "Consistente e sólida." Então eu disse corajosamente, como se fosse criação minha, e como se tivesse que insistir nas palavras, "Consistente e sólida."

“Fico contente de ter sua aprovação, cavalheiros”, disse Mr. Waldengarver, com um ar de dignidade, apesar de ter caído contra a parede naquele momento, e de ter sido seguro pelo assento da cadeira.

“Mas vou dizer-lhe uma coisa, Mr. Waldengarver”, disse o homem ajoelhado, “na qual o senhor está errado em sua leitura. Preste atenção! Não me preocupo que alguém diga o contrário, mas o que eu digo é que o senhor está errado em sua leitura de Hamlet quando fica com as pernas de perfil. O último Hamlet que eu vesti, cometeu os mesmos erros em sua leitura durante o ensaio, até que eu consegui que ele pusesse um grande pão vermelho em cada uma das canelas. E naquele ensaio (que foi o último), eu fiquei de frente, senhor, na parte de trás da plateia, e sempre que sua leitura o levava a ficar de perfil, eu gritava “não vejo pão nenhum!” E à noite sua leitura foi encantadora.”

Mr. Waldengarver sorriu-me, como se dissesse, “um fiel servidor... não faço caso da sua loucura”; e então disse em voz alta, “Minha visão é um pouco clássica e abstrata demais para eles; mas eles melhorarão, eles melhorarão.”

Herbert e eu dissemos juntos, “Oh, sem dúvida eles melhorarão.”

“Os senhores observaram, cavalheiros”, disse Mr. Waldengarver, “que havia um homem na galeria que tentou levar ao ridículo o serviço... quero dizer, a representação?”

Nós respondemos com o maior descaramento que acreditávamos ter visto, talvez, alguma coisa parecida. E eu acrescentei, “Ele estava bêbado, sem dúvida.”

“Oh, não, senhor, de jeito nenhum”, disse Mr. Wopsle, “não estava bêbado. Seu patrão cuidaria disso, senhor. Ele não lhe permitiria beber.”

“O senhor conhece o patrão dele?” disse eu.

Mr. Wopsle fechou os olhos e os abriu novamente, executando ambos os movimentos com extrema lentidão. “Os senhores devem ter observado, cavalheiros”, disse ele, “um asno ignorante e descarado, com uma garganta rouca e uma expressão de baixa malignidade no rosto, que esteve fazendo... – não direi representando – o rôle (se me permitem usar uma expressão francesa) de Cláudio, rei da Dinamarca[2]. Esse é o patrão dele, cavalheiros. É essa a profissão!”

Sem saber exatamente se eu teria sentido ainda mais por Mr. Wopsle, caso ele tivesse entrado em desespero, senti pena dele mesmo assim, e

aproveitei o momento em que ele se virou para vestir os suspensórios – o que nos empurrou para fora da porta – para perguntar a Herbert o que ele achava de convidá-lo para cear. Herbert disse que achava que seria uma atitude amável. Eu o convidei, então, e ele foi conosco ao Hotel Barnard, embrulhado até os olhos. Fizemos o melhor possível por ele, e ele ficou sentado até duas horas da manhã, passando em revista o seu sucesso e nos contando seus planos. Esqueci quais eram esses planos em detalhes, mas tenho uma lembrança geral de que ele começou por ressuscitar o teatro, e terminou por aniquilá-lo, tanto mais que sua morte o deixaria em um abandono completo, sem qualquer chance ou esperança.

Finalmente, fui para cama, sentindo-me terrivelmente infeliz; com o mesmo espírito infeliz pensei em Estella, e sonhei que todas as minhas esperanças tinham sido canceladas, e que eu tinha que dar minha mão em casamento para a Clara do Herbert, ou interpretar Hamlet para o fantasma de Miss Havisham, diante de vinte mil pessoas, sem saber vinte palavras do texto.

[1] “Rule, Britannia!” é uma canção patriótica britânica, originada do poema “Rule, Britannia!”, escrita pelo poeta James Thomson (1700-1748) e musicada por Thomas Arne (1710-1778) em 1740.

[2] Cláudio, tio de Hamlet, personagem da peça “A Tragédia de Hamlet, Príncipe da Dinamarca”, de William Shakespeare.

CAPÍTULO XXXII

Certo dia, quando eu estava ocupado com meus livros e com Mr. Pocket, recebi uma carta pelo correio, cujo simples envelope lançou-me em um estado de grande agitação, pois, embora eu nunca tivesse visto a letra que o endereçara, adivinhei de que mão ela vinha. Não tinha nenhum cabeçalho, como "Caro Mr. Pip", ou "Caro Pip", ou "Caro Senhor", ou "Caro Qualquer Coisa", mas era assim:

Devo chegar a Londres depois de amanhã, pela diligência do meio-dia. Acredito que tenha ficado combinado que você me encontraria na estação. Em todo caso, Miss Havisham teve essa impressão, e eu escrevo em conformidade com isso. Ela lhe envia suas saudações.

Atenciosamente,

Estella

Se tivesse havido tempo, eu provavelmente teria encomendado vários trajes novos para a ocasião; mas como não havia, fui obrigado a me contentar com aqueles que eu tinha. Meu apetite desapareceu instantaneamente, e eu não soube o que era paz ou descanso até que chegasse o dia. Não que sua chegada me trouxesse um ou outro, pois então eu estava pior do que nunca, e comecei a rondar a estação da diligência em Wood Street, Cheapside, antes que o coche tivesse deixado o "Javali Azul" na nossa cidade. Por mais que eu soubesse disso muito bem, ainda assim não me parecia seguro deixar a estação fora das minhas vistas por um tempo maior do que cinco minutos de cada vez. Nesse estado de excitação, eu acabara de passar a primeira meia hora de uma vigília de quatro ou cinco horas, quando Wemmick correu para mim.

"Olá, Mr. Pip", disse ele; "como vai o senhor? Eu não teria imaginado que aqui fosse a sua jurisdição."

Expliquei que estava esperando para encontrar alguém que devia chegar pela diligência, e perguntei pelo castelo e pelo Velho.

"Ambos ótimos, obrigado", disse Wemmick, "particularmente o Velho. Ele está de excelente humor. Vai completar oitenta e dois anos no seu próximo aniversário. Estou pensando em disparar o canhão oitenta e duas vezes, se a vizinhança não reclamasse, e se o meu canhão suportasse tamanha

pressão. No entanto, esta não é uma conversa para Londres. Onde acha que eu estou indo?"

"Ao escritório?" disse eu, pois ele estava virado para aquela direção.

"Bem próximo dali", Wemmick respondeu, "estou indo para Newgate. Estamos trabalhando no caso do roubo de um banqueiro, neste momento. Estou descendo a rua para dar uma olhada na cena da ação, e vou aproveitar para dar uma ou duas palavrinhas com o nosso cliente."

"O seu cliente cometeu o roubo?" perguntei.

"Deus seja louvado, não!", Wemmick respondeu, de modo seco. "Mas ele foi acusado disso. Assim como o senhor ou eu poderíamos ser. Qualquer um de nós poderia ter sido acusado do roubo, o senhor sabe."

"Só que nenhum de nós foi", eu observei.

"Sim!" disse Wemmick, tocando-me no peito com seu dedo indicador; "o senhor é esperto, Mr. Pip! Gostaria de dar uma olhada em Newgate? Tem um tempinho de sobra?"

Eu tinha tanto tempo de sobra, que a proposta veio como um alívio, apesar de ser inconciliável com meu desejo secreto de manter o olho na estação da diligência. Murmurei que iria averiguar se eu tinha tempo para ir com ele. Entrei na estação e perguntei ao funcionário, com a maior precisão, e para sua grande contrariedade, o momento mais cedo em que a diligência poderia ser esperada – o que eu já sabia de antemão, tão bem quanto ele. Então fui de novo ao encontro de Mr. Wemmick, e, afetando consultar meu relógio, e ter sido surpreendido pela informação que recebera, aceitei sua oferta.

Chegamos a Newgate em poucos minutos, e nos dirigimos ao interior do cárcere, atravessando a guarita onde havia alguns ganchos pendurados nas paredes, junto ao regulamento da prisão. Naquele tempo, as prisões eram muito negligenciadas, e o período de reação exagerada, consequência de todos os erros públicos – que sempre é o castigo mais pesado e mais longo – ainda estava distante. Assim, os criminosos não recebiam uma hospedagem ou alimentação melhor que a dos soldados, (sem falar dos pobres), e raramente ateavam fogo nas prisões com o objetivo desculpável de melhorar o sabor da sua sopa. Era a hora da visita, quando Wemmick me fez entrar. Um homem circulava com a cerveja, e os prisioneiros, atrás das grades no pátio, estavam comprando cerveja e falando com os amigos. Era uma cena bastante confusa, feia, deprimente e suja.

Fiquei espantado de ver que Wemmick caminhava entre os prisioneiros como um jardineiro caminharia entre as suas plantas. Esta ideia me veio à mente ao vê-lo contemplar um broto novo que chegara durante a noite, dizendo, “Ora, capitão Tom! Então está aqui? Ah, realmente!”, e também, “Por acaso é o Black Bill atrás da cisterna? Ora, não o vejo há dois meses. Como está indo?” Da mesma forma, parava junto às grades, escutando os sussurros ansiosos dos prisioneiros, mas sempre falava com um de cada vez. Wemmick, com sua boca de caixa de correio, em perfeita imobilidade, olhava para eles enquanto falavam como se estivesse tomando nota com precisão dos avanços que eles tinham feito desde a sua última visita, até que saíssem para serem julgados.

Ele era muito popular, e eu descobri que ele se encarregava do lado familiar do negócio de Mr. Jaggers; embora pairasse sobre ele também algo da cerimônia de Mr. Jaggers, o que proibia uma aproximação além de certos limites. Ao reconhecer pessoalmente cada cliente sucessivo, ele fazia um aceno de cabeça, ajustava melhor o chapéu na cabeça com as duas mãos, depois apertava a boca de caixa de correio e terminava pondo as mãos nos bolsos. Em um ou dois casos houve um problema com relação ao aumento dos honorários. Mr. Wemmick, então, afastava-se o mais que podia do dinheiro oferecido em quantidade insuficiente, dizendo, “Não adianta, meu rapaz. Sou só um subordinado, não posso pegar isso. Não faça isso com um subordinado. Se você não pode completar a quantia, meu rapaz, é melhor procurar outro defensor; há muitos defensores na profissão, você sabe, e o que não vale a pena para um, pode valer a pena para outro; é isso que eu lhe recomendo, falando como um subordinado. Não tente medidas inúteis. De que serviria? Agora, de quem é a vez?”

Assim, caminhamos pela estufa de Wemmick, até que ele se virou para mim e disse, “Observe o homem em quem vou dar um aperto de mão.” Eu teria feito isso mesmo que ele não avisasse, pois ele ainda não tinha apertado a mão de ninguém.

Quase imediatamente após ele ter falado, um homem ereto e corpulento (a quem eu posso ver agora, enquanto escrevo) em um casaco verde-oliva gasto pelo uso, com uma palidez estranha cobrindo o tom avermelhado do rosto, e olhos que ficavam vagando ao redor quando ele tentava fixá-los, surgiu em um dos cantos da grade, e pôs sua mão no chapéu – que tinha uma superfície gordurosa e espessa como um caldo frio – fazendo

uma saudação militar, meio-séria, meio-jocosa.

"Coronel!" disse Wemmick. "Como vai, coronel?"

"Tudo certo, Mr. Wemmick."

"Fizemos tudo que podia ser feito, mas as provas contra nós eram fortes demais, coronel."

"Sim, eram muito fortes, senhor... mas eu não me importo."

"Não, não", disse Wemmick, friamente, "é claro que não se importa." Então, virando-se para mim: "Este homem serviu Sua Majestade. Era soldado na linha de frente, e conseguiu sua dispensa."

Eu disse, "É mesmo?", e os olhos do homem pousaram sobre mim, depois olharam por sobre a minha cabeça, depois olharam ao meu redor, e por fim ele passou as mãos sobre os lábios e riu.

"Acho que já não estarei aqui na segunda-feira, senhor", ele disse a Wemmick.

"Talvez", respondeu meu amigo, "mas não há como saber."

"Estou contente por ter tido a chance de lhe dizer adeus, Mr. Wemmick", disse o homem, estendendo a mão por entre as grades.

"Obrigado", disse Wemmick, apertando-lhe a mão. "O mesmo para o senhor, coronel."

"Se aquilo que eu tinha comigo quando fui preso fosse de verdade, Mr. Wemmick", disse o homem, pouco disposto a retirar a mão, "eu lhe teria pedido o favor de usar outro anel... como reconhecimento pelas suas atenções."

"Aceitarei sua intenção pelo feito", disse Wemmick. "A propósito, o senhor era um verdadeiro aficionado de pombos." O homem levantou os olhos para o céu. "Eu soube que o senhor tem uma notável criação de pombos-volteadores. Poderia encarregar algum amigo seu de me trazer um par, se não tiver mais serventia para o senhor?"

"Será feito, senhor."

"Certo", disse Wemmick, "eles serão bem cuidados. Boa tarde, coronel. Adeus!" Eles trocaram um novo aperto de mãos, e quando nos afastamos, Wemmick me disse, "Um moedeiro falso, excelente artesão. O relatório do registrador será feito hoje, e ele tem certeza de que será executado na segunda-feira. O senhor vê, um par de pombos tem o seu valor, e também é portável." Dito isso, ele olhou para trás, e fez um aceno de cabeça para a sua planta morta; depois olhou em volta enquanto saía do pátio, como

se estivesse pensando que outra planta ficaria melhor em seu lugar.

Ao sairmos da prisão pela guarita, descobri que a grande importância do meu tutor era tão bem apreciada pelos carcereiros, quanto por aqueles a quem eles mantinham sob custódia. “Bem, Mr. Wemmick”, disse o guarda-chaves, que nos manteve entre os dois portões guarnecidos de pregos e pontas de ferro, tendo o cuidado de fechar um antes de destrancar o outro, “o que Mr. Jaggers vai fazer com aquele assassino do outro lado da água? Vai alegar homicídio não premeditado, ou o quê?”

“Por que não pergunta a ele?”, respondeu Wemmick.

“Oh, sim, é mesmo!” disse o guarda-chaves.

“Veja, Mr. Pip, é esse o jeito das pessoas por aqui”, observou Wemmick, virando-se para mim, com sua caixa de correio estendida. “Eles não se importam de perguntar alguma coisa para mim, o subordinado; mas o senhor nunca vai pegá-los fazendo qualquer pergunta ao meu patrão.”

“Este jovem cavalheiro é um dos aprendizes ou contratados do seu escritório?”, perguntou o guarda-chaves, rindo do humor de Mr. Wemmick.

“Olhe só, aí vem ele de novo!”, exclamou Wemmick, “Eu lhe disse! Faz outra pergunta ao subordinado antes que a primeira tenha secado! Bem, e se Mr. Pip por acaso for um deles?”

“Ora, bem...”, disse o guarda-chaves, rindo de novo, “então ele sabe como Mr. Jaggers é.”

“Sim!”, exclamou Wemmick, batendo de repente no guarda-chaves de modo jocoso, “você é tão mudo quanto as suas chaves, quando tem que lidar com meu patrão, você sabe disso. Deixe-nos sair, sua raposa velha, ou vou fazer com que ele entre com uma ação contra você por prisão ilegal.”

O guarda-chaves riu e desejou-nos bom dia; depois ficou parado rindo de nós por cima dos pregos da portinhola, quando descemos para a rua.

“Preste atenção, Mr. Pip”, disse Wemmick seriamente em meu ouvido, pegando meu braço para se mostrar mais sigiloso; “Não sei se o trabalho que Mr. Jaggers faz é maior do que a altura em que ele se coloca. Ele está sempre em um patamar tão elevado, que seu orgulho constante faz parte das suas imensas habilidades. Aquele coronel não ousaria se despedir dele, da mesma forma que aquele guarda-chaves não lhe perguntaria quais eram suas intenções a respeito de um caso. Então, entre seu orgulho e eles, ele introduz seu subordinado. Não está vendo? Assim ele os controla, corpo e alma.”

Eu estava muito impressionado, e não pela primeira vez, com a

sutileza do meu tutor. Para falar a verdade, desejei de todo coração, e não pela primeira vez, que eu tivesse algum outro tutor com habilidades menores.

Mr. Wemmick e eu nos separamos no escritório da Pequena Inglaterra, onde os clientes de Mr. Jaggers estavam como sempre vagando ao redor, e eu voltei para a minha vigília na rua da estação da diligência, tendo ainda umas três horas disponíveis. Passei o tempo inteiro pensando em como era estranho que eu acabasse cercado por toda essa atmosfera de prisão e de crime; que, em uma noite de inverno, na minha infância nos pântanos solitários, eu tivera meu primeiro contato com o crime; que o crime reaparecera em minha vida em duas ocasiões, como uma mancha apagada mas não removida; e que, desta nova maneira, ele deveria impregnar minha fortuna e meu progresso na vida. Enquanto minha mente estava ocupada com isso, pensei na jovem e linda Estella, orgulhosa e refinada, vindo ao meu encontro, e pensei com enorme aversão no contraste entre ela e a prisão. Desejei que Wemmick não tivesse me encontrado, ou que eu não tivesse cedido e ido com ele até lá, para que, justo nesse dia entre todos os outros, eu não tivesse a prisão de Newgate impregnada em meu hálito e minhas roupas. Bati o pó da prisão dos meus pés andando de um lado a outro, sacudi-o das minhas roupas e exalei-o dos meus pulmões. Sentia-me tão contaminado ao recordar a pessoa que estava vindo, que o coche me pareceu ter chegado muito rápido, afinal; eu ainda não estava livre da mácula na consciência provocada pela estufa de Mr. Wemmick, quando vi o rosto de Estella na janela da diligência, e sua mão acenando para mim.

O que era aquela sombra sem nome que passava novamente naquele instante?

CAPÍTULO XXXIII

No seu traje de viagem forrado de pele, Estella parecia mais delicadamente bela do que jamais parecera, mesmo aos meus olhos. Suas maneiras eram mais cativantes do que ela tinha permitido que fossem para comigo até então, e pensei ver a influência de Miss Havisham nessa mudança.

Ficamos no pátio do hotel enquanto ela me indicava suas bagagens, e depois de recolhermos todas, lembrei-me – tendo esquecido de tudo menos dela, durante esse tempo – de que eu não sabia para onde ela estava indo.

"Eu vou para Richmond", ela me disse. "Nós aprendemos que existem duas Richmond, uma em Surrey e outra em Yorkshire, e a minha é a de Surrey. Fica a dez milhas de distância. Devo pegar uma carruagem, e você deve levar-me. Esta é a minha bolsa, e você deve pagar as minhas despesas. Oh, você precisa pegar a bolsa! Não temos outra escolha, você e eu, senão obedecer às nossas ordens. Não somos livres para seguir nossos próprios planos, nem você nem eu."

Como ela olhou para mim ao me entregar a bolsa, achei que havia um sentido oculto nas suas palavras. Ela falou com certo desprazer, mas não com desgosto.

"É preciso mandar buscar uma carruagem, Estella. Gostaria de descansar um pouco aqui?"

"Sim, devo descansar um pouco aqui e devo tomar um chá, e você deve cuidar de mim durante esse tempo."

Ela colocou seu braço no meu, como se tivesse ordens para fazê-lo, e eu pedi ao garçom que estivera olhando para a diligência como se nunca tivesse visto tal coisa em sua vida, que nos conduzisse a uma sala privativa. Diante disso, ele puxou um guardanapo, como se fosse um fio mágico sem o qual não conseguiria encontrar seu caminho escada acima, e nos conduziu ao buraco mais negro do estabelecimento, mobiliado com um espelho diminuto (um artigo totalmente supérfluo, considerando as proporções do buraco), um galheteiro para anchovas, e os tamancos de alguém. Como protestei contra um lugar tão retirado, ele nos levou para outra sala, com uma mesa de jantar para trinta pessoas e, na grelha da lareira, uma folha chamuscada de um livro de cópia, sob um alqueire de pó de carvão. Depois de olhar para aquela conflagração já extinta e balançar a cabeça, ele anotou o meu pedido; quando

o pedido revelou-se apenas, “Chá para a senhora”, ele saiu da sala em um estado de espírito abatidíssimo.

Eu estava, e estou, ciente de que o ar deste cômodo, com sua forte combinação de cheiro de estábulo e cheiro de sopa, poderia ter levado alguém a supor que o departamento de transportes não estava indo muito bem, e que o ousado proprietário estava cozinhando os cavalos para prover o departamento de víveres. Mesmo assim, esta sala era tudo para mim, pois Estella estava ali. Pensei que com ela eu poderia ser feliz ali para o resto da vida. (Observe-se que eu não estava feliz naquele momento, e sabia muito bem disso).

“Para onde está indo, em Richmond?” perguntei a Estella.

“Eu vou viver”, disse ela, “a um alto custo, com uma senhora de lá, que tem o poder – ou diz ela que tem – de me levar a todos os lugares, e de me apresentar às pessoas e apresentar as pessoas a mim.”

“Suponho que ficará contente com a mudança e com a admiração que despertará.”

“Sim, suponho que sim.”

Ela respondeu de modo tão desinteressado, que eu disse, “Você fala de si mesma como se fosse outra pessoa.”

“Onde você aprendeu de que maneira eu falo dos outros? Vamos, vamos”, disse Estella, sorrindo de modo encantador, “você não deve esperar que eu vá para a mesma escola sua; eu falo à minha maneira. Como está indo com Mr. Pocket?”

“Levo uma vida bem agradável lá; pelo menos...” Tive a impressão de que estava perdendo uma oportunidade.

“Pelo menos...?” repetiu Estella.

“Tão agradável quanto em qualquer outro lugar, longe de você.”

“Menino bobo”, disse Estella, com muita calma, “como pode dizer uma tolice dessas? Seu amigo Mr. Matthew, eu creio, é superior ao resto da sua família?”

“Muito superior, de fato. Ele não é inimigo de ninguém...”.

“Não acrescente nada que ele não tenha”, interpôs Estella, “pois odeio esse tipo de gente. Mas ele realmente é desinteressado, e superior aos pequenos ciúmes e intrigas, como ouvi dizer?”

“Estou certo de que tenho todas as razões para afirmar isso.”

“Mas não tem todas as razões para afirmar isso sobre o resto da sua

família", disse Estella, concordando com um aceno de cabeça, com uma expressão que era ao mesmo tempo séria e divertida, "pois eles importunam Miss Havisham com relatórios e insinuações contra você. Eles o observam, deturpam tudo o que faz, escrevem cartas sobre você (anônimas, às vezes), e você é o tormento e a ocupação das suas vidas. Você mal pode imaginar o ódio que essas pessoas sentem por você."

"Mas não me causaram nenhum prejuízo, espero?"

Em vez de responder, Estella caiu na gargalhada. Aquilo era algo muito singular para mim, e olhei para ela em grande perplexidade. Quando ela parou – e não fora um sorrisinho, mas um riso de verdadeira alegria – eu disse, no modo desconfiado que usava com ela:

"Espero que possa supor que você não teria se divertido tanto, se eles tivessem me feito algum mal."

"Não, não, pode estar certo disso", disse Estella. "Pode estar certo de que eu ri porque eles falharam. Oh, essas pessoas, e as torturas que elas sofrem com Miss Havisham!" Ela riu de novo, e mesmo tendo me contado o motivo, sua risada ainda era muito estranha para mim, pois eu não podia duvidar de que era autêntica, e mesmo assim me parecia excessiva para o momento. Pensei que realmente devia haver algo mais aqui do que eu sabia. Estella entendeu meu pensamento, e respondeu-o.

"Não é fácil, nem mesmo para você", disse Estella, "compreender a satisfação que me dá ver essas pessoas contrariadas, ou o sentimento agradável que me vem quando elas são expostas ao ridículo. Você não foi criado naquela casa estranha desde que era apenas um bebê. Eu fui. Não teve seu pouco espírito aguçado pelas suas intrigas contra você, oprimido e indefeso, sob a máscara da simpatia e da piedade, sem descanso. Eu tive. Você não teve seus pequenos olhos infantis gradualmente abertos, para descobrir uma impostora de uma mulher que calcula seus períodos de paz de espírito para quando acorda à noite. Eu sim."

Agora não era mais questão de rir, para Estella, nem ela estava buscando essas lembranças em algum lugar pouco profundo. Eu não queria ser a causa daquele seu olhar, nem por todas as minhas esperanças.

"Posso lhe dizer duas coisas", disse Estella. "Primeiro, apesar do provérbio que diz: água mole em pedra dura tanto bate até que fura, você pode ficar tranquilo que essas pessoas nunca poderão – nem em cem anos – prejudicar seu conceito com Miss Havisham em qualquer coisa, por menor

que seja. Segundo, devo a você que eles tenham estado tão ocupados sendo tão maldosos sem nenhum resultado, e por isso eu lhe estendo a mão."

Como ela me estendeu a mão alegremente, pois seu ar sombrio fora apenas momentâneo, eu a peguei e levei-a aos lábios. "Seu menino ridículo", disse Estella, "você não toma jeito? Ou beija minha mão com o mesmo espírito com que eu uma vez o deixei beijar meu rosto?"

"Que espírito era esse?" disse eu.

"Tenho que pensar um momento. Um espírito de desprezo pelos bajuladores e intrigantes."

"Se eu disser que sim, posso beijar o rosto novamente?"

"Deveria ter perguntado antes de tocar na mão. Mas, sim, se quiser."

Inclinei-me, e seu rosto era calmo como o de uma estátua. "Agora", disse Estella, escapando no momento em que toquei seu rosto, "deve cuidar para que eu tome um chá, e deve levar-me para Richmond."

Sua volta a esse tom, como se nosso relacionamento nos estivesse sendo imposto, e fôssemos simples marionetes, causou-me dor; mas tudo em nosso relacionamento me causava dor. Qualquer que pudesse ser o seu tom para comigo, eu não poderia depositar nenhuma confiança, nem construir qualquer esperança sobre ele; e mesmo assim eu prossegui, contra toda confiança e contra toda esperança. Por que repetir mil vezes? Sempre fora assim.

Toquei a campainha para o chá, e o garçom, reaparecendo com o seu fio mágico, foi trazendo aos poucos cerca de cinquenta acessórios para aquela bebida, mas do chá em si, nem notícia. Uma bandeja de chá, xícaras e pires, pratos, garfos e facas (inclusive facas de trinchar), colheres (várias), saleiros, um pequeno muffin macio confinado com extremo cuidado sob uma forte tampa de ferro, Moisés escondido entre os juncos, representado por um pedaço de manteiga macio em uma enorme quantidade de salsa, um pão doce pálido com a cabeça pulverizada de açúcar, duas provas das barras da grelha da cozinha impressas sobre pedaços triangulares de pão, e por fim, uma gorda urna familiar, que o garçom trouxe para dentro cambaleando, com uma expressão de exaustão e sofrimento no rosto. Depois de uma ausência prolongada nesta fase da diversão, ele afinal voltou com uma cestinha de aparência delicada, contendo pequenos raminhos. Eu os mergulhei em água quente, e assim, de todos aqueles dispositivos, consegui extrair uma xícara de não-sei-o-quê para Estella.

Depois da conta paga, e de ter deixado uma lembrança para o garçom, sem esquecer do cavalariço, e levando em conta a camareira – em resumo, depois de subornada a casa inteira para receber de volta desprezo e animosidade, e da bolsa de Estella estar consideravelmente mais leve – entramos no nosso coche e partimos. Dobrando em Cheapside, e subindo a rua de Newgate, logo estávamos passando pelos muros dos quais eu sentia tanta vergonha.

"Que lugar é este?" Estella me perguntou.

Primeiro fingi de modo tolo que não conhecia o lugar, e depois lhe contei. Ela olhou pela janela, e então voltou a cabeça para dentro de novo, murmurando, "Miseráveis!" Diante disso, eu não teria confessado a minha visita a Newgate por nada deste mundo.

"Mr. Jaggers", eu disse, como forma de colocar aquilo nitidamente nos ombros de algum outro, "tem a reputação de conhecer melhor do que qualquer homem em Londres os segredos desse lugar sombrio."

"Ele conhece os segredos de todos os lugares, eu creio", disse Estella, em voz baixa.

"Você se acostumou a vê-lo com frequência, suponho?"

"Eu me acostumei a vê-lo a intervalos irregulares, desde que posso me lembrar. Mas não o conheço melhor agora do que o conhecia antes de poder falar. Qual é a sua própria experiência para com ele? Conseguiu algum progresso?"

"Uma vez acostumado à sua maneira desconfiada", eu disse, "eu me saí muito bem."

"Vocês são íntimos?"

"Jantei com ele em sua residência particular".

"Imagino", disse Estella, estremecendo, "que deve ser um lugar curioso."

"Sim, é um lugar curioso."

Eu deveria ter tido o cuidado de não falar sobre o meu tutor com tanta liberdade mesmo com ela; mas teria continuado com o assunto a ponto de descrever o jantar em Gerrard Street, se não tivéssemos chegado de repente diante da luz de um bico de gás. Parecia, enquanto durou esse momento, que tudo estava vivo e iluminado, mais vivo ainda com aquele sentimento inexplicável que eu tinha experimentado antes; e depois que havíamos passado, fiquei por alguns momentos totalmente ofuscado, como se ainda

estivesse sob a luz.

Assim, passamos a conversar sobre outros assuntos, principalmente sobre a rota que seguíamos agora, e sobre o que havia de interessante naquela parte de Londres. A cidade grande lhe era quase desconhecida, ela me disse, pois nunca tinha deixado os arredores da casa de Miss Havisham até que fora para a França, e desde então só tinha passado por Londres no caminho de ida ou de volta. Perguntei-lhe se meu tutor tinha se encarregado dela alguma vez enquanto esteve aqui. A isso, ela respondeu enfaticamente, “Deus me livre!” E nada mais.

Eu não podia deixar de perceber que ela se preocupava em me atrair, e que se mostrava muito sedutora, com a certeza de que teria me conquistado mesmo que a tarefa fosse difícil. Mas isso não me tornou mais feliz. Apesar de ela ter assumido aquele tom, como se estivéssemos agindo sob as ordens de outros, eu sentia que ela tomava meu coração em suas mãos por sua própria escolha, para esmagá-lo e jogá-lo fora, e não porque eu tivesse despertado qualquer ternura que ela pudesse ter dentro de si.

Quando atravessarmos Hammersmith, eu mostrei-lhe onde Mr. Matthew Pocket morava, e disse que não ficava muito longe de Richmond, e que esperava vê-la algumas vezes.

“Oh, sim, você me verá; deve vir quando julgar conveniente. Seu nome será mencionado para a família. Na verdade, já foi mencionado.”

Perguntei se a família da qual ela iria fazer parte era muito grande.

“Não, são só duas pessoas, mãe e filha. A mãe é uma senhora de certa posição, embora não seja avessa a aumentar sua renda.”

“Espanta-me que Miss Havisham possa ter se separado novamente de você assim tão cedo.”

“É parte dos planos de Miss Havisham para mim, Pip”, disse Estella, com um suspiro, como se estivesse cansada; “Tenho que escrever-lhe seguidamente, e vê-la com regularidade, e contar como vou indo – eu e as joias – pois elas são quase todas minhas, agora.”

Era a primeira vez na vida que ela me chamava pelo nome. É claro que ela o fez de propósito, e sabia que aquilo me agradaria muitíssimo.

Chegamos a Richmond bem depressa, e nosso destino era uma casa cercada de verde – uma casa antiga e tranquila, onde os cestos, o pó, os retalhos, os casacos bordados, as meias dobradas, os punhos franzidos e as espadas, tinham tido seus dias de glória, havia muito tempo. Algumas árvores

antigas na frente da casa ainda eram cortadas em formas simétricas e antinaturais, como cestos, perucas e saias duras; mas seus próprios lugares na grande procissão dos mortos já haviam sido designados e não estavam longe, e logo elas deveriam ocupá-los e seguir o caminho silencioso que levava ao repouso eterno.

Um sino com timbre antigo – que, ouso dizer, havia dito muitas vezes no seu tempo para a casa: aqui estão as anquinhas verdes, aqui está a espada de punho de diamante, aqui estão os sapatos com saltos vermelhos e o solitário azul – soou gravemente ao luar, e duas empregadas cor de cereja vieram esvoaçando para receber Estella. Seus baús não tardaram a desaparecer sob a porta de entrada; ela me estendeu a mão com um sorriso e disse boa noite, depois desapareceu também. Fiquei parado olhando para a casa, e pensando em como seria feliz se vivesse ali com ela, sabendo que nunca fora feliz com ela, mas sempre miserável.

Entrei no coche para voltar a Hammersmith; subi com o coração dolorido, e desci com o coração mais dolorido ainda. Na porta de casa, encontrei a pequena Jane Pocket voltando de uma festinha, escoltada pelo seu pequeno amado. Tive inveja do seu pequeno amado, apesar de ele estar sujeito ao controle de Flopson.

Mr. Pocket estava fora em uma palestra. Ele fazia palestras encantadoras sobre economia doméstica, e seus tratados sobre administração de crianças e criados eram considerados os melhores livros escritos sobre o assunto. Mas Mrs. Pocket estava em casa, e enfrentava certa dificuldade, pois o bebê tido sido acomodado com um estojo de agulhas, para mantê-lo quieto durante a saída irresponsável de Miller com um de seus parentes, que era soldado da infantaria. E faltavam mais agulhas do que poderia ser considerado saudável para um paciente de idade tão tenra, seja para aplicar externamente ou para ingerir como um tônico.

Uma vez que Mr. Pocket era justamente célebre por dar excelentes conselhos práticos, e por ter uma percepção clara e sadia das coisas, além de uma mente altamente judiciosa, tive a ideia, sentindo meu coração dolorido, de pedir-lhe que recebesse as minhas confidências. Mas ao olhar para Mrs. Pocket, sentada tranquilamente lendo seu livro sobre títulos e coisas afins, depois de prescrever “cama” como um remédio soberano para o bebê, pensei comigo que seria melhor abster-me de fazê-lo.

CAPÍTULO XXXIV

Como eu crescera acostumado às minhas esperanças, comecei sem me dar conta a notar o seu efeito sobre mim mesmo e os que me cercavam. Eu fingia não reconhecer a sua influência sobre o meu caráter tanto quanto possível, mas sabia muito bem que não era totalmente positiva. Eu vivia em um estado de desconforto crônico a respeito do meu comportamento para com Joe. Minha consciência não estava de modo algum tranquila quanto a Biddy. Quando eu acordava à noite – como Camilla – costumava pensar, com o espírito cansado, que eu teria sido muito mais feliz e viveria muito melhor se nunca tivesse visto o rosto de Miss Havisham, e se tivesse me tornado adulto como sócio de Joe na nossa antiga e honesta ferraria. Mais de uma vez à noite, quando me sentava sozinho olhando para o fogo, pensei que, afinal, não havia nenhum fogo como o fogo da forja e o fogo da cozinha de casa.

Ainda assim, Estella era tão inseparável de toda minha insônia e inquietação de espírito, que eu realmente fiquei confuso quanto à parcela que realmente me cabia na produção desse estado mental. Quero dizer, supondo que eu não tivesse tido nenhuma esperança, e tivesse apenas Estella em que pensar, não pude convencer a mim mesmo de que estaria em um estado muito melhor. Quanto à influência da minha posição sobre os outros, eu não encontrava dificuldade alguma, e assim percebi – embora de modo muito vago, talvez – que essa influência não era útil para ninguém, e, acima de tudo, não era útil para Herbert. Meus hábitos pródigos levaram sua natureza sociável a despesas que ele não podia suportar, corromperam a simplicidade de sua vida, e perturbaram sua paz com ansiedades e pesares. Eu não estava de modo algum arrependido por ter levado sem saber os outros ramos da família Pocket às pobres artes que eles praticavam; pois essas mesquinharias eram sua propensão natural, e teriam sido evocados por qualquer outra pessoa, se eu as tivesse deixado adormecidas. Mas Herbert era um caso muito diferente, e eu muitas vezes sentia uma pontada de dor ao pensar que tinha lhe prestado um péssimo serviço, abarrotando seu apartamento parcamente mobiliado com trabalhos de tapeçaria inúteis e caros, e por ter colocado à sua disposição o Vingador, com seu peitilho amarelo-canário.

De sorte que, como um modo infalível de transformar nossos pequenos confortos em grandes confortos, comecei a contrair uma grande quantidade de dívidas. Eu mal poderia começar sem que Herbert começasse

também, assim, ele logo seguiu meu exemplo. Por sugestão de Startop, nós nos candidatamos a fazer parte de um clube chamado “Os Tentilhões do Bosque”, instituição cujo objetivo jamais consegui adivinhar, a não ser que os sócios deveriam jantar de maneira dispendiosa uma vez a cada quinzena, brigar entre si tanto quanto possível depois do jantar, e fazer seis garçons se embebedarem nas escadarias. Só sei que esses agradáveis fins sociais se realizavam de modo tão invariável, que Herbert e eu entendemos que não havia nada mais a referir no primeiro brinde da sociedade, do que a seguinte frase: “Cavalheiros, que a presente promoção de bons sentimentos possa sempre reinar entre os ‘Tentilhões do Bosque.’”

Os “Tentilhões” gastavam seu dinheiro tolamente (o hotel em que jantávamos ficava em Covent Garden), e o primeiro Tentilhão que eu vi quando tive a honra de me juntar ao Bosque foi Bentley Drummle, que naquela época flanava pela cidade em seu próprio coche, causando grandes danos aos postes das esquinas. Ocasionalmente, ele se lançava sem querer para fora da sua equipagem por sobre o console; e eu o vi, certa vez, chegar à porta do Bosque dessa maneira não intencional – como carvão de pedra. Mas aqui estou me antecipando um pouco, pois eu não era ainda um Tentilhão, e nem poderia ser, de acordo com as sagradas leis da sociedade, até que fosse maior de idade.

Na minha confiança em meus próprios recursos, eu teria de boa vontade tomado ao meu encargo as despesas de Herbert; mas Herbert era orgulhoso, e eu não podia fazer-lhe tal proposta. Assim ele se meteu em dificuldades por todos os lados, enquanto continuava procurando à sua volta. Quando nós aos poucos passamos a ficar acordados até tarde fazendo companhia um ao outro, notei que ele procurava à sua volta com um olhar desesperado no café da manhã; que começava a procurar à sua volta com um pouco mais de esperança ao meio-dia; que se deixava abater de novo na hora do jantar; que parecia enxergar o capital ao longe, com muita clareza, após o jantar; que ele conseguia realizar todo o capital perto da meia-noite, e que em torno das duas horas da manhã ficava tão desesperado de novo, que começava a falar em comprar um rifle e ir para a América, com o firme propósito de obrigar os búfalos a fazerem sua fortuna.

Eu normalmente ficava em Hammersmith durante metade da semana, e quando estava em Hammersmith, passava o tempo vagando por Richmond. Herbert vinha com frequência a Hammersmith quando eu estava lá, e acho

que nessas ocasiões seu pai percebia vagamente que a oportunidade que ele estava procurando ainda não surgira. Mas na propensão geral à queda, atributo da família, considerava-se que ele de algum modo acabaria por cair sobre alguma coisa. Nesse meio tempo, Mr. Pocket ficou mais grisalho, e tentou com mais frequência levantar-se pelos cabelos, para escapar às suas perplexidades. Mrs. Pocket, enquanto isso, passava uma rasteira em toda família com seu banquinho para os pés, lia seu livro de títulos, perdia seu lenço, falava-nos do seu avô, e ensinava o bebê a se conduzir, mandando conduzi-lo para a cama sempre que ele atraía sua atenção.

Como estou agora resumindo todo um período da minha vida com o objetivo de clarear o caminho diante de mim, não poderia fazer melhor do que completar a descrição dos nossos modos e costumes habituais na Hospedaria Barnard.

Gastávamos tanto dinheiro quanto podíamos, e conseguíamos tão pouco por ele quanto as pessoas punham na cabeça de nos dar. Éramos sempre mais ou menos infelizes, e a maioria dos nossos conhecidos estava na mesma condição. Uma alegre ficção nos levava a crer que estávamos sempre nos divertindo, e uma verdade sombria nos fazia ver que jamais o fazíamos. Eu tinha a profunda convicção de que o nosso caso, neste último aspecto, era bastante comum.

Todas as manhãs, com um ar sempre renovado, Herbert ia para a City procurar à sua volta. Eu muitas vezes lhe fazia uma visita na escura sala dos fundos, na qual ele vivia com um tinteiro, um gancho para chapéu, uma caixa de carvão, uma caixa de barbante, um almanaque, uma escrivaninha com um banquinho, e uma régua; e não me lembro de jamais tê-lo visto fazer qualquer outra coisa além de procurar à sua volta. Se todos nós fizéssemos o que nos comprometemos a fazer com tanta fidelidade quanto Herbert, viveríamos em uma República das Virtudes. Ele não tinha nada mais para fazer, pobre amigo, exceto “ir ao Lloyd’s[1]“ em certa hora todas as tardes... em uma cerimônia para ver seu patrão, eu acho. Ele nunca fez qualquer outra coisa relacionada ao Lloyd’s, que eu soubesse, exceto voltar. Quando ele sentia que seu caso era muito sério, e que tinha que encontrar uma saída, ele ia para a Bolsa na hora do pique, e entrava e saía, executando um tipo de dança folclórica sombria entre os magnatas reunidos ali. “Pois”, me dizia Herbert, ao vir para casa jantar em uma dessas ocasiões especiais, “eu acho que a verdade, Handel, é que uma oportunidade não aparece para uma pessoa, mas

que a pessoa tem que ir buscá-la – então eu fui.”

Se fôssemos menos afeiçoados um ao outro, acho que teríamos nos odiado regularmente todas as manhãs. Eu detestava o apartamento além de qualquer expressão, nesses períodos de arrependimento, e não podia suportar a visão da libré do Vingador, que tinha uma aparência mais cara e menos remuneratória do que em qualquer outro momento do dia. Como fazíamos cada vez mais dívidas, o café da manhã tomava uma forma cada vez mais vazia, e em uma dessas ocasiões, tendo sido ameaçado (por carta) com um processo legal, “não totalmente desvinculado do ramo da joalheria”, como diria o papel que eu tinha em mãos, cheguei ao ponto de agarrar o Vingador pelo seu colarinho azul e arrancá-lo do chão, de forma que ele ficou suspenso no ar como um Cupido de botas, por ter a presunção de supor que queríamos um pãozinho.

Certos dias – ou melhor, em dias incertos, pois dependiam do nosso humor – eu dizia para Herbert, como se fosse uma descoberta notável.

“Meu querido Herbert, estamos indo muito mal.”

“Meu querido Handel”, Herbert me dizia, com toda sinceridade, “você não acreditaria, mas essas mesmas palavras estavam nos meus lábios, por uma estranha coincidência.”

“Então, Herbert”, eu respondia, “vamos cuidar dos nossos negócios.”

Nós sempre sentíamos profunda satisfação em marcar um horário para esse propósito. Eu sempre acreditei que isso era fazer negócios, que era o modo de enfrentar a coisa, que era o modo de pegar o inimigo pela garganta. E sei que Herbert também pensava assim.

Encomendamos algo bastante especial para o jantar, com uma garrafa de algo igualmente fora do comum, a fim de fortalecer nossas mentes para a ocasião, de modo que pudéssemos examinar as coisas com a devida precisão. Terminado o jantar, pegamos um pacote de plumas, uma provisão abundante de tinta, e uma quantidade considerável de papel branco e pardo, pois havia algo muito confortável em ter bastante material de escrita.

Peguei então uma folha de papel, e escrevi no alto, em uma letra bonita, o título: “Relação das dívidas de Pip”, e acrescentei cuidadosamente “Hospedaria Barnard” e a data. Herbert também pegou uma folha de papel e escreveu, observando as mesmas formalidades: “Relação das dívidas de Herbert.”

Cada um de nós recorreu então a um monte confuso de papéis

colocado ao seu lado, que tinham sido atirados nas gavetas, gastos até rasgar dentro dos bolsos, meio queimados para acender as velas, presos no espelho durante semanas, ou danificados de outras formas. O som das nossas penas sobre o papel nos acalmou consideravelmente, a tal ponto que eu às vezes achava difícil distinguir entre esse edificante procedimento de negócios e o pagamento real em dinheiro. No que tange ao seu caráter meritório, as duas coisas me pareciam quase iguais.

Depois que tínhamos escrito por algum tempo, perguntei a Herbert quanto era o total. Herbert provavelmente estava quebrando a cabeça de modo deplorável, à vista daquelas cifras se acumulando.

"Elas estão aumentando, Handel", disse Herbert; "por minha vida, estão aumentando."

"Seja firme, Herbert", eu respondi, manejando minha própria caneta com grande persistência. "Olhe a coisa de frente. Olhe para os seus negócios. Encare-os no rosto."

"É o que estou fazendo, Handel, só que são eles que estão me encarando."

No entanto, meu modo determinado teve o seu efeito, e Herbert voltou a se concentrar no trabalho. Depois de algum tempo, ele desistiu mais uma vez, sob o argumento de que não tinha a conta do Cobb's, ou Lobbs's ou Nobbs', fosse lá o que fosse.

"Então, Herbert, faça uma estimativa; calcule em números redondos e coloque aí."

"Você é um sujeito de muitos recursos, Handel!" respondeu meu amigo, com admiração. "Realmente, sua aptidão para os negócios é fantástica."

Eu também pensava assim. Nessas ocasiões, eu mesmo me convencia de que tinha a reputação de um homem de negócios de primeira categoria: rápido, decidido, enérgico, preciso, de sangue frio. Depois de colocar todas as minhas dívidas na lista, conferi cada uma com a respectiva conta, fazendo uma marca ao lado. Eu experimentava uma verdadeira sensação de prazer, ao ticar cada lançamento. Quando não tinha nada mais para conferir, dobrei todas as minhas contas de maneira uniforme, numerei cada uma no verso e amarrei-as em um pacote simétrico. Então fiz o mesmo com as contas de Herbert, que admitiu com modéstia que não possuía o meu gênio administrativo, e sentiu que eu havia colocado alguma ordem em seus

negócios.

Meus hábitos de negócios tinham outra característica brilhante que eu chamava de “deixar uma margem.” Por exemplo: supondo que as dívidas de Herbert fossem de cento e sessenta e quatro libras, quatro xelins e dois pence, eu diria, “Deixe uma margem, e coloque duzentas libras.” Ou, supondo que as minhas próprias dívidas fossem quatro vezes mais, eu deixaria uma margem e as colocaria como setecentas libras. Eu tinha a mais alta opinião sobre a sabedoria dessa margem, mas devo reconhecer, olhando para trás, que era um dispositivo caro, pois nós sempre acabávamos contraindo de imediato novas dívidas para completar a margem; e às vezes, dado o sentido de liberdade e solvência que ela transmitia, íamos bem mais longe, entrando em uma nova margem.

Depois desse exame dos nossos negócios, havia sempre uma calma, um descanso, um silêncio virtuoso, que me proporcionava no momento uma opinião admirável sobre mim mesmo. Acalmado pelos meus esforços, pelo meu método e pelos elogios de Herbert, eu me sentava com os nossos dois pacotes simétricos sobre a mesa à minha frente, entre os acessórios de escrita, e sentia-me como se fosse algum tipo de banco, em vez de uma pessoa física.

Nessas ocasiões solenes, fechávamos a porta de entrada, para que não fôssemos interrompidos. Certa noite, eu havia acabado de entrar nesse estado de serenidade, quando ouvimos uma carta deslizar pela fresta da referida porta, e cair no chão. “É para você, Handel”, disse Herbert, que saíra e voltava com a carta, “espero que não seja nenhuma notícia ruim.” Ele fazia alusão ao pesado selo negro, e à borda também negra do envelope.

A carta era assinada por Trabb & Cia.; dizia simplesmente que eu era um prezado senhor, e que eles cumpriam o doloroso dever de me informar que Mrs. J. Gargery havia partido desta vida na última segunda-feira às seis horas e vinte minutos da tarde, e que minha presença era requerida no enterro, que teria lugar na próxima segunda-feira às três horas da tarde.

[1] O “Lloyd’s”, fundado em 1688, é um mercado de seguro e resseguro britânico que funciona como um local de encontro em que vários apostadores financeiros, denominados members, que podem ser indivíduos ou corporações, juntam-se para contribuir para um fundo comum e para propagar cálculo de risco. É conhecida pela sua capacidade e disposição em fornecer tipos incomuns de coberturas de seguros.

CAPÍTULO XXXV

Era a primeira vez que uma sepultura se abria na estrada da minha vida, e a brecha que ela abriu nesse terreno liso foi extraordinária. A figura de minha irmã em sua cadeira, junto ao fogo da cozinha, me perseguia dia e noite. Que aquele lugar pudesse existir sem ela, era algo que minha mente parecia incapaz de conceber. Considerando que, nos últimos tempos, ela raramente ou nunca tinha estado presente em meus pensamentos, eu agora era perseguido pelas ideias mais estranhas, imaginando que ela vinha em minha direção na rua, ou que estava batendo na porta. No meu quarto, também, com o qual ela jamais tivera qualquer relação, havia uma brancura de morte, e uma sugestão perpétua do som de sua voz, ou do seu corpo se voltando para mim, como se ela ainda estivesse viva e tivesse estado ali com frequência.

Qualquer que fosse o meu destino ou fortuna, eu dificilmente poderia me lembrar de minha irmã com muita ternura. Mas suponho que um choque de pesar possa existir sem muita ternura. Sob esta influência (e talvez para compensar a falta de um sentimento mais profundo) fui tomado por uma indignação violenta contra o assaltante que a fizera sofrer tanto; e sentia que, com provas suficientes, teria sido capaz de perseguir, para vingar-me, a Orlick, ou a qualquer outro, até as últimas consequências.

Tendo escrito para Joe, para oferecer-lhe consolo, e para assegurar-lhe que eu iria ao funeral, passei os dias seguintes no curioso estado de espírito que acabei de descrever. Saí bem cedo de manhã, e desci no “Javali Azul” a tempo de caminhar até a ferraria.

Era de novo um lindo dia de verão, e, enquanto eu andava, as lembranças dos tempos em que eu era uma pequena criatura indefesa, e minha irmã não me poupava, me vieram vivamente ao espírito. Mas vieram cobertas por uma pátina suave, que amenizou até a dureza de Tickler, pois o próprio odor das favas e dos trevos murmurava ao meu coração que chegaria o dia em que seria bom para minha memória que outros, caminhando sob o sol, se sentissem serenados ao pensar em mim, como eu fazia agora com minha irmã.

Afinal, avistei a casa, e vi que Trabb e Cia. havia preparado tudo para o funeral, e haviam tomado posse do lugar. Duas pessoas sinistras e absurdas, cada uma exibindo uma bengala ostensivamente coberta por uma faixa negra – como se aquilo pudesse transmitir algum conforto a alguém – estavam

postadas junto à porta da frente; reconheci em uma delas um mensageiro demitido do “Javali Azul”, por ter atirado um jovem casal em um fosso na própria manhã do seu casamento, por conta da sua embriaguez, que o obrigou a montar o cavalo apertando os dois braços ao redor do pescoço do animal. Todas as crianças da aldeia, e a maioria das mulheres, estavam admirando essas sentinelas negras, e as janelas fechadas da casa e da ferraria; e quando eu cheguei, um dos dois guardas (o antigo mensageiro) bateu na porta – insinuando que eu estava tão combalido pelo sofrimento que não tinha forças para bater por mim mesmo.

Outra sentinela negra (um carpinteiro, que uma vez tinha comido dois gansos para pagar uma aposta), abriu a porta e levou-me à sala de visitas. Aqui, Mr. Trabb tinha pego para si a melhor mesa, tirara tudo de cima e montara uma espécie de bazar do luto, com a ajuda de uma boa quantidade de alfinetes pretos. No momento da minha chegada, ele acabara de enrolar o chapéu de alguém em um longo pano negro, como se fosse um bebê africano, e estendeu a mão para o meu. Mas eu, enganado pelo seu movimento e perturbado pela ocasião, dei-lhe um forte aperto de mão, com todos os sinais de caloroso afeto.

Pobre e querido Joe, emaranhado em uma pequena capa negra, amarrada em um grande nó sob seu queixo, estava sentado sozinho no outro canto da sala, onde, como a figura principal do velório, ele devia ter sido colocado por Trabb. Quando eu me ajoelhei e disse a ele, “Querido Joe, como você está?”, ele disse, “Pip, meu velho, você a conheceu quando ela era uma bela figura de...”, e apertou minha mão e não disse mais nada.

Biddy, parecendo muito limpa e modesta em seu vestido preto, andava calmamente de um lado para outro, e se fazia muito útil. Depois de ter falado com Biddy, e como achei que aquele não era momento para conversa, fui sentar-me perto de Joe, e comecei a imaginar em que parte do salão ela... minha irmã... se encontrava. Sentindo um fraco cheiro de bolo na sala, olhei ao redor procurando a mesa com os refrescos; mal se podia vê-la, até que os olhos se acostumassem com a penumbra, mas havia sobre a mesa um bolo de ameixa cortado em pedaços, laranjas cortadas, sanduíches, biscoitos, e duas garrafas que eu conhecia muito bem como enfeites, mas nunca tinha visto serem usadas em toda minha vida; uma estava cheia de vinho do porto, e a outra de xerez. De pé ao lado da mesa, tomei ciência da presença do servil Pumblechook, enfiado em um casaco preto, e tendo vários metros de fita no

chapéu; ele ora se empanturrava, ora fazia movimentos obsequiosos para chamar minha atenção. Quando conseguiu, ele veio até onde eu estava (cheirando a xerez e miolo de pão) e disse em uma voz emocionada, “Será que me permite, caro senhor?”, e fez aquilo de novo. Então avistei Mr. e Mrs. Hubble; a última em um canto, em um paroxismo de dor decente e silencioso. Nós todos devíamos seguir o cortejo, depois de sermos amarrados separadamente (por Trabb) em ridículos pacotes.

“O que eu quero dizer, Pip”, Joe sussurrou-me, no momento em que íamos ser aquilo que Mr. Trabb chamava de “formados” na sala de estar, dois a dois, o que se parecia terrivelmente com a preparação para algum tipo de dança macabra; “o que eu quero dizer, senhor, é que eu preferia levá-la para a igreja eu mesmo, junto com três ou quatro amigos, que viriam aqui me ajudar com seu bom coração e seus braços dispostos, mas foi preciso considerar o que os vizinhos diriam, e se eles não seriam de opinião que era uma falta de respeito.”

“Todos os lenços para fora!”, exclamou Mr. Trabb naquele momento, em uma voz profissional. “Lenços para fora! Estamos prontos!”

Assim, todos pusemos nossos lenços no rosto, como se nossos narizes estivessem sangrando, e fizemos fila dois a dois: Joe e eu, Biddy e Pumblechook, Mr. e Mrs. Hubble. Os restos mortais da minha pobre irmã foram trazidos pela porta de cozinha, e, como é um ponto importante da cerimônia fúnebre que os seis carregadores sejam encobertos e enceguecidos sob um horrível veludo negro com uma borda branca, o cortejo, no geral, se assemelhava a um monstro cego com doze pernas humanas, se arrastando e tropeçando sob a orientação dos dois guardiões – o mensageiro e seu camarada.

A vizinhança, porém, aprovou totalmente esses arranjos, e fomos muito admirados quando passamos pela aldeia. A parte mais jovem e vigorosa da comunidade se precipitava de vez em quando através do cortejo, cortando a fila, ou esperava em certos pontos mais vantajosos para nos ver passar. Nesses momentos, os mais exaltados gritavam com entusiasmo quando nos viam surgir, de algum canto onde esperavam: “Aí vêm eles!” “Aqui estão eles!” e nós não nos sentíamos nem um pouco consolados. Durante essa marcha, fiquei muito aborrecido com o miserável do Pumblechook, que, estando atrás de mim, passou o tempo todo, como se fosse um ato de delicadeza, arrumando a banda flutuante do meu chapéu e

alisando o meu casaco. Mais adiante, meus pensamentos foram atraídos pelo orgulho excessivo de Mr. e Mrs. Hubble, que estavam infinitamente orgulhosos e convencidos por fazerem parte de um cortejo tão distinto.

E agora a linha dos pântanos se estendia claramente diante de nós, com as velas dos navios no rio se destacando na paisagem. Fomos para o cemitério, perto das sepulturas dos meus pais, a quem eu jamais conhecera, Philip Pirrip, falecido nesta paróquia, e Também Georgiana, Esposa do Anterior. E lá, depuseram calmamente minha irmã sobre a terra, enquanto as cotovias cantavam alto sobre nós, e o vento leve espalhava pelo céu as belas sombras de nuvens e árvores.

Não desejo dizer mais nada sobre a conduta mundana do Pumblechook, enquanto a cerimônia acontecia, a não ser que era toda dirigida para mim. E mesmo quando foram lidas as nobres passagens das escrituras que lembravam à humanidade que ela não havia trazido nada para este mundo, e dele nada levaria, e como ela passa como uma sombra sem nunca desfrutar de uma longa permanência, eu o ouvi confessar sua restrição ao caso de um jovem cavalheiro que entrou inesperadamente na posse de uma grande fortuna. Quando voltamos, ele teve a audácia de me dizer que gostaria que minha irmã pudesse saber da honra que eu tinha lhe feito, e insinuou que ela teria considerado um preço razoável para ser pago pela sua morte. Depois disso, ele bebeu todo o resto do xerez, e Mr. Hubble bebeu o vinho do porto, e os dois se puseram a falar (o que, eu vim a observar depois, é habitual em tais ocasiões) como se fossem de uma raça totalmente diferente da do defunto, e notoriamente imortais. Finalmente, ele foi embora com Mr. e Mrs. Hubble – para esticar a noitada, eu tinha certeza, e contar a todos os frequentadores do “Três Barqueiros Alegres” que ele fora o fundador da minha fortuna e meu primeiro benfeitor.

Depois que todos se foram, e depois que Trabb e seus homens (mas não seu rapaz; eu o procurei) tinham enfiado sua pantomima em sacos e também se foram, a casa me pareceu mais saudável. Logo depois, Biddy, Joe e eu, nos sentamos para um jantar frio; mas jantamos na sala de visitas, e não na velha cozinha, e Joe estava tão atento ao que fazia com a faca, o garfo, o saleiro, e tudo mais, que havia um grande embaraço entre nós. Mas depois do jantar, quando eu o fiz pegar seu cachimbo e fomos flanar um pouco pela ferraria, e quando nos sentamos juntos no grande bloco de pedra do lado de fora, nos demos melhor. Notei que depois do funeral Joe mudara de roupa, de

modo a estabelecer um acordo entre suas roupas de domingo e as de trabalho; com elas, o meu querido companheiro parecia mais natural, igual ao homem que ele era de fato.

Ele ficou encantado por eu ter perguntando se poderia dormir em meu antigo quartinho, e eu também fiquei contente, pois sentia que tinha feito uma grande coisa fazendo o pedido. Quando as sombras da noite já haviam baixado, aproveitei uma oportunidade para levar Biddy ao jardim, para ter uma pequena conversa com ela.

"Biddy", disse eu, "acho que você poderia ter me escrito algumas palavras sobre esses acontecimentos tristes."

"Acha, Mr. Pip?", disse Biddy. "Eu teria escrito, se tivesse pensado nisso."

"Não pense que pretendo ser indelicado, Biddy, quando digo que acho que você deveria ter pensado nisso."

"Acha, Mr. Pip?"

Ela estava tão calma, e havia um ar tão pacífico, bonito e gentil em sua pessoa, que não me agradou a ideia de fazê-la chorar de novo. Depois de olhar um pouco para os seus olhos baixos, enquanto ela caminhava ao meu lado, desisti daquele assunto.

"Suponho que será difícil para você permanecer aqui, agora, querida Biddy!"

"Oh! Não posso fazer isso, Mr. Pip", disse Biddy, em um tom de pesar, mas ainda assim de calma convicção. "Estive conversando com Mrs. Hubble, e vou para a casa dela amanhã. Espero que nós duas juntas possamos cuidar um pouco de Mr. Gargery, até que ele se organize."

"Como você vai viver, Biddy? Se quiser algum din..."

"Como vou viver?", repetiu Biddy, tomada de surpresa, com um rubor momentâneo no rosto. "Eu lhe direi, Mr. Pip. Vou tentar conseguir o lugar de professora na escola nova, recém construída aqui. Tenho boas recomendações de todos os vizinhos, e espero que eu possa ser aplicada e paciente, e aprender eu mesma, enquanto ensino os outros. O senhor sabe, Mr. Pip", prosseguiu Biddy, com um sorriso, levantando os olhos para mim, "as escolas novas não são como as antigas, mas eu aprendi bastante com o senhor depois disso, e tive tempo desde então para me aprimorar."

"Eu acho que você se aprimoraria de qualquer modo, Biddy, não importa sob quais circunstâncias."

“Ah! Menos no lado ruim da minha natureza”, murmurou Biddy.

Não era tanto uma repreensão, mas um pensamento que escapara involuntariamente e fora dito em voz alta. Bem! Talvez fosse melhor desistir desse assunto também. Assim, caminhei um pouco mais com Biddy, olhando em silêncio para os seus olhos baixos.

“Não conheço os detalhes da morte de minha irmã, Biddy.”

“Quase não há o que dizer, coitadinha. Ela estava em um dos seus acessos – embora eles estivessem melhorando ultimamente, em vez de piorar – há quatro dias, quando saiu desse estado à tardinha, na hora do chá, e disse com bastante clareza, “Joe.” Como ela não dizia uma só palavra há bastante tempo, eu corri para buscar Mr. Gargery na ferraria. Ela me fez sinais de que queria que ele se sentasse perto dela, e queria que eu pusesse seus braços ao redor do pescoço dele. Então eu pus, e ela encostou a cabeça em seu ombro, bem contente e satisfeita. Então ela disse “Joe” de novo, depois disse uma vez “Perdão,” e uma vez “Pip.” E ela nunca mais ergueu a cabeça, e foi só uma hora depois que nós a colocamos na cama, pois vimos que ela havia morrido.”

Biddy chorou... O jardim escuro, a rua, as estrelas que estavam surgindo, tudo estava turvo diante dos meus olhos.

“Nunca descobriram nada, Biddy?”

“Nada.”

“Você sabe o que foi feito de Orlick?”

“Pela cor da sua roupa, acho que ele está trabalhando nas minas.”

“Você o viu de novo, então? Por que está olhando para aquela árvore escura na rua?”

“Foi lá que eu o vi, na noite em que ela morreu.”

“Mas não foi a última vez que o viu, não é, Biddy?”

“Não. Eu o vi agora, quando começamos a caminhar aqui... Não adianta”, disse Biddy, pondo a mão em meu braço, pois eu me preparava para correr para a rua, “sabe que eu não o enganaria; ele não ficou lá nem um minuto, e agora já se foi.”

Aquilo reavivou minha antiga indignação, de ver que Biddy ainda estava sendo perseguida por esse sujeito, e me senti revoltado contra ele. Eu lhe disse isso, e disse-lhe que gastaria qualquer dinheiro e faria qualquer esforço para expulsá-lo da região. Aos poucos, ela me levou a falar com mais moderação, e me contou o quanto Joe me amava, e como Joe nunca se

queixava de coisa alguma – ela não disse: de mim; não havia necessidade; eu sabia o que ela queria dizer – mas que ele sempre fazia o seu dever na vida, com um braço forte, uma língua quieta e um coração gentil.

"De fato, seria difícil dizer algo melhor sobre ele", disse eu; "e Biddy, temos que falar com mais frequência dessas coisas, pois é claro que agora eu virei aqui com mais frequência. Não vou deixar o pobre Joe abandonado."

Biddy não disse uma única palavra.

"Biddy, você não me ouviu?"

"Sim, Mr. Pip."

"Sem falar que você me chama de Mr. Pip, o que me parece de mau gosto, Biddy, o que está querendo dizer?"

"O que eu quero dizer?" perguntou Biddy, timidamente.

"Biddy", disse eu, de modo insistente, "estou lhe pedindo, diga-me o que você quer dizer com isso?"

"Com isso?" disse Biddy.

"Vamos, não repita como se fosse um eco", eu repliquei. "Antigamente você não costumava repetir, Biddy."

"Antigamente!" disse Biddy. "Oh, Mr. Pip! Antigamente!"

Bem! Pensei que seria bom desistir daquele assunto também. Depois de dar outra volta silenciosa no jardim, no entanto, voltei à carga.

"Biddy", disse eu, "eu fiz uma observação sobre vir aqui com frequência para ver Joe, e você recebeu minhas palavras com um silêncio profundo. Por favor, Biddy, me diga por quê."

"Você está inteiramente seguro, então, de que virá vê-lo com frequência?" perguntou Biddy, parando no passeio estreito do jardim, e me olhando sob a luz das estrelas com um olhar claro e honesto.

"Oh, meu Deus!" disse eu, vendo-me obrigado a desistir de Biddy em desespero. "Este é realmente um lado muito ruim da natureza humana! Não diga mais nada, por favor, Biddy. Estou muito chocado."

Por essa razão irrefutável, mantive Biddy à distância durante a ceia, e quando subi para o meu antigo quartinho, despedi-me dela de modo tão frio quanto pude, dentro da alma, julgar compatível com o cemitério e o evento do dia. Com a mesma frequência com que me acordei durante a noite, e isso aconteceu a cada quarto de hora, pensei na crueldade, na ofensa e na injustiça que Biddy me fizera.

Eu devia partir bem cedo de manhã. Bem cedo de manhã eu já estava

de pé, e olhando, sem ser visto, por uma das janelas de madeira da ferraria. Fiquei ali por alguns minutos, olhando para Joe que já estava ao trabalho, com um brilho de saúde e força em seu rosto. Era como se o sol luminoso da vida que o aguardava estivesse brilhando sobre ele.

“Adeus, querido Joe! ...Não, não as enxugue... Pelo amor de Deus, me dê sua mão enegrecida! ...Eu voltarei aqui logo, e virei com frequência.”

“Nunca virá cedo demais, senhor”, disse Joe, “e nunca com tanta frequência, Pip!”

Biddy estava esperando por mim na porta da cozinha, com uma caneca de leite fresco e uma fatia de pão. “Biddy”, eu disse, quando lhe estendi a mão ao partir, “não estou bravo, mas estou magoado.”

“Não, não fique magoado”, ela implorou de modo patético; “deixe que apenas eu fique magoada, se fui ingrata.”

E de novo, à minha partida, a névoa se elevava no céu. Se ela se dissipasse, como imaginei que aconteceria, estaria me dizendo que eu não voltaria, e que Biddy tinha toda razão... Só posso dizer uma coisa: ela também tinha toda razão.

CAPÍTULO XXXVI

Herbert e eu fomos de mal a pior, no sentido de aumentar nossas dívidas, olhando para os nossos negócios, deixando margens, e outras transações semelhantes. E o tempo passou, querendo ou não, como ele costuma fazer; e me tornei maior de idade – cumprindo a profecia de Herbert, de que eu chegaria lá antes que soubesse onde estava.

O próprio Herbert chegara à maioridade oito meses antes de mim. Como ele não entraria na posse de mais nada, além da sua maioridade, o evento não provocou grande sensação na Hospedaria Barnard. Mas nós estávamos esperando ansiosamente pelo meu vigésimo primeiro aniversário, fazendo um monte de especulações e previsões, pois ambos achávamos que meu tutor dificilmente deixaria de dizer alguma coisa mais definida sobre o meu futuro nessa ocasião.

Tomei o cuidado de deixar bem entendido, na Pequena Inglaterra, quando chegaria o meu aniversário. Na véspera, recebi uma nota oficial de Wemmick, informando-me que Mr. Jaggers ficaria feliz se eu pudesse encontrá-lo em seu escritório às cinco horas da tarde desse auspicioso dia. Isso nos convenceu de que algo grande estava para acontecer, e me lançou em um estado de agitação incomum, quando me dirigi ao escritório do meu tutor, com pontualidade exemplar.

No escritório da frente, Wemmick deu-me os parabéns, e esfregou incidentemente o nariz com um pedaço de papel de seda dobrado, que me agradou ao olhar. Mas ele não disse nada a respeito, e fez um sinal com a cabeça para que eu entrasse na sala do meu tutor. Era o mês de novembro e meu tutor estava de pé diante do fogo, com as costas apoiadas na lareira, e as mãos sob as abas do casaco.

“Bem, Pip”, disse ele, “devo chamá-lo de Mr. Pip, hoje. Meus parabéns, Mr. Pip.”

Trocamos um aperto de mão – ele sempre dava um aperto de mão bem curto – e eu lhe agradeci.

“Sente-se, Mr. Pip”, disse meu tutor.

Enquanto eu me sentava, e ele permanecia na mesma atitude, inclinando a testa para as botas, senti-me em desvantagem; isso me fez lembrar daquela antiga ocasião, quando eu fora colocado sobre um túmulo. Os dois moldes sinistros na estante não estavam longe dele, e tinham o ar de

quem fazia um esforço estúpido e apopléctico para prestar atenção à conversa.

"Agora, meu jovem amigo", meu tutor começou, como se eu fosse uma testemunha no banco do tribunal, "vou ter uma palavrinha ou duas com o senhor."

"Por favor, senhor."

"Quanto o senhor supõe", disse Mr. Jaggers, inclinando-se para frente para olhar para o chão, e então jogando a cabeça para trás para olhar para o teto, "quanto o senhor supõe que esteja gastando para viver, em quanto monta?"

"Em quanto monta, senhor?"

"Sim", repetiu Mr. Jaggers, ainda olhando para o teto, "em quanto monta?" Então olhou ao redor de toda a sala, e parou com o lenço na mão, a meio caminho do nariz.

Eu tinha olhado para os meus negócios com tanta frequência, que havia perdido totalmente qualquer noção que um dia pudesse ter tido sobre a sua real situação. Relutantemente, confessei-me incapaz de responder à pergunta. Esta resposta pareceu agradar a Mr. Jaggers, que disse, "Foi o que pensei!" e assoou o nariz com um ar de satisfação.

"Agora que lhe fiz uma pergunta, meu amigo", disse Mr. Jaggers, "o senhor teria alguma coisa a me perguntar?"

"Naturalmente que seria um grande alívio para mim fazer-lhe várias perguntas, senhor; mas eu me lembro da sua proibição."

"Faça uma", disse Mr. Jaggers.

"Devo saber hoje quem é o meu benfeitor?"

"Não. Faça outra."

"Esse segredo me será revelado logo?"

"Deixe isso de lado por um momento", disse Mr. Jaggers, "e pergunte outra coisa."

Olhei ao meu redor, mas parecia não haver qualquer escapatória para a pergunta: "Tenho alguma coisa para receber, senhor?" Nesse momento, Mr. Jaggers disse, com ar triunfante, "Eu sabia que chegaríamos a isso!" e chamou Wemmick para lhe dar o tal pedaço de papel. Wemmick apareceu, entregou-lhe o papel, e desapareceu.

"Agora, Mr. Pip", disse Mr. Jaggers, "preste atenção, por favor. O senhor tem feito retiradas com muita liberdade, aqui; seu nome aparece com

bastante frequência no livro-caixa de Wemmick; mesmo assim está endividado, é claro?”

“Receio que eu deva dizer que sim, senhor.”

“O senhor sabe que precisa dizer sim, não sabe?”, disse Mr. Jaggers.

“Sim, senhor.”

“Não lhe pergunto quanto está devendo, porque o senhor não sabe; e se soubesse, não me diria; diria um valor menor. Sim, sim, meu amigo”, exclamou Mr. Jaggers, levantando o dedo para me interromper, quando fiz menção de protestar, “é bastante provável que o senhor ache que não, mas é o que faria. Desculpe-me, mas eu conheço essas coisas melhor que o senhor. Agora, pegue este pedaço de papel. Pegou-o? Muito bem. Agora, desdobre-o e me diga o que é.”

“É uma nota bancária”, disse eu, “de quinhentas libras.”

“É uma nota bancária”, repetiu Mr. Jaggers, “de quinhentas libras. E é uma bela soma de dinheiro, eu creio. O senhor também acha?”

“Como eu poderia dizer o contrário!”

“Ah! Mas responda à pergunta”, disse Mr. Jaggers.

“Sem dúvida.”

“O senhor acha que sem dúvida é uma bela soma de dinheiro. Agora, essa bela soma de dinheiro, Mr. Pip, é sua. É um presente para o senhor neste dia, em garantia das suas esperanças. E é com esta bela soma de dinheiro por ano, e não outra maior, que o senhor deverá viver, até que o doador do total se apresente. Isso significa que a partir de agora tomará seus assuntos financeiros inteiramente em suas mãos, e receberá de Wemmick cento e vinte e cinco libras por trimestre, até que esteja em comunicação com a fonte principal, e não mais com um simples agente. Como já lhe disse, sou um simples agente. Executo minhas instruções, e sou pago para fazer isso. Acho que elas são imprudentes, mas não sou pago para dar qualquer opinião sobre o seu mérito.”

Eu havia começado a expressar minha gratidão pelo meu benfeitor, e pela grande liberalidade com que eu fora tratado, quando Mr. Jaggers me interrompeu. “Eu não sou pago, Pip”, disse ele, friamente, “para transmitir suas palavras a quem quer que seja”; e então recolheu as abas do casaco como havia recolhido o assunto, e ficou franzindo o cenho para suas botas, como se suspeitasse que elas tinham más intenções para com ele.

Depois de uma pausa, eu insinuei:

“Houve uma pergunta ainda há pouco, Mr. Jaggers, que o senhor me pediu para deixar de lado por um momento. Espero que não esteja fazendo nada errado em perguntar novamente.”

“O que é?”, disse ele.

Eu devia ter sabido que ele não me ajudaria; mas fiquei surpreso de ter que formular a pergunta mais uma vez, como se fosse nova. “O senhor acha”, eu disse, depois de hesitar, “que o meu protetor, Mr. Jaggers, a fonte principal da qual o senhor falou... logo virá...” e parei delicadamente.

“Logo virá o quê?”, perguntou Mr. Jaggers. “Isso não é nenhuma pergunta, o senhor sabe.”

“Logo virá para Londres?”, disse eu, depois de procurar uma forma precisa de palavras, “ou me chamará para algum outro lugar?”

“Quanto a isso”, respondeu Mr. Jaggers, olhando-me pela primeira vez com seus olhos profundos e escuros, “precisamos voltar à noite do nosso primeiro encontro na sua aldeia. O que eu lhe disse então, Pip?”

“O senhor me disse, Mr. Jaggers, que poderia levar anos até que essa pessoa aparecesse.”

“Exatamente”, disse Mr. Jaggers, “essa é a minha resposta.”

Como olhamos um para o outro, senti minha respiração se acelerar em meu desejo ardente de extrair alguma coisa dele. E sentindo que ela se acelerava, e vendo que ele percebera isso, senti que tinha menos chance do que nunca de extrair alguma coisa dele.

“O senhor supõe que ainda levará muitos anos, Mr. Jaggers?”

Mr. Jaggers balançou a cabeça – não como uma resposta negativa à minha pergunta, mas negando a noção de que ele poderia responder a ela de alguma maneira – e os dois moldes horríveis, com as faces enrugadas, pareciam, quando meus olhos pousaram sobre eles, estar com a atenção suspensa, fazendo um enorme esforço para não espirrar.

“Vamos!”, disse Mr. Jaggers, aquecendo a parte de trás das pernas com o dorso das mãos, “vou ser claro com você, meu amigo Pip. Essa é uma pergunta que não deve fazer-me. Você entenderá melhor quando eu lhe disser que é uma pergunta que poderia me comprometer. Vamos! Vou um pouco mais adiante com você; vou dizer-lhe algo mais.”

Ele se inclinou tanto para franzir o cenho para as botas, que podia esfregar as panturrilhas naquela pose em que parou.

“Quando essa pessoa se der a conhecer”, disse Mr. Jaggers,

endireitando o corpo, “você e essa pessoa resolverão seus próprios assuntos. Quando essa pessoa se der a conhecer, minha parte nesse negócio estará terminada. Quando essa pessoa se der a conhecer, não terei mais necessidade de saber nada sobre isso. Eis tudo o que tenho a dizer.”

Olhamos um para o outro, até que eu desviei o olhar e o pousei pensativamente no chão. Destas últimas palavras, tirei a conclusão de que Miss Havisham, por algum motivo ou sem qualquer motivo, não havia lhe confiado nada sobre o seu desejo de me destinar a Estella; que ele se ressentia disso e tinha ciúmes; ou que ele realmente era contrário a esse projeto, e não queria ter nada a ver com isso. Quando levantei os olhos de novo, descobri que ele estivera me olhando astuciosamente o tempo todo, e que ainda olhava.

“Se isso é tudo que o senhor tem a dizer, Mr. Jaggers”, eu observei, “então não me resta nada a dizer.”

Ele fez um sinal de assentimento, puxou seu relógio tão temido pelos ladrões, e me perguntou onde eu iria jantar. Respondi que jantaria em casa, com Herbert. Como era indispensável, perguntei-lhe se ele gostaria de nos honrar com sua companhia, e ele aceitou o convite prontamente. Mas insistiu em ir comigo para casa, para que eu não pudesse fazer nenhuma preparação especial para recebê-lo. Ele tinha primeiro que escrever uma ou duas cartas, e (é claro) tinha que lavar as mãos. Assim, eu disse que iria ao escritório da frente, conversar com Wemmick.

O fato era que, quando as quinhentas libras tinham entrado no meu bolso, um pensamento havia entrado em minha cabeça; ele já estivera lá muitas vezes antes, e me parecia que Wemmick era uma boa pessoa para me aconselhar com um pensamento dessa ordem.

Ele já tinha trancado o cofre, e estava se preparando para ir embora. Havia deixado sua escrivaninha, e tinha tirado os dois castiçais gordurosos do escritório e os colocara junto com os extintores sobre uma laje perto da porta, pronto para serem apagados; havia limpado a lareira, deixara o chapéu e o sobretudo prontos, e batia no peito com a sua chave do cofre, como se fizesse um exercício físico depois do trabalho.

“Mr. Wemmick”, disse eu, “gostaria de pedir sua opinião. Desejo muito ajudar um amigo.”

Wemmick apertou sua caixa de correio e balançou a cabeça, como se sua opinião estivesse morta para qualquer fraqueza fatal daquele tipo.

“Esse amigo”, eu prossegui, “está tentando entrar na vida comercial, mas não tem o dinheiro, e está achando esse começo difícil e desencorajador. Eu queria, de alguma maneira, ajudá-lo a começar.”

“Com dinheiro à vista?”, disse Wemmick, em um tom mais seco que a serragem.

“Com algum dinheiro à vista”, respondi, pois, cruzou-me a mente a lembrança inquietante daquele pacote simétrico de papéis em casa, “com algum dinheiro à vista, e talvez algum adiantamento sobre as minhas esperanças.”

“Mr. Pip”, disse Wemmick, “eu gostaria apenas de recapitular com o senhor, se me permite, contando nos dedos os nomes das várias pontes daqui até Chelsea. Vejamos: há a Ponte de Londres, uma; Southwark, duas; Blackfriars, três; Waterloo, quatro; Westminster, cinco; Vauxhall, seis.” Ele marcava cada ponte por sua vez, batendo com a ponta da chave na palma da mão. “Há pelo menos seis, como o senhor está vendo, para escolher.”

“Não estou entendendo o senhor”, disse eu.

“Escolha a sua ponte, Mr. Pip”, continuou Wemmick, “dê um passeio pela sua ponte, e lance o dinheiro no Tâmisa por sobre o arco central da sua ponte, e então saberá o fim dele. Sirva a um amigo emprestando-lhe dinheiro, e poderá saber o fim dele também; mas será um fim menos agradável e lucrativo.”

Eu poderia ter postado um jornal em sua boca de caixa de correio, de tal modo ele a cerrou depois de dizer isso.

“Isso é muito desanimador”, disse eu.

“Era essa a intenção”, disse Wemmick.

“Então essa é a sua opinião”, eu perguntei, com certa indignação, “de que um homem nunca deveria...”

“...investir uma propriedade portável em um amigo?” disse Wemmick. “Certamente que não. A menos que queira se ver livre do amigo; e então surge a questão de qual quantia de propriedade portável é necessária para se ver livre dele.”

“E essa”, disse eu, “é sua opinião definitiva, Mr. Wemmick?”

“Essa”, ele respondeu, “é minha opinião definitiva neste escritório.”

“Ah!”, disse eu, pressionando-o, pois pensei ter visto uma brecha aqui; “mas seria essa a sua opinião em Walworth?”

“Mr. Pip”, ele respondeu, com gravidade, “minha casa em Walworth é

uma coisa, este escritório é outra. Assim como o Velho é uma pessoa, e Mr. Jaggers é outra. Não devem ser confundidos um com o outro. Meus sentimentos de Walworth devem ser obtidos em Walworth; aqui, neste escritório, só se pode obter meus sentimentos oficiais."

"Muito bem", disse eu, bastante aliviado, "então irei procurá-lo em Walworth, pode contar com isso."

"Mr. Pip", ele respondeu, "o senhor será bem-vindo lá, em sua competência pessoal e privada."

Nós havíamos mantido essa conversa em voz baixa, sabendo muito bem que os ouvidos do meu tutor eram os mais finos entre os mais finos. Como ele apareceu em sua porta naquele momento, enxugando as mãos, Wemmick pegou seu sobretudo e se preparou para apagar as velas. Saímos para a rua os três juntos, e, da soleira da porta, Wemmick pegou seu caminho, e Mr. Jaggers e eu pegamos o nosso.

Não pude deixar de desejar mais de uma vez naquela noite, que Mr. Jaggers tivesse em sua casa de Gerrard Street um Velho, ou um canhão Stinger, ou alguma coisa, ou alguém, que pudesse fazê-lo relaxar um pouco o semblante. Era uma consideração incômoda para um vigésimo primeiro aniversário, que chegar à maioridade parecia não valer a pena em um mundo suspeito e protegido, onde era preciso ser sempre cuidadoso e desconfiado como ele. Ele era mil vezes mais esperto e bem informado do que Wemmick, mas eu preferia mil vezes ter recebido Wemmick para jantar do que ele. E Mr. Jaggers não deixou melancólico apenas a mim, pois, depois que ele partiu, Herbert me disse, com os olhos fixos no fogo, que ele achava que devia ter cometido um crime e esquecido dos detalhes, de tal modo se sentia abatido e culpado.

CAPÍTULO XXXVII

Julgando que domingo era o melhor dia para conhecer os sentimentos de Walworth de Mr. Wemmick, dediquei a tarde do domingo seguinte a uma peregrinação até o chalé. Ao chegar diante das ameias, encontrei a bandeira da União desfraldada, e a ponte levadiça levantada; mas, sem me deixar desencorajar com essas demonstrações de desafio e resistência, toquei a campainha do portão, e fui recebido da maneira mais pacífica pelo Velho.

"O meu filho, senhor", disse o velho, depois de trancar a ponte levadiça, "tinha ideia de que o senhor poderia aparecer por aqui hoje, e deixou dito que logo estaria em casa, depois do seu passeio da tarde. Ele é muito regular nos seus passeios, o meu filho. Muito regular em tudo, o meu filho."

Fiz um aceno de cabeça para o velho cavalheiro, como o próprio Wemmick teria feito, então entramos e nos sentamos junto à lareira.

"O senhor conheceu meu filho", disse o velho, na sua voz de gorjeio, enquanto esquentava as mãos perto da chama, "no seu escritório, imagino?" Assenti com a cabeça. "Ah! Ouvi dizer que meu filho é de extrema ajuda no seu trabalho, não é senhor?" Assenti com mais veemência. "Sim, foi o que me disseram. Ele trabalha com as leis, não é?" Fiz um aceno ainda mais veemente. "O que é ainda mais surpreendente no meu filho", disse o velho, "pois ele não foi criado para trabalhar com a lei, mas para ser tanoeiro."

Curioso para saber como o velho cavalheiro estava informado sobre a reputação de Mr. Jaggers, gritei-lhe aquele nome. Ele me deixou na maior confusão ao rir jovialmente, e ao responder de maneira muito vivaz, "Não, com certeza, o senhor tem razão." E, naquela hora, eu não tinha a menor noção do que ele queria dizer, ou que piada ele achou que eu tinha feito.

Como eu não podia ficar ali eternamente acenando-lhe com a cabeça, sem fazer alguma outra tentativa de interessá-lo, gritei-lhe em forma de pergunta se a sua própria profissão tinha sido a de tanoeiro. À força de gritar aquele nome várias vezes, e dar tapinhas no peito do velho cavalheiro para associá-lo à palavra, afinal consegui me fazer entender.

"Não", disse o velho cavalheiro; "um armazém, um armazém. Primeiro, lá em cima"; ele parecia indicar a chaminé, mas creio que pretendia se referir a Liverpool; "e então aqui na cidade de Londres. No entanto, como tive uma enfermidade... pois eu não ouço bem, senhor..."

Eu expressei por meio de gestos a maior surpresa.

"...Sim, não ouço bem; e quando eu tive essa enfermidade, meu filho começou a trabalhar com a lei, e se encarregou de mim, e aos pouquinhos construiu esta propriedade elegante e bonita. Mas voltando ao que o senhor disse, o senhor sabe", prosseguiu o velho, rindo jovialmente outra vez, "eu lhe digo; sem nenhuma dúvida, o senhor tem razão."

Eu estava modestamente me perguntando se a minha extrema ingenuidade me teria permitido dizer alguma coisa que o teria divertido a metade do que fizera esse gracejo imaginário, quando fui surpreendido por um súbito clique na parede ao lado da lareira, e uma pequena tabuleta de madeira se abriu, onde se lia "John". O velho, seguindo meu olhar, exclamou em tom de triunfo, "Meu filho voltou!" e ambos saímos para a ponte levadiça.

Valia qualquer dinheiro ver Wemmick acenando para mim do outro lado do fosso, quando poderíamos ter trocado um aperto de mãos sobre ele com a maior facilidade. O Velho estava tão encantado de manejar a ponte levadiça, que não lhe fiz qualquer oferta de ajuda; fiquei quieto até que Wemmick tivesse atravessado e me apresentado a Miss Skiffins, uma dama que o acompanhava.

Miss Skiffins parecia feita de madeira, e, como seu acompanhante, também estava no ramo dos correios no que se referia à boca. Deveria ter uns dois ou três anos a menos que Wemmick, e julguei que ela também possuísse propriedades portáveis. O corte do seu vestido, da cintura para cima, tanto na frente quanto atrás, fazia com que ela se parecesse muito com uma pandorga; e eu poderia considerar seu vestido de um tom de laranja um pouco decidido demais, e suas luvas de um verde um pouco intenso demais. Mas ela parecia ser uma boa pessoa, e mostrava muita consideração pelo Velho. Não demorei a descobrir que ela era uma visita frequente no chalé, pois ao entrarmos na casa, quando elogiei Wemmick por seu engenhoso meio de anunciar-se ao Velho, ele me pediu que prestasse atenção por um momento no outro lado da lareira, e desapareceu. Em seguida, ouviu-se outro clique, e outra pequena tabuleta se abriu, onde se lia "Miss Skiffins"; então Miss Skiffins fechou-se e John se abriu; em seguida Miss Skiffins e John se abriram ao mesmo tempo, e finalmente se fecharam juntos. Quando Wemmick retornou, depois de operar esses mecanismos, expressei minha enorme admiração pelo sistema, e ele disse, "Bem, o senhor sabe, ambos são agradáveis e úteis ao Velho. E por

São Jorge, senhor, é digno de ser mencionado que de todas as pessoas que vêm a esse portão, o segredo dessas molas só é conhecido pelo Velho, por Miss Skiffins e por mim!"

"E foi Mr. Wemmick quem fez", acrescentou Miss Skiffins, "com suas próprias mãos, e a partir de uma ideia sua."

Enquanto Miss Skiffins estava tirando o chapéu (ela manteve as luvas verdes durante a tarde, como um sinal externo e visível de que havia visitas), Wemmick me convidou para dar um passeio com ele pela propriedade, e ver como era a ilha na época do inverno. Imaginando que ele fizera isso para me dar uma oportunidade de conhecer os seus sentimentos de Walworth, aproveitei a chance assim que saímos do chalé.

Tendo pensado na questão com muito cuidado, entrei no assunto como se nunca o tivesse mencionado antes. Informei a Wemmick que estava inquieto por causa de Herbert Pocket, e contei-lhe como tínhamos nos conhecido, e como havíamos lutado. Disse algumas palavras sobre a família de Herbert, sobre seu caráter, e sobre ele não possuir quaisquer recursos além daqueles que o pai lhe fornecia, e esses eram incertos e impontuais. Aludi às vantagens que eu tivera com a sua companhia, quando ainda era muito ignorante e inexperiente nas coisas do mundo, e confessei meu receio de ter retribuído muito mal, e que ele poderia ter se saído bem melhor sem mim e as minhas esperanças. Mantendo Miss Havisham no fundo a uma grande distância, ainda insinuei a possibilidade de eu ter competido com ele nas suas perspectivas futuras, e a certeza de que ele possuía uma alma generosa, e estava acima de qualquer suspeita de vinganças, desconfianças ou más intenções. Por todas essas razões (eu disse a Wemmick), e porque ele era meu amigo e companheiro, e porque eu tinha um grande afeto por ele, desejava que alguns raios da minha boa fortuna se refletissem sobre ele. Era por isso que eu buscava conselho na experiência e no conhecimento de Wemmick dos homens e dos negócios, para saber como eu poderia, com meus recursos, tentar ajudar Herbert com alguma renda – digamos cem libras por ano, para mantê-lo com esperança e coragem – e gradualmente comprar-lhe uma parte em alguma pequena sociedade. Por fim, pedi a Wemmick que entendesse que minha ajuda deveria ser feita em segredo, sem que Herbert tivesse qualquer conhecimento ou suspeita, e que não havia mais ninguém no mundo a quem eu pudesse pedir conselho. Terminei pondo a mão sobre seu ombro, e dizendo, "Não posso evitar de confiar no senhor, embora saiba que isso deve

lhe ser embaraçoso; mas é culpa sua, por ter me trazido aqui um dia."

Wemmick ficou em silêncio por algum tempo, e então disse com uma espécie de vigor, "Sabe, Mr. Pip, tenho que lhe dizer uma coisa. Isso é diabolicamente bom da sua parte."

"Diga que me ajudará a ser bom, então", disse eu.

"Não há como!" Wemmick respondeu, balançando a cabeça, "esse não é meu negócio."

"E nem este é o seu escritório", disse eu.

"O senhor tem razão", ele respondeu. "Acertou bem na mosca. Mr. Pip, vou pensar no assunto, e acho que tudo o que o senhor deseja fazer pode ser feito aos poucos. Skiffins (refiro-me ao irmão dela) é contador e agente. Eu irei vê-lo, e vou conversar com ele sobre isso."

"Agradeço-lhe dez mil vezes."

"Pelo contrário", disse ele, "eu é que lhe agradeço, pois embora estejamos estritamente no terreno da nossa competência pessoal e privada, ainda podemos dizer que existem em torno algumas teias de aranha de Newgate, e isso ajuda a removê-las."

Depois de conversarmos mais um pouco sobre o assunto, voltamos ao chalé, onde encontramos Miss Skiffins preparando o chá. A responsabilidade de fazer as torradas foi delegado ao Velho, e esse excelente senhor dedicou-se à tarefa com tanto ardor, que me pareceu em risco de derreter os próprios olhos. A refeição que íamos fazer não era apenas nominal, mas uma vigorosa realidade. O Velho preparara uma pilha tão grande de torradas com manteiga, que eu mal podia enxergá-lo por sobre a pilha, enquanto ele aquecia um ferro preso em um gancho sobre a barra superior da grelha. Enquanto isso, Miss Skiffins preparou uma poncheira tão grande de chá, que o porco na parte de trás da casa ficou fortemente entusiasmado, e expressou repetidas vezes seu desejo de tomar parte na festa.

A bandeira tinha sido baixada, e o canhão disparado na hora certa, e me senti tão firmemente separado do resto do mundo para além de Walworth, como se o fosso tivesse trinta pés de largura e outro tanto de profundidade. Nada perturbava a tranquilidade do chalé, exceto a abertura ocasional de "John" e "Miss Skiffins", cujas pequenas aberturas pareciam presas de alguma fraqueza espasmódica que me deixou em um desconforto simpático, até que me habituasse a isso. Pela natureza metódica dos arranjos de Miss Skiffins, deduzi que ela fazia o chá ali todas as noites de domingo; e suspeitei

bastante que um broche clássico que ela usava, representando o perfil de uma mulher pouco sedutora com um nariz muito reto e uma lua nova, era uma peça de propriedade portável que tinha sido dada a ela por Wemmick.

Comemos todas as torradas, e bebemos chá na mesma proporção, e era encantador ver como ficamos animados e besuntados de graxa depois da refeição. O Velho, especialmente, poderia ter passado por algum velho chefe de tribo selvagem, recém untado. Depois de uma curta pausa para repouso, Miss Skiffins – na ausência da criadinha que, ao que parecia, retirava-se para o seio da sua família nas tardes de domingo – lavou a louça do chá à maneira de uma dama, de modo divertido e amador, para não se comprometer diante de nós. Depois ela calçou as luvas de novo, e nós nos reunimos em torno do fogo; então Wemmick disse, “Agora, velho pai, leia o jornal para nós.”

Wemmick explicou-me, enquanto o Velhos ia buscar os óculos, que era um antigo costume, e que o velho cavalheiro experimentava uma satisfação infinita em ler as notícias em voz alta. “Não dou qualquer desculpa”, disse Wemmick, “pois ele não é capaz de muitos prazeres agora... Está pronto, velho pai?”

“Tudo certo, John, tudo certo”, respondeu o velho, vendo que falavam com ele.

“Só lhe faça um aceno de cabeça de tempos em tempos, quando ele levantar os olhos do jornal”, disse Wemmick “e ele ficará tão contente quanto um rei. Estamos ouvindo, velho pai.”

“Tudo certo, John, tudo certo”, respondeu o velho, tão alegre e ocupado, que era realmente encantador.

A leitura do Velho me fez lembrar das aulas da tia-avó de Mr. Wopsle, com a agradável peculiaridade de que sua voz parecia vir através do buraco da fechadura. Como ele precisava das velas perto de si, e como ele estava sempre a ponto de queimar, ou a cabeça ou o jornal, requeria tanta vigilância quanto uma fábrica de pólvora. Mas Wemmick era igualmente incansável e gentil na sua vigilância, e o Velho continuou lendo, sem qualquer consciência de ter sido resgatado inúmeras vezes. Sempre que ele olhava para nós, todos expressávamos o maior interesse e atenção, acenando com a cabeça até que ele retomasse a leitura.

Como Wemmick e Miss Skiffins estavam sentados lado a lado, e como eu estava em um canto pouco iluminado, observei um alongamento lento e gradual da boca de Mr. Wemmick, poderosamente sugestivo do lento

e gradual deslizamento do seu braço em torno da cintura de Miss Skiffins. Passado algum tempo, vi sua mão aparecer do outro lado de Miss Skiffins; mas, naquele momento, Miss Skiffins interrompeu-o calmamente com a luva verde, puxou o braço como se fosse um artigo do seu vestuário, e com a maior tranquilidade o colocou na mesa diante de si. A perfeita compostura com que ela o fez foi uma das coisas mais notáveis que já vi, e se eu julgasse o ato consistente com a abstração da mente, teria dito que Miss Skiffins executou-o mecanicamente.

Logo notei que o braço de Wemmick começou a desaparecer novamente, e aos poucos sumiu de vista. Pouco depois, sua boca começou a se alargar outra vez. Após um intervalo de suspense da minha parte, que foi totalmente fascinante e quase doloroso, vi sua mão aparecer do outro lado de Miss Skiffins. Imediatamente Miss Skiffins interrompeu-o com a firmeza de um plácido pugilista, pegou aquele cinturão ou manopla, como fizera antes, e colocou-a sobre a mesa. Supondo que a mesa representasse o caminho da virtude, eu poderia declarar que, durante todo o tempo da leitura do Velho, o braço de Wemmick estava se desviando do caminho da virtude, e sendo chamado de volta a ele por Miss Skiffins.

Por fim, o Velho caiu em um leve sono. Este foi o momento para Wemmick trazer uma pequena chaleira, uma bandeja de copos, e uma garrafa negra com rolha de porcelana, representando algum dignitário clerical de aspecto rubicundo e jovial. Com a ajuda desses utensílios, todos nós bebemos alguma coisa quente, inclusive o Velho, que não demorou a se acordar. Miss Skiffins misturou a bebida, e eu notei que ela e Wemmick beberam do mesmo copo. É claro que eu era educado o bastante para não me oferecer para levar Miss Skiffins até sua casa, e, dadas as circunstâncias, achei melhor sair primeiro; e foi o que fiz, despedindo-me cordialmente do Velho, depois de ter passado uma tarde agradável.

Antes que se passasse uma semana, recebi um bilhete de Wemmick, datado de Walworth, dizendo que ele esperava ter feito algum avanço naquele assunto pessoal e privado entre nós, e que ficaria feliz se eu pudesse ir vê-lo novamente para tratar do assunto. Assim, fui a Walworth outra vez, e mais outra, e outra ainda, e o encontrei na City com hora marcada várias vezes, mas nunca mantive qualquer comunicação com ele sobre o assunto na Pequena Inglaterra ou nos arredores. O fato é que havíamos encontrado um jovem e digno comerciante, ou corretor marítimo, estabelecido no negócio

não havia muito tempo, e que necessitava de consultoria inteligente, assim como de capital, e que, em seu devido tempo, necessitaria de um sócio. Um contrato secreto foi assinado entre ele e eu, a propósito de Herbert; eu lhe entreguei a metade das minhas quinhentas libras, e me comprometi a vários outros pagamentos, alguns a vencer em certas datas de acordo com a minha renda; outros, para a ocasião em que eu entrasse na posse da minha fortuna. O irmão de Miss Skiffins conduziu a negociação. Wemmick participou de tudo, mas nunca apareceu.

Todo o negócio foi conduzido com tanta habilidade, que Herbert não teve a menor suspeita de que havia o meu dedo nisso. Jamais esquecerei do rosto radiante com que ele veio para casa certa tarde, e me disse, como uma grande novidade, que encontrara por acaso certo Clarriker (era esse o nome do jovem comerciante), e que Clarriker havia mostrado por ele uma simpatia extraordinária, e que ele estava convencido de que sua oportunidade tinha afinal surgido. Dia após dia, enquanto suas esperanças se tornavam mais fortes e seu rosto mais radiante, ele encontrou em mim um amigo cada vez mais afetuoso, pois tive a maior dificuldade em conter minhas lágrimas de alegria e triunfo ao vê-lo tão feliz. Por fim, o negócio foi concluído, e no dia em que ele entrou de sócio na Casa Clarriker, passou uma noite inteira falando comigo com a animação do prazer e do sucesso; e eu realmente chorei muito quando fui para cama, ao pensar que minhas esperanças haviam feito algum bem a alguém.

Um grande acontecimento em minha vida, o ponto de virada da minha vida, agora se abria diante de mim. Mas, antes que eu comece a narrá-lo, e antes que eu passe a todas as mudanças que se seguiram, devo dedicar um capítulo a Estella. Não é muito para dedicar a um tema que, há tanto tempo, preenchia meu coração.

CAPÍTULO XXXVIII

Se aquela casa antiga e tranquila cercada de verde em Richmond algum dia vier a ser assombrada depois da minha morte, seguramente será pelo meu fantasma. Oh, quantas e quantas noites, quantos dias, o espírito inquieto dentro de mim assombrou aquela casa enquanto Estella vivia lá! Não importa onde estivesse meu corpo, meu espírito estava sempre vagando, vagando, vagando sobre aquela casa.

A dama com quem Estella morava chamava-se Mrs. Brandley; era viúva, e tinha uma filha vários anos mais velha que Estella. A mãe parecia jovem, a filha parecia velha; a tez da mãe era rosada, a da filha era amarela; a mãe dera para a frivolidade, a filha para a teologia. Elas estavam naquilo que se chama de uma boa posição, e visitavam numerosas pessoas, e eram visitadas por elas. Entre Estella e as duas existia pouca afinidade de sentimentos, se é que existia alguma; mas ficara entendido que elas eram necessárias a Estella, e que Estella era necessária a elas. Mrs. Brandley tinha sido amiga de Miss Havisham, antes que ela se retirasse do mundo.

Na casa de Mrs. Brandley, assim como fora dela, sofri todos os tipos de tortura imagináveis da parte de Estella, em diferentes graus. A natureza das minhas relações com ela, que me colocava em termos de familiaridade sem me colocar em termos de favor, me deixava perturbado. Ela se utilizava de mim para espicaçar seus outros admiradores; e usou a mesma familiaridade existente entre nós dois para desprezar constantemente minha devoção por ela. Se eu tivesse sido seu secretário, seu mordomo, seu meio-irmão, um parente pobre – se eu tivesse sido um irmão mais jovem do marido escolhido para ela – eu não poderia me crer mais distante das minhas esperanças do que quando estava tão perto dela. O privilégio de chamá-la pelo nome, e de ouvi-la chamar-me pelo meu, tornou-se, dadas as circunstâncias, um agravamento das minhas provações; acho provável que isso tenha quase enlouquecido seus outros admiradores, mas tenho certeza absoluta de que quase enlouqueceu a mim.

Ela tinha admiradores sem fim. Sem dúvida, meu ciúme me fazia ver um admirador em cada um que se aproximasse dela; mas já havia mais do que suficiente, mesmo sem contar esses.

Eu a via com frequência em Richmond, eu ouvia falar dela com frequência na cidade, e costumava com frequência levá-la a passear no rio

com as Brandley; havia piqueniques, festas diurnas, jogos, óperas, concertos, bailes e todos os tipos de prazeres, aos quais eu sempre a acompanhava – e que só me traziam tristeza. Nunca tive uma hora de felicidade na companhia de Estella, e mesmo assim minha mente passava as vinte e quatro horas do dia pensando na felicidade que seria tê-la comigo até a morte.

Durante esse período do nosso relacionamento – e ele durou, como logo se verá, o que eu acreditava então ser um longo espaço de tempo – ela habitualmente voltava àquele tom que denotava que nosso relacionamento nos era imposto. Havia outros momentos em que ela de repente parava de usar esse tom e os demais tons, e parecia ter pena de mim.

"Pip, Pip", disse ela uma noite, de repente, quando estávamos sentados junto a uma janela escura na casa em Richmond; "você nunca vai se dar por avisado?"

"De quê?"

"De mim."

"Avisado para não ser atraído por você, é o que quer dizer, Estella?"

"O que quero dizer? Se não sabe o que quero dizer, você é cego."

Eu deveria ter respondido que o amor geralmente tem a reputação de ser cego, se não fosse pela razão por que eu sempre me continha, e que não era a maior das minhas tristezas, pelo sentimento de que não era generoso para com ela forçar minha afeição, quando ela sabia que não tinha escolha a não ser obedecer a Miss Havisham. Meu medo sempre fora de que esse conhecimento da parte dela me colocasse em grande desvantagem perante o seu orgulho, e que me tornasse o motivo de uma luta de rebeldia em seu coração.

"De qualquer modo", disse eu, "não recebi nenhum aviso senão este agora, pois você mesma me escreveu para vir encontrá-la, na época."

"Isso é verdade", disse Estella, com um sorriso frio e descuidado que sempre me fazia gelar.

Depois de olhar durante algum tempo para o crepúsculo lá fora, ela continuou:

"Está na época em que devo fazer uma visita de um dia a Satis House, para ver Miss Havisham. Você deve me levar até lá e me trazer de volta, se desejar. Ela preferia que eu não viajasse sozinha, e não gostaria que eu levasse a minha criada, pois tem pavor de ser o assunto de conversa entre essas pessoas. Você pode me levar?"

“Se eu posso levá-la, Estella!”

“Você pode então? Será depois de amanhã, se estiver bem para você. E deve pagar todas as despesas da minha bolsa. São essas as condições da sua ida!”

“E devo obedecer”, disse eu.

Foi o único convite que recebi para essa visita, ou para qualquer outra; Miss Havisham nunca me escreveu, nem eu jamais cheguei a ver a sua caligrafia. Nós partimos dois dias depois, e a encontramos no mesmo quarto onde eu a vira a primeira vez, e é desnecessário acrescentar que não houvera nenhuma mudança em Satis House.

Ela estava ainda mais terrivelmente apegada a Estella do que tinha estado na última vez em que eu as vira juntas; eu repito a palavra de propósito, pois havia algo positivamente terrível na energia dos seus olhares e abraços. Ela amava a beleza de Estella, amava suas palavras, amava seus gestos, e sentou-se batendo com os dedos trêmulos enquanto olhava para ela, como se estivesse devorando a bela criatura que havia criado.

Depois de Estella, ela olhou para mim, com um olhar penetrante que parecia inquirir o meu coração e sondar suas feridas. “Como ela está tratando você, Pip? Como ela está tratando você?”, ela me perguntou, no seu tom ávido de bruxa, mesmo na presença de Estella. Mas à noite, quando nos sentamos diante do fogo bruxuleante, ela foi ainda mais estranha. Nessa ocasião, mantendo a mão de Estella em seu braço, presa na sua própria mão, ela lhe arrancou, à força de recorrer ao que Estella tinha lhe escrito nas suas cartas regulares, os nomes e a posição dos homens a quem ela tinha fascinado; e enquanto Miss Havisham tratava desse assunto, com a intensidade de uma mente mortalmente ferida e doentia, ela mantinha sua outra mão na bengala e o queixo apoiado na mão, e me olhava com seus olhos pálidos e brilhantes, como um verdadeiro espectro.

Eu vi nisso tudo, infeliz como me sentia com a situação, e apesar do senso amargo de dependência e até mesmo de degradação que isso despertava em mim – eu vi nisso tudo que Estella fora destinada a executar a vingança de Miss Havisham sobre os homens, e que ela não seria entregue a mim até que tivesse satisfeito esse desejo por certo tempo. Eu vi nisso, uma razão para que ela me fosse destinada primeiro. Mandando-a para longe, com o fim de atrair, atormentar e causar mal, Miss Havisham o fez com a garantia maligna de que ela estava além do alcance de todos os admiradores, e que todos os

que apostassem suas fichas ali estariam seguros de perder. Eu vi nisso que eu também havia sido atormentado por uma perversão de ingenuidade, mesmo que o prêmio estivesse reservado para mim. Eu vi nisso a razão por eu estar sendo mantido na expectativa por tão longo tempo, e a razão para o meu tutor ter se recusado a comprometer-se com o conhecimento formal de tal plano. Em resumo, eu vi nisso Miss Havisham como eu a tinha visto diante de mim então, e como sempre a veria diante dos meus olhos; e eu vi nisso tudo, a sombra distinta da casa insalubre e escura na qual sua vida era escondida do sol.

As velas que iluminavam aquele quarto estavam colocadas em candeeiros na parede. Ficavam a uma boa altura do chão, e queimavam com a calma firme da luz artificial em um ar que raramente era renovado. Quando olhei em volta, para a pálida obscuridade que elas exalavam, para o relógio parado, e para os acessórios desbotados do traje nupcial, espalhados pela mesa e o chão; quando olhei para a própria figura terrível de Miss Havisham, com seu reflexo fantasmagórico que o fogo projetava aumentado no teto e na parede, vi em tudo a confirmação daquela ideia que a minha mente construíra, repetida e atirada de volta sobre mim. Meus pensamentos atravessaram o quarto enorme e chegaram até a plataforma sobre a qual estava estendida a mesa; eu vi a mesma explicação escrita ali, nas cascatas de teias de aranha que cobriam o centro da mesa, no rastejar das aranhas sobre a toalha, nos rastros dos ratos que corriam, com o coração acelerado, por trás dos painéis, e nos avanços e recuos dos besouros pelo chão.

Na ocasião dessa visita, aconteceu de Estella e Miss Havisham trocarem algumas palavras ásperas. Foi a primeira vez que eu vi alguma divergência entre as duas.

Estávamos sentados junto ao fogo, como acabei de contar, e Miss Havisham ainda tinha o braço de Estella enfiado no seu, e ainda segurava a mão de Estella, quando Estella aos poucos começou a se libertar. Ela já havia mostrado uma impaciência orgulhosa mais de uma vez, e parecia antes suportar aquela afeição selvagem, do que aceitá-la ou retribuí-la.

“Como?”, disse Miss Havisham, lançando sobre ela os olhos faiscantes, “está cansada de mim?”

“Só um pouco cansada de mim mesma”, respondeu Estella, retirando o braço, e se dirigindo para a enorme lareira, onde ficou de pé, olhando para o fogo.

“Fale a verdade, sua ingrata!”, exclamou Miss Havisham, batendo com força a bengala no chão; “você está cansada de mim.”

Estella olhou para ela com perfeita compostura, e virou-se novamente para o fogo. Sua figura graciosa e seu lindo rosto expressavam uma indiferença impassível diante da cólera da outra, que era quase cruel.

“Você é fria como pedra!”, exclamou Miss Havisham. “Coração frio, de pedra!”

“O quê?”, disse Estella, mantendo sua atitude indiferente enquanto se apoiava contra a lareira, movendo só os olhos; “você está me reprovando por ser fria? Você?”

“E você não é?” foi a réplica furiosa.

“Você deveria saber”, disse Estella. “Eu sou aquilo que você fez de mim. Os elogios são todos seus, assim como a culpa; o sucesso é todo seu, e todo o fracasso também; em suma: eu sou sua.”

“Oh, olhe só para ela, olhe só para ela!”, exclamou Miss Havisham, com amargura; “Olhe só para ela, tão dura e ingrata, no próprio lar onde foi criada! Onde eu a tomei neste peito infeliz, quando ela ainda sangrava, e onde lhe dispensei anos de ternura!”

“Pelo menos eu não tomei parte no acordo”, disse Estella, “pois se eu pudesse andar e falar, quando ele foi feito, era tudo que eu poderia fazer. Mas o que você queria? Foi muito boa para mim, e devo tudo a você. O que queria mais?”

“Amor”, respondeu a outra.

“Você o tem.”

“Eu não o tenho”, disse Miss Havisham.

“Minha mãe adotiva”, replicou Estella, sem nunca deixar sua atitude graciosa e tranquila, sem nunca levantar a voz como a outra fizera, sem nunca ceder à raiva ou à ternura, “minha mãe adotiva, eu disse que devo tudo a você. Tudo que eu possuo é inteiramente seu. Tudo aquilo que me deu, está ao seu dispor para reaver. Além disso, não tenho nada. E se me pede que lhe dê aquilo que você nunca me deu, minha gratidão e meu dever não podem fazer o impossível.”

“Nunca lhe dei amor?”, gritou Miss Havisham, virando-se furiosa para mim. “Nunca lhe dei um amor ardente, pleno de ciúme o tempo inteiro, e da dor mais aguda, enquanto ela fala assim comigo? Que ela me chame de louca, que ela me chame de louca!”

“Por que eu deveria chamá-la de louca”, respondeu Estella, “eu, entre todas as pessoas? Existe alguém vivo que conheça os seus propósitos, a metade do que eu conheço? Existe alguém vivo que conheça a sua memória sólida, metade do que eu conheço? Eu, que me sentei nesta mesma sala, no banquinho que ainda agora está ao seu lado, aprendendo suas lições e olhando para o seu rosto, quando seu rosto era estranho e me assustava!”

“E bem cedo esqueceu!”, gemeu Miss Havisham. “Bem cedo esqueceu desse tempo!”

“Não, não esqueci”, Estella replicou, “não esqueci, mas guardei bem na memória. Quando me encontrou surda aos seus ensinamentos? Quando me achou desatenta às suas lições? Quando me viu deixar entrar aqui”, ela tocou o peito com a mão, “qualquer coisa que você tenha excluído? Seja justa comigo.”

“Tão orgulhosa, tão orgulhosa!”, gemeu Miss Havisham, puxando seus cabelos grisalhos com as duas mãos.

“Quem me ensinou a ser orgulhosa?”, respondeu Estella. “Quem me elogiou quando aprendi minha lição?”

“Tão dura, tão dura!”, gemeu Miss Havisham, fazendo o mesmo gesto de antes.

“Quem me ensinou a ser dura?”, respondeu Estella. “Quem me elogiou quando aprendi minha lição?”

“Mas ser orgulhosa e dura para comigo?” Miss Havisham gritou, enquanto estendia os braços. “Estella, Estella, Estella... Ser orgulhosa e dura para comigo?”

Estella olhou para ela por um momento, com um tipo de calmo espanto, mas sem se deixar perturbar de outro modo; quando o momento passou, ela voltou a olhar para o fogo.

“Não posso imaginar”, disse Estella, erguendo os olhos depois de um silêncio “por que você é tão pouco racional, quando venho vê-la depois de uma separação. Eu nunca esqueci suas ofensas, nem os seus motivos. Eu nunca fui infiel a você ou aos seus ensinamentos. Nunca mostrei nenhuma fraqueza de que eu possa me arrepender.”

“Seria fraqueza retribuir o meu amor?”, exclamou Miss Havisham. “Mas sim, sim, ela chamaria de fraqueza, sim!”

“Começo a pensar”, disse Estella, como se meditasse, depois de outro momento de calmo espanto, “que estou quase entendendo como isso ocorre.

Se tivesse criado sua filha adotiva apenas no confinamento escuro destes quartos, sem nunca tê-la deixado saber que existia alguma coisa como a luz do sol, sob a qual ela jamais viu seu rosto – se tivesse feito isso, e então, por alguma razão quisesse que ela entendesse a luz do sol e tudo mais sobre isso, teria ficado desapontada e zangada?"

Miss Havisham, com a cabeça entre as mãos, gemia baixinho e se balançava na cadeira, mas não deu nenhuma resposta.

"Ou", disse Estella "o que é um caso mais próximo, se tivesse ensinado a ela, desde o despertar da sua compreensão, com sua energia e força extremas, que existia alguma coisa como a luz do sol, mas que fora feita para ser sua inimiga, sua destruidora, e que ela devia sempre evitá-la, pois tinha destruído você e a destruiria também; se tivesse feito isto, e então, por alguma razão quisesse que ela se expusesse naturalmente à luz do sol e ela não pudesse fazê-lo, teria ficado desapontada e zangada?"

Miss Havisham continuou escutando (ou ao menos assim parecia, pois eu não podia ver seu rosto), mas não deu nenhuma resposta ainda.

"Assim", disse Estella, "eu devo ser aceita como fui feita. O sucesso não é meu, o fracasso não é meu, mas os dois juntos fizeram a mim."

Miss Havisham tinha se instalado no chão, não sei como, entre os despojos desbotados do seu traje nupcial, que estavam espalhados. Aproveitei este momento – eu estivera à procura de um desde o início – para deixar o quarto, depois de chamar a atenção de Estella para ela com um movimento de mão. Quando saí, Estella ainda estava de pé junto à grande lareira, do mesmo modo que estivera ao longo da discussão. O cabelo grisalho de Miss Havisham estava esparso sobre o chão, entre os seus outros destroços nupciais, e era uma visão triste de se ver.

Foi com um coração oprimido que eu caminhei sob a luz das estrelas durante mais de uma hora, no pátio, na cervejaria e no jardim em ruínas. Quando afinal tomei coragem para voltar ao quarto, encontrei Estella sentada aos pés de Miss Havisham, dando alguns pontos em um daqueles velhos artigos de toalete que estavam caindo aos pedaços, e dos quais eu tenho sido lembrado com frequência, desde então, pelos farrapos desbotados de velhas bandeiras que vi penduradas em catedrais. Depois, Estella e eu jogamos cartas como antigamente – só que agora éramos bem mais hábeis, e jogávamos jogos franceses. E assim a noite se passou, e fui para cama.

Dormi naquele edifício separado, do outro lado do pátio. Era a

primeira vez na vida que eu dormia em Satis House, e o sono recusou-se a se aproximar de mim. Milhares de Miss Havishams vieram me assombrar. Ela estava ora de um lado do meu travesseiro, ora do outro, à cabeceira da cama, ao pés da cama, atrás da porta meio-aberta do quarto de vestir, dentro do quarto de vestir, no quarto de cima, no quarto de baixo... em todos os lugares. Afinal, quando a noite rastejava lentamente para as duas horas, senti que não podia mais absolutamente suportar aquele lugar como um lugar de repouso, e que precisava me levantar. Levantei-me, então, vesti-me, e, atravessando o pátio, dirigi-me ao longo corredor de pedra, com a intenção de chegar ao pátio externo e passear por ali na esperança de aliviar a mente. Mas apaguei a vela antes de chegar ao corredor, pois vi Miss Havisham andando ao longo dele como um fantasma, enquanto chorava baixinho. Eu a segui à distância, e a vi subir a escada. Ela carregava uma vela na mão, que provavelmente tinha tirado de um dos candeeiros do seu próprio quarto, e, sob essa luz, lembrava uma aparição. Parado ao pé da escada, senti o cheiro de mofo da sala onde estava a mesa do banquete, sem que a visse abrir a porta; eu a ouvi caminhando por lá, assim como no seu quarto, e depois de novo na sala, sem nunca deixar de chorar baixinho. Depois de um tempo, tentei no escuro sair dali ou voltar, mas não consegui fazer nem um nem outro, até que alguns raios de luz penetrando no interior me permitissem ver onde eu punha as mãos. Durante todo o tempo, sempre que eu ia até o pé da escada, ouvia seus passos, via sua luz lá em cima, e ouvia seu choro incessante.

Antes de partirmos, no dia seguinte, a diferença entre ela e Estella não se repetiu, nem voltou a se repetir em qualquer ocasião semelhante; e houve quatro dessas ocasiões, se não me falha a lembrança. Nem jamais notei qualquer mudança nas maneiras de Miss Havisham para com Estella, a não ser que havia algo como medo misturado às suas características anteriores.

É impossível virar esta página da minha vida sem pôr o nome de Bentley Drummle no meio, do contrário eu o faria, com muito prazer.

Em certa ocasião, quando os Tentilhões estavam reunidos em grande número, e quando os bons sentimentos eram fomentados da maneira habitual, quer dizer, ninguém estava brigando com ninguém, o Tentilhão que presidia chamou o Bosque à ordem. Mr. Drummle ainda não havia brindado a uma dama, conforme exigiam as regras solenes da sociedade, e aquele dia era a vez daquele bruto. Pensei tê-lo visto lançar-me um olhar de deboche, enquanto as garrafas circulavam, mas como não havia qualquer afeição entre

nós, isso poderia facilmente ter acontecido. Qual não foi minha surpresa e indignação quando ele conclamou o grupo a erguer um brinde a “Estella!”

“Estella de quê?”, disse eu.

“Não é da sua conta”, Drummle replicou.

“Estella de onde?”, disse eu. “Você é obrigado a dizer de onde.” O que ele de fato era, na qualidade de Tentilhão.

“De Richmond, cavalheiros”, disse Drummle, excluindo-me, “e de uma beleza inigualável.”

“Muito que ele sabe sobre belezas inigualáveis, esse idiota miserável!” eu sussurrei para Herbert.

“Eu conheço essa dama”, disse Herbert, do outro lado da mesa, depois de feito o brinde.

“Conhece?”, disse Drummle.

“E eu também”, acrescentei, com o rosto em fogo.

“Conhece?”, disse Drummle. “Oh, Deus!”

Essa era a única réplica – fora o barulho dos copos ou dos pratos – que essa criatura enfadonha era capaz de fazer, mas eu fiquei tão furioso como se tivesse recebido uma réplica espirituosa. Levantei imediatamente do meu lugar, dizendo que eu não podia deixar de considerar um descaramento da parte do honrado Tentilhão vir diante do Bosque – nós sempre falávamos em “vir diante do Bosque”, como uma expressão elegante e parlamentar – vir diante do Bosque, propor um brinde a uma dama sobre a qual ele não sabia nada. Diante disso, Mr. Drummle se encrespou, e exigiu saber o que eu queria dizer com isso. Ao que eu lhe respondi, de modo radical, que ele sem dúvida sabia onde eu poderia ser encontrado.

Se depois disso era possível, em um país cristão, prosseguir sem derramamento de sangue, era uma questão sobre a qual os Tentilhões se dividiram. O debate se tornou tão vivo, na verdade, que pelo menos mais seis honrados membros disseram a outros seis, durante a discussão, que eles sem dúvida sabiam onde eles poderiam ser encontrados. No entanto, foi afinal decidido (já que o Bosque era um tribunal de honra) que se Mr. Drummle trouxesse o mais simples certificado da dama, constando que ele tinha a honra de conhecê-la, Mr. Pip teria que expressar seu pesar, como um cavalheiro e um Tentilhão, por ter “sido traído pelo calor do momento.” Fixou-se o dia seguinte para a apresentação do documento (para que nossa honra não esfriasse com a demora); e, no dia seguinte, Drummle apareceu

com uma pequena declaração cortês escrita à mão por Estella, dizendo que tivera a honra de dançar com ele várias vezes. Isso não me deixou outra saída senão lamentar que eu tivesse sido “traído no calor do momento”, e repudiar, como insustentável, a ideia de que eu poderia ser encontrado em algum lugar. Drummle e eu ficamos então encarando um ao outro durante uma hora, enquanto o Bosque abria uma discussão generalizada sobre a matéria. Finalmente, declarou-se que a promoção dos bons sentimentos vencera por extensa maioria.

Eu conto isso com leveza, mas não foi nada fácil para mim. Não posso expressar de modo adequado a dor que senti ao pensar que Estella pudesse mostrar o menor favorecimento a um indivíduo tão desprezível, desajeitado, estúpido e mal-humorado, muito inferior à média. Naquele momento, creio poder atribuir ao puro ardor de generosidade e desinteresse do meu amor por ela, que eu não pudesse suportar a ideia de que ela tivesse alguma inclinação por aquele cão de caça. Não há dúvida de que eu teria ficado infeliz fosse quem fosse que ela favorecesse; mas um objeto mais digno teria me causado um tipo diferente e um grau diferente de angústia.

Para mim, foi fácil descobrir, e de fato logo descobri, que Drummle havia começado a segui-la de perto, e que ela lhe permitira agir assim. Dentro de pouco tempo, ele estava sempre a persegui-la, e ele e eu nos cruzávamos todos os dias. Ele persistiu, de modo estúpido, e Estella o manteve em sua obstinação; seja encorajando-o, seja desencorajando-o, às vezes quase o lisonjeando, outras o menosprezando abertamente, ora conhecendo-o muito bem, ora mal se lembrando quem ele era.

O Aranha, como o chamara Mr. Jaggers, estava acostumado a esperar, porém, e tinha a paciência da sua raça. Além disso, ele tinha uma confiança estúpida no seu dinheiro e na grandeza da sua família, que às vezes lhe prestava um bom serviço, quase tirando o lugar da concentração e da determinação de propósito. Assim, o Aranha, ao espreitar Estella de modo obstinado, espreitava muitos outros insetos mais brilhantes, e, no tempo certo, acabaria se desenroscando e caindo no chão.

Em certo baile comunitário em Richmond (costumava haver bailes comunitários em muitos lugares, na época), onde Estella ofuscara todas as outras beldades, esse palerma do Drummle se prendeu tanto a ela, e com tanta tolerância da sua parte, que decidi falar com Estella a respeito dele. Aproveitei a primeira oportunidade, que foi quando ela esperava por Mrs.

Brandley para irem para casa. Ela estava sentada sozinha em meio às flores, pronta para partir. Eu estava com ela, pois quase sempre era eu quem as levava e trazia de reuniões como essa.

"Está cansada, Estella?"

"Bastante, Pip."

"E deveria estar."

"Diga antes que eu não deveria estar, pois ainda tenho que escrever minha carta para Satis House, antes de ir dormir."

"Contando seu triunfo desta noite?", disse eu. "É seguramente um triunfo muito pobre, Estella."

"O que quer dizer? Não sabia que tinha havido algum."

"Estella", disse eu, "apenas olhe para o indivíduo naquele canto lá adiante, que está olhando para nós."

"Por que eu deveria olhar para ele?", respondeu Estella, fixando os olhos sobre mim, em vez disso. "O que há com aquele indivíduo lá no canto – para usar suas palavras – que eu tenha necessidade de ver?"

"De fato, é justamente essa a pergunta que quero lhe fazer", disse eu. "Pois ele andou à sua volta durante toda a noite."

"Traças, e todos os tipos de criaturas nojentas", respondeu Estella, lançando um olhar para ele, "esvoaçando em torno de uma vela acesa. A vela pode impedir isso?"

"Não", eu respondi; "mas Estella não pode impedir?"

"Bem!" disse ela, rindo, depois de um momento, "talvez. Sim. Como desejar."

"Mas, Estella, ouça o que lhe digo. Fico muito infeliz de ver você encorajando um homem tão geralmente desprezado como Drummle. Você sabe o quanto o desprezam."

"Bem?" disse ela.

"Você sabe que ele é tão rude por dentro quanto por fora. Um sujeito deficiente, de mau caráter, baixo e estúpido."

"Bem?" disse ela.

"Você sabe que ele não tem nada que o recomende, além do dinheiro e uma linha ridícula de ancestrais insignificantes; sabe disso, não é?"

"Bem?" disse ela outra vez; e cada vez que dizia essa palavra, abria um pouco mais os lindos olhos.

Para superar a dificuldade, e me desembaraçar desse monossílabo, eu

o tomei dela, e disse, repetindo-o com ênfase, “Bem! Então é isso que me faz infeliz.”

Naquele momento, se eu pudesse ter acreditado que ela favorecia Drummle com a ideia de me tornar infeliz, meu coração não teria ficado tão desolado; mas, naquele seu modo habitual, ela me colocou tão completamente fora de questão, que eu não podia acreditar em nada do tipo.

“Pip”, disse Estella, lançando um olhar para a sala, “não seja tolo quanto ao efeito disso sobre você. Pode ter efeito sobre outros, e talvez tenha sido essa a intenção. Não vale a pena discutir esse ponto.”

“Vale, sim”, disse eu, “pois não posso suportar que as pessoas digam, ‘ela joga fora sua beleza e seus encantos com um grosseirão, o mais vil entre todos.’”

“Pois eu posso suportar”, disse Estella.

“Oh! Não seja tão orgulhosa, Estella! Não seja tão inflexível.”

“Ah, ele me chama de orgulhosa e inflexível em um só suspiro!” disse Estella, abrindo as mãos. “E me reprova por me humilhar diante de uma pessoa rude!”

“Não há nenhuma dúvida de que o fez”, disse eu, de modo um tanto precipitado, “pois eu vi você lhe dar olhares e sorrisos, esta noite mesmo, como você nunca deu... para mim.”

“Então você quer”, disse Estella, virando-se de repente com um olhar fixo e sério, se não irado, “que eu o engane, que eu lhe prepare uma armadilha?”

“Você o engana e lhe prepara armadilhas, então, Estella?”

“Sim, e a muitos outros – todos, menos você. Aqui está Mrs. Brandley. Não direi mais uma palavra.”

E agora que dediquei um capítulo ao tema que preencheu meu coração, e com tanta frequência o fez sofrer e sofrer ainda mais, passo sem mais obstáculos para o acontecimento que me ameaçava havia tanto tempo; o acontecimento que tinha começado a ser preparado antes que eu soubesse que havia uma Estella no mundo, e nos dias em que a sua inteligência infantil estava começando a ser desvirtuada pelas mãos destruidoras de Miss Havisham.

Na história oriental, a laje pesada que deve cair sobre a base do estado na excitação da conquista, é extraída lentamente da pedreira; o túnel para conter a corda que deve segurar essa pedra em seu lugar, é cavado lentamente

através das camadas de rocha; a laje é levantada lentamente e fixada no telhado; a corda é passada por ela e puxada lentamente através do túnel escavado até o grande anel de ferro. Tudo pronto depois de muitos esforços, e chegada a hora, o sultão era acordado no meio da noite, e o machado afiado que deveria cortar a corda do grande anel de ferro era posto em sua mão; ele dava um golpe com o machado, a corda se rompia e corria solta, e a pedra caía. Assim era também no meu caso: todo o trabalho, próximo ou distante, que concorria para o fim inevitável, tinha sido realizado. Em um instante o golpe foi dado, e o teto da minha fortaleza desabou sobre mim.

CAPÍTULO XXXIX

Eu estava com vinte e três anos de idade. Nem uma palavra fora dita para me esclarecer sobre as minhas esperanças, e meu vigésimo terceiro aniversário já se passara há uma semana. Nós havíamos deixado a Hospedaria Barnard há mais de um ano, e morávamos no Temple. Nossos apartamentos ficavam em Garden Court, dando para o rio.

Mr. Pocket e eu tínhamos terminado há algum tempo as nossas relações originais, embora continuássemos nos melhores termos. Apesar da minha inabilidade para me ocupar de qualquer coisa – inabilidade que vinha, eu espero, da maneira irregular e incompleta com que eu dispunha dos meus recursos – eu tinha gosto pela leitura, e lia regularmente algumas horas por dia. Aquele assunto do Herbert ainda estava progredindo, e comigo tudo continuava como eu havia dito no fim do capítulo precedente.

Os negócios de Herbert o tinham levado a Marselha. Eu estava sozinho, e me sentia triste por estar só. Desanimado e ansioso, esperando há muito tempo que o amanhã ou a semana seguinte clareassem o meu caminho, e depois de tanto tempo desapontado, eu sentia tristemente a falta do rosto alegre e da resposta pronta do meu amigo.

Fazia um tempo horrível: temporais e chuva, temporais e chuva, e lama, lama, lama em camadas espessas por todas as ruas. Dia após dia, um véu pesado e cinzento havia pairado sobre Londres, vindo do leste; e ainda estava lá, como se no leste houvesse uma eternidade de nuvens e ventos. As rajadas de vento tinham sido tão violentas, que os edifícios altos da cidade tinham tido as chapas de chumbo arrancadas dos telhados. No interior do país, as árvores tinham sido arrancadas pela raiz, e as pás dos moinhos levadas pelo vento. Da costa chegaram relatos sombrios, falando de naufrágios e mortes. Violentas pancadas de chuva tinham acompanhado essas rajadas de vento, e o dia que terminava, quando me sentei para ler, tinha sido o pior de todos.

Desde aquela época, foram feitas alterações nessa parte do Temple, e agora ele não tem um aspecto tão solitário como tinha então, nem é tão exposto ao rio. Nós morávamos no último andar do prédio, e o vento, subindo do rio, fazia tremer a nossa casa naquela noite, como as descargas de um canhão, ou os recifes do mar. Quando a chuva chegou, e bateu com força contra as janelas, eu pensei, erguendo meus olhos e vendo-as sacudir, que eu

poderia facilmente me imaginar em um farol açoitado pela tempestade. Ocasionalmente, a fumaça entrava de volta pela chaminé, como se não suportasse sair em uma noite como aquela; e quando abri as portas para olhar a escadaria, as lâmpadas da escada se apagaram; e quando protegi o rosto com as mãos e olhei pelas janelas escuras (abri-las, mesmo que só um pouco, com essa chuva e vento, estava fora de questão), vi que as luzes do pátio também estavam apagadas, e que as luzes nas pontes e na costa tremeluziam, e que as brasas dos carvões nas barcaças sobre o rio estavam sendo levadas pelo vento, como estilhaços incandescentes sob a chuva.

Eu li com o relógio sobre a mesa, pretendendo fechar meu livro às onze horas. Quando o fechei, ouvi o relógio da igreja de Saint Paul, assim como todas as outras igrejas pela cidade, umas primeiro, outras acompanhando, outras depois, baterem aquela hora. O som era curiosamente cortado pelo vento, e eu estava escutando e pensando em como o vento fustigava e cortava o som, quando ouvi passos na escada.

Não sei qual foi a loucura nervosa que me fez estremecer, e encontrar uma terrível relação entre esses passos e os da minha irmã morta, mas pouco importa. Passou em um momento. Voltei a escutar, e ouvi os passos subindo pela escada. Lembrando-me, então, que as luzes da escadaria estavam apagadas, peguei meu abajur de leitura e saí para o patamar. Quem estava subindo parou ao ver minha lâmpada, pois tudo estava quieto.

“Há alguém aí embaixo, não há?”, chamei, olhando para baixo.

“Sim”, disse uma voz na escuridão.

“Que andar está procurando?”

“O último. O apartamento de Mr. Pip.”

“É esse o meu nome. Não está trazendo más notícias, está?”

“Nenhuma má notícia”, respondeu a voz. E o homem continuou a subir.

Continuei com a lâmpada levantada sobre o corrimão da escada, e ele veio entrando lentamente sob a luz. Era um abajur, feito para iluminar apenas um livro, e seu círculo de luz era muito restrito, de modo que ele estava sob a luz em um instante, e no outro estava fora. Naquele instante vi um rosto que me era estranho, e que me olhava com um ar incompreensível para mim, como se estivesse emocionado e contente por me ver.

Acompanhando o movimento do homem com a luz, vi que ele usava bastante roupa, mas de um tipo grosseiro, como de alguém que viajasse pelo

mar. Que tinha longos cabelos grisalhos. Que devia ter cerca de sessenta anos. Que era um homem musculoso, de pernas fortes, e que sua pele fora queimada e ressecada pela exposição à intempérie. Quando ele chegou ao penúltimo degrau, e a luz do meu abajur nos incluiu a ambos, eu vi, com uma espécie de assombro estúpido, que ele estendia suas duas mãos para mim.

“Por favor, o que deseja?”, eu lhe perguntei.

“O que eu desejo?”, ele repetiu, fazendo uma pausa. “Ah! Sim. Eu lhe explicarei o que desejo, se me permite.”

“Deseja entrar?”

“Sim”, ele respondeu; “Eu desejo entrar, senhor.”

Eu tinha feito a pergunta de modo pouco hospitaleiro, pois me ressentia com o tipo de reconhecimento radiante e satisfeito que ainda brilhava em seu rosto, pensando que isso parecia implicar que ele esperava que eu retribuísse. Mas eu o conduzi à sala que acabara de deixar, e, tendo colocado o abajur sobre a mesa, eu lhe pedi do modo mais polido possível que se explicasse.

Ele olhou em torno de si com a expressão mais estranha, um ar de extremo prazer, como se tivesse alguma participação nas coisas que admirava, e tirou o chapéu e o sobretudo grosseiro. Então vi que sua cabeça era enrugada e calva, e que os longos cabelos grisalhos só cresciam dos lados. Mas não vi nada que o explicasse de modo algum. Pelo contrário, no momento seguinte vi que ele estendia novamente as duas mãos para mim.

“O que significa isso?”, disse eu, começando a suspeitar que ele talvez fosse louco.

Ele parou de me olhar, e passou lentamente sua mão direita sobre a cabeça. “É uma decepção para um homem”, disse ele, em uma voz rude e quebrada, “que esperou por isso tanto tempo, e que veio de tão longe; mas você não tem culpa disso... nenhum de nós é culpado. Eu lhe falarei dentro de meio minuto. Dê-me meio minuto, por favor.”

Ele sentou-se em uma cadeira colocada diante do fogo, e cobriu a testa com as mãos grandes, escuras e calejadas. Olhei atentamente para ele, então, e recuei um pouco; mas não o reconheci.

“Não há ninguém aqui, não é?”, disse ele, olhando por sobre o ombro.

“Por que o senhor, um estranho que vem ao meu apartamento a essa hora da noite, me faz essa pergunta?” disse eu.

“Você é bem corajoso”, ele respondeu, balançando a cabeça para mim

com um afeto deliberado, ao mesmo tempo exasperante e incompreensível; “Fico feliz que tenha se tornado tão corajoso! Mas não tente me enganar. Você vai se arrepender depois, se fizer isso.”

Eu desisti da intenção que ele havia descoberto, pois acabara de reconhecê-lo! Eu não podia recordar um único traço do seu rosto, mas mesmo assim o reconheci! Se o vento e a chuva tivessem banido todos os anos que haviam se passado, se tivesse espalhado todos os objetos que se interpunham, se tivesse nos levado de volta ao cemitério onde primeiro estivemos frente a frente, em níveis diferentes, eu não teria podido reconhecer o meu condenado mais distintamente do que o reconhecia agora, ao vê-lo sentado na cadeira diante do fogo. Não havia necessidade de tirar uma lixa do bolso e mostrá-la para mim; não havia necessidade de tirar o lenço do pescoço e colocá-lo em volta da cabeça; não havia necessidade de apertar os dois braços em volta do próprio corpo e dar uma volta pela sala, tremendo, virando o rosto para mim em busca de reconhecimento. Eu o reconheci antes que ele me ajudasse com algum desses sinais, embora, um momento antes, não tivesse a mais remota suspeita sobre a sua identidade.

Ele veio até onde eu estava, e me estendeu novamente as duas mãos. Não sabendo o que fazer, pois na minha surpresa eu havia perdido o autocontrole, eu lhe estendi as minhas mãos com relutância. Ele as apertou cordialmente, levou-as aos lábios, beijou-as e continuou a segurá-las.

“Você agiu com muita nobreza, meu rapaz”, disse ele. “Agiu nobremente, Pip! E eu nunca me esqueci disso!”

Ao notar que ele fazia um movimento, como se fosse me abraçar outra vez, pus a mão no seu peito e o afastei.

“Espere!”, disse eu. “Afaste-se! Se está grato a mim pelo que fiz pelo senhor quando era uma criança, espero que, para me mostrar sua gratidão, tenha mudado seu modo de vida. Se veio aqui para me agradecer, não era necessário. No entanto, como o senhor me encontrou, deve haver algo bom no sentimento que o trouxe aqui, e eu não o rejeitarei; mas certamente deve entender que... eu...”

Minha atenção foi de tal forma atraída pela singularidade do olhar que ele fixava sobre mim, que as palavras morreram nos meus lábios.

“Você estava dizendo”, ele observou, quando nos confrontamos em silêncio, “que eu certamente devo entender... O que eu devo certamente entender?”

“Que eu não posso desejar renovar aquele conhecimento casual de tanto tempo atrás, nas circunstâncias diferentes em que me encontro agora. Estou contente de acreditar que o senhor se arrependeu e se recuperou. Fico feliz de lhe dizer isso. Estou contente que, achando que eu merecia sua gratidão, o senhor tenha vindo me agradecer. Mas nossos caminhos são diferentes agora, apenas isso. Mas o senhor está molhado, e parece cansado. Gostaria de beber alguma coisa antes de partir?”

Ele tinha recolocado o lenço frouxamente no pescoço, e estivera me observando de modo penetrante, mordendo a ponta do lenço. “Acho”, ele respondeu, sem parar de morder o lenço e me observar, “que gostaria de beber alguma coisa, obrigado, antes de ir.”

Havia uma bandeja preparada em uma mesinha lateral. Eu a trouxe para a mesa perto do fogo, e lhe perguntei o que gostaria de beber. Ele apenas tocou em uma das garrafas, sem olhá-la ou falar, e eu lhe preparei um pouco de rum quente e água. Tentei manter minha mão firme enquanto o fazia, mas o olhar que ele lançava sobre mim, enquanto se reclinava na cadeira com a ponta do lenço evidentemente esquecida entre os dentes, tornou muito difícil controlar minha mão. Quando, afinal, pus o copo diante dele, vi com espanto que seus olhos estavam cheio de lágrimas.

Todo esse tempo eu tinha permanecido de pé, sem disfarçar meu desejo de vê-lo partir. Mas fui abrandado pelo aspecto emotivo do homem, e senti uma ponta de remorso. “Espero”, disse eu, colocando apressadamente alguma coisa em um copo para mim, e puxando uma cadeira para junto da mesa “que o senhor não pense que lhe falei rudemente, agora há pouco. Não era minha intenção, e sinto muito se o fiz. Desejo que seja contente e feliz!”

Como eu levei o copo aos lábios, ele olhou com surpresa para a ponta do lenço, que caíra da sua boca quando ele a abriu, e me estendeu a mão. Eu lhe dei a minha. Ele então bebeu, e depois passou a manga pelos olhos e a testa.

“Como o senhor está vivendo?” eu lhe perguntei.

“Fui criador de ovelhas, criador de gado, além de outros comércios, lá longe, no Novo Mundo”, disse ele; “no outro lado do mar, a mais de mil milhas daqui.”

“Foi bem-sucedido, espero?”

“Fui maravilhosamente bem-sucedido. Há outros que foram para lá comigo e também se saíram bem, mas nenhum se saiu tão bem quanto eu.

Sou famoso por isso.”

“Fico feliz em saber.”

“Eu esperava que dissesse isso, meu querido menino.”

Sem parar para tentar entender essas palavras, ou o tom em que foram ditas, voltei-me para um ponto que acabava de me vir à mente.

“Já voltou a ver um mensageiro que me enviou uma vez”, eu indaguei, “desde que ele aceitou aquela incumbência?”

“Nunca mais coloquei os olhos nele. Nem procurei fazê-lo.”

“Ele cumpriu a missão fielmente, e me trouxe as duas notas de uma libra. Eu era um menino pobre, como o senhor sabe, e para um menino pobre aquela era uma pequena fortuna. Mas, como o senhor, eu também me saí bem desde então, e deve permitir-me reembolsá-lo. Pode usá-las para ajudar algum outro menino pobre.” E puxei minha carteira.

Ele me observava enquanto eu punha a carteira sobre a mesa, abria, e separava as duas notas de uma libra do meio das outras coisas que ela continha. Eram notas novas e limpas; eu as estiquei e entreguei a ele. Ainda me observando, ele pôs uma sobre a outra, dobrou-as bem, torceu-as, ateou fogo a elas no abajur, e deixou cair as cinzas na bandeja.

“Posso ter a audácia”, disse ele então, com um sorriso que parecia um esgar, e um esgar que parecia um sorriso, “de lhe perguntar como se saiu tão bem, desde que você e eu estivemos lá fora naqueles pântanos frios e solitários?”

“Como?”

“Ah!”

Ele esvaziou o copo, levantou-se, e se pôs de pé ao lado do fogo, com sua mão castanha e pesada apoiada na borda da lareira. Colocou um pé sobre as barras de ferro da grelha, para secá-lo e aquecê-lo, e a bota úmida começou a soltar vapor; ele não olhou para os pés nem para o fogo, mas não parou de me olhar fixamente. Foi só então que comecei a tremer.

Quando meus lábios se abriram e pronunciei algumas palavras, o som não saiu, e me esforcei para contar-lhe (embora não pudesse fazê-lo distintamente), que eu tinha sido escolhido para herdar certa propriedade.

“Pode um simples verme como eu perguntar que tipo de propriedade?” disse ele.

Eu gaguejei, “Não sei.”

“Pode um simples verme como eu perguntar de quem é a

propriedade?” disse ele.

Eu gaguejei novamente, “Não sei.”

“Posso fazer uma suposição”, disse o condenado, “sobre a sua renda desde que se tornou maior de idade. Vejamos, vamos colocar como primeiro número... cinco?”

Com meu coração batendo como um martelo pesado, levantei-me da cadeira e apoiei a mão no encosto, olhando de modo selvagem para ele.

“Quanto ao seu tutor”, ele continuou, “deve ter havido um tutor, ou algo do tipo, enquanto você era menor de idade. Algum advogado, talvez. A primeira letra do nome desse advogado, não seria um J?”

Toda a verdade sobre a minha posição caiu sobre mim como um raio; e suas decepções, seus perigos, suas desgraças, suas consequências de todo tipo, surgiram em tal quantidade, que fui vencido, e tive que lutar com todas as forças para respirar.

“Suponhamos”, ele retomou, “que a pessoa que emprega esse advogado cujo nome começa com um J, e poderia ser Jaggers, suponhamos que essa pessoa tenha vindo pelo mar e chegado a Portsmouth, que tenha desembarcado lá, e tenha desejado vir até aqui vê-lo. ‘No entanto, você me encontrou’, foi o que você disse agora mesmo. Bem! Será que o encontrei mesmo? Ora, só escrevi de Portsmouth para uma pessoa em Londres, pedindo o seu endereço. O nome dessa pessoa? Ora, é Wemmick.”

Eu não poderia ter falado uma só palavra, nem que fosse para salvar minha vida. Fiquei ali de pé, com uma mão no espaldar da cadeira e a outra no peito; eu parecia estar sufocando... Fiquei ali de pé, olhando de modo selvagem para ele, até que me agarrei à cadeira, pois a sala começou a dar voltas e girar. Ele me pegou, me levou para o sofá, estendeu-me sobre as almofadas e ajoelhou-se diante de mim, aproximando aquele rosto que eu reconhecia bem agora, e que me fazia tremer, bem perto do meu.

“Sim, Pip, meu querido menino, fiz de você um cavalheiro! Fui eu quem fez isso! Eu jurei naquele tempo que, quando eu ganhasse um guinéu, esse guinéu seria seu. Jurei depois que, se eu ficasse rico com as minhas especulações, você seria rico. Levei uma vida difícil, para que a sua vida fosse fácil; trabalhei duro, para que você não precisasse trabalhar. Que vantagem eu tinha, querido menino? Não estou lhe contando isso para que se sinta em dívida para comigo. Não, de jeito nenhum. Estou lhe contando, para que saiba que aquele cão desprezível e caçado que lhe deve a vida, elevou-se

tanto a ponto de poder fazer um cavalheiro... Sim, Pip, e você é esse cavalheiro!”

A aversão que eu tinha por esse homem, o medo que eu sentia dele, a repugnância com a qual eu me afastava dele, não poderiam ter sido maiores, se ele tivesse sido alguma besta feroz.

“Olhe aqui, Pip. Eu sou seu segundo pai. Você é meu filho... mais do que um filho para mim. Eu guardei dinheiro, só para você gastar. Quando eu era um pastor de ovelhas, vivendo em uma cabana solitária, sem ver outros rostos além dos rostos das ovelhas, até esquecer como eram os rostos de homens e mulheres, eu via o seu. Muitas vezes eu largava a faca quando estava comendo meu jantar ou minha ceia naquela cabana, e dizia, ‘Aqui está o menino de novo, olhando para mim enquanto eu como e bebo!’ Eu vi você lá muitas vezes, tão claramente quanto o vi naqueles pântanos cobertos de névoa. ‘Que Deus me faça morrer!’ eu dizia a cada vez, e saía em pleno ar para dizer a céu aberto, ‘pois se eu conseguir liberdade e dinheiro, vou fazer daquele menino um cavalheiro!’ E eu fiz. Pois olhe só para você, meu querido menino! Olhe esse apartamento que você tem aqui, feito para um lorde! Um lorde? Ah! Você pode apostar dinheiro com esses senhores, pois tem mais do que eles!”

No seu ardor e triunfo, e por saber que eu quase desmaiara, ele não observou minha recepção às suas palavras. Era o único consolo que eu tinha.

“Olhe aqui!” ele continuou, tirando meu relógio do bolso e examinando um anel que eu tinha no dedo, enquanto eu me afastava do seu toque como se ele fosse uma cobra, “um relógio em ouro, e bonito também: isso é digno de um cavalheiro, eu espero! Um diamante todo circundado por rubis; isso é digno de um cavalheiro, eu espero! Olhe essa roupa branca; fina e bonita! Olhe para suas roupas; não há melhores! E os seus livros também”, passeando os olhos em torno da sala, “subindo pelas estantes às centenas! E você lê todos eles, não é? Eu vi que você lê todos eles quando cheguei. Ha, ha, ha! Deve ler para mim, querido menino! E se eles estiverem em alguma língua estrangeira que eu não entenda, vou ficar tão orgulhoso como se entendesse.”

Ele pegou de novo as minhas mãos e levou-as aos lábios, enquanto meu sangue gelava nas veias.

“Não se preocupe em falar, Pip”, disse ele, depois de passar de novo a manga pelos olhos e pela fronte, enquanto fazia aquele clique com a garganta

que eu me lembrava tão bem – e ele me parecia ainda mais horrível naquele estado de excitação; “não pode fazer nada melhor do que ficar tranquilo, meu querido menino. Você não estava esperando por esse momento, como eu estava; você não estava preparado para isso como eu. Mas você nunca pensou que poderia ser eu?”

“Oh, não, não, não”, eu respondi, “Nunca, nunca!”

“Bem, agora vê que fui eu, e sem ajuda. Nem uma alma sabia disso, a não ser eu mesmo e Mr. Jaggers.”

“Não houve mais ninguém?” eu perguntei.

“Não”, disse ele, com um olhar de surpresa: “quem mais haveria? Ah, meu menino, como você ficou bonito! Há uns belos olhos em algum lugar, heim? Não há em algum lugar uns belos olhos, nos quais você gosta de pensar?”

Oh, Estella, Estella!

“Eles serão seus, querido menino, se o dinheiro puder comprá-los. Não que um cavalheiro como você, tão bem posicionado, não possa ganhá-los por si mesmo, mas o dinheiro o ajudará! Deixe-me terminar o que eu tinha para lhe dizer, meu menino. Naquela cabana, e com o meu trabalho, recebi um dinheiro que o meu patrão me deixou (ele morreu, e tinha sido como eu); consegui minha liberdade e trabalhei por minha conta. E tudo que eu tentei depois disso, tentei por você. ‘Que Deus acabe comigo’, eu dizia, a cada coisa que tentava, ‘se isso não for por ele!’ Tudo prosperou maravilhosamente. Como já lhe disse agora há pouco, sou famoso por isso. Foi o dinheiro que me foi deixado, e os ganhos dos meus primeiros anos, que eu enviei a Mr. Jaggers, tudo para você, quando ele foi procurá-lo, de acordo com a minha carta.”

Oh, quem dera ele nunca tivesse vindo! Que tivesse me deixado na ferraria! Eu estava longe de estar contente, no entanto, comparativamente, estava feliz!

“E então, meu menino, veja bem, era uma recompensa para mim saber em segredo que eu estava fazendo um cavalheiro. Os malditos cavalos dos colonos podiam lançar sua poeira em cima de mim enquanto eu caminhava; o que eu dizia? Eu dizia a mim mesmo, ‘Estou fazendo um cavalheiro melhor do que vocês jamais serão!’ Quando um deles dizia ao outro, ‘Ele era um condenado, alguns anos atrás, e é um sujeito comum e ignorante, apesar da sorte que tem’, o que eu dizia? Eu dizia a mim mesmo, ‘Se eu não sou um

cavalheiro, nem tenho qualquer instrução, possuo alguém assim. Todos vocês só têm terras e gado; qual de vocês possui um cavalheiro educado em Londres?' E era assim que eu me mantinha. E foi assim que mantive firme na mente a ideia de que eu certamente viria um dia ver o meu menino, e me dar a conhecer para ele, na sua própria casa."

Ele pôs a mão no meu ombro. Eu estremeci ao pensar que, por tudo que eu sabia, sua mão poderia estar manchada de sangue.

"Não era fácil para mim, Pip, deixar aquele lugar, nem era seguro também. Mas eu me agarrei a isso, e quanto mais difícil era, mais eu me agarrava, pois estava determinado, e a decisão estava firme em minha mente. Afinal, eu consegui. Meu querido menino, eu consegui!"

Tentei organizar meus pensamentos, mas estava atordoado. Durante todo esse tempo, me parecia ouvir mais o vento e a chuva do que a ele; mesmo agora, eu não conseguia separar a voz dele dessas vozes, embora essas fossem audíveis, e a dele guardasse silêncio.

"Aonde você vai me colocar?", ele perguntou, então. "Tenho que ficar em algum lugar, meu menino."

"Para dormir?", disse eu.

"Sim, para dormir bastante e profundamente", respondeu ele; "pois fui molhado e sacudido pelo mar durante meses e meses."

"Meu amigo e companheiro está ausente", disse eu, levantando-me do sofá; "o senhor pode ocupar o seu quarto."

"Ele não vai voltar amanhã, não é?"

"Não", disse eu, respondendo de modo quase mecânico, apesar dos esforços extremos que fazia; "amanhã não."

"Porque, veja bem, meu querido menino", ele disse, baixando a voz, e pousando um longo dedo no meu peito para me impressionar, "é preciso tomar cuidado."

"O que quer dizer? Tomar cuidado?"

"Por Deus, é a Morte!"

"Como assim, a morte?"

"Fui enviado para longe para viver. Voltar é a morte. Houve demasiadas vindas nos últimos anos, e eu seria certamente enforcado se fosse preso."

Não era preciso mais nada; o homem infeliz, depois de ter me oprimido com seus grilhões de ouro e de prata durante anos, tinha arriscado

sua vida para vir a mim, e eu agora o tinha em minhas mãos! Se eu o tivesse amado, em vez de detestá-lo; se eu tivesse sido atraído para ele pela mais forte admiração e por um grande afeto, em vez de afastar-me dele com a maior repugnância; não poderia ter sido pior. Pelo contrário, teria sido melhor, pois meu coração seria levado então a protegê-lo, de modo terno e natural.

Meu primeiro cuidado foi fechar as venezianas, de modo que não se visse nenhuma luz pelo lado de fora, e depois fechar e trancar a porta. Enquanto eu fazia isso, ele ficou à mesa, bebendo rum e comendo biscoitos; e quando eu o vi assim, me pareceu ver outra vez o meu condenado nos pântanos, comendo sua refeição. Quase me pareceu que a qualquer momento ele iria se inclinar para lixar o ferro da perna.

Depois de ter entrado no quarto de Herbert, para fechar qualquer comunicação entre ele e a escada que o separava da sala na qual tínhamos tido a nossa conversa, perguntei-lhe se gostaria de ir para cama. Ele disse que sim, mas me pediu alguma “roupa íntima de cavalheiro” para vestir pela manhã. Eu a trouxe e deixei-a pronta, e meu sangue gelou novamente quando ele me estendeu de novo as duas mãos para me desejar boa noite.

Eu o deixei, sem saber direito como. Reavivei o fogo na sala onde estivéramos juntos, e sentei-me diante dele, com medo de ir para cama. Durante mais de uma hora, fiquei aturdido demais para pensar; e foi só depois que comecei a pensar, que me dei conta do quanto eu era infeliz, e de como o navio no qual eu velejara havia sido partido aos pedaços.

As intenções de Miss Havisham a meu respeito eram apenas um sonho; Estella não fora destinada a mim; eu fui tolerado em Satis House apenas como uma conveniência, para servir de aguilhão aos parentes gananciosos, uma espécie de boneco com um coração mecânico, com o qual se pudesse praticar quando não houvesse outra coisa à mão; essas foram as primeiras dores cruéis que senti. Mas a dor mais aguda e mais profunda de todas, é que fora por esse condenado – culpado de crimes que nem eu sabia, e sujeito a ser preso nesse mesmo cômodo onde eu estava mergulhado em pensamentos, e enforcado na porta de Old Bailey – que eu tinha abandonado Joe.

Eu não teria voltado para Joe agora, nem teria voltado agora para Biddy, por qualquer razão que fosse; simplesmente, eu creio, porque o sentimento da minha conduta indigna para com eles era maior que qualquer

razão. Nenhuma sabedoria na terra poderia ter me dado o conforto que eu deveria ter encontrado na sua simplicidade e na sua lealdade; mas eu não poderia jamais, jamais, desfazer o que tinha feito.

Em cada rajada de vento e em cada pancada de chuva, eu ouvia os policiais chegando. Por duas vezes, eu poderia ter jurado que ouvira batidas e sussurros na porta. Dominado por esses medos, comecei a imaginar ou a recordar que eu tinha recebido numerosos avisos misteriosos sobre a aproximação desse homem. Que, durante muitas semanas, eu tinha passado por rostos na rua que eu pensei assemelhar-se ao seu. Que essas semelhanças se tornaram mais e mais numerosas, à medida que a sua viagem pelo mar se aproximava do fim. Que o seu espírito mal havia enviado de alguma maneira essas mensagens ao meu, e que agora, nessa noite tempestuosa, ele era tão bom quanto dizia, e estava comigo.

No meio dessas loucas reflexões, veio a reflexão de que, com meus olhos de criança, eu o tinha visto como um homem de uma violência desesperada; que eu tinha ouvido aquele outro condenado repetir diversas vezes que ele tinha tentado assassiná-lo; que eu o tinha visto lá embaixo no fosso batendo e lutando como uma besta selvagem. Imerso nessas recordações, eu trouxe à luz do fogo um terror meio despertado, que me dizia que eu não estaria seguro fechado com ele no meio dessa noite selvagem e solitária. Esse terror cresceu até encher a sala, e me levou a pegar uma vela e entrar no quarto para ver meu terrível fardo.

Ele havia passado um lenço em volta da cabeça, e no sono seu rosto parecia abatido. Mas ele dormia calmamente, embora tivesse uma pistola junto ao travesseiro. Tendo me assegurado que ele dormia, removi suavemente a chave, coloquei-a do lado de fora da porta e girei-a, antes de me sentar novamente diante do fogo. Aos poucos, deslizei da cadeira para o chão. Quando me acordei, sem ter perdido durante o sono a percepção da minha infelicidade, os relógios das igrejas do leste da cidade estavam batendo cinco horas; as velas haviam terminado, o fogo se extinguira, e o vento e a chuva tornavam ainda mais intensa a escuridão espessa e negra da noite.

Este é o fim do segundo período das esperanças de Pip.

CAPÍTULO XL

Foi felicidade minha ter tomado precauções para garantir (tanto quanto possível) a segurança do meu terrível visitante; pois este pensamento, tendo ocupado meu espírito desde que acordei, afastou os outros pensamentos e os manteve confusamente à distância.

A impossibilidade do mantê-lo escondido no apartamento era evidente. Não poderia ser feito, e tentar fazê-lo inevitavelmente geraria suspeitas. É verdade que agora eu não tinha nenhum Vingador a meu serviço, mas a casa era cuidada por uma velha provocadora, auxiliada por um saco de trapos vivo a quem ela chamava de sobrinha, e tentar mantê-las afastadas de um dos quartos seria o mesmo que levantar sua curiosidade e suas suspeitas. Ambas tinham olhos fracos, que eu há muito atribuíra ao seu hábito crônico de espiar pelo buraco da fechadura, e sempre estavam à mão quando eu não precisava; na verdade, essa era a única qualidade confiável que elas possuíam, além do hábito de furtar. Para não criar um mistério com essa gente, decidi anunciar logo pela manhã que meu tio tinha chegado inesperadamente do interior.

Tomei essa resolução enquanto ainda estava tateando no escuro, à procura dos meios de obter alguma luz. Não conseguindo topar com nada disso, fui obrigado a ir até a guarita ao lado para pedir ao zelador que viesse com sua lanterna. Ao descer tateando pela escada escura, caí em cima de alguma coisa, e essa coisa era um homem agachado em um canto.

Como o homem não respondeu quando lhe perguntei o que fazia lá, mas esquivou-se do meu toque em silêncio, corri para a guarita e pedi ao zelador que viesse depressa, contando-lhe o incidente no caminho. O vento soprando mais forte do que nunca, nós não ousamos pôr em risco a luz da lanterna reacendendo as lamparinas apagadas da escadaria, mas examinamos a escada inteira, de alto a baixo, sem encontrar ninguém. Ocorreu-me então que o homem poderia ter entrado escondido no meu apartamento; assim, acendendo minha vela na do zelador, e deixando-o junto à porta, examinei os quartos com todo cuidado, inclusive aquele no qual dormia meu terrível visitante. Tudo estava calmo, e, certamente, não havia nenhum outro homem no apartamento.

Fiquei perturbado por alguém estar espreitando na escadaria, naquela noite entre todas as noites do ano, e perguntei ao zelador, na esperança de

arrancar-lhe alguma explicação, enquanto lhe alcançava na porta um pouco de aguardente, se ele tinha deixado entrar pelo portão algum cavalheiro que visivelmente tivesse jantado fora. “Sim”, disse ele; “três, em horários diferentes. Um mora em Fountain Court, e os outros dois moram na alameda, e eu vi todos entrarem em casa.” O único homem que morava na casa da qual o meu apartamento fazia parte estava no campo há várias semanas, e ele certamente não tinha retornado durante a noite, pois nós tínhamos visto o cadeado em sua porta quando subimos.

“Em uma noite tão feia como essa, senhor”, disse o zelador, devolvendo-me o copo, “muito pouca gente veio ao meu portão. Além desses três cavalheiros de quem eu lhe falei, não me lembro de nenhum outro até mais ou menos onze horas, quando um estranho perguntou pelo senhor.”

“Sim, meu tio”, eu murmurei.

“Chegou a vê-lo, senhor?”

“Sim. Oh sim.”

“E também a pessoa que estava com ele?”

“A pessoa que estava com ele?” eu repeti.

“Julguei que a pessoa estivesse com ele”, respondeu o zelador. “Essa pessoa parou ao mesmo tempo em que ele, quando ele falou comigo, e depois seguiu pelo mesmo caminho que ele, quando ele prosseguiu.”

“Que tipo de pessoa?”

O zelador não tinha reparado muito bem; ele achava que era um trabalhador; tanto quanto se lembrava, ele estava usando um tipo de roupa coberto de pó, e por cima um casaco escuro. O zelador deu menos atenção a esse assunto do que eu, e com toda razão, pois ele não tinha os meus motivos para atribuir-lhe alguma importância.

Quando me vi livre dele, o que eu achei melhor fazer sem prolongadas explicações, minha mente ficou muito perturbada por essas duas circunstâncias acontecerem juntas. Separadas, poderiam ter uma explicação inocente, como por exemplo, o desconhecido poderia ter jantado fora na cidade, e sem se aproximar do portão do zelador, poderia ter entrado sem querer na minha escadaria e ter caído adormecido ali; ou o meu visitante sem nome poderia ter trazido alguém com ele para lhe mostrar o caminho. No entanto, juntas, tinham uma aparência terrível para alguém propenso à desconfiança e ao temor como eu estava, com as mudanças ocorridas nas últimas horas.

Reavivei o meu fogo, que queimava com uma chama pálida e fraca naquela hora da manhã, e cochilei diante da lareira. Eu tinha a impressão de ter cochilado uma noite inteira, quando os relógios bateram seis horas. Como ainda havia uma hora e meia entre eu e a luz do dia, cochilei de novo; ora acordando assustado, ouvindo conversas difusas sobre ninharias em meus ouvidos; ora imaginando um trovão do vento que assobiava na chaminé; e por fim caindo em um sono profundo, do qual fui despertado em sobressalto pela luz do dia.

Durante todo esse tempo, tinha sido impossível para mim considerar a minha situação, e nem podia fazê-lo agora. Não tinha ainda condições de fixar minha atenção nesse assunto. Estava muito abatido e angustiado, mas de um modo totalmente incoerente. Quanto a fazer algum plano para o futuro, era mais fácil fazer um elefante. Ao abrir as venezianas, olhando para a manhã triste e chuvosa lá fora, o céu cor de chumbo, ao caminhar de um quarto a outro, ao me sentar de novo tremendo diante do fogo, ao esperar a minha criada, pensei em como eu era infeliz, mas mal sabia por que, nem por quanto tempo eu tinha sido, nem em que dia da semana eu fazia esta reflexão, nem mesmo quem era eu, aquele que a fazia.

Afinal, a velha e a sobrinha chegaram – a última com uma cabeça que não dava para distinguir da vassoura poeirenta que ela segurava – e mostraram surpresa ao me ver diante do fogo. Contei-lhes que meu tio tinha chegado à noite e ainda estava dormindo, e que os preparativos para o café da manhã deveriam ser modificados de acordo. Então me lavei e me vesti, enquanto elas moviam a mobília de lá para cá, levantando poeira. Assim, em uma espécie de sonho, ou como se dormisse acordado, encontrei-me de novo sentado diante do fogo, esperando por... ele... para tomar o café da manhã.

Logo sua porta se abriu e ele apareceu. Eu não conseguia suportar olhar para ele, e achei que ele tinha uma aparência pior à luz do dia.

“Eu nem mesmo sei”, disse eu, em um tom de voz baixo, enquanto ele tomava seu lugar à mesa, “por que nome devo chamá-lo. Eu disse que o senhor é meu tio.”

“Isso mesmo, meu menino! Chame-me de tio.”

“O senhor assumiu algum nome, suponho, a bordo do navio?”

“Sim, meu menino. Tomei o nome de Provis.”

“Pretende manter esse nome?”

“Ora, sim, meu menino, é tão bom quanto qualquer outro... a menos

que você prefira outro.”

“Qual é o seu nome verdadeiro?”, perguntei-lhe, em um sussurro.

“Magwitch”, ele respondeu, no mesmo tom; “e meu nome de batismo é Abel.”

“E foi criado para ser o quê?”

“Um patife, meu querido menino.”

Ele respondeu de modo bastante sério, e usou a palavra como se ela indicasse alguma profissão.

“Quando veio até o Temple ontem à noite...”, disse eu, parando para pensar se realmente tinha sido ontem à noite, pois me parecia que fora há muito tempo.

“Sim, meu menino?”

“Quando entrou no portão e perguntou ao zelador como chegar aqui, tinha alguém com o senhor?”

“Comigo? Não, meu menino.”

“Mas havia alguém lá, não havia?”

“Não notei particularmente”, ele disse, em dúvida, “pois não conhecia os hábitos do lugar. Mas acho que havia uma pessoa, sim, que entrou comigo.”

“O senhor é conhecido em Londres?”

“Espero que não!” disse ele, traçando uma linha no pescoço com o dedo, o que me deixou enojado e furioso.

“Já foi conhecido em Londres alguma vez?”

“Não muito, meu menino. Passei quase o tempo todo no interior.”

“Já foi... julgado... em Londres?”

“Qual das vezes?” disse ele, com um olhar penetrante.

“A última vez.”

Ele assentiu. “Conheci Mr. Jaggers desse modo. Jaggers fez a minha defesa.”

Eu estava a ponto de perguntar-lhe pelo que fora julgado, mas ele pegou uma faca e fez um floreio com a mão, dizendo: “E o que eu fiz já foi resolvido e liquidado!” E começou a tomar o café da manhã.

Ele comeu com uma voracidade muito desagradável, e todas as suas ações eram rudes, barulhentas e insaciáveis. Ele havia perdido alguns dentes, desde que eu o vira comer nos pântanos; e quando mexia a comida na boca, e virava a cabeça de lado para mastigar o alimento com os dentes mais fortes,

parecia-se terrivelmente com um velho cão faminto. Se eu tivesse algum apetite ao me sentar à mesa, ele teria me tirado, e eu ficaria sentado exatamente como estava – afastado dele por uma aversão insuperável, os olhos tristemente pousados na toalha.

"Sou uma pessoa que come muito, meu menino", ele disse, como um pedido de desculpas cortês, quando terminou sua refeição, "sempre fui. Se fosse da minha constituição comer menos, teria tido menos problemas. Da mesma forma, tenho que fumar meu cachimbo. Quando fui contratado para ser pastor de carneiros no outro lado do mundo, tenho certeza que teria me transformado em um carneiro, louco de tristeza, se não pudesse fumar o meu cachimbo."

Ao dizer isso, ele levantou-se da mesa, e, pondo a mão no bolso lateral do casaco, tirou um cachimbo preto e curto, e um punhado de fumo solto do tipo que é chamado de "cabeça de negro." Depois de encher o cachimbo, recolocou o excesso de fumo no bolso, como se o bolso fosse uma gaveta. Então pegou uma brasa do fogo com a pinça e acendeu o cachimbo, depois ficou parado sobre o tapete com as costas viradas para a lareira, e passou à sua ação favorita de estender ambas as mãos para mim.

"E este", disse ele, balançando minhas mãos para cima e para baixo nas suas, enquanto fumava o cachimbo, "e este é o cavalheiro que eu fiz! O verdadeiro, o genuíno! Faz-me bem olhar para você, Pip. Tudo que eu peço é ficar perto de você e olhar para você, meu querido menino!"

Libertei minhas mãos assim que pude, e descobri que estava começando lentamente a perceber a minha situação. Tornou-se claro para mim a que eu estava acorrentado, e com que força, quando ouvi sua voz áspera, e olhei sua cabeça calva e enrugada, com seus tufos de cabelos grisalhos dos lados.

"Não quero ver meu cavalheiro andando a pé no lodo das ruas; não deve haver um pingo de lama em suas botas. Meu cavalheiro tem que ter cavalos, Pip! Cavalos para montar e para atrelar, e cavalos para o seu criado montar e atrelar também. Então os colonos podem ter cavalos (e cavalos puro sangue, se me permite o bom Deus!) e não o meu cavalheiro de Londres? Não, não. Vamos lhes mostrar do que somos capazes, Pip, não vamos?"

Ele puxou do bolso uma grande e espessa caderneta, entupida de papéis, e atirou-a sobre a mesa.

"Há algo dentro dessa caderneta que vale a pena gastar, meu menino.

E é seu. Tudo que eu tenho não é meu, é seu. Não tenha medo de usar, há mais de onde veio isso. Vim para o meu velho país para ver meu cavalheiro gastar o seu dinheiro como um cavalheiro. Esse será o meu prazer, vê-lo fazer isso. E que se danem todos!" disse ele, em resumo, olhando em torno da sala e estalando os dedos com ruído. "Que se danem todos, desde o juiz com sua peruca até o colono levantando poeira, vou mostrar-lhes um cavalheiro melhor do que todos vocês juntos!"

"Pare!" disse eu, quase em um acesso de medo e aversão, "quero falar com o senhor. Quero saber o que deve ser feito. Quero saber como se manterá fora de perigo, quanto tempo vai ficar, e que projetos o senhor tem."

"Escute, Pip", disse ele, pondo a mão em meu braço, de modo repentinamente submisso; "em primeiro lugar, escute bem. Eu esqueci de mim mesmo, meio minuto atrás. O que eu disse foi baixo; isso mesmo: foi baixo. Escute, Pip. Esqueça isso. Não quero mais ser tão baixo."

"Primeiro", retomei, em um suspiro, "que precauções podem ser tomadas para que não seja reconhecido e preso?"

"Não, meu querido menino", ele disse, no mesmo tom de antes, "não é isso que vem primeiro. A baixeza vem primeiro. Não levei tantos anos para fazer um cavalheiro sem saber o que lhe é devido. Escute, Pip. Eu fui baixo; isso é o que eu fui: baixo. Esqueça isso, meu querido menino."

O senso do absurdo daquela situação me levou a um riso nervoso, quando respondi, "Já esqueci. Pelo amor de Deus, não faça disso um cavalo-de-batalha!"

"Sim, mas escute bem", ele insistiu. "Meu querido menino, não vim de tão longe para ser baixo. Agora, continue, meu rapaz. Você estava dizendo..."

"Como pode ser protegido do perigo que o ameaça?"

"Bem, meu menino, o perigo não é tão grande assim. Se ainda não fui denunciado, o perigo não é tão significativo. Há Jaggers, há Wemmick, e há você. Quem mais poderia me denunciar?"

"Não há ninguém que possa reconhecê-lo na rua?" disse eu.

"Bem", ele respondeu, "não há muitos. Nem eu pretendo me anunciar nos jornais pelo nome de A.M., recém chegado de Botany Bay[1]; e depois já se passaram muitos anos, quem ganharia com isso? Agora, escute, Pip. Se o perigo tivesse sido cinquenta vezes maior, eu teria vindo vê-lo do mesmo jeito, não esqueça."

“E quanto tempo pretende ficar?”

“Quanto tempo?”, disse ele, tirando o cachimbo da boca, e deixando cair o queixo enquanto me olhava. “Não vou voltar. Eu vim para sempre.”

“E onde vai viver?”, disse eu. “O que deve ser feito com o senhor? Onde estará seguro?”

“Meu querido menino”, ele respondeu, “há perucas que se pode comprar com dinheiro, e que disfarçam totalmente; há também pó para os cabelos, e óculos e roupas pretas... calças curtas, e muitas outras coisas. Outros já fizeram isso com sucesso antes, e o que outros já fizeram, outros podem fazer de novo. Quanto a onde e como viver, meu menino, me dê sua opinião a respeito.”

“O senhor está levando isso com muita calma agora”, disse eu, “mas ontem à noite estava bastante sério, quando jurou que era a Morte.”

“E continuo jurando”, disse ele, enfiando de novo o cachimbo na boca, “e a morte pela corda, em plena rua, não muito longe daqui, e é preciso que você entenda perfeitamente que deve ser assim. E o que acontece, então, uma vez terminado? Eu estou aqui. Voltar agora seria tão ruim quanto ficar, pior até. Além disso, Pip, eu estou aqui porque quis fazer isso por você, durante anos e anos. Quanto ao risco que eu corro, sou um pássaro velho agora, que já viu todo tipo de armadilhas, desde que tem plumas, e que não tem medo de pousar em cima de um espantalho. Se há morte estiver escondida dentro, que ela se mostre, e vou encará-la de frente, e só então acreditarei nela, não antes. E agora, me deixe olhar de novo para o meu cavalheiro.”

Uma vez mais ele me tomou as mãos, e me examinou com a expressão admiradora de um proprietário, fumando o tempo todo com grande tranquilidade.

Parecia-me que eu não poderia fazer nada melhor do que garantir-lhe algum alojamento tranquilo nas proximidades, do qual ele poderia tomar posse quando Herbert voltasse, o que devia acontecer em dois ou três dias. Estava claro para mim que era absolutamente necessário que eu confiasse o segredo à Herbert; mesmo se eu pudesse ter posto de lado o imenso alívio que experimentaria ao compartilhar isso com ele. Mas não estava assim tão claro para Mr. Provis (decidi chamá-lo por esse nome), que reservou seu consentimento à participação de Herbert até que ele o visse e formasse uma opinião favorável da sua fisionomia. “E mesmo então, meu querido menino”,

disse ele, puxando do bolso uma pequena bíblia de fecho, negra e ensebada, “vamos fazê-lo prestar um juramento.”

Declarar que meu terrível protetor carregava esse pequeno livro negro pelo mundo somente para fazer as pessoas jurarem em casos de emergência, seria declarar algo que eu nunca consegui saber com certeza; mas o que eu posso dizer é que nunca o vi usá-lo para qualquer outro propósito. O próprio livro tinha jeito de ter sido roubado de algum tribunal de justiça, e talvez o seu conhecimento dessa origem, combinado com sua própria experiência naquela matéria, deu-lhe uma confiança nos poderes dessa bíblia, como se fosse um tipo de sortilégio ou encanto legal. Na primeira vez em que o vi tirá-lo do bolso, lembrei-me de como ele tinha me feito jurar fidelidade há muito tempo no cemitério, e como ele tinha descrito a si mesmo, na noite anterior, como alguém que estava sempre jurando, na sua solidão, de cumprir suas resoluções.

Como ele no momento vestia uma espécie de traje de marinheiro úmido, com o qual ele parecia um vendedor de papagaios ou de charutos, eu discuti em seguida com ele o tipo de roupa que ele deveria usar. Ele tinha uma fé extraordinária nas virtudes das calças curtas como disfarce, e tinha, na sua ideia, esboçado um traje que teria feito dele alguma coisa entre um deão e um dentista. Foi com dificuldade considerável que eu o convenci a usar um traje que o faria parecer mais como um fazendeiro próspero; e combinamos que ele deveria cortar o cabelo curto, e usar um pouco de pó. Por fim, como ele ainda não tinha sido visto pela mulher da limpeza nem pela sobrinha, entendemos que ele devia se manter fora da vista das duas, até que se completasse a sua mudança de roupa.

Pode parecer coisa simples tomar uma decisão sobre essas precauções; mas no estado de aturdimento, para não dizer de confusão, em que eu me encontrava, levei tanto tempo que não consegui terminar antes das duas ou três horas da tarde. Ele devia ficar fechado no quarto enquanto eu estava fora, e não abrir a porta em hipótese alguma.

Tendo chegado ao meu conhecimento que havia um respeitável apartamento na Essex Street, cujos fundos davam para o Temple, e que ficava quase ao alcance da voz da minha janela, parti para lá em primeiro lugar, e tive a sorte de conseguir alugar o segundo andar para meu tio, Mr. Provis. Andei então de loja em loja, comprando tudo que era necessário para sua mudança de aparência. Feito isso, virei meu rumo, por minha própria conta,

para a Pequena Inglaterra. Mr. Jaggers estava à sua escrivaninha, mas, vendo-me entrar, levantou-se imediatamente e postou-se diante do fogo.

"Agora, Pip", disse ele, "tenha cuidado."

"Terei, senhor", eu respondi, pois no caminho havia pensado bem no que ia dizer.

"Não se comprometa", disse Mr. Jaggers "e não comprometa ninguém... Você entende... ninguém. Não me diga nada: não quero saber de coisa alguma; não sou curioso."

É claro que eu percebi que ele sabia que o homem tinha vindo.

"Eu desejo apenas, Mr. Jaggers", disse eu, "assegurar-me que o que me disseram é verdade. Não tenho qualquer esperança de que seja falso, mas preciso verificar, pelo menos."

Mr. Jaggers confirmou com a cabeça. "Mas você disse 'me contaram' ou 'me informaram'?" perguntou-me ele, com a cabeça virada de lado, sem olhar para mim, mas olhando para o chão como quem escuta. "'Contar' implicaria em comunicação verbal. Você não pode ter qualquer comunicação verbal com um homem que está em Nova Gales do Sul[2], você sabe."

"Direi então 'informado', Mr. Jaggers."

"Ótimo."

"Fui informado por uma pessoa chamada Abel Magwitch, que ele é o benfeitor há tanto tempo desconhecido para mim."

"É esse o homem", disse Mr. Jaggers, "que está em Nova Gales do Sul."

"E ninguém mais?", disse eu.

"E ninguém mais", disse Mr. Jaggers.

"Não sou tão irracional, senhor, para julgá-lo responsável pelos meus enganos e conclusões erradas; mas eu sempre pensei que fosse Miss Havisham."

"Como você diz, Pip", respondeu Mr. Jaggers, virando os olhos para mim friamente, e dando uma mordida no dedo, "eu não sou responsável por isso."

"E, no entanto, isso parecia tão provável, senhor", disse eu, o coração oprimido.

"Não há a menor prova, Pip", disse Mr. Jaggers, balançando a cabeça e juntando as lapelas do casaco. "Jamais julgue pelas aparências; julgue sempre pelas provas. Não há regra melhor."

“Não tenho nada mais a dizer”, declarei, com um suspiro, depois de ficar em silêncio por um momento. “Já verifiquei minha informação, e isso é tudo.”

“E Magwitch – em Nova Gales do Sul – tendo se dado a conhecer afinal”, disse Mr. Jaggers, “deve compreender, Pip, com quanta rigidez, em todos os meus contatos com você, me ative sempre à estrita linha dos fatos. Nunca me desviei, por menos que fosse, da estrita linha dos fatos. Você está bem ciente disso?”

“Totalmente, senhor.”

“Eu avisei Magwitch – em Nova Gales do Sul – quando ele me escreveu a primeira vez – de Nova Gales do Sul – de que ele nunca deveria esperar que eu me afastasse da estrita linha dos fatos. Eu lhe dei também outro aviso. Ele me deu a impressão de ter feito uma vaga alusão em sua carta a certa ideia distante que ele tinha de vir visitá-lo aqui na Inglaterra. Eu o preveni de que nunca mais queria ouvir falar disso; que não era provável que ele obtivesse um perdão; que ele fora expatriado até o fim da sua vida; e que a entrada dele neste país seria um ato de felonia, tornando-o sujeito à pena máxima da lei. Eu avisei Magwitch”, disse Mr. Jaggers, me olhando duramente; “escrevi para Nova Gales do Sul. Ele se guiou por isso, sem dúvida.”

“Sem dúvida”, disse eu.

“Fui informado por Wemmick”, prosseguiu Mr. Jaggers, ainda me olhando duramente, “que ele recebeu uma carta, datada de Portsmouth, de um colono de nome Purvis, ou...”

“Ou Provis”, eu sugeri.

“Ou Provis... obrigado, Pip. Talvez seja Provis. Talvez você saiba que é Provis?”

“Sim”, disse eu.

“Você sabe que é Provis. Pois Wemmick recebeu uma carta, datada de Portsmouth, de um colono de nome Provis, pedindo informações sobre o seu endereço, em nome de Magwitch. Wemmick lhe enviou as informações, segundo entendi, pelo próximo correio. Foi provavelmente por Provis que você recebeu as explicações de Magwitch – que está em Nova Gales do Sul?”

“Foi por Provis”, eu respondi.

“Bom dia, Pip”, disse Mr. Jaggers, oferecendo-me a mão; “foi um prazer vê-lo. Se escrever pelo correio para Magwitch – em Nova Gales do Sul

– ou comunicar-se com ele através de Provis, tenha a bondade de mencionar que os detalhes e os recibos da nossa longa conta serão enviados a você, assim como o saldo; pois ainda há um saldo restante. Bom dia, Pip!”

Trocamos um aperto de mão, e ele me olhou severamente, enquanto podia me ver. Virei-me ao chegar à porta, e ele continuava a me olhar severamente, enquanto os dois terríveis moldes na estante pareciam estar tentando abrir as pálpebras, e forçando a sair da sua garganta soberba essas palavras, “Oh, que homem ele é!”

Wemmick havia saído, e mesmo que estivesse à sua mesa não poderia ter feito nada por mim. Voltei direto para o meu apartamento no Temple, onde encontrei o terrível Provis bebendo rum com água e fumando cabeça-de-negro, em total segurança.

No dia seguinte chegaram as roupas que eu tinha encomendado, e ele as vestiu. Tudo o que ele vestia, ficava-lhe pior (foi a triste impressão que eu tive) do que aquilo que ele usava antes. Na minha ideia, havia algo nele que acabava com qualquer esperança de poder disfarçá-lo. Quanto mais eu o vestia, e quanto melhor o vestia, mais ele se parecia com aquele fugitivo que eu vira se esgueirando pelos pântanos. Esse efeito que se produzia em minha imaginação inquieta era em parte atribuível, sem dúvida, ao fato de que seu velho rosto e suas maneiras haviam se tornado mais familiares para mim; mas acredito também que ele arrastava uma das pernas como se ainda houvesse um peso de ferro preso ali, e que, dos pés à cabeça, era um verdadeiro condenado até na alma.

As influências da sua vida solitária, em uma cabana isolada, eram visíveis em toda sua aparência, e lhe davam um ar selvagem que nenhuma roupa poderia domesticar; somado a isso, havia a influência da sua vida estigmatizada subsequente entre os homens, e, coroando tudo, sua consciência de ser um fugitivo e obrigado a se esconder. Em todos os seus modos, de sentar e levantar, de comer e beber, de dar de ombros, como se não se importasse, de pegar seu grande canivete com cabo de chifre e esfregá-lo na perna, antes de cortar a comida, de levar copos leves e xícaras leves aos lábios como se fossem pesadas canecas de metal, de cortar um pedaço de pão e passá-lo nas últimas gotinhas de molho que restam no prato, como para aproveitar ao máximo a sua porção, depois enxugar nesse pão as pontas dos dedos antes de engolir – nessas maneiras, e em mil outros exemplos não nomeados, que surgiam em todos os minutos do dia, havia o prisioneiro, o

criminoso, o escravo, tão claro quanto poderia ser.

Tinha sido ideia dele, usar um toque de pó, e eu tinha concordado com o pó depois de conseguir que ele desistisse das calças curtas. Mas não posso comparar o efeito desse pó sobre ele sem pensar no efeito provável do ruge em um cadáver, pois era terrível a maneira com que tudo aquilo que era preciso esconder, reaparecia sob aquela fina camada emprestada, e parecia vir brilhando até o alto da sua cabeça. A ideia foi abandonada tão logo foi experimentada, e resolveu-se que ele usaria seu cabelo grisalho cortado curto.

As palavras não podem expressar a consciência que eu tinha, ao mesmo tempo, do terrível mistério que ele representava para mim. Quando ele adormecia à noite, apertando com as mãos calejadas os braços da poltrona, e a cabeça calva, sulcada por rugas profundas, caída sobre o peito, eu ficava sentado a olhar para ele, perguntando-me o que ele tinha feito e atribuindo-lhe todos os crimes do mundo, até que sentia o forte impulso de levantar-me e fugir dali. A cada hora aumentava minha aversão por ele, e creio que, apesar de tudo que ele havia feito por mim e do risco que corria, eu teria cedido a esse impulso quando começaram as minhas agonias, se não fosse a certeza de que Herbert logo estaria de volta. Uma vez, durante a noite, levantei-me da cama e comecei a vestir minhas piores roupas, com a intenção de abandoná-lo ali, deixando tudo que possuía, e me alistar como um simples soldado em um dos regimentos que partiam para a Índia.

Duvido que um fantasma pudesse ter me causado mais terror, nesses cômodos isolados, durante essas longas tardes e noites sem fim, com o vento e a chuva rugindo sem cessar lá fora. Um fantasma não poderia ser preso e enforcado por minha causa, e o pensamento de que ele poderia ser, e o medo de que de fato fosse, não eram uma adição pequena aos meus terrores. Quando não estava dormindo, ele jogava um tipo complicado de paciência com um maço de cartas todas rasgadas, de sua propriedade – um jogo que eu nunca vira antes e que jamais voltei a ver, e no qual ele registrava os pontos ganhos cravando o canivete na mesa; quando não estava engajado em um desses propósitos, ele me pedia que lesse para ele, “Em língua estrangeira, meu querido menino!” Quando eu concordava, ele, sem compreender uma única palavra, postava-se diante do fogo, e me examinava com o ar de alguém que exibe uma obra de arte; eu o via, então, por entre os dedos da mão com que protegia meu rosto da luz, fazendo um apelo mudo à mobília para que tomasse conhecimento da minha proficiência. O estudioso da lenda,

perseguido pela criatura disforme que ele tinha criado de modo impiedoso, não era mais infeliz que eu, perseguido pela criatura que tinha criado a mim, e eu recuava diante dele com uma repulsão que se tornava mais forte à medida que aumentava sua admiração e sua afeição por mim.

Estou ciente de que escrevo como se isso tivesse durado um ano. Durou cerca de cinco dias. Eu esperava Herbert a qualquer momento, e não ousava sair, exceto quando levava Provis para tomar um ar depois que escurecia. Afinal, uma noite depois do jantar, quando eu estava esgotado e comecei a cochilar, pois minhas noites tinham sido agitadas e meu repouso perturbado por sonhos medonhos, fui despertado pelo passo tão esperado que subia a escada. Provis, que também havia adormecido, assustou-se com o barulho que eu fiz, e em um instante vi o canivete brilhar em sua mão.

“Calma! É Herbert!” disse eu; e Herbert entrou em seguida, trazendo em si o vivo frescor de seiscentas milhas de França.

“Handel, meu querido amigo, como vai você? E como vai você? E mais uma vez, como vai você? Parece-me que faz um ano que eu parti! Ora, deve ter sido isso, pois você está bem mais magro e mais pálido! Handel, meu... Olá! Desculpe-me.”

Ele foi parado em sua tagarelice e na sua efusão de apertos de mão ao ver Provis. Provis, olhando-o fixamente, segurava o canivete devagar enquanto procurava alguma coisa no outro bolso.

“Herbert, meu querido amigo”, disse eu, fechando as portas duplas, enquanto Herbert permanecia espantado, fitando-o, “aconteceu alguma coisa muito estranha. Este é... uma visita minha.”

“Está tudo certo, meu menino!”, disse Provis, aproximando-se com seu pequeno livro negro de fecho. Então, dirigiu-se a Herbert, “Pegue o livro com sua mão direita. Que Deus o fulmine no próprio lugar, se algum dia romper o juramento de alguma forma! Beije-o!”

“Faça o que ele quer”, eu disse a Herbert.

Herbert, então, olhando-me com espanto e uma inquietude amável, concordou. Provis imediatamente deu-lhe um aperto de mão, dizendo, “Agora você está sob juramento, você sabe. E jamais acredite no meu, se Pip não fez de você um cavalheiro!”

[1] Cidade na costa leste do estado de Nova Gales do Sul na Austrália

[2] Região isolada no sul da Austrália para onde eram deportados os

condenados nos tribunais ingleses.

CAPÍTULO XLI

É em vão que tentarei descrever a surpresa e a inquietação de Herbert, quando ele, eu e Provis nos sentamos diante do fogo, e lhe contei todo o segredo. Basta dizer que vi meus próprios sentimentos refletidos no rosto de Herbert, entre eles a minha repugnância pelo homem que tinha feito tanto por mim.

Mas o que teria bastado para cavar um fosso entre esse homem e nós, se não houvesse nenhuma outra circunstância para nos dividir, era o seu triunfo com a minha história. Fora o seu sentimento confuso de ter sido "baixo" em uma ocasião, desde o seu retorno – sobre cujo ponto ele se pôs a fazer um discurso para Herbert, quando minha revelação terminou – ele não tinha a menor ideia da possibilidade de eu encontrar algum defeito em minha boa fortuna. Ele se vangloriava de ter feito de mim um cavalheiro, e de ter vindo para me ajudar a sustentar essa condição com seus amplos recursos, tanto por mim quanto por ele. E que essa era uma vaidade muito agradável para nós dois, e que ambos devíamos ficar muito orgulhosos disso, era uma conclusão perfeitamente estabelecida em sua mente.

"Embora, veja bem, você que é amigo do Pip", ele disse a Herbert, depois de ter discursado durante algum tempo, "eu sei muito bem que, desde que voltei, fui baixo durante meio minuto. Eu disse a Pip que sabia que tinha sido baixo. Mas não se aflija por causa disso. Eu não fiz de Pip um cavalheiro, e Pip não fará de você um cavalheiro, sem que eu saiba o quanto devo aos dois. Você, meu querido menino, e você, amigo do Pip, vocês dois podem contar como certo que sempre estarei gentilmente amordaçado. Estou amordaçado desde aquele meio minuto, quando me deixei levar pela baixeza; estou amordaçado agora, e sempre estarei amordaçado."

Herbert disse, "Certamente", mas parecia não ter encontrado nenhum consolo nisso tudo, e permaneceu perturbado e abatido. Estávamos ansiosos pelo momento em que ele iria para o seu apartamento, deixando-nos sozinhos, mas ele evidentemente tinha ciúmes de nos deixar juntos, e ficou até tarde. Já passara da meia-noite quando o levei para Essex Street e para sua própria porta escura, onde o deixei são e salvo. Quando a porta se fechou atrás dele, experimentei o primeiro momento de alívio desde a noite da sua chegada.

Eu nunca me livrara, porém, da lembrança inquieta do homem que eu

vira na escada; eu havia sempre olhado em torno de mim ao levar meu hóspede para sair ao anoitecer, e ao trazê-lo de volta; e olhava em torno de mim agora. É difícil, em uma cidade grande, evitar a suspeita de estar sendo observado, quando a mente está consciente de um perigo naquela proporção; no entanto, não pude me convencer que as pessoas que passavam por mim se ocupassem dos meus movimentos. Os poucos que passavam seguiam seus vários caminhos, e as ruas estavam desertas quando voltei ao Temple. Ninguém tinha saído pelo portão ao mesmo tempo em que nós, e ninguém entrou pelo portão ao mesmo tempo em que eu. Ao passar pela fonte, vi as janelas dos fundos iluminadas, parecendo brilhantes e tranquilas, e, quando parei por alguns momentos na entrada do prédio onde eu morava, antes de subir, Garden Court estava tão deserta e silenciosa quanto a escada, quando eu subi.

Herbert me recebeu de braços abertos, e nunca senti de modo tão intenso a benção que era ter um amigo. Depois que ele disse algumas palavras de simpatia e encorajamento, nos sentamos para pensar sobre a questão, e ver o que devia ser feito.

A cadeira que Provis tinha ocupado ainda estava no mesmo lugar em que ele estivera sentado naquela noite, pois ele tinha uma maneira de apropriar-se de um lugar, de modo aleatório, e se mover ao redor em movimentos rituais, com seu cachimbo, seu fumo cabeça de negro, seu canivete, seu maço de cartas e sei lá que mais, como se tudo isso estivesse escrito sobre uma ardósia. Como eu dizia, sua cadeira permaneceu onde ele tinha estado; Herbert pegou-a sem prestar atenção; mas um instante depois, ele a deixou bruscamente, colocou-a de lado e pegou outra. Ele não precisou dizer depois disso que tinha concebido uma aversão profunda pelo meu protetor, nem eu precisei confessar a minha. Nós trocamos essa confidência sem proferir uma só sílaba.

“Bem,”, disse eu para Herbert, quando ele estava a salvo em outra cadeira, “o que vamos fazer?”

“Meu pobre e querido Handel”, ele respondeu, segurando a cabeça com as mãos, “estou aturdido demais para pensar.”

“Eu também fiquei assim, Herbert, quando o golpe me atingiu. Mesmo assim, alguma coisa tem que ser feita. Ele tem intenção de fazer várias despesas novas, cavalos e carruagens e ostentações de todo tipo. Ele deve ser detido de alguma maneira.”

“Você quer dizer que não pode aceitar...”

“Como eu poderia?”, interrompi, quando Herbert parou. “Pense bem! Olhe só para ele!”

Um tremor involuntário nos percorreu a ambos.

“No entanto, receio que a verdade terrível, Herbert, é que ele se afeiçoou a mim, ele é muito afeiçoado a mim. Já se viu um destino igual!”

“Meu pobre e querido Handel”, Herbert repetiu.

“E depois”, disse eu, “mesmo parando tudo por aqui, mesmo que eu não receba mais um centavo dele, pense no quanto eu já lhe devo! E depois, estou muito endividado, dívidas pesadas demais para mim, que não tenho nenhuma esperança, agora. Além do mais, não fui educado para nenhuma profissão, não sirvo para nada.”

“Vamos, vamos!” Herbert protestou. “Não diga que não serve para nada.”

“E para que eu sirvo? Só sei de uma coisa para a qual eu sirvo, que é me tornar um soldado. E já poderia ter me tornado, meu querido Herbert, se não tivesse a intenção de primeiro me aconselhar com sua amizade e seu afeto.”

É claro que fiquei emocionado, e é claro que Herbert, depois de apertar calorosamente a minha mão, fingiu não perceber.

“De qualquer modo, meu querido Handel”, disse ele então, “ser soldado não vai dar. Se está decidido a renunciar à proteção desse homem e aos seus favores, suponho que não o faria se não tivesse a vaga esperança de um dia devolver o que já recebeu. Essa esperança não poderia ser muito forte, se resolver ser soldado! Além do mais, é absurdo. Você estaria bem melhor na Clarriker House, pequena como ela é. Eu estou trabalhando para entrar na sociedade, você sabe.”

Pobre companheiro! Ele nem suspeitava com o dinheiro de quem.

“Mas há outra questão”, disse Herbert. “Esse é um homem ignorante e determinado, que há muito tempo tem uma ideia fixa. Mais do que isso, ele me parece (posso estar julgando mal) ser um homem de um caráter violento e desesperado.”

“Eu sei que ele é”, eu respondi. “Deixe-me contar-lhe que provas eu tenho disso.” E lhe contei o que não havia mencionado no meu relato, sobre o encontro com o outro condenado.

“Veja, então”, disse Herbert; “pense nisso! Ele vem aqui arriscando

sua vida, para realizar sua ideia fixa. No momento da realização, depois de todos os seus sofrimentos e esperanças, você tira o chão de sob os pés dele, destrói sua ideia, e faz dos seus ganhos algo sem valor. Você não vê o que ele poderia fazer, sob o golpe de uma decepção como essa?"

"Eu vejo, Herbert, e sonho com isso, desde aquela noite fatal em que ele chegou. Nada esteve tão presente nos meus pensamentos quanto o medo de que ele mesmo se deixe prender."

"Então você pode contar", disse Herbert "que haveria grande perigo de ele fazer isso. Esse é o poder que ele tem sobre você enquanto permanecer na Inglaterra, e essa será a atitude que ele tomará certamente, se você o abandonar."

Fiquei tão afetado pelo horror dessa ideia, que tinha pesado em meu espírito desde o início, que caso se realizasse eu me consideraria, de algum modo, como seu assassino. Não pude ficar na cadeira, e comecei a caminhar de um lado para outro da sala. Eu disse a Herbert, enquanto isso, que mesmo que Provis fosse reconhecido e preso, apesar de si mesmo, eu ficaria infeliz por ser a causa, mesmo que de forma inocente. Sim; e eu era tão infeliz, tendo-o longe ou perto de mim, que teria preferido muito mais trabalhar na ferraria todos os dias da minha vida, do que algum dia chegar a isso!

Mas não havia como fugir desta questão: o que deveria ser feito?

"A primeira e a principal coisa a ser feita," disse Herbert, "é fazê-lo sair da Inglaterra. Você terá que ir com ele, para que ele possa ser induzido a partir."

"Mas mesmo que eu o conduza para onde quiser, poderia impedi-lo de voltar?"

"Meu bom Handel, não lhe parece óbvio que com Newgate na rua ao lado, há mais chances aqui do que em qualquer outro lugar de você convencê-lo da sua ideia e deixá-lo mais tranquilo? Se for possível fazer daquele outro condenado, ou de qualquer outra coisa na sua vida, um pretexto para afastá-lo... "

"Isso, ainda!", disse eu, parando diante de Herbert, estendendo minhas mãos abertas, como se elas contivessem o desespero da causa. "Não sei nada da vida dele. Fiquei quase louco, sentado aqui à noite com ele à minha frente, tão ligado à minha felicidade e ao meu infortúnio, e ainda assim tão desconhecido para mim, exceto como o patife infeliz que me aterrorizou por dois dias na minha infância!"

Herbert levantou-se e enfiou o braço no meu, e juntos caminhamos lentamente de lá para cá, estudando o tapete.

“Handel”, disse Herbert, parando, “você está bem convencido de que não pode aceitar mais qualquer benefício dele, não está?”

“Inteiramente. Você também estaria, por certo, se estivesse em meu lugar.”

“E você está convencido de que deve romper com ele?”

“Herbert, precisa me perguntar?”

“E você sente, e é obrigado a sentir, essa ternura pela vida que ele arriscou por sua causa, para entender que deve impedi-lo, se possível, de desperdiçar essa vida. Então você tem que tirá-lo da Inglaterra antes de mexer um dedo para sair dessa enrascada. Isso feito, trate de sair da enrascada, em nome do céu, e depois veremos juntos o que fazer, meu velho amigo.”

Era um consolo apertar as mãos para selar esse acordo, e caminhar para cima e para baixo de novo, só tendo essa questão resolvida.

“Agora, Herbert”, disse eu, “quanto a saber alguma coisa de sua história, eu só conheço um jeito: é perguntar-lhe diretamente e sem subterfúgios.”

“Sim”, disse Herbert, “pergunte-lhe quando nos sentarmos para o café da manhã.” Pois ele dissera, ao se despedir de Herbert, que viria tomar o café da manhã conosco.

Com esse projeto em mente, fomos para cama. Eu tive os sonhos mais terríveis com ele, e me levantei sem ter descansado. Ao despertar, recuperei também o medo que eu havia perdido durante a noite, de vê-lo descoberto e preso por fuga do exílio. Estando acordado, jamais perdia esse medo.

Ele veio na hora combinada, puxou o canivete e sentou-se para comer. Tinha feito grandes planos para que “seu cavalheiro se mostrasse em toda sua força, como um verdadeiro cavalheiro”, e insistiu comigo para que começasse rapidamente a usar a carteira que ele deixara em minha posse. Ele considerava os nossos aposentos e o seu próprio alojamento como residências temporárias, e me aconselhou a procurar sem demora por um “ninho elegante”, perto de Hyde Park, no qual ele poderia ter “uma cama de emergência.” Depois que ele terminou a refeição, e estava esfregando a faca na perna, eu lhe disse, sem nenhum preâmbulo.

“Depois que o senhor saiu ontem à noite, eu contei para o meu amigo sobre a luta na qual os soldados o encontraram engajado lá nos pântanos,

quando nós chegamos. O senhor se lembra?”

“Se me lembro?” disse ele. “Acho que sim!”

“Queremos saber alguma coisa sobre aquele homem... e sobre o senhor. É estranho não saber nada mais sobre nenhum dos dois, especialmente o senhor, do que pude contar ao meu amigo ontem à noite. Esse momento não é tão bom quanto qualquer outro para saber um pouco mais?”

“Bem!” ele disse, depois de refletir. “Você está sob juramento, como sabe, amigo do Pip!”

“Seguramente”, respondeu Herbert.

“Para qualquer coisa que eu disser”, ele insistiu, “você sabe, o juramento se aplica a tudo.”

“Eu entendo que seja assim.”

“E escute bem! Qualquer coisa que eu tenha feito, já está resolvida e liquidada”, ele insistiu de novo.

“Que seja assim.”

Ele tirou seu cachimbo negro, e estava a ponto de enchê-lo com o fumo cabeça de negro, quando, olhando para o rolo de fumo em sua mão, pareceu refletir que aquilo poderia atrapalhar o fio da sua narrativa. Ele o guardou de novo, prendeu o cachimbo em uma botoeira do casaco, estendeu uma mão sobre cada joelho, e depois de considerar o fogo com um olhar irritado por alguns momentos, virou-se para nós e contou o que segue.

CAPÍTULO XLII

“Meu querido menino, e você, amigo do Pip. Não vou contar a minha vida para vocês como uma canção, ou um livro de histórias. Mas vou contar a minha vida de modo curto e certo, com poucas palavras do inglês: na prisão e fora da prisão, na prisão e fora da prisão, na prisão e fora da prisão. Aí está, já sabem tudo que é preciso saber. Essa foi toda a minha vida, até que fui preso no navio, depois que Pip ficou meu amigo.

“Fizeram comigo tudo que quiseram – exceto que não me enforcaram. Fui trancado como se fosse uma chaleira de prata. Fui transportado para lá e transportado para cá, e levado para essa cidade aqui, e levado para aquela cidade lá, e fui amarrado a um tronco, e chicoteado, e torturado e arrastado. Não sei mais sobre o lugar onde nasci do que vocês – se tanto. Minha primeira lembrança é de estar em Essex, roubando nabos para comer. Alguém havia me abandonado... um homem, um funileiro; e ele levou o fogo com ele, e me deixou morrendo de frio.

“Eu soube que meu nome era Magwitch, e meu nome de batismo Abel. Como soube disso? Do mesmo jeito que sei que os pássaros nas árvores se chamam tentilhão, pardal, tordo. Eu poderia ter pensado que era tudo mentira, mas como os nomes dos pássaros eram verdadeiros, eu supus que o meu também fosse.

“Tanto quanto posso me lembrar, não havia uma única alma que suportasse ver o jovem Abel Magwitch, de perto ou de longe, sem ter medo dele, ou expulsá-lo, ou prendê-lo. Eu fui preso, preso, e preso de novo, tanto que posso dizer que me criei na prisão.

“E a coisa foi assim, até que quando eu ainda era uma pequena criatura maltrapilha digna de pena como nunca vi (não que eu me olhasse no espelho, eu quase não conhecia o interior de uma casa mobiliada), adquiri a reputação de ser incorrigível. ‘Esse sujeito é terrível, não tem jeito’, eles diziam aos visitantes das prisões, apontando para mim. ‘Esse rapaz aí é feito para viver na prisão.’ Então eles olhavam para mim, e eu olhava para eles, e alguns deles mediam meu crânio – teriam feito melhor se medissem meu estômago – e outros me davam panfletos que eu não sabia ler, e me faziam discursos que eu não conseguia entender. Eles sempre vinham me falando no diabo. Mas que diabo eu tinha com isso? Eu tinha que pôr alguma coisa no estômago, não tinha? Mas agora estou me tornando baixo, e sei muito bem o

que é devido a vocês. Meu querido menino, e você, amigo do Pip, não precisam ter medo que eu seja baixo.

"Vagabundeando, mendigando, roubando, trabalhando às vezes, quando podia – embora isso não acontecesse com tanta frequência quanto podem pensar, para que não se perguntem se estão prontos a me arranjar trabalho. Um pouco caçador ilegal, um pouco trabalhador, um pouco carroceiro, um pouco ceifador, um pouco vendedor ambulante, e um pouco da maioria das coisas que não dão dinheiro nenhum e só nos metem em problemas, eu me tornei um homem. Um soldado desertor, escondido até o queixo debaixo de um monte de coisas em um abrigo de viajantes, me ensinou a ler; e um gigante ambulante, que ganhava um centavo cada vez que assinava o nome, ensinou-me a escrever. Eu não estava sendo preso com tanta frequência quanto antes, mas ainda gastava uma boa parte da vida com as algemas.

"Nas corridas de Epsom, há coisa de vinte anos atrás, fiquei conhecendo um homem cujo crânio eu racharia com esse atiçador, como a garra de uma lagosta, se eu o pegasse aqui perto da grelha. Seu nome verdadeiro era Compeyson; e esse é o homem, meu menino, com quem você me viu lutando lá no fosso, conforme contou direitinho para o seu camarada depois que eu fui embora ontem à noite.

"Ele se passava por um cavalheiro, este Compeyson, pois estivera em uma escola pública, e tinha instrução. Era um homem de fala mansa, com uma pitada dos modos dos cavalheiros. Tinha boa aparência, também. Na véspera da corrida principal, eu o encontrei na charneca, em uma cabana que eu conhecia. Ele e alguns outros homens estavam sentados em torno das mesas, quando cheguei, e o proprietário da cabana (que me conhecia um pouco, e gostava de brincar) chamou-o e disse, 'Acho que esse é um homem que vai lhe servir', referindo-se a mim.

"Compeyson me olhou com atenção, e eu olhei para ele também. Ele usava um relógio com uma corrente, um anel, um alfinete de gravata e um belo traje.

"'A julgar pelas aparências, você não tem tido sorte', me disse Compeyson.

"'Sim, senhor, e nunca tive muita.' (Eu havia saído da prisão de Kingston a última vez por vadiagem. Até poderia ter sido por qualquer outra coisa; mas não era).

“‘A sorte pode mudar’, disse Compeyson; ‘talvez a sua esteja a ponto de mudar.’

“Eu disse, ‘espero que possa ser assim. Já está na hora.’

“‘O que sabe fazer?”, disse Compeyson.

“‘Comer e beber”, eu disse; “se me fornecer o material necessário.”

“Compeyson riu, olhou-me de novo com muita atenção, deu-me cinco xelins e marcou encontro para a noite seguinte, no mesmo lugar.

“Fui encontrar Compeyson na noite seguinte no mesmo lugar, e Compeyson me contratou para ser seu homem de confiança e sócio. E qual era o negócio de Compeyson, no qual nós íamos ser sócios? O negócio de Compeyson era a fraude, a falsificação, passar dinheiro roubado, e coisas assim. Todo tipo de trapaça que Compeyson pudesse imaginar com sua cabeça, tirar o corpo fora, embolsar os lucros, e deixar outro homem levar a culpa, era o negócio de Compeyson. Ele não tinha mais coração que uma lixa de ferro, era tão frio quanto a morte, e tinha a cabeça de diabo que eu já mencionei.

“Havia outro homem com Compeyson, que era chamado de Arthur – não o nome de batismo, mas o sobrenome. Ele estava em declínio, e parecia uma sombra. Alguns anos antes, ele e Compeyson tinham se metido em um mau negócio com uma dama rica, e ganharam um bocado de dinheiro; mas Compeyson apostava e jogava, e esbanjou os impostos do rei. Arthur estava morrendo, em extrema pobreza e com uma doença horrível, e a esposa de Compeyson (que Compeyson chutava constantemente) tinha piedade dele sempre que podia, mas Compeyson não tinha piedade de nada nem de ninguém.

“Eu podia ter pedido conselho a Arthur, mas não o fiz; e não vou fingir que foi por escrúpulo, mas de que serviria, meu querido menino e amigo do Pip? Então, comecei com Compeyson, e fui só uma pobre ferramenta em suas mãos. Arthur vivia no sótão da casa de Compeyson (que era perto de Brentford), e Compeyson mantinha um cuidadoso registro da casa e comida que lhe fornecia, caso ele um dia melhorasse o suficiente para pagar. Mas Arthur logo acertou a conta. Na segunda ou terceira vez em que eu o vi, ele entrou na sala de estar de Compeyson tarde da noite, fora de si, vestindo só uma camisa de flanela, com o cabelo todo molhado, e disse à esposa de Compeyson, ‘A Sally... ela na verdade está lá em cima comigo, agora, e eu não consigo me livrar dela. Ela está toda de branco’, ele disse,

‘com flores brancas no cabelo, e está muito furiosa, e tem uma mortalha pendurada no braço, e diz que vai vestir aquilo em mim às cinco horas da manhã.’

“Compeyson disse: ‘Ora, seu tolo, você não sabe que ela tem um corpo humano? E como ela foi parar lá em cima, sem passar pela porta, ou pela janela, ou pela escada?’

“‘Eu não sei como ela foi parar lá’, disse Arthur, tremendo de maneira terrível em seu delírio, ‘mas ela está no canto, ao pé da cama, em uma fúria terrível. E no lugar onde o seu coração foi partido – e foi você quem partiu! – há gotas de sangue.’

“Compeyson falou com dureza, mas ele sempre fora um covarde. ‘Suba com esse homem doente, que só diz bobagens’, ele disse à esposa, ‘e você, Magwitch, será que poderia ajudá-la?’ Mas ele mesmo nem chegou perto.

“A esposa de Compeyson e eu o levamos de novo para a cama, e seu delírio se tornou mais terrível. ‘Oh, olhem só para ela!’ ele gritou. ‘Está sacudindo a mortalha para mim! Não estão vendo? Olhem para os olhos dela! Ah, não é terrível vê-la tão furiosa?’ Em seguida ele gritou, ‘Ela vai pôr isso em mim, e então estou acabado! Tirem isso dela, levem embora!’ Depois, agarrando-se a nós dois, continuou a falar com ela, e a responder-lhe, até que eu meio que acreditei vê-la eu mesmo.

“A esposa de Compeyson, que estava acostumada com ele, deu-lhe um pouco de remédio para acabar com os delírios, e aos poucos ele se acalmou. ‘Oh, ela se foi! O seu guardião veio buscá-la?’ ele disse. ‘Sim’, respondeu a esposa de Compeyson. ‘Você lhe disse para chaveá-la e passar a tranca?’ ‘Sim.’ ‘E para tirar-lhe aquela coisa feia?’ ‘Sim, sim, está tudo certo.’ ‘Você é uma boa criatura’, ele disse, ‘não me deixe, e não importa o que faça, eu agradeço!’

“Ele descansou tranquilo até que faltassem alguns minutos para as cinco, então despertou com um grito, e seguiu gritando, ‘Aqui está ela! Pegou a mortalha de novo. Ela está desdobrando a mortalha. Está saindo do canto. Ela está vindo para a cama. Segurem-me, vocês dois, um de cada lado, não deixem que ela me toque. Ah! ela errou dessa vez. Não deixem que ela jogue a mortalha sobre os meus ombros. Não a deixem me erguer para passá-la em torno de mim. Ela está me levantando! Segurem-me firme!’ Então ele mesmo se ergueu com esforço, e caiu morto.

“Compeyson encarou isso como uma boa libertação para ambos os lados. Ele e eu logo estávamos ocupados no negócio, e ele começou me fazendo jurar (sendo sempre astuto) sobre o meu próprio livro – esse pequeno livro preto, meu querido menino, sobre o qual eu fiz seu amigo jurar.

“Para não entrar em detalhes sobre as coisas que Compeyson planejava e eu executava – o que levaria uma semana – direi simplesmente a vocês, meu querido menino e amigo do Pip, que aquele homem me enredou de tal maneira que fez de mim o seu escravo negro. Eu estava sempre em dívida com ele, sempre debaixo do seu dedo, sempre trabalhando, sempre me expondo ao perigo. Ele era mais jovem do que eu, mas era matreiro, tinha estudo, e, digo sem exagero, era quinhentas vezes superior a mim. Minha patroa, nesses tempos difíceis... Mas espere! Eu ainda não falei dela...”

Ele olhou à sua volta de modo confuso, como se tivesse perdido seu lugar no livro das suas lembranças; então virou o rosto para o fogo, estendeu mais as mãos sobre os joelhos, levantou-as e baixou-as de novo.

“Não é preciso tocar nesse assunto”, ele disse, olhando em torno mais uma vez. “O tempo que passei com Compeyson foi quase tão duro quanto o que eu tinha passado até então; dizendo isso, digo tudo. Eu já contei como fui julgado, sozinho, por má conduta, quando estava com Compeyson?”

Eu respondi que não.

“Bem!”, ele disse, “eu fui julgado e condenado. Eu já tinha sido preso por suspeita duas ou três vezes, nos quatro ou cinco anos que isso durou; mas faltavam provas. Por fim, eu e Compeyson fomos ambos presos por crime grave – acusados de pôr notas roubadas em circulação – e havia outras acusações secundárias. Compeyson me disse, ‘Defesas separadas, nenhuma comunicação entre nós’, e isso foi tudo. Eu era tão pobre, que vendi todas as roupas que possuía, exceto as que tinha em cima do corpo, para poder contratar Jaggers.

“Quando fomos colocados no banco dos réus, notei em primeiro lugar que Compeyson parecia um cavalheiro, com seu cabelo ondulado, suas roupas pretas, seu lenço branco, e que eu parecia um miserável qualquer. Quando a acusação foi lida, e as provas apresentadas, notei que tudo que era pesado caíra sobre mim, e o que era leve sobre ele. Quando se apresentaram as testemunhas, notei que podiam jurar que era sempre a mim que tinham visto, que era sempre para mim que o dinheiro tinha sido pago, que era sempre eu que parecia ter feito a coisa e embolsado o lucro. Mas quando a

defesa começou, então eu vi o plano de Compeyson com mais clareza; pois seu advogado disse, ‘Milorde, cavalheiros, aqui estão diante dos senhores, lado a lado, duas pessoas que os seus olhos podem separar claramente; um, o mais jovem, bem-educado, que será referido como tal; outro, o mais velho, mal-educado, que será referido como tal; um, o mais jovem, raramente visto nas transações em causa, se é que foi visto alguma vez, e apenas suspeito; o outro, o mais velho, foi sempre visto agindo nesses casos, e leva o crime para casa. Se há apenas um envolvido, pode haver qualquer dúvida sobre quem é esse envolvido? E se há dois envolvidos, quem é muito pior do que o outro?’ E assim por diante. E quando se chegou aos antecedentes, não era Compeyson quem tinha estado na escola, e não eram seus colegas de escola que se encontravam nesta ou naquela posição, e não era ele conhecido em tais clubes e sociedades, onde todas as testemunhas só tinham boas informações a dar sobre ele? E não era eu quem tinha sido julgado antes, era reincidente, e conhecido em ruelas e becos, acima e abaixo, e em todas as Bridewells[1] e cárceres do país? E quando chegou o momento de falar aos juízes, não era Compeyson quem podia falar com eles, deixando cair o rosto de vez quando sobre o lenço branco, e com versos no meio do discurso, ainda? E não era eu que só podia dizer, ‘Cavalheiros, este homem ao meu lado é o mais rematado dos patifes?’ E quando saiu o veredicto, não foi por Compeyson que se pediu clemência, por causa do seu bom caráter, das suas más companhias, e de todas as informações que ele dera contra mim? E não fui eu quem nunca ouviu outra palavra, senão culpado? E quando eu disse a Compeyson, “Assim que sair desse tribunal, vou quebrar a sua cara, miserável!’, não foi Compeyson quem foi pedir proteção ao juiz, e conseguiu que pusessem dois carcereiros entre nós? E quando fomos condenados, ele não pegou sete anos e eu quatorze, e o juiz não sentiu pena dele, pois ele podia muito bem se recuperar? E não foi a mim que o juiz considerou um criminoso antigo, de caráter violento, que era provável que se tornasse ainda pior?”

Ele tinha se exaltado, e estava em um estado de grande excitação; mas se controlou, respirou fundo duas ou três vezes, engoliu outras tantas, e estendendo a mão para mim, disse, de modo tranquilizador, “Eu não vou ser baixo, meu querido menino!”

Ele havia se aquecido de tal forma, que tirou o lenço do bolso e enxugou o rosto, a cabeça, o pescoço e as mãos, antes de poder continuar.

“Eu tinha dito a Compeyson que quebraria aquela cara dele, e pedi a

Deus que quebrasse a minha, se eu não o fizesse! Nós estávamos no mesmo navio-prisão, mas eu não pude me aproximar dele por um longo tempo, apesar de tentar. Afinal, cheguei por trás dele e lhe bati no ombro, para fazê-lo virar-se e dar-lhe uma surra, quando me viram e fui agarrado. A cela daquele navio não era muito forte, para alguém acostumado a prisões, e que sabia nadar e mergulhar. Escapei para a costa, e estava me escondendo entre as sepulturas, invejando aqueles que dormiam dentro delas, quando vi meu menino pela primeira vez!"

Ele me fitou com um olhar afetuoso que me fez quase detestá-lo de novo, embora eu tivesse sentido muita pena dele.

"Foi pelo meu menino que eu soube que Compeyson também estava fora, nos pântanos. Por minha alma, eu quase creio que ele escapou de puro terror, para se livrar de mim, sem saber que era eu que tinha fugido para a costa. Eu o cacei, e dei-lhe uma surra. 'E agora', eu disse a ele, 'vou fazer o que há de pior, pois não me importo nem um pouco comigo mesmo: vou arrastá-lo de volta.' E eu teria nadado até o navio rebocando-o pelos cabelos, se tivesse tido tempo, e o teria levado a bordo, se os soldados não tivessem aparecido.

"É claro que ele, de novo, acabou se saindo bem... tinha tão bons antecedentes! Ele só tinha escapado porque ficara meio louco, com medo de mim e das minhas intenções assassinas; e sua pena foi leve. Eu fui colocado a ferros, julgado novamente, e condenado à prisão perpétua. Eu não esperei pelo fim da minha pena, meu querido menino, e você amigo do Pip, pois estou aqui."

Ele se enxugou de novo, como tinha feito antes, e então tirou lentamente o punhado de fumo do bolso; puxou o cachimbo da botoeira, encheu-o lentamente, e começou a fumar.

"Ele está morto?" eu perguntei, depois de um silêncio.

"Quem está morto, meu menino?"

"Compeyson."

"Ele espera que eu esteja, se ainda estiver vivo, pode ter certeza", disse ele, com um olhar feroz. "Eu nunca mais ouvi falar dele."

Herbert tinha estado escrevendo com o lápis atrás da capa de um livro. Ele me empurrou o livro suavemente, enquanto Provis continuava fumando com os olhos no fogo, e eu li:

“O NOME DO JOVEM HAVISHAM ERA ARTHUR. COMPEYSON É O HOMEM QUE FINGIU AMAR MISS HAVISHAM.”

Eu fechei o livro e fiz um leve aceno de cabeça para Herbert, e pus o livro de lado; mas nenhum de nós disse coisa alguma, e ambos ficamos olhando para Provis, enquanto ele fumava seu cachimbo junto ao fogo.

[1] Refere-se a uma famosa e degradante cadeia de Londres; sua menção acabou por virar sinônimo de prisão.

CAPÍTULO XLIII

Por que fazer uma pausa para me perguntar o quanto do meu temor em relação a Provis tinha a ver com Estella? Por que me desviar da minha rota, para comparar o estado de espírito no qual eu estava quando tentei me libertar da mácula da prisão antes de encontrá-la na estação da diligência, com o estado de espírito no qual estava agora refletindo sobre o abismo que existia entre Estella, no seu orgulho e beleza, e o condenado foragido a quem eu dera abrigo? A rota não seria mais fácil por causa disso, o fim não seria melhor por causa disso; ele não ficaria mais próximo, nem eu menos extenuado.

O relato de Provis tinha feito surgir um medo novo em minha mente, ou melhor, seu relato tinha dado uma forma e um sentido ao medo que já estava lá. Se Compeyson estivesse vivo, e descobrisse que ele voltara, não havia dúvida de quais seriam as consequências. Que Compeyson tinha um medo mortal dele, nenhum dos dois poderia saber melhor do que eu; e dificilmente se poderia imaginar que um homem como aquele que ele tinha descrito, hesitaria em se libertar de um inimigo temido pelo meio bastante seguro de se tornar um informante.

Eu nunca tinha dito, e nunca iria dizer, uma palavra sequer sobre Estella para Provis, ou pelo menos foi a resolução que tomei. Mas disse a Herbert que, antes que eu pudesse ir para o exterior com Provis, tinha que ver tanto Estella quanto Miss Havisham. Isso foi quando ficamos sozinhos, na noite do dia em que Provis nos contou sua história. Eu resolvi partir para Richmond no dia seguinte, e assim fiz.

Quando me apresentei na casa de Mrs. Brandley, a empregada de Estella foi chamada para me dizer que Estella tinha ido para o campo. Para onde? Para Satis House, como sempre. Como sempre não, eu disse, pois ela nunca tinha ido para lá sem mim; e quando ela estaria de volta? Havia na resposta um ar de reserva que aumentou a minha perplexidade, e a resposta foi que a empregada acreditava que ela só deveria voltar por um curto período de tempo. Não pude tirar nada disso, a não ser que tenha sido pensado para que eu não tirasse nada disso, e voltei para casa em um estado de completa contrariedade.

Tive outra consulta noturna com Herbert, depois que Provis tinha ido para casa (eu sempre o levava até em casa, e sempre olhava bem ao redor), e

concluímos que nada deveria ser dito sobre a minha ida para o exterior com ele, até que eu voltasse da casa de Miss Havisham. Enquanto isso, Herbert e eu deveríamos refletir separadamente sobre o que seria melhor lhe dizer, a respeito da viagem; se deveríamos inventar algum pretexto sobre ter medo de que ele estivesse sob observação suspeita; ou se eu, que nunca tinha estado no estrangeiro, deveria propor uma excursão. Ambos sabíamos que, qualquer coisa que eu propusesse, ele consentiria. Concordamos em que não era cabível que ele permanecesse muitos dias na presente situação de perigo.

No dia seguinte, tive a baixeza de fingir que estava obrigado, por uma promessa, a visitar Joe; mas eu era capaz de quase qualquer baixeza em relação a Joe ou ao seu nome. Provis devia ser extremamente cuidadoso, enquanto eu estivesse fora, e Herbert devia se encarregar de cuidar dele em meu lugar. Eu ficaria ausente apenas uma noite, e, em meu retorno, prometi satisfazer a sua impaciência de me ver começar a minha vida de cavalheiro em grande escala. Ocorreu-me então, e descobri depois que também a Herbert, que seria mais fácil levá-lo a atravessar o canal, em direção ao continente, sob o pretexto de fazer compras ou algo do tipo.

Tendo assim limpado o caminho para a minha excursão à casa de Miss Havisham, parti pela primeira diligência da manhã, antes do dia nascer, e já estava em pleno campo quando o dia veio engatinhando, hesitante, choramingando e tiritando, embrulhado em trapos de nuvens e remendos de névoa, como um mendigo. Quando chegamos ao “Javali Azul”, depois de uma viagem chuvosa, quem eu vejo saindo pela porta, um palito de dente na mão, olhando a diligência, senão Bentley Drummle!

Como ele fingiu não me ver, eu fingi não vê-lo. Era um fingimento bastante fraco, de ambos os lados, e mais fraco ainda porque ambos entramos no restaurante, onde ele terminara há pouco o seu desjejum, e onde eu pedi o meu. Para mim, foi um veneno encontrá-lo na cidade, pois eu sabia muito bem o porquê dele ter vindo.

Fingindo ler um jornal seboso de muito tempo atrás, que não tinha nada nem de longe tão legível nas notícias locais quanto nas matérias estrangeiras, como café, conservas, molho de peixe, molho de carne, manteiga derretida e vinho de que ele estava coberto, como se tivesse pego sarampo de uma maneira totalmente irregular, sentei à minha mesa, enquanto ele se postava diante do fogo. Aos poucos, comecei a considerar uma ofensa grave a sua presença diante do fogo, e me levantei, determinado a desfrutar

também da minha parte. Eu tive que passar minha mão por trás das suas pernas para pegar o atiçador, a fim de mexer as brasas, mas ainda fingia não conhecê-lo.

"Está me ignorando?", disse Mr. Drummle.

"Oh!", disse eu, o atiçador na mão; "então é você? Será possível? Como vai indo? Eu estava me perguntado quem poderia estar tapando o fogo."

Com isso, comecei a atiçar o fogo vigorosamente; depois me plantei lado a lado com Mr. Drummle, os ombros erguidos e as costas viradas para o fogo.

"Você chegou há pouco?", disse Mr. Drummle, me empurrando um pouco com seu ombro.

"Sim", disse eu, empurrando-o um pouco com meu ombro.

"Lugarzinho abominável", disse Drummle. "Você é daqui, não é?"

"Sim", eu concordei. "Disseram-me que é bem parecido com o seu Shropshire."

"Não se parece de jeito nenhum", disse Drummle.

Aqui, Mr. Drummle olhou para as suas botas e eu olhei para as minhas, e então Mr. Drummle olhou para as minhas botas e eu olhei para as suas.

"Está aqui há muito tempo?", eu perguntei, determinado a não ceder uma polegada do fogo.

"Tempo bastante para estar cansado desse lugar", Drummle respondeu, fingindo bocejar, mas igualmente determinado.

"Vai ficar muito tempo?"

"Não sei dizer", respondeu Mr. Drummle. "E você?"

"Não sei dizer", disse eu.

Senti nesse momento, por um formigamento no sangue, que se o ombro de Mr. Drummle reivindicasse o espaço de um fio de cabelo a mais de lugar, eu o teria atirado pela janela. Da mesma forma, senti que se meu próprio ombro tivesse insistido em uma reivindicação semelhante, Mr. Drummle teria me jogado pela abertura mais próxima. Ele assobiou um pouco. Eu fiz o mesmo.

"Há grandes áreas de pântanos por aqui, não é?", disse Drummle.

"Sim. E daí?", disse eu.

Mr. Drummle olhou para mim, e então para as minhas botas, e depois

disse, “Oh!” e se pôs a rir.

“Está se divertindo, Mr. Drummle?”

“Não”, disse ele, “não particularmente. Eu saindo para um passeio a cavalo. Pretendo explorar esses pântanos para me distrair um pouco. Há aldeias afastadas por lá, pelo que me disseram. Pequenos albergues curiosos... e ferrarias... Não é? Garçom!”

“Sim, senhor.”

“O meu cavalo está pronto?”

“Já está diante da porta, senhor.”

“Escute bem aqui, meu senhor. A senhora não irá montar hoje; o tempo não está bom.”

“Muito bem, senhor.”

“E não jantarei aqui, pois vou jantar na casa dessa senhora.”

“Muito bem, senhor.”

Então, Drummle olhou para mim, com um ar de triunfo insolente na sua papada enorme que me cortou o coração, sendo o idiota que era. Isso me exasperou de tal modo, que fiquei tentado a pegá-lo nos braços (como dizem que o ladrão pegou a velha, no livro de contos) e sentá-lo no fogo.

Uma coisa era evidente para nós dois, e era que, até que chegasse socorro, nenhum de nós poderia renunciar ao fogo. E lá nós ficamos, bem tesos diante do fogo, ombro contra ombro, pé contra pé, com as mãos para trás, sem nos movermos uma polegada. O cavalo era visível lá fora na porta, sob o mau tempo; meu café da manhã fora posto na mesa; o de Drummle fora retirado; o garçom me convidou a começar; eu concordei com um aceno de cabeça, e ambos continuamos firmes diante do fogo.

“Você já foi ao Bosque, desde a última vez?” disse Drummle.

“Não”, disse eu, “já tive o bastante dos Tentilhões, da última vez que estive lá.”

“Foi quando nós tivemos uma diferença de opinião?”

“Sim”, eu respondi, muito secamente.

“Vamos, vamos! Eles o livraram com muita facilidade”, zombou Drummle. “Você não deveria ter perdido a paciência.”

“Mr. Drummle”, disse eu, “você não é competente para dar conselhos sobre esse assunto. Quando eu perco a paciência (não que eu admita ter feito isso naquela ocasião), eu não atiro copos nos outros.”

“Eu atiro”, disse Drummle.

Depois de olhá-lo de relance uma ou duas vezes, em um estado de ferocidade e ardor crescentes, eu disse:

“Mr. Drummle, eu não procurei esta conversa, e não acho que seja agradável.”

“Estou certo de que não é”, disse ele, de modo arrogante, por cima do ombro; “e não acho nada a respeito disso.”

“E por essa razão”, eu prossegui, “com sua licença, sugerirei que, no futuro, não tenhamos nenhum tipo de comunicação.”

“É exatamente a minha opinião”, disse Drummle “e o que eu mesmo teria sugerido, ou feito sem sugerir, o que é mais provável. Mas não perca a paciência. Já não perdeu bastante sem isso?”

“O que quer dizer, senhor?”

“Garçom!” disse Drummle, como resposta.

O garçom reapareceu.

“Olhe aqui, meu senhor. Entendeu bem que a jovem senhora não montará hoje, e que eu jantarei na casa da jovem senhora?”

“Isso mesmo, senhor!”

Depois que o garçom tinha sentido com a palma da mão o meu bule de chá que esfriava rapidamente, me olhado de modo suplicante, e deixado a sala, Drummle, cuidando para não mover o ombro ao lado do meu, pegou um charuto do bolso e mordeu a ponta, mas não deu o menor sinal de se mexer. Engasgado e fervendo de raiva como eu estava, senti que não poderíamos dizer nem mais uma palavra sem introduzir o nome de Estella, que eu não suportava ouvi-lo proferir. Então olhei com frieza para a parede oposta, como se não houvesse ninguém presente, e eu fosse obrigado a silenciar. É impossível dizer quanto tempo nós poderíamos ter permanecido nessa posição ridícula, se não fosse a entrada de três prósperos fazendeiros – mandados pelo garçom, eu creio – que entraram na sala desabotoando os sobretudos e esfregando as mãos; como eles se dirigiram ao fogo, fomos obrigados a ceder o lugar.

Vi Drummle pela janela, agarrando a juba do cavalo, e montando naquela sua maneira brutal e desajeitada, movendo-se para os lados, para frente e para trás. Pensei que ele já tinha ido, quando ele voltou, pedindo fogo para o charuto que ele tinha na boca, e que havia se esquecido de acender. Um homem, com uma roupa coberta de poeira, apareceu com o que fora pedido; eu não saberia dizer de onde ele saíra, se do pátio da hospedaria, da

rua, ou de outra parte. Quando Drummle inclinou-se na sela para acender o charuto, rindo e fazendo um sinal de cabeça para as janelas da hospedaria, os ombros desengonçados e o cabelo em desordem desse homem, que estava de costas para mim, me fizeram lembrar Orlick.

Aborrecido demais na ocasião para me preocupar se era ele ou não, ou para tocar no café da manhã, lavei as mãos e o rosto sujos pela viagem, e saí direto para a casa velha e memorável, que teria sido, para mim, muito melhor nunca ter visto, e na qual eu nunca deveria ter entrado.

CAPÍTULO XLIV

Encontrei Miss Havisham e Estella no quarto onde ficava o toucador, e onde as velas queimavam nos suportes da parede; Miss Havisham estava sentada em um canapé perto do fogo, e Estella em uma almofada aos seus pés. Estella tricotava enquanto Miss Havisham olhava. Ambas levantaram os olhos quando entrei, e ambas notaram uma mudança em mim. Deduzi isso pelo olhar que elas trocaram.

"E que bons ventos", disse Miss Havisham, "o trazem aqui, Pip?"

Embora ela olhasse fixamente para mim, vi que estava bastante confusa. Estella parou de tricotar por um momento, pousou os olhos sobre mim, depois continuou com seu trabalho. Eu imaginei ler no movimento dos seus dedos, tão claramente como se ela tivesse me dito no alfabeto dos surdos-mudos, que ela percebera que eu havia descoberto meu verdadeiro benfeitor.

"Miss Havisham", disse eu, "fui até Richmond ontem, para falar com Estella; e descobrindo que algum bom vento a tinha trazido aqui, eu a segui."

Depois de Miss Havisham fazer sinal pela terceira ou quarta vez para que eu me sentasse, tomei a cadeira junto ao toucador, que eu tinha visto tantas vezes ocupada por ela. Com todas aquelas ruínas aos meus pés e ao meu redor, achei que, naquele dia, esse parecia ser o lugar ideal para mim.

"O que eu tenho para dizer a Estella, Miss Havisham, direi agora diante da senhora, dentro de alguns momentos. Creio que não irá surpreendê-las, nem desagradá-las. Sou tão infeliz quanto algum dia desejaram que eu fosse."

Miss Havisham continuou a olhar fixamente para mim. Pude ver pelo movimento dos dedos de Estella enquanto tricotava que ela ouvira o que eu disse, mas não levantou os olhos.

"Eu descobri quem é o meu protetor. Não é uma descoberta feliz, e é provável que não venha jamais a elevar minha reputação, ou minha posição, ou minha fortuna, ou o que quer que seja. Há razões que me impedem de dizer mais sobre isso. O segredo não é meu, mas de outra pessoa."

Como fiquei em silêncio por algum tempo, olhando para Estella e pensando em como deveria continuar, Miss Havisham repetiu, "Não é um segredo seu, mas de outra pessoa. E então?"

"Quando me fez vir aqui a primeira vez, Miss Havisham, quando eu

pertencia à aldeia lá em baixo, que eu quisera nunca ter deixado, suponho que eu tenha realmente vindo aqui como qualquer outro menino poderia ter vindo, como um tipo de criado, para satisfazer um desejo ou um capricho, e ser pago por isso."

"Sim, Pip", respondeu Miss Havisham, assentindo firmemente com a cabeça; "foi assim mesmo."

"E que Mr. Jaggers..."

"Mr. Jaggers", disse Miss Havisham, interrompendo-me em um tom de voz firme, "não teve nada a ver com isso, e nunca soube de nada. O fato de ele ser meu advogado, e ser o advogado do seu protetor, é mera coincidência. Ele presta esse mesmo serviço a inúmeras pessoas, e isso poderia acontecer facilmente. Seja como for, essa coincidência aconteceu, e não foi provocada por ninguém."

Qualquer um poderia ter visto em seu rosto desfigurado que não houvera, até aqui, qualquer subterfúgio ou dissimulação da verdade em suas palavras.

"Mas quando fui levado ao engano no qual permaneci tanto tempo, pelo menos a senhora me levou a isso?" disse eu.

"Sim", ela respondeu, de novo assentindo com firmeza, "eu o levei a isso."

"E isso foi bondoso da sua parte?"

"Quem sou eu", exclamou Miss Havisham, batendo com a bengala no chão, e se deixando levar pela ira tão de repente que Estella olhou para ela surpresa, "quem sou eu, pelo amor de Deus, para ser bondosa?"

Eu tinha feito uma queixa muito fraca, e não tinha tido a intenção de fazê-la. Eu lhe disse isso, quando ela voltou a sentar-se, refletindo após essa explosão.

"Está bem, está bem!" disse ela. "Que mais?"

"Eu fui generosamente pago pelos meus antigos serviços aqui", eu disse, para acalmá-la, "tendo me tornado um aprendiz, e só fiz essas perguntas para minha própria informação. O que se segue tem um propósito diferente, e, assim espero, mais desinteressado. Alimentando o meu engano, Miss Havisham, a senhora pretendeu castigar, ou contrariar – talvez a senhora possa prover algum outro termo que expresse melhor sua intenção, sem que eu a ofenda – seus parentes egoístas?"

"Sim. Pois eles queriam isso! E você também. Qual foi a minha

história, para que eu devesse me dar ao trabalho de adverti-los, a eles ou a você, de que as coisas não eram assim! Vocês caíram em suas próprias armadilhas. Não fui eu que as preparei."

Esperando até que ela se acalmasse outra vez – pois essas palavras, também, foram ditas em um tom selvagem e repentino – eu prossegui.

"Eu fui lançado no meio de uma família das suas relações, Miss Havisham, e tenho estado constantemente entre eles desde que fui para Londres. Eu sei que eles foram enganados de boa fé a esse respeito, assim como eu mesmo fui. E eu seria falso e mesquinho se não lhe contasse, quer seja aceitável para a senhora ou não, quer esteja inclinada a acreditar nisso ou não, que a senhora faz uma imensa injúria a Mr. Matthew Pocket e a seu filho Herbert, se supõe que eles sejam outra coisa senão pessoas generosas, corretas, sinceras e incapazes de qualquer coisa maldosa ou mesquinha."

"Eles são seus amigos", disse Miss Havisham.

"Eles se fizeram meus amigos", disse eu, "quando supuseram que eu havia tomado seu lugar; e quando Sarah Pocket, Miss Georgiana e Mrs. Camilla não teriam sido meus amigos, eu creio."

Esse contraste entre eles e o resto da sua família parecia, fiquei contente de ver, levantar o conceito dos meus amigos diante dela. Miss Havisham me olhou de modo penetrante por algum tempo, e então disse calmamente.

"O que quer para eles?"

"Apenas", disse eu, "que a senhora não os confunda com os outros. Eles podem ser do mesmo sangue, mas, acredite-me, não são da mesma natureza."

Miss Havisham repetiu, ainda olhando para mim de modo penetrante.

"O que quer para eles?"

"Não sou tão esperto, como vê", eu disse, em resposta, consciente de que enrubescera um pouco, "para que possa esconder da senhora, mesmo se desejasse, que quero lhe pedir alguma coisa. Miss Havisham, se a senhora pudesse dispor de algum dinheiro para prestar ao meu amigo Herbert um serviço para o resto dos seus dias, mas que, pela natureza do caso, deve ser prestado sem o conhecimento dele, eu poderia lhe dizer como."

"Por que isso deve ser feito sem o conhecimento dele?" ela perguntou, colocando as mãos sobre a bengala, para que pudesse me observar com mais atenção.

“Porque”, eu disse, “eu mesmo comecei o serviço, mais de dois anos atrás, sem o conhecimento dele, e não quero ser traído. A razão pela qual não tenho mais condições de terminá-lo, é algo que não posso lhe explicar. É uma parte do segredo que pertence a outra pessoa, e não a mim.”

Ela afastou aos poucos os olhos de mim e virou-os para o fogo. Depois de olhá-lo por um tempo que, no silêncio do quarto, e à luz das velas que queimavam lentamente, me pareceu bem longo, ela foi despertada pela queda de algumas brasas, e olhou novamente para mim, a princípio de maneira vaga, e depois com uma atenção gradualmente concentrada. Durante todo esse tempo, Estella continuou tricotando. Quando Miss Havisham fixou de novo sua atenção sobre mim, ela disse, falando como se não tivesse havido qualquer interrupção em nosso diálogo.

“Que mais?”

“Estella”, eu disse, virando-me para ela agora, e tentando controlar minha voz trêmula, “você sabe que eu a amo. Você sabe que eu a amo ternamente, e há muito tempo.”

Ao ser interpelada assim, Estella ergueu os olhos para o meu rosto, e seus dedos continuaram o trabalho, e ela me olhou com um semblante impassível. Vi que Miss Havisham olhava de mim para ela, e dela para mim.

“Eu teria dito isso antes, se não fosse o meu longo engano. Esse engano me levou a esperar que Miss Havisham pretendesse nos destinar um ao outro. Enquanto pensei que você não poderia fazer nada a respeito por sua própria conta, mesmo que quisesse, eu me contive para não falar. Mas tenho que confessar isso agora.”

Com o mesmo semblante impassível, e os dedos ainda ocupados, Estella balançou a cabeça.

“Eu sei”, disse eu, em resposta àquele movimento, “eu sei. Não tenho qualquer esperança de um dia poder chamá-la de minha, Estella. Ignoro o que poderá acontecer comigo muito em breve, quão pobre serei, ou para onde irei. Ainda assim, eu a amo. Amei-a desde o primeiro dia em que a vi nesta casa.”

Olhando-me com perfeita impassibilidade, os dedos ainda ocupados, ela balançou a cabeça de novo.

“Teria sido cruel da parte de Miss Havisham, terrivelmente cruel, jogar com a sensibilidade de um menino pobre, e me torturar por todos esses anos com uma esperança vã e um objetivo inútil, se ela tivesse refletido sobre a gravidade do que fez. Mas acho que ela não refletiu. Creio que, ao suportar

suas próprias provações, ela se esqueceu das minhas, Estella."

Vi Miss Havisham pôr a mão sobre o coração e mantê-la ali, enquanto olhava, a cada vez, para Estella ou para mim.

"Parece-me", disse Estella, com muita calma, "que há sentimentos, fantasias, não sei como chamá-los, que não sou capaz de compreender. Quando você diz que me ama, eu sei o que quer dizer, no que se refere às palavras; mas nada mais. Você não diz nada ao meu coração, não toca nada lá dentro. Não me importo nem um pouco com o que diz. Eu tentei adverti-lo sobre isso... Diga-me, não é verdade que tentei?"

"Sim", eu disse, de maneira infeliz.

"Sim. Mas você não quis se dar por avisado, pois acreditou que eu não pensava assim de fato. Diga-me, não acreditou nisso?"

"Eu acreditei e esperei que você não pensasse assim de fato. Você, Estella, tão jovem, tão inexperiente, tão bela! Certamente, isso não faz parte da natureza."

"Faz parte da minha natureza", ela respondeu. E então ela acrescentou, reforçando as palavras, "Está na natureza formada dentro de mim. Faço uma grande diferença entre você e todas as outras pessoas, ao dizer tanto. Não posso fazer nada mais."

"Não é verdade", disse eu, "que Bentley Drummle está aqui na cidade por sua causa?"

"É perfeitamente verdadeiro", ela respondeu, referindo-se a ele com a indiferença do absoluto desprezo.

"Não é verdade que você o encoraja, e sai para cavalgar com ele, e que ele jantará com você hoje mesmo?"

Ela pareceu um pouco surpresa por eu saber disso, mas de novo respondeu, "É perfeitamente verdadeiro."

"Você não pode amá-lo, Estella!"

Seus dedos pararam pela primeira vez, quando ela respondeu furiosa, "O que foi que eu lhe disse? Você ainda pensa, apesar de tudo, que não sinto de fato aquilo que lhe disse?"

"Você nunca se casaria com ele, Estella?"

Ela olhou para Miss Havisham, e refletiu por um momento, com o trabalho nas mãos. Então disse, "Por que não lhe contar a verdade? Eu vou me casar com ele."

Eu deixei cair o rosto nas mãos, mas pude me controlar melhor do que

teria esperado, considerando a agonia que senti ao ouvi-la dizer essas palavras. Quando ergui o rosto de novo, Miss Havisham tinha um olhar tão terrível, que fiquei impressionado, mesmo na perturbação extrema da minha dor.

"Estella, minha querida Estella, não deixe Miss Havisham levá-la a dar esse passo fatal. Afaste-me de você para sempre; você já o fez, eu sei muito bem, mas entregue sua mão a alguma outra pessoa mais digna do que Drummle. Miss Havisham a entrega a ele, como o maior desprezo e a maior injúria que possam ser feitos a todos os homens muito melhores que a admiram, e aos poucos que a amam verdadeiramente. Entre esse poucos, pode haver um que a ame tão ternamente, embora não há tanto tempo quanto eu. Case-se com ele, e poderei suportar isso com mais coragem, pelo amor que lhe tenho!"

Meu ardor despertou nela um assombro que me fez acreditar que ela tivesse sido tocada pela compaixão, e que eu pudesse afinal ter me tornado inteligível para a sua mente.

"Eu vou", ela disse outra vez, em uma voz mais suave, "me casar com ele. Os preparativos para o casamento já estão sendo feitos, e logo estarei casada. Por que você menciona dessa maneira injuriosa o nome da minha mãe adotiva? Essa decisão foi só minha."

"Foi uma decisão só sua, Estella, atirar-se nos braços de um bruto?"

"E nos braços de quem eu deveria me atirar?", ela replicou, com um sorriso. "Eu deveria me atirar nos braços do homem que tivesse o melhor sentimento (se há pessoas que sentem tais coisas) e não lhe dar nada em troca? Ora! Está feito. Estou fazendo muito bem, assim como o meu marido. Quanto a me levar a dar o que você chamou de passo fatal, Miss Havisham teria preferido que eu esperasse, e não me casasse ainda; mas estou cansada da vida que tenho levado, que tem muito poucos encantos para mim, e estou bastante disposta a uma mudança. Não diga mais nada. Nós nunca entenderemos um ao outro."

"Mas um bruto malvado, um bruto estúpido como esse!" eu insisti, em desespero.

"Não pense que eu serei uma bênção para ele", disse Estella; "Não serei. Vamos! Aqui está minha mão. Vamos nos despedir, menino romântico... ou será homem?"

"Oh, Estella!" eu respondi, enquanto minhas lágrimas amargas caíam

em abundancia sobre sua mão, apesar dos meus esforços para contê-las; “mesmo se eu permanecesse na Inglaterra, e pudesse me manter de cabeça erguida diante dos outros, como eu poderia vê-la como a esposa de Drummle?”

“Bobagem”, ela respondeu, “bobagem. Isto passará em um instante.”

“Nunca, Estella!”

“Você não pensará mais em mim dentro de uma semana.”

“Não pensar mais em você! Você é parte da minha existência, parte de mim. Você esteve em cada linha que já li desde que vim aqui pela primeira vez, quando era o menino comum e grosseiro, cujo pobre coração você feriu, mesmo naquela época. Você esteve em todos os projetos futuros que fiz desde então – no rio, nas velas dos navios, nos pântanos, nas nuvens, na luz, na escuridão, no vento, nos bosques, no mar, nas ruas. Você era a encarnação graciosa de todas as fantasias que a minha mente alguma vez concebeu. As pedras com as quais são feitos os mais fortes edifícios de Londres, não são mais reais ou mais impossíveis de deslocar pelas suas mãos, do que a sua presença e a sua influência foram para mim, lá e em todos os lugares, e sempre serão. Estella, até minha última hora de vida, você não tem escolha senão permanecer como parte da minha natureza, parte do pouco bem que existe em mim, e parte do mal. Mas, nesta separação, eu a associo apenas ao bem; e aí a manterei sempre fielmente, pois você me fez muito mais bem do que mal, não importa a profunda angústia que eu possa sentir agora. Que Deus a abençoe, que Deus a perdoe!”

Em que arrebatamento de infelicidade arranquei do meu coração essas palavras entrecortadas, não sei dizer. O entusiasmo brotou de dentro de mim, como o sangue de uma ferida interna, e jorrou para fora. Levei a mão de Estella aos lábios durante alguns momentos, e então a deixei. Mas eu me lembraria para sempre, e pouco depois com mais forte razão, que, enquanto Estella apenas me olhava com espanto e incredulidade, a figura espectral de Miss Havisham, cuja mão cobria ainda seu coração, parecia pacificada em um olhar terrível de piedade e remorso.

Tudo dito, tudo acabado! E tanto era dito e acabado, que quando saí pelo portão, a luz do dia me parecia de uma cor mais sombria do que quando entrei. Por algum tempo, eu me escondi entre as ruelas e passagens, e então parti disposto a fazer a pé todo o caminho até Londres. Pois, àquela altura, eu já tinha recobrado minha presença de espírito o suficiente para considerar que

não poderia voltar para a hospedaria e ver Drummle lá; que não suportaria sentar na diligência e ouvir alguém falar comigo; que eu não poderia fazer nada melhor por mim mesmo do que me cansar.

Já passava da meia-noite quando cruzei a ponte de Londres. Passando pelos labirintos estreito das ruas que, naquele tempo, seguiam para oeste ao longo da margem do rio em Middlesex, o caminho mais curto para o Temple era seguir a margem do rio por Whitefriars. Não me esperavam senão no dia seguinte, mas eu tinha as minhas chaves, e, se Herbert estivesse dormindo, eu poderia ir para cama também sem perturbá-lo.

Como raramente acontecia de eu entrar pelo portão de Whitefriars, depois que o Temple estava fechado, e como eu estava muito sujo de barro e cansado, não levei a mal que o porteiro da noite me examinasse com muita atenção enquanto mantinha o portão entreaberto para que eu passasse. Para ajudar a sua memória, mencionei meu nome.

“Eu não tinha muita certeza, senhor, mas achei que fosse. Aqui está uma carta, senhor. O mensageiro que a trouxe pediu que o senhor fizesse o favor de ler aqui, à luz da lanterna.”

Muito surpreendido pelo pedido, peguei a carta. Era dirigida a Philip Pip, Esquire, e no alto do envelope estavam as palavras, “POR FAVOR, LEIA A CARTA AQUI.” Eu a abri, enquanto o zelador segurava a lanterna, e dentro li uma mensagem, escrita na letra de Wemmick: “NÃO VÁ PARA CASA.”

CAPÍTULO XLV

Voltando do portão do Temple assim que li o aviso, caminhei até Fleet Street do melhor modo que pude, e lá peguei um coche de aluguel para o Hummums, em Covent Garden. Naquele tempo, podia-se conseguir uma cama lá a qualquer hora da noite, e o camareiro, deixando-me entrar depois de olhar pela portinhola, acendeu a próxima vela da sua estante e levou-me direto para o próximo quarto da sua lista. Era um tipo de abóbada no térreo, na parte dos fundos, e dentro havia um monstro despótico na forma de uma enorme cama de quatro colunas, espalhada pelo lugar inteiro, com uma das pernas colocada arbitrariamente na lareira, e a outra na porta de entrada, e apertando o pequeno lavatório miserável como se fosse ungida pelo direito divino.

Como eu tinha pedido uma luz para a noite, o camareiro me trouxera, antes de deixar-me, o velho e bom candeeiro de lata regulamentar daqueles tempos virtuosos – um objeto parecido com o fantasma de um bastão, que quebrava o suporte assim que era tocado, que ninguém jamais conseguia acender, e que fora colocado em confinamento solitário no fundo de uma alta torre de lata, perfurada com buracos redondos, que lançavam padrões espantosos pelas paredes, que impediam o sono. Depois que fui para a cama, e estava deitado lá com os pés doloridos, cansado e infeliz, descobri que não conseguia fechar meus próprios olhos mais do que podia fechar os olhos desse tolo arremedo de Argus. E assim, na escuridão e na calada da noite, ficamos encarando um ao outro.

Que noite triste! Tão inquieta, tão sombria, tão longa! Havia um cheiro pouco hospitaleiro no quarto, de fuligem fria e poeira quente. Quando observei os cantos do dossel sobre a minha cabeça, pensei em quantas moscas azuis vindas do açougue, e quantas lacrainhas vindas do mercado, e quantas larvas vindas do campo estariam descansando lá em cima, esperando pelo próximo verão. Isso me levou a especular se alguma delas já caíra lá de cima, e imaginei sentir um leve aterrissar de alguma coisa sobre meu rosto – um pensamento desagradável, que poderia sugerir outras e mais censuráveis aproximações nas minhas costas. Quando eu jazia desperto já há algum tempo, essas vozes extraordinárias que proliferam no silêncio começaram a se fazer audíveis. O armário sussurrava, a lareira suspirava, o pequeno lavatório estalava, e uma corda de violino tocava ocasionalmente na cômoda.

Mais ou menos ao mesmo tempo, os olhos na parede assumiram uma expressão nova, e em cada um daqueles círculos fixos eu vi escrito, “NÃO VÁ PARA CASA.”

Todas as fantasias e os barulhos noturnos que me assediavam, não conseguiam repelir essas palavras: “NÃO VÁ PARA CASA.” Essa frase se misturava a tudo que eu pensava, como teria feito uma dor física. Não muito tempo antes, eu tinha lido nos jornais que um cavalheiro desconhecido tinha vindo ao Hummums à noite, tinha ido para cama, tinha se matado, e fora encontrado na manhã seguinte banhado em sangue. Ocorreu-me que ele devia ter ocupado esta mesma abóbada que eu, e levantei-me para me assegurar de que não havia nenhuma mancha vermelha por ali; depois abri a porta para olhar os corredores e me animar com a companhia de uma luz distante, perto da qual eu sabia que o camareiro estava cochilando. Mas durante todo esse tempo, eu me perguntava: por que eu não devia ir para casa? O que tinha acontecido em casa? Quando eu deveria ir para casa? Será que Provis estava seguro em casa? Essas perguntas ocupavam minha mente de modo tão insistente, que se poderia supor que não havia mais lugar para qualquer outro assunto. Mesmo quando pensava em Estella, e em como tínhamos nos separado para sempre naquele dia, e recordava todas as circunstâncias da nossa despedida, todos os seus olhares, suas entonações de voz, o movimento dos seus dedos enquanto tricotava – mesmo então eu era perseguido, aqui, lá, e em todo lugar, pelo aviso “NÃO VÁ PARA CASA.” Quando afinal cochilei, pela completa exaustão de corpo e mente, isso se tornou um vasto verbo indefinido que eu devia conjugar. Modo imperativo, tempo presente: Não vá para casa, que ele não vá para casa, não vamos nós para casa, não vá você para casa, que eles não vão para casa. Então, potencialmente: eu não devo e não posso ir para casa; e eu não deveria, não poderia, e não iria para casa; até que senti que estava ficando louco. Rolei sobre o travesseiro e olhei para os grandes círculos fixos na parede.

Eu tinha deixado ordem para ser acordado às sete horas, pois estava claro que eu devia ver Wemmick antes de qualquer outra pessoa, e igualmente claro que esse era um caso em que apenas os seus sentimentos de Walworth deveriam ser considerados. Foi um alívio sair do quarto onde eu passara uma noite tão miserável, e não foi preciso uma segunda batida na porta para me fazer deixar essa cama desconfortável.

Às oito horas, avistei as ameias do chalé. Como a pequena criada

estava entrando na fortaleza com dois pãezinhos quentes, atravessei a cancela e cruzei a ponte levadiça em sua companhia. Assim, cheguei sem ser anunciado à presença de Wemmick, enquanto ele fazia chá para ele e o Velho. Uma porta aberta oferecia a perspectiva do Velho na cama.

"Olá, Mr. Pip!", disse Wemmick. "O senhor voltou, então?"

"Sim", eu respondi; "mas não fui para casa."

"Está muito bem", disse ele, esfregando as mãos. "Deixei um bilhete para o senhor em cada um dos portões do Temple, por precaução. Por qual portão entrou?"

Eu lhe disse.

"Irei aos outros, no decorrer do dia, e destruirei os bilhetes", disse Wemmick; "é uma boa regra nunca deixar provas escritas se puder evitar, pois nunca se sabe quando podem ser apresentadas. Vou tomar uma liberdade com o senhor. Se importaria de assar esta salsicha para o Velho?"

Eu disse que ficaria encantado em fazê-lo.

"Então pode ir fazer o seu serviço, Mary Anne", disse Wemmick à pequena criada; "o que nos deixa a sós, não é mesmo, Mr. Pip?", ele acrescentou, com uma piscadela, quando a menina desapareceu.

Eu lhe agradeci pela sua amizade e sua cautela, e nossa conversa prosseguiu em tom baixo, enquanto eu assava a salsicha do Velho, e ele untava com manteiga o miolo do pãozinho do Velho.

"Agora, Mr. Pip, o senhor sabe", disse Wemmick, "nós compreendemos um ao outro. Estamos em nossa competência pessoal e privada, e já estivemos envolvidos em uma transação confidencial antes. Sentimentos oficiais são uma coisa. Os nossos são extraoficiais."

Assenti cordialmente. Eu estava tão nervoso, que já tinha acendido a salsicha do Velho como se fosse uma tocha, e tinha sido obrigado a apagá-la.

"Eu ouvi por acaso, ontem de manhã", disse Wemmick, "estando em certo lugar onde eu o levei certa vez... mesmo entre o senhor e eu, é melhor não mencionar nomes, quando se puder evitar..."

"Muito melhor", disse eu. "Eu o compreendo."

"Eu ouvi por casualidade, ontem de manhã", disse Wemmick "que certa pessoa, não completamente estranha às colônias, e também não despojada de alguma propriedade portável... não sei, realmente, quem possa ser... não vamos nomear esta pessoa..."

"Não é necessário", disse eu.

“...Tinha feito algum pequeno tumulto em certa parte do mundo aonde muitas pessoas vão, nem sempre para satisfazer suas próprias inclinações, e não totalmente independente das despesas do governo.”

Olhando para o seu rosto, eu fiz um verdadeiro fogo de artifício da salsicha do Velho, o que perturbou muitíssimo a minha própria atenção e a de Wemmick, com quem me desculpei.

“...Desaparecendo desse tal lugar, sem que ninguém mais tenha ouvido falar dele nas redondezas. Desse fato”, disse Wemmick, “levantaram-se conjeturas e formaram-se teorias. Também ouvi que o senhor tinha sido vigiado nos seus aposentos em Garden Court, no Temple, e poderia ser vigiado novamente.”

“Por quem?”, disse eu.

“Eu não entraria nesses detalhes”, disse Wemmick, evasivamente, “pois poderia entrar em conflito com minhas responsabilidades oficiais. Apenas ouvi isso, como em outras ocasiões tenho ouvido outras coisas curiosas no mesmo lugar. Não lhe falo isso como uma informação recebida. Eu apenas ouvi.”

Ele pegou o garfo e a salsicha das minhas mãos enquanto falava, e dispôs de modo organizado o café da manhã do Velho em uma pequena bandeja. Antes de servi-lo, Wemmick entrou no quarto do pai com um guardanapo limpo, e amarrou-o sob o queixo do velho cavalheiro. Depois o ergueu, pôs de lado sua touca de dormir, e lhe deu uma aparência bastante jovial. Então colocou o café da manhã diante dele com muito cuidado, e disse, “Tudo certo, não é, velho pai?” Ao que o velho alegre respondeu, “Tudo certo, John, meu menino, tudo certo!” Como parecia haver um entendimento tácito de que o Velho não estava apresentável, e devia ser considerado invisível, fingi ignorar por completo esses procedimentos.

“Essa vigilância exercida sobre mim e os meus aposentos (da qual já tive razão para suspeitar, uma vez)”, eu disse a Wemmick, quando ele voltou, “é inseparável da pessoa a quem o senhor se referiu, não é isso?”

Wemmick assumiu um ar muito sério. “Não posso me aventurar a dizer isso, pelo meu próprio conhecimento. Isto é, não posso me aventurar a dizer que tenha sido assim no início. Mas ou é, ou será, ou corre grande risco de ser.”

Como vi que ele, por fidelidade à Pequena Inglaterra, estava impedido de dizer muito mais, e como eu sabia, e lhe era grato por isso, o quanto ele se

desviara do seu caminho ao me dizer tudo o que dissera, não pude pressioná-lo. Mas eu lhe disse, depois de uma pequena meditação diante do fogo, que gostaria de lhe fazer uma pergunta, reservando-lhe o direito de responder ou não, como ele julgasse melhor, e certo de que a sua atitude seria a correta. Ele fez uma pausa no desjejum, e, cruzando os braços e apertando as mangas da camisa (sua noção de conforto dentro de casa era sentar-se sem casaco), fez-me um aceno de cabeça para que eu fizesse a minha pergunta.

"O senhor ouviu falar de um homem de péssimo caráter, cujo nome verdadeiro é Compeyson?"

Ele me respondeu com outro aceno.

"Ele está vivo?"

Um outro aceno.

"Ele está em Londres?"

Ele fez-me outro aceno, comprimiu excessivamente sua caixa de correio, fez-me um último aceno e continuou seu desjejum.

"Agora", disse Wemmick, "terminadas as perguntas", o que ele enfatizou e repetiu, para minha orientação, "chegamos ao que eu fiz, depois de ouvir o que ouvi. Fui a Garden Court procurar o senhor; não o encontrando, fui a Clarriker House procurar Mr. Herbert."

"E o senhor o encontrou?" disse eu, com grande ansiedade.

"Encontrei. Sem mencionar qualquer nome, ou entrar em qualquer detalhe, dei a entender a Mr. Herbert que se ele tivesse conhecimento de que qualquer pessoa – Tom, Jack ou Richard – estivesse nos seus aposentos, ou nas imediações, seria melhor que ele afastasse Tom, Jack ou Richard do caminho, enquanto o senhor estivesse ausente."

"Ele deve ter ficado bem confuso sobre o que fazer?"

"Ele ficou confuso sobre o que fazer; só não ficou mais, porque eu lhe dei minha opinião de que não era seguro tentar afastar muito Tom, Jack ou Richard, no momento. Mr. Pip, vou lhe dizer uma coisa. Nas presentes circunstâncias, não há nenhum lugar como uma grande cidade, uma vez que estiver nela. Não tire a cobertura tão cedo. Fique tranquilo. Espere até que as coisas melhorem, antes de tentar outros ares, mesmo estrangeiros."

Eu lhe agradeci o valioso conselho, e lhe perguntei o que Herbert tinha feito.

"Mr. Herbert", disse Wemmick, "depois de ficar concentrado por meia hora, concebeu um plano. Ele me contou em segredo que está

cortejando uma jovem senhora, que tem, como sem dúvida o senhor sabe, um pai acamado. O referido pai, tendo estado no ramo do comissariado de bordo, dorme em uma cama, diante de uma janela curva, de onde pode ver os navios subindo e descendo o rio. O senhor, provavelmente, conhece a jovem senhora?"

"Não pessoalmente", disse eu.

A verdade era que a jovem senhora tinha feito restrições à minha pessoa, considerando-me um camarada gastador, que não fazia nenhum bem a Herbert, e que, quando Herbert pela primeira vez propôs apresentar-me a ela, havia recebido a proposta com um entusiasmo tão moderado, que Herbert se vira obrigado a confiar-me a situação, considerando melhor esperar um pequeno lapso de tempo antes de eu conhecê-la. Quando comecei em segredo a alavancar os projetos de Herbert, passei a suportar essa indiferença com alegre filosofia. Ele e sua noiva, por sua parte, naturalmente não estavam muito ansiosos para introduzir uma terceira pessoa nas suas conversas; e assim, embora eu estivesse seguro de que tinha subido na estima de Clara e, embora a jovem senhora e eu há muito tempo trocássemos mensagens e lembranças regularmente através de Herbert, eu nunca a tinha visto. No entanto, não aborreci Wemmick com esses detalhes.

"A casa com as janelas curvas", disse Wemmick, "está situada ao lado do rio, entre Limehouse e Greenwich, e é mantida, parece, por uma viúva muito respeitável, que tem um andar superior mobiliado para alugar. Mr. Herbert, depois de me explicar isso, perguntou-me o que eu achava desse lugar como uma moradia temporária para Tom, Jack ou Richard. Bem, achei isso muito bom, por três razões que vou lhe dar. Primeira: está completamente fora da sua região, e fica bem longe da aglomeração habitual de ruas grandes e pequenas. Segunda: sem que o senhor mesmo chegue perto de lá, poderia sempre ouvir notícias sobre a segurança de Tom, Jack ou Richard através de Mr. Herbert. Terceira: depois de certo tempo, e quando fosse prudente, se o senhor quiser introduzir Tom, Jack ou Richard a bordo de qualquer barco estrangeiro, lá ele estará bem perto."

Bastante confortado por essas considerações, agradeci a Wemmick várias vezes, e lhe pedi que prosseguisse.

"Bem, senhor! Mr. Herbert se lançou à tarefa com muita determinação, e ontem à noite, antes das nove horas, ele acomodou Tom, Jack ou Richard – não importa qual, o senhor e eu não queremos saber – na

casa, com muito sucesso. No seu antigo apartamento, deu-se a entender que ele fora chamado a Dover, e, na realidade, ele foi levado até a estrada de Dover, e fez uma volta para retornar. Agora, outra grande vantagem de tudo isso, é que tudo foi feito sem a sua presença, e se havia alguém interessado em seus movimentos, só saberia que o senhor estava a muitas milhas de distância, e ocupado com outra coisa. Isso desviou as suspeitas e confundiu a coisa; e, pela mesma razão, recomendei que, mesmo que o senhor voltasse ontem à noite, não deveria ir para casa. Isso traria ainda mais confusão, que é o que o senhor precisa."

Wemmick, tendo terminado seu desjejum, olhou para o relógio e começou a pegar o casaco.

"E agora, Mr. Pip", disse ele, as mãos ainda nas mangas, "eu provavelmente fiz tudo que podia fazer; mas se algum dia puder fazer mais – do ponto de vista de Walworth, e em competência estritamente pessoal e privada – ficarei feliz de fazê-lo. Aqui está o endereço. Não deve haver nenhum inconveniente a que o senhor vá esta noite ver por si mesmo que está tudo bem com Tom, Jack ou Richard, antes de voltar para sua casa – o que é outra razão para que não tenha voltado para casa ontem à noite. Mas, depois que for para sua casa, não volte aqui. O senhor é muito bem-vindo, esteja certo, Mr. Pip"; suas mãos ainda não tinham saído das mangas, quando as apertei. "E deixe-me por fim ressaltar um ponto importante." Ele pôs as mãos nos meus ombros, e acrescentou em uma voz baixa e solene: "Trate esta noite de conseguir seus valores portáveis. O senhor não sabe o que pode acontecer a ele. Tenha cuidado para que nada aconteça aos valores portáveis."

Desesperando totalmente de fazer Wemmick compreender meu ponto de vista a esse respeito, eu me abstive de tentar.

"Já está na hora", disse Wemmick "eu tenho que ir. Se o senhor não tiver nada mais importante para fazer do que ficar aqui até a noite, isso é o que eu lhe aconselharia a fazer. O senhor parece muito preocupado, e lhe faria bem ter um dia perfeitamente calmo com o Velho... Ele logo estará aqui, e quem sabe possa comer um pouco de... o senhor se lembra do porco?"

"É claro", disse eu.

"Bem, e um pouco do porco. Aquela salsicha que o senhor assou veio dele. Era, sob todos os aspectos, um porco de primeira. Prove-o, nem que seja apenas em nome da velha amizade. Até logo, velho pai!", ele gritou, em um tom alegre.

“Tudo certo, John; tudo certo, meu menino!” esganiçou-se o velho, lá de dentro.

Eu logo adormeci diante do fogo de Wemmick, e o Velho e eu desfrutamos da companhia um do outro adormecendo mais ou menos diante do fogo durante todo o dia. Tivemos lombo de porco para o jantar, e verduras cultivadas na propriedade; e eu acenava com a cabeça para o Velho com boa vontade, sempre que não o fazia sonolentamente. Quando já estava bem escuro, deixei o Velho preparando o fogo para as torradas; e deduzi, pelo número de xícaras, assim como pelos seus olhares para as duas portinholas na parede, que Miss Skiffins era esperada.

CAPÍTULO XLVI

Já haviam soado as oito horas quando saí, e o ar estava perfumado, de modo agradável, com o odor das lascas de madeira e da serragem proveniente dos estaleiros, e dos fabricantes de mastros, remos e roldanas estabelecidos ao longo da costa. Toda aquela região das margens do rio, abaixo da ponte, era terreno desconhecido para mim; e quando cheguei ao Tâmisa, descobri que o lugar que eu procurava não se encontrava aonde eu supunha que estivesse, além de não ser nada fácil de encontrá-lo. Era chamado de Mill Pond Bank, em Chink's Basin; e eu não tinha nenhuma outra indicação para chegar a Chink's Basin que não fosse o caminho de cordas de Old Green Copper[1].

Não importa dizer quantas vezes eu me perdi, em meio a tantos navios em conserto nas docas secas, tantas velhas carcaças de navios a ponto de serem demolidas, tanta lama, lodo e outros sedimentos trazidos pela maré, tantos estaleiros de construção e de demolição de navios, tantas âncoras enferrujadas mordendo cegamente a terra, desativadas há muitos anos, tantas montanhas de barris e madeira acumulados, e tantos caminhos elevados que não eram de Old Green Copper, o caminho que eu procurava. Depois de ter me aproximado do meu destino várias vezes, e me afastado dele outras tantas, cheguei inesperadamente, depois de uma curva, a Mill Pond Bank. Era um tipo de lugar bastante fresco, considerando as circunstâncias, onde o vento do rio tinha espaço para virar; e havia duas ou três árvores ali, e havia um pedaço de tronco de um moinho de vento em ruínas; e depois havia o caminho de cordas de Old Green Copper, cuja silhueta longa e estreita eu podia avistar ao luar, ao longo de uma série de armações de madeira colocadas no chão que se pareciam com ancinhos de feno envelhecidos, que ao se tornarem velhos tinham perdido a maioria dos seus dentes.

Escolhendo entre as poucas casas esquisitas que havia em Mill Pond Bank, uma casa com a fachada em madeira e três andares de janelas curvas (não em travessas, que é outra coisa), olhei para a tabuleta sobre a porta, e ali eu pude ler: Mrs. Whimple. Sendo o nome que eu procurava, bati na porta, e uma senhora idosa, de aparência agradável e próspera, veio me atender. No entanto, ela foi imediatamente substituída por Herbert, que me conduziu em silêncio até a sala de estar e fechou a porta. Era uma sensação estranha ver seu rosto, que me era tão familiar, totalmente à vontade naquela sala e

naquela região que me eram tão pouco familiares; e me descobri olhando para ele do mesmo modo que olhei para o armário de canto com seus copos e sua porcelana, as conchas sobre a lareira, e as gravuras coloridas na parede, representando a morte do Capitão Cook, o lançamento de um navio, e Sua Majestade, o rei George III, posando com uma peruca de cocheiro, calções de couro e botas altas, em um terraço em Windsor.

"Tudo vai bem, Handel", disse Herbert "e ele está muito satisfeito, embora ansioso para vê-lo. Minha querida Clara está com o pai; e, se você esperar até que ela desça, eu a apresentarei a você; depois nós podemos subir... Ele é o pai dela."

Eu tinha ouvido um grunhido alarmante lá no alto, e provavelmente deixara transparecer em minha expressão.

"Receio que ele seja um velho e triste patife", disse Herbert, sorrindo, "mas eu nunca o vi. Não está sentindo cheiro de rum? Ele está sempre metido com isso."

"Com o rum?", disse eu.

"Sim", respondeu Herbert, "e você pode imaginar o quanto isso ameniza a sua gota. Ele insiste, também, em manter todas as provisões no seu quarto lá em cima, e distribuí-las. Ele as guarda em prateleiras sobre a sua cabeça, e pesa tudo. Seu quarto deve parecer a loja de um merceeiro."

Enquanto ele falava, o grunhido transformou-se em um rugido prolongado, e então se extinguiu.

"Que outra consequência poderia resultar", disse Herbert, à guisa de explicação, "se ele resolve cortar o queijo? Um homem que tem gota na mão direita – e em toda parte – não pode esperar consumir um Gloucester duplo sem se ferir."

Ele parecia ter se ferido bastante, pois deu outro rugido furioso.

"Ter Provis como hóspede no andar superior é uma verdadeira dádiva de Deus para Mrs. Whimple", disse Herbert, "pois é claro que as pessoas em geral não suportam esse barulho. Essa é uma casa curiosa, Handel; não acha?"

Era uma casa curiosa, realmente; mas notavelmente limpa e bem cuidada.

"Mrs. Whimple", disse Herbert, quando lhe fiz essa observação, "é a melhor das donas de casa, e eu realmente não sei o que a minha Clara faria sem a sua ajuda maternal. Pois Clara não tem mais mãe, Handel, e nem

qualquer parente a não ser o velho Gruffandgrim.”

“Esse certamente não é o seu nome, Herbert?”

“Não, não”, disse Herbert “é o nome que eu lhe dou. O nome dele é Mr. Barley. Mas que bênção para o filho de meu pai e minha mãe amar uma moça que não tem nenhum parente, e que nunca poderá aborrecer a si mesma ou a qualquer outra pessoa sobre sua família!”

Herbert já tinha me contado em ocasiões anteriores, e agora me fez recordar, que ele conhecera Miss Clara Barley quando ela estava completando sua educação em um estabelecimento em Hammersmith, e que, quando ela fora chamada de volta a casa para cuidar do pai, ele e ela tinham confiado seu afeto à maternal Mrs. Whimple, por quem esse afeto havia desde então sido alimentado e protegido com igual bondade e discrição. Era sabido que nada que fosse de natureza terna jamais poderia ser confiado ao velho Barley, pela razão de que ele era totalmente alheio a qualquer assunto mais psicológico do que a gota, o rum e as lojas de mantimentos.

Enquanto conversávamos assim em voz baixa, e o grunhido contínuo do velho Barley vibrava na viga que cruzava o teto, a porta da sala se abriu, e uma menina muito bonita, frágil, de olhos escuros, com mais ou menos vinte anos, entrou, carregando um cesto na mão; Herbert a aliviou ternamente do cesto, e apresentou-a a mim, ruborizando um pouco, apenas como “Clara.” Era realmente uma menina muito encantadora, e poderia ter passado por uma fada cativa, a quem aquele ogro truculento do velho Barley havia forçado a servi-lo.

“Olhe só”, disse Herbert, mostrando-me a cesta com um sorriso terno e compassivo, depois de termos conversado um pouco; “esta é a ceia da pobre Clara, que lhe servem toda noite. Aqui está sua ração de pão, e sua fatia de queijo, e aqui está o seu rum – que eu bebo. Este é o desjejum de Mr. Barley para amanhã, entregue para ser preparado. Duas costeletas de carneiro, três batatas, algumas ervilhas descascadas, um pouco de farinha, duas onças de manteiga, uma pitada de sal, e toda essa pimenta-do-reino. É tudo cozido junto e servido quente, e é excelente para a gota, ouso dizer!”

Havia algo tão natural e tão cativante, no modo resignado com que Clara olhava em detalhes para essas provisões, quando Herbert as mostrou; e qualquer coisa de tão confiante, tão amorosa e inocente, na sua maneira modesta de se render ao braço de Herbert, que a enlaçava; e algo tão suave nela, precisando tanto de proteção naquela casa de Mill Pond Bank, em

Chink’s Basin, perto do caminho de cordas de Old Green Copper, com o velho Barley grunhindo na viga – que eu não teria desfeito o compromisso entre ela e Herbert nem por todo o dinheiro contido no livro de cheques que eu nunca tinha aberto.

Eu estava olhando para ela com prazer e admiração, quando de repente o grunhido transformou-se em um rugido de novo, e ouviu-se lá em cima um barulho assustador de uma queda, como se um gigante com uma perna de pau estivesse tentando perfurar o teto para chegar até nós. Diante disso, Clara disse a Herbert, “O papai precisa de mim, querido!” e saiu correndo.

“Eis aí um velho tubarão inescrupuloso!”, disse Herbert. “O que você acha que ele quer agora, Handel?”

“Eu não sei”, disse eu. “Alguma coisa para beber?”

“Exatamente!”, exclamou Herbert, como se eu tivesse feito uma suposição muito difícil. “Ele mantém o seu grogue preparado em um pequeno galão, sobre a mesa. Espere um momento, e você ouvirá Clara levantá-lo para beber um gole. Lá vai ele!” Ouvimos outro rugido, com um tremor prolongado no fim. “Agora”, disse Herbert, pois se fizera um repentino silêncio, “ele está bebendo. Agora”, disse Herbert, quando o grunhido ressoou na viga mais uma vez, “ele está novamente deitado!”

Clara voltou logo depois, e Herbert acompanhou-me até lá em cima para ver o objeto dos nossos cuidados. Quando passamos diante da porta de Mr. Barley, nós o ouvimos murmurar lá dentro em uma voz rouca, em um tom que subia e descia como o vento, o seguinte refrão, no qual eu substituo os bons desejos por algo totalmente contrário.

“Olá! Sejam bem-vindos, aqui é o velho Bill Barley. Aqui é o velho Bill Barley, Deus os abençoe. Aqui é o velho Bill Barley, deitado de costas, por Deus. Deitado de costas, como um velho linguado morto. Aqui é o velho Bill Barley, que Deus os abençoe. Olá! Que Deus os abençoe.”

Herbert me informou que o invisível Barley, nesse esforço para consolar-se, falava consigo mesmo dia e noite; e muitas vezes, quando era dia claro, tinha ao mesmo tempo um olho em um telescópio, que fora instalado em sua cama para permitir-lhe observar o rio.

Encontrei Provis confortavelmente instalado em dois pequenos quartos, no alto da casa; eram quartos frescos e arejados, onde se ouvia bem menos Mr. Barley do que embaixo. Ele não demonstrou nenhum alarme, nem

parecia sentir algum que valesse a pena ser mencionado; mas surpreendeu-me que ele estivesse mais brando – de modo indefinível, pois eu não poderia ter dito como se operara essa mudança, e mais tarde, quando tentei recordar, também não pude descobrir como, mas o fato é que ocorrera com certeza.

Durante aquele dia de descanso eu tinha tido a oportunidade de refletir, e o resultado fora a minha firme determinação de não dizer-lhe absolutamente nada a respeito de Compeyson. Pelo que eu sabia, sua animosidade para com o homem poderia levá-lo a procurá-lo, e acabar precipitando sua própria destruição. Em consequência, quando Herbert e eu nos sentamos com ele diante do fogo, perguntei-lhe em primeiro lugar se ele se fiara no julgamento de Wemmick e em suas fontes de informação.

"Sim, sim, meu menino!", ele respondeu, com um aceno de cabeça sério, "Jaggers o conhece."

"Então, eu falei com Wemmick", disse eu "e vim contar-lhe a cautela que ele me recomendou, e o conselho que me deu."

Fiz isso com precisão, com a reserva que acabei de mencionar; e contei-lhe como Wemmick tinha ouvido na prisão de Newgate (se de oficiais ou prisioneiros, não pude dizer) que ele estava sob suspeita, e que o meu apartamento tinha sido vigiado; como Wemmick tinha recomendado que ele se mantivesse por perto durante algum tempo, e que eu me mantivesse longe dele; e o que Wemmick tinha dito sobre levá-lo para o exterior. Acrescentei que, é claro, quando chegasse o momento, eu partiria com ele, ou seguiria logo depois, o que fosse mais seguro no julgamento de Wemmick. Não toquei no que devia se seguir; pois, na verdade, eu não estava nem um pouco tranquilo ou confortável sobre isso em minha própria mente, agora que o via naquela condição mais branda, e em perigo iminente por minha causa. Quanto a alterar meu modo de vida, aumentando minhas despesas, perguntei-lhe se, nas circunstâncias presentes, difíceis e incertas, isso não seria simplesmente ridículo, se não fosse pior.

Ele não podia negar isso, e de fato era muito razoável, do começo ao fim. Sua volta fora uma aventura, ele disse, e ele sempre soube que era uma aventura. Ele não faria nada para torná-la uma aventura desesperada, e tinha muito pouco a temer por sua segurança, contando com uma ajuda tão boa.

Herbert, que estivera olhando para o fogo e refletindo, disse então que lhe viera à mente uma ideia, a partir da sugestão de Wemmick, que talvez valesse a pena seguir. "Nós dois somos bons remadores, Handel, e

poderíamos levá-lo nós mesmos rio abaixo, quando o momento certo chegar. Não seria preciso alugar nem o barco nem o barqueiro para esse propósito, isso diminuiria o risco de despertarmos suspeitas, e qualquer risco a menos é valioso. Não importa a estação; você não acha que poderia ser uma boa ideia começar a ter um barco no píer do Temple desde já, e criar o hábito de remar rio acima e rio abaixo? Uma vez que você cria o hábito, quem percebe ou se importa? Faça isso vinte ou cinquenta vezes, e não haverá nada de especial se fizer pela vigésima primeira ou quinquagésima primeira vez."

Eu gostei desse plano, e Provis ficou exultante com ele. Concordamos que deveria ser posto em execução, e que Provis jamais deveria nos reconhecer, se viéssemos por baixo da ponte e remássemos até passar de Mill Pond Bank. Mas concordamos em seguida que ele deveria baixar a cortina da parte da janela que dava para o leste, sempre que ele nos visse, e que tudo estaria certo.

Como nossa conferência estava agora terminada, e tudo estava organizado, levantei-me para partir, observando a Herbert que era melhor que ele e eu não fôssemos para casa juntos, e que eu iria meia hora na frente dele. "Não me agrada deixá-lo aqui", eu disse a Provis, "embora não possa duvidar de que está mais seguro aqui do que perto de mim. Adeus!"

"Meu querido menino", ele respondeu, apertando minhas mãos, "não sei quando poderemos nos encontrar novamente, e não gosto da palavra adeus. Diga boa noite!"

"Boa noite! Herbert nos servirá de intermediário, e quando a hora chegar pode ter certeza de que estarei pronto. Boa noite, boa noite!"

Achamos melhor que ele ficasse no seu apartamento, e o deixamos no patamar diante da sua porta, segurando uma luz sobre os degraus para iluminar nossa descida. Ao me voltar para olhá-lo, pensei na primeira noite do seu retorno, quando nossas posições eram invertidas, e quando eu mal poderia supor que meu coração ficaria tão pesado e inquieto ao me separar dele, como estava agora.

O velho Barley estava grunhindo e praguejando, quando passamos pela sua porta; parecia não ter parado, nem dava qualquer indício de que fosse parar. Quando chegamos ao pé da escada, perguntei a Herbert se Provis tinha mantido seu nome. Ele respondeu que certamente não, e que o inquilino se chamava Mr. Campbell. Ele também me explicou que tudo que se sabia naquele lugar sobre Mr. Campbell é que ele fora recomendado a ele

(Herbert), e que ele tinha um forte interesse pessoal em que ele fosse bem cuidado, vivendo uma vida retirada. Assim, quando entramos na sala de estar, onde Mrs. Whimple e Clara estavam trabalhando, eu não disse nada sobre meu próprio interesse em Mr. Campbell, mas guardei-o para mim.

Quando me despedi da menina bonita e suave de olhos escuros, e da mulher maternal que dedicara sua honesta simpatia a um pequeno caso de amor verdadeiro, senti como se o caminho de cordas de Old Green Copper tivesse se tornado um lugar completamente diferente. O velho Barley podia ser tão velho quanto às montanhas, e podia praguejar como uma tropa inteira de soldados, mas havia juventude, fé e esperança em Chink's Basin, em quantidade suficiente para encher o lugar até transbordar. Então pensei em Estella, e na nossa separação, e fui para casa muito triste.

Tudo estava calmo no Temple, como de costume. As janelas dos quartos no prédio ao lado, recentemente ocupados por Provis, estavam escuras e imóveis, e não havia ninguém vagando por Garden Court. Passei duas ou três vezes diante da fonte, antes de descer os degraus que me separavam do meu apartamento, mas estava totalmente só. Fui direto para a cama, abatido e cansado. Herbert veio até o meu quarto quando chegou, e me fez o mesmo relato. Depois, abrindo uma das janelas, olhou para o luar lá fora, e disse-me que a calçada estava tão solenemente vazia quanto à calçada de uma catedral àquela mesma hora.

No dia seguinte, tratei de conseguir o barco, e tudo se resolveu sem demora. O barco foi trazido para o píer do Temple, e coloquei-o em um lugar onde poderia pegá-lo em um ou dois minutos. Depois comecei a sair com ele, como se fosse para me exercitar, às vezes sozinho, às vezes com Herbert. Eu saía com muita frequência, fosse no frio, na chuva ou no granizo, mas ninguém reparava mais em mim, depois que saí algumas vezes. No início, mantinha-me acima da ponte de Blackfriars, mas, à medida que as horas da maré mudavam, me dirigia para a ponte de Londres. Naquele tempo, ainda era a velha ponte de Londres, e a certas horas da maré havia uma corrente e um redemoinho na água que lhe deram uma reputação ruim. Mas eu sabia muito bem como 'contornar' a ponte para escapar, e assim comecei a remar por entre os navios até Erith. Na primeira vez que passei por Mill Pond Bank, Herbert e eu puxávamos um par de remos; e, tanto na ida quanto na volta, vimos a cortina do lado leste ser baixada. Herbert raramente ia a Mill Pond Bank menos de três vezes por semana, e nas notícias que me trazia, jamais

houve uma única palavra que me alarmasse de algum modo. Mesmo assim, eu sabia que havia motivo para preocupação, e não conseguia me livrar da ideia de estar sendo vigiado. Uma vez surgida, é uma ideia que se torna persistente; e seria difícil calcular quantas pessoas inocentes eu suspeitei que me vigiassem.

Em uma palavra, eu estava sempre cheio de medos pelo homem corajoso que se escondia. Herbert tinha me dito algumas vezes que achava agradável ficar a uma das nossas janelas depois de escurecer, e, quando a maré descia, ele gostava de pensar que a maré fluía, com tudo que carregava, na direção de Clara. Mas eu pensava com temor que ela fluía na direção de Magwitch, e que qualquer pontinho preto em sua superfície poderia ser as pessoas que o perseguiam, indo rapidamente, silenciosamente, e seguramente para pegá-lo.

[1] Partes de Londres eram tão densamente povoadas que caminhos elevados, feitos de corda, foram construídos para possibilitar que os pedestres passassem de um edifício para outro: “Old Green Copper” era um desses caminhos.

CAPÍTULO XLVII

Algumas semanas se passaram sem trazer nenhuma mudança. Nós esperávamos por Wemmick, e ele não dava qualquer sinal de vida. Se eu não o tivesse conhecido fora da Pequena Inglaterra, e nunca tivesse desfrutado do privilégio de estar em posição familiar no chalé, poderia ter duvidado dele, mas, conhecendo-o como conhecia, não duvidei nem por um momento.

Meus negócios mundanos começaram a tomar uma forma sombria, e mais de um credor me pressionou por dinheiro. Eu mesmo comecei a sentir a falta de dinheiro (quero dizer dinheiro em moeda sonante, no meu próprio bolso), e a atenuar essa falta convertendo em dinheiro alguns artigos de joalheria facilmente dispensáveis. Mas eu havia decidido que seria uma fraude covarde pegar mais dinheiro do meu protetor, no estado atual de incerteza dos meus pensamentos e planos. Por essa razão, eu lhe enviara, por Herbert, o livro de cheques intacto, para que ficasse sob sua própria guarda, e senti uma espécie de satisfação – se era falsa ou verdadeira, mal sei dizer – por não ter mais desfrutado da sua generosidade, desde que ele se revelara a mim.

À medida que o tempo passava, a ideia de que Estella estava casada tomou conta de mim. Temeroso de vê-la confirmada, embora não fosse nada menos que uma convicção, evitei ler os jornais, e pedi a Herbert (a quem eu tinha confiado as circunstâncias da nossa última entrevista) que nunca falasse dela comigo. Por que eu guardava esse último e miserável trapo do roupão da Esperança, rasgado e atirado ao vento? Nem eu sabia. Por acaso você, que lê isto, já não cometeu uma inconsistência parecida por sua própria conta, no ano passado, no mês passado, na semana passada?

Era uma vida infeliz, aquela que eu levava; e sua ansiedade dominante sobressaía-se entre todas as outras ansiedades, como uma montanha mais alta em uma cadeia de montanhas, e nunca desaparecia da minha vista. Mesmo assim, não surgiu nenhuma nova razão para temores, embora eu me levantasse da minha cama com o terror novo de que ele fora descoberto; ou me sentasse escutando com ansiedade o passo de Herbert retornando à noite, com medo de que fosse mais rápido do que de costume, e carregado de más notícias; apesar de tudo isso, e muito mais no mesmo sentido, as coisas seguiram seu caminho. Condenado à inação, e a um estado de constante inquietude e expectativa, eu remava por aí com meu barco, e esperava...

esperava... esperava... da melhor forma que podia.

Havia marés em que, depois de descer o rio, eu não podia voltar pelo redemoinho ao redor dos arcos e do esporão da velha ponte de Londres; então deixava meu barco em um cais perto da Alfândega, para ser trazido depois ao píer do Temple. Eu não era avesso a fazer isso, pois servia para tornar a mim, assim como ao meu barco, um incidente comum para as pessoas que frequentavam aquela parte do cais. Essas raras ocasiões propiciaram dois encontros, que passo agora a contar.

Uma tarde, no final do mês de fevereiro, aportei no cais ao anoitecer. Eu tinha descido até Greenwich com a maré, e tinha voltado com a maré. Era um dia lindo e luminoso, mas o nevoeiro havia subido depois do pôr-do-sol, e eu tive que procurar com todo cuidado um caminho de volta entre os navios. Tanto na ida quanto na volta, eu tinha visto o sinal em sua janela: tudo corria bem.

Como a noite estava úmida, e eu sentia frio, pensei em recobrar as forças perdidas jantando imediatamente; e como eu tinha horas de tristeza e solidão diante de mim se fosse para casa no Temple, pensei em ir ao teatro depois do jantar. O teatro onde Mr. Wopsle tinha alcançado seu questionável triunfo ficava nas imediações daquela margem do rio (agora não fica mais em parte alguma), e foi a esse teatro que resolvi ir. Eu estava ciente de que Mr. Wopsle não havia tido sucesso em reviver o drama, mas que, ao contrário, havia participado do seu declínio. Ele havia sido anunciado de modo execrável nos cartazes como um negro fiel, ao lado de uma menina de nascimento nobre e um macaco. E Herbert o vira como um tártaro predatório de tendências cômicas, com um rosto vermelho como um tijolo, e um chapéu ultrajante todo coberto de sinos.

Jantei em um lugar que Herbert e eu costumávamos chamar de restaurante geográfico, onde havia mapas-múndi nas bordas das canecas de cerveja, e em cada meio metro de toalha, e mapas traçados com molho em cada uma das facas – atualmente, não há um único restaurante nos domínios da prefeitura que não seja geográfico – e passei o tempo cochilando em cima das migalhas de pão, olhando os bicos de gás, e cozinhando na atmosfera quente das refeições. Logo, levantei-me para ir ao teatro.

Lá, deparei-me com um virtuoso contramestre a serviço de Sua Majestade – um homem excelente, embora eu pudesse considerar desejável que suas calças não fossem tão apertadas em certos lugares e tão frouxas em

outros – que fincava todos os pequenos chapéus dos homens sobre os seus olhos, embora fosse muito generoso e valente, e que não queria que ninguém pagasse impostos, embora fosse muito patriótico. Esse homem tinha um saco de dinheiro no bolso da calça, que parecia um pudim enrolado em um pano, e com esse dote casou-se com uma pessoa jovem versada em mobília de quarto, em meio a grandes comemorações; toda a população de Portsmouth (em número de nove, pelo último censo) saiu para a praia para apertar as próprias mãos, trocar apertos de mão com todo mundo, e cantar "Encha, encha!" Certo marujo de tez morena, porém, que não queria encher, nem fazer qualquer outra coisa que fosse proposta por ele, e cujo coração foi declarado abertamente (pelo contramestre) ser tão negro quanto a sua figura, propôs a outros dois marujos colocar toda aquela gente em dificuldades; o que foi feito com tanta eficácia (a família do marujo tendo considerável influência política), que foi preciso metade da noite para acertar as coisas, e então tudo foi arranjado com a interveniência de um pequeno dono de mercearia honesto com um chapéu branco, polainas pretas e nariz vermelho, que entrou em um relógio com uma grelha na mão, para escutar, sair e derrubar por trás com a grelha todos aqueles que ele não conseguia convencer daquilo que tinha escutado. Isso levou à entrada de Mr. Wopsle (de quem ainda não tinha se ouvido falar), que entrou com uma estrela e uma jarreteira[1], como um plenipotenciário de grande poder enviado pelo Almirantado, para dizer que todos os marujos deviam ser presos no ato, e que ele tinha trazido a Union Jack[2] para o contramestre, como um modesto reconhecimento pelos serviços públicos prestados por ele. O contramestre, emocionado pela primeira vez, enxugou respeitosamente seus olhos com a bandeira; então, explodindo de alegria e dirigindo-se a Mr. Wopsle como Vossa Alteza, solicitou permissão para apertar-lhe a barbatana. Mr. Wopsle, concedendo sua barbatana com graciosa dignidade, foi empurrado imediatamente para um canto empoeirado, enquanto todo mundo dançava uma giga[3]. Foi desse canto, inspecionando o público com um olhar descontente, que ele se deu conta da minha presença.

A segunda peça era a última nova grande pantomima de Natal, em cuja primeira cena fiquei penalizado ao suspeitar que descobrira Mr. Wopsle; ele tinha as pernas cobertas por meias de lã vermelhas, com um semblante fosforescente muito aumentado, e uma massa de franjas de cortina vermelhas à guisa de cabelo; estava engajado na fabricação de raios em uma mina, e

exibiu grande covardia quando seu gigantesco mestre (de voz muito rouca) veio para casa jantar. Mas ele se apresentava agora sob circunstâncias mais dignas; pois, como o Gênio do Amor Juvenil precisava de ajuda – por causa da brutalidade paternal de um fazendeiro ignorante, que se opunha à escolha amorosa da filha, jogando de propósito o objeto, dentro de um saco de farinha, pela janela do primeiro andar – chamou um encantador judicioso; este, chegando das Antípodas um tanto sacudido, depois de uma viagem aparentemente violenta, provou ser Mr. Wopsle, em um chapéu de copa alta, com uma obra de necromancia em um volume debaixo do braço. Como o negócio desse encantador na terra era principalmente ouvir o que lhe diziam, escutar o que lhe cantavam, aguentar as zombarias que lhe faziam, ver o que lhe dançavam, e flamejar sob fogos de artifício de várias cores, ele tinha bastante tempo à disposição. E eu observei, com grande surpresa, que ele dedicava esse tempo a olhar na minha direção, como se estivesse perdido de espanto.

Havia alguma coisa de tão notável no clarão crescente do olho de Mr. Wopsle, e tantas coisas pareciam estar turbilhonando em sua mente, ficando cada vez mais confusas, que eu não pude entender nada. Fiquei pensando nisso muito tempo depois que ele tinha subido às nuvens em uma enorme caixa de relógio, e mesmo assim não conseguia entender. Eu ainda pensava nisso quando saí do teatro, uma hora depois, e o encontrei esperando por mim perto da porta.

“Como vai o senhor?” disse eu, apertando-lhe a mão quando descemos para a rua juntos. “Eu percebi que o senhor me viu.”

“Se eu o vi, Mr. Pip?” ele respondeu. “Sim, claro que eu o vi. Mas quem mais estava lá?”

“Quem mais?”

“É uma coisa muito estranha”, disse Mr. Wopsle, voltando ao seu olhar perdido; “e mesmo assim eu poderia jurar que era ele.”

Ficando alarmado, pedi a Mr. Wopsle que explicasse o que queria dizer.

“Embora eu não o teria notado a princípio, se o senhor não estivesse lá”, disse Mr. Wopsle, no mesmo tom vago, “não posso afirmar com certeza; mas acho que o vi.”

Involuntariamente, olhei à minha volta, como estava acostumado a fazer ao voltar para casa; pois essas palavras misteriosas me provocaram um

calafrio.

"Oh! Ele não está mais à vista", disse Mr. Wopsle. "Ele saiu antes que eu me fosse. Eu o vi sair."

Com as razões que eu tinha para ter suspeitas, cheguei a suspeitar desse pobre ator. Desconfiei que ele tivesse a intenção de me fazer confessar alguma coisa. Olhei então para ele enquanto caminhávamos, mas não disse nada.

"Eu tive a ridícula ideia de que ele devia estar com o senhor, Mr. Pip, até que percebi que o senhor não sabia que ele estava lá, sentado atrás do senhor como um fantasma."

O calafrio anterior voltou a percorrer meu corpo, mas eu estava decidido a não falar ainda, pois, pelas suas palavras, ele parecia determinado a me induzir a ligar essas referências à pessoa de Provis. Eu estava, é claro, perfeitamente seguro de que Provis não estivera lá.

"Ouso dizer que o senhor está espantado comigo, Mr. Pip; é verdade, estou vendo que está. Mas é tão estranho! O senhor mal acreditará no que vou lhe dizer. Eu mesmo mal poderia acreditar, se o senhor me dissesse."

"Realmente?" disse eu.

"Não, realmente. Mr. Pip, o senhor se lembra de um certo dia de Natal, há muito tempo, quando ainda era uma criança, e eu fui jantar na casa dos Gargery, quando alguns soldados vieram bater à porta para mandar consertar um par de algemas?"

"Lembro-me muito bem disso."

"E lembra-se de que houve uma perseguição a dois condenados, que nós nos juntamos ao grupo, e que Gargery o carregou na garupa, e que eu tomei a dianteira e o senhor se manteve junto de mim tanto quanto pôde?"

"Lembro-me muito bem de tudo isso." Melhor do que ele pensava, exceto esse último detalhe.

"E lembra-se de que encontramos os dois em um fosso, e que os dois brigavam, e que um deles foi severamente espancado e machucado no rosto pelo outro?"

"Vejo tudo isso diante de mim."

"E que os soldados acenderam tochas e os colocaram no centro, e que nós fomos vê-los serem levados para além dos pântanos escuros; que a luz das tochas iluminava seus rostos – eu insisto nesse detalhe – que a luz das tochas iluminava seus rostos, quando tudo em volta de nós era noite escura?"

“Sim”, disse eu. “Lembro-me de tudo isso.”

“Bem, Mr. Pip, um desses dois prisioneiros sentou-se atrás do senhor hoje à noite. Eu o vi por sobre o seu ombro.”

“Cuidado!” eu pensei. Perguntei-lhe, então, “Qual dos dois o senhor acha que viu?”

“O que tinha sido espancado”, ele respondeu prontamente, “e posso jurar que o vi! Quanto mais penso nisso, mais certeza tenho de que era ele.”

“Isso é muito curioso!” disse eu, assumindo a melhor expressão que pude para fazê-lo crer que isso não representava nada para mim. “Muito curioso, realmente!”

Não posso exagerar a enorme inquietação em que essa conversa me lançou, nem o terror peculiar que senti ao imaginar que Compeyson tinha estado atrás de mim “como um fantasma.” Pois se ele tinha saído dos meus pensamentos por um momento que fosse, desde que Provis estava escondido, fora justamente naquele momento que ele estivera mais próximo; e pensar que eu estava tão inconsciente do perigo, que estava com a guarda tão baixa, após todos os meus cuidados, era como se, depois de fechar uma avenida de cem portas para mantê-lo à distância, eu acabasse por encontrá-lo ao meu lado. Não pude duvidar também de que ele estivera lá, pois por mais que fosse leve a aparência de perigo em torno de nós, o perigo estava sempre próximo e ativo.

Fiz algumas perguntas a Mr. Wopsle, tais como, Quando o homem entrou? Ele não sabia dizer; ele tinha me visto, e por cima do meu ombro vira o homem. Fora somente depois de olhá-lo por algum tempo que ele começou a reconhecê-lo; mas que ele primeiro associara-o vagamente a mim, e sabia que ele tinha alguma ligação comigo, por causa da nossa velha aldeia. Como ele estava vestido? De modo próspero, mas sem chamar a atenção; de preto, ele acreditava. Seu rosto estava de algum modo desfigurado? Não, ele acreditava que não. Eu também acreditava que não, se bem que, em meu estado de preocupação, não tivesse reparado de modo especial nas pessoas atrás de mim; no entanto, eu achava provável que um rosto desfigurado teria atraído minha atenção.

Quando Mr. Wopsle tinha me contado tudo aquilo de que podia se lembrar, ou o que eu lhe tinha arrancado, e depois que lhe ofereci uma refeição ligeira para suavizar as fadigas da noite, nós nos separamos. Cheguei ao Temple entre meia-noite e uma hora, e os portões estavam fechados. Não

havia ninguém perto de mim, quando entrei e fui para casa.

Herbert já tinha voltado, e tivemos um conselho muito sério diante do fogo. Mas não havia nada a ser feito, exceto comunicar a Wemmick o que eu havia descoberto naquela noite, e lembrá-lo de que esperávamos sua sugestão. Como achei que poderia comprometê-lo se fosse com muita frequência ao chalé, fiz essa comunicação por carta. Escrevi a carta antes de ir para cama, e saí para colocá-la no correio; e de novo não havia ninguém perto de mim. Herbert e eu concordamos que não poderíamos fazer mais nada, além de ser muito cautelosos. E realmente fomos muito cautelosos – mais cautelosos do que antes, se isso fosse possível; e, da minha parte, nunca me aproximei de Chink's Basin, exceto quando remava por lá, e nessas ocasiões só olhava para Mill Pond Bank como teria olhado para qualquer outra coisa.

[1] "Estrela e jarreteira" são os símbolos da Ordem da Jarreteira, criada pelo rei Eduardo III, em 1344 ou 1348, sendo a mais antiga ordem de cavalaria britânica e seus membros são nomeados exclusivamente entre os súditos da Inglaterra e do País de Gales. Diz a história de sua criação que Eduardo III estava dançando com a condessa de Salisbury em um baile da corte, quando esta deixou cair a sua liga azul (jarreteira). Ao apanhá-la do chão e amarrá-la de volta à sua perna, Eduardo III reparou que os presentes os fitavam com sorrisos e murmúrios maliciosos. Irado, teria exclamado: "Honni soit que mal y pense" ("Envergonhe-se quem nisto vê malícia"), frase que se tornou o lema da Ordem; disse ele ainda que tornaria aquela pequena jarreteira azul tão gloriosa que todos a haveriam de desejá-la.

[2] Union Jack: a bandeira britânica, formada pela união dos pavilhões da Inglaterra, da Irlanda e da Escócia.

[3]Giga é uma dança barroca popular originada a partir da *jig* britânica. Foi importada para França em meados do século VII e geralmente aparece ao final de uma suíte, possuindo duas variações conhecidas, a giga francesa, com andamento moderado ou rápido e frases irregulares e a giga italiana, mais rápida e com frases regulares.

CAPÍTULO XLVIII

O segundo dos dois encontros a que me referi no último capítulo aconteceu cerca de uma semana depois do primeiro. Eu havia de novo deixado meu barco no cais abaixo da ponte, e faltava uma hora para o fim da tarde. Indeciso quanto ao lugar onde iria jantar, dei uma volta por Cheapside. Estava passeando por ali, certamente a pessoa mais insegura em toda aquela multidão apressada, quando senti a mão grande de alguém que vinha atrás de mim sobre o meu ombro. Era a mão de Mr. Jaggers, e ele passou-a pelo meu braço.

"Como estamos indo na mesma direção, Pip, podemos ir juntos. Para onde está indo?"

"Para o Temple, eu acho", disse eu.

"Você não tem certeza?", disse Mr. Jaggers.

"Bem", eu respondi, contente, ao menos uma vez, por levá-lo a me interrogar, "eu não sei, pois ainda não me decidi."

"Está indo jantar?", disse Mr. Jaggers. "Suponho que não se importe de admitir isso."

"Não", eu respondi, "não me importo de admitir isso."

"E não tem um compromisso?"

"Não me importo de admitir também que não tenho um compromisso."

"Então", disse Mr. Jaggers, "venha jantar comigo."

Eu ia dar uma desculpa, quando ele acrescentou, "Wemmick também virá." Então mudei minha desculpa para uma aceitação – as poucas palavras que eu pronunciara serviam para começar qualquer uma das frases. Andamos ao longo de Cheapside e chegamos à Pequena Inglaterra, enquanto as luzes começavam a brilhar nas vitrinas das lojas, e os acendedores de lampião, encontrando pouco espaço no chão para colocar suas escadas em meio ao alvoroço do entardecer, saltavam para cima e para baixo e corriam de um lado a outro, abrindo mais olhos vermelhos na névoa que se elevava do que o lampião de lata do Hummums tinha aberto olhos brancos na parede fantasmagórica.

No escritório da Pequena Inglaterra, houve a habitual escritura de cartas, a lavagem de mãos, o apagamento das velas e o fechamento do cofre, que encerravam os negócios do dia. Enquanto fiquei sentado sem fazer nada

diante do fogo de Mr. Jaggers, a chama, subindo e descendo, dava aos dois moldes na estante a aparência de estarem jogando um diabólico jogo de esconde-esconde comigo; enquanto o par de velas de escritório grossas e comuns, que iluminavam vagamente Mr. Jaggers enquanto ele escrevia em um canto, eram enfeitadas com tiras de papel sujas, como lembranças de um bom número de clientes enforcados.

Fomos os três juntos para Gerrard Street, em um coche de aluguel. Assim que chegamos lá, o jantar foi servido. Embora eu não sonhasse em fazer, naquela casa, a menor alusão aos sentimentos de Walworth de Wemmick, nem com um olhar, não tinha, contudo, qualquer objeção a receber de vez em quando um olhar amigável da sua parte. Mas não seria assim. Ele virava os olhos para Mr. Jaggers sempre que os levantava da mesa, e era tão seco e distante comigo como se houvesse dois Wemmicks, e este que estava diante de mim fosse o mau.

"Você enviou aquela carta de Miss Havisham para Mr. Pip, Wemmick?", perguntou Mr. Jaggers, assim que começamos a jantar.

"Não, senhor", respondeu Wemmick; "eu ia enviar pelo correio, quando o senhor trouxe Mr. Pip ao escritório. Aqui está." Ele estendeu-a ao seu patrão, em vez de entregá-la a mim.

"É um bilhete de duas linhas, Pip", disse Mr. Jaggers, entregando-me, "e foi enviado para mim porque Miss Havisham não tinha certeza do seu endereço. Ela me disse que quer vê-lo a respeito de um pequeno assunto de negócios que você mencionou a ela. Você vai?"

"Sim", disse eu, lançando os olhos pela carta, que era exatamente naqueles termos.

"Quando pensa em ir?"

"Eu tenho um assunto urgente para terminar", disse eu, olhando para Wemmick, que estava pondo peixe em sua caixa de correio, "o que me impede de precisar a época. Mas será logo, eu acho."

"Se Mr. Pip tem a intenção de ir imediatamente", disse Wemmick a Mr. Jaggers, "ele não precisa mandar uma resposta, não é?"

Recebendo isso como um aviso de que era melhor não demorar, resolvi que iria no dia seguinte, e o disse. Wemmick bebeu uma taça de vinho, e olhou para Mr. Jaggers com um ar ao mesmo tempo severo e satisfeito, mas não olhou para mim.

"Então, Pip! Nosso amigo Aranha", disse Mr. Jaggers, "mostrou suas

cartas. Ele ganhou a partida."

Tudo o que eu pude fazer foi assentir com a cabeça.

"Ah! Ele é um sujeito promissor – à sua maneira – mas poderia não ter tudo da forma que quer. O mais forte ganhará no final, mas o mais forte tem que ser encontrado primeiro. Se ele quisesse se aproveitar, e ganhá-la..."

"Certamente", eu o interrompi, com o rosto e o coração em fogo, "o senhor não pensa de fato que ele seja canalha o bastante para isso, Mr. Jaggers?"

"Eu não disse isso, Pip. Estou fazendo uma suposição. Se ele quisesse se aproveitar e ganhá-la, poderia ter a força ao seu lado; mas se for uma questão de intelecto, certamente não ganharia. Seria um palpite ao acaso dar uma opinião sobre o que um sujeito desse tipo poderia fazer em tais circunstâncias, porque é uma aposta que pode ter dois resultados."

"Posso perguntar quais são eles?"

"Um sujeito como o nosso amigo Aranha", respondeu Mr. Jaggers, "ou vence ou rasteja de modo servil. Ele pode rastejar e reclamar, ou rastejar e não reclamar; mas ele ou vence ou rasteja. Peça a opinião de Wemmick."

"Ou vence ou rasteja", disse Wemmick, sem se dirigir a mim de maneira alguma.

"Então, isto é para Mrs. Bentley Drummle", disse Mr. Jaggers, pegando no criado-mudo uma garrafa de vinho selecionado, e enchendo os nossos copos e o seu, "que possa a questão da supremacia ser resolvida para a satisfação da dama! Pois jamais será para a satisfação da dama e do cavalheiro. Agora, Molly... Molly, Molly, Molly! Como você está lenta hoje!"

Molly estava ao seu lado, quando ele se dirigiu a ela, pondo um prato na mesa. Quando retirou as mãos do prato, recuou um ou dois passos, murmurando nervosamente uma desculpa. E certo movimento dos seus dedos, enquanto falava, atraiu minha atenção.

"Qual é o problema?", perguntou-me Mr. Jaggers.

"Nada. Só que o assunto do qual falávamos", disse eu, "é um tanto doloroso para mim."

Os dedos de Molly se mexiam em um movimento semelhante ao do tricô. Ela ficou olhando para o seu patrão, sem entender se podia se retirar, ou se ele tinha mais alguma coisa a lhe dizer, e se não iria chamá-la de volta caso ela saísse. Seu olhar era penetrante. Com toda certeza, eu tinha visto os

mesmos olhos e as mesmas mãos recentemente, em uma ocasião memorável!

Ele a dispensou, e ela saiu depressa da sala. Mas ela permaneceu diante de mim, tão distintamente como se ainda estivesse ali. Olhei para aquelas mãos, olhei para aqueles olhos, olhei para aqueles cabelos ondulados, e os comparei com outras mãos, outros olhos, outros cabelos que eu conhecia, imaginado como poderiam vir a ser depois de vinte anos de uma vida tempestuosa com um marido brutal. Olhei novamente para as mãos e os olhos da governanta, e pensei no sentimento inexplicável que tinha tomado conta de mim na última vez que passeei – não sozinho – pelo jardim em ruínas e pela cervejaria deserta. Pensei em como o mesmo sentimento tinha voltado quando vi um rosto olhando para mim, e uma mão me acenando pela janela de uma diligência; e como ele tinha voltado ainda uma vez, e me atravessara como um raio, quando passei em uma carruagem – não sozinho – sob um clarão súbito de luz em uma rua escura. Pensei em como um ponto de ligação tinha ajudado aquela identificação no teatro, e como tal ponto de ligação, que antes me faltava, tinha sido atirado para mim agora que eu passara por acaso do nome de Estella aos dedos que se moviam como se tricotassem, e aos olhos atentos. E tive absoluta certeza de que esta mulher era a mãe de Estella.

Mr. Jaggers tinha me visto com Estella, e não era provável que tivesse deixado de perceber os sentimentos que eu não tinha me dado ao trabalho de esconder. Ele fez um sinal de assentimento quando eu lhe disse que o assunto me era doloroso, deu-me um tapinha nas costas, serviu o vinho mais uma vez, e continuou seu jantar.

A governanta só voltou mais duas vezes, e sua permanência então na sala foi muito curta, e Mr. Jaggers foi áspero com ela. Mas suas mãos eram as mãos de Estella, e seus olhos eram os olhos de Estella, e se ela tivesse reaparecido cem vezes eu não teria estado nem mais nem menos certo de que minha convicção era a verdade.

Foi uma noite sombria, pois Wemmick bebia seu vinho quando a garrafa passava diante dele como se fosse um assunto de negócios, da mesma maneira que devia pegar seu salário quando era pago, e, com os olhos no seu chefe, mantinha-se perpetuamente pronto para sofrer um interrogatório. Quanto à quantidade de vinho, sua caixa de correio era tão indiferente e pronta quanto qualquer outra caixa de correio para receber sua quantidade de cartas. Do meu ponto de vista, ele era o irmão mau o tempo todo, e só por fora se parecia com o Wemmick de Walworth.

Nós nos despedimos cedo, e saímos juntos. Mesmo tateando à procura dos nossos chapéus entre o estoque de botas de Mr. Jaggers, senti que o Wemmick bom estava a ponto de voltar; e não tínhamos andado meia dúzia de metros pela Gerrard Street em direção a Walworth, quando descobri que estava andando braço-a-braço com o Wemmick bom, e que o mau tinha desaparecido no ar da noite.

"Bem!" disse Wemmick, "terminou! Ele é um homem admirável, sem igual no mundo; mas eu sinto que tenho que me fechar quando janto com ele, e eu janto muito melhor sem precisar me fechar."

Eu senti que essa era uma boa definição do caso, e lhe disse isso.

"Eu não diria isso para nenhum outro a não ser o senhor", ele respondeu. "Eu sei que o que é dito entre o senhor e eu não vai adiante."

Eu lhe perguntei se alguma vez tinha visto a filha adotiva de Miss Havisham, Mrs. Bentley Drummle. Ele disse que não. Para evitar parecer muito brusco, perguntei então pelo Velho e por Miss Skiffins. Ele pareceu um tanto dissimulado, quando mencionei Miss Skiffins, e parou na rua para assoar o nariz, com um movimento de cabeça e um floreio que não estavam totalmente isentos de uma secreta vaidade.

"Wemmick", disse eu, "você se lembra de ter me dito, antes que eu viesse a primeira vez à residência particular de Mr. Jaggers, para reparar na sua governanta?"

"Eu disse?" ele respondeu. "Ah, devo ter dito. Diabos me levem", ele acrescentou, de repente, "eu sei que disse. Acho que ainda estou um pouco fechado."

"Você a chamou de uma besta selvagem domesticada."

"E o senhor, do que a chamaria?"

"A mesma coisa. E como Mr. Jaggers a domesticou, Wemmick?"

"Esse é o seu segredo. Há longos anos que ela está com ele."

"Gostaria que me contasse a sua história. Tenho um interesse particular em conhecê-la. Você sabe que o que é dito entre nós não vai adiante."

"Bem!" Wemmick respondeu, "eu não conheço a sua história... quer dizer, não conheço toda a história. Mas aquilo que eu sei, eu vou lhe contar. Dentro da nossa competência pessoal e privada, naturalmente."

"É claro."

"Há uns vinte anos atrás, essa mulher foi julgada em Old Bailey[1]

por assassinato, e foi absolvida. Ela era uma jovem mulher muito bonita, e acredito que tinha um pouco de sangue cigano nas veias. De qualquer maneira, houve bastante agitação quando ela foi julgada, como pode supor."

"Mas ela foi absolvida."

"Mr. Jaggers a defendeu", prosseguiu Wemmick, com um olhar cheio de significado, "e ele fez a defesa do caso de uma forma totalmente surpreendente. Era um caso sem esperança. Ele estava relativamente no início da carreira, e a forma como fez a defesa despertou a admiração geral; na verdade, quase pode se dizer que esse caso fez a sua fama. Ele mesmo a defendeu junto ao comissariado de polícia, dia após dia, durante muitos dias, sustentando que não devia haver sequer um mandato de prisão; e no julgamento, onde ele não podia defendê-la por si mesmo, ficava deliberando com o defensor, e – todo mundo sabe – foi ele que pôs todo o sal e a pimenta. A pessoa assassinada era uma mulher, uma mulher com uns bons dez anos a mais do que ela, e que era muito maior em tamanho e muito mais forte. Era um caso de ciúme. Ambas levavam uma vida desregrada, e esta mulher aqui da Gerrard Street tinha se casado muito jovem, à ponta de faca (como costumamos dizer), com um conquistador, e era uma perfeita fúria em matéria de ciúme. A mulher assassinada – mais de acordo com o homem, certamente, em termos de idade – foi encontrada morta em um celeiro, perto de Hounslow Heath. Tinha havido uma luta violenta, talvez uma batalha. Ela fora espancada, arranhada e retalhada, e por fim tinha sido agarrada pela garganta e sufocada. Ora, não havia nenhuma prova razoável para implicar qualquer outra pessoa a não ser essa mulher, e Mr. Jaggers baseou a defesa, principalmente, na impossibilidade de ela ter sido capaz de cometer o crime. O senhor pode estar certo", disse Wemmick, tocando-me na manga, "que naquela época ele não fez a menor alusão à força das suas mãos, como ele às vezes faz agora."

Eu havia contado a Wemmick que ele nos mostrara os seus pulsos, no dia do jantar.

"Bem, senhor!" Wemmick continuou; "aconteceu – aconteceu, percebe? – que essa mulher foi vestida de maneira tão astuciosa, desde a sua prisão, que ela parecia bem mais frágil do que era realmente; suas mangas, em especial, tinham sido tão habilmente elaboradas, que seus braços tinham uma aparência realmente delicada. Ela tinha apenas um ou dois arranhões no corpo – o que não é nada para uma mulher da sua espécie – mas o dorso das

suas mãos estava arranhado, e a questão era: aquelas contusões haviam sido feitas por unhas? Ora, Mr. Jaggers provou que ela tinha passado no meio de um grande grupo de arbustos espinhosos, que não eram mais altos que o seu rosto, mas que ela não pôde atravessar sem arranhar as mãos; e realmente foram encontrados pedaços desses arbustos em sua pele, e mostrados como provas, assim como o fato de que os arbustos em questão, após serem examinados, foram encontrados quebrados por terem sido atravessados, e que neles havia pequenos fragmentos do seu vestido e algumas manchas de sangue aqui e ali. Mas o ponto mais ousado da sua defesa foi este: haviam tentado estabelecer, como prova do seu ciúme, que ela estava sob forte suspeita de ter, mais ou menos na época do assassinato, matado em um ataque de fúria a criança que ela tinha com esse homem, de cerca de três anos, para vingar-se dele. Mr. Jaggers colocou as coisas deste modo: 'Nós afirmamos que estas não são marcas de unhas, mas de arbustos espinhosos, e nós lhes mostramos os arbustos. Os senhores afirmam que são marcas de unhas, e levantam a hipótese de que ela tenha matado seu próprio filho. Devem, portanto, aceitar todas as consequências dessa hipótese. Por tudo que sabemos, ela pode ter matado a criança, e a criança, agarrando-se a ela, pode ter arranhado suas mãos. E então? Por que os senhores não julgam esta mulher pelo assassinato do seu filho? Quanto ao caso presente, se querem manter a afirmação de que são arranhões, nós dizemos que, por tudo que sabemos, os senhores podem responder por eles, assumindo como hipótese que não os inventaram.' Para resumir, senhor", disse Wemmick, "Mr. Jaggers sozinho era demais para aquele júri, e eles acabaram cedendo."

"E ela esteve a seu serviço desde então?"

"Sim, mas não só isso", disse Wemmick, "ela entrou a seu serviço imediatamente após a sua absolvição, já domesticada como está agora. Desde então, ela aprendeu uma coisa ou outra a respeito dos seus deveres, mas foi domesticada desde o princípio."

"Você se lembra do sexo da criança?"

"Disseram que era uma menina."

"Não tem nada mais para me dizer esta noite?"

"Nada. Eu recebi sua carta e a destruí. Nada."

Despedimos-nos cordialmente, e fui para casa, com novos assuntos para alimentar meus pensamentos, mas nenhum alívio dos antigos.

[1] O Tribunal Central Criminal da Inglaterra, popularmente conhecido como “Old Bailey”, por se localizar na rua do mesmo nome. O Tribunal da Coroa que funciona no Tribunal Central Penal atua em casos criminais ocorridos na região metropolitana de Londres e, em casos excepcionais, aceita casos de outras partes da Inglaterra e do País de Gales.

CAPÍTULO XLIX

Pondo a carta de Miss Havisham no bolso, pois poderia me servir de credencial para reaparecer tão cedo em Satis House, caso sua impertinência a levasse a expressar qualquer surpresa em me ver, parti novamente no dia seguinte pela diligência. Desta vez, desci na estalagem do Meio-Caminho e tomei o café da manhã lá, e fiz a pé o resto da distância; minha intenção era entrar na cidade tranquilamente pelas ruas menos frequentadas, e sair da mesma maneira.

A tarde estava terminando quando passei pelas pequenas ruelas tranquilas atrás da High Street, que apenas ecoavam o barulho da rua principal. Os recantos das ruínas, onde os velhos monges antigamente tinham seus refeitórios e seus jardins, e onde as grossas muralhas se prestavam agora a servir de humildes currais e estábulos, estavam quase tão silenciosos quanto os velhos monges em suas tumbas. Enquanto eu apressava o passo para evitar ser observado, os carrilhões da catedral tocaram de repente, e seu som era mais triste e mais longínquo para mim do que jamais fora antes; assim, os sons do velho órgão chegavam aos meus ouvidos como uma música fúnebre; e as gralhas, voejando em torno da torre acinzentada, e balançando-se nas grandes árvores nuas do jardim do priorado, pareciam me gritar que o lugar estava mudado, e que Estella tinha ido embora dali para sempre.

Uma velha senhora, a quem eu tinha visto antes como uma das criadas que moravam na casa anexa, do outro lado do pátio dos fundos, abriu o portão. A vela acesa estava no corredor escuro, como antigamente, e eu a peguei e subi a escada sozinho. Miss Havisham não estava em seu próprio quarto, mas no quarto maior, do outro lado do patamar. Olhando pela porta, depois de ter batido em vão, eu a vi sentada bem perto do fogo, em uma cadeira muito velha, perdido na contemplação das brasas.

Fazendo o mesmo que tinha feito muitas vezes, eu entrei e fiquei de pé junto à velha chaminé, onde ela poderia me ver ao erguer os olhos. Havia em sua pessoa um ar de absoluta solidão, que me levou a sentir piedade, embora ela me tivesse deliberadamente feito um mal mais profundo do que eu poderia dizer. Enquanto fiquei ali, sentindo pena dela, e pensando em como, com o passar do tempo, eu também tinha me tornado uma parte das riquezas arruinadas daquela casa, seus olhos pousaram em mim. Ela me fitou, e disse em voz baixa, “É real?”

“Sou eu, Pip. Mr. Jaggers me entregou sua carta na noite passada, e não perdi tempo.”

“Obrigada. Obrigada.”

Ao aproximar do fogo outra das velhas cadeiras e me sentar, percebi uma expressão nova em seu rosto, como se ela tivesse medo de mim.

“Eu quero”, ela disse, “continuar aquele assunto que você mencionou quando esteve aqui a última vez, e mostrar-lhe que não sou feita de pedra. Mas talvez você nunca mais possa acreditar, agora, que há qualquer coisa de humano em meu coração?”

Quando eu disse algumas palavras tranquilizadoras, ela estendeu sua mão direita trêmula, como se fosse me tocar; mas a retirou antes que eu compreendesse o movimento, ou soubesse como recebê-lo.

“Você disse, falando do seu amigo, que me poderia dizer como fazer algo útil e bom. Algo que você gostaria que fosse feito, não é?”

“Algo que eu gostaria muito que fosse feito.”

“E o que é?”

Eu comecei a lhe explicar a história secreta da posição de sócio que eu queria adquirir para Herbert. Mas não tinha ido muito longe, quando vi, pelo seu aspecto, que ela estava divagando enquanto eu falava, em vez de pensar no que eu dizia. Parecia ser assim; pois quando parei de falar, passaram-se muitos momentos antes que ela demonstrasse ter se apercebido disso.

“Você parou”, ela perguntou, então, com seu ar anterior de quem tinha medo de mim, “porque me odeia tanto a ponto de não suportar falar comigo?”

“Não, não”, eu respondi, “como pode pensar assim, Miss Havisham! Eu parei porque pensei que a senhora não estava acompanhando o que eu dizia.”

“Talvez eu não estivesse”, ela respondeu, pondo uma das mãos na cabeça. “Comece de novo, enquanto eu olho para outra coisa. Espere! Agora me conte.”

Ela colocou a mão sobre a bengala, do modo resoluto que costumava ter às vezes, e olhou para o fogo com uma expressão concentrada, em um esforço para prestar atenção. Continuei minha explicação, e lhe falei de como esperava completar a transação com meus próprios recursos, mas como fora desapontado nesse aspecto. Aquela parte do assunto (lembrei a ela) envolvia coisas que não poderiam fazer parte da minha explicação, pois eram segredos

importantes de outra pessoa.

"Ah!" disse ela, fazendo um sinal de assentimento, mas sem olhar para mim. "E qual o valor que falta para completar a aquisição?"

Eu estava bastante temeroso de dizer o valor, pois soava como uma grande soma. "Novecentas libras."

"Se eu lhe der o dinheiro para esse propósito, manterá meu segredo como manteve o seu?"

"Com a mesma fidelidade."

"E sua mente ficará mais tranquila?"

"Muito mais tranquila."

"Está muito infeliz agora?"

Ela fez essa pergunta ainda sem olhar para mim, mas em um tom de simpatia pouco usual. Não pude responder de imediato, pois a voz me faltou. Ela passou o braço esquerdo sobre o cabo da bengala, e ali apoiou suavemente a testa.

"Estou longe de estar feliz, Miss Havisham; mas tenho outros motivos de inquietação, além daqueles que a senhora conhece. São os segredos dos quais já lhe falei."

Depois de um momento, ela ergueu a cabeça e voltou a olhar para o fogo.

"É muito generoso da sua parte me dizer que tem outras causas de infelicidade, mas isso é verdade?"

"É bem verdade."

"Pip, a única forma de ajudá-lo é ajudando seu amigo? Considerando isso como feito, não há nada que eu possa fazer por você?"

"Nada. Agradeço-lhe por perguntar. Agradeço-lhe ainda mais pelo tom da pergunta. Mas não há nada."

Ela então se levantou, e olhou em volta do quarto em ruínas à procura dos instrumentos para escrever. Como não havia nada lá, ela pegou do bolso um jogo amarelo de tabletes de marfim, montados em ouro lavrado, e ali escreveu com um lápis que tirou de um estojo de ouro lavrado que pendia do seu pescoço.

"Você ainda está em termos amigáveis com Mr. Jaggers?"

"Muito amigáveis. Eu jantei com ele ontem."

"Esta é uma ordem para que ele lhe pague esse dinheiro, para ser utilizado em favor do seu amigo, sem que você seja responsável. Não tenho

nenhum dinheiro aqui, mas se preferir que Mr. Jaggers não saiba nada sobre o assunto, eu o enviarei a você.”

“Obrigado, Miss Havisham; não tenho a menor objeção a receber esse dinheiro através dele.”

Ela leu para mim aquilo que havia escrito; era claro e preciso, e escrito de modo a me inocentar de qualquer suspeita de tirar proveito do dinheiro que estava recebendo. Peguei os tabletes da sua mão, que tremeu de novo, e tremeu ainda mais quando ela tirou a corrente na qual estava preso o lápis e colocou-a na minha mão. Ela fez tudo isso sem me olhar.

“Meu nome está na primeira folha. Se algum dia puder escrever debaixo do meu nome, “eu a perdoo”, embora muito tempo depois que meu coração partido não seja mais do que poeira, por favor, faça-o!”

“Oh, Miss Havisham”, disse eu, “posso fazer isso agora. Houve enganos dolorosos; e minha vida foi uma vida cega e ingrata; e preciso demais de perdão e conselhos, para poder ser amargo com a senhora.”

Ela voltou o rosto para mim pela primeira vez, desde que o tinha virado, e, para meu assombro, e posso mesmo acrescentar para meu terror, caiu de joelhos aos meus pés, as mãos juntas elevadas para mim, do modo que, quando seu pobre coração era jovem, inexperiente e inteiro, deve tê-las elevado muitas vezes para o céu ao lado de sua mãe.

Ao vê-la com seu cabelo branco e o rosto envelhecido, ajoelhada aos meus pés, senti um choque por todo o corpo. Implorei-lhe que se levantasse, e coloquei meus braços sobre ela para ajudá-la a levantar-se; mas ela apenas apertou a minha mão que estava mais próxima de si, apoiou a cabeça sobre ela e chorou. Até então eu nunca a tinha visto derramar uma lágrima, e, na esperança de que esse alívio lhe fizesse bem, inclinei-me sobre ela sem falar. Ela agora não estava mais ajoelhada, mas caída no chão.

“Oh!” ela chorava, desesperada. “O que eu fiz? O que eu fiz?”

“Se a senhora se refere, Miss Havisham, ao mal que me fez, deixe-me dizer-lhe: muito pouco. Eu a teria amado sob quaisquer circunstâncias. Ela está casada?”

“Sim.”

Era uma pergunta desnecessária, pois uma nova desolação naquela casa desolada tinha me contado isso.

“O que eu fiz? O que eu fiz?” Ela torcia as mãos, e puxava seus cabelos brancos, e repetia inúmeras vezes o mesmo grito: “O que eu fiz?”

Eu não sabia o que lhe responder, nem como confortá-la. Que ela tinha feito uma coisa terrível ao pegar uma criança impressionável para moldar na forma em que seu ressentimento feroz, seu amor rejeitado e seu orgulho ferido encontrassem uma vingança, eu sabia muito bem. Que, ao repelir a luz do dia, ela tinha repelido infinitamente mais; que, ao viver excluída, ela tinha excluído a si mesma de mil influências naturais e salutares; que a sua mente, meditando solitária, tinha se tornado doente, como são e devem ser e serão todas as mentes que se insurgem contra a ordem designada pelo seu Criador, eu sabia igualmente bem. Mas eu poderia olhá-la sem sentir compaixão, vendo seu castigo na própria ruína que ela era, sua incapacidade profunda de se ajustar a essa terra, onde fora colocada, na vaidade da tristeza que tinha se tornado uma monomania, como a vaidade da penitência, a vaidade do remorso, a vaidade da indignidade, e tantas outras vaidades monstruosas que têm sido maldições neste mundo?

"Até o momento em que você lhe falou no outro dia, e até que eu visse em você um espelho que me mostrava o que eu mesma sofri uma vez, eu não sabia o que tinha feito. O que eu fiz? O que eu fiz?" E de novo repetiu essas palavras, vinte, cinquenta vezes: "O que eu fiz?"

"Miss Havisham", eu disse, quando seu grito se extinguiu, "pode me tirar da sua mente e da sua consciência. Mas Estella é um caso diferente; e se a senhora um dia puder desfazer um pouco do mal que lhe fez, ao afastá-la da sua verdadeira natureza, será melhor fazê-lo do que lamentar o passado durante cem anos."

"Sim, sim, eu sei disso. Mas, Pip... meu querido!" Havia uma forte compaixão feminina, no seu novo afeto por mim. "Meu querido! Acredite no que vou lhe dizer: quando ela foi entregue a mim, eu queria salvá-la de uma infelicidade igual à minha. No início, eu não queria nada além disso."

"Bem, bem!", disse eu. "Assim espero."

"Mas à medida que ela crescia, prometendo tornar-se muito bela, fui aos poucos fazendo pior, e com meus elogios, e minhas joias, e meus ensinamentos, e com meu próprio espectro sempre diante dela como um aviso para que aproveitasse minhas lições, eu roubei seu coração e pus uma pedra de gelo em seu lugar."

"Era melhor", não pude evitar dizer, "tê-la deixado com seu coração natural, mesmo que fosse para ser magoado ou partido."

Diante disso, Miss Havisham olhou-me com ar distraído por algum

tempo, e então exclamou outra vez, “O que eu fiz!”

“Se você soubesse de toda a minha história”, ela alegou, “teria um pouco de compaixão por mim, e me entenderia melhor.”

“Miss Havisham”, eu respondi, tão delicadamente quanto pude, “creio que posso dizer que conheço sua história, e a conheci desde a primeira vez que deixei esta região. Ela me inspirou grande compaixão, e creio que a entendo, assim como suas influências. O que se passou entre nós me autoriza a lhe fazer uma pergunta a respeito de Estella, não sobre o que ela é agora, mas sobre o que era quando veio para cá?”

Ela estava sentada no chão, os braços sobre a cadeira esfarrapada, e a cabeça apoiada nos braços. Ela me olhou de frente quando eu lhe disse isso, e respondeu: “Continue.”

“De quem Estella é filha?”

Ela balançou a cabeça.

“A senhora não sabe?”

Ela balançou a cabeça outra vez.

“Mas Mr. Jaggers a trouxe aqui, ou enviou-a para cá?”

“Ele a trouxe.”

“A senhora me contaria como isso aconteceu?”

Ela respondeu com cautela, em um sussurro baixo: “Eu tinha passado um longo tempo fechada nestes quartos (não sei quanto tempo; você sabe como os relógios marcam as horas por aqui), quando lhe falei que queria uma menininha para criar, amar, e salvar de um destino igual ao meu. Eu o tinha conhecido quando mandei chamá-lo, para tornar esta casa solitária para mim; havia lido sobre ele nos jornais, antes que o mundo e eu nos separássemos. Ele me disse que iria procurar entre as pessoas que conhecia alguma criança órfã. Uma noite, ele a trouxe aqui adormecida, e eu a chamei de Estella.”

“Eu poderia lhe perguntar que idade ela tinha então?”

“Dois ou três anos. Ela mesma não sabe de nada, só que ficou órfã e eu a adotei.”

Eu estava tão convencido de que aquela mulher que eu vira era sua mãe, que não precisava de nenhuma prova para estabelecer o fato em minha própria mente. Mas, para qualquer um, eu pensei, o parentesco era claro e evidente.

O que mais eu esperava prolongando esse encontro? Eu havia tido sucesso em favor de Herbert, Miss Havisham tinha me contado tudo o que

sabia sobre Estella, eu tinha dito e feito tudo o que pude para aliviar sua mente. Não importa com que palavras nos despedimos; nós nos despedimos.

Já anoitecia quando desci as escadas e saí para o ar livre. Eu avisei à mulher que tinha aberto o portão quando entrei, que não iria incomodá-la agora, mas que daria uma volta pela propriedade antes de partir. Pois tive um pressentimento de que nunca mais voltaria ali, e senti que a luz do dia que morria era apropriada à minha última visão do lugar.

Através da selva de barris por onde eu tinha caminhado, tanto tempo atrás, e sobre os quais a chuva de tantos anos tinha caído desde então, apodrecendo-os em muitos lugares e deixando pântanos e piscinas em miniatura sobre aqueles que se encontravam por cima, abri meu caminho até o jardim devastado. Andei por toda a volta, pelo canto onde Herbert e eu tínhamos lutado, pelas aleias onde eu e Estella tínhamos caminhado. Tudo era tão frio, tão solitário, tão triste!

Pegando o caminho da cervejaria para voltar, levantei o trinco enferrujado de uma pequena porta que dava para o jardim, e atravessei-o. Eu ia sair pela porta oposta – que não era fácil de abrir agora, pois a madeira úmida tinha inchado e se partido, as dobradiças estavam cedendo, e a soleira estava coberta por uma enorme colônia de fungos – quando me virei para olhar para trás. Uma lembrança da infância me veio com força espantosa, no próprio momento em que fiz este leve movimento, e imaginei ver Miss Havisham pendurada na viga. A impressão foi tão forte, que fiquei parado sob a viga, tremendo dos pés à cabeça, antes de me dar conta que era apenas uma fantasia – embora, certamente, eu me encontrasse lá em um momento.

A tristeza do lugar e da hora, e o enorme terror provocado por essa ilusão, embora fosse apenas momentâneo, me fez sentir um medo indescritível, quando passei por entre os dois portões de madeira onde eu uma vez tinha arrancado meus cabelos, depois que Estella arrancara meu coração. Passando então para o pátio da frente, hesitei se chamava a mulher para me deixar sair pelo portão fechado do qual ela tinha a chave, ou se primeiro subia a escada para me assegurar de que Miss Havisham estava tão sã e salva quanto eu a tinha deixado. Tomei a última resolução, e subi.

Olhei no quarto onde eu a havia deixado, e a vi sentada na cadeira esfarrapada, diante do fogo, de costas para mim. No momento em que eu virava a cabeça para ir embora quietamente, vi uma grande chama elevar-se. No mesmo instante, eu a vi correr para mim, gritando, envolvida por um

turbilhão de chamas, que se elevavam acima da sua cabeça pelo menos a tantos pés quanto ela tinha de altura.

Eu tinha um grande casacão de gola dupla, e sobre o braço outro casaco grosso. Eu os tirei, passei-os pelo seu corpo e joguei-a no chão, com os casacos por cima; depois puxei a grande toalha de mesa com o mesmo propósito, e com ela todo o monte de podridão que estava no meio, e todos os bichos repugnantes que se abrigavam ali. Ficamos os dois no chão, lutando como inimigos desesperados, e quanto mais eu a cobria, mais ela gritava e tentava furiosamente se libertar. Que tudo isso aconteceu, eu soube pelo resultado, mas não por qualquer coisa que eu sentisse, ou pensasse, ou soubesse que fiz. Não me dei conta de nada até que percebi que estávamos no chão, junto da grande mesa, e vi pedacinhos de brasas ainda acesos flutuando no ar enfumaçado, que, um momento antes, tinham sido o seu vestido de núpcias desbotado.

Então olhei à minha volta, e vi os besouros e aranhas perturbados correndo pelo chão, e os criados chegando à porta com gritos ofegantes. Eu ainda a segurava contra o piso com toda força, como um prisioneiro que pudesse escapar; e duvido que eu soubesse quem ela era, ou por que tínhamos lutado, ou que ela estivera em chamas e as chamas haviam se extinguido, até o momento em que vi que as labaredas do que tinham sido suas vestimentas não estavam mais acesas, mas caíam como uma chuva negra em torno de nós.

Ela estava sem sentidos, e eu tinha medo de movê-la, ou mesmo de tocá-la. Foram buscar socorro, e eu a segurei até que chegasse, como se eu imaginasse loucamente (e creio que o fiz) que, se eu a largasse, o fogo começaria de novo e a consumiria. Quando me levantei, à chegada do médico com outras pessoas, fiquei surpreso de ver que tinha ambas as mãos queimadas, pois não tinha consciência de ter sentido qualquer dor.

Depois do exame, constatou-se que ela tinha sofrido sérias lesões, mas que, em si, estavam longe de ser desesperadoras; o perigo consistia principalmente no choque nervoso. Por ordens do médico, sua cama foi montada naquele quarto sobre a grande mesa, que convinha perfeitamente à cura dos seus ferimentos. Quando a vi de novo, uma hora depois, ela estava de fato deitada exatamente onde eu a tinha visto bater com sua bengala, dizendo que ali jazeria um dia.

Embora todos os vestígios do seu vestido de noiva tivessem queimado, como me disseram, ela ainda tinha algo da sua antiga e horrível

aparência de noiva; pois, como ela fora coberta até a garganta com algodão branco, e deitada sob um lençol branco que recobria tudo, ela ainda conservava o ar do fantasma de alguma coisa que tinha sido e não era mais.

Descobri, ao questionar os criados, que Estella estava em Paris, e fiz o médico me prometer que lhe escreveria pelo próximo correio. Quanto à família de Miss Havisham, tomei o encargo para mim, pretendendo comunicar-me apenas com Mr. Matthew Pocket, e deixar que ele procedesse como quisesse para informar os outros parentes. Fiz isso no dia seguinte, através de Herbert, assim que voltei à cidade.

Houve um período, naquela noite, em que ela começou a falar calmamente do que tinha acontecido, embora com certa vivacidade febril. Em torno da meia-noite ela começou a delirar, e depois disso passou gradualmente a repetir inúmeras vezes, em uma voz baixa e solene, “O que eu fiz!” E depois, “Quando ela chegou aqui, eu pretendia salvá-la de uma infelicidade igual à minha.” E em seguida, “Pegue o lápis e escreva sob o meu nome, ‘eu a perdoo!’” Ela nunca mudava a ordem dessas três frases, mas às vezes omitia uma palavra em alguma delas; nunca trocava por outra palavra, mas sempre deixava uma interrupção e passava para a palavra seguinte.

Como não havia mais nada que eu pudesse fazer lá, e como eu tinha, mais perto de casa, uma razão urgente para ansiedade e medo, que nem mesmo seus devaneios conseguiam afastar do meu espírito, decidi durante a noite que partiria pela primeira diligência da manhã, mas que caminharia cerca de uma milha, para embarcar na diligência fora da cidade. Assim, em torno das seis horas da manhã, inclinei-me sobre ela e toquei seus lábios com os meus, no momento exato em que eles diziam, sem parar ao serem tocados, “Pegue o lápis e escreva sob o meu nome, ‘eu a perdoo.’”

CAPÍTULO L

Duas ou três vezes durante a noite fora feito um curativo em minhas mãos, e novamente pela manhã. Meu braço esquerdo estava bastante queimado até o cotovelo, e com menos gravidade até o ombro; era muito doloroso, mas as chamas tinham vindo naquela direção e eu me sentia grato por não ter sido pior. Minha mão direita não estava tão queimada que me impedisse de mover os dedos. Também fora enfaixada, é claro, mas de modo muito menos incômodo que a minha mão e braço esquerdos, que estavam em uma tipoia; e eu só podia usar meu casaco como uma capa, solto por cima dos ombros e preso no pescoço. Meu cabelo tinha sido atingido pelo fogo, mas não minha cabeça ou meu rosto.

Depois que Herbert tinha ido a Hammersmith e tinha visto o pai, voltou para me ver em nosso apartamento, e dedicou o dia a cuidar de mim. Ele era o mais amável dos enfermeiros; em momentos determinados, tirava as minhas bandagens, embebia-as em um líquido refrescante já preparado, e as colocava outra vez, com uma ternura paciente a que sou profundamente grato.

No início, deitado quieto no sofá, achei dolorosamente difícil, para não dizer impossível, livrar-me da impressão do clarão das chamas, da sua vivacidade, do seu barulho, e do terrível cheiro de queimado. Se eu cochilava por um minuto, era despertado pelos gritos de Miss Havisham, e a via correr na minha direção com todo aquele fogo alto sobre sua cabeça. Esse sofrimento mental era muito mais difícil de combater do que qualquer dor corporal que eu tivesse sofrido; e Herbert, vendo isso, fazia todos os esforços para distrair minha atenção.

Nenhum de nós falou no barco, mas ambos pensamos sobre ele. Isso ficara evidente pelo fato de evitarmos o assunto, e pela nossa concordância – sem concordar expressamente – de fazer da recuperação das minhas mãos uma questão de muitas horas, e não de muitas semanas.

Minha primeira pergunta ao ver Herbert tinha sido, é claro, se tudo estava bem rio abaixo. Como ele respondeu positivamente, com uma confiança e alegria perfeitas, não voltamos ao assunto até que o dia estivesse no fim. Então, enquanto Herbert trocava as bandagens, mais à luz do fogo que à luz exterior, ele voltou ao assunto de maneira espontânea.

“Ontem à noite, fiquei com Provis durante duas boas horas, Handel.”

“E onde estava Clara?”

“Oh, pobre querida!” disse Herbert. “Ela passou a noite toda subindo e descendo por conta do seu pai. Ele batia perpetuamente no chão com a bengala, sempre que a perdia de vista por um momento. Duvido, porém, que ele possa durar muito tempo. Com todo esse rum e pimenta – e pimenta e rum – acho que essas batidas logo vão acabar.”

“E então você se casará, Herbert?”

“Como eu poderia cuidar da querida menina de outra maneira? Ponha seu braço na parte de trás do sofá, meu querido amigo, e vou me sentar lá, e tirar a bandagem de modo tão gradual que você nem vai perceber quando acabar. Mas eu estava falando de Provis. Você sabe, Handel, que ele está melhorando?”

“Eu lhe disse que o achei mais brando, da última vez que o vi.”

“Você me disse, e é verdade. Ele estava muito comunicativo, ontem à noite, e me contou mais sobre sua vida. Você se lembra de ele ter falado aqui sobre uma mulher com quem ele tivera grandes problemas?... Eu o machuquei?”

Eu havia tido um tremor, mas não por causa do seu toque. Suas palavras é que tinham me causado um sobressalto.

“Eu tinha me esquecido, Herbert, mas me lembro disso, agora que você mencionou.”

“Bem! Ele entrou nessa parte da sua vida, e é uma parte sombria e terrível. Será que devo contar-lhe? Ou iria afligi-lo, neste momento?”

“Conte-me absolutamente tudo. Cada palavra.”

Herbert inclinou-se para frente para me olhar mais de perto, como se minha resposta tivesse sido mais apressada ou mais ansiosa do que ele teria esperado. “Sua cabeça está tranquila?” disse ele, tocando-a.

“Totalmente”, disse eu. “Conte-me o que Provis disse, meu querido Herbert.”

“Parece...”, disse Herbert, “...isso é que é tirar uma bandagem de maneira delicada, e agora vem a bandagem fria, isso vai lhe fazer tremer no princípio, meu pobre companheiro, não é mesmo? Mas agora estará confortável. ...Parece que era uma mulher jovem, e uma mulher ciumenta, e uma mulher vingativa... Vingativa, Handel, até o último grau.”

“Que último grau?”

“Assassinato... Está muito frio, nessa parte sensível?”

“Eu não sinto. Como ela assassinou? Quem ela assassinou?”

“Bem, sua ação pode não ter merecido um nome tão terrível”, disse Herbert, “mas ela foi julgada por isso, e Mr. Jaggers a defendeu, e a reputação dessa defesa tornou o nome dele conhecido de Provis. A vítima era outra mulher, mais forte, e tinha havido uma luta em um celeiro. Pode haver dúvidas sobre quem começou, ou se a luta era justa, ou se era injusta; mas não há dúvida de como terminou, pois encontraram a vítima estrangulada.”

“A mulher foi considerada culpada?”

“Não; ela foi absolvida... Meu pobre Handel, eu o machuquei!”

“É impossível ser mais gentil, Herbert. Bem? E depois?”

“Essa jovem mulher e Provis tinham uma criança; uma criança a quem Provis era extremamente afeiçoado. No entardecer da mesma noite em que o objeto dos seus ciúmes foi estrangulado, como eu lhe falei, a mulher apresentou-se diante de Provis por um momento, e jurou que mataria a criança (que estava com ela), e que ele nunca mais a veria; e depois ela desapareceu... Muito bem, o braço pior já está confortavelmente na tipoia de novo, e agora só resta a mão direita, que é um trabalho bem mais fácil. Eu trabalho melhor com essa luz do que com uma luz mais forte, pois minha mão é mais firme quando não vejo essas pobres queimaduras com muita clareza... Não acha que sua respiração foi afetada, meu pobre amigo? Você parece estar ofegante.”

“Talvez eu esteja, Herbert. A mulher manteve o juramento?”

“Aí está a parte mais sombria da vida de Provis. Ela manteve.”

“Quer dizer, ele diz que ela manteve.”

“Ora, é claro, meu querido amigo”, respondeu Herbert, em um tom de surpresa, e inclinando-se para frente outra vez, para me olhar mais de perto. “Ele disse tudo isso. Eu não tenho nenhuma outra informação.”

“Não, é claro que não.”

“Agora”, Herbert prosseguiu, “se ele tinha maltratado a mãe da criança, ou se tinha tratado bem a mãe da criança, Provis não diz; mas ela compartilhou uns quatro ou cinco anos da vida miserável que ele nos descreveu aqui na frente desta lareira, e ele parece ter sentido pena dela, e ter tido paciência. Então, temendo ser chamado para depor sobre o desaparecimento da criança, e ser considerado a causa da sua morte, ele (com muita pena pela criança) se escondeu, se manteve na sombra, como ele diz, fora do caminho e fora da justiça; só foi mencionado vagamente como um

certo homem chamado Abel, que motivara o ciúme entre as mulheres. Depois da absolvição ela desapareceu, e assim ele perdeu de vista a criança e a mãe da criança."

"Eu queria perguntar..."

"Só um momento, meu querido amigo, e termino a história. Aquele gênio do mal, Compeyson, o pior patife entre todos os patifes, sabendo que ele se mantinha fora do caminho naquela época, e conhecendo suas razões para fazê-lo, usou em seguida o que sabia para chantageá-lo, tornando-o mais pobre e fazendo-o trabalhar mais duro. Ficou claro para mim, ontem à noite, que foi isso que exacerbou a animosidade de Provis."

"Eu queria saber", disse eu, "e particularmente, Herbert, se ele lhe disse quando tudo isso aconteceu?"

"Particularmente? Deixe-me lembrar, então, o que ele disse sobre isso. Sua expressão foi: 'há uma vintena de anos atrás, e logo depois que me envolvi com Compeyson.' Quantos anos você tinha quando o encontrou no pequeno cemitério?"

"Acho que tinha sete anos."

"Sim. E isso tinha acontecido há cerca de três ou quatro anos, então, ele disse. E você o lembrou da menininha desaparecida de modo tão trágico, que teria mais ou menos a sua idade."

"Herbert", disse eu, depois de um curto silêncio, em um tom ansioso, "Você pode me ver melhor à luz da janela ou à luz do fogo?"

"À luz do fogo", respondeu Herbert, aproximando-se novamente.

"Olhe para mim."

"Estou olhando, meu querido amigo."

"Toque minha mão."

"Estou tocando, meu querido amigo."

"Você não teme que eu tenha um pouco de febre, ou que minha mente esteja muito confusa pelo acidente da noite passada?"

"N-não, meu querido amigo", disse Herbert, depois de me examinar por algum tempo. "Você está um pouco agitado, mas continua sendo você mesmo."

"Eu sei que sou eu mesmo. E o homem que nós estamos escondendo rio abaixo é o pai de Estella."

CAPÍTULO LI

Qual era o meu propósito, mostrando tanto ardor em localizar e provar a ascendência de Estella? Não sei dizer. Agora se vê que a questão não se apresentara a mim de uma forma distinta, até que foi posta à minha frente por uma cabeça mais sábia que a minha.

Mas quando Herbert e eu terminamos aquela conversa tão importante, fui tomado por uma convicção febril de que deveria levar o assunto adiante – que não deveria deixá-lo descansar, mas que deveria ver Mr. Jaggers e chegar à inteira verdade. Eu realmente não sei se sentia que fazia aquilo por causa de Estella, ou se estava contente de levar ao homem cuja preservação me preocupava tanto, alguns raios do interesse romântico que há tanto tempo me cercavam. Talvez a última suposição seja a que mais se aproxima da verdade.

De qualquer modo, eu mal pude ser impedido de sair para Gerrard Street naquela noite mesmo. Herbert me mostrou que, se eu o fizesse, provavelmente seria obrigado a ficar de cama, e me tornaria inútil, quando a segurança do nosso fugitivo dependia de mim; e foram só esses conselhos que contiveram a minha impaciência. Ao repetir diversas vezes que, acontecesse o que acontecesse, eu poderia ir ver Mr. Jaggers no dia seguinte, eu afinal concordei em me manter calmo, ter minhas feridas cuidadas e ficar em casa. Saímos juntos logo cedo na manhã seguinte, e na esquina de Giltspur Street com Smithfield, deixei Herbert seguir seu caminho para a City, e me dirigi à Pequena Inglaterra.

Havia ocasiões periódicas em que Mr. Jaggers e Wemmick revisavam as contas do escritório, conferiram os recibos e punham tudo em ordem. Nessas ocasiões, Wemmick levava seus livros e documentos à sala de Mr. Jaggers, e um dos escriturários do andar de cima descia para o escritório da frente. Encontrando o tal escriturário no lugar de Wemmick naquela manhã, eu logo soube o que acontecia; mas eu não lamentava que Mr. Jaggers e Wemmick estivessem juntos, pois Wemmick então veria por si mesmo que eu não diria nada que o comprometesse.

Meu aparecimento, com o meu braço envolto em bandagens, e o casaco solto sobre os ombros, favoreceu meu objetivo. Embora eu tivesse enviado a Mr. Jaggers um breve relato do acidente, assim que tinha chegado à cidade, faltava contar-lhe agora todos os detalhes; e a singularidade da circunstância tornou nossa conversa menos seca, menos dura e menos

estritamente regulada pelas regras judiciais, como era normalmente. Enquanto eu descrevia o desastre, Mr. Jaggers ficava diante do fogo, como era seu costume. Wemmick recostava-se na cadeira, olhando-me fixamente, com as mãos nos bolsos das calças, e a caneta atravessada na sua caixa de correio. Os dois moldes cruéis, sempre inseparáveis, em minha mente, dos protocolos oficiais, pareciam estar se perguntando se não sentiam cheiro de fogo no presente momento.

Minha narrativa terminada e esgotadas as perguntas, entreguei a autorização de Miss Havisham para receber as novecentas libras para Herbert. Os olhos de Mr. Jaggers entraram com mais profundidade na cabeça, quando lhe estendi os tabletes; mas ele os entregou então a Wemmick, com ordens para emitir o cheque para que ele assinasse. Enquanto isso estava sendo feito, eu olhava para Wemmick que escrevia, e Mr. Jaggers, equilibrando-se e balançando-se sobre suas botas bem polidas, olhou para mim. “Sinto muito, Pip”, disse ele, quando pus o cheque no bolso, depois que ele tinha assinado, “que não possamos fazer nada por você.”

“Miss Havisham teve a bondade de me perguntar”, eu respondi, “se ela podia fazer alguma coisa por mim, e eu lhe disse que não.”

“Cada um sabe dos seus próprios assuntos”, disse Mr. Jaggers. E eu vi os lábios de Wemmick formarem as palavras “propriedade portável.”

“Eu não teria lhe dito que não, se eu fosse você”, disse Mr. Jaggers; “mas cada um sabe dos seus assuntos.”

“O assunto de cada um”, disse Wemmick, lançando-me um olhar de reprovação, “é a propriedade portável.”

Como achei que chegara o momento de entrar no assunto que eu tinha no coração, eu disse, virando-me para Mr. Jaggers:

“Eu perguntei algo para Miss Havisham, no entanto, senhor. Eu lhe pedi que me desse algumas informações a respeito da sua filha adotiva, e ela me disse tudo que sabia.”

“É mesmo?”, disse Mr. Jaggers, inclinando-se para olhar suas botas, e endireitando-se novamente. “Ah! Não creio que eu teria feito isso, se fosse Miss Havisham. Mas ela é que sabe dos seus assuntos.”

“Eu sei mais sobre a história da criança adotada por Miss Havisham do que a própria Miss Havisham, senhor. Eu conheço sua mãe.”

Mr. Jaggers olhou-me de modo inquisitivo, e repetiu “Sua mãe?”

“Eu vi sua mãe não faz três dias.”

“Ah!”, disse Mr. Jaggers.

“E o senhor também a viu, Mr. Jaggers. E a viu ainda mais recentemente.”

“Ah!”, disse Mr. Jaggers.

“Talvez eu saiba mais até do que o senhor sobre a história de Estella”, disse eu. “Eu também conheço seu pai.”

Uma certa parada na maneira de Mr. Jaggers – ele tinha muito autocontrole para mudar seu comportamento, mas não pôde evitar fazer um indefinível movimento de atenção – assegurou-me que ele não sabia quem era o pai de Estella. Tive uma forte suspeita disso pelo relato de Provis (repetido por Herbert), o que me levou a deduzir que Provis não se tornou cliente de Mr. Jaggers senão uns quatro anos depois, quando não teria nenhuma razão para revelar sua identidade. Mas eu não podia estar certo desse desconhecimento de Mr. Jaggers antes, embora estivesse perfeitamente certo disso agora.

“Então quer dizer que conhece o pai da jovem senhora, Pip?”, disse Mr. Jaggers.

“Sim”, respondi “e seu nome é Provis... de Nova Gales do Sul.”

Mesmo Mr. Jaggers teve um choque quando eu disse essas palavras. Era o choque mais leve que podia escapar de um homem, o mais cuidadosamente reprimido, e o mais cedo abafado, mas ele se surpreendeu, embora disfarçasse em parte fazendo o movimento de puxar o lenço do bolso. Como Wemmick recebeu o anúncio, não sou capaz de dizer. Eu tinha medo de olhar para ele naquele momento, para que a sagacidade de Mr. Jaggers não o fizesse detectar que tinha havido entre nós alguma comunicação desconhecida por ele.

“E com que provas, Pip”, perguntou Mr. Jaggers, friamente, parando com o lenço a meio caminho do nariz, “Provis faz essa reivindicação?”

“Ele não faz”, disse eu “e nunca fez, e não tem nenhum conhecimento ou convicção de que sua filha ainda exista.”

Por uma vez, aquele poderoso lenço falhou em seu intento. Minha resposta foi tão Inesperada, que Mr. Jaggers repôs o lenço no bolso sem completar o desempenho habitual, cruzou os braços, e me olhou com fria atenção, embora com um rosto impassível.

Eu lhe disse então tudo que sabia, e como soubera, com a única ressalva de que o deixei deduzir que havia sabido por Miss Havisham o que

eu na verdade soubera por Wemmick. Fui muito cuidadoso, realmente, sobre esse ponto. Nem olhei para Wemmick até que tivesse terminado tudo o que tinha para contar, e fiquei em silêncio durante algum tempo enfrentando o olhar de Mr. Jaggers. Quando afinal voltei os olhos na direção de Wemmick, descobri que ele tinha tirado a caneta da boca, e olhava com atenção para a mesa diante de si.

"Ah!", disse Mr. Jaggers, afinal, aproximando-se dos papéis que se encontravam sobre a mesa. "Em que ponto estávamos, Wemmick, quando Mr. Pip entrou?"

Mas eu não podia aceitar ser despedido daquele modo, e lhe fiz um apelo ardente, quase indignado, para que fosse mais honesto e corajoso comigo. Lembrei-o das falsas esperanças nas quais eu tinha sido levado a acreditar, no longo tempo que elas tinham durado, e na descoberta que eu tinha feito; e fiz alusão ao perigo que pesava sobre o meu espírito. Declarei que certamente me achava digno de alguma confiança por parte dele, em troca da confidência que tinha acabado de lhe fazer. Disse que não o culpava, que não suspeitava nem desconfiava dele, mas que queria garantias de que ele me diria a verdade. E que se ele me perguntasse por que eu queria isso, e por que achava que tinha algum direito a isso, eu lhe diria, embora esses pobres sonhos pouco lhe importassem, que eu amara Estella terna e longamente, e que embora eu a tivesse perdido, e tivesse que viver uma vida triste, tudo que dizia respeito a ela ainda era mais próximo e caro para mim que qualquer outra coisa no mundo. E vendo que Mr. Jaggers se mantinha imóvel e silencioso, e aparentemente insensível diante desse apelo, virei-me para Wemmick e disse, "Wemmick, eu sei que você tem um coração gentil. Eu vi sua casa tão agradável, e seu velho pai, e todos os prazeres inocentes e divertidos com que você repousa dessa vida de negócios. E eu lhe imploro que diga uma palavra a meu favor para Mr. Jaggers, e lhe mostre que, considerando todas as circunstâncias, ele deve ser mais aberto comigo!"

Eu nunca vi dois homens olharem um para o outro de modo mais estranho do que Mr. Jaggers e Wemmick depois dessa interpelação. No início, cruzou-me a mente o temor de que Wemmick fosse despedido imediatamente do emprego, mas ele se desvaneceu quando vi Mr. Jaggers ceder a alguma coisa parecida com um sorriso, e Wemmick tornar-se mais ousado.

"O que é tudo isso?", disse Mr. Jaggers. "Você, Wemmick, com um

velho pai, e dedicando-se a prazeres inocentes e divertidos?”

“Bem!”, respondeu Wemmick. “Se eu não os trago para cá, o que importa?”

“Pip”, disse Mr. Jaggers, pondo a mão no meu braço, e sorrindo abertamente, “este homem deve ser o impostor mais esperto de toda Londres.”

“Nem de longe”, respondeu Wemmick, tornando-se cada vez mais ousado. “Eu creio que o senhor é outro.”

Eles trocaram de novo aqueles olhares estranhos de antes, cada um aparentemente receoso de que o outro levasse a melhor.

“Você, Wemmick, com uma casa agradável?” disse Mr. Jaggers.

“Considerando que não interfere nos negócios”, respondeu Wemmick, “não vejo qual é o problema. Agora, olhando para o senhor, Mr. Jaggers, eu não me espantaria se o senhor estivesse planejando ter uma casa agradável para si mesmo um dia desses, quando estiver cansado de todo esse trabalho.”

Mr. Jaggers assentiu com a cabeça retrospectivamente duas ou três vezes, e de fato deu um suspiro. “Pip”, disse ele, “não vamos falar desses ‘pobres sonhos’; você sabe muito mais sobre essas coisas do que eu, já que tem uma experiência desse tipo muito mais recente. Mas quanto ao outro assunto, vou lhe fazer uma suposição. Mas veja bem! Não estou admitindo nada.”

Ele esperou que eu declarasse que compreendia muito bem que ele tinha dito expressamente que não admitia nada.

“Agora, Pip”, disse Mr. Jaggers, “imagine esta situação. Imagine que uma mulher, em circunstâncias semelhantes àquelas que você mencionou, mantivesse seu filho escondido, e fosse obrigada a comunicar o fato ao seu consultor legal, tendo o advogado lhe mostrado que ele deveria saber de tudo com vistas à amplitude da sua defesa, mesmo aquilo que se referisse à criança. Imagine que, na mesma época, esse advogado tivesse recebido o encargo de encontrar uma criança para ser adotada e criada por uma senhora rica e excêntrica.”

“Eu o estou seguindo, senhor.”

“Imagine que esse advogado vivesse em uma atmosfera de crime, e que todas as crianças que ele via eram destinadas, em grande número, à destruição certa. Imagine que ele via muitas vezes crianças serem julgadas solenemente na barra do tribunal, onde eram erguidas para que pudessem ser

vistas; imagine que ele as via habitualmente serem presas, chicoteadas, transportadas, negligenciadas, rejeitadas, qualificadas de todos os modos para servir ao carrasco, e crescendo para serem levadas à forca. Imagine que quase todas as crianças que ele via diariamente na sua profissão, ele tivesse razão para considerar como simples ovas, que acabariam se transformando em peixes que viriam à sua rede, para serem acusadas, defendidas, renegadas, transformadas em órfãos, ou molestadas de alguma maneira."

"Eu o estou seguindo, senhor."

"Imagine, Pip, que havia uma linda criancinha nesse meio que poderia ser salva; a quem o pai acreditava morta, e não ousaria tomar qualquer providência a respeito; e quanto à mãe, o consultor jurídico tivesse poderes para dizer: "Eu sei o que você fez, e como fez. Você agiu assim e assado, e fez tais e tais coisas para desviar as suspeitas. Eu segui todas as pistas que levam a você, e posso dizer isso a todo mundo. Separe-se da criança, a menos que seja necessário apresentá-la para absolver você, e então ela será apresentada. Entregue a criança em minhas mãos, e farei tudo que puder para libertá-la. Se você se salvar, sua criança também estará salva; se você for condenada, sua criança ainda estará salva." Imagine que tudo isso foi feito, e que a mulher foi absolvida."

"Eu o entendo perfeitamente."

"E entende que não admiti coisa alguma?"

"Entendo que não admitiu coisa alguma." E Wemmick repetiu, "Não admitiu coisa alguma."

"Imagine, Pip, que a paixão e o terror da morte tivessem abalado um pouco a inteligência dessa mulher, e que quando ela foi posta em liberdade resolveu afastar-se do mundo, e procurou seu advogado em busca de asilo. Imagine que ele a tenha alojado, e que tenha controlado a antiga natureza selvagem e violenta da mulher sempre que via um indício de que ela iria se manifestar, afirmando seu poder sobre ela da mesma maneira que havia feito antes. Você compreende essa situação hipotética?"

"Perfeitamente."

"Imagine que a criança tenha crescido, e tenha feito um casamento por dinheiro. Que a mãe ainda esteja viva. Que o pai ainda esteja vivo. Que a mãe e o pai, sem saber um do outro, morem a poucas milhas ou a poucos metros, como quiser, um do outro. Que o segredo ainda seja um segredo, a menos que você o espalhe ao vento. Considere essa última situação com muito cuidado,

em sua mente.”

“Sim.”

“Peço a Wemmick que também considere isso com muito cuidado.”

E Wemmick disse, “Sim.”

“Em favor de quem você revelaria esse segredo? Do pai? Acho que não seria muito melhor para ele do que para a mãe. Da mãe? Acho que se ela tivesse feito tal coisa, não estaria mais segura no lugar em que está agora. Da filha? Acho que dificilmente lhe serviria estabelecer seu parentesco para conhecimento do seu marido, e arrastá-la de volta à desgraça, depois de ter escapado por vinte anos, onde certamente viveria até o fim de seus dias. Mas acrescente a isso a hipótese de que você a tenha amado, Pip, e tenha feito dela o motivo desses ‘pobres sonhos’, que, em uma época ou outra, estiveram na cabeça de muito mais homens do que você poderia pensar; então eu lhe digo que você faria melhor – e ainda mais cedo o fará, quando pensar bem no assunto – em cortar essa sua mão esquerda enfaixada com sua mão direita enfaixada, e então passar essa mão aqui para o Wemmick, para que a corte também.”

Olhei para Wemmick, cujo rosto se tornara muito sério. Ele pousou seu dedo indicador gravemente sobre os lábios. Eu fiz o mesmo. Mr. Jaggers também. “Agora, Wemmick”, disse o último, retomando seus modos habituais, “em que ponto estávamos quando Mr. Pip entrou?”

Ficando por perto ainda um pouco, enquanto eles trabalhavam, notei que os olhares estranhos que eles tinham lançado um ao outro se repetiram várias vezes, com essa diferença, porém, que cada um parecia suspeitar, para não dizer que parecia saber, que havia se mostrado ao outro sob uma luz desfavorável e não profissional. Por essa razão, eu creio, eles agora eram inflexíveis um com o outro; Mr. Jaggers sendo extremamente autoritário, e Wemmick obstinando-se em justificar-se, sempre que havia a menor ocasião de fazê-lo. Eu nunca os tinha visto em termos tão ruins; pois geralmente eles se davam realmente muito bem juntos.

Mas os dois foram felizmente socorridos pelo oportuno aparecimento de Mike, o cliente com o boné de pele que tinha o hábito de assoar o nariz na manga, e a quem eu tinha visto no primeiro dia em que adentrara aquelas paredes. Esse indivíduo que, por sua própria conta, ou por conta de algum membro da sua família, parecia estar sempre em dificuldades (o que naquele lugar significava Newgate), viera anunciar que sua filha mais velha fora presa

sob suspeita de furto em uma loja. Enquanto ele comunicava essa triste circunstância a Wemmick, e Mr. Jaggers se mantinha magistralmente diante do fogo, sem tomar parte alguma nos acontecimentos, uma lágrima brilhou no olho de Mike.

"O que está querendo agora?", reclamou Wemmick, com a mais profunda indignação. "Por que veio choramingar aqui?"

"Eu não vim para fazer isso, Mr. Wemmick."

"Mas fez", disse Wemmick. "Como ousa? Você não está em condições de vir a esse escritório, se não pode vir aqui sem se derramar como uma pluma ruim. O que pretende com isso?"

"Um homem não pode evitar seus sentimentos, Mr. Wemmick", alegou Mike.

"Seus o quê?", contestou Wemmick, furioso. "Repita!"

"Agora escute aqui, meu bom homem", disse Mr. Jaggers, avançando um passo e apontando para a porta. "Saia deste escritório. Não quero saber de sentimentos aqui. Saia."

"Bem feito para você", disse Wemmick, "Saia."

Assim, o infeliz Mike retirou-se com toda humildade, e Mr. Jaggers e Wemmick pareceram ter restabelecido seu bom entendimento, e voltaram ao trabalho com um ar descansado como se tivessem acabado de almoçar.

CAPÍTULO LII

Da Pequena Inglaterra eu fui, com meu cheque no bolso, até o irmão de Miss Skiffins, o contador; e o irmão de Miss Skiffins, o contador, foi diretamente a Clarriker House e trouxe Clarriker até mim, e eu tive a grande satisfação de concluir aquele arranjo em favor de Herbert. Era a única coisa boa que eu tinha feito, e a única coisa completa que eu tinha feito, desde que fora informado pela primeira vez das minhas grandes esperanças.

Clarriker me informou naquela ocasião que os negócios da Casa Clarriker estavam progredindo constantemente, que ele poderia agora estabelecer uma pequena filial no Oriente, o que era muito necessário para a expansão dos negócios, e que Herbert, na sua qualidade de novo sócio, iria para lá encarregar-se disso. Percebi que devia me preparar para separar-me do meu amigo, antes mesmo que meus próprios negócios estivessem mais organizados. E agora eu sentia, de fato, que minha última âncora estava se soltando do seu cabo, e que logo eu estaria ao sabor dos ventos e das ondas.

Mas me senti recompensado com a alegria com que Herbert veio para casa à noite e me contou sobre essas mudanças, mal imaginando que não me contava novidade alguma. Ele esboçava quadros imaginários: via-se conduzindo Clara Barley à terra das Mil e Uma Noites, e eu juntando-me a eles (com uma caravana de camelos, eu creio), e nós todos subindo o Nilo e vendo maravilhas. Sem ser otimista quanto a minha própria parte nesses planos brilhantes, senti que o caminho de Herbert estava se abrindo rapidamente, e que bastava o velho Bill Barley agarrar-se à sua pimenta e ao seu rum para que sua filha logo estivesse estabelecida na vida.

Estávamos agora no mês de março. Meu braço esquerdo, embora não apresentasse nenhum sintoma ruim, estava levando muito tempo para curar, no curso natural das coisas, e eu ainda não era capaz de vestir um casaco. Meu braço direito estava toleravelmente restabelecido; desfigurado, mas ainda útil.

Em uma segunda-feira de manhã, quando Herbert e eu tomávamos o desjejum, recebi pelo correio a seguinte carta de Wemmick.

“Walworth. Queime esta assim que a ler. No início desta semana, talvez quarta-feira, você poderia fazer aquilo que você sabe, se estiver disposto a tentar. Agora, queime.”

Depois que mostrei a carta a Herbert, e que a joguei no fogo, não

antes que nós dois a tivéssemos decorado, pensamos no que devia ser feito; pois, é claro, não havia mais como fingir que eu não era capaz de fazer nada.

"Pensei nisso muitas e muitas vezes", disse Herbert, "e acho que descobri um meio melhor do que contratar um barqueiro do Tâmisa. Vamos pegar Startop. Ele é um bom camarada, é uma mão hábil, gosta muito de nós, é entusiasmado e honrado."

Eu tinha pensado nele mais de uma vez.

"Mas quanto devemos contar a ele, Herbert?"

"Não é necessário contar-lhe muito. Vamos deixar que ele imagine tratar-se de uma extravagância, porém secreta, até que amanheça o dia: então você lhe dirá que há uma razão urgente para embarcar e afastar Provis. Você vai com ele?"

"Sem dúvida."

"Para onde?"

Sempre tinha me parecido, nas inúmeras reflexões ansiosas que eu fizera sobre esse ponto, que importava muito pouco o porto a que chegaríamos – Hamburgo, Roterdã, Antuérpia – o lugar não significava quase nada, desde que ele estivesse fora da Inglaterra. Qualquer navio a vapor estrangeiro que surgisse em nosso caminho, e nos levasse para fora, serviria bem. Eu sempre tinha me proposto levá-lo em segurança rio abaixo no barco; certamente bem além de Gravesend, que era um lugar crítico para investigações ou buscas, se fosse levantada alguma suspeita. Como os vapores estrangeiros deixavam Londres mais ou menos na hora da maré alta, nosso plano seria descer o rio por uma maré anterior, e ficar em algum lugar tranquilo até que pudéssemos pegar um deles. A hora em que nós poderíamos pegá-lo nesse lugar, onde quer que fosse, poderia ser facilmente calculada se nos informássemos com antecedência.

Herbert concordou com tudo, e nós saímos imediatamente após o desjejum para fazer nossas investigações. Descobrimos que um vapor para Hamburgo provavelmente conviria melhor ao nosso propósito, e dirigimos nossos pensamentos principalmente para esse navio. Mas tomamos nota de que outros navios a vapor estrangeiros deixariam Londres com a mesma maré, e ficamos satisfeitos por conhecer a forma e a cor de cada um. Separamos-nos, então, por algumas horas: eu, para conseguir de imediato os passaportes necessários; Herbert, para ver Startop em seu alojamento. Ambos fizemos o que tínhamos que fazer sem qualquer obstáculo, e, quando nos

encontrarmos de novo à uma hora, tudo estava feito. Eu, da minha parte, estava preparado com os passaportes; Herbert tinha visto Startop, e ele estava mais do que pronto a se juntar a nós.

Combinamos que esses dois deveriam manejar um par de remos, e eu guiaria; o objeto dos nossos cuidados deveria ficar sentado e quieto; como a velocidade não era o nosso objetivo, faríamos caminho suficiente. Combinamos que, nessa noite, Herbert não deveria vir para casa jantar sem antes ir a Mill Pond Bank; que ele não deveria ir lá à noite seguinte, terça-feira; que ele deveria preparar Provis para descer por uma escada, o mais próximo possível da casa, na quarta-feira, quando ele visse que nos aproximávamos, e não antes; que todos os arranjos da parte dele deveriam estar concluídos nesta segunda-feira à noite; e que ele não deveria ser comunicado de nada mais, até que nós o levássemos a bordo.

Essas precauções bem entendidas entre nós, segui para casa.

Ao abrir a porta externa do nosso apartamento com a minha chave, encontrei na caixa uma carta dirigida a mim; uma carta muito suja, embora não fosse mal escrita. Tinha sido entregue em mãos (durante a minha ausência, é claro), e seu conteúdo era este:

“Se você não tem medo de vir aos velhos pântanos, esta noite ou amanhã à noite às nove horas, e de vir até a pequena casa da eclusa, perto do forno de cal, é melhor que venha. Se quer informações a respeito do seu tio Provis, será muito melhor que venha, sem perda de tempo e sem dizer nada a ninguém. Deve vir sozinho. Traga esta carta com você.”

Eu já tinha um peso enorme no espírito antes de receber essa carta estranha. O que devia fazer agora? Eu não sabia dizer. E o pior de tudo, é que eu teria que decidir sem demora, ou perderia a diligência da tarde, que me deixaria lá a tempo para a noite. Eu não podia nem pensar em ir na noite seguinte, pois seria muito perto da hora da nossa fuga. Além do mais, por tudo que eu sabia, a informação oferecida poderia ter uma participação importante na própria fuga.

Se eu tivesse tido bastante tempo para pensar, mesmo assim acredito que teria ido. Sem ter praticamente tempo para pensar, pois meu relógio mostrava que a diligência sairia dentro de meia hora, decidi ir. Eu certamente não teria ido, se não fosse a referência ao meu tio Provis. Mas a chegada dessa carta logo após a carta de Wemmick e os preparativos da manhã, virou a balança.

É tão difícil entender claramente o conteúdo de quase qualquer carta, quando se está com muita pressa, que eu tive que reler essa epístola misteriosa duas vezes, antes que a recomendação de manter seu conteúdo em segredo pudesse entrar maquinalmente em meu espírito. Do mesmo modo mecânico, deixei uma nota a lápis para Herbert, dizendo-lhe que, como eu devia partir logo, sem saber por quanto tempo, tinha decidido ir e voltar a toda pressa, para ver por mim mesmo como Miss Havisham estava passando. Depois disso, mal tive tempo de pegar meu sobretudo, trancar o apartamento, e partir para a estação da diligência pelo caminho mais curto. Se eu tivesse pego um coche de aluguel e passado pelas ruas, teria falhado no meu objetivo; fazendo como fiz, peguei a diligência justo quando ela saía do pátio. Quando voltei a mim, eu era o único passageiro a viajar dentro do veículo, afundado em palha até os joelhos.

Pois eu realmente não tinha sido eu mesmo desde que recebera a carta, de tal forma ela havia me desnorteado, seguindo-se à correria da manhã. A pressa e a agitação da manhã tinham sido enormes, pois, mesmo tendo esperado longa e ansiosamente por uma palavra de Wemmick, sua carta tinha vindo afinal como uma surpresa. E agora eu começava a me perguntar o que estava fazendo na diligência, e a duvidar que tivesse razão suficiente para estar ali, e a pensar se não deveria descer agora mesmo e voltar, e a encontrar argumentos para jamais atender a uma carta anônima; em resumo, a passar por todas as fases de contradição e indecisão, às quais, eu suponho, muito poucas pessoas apressadas sejam estranhas. Mesmo assim, a referência ao nome de Provis dominara tudo. Racionei como já tinha raciocinado antes – se isso podia ser chamado de raciocínio – que, caso lhe acontecesse qualquer coisa de mal por eu não ter ido, eu jamais poderia perdoar-me!

Já era noite antes de chegarmos, e a viagem me pareceu longa e triste, pois eu quase não podia ver nada ali de dentro, e não podia viajar do lado de fora devido ao meu estado de incapacidade. Evitando o “Javali Azul”, decidi por uma hospedaria de menor reputação, mais abaixo na cidade, e pedi alguma coisa para jantar. Enquanto preparavam a refeição, fui até Satis House e perguntei por Miss Havisham; ela ainda estava muito doente, embora achassem que estava um pouco melhor.

Minha hospedaria tinha uma vez feito parte de um antigo convento, e eu jantei em uma sala comum de forma octogonal, como uma fonte batismal. Como eu não estava em condições de cortar os alimentos, o velho

proprietário, um senhor com uma calva resplandecente, o fez para mim. Isso nos levou a conversar, e ele foi bom o suficiente para me entreter com minha própria história – a versão popular, é claro, de que Pumblechook fora meu primeiro benfeitor e o fundador da minha fortuna.

"O senhor conhece esse jovem?", disse eu.

"Se o conheço?", repetiu o proprietário. "Desde que ele era bem pequenininho."

"Ele algum dia voltou a essas redondezas?"

"Sim, ele volta", disse o proprietário, "para visitar seus grandes amigos, de vez em quando, e é muito frio com o homem que fez dele o que ele é."

"Que homem é esse?"

"Aquele de quem lhe falei", disse o proprietário. "Mr. Pumblechook."

"E ele é ingrato com mais alguém?"

"Não há dúvida de que seria, se pudesse", respondeu o proprietário, "mas ele não pode. E por quê? Porque Pumblechook fez tudo por ele."

"E Pumblechook diz isso?"

"Dizer isso!", respondeu o proprietário. "Ele nem precisa dizer."

"Mas ele diz?"

"É de deixar o sangue de um homem branco como vinagre, ouvi-lo contar isso, senhor", disse o proprietário.

Pensei comigo, "Mas você, Joe, querido Joe, você nunca fala disso. Joe, querido e resignado Joe, você nunca reclama. Nem você, minha boa Biddy!"

"Seu apetite foi afetado pelo acidente", disse o proprietário, olhando meu braço enfaixado debaixo do casaco. "Tente um pedaço mais macio."

"Não, obrigado", eu respondi, saindo da mesa para me postar diante do fogo. "Não posso comer mais nada. Por favor, leve embora."

Eu nunca tinha sido golpeado de maneira tão sensível na minha ingratidão para com Joe, do que por esse insolente impostor do Pumblechook. Tudo que ele tinha de falso, Joe tinha de verdadeiro; o que ele tinha de vil, Joe tinha de nobre.

Eu me senti profunda e merecidamente humilhado, enquanto meditava diante do fogo por uma hora ou mais. O toque do relógio me despertou, mas não do meu abatimento ou remorso; eu me levantei, fiz com que pusessem o casaco em volta do meu pescoço, e saí. Eu tinha logo procurado a carta no

bolso, para recorrer novamente a ela, mas não consegui encontrá-la. Fiquei inquieto ao pensar que ela devia ter caído na palha dentro da diligência; eu sabia muito bem, no entanto, que o lugar indicado era a pequena casa da eclusa, junto ao forno de cal, nos pântanos, às nove horas. Dirigi-me então diretamente aos pântanos, pois não tinha tempo a perder.

CAPÍTULO LIII

Era uma noite escura, embora a lua cheia começasse a subir quando deixei as terras cultivadas para entrar nos pântanos. Além da sua linha escura, havia uma faixa de céu claro, não larga o bastante para conter a grande lua vermelha. Em alguns minutos, a lua tinha se elevado acima daquele campo claro, por entre as montanhas de nuvens empilhadas.

Soprava um vento melancólico, e os pântanos eram muito escuros. Um estranho os teria achado insuportáveis, e mesmo para mim, eles eram tão opressivos que eu hesitei, meio inclinado a voltar. Mas eu os conhecia bem, e poderia ter achado meu caminho em uma noite até mais escura; além disso, não tinha nenhuma desculpa para voltar, já que estava lá. Assim, tendo vindo para cá contra a minha vontade, prossegui também contra a vontade.

A direção que eu tomei não era aquela em que ficava a minha velha casa, nem tampouco aquela que tínhamos tomado ao perseguir os condenados. Ao caminhar, eu estava de costas para os Hulks longínquos, e, embora pudesse ver as velhas luzes à distância nos bancos de areia, eu os via por sobre o meu ombro. Eu conhecia o forno de cal do mesmo modo que conhecia o velho forte, mas eles estavam à milhas de distância um do outro; de modo que, se fosse acesa uma luz em cada um desses pontos naquela noite, haveria uma longa faixa de horizonte negro entre os dois pontos luminosos.

No início, tive que fechar alguns portões depois de passar, e, de vez em quando, tinha que parar, enquanto o gado, deitado no caminho inclinado, levantava e cambaleava por entre a grama e os juncos. Mas, pouco depois, pareceu-me que eu tinha a planície inteira para mim.

Levou ainda meia hora, antes que eu me aproximasse do forno de cal. A cal queimava lentamente, com um cheiro sufocante, mas o fogo tinha sido aceso e abandonado, pois não se via nenhum trabalhador. Bem perto, havia uma pequena pedreira. Ficava direto no meu caminho, e haviam trabalhado ali naquele dia, pois vi as ferramentas e os carrinhos de mão espalhados ao redor.

Saindo novamente para o nível do pântano, fora desta escavação que o caminho rústico atravessava, vi uma luz na velha casa da eclusa. Apertei o passo, e bati à porta. Enquanto esperava uma resposta, olhei ao redor, e notei que a eclusa estava abandonada e quebrada, e que a casa – de madeira com

um teto de telhas – não resistiria à intempérie por muito mais tempo, se é que resistia agora, e que a lama e a vaza estavam cobertas de cal, e que o vapor do forno rastejava como um fantasma na minha direção. Nenhuma resposta ainda, e bati de novo. Nenhuma resposta, então experimentei o trinco.

Ele baixou sob a minha mão, e a porta cedeu. Olhando para dentro, vi uma vela acesa em uma mesa, um banco, e um colchão sobre uma cama de armar baixa. Como havia um sótão em cima, chamei, “Há alguém aí?”, mas não houve qualquer resposta. Então olhei para o meu relógio, e ao ver que passava das nove, chamei outra vez, “Há alguém ai?” Como ainda não houve resposta, fui até a porta, indeciso sobre o que fazer.

Estava começando a chover forte. Não vendo nada, além do que já tinha visto, voltei para a casa, e parei sob o vão da porta, olhando para a noite lá fora. Enquanto eu estava pensando que alguém estivera ali recentemente, e logo deveria estar de volta, ou a vela não estaria acesa, tive a ideia de ver se o pavio era longo. Virei-me para fazer isso, e tinha pego a vela na mão, quando ela foi apagada por um choque violento; e a próxima coisa que eu compreendi, foi que eu tinha sido pego em um laço com um forte nó corrediço, jogado por trás sobre a minha cabeça.

“Agora”, disse uma voz abafada, praguejando, “eu o peguei!”

“O que é isso?”, gritei, me debatendo. “Quem é? Socorro, socorro, socorro!”

Não só tive os braços puxados ao lado do corpo, como a pressão em meu braço ferido me causou uma dor infinita. Às vezes a mão de um homem forte, outras vezes o peito de um homem forte, era apertado contra a minha boca para abafar meus gritos, e com um hálito quente sempre perto de mim, lutei em vão no escuro, enquanto era firmemente amarrado à parede. “E agora”, disse a voz abafada, praguejando de novo, “grite outra vez, e faço picadinho de você!”

Fraco e sofrendo com a dor no braço ferido, perturbado pela surpresa, e consciente, no entanto, da facilidade com que essa ameaça pode ser posta em execução, desisti, e tentei aliviar meu braço, por pouco que fosse. Mas estava apertado demais para isso. Eu sentia como se meu braço, depois de ter sido queimado primeiro, agora estivesse sendo fervido.

A súbita substituição da noite escura pelas trevas mais absolutas, advertiram-me que o homem havia fechado uma persiana. Depois de tatear no escuro por algum tempo, ele achou a pederneira e o pedaço de aço que

precisava, e começou a bater para fazer fogo. Eu fixei a vista sobre as faíscas, que caíam sobre o estopim, e sobre o qual ele soprava e soprava, com um fósforo na mão; mas eu só podia ver seus lábios e a chama azul do fósforo, e mesmo assim de modo intermitente. O estopim estava úmido – o que não era de espantar – e as faíscas se extinguiam umas após as outras.

O homem não estava com pressa, e bateu de novo com a pederneira e o aço. Como as faíscas caíam grossas e brilhantes sobre ele, eu podia ver suas mãos e sinais do seu rosto, e podia perceber que ele estava sentado, inclinado sobre a mesa; mas nada mais. Agora eu via seus lábios azuis soprando novamente o estopim, e então uma chama flamejou, e me mostrou que o homem era Orlick.

Quem eu procurava? Não sei dizer. Não era por ele que eu procurava. Vendo-o, senti que realmente estava em perigo, e mantive os olhos fixos sobre ele.

Ele acendeu resolutamente a vela com o fósforo aceso, depois o largou no chão e pisou em cima. Então pôs a vela a certa distância de si sobre a mesa, de modo que pudesse me ver, e sentou-se na mesa com os braços cruzados, olhando para mim. Dei-me conta de que eu estava preso a uma robusta escada perpendicular, a algumas polegadas da parede, fixada ali para permitir o acesso ao sótão.

“Agora”, disse ele, depois de ficarmos encarando um ao outro durante algum tempo, “eu o peguei.”

“Solte-me. Deixe-me ir!”

“Ah!”, ele respondeu, “vou deixar que vá. Vou deixar que vá à lua, vou deixar que vá às estrelas. Tudo a seu tempo.”

“Por que você me atraiu para cá?”

“Você não sabe?” disse ele, com um olhar mortal.

“Por que você se atirou sobre mim na escuridão?”

“Porque pretendia fazer isso tudo por mim mesmo. Uma pessoa sozinha mantém um segredo melhor do que duas. Oh, meu inimigo, meu inimigo!”

Seu prazer diante do espetáculo que eu lhe propiciava, enquanto ele se mantinha sentado na mesa, os braços cruzados, sacudindo a cabeça para mim e abraçando seu corpo, tinha em si uma malignidade que me fez tremer. Enquanto eu o observava em silêncio, ele pôs a mão em um canto ao seu lado, e pegou uma arma com a coronha de cobre.

“Conhece isso?”, disse ele, fazendo um gesto como se apontasse a arma para mim. “Sabe onde viu essa arma antes? Fale, lobo!”

“Sim”, eu respondi.

“Você me tirou daquele emprego. Eu sei que foi você. Fale!”

“Que mais eu poderia fazer?”

“Você fez isso, e só isso bastaria, sem precisar de mais nada. Como ousou se meter entre eu e a moça de quem eu gostava?”

“Quando eu fiz isso?”

“E quando não fez? Foi você quem sempre falou mal do nome do Velho Orlick para ela.”

“Foi você quem fez isso; você mesmo conquistou essa má reputação. Eu não poderia ter lhe feito mal algum, se você não tivesse feito isso consigo mesmo.”

“Você é um mentiroso. E você faria qualquer esforço, e gastaria qualquer dinheiro para me expulsar desta região, não é?”, disse ele, repetindo as palavras que eu dissera a Biddy na última vez que a vi. “Bem, agora vou lhe dar uma notícia. Você nunca teria tido mais razão para me expulsar dessa região do que terá esta noite. Ah! Mesmo que gastasse vinte vezes o dinheiro de que falou, até o último centavo!” Como ele balançou sua mão pesada na minha direção, arreganhando os dentes como um tigre, senti que era verdade.

“O que vai fazer comigo?”

“Eu vou”, disse ele, batendo vigorosamente com o punho sobre a mesa, levantando-se ao dar o golpe para aumentar sua força, “eu vou tirar sua vida!”

Ele inclinou-se para frente, encarando-me, abriu lentamente a mão e passou-a pela boca, como se sua boca salivasse por mim, e voltou a sentar-se.

“Você esteve sempre no caminho do Velho Orlick, desde que era uma criança. E vai sair do seu caminho esta noite mesmo. Ele estará livre de você. Você está morto.”

Eu sentia que chegara à beira do meu túmulo. Por um momento, procurei furiosamente ao meu redor por alguma chance de fuga; mas não havia nenhuma.

“Mais do que isso”, disse ele, cruzando de novo os braços, ainda sentado na mesa, “não vou deixar um fiapo da sua carne, não vou deixar sequer um dos seus ossos aqui na terra. Vou botar seu corpo no forno – posso carregar dois iguais, nas minhas costas – e as pessoas podem supor o que

quiserem sobre você, elas nunca saberão de nada.”

Minha mente seguiu com rapidez inconcebível as consequências de uma morte assim. O pai de Estella acreditaria que eu o tinha abandonado, seria preso e morreria acusando-me; até Herbert duvidaria de mim, quando comparasse a carta que eu tinha lhe deixado com o fato de que eu não ficara mais do que um momento à porta de Miss Havisham; Joe e Biddy nunca saberiam quanta tristeza senti naquela noite; ninguém jamais saberia o quanto eu tinha sofrido, o quanto tinha pretendido ser sincero, por qual agonia havia passado. A morte que estava diante de mim era terrível, mas mais terrível que a morte era o medo de deixar más recordações após a morte. E os meus pensamentos eram tão rápidos, que me vi desprezado por gerações ainda por nascer – os filhos de Estella, e os seus filhos – tudo isso enquanto as palavras do infeliz ainda estavam em seus lábios.

“Agora, lobo”, disse ele, “antes que eu o mate como qualquer outra besta – que é o que eu pretendo fazer, e é por isso que o amarrei – vou dar uma boa olhada em você, e uma boa ferroada também. Ah, meu inimigo!”

Passou pela minha mente a ideia de gritar por socorro de novo, embora poucos conhecessem melhor do que eu a natureza solitária do lugar, e a pouca esperança que havia de qualquer ajuda. Mas enquanto ele se regozijava com o meu sofrimento, senti-me apoiado por um ódio desdenhoso em relação a ele, que selou meus lábios. Acima de tudo, resolvi que não imploraria por minha vida, e que morreria opondo uma última e fraca resistência a ele. Acalmado pelo pensamento de que o resto dos homens está reduzido a essa terrível extremidade, humildemente pedindo perdão ao céu como eu fazia, com o coração desfeito como eu estava pela ideia de que não tinha dito adeus, e agora jamais poderia dizer, àqueles que me eram caros, e nem poderia lhes dar explicações ou pedir que tivessem compaixão pelos meus miseráveis erros – ainda assim, se eu pudesse matá-lo, mesmo enquanto morria, eu o teria feito.

Ele estivera bebendo, e seus olhos estavam vermelhos e injetados. Do seu pescoço pendia uma garrafa de metal, como eu costumava antigamente vê-lo carregar muitas vezes sua comida e bebida. Ele levou a garrafa aos lábios, e tomou um bom gole; e senti o cheiro da bebida forte que vi brilhar em seu rosto.

“Lobo!”, disse ele, cruzando os braços novamente, “O Velho Orlick vai lhe contar uma coisa. Foi você que matou aquela megera da sua irmã.”

De novo, minha mente, com a mesma rapidez inconcebível de antes, esgotou toda a questão do ataque sofrido por minha irmã, sua doença e sua morte, antes que a sua fala lenta e hesitante tivesse formado essas palavras.

“Foi você, bandido”, disse eu.

“Eu digo que foi obra sua – eu digo que foi feito por você”, ele replicou, pegando a arma e dando um golpe com a coronha no espaço vazio que se encontrava entre nós. “Eu cheguei sobre ela por trás, como cheguei sobre você esta noite. Eu bati nela! Deixei-a à morte, e se tivesse havido um forno de cal por perto, como tem um agora perto de você, ela não teria voltado à vida. Mas não foi o Velho Orlick quem fez isso; foi você. Você era favorecido, e ele era maltratado e espancado. Então o Velho Orlick maltratou e espancou, entendeu? Agora, você vai pagar por isso. Foi você que fez, então agora vai pagar.”

Ele bebeu novamente, e tornou-se mais feroz. Eu vi, pela sua inclinação da garrafa, que não restava quase nenhuma bebida. Entendi distintamente que ele tomava coragem com o seu conteúdo para acabar comigo. Eu sabia que cada gota que ele tomava, era uma gota da minha vida. Eu sabia que quando fosse transformado em uma parte desse vapor que rastejara sobre mim, pouco tempo antes, como um fantasma de aviso, ele faria como tinha feito no caso da minha irmã – correria às pressas até a cidade, para ser visto circulando por lá e bebendo nas tabernas. Minha mente rápida perseguiu-o até a cidade, pintou um quadro da rua onde ele estava, e comparou suas luzes e sua vida com os pântanos solitários, e com o vapor branco que rastejava, e no qual eu deveria ser dissolvido.

Eu não apenas podia resumir anos e anos e anos enquanto ele dizia uma dúzia de palavras, mas o que ele dizia representava imagens para mim, e não simples palavras. No estado de excitação e exaltação do meu cérebro, eu não podia pensar em um lugar sem vê-lo, nem em quaisquer pessoas sem vê-las. É impossível exagerar a vivacidade dessas imagens, mas eu estava tão atento a Orlick durante o tempo inteiro – e quem não estaria atento ao tigre prestes a dar o bote! – que conhecia o mais leve movimento dos seus dedos.

Quando ele bebeu essa segunda vez, levantou-se do banco onde estava sentado e empurrou a mesa para o lado. Então pegou a vela, e, obscurecendo-a com sua mão assassina de maneira a lançar a luz sobre mim, parou diante de mim, olhando-me e desfrutando da vista.

“Lobo, vou lhe dizer mais uma coisa. Foi com o Velho Orlick que

você topou na escadaria, naquela noite no Temple.”

Eu vi a escadaria com suas luzes apagadas. Eu vi a sombra dos pesados corrimões projetada na parede pela lanterna do zelador. Vi os quartos que eu jamais voltaria a ver; aqui, uma porta entreaberta; ali, uma porta fechada; e todos os móveis ao redor.

“E por que o Velho Orlick estava lá? Vou lhe dizer mais uma coisa, lobo. Você e ela conseguiram tão bem me escorraçar dessa região, a ponto de me impedir de ganhar um sustento fácil, que arranjei novos companheiros e novos patrões. Alguns deles escrevem as minhas cartas, quando eu preciso – entende? – escrevem minhas cartas, lobo! E escrevem com cinquenta letras diferentes; não são ordinários como você, que só sabe escrever com uma. Eu tinha uma intenção firme e uma vontade firme de tirar a sua vida, desde que esteve aqui no enterro da sua irmã. E não via um modo seguro de fazer isso, então vigiei você para saber das suas idas e vindas. Pois, dizia o Velho Orlick para si mesmo, ‘De um jeito ou de outro, eu o pegarei!’ E o que aconteceu? Ao vigiar você, descobri seu tio Provis, heim?”

Mill Pond Bank, e Chink’s Basin, e o caminho de cordas de Old Green Copper, tudo tão claro e simples! Provis no seu quarto, o sinal que não tinha mais razão de ser, a bonita Clara, a mulher boa e maternal, o velho Bill Barley deitado de costas, tudo sendo levado pela corrente, como o curso rápido da minha vida correndo velozmente para o mar!

“Você e o seu tio! Ora, quando eu o conheci na ferraria do Gargery, você era um lobo tão pequeno que eu podia ter esmagado você entre esse dedo e o polegar, e atirado fora morto (como eu tinha ganas de fazer, naquele tempo, quando o via vadiando entre os juncos nos domingos), e então você não teria achado tio nenhum. Ah, não teria não! Mas quando o Velho Orlick ouviu dizer que seu tio Provis provavelmente tinha usado um ferro na perna que o Velho Orlick tinha encontrado, lixado em dois, nesses pântanos, tantos anos atrás, e que ele guardou até o dia em que o usou para derrubar sua irmã, como um boi, e como ele pretende derrubar você... heim!... quando ele ouviu isso... heim?”

Na sua zombaria selvagem, ele aproximou tanto a vela de mim, que desviei o rosto para escapar da chama.

“Ah!”, ele exclamou, rindo, depois de fazer de novo essa brincadeira, “a criança queimada tem medo do fogo! O Velho Orlick sabe que você foi queimado; o Velho Orlick sabe que você queria tirar o seu tio Provis do país

clandestinamente; o Velho Orlick é páreo para você, e sabia que você viria aqui esta noite! Agora, vou lhe dizer mais uma coisa, lobo, e é a última. Tem pessoas que são um páreo duro para o seu tio Provis, como o Velho Orlick tem sido para você. Que ele tome cuidado com eles, quando perder seu sobrinho! Que ele tome cuidado com eles, quando ninguém puder encontrar um fiapo das roupas do seu querido parente, nem sequer um osso do seu corpo. Tem pessoas que não querem e não podem permitir que Magwitch – sim, eu sei o nome dele! – viva na mesma terra que eles, e que tinham informações sobre ele quando vivia em outra terra, de onde ele não podia e não devia ter saído sem colocá-los em perigo. Talvez sejam esses que escrevem com cinquenta letras diferentes, e não são ordinários como você que só escreve com uma. Eles conhecem Compeyson, Magwitch e a forca!”

Ele aproximou a vela de mim novamente, enfumaçando meu rosto e meus cabelos, e cegando-me por um momento; depois ele me virou as costas largas, enquanto trocava a vela sobre a mesa. Eu disse uma oração em pensamento, e estava com Joe, Biddy e Herbert, antes que ele se virasse outra vez para mim.

Havia um espaço livre de cerca de um metro, entre a mesa e a parede oposta. Nesse espaço, ele agora andava de um lado para o outro. Sua grande força parecia ter aumentado ainda mais, enquanto ele se movia assim, com as mãos pendendo soltas e pesadas dos lados do corpo, e os olhos furiosos fixados sobre mim. Não me restava qualquer esperança. Apesar da violência da minha agitação interior, e da força espantosa das imagens que corriam em minha mente no lugar dos pensamentos, eu ainda podia entender claramente que, a menos que ele tivesse decidido que eu devia morrer dentro de alguns momentos, à revelia de qualquer conhecimento humano, ele nunca teria me contado tudo o que acabara de contar.

De repente, ele parou, tirou a rolha da garrafa e jogou-a fora. Leve como era, eu a ouvi cair como se fosse um chumbo. Ele engolia devagar, inclinando a garrafa para cima aos poucos, e então não me olhou mais. Em seguida, derramou as últimas gotas da bebida na palma da mão e lambeu. Depois, com súbita violência e praguejando terrivelmente, atirou a garrafa longe e inclinou-se; e eu vi em sua mão um martelo de pedra com um cabo longo e pesado.

A resolução que eu tomara não me abandonou, pois, sem lhe dirigir uma só palavra de apelo inútil, comecei a gritar com todas as minhas forças, e

a lutar com todas as minhas forças. Eu só podia mover a cabeça e as pernas; mas mesmo assim lutei com toda força que havia dentro de mim, e que até então me era desconhecida. No mesmo instante, ouvi gritos em resposta aos meus, vi figuras e um facho de luz na direção da porta, ouvi vozes e tumulto, e vi Orlick sair do meio de alguns homens, dar um salto sobre a mesa, como uma queda d'água, e desaparecer na escuridão da noite.

Depois de um lapso de consciência, descobri que eu estava deitado no chão, sem amarras, no mesmo lugar, com a cabeça no colo de alguém. Meus olhos estavam fixos na escada presa contra a parede, quando voltei a mim, pois a percebi antes que minha mente a visse. Assim, quando recuperei a consciência, descobri que ainda estava no lugar em que a tinha perdido.

Muito indiferente a princípio, mesmo para olhar em volta e ver quem me segurava, fiquei deitado olhando a escada, quando um rosto se interpôs entre ela e eu. Era o rosto do rapaz do Trabb!

"Creio que ele está bem!", disse o rapaz do Trabb, em uma voz tranquila; "mas ainda está um pouco pálido, me parece!"

A essas palavras, o rosto daquele que me segurava examinou o meu, e vi que se tratava de...

"Herbert! Deus do céu!"

"Calma", disse Herbert. "Devagar, Handel. Não fique tão ansioso."

"E nosso velho amigo Startop!", exclamei, quando ele também se inclinou sobre mim.

"Lembre-se daquele assunto em que ele vai nos ajudar", disse Herbert "e fique tranquilo."

A alusão me fez dar um pulo, embora a dor no meu braço me fizesse cair de novo. "A hora ainda não passou, Herbert, não é? Que dia é hoje? Por quanto tempo estive aqui?" Pois eu tinha o estranho e forte sentimento de que estivera deitado lá por muito tempo: um dia e uma noite... dois dias e duas noites... mais, talvez.

"A hora não passou. Ainda estamos na segunda-feira à noite."

"Graças a Deus!"

"E você tem todo o dia de amanhã, terça-feira, para descansar", disse Herbert. "Mas você não para de gemer, meu querido Handel. Onde está ferido? Pode ficar de pé?"

"Sim, sim", disse eu, "eu posso caminhar. Não estou ferido em lugar nenhum, além desse braço machucado."

Eles o desnudaram, e fizeram o que podiam para me aliviar. Meu braço estava extremamente inchado e inflamado, e eu mal podia suportar que o tocassem. Mas eles rasgaram seus lenços para fazer bandagens novas, e o recolocaram cuidadosamente na tipoia, até que pudéssemos ir à cidade e obter uma loção calmante para colocar no ferimento. Em pouco tempo, tínhamos fechado a porta da casa da eclusa, que ficou escura e vazia, e passávamos pela pedreira em nosso caminho de volta. O rapaz do Trabb – já um homem feito que trabalhava com o Trabb, àquela altura – ia na frente com uma lanterna, e era essa luz que eu tinha visto aparecer à porta. Mas a lua já estava umas duas horas mais alta no céu do que quando eu a vira por último, e a noite, embora chuvosa, estava muito mais clara. O vapor branco que saía do forno passava por nós enquanto andávamos, e como antes eu tinha mentalmente feito uma prece, agora fiz uma ação de graças.

Suplicando a Herbert que me contasse como ele viera em meu socorro – o que, no princípio, ele tinha simplesmente se recusado a fazer, insistindo em que eu ficasse quieto – eu soube que, na pressa, havia derrubado a carta anônima aberta no nosso apartamento, onde, voltando para casa com Startop, a quem ele tinha encontrado na rua, ele a encontrou, logo depois que eu havia partido. O tom da carta o deixou inquieto, mais ainda por causa da inconsistência entre o teor desta carta e o bilhete precipitado que eu tinha lhe deixado. Como sua inquietude aumentava em vez de diminuir, depois de pensar por um quarto de hora, ele partiu para a estação da diligência com Startop, que se ofereceu para acompanhá-lo, para perguntar quando partiria a próxima diligência. Descobrindo que a diligência da tarde já havia partido, e que sua inquietude se transformava positivamente em alarme conforme os obstáculos surgiam em seu caminho, ele decidiu seguir na diligência do correio. Assim, ele e Startop chegaram ao “Javali Azul” contando encontrar-me lá, ou ao menos alguma notícia sobre mim. Mas, não encontrando nenhuma, foram até a casa de Miss Havisham, onde perderam meu rastro. Depois disso, voltaram ao hotel (sem dúvida mais ou menos na hora em que eu estava ouvindo a versão local popular da minha própria história) para refrescar-se um pouco e conseguir alguém que os guiasse até os pântanos. Entre os ociosos parados na porta do “Javali Azul” aconteceu de encontrarem o rapaz do Trabb – fiel ao seu antigo hábito de aparecer em todos os lugares onde ele não tinha nada para fazer – e o rapaz do Trabb tinha me visto sair da casa de Miss Havisham na direção do lugar onde eu jantara. Assim, o rapaz

do Trabb tornou-se o guia, e eles se dirigiram à casa da eclusa acompanhados por ele, embora fossem pelo caminho da cidade para os pântanos, que eu tinha evitado. Enquanto andava, Herbert refletiu que eu podia, afinal, ter sido chamado ali em alguma incumbência genuína e útil para a segurança de Provis, e considerando que, nesse caso, a interrupção poderia ser prejudicial, deixou seu guia e Startop na borda da pedreira, e continuou sozinho, andando de modo furtivo em torno da casa duas ou três vezes, tentando averiguar se tudo estava em ordem lá dentro. Como ele não podia ouvir nada além dos sons indistintos de uma voz áspera e profunda (isso se passou quando minha mente estava tão ocupada), ele por fim começou a duvidar que eu estivesse lá, quando de repente me ouviu gritar com todas as forças; ele então respondeu aos gritos, e precipitou-se para dentro, seguido de perto pelos outros dois.

Quando contei a Herbert o que tinha se passado dentro da casa, ele queria procurar imediatamente um magistrado na cidade, apesar da hora avançada, e conseguir um mandado de prisão. Mas eu já tinha pensado que uma atitude como essa, ao nos deter ali ou nos obrigar a voltar, poderia ser fatal para Provis. Não havia como negar essa dificuldade, e renunciamos a qualquer ideia de perseguir Orlick naquele momento. Dadas as circunstâncias, julgamos prudente tratar do assunto ligeiramente com o rapaz do Trabb; este, estou convencido, teria ficado extremamente decepcionado, se soubesse que sua intervenção tinha me salvado do forno de cal. Não que o rapaz do Trabb tivesse uma natureza maligna, mas tinha muita vivacidade não utilizada, e era da sua natureza querer variedade e excitação à custa de qualquer um. Quando nos despedimos, eu o presenteei com dois guinéus (que pareceram estar de acordo com o que ele esperava), e lhe disse que eu lamentava um dia ter tido uma opinião desfavorável sobre ele (o que não lhe causou a menor impressão).

Como a quarta-feira estava muito próxima, resolvemos voltar para Londres nessa mesma noite, os três na diligência do correio; quando menos, para estarmos bem longe, antes que começasse o falatório sobre a aventura da noite. Herbert conseguiu uma garrafa grande do produto para o meu braço, e, à força de derramá-lo sobre os meus ferimentos, durante toda a noite, fui capaz de suportar a dor durante a viagem. Já era dia claro quando chegamos ao Temple; fui imediatamente para cama, e passei deitado o dia todo.

Enquanto estava deitado, meu temor de cair doente e ficar

incapacitado para o dia seguinte era tão angustiante, que me espanta que esse temor sozinho não tenha me deixado inteiramente incapaz. Isso teria ocorrido, com certeza, com a fadiga e o desgaste mental que eu havia sofrido, se não fosse a tensão sobrenatural exercida sobre mim pelo dia de amanhã. Olhava ansiosamente para o futuro, também, carregado com tantas consequências, de resultados tão impenetráveis, mesmo estando tão próximos.

Nenhuma precaução poderia ser mais óbvia do que evitar qualquer comunicação com Provis naquele dia, embora isso aumentasse ainda mais minha inquietude. Eu me assustava com cada passo, com cada som, acreditando que ele fora descoberto e preso, e que era um mensageiro chegando para me dar a notícia. Eu me convenci de que sabia que ele fora preso; que havia algo mais em minha mente do que um medo ou um pressentimento; que o fato tinha acontecido, e eu soubera por meios misteriosos. O dia passou, sem que chegasse nenhuma má notícia. Como o dia chegava ao fim, e caía a escuridão, meu vago temor de estar completamente inválido para o dia seguinte me dominou. Meu braço queimado latejava, minha cabeça queimada latejava, e imaginei que estava começando a delirar. Comecei a contar até números bem elevados, para me certificar do meu estado, e repetia passagens de textos que eu conhecia em prosa e verso. Às vezes, como um simples escape para uma mente exausta, eu cochilava por alguns momentos e esquecia; então dizia para mim mesmo, ao acordar sobressaltado, “Chegou a hora, e eu estou delirando!”

Deixaram-me bem tranquilo o dia todo, trocaram as bandagens do meu braço constantemente e me deram bebidas refrescantes. Sempre que eu dormia, acordava com a ideia que eu havia tido na casa da eclusa, de que havia transcorrido muito tempo, e que a oportunidade para salvar Provis se fora. Em torno da meia-noite, saí da cama e fui até Herbert, com a convicção de que eu tinha dormido por vinte e quatro horas, e que a quarta-feira havia passado. Foi o último esforço da minha excitação exaustiva, pois depois disso dormi profundamente.

A manhã de quarta-feira estava surgindo quando olhei pela janela. As luzes que piscavam sobre as pontes já tinham empalidecido, e o sol nascente era como um lago de fogo no horizonte. O rio, ainda escuro e misterioso, era atravessado pelas pontes, que assumiam um ar cinza e fio, e aqui e ali, no topo, um toque de calor enviado pelo céu flamejante. Enquanto eu olhava

para o amontoado de telhados, para as torres das igrejas e os pináculos, elevando-se no dia excepcionalmente claro, o sol se levantou, e um véu pareceu ser retirado do rio, e milhões de faíscas surgiram em suas águas. De mim, também, um véu parecia ter sido tirado, e me senti forte e saudável.

Herbert estava adormecido em sua cama, e nosso velho companheiro de estudos dormia no sofá. Não pude me vestir sem ajuda, mas acendi o fogo que ainda queimava, e deixei um pouco de café pronto para eles. Logo eles também se levantaram, fortes e saudáveis, e deixamos entrar pelas janelas o fresco ar matinal, enquanto olhávamos para a maré que ainda fluía em nossa direção.

"Quando a maré virar às nove horas", disse Herbert, alegremente, "procure por nós, e tratem de ficar prontos, vocês, lá em Mill Pond Bank!"

CAPÍTULO LIV

Era um daqueles dias de março em que o sol brilha quente e o vento sopra frio, quando é verão no sol e inverno na sombra. Nós usávamos nossas japonas, e eu levava uma sacola de viagem. De todos os meus bens terrenos, não levei senão os poucos artigos de primeira necessidade que enchiam a sacola. Para onde eu iria, o que iria fazer, ou quando voltaria, eram questões cujas respostas eu desconhecia por completo; nem perturbei meu espírito com isso, pois tinha a mente fixa apenas na segurança de Provis. Só me perguntei por um breve momento, quando parei na porta e olhei para trás, sob quais circunstâncias diferentes eu voltaria a ver esse apartamento, se é que um dia o veria de novo.

Descemos devagar para o píer do Temple, e paramos ali por um tempo, como se ainda não estivéssemos decididos a entrar na água. Evidentemente, eu havia cuidado para que o barco estivesse pronto e todas as coisas em ordem. Depois de mostrar um pouco de indecisão, que ninguém testemunhou, além das duas ou três criaturas anfíbias que pertenciam ao píer do Temple, subimos a bordo e soltamos os cabos; Herbert na proa, eu ao leme. A maré então estava alta, pois eram oito e meia.

Nosso plano era este: a maré começando a baixar às nove horas, e nos acompanhando até as três horas, nossa intenção era continuar depois que ela virasse, e remar contra ela na escuridão. Deveríamos estar então nos longos cursos abaixo de Gravesend, entre Kent e Essex, onde o rio é largo e solitário, onde os habitantes das margens são muito poucos, e onde há albergues esparsos, aqui e ali, entre os quais poderíamos escolher um para nosso lugar de descanso. Pretendíamos passar toda a noite ali. O vapor para Hamburgo e o vapor para Rotterdam deviam deixar Londres na quinta-feira de manhã, em torno das nove horas; nós saberíamos a que hora esperá-los, conforme o lugar onde estivéssemos, e faríamos sinal para o primeiro; de sorte que, se por algum acaso não pudessem nos aceitar a bordo, ainda teríamos uma segunda chance. Conhecíamos bem as marcas distintivas de cada navio.

O alívio que eu sentia por estar afinal começando a execução do nosso plano era tão grande, que eu achava difícil acreditar no estado em que me encontrava apenas algumas horas antes. O ar fresco, a luz do sol, o movimento dos barcos no rio, e o movimento do próprio rio – a água que nos levava, parecendo simpatizar conosco, nos animar, nos encorajar – renovou-

me com novas esperanças. Eu me sentia envergonhado por ser de tão pouca utilidade no barco; mas havia poucos remadores melhores que os meus dois amigos, e eles remavam com uma regularidade que deveria durar o dia inteiro.

Naquela época, o tráfego de vapores pelo Tâmisa estava bem longe de ser tão extenso quanto é hoje, e os barcos pequenos eram muito mais numerosos. Havia, talvez, tantas barcaças, navios carvoeiros e navios mercantes quanto agora; mas navios a vapor, grandes ou pequenos, não eram nem a décima ou a vigésima parte tão numerosos. Mesmo cedo como era, havia muitos remadores indo e vindo naquela manhã, e várias barcaças descendo com a maré; a navegação do rio entre as pontes, em barcos abertos, era algo muito mais fácil e comum naqueles dias do que hoje, e nós prosseguimos vivamente, em meio a muitas catraias e balsas.

Logo passamos a velha ponte de Londres e o velho mercado de Billingsgate, com seus barcos de ostras e holandeses, e a Torre Branca, e o Portão dos Traidores, e então nos vimos em meio a fileiras de navios. Aqui estavam os vapores de Leith, Aberdeen e Glasgow, carregando e descarregando mercadorias, que pareciam imensamente altos acima da água, quando passamos ao seu lado; ali, os navios carvoeiros com marcas na madeira, e os carregadores de carvão colocando estrados no deque, como contrapesos para as medidas de carvão que eles levantavam e colocavam depois em cima das barcaças; aqui, no seu ancoradouro, estava o vapor de amanhã para Rotterdam, no qual reparamos bem; e ali o vapor de amanhã para Hamburgo, sob cujo gurupés nós passamos. E agora, sentado na popa, eu podia ver, com o coração batendo mais rápido, Mill Pond Bank e o píer de Mill Pond.

“Ele está lá?”, disse Herbert.

“Ainda não.”

“Certo! Ele não deve descer até que nos veja. Você está vendo o sinal?”

“Não muito bem, daqui; mas acho que o vejo... Agora estou vendo! Juntos agora. Devagar, Herbert, puxe os remos!”

Tocamos levemente na escadaria do píer por um único momento; Provis logo estava a bordo, e partimos de novo. Ele usava um capote escuro, e levava uma sacola de lona preta; e se parecia mais com um piloto de rio do que o meu coração poderia ter desejado.

“Meu querido menino!”, ele disse, pondo o braço em meu ombro, enquanto tomava seu lugar. “Meu menino querido e fiel, muito bem! Obrigado, obrigado!”

E de novo estávamos entre as fileiras de navios, entrando e saindo, evitando cabos enferrujados, amarras de cânhamo desfiadas, e boias subindo e descendo; navegando por um momento entre as cestas quebradas, as lascas e fragmentos de madeira que flutuavam esparsos, a escória de carvão flutuante; entrando e saindo, passando sob a figura de proa de John de Sunderland, fazendo um discurso aos ventos (como fazem muitos Johns), e de Betsy de Yarmouth, com seu peito firme e seus olhos protuberantes saltando duas polegadas para fora da cabeça; entrando e saindo, passando por martelos trabalhando nos pátios dos estaleiros, por serras cortando a madeira, por máquinas barulhentas operando coisas desconhecidas, bombas esvaziando navios alagados, cabrestantes girando, navios saindo para o mar, e criaturas marinhas ininteligíveis conjurando maldições por cima das amuradas para tripulantes respondentes; entrando e saindo... e, por fim, saindo para as águas limpas do rio, onde os marujos podem lançar suas defensas, não mais pescando nas águas turbulentas que ficam do outro lado, e onde as velas enfeitadas podem ser desfraldadas ao vento.

No píer onde embarcamos Provis, e desde então, eu tinha procurado em vão por qualquer sinal de que fôssemos suspeitos. Mas não vi nenhum. Certamente não éramos suspeitos naquele momento, e certamente não tínhamos sido precedidos ou seguidos por qualquer barco. Se tivéssemos sido escoltados por algum barco, eu o teria corrido para a margem, e o obrigado a continuar ou a declarar seu propósito. Mas seguimos em nosso próprio curso, sem qualquer sinal de sermos molestados.

Provis usava sua japona de marinheiro, e parecia, como eu disse, uma parte natural da cena em que estávamos. Era notável (mas talvez a vida miserável que ele tinha levado pudesse explicar isso) que ele não tivesse a menor inquietação a respeito de qualquer um de nós. Ele não era indiferente ao perigo, pois me disse que esperava viver para ver o seu cavalheiro se tornar um dos melhores cavalheiros em um país estrangeiro; também não estava disposto a ser passivo ou resignado, pelo que eu entendi; mas ele não tinha a menor noção de que podíamos encontrar perigo no caminho. Quando o perigo chegava, ele o enfrentava, mas era preciso que viesse, antes que ele se inquietasse.

“Se você soubesse, meu menino”, ele me disse, “o que é sentar aqui ao lado do meu querido menino, fumando meu cachimbo, depois de ter passado dia após dia entre quatro paredes, você me invejaria. Mas você não sabe o que é isso.”

“Eu creio que conheço as delícias da liberdade”, eu respondi.

“Ah”, disse ele, balançando a cabeça gravemente. “Mas não conhece como eu. É preciso ter vivido sob trancas e chaves, meu menino, para conhecer isso como eu... mas não quero ser baixo.”

Ocorreu-me o quanto era incoerente que, por uma ideia fixa, ele tivesse posto em perigo a sua liberdade, e até mesmo a sua vida. Mas refleti que talvez a liberdade sem perigo fosse algo muito além de todos os hábitos da sua existência, para que representasse para ele o que representaria para outro homem. Eu não estava muito longe da verdade, pois ele disse, depois de fumar um pouco:

“Você vê, meu menino, quando eu vivia lá longe, do outro lado do mundo, eu estava sempre olhando para este lado; e se tornou aborrecido viver lá, pois eu estava ficando rico. Todo mundo conhecia Magwitch, e Magwitch podia ir, e Magwitch podia vir, e ninguém se incomodava com ele. Eles não são tão afáveis comigo aqui, querido menino... ou ao menos não seriam, se soubessem onde eu estava.”

“Se tudo correr bem”, disse eu, “o senhor estará perfeitamente livre e seguro de novo, dentro de algumas horas.”

“Bem”, ele respondeu, com um suspiro profundo, “assim espero.”

“E acredita nisso?”

Ele mergulhou a mão na água, por sobre a borda do barco, e disse, sorrindo daquele modo suave que não era novo para mim:

“Sim, eu acho que acredito, querido menino. Seria uma surpresa se estivéssemos mais tranquilos e à vontade do que estamos no momento. Mas... é uma brisa tão suave e agradável sobre a água, talvez, que me faz refletir... Eu estava pensando agora há pouco, enquanto fumava, que nós não podemos ver mais além das próximas horas, do que podemos ver no fundo desse rio, cuja água tento agarrar. Nem podemos segurar os acontecimentos que virão, como não posso segurar essa água. Ela escorre pelos meus dedos e desaparece, você vê!” disse ele, levantando a mão molhada.

“Mas pelo seu rosto, eu diria que o senhor parece um pouco desanimado”, disse eu.

“Nem um pouco, meu menino! Isso é por conta da água que flui tão calma, e que ondula à frente do barco murmurando um tipo de salmo de domingo. Talvez eu esteja ficando um tanto velho, também.”

Ele pôs de novo o cachimbo na boca com uma expressão imperturbável, e sentou-se calmo e satisfeito, como se já estivéssemos fora da Inglaterra. Mesmo assim, ele era tão receptivo a uma palavra de aviso, como se tivesse estado sob terror constante; quando paramos à margem para pegar algumas garrafas de cerveja e trazer para o barco, e ele ia descer a terra, eu insinuei que achava que ele estaria mais seguro onde estava, e ele disse. “Você acha, meu menino?” e voltou calmamente a sentar-se.

O ar sobre o rio era frio, mas fazia um belo dia, e os raios de sol eram animadores. A maré corria rápida; tomei cuidado para aproveitá-la, e nossa remada firme e regular nos mantinha em um bom curso. Imperceptivelmente, enquanto a maré baixava aos poucos, nós nos afastávamos cada vez mais dos bosques e das colinas mais próximas, e entrávamos cada vez mais por entre os bancos de vasa, mas ainda seguíamos a maré quando passamos por Gravesend. Como o motivo do nosso cuidado estava embrulhado em sua japona, eu passei de propósito, a uma distância de um barco ou dois, da alfândega flutuante; e mais adiante, para voltar à corrente, junto a dois navios de emigrantes, e pela frente de um grande navio de transporte com tropas no castelo de proa, que olharam para nós lá em baixo. Logo a maré começou a afrouxar, e o artefato que segurava a âncora começou a balançar, e agora tudo balançava ao redor; e os navios que queriam aproveitar a nova maré para subir o rio começaram a passar em frota sobre nós, que nos mantínhamos, tanto quanto possível, perto da margem, longe da força da maré, evitando com todo cuidado os baixios e bancos de areia.

Nossos remadores estavam tão descansados, deixando de vez em quando o barco seguir a maré por um ou dois minutos, que um quarto de hora de descanso lhes bastava. Ficamos perto da margem sobre algumas pedras limosas, para comer e beber o que havíamos trazido conosco, olhando bem ao redor. Esse lugar era parecido com a minha região de pântanos, plana e monótona, com seu horizonte sombrio; o rio sinuoso girava e girava, e as grandes boias flutuantes giravam e giravam, e tudo parecia calmo e parado. Agora, o último navio da frota dobrara a última ponte baixa que havíamos passado; a última barcaça verde, carregada de palha, com uma vela marrom, o seguira; alguns barcos de lastro, construídos como a primeira imitação

grosseira de um barco, feita por uma criança, estavam profundamente encravados na vasa; o pequeno farol baixo, construído sobre pilotis, mostrava-se desamparado na lama, sobre suas estacas e escoras; as estacas viscosas saíam da lama, pedras viscosas saíam da lama, marcos vermelhos saíam da lama, sinalizadores de maré saíam da lama, e uma velha plataforma e uma velha construção sem teto repousavam sobre a lama, e em torno de nós tudo era apenas estagnação e lama.

Nós voltamos a navegar, e avançamos em nosso percurso tanto quanto nos foi possível. Era muito mais difícil remar agora, mas Herbert e Startop foram perseverantes, e remaram, remaram, remaram, até o pôr-do-sol. A essa altura o rio nos elevara um pouco, de modo que podíamos ver além da margem. Víamos o sol vermelho ao fundo do horizonte, em uma névoa púrpura que rapidamente se tornava escura, e os pântanos solitários e planos; e mais ao longe víamos as colinas, e entre elas e nós parecia não existir vida, se não fosse aqui e ali, no primeiro plano, uma gaivota melancólica.

Como a noite caía depressa, a lua cheia havia passado, e a lua não se elevaria tão cedo, tivemos um pequeno conselho; foi de curta duração, pois era evidente que o que devíamos fazer era parar na primeira taberna solitária que pudéssemos encontrar. Assim, pusemos de novo os remos em movimento, enquanto eu procurava algo parecido com uma casa. Mantivemos esse curso, falando pouco, por quatro ou cinco longas milhas. Fazia muito frio, e um navio carvoeiro, aproximando-se de nós com seu fogo aceso e brilhante, pareceu-nos um lar confortável. A noite era tão escura naquele momento como devia ser até o amanhecer, e a pouca luz que tínhamos parecia vir mais do rio que do céu, quando os remos, ao mergulhar fundo na água, refletiam algumas estrelas.

Nesse momento sombrio, nós nos sentíamos todos obcecados pela ideia de que alguém nos seguia. A maré, ao subir, batia pesadamente, a intervalos irregulares, contra a margem; e sempre que esse barulho chegava até nós, um ou outro sempre fazia um movimento de alerta, e olhava naquela direção. Aqui e ali, a correnteza cavava na margem um pequeno riacho, e nós suspeitávamos desses lugares, observando-os ansiosamente. Às vezes, algum de nós dizia em voz baixa, “O que foi esse barulho?”. Ou outro perguntava, “Aquilo lá é um barco?” Depois caíamos em um profundo silêncio, e eu ficava a pensar com impaciência no barulho incomum que os remos faziam nas argolas em que estavam presos.

Afinal, descobrimos uma luz e um teto, e logo depois deslizávamos ao longo de um pequeno dique, feito de pedras que haviam sido recolhidas ali por perto. Deixando os demais no barco, saltei à terra, e descobri que a luz vinha da janela de um albergue. Era um lugar bastante sujo, e ouso dizer que não devia ser desconhecido dos contrabandistas; mas havia um bom fogo na cozinha, e havia ovos com toucinho para comer, e vários tipos de bebida para beber. Havia, também, dois quartos com duas camas, “exatamente como estão”, como nos disse o proprietário. Não havia ninguém na casa além do proprietário, sua mulher, e uma criatura do sexo masculino, grisalho, o marinheiro encarregado do pequeno dique, que estava tão sujo e coberto de lama como se ele também fosse um sinalizador de maré.

Com esse assistente, voltei ao barco, e todos descemos à terra, trazendo conosco os remos, o leme, os ganchos do barco, e tudo mais, e tiramos o barco da água para a noite. Fizemos uma refeição muito boa junto ao fogo da cozinha, e então fomos para os quartos: Herbert e Startop ocuparam um; eu e o nosso objeto de cuidados ficamos no outro. Descobrimos que o ar fora cuidadosamente excluído tanto de um quanto do outro, como se o ar fosse fatal para a vida; e havia mais roupa suja e caixas de chapéus sob as camas do que eu teria imaginado que a família possuísse. Mas nós nos consideramos bem arranjados, no entanto, pois seria impossível ter encontrado um lugar mais solitário.

Enquanto nos reconfortávamos diante do fogo, após a refeição, o marinheiro, que estava sentado em um canto, e que tinha um enorme par de sapatos, que ele havia exibido enquanto comíamos nossos ovos e toucinho, como uma relíquia interessante que ele havia pego alguns dias antes dos pés de um marinheiro afogado – me perguntou se não tínhamos visto uma galera de quatro remos subindo com a maré? Quando eu lhe disse que não, ele disse que ela devia ter descido então, embora tivesse “subido” quando saíra dali.

“Eles devem ter achado melhor não subir, por uma razão ou outra”, disse o marinheiro, “e então desceram.”

“Uma galera de quatro remos, o senhor disse?” eu perguntei.

“Sim, senhor”, confirmou o marinheiro, “e havia dois sentados sem remar.”

“Eles desceram aqui?”

“Eles vieram aqui com uma botija de dois galões, para encher de cerveja. Eu ficaria contente de envenenar essa bebida”, disse o marinheiro,

“ou de botar alguma coisa dentro.”

“Por quê?”

“Eu sei bem o porquê”, disse o marinheiro. Ele falava com uma voz viscosa, como se houvesse um bocado de lama em sua garganta.

“Ela acha”, disse o proprietário, homem pouco meditativo, de olhos pálidos, que parecia confiar muito no seu marinheiro, “ele acha que eles eram o que eles não eram.”

“Eu sei o que eu acho”, observou o marinheiro.

“Você acha que eles eram fiscais da alfândega?”, disse o proprietário.

“Acho”, disse o marinheiro.

“Então você está enganado.”

“É mesmo?”

Nos significados infinitos da sua resposta e na sua confiança sem limites em sua perspicácia, o marinheiro tirou um dos seus sapatos enormes, olhou-o, bateu fora algumas pedras que estavam dentro no chão da cozinha, e calçou-o novamente. Fez isso com o ar de alguém que tinha tanta razão, que podia se permitir fazer qualquer coisa.

“Ora, o que você acha então que eles fizeram com seus botões?”, perguntou o proprietário, hesitando um pouco.

“O que fizeram com seus botões?”, respondeu o homem. “Atiraram pela amurada. Engoliram. Plantaram para colher um pouco de salada. Ora essa! O que fizeram com seus botões!”

“Não seja insolente”, protestou o proprietário, de um modo melancólico e patético.

“Um oficial da alfândega sabe o que deve fazer com seus botões”, disse o marinheiro, repetindo a palavra nefasta com o maior desprezo, “quando se põem entre ele e a sua luz. Quatro remadores e dois homens sentados não andam vagando por aí, subindo com uma maré e descendo com a outra, a favor ou contra a correnteza, sem que a alfândega esteja metida nisso até o fundo.” Dizendo isso, ele saiu com um ar de desdém; e o proprietário, não tendo com quem discutir, achou impraticável continuar com a conversa.

Esse diálogo nos deixou a todos inquietos e a mim muito mais do que aos outros. Um vento triste murmurava em volta da casa, a maré batia agitada na costa, e eu tive o pressentimento de que estávamos encurralados e ameaçados. Uma galera de quatro remos, vagando por aí de modo tão

inusitado a ponto de atrair a atenção, era uma péssima circunstância, e me causava um temor do qual eu não conseguia me livrar. Quando convenci Provis a ir para cama, saí com meus dois companheiros (a essa altura, Startop já conhecia a situação) e tivemos outro conselho. Deveríamos permanecer na casa até perto da hora em que chegaria o vapor, que devia ser em torno da uma hora da tarde, ou deveríamos sair logo de manhã cedo? Essa era a questão a ser discutida. No geral, julgamos melhor ficar onde estávamos até uma hora ou duas antes da chegada do vapor, e então sair no seu rastro, remando facilmente a favor da maré. Tendo resolvido por esse curso de ação, voltamos para a casa e fomos para cama.

Eu me deitei com a maior parte das minhas roupas, e dormi bem por algumas horas. Quando acordei, o vento tinha subido, e o letreiro da estalagem (O Navio) balançava e rangia, com um barulho que me fez acordar assustado. Levantando-me quietamente, pois o objeto dos meus cuidados dormia profundamente, olhei pela janela. Ela dava ampla vista para o dique por onde tínhamos puxado nossa embarcação, e como meus olhos se acostumaram à luz da lua, vi dois homens olhando para o barco. Eles passaram sob a janela, sem olhar para nada mais, e não desceram para o desembarcadouro, que eu podia ver que estava vazio, mas pegaram o caminho do pântano em direção ao norte.

Meu primeiro impulso foi chamar Herbert, e mostrar-lhe os dois homens indo embora. Mas antes de entrar no seu quarto, que ficava nos fundos da casa junto do meu, refleti que ele e Startop tinham tido um dia mais duro e estavam mais cansados, e me contive. Voltando à minha janela, eu podia ver os dois homens se movendo pelo pântano. Naquela luz, porém, eu logo os perdi de vista, e, sentindo muito frio, deitei-me para pensar no assunto, e voltei a dormir.

Levantamo-nos bem cedo. Enquanto andávamos por aqui e por ali, todos os quatro, antes do desjejum, julguei que devia contar-lhes o que tinha visto. De novo, foi Provis quem se mostrou o menos inquieto do grupo. Era muito provável que os homens pertencessem à alfândega, ele disse calmamente, e que nem estivessem pensando em nós. Tentei convencer-me de que era assim – como, de fato, poderia facilmente acontecer. Propus, porém, que ele e eu caminhássemos até um ponto distante que podíamos ver dali, e onde o barco poderia nos pegar a bordo, ou bem próximo dali, em torno do meio-dia. Como esta nos pareceu uma boa precaução, partimos os

dois logo após o desjejum, sem dizer nada na estalagem.

Ele fumava seu cachimbo enquanto andávamos, e às vezes parava para me dar um tapinha no ombro. Se poderia supor que era eu quem estava em perigo, não ele, e que ele procurava me tranquilizar. Falamos muito pouco. Quando chegamos ao local, eu lhe pedi que permanecesse em um lugar abrigado, enquanto eu prosseguia para fazer um reconhecimento, pois fora por ali que os homens tinham passado à noite. Ele concordou, e eu continuei sozinho. Não havia nenhum barco no lugar, nem sobre a margem, nem havia qualquer sinal de que homens houvessem embarcado lá. Mas a maré estava alta, e, com certeza, devia haver pegadas sob a água.

Quando ele olhou para fora do seu abrigo, e viu que eu agitava meu chapéu para que ele viesse, ele se reuniu a mim. Nós esperamos, às vezes deitados na margem, envoltos em nossos casacos, às vezes nos movendo para manter o corpo aquecido, até que vimos nosso barco chegando. Subimos facilmente a bordo, e saímos ao largo no rastro do navio a vapor. Àquela altura, faltavam apenas dez minutos para uma hora, e começamos a olhar em volta à procura da fumaça do navio.

Mas era uma e meia antes que víssemos a fumaça, e logo após nós vimos, atrás dele, a fumaça de outro vapor. Como eles vinham a toda velocidade, deixamos as duas sacolas de viagem prontas, e aproveitamos a oportunidade para dizer adeus a Herbert e Startop. Todos apertamos as mãos cordialmente, e nem meus olhos nem os de Herbert estavam secos, quando eu vi uma galera de quatro remos surgir de repente da margem, um pouco à nossa frente, e remar na mesma direção.

Uma extensão de costa ainda nos separava da fumaça do vapor, por causa da curva do rio, mas agora ele estava visível, bem à frente. Eu gritei para Herbert e Startop se manterem avante na correnteza, para que o vapor visse que o esperávamos, e intimei Provis a ficar sentado imóvel, embrulhado em sua japona. Ele respondeu alegremente, “Confie em mim, meu menino”, e sentou-se como uma estátua. Enquanto isso a galera, que era habilmente conduzida, cruzou por nós e deixou que nos aproximássemos. Deixando espaço apenas para o movimento dos remos, ela se manteve ao nosso lado, ficando à deriva quando ficávamos à deriva, e dando um ou dois golpes de remos quando nós o fazíamos. Dos dois homens sentados, um segurava o leme, e nos olhava com atenção, como faziam todos os remadores; o outro homem sentado estava envolto em um capote, do mesmo modo que Provis, e

parecia encolher-se e sussurrar alguma instrução ao piloto, enquanto ele olhava para nós. Nem uma palavra foi dita em qualquer um dos barcos.

Startop conseguiu descobrir, depois de alguns minutos, qual era o vapor que vinha primeiro, e me disse a palavra “Hamburgo”, em voz baixa, pois estávamos frente a frente. O vapor se aproximava de nós muito rápido, e o barulho das suas rodas se tornava cada vez mais audível. Eu senti que sua sombra estava absolutamente sobre nós; nesse momento, a galera nos saudou. Eu respondi.

“Você tem aí um condenado foragido”, disse o homem que segurava o leme. “É esse homem, embrulhado na japona. Seu nome é Abel Magwitch, ou então Provis. Dou voz de prisão a esse homem, e lhe faço um apelo para que se renda, e a você para que ajude.”

Naquele momento, sem dar qualquer ordem audível à sua tripulação, ele dirigiu a galera para cima de nós. Os remadores já tinham dado um golpe súbito à frente, puxado os remos, se aproximado de nós de través, e se agarrado à nossa borda, antes que soubéssemos o que pretendiam fazer. Isso causou uma grande confusão a bordo do vapor, e vi a tripulação chamando por nós, e ouvi a ordem determinando que parassem as rodas. Ouvi que paravam, mas senti que a galera vinha irresistivelmente em nossa direção. No mesmo instante, vi o timoneiro da galera pôr a mão sobre o ombro do seu prisioneiro, e vi que ambos os barcos andavam em círculos, oscilando com a força da maré, e vi que todas as mãos a bordo do navio a vapor se agitavam à frente de maneira frenética. Ainda no mesmo instante, vi Provis levantar-se bruscamente, empurrar o homem que o segurava, e levantar o capote do outro homem, que se sentava encolhido na galera. Ainda no mesmo instante, vi que o rosto descoberto era o rosto do outro condenado de antigamente. Ainda no mesmo instante, vi esse rosto inclinar-se para trás com uma expressão de terror que eu nunca esquecerei, ouvi um grande grito a bordo do vapor, um esguicho alto na água, e senti o barco afundar sob meus pés.

Durante um instante, me pareceu que eu lutava com mil rodas de moinhos e mil clarões de luzes; no instante seguinte, fui puxado a bordo da galera. Herbert estava lá, Startop estava lá; mas nosso barco desaparecera, e os dois condenados desapareceram.

Em meio aos gritos a bordo do navio e o sopro furioso do seu vapor, e com o seu arremesso e o nosso arremesso, eu não podia a princípio distinguir o céu da água, ou uma margem da outra margem; mas a tripulação da galera

corrigiu o rumo com grande rapidez, e, dando alguns golpes fortes e rápidos à frente, inclinou-se sobre os remos, cada homem olhando silenciosa e avidamente para a água, atrás do barco. Logo apareceu um objeto escuro na água, arrastado na nossa direção pela maré. Ninguém falou, mas o timoneiro levantou a mão, e todos remaram suavemente em sentido contrário, e levaram o barco direto para o objeto. Quando ele se aproximou, vi que se tratava de Magwitch; ele nadava, mas com dificuldade. Ele foi trazido a bordo, e imediatamente algemado nos pulsos e tornozelos.

A galera foi mantida firme, e todos voltaram a olhar ansiosamente e em silêncio para a água. Mas o vapor de Rotterdam apareceu, e sem entender o que tinha acontecido, veio a toda velocidade. Até que ele fosse avisado e parado, ambos os navios já estavam se afastando de nós, e nosso barco subia e descia na esteira turbulenta das suas águas. Continuou-se a olhar ansiosamente para a água, muito tempo depois que tudo estava calmo de novo, e que os dois vapores já tinham desaparecido; mas todos sabiam que agora não havia mais esperança.

Afinal desistimos, e pulamos para a costa, na altura da estalagem que havíamos deixado há pouco tempo, onde fomos recebidos com grande surpresa. Lá eu podia conseguir algum conforto para Magwitch – não mais Provis – que tinha recebido alguns ferimentos severos no peito, e um corte profundo na cabeça.

Ele me contou que achava que tinha caído sob a quilha do vapor, e que machucara a cabeça ao subir. Quanto aos ferimentos no peito (que tornavam sua respiração bastante difícil), ele achava que os tinha recebido ao bater contra a borda da galera. Acrescentou que não pretendia dizer o que podia ter feito ou não ter feito a Compeyson, mas que no momento em que ele pusera a mão sobre o seu capote para identificá-lo, aquele patife tinha cambaleado para trás, e que ambos tinham caído na água, e que a força que fizera o homem que o havia capturado (a ele, Magwitch), ao agarrá-lo fora do barco para impedi-lo de fugir, fizera o nosso barco virar. Ele me contou em um sussurro que eles tinham caído agarrados furiosamente nos braços um do outro, e que tinha havido uma luta embaixo d’água, e que ele tinha conseguido se libertar, subido para fora d’água e nadado em nossa direção.

Eu nunca tive qualquer razão para duvidar da verdade absoluta do que ele me contou. O oficial que guiava a galera fez o mesmo relato da sua queda na água.

Pedi a permissão deste oficial para mudar as roupas molhadas do prisioneiro por qualquer roupa sobressalente que eu pudesse comprar na estalagem, e ele prontamente concedeu; observou apenas que ele teria que ficar com tudo que o prisioneiro carregasse consigo. Assim, o livro de cheques que uma vez tinha estado em minhas mãos, passou às mãos do oficial. Mais tarde, ele me deu permissão para acompanhar o prisioneiro a Londres, mas recusou essa mesma graça aos meus dois amigos.

O marinheiro da estalagem "O Navio" foi instruído sobre o lugar onde o homem afogado tinha caído, e encarregado de procurar pelo corpo nos lugares onde era mais provável que viesse dar à praia. Seu interesse nessa recuperação me pareceu aumentar muito, quando ele soube que o afogado estava usando meias. Provavelmente, seria preciso uma dúzia de afogados para vesti-lo por completo; e essa devia ser a razão pela qual os diferentes artigos que compunham seu vestuário estavam em diversos graus de deterioração.

Permanecemos na estalagem até que a maré virasse, e então levaram Magwitch para a galera. Herbert e Startop deviam voltar a Londres por terra, tão logo pudessem. Nossa separação foi muito triste, e quando tomei meu lugar ao lado de Magwitch, senti que aquele devia era o meu lugar daqui por diante, enquanto ele vivesse.

Minha repugnância por ele agora havia desaparecido inteiramente; e naquela criatura perseguida, ferida e algemada que segurava minha mão na sua, não vi senão um homem que tinha pretendido ser meu benfeitor, e que havia tido apenas sentimentos de afeto, gratidão e generosidade para comigo, com grande constância, durante uma longa série de anos. Não vi senão um homem muito melhor do que eu tinha sido para Joe.

Sua respiração tornava-se mais difícil e dolorosa conforme a noite avançava, e muitas vezes ele não conseguia reprimir um gemido. Tentei fazer com que descansasse sobre o braço que eu podia usar, em uma posição mais cômoda; mas era terrível pensar que, no fundo do coração, eu não pudesse sentir pena dele por estar tão ferido, pois não havia dúvida de que seria melhor que tivesse morrido. Que enquanto ele vivesse haveria muitas pessoas capazes e dispostas a identificá-lo, eu não podia duvidar. Que ele fosse tratado com clemência, eu não podia esperar. Pois ele tinha sido apresentado sob a luz mais desfavorável em seu julgamento; depois, havia fugido da prisão e tinha sido julgado de novo; tinha voltado do exílio sob uma pena de

prisão perpétua, e por fim tinha causado a morte do homem que era o motivo da sua prisão.

Voltando na direção do pôr-do-sol, que na véspera tínhamos deixado atrás de nós, e enquanto a corrente das nossas esperanças parecia retroceder, eu lhe disse o quanto estava desolado por pensar que ele tinha voltado para a Inglaterra por minha causa.

“Meu querido menino”, ele respondeu, “estou contente de ter corrido esse risco. Eu vi o meu querido menino, e sei que ele pode ser um cavalheiro sem mim.”

Não. Eu tinha pensado nisso, enquanto estávamos sentados lado a lado. Não. Sem considerar qualquer inclinação da minha parte, eu agora entendia a sugestão de Wemmick. Eu previ que, sendo condenado, seus bens seriam confiscados pela Coroa.

“Olhe aqui, meu menino”, disse ele “é melhor, sendo um cavalheiro, que ninguém saiba que pertence a mim. Só venha me ver como se estivesse acompanhando Wemmick por acaso. Sente-se onde eu possa vê-lo, quando eu for processado pela última vez entre muitas, e não peço mais nada.”

“Eu nunca o deixarei”, disse eu, “enquanto me for permitido ficar perto do senhor. E se Deus quiser, serei tão fiel ao senhor quanto foi a mim!”

Senti que sua mão tremia enquanto segurava a minha, e ele virou o rosto, deitado no fundo do barco, e ouvi aquele velho som na sua garganta, mais suave, agora, como tudo nele estava mais suave. Foi bom que ele tivesse tocado naquele assunto, pois isso me advertiu sobre algo em que, de outro modo, eu só teria pensado tarde demais: que eu nunca deveria deixar que ele soubesse como haviam perecido suas esperanças de me tornar rico.

CAPÍTULO LV

Ele foi levado à chefatura de polícia no dia seguinte, e teria sido imediatamente entregue à corte criminal para ser julgado, se antes não fosse necessário mandar buscar um velho oficial do navio-prisão do qual ele tinha escapado uma vez, para confirmar sua identidade. Ninguém duvidava, mas Compeyson, que tinha a intenção de depor a esse respeito, estava no fundo do rio, morto, e aconteceu de não haver naquele momento em Londres nenhum oficial de prisão que pudesse oferecer a prova exigida. Eu tinha ido direto à residência particular de Mr. Jaggers, quando chegara à noite, para garantir sua assistência; mas Mr. Jaggers não queria admitir nada em favor do prisioneiro. Era o único recurso, pois ele me disse que o caso terminaria em cinco minutos, quando a testemunha aparecesse, e que nenhum poder na terra poderia impedi-la de ser contra nós.

Eu comuniquei a Mr. Jaggers minha intenção de manter Magwitch na ignorância do destino da sua fortuna. Mr. Jaggers estava irritado e zangado comigo, por ter deixado essa fortuna “escorrer por entre meus dedos”. Disse que tínhamos que entrar logo com uma petição, e tentar a qualquer custo conseguir alguma parte disso. Mas ele não me escondeu que, embora pudesse haver inúmeros casos em que o confisco não era exigido, não havia neste caso nenhuma circunstância que o tornasse um desses. Eu compreendi aquilo muito bem. Eu não era parente do criminoso, nem ligado a ele por nenhum laço reconhecível por lei; ele não tinha em mãos nada por escrito, nenhuma determinação a meu favor, antes da sua prisão, e fazer isso agora seria inútil. Eu não tinha qualquer direito, e finalmente resolvi, e sempre me ative a essa resolução, que meu coração jamais se humilharia com a tarefa vã de tentar estabelecer um.

Parecia haver razão para supor que o informante afogado tinha esperado receber uma recompensa retirada desse confisco, e tinha um conhecimento preciso sobre os negócios de Magwitch. Quando seu corpo foi encontrado, muitas milhas distante do lugar onde havia morrido, e tão horrivelmente desfigurado que só foi possível reconhecê-lo pelo conteúdo dos seus bolsos, havia notas ainda legíveis, dobradas dentro de uma carteira que ele carregava. Entre essas notas se encontrava o nome de uma casa bancária de Nova Gales do Sul, onde havia uma soma de dinheiro depositada, e a designação de certas terras de valor considerável. Essas duas informações

chave estavam em uma lista de bens que Magwitch deu a Mr. Jaggers, enquanto estava na prisão, os quis ele supunha que eu deveria herdar. Sua ignorância, pobre homem, afinal lhe serviu; ele nunca duvidou que minha herança estivesse perfeitamente segura, com a assistência de Mr. Jaggers.

Depois de uma demora de três dias, durante a qual a acusação esperou que se produzisse a testemunha vinda do navio-prisão, a testemunha chegou e completou a fácil instrução do caso. Ele foi entregue para ser julgado nas próximas sessões do tribunal, que deveriam ocorrer dali a um mês.

Foi nesse momento sombrio da minha vida que Herbert voltou para casa uma noite, muito abatido, e disse:

"Meu querido Handel, receio que logo serei obrigado a deixá-lo."

Como seu sócio já havia me preparado para isso, fiquei menos surpreso do que ele imaginou.

"Nós perderíamos uma ótima oportunidade, se eu me recusasse a ir para o Cairo, e receio muito que eu tenha que ir, Handel, quando você mais precisa de mim."

"Herbert, eu sempre precisarei de você, porque sempre o amarei; mas essa necessidade não é maior agora do que em qualquer outra época."

"Você estará tão sozinho!"

"Não tenho tempo para pensar nisso", disse eu. "Você sabe que sempre fico com ele durante todo o tempo permitido, e que eu ficaria com ele o dia todo, se pudesse. E quando estou longe dele, você sabe que meus pensamentos estão com ele."

A condição terrível em que Magwitch se encontrava era tão apavorante para todos os dois, que não podíamos sequer nos referir a isso em palavras mais claras.

"Meu querido amigo", disse Herbert, "que a perspectiva da nossa separação próxima – pois de fato está bem próxima – seja a minha desculpa para incomodá-lo sobre você mesmo. Já pensou em seu futuro?"

"Não, pois tenho medo de pensar em qualquer futuro que seja."

"Mas não se pode negligenciar o seu; na verdade, meu caro Handel, ele nem deve ser negligenciado. Gostaria que pensasse nisso nesse momento, junto comigo; são só algumas palavras amigáveis."

"Eu o farei", disse eu.

"Nessa nova filial da nossa firma, Handel, precisamos de um..."

Eu vi que sua delicadeza estava evitando a palavra certa, então eu

disse, “Um escriturário.”

“Um escriturário. E espero que não seja impossível que ele possa progredir (como progrediu um escriturário conhecido seu) até se tornar um sócio. Agora, Handel, em uma palavra, meu querido amigo, você virá ao meu encontro?”

Havia algo encantadoramente sincero e cativante na maneira pela qual, depois de dizer “Agora, Handel”, como se fosse o começo sério de um discurso de negócios de mau agouro, ele tinha abandonado aquele tom de repente, estendido sua mão honesta, e falado como um escolar.

“Clara e eu falamos e falamos muitas vezes sobre isso”, Herbert prosseguiu, “e a querida criaturinha me implorou apenas esta noite, com lágrimas nos olhos, que lhe dissesse que, se você quisesse vir conosco quando partirmos juntos, ela faria todo o possível para torná-lo feliz, e para convencer o amigo do seu marido que ele também é seu amigo. Nós nos daríamos tão bem, Handel!”

Eu agradeci a ela sinceramente, e lhe agradeci também, mas disse-lhe que eu ainda não estava certo de poder juntar-me a eles, como ele ofereceu de maneira tão generosa. Em primeiro lugar, havia preocupações demais em minha mente para poder considerar o assunto com clareza. Em segundo lugar... Sim! Em segundo lugar, havia alguma coisa de hesitante em meus pensamentos, e que será conhecida bem perto do fim desta modesta narrativa.

“Mas se você acha, Herbert, que poderia, sem prejuízo dos seus negócios, deixar a questão em aberto por algum tempo...”

“Pelo tempo que for preciso”, exclamou Herbert. “Seis meses, um ano!”

“Não tanto tempo assim”, disse eu. “Dois ou três meses, no máximo.”

Herbert estava realmente encantado quando trocamos um aperto de mão para selar esse acordo, e disse que agora poderia tomar coragem para me dizer que achava que devia partir no final da semana.

“E Clara?” disse eu.

“A pobre criaturinha”, respondeu Herbert, “ficará religiosamente ao lado do pai enquanto ele viver; mas ele não vai durar muito. Mrs. Whimple confiou-me que ele certamente está em vias de partir.”

“Sem querer dizer uma coisa cruel”, disse eu, “ele não pode fazer nada melhor do que partir.”

“Receio que seja obrigado a concordar”, disse Herbert; “e então eu

voltarei para buscar a querida criaturinha, e a querida criaturinha e eu entraremos tranquilamente na igreja mais próxima. Lembre-se! A minha adorada não tem nenhuma família, meu caro Handel; ela nunca olhou no livro vermelho, e não tem qualquer noção sobre quem é o seu avô. Que sorte para o filho da minha mãe!”

No sábado daquela mesma semana, despedi-me de Herbert. Ele estava cheio de belas esperanças, mas triste e pesaroso por deixar-me, enquanto tomava seu lugar em um dos coches que se dirigiam ao porto. Entrei em uma taberna para escrever um pequeno bilhete para Clara, dizendo-lhe que ele tinha partido, e enviava todo o seu amor e seu carinho. Então fui para o meu lar solitário, se é que podia merecer esse nome; pois aquele não era mais um lar, e eu não tinha um lar em lugar nenhum.

Na escadaria, encontrei Wemmick, que vinha descendo depois de bater as juntas dos dedos sem sucesso na minha porta. Eu não o tinha visto sozinho, desde a desastrosa questão da tentativa de fuga; e ele tinha vindo, em sua competência pessoal e privada, para dizer algumas palavras de explicação a respeito daquele fracasso.

“O falecido Compeyson”, disse Wemmick, “conseguiu aos poucos adivinhar metade do negócio, agora completado; e foi pela conversa de alguns dos seus amigos em dificuldades (alguns dos seus amigos estão sempre em dificuldades) que eu ouvi o que eu sei. Mantive meus ouvidos abertos, fingindo que estavam fechados, até que ouvi dizer que ele estava ausente, e achei que seria o melhor momento para tentar a fuga. Agora só posso supor que isso fosse uma parte da sua política, como um homem muito inteligente, de enganar habitualmente seus próprios agentes. O senhor não me culpa, espero, Mr. Pip? Estou certo de que só tentei servi-lo, com todo meu coração.”

“Eu estou tão certo disso, Wemmick, quanto você pode estar, e lhe agradeço muitíssimo por todo seu interesse e amizade.”

“Obrigado, muito obrigado. Foi uma tarefa ruim”, disse Wemmick, coçando a cabeça, “e lhe asseguro que não sou enganado assim há muito tempo. O que eu mais lamento é o sacrifício de tanta propriedade portável, por Deus!”

“E eu, Wemmick, só penso no pobre dono dessa propriedade.”

“Sim, por certo”, disse Wemmick. “É claro que ninguém pode lhe impedir de lamentar por ele, e eu mesmo daria uma nota de cinco libras para

tirá-lo de lá. Mas o que eu vejo é isto. O falecido Compeyson havia tomado conhecimento de antemão sobre o seu retorno, e estando tão determinado a pegá-lo, não creio que ele poderia ter sido salvo. No entanto, a propriedade portável certamente poderia ter sido salva. Essa é a diferença entre a propriedade e o proprietário, o senhor não vê?"

Eu convidei Wemmick para subir e tomar um copo de grogue, antes de caminhar de volta a Walworth. Ele aceitou o convite. Enquanto bebia uma dose moderada, ele me disse, sem qualquer preâmbulo, e depois de parecer um tanto inquieto:

"O que o senhor acha da minha intenção de tirar uma folga na segunda-feira, Mr. Pip?"

"Bem, suponho que não tenha feito nada parecido nestes últimos doze meses."

"Nestes últimos doze anos, para ser mais preciso", disse Wemmick. "Sim. Vou tirar uma folga. Mais do que isso: vou dar um passeio. Mais do que isso: vou lhe pedir que dê um passeio comigo."

Eu estava a ponto de me desculpar, como sendo apenas um mau companheiro naquele momento, quando Wemmick se antecipou.

"Eu conheço os seus compromissos", disse ele "e sei que o senhor tem estado aborrecido, Mr. Pip. Mas se pudesse me fazer o favor, eu consideraria uma grande bondade da sua parte. Não é um passeio longo, e é um passeio matinal. Digamos que o ocuparia (incluído o desjejum durante o passeio) das oito até o meio-dia. O senhor não poderia conseguir um meio de arranjar as coisas?"

Ele havia feito tanto por mim em diversas ocasiões, que aquilo na verdade era bem pouco para fazer por ele. Eu lhe disse que poderia arranjar as coisas, que eu iria; e ele ficou tão contente por eu ter concordado, que fiquei contente também. A seu pedido, combinei de encontrá-lo no chalé na segunda-feira, às oito e meia da manhã, e assim nos separamos.

Pontual ao meu compromisso, toquei a campainha no portão do chalé na manhã de segunda-feira, e fui recebido pelo próprio Wemmick, que me surpreendeu por parecer mais formal do que de costume, e estar usando um chapéu mais lustroso. No interior, haviam preparado dois copos de leite com rum, e dois biscoitos. O Velho devia estar esticando as pernas, pois, olhando para dentro na direção do seu quarto, observei que sua cama estava vazia.

Depois de nos fortalecermos com o leite com rum e os biscoitos, e

quando estávamos prontos para sair para o nosso passeio, com aquela boa preparação no estômago, fiquei muito surpreso ao ver Wemmick pegar uma vara de pesca, e colocá-la sobre o ombro. “Ora, não estamos indo pescar!”, disse eu. “Não”, respondeu Wemmick, “mas eu gosto de caminhar com uma vara de pesca.”

Achei aquilo estranho; no entanto, não disse nada, e nós partimos. Fomos na direção de Camberwell Green, e, quando nos aproximamos de lá, Wemmick disse de repente:

“Ah! Aqui está uma igreja!”

Não havia nada de muito surpreendente nisso; e de novo fiquei bastante surpreso quando ele disse, como se fosse animado por uma ideia luminosa:

“Vamos entrar!”

Entramos. Wemmick deixou a vara de pesca na entrada, e olhou em torno. Ao mesmo tempo, Wemmick enfiou a mão no bolso do seu casaco, tirando de lá algo dobrado dentro de um papel.

“Ah!”, disse ele. “Aqui estão dois pares de luvas! Vamos colocá-las!”

Como as luvas eram luvas brancas de pelica, e como a caixa de correio estava aberta em sua largura máxima, eu comecei a ter fortes suspeitas. Elas se transformaram em certeza, quando vi o Velho entrar por uma porta lateral, escoltando uma dama.

“Ah!”, disse Wemmick. “Aqui está Miss Skiffins! Vamos ter um casamento.”

Essa discreta donzela estava vestida como sempre, exceto que agora estava ocupada em substituir seu par de luvas verdes por um par de luvas de pelica brancas. O Velho estava igualmente ocupado em fazer um sacrifício semelhante diante do altar do Himeneu[1]. O velho cavalheiro, porém, experimentava tanta dificuldade em colocar as luvas, que Wemmick precisou fazê-lo apoiar as costas contra um pilar, e então foi para trás do pilar e tirou ele mesmo as luvas do pai, enquanto eu, da minha parte, segurava o velho cavalheiro pela cintura, para que ele apresentasse uma resistência igual e segura. Por meio desse esquema engenhoso, suas luvas foram colocadas com perfeição.

O sacristão e o clérigo surgiram então, e nós fomos colocados em ordem diante da balaustrada fatal. Fiel à sua ideia de parecer estar fazendo tudo aquilo sem preparação, ouvi Wemmick dizer para si mesmo, enquanto

tirava alguma coisa do bolso do colete antes da cerimônia começar, “Ah! Aqui está um anel!”

Eu assisti o noivo na qualidade de testemunha, ou padrinho, enquanto uma pequena e frágil funcionária da igreja, com uma touca macia igual a de um bebê, fazia o papel de madrinha de Miss Skiffins. A responsabilidade de levar a noiva ao altar coube ao Velho, o que levou o clérigo a ficar involuntariamente escandalizado. E aconteceu assim: quando o celebrante disse, “Quem entrega esta mulher em casamento a este homem?” o velho cavalheiro, não tendo a menor ideia sobre o ponto da cerimônia a que havíamos chegado, ficou de pé sorrindo e repetindo amavelmente os dez mandamentos. Diante disso, o clérigo repetiu, “QUEM entrega esta mulher em casamento a este homem?” O velho cavalheiro, não tendo a menor ideia sobre o que lhe era perguntado, o noivo gritou em sua voz costumeira, “Agora, velho pai, você sabe... quem entrega?” Ao que o Velho respondeu, com grande vivacidade, antes de dizer que era ele quem entregava, “Tudo certo, John, tudo certo, meu filho!” E o clérigo fez uma pausa tão funesta, que no momento tive dúvidas se sairíamos dali completamente casados naquele dia.

O casamento foi completado, no entanto, e quando estávamos saindo da igreja, Wemmick abriu a cobertura da fonte batismal e pôs suas luvas brancas dentro, depois fechou a cobertura de novo. Mrs. Wemmick, mais previdente quanto ao futuro, pôs suas luvas brancas no bolso e calçou de novo as verdes. “Agora, Mr. Pip”, disse Wemmick, colocando triunfalmente a vara de pesca sobre o ombro quando saímos, “diga-me se alguém imaginaria ao nos ver que esse é um cortejo de casamento!”

O desjejum havia sido encomendado em uma pequena e agradável taberna, a cerca de uma milha do terreno elevado além da pradaria; e havia uma tábua de jogos na sala, caso desejássemos relaxar a mente depois da solenidade. Era agradável notar que Mrs. Wemmick não repelia mais o braço de Wemmick quando ele enlaçava o seu corpo; ela sentava-se em uma cadeira de espaldar alto, apoiada contra a parede, como um violoncelo em seu estojo, e submetia-se a ser abraçado como teria feito aquele melodioso instrumento.

Tomamos um desjejum excelente, e toda vez que alguém recusava alguma coisa na mesa, Wemmick dizia, “É tudo fornecido por contrato, vocês sabem; não precisam ter medo!” Eu brindei ao novo casal, brindei ao Velho,

brindei ao chalé; saudei a noiva ao me despedir, e fiz de tudo para ser tão agradável quanto possível.

Wemmick acompanhou-me até a porta, e eu apertei-lhe a mão de novo, desejando-lhe felicidades.

“Obrigado!”, disse Wemmick, esfregando as mãos. “Ela sabe criar tão bem as aves, o senhor não tem ideia! Vamos lhe mandar alguns ovos, e poderá julgar por si mesmo. Mais uma coisa, Mr. Pip!”, chamando-me de volta e falando baixo. “Esse é inteiramente um sentimento de Walworth, se me entende.”

“Eu entendo. Não deve ser mencionado na Pequena Inglaterra”, disse eu.

Wemmick assentiu. “Depois do que o senhor deixou escapar no outro dia, é melhor que Mr. Jaggers não saiba de nada. Ele poderia achar que meu cérebro está se fundindo, ou algo do tipo.”

[1] Himeneu: Deus grego do casamento, filho de Apolo e Afrodite.

CAPÍTULO LVI

Magwitch esteve muito doente na prisão, durante todo o intervalo entre a sua captura e o início das sessões de julgamento. Ele tinha quebrado duas costelas, o que havia ferido um dos seus pulmões, e respirava com enorme dificuldade e dor, que aumentavam a cada dia. Era em consequência desses ferimentos que ele falava tão baixo, a ponto de mal se poder escutar; e por isso também falava muito pouco. Mas estava sempre disposto a me escutar, e dali em diante meu primeiro dever foi de dizer a ele, e ler para ele, aquilo que eu sabia que ele deveria ouvir.

Estando doente demais para permanecer na prisão comum, ele foi levado, logo no primeiro ou segundo dia, para a enfermaria. Essa circunstância me permitiu ficar constantemente ao seu lado, o que de outro modo eu não poderia ter feito. De fato, se não fosse a doença, ele teria sido posto a ferros, pois era considerado um fugitivo contumaz, e nem sei o que mais.

Embora eu o visse diariamente, era só por pouco tempo. Por conseguinte, as horas regulares e recorrentes da nossa separação eram longas o bastante para que eu notasse no seu rosto qualquer leve mudança que ocorresse em seu estado físico. Não me recordo de algum dia ter visto qualquer mudança que fosse para melhor; ele se desgastava lentamente, e ficava mais fraco e doente a cada dia, desde o dia em que a porta da prisão se fechara sobre ele.

O tipo de submissão ou resignação que ele mostrava era aquela de um homem esgotado. Por suas maneiras, ou por uma ou duas palavras sussurradas que ele deixava escapar, eu às vezes tinha a impressão de que ele se perguntava com frequência se poderia ter sido um homem melhor, sob circunstâncias melhores. Mas ele nunca tentou se justificar por uma insinuação nesse sentido, nem tentou fazer do passado algo diferente do que era.

Aconteceu em duas ou três ocasiões, em minha presença, que uma ou outra das pessoas que o atendiam fizesse alusão à sua má reputação. Um sorriso cruzava então o seu rosto, e ele virava os olhos para mim com um ar confiante, como se confiasse que eu tinha visto nele algum pequeno lampejo de salvação, mesmo no tempo em que eu não era mais que uma criança. Em tudo o mais, ele se mostrava humilde e arrependido, e eu nunca o vi queixar-

se.

Quando a sessão do julgamento começou, Mr. Jaggers entrou com uma petição para que seu julgamento fosse adiado até a sessão seguinte. Fez isso obviamente com a garantia de que ele não viveria tanto tempo, e a petição foi recusada. O julgamento então começou, e, quando ele foi levado à barra do tribunal, sentaram-no em uma cadeira. Não fizeram qualquer objeção a que eu ficasse perto da plataforma, no lado de fora, segurando a mão que ele estendia para mim.

O julgamento foi muito curto e muito preciso. Todas as coisas que poderiam ser ditas a seu favor foram ditas: como ele tinha adquirido hábitos de trabalho, e como tinha vivido dentro da lei e honradamente. Mas nada poderia atenuar o fato de que ele havia retornado do exílio, e estava lá para responder por isso perante o juiz e o júri. Era impossível julgá-lo por esse crime e fazer outra coisa senão declará-lo culpado.

Naquela época, era costume (como aprendi com a minha terrível experiência naquelas sessões) dedicar o último dia para a leitura das sentenças, e causar um efeito final com a leitura da sentença de morte. Mas, se não fosse a visão inapagável que a minha lembrança ainda agora exibe diante de mim, eu mal poderia acreditar, mesmo enquanto escrevo estas linhas, que vi trinta e dois homens e mulheres serem colocados diante do juiz para receberem essa sentença juntos. E Magwitch era o primeiro entre os trinta e dois, e o único sentado, a fim de que pudesse respirar o suficiente para manter-se vivo.

Essa cena ainda surge inteira em minha mente, nas cores vívidas daquele momento: posso ver até as gotas da chuva de abril sobre as janelas do tribunal, brilhando sob os raios do sol de abril. Trinta e dois homens e mulheres estavam confinados sobre a plataforma, enquanto eu de novo me colocava atrás, com a mão dele na minha; alguns com ar desafiador, outros tomados pelo terror, alguns soluçando e chorando, outros cobrindo o rosto com as mãos, e outros ainda olhando tristemente ao redor. Houve alguns gritos agudos entre as mulheres, mas eles tinham sido abafados, e um grande silêncio se sucedera. Os xerifes, com suas grandes algemas e seus buquês, e outras bugigangas cívicas, os monstros, os pregoeiros, os guardas, e uma grande galeria cheia de gente – como uma grande audiência de teatro – todos olhavam, enquanto os trinta e dois confrontavam solenemente o juiz. Então o Juiz se dirigiu a eles. Entre as criaturas miseráveis levadas diante dele, disse,

às quais ele tinha que dirigir uma palavra especial, estava alguém que, quase desde a infância, havia afrontado a lei; alguém que, depois de repetidas prisões e castigos, fora condenado ao exílio por certo número de anos; alguém que, sob circunstâncias de grande violência e ousadia, tinha fugido e sido novamente condenado ao exílio para o resto da vida. Esse infeliz parecia, durante certo tempo, ter se recuperado dos seus erros, ao ser afastado da cena dos seus antigos crimes, e ter vivido uma vida pacífica e honesta. Mas em um momento fatal, cedendo às paixões e às tendências criminosas que por longo tempo o tinham transformado em um flagelo para a sociedade, ele tinha deixado seu refúgio de descanso e arrependimento, e tinha voltado ao país de onde havia sido banido. Tendo sido logo denunciado, ele tivera sucesso, por certo tempo, em ludibriar os oficiais de justiça, mas acabara sendo preso afinal no momento em que fugia; tinha resistido à prisão, e havia causado a morte do seu denunciador, que conhecia toda sua carreira de crimes; melhor do que ninguém, ele sabia se o fizera de propósito ou na cegueira da sua audácia. A pena prevista para a fuga do exílio e o retorno ao país que o havia proscrito sendo a pena de morte, e seu caso apresentando circunstâncias agravantes, ele devia se preparar para morrer.

O sol penetrava pelas grandes janelas do tribunal, por entre as gotas brilhantes de chuva que haviam ficado nas vidraças, e estendeu uma grande faixa de luz entre os trinta e dois condenados e o juiz, e parecendo, ao reuni-los, lembrar talvez a alguns entre a audiência que tanto um como os outros se apresentariam com igualdade absoluta diante do juiz supremo, que conhecia todas as coisas e não podia errar. Levantando-se por um momento, seu rosto como um ponto indistinto naquele rastro de luz, o prisioneiro disse, “Meu senhor, recebi minha sentença de morte do Todo-Poderoso, mas me inclino diante da sua” e sentou-se novamente. Houve alguns pedidos de silêncio, e o juiz prosseguiu com o que ele tinha a dizer ao resto. Então eles foram todos formalmente condenados, e alguns tiveram que ser sustentados, outros saíram com um olhar selvagem de valentia; alguns acenaram com a cabeça para a galeria, e dois ou três trocaram um aperto de mãos; outros, enfim, saíram mastigando os fragmentos de erva que tinham arrancado das plantas espalhadas pelo lugar. Ele foi o último a sair, pois precisava que o ajudassem a levantar-se e a caminhar lentamente; e ele segurou minha mão enquanto todos os outros saíam, e enquanto a audiência se levantava (ajeitando as roupas, como faziam na igreja ou outro lugar) e apontava para este ou aquele

criminoso, a maioria apontando para ele e para mim.

Eu esperava ansiosamente e rezava para que ele pudesse morrer antes que o relatório do oficial de justiça estivesse pronto; mas, com o temor de que ele sobrevivesse, comecei a escrever naquela noite mesmo uma petição ao secretário de Estado do interior, expondo o que eu conhecia sobre ele, e como acontecera de ele voltar por minha causa. Eu a escrevi tão pateticamente e com tanto fervor quanto me foi possível, e quando terminei esta carta e a enviei, escrevi outras petições aos homens de autoridade que eu esperava serem os mais misericordiosos, e mandei até uma carta para a própria Coroa. Durante os vários dias e noites que se seguiram à sua condenação, não tive descanso algum, exceto quando adormecia sem querer na cadeira, mas estava inteiramente absorvido por essas petições. E depois que as enviei, não conseguia afastar-me dos lugares onde elas estavam, sentindo que quanto mais perto eu estivesse, menos desesperava e mais esperança tinha de que elas dessem resultado. Nessa inquietude desarrazoada e nessa perturbação de espírito, eu vagava pelas ruas à noite, em torno dos escritórios e casas onde eu tinha deixado as petições. Ainda hoje, as ruas enfadonhas do oeste de Londres, em uma noite fria e poeirenta de primavera, com sua série de mansões austeras e fechadas e suas fileiras de luzes, têm um ar melancólico para mim por causa dessa associação.

As visitas diárias que eu podia fazer a Magwitch eram agora mais curtas, e ele era vigiado com mais rigor. Vendo, ou imaginando, que eu era suspeito de ter a intenção de lhe trazer veneno, pedi para ser revistado antes de me sentar à cabeceira de sua cama, e disse ao oficial que estava sempre presente que eu estava disposto a fazer qualquer coisa que o assegurasse da sinceridade dos meus propósitos. Ninguém era duro, nem com ele nem comigo. Havia um dever a ser cumprido, e ele era cumprido, mas sem severidade. O oficial sempre me dava a garantia de que ele estava pior, e alguns prisioneiros doentes que estavam no quarto, e outros prisioneiros que atendiam a esses doentes como enfermeiros (eram malfeitores, mas não incapazes de bondade, graças a Deus!) sempre me faziam o mesmo relato.

Conforme os dias passavam, mais eu notava que ele ficava deitado placidamente, olhando para o teto branco, com um rosto sem expressão, até que alguma palavra minha o iluminasse por um instante, depois se acalmava outra vez. Às vezes, ele era quase incapaz de falar, então me respondia pressionando levemente a minha mão, e eu comecei a entender muito bem o

significado desse gesto.

O número de dias passados tinha se elevado a dez, quando notei uma mudança nele maior que de costume. Seus olhos estavam virados para a porta, e se iluminaram quando eu entrei.

“Querido menino”, ele disse, quando me sentei à cabeceira da cama, “achei que você estivesse atrasado. Mas eu sabia que não podia estar.”

“Está bem na hora”, disse eu. “Eu esperei no portão.”

“Você sempre espera no portão, meu querido menino, não é?”

“Sim. Para não perder nem um minuto.”

“Obrigado, querido menino, obrigado. Deus o abençoe! Você nunca me abandonou, querido menino.”

Apertei sua mão em silêncio, pois não podia esquecer que eu tinha pretendido abandoná-lo uma vez.

“E o que é o melhor de tudo”, ele disse, “é que você tem sido mais agradável comigo desde que estou sob uma nuvem negra, do que quando o sol brilhava. Isso é o melhor de tudo.”

Ele estava deitado de costas, respirando com dificuldade. Fizesse o que fizesse, e mesmo me amando ternamente, a luz deixava seu rosto cada vez mais, e um véu descia sobre seu olhar plácido fixado no teto branco.

“Está sentindo muita dor hoje?”

“Não me queixo de nada, querido menino.”

“Você jamais se queixa.”

Aquelas seriam suas últimas palavras. Ele sorriu, e eu compreendi pelo seu toque que ele desejava levantar a minha mão e colocá-la sobre o seu peito. Eu coloquei a mão ali, e ele sorriu de novo e a cobriu com as suas.

O tempo permitido passou, enquanto ficamos assim; mas, olhando em volta, vi o diretor da prisão parado perto de mim, e ele me disse baixinho, “Você pode ficar mais um pouco.” Eu lhe agradeci sinceramente, e lhe perguntei, “Posso falar com ele, se ele puder me ouvir?”

O diretor afastou-se, e pediu ao oficial que saísse. Essa mudança, embora feita sem ruído, levantou o véu que recobria aquele olhar plácido dirigido ao teto branco, e ele me olhou do modo mais afetuoso.

“Querido Magwitch, preciso lhe contar, afinal. Você compreende o que eu digo, não é?”

E senti uma suave pressão em minha mão.

“Você teve uma filha, uma vez, a quem amou e perdeu.”

Uma pressão mais forte em minha mão.

“Ela sobreviveu, e encontrou amigos poderosos. Ela ainda vive. É uma verdadeira dama, muito bonita. E eu a amo!”

Com um último e fraco esforço, que teria sido impotente se eu não o tivesse ajudado, ele levou minha mão aos seus lábios; depois a deixou cair suavemente sobre o seu peito, apoiando suas mãos sobre ela. O olhar plácido elevado para o teto branco reapareceu, depois desapareceu, e sua cabeça caiu quietamente sobre seu peito.

Lembrando-me, então, do que nós tínhamos lido juntos, pensei nos dois homens que entraram no Templo para rezar, e soube que não havia nada melhor que eu pudesse dizer à sua cabeceira, do que estas palavras: “Oh, Senhor, tenha piedade dele, é um pobre pecador!”

CAPÍTULO LVII

Agora que eu fora deixado inteiramente por minha conta, anunciei minha intenção de deixar o apartamento do Temple assim que meu contrato de aluguel terminasse, e, enquanto isso, de sublocá-lo. Imediatamente pus cartazes nas janelas, pois estava endividado e mal tinha algum dinheiro, e comecei a ficar seriamente alarmado com o estado das minhas finanças. Eu deveria antes dizer que eu teria ficado alarmado, se tivesse energia e concentração suficientes para me ajudar a perceber claramente alguma verdade além do fato de que eu estava ficando muito doente. A recente tensão por que eu passara tinha me permitido adiar a doença, mas não afastá-la, e eu só sabia que a doença estava tomando conta de mim agora; fora isso, não sabia muita coisa, e nem mesmo me preocupava com isso.

Por um ou dois dias, fiquei deitado no sofá ou no chão – em qualquer lugar, conforme me acontecia de cair – com a cabeça pesada, os membros doloridos, sem perspectivas e sem forças. Então veio uma noite que me pareceu durar muito tempo, e que foi plena de ansiedade e horror; e quando de manhã tentei sentar-me na cama e pensar sobre isso, descobri que não conseguia fazê-lo.

Eu realmente tinha estado em Garden Court na calada da noite, tateando no escuro à procura do barco que eu supunha estar lá? Eu tinha mesmo voltado a mim duas ou três vezes na escadaria, com grande terror, sem saber como tinha saído da cama? Eu me encontrara de fato acendendo a lâmpada, possuído pela ideia de que Provia subia a escada, e que as luzes estavam apagadas? Teria eu sido molestado pela conversa distraída, pelo riso e os gemidos de alguém, e suspeitado em parte que eu mesmo produzira esses sons? Teria havido um forno de ferro em um canto escuro do quarto, e uma voz gritando, inúmeras vezes, que Miss Havisham estava sendo queimada lá dentro? Todas essas eram coisas que eu me perguntava, tentando colocá-las em alguma ordem na minha mente, deitado naquela manhã em minha cama. Mas o vapor de um forno de cal parecia se interpor entre os meus pensamentos e eu, desordenando-os todos, e foi através desse vapor que afinal vi dois homens olhando para mim.

“O que desejam?”, eu perguntei, assustado. “Eu não os conheço.”

“Bem, senhor”, respondeu um deles, inclinando-se e tocando-me no ombro, “esse é um assunto que logo será resolvido, acredito, mas o senhor

está preso.”

“De quanto é a dívida?”

“Cento e vinte e três libras, quinze xelins e seis pence. É a conta do joalheiro, eu creio.”

“O que é preciso fazer?”

“Seria melhor que o senhor viesse até minha casa”, disse o homem. “Eu tenho uma casa muito agradável.”

Tentei levantar-me e me vestir. Quando voltei a reparar neles, vi que estavam parados a alguma distância da minha cama, olhando para mim. Eu ainda estava deitado.

“Os senhores estão vendo o meu estado”, disse eu. “Eu os acompanharia, se pudesse; mas, realmente, estou incapacitado. Se me levarem daqui, acho que morrerei no caminho.”

Talvez eles tenham respondido, ou discutido a questão, ou tentado encorajar-me para que eu acreditasse que estava melhor do que pensava. Como eles só persistem em minha memória por esse fio tão tênue, não sei o que eles fizeram, a não ser que desistiram de me levar.

Mas o que era certo é que eu tive febre, que fiquei debilitado, que sofri muitíssimo, que com frequência perdia a razão, que o tempo me parecia interminável, que eu confundia existências impossíveis com a minha própria; que eu era um dos tijolos da parede, e que eu suplicava que me tirassem do lugar vertiginoso em que os construtores haviam me colocado; que eu era uma engrenagem de aço de uma máquina enorme, girando e caindo sobre um abismo, e que eu implorava por minha própria conta que parassem a máquina, e que separassem a minha parte nesse mecanismo a golpes de martelo. Que eu atravessei essas fases de doença, eu sei por minha própria lembrança, e de algum modo sabia disso na época. Que eu às vezes lutava com pessoas de carne e osso, acreditando que eram assassinos, e que de repente compreendia que eles desejavam fazer-me o bem, e afundava exausto em seus braços permitindo que me pusessem na cama, isso eu também sabia na época. Mas, acima de tudo, eu sabia que entre todos os que me acompanharam durante a minha doença – e que, no período crítico dessa doença, acreditei ver passar por todos os tipos de estranhas transformações, seus rostos dilatando-se em proporções infinitas – acima de tudo, eu dizia, percebi que havia uma tendência extraordinária em todas essas pessoas de se assemelharem mais ou menos a Joe.

Depois que passei pelo pior ponto da minha doença, comecei a notar que, enquanto os traços de todos esses rostos mudavam, havia um rosto que não mudava. Quem quer que se aproximasse de mim, ainda tomava a aparência de Joe. Eu abria meus olhos durante a noite, e quem eu via na grande cadeira à cabeceira da cama? Joe. Eu abria meus olhos durante o dia, e, sentado no banco sob a janela, fumando seu cachimbo à sombra da janela aberta, quem eu via ainda? Joe. Pedi uma bebida refrescante, e qual foi a mão querida que a entregou para mim? A mão de Joe. Afundei de novo no travesseiro depois de beber, e o rosto que me olhava com tanta esperança e ternura, era o rosto de Joe.

Um dia, afinal, tomei coragem e perguntei, “Você é Joe?”

E a querida e antiga voz da nossa casa respondeu, “E quem poderia ser, meu velho?”

“Oh, Joe, você me parte o coração! Fique bravo comigo, Joe. Bata-me, Joe. Diga-me que fui ingrato. Não seja tão bom para mim!”

Pois Joe tinha de fato deitado a cabeça no travesseiro a meu lado, e passado o braço ao redor do meu pescoço, em sua alegria ao ver que eu o reconhecia.

“Meu velho e querido Pip, meu amigo”, disse Joe, “você e eu sempre fomos amigos. E quando você estiver bem o bastante para dar uma volta, ah, quanto diversão!”

Depois disso, Joe foi até a janela, e ficou de costas para mim, esfregando os olhos. E como a minha fraqueza extrema me impedia de levantar-me e ir até ele, fiquei deitado lá, sussurrando essas palavras de arrependimento, “Oh, Deus o abençoe! Oh, Deus abençoe esse homem gentil, esse bom cristão!”

Os olhos de Joe estavam vermelhos quando o vi de novo ao meu lado; mas eu segurava sua mão, e ambos estávamos felizes.

“Quanto tempo, querido Joe?”

“Você quer dizer, Pip, quanto tempo durou sua doença, meu velho e querido amigo?”

“Sim, Joe.”

“Estamos no fim de maio, Pip. Amanhã é primeiro de junho.”

“E você esteve aqui o tempo inteiro, querido Joe?”

“Quase isso, meu velho. Pois, como eu disse a Biddy, quando a notícia da sua doença chegou por uma carta, que chegou pelo correio, ele

esteve muito tempo solteiro, mas agora deve estar casado, embora não receba pagamento suficiente por todas as caminhadas que já fez; mas riqueza nunca foi o seu objetivo, e o casamento foi sempre o grande desejo do seu coração...”

“É tão agradável ouvi-lo, Joe! Mas eu o interrompi naquilo que dizia a Biddy.”

“Eu dizia”, disse Joe “que você poderia estar entre estranhos, e que, como você e eu sempre fomos amigos, uma visita em tal momento poderia não ser inaceitável. E quanto a Biddy, suas palavras foram, ‘Vá até ele, sem perda de tempo.’ Aí está”, disse Joe, resumindo com seu ar judicioso, “quais foram as palavras de Biddy. ‘Vá até ele’, Biddy disse, ‘sem perda de tempo.’ Em resumo, eu não o enganaria muito”, acrescentou Joe, depois de refletir seriamente por um momento, “se eu lhe garantisse que as palavras dessa jovem de fato foram, ‘sem a perda de um minuto de tempo.’”

Aqui, Joe se interrompeu bruscamente, e me informou que só deviam falar comigo com grande moderação, e que eu devia comer pequenas porções em horários frequentes, quer tivesse vontade ou não, e que eu devia me submeter a todas as suas ordens. Assim, beijei sua mão, e fiquei deitado quieto enquanto ele escrevia uma carta para Biddy, na qual lhe enviava o meu carinho.

Evidentemente, Biddy tinha ensinado Joe a escrever. No estado de fraqueza em que eu me encontrava, deitado na cama e olhando para ele, chorei novamente de prazer, ao ver com quanto orgulho ele se punha a escrever sua carta. O estrado da minha cama, despido do seu cortinado, tinha sido transportado, comigo dentro, para a sala de estar, que era a peça maior e mais arejada da casa; o tapete havia sido retirado, e a sala era mantida, noite e dia, sempre fresca e saudável. Joe sentava-se agora à minha antiga escrivaninha, empurrada para um canto e coberta de pequenos frascos, e dedicava-se a executar sua grande tarefa. Primeiro, escolheu uma pluma no porta-plumas, como se fosse um estojo de ferramentas grandes; depois arregaçou as mangas, como se fosse brandir uma alavanca ou uma marreta de ferreiro. Antes que pudesse começar, Joe precisava apoiar-se firmemente sobre a mesa com o cotovelo esquerdo, e manter sua perna direita estendida para trás; e quando começou, ele fazia cada movimento descendente com tanta lentidão como se tivesse seis pés de comprimento, e, a cada movimento ascendente que ele fazia, eu podia ouvir sua caneta fazendo um ruído enorme.

Ele tinha a curiosa ideia de que o tinteiro estava do lado em que não estava, e constantemente mergulhava sua pluma no espaço, parecendo bastante satisfeito com o resultado. Ocasionalmente, ele tropeçava em algum obstáculo ortográfico, mas, de modo geral, saiu-se de fato muito bem; e quando ele tinha assinado seu nome, e, com os dois dedos indicadores, tinha removido um borrão do papel para o alto da sua cabeça, ele se levantou e andou em volta da mesa, testando o efeito da sua obra de diferentes pontos de vista, com uma satisfação sem limites.

Para não deixar Joe inquieto ao falar demais, mesmo que eu tivesse sido capaz de falar muito, adiei a pergunta sobre Miss Havisham para o dia seguinte. Ele balançou a cabeça, quando lhe perguntei se ela havia se recuperado.

“Ela está morta, Joe?”

“Pois você vê, meu velho”, disse Joe, em um tom expositivo, como meio de chegar à resposta aos poucos, “eu não chegaria ao ponto de dizer isso, pois não é pouca coisa para se dizer; mas ela não está...”

“Viva, Joe?”

“Isso está mais perto de onde ela está”, disse Joe; “ela não está viva.”

“Sua agonia foi longa, Joe?”

“Depois que você ficou doente, aproximadamente aquilo que você poderia chamar (se fosse o caso de chamar) de uma semana”, disse Joe, ainda determinado, por minha causa, a dar a notícia aos poucos.

“Querido Joe, você ouviu falar do que foi feito da sua fortuna?”

“Bem, meu velho”, disse Joe, “parece que ela tinha disposto da maior parte, quero dizer que ela deixou em herança, para Miss Estella. Mas ela tinha escrito depois um pequeno codicilo, com sua própria mão, um dia ou dois antes do acidente, deixando a fria soma de quatro mil libras para Mr. Matthew Pocket. E por que você supõe, Pip, acima de tudo, que ela lhe deixou essas frias quatro mil libras? ‘Por causa do relato de Pip sobre o referido Matthew’. Biddy me contou que foi isso que ela escreveu”, disse Joe, repetindo a fórmula legal como se lhe desse infinito prazer, ‘do relato de Pip sobre o referido Matthew.’ A fria soma de quatro mil, Pip!”

Eu nunca descobri através de quem Joe deduziu a temperatura que ele atribuía a essas quatro mil libras; mas isso lhe parecia aumentar a soma, e ele tinha um prazer manifesto em insistir em que elas eram frias.

Essa notícia me causou grande alegria, pois selava a única coisa boa

que eu já tinha feito. Perguntei a Joe se ele tinha ouvido falar que algum dos outros parentes tivesse recebido algum legado.

"Miss Sarah", disse Joe, "recebeu vinte e cinco libras por ano, para comprar pílulas, pois ela é biliosa. Miss Georgiana, recebeu vinte libras. Mrs... qual é o nome daquelas bestas selvagens com corcundas nas costas, meu velho?"

"Camelos?" disse eu, perguntando-me por que ele poderia querer saber aquilo.

Joe assentiu com a cabeça. "Mrs. Camelos" e eu entendi na hora que ele pretendia dizer Camilla, "recebeu cinco libras para comprar lamparinas para animar seu espírito quando ela acordar durante a noite."

A precisão desses relatos era suficientemente óbvia para mim, para me dar grande confiança na informação de Joe. "E agora", disse Joe, "você ainda não está bastante forte, meu velho, para receber uma pazada adicional de notícias hoje. O velho Orlick invadiu uma casa."

"De quem?" disse eu.

"Não, eu concordo, que suas maneiras não tivessem se tornado muito arrogantes", disse Joe, em forma de desculpas; "mas mesmo assim, a casa de um inglês é o seu castelo, e os castelos não devem ser invadidos, a não ser em tempos de guerra. E sejam quais forem os seus defeitos, no fundo da alma ele era um verdadeiro negociante de milho e grãos."

"Foi a casa do Pumblechook que foi invadida?"

"Foi essa, Pip", disse Joe; "e eles pegaram sua gaveta, e pegaram sua caixa registradora, e beberam seu vinho, e comeram suas provisões, e o esbofetearam, e puxaram seu nariz, e o amarraram na perna da cama, e lhe deram uma dúzia de socos, e encheram sua boca de grãos, para impedir que ele gritasse. Mas ele reconheceu Orlick, e Orlick está na prisão do condado."

Com esses preâmbulos, aos poucos passamos a conversar sem restrições. Eu demorava a recobrar as forças, mas, de modo lento e gradual, me fortalecia a cada dia; Joe ficava comigo, e eu imaginava que era de novo o pequeno Pip.

Pois a ternura de Joe era tão admiravelmente proporcional às minhas necessidades, que eu era como uma criança em suas mãos. Acontecia de ele sentar-se perto de mim, e conversar comigo com sua antiga confiança, sua antiga simplicidade, e seu antigo modo protetor e hesitante, de forma que fui tentado a acreditar em parte que toda minha vida, desde os dias da velha

cozinha, era uma das criações mentais da febre que já tinha partido. Ele fazia tudo para mim, exceto o trabalho doméstico, para o qual havia contratado uma mulher muito decente, depois de acertar as contas com a velha criada no seu primeiro dia ali. “O que eu lhe asseguro, Pip”, ele dizia com frequência, para explicar aquela liberdade da sua parte; “é que eu a encontrei esvaziando o colchão de uma cama desocupada, como se fosse um barril de cerveja, e pondo as penas em um balde para vender. Ela ia depois esvaziar o seu, e tirar as penas do colchão com você em cima, e então ia pôr o carvão aos poucos na terrina de sopa e no prato de legumes, e o vinho e as bebidas nas suas botas de Wellington.”

Nós esperávamos com ansiedade o dia em que eu sairia para dar um passeio, como uma vez tínhamos esperado o dia em que eu me tornaria um aprendiz. E quando esse dia chegou, e mandaram vir uma carruagem aberta, Joe me agasalhou, pegou-me em seus braços, levou-me para baixo e colocou-me dentro do veículo, como se eu fosse ainda a criaturinha desamparada a quem ele havia concedido tão abundantemente as riquezas de sua grande natureza.

Joe subiu ao meu lado, e partimos juntos para o campo, onde a rica folhagem de verão já se exibia nas árvores e na grama, e onde os doces cheiros do verão enchiam o ar. Aconteceu de ser um domingo, e quando olhei para a beleza ao meu redor, pensei em como ela havia se desenvolvido e mudado, e como as pequenas flores silvestres tinham crescido, e como as vozes dos pássaros tinham criado força, durantes os dias e durante as noites, sob o sol e sob as estrelas, enquanto meu pobre corpo jazia febril e ardente em minha cama, e a mera lembrança de ter estado febril e ardente sobre a cama veio de repente perturbar a minha paz. Mas, quando ouvi os sinos de domingo, e que reparei um pouco mais na beleza que se estendia ao meu redor, senti que não havia sido grato o bastante, e que eu estava fraco demais até mesmo para experimentar esse sentimento, e descansei minha cabeça no ombro de Joe, como tinha feito há muito tempo, quando ele tinha me levado à feira ou aonde fosse, e que minhas impressões eram muito fortes para os meus jovens sentidos.

Depois de um momento, fiquei mais calmo, e conversamos como costumávamos conversar antigamente, deitados na grama junto ao velho forte. Não houvera a menor mudança em Joe. O que ele havia sido aos meus olhos então, ele era exatamente aos meus olhos agora; do mesmo modo fiel, e

do mesmo modo correto.

Quando voltamos, e ele me ergueu nos braços e carregou-me com tanta facilidade pelo pátio e pela escada, pensei naquele dia de Natal, tão significativo, quando ele tinha me carregado através dos pântanos. Nós não tínhamos ainda feito nenhuma alusão à minha mudança de fortuna, nem eu sabia o quanto ele estava informado sobre a minha história recente. Eu duvidava tanto de mim mesmo neste momento, e tinha tanta confiança nele, que não sabia se devia me referir a isso quando ele não o fazia.

"Você soube, Joe", eu perguntei-lhe aquela noite, depois de refletir bastante sobre o assunto, enquanto ele fumava seu cachimbo junto à janela, "quem era o meu protetor?"

"Eu ouvi dizer qualquer coisa", respondeu Joe, "como se não fosse Miss Havisham, meu velho."

"E lhe disseram quem era, Joe?"

"Bem! Eu ouvi dizer qualquer coisa como se fosse a pessoa que enviou a pessoa que lhe deu as notas de uma libra no 'Três Barqueiros Alegres', Pip."

"Foi isso mesmo."

"Surpreendente!", disse Joe, no tom mais plácido do mundo.

"Você ouviu falar que ele morreu, Joe?" eu perguntei agora, com crescente timidez.

"Qual? Aquele que mandou as notas, Pip?"

"Sim."

"Eu acho", disse Joe, depois de meditar por longo tempo, e olhando de maneira evasiva para o assento sob a janela, "que ouvi contar que ele tinha ido de uma maneira ou de outra, de um modo geral, naquela direção."

"Você ouviu alguma coisa sobre as circunstâncias da sua vida, Joe?"

"Nada de particular, Pip."

"Se você gostaria de ouvir, Joe...", eu estava começando, quando Joe se levantou e veio até o sofá onde eu estava.

"Escute aqui, meu velho", disse Joe, inclinando-se para mim. "Somos sempre os melhores amigos, não é mesmo, Pip?"

Eu estava envergonhado de lhe responder.

"Muito bem, então", disse Joe, como se eu tivesse respondido; "está tudo certo; estamos de acordo. Então por que entrar em assuntos, meu velho, que entre duas pessoas como nós são para sempre desnecessários? Há assunto

bastante entre duas pessoas como nós, sem esses assuntos desnecessários. Oh, Senhor! E pensar na sua pobre irmã, e em seus ataques de fúria! Você não se lembra mais de Tickler?"

"Lembro-me, sim, Joe."

"Escute aqui, meu velho", disse Joe. "Eu fazia o que podia para manter você separado de Tickler, mas o meu poder nem sempre era igual às minhas intenções. Pois quando a sua pobre irmã enfiava na cabeça de cair em cima de você, o problema não era tanto", disse Joe, no seu modo argumentativo favorito, "que ela também caía sobre mim, se eu me opusesse, mas que ela sempre caía com mais força sobre você por causa disso. Eu notei isso várias vezes. Não é puxando a barba de um homem, nem o sacudindo duas ou três vezes (o que agradava muito à sua irmã), que se pode impedir um homem de fazer uma pobre criancinha escapar de um castigo. Mas quando essa pobre criancinha é castigada com mais severidade por que se puxou a barba e sacudiu o homem, então esse homem diz naturalmente para si mesmo, 'Onde está o bem que você queria fazer? Eu admito que vejo o mal', diz o homem, 'mas eu não vejo o bem. Eu apelo ao senhor, então, para que me mostre o bem.'"

"O homem diz isso?", eu observei, vendo que Joe esperava que eu respondesse.

"O homem diz isso", concordou Joe. "E ele tem razão, esse homem?"

"Querido Joe, ele está sempre certo."

"Bem, meu velho", disse Joe, "então eu aceito as suas palavras. Se ele está sempre certo (embora em geral é mais provável que esteja errado), ele tem razão quando diz isto: Supondo que você guardasse algum assunto de pouca importância somente para você, quando era uma criancinha, você guardou principalmente porque sabia que o poder de J. Gargery para separar você e Tickler não era igual às suas intenções. Então, não se fala mais nisso entre duas pessoas como nós, e não vamos deixar escapar observações sobre assuntos desnecessários. Biddy teve um bocado de trabalho comigo, antes que eu partisse (porque sou um terrível estúpido para entender), para que eu visse isso sob essa luz, e, vendo sob essa luz, eu pudesse deixar isso de lado. Essas duas coisas" disse Joe, encantado com o seu raciocínio lógico, "sendo feitas, agora um amigo verdadeiro lhe diz. Assim: Não precisa exagerar nisso, mas deve tomar sua ceia, e seu vinho com água, e deve ser posto entre os lençóis."

A delicadeza com que Joe descartou esse assunto, e o tato gentil e a bondade com que Biddy – que, com sua inteligência feminina, tinha me compreendido tão cedo – o havia preparado para compreender tudo isso, causaram uma profunda impressão em meu espírito. Mas se Joe sabia quão pobre eu era, e como minhas grandes esperanças tinham se dissolvido no ar, como a névoa dos nossos pântanos antes do sol nascer, eu não tinha como saber.

Outra coisa em Joe que eu não podia entender quando começou a acontecer, mas que eu logo compreendi, com muita tristeza, era esta: à medida que eu ficava mais forte e melhor, Joe ficava menos à vontade comigo. Enquanto eu estava fraco e sob sua inteira dependência, o querido companheiro tinha falado comigo no seu velho tom, e me chamado pelos antigos nomes que costumava usar, “meu querido Pip; meu velho”, tão caros para mim, e que eram música para os meus ouvidos. Eu também me deixei levar às minhas antigas atitudes, feliz e grato pelo que ele me deixava fazer. Mas, imperceptivelmente, à medida que eu me atinha a isso, Joe começou a deixar de lado esses hábitos; e embora eu tenha me espantado no início, logo comecei a entender que a causa estava em mim, e que a culpa era toda minha.

Ah! Não tinha eu dado a Joe nenhuma razão para duvidar da minha constância, e para pensar que, na prosperidade, eu me tornaria frio para com ele e o rejeitaria? Não tinha eu dado ao coração inocente de Joe nenhum motivo para sentir instintivamente que, conforme eu ficava mais forte, sua influência sobre mim seria mais fraca, e que ele faria melhor de me largar a tempo, e de me deixar ir antes que eu mesmo me libertasse?

Foi na terceira ou quarta ocasião em que saí para os jardins do Temple, apoiado no braço de Joe, que notei claramente a mudança que ocorrera nele. Tínhamos estado sentados à morna luz do sol, olhando para o rio, e aconteceu de eu dizer, quando nos levantamos:

“Veja, Joe! Já posso caminhar muito bem. Agora, você vai me ver caminhar de volta sozinho.”

“Não precisa se exceder, Pip”, disse Joe; “mas ficarei feliz de vê-lo capaz de novo, senhor.”

A última palavra me chocou; mas como eu poderia protestar? Não fui além do portão do jardim, e então fingi estar mais fraco do que estava, e pedi a Joe que me desse o braço. Joe me deu o braço, mas estava pensativo.

Da minha parte, eu estava pensativo também; pois, como fazer para

conter essa mudança crescente em Joe, era uma grande perplexidade para os meus pensamentos cheios de remorsos. O quanto eu estava envergonhado de lhe falar exatamente qual era a minha situação, e a que ponto eu chegara, era coisa que eu não procurava esconder; mas espero que minha relutância não fosse totalmente indigna. Ele iria querer me ajudar com suas pequenas economias, eu sabia, e sabia que ele não devia me ajudar, e que eu não devia permitir que o fizesse.

Foi uma noite de reflexão para nós dois. Mas, antes que fôssemos para cama, eu tinha resolvido esperar até o dia seguinte, que seria domingo, e começaria uma nova vida com a nova semana que se iniciava. Na segunda-feira de manhã, eu falaria com Joe sobre a sua mudança, eu deixaria de lado esse último vestígio de reserva, eu lhe diria o que estava em meus pensamentos (esse segundo ponto não havia sido resolvido ainda), e por que eu não havia me decidido a ir encontrar Herbert, e então a mudança seria conquistada para sempre. Como eu me tranquilizei, Joe acabou por se tranquilizar, e me parecia que ele também, por simpatia, tinha chegado a uma resolução.

Tivemos um dia tranquilo no domingo, e fomos passear na campanha, e caminhamos pelos campos.

“Sinto-me grato por ter estado doente, Joe”, eu disse.

“Meu querido Pip, meu velho, você já está quase o mesmo de antes, senhor.”

“Esse foi um tempo memorável para mim, Joe.”

“Como para mim, senhor”, respondeu Joe.

“Passamos um tempo juntos, Joe, do qual eu jamais esquecerei. Já houve dias, eu sei, que eu esqueci durante certo tempo; mas desses eu jamais esquecerei.”

“Pip”, disse Joe, parecendo um pouco inquieto e perturbado, “houve alguma diversão. E, caro senhor, o que aconteceu entre nós... aconteceu.”

À noite, quando fui para cama, Joe entrou no meu quarto, como havia feito durante todo o tempo da minha convalescença. Ele me perguntou se eu estava seguro de que me sentia tão bem quanto estava de manhã.

“Sim, querido Joe, totalmente.”

“E continua sempre se sentido mais forte, meu velho?”

“Sim, querido Joe, sempre.”

Joe tocou a coberta em meu ombro com sua mão grande e boa, e

disse, em uma voz que me pareceu rouca, “Boa noite!”

Quando me levantei de manhã, descansado e ainda mais forte, eu só pensava na minha resolução de contar tudo a Joe, sem demora. Eu lhe contaria antes do café da manhã. Eu me vestiria imediatamente, iria até o seu quarto e o surpreenderia; pois era o primeiro dia em que eu me acordava cedo. Fui até o seu quarto, e ele não estava lá. Não só ele não estava lá, mas a sua mala havia desaparecido.

Corri então à mesa do café da manhã, e sobre ela achei uma carta. Estas eram as breves palavras que ela continha:

Não querendo ser importuno eu parti, pois você está bom novamente
querido Pip, e ficará melhor sem JO

P.S. Sempre os melhores amigos.

Incluído na carta, encontrei um recibo da dívida e das despesas pelas quais eu tinha sido preso. Até aquele momento, eu tinha suposto inutilmente que meu credor tinha desistido, ou suspendido os procedimentos até que eu me recuperasse totalmente. Eu jamais tinha sonhado que Joe tivesse pago aquele dinheiro; mas Joe tinha pago, e o recibo estava em seu nome.

O que me restava agora, senão segui-lo até a querida e antiga ferraria, e lá fazer-lhe a minha revelação e mostrar-lhe o meu arrependimento? E lá aliviar minha mente e meu coração desse segundo ponto que eu pretendia reservar para mim mesmo, e que havia começado como alguma coisa vaga perpassando meus pensamentos e acabara por se transformado em um propósito estabelecido?

Meu propósito era de ir até Biddy, de mostrar-lhe como eu havia voltado humilde e arrependido, de contar-lhe como eu tinha perdido tudo aquilo que havia esperado um dia, de lembrá-la das nossas antigas confidências nos primeiros tempos em que eu me sentia infeliz. Depois eu lhe diria, “Biddy, eu sei que uma vez você gostou muito de mim, quando o meu coração errante, mesmo enquanto vagava sem rumo longe de você, estava mais calmo e melhor do que jamais esteve desde então. Se você puder gostar de mim de novo apenas a metade do que gostou um dia, se puder me aceitar com todos os meus erros e as decepções que caíram sobre a minha cabeça, se puder me receber como uma criança que foi perdoada (e eu realmente estou muito arrependido, Biddy, e preciso muito de uma voz doce e de uma mão gentil), espero que eu seja um pouco mais digno de você do que fui... não

muito, mas um pouco. Biddy, caberá a você dizer se eu devo voltar a trabalhar na ferraria com Joe, ou se devo tentar qualquer ocupação diferente aqui neste país, ou se devo ir embora para um lugar distante, onde me espera uma oportunidade que eu não aceitei quando me foi oferecida, até que soubesse da sua resposta. E agora, querida Biddy, se você puder dizer-me que me acompanhará neste mundo, certamente fará dele um mundo melhor para mim, e de mim um homem melhor para ele, e eu tentarei com todas as minhas forças fazer deste um mundo melhor para você."

Tal era o meu propósito. Depois de mais três dias de convalescença, eu parti para minha antiga casa, para pô-lo em execução. E como me saí nessa tarefa, é tudo que me resta contar.

CAPÍTULO LVIII

As notícias sobre a enorme queda sofrida pela minha elevada fortuna, chegaram até o meu condado natal antes que eu mesmo chegasse lá. Descobri que o “Javali Azul” já estava informado, e achei que isso fez uma grande diferença na sua conduta para comigo. Enquanto o “Javali” havia cultivado minha boa opinião com calorosa assiduidade quando eu entrara na posse da minha fortuna, o “Javali” foi extremamente frio a esse respeito agora que a fortuna me abandonara.

Era noite quando eu cheguei, muito fatigado pela viagem, que antes eu tantas vezes fizera com tanta facilidade. O “Javali” não pôde me colocar no meu quarto habitual, que estava ocupado (provavelmente por alguém que tinha esperanças) e só podia me oferecer um quarto muito humilde dando para o pátio, entre os pombos e as diligências do correio. Mas dormi tão profundamente naquele alojamento quanto dormiria na mais bela acomodação que o Javali tivesse podido me oferecer, e a qualidade dos meus sonhos foi quase a mesma que teria sido no melhor quarto da estalagem.

De manhã cedo, enquanto preparavam meu desjejum, dei um passeio pelos lados de Satis House. Havia cartazes colados no portão e sobre pedaços de tapete pendurados para fora das janelas, anunciando uma venda a leilão dos artigos domésticos, móveis e objetos, na semana seguinte. A casa em si seria vendida como material antigo de construção, e demolida. LOTE 1, estava escrito em grandes letras caiadas no prédio da cervejaria; LOTE 2, naquela parte do prédio principal que estivera fechada por tão longo tempo. Outros lotes estavam marcados em outras partes da construção, e a hera fora posta abaixo para dar lugar às inscrições, e tinha arrastado na poeira por bastante tempo e estava murcha. Entrando um instante pelo portão aberto, e dando uma olhada ao redor com o ar desconfortável de um estranho que não tem nada a fazer ali, vi o funcionário da casa de leilões caminhando sobre os barris e designando-os para o redator de um catálogo, que, caneta na mão, fizera uma escrivaninha provisória da cadeira de rodas que eu tantas vezes tinha empurrado ao som de Velho Clem.

Quando voltei para tomar o desjejum no restaurante do “Javali Azul”, encontrei Mr. Pumblechook conversando com o proprietário. Mr. Pumblechook (que não parecia ter melhorado em aparência, depois da sua recente aventura noturna) estava à minha espera, e se dirigiu a mim nos

seguintes termos:

"Meu jovem, lamento muito vê-lo cair em desgraça. Mas que mais se poderia esperar? Que mais se poderia esperar?"

Como ele estendeu a mão com um ar magnânimo de quem perdoa, e como eu estava alquebrado pela doença e incapaz de discutir, aceitei-a.

"William", disse Mr. Pumblechook para o garçom, "ponha um bolinho na mesa. A que ponto chegamos! A que ponto chegamos!"

Sentei-me de mau humor para o desjejum. Mr. Pumblechook ficou ao meu lado, e, antes que eu pudesse tocar no bule, serviu meu chá com o ar de um benfeitor que resolvera ser fiel até o fim.

"William", disse Mr. Pumblechook, tristemente, "sirva o sal. Em tempos mais felizes", ele disse, dirigindo-se a mim, "acho que você preferia açúcar, não? Toma o chá com leite? Ah, sim. Açúcar e leite. William, traga o agrião."

"Obrigado", disse eu, secamente, "mas não como agrião."

"Ah, então não come agrião...", respondeu Mr. Pumblechook, suspirando e assentindo com a cabeça várias vezes, como se tivesse esperado por isso, e como se a abstinência de agrião estivesse inteiramente relacionada com a minha desgraça. "Realmente! Os simples frutos da terra! Não. Não precisa trazer o agrião, William."

Continuei meu desjejum, e Mr. Pumblechook continuou parado ao meu lado, com seu olhar estranho e sua respiração ruidosa, como sempre.

"Só pele e ossos!", pensou Mr. Pumblechook, em voz alta. "E, no entanto, quando ele foi embora daqui (posso dizer que com a minha bênção), quando estendi diante dele minhas humildes provisões, como a abelha, ele era tão rechonchudo quanto um pêssego!"

Isto me fez lembrar a diferença espantosa que havia entre a maneira servil com a qual ele tinha me oferecido sua mão em minha nova prosperidade, dizendo, "será que me permite?" e a pomposa clemência com a qual ele acabara de exibir os mesmos cinco dedos gordos.

"Ah!" ele continuou, entregando-me o pão com manteiga. "Vai para a casa de Joseph?"

"Em nome do céu", disse eu, explodindo contra a vontade, "o que lhe interessa para onde eu vou? Deixe esse bule em paz."

Foi a pior atitude que eu poderia ter tomado, pois deu a Pumblechook a oportunidade que ele queria.

“Sim, meu jovem”, disse ele, soltando a alça do objeto em questão, e recuando um passo ou dois da minha mesa, falando de modo a ser ouvido pelo proprietário e o garçom que estavam à porta, “deixarei esse bule em paz. Você tem razão, meu jovem. Por uma vez, você tem razão. Eu me esqueço de mim, quando me interesso pelo seu desjejum, quando desejo que seu corpo, enfraquecido pelos efeitos debilitantes da prodigalidade, seja estimulado pela nutrição saudável dos seus antepassados. E, no entanto...”, disse Pumblechook, virando-se para o proprietário e o garçom, e apontando-me com o braço estendido, “eis aquele com quem eu brinquei muitas vezes nos dias felizes da sua infância! Não me digam que não pode ser; eu lhes asseguro que é ele!”

Um murmúrio baixo foi a resposta dos dois. O garçom parecia até particularmente afetado.

“É ele”, disse Pumblechook, “aquele a quem eu levei a passear em minha charrete. É ele, aquele que eu vi ser criado à mão. É ele, cuja irmã foi minha sobrinha por matrimônio, e cujo nome era Georgiana Maria, o próprio nome de sua mãe; e que ele negue se puder!”

O garçom parecia convencido de que eu não poderia negar, e que isso dava ao caso uma aparência sombria.

“Meu jovem”, disse Pumblechook, lançando a cabeça na minha direção, como fazia antigamente, “você vai para a casa de Joseph. O que me interessa, você me pergunta, aonde você vai? Pois eu lhe digo, senhor, que você vai para a casa de Joseph.”

O garçom tossiu, como se me convidasse modestamente a passar por cima disso.

“Agora”, disse Pumblechook, tudo isso com o ar irritante de alguém que defendia a causa da virtude, e que era perfeitamente convincente e conclusivo, “eu vou lhe falar o que deve dizer a Joseph. Aqui está presente o proprietário do ‘Javali Azul’, pessoa conhecida e respeitada nesta cidade, e aqui está William, cujo nome de família é Potkins, se não estou enganado.”

“Não está enganado, senhor”, disse William.

“Em sua presença”, Pumblechook prosseguiu, “eu lhe direi, meu jovem, o que deve dizer a Joseph. Você dirá: ‘Joseph, hoje eu vi meu primeiro benfeitor e o fundador da minha fortuna. Não direi nomes, Joseph, mas aconteceu de o chamarem à cidade, e eu vi esse homem.”

“Eu juro que não o vejo aqui”, disse eu.

“Diga isso então!”, respondeu Pumblechook. “Diga que você disse isso, e mesmo Joseph provavelmente ficará surpreso.”

“Nisso o senhor se engana totalmente a respeito dele”, disse eu. “Eu o conheço melhor que o senhor.”

“Diga a ele”, continuou Pumblechook, “‘Joseph, eu vi esse homem, e esse homem não o considera mau, nem me considera mau. Ele conhece o seu caráter, Joseph, e está bem informado sobre a sua burrice e ignorância; e ele conhece o meu caráter, Joseph, e sabe da minha falta de gratidão. Sim, Joseph’, você lhe dirá”, e aqui Pumblechook balançou sua cabeça e sua mão para mim, “‘ele conhece a minha total falta de gratidão humana. Ele sabe disso, Joseph, como ninguém mais. Você não sabe, Joseph, pois não teve nenhuma oportunidade de saber, mas esse homem sabe.’”

Burro vaidoso que ele era, eu estava realmente pasmo de ver que ele tinha a cara e a coragem de me falar assim.

“Diga a ele: ‘Joseph, ele me deu uma pequena mensagem que eu agora repito. É que, na minha ruína, ele viu o dedo de Deus. Ele reconheceu esse dedo quando o viu, Joseph, reconheceu claramente. E o dedo de Deus traçou estas linhas, Joseph: ele pagou com ingratidão seu primeiro benfeitor e o fundador da sua fortuna. Mas esse homem disse que não se arrependeu do que fez, Joseph. Não, em absoluto. Foi certo fazer isso, foi bom, foi benevolente, e ele o faria novamente.’”

“É uma pena”, disse eu, em um tom desdenhoso, ao terminar meu desjejum interrompido, “que esse homem não tenha dito o que ele fez e o que faria novamente.”

“Proprietário do ‘Javali!’” gritou Pumblechook agora, dirigindo-se ao proprietário da estalagem, “e William! Não tenho qualquer objeção a que digam, em todos os cantos da cidade, se tal for o seu desejo, que foi certo fazer isto, foi bom fazer isso, foi benevolente fazer isso, e que eu o faria novamente.”

Com essas palavras, o impostor do Pumblechook tomou ambos pela mão com ar indignado e deixou a casa, deixando-me muito mais espantado do que encantado pelas virtudes daquele indefinido “isso”, que ele repetira tantas vezes ser certo, bom e benevolente. Não demorei a deixar a estalagem também, e quando desci a High Street, eu o vi discursando à porta da sua loja (sem dúvida sobre o mesmo assunto) para um grupo seleto, que me honrou com certos olhares muito desfavoráveis, quando passei do outro lado da rua.

Mas não era senão agradável voltar para perto de Biddy e de Joe, cuja grande paciência brilhava mais intensamente do que antes, se isso fosse possível, comparada com esse hipócrita insolente. Dirigi-me até eles caminhando devagar, pois minhas pernas ainda estavam fracas, mas com uma sensação de alívio crescente, à medida que me aproximava, e a impressão de que deixava a arrogância e a falsidade cada vez mais para trás.

A temperatura de junho era deliciosa. O céu era azul, as cotovias planavam bem alto sobre o milho verde; achei toda essa região bem mais bela e tranquila do que jamais havia achado. Muitas imagens agradáveis da vida que eu levaria ali, e da mudança para melhor que aconteceria em meu caráter quando eu tivesse ao meu lado um espírito para me guiar, cuja fé singela e sabedoria simples eu já conhecia, me acompanhavam em meu caminho. Essas imagens despertavam-me uma terna emoção, pois meu coração fora suavizado pelo meu retorno, e acabara de sofrer tal mudança, que eu me sentia como um homem que fizera descalço uma longa viagem, e que voltava para casa depois de vagar sem destino por muitos anos.

O prédio da escola onde Biddy ensinava era desconhecido para mim; mas a pequena travessa por onde entrei na aldeia, de tão sossegada, me fez passar defronte. Fiquei desapontado ao descobrir que aquele dia era feriado; não havia nenhuma criança lá, e a casa de Biddy estava fechada. Eu havia nutrido a esperança de vê-la diligentemente ocupada com seus deveres diários, antes que ela me visse, e essa esperança fora desfeita.

Mas a ferraria ficava bem perto, e me dirigi para lá passando sob a aleia de doces limas verdes, procurando ouvir o som do martelo de Joe. Muito tempo depois que eu deveria tê-lo ouvido, e muito tempo depois que eu tinha imaginado ouvi-lo, vi que era apenas imaginação, pois tudo estava silencioso. As limas estavam lá, os espinheiros brancos estavam lá, as castanheiras também, e suas folhas sussurravam de modo harmonioso quando parei para escutar; mas o ruído do martelo de Joe não se misturava à brisa de verão.

Comecei a temer, sem saber por que, o momento de avistar a ferraria; eu a vi, afinal, e vi que estava fechada. Nenhum lampejo de fogo, nenhuma chuva brilhante de faíscas, nenhum rugido de foles: tudo silencioso e imóvel.

Mas a casa não estava deserta, e a sala de visitas parecia estar em uso, pois suas cortinas brancas flutuavam na janela, que estava aberta e alegrada com flores. Aproximei-me bem devagar, com a intenção de espiar por cima

das flores, quando vi Joe e Biddy diante de mim, de braços dados.

A princípio, Biddy deu um grito, como se pensasse que era o meu espírito, mas no momento seguinte estava em meus braços. Eu chorei ao vê-la, e ela chorou ao me ver: eu, porque ela parecia tão fresca e encantadora; ela, porque eu parecia tão desgastado e pálido.

“Biddy querida, como você está elegante!”

“Sim, querido Pip.”

“E você, Joe, como está elegante!”

“Sim, meu velho e querido Pip.”

Olhei para os dois, de um para o outro, e então:

“Hoje é o dia do meu casamento!”, exclamou Biddy, em um arroubo de felicidade, “e eu me casei com Joe!”

Eles haviam me levado para a cozinha, e eu tinha a cabeça pousada sobre a velha mesa de pinho. Biddy segurava uma das minhas mãos sobre seus lábios, e eu sentia sobre o meu ombro o toque benéfico de Joe. “É que ele não estava bastante forte, minha querida, para aguentar a surpresa”, disse Joe. E Biddy disse, “Eu devia ter pensado nisso, querido Joe, mas eu estava feliz demais.” Ambos estavam tão radiantes e tão orgulhosos de me ver, tão emocionados por eu ter voltado para eles, tão encantados que eu tivesse chegado por acaso para tornar seu dia completo!

Meu primeiro pensamento foi de grande gratidão por nunca ter dito uma só palavra a Joe desta última esperança frustrada. Quantas vezes, enquanto ele estava comigo durante a minha doença, essa confissão chegou aos meus lábios! Como seu conhecimento desse fato teria sido irrevogável, se ele tivesse permanecido comigo mais uma hora!

“Querida Biddy”, disse eu, “você tem o melhor marido do mundo, e se você tivesse podido vê-lo junto ao meu leito, você teria... Mas não, você não poderia amá-lo mais do que ama.”

“Não, eu não poderia, realmente”, disse Biddy.

“E você, querido Joe, tem a melhor esposa do mundo, e ela o fará tão feliz quanto você merece ser, meu bom e nobre Joe!”

Joe olhou-me com os lábios trêmulos, e claramente colocou a manga diante dos olhos.

“E vocês, Joe e Biddy, já que foram ambos à igreja hoje, e que estão em disposição caridosa e afetuosa com todo gênero humano, recebam meu humilde agradecimento por tudo que fizeram por mim, e que eu retribui tão

mal! E preciso dizer que estou indo embora dentro de uma hora, pois logo partirei para o estrangeiro, e que nunca descansarei até que tenha conseguido o dinheiro com que você me manteve fora da prisão, e o tenha enviado a você. Não pensem, meus queridos Joe e Biddy, que se eu pudesse devolvê-lo mil vezes, eu poderia pensar em cancelar um só centavo do que eu lhe devo, nem que eu o faria se pudesse!"

Eles ficaram muito emocionados com essas palavras, e ambos me suplicaram que não dissesse mais nada.

"Mas preciso dizer mais. Querido Joe, espero que você tenha filhos para amar, e que um dia algum menininho sente-se neste canto da chaminé em uma noite de inverno, e que o faça lembrar-se de outro menininho que foi embora daqui para sempre. Não lhe diga, Joe, que fui ingrato; não lhe diga, Biddy, que fui egoísta e injusto; só digam a ele que fiz justiça a ambos, pois ambos foram tão bons e sinceros, e que, como seu filho, será natural para ele tornar-se um homem muito melhor do que eu fui."

"Eu não vou contar para ele", disse Joe, por detrás da sua manga, "nada desse tipo, Pip. Nem Biddy vai contar. Nem ninguém vai falar nada disso, não."

"E agora, embora eu saiba que ambos já o fizeram no fundo dos seus bondosos corações, eu lhes peço que me digam, todos os dois, que me perdoam! Por favor, permitam que eu escute essas palavras, que possa levar seu som comigo, e então poderei acreditar que vocês podem confiar em mim, e, com o tempo, ter uma opinião melhor sobre mim!"

"Oh, meu querido Pip, meu velho amigo", disse Joe. "Deus sabe que eu o perdoo, se é que tenho alguma coisa a perdoar!"

"Assim seja! E Deus sabe que eu também o perdoo!" ecoou Biddy.

"Agora me deixem subir e olhar para o meu velho quartinho, e descansar lá sozinho alguns minutos. E depois, quando eu tiver comido e bebido com vocês, venham comigo até o poste com as setas indicadoras, meus queridos Joe e Biddy, antes de dizermos adeus!"

Vendi tudo o que tinha, e separei o quanto pude para uma composição com meus credores – que me deram um prazo amplo para pagá-los por inteiro – e parti para juntar-me a Herbert. Dentro de um mês, eu havia deixado a Inglaterra; dentro de dois meses, eu era escriturário na Clarriker e Cia.; dentro de quatro meses, assumi minha primeira responsabilidade individual, pois a viga sob o teto da sala de estar de Mill Pond Bank havia deixado de tremer

sob as imprecações do velho Bill Barley, e estava agora em paz. Herbert tinha partido para casar-se com Clara, e fiquei tomando conta sozinho da filial do oriente da Clarriker, até que ele voltasse com ela.

Vários anos se passaram, antes que eu me tornasse sócio da firma; mas eu vivia feliz com Herbert e sua esposa, vivi modestamente e paguei minhas dívidas, e mantive uma correspondência constante com Biddy e Joe. Não foi senão quando me tornei o terceiro sócio da firma que Clarriker traiu meu segredo para Herbert; mas ele declarou então que o segredo da sociedade com Herbert tinha estado há muito tempo em sua consciência, e que ele precisava contar. E assim ele fez, e Herbert ficou tão comovido quanto surpreso, e meu querido companheiro e eu não ficamos menos amigos por causa desse longo encobrimento. Não posso deixar que se suponha que fôssemos uma grande empresa, ou que descobrimos uma mina de ouro. Não estávamos em uma situação de grandes negócios, mas tínhamos uma boa reputação, trabalhávamos bastante pelos nossos lucros, e íamos muito bem. Devíamos tanto à capacidade e dedicação de Herbert, que eu me perguntava muitas vezes como tinha podido conceber aquela velha ideia sobre a sua incapacidade, até o dia em que fui iluminado pela reflexão de que talvez a incapacidade nunca tivesse estado nele, mas em mim.

CAPÍTULO LIX

Durante onze anos, não vi com meus próprios olhos nem Joe nem Biddy – embora ambos estivessem sempre em minha imaginação enquanto estive no oriente – quando, em uma noite de dezembro, uma ou duas horas depois de escurecer, posei suavemente a mão sobre o trinco da porta da velha cozinha. Toquei no trinco com tanta delicadeza, que não fui ouvido, e olhei para dentro sem ser visto. Lá, fumando seu cachimbo e sentado no seu antigo lugar junto ao fogo, tão forte e sadio como sempre, embora um pouco grisalho, estava Joe; e lá no canto, protegido pela perna de Joe, e sentado no meu pequeno tamborete, olhando para o fogo, estava... eu de novo!

"Nós lhe demos o nome de Pip por sua causa, meu querido amigo", disse Joe, encantado, quando sentei em outro tamborete ao lado da criança (mas não revirei seu cabelo), "e esperamos que ele cresça um pouco como você, e achamos que é isso que ele está fazendo."

Eu também achei, e o levei para um passeio na manhã seguinte; conversamos muito, e entendendo um ao outro perfeitamente. Eu o levei ao cemitério, e sentei-o em certa lápide, e ele me mostrou ali do alto a pedra que era consagrada à memória de "Philip Pirrip, Falecido nesta Paróquia, e Também Georgiana, Esposa do Anterior."

"Biddy", disse eu, conversando com ela depois do jantar, enquanto sua menininha dormia em seu colo, "você tem que dar Pip para mim um dia desses; ou ao menos emprestá-lo."

"Não, não", disse Biddy, suavemente. "Você tem que se casar."

"É o que Herbert e Clara me dizem, mas não acho que isso vá acontecer, Biddy. Estou tão bem estabelecido em sua casa, que isso não é provável. Já sou um verdadeiro solteirão."

Biddy baixou os olhos para a filhinha, e pôs sua mãozinha em seus lábios; e então ela pôs sua boa mão maternal, com a qual ela a havia tocado, na minha. Havia alguma coisa nesse movimento, e na leve pressão da aliança de Biddy, que tinha em si uma doce eloquência.

"Querido Pip", disse Biddy, "você está seguro de que não sofre mais por ela?"

"Oh não... Creio que não, Biddy."

"Diga-me, como uma velha, velha amiga. Você a esqueceu de verdade?"

“Minha querida Biddy, eu não me esqueci de nada daquilo que teve na minha vida uma grande importância, e pouco daquilo que teve alguma importância. Mas esse pobre sonho, como eu costumava chamá-lo antigamente, já desapareceu, Biddy – desapareceu totalmente!”

No entanto eu sabia, enquanto dizia essas palavras, que tinha a intenção secreta de visitar sozinho, naquela noite, o local da velha casa, por causa dela. Sim, era isso. Por causa de Estella.

Eu tinha ouvido dizer que ela levava uma vida muito infeliz, e que estava separada do marido, que a havia tratado com grande crueldade, e que tinha a reputação de ser uma combinação de orgulho, avareza, brutalidade e baixeza. E tinha depois ouvido falar da morte de seu marido, em consequência de um acidente causado pelo seu mau tratamento a um cavalo. Essa libertação só tinha lhe acontecido há cerca de dois anos, e, por tudo que eu sabia, ela estava casada novamente.

O jantar era cedo, na casa de Joe, e assim tive bastante tempo, sem apressar minha conversa com Biddy, para andar até o velho lugar antes que escurecesse. Mas, como fui flanando pelo caminho, olhando para os velhos objetos e pensando em tempos passados, já era noite quando cheguei ao lugar.

Não havia mais nenhuma casa, nenhuma cervejaria, nenhum outro prédio, apenas o muro do velho jardim. O espaço vazio havia sido fechado com uma cerca grosseira, e, ao olhar por cima, vi que um pouco da velha hera tinha criado raiz outra vez, e estava crescendo e cobrindo de verde os pequenos montículos de ruínas. Um portão na cerca estava entreaberto, então o empurrei e entrei.

Uma névoa fria e prateada havia coberto a tarde como um véu, e a lua ainda não tinha se elevado para dispersá-la. Mas as estrelas brilhavam por sobre a névoa, e a lua estava surgindo, e a noite não era escura. Eu podia localizar o lugar onde estivera cada parte da velha casa, e da cervejaria, e dos portões, e dos barris. Eu havia feito isso, e estava olhando ao longo de uma aleia do jardim devastado, quando percebi uma figura solitária ali.

A figura mostrou que notara a minha presença, quando avancei. Tinha se movido na minha direção, mas parou imóvel. À medida que eu me aproximava, vi que era a figura de uma mulher. Quando me aproximei ainda mais, ela esteve a ponto de ir embora, mas parou e deixou que eu chegasse até ela. Então hesitou, como se estivesse muito surpresa, proferiu meu nome,

e eu gritei:

“Estella!”

“Eu estou muito mudada. Espanta-me que tenha me reconhecido.”

O frescor da sua beleza realmente havia desaparecido, mas sua majestade indescritível e seu encanto indescritível haviam permanecido. Esses atrativos de Estella, eu já conhecia. O que eu nunca tinha visto antes, era a luz suave e triste dos seus olhos, outrora tão orgulhosos; o que eu nunca tinha sentido antes, era o toque amigável da sua mão, outrora insensível.

Nós nos sentamos em um banco próximo, e eu disse, “Depois de tantos anos, é estranho que nos encontremos de novo, Estella, aqui mesmo, onde aconteceu o nosso primeiro encontro! Você vem aqui com frequência?”

“Eu nunca estive aqui desde então.”

“Nem eu.”

A lua começou a subir, e eu pensei naquele olhar plácido dirigido para o teto branco, por aquele que havia morrido. A lua começou a subir, e pensei na pressão da sua mão sobre a minha, quando eu lhe disse as últimas palavras que ele tinha ouvido na terra.

Estella foi a primeira a romper o silêncio que tinha se estabelecido entre nós.

“Eu muitas vezes esperei e desejei voltar, mas fui impedida por muitas circunstâncias. Pobre e velha casa!”

A névoa prateada foi tocada pelos primeiros raios de luar, e os mesmos raios tocaram as lágrimas que escorriam de seus olhos. Ignorando que eu as tinha visto, e olhando para o luar, ela disse calmamente:

“Você se perguntou, enquanto andou ao redor, como aconteceu desse lugar ficar nesse estado?”

“Sim, Estella.”

“O terreno pertence a mim. Foi a única posse de que não abri mão. Todo o restante foi me deixando, pouco a pouco, mas mantive esse terreno. Foi o objeto da única resistência determinada que fiz em todos esses anos de infelicidade.”

“Vai ser construída alguma coisa aqui?”

“Finalmente, sim. Vim aqui para despedir-me do lugar, antes dessa mudança. E você”, ela disse, com um tom de interesse tocante com que fala-se a alguém que vai partir, “ainda vive no estrangeiro?”

“Ainda.”

“E está indo bem, por certo.”

“Trabalho duro para sustentar-me dignamente, portanto... sim, estou indo bem.”

“Pensei em você muitas vezes”, disse Estella.

“Pensou?”

“Ultimamente, com muita frequência. Houve um tempo longo e doloroso, quando mantive longe de mim a lembrança daquilo que eu tinha jogado fora, quando ignorava o seu valor. Mas desde então, o meu dever não foi mais incompatível com a admissão dessa lembrança, e eu dei a ela um lugar no meu coração.”

“Sempre manteve o seu lugar no meu coração”, respondi.

E ficamos em silêncio outra vez, até que ela falou:

“Nunca imaginaria”, disse Estella, “que acabaria me despedindo de você ao despedir-me deste lugar. Estou contente por fazê-lo.”

“Contente de partir novamente, Estella? Para mim, partir é uma coisa dolorosa. Para mim, a lembrança da nossa última separação sempre foi triste e dolorosa.”

“Mas disse-me”, respondeu Estella, com muita seriedade, “‘Deus a abençoe, Deus a perdoe!’ E se pôde dizer-me isso então, não hesitará em dizer-me isso agora – agora que o sofrimento foi mais forte do que qualquer outro ensinamento, e que ensinou-me a compreender o que era o seu coração. Fui curvada e quebrada, mas, assim espero, para tomar uma forma melhor. Seja tão respeitoso e bom comigo como foi então, e diga-me que somos amigos.”

“Nós somos amigos”, disse eu, levantando-me e inclinando-me para ela, no momento em que ela levantava-se do banco.

“E continuaremos amigos, mesmo separados”, disse Estella.

Tomei a sua mão na minha, e saímos daquele lugar em ruínas. E, como a névoa da manhã havia se elevado, muito tempo atrás, quando deixei a ferraria, do mesmo modo a névoa da noite elevava-se agora, e na vasta extensão de luz tranquila que ela deixava-me ver, entrevi a esperança de não mais separar-me de Estella.

FIM

GREAT EXPECTATIONS

CHAPTER I

My father’s family name being Pirrip, and my Christian name Philip, my infant tongue could make of both names nothing longer or more explicit than Pip. So, I called myself Pip, and came to be called Pip.

I give Pirrip as my father’s family name, on the authority of his tombstone and my sister – Mrs. Joe Gargery, who married the blacksmith. As I never saw my father or my mother, and never saw any likeness of either of them (for their days were long before the days of photographs), my first fancies regarding what they were like were unreasonably derived from their tombstones. The shape of the letters on my father’s, gave me an odd idea that he was a square, stout, dark man, with curly black hair. From the character and turn of the inscription, “Also Georgiana Wife of the Above”, I drew a childish conclusion that my mother was freckled and sickly. To five little stone lozenges, each about a foot and a half long, which were arranged in a neat row beside their grave, and were sacred to the memory of five little brothers of mine – who gave up trying to get a living, exceedingly early in that universal struggle – I am indebted for a belief I religiously entertained that they had all been born on their backs with their hands in their trousers-pockets, and had never taken them out in this state of existence.

Ours was the marsh country, down by the river, within, as the river wound, twenty miles of the sea. My first most vivid and broad impression of the identity of things seems to me to have been gained on a memorable raw afternoon towards evening. At such a time I found out for certain that this bleak place overgrown with nettles was the churchyard; and that Philip Pirrip, late of this parish, and also Georgiana wife of the above, were dead and buried; and that Alexander, Bartholomew, Abraham, Tobias, and Roger, infant children of the aforesaid, were also dead and buried; and that the dark flat wilderness beyond the churchyard, intersected with dikes and mounds and gates, with scattered cattle feeding on it, was the marshes; and that the low leaden line beyond was the river; and that the distant savage lair from which the wind was rushing was the sea; and that the small bundle of shivers growing afraid of it all and beginning to cry, was Pip.

“Hold your noise!” cried a terrible voice, as a man started up from among the graves at the side of the church porch. “Keep still, you little devil, or I’ll cut your throat!”

A fearful man, all in coarse gray, with a great iron on his leg. A man with no hat, and with broken shoes, and with an old rag tied round his head. A man who had been soaked in water, and smothered in mud, and lamed by stones, and cut by flints, and stung by nettles, and torn by briars; who limped, and shivered, and glared, and growled; and whose teeth chattered in his head as he seized me by the chin.

"Oh! Don't cut my throat, sir", I pleaded in terror. "Pray don't do it, sir".

"Tell us your name!" said the man. "Quick!"

"Pip, sir".

"Once more", said the man, staring at me. "Give it mouth!"

"Pip. Pip, sir".

"Show us where you live", said the man. "Pint out the place!"

I pointed to where our village lay, on the flat in-shore among the alder-trees and pollards, a mile or more from the church.

The man, after looking at me for a moment, turned me upside down, and emptied my pockets. There was nothing in them but a piece of bread. When the church came to itself – for he was so sudden and strong that he made it go head over heels before me, and I saw the steeple under my feet – when the church came to itself, I say, I was seated on a high tombstone, trembling while he ate the bread ravenously.

"You young dog", said the man, licking his lips, "what fat cheeks you ha' got".

I believe they were fat, though I was at that time undersized for my years, and not strong.

"Darn me if I couldn't eat em", said the man, with a threatening shake of his head, "and if I han't half a mind to't!"

I earnestly expressed my hope that he wouldn't, and held tighter to the tombstone on which he had put me; partly, to keep myself upon it; partly, to keep myself from crying.

"Now lookee here!" said the man. "Where's your mother?"

"There, sir!" said I.

He started, made a short run, and stopped and looked over his shoulder.

"There, sir!" I timidly explained. "Also Georgiana. That's my mother".

“Oh!” said he, coming back. “And is that your father alonger your mother?”

“Yes, sir”, said I; “him too; late of this parish”.

“Ha!” he muttered then, considering. “Who d’ye live with – supposin’ you’re kindly let to live, which I han’t made up my mind about?”

“My sister, sir – Mrs. Joe Gargery – wife of Joe Gargery, the blacksmith, sir”.

“Blacksmith, eh?” said he. And looked down at his leg.

After darkly looking at his leg and me several times, he came closer to my tombstone, took me by both arms, and tilted me back as far as he could hold me; so that his eyes looked most powerfully down into mine, and mine looked most helplessly up into his.

“Now lookee here”, he said, “the question being whether you’re to be let to live. You know what a file is?”

“Yes, sir”.

“And you know what wittles is?”

“Yes, sir”.

After each question he tilted me over a little more, so as to give me a greater sense of helplessness and danger.

“You get me a file”. He tilted me again. “And you get me wittles”. He tilted me again. “You bring ‘em both to me”. He tilted me again. “Or I’ll have your heart and liver out”. He tilted me again.

I was dreadfully frightened, and so giddy that I clung to him with both hands, and said, “If you would kindly please to let me keep upright, sir, perhaps I shouldn’t be sick, and perhaps I could attend more”.

He gave me a most tremendous dip and roll, so that the church jumped over its own weathercock. Then, he held me by the arms, in an upright position on the top of the stone, and went on in these fearful terms:

“You bring me, tomorrow morning early, that file and them wittles. You bring the lot to me, at that old Battery over yonder. You do it, and you never dare to say a word or dare to make a sign concerning your having seen such a person as me, or any person sumever, and you shall be let to live. You fail, or you go from my words in any partickler, no matter how small it is, and your heart and your liver shall be tore out, roasted, and ate. Now, I ain’t alone, as you may think I am. There’s a young man hid with me, in comparison with which young man I am a Angel. That young man hears the

words I speak. That young man has a secret way pecooliar to himself, of getting at a boy, and at his heart, and at his liver. It is in wain for a boy to attempt to hide himself from that young man. A boy may lock his door, may be warm in bed, may tuck himself up, may draw the clothes over his head, may think himself comfortable and safe, but that young man will softly creep and creep his way to him and tear him open. I am a keeping that young man from harming of you at the present moment, with great difficulty. I find it wery hard to hold that young man off of your inside. Now, what do you say?"

I said that I would get him the file, and I would get him what broken bits of food I could, and I would come to him at the Battery, early in the morning.

"Say Lord strike you dead if you don't!" said the man.

I said so, and he took me down.

"Now", he pursued, "you remember what you've undertook, and you remember that young man, and you get home!"

"Goo-good night, sir", I faltered.

"Much of that!" said he, glancing about him over the cold wet flat. "I wish I was a frog. Or a eel!"

At the same time, he hugged his shuddering body in both his arms – clasping himself, as if to hold himself together – and limped towards the low church wall. As I saw him go, picking his way among the nettles, and among the brambles that bound the green mounds, he looked in my young eyes as if he were eluding the hands of the dead people, stretching up cautiously out of their graves, to get a twist upon his ankle and pull him in.

When he came to the low church wall, he got over it, like a man whose legs were numbed and stiff, and then turned round to look for me. When I saw him turning, I set my face towards home, and made the best use of my legs. But presently I looked over my shoulder, and saw him going on again towards the river, still hugging himself in both arms, and picking his way with his sore feet among the great stones dropped into the marshes here and there, for stepping-places when the rains were heavy or the tide was in.

The marshes were just a long black horizontal line then, as I stopped to look after him; and the river was just another horizontal line, not nearly so broad nor yet so black; and the sky was just a row of long angry red lines and dense black lines intermixed. On the edge of the river I could faintly make out the only two black things in all the prospect that seemed to be standing

upright; one of these was the beacon by which the sailors steered – like an unhooped cask upon a pole – an ugly thing when you were near it; the other, a gibbet, with some chains hanging to it which had once held a pirate. The man was limping on towards this latter, as if he were the pirate come to life, and come down, and going back to hook himself up again. It gave me a terrible turn when I thought so; and as I saw the cattle lifting their heads to gaze after him, I wondered whether they thought so too. I looked all round for the horrible young man, and could see no signs of him. But now I was frightened again, and ran home without stopping.

CHAPTER II

My sister, Mrs. Joe Gargery, was more than twenty years older than I, and had established a great reputation with herself and the neighbors because she had brought me up “by hand”. Having at that time to find out for myself what the expression meant, and knowing her to have a hard and heavy hand, and to be much in the habit of laying it upon her husband as well as upon me, I supposed that Joe Gargery and I were both brought up by hand.

She was not a good-looking woman, my sister; and I had a general impression that she must have made Joe Gargery marry her by hand. Joe was a fair man, with curls of flaxen hair on each side of his smooth face, and with eyes of such a very undecided blue that they seemed to have somehow got mixed with their own whites. He was a mild, good-natured, sweet-tempered, easy-going, foolish, dear fellow – a sort of Hercules in strength, and also in weakness.

My sister, Mrs. Joe, with black hair and eyes, had such a prevailing redness of skin that I sometimes used to wonder whether it was possible she washed herself with a nutmeg-grater instead of soap. She was tall and bony, and almost always wore a coarse apron, fastened over her figure behind with two loops, and having a square impregnable bib in front, that was stuck full of pins and needles. She made it a powerful merit in herself, and a strong reproach against Joe, that she wore this apron so much. Though I really see no reason why she should have worn it at all; or why, if she did wear it at all, she should not have taken it off, every day of her life.

Joe’s forge adjoined our house, which was a wooden house, as many of the dwellings in our country were – most of them, at that time. When I ran home from the churchyard, the forge was shut up, and Joe was sitting alone in the kitchen. Joe and I being fellow-sufferers, and having confidences as such, Joe imparted a confidence to me, the moment I raised the latch of the door and peeped in at him opposite to it, sitting in the chimney corner.

“Mrs. Joe has been out a dozen times, looking for you, Pip. And she’s out now, making it a baker’s dozen”.

“Is she?”

“Yes, Pip”, said Joe; “and what’s worse, she’s got Tickler with her”.

At this dismal intelligence, I twisted the only button on my waistcoat round and round, and looked in great depression at the fire. Tickler was a

wax-ended piece of cane, worn smooth by collision with my tickled frame.

"She sot down", said Joe, "and she got up, and she made a grab at Tickler, and she Ram-paged out. That's what she did", said Joe, slowly clearing the fire between the lower bars with the poker, and looking at it; "she Ram-paged out, Pip".

"Has she been gone long, Joe?" I always treated him as a larger species of child, and as no more than my equal.

"Well", said Joe, glancing up at the Dutch clock, "she's been on the Ram-page, this last spell, about five minutes, Pip. She's a coming! Get behind the door, old chap, and have the jack-towel betwixt you".

I took the advice. My sister, Mrs. Joe, throwing the door wide open, and finding an obstruction behind it, immediately divined the cause, and applied Tickler to its further investigation. She concluded by throwing me – I often served as a connubial missile – at Joe, who, glad to get hold of me on any terms, passed me on into the chimney and quietly fenced me up there with his great leg.

"Where have you been, you young monkey?" said Mrs. Joe, stamping her foot. "Tell me directly what you've been doing to wear me away with fret and fright and worrit, or I'd have you out of that corner if you was fifty Pips, and he was five hundred Gargerys".

"I have only been to the churchyard", said I, from my stool, crying and rubbing myself.

"Churchyard!" repeated my sister. "If it warn't for me you'd have been to the churchyard long ago, and stayed there. Who brought you up by hand?"

"You did", said I.

"And why did I do it, I should like to know?" exclaimed my sister.

I whimpered, "I don't know".

"I don't!" said my sister. "I'd never do it again! I know that. I may truly say I've never had this apron of mine off since born you were. It's bad enough to be a blacksmith's wife (and him a Gargery) without being your mother".

My thoughts strayed from that question as I looked disconsolately at the fire. For the fugitive out on the marshes with the ironed leg, the mysterious young man, the file, the food, and the dreadful pledge I was under to commit a larceny on those sheltering premises, rose before me in the

avenging coals.

"Hah!" said Mrs. Joe, restoring Tickler to his station. "Churchyard, indeed! You may well say churchyard, you two". One of us, by the by, had not said it at all. "You'll drive me to the churchyard betwixt you, one of these days, and O, a pr-r-recious pair you'd be without me!"

As she applied herself to set the tea-things, Joe peeped down at me over his leg, as if he were mentally casting me and himself up, and calculating what kind of pair we practically should make, under the grievous circumstances foreshadowed. After that, he sat feeling his right-side flaxen curls and whisker, and following Mrs. Joe about with his blue eyes, as his manner always was at squally times.

My sister had a trenchant way of cutting our bread and butter for us, that never varied. First, with her left hand she jammed the loaf hard and fast against her bib – where it sometimes got a pin into it, and sometimes a needle, which we afterwards got into our mouths. Then she took some butter (not too much) on a knife and spread it on the loaf, in an apothecary kind of way, as if she were making a plaster – using both sides of the knife with a slapping dexterity, and trimming and moulding the butter off round the crust. Then, she gave the knife a final smart wipe on the edge of the plaster, and then sawed a very thick round off the loaf: which she finally, before separating from the loaf, hewed into two halves, of which Joe got one, and I the other.

On the present occasion, though I was hungry, I dared not eat my slice. I felt that I must have something in reserve for my dreadful acquaintance, and his ally the still more dreadful young man. I knew Mrs. Joe's housekeeping to be of the strictest kind, and that my larcenous researches might find nothing available in the safe. Therefore I resolved to put my hunk of bread and butter down the leg of my trousers.

The effort of resolution necessary to the achievement of this purpose I found to be quite awful. It was as if I had to make up my mind to leap from the top of a high house, or plunge into a great depth of water. And it was made the more difficult by the unconscious Joe. In our already-mentioned freemasonry as fellow-sufferers, and in his good-natured companionship with me, it was our evening habit to compare the way we bit through our slices, by silently holding them up to each other's admiration now and then – which stimulated us to new exertions. Tonight, Joe several times invited me, by the

display of his fast diminishing slice, to enter upon our usual friendly competition; but he found me, each time, with my yellow mug of tea on one knee, and my untouched bread and butter on the other. At last, I desperately considered that the thing I contemplated must be done, and that it had best be done in the least improbable manner consistent with the circumstances. I took advantage of a moment when Joe had just looked at me, and got my bread and butter down my leg.

Joe was evidently made uncomfortable by what he supposed to be my loss of appetite, and took a thoughtful bite out of his slice, which he didn't seem to enjoy. He turned it about in his mouth much longer than usual, pondering over it a good deal, and after all gulped it down like a pill. He was about to take another bite, and had just got his head on one side for a good purchase on it, when his eye fell on me, and he saw that my bread and butter was gone.

The wonder and consternation with which Joe stopped on the threshold of his bite and stared at me, were too evident to escape my sister's observation.

"What's the matter now?" said she, smartly, as she put down her cup.

"I say, you know!" muttered Joe, shaking his head at me in very serious remonstrance. "Pip, old chap! You'll do yourself a mischief. It'll stick somewhere. You can't have chawed it, Pip".

"What's the matter now?" repeated my sister, more sharply than before.

"If you can cough any trifle on it up, Pip, I'd recommend you to do it", said Joe, all aghast. "Manners is manners, but still your elth's your elth".

By this time, my sister was quite desperate, so she pounced on Joe, and, taking him by the two whiskers, knocked his head for a little while against the wall behind him, while I sat in the corner, looking guiltily on.

"Now, perhaps you'll mention what's the matter", said my sister, out of breath, "you staring great stuck pig".

Joe looked at her in a helpless way, then took a helpless bite, and looked at me again.

"You know, Pip", said Joe, solemnly, with his last bite in his cheek, and speaking in a confidential voice, as if we two were quite alone, "you and me is always friends, and I'd be the last to tell upon you, any time. But such a…" he moved his chair and looked about the floor between us, and then

again at me…”such a most oncommon Bolt as that!”

“Been bolting his food, has he?” cried my sister.

“You know, old chap”, said Joe, looking at me, and not at Mrs. Joe, with his bite still in his cheek, “I Bolted, myself, when I was your age – frequent – and as a boy I’ve been among a many Bolters; but I never see your Bolting equal yet, Pip, and it’s a mercy you ain’t Bolted dead”.

My sister made a dive at me, and fished me up by the hair, saying nothing more than the awful words, “You come along and be dosed”.

Some medical beast had revived Tar-water in those days as a fine medicine, and Mrs. Joe always kept a supply of it in the cupboard; having a belief in its virtues correspondent to its nastiness. At the best of times, so much of this elixir was administered to me as a choice restorative, that I was conscious of going about, smelling like a new fence. On this particular evening the urgency of my case demanded a pint of this mixture, which was poured down my throat, for my greater comfort, while Mrs. Joe held my head under her arm, as a boot would be held in a bootjack. Joe got off with half a pint; but was made to swallow that (much to his disturbance, as he sat slowly munching and meditating before the fire), “because he had had a turn”. Judging from myself, I should say he certainly had a turn afterwards, if he had had none before.

Conscience is a dreadful thing when it accuses man or boy; but when, in the case of a boy, that secret burden co-operates with another secret burden down the leg of his trousers, it is (as I can testify) a great punishment. The guilty knowledge that I was going to rob Mrs. Joe – I never thought I was going to rob Joe, for I never thought of any of the housekeeping property as his – united to the necessity of always keeping one hand on my bread and butter as I sat, or when I was ordered about the kitchen on any small errand, almost drove me out of my mind. Then, as the marsh winds made the fire glow and flare, I thought I heard the voice outside, of the man with the iron on his leg who had sworn me to secrecy, declaring that he couldn’t and wouldn’t starve until tomorrow, but must be fed now. At other times, I thought, What if the young man who was with so much difficulty restrained from imbruing his hands in me should yield to a constitutional impatience, or should mistake the time, and should think himself accredited to my heart and liver tonight, instead of tomorrow! If ever anybody’s hair stood on end with terror, mine must have done so then. But, perhaps, nobody’s ever did?

It was Christmas Eve, and I had to stir the pudding for next day, with a copper-stick, from seven to eight by the Dutch clock. I tried it with the load upon my leg (and that made me think afresh of the man with the load on his leg), and found the tendency of exercise to bring the bread and butter out at my ankle, quite unmanageable. Happily I slipped away, and deposited that part of my conscience in my garret bedroom.

"Hark!" said I, when I had done my stirring, and was taking a final warm in the chimney corner before being sent up to bed; "was that great guns, Joe?"

"Ah!" said Joe. "There's another conwict off".

"What does that mean, Joe?" said I.

Mrs. Joe, who always took explanations upon herself, said, snappishly, "Escaped. Escaped". Administering the definition like Tar-water.

While Mrs. Joe sat with her head bending over her needlework, I put my mouth into the forms of saying to Joe, "What's a convict?" Joe put his mouth into the forms of returning such a highly elaborate answer, that I could make out nothing of it but the single word "Pip".

"There was a conwict off last night", said Joe, aloud, "after sunset-gun. And they fired warning of him. And now it appears they're firing warning of another".

"Who's firing?" said I.

"Drat that boy", interposed my sister, frowning at me over her work, "what a questioner he is. Ask no questions, and you'll be told no lies".

It was not very polite to herself, I thought, to imply that I should be told lies by her even if I did ask questions. But she never was polite unless there was company.

At this point Joe greatly augmented my curiosity by taking the utmost pains to open his mouth very wide, and to put it into the form of a word that looked to me like "sulks". Therefore, I naturally pointed to Mrs. Joe, and put my mouth into the form of saying, "her?" But Joe wouldn't hear of that, at all, and again opened his mouth very wide, and shook the form of a most emphatic word out of it. But I could make nothing of the word.

"Mrs. Joe", said I, as a last resort, "I should like to know – if you wouldn't much mind – where the firing comes from?"

"Lord bless the boy!" exclaimed my sister, as if she didn't quite mean that but rather the contrary. "From the Hulks!"

“Oh-h!” said I, looking at Joe. “Hulks!”

Joe gave a reproachful cough, as much as to say, “Well, I told you so”.

“And please, what’s Hulks?” said I.

“That’s the way with this boy!” exclaimed my sister, pointing me out with her needle and thread, and shaking her head at me. “Answer him one question, and he’ll ask you a dozen directly. Hulks are prison-ships, right ‘cross th’ meshes”. We always used that name for marshes, in our country.

“I wonder who’s put into prison-ships, and why they’re put there?” said I, in a general way, and with quiet desperation.

It was too much for Mrs. Joe, who immediately rose. “I tell you what, young fellow”, said she, “I didn’t bring you up by hand to badger people’s lives out. It would be blame to me and not praise, if I had. People are put in the Hulks because they murder, and because they rob, and forge, and do all sorts of bad; and they always begin by asking questions. Now, you get along to bed!”

I was never allowed a candle to light me to bed, and, as I went up stairs in the dark, with my head tingling – from Mrs. Joe’s thimble having played the tambourine upon it, to accompany her last words – I felt fearfully sensible of the great convenience that the hulks were handy for me. I was clearly on my way there. I had begun by asking questions, and I was going to rob Mrs. Joe.

Since that time, which is far enough away now, I have often thought that few people know what secrecy there is in the young under terror. No matter how unreasonable the terror, so that it be terror. I was in mortal terror of the young man who wanted my heart and liver; I was in mortal terror of my interlocutor with the iron leg; I was in mortal terror of myself, from whom an awful promise had been extracted; I had no hope of deliverance through my all-powerful sister, who repulsed me at every turn; I am afraid to think of what I might have done on requirement, in the secrecy of my terror.

If I slept at all that night, it was only to imagine myself drifting down the river on a strong spring-tide, to the Hulks; a ghostly pirate calling out to me through a speaking-trumpet, as I passed the gibbet-station, that I had better come ashore and be hanged there at once, and not put it off. I was afraid to sleep, even if I had been inclined, for I knew that at the first faint dawn of morning I must rob the pantry. There was no doing it in the night,

for there was no getting a light by easy friction then; to have got one I must have struck it out of flint and steel, and have made a noise like the very pirate himself rattling his chains.

As soon as the great black velvet pall outside my little window was shot with gray, I got up and went down stairs; every board upon the way, and every crack in every board calling after me, “Stop thief!” and “Get up, Mrs. Joe!” In the pantry, which was far more abundantly supplied than usual, owing to the season, I was very much alarmed by a hare hanging up by the heels, whom I rather thought I caught when my back was half turned, winking. I had no time for verification, no time for selection, no time for anything, for I had no time to spare. I stole some bread, some rind of cheese, about half a jar of mincemeat (which I tied up in my pocket-handkerchief with my last night’s slice), some brandy from a stone bottle (which I decanted into a glass bottle I had secretly used for making that intoxicating fluid, Spanish-liquorice-water, up in my room: diluting the stone bottle from a jug in the kitchen cupboard), a meat bone with very little on it, and a beautiful round compact pork pie. I was nearly going away without the pie, but I was tempted to mount upon a shelf, to look what it was that was put away so carefully in a covered earthen ware dish in a corner, and I found it was the pie, and I took it in the hope that it was not intended for early use, and would not be missed for some time.

There was a door in the kitchen, communicating with the forge; I unlocked and unbolted that door, and got a file from among Joe’s tools. Then I put the fastenings as I had found them, opened the door at which I had entered when I ran home last night, shut it, and ran for the misty marshes.

CHAPTER III

It was a rimy morning, and very damp. I had seen the damp lying on the outside of my little window, as if some goblin had been crying there all night, and using the window for a pocket-handkerchief. Now, I saw the damp lying on the bare hedges and spare grass, like a coarser sort of spiders' webs; hanging itself from twig to twig and blade to blade. On every rail and gate, wet lay clammy, and the marsh mist was so thick, that the wooden finger on the post directing people to our village – a direction which they never accepted, for they never came there – was invisible to me until I was quite close under it. Then, as I looked up at it, while it dripped, it seemed to my oppressed conscience like a phantom devoting me to the Hulks.

The mist was heavier yet when I got out upon the marshes, so that instead of my running at everything, everything seemed to run at me. This was very disagreeable to a guilty mind. The gates and dikes and banks came bursting at me through the mist, as if they cried as plainly as could be, "A boy with Somebody's else's pork pie! Stop him!" The cattle came upon me with like suddenness, staring out of their eyes, and steaming out of their nostrils, "Halloa, young thief!" One black ox, with a white cravat on – who even had to my awakened conscience something of a clerical air – fixed me so obstinately with his eyes, and moved his blunt head round in such an accusatory manner as I moved round, that I blubbered out to him, "I couldn't help it, sir! It wasn't for myself I took it!" Upon which he put down his head, blew a cloud of smoke out of his nose, and vanished with a kick-up of his hind-legs and a flourish of his tail.

All this time, I was getting on towards the river; but however fast I went, I couldn't warm my feet, to which the damp cold seemed riveted, as the iron was riveted to the leg of the man I was running to meet. I knew my way to the Battery, pretty straight, for I had been down there on a Sunday with Joe, and Joe, sitting on an old gun, had told me that when I was 'prentice to him, regularly bound, we would have such Larks there! However, in the confusion of the mist, I found myself at last too far to the right, and consequently had to try back along the river-side, on the bank of loose stones above the mud and the stakes that staked the tide out. Making my way along here with all despatch, I had just crossed a ditch which I knew to be very near the Battery, and had just scrambled up the mound beyond the ditch, when I

saw the man sitting before me. His back was towards me, and he had his arms folded, and was nodding forward, heavy with sleep.

I thought he would be more glad if I came upon him with his breakfast, in that unexpected manner, so I went forward softly and touched him on the shoulder. He instantly jumped up, and it was not the same man, but another man!

And yet this man was dressed in coarse gray, too, and had a great iron on his leg, and was lame, and hoarse, and cold, and was everything that the other man was; except that he had not the same face, and had a flat broad-brimmed low-crowned felt hat on. All this I saw in a moment, for I had only a moment to see it in: he swore an oath at me, made a hit at me – it was a round weak blow that missed me and almost knocked himself down, for it made him stumble – and then he ran into the mist, stumbling twice as he went, and I lost him.

"It's the young man!" I thought, feeling my heart shoot as I identified him. I dare say I should have felt a pain in my liver, too, if I had known where it was.

I was soon at the Battery after that, and there was the right Man – hugging himself and limping to and fro, as if he had never all night left off hugging and limping – waiting for me. He was awfully cold, to be sure. I half expected to see him drop down before my face and die of deadly cold. His eyes looked so awfully hungry too, that when I handed him the file and he laid it down on the grass, it occurred to me he would have tried to eat it, if he had not seen my bundle. He did not turn me upside down this time to get at what I had, but left me right side upwards while I opened the bundle and emptied my pockets.

"What's in the bottle, boy?" said he.

"Brandy", said I.

He was already handing mincemeat down his throat in the most curious manner – more like a man who was putting it away somewhere in a violent hurry, than a man who was eating it – but he left off to take some of the liquor. He shivered all the while so violently, that it was quite as much as he could do to keep the neck of the bottle between his teeth, without biting it off.

"I think you have got the ague", said I.

"I'm much of your opinion, boy", said he.

“It’s bad about here”, I told him. “You’ve been lying out on the meshes, and they’re dreadful aguish. Rheumatic too”.

“I’ll eat my breakfast afore they’re the death of me”, said he. “I’d do that, if I was going to be strung up to that there gallows as there is over there, directly afterwards. I’ll beat the shivers so far, I’ll bet you”.

He was gobbling mincemeat, meatbone, bread, cheese, and pork pie, all at once: staring distrustfully while he did so at the mist all round us, and often stopping – even stopping his jaws – to listen. Some real or fancied sound, some clink upon the river or breathing of beast upon the marsh, now gave him a start, and he said, suddenly –

“You’re not a deceiving imp? You brought no one with you?”

“No, sir! No!”

“Nor giv’ no one the office to follow you?”

“No!”

“Well”, said he, “I believe you. You’d be but a fierce young hound indeed, if at your time of life you could help to hunt a wretched warmint hunted as near death and dunghill as this poor wretched warmint is!”

Something clicked in his throat as if he had works in him like a clock, and was going to strike. And he smeared his ragged rough sleeve over his eyes.

Pitying his desolation, and watching him as he gradually settled down upon the pie, I made bold to say, “I am glad you enjoy it”.

“Did you speak?”

“I said I was glad you enjoyed it”.

“Thankee, my boy. I do”.

I had often watched a large dog of ours eating his food; and I now noticed a decided similarity between the dog’s way of eating, and the man’s. The man took strong sharp sudden bites, just like the dog. He swallowed, or rather snapped up, every mouthful, too soon and too fast; and he looked sideways here and there while he ate, as if he thought there was danger in every direction of somebody’s coming to take the pie away. He was altogether too unsettled in his mind over it, to appreciate it comfortably I thought, or to have anybody to dine with him, without making a chop with his jaws at the visitor. In all of which particulars he was very like the dog.

“I am afraid you won’t leave any of it for him”, said I, timidly; after a silence during which I had hesitated as to the politeness of making the

remark. “There’s no more to be got where that came from”. It was the certainty of this fact that impelled me to offer the hint.

“Leave any for him? Who’s him?” said my friend, stopping in his crunching of pie-crust.

“The young man. That you spoke of. That was hid with you”.

“Oh ah!” he returned, with something like a gruff laugh. “Him? Yes, yes! He don’t want no wittles”.

“I thought he looked as if he did”, said I.

The man stopped eating, and regarded me with the keenest scrutiny and the greatest surprise.

“Looked? When?”

“Just now”.

“Where?”

“Yonder”, said I, pointing; “over there, where I found him nodding asleep, and thought it was you”.

He held me by the collar and stared at me so, that I began to think his first idea about cutting my throat had revived.

“Dressed like you, you know, only with a hat”, I explained, trembling; “and – and” – I was very anxious to put this delicately...”and with – the same reason for wanting to borrow a file. Didn’t you hear the cannon last night?”

“Then there was firing!” he said to himself.

“I wonder you shouldn’t have been sure of that”, I returned, “for we heard it up at home, and that’s farther away, and we were shut in besides”.

“Why, see now!” said he. “When a man’s alone on these flats, with a light head and a light stomach, perishing of cold and want, he hears nothin’ all night, but guns firing, and voices calling. Hears? He sees the soldiers, with their red coats lighted up by the torches carried afore, closing in round him. Hears his number called, hears himself challenged, hears the rattle of the muskets, hears the orders ‘Make ready! Present! Cover him steady, men!’ and is laid hands on – and there’s nothin’! Why, if I see one pursuing party last night – coming up in order, Damn ‘em, with their tramp, tramp – I see a hundred. And as to firing! Why, I see the mist shake with the cannon, arter it was broad day – But this man”; he had said all the rest, as if he had forgotten my being there; “did you notice anything in him?”

“He had a badly bruised face”, said I, recalling what I hardly knew I knew.

“Not here?” exclaimed the man, striking his left cheek mercilessly, with the flat of his hand.

“Yes, there!”

“Where is he?” He crammed what little food was left, into the breast of his gray jacket. “Show me the way he went. I’ll pull him down, like a bloodhound. Curse this iron on my sore leg! Give us hold of the file, boy”.

I indicated in what direction the mist had shrouded the other man, and he looked up at it for an instant. But he was down on the rank wet grass, filing at his iron like a madman, and not minding me or minding his own leg, which had an old chafe upon it and was bloody, but which he handled as roughly as if it had no more feeling in it than the file. I was very much afraid of him again, now that he had worked himself into this fierce hurry, and I was likewise very much afraid of keeping away from home any longer. I told him I must go, but he took no notice, so I thought the best thing I could do was to slip off. The last I saw of him, his head was bent over his knee and he was working hard at his fetter, muttering impatient imprecations at it and at his leg. The last I heard of him, I stopped in the mist to listen, and the file was still going.

CHAPTER IV

I fully expected to find a Constable in the kitchen, waiting to take me up. But not only was there no Constable there, but no discovery had yet been made of the robbery. Mrs. Joe was prodigiously busy in getting the house ready for the festivities of the day, and Joe had been put upon the kitchen doorstep to keep him out of the dust-pan – an article into which his destiny always led him, sooner or later, when my sister was vigorously reaping the floors of her establishment.

"And where the deuce ha' you been?" was Mrs. Joe's Christmas salutation, when I and my conscience showed ourselves.

I said I had been down to hear the Carols. "Ah! well!" observed Mrs. Joe. "You might ha' done worse". Not a doubt of that I thought.

"Perhaps if I warn't a blacksmith's wife, and (what's the same thing) a slave with her apron never off, I should have been to hear the Carols", said Mrs. Joe. "I'm rather partial to Carols, myself, and that's the best of reasons for my never hearing any".

Joe, who had ventured into the kitchen after me as the dustpan had retired before us, drew the back of his hand across his nose with a conciliatory air, when Mrs. Joe darted a look at him, and, when her eyes were withdrawn, secretly crossed his two forefingers, and exhibited them to me, as our token that Mrs. Joe was in a cross temper. This was so much her normal state, that Joe and I would often, for weeks together, be, as to our fingers, like monumental Crusaders as to their legs.

We were to have a superb dinner, consisting of a leg of pickled pork and greens, and a pair of roast stuffed fowls. A handsome mince-pie had been made yesterday morning (which accounted for the mincemeat not being missed), and the pudding was already on the boil. These extensive arrangements occasioned us to be cut off unceremoniously in respect of breakfast; "for I ain't", said Mrs. Joe – "I ain't a going to have no formal cramming and busting and washing up now, with what I've got before me, I promise you!"

So, we had our slices served out, as if we were two thousand troops on a forced march instead of a man and boy at home; and we took gulps of milk and water, with apologetic countenances, from a jug on the dresser. In the meantime, Mrs. Joe put clean white curtains up, and tacked a new flowered

flounce across the wide chimney to replace the old one, and uncovered the little state parlor across the passage, which was never uncovered at any other time, but passed the rest of the year in a cool haze of silver paper, which even extended to the four little white crockery poodles on the mantel-shelf, each with a black nose and a basket of flowers in his mouth, and each the counterpart of the other. Mrs. Joe was a very clean housekeeper, but had an exquisite art of making her cleanliness more uncomfortable and unacceptable than dirt itself. Cleanliness is next to Godliness, and some people do the same by their religion.

My sister, having so much to do, was going to church vicariously, that is to say, Joe and I were going. In his working-clothes, Joe was a well-knit characteristic-looking blacksmith; in his holiday clothes, he was more like a scarecrow in good circumstances, than anything else. Nothing that he wore then fitted him or seemed to belong to him; and everything that he wore then grazed him. On the present festive occasion he emerged from his room, when the blithe bells were going, the picture of misery, in a full suit of Sunday penitentials. As to me, I think my sister must have had some general idea that I was a young offender whom an Accoucheur Policeman had taken up (on my birthday) and delivered over to her, to be dealt with according to the outraged majesty of the law. I was always treated as if I had insisted on being born in opposition to the dictates of reason, religion, and morality, and against the dissuading arguments of my best friends. Even when I was taken to have a new suit of clothes, the tailor had orders to make them like a kind of Reformatory, and on no account to let me have the free use of my limbs.

Joe and I going to church, therefore, must have been a moving spectacle for compassionate minds. Yet, what I suffered outside was nothing to what I underwent within. The terrors that had assailed me whenever Mrs. Joe had gone near the pantry, or out of the room, were only to be equalled by the remorse with which my mind dwelt on what my hands had done. Under the weight of my wicked secret, I pondered whether the Church would be powerful enough to shield me from the vengeance of the terrible young man, if I divulged to that establishment. I conceived the idea that the time when the banns were read and when the clergyman said, “Ye are now to declare it!” would be the time for me to rise and propose a private conference in the vestry. I am far from being sure that I might not have astonished our small congregation by resorting to this extreme measure, but for its being

Christmas Day and no Sunday.

Mr. Wopsle, the clerk at church, was to dine with us; and Mr. Hubble the wheelwright and Mrs. Hubble; and Uncle Pumblechook (Joe's uncle, but Mrs. Joe appropriated him), who was a well-to-do cornchandler in the nearest town, and drove his own chaise-cart. The dinner hour was half-past one. When Joe and I got home, we found the table laid, and Mrs. Joe dressed, and the dinner dressing, and the front door unlocked (it never was at any other time) for the company to enter by, and everything most splendid. And still, not a word of the robbery.

The time came, without bringing with it any relief to my feelings, and the company came. Mr. Wopsle, united to a Roman nose and a large shining bald forehead, had a deep voice which he was uncommonly proud of; indeed it was understood among his acquaintance that if you could only give him his head, he would read the clergyman into fits; he himself confessed that if the Church was "thrown open", meaning to competition, he would not despair of making his mark in it. The Church not being "thrown open", he was, as I have said, our clerk. But he punished the Amens tremendously; and when he gave out the psalm – always giving the whole verse – he looked all round the congregation first, as much as to say, "You have heard my friend overhead; oblige me with your opinion of this style!"

I opened the door to the company – making believe that it was a habit of ours to open that door – and I opened it first to Mr. Wopsle, next to Mr. and Mrs. Hubble, and last of all to Uncle Pumblechook. N.B. I was not allowed to call him uncle, under the severest penalties.

"Mrs. Joe", said Uncle Pumblechook, a large hard-breathing middle-aged slow man, with a mouth like a fish, dull staring eyes, and sandy hair standing upright on his head, so that he looked as if he had just been all but choked, and had that moment come to, "I have brought you as the compliments of the season – I have brought you, Mum, a bottle of sherry wine – and I have brought you, Mum, a bottle of port wine".

Every Christmas Day he presented himself, as a profound novelty, with exactly the same words, and carrying the two bottles like dumb-bells. Every Christmas Day, Mrs. Joe replied, as she now replied, "O, Un – cle Pum-ble – chook! This is kind!" Every Christmas Day, he retorted, as he now retorted, "It's no more than your merits. And now are you all bobbish, and how's Sixpennorth of halfpence?" meaning me.

We dined on these occasions in the kitchen, and adjourned, for the nuts and oranges and apples to the parlor; which was a change very like Joe's change from his working-clothes to his Sunday dress. My sister was uncommonly lively on the present occasion, and indeed was generally more gracious in the society of Mrs. Hubble than in other company. I remember Mrs. Hubble as a little curly sharp-edged person in sky-blue, who held a conventionally juvenile position, because she had married Mr. Hubble – I don't know at what remote period – when she was much younger than he. I remember Mr Hubble as a tough, high-shouldered, stooping old man, of a sawdusty fragrance, with his legs extraordinarily wide apart: so that in my short days I always saw some miles of open country between them when I met him coming up the lane.

Among this good company I should have felt myself, even if I hadn't robbed the pantry, in a false position. Not because I was squeezed in at an acute angle of the tablecloth, with the table in my chest, and the Pumblechookian elbow in my eye, nor because I was not allowed to speak (I didn't want to speak), nor because I was regaled with the scaly tips of the drumsticks of the fowls, and with those obscure corners of pork of which the pig, when living, had had the least reason to be vain. No; I should not have minded that, if they would only have left me alone. But they wouldn't leave me alone. They seemed to think the opportunity lost, if they failed to point the conversation at me, every now and then, and stick the point into me. I might have been an unfortunate little bull in a Spanish arena, I got so smartingly touched up by these moral goads.

It began the moment we sat down to dinner. Mr. Wopsle said grace with theatrical declamation – as it now appears to me, something like a religious cross of the Ghost in Hamlet with Richard the Third – and ended with the very proper aspiration that we might be truly grateful. Upon which my sister fixed me with her eye, and said, in a low reproachful voice, "Do you hear that? Be grateful".

"Especially", said Mr. Pumblechook, "be grateful, boy, to them which brought you up by hand".

Mrs. Hubble shook her head, and contemplating me with a mournful presentiment that I should come to no good, asked, "Why is it that the young are never grateful?" This moral mystery seemed too much for the company until Mr. Hubble tersely solved it by saying, "Naterally wicious". Everybody

then murmured “True!” and looked at me in a particularly unpleasant and personal manner.

Joe’s station and influence were something feebler (if possible) when there was company than when there was none. But he always aided and comforted me when he could, in some way of his own, and he always did so at dinner-time by giving me gravy, if there were any. There being plenty of gravy today, Joe spooned into my plate, at this point, about half a pint.

A little later on in the dinner, Mr. Wopsle reviewed the sermon with some severity, and intimated – in the usual hypothetical case of the Church being “thrown open” – what kind of sermon he would have given them. After favoring them with some heads of that discourse, he remarked that he considered the subject of the day’s homily, ill chosen; which was the less excusable, he added, when there were so many subjects “going about”.

“True again”, said Uncle Pumblechook. “You’ve hit it, sir! Plenty of subjects going about, for them that know how to put salt upon their tails. That’s what’s wanted. A man needn’t go far to find a subject, if he’s ready with his salt-box”. Mr. Pumblechook added, after a short interval of reflection, “Look at Pork alone. There’s a subject! If you want a subject, look at Pork!”

“True, sir. Many a moral for the young”, returned Mr. Wopsle – and I knew he was going to lug me in, before he said it; “might be deduced from that text”.

(“You listen to this”, said my sister to me, in a severe parenthesis.)

Joe gave me some more gravy.

“Swine”, pursued Mr. Wopsle, in his deepest voice, and pointing his fork at my blushes, as if he were mentioning my Christian name – “swine were the companions of the prodigal. The gluttony of Swine is put before us, as an example to the young”. (I thought this pretty well in him who had been praising up the pork for being so plump and juicy.) “What is detestable in a pig is more detestable in a boy”.

“Or girl”, suggested Mr. Hubble.

“Of course, or girl, Mr. Hubble”, assented Mr. Wopsle, rather irritably, “but there is no girl present”.

“Besides”, said Mr. Pumblechook, turning sharp on me, “think what you’ve got to be grateful for. If you’d been born a Squeaker...”

“He was, if ever a child was”, said my sister, most emphatically.

Joe gave me some more gravy.

“Well, but I mean a four-footed Squeaker”, said Mr. Pumblechook. “If you had been born such, would you have been here now? Not you...”

“Unless in that form”, said Mr. Wopsle, nodding towards the dish.

“But I don’t mean in that form, sir”, returned Mr. Pumblechook, who had an objection to being interrupted; “I mean, enjoying himself with his elders and betters, and improving himself with their conversation, and rolling in the lap of luxury. Would he have been doing that? No, he wouldn’t. And what would have been your destination?” turning on me again. “You would have been disposed of for so many shillings according to the market price of the article, and Dunstable the butcher would have come up to you as you lay in your straw, and he would have whipped you under his left arm, and with his right he would have tucked up his frock to get a penknife from out of his waistcoat-pocket, and he would have shed your blood and had your life. No bringing up by hand then. Not a bit of it!”

Joe offered me more gravy, which I was afraid to take.

“He was a world of trouble to you, ma’am”, said Mrs. Hubble, commiserating my sister.

“Trouble?” echoed my sister; “trouble?” and then entered on a fearful catalogue of all the illnesses I had been guilty of, and all the acts of sleeplessness I had committed, and all the high places I had tumbled from, and all the low places I had tumbled into, and all the injuries I had done myself, and all the times she had wished me in my grave, and I had contumaciously refused to go there.

I think the Romans must have aggravated one another very much, with their noses. Perhaps, they became the restless people they were, in consequence. Anyhow, Mr. Wopsle’s Roman nose so aggravated me, during the recital of my misdemeanours, that I should have liked to pull it until he howled. But, all I had endured up to this time was nothing in comparison with the awful feelings that took possession of me when the pause was broken which ensued upon my sister’s recital, and in which pause everybody had looked at me (as I felt painfully conscious) with indignation and abhorrence.

“Yet”, said Mr. Pumblechook, leading the company gently back to the theme from which they had strayed, “Pork – regarded as biled – is rich, too; ain’t it?”

“Have a little brandy, uncle”, said my sister.

O Heavens, it had come at last! He would find it was weak, he would say it was weak, and I was lost! I held tight to the leg of the table under the cloth, with both hands, and awaited my fate.

My sister went for the stone bottle, came back with the stone bottle, and poured his brandy out: no one else taking any. The wretched man trifled with his glass – took it up, looked at it through the light, put it down – prolonged my misery. All this time Mrs. Joe and Joe were briskly clearing the table for the pie and pudding.

I couldn’t keep my eyes off him. Always holding tight by the leg of the table with my hands and feet, I saw the miserable creature finger his glass playfully, take it up, smile, throw his head back, and drink the brandy off. Instantly afterwards, the company were seized with unspeakable consternation, owing to his springing to his feet, turning round several times in an appalling spasmodic whooping-cough dance, and rushing out at the door; he then became visible through the window, violently plunging and expectorating, making the most hideous faces, and apparently out of his mind.

I held on tight, while Mrs. Joe and Joe ran to him. I didn’t know how I had done it, but I had no doubt I had murdered him somehow. In my dreadful situation, it was a relief when he was brought back, and surveying the company all round as if they had disagreed with him, sank down into his chair with the one significant gasp, “Tar!”

I had filled up the bottle from the tar-water jug. I knew he would be worse by and by. I moved the table, like a Medium of the present day, by the vigor of my unseen hold upon it.

“Tar!” cried my sister, in amazement. “Why, how ever could Tar come there?”

But, Uncle Pumblechook, who was omnipotent in that kitchen, wouldn’t hear the word, wouldn’t hear of the subject, imperiously waved it all away with his hand, and asked for hot gin and water. My sister, who had begun to be alarmingly meditative, had to employ herself actively in getting the gin the hot water, the sugar, and the lemon-peel, and mixing them. For the time being at least, I was saved. I still held on to the leg of the table, but clutched it now with the fervor of gratitude.

By degrees, I became calm enough to release my grasp and partake of

pudding. Mr. Pumblechook partook of pudding. All partook of pudding. The course terminated, and Mr. Pumblechook had begun to beam under the genial influence of gin and water. I began to think I should get over the day, when my sister said to Joe, “Clean plates – cold”.

I clutched the leg of the table again immediately, and pressed it to my bosom as if it had been the companion of my youth and friend of my soul. I foresaw what was coming, and I felt that this time I really was gone.

“You must taste”, said my sister, addressing the guests with her best grace – ”you must taste, to finish with, such a delightful and delicious present of Uncle Pumblechook’s!”

Must they! Let them not hope to taste it!

“You must know”, said my sister, rising, “it’s a pie; a savory pork pie”.

The company murmured their compliments. Uncle Pumblechook, sensible of having deserved well of his fellow-creatures, said – quite vivaciously, all things considered – “Well, Mrs. Joe, we’ll do our best endeavors; let us have a cut at this same pie”.

My sister went out to get it. I heard her steps proceed to the pantry. I saw Mr. Pumblechook balance his knife. I saw reawakening appetite in the Roman nostrils of Mr. Wopsle. I heard Mr. Hubble remark that “a bit of savory pork pie would lay atop of anything you could mention, and do no harm”, and I heard Joe say, “You shall have some, Pip”. I have never been absolutely certain whether I uttered a shrill yell of terror, merely in spirit, or in the bodily hearing of the company. I felt that I could bear no more, and that I must run away. I released the leg of the table, and ran for my life.

But I ran no farther than the house door, for there I ran head-foremost into a party of soldiers with their muskets, one of whom held out a pair of handcuffs to me, saying, “Here you are, look sharp, come on!”

CHAPTER V

The apparition of a file of soldiers ringing down the but-ends of their loaded muskets on our door-step, caused the dinner-party to rise from table in confusion, and caused Mrs. Joe re-entering the kitchen empty-handed, to stop short and stare, in her wondering lament of “Gracious goodness gracious me, what’s gone – with the – pie!”

The sergeant and I were in the kitchen when Mrs. Joe stood staring; at which crisis I partially recovered the use of my senses. It was the sergeant who had spoken to me, and he was now looking round at the company, with his handcuffs invitingly extended towards them in his right hand, and his left on my shoulder.

“Excuse me, ladies and gentleman”, said the sergeant, “but as I have mentioned at the door to this smart young shaver”, (which he hadn’t), “I am on a chase in the name of the king, and I want the blacksmith”.

“And pray what might you want with him?” retorted my sister, quick to resent his being wanted at all.

“Missis”, returned the gallant sergeant, “speaking for myself, I should reply, the honor and pleasure of his fine wife’s acquaintance; speaking for the king, I answer, a little job done”.

This was received as rather neat in the sergeant; insomuch that Mr. Pumblechook cried audibly, “Good again!”

“You see, blacksmith”, said the sergeant, who had by this time picked out Joe with his eye, “we have had an accident with these, and I find the lock of one of ‘em goes wrong, and the coupling don’t act pretty. As they are wanted for immediate service, will you throw your eye over them?”

Joe threw his eye over them, and pronounced that the job would necessitate the lighting of his forge fire, and would take nearer two hours than one, “Will it? Then will you set about it at once, blacksmith?” said the off-hand sergeant, “as it’s on his Majesty’s service. And if my men can bear a hand anywhere, they’ll make themselves useful”. With that, he called to his men, who came trooping into the kitchen one after another, and piled their arms in a corner. And then they stood about, as soldiers do; now, with their hands loosely clasped before them; now, resting a knee or a shoulder; now, easing a belt or a pouch; now, opening the door to spit stiffly over their high stocks, out into the yard.

All these things I saw without then knowing that I saw them, for I was in an agony of apprehension. But beginning to perceive that the handcuffs were not for me, and that the military had so far got the better of the pie as to put it in the background, I collected a little more of my scattered wits.

"Would you give me the time?" said the sergeant, addressing himself to Mr. Pumblechook, as to a man whose appreciative powers justified the inference that he was equal to the time.

"It's just gone half past two".

"That's not so bad", said the sergeant, reflecting; "even if I was forced to halt here nigh two hours, that'll do. How far might you call yourselves from the marshes, hereabouts? Not above a mile, I reckon?"

"Just a mile", said Mrs. Joe.

"That'll do. We begin to close in upon 'em about dusk. A little before dusk, my orders are. That'll do".

"Convicts, sergeant?" asked Mr. Wopsle, in a matter-of-course way.

"Ay!" returned the sergeant, "two. They're pretty well known to be out on the marshes still, and they won't try to get clear of 'em before dusk. Anybody here seen anything of any such game?"

Everybody, myself excepted, said no, with confidence. Nobody thought of me.

"Well!" said the sergeant, "they'll find themselves trapped in a circle, I expect, sooner than they count on. Now, blacksmith! If you're ready, his Majesty the King is".

Joe had got his coat and waistcoat and cravat off, and his leather apron on, and passed into the forge. One of the soldiers opened its wooden windows, another lighted the fire, another turned to at the bellows, the rest stood round the blaze, which was soon roaring. Then Joe began to hammer and clink, hammer and clink, and we all looked on.

The interest of the impending pursuit not only absorbed the general attention, but even made my sister liberal. She drew a pitcher of beer from the cask for the soldiers, and invited the sergeant to take a glass of brandy. But Mr. Pumblechook said, sharply, "Give him wine, Mum. I'll engage there's no Tar in that:" so, the sergeant thanked him and said that as he preferred his drink without tar, he would take wine, if it was equally convenient. When it was given him, he drank his Majesty's health and compliments of the season, and took it all at a mouthful and smacked his lips.

“Good stuff, eh, sergeant?” said Mr. Pumblechook.

“I’ll tell you something”, returned the sergeant; “I suspect that stuff’s of your providing”.

Mr. Pumblechook, with a fat sort of laugh, said, “Ay, ay? Why?”

“Because”, returned the sergeant, clapping him on the shoulder, “you’re a man that knows what’s what”.

“D’ye think so?” said Mr. Pumblechook, with his former laugh. “Have another glass!”

“With you. Hob and nob”, returned the sergeant. “The top of mine to the foot of yours – the foot of yours to the top of mine – Ring once, ring twice – the best tune on the Musical Glasses! Your health. May you live a thousand years, and never be a worse judge of the right sort than you are at the present moment of your life!”

The sergeant tossed off his glass again and seemed quite ready for another glass. I noticed that Mr. Pumblechook in his hospitality appeared to forget that he had made a present of the wine, but took the bottle from Mrs. Joe and had all the credit of handing it about in a gush of joviality. Even I got some. And he was so very free of the wine that he even called for the other bottle, and handed that about with the same liberality, when the first was gone.

As I watched them while they all stood clustering about the forge, enjoying themselves so much, I thought what terrible good sauce for a dinner my fugitive friend on the marshes was. They had not enjoyed themselves a quarter so much, before the entertainment was brightened with the excitement he furnished. And now, when they were all in lively anticipation of “the two villains” being taken, and when the bellows seemed to roar for the fugitives, the fire to flare for them, the smoke to hurry away in pursuit of them, Joe to hammer and clink for them, and all the murky shadows on the wall to shake at them in menace as the blaze rose and sank, and the red-hot sparks dropped and died, the pale afternoon outside almost seemed in my pitying young fancy to have turned pale on their account, poor wretches.

At last, Joe’s job was done, and the ringing and roaring stopped. As Joe got on his coat, he mustered courage to propose that some of us should go down with the soldiers and see what came of the hunt. Mr. Pumblechook and Mr. Hubble declined, on the plea of a pipe and ladies’ society; but Mr. Wopsle said he would go, if Joe would. Joe said he was agreeable, and would

take me, if Mrs. Joe approved. We never should have got leave to go, I am sure, but for Mrs. Joe's curiosity to know all about it and how it ended. As it was, she merely stipulated, "If you bring the boy back with his head blown to bits by a musket, don't look to me to put it together again".

The sergeant took a polite leave of the ladies, and parted from Mr. Pumblechook as from a comrade; though I doubt if he were quite as fully sensible of that gentleman's merits under arid conditions, as when something moist was going. His men resumed their muskets and fell in. Mr. Wopsle, Joe, and I, received strict charge to keep in the rear, and to speak no word after we reached the marshes. When we were all out in the raw air and were steadily moving towards our business, I treasonably whispered to Joe, "I hope, Joe, we shan't find them". and Joe whispered to me, "I'd give a shilling if they had cut and run, Pip".

We were joined by no stragglers from the village, for the weather was cold and threatening, the way dreary, the footing bad, darkness coming on, and the people had good fires in-doors and were keeping the day. A few faces hurried to glowing windows and looked after us, but none came out. We passed the finger-post, and held straight on to the churchyard. There we were stopped a few minutes by a signal from the sergeant's hand, while two or three of his men dispersed themselves among the graves, and also examined the porch. They came in again without finding anything, and then we struck out on the open marshes, through the gate at the side of the churchyard. A bitter sleet came rattling against us here on the east wind, and Joe took me on his back.

Now that we were out upon the dismal wilderness where they little thought I had been within eight or nine hours and had seen both men hiding, I considered for the first time, with great dread, if we should come upon them, would my particular convict suppose that it was I who had brought the soldiers there? He had asked me if I was a deceiving imp, and he had said I should be a fierce young hound if I joined the hunt against him. Would he believe that I was both imp and hound in treacherous earnest, and had betrayed him?

It was of no use asking myself this question now. There I was, on Joe's back, and there was Joe beneath me, charging at the ditches like a hunter, and stimulating Mr. Wopsle not to tumble on his Roman nose, and to keep up with us. The soldiers were in front of us, extending into a pretty wide

line with an interval between man and man. We were taking the course I had begun with, and from which I had diverged in the mist. Either the mist was not out again yet, or the wind had dispelled it. Under the low red glare of sunset, the beacon, and the gibbet, and the mound of the Battery, and the opposite shore of the river, were plain, though all of a watery lead color.

With my heart thumping like a blacksmith at Joe's broad shoulder, I looked all about for any sign of the convicts. I could see none, I could hear none. Mr. Wopsle had greatly alarmed me more than once, by his blowing and hard breathing; but I knew the sounds by this time, and could dissociate them from the object of pursuit. I got a dreadful start, when I thought I heard the file still going; but it was only a sheep-bell. The sheep stopped in their eating and looked timidly at us; and the cattle, their heads turned from the wind and sleet, stared angrily as if they held us responsible for both annoyances; but, except these things, and the shudder of the dying day in every blade of grass, there was no break in the bleak stillness of the marshes.

The soldiers were moving on in the direction of the old Battery, and we were moving on a little way behind them, when, all of a sudden, we all stopped. For there had reached us on the wings of the wind and rain, a long shout. It was repeated. It was at a distance towards the east, but it was long and loud. Nay, there seemed to be two or more shouts raised together – if one might judge from a confusion in the sound.

To this effect the sergeant and the nearest men were speaking under their breath, when Joe and I came up. After another moment's listening, Joe (who was a good judge) agreed, and Mr. Wopsle (who was a bad judge) agreed. The sergeant, a decisive man, ordered that the sound should not be answered, but that the course should be changed, and that his men should make towards it "at the double". So we slanted to the right (where the East was), and Joe pounded away so wonderfully, that I had to hold on tight to keep my seat.

It was a run indeed now, and what Joe called, in the only two words he spoke all the time, "a Winder". Down banks and up banks, and over gates, and splashing into dikes, and breaking among coarse rushes: no man cared where he went. As we came nearer to the shouting, it became more and more apparent that it was made by more than one voice. Sometimes, it seemed to stop altogether, and then the soldiers stopped. When it broke out again, the soldiers made for it at a greater rate than ever, and we after them. After a

while, we had so run it down, that we could hear one voice calling “Murder!” and another voice, “Convicts! Runaways! Guard! This way for the runaway convicts!” Then both voices would seem to be stifled in a struggle, and then would break out again. And when it had come to this, the soldiers ran like deer, and Joe too.

The sergeant ran in first, when we had run the noise quite down, and two of his men ran in close upon him. Their pieces were cocked and levelled when we all ran in.

“Here are both men!” panted the sergeant, struggling at the bottom of a ditch. “Surrender, you two! and confound you for two wild beasts! Come asunder!”

Water was splashing, and mud was flying, and oaths were being sworn, and blows were being struck, when some more men went down into the ditch to help the sergeant, and dragged out, separately, my convict and the other one. Both were bleeding and panting and execrating and struggling; but of course I knew them both directly.

“Mind!” said my convict, wiping blood from his face with his ragged sleeves, and shaking torn hair from his fingers: “I took him! I give him up to you! Mind that!”

“It’s not much to be particular about”, said the sergeant; “it’ll do you small good, my man, being in the same plight yourself. Handcuffs there!”

“I don’t expect it to do me any good. I don’t want it to do me more good than it does now”, said my convict, with a greedy laugh. “I took him. He knows it. That’s enough for me”.

The other convict was livid to look at, and, in addition to the old bruised left side of his face, seemed to be bruised and torn all over. He could not so much as get his breath to speak, until they were both separately handcuffed, but leaned upon a soldier to keep himself from falling.

“Take notice, guard – he tried to murder me”, were his first words.

“Tried to murder him?” said my convict, disdainfully. “Try, and not do it? I took him, and giv’ him up; that’s what I done. I not only prevented him getting off the marshes, but I dragged him here – dragged him this far on his way back. He’s a gentleman, if you please, this villain. Now, the Hulks has got its gentleman again, through me. Murder him? Worth my while, too, to murder him, when I could do worse and drag him back!”

The other one still gasped, “He tried – he tried-to – murder me. Bear –

bear witness".

"Lookee here!" said my convict to the sergeant. "Single-handed I got clear of the prison-ship; I made a dash and I done it. I could ha' got clear of these death-cold flats likewise – look at my leg: you won't find much iron on it – if I hadn't made the discovery that he was here. Let him go free? Let him profit by the means as I found out? Let him make a tool of me afresh and again? Once more? No, no, no. If I had died at the bottom there", and he made an emphatic swing at the ditch with his manacled hands, "I'd have held to him with that grip, that you should have been safe to find him in my hold".

The other fugitive, who was evidently in extreme horror of his companion, repeated, "He tried to murder me. I should have been a dead man if you had not come up".

"He lies!" said my convict, with fierce energy. "He's a liar born, and he'll die a liar. Look at his face; ain't it written there? Let him turn those eyes of his on me. I defy him to do it".

The other, with an effort at a scornful smile, which could not, however, collect the nervous working of his mouth into any set expression, looked at the soldiers, and looked about at the marshes and at the sky, but certainly did not look at the speaker.

"Do you see him?" pursued my convict. "Do you see what a villain he is? Do you see those grovelling and wandering eyes? That's how he looked when we were tried together. He never looked at me".

The other, always working and working his dry lips and turning his eyes restlessly about him far and near, did at last turn them for a moment on the speaker, with the words, "You are not much to look at", and with a half-taunting glance at the bound hands. At that point, my convict became so frantically exasperated, that he would have rushed upon him but for the interposition of the soldiers. "Didn't I tell you", said the other convict then, "that he would murder me, if he could?" And any one could see that he shook with fear, and that there broke out upon his lips curious white flakes, like thin snow.

"Enough of this parley", said the sergeant. "Light those torches".

As one of the soldiers, who carried a basket in lieu of a gun, went down on his knee to open it, my convict looked round him for the first time, and saw me. I had alighted from Joe's back on the brink of the ditch when we came up, and had not moved since. I looked at him eagerly when he looked at

me, and slightly moved my hands and shook my head. I had been waiting for him to see me that I might try to assure him of my innocence. It was not at all expressed to me that he even comprehended my intention, for he gave me a look that I did not understand, and it all passed in a moment. But if he had looked at me for an hour or for a day, I could not have remembered his face ever afterwards, as having been more attentive.

The soldier with the basket soon got a light, and lighted three or four torches, and took one himself and distributed the others. It had been almost dark before, but now it seemed quite dark, and soon afterwards very dark. Before we departed from that spot, four soldiers standing in a ring, fired twice into the air. Presently we saw other torches kindled at some distance behind us, and others on the marshes on the opposite bank of the river. “All right”, said the sergeant. “March”.

We had not gone far when three cannon were fired ahead of us with a sound that seemed to burst something inside my ear. “You are expected on board”, said the sergeant to my convict; “they know you are coming. Don’t straggle, my man. Close up here”.

The two were kept apart, and each walked surrounded by a separate guard. I had hold of Joe’s hand now, and Joe carried one of the torches. Mr. Wopsle had been for going back, but Joe was resolved to see it out, so we went on with the party. There was a reasonably good path now, mostly on the edge of the river, with a divergence here and there where a dike came, with a miniature windmill on it and a muddy sluice-gate. When I looked round, I could see the other lights coming in after us. The torches we carried dropped great blotches of fire upon the track, and I could see those, too, lying smoking and flaring. I could see nothing else but black darkness. Our lights warmed the air about us with their pitchy blaze, and the two prisoners seemed rather to like that, as they limped along in the midst of the muskets. We could not go fast, because of their lameness; and they were so spent, that two or three times we had to halt while they rested.

After an hour or so of this travelling, we came to a rough wooden hut and a landing-place. There was a guard in the hut, and they challenged, and the sergeant answered. Then, we went into the hut, where there was a smell of tobacco and whitewash, and a bright fire, and a lamp, and a stand of muskets, and a drum, and a low wooden bedstead, like an overgrown mangle without the machinery, capable of holding about a dozen soldiers all at once.

Three or four soldiers who lay upon it in their great-coats were not much interested in us, but just lifted their heads and took a sleepy stare, and then lay down again. The sergeant made some kind of report, and some entry in a book, and then the convict whom I call the other convict was drafted off with his guard, to go on board first.

My convict never looked at me, except that once. While we stood in the hut, he stood before the fire looking thoughtfully at it, or putting up his feet by turns upon the hob, and looking thoughtfully at them as if he pitied them for their recent adventures. Suddenly, he turned to the sergeant, and remarked –

"I wish to say something respecting this escape. It may prevent some persons laying under suspicion alonger me".

"You can say what you like", returned the sergeant, standing coolly looking at him with his arms folded, "but you have no call to say it here. You'll have opportunity enough to say about it, and hear about it, before it's done with, you know".

"I know, but this is another pint, a separate matter. A man can't starve; at least I can't. I took some wittles, up at the willage over yonder – where the church stands a'most out on the marshes".

"You mean stole", said the sergeant.

"And I'll tell you where from. From the blacksmith's".

"Halloa!" said the sergeant, staring at Joe.

"Halloa, Pip!" said Joe, staring at me.

"It was some broken wittles – that's what it was – and a dram of liquor, and a pie".

"Have you happened to miss such an article as a pie, blacksmith?" asked the sergeant, confidentially.

"My wife did, at the very moment when you came in. Don't you know, Pip?"

"So", said my convict, turning his eyes on Joe in a moody manner, and without the least glance at me – "so you're the blacksmith, are you? Than I'm sorry to say, I've eat your pie".

"God knows you're welcome to it – so far as it was ever mine", returned Joe, with a saving remembrance of Mrs. Joe. "We don't know what you have done, but we wouldn't have you starved to death for it, poor miserable fellow-creatur. – Would us, Pip?"

The something that I had noticed before, clicked in the man's throat again, and he turned his back. The boat had returned, and his guard were ready, so we followed him to the landing-place made of rough stakes and stones, and saw him put into the boat, which was rowed by a crew of convicts like himself. No one seemed surprised to see him, or interested in seeing him, or glad to see him, or sorry to see him, or spoke a word, except that somebody in the boat growled as if to dogs, "Give way, you!" which was the signal for the dip of the oars. By the light of the torches, we saw the black Hulk lying out a little way from the mud of the shore, like a wicked Noah's ark. Cribbed and barred and moored by massive rusty chains, the prison-ship seemed in my young eyes to be ironed like the prisoners. We saw the boat go alongside, and we saw him taken up the side and disappear. Then, the ends of the torches were flung hissing into the water, and went out, as if it were all over with him.

CHAPTER VI

My state of mind regarding the pilfering from which I had been so unexpectedly exonerated did not impel me to frank disclosure; but I hope it had some dregs of good at the bottom of it.

I do not recall that I felt any tenderness of conscience in reference to Mrs. Joe, when the fear of being found out was lifted off me. But I loved Joe – perhaps for no better reason in those early days than because the dear fellow let me love him – and, as to him, my inner self was not so easily composed. It was much upon my mind (particularly when I first saw him looking about for his file) that I ought to tell Joe the whole truth. Yet I did not, and for the reason that I mistrusted that if I did, he would think me worse than I was. The fear of losing Joe's confidence, and of thenceforth sitting in the chimney corner at night staring drearily at my forever lost companion and friend, tied up my tongue. I morbidly represented to myself that if Joe knew it, I never afterwards could see him at the fireside feeling his fair whisker, without thinking that he was meditating on it. That, if Joe knew it, I never afterwards could see him glance, however casually, at yesterday's meat or pudding when it came on today's table, without thinking that he was debating whether I had been in the pantry. That, if Joe knew it, and at any subsequent period of our joint domestic life remarked that his beer was flat or thick, the conviction that he suspected Tar in it, would bring a rush of blood to my face. In a word, I was too cowardly to do what I knew to be right, as I had been too cowardly to avoid doing what I knew to be wrong. I had had no intercourse with the world at that time, and I imitated none of its many inhabitants who act in this manner. Quite an untaught genius, I made the discovery of the line of action for myself.

As I was sleepy before we were far away from the prison-ship, Joe took me on his back again and carried me home. He must have had a tiresome journey of it, for Mr. Wopsle, being knocked up, was in such a very bad temper that if the Church had been thrown open, he would probably have excommunicated the whole expedition, beginning with Joe and myself. In his lay capacity, he persisted in sitting down in the damp to such an insane extent, that when his coat was taken off to be dried at the kitchen fire, the circumstantial evidence on his trousers would have hanged him, if it had been a capital offence.

By that time, I was staggering on the kitchen floor like a little drunkard, through having been newly set upon my feet, and through having been fast asleep, and through waking in the heat and lights and noise of tongues. As I came to myself (with the aid of a heavy thump between the shoulders, and the restorative exclamation “Yah! Was there ever such a boy as this!” from my sister,) I found Joe telling them about the convict’s confession, and all the visitors suggesting different ways by which he had got into the pantry. Mr. Pumblechook made out, after carefully surveying the premises, that he had first got upon the roof of the forge, and had then got upon the roof of the house, and had then let himself down the kitchen chimney by a rope made of his bedding cut into strips; and as Mr. Pumblechook was very positive and drove his own chaise-cart – over Everybody – it was agreed that it must be so. Mr. Wopsle, indeed, wildly cried out, “No!” with the feeble malice of a tired man; but, as he had no theory, and no coat on, he was unanimously set at naught – not to mention his smoking hard behind, as he stood with his back to the kitchen fire to draw the damp out: which was not calculated to inspire confidence.

This was all I heard that night before my sister clutched me, as a slumberous offence to the company’s eyesight, and assisted me up to bed with such a strong hand that I seemed to have fifty boots on, and to be dangling them all against the edges of the stairs. My state of mind, as I have described it, began before I was up in the morning, and lasted long after the subject had died out, and had ceased to be mentioned saving on exceptional occasions.

CHAPTER VII

At the time when I stood in the churchyard reading the family tombstones, I had just enough learning to be able to spell them out. My construction even of their simple meaning was not very correct, for I read “wife of the Above” as a complimentary reference to my father’s exaltation to a better world; and if any one of my deceased relations had been referred to as “Below”, I have no doubt I should have formed the worst opinions of that member of the family. Neither were my notions of the theological positions to which my Catechism bound me, at all accurate; for, I have a lively remembrance that I supposed my declaration that I was to “walk in the same all the days of my life”, laid me under an obligation always to go through the village from our house in one particular direction, and never to vary it by turning down by the wheelwright’s or up by the mill.

When I was old enough, I was to be apprenticed to Joe, and until I could assume that dignity I was not to be what Mrs. Joe called “Pompeyed”, or (as I render it) pampered. Therefore, I was not only odd-boy about the forge, but if any neighbor happened to want an extra boy to frighten birds, or pick up stones, or do any such job, I was favored with the employment. In order, however, that our superior position might not be compromised thereby, a money-box was kept on the kitchen mantel-shelf, in to which it was publicly made known that all my earnings were dropped. I have an impression that they were to be contributed eventually towards the liquidation of the National Debt, but I know I had no hope of any personal participation in the treasure.

Mr. Wopsle’s great-aunt kept an evening school in the village; that is to say, she was a ridiculous old woman of limited means and unlimited infirmity, who used to go to sleep from six to seven every evening, in the society of youth who paid two pence per week each, for the improving opportunity of seeing her do it. She rented a small cottage, and Mr. Wopsle had the room up stairs, where we students used to overhear him reading aloud in a most dignified and terrific manner, and occasionally bumping on the ceiling. There was a fiction that Mr. Wopsle “examined” the scholars once a quarter. What he did on those occasions was to turn up his cuffs, stick up his hair, and give us Mark Antony’s oration over the body of Caesar. This was always followed by Collins’s Ode on the Passions, wherein I particularly

venerated Mr. Wopsle as Revenge throwing his blood-stained sword in thunder down, and taking the War-denouncing trumpet with a withering look. It was not with me then, as it was in later life, when I fell into the society of the Passions, and compared them with Collins and Wopsle, rather to the disadvantage of both gentlemen.

Mr. Wopsle's great-aunt, besides keeping this Educational Institution, kept in the same room – a little general shop. She had no idea what stock she had, or what the price of anything in it was; but there was a little greasy memorandum-book kept in a drawer, which served as a Catalogue of Prices, and by this oracle Biddy arranged all the shop transaction. Biddy was Mr. Wopsle's great-aunt's granddaughter; I confess myself quiet unequal to the working out of the problem, what relation she was to Mr. Wopsle. She was an orphan like myself; like me, too, had been brought up by hand. She was most noticeable, I thought, in respect of her extremities; for, her hair always wanted brushing, her hands always wanted washing, and her shoes always wanted mending and pulling up at heel. This description must be received with a week-day limitation. On Sundays, she went to church elaborated.

Much of my unassisted self, and more by the help of Biddy than of Mr. Wopsle's great-aunt, I struggled through the alphabet as if it had been a bramble-bush; getting considerably worried and scratched by every letter. After that I fell among those thieves, the nine figures, who seemed every evening to do something new to disguise themselves and baffle recognition. But, at last I began, in a purblind groping way, to read, write, and cipher, on the very smallest scale.

One night I was sitting in the chimney corner with my slate, expending great efforts on the production of a letter to Joe. I think it must have been a full year after our hunt upon the marshes, for it was a long time after, and it was winter and a hard frost. With an alphabet on the hearth at my feet for reference, I contrived in an hour or two to print and smear this epistle:

"MI DEER JO i OPE U R KR WITE WELL i OPE i SHAL SON B HABELL 4 2 TEEDGE U JO AN THEN WE SHORL B SO GLODD AN WEN i M PRENGTD 2 U JO WOT LARX AN BLEVE ME INF XN PIP".

There was no indispensable necessity for my communicating with Joe by letter, inasmuch as he sat beside me and we were alone. But I delivered this written communication (slate and all) with my own hand, and Joe

received it as a miracle of erudition.

"I say, Pip, old chap!" cried Joe, opening his blue eyes wide, "what a scholar you are! An't you?"

"I should like to be", said I, glancing at the slate as he held it; with a misgiving that the writing was rather hilly.

"Why, here's a J", said Joe, "and a O equal to anythink! Here's a J and a O, Pip, and a J-O, Joe".

I had never heard Joe read aloud to any greater extent than this monosyllable, and I had observed at church last Sunday, when I accidentally held our Prayer-Book upside down, that it seemed to suit his convenience quite as well as if it had been all right. Wishing to embrace the present occasion of finding out whether in teaching Joe, I should have to begin quite at the beginning, I said, "Ah! But read the rest, Jo".

"The rest, eh, Pip?" said Joe, looking at it with a slow, searching eye, "One, two, three. Why, here's three Js, and three Os, and three J-O, Joes in it, Pip!"

I leaned over Joe, and, with the aid of my forefinger read him the whole letter.

"Astonishing!" said Joe, when I had finished. "You ARE a scholar".

"How do you spell Gargery, Joe?" I asked him, with a modest patronage.

"I don't spell it at all", said Joe.

"But supposing you did?"

"It can't be supposed", said Joe. "Tho' I'm uncommon fond of reading, too".

"Are you, Joe?"

"On-common. Give me", said Joe, "a good book, or a good newspaper, and sit me down afore a good fire, and I ask no better. Lord!" he continued, after rubbing his knees a little, "when you do come to a J and a O, and says you, 'Here, at last, is a J-O, Joe,' how interesting reading is!"

I derived from this, that Joe's education, like Steam, was yet in its infancy. Pursuing the subject, I inquired –

"Didn't you ever go to school, Joe, when you were as little as me?"

"No, Pip".

"Why didn't you ever go to school, Joe, when you were as little as me?"

“Well, Pip”, said Joe, taking up the poker, and settling himself to his usual occupation when he was thoughtful, of slowly raking the fire between the lower bars; “I’ll tell you. My father, Pip, he were given to drink, and when he were overtook with drink, he hammered away at my mother, most onmerciful. It were a’most the only hammering he did, indeed, ‘xcepting at myself. And he hammered at me with a wigor only to be equalled by the wigor with which he didn’t hammer at his anwil. – You’re a listening and understanding, Pip?”

“Yes, Joe”.

“‘Consequence, my mother and me we ran away from my father several times; and then my mother she’d go out to work, and she’d say, “Joe”, she’d say, “now, please God, you shall have some schooling, child”, and she’d put me to school. But my father were that good in his hart that he couldn’t abear to be without us. So, he’d come with a most tremenjous crowd and make such a row at the doors of the houses where we was, that they used to be obligated to have no more to do with us and to give us up to him. And then he took us home and hammered us. Which, you see, Pip”, said Joe, pausing in his meditative raking of the fire, and looking at me, “were a drawback on my learning”.

“Certainly, poor Joe!”

“Though mind you, Pip”, said Joe, with a judicial touch or two of the poker on the top bar, “rendering unto all their doo, and maintaining equal justice betwixt man and man, my father were that good in his hart, don’t you see?”

I didn’t see; but I didn’t say so.

“Well!” Joe pursued, “somebody must keep the pot a biling, Pip, or the pot won’t bile, don’t you know?”

I saw that, and said so.

“‘Consequence, my father didn’t make objections to my going to work; so I went to work at my present calling, which were his too, if he would have followed it, and I worked tolerable hard, I assure you, Pip. In time I were able to keep him, and I kep him till he went off in a purple leptic fit. And it were my intentions to have had put upon his tombstone that, Whatsume’er the failings on his part, Remember reader he were that good in his heart”.

Joe recited this couplet with such manifest pride and careful

perspicuity, that I asked him if he had made it himself.

"I made it", said Joe, "my own self. I made it in a moment. It was like striking out a horseshoe complete, in a single blow. I never was so much surprised in all my life – couldn't credit my own ed – to tell you the truth, hardly believed it were my own ed. As I was saying, Pip, it were my intentions to have had it cut over him; but poetry costs money, cut it how you will, small or large, and it were not done. Not to mention bearers, all the money that could be spared were wanted for my mother. She were in poor elth, and quite broke. She weren't long of following, poor soul, and her share of peace come round at last".

Joe's blue eyes turned a little watery; he rubbed first one of them, and then the other, in a most uncongenial and uncomfortable manner, with the round knob on the top of the poker.

"It were but lonesome then", said Joe, "living here alone, and I got acquainted with your sister. Now, Pip", – Joe looked firmly at me as if he knew I was not going to agree with him; – "your sister is a fine figure of a woman".

I could not help looking at the fire, in an obvious state of doubt.

"Whatever family opinions, or whatever the world's opinions, on that subject may be, Pip, your sister is", Joe tapped the top bar with the poker after every word following, "a-fine-figure… of… a… woman!"

I could think of nothing better to say than "I am glad you think so, Joe".

"So am I", returned Joe, catching me up. "I am glad I think so, Pip. A little redness or a little matter of Bone, here or there, what does it signify to Me?"

I sagaciously observed, if it didn't signify to him, to whom did it signify?

"Certainly!" assented Joe. "That's it. You're right, old chap! When I got acquainted with your sister, it were the talk how she was bringing you up by hand. Very kind of her too, all the folks said, and I said, along with all the folks. As to you", Joe pursued with a countenance expressive of seeing something very nasty indeed, "if you could have been aware how small and flabby and mean you was, dear me, you'd have formed the most contemptible opinion of yourself!"

Not exactly relishing this, I said, "Never mind me, Joe".

“But I did mind you, Pip”, he returned with tender simplicity. “When I offered to your sister to keep company, and to be asked in church at such times as she was willing and ready to come to the forge, I said to her, ‘And bring the poor little child. God bless the poor little child,’ I said to your sister, ‘there’s room for him at the forge!’“

I broke out crying and begging pardon, and hugged Joe round the neck: who dropped the poker to hug me, and to say, “Ever the best of friends; an’t us, Pip? Don’t cry, old chap!”

When this little interruption was over, Joe resumed:

“Well, you see, Pip, and here we are! That’s about where it lights; here we are! Now, when you take me in hand in my learning, Pip (and I tell you beforehand I am awful dull, most awful dull), Mrs. Joe mustn’t see too much of what we’re up to. It must be done, as I may say, on the sly. And why on the sly? I’ll tell you why, Pip”.

He had taken up the poker again; without which, I doubt if he could have proceeded in his demonstration.

“Your sister is given to government”.

“Given to government, Joe?” I was startled, for I had some shadowy idea (and I am afraid I must add, hope) that Joe had divorced her in a favor of the Lords of the Admiralty, or Treasury.

“Given to government”, said Joe. “Which I meantersay the government of you and myself”.

“Oh!”

“And she an’t over partial to having scholars on the premises”, Joe continued, “and in partickler would not be over partial to my being a scholar, for fear as I might rise. Like a sort of rebel, don’t you see?”

I was going to retort with an inquiry, and had got as far as “Why...” when Joe stopped me.

“Stay a bit. I know what you’re a going to say, Pip; stay a bit! I don’t deny that your sister comes the Mo-gul over us, now and again. I don’t deny that she do throw us back-falls, and that she do drop down upon us heavy. At such times as when your sister is on the Ram-page, Pip”, Joe sank his voice to a whisper and glanced at the door, “candor compels fur to admit that she is a Buster”.

Joe pronounced this word, as if it began with at least twelve capital Bs.

“Why don’t I rise? That were your observation when I broke it off, Pip?”

“Yes, Joe”.

“Well”, said Joe, passing the poker into his left hand, that he might feel his whisker; and I had no hope of him whenever he took to that placid occupation; “your sister’s a master-mind. A master-mind”.

“What’s that?” I asked, in some hope of bringing him to a stand. But Joe was readier with his definition than I had expected, and completely stopped me by arguing circularly, and answering with a fixed look, “Her”.

“And I ain’t a master-mind”, Joe resumed, when he had unfixed his look, and got back to his whisker. “And last of all, Pip – and this I want to say very serious to you, old chap – I see so much in my poor mother, of a woman drudging and slaving and breaking her honest hart and never getting no peace in her mortal days, that I’m dead afeerd of going wrong in the way of not doing what’s right by a woman, and I’d fur rather of the two go wrong the t’other way, and be a little ill-conwenienced myself. I wish it was only me that got put out, Pip; I wish there warn’t no Tickler for you, old chap; I wish I could take it all on myself; but this is the up-and-down-and-straight on it, Pip, and I hope you’ll overlook shortcomings”.

Young as I was, I believe that I dated a new admiration of Joe from that night. We were equals afterwards, as we had been before; but, afterwards at quiet times when I sat looking at Joe and thinking about him, I had a new sensation of feeling conscious that I was looking up to Joe in my heart.

“However”, said Joe, rising to replenish the fire; “here’s the Dutch-clock a working himself up to being equal to strike Eight of ‘em, and she’s not come home yet! I hope Uncle Pumblechook’s mare mayn’t have set a forefoot on a piece o’ ice, and gone down”.

Mrs. Joe made occasional trips with Uncle Pumblechook on market-days, to assist him in buying such household stuffs and goods as required a woman’s judgment; Uncle Pumblechook being a bachelor and reposing no confidences in his domestic servant. This was market-day, and Mrs. Joe was out on one of these expeditions.

Joe made the fire and swept the hearth, and then we went to the door to listen for the chaise-cart. It was a dry cold night, and the wind blew keenly, and the frost was white and hard. A man would die tonight of lying out on the marshes, I thought. And then I looked at the stars, and considered how awful

it would be for a man to turn his face up to them as he froze to death, and see no help or pity in all the glittering multitude.

"Here comes the mare", said Joe, "ringing like a peal of bells!"

The sound of her iron shoes upon the hard road was quite musical, as she came along at a much brisker trot than usual. We got a chair out, ready for Mrs. Joe's alighting, and stirred up the fire that they might see a bright window, and took a final survey of the kitchen that nothing might be out of its place. When we had completed these preparations, they drove up, wrapped to the eyes. Mrs. Joe was soon landed, and Uncle Pumblechook was soon down too, covering the mare with a cloth, and we were soon all in the kitchen, carrying so much cold air in with us that it seemed to drive all the heat out of the fire.

"Now", said Mrs. Joe, unwrapping herself with haste and excitement, and throwing her bonnet back on her shoulders where it hung by the strings, "if this boy ain't grateful this night, he never will be!"

I looked as grateful as any boy possibly could, who was wholly uninformed why he ought to assume that expression.

"It's only to be hoped", said my sister, "that he won't be Pompeyed. But I have my fears".

"She ain't in that line, Mum", said Mr. Pumblechook. "She knows better".

She? I looked at Joe, making the motion with my lips and eyebrows, "She?" Joe looked at me, making the motion with his lips and eyebrows, "She?" My sister catching him in the act, he drew the back of his hand across his nose with his usual conciliatory air on such occasions, and looked at her.

"Well?" said my sister, in her snappish way. "What are you staring at? Is the house afire?"

" – Which some individual", Joe politely hinted, "mentioned… she".

"And she is a she, I suppose?" said my sister. "Unless you call Miss Havisham a he. And I doubt if even you'll go so far as that".

"Miss Havisham, up town?" said Joe.

"Is there any Miss Havisham down town?" returned my sister.

"She wants this boy to go and play there. And of course he's going. And he had better play there", said my sister, shaking her head at me as an encouragement to be extremely light and sportive, "or I'll work him".

I had heard of Miss Havisham up town – everybody for miles round

had heard of Miss Havisham up town – as an immensely rich and grim lady who lived in a large and dismal house barricaded against robbers, and who led a life of seclusion.

"Well to be sure!" said Joe, astounded. "I wonder how she come to know Pip!"

"Noodle!" cried my sister. "Who said she knew him?"

"… Which some individual", Joe again politely hinted, "mentioned that she wanted him to go and play there".

"And couldn't she ask Uncle Pumblechook if he knew of a boy to go and play there? Isn't it just barely possible that Uncle Pumblechook may be a tenant of hers, and that he may sometimes – we won't say quarterly or half-yearly, for that would be requiring too much of you – but sometimes – go there to pay his rent? And couldn't she then ask Uncle Pumblechook if he knew of a boy to go and play there? And couldn't Uncle Pumblechook, being always considerate and thoughtful for us – though you may not think it, Joseph", in a tone of the deepest reproach, as if he were the most callous of nephews, "then mention this boy, standing Prancing here" – which I solemnly declare I was not doing – "that I have for ever been a willing slave to?"

"Good again!" cried Uncle Pumblechook. "Well put! Prettily pointed! Good indeed! Now Joseph, you know the case".

"No, Joseph", said my sister, still in a reproachful manner, while Joe apologetically drew the back of his hand across and across his nose, "you do not yet – though you may not think it – know the case. You may consider that you do, but you do not, Joseph. For you do not know that Uncle Pumblechook, being sensible that for anything we can tell, this boy's fortune may be made by his going to Miss Havisham's, has offered to take him into town tonight in his own chaise-cart, and to keep him tonight, and to take him with his own hands to Miss Havisham's tomorrow morning. And Lor-a-mussy me!" cried my sister, casting off her bonnet in sudden desperation, "here I stand talking to mere Mooncalfs, with Uncle Pumblechook waiting, and the mare catching cold at the door, and the boy grimed with crock and dirt from the hair of his head to the sole of his foot!"

With that, she pounced upon me, like an eagle on a lamb, and my face was squeezed into wooden bowls in sinks, and my head was put under taps of water-butts, and I was soaped, and kneaded, and towelled, and thumped, and harrowed, and rasped, until I really was quite beside myself. (I may here

remark that I suppose myself to be better acquainted than any living authority, with the ridgy effect of a wedding-ring, passing unsympathetically over the human countenance.)

When my ablutions were completed, I was put into clean linen of the stiffest character, like a young penitent into sackcloth, and was trussed up in my tightest and fearfullest suit. I was then delivered over to Mr. Pumblechook, who formally received me as if he were the Sheriff, and who let off upon me the speech that I knew he had been dying to make all along: "Boy, be forever grateful to all friends, but especially unto them which brought you up by hand!"

"Good-bye, Joe!"

"God bless you, Pip, old chap!"

I had never parted from him before, and what with my feelings and what with soapsuds, I could at first see no stars from the chaise-cart. But they twinkled out one by one, without throwing any light on the questions why on earth I was going to play at Miss Havisham's, and what on earth I was expected to play at.

CHAPTER VIII

Mr. Pumblechook's premises in the High Street of the market town, were of a peppercorny and farinaceous character, as the premises of a cornchandler and seedsman should be. It appeared to me that he must be a very happy man indeed, to have so many little drawers in his shop; and I wondered when I peeped into one or two on the lower tiers, and saw the tied-up brown paper packets inside, whether the flower-seeds and bulbs ever wanted of a fine day to break out of those jails, and bloom.

It was in the early morning after my arrival that I entertained this speculation. On the previous night, I had been sent straight to bed in an attic with a sloping roof, which was so low in the corner where the bedstead was, that I calculated the tiles as being within a foot of my eyebrows. In the same early morning, I discovered a singular affinity between seeds and corduroys. Mr. Pumblechook wore corduroys, and so did his shopman; and somehow, there was a general air and flavor about the corduroys, so much in the nature of seeds, and a general air and flavor about the seeds, so much in the nature of corduroys, that I hardly knew which was which. The same opportunity served me for noticing that Mr. Pumblechook appeared to conduct his business by looking across the street at the saddler, who appeared to transact his business by keeping his eye on the coachmaker, who appeared to get on in life by putting his hands in his pockets and contemplating the baker, who in his turn folded his arms and stared at the grocer, who stood at his door and yawned at the chemist. The watchmaker, always poring over a little desk with a magnifying-glass at his eye, and always inspected by a group of smock-frocks poring over him through the glass of his shop-window, seemed to be about the only person in the High Street whose trade engaged his attention.

Mr. Pumblechook and I breakfasted at eight o'clock in the parlor behind the shop, while the shopman took his mug of tea and hunch of bread and butter on a sack of peas in the front premises. I considered Mr. Pumblechook wretched company. Besides being possessed by my sister's idea that a mortifying and penitential character ought to be imparted to my diet – besides giving me as much crumb as possible in combination with as little butter, and putting such a quantity of warm water into my milk that it would have been more candid to have left the milk out altogether – his conversation consisted of nothing but arithmetic. On my politely bidding him

Good morning, he said, pompously, “Seven times nine, boy?” And how should I be able to answer, dodged in that way, in a strange place, on an empty stomach! I was hungry, but before I had swallowed a morsel, he began a running sum that lasted all through the breakfast. “Seven?” “And four?” “And eight?” “And six?” “And two?” “And ten?” And so on. And after each figure was disposed of, it was as much as I could do to get a bite or a sup, before the next came; while he sat at his ease guessing nothing, and eating bacon and hot roll, in (if I may be allowed the expression) a gorging and gormandizing manner.

For such reasons, I was very glad when ten o’clock came and we started for Miss Havisham’s; though I was not at all at my ease regarding the manner in which I should acquit myself under that lady’s roof. Within a quarter of an hour we came to Miss Havisham’s house, which was of old brick, and dismal, and had a great many iron bars to it. Some of the windows had been walled up; of those that remained, all the lower were rustily barred. There was a courtyard in front, and that was barred; so we had to wait, after ringing the bell, until some one should come to open it. While we waited at the gate, I peeped in (even then Mr. Pumblechook said, “And fourteen?” but I pretended not to hear him), and saw that at the side of the house there was a large brewery. No brewing was going on in it, and none seemed to have gone on for a long long time.

A window was raised, and a clear voice demanded “What name?” To which my conductor replied, “Pumblechook”. The voice returned, “Quite right”, and the window was shut again, and a young lady came across the court-yard, with keys in her hand.

“This”, said Mr. Pumblechook, “is Pip”.

“This is Pip, is it?” returned the young lady, who was very pretty and seemed very proud; “come in, Pip”.

Mr. Pumblechook was coming in also, when she stopped him with the gate.

“Oh!” she said. “Did you wish to see Miss Havisham?”

“If Miss Havisham wished to see me”, returned Mr. Pumblechook, discomfited.

“Ah!” said the girl; “but you see she don’t”.

She said it so finally, and in such an undiscussible way, that Mr. Pumblechook, though in a condition of ruffled dignity, could not protest. But

he eyed me severely – as if I had done anything to him! – and departed with the words reproachfully delivered: “Boy! Let your behavior here be a credit unto them which brought you up by hand!” I was not free from apprehension that he would come back to propound through the gate, “And sixteen?” But he didn’t.

My young conductress locked the gate, and we went across the courtyard. It was paved and clean, but grass was growing in every crevice. The brewery buildings had a little lane of communication with it, and the wooden gates of that lane stood open, and all the brewery beyond stood open, away to the high enclosing wall; and all was empty and disused. The cold wind seemed to blow colder there than outside the gate; and it made a shrill noise in howling in and out at the open sides of the brewery, like the noise of wind in the rigging of a ship at sea.

She saw me looking at it, and she said, “You could drink without hurt all the strong beer that’s brewed there now, boy”.

“I should think I could, miss”, said I, in a shy way.

“Better not try to brew beer there now, or it would turn out sour, boy; don’t you think so?”

“It looks like it, miss”.

“Not that anybody means to try”, she added, “for that’s all done with, and the place will stand as idle as it is till it falls. As to strong beer, there’s enough of it in the cellars already, to drown the Manor House”.

“Is that the name of this house, miss?”

“One of its names, boy”.

“It has more than one, then, miss?”

“One more. Its other name was Satis; which is Greek, or Latin, or Hebrew, or all three – or all one to me – for enough”.

“Enough House”, said I; “that’s a curious name, miss”.

“Yes”, she replied; “but it meant more than it said. It meant, when it was given, that whoever had this house could want nothing else. They must have been easily satisfied in those days, I should think. But don’t loiter, boy”.

Though she called me “boy” so often, and with a carelessness that was far from complimentary, she was of about my own age. She seemed much older than I, of course, being a girl, and beautiful and self-possessed; and she was as scornful of me as if she had been one-and-twenty, and a queen.

We went into the house by a side door, the great front entrance had

two chains across it outside – and the first thing I noticed was, that the passages were all dark, and that she had left a candle burning there. She took it up, and we went through more passages and up a staircase, and still it was all dark, and only the candle lighted us.

At last we came to the door of a room, and she said, “Go in”.

I answered, more in shyness than politeness, “After you, miss”.

To this she returned: “Don’t be ridiculous, boy; I am not going in”. And scornfully walked away, and – what was worse – took the candle with her.

This was very uncomfortable, and I was half afraid. However, the only thing to be done being to knock at the door, I knocked, and was told from within to enter. I entered, therefore, and found myself in a pretty large room, well lighted with wax candles. No glimpse of daylight was to be seen in it. It was a dressing-room, as I supposed from the furniture, though much of it was of forms and uses then quite unknown to me. But prominent in it was a draped table with a gilded looking-glass, and that I made out at first sight to be a fine lady’s dressing-table.

Whether I should have made out this object so soon if there had been no fine lady sitting at it, I cannot say. In an arm-chair, with an elbow resting on the table and her head leaning on that hand, sat the strangest lady I have ever seen, or shall ever see.

She was dressed in rich materials – satins, and lace, and silks – all of white. Her shoes were white. And she had a long white veil dependent from her hair, and she had bridal flowers in her hair, but her hair was white. Some bright jewels sparkled on her neck and on her hands, and some other jewels lay sparkling on the table. Dresses, less splendid than the dress she wore, and half-packed trunks, were scattered about. She had not quite finished dressing, for she had but one shoe on – the other was on the table near her hand – her veil was but half arranged, her watch and chain were not put on, and some lace for her bosom lay with those trinkets, and with her handkerchief, and gloves, and some flowers, and a Prayer-Book all confusedly heaped about the looking-glass.

It was not in the first few moments that I saw all these things, though I saw more of them in the first moments than might be supposed. But I saw that everything within my view which ought to be white, had been white long ago, and had lost its lustre and was faded and yellow. I saw that the bride

within the bridal dress had withered like the dress, and like the flowers, and had no brightness left but the brightness of her sunken eyes. I saw that the dress had been put upon the rounded figure of a young woman, and that the figure upon which it now hung loose had shrunk to skin and bone. Once, I had been taken to see some ghastly waxwork at the Fair, representing I know not what impossible personage lying in state. Once, I had been taken to one of our old marsh churches to see a skeleton in the ashes of a rich dress that had been dug out of a vault under the church pavement. Now, waxwork and skeleton seemed to have dark eyes that moved and looked at me. I should have cried out, if I could.

"Who is it?" said the lady at the table.

"Pip, ma'am".

"Pip?"

"Mr. Pumblechook's boy, ma'am. Come – to play".

"Come nearer; let me look at you. Come close".

It was when I stood before her, avoiding her eyes, that I took note of the surrounding objects in detail, and saw that her watch had stopped at twenty minutes to nine, and that a clock in the room had stopped at twenty minutes to nine.

"Look at me", said Miss Havisham. "You are not afraid of a woman who has never seen the sun since you were born?"

I regret to state that I was not afraid of telling the enormous lie comprehended in the answer "No".

"Do you know what I touch here?" she said, laying her hands, one upon the other, on her left side.

"Yes, ma'am". (It made me think of the young man.)

"What do I touch?"

"Your heart".

"Broken!"

She uttered the word with an eager look, and with strong emphasis, and with a weird smile that had a kind of boast in it. Afterwards she kept her hands there for a little while, and slowly took them away as if they were heavy.

"I am tired", said Miss Havisham. "I want diversion, and I have done with men and women. Play".

I think it will be conceded by my most disputatious reader, that she

could hardly have directed an unfortunate boy to do anything in the wide world more difficult to be done under the circumstances.

"I sometimes have sick fancies", she went on, "and I have a sick fancy that I want to see some play. There, there!" with an impatient movement of the fingers of her right hand; "play, play, play!"

For a moment, with the fear of my sister's working me before my eyes, I had a desperate idea of starting round the room in the assumed character of Mr. Pumblechook's chaise-cart. But I felt myself so unequal to the performance that I gave it up, and stood looking at Miss Havisham in what I suppose she took for a dogged manner, inasmuch as she said, when we had taken a good look at each other:

"Are you sullen and obstinate?"

"No, ma'am, I am very sorry for you, and very sorry I can't play just now. If you complain of me I shall get into trouble with my sister, so I would do it if I could; but it's so new here, and so strange, and so fine – and melancholy". I stopped, fearing I might say too much, or had already said it, and we took another look at each other.

Before she spoke again, she turned her eyes from me, and looked at the dress she wore, and at the dressing-table, and finally at herself in the looking-glass.

"So new to him", she muttered, "so old to me; so strange to him, so familiar to me; so melancholy to both of us! Call Estella".

As she was still looking at the reflection of herself, I thought she was still talking to herself, and kept quiet.

"Call Estella", she repeated, flashing a look at me. "You can do that. Call Estella. At the door".

To stand in the dark in a mysterious passage of an unknown house, bawling Estella to a scornful young lady neither visible nor responsive, and feeling it a dreadful liberty so to roar out her name, was almost as bad as playing to order. But she answered at last, and her light came along the dark passage like a star.

Miss Havisham beckoned her to come close, and took up a jewel from the table, and tried its effect upon her fair young bosom and against her pretty brown hair. "Your own, one day, my dear, and you will use it well. Let me see you play cards with this boy".

"With this boy? Why, he is a common laboring boy!"

I thought I overheard Miss Havisham answer – only it seemed so unlikely – “Well? You can break his heart”.

“What do you play, boy?” asked Estella of myself, with the greatest disdain.

“Nothing but beggar my neighbor, miss”.

“Beggar him”, said Miss Havisham to Estella. So we sat down to cards.

It was then I began to understand that everything in the room had stopped, like the watch and the clock, a long time ago. I noticed that Miss Havisham put down the jewel exactly on the spot from which she had taken it up. As Estella dealt the cards, I glanced at the dressing-table again, and saw that the shoe upon it, once white, now yellow, had never been worn. I glanced down at the foot from which the shoe was absent, and saw that the silk stocking on it, once white, now yellow, had been trodden ragged. Without this arrest of everything, this standing still of all the pale decayed objects, not even the withered bridal dress on the collapsed form could have looked so like grave-clothes, or the long veil so like a shroud.

So she sat, corpse-like, as we played at cards; the frillings and trimmings on her bridal dress, looking like earthy paper. I knew nothing then of the discoveries that are occasionally made of bodies buried in ancient times, which fall to powder in the moment of being distinctly seen; but, I have often thought since, that she must have looked as if the admission of the natural light of day would have struck her to dust.

“He calls the knaves Jacks, this boy!” said Estella with disdain, before our first game was out. “And what coarse hands he has! And what thick boots!”

I had never thought of being ashamed of my hands before; but I began to consider them a very indifferent pair. Her contempt for me was so strong, that it became infectious, and I caught it.

She won the game, and I dealt. I misdealt, as was only natural, when I knew she was lying in wait for me to do wrong; and she denounced me for a stupid, clumsy laboring-boy.

“You say nothing of her”, remarked Miss Havisham to me, as she looked on. “She says many hard things of you, but you say nothing of her. What do you think of her?”

“I don’t like to say”, I stammered.

“Tell me in my ear”, said Miss Havisham, bending down.

“I think she is very proud”, I replied, in a whisper.

“Anything else?”

“I think she is very pretty”.

“Anything else?”

“I think she is very insulting”. (She was looking at me then with a look of supreme aversion.)

“Anything else?”

“I think I should like to go home”.

“And never see her again, though she is so pretty?”

“I am not sure that I shouldn’t like to see her again, but I should like to go home now”.

“You shall go soon”, said Miss Havisham, aloud. “Play the game out”.

Saving for the one weird smile at first, I should have felt almost sure that Miss Havisham’s face could not smile. It had dropped into a watchful and brooding expression – most likely when all the things about her had become transfixed – and it looked as if nothing could ever lift it up again. Her chest had dropped, so that she stooped; and her voice had dropped, so that she spoke low, and with a dead lull upon her; altogether, she had the appearance of having dropped body and soul, within and without, under the weight of a crushing blow.

I played the game to an end with Estella, and she beggared me. She threw the cards down on the table when she had won them all, as if she despised them for having been won of me.

“When shall I have you here again?” said Miss Havisham. “Let me think”.

I was beginning to remind her that today was Wednesday, when she checked me with her former impatient movement of the fingers of her right hand.

“There, there! I know nothing of days of the week; I know nothing of weeks of the year. Come again after six days. You hear?”

“Yes, ma’am”.

“Estella, take him down. Let him have something to eat, and let him roam and look about him while he eats. Go, Pip”.

I followed the candle down, as I had followed the candle up, and she stood it in the place where we had found it. Until she opened the side

entrance, I had fancied, without thinking about it, that it must necessarily be night-time. The rush of the daylight quite confounded me, and made me feel as if I had been in the candlelight of the strange room many hours.

"You are to wait here, you boy", said Estella; and disappeared and closed the door.

I took the opportunity of being alone in the courtyard to look at my coarse hands and my common boots. My opinion of those accessories was not favorable. They had never troubled me before, but they troubled me now, as vulgar appendages. I determined to ask Joe why he had ever taught me to call those picture-cards Jacks, which ought to be called knaves. I wished Joe had been rather more genteelly brought up, and then I should have been so too.

She came back, with some bread and meat and a little mug of beer. She put the mug down on the stones of the yard, and gave me the bread and meat without looking at me, as insolently as if I were a dog in disgrace. I was so humiliated, hurt, spurned, offended, angry, sorry – I cannot hit upon the right name for the smart – God knows what its name was – that tears started to my eyes. The moment they sprang there, the girl looked at me with a quick delight in having been the cause of them. This gave me power to keep them back and to look at her: so, she gave a contemptuous toss – but with a sense, I thought, of having made too sure that I was so wounded – and left me.

But when she was gone, I looked about me for a place to hide my face in, and got behind one of the gates in the brewery-lane, and leaned my sleeve against the wall there, and leaned my forehead on it and cried. As I cried, I kicked the wall, and took a hard twist at my hair; so bitter were my feelings, and so sharp was the smart without a name, that needed counteraction.

My sister's bringing up had made me sensitive. In the little world in which children have their existence whosoever brings them up, there is nothing so finely perceived and so finely felt as injustice. It may be only small injustice that the child can be exposed to; but the child is small, and its world is small, and its rocking-horse stands as many hands high, according to scale, as a big-boned Irish hunter. Within myself, I had sustained, from my babyhood, a perpetual conflict with injustice. I had known, from the time when I could speak, that my sister, in her capricious and violent coercion, was unjust to me. I had cherished a profound conviction that her bringing me up by hand gave her no right to bring me up by jerks. Through all my

punishments, disgraces, fasts, and vigils, and other penitential performances, I had nursed this assurance; and to my communing so much with it, in a solitary and unprotected way, I in great part refer the fact that I was morally timid and very sensitive.

I got rid of my injured feelings for the time by kicking them into the brewery wall, and twisting them out of my hair, and then I smoothed my face with my sleeve, and came from behind the gate. The bread and meat were acceptable, and the beer was warming and tingling, and I was soon in spirits to look about me.

To be sure, it was a deserted place, down to the pigeon-house in the brewery-yard, which had been blown crooked on its pole by some high wind, and would have made the pigeons think themselves at sea, if there had been any pigeons there to be rocked by it. But there were no pigeons in the dove-cot, no horses in the stable, no pigs in the sty, no malt in the storehouse, no smells of grains and beer in the copper or the vat. All the uses and scents of the brewery might have evaporated with its last reek of smoke. In a by-yard, there was a wilderness of empty casks, which had a certain sour remembrance of better days lingering about them; but it was too sour to be accepted as a sample of the beer that was gone – and in this respect I remember those recluses as being like most others.

Behind the furthest end of the brewery, was a rank garden with an old wall; not so high but that I could struggle up and hold on long enough to look over it, and see that the rank garden was the garden of the house, and that it was overgrown with tangled weeds, but that there was a track upon the green and yellow paths, as if some one sometimes walked there, and that Estella was walking away from me even then. But she seemed to be everywhere. For when I yielded to the temptation presented by the casks, and began to walk on them, I saw her walking on them at the end of the yard of casks. She had her back towards me, and held her pretty brown hair spread out in her two hands, and never looked round, and passed out of my view directly. So, in the brewery itself – by which I mean the large paved lofty place in which they used to make the beer, and where the brewing utensils still were. When I first went into it, and, rather oppressed by its gloom, stood near the door looking about me, I saw her pass among the extinguished fires, and ascend some light iron stairs, and go out by a gallery high overhead, as if she were going out into the sky.

It was in this place, and at this moment, that a strange thing happened to my fancy. I thought it a strange thing then, and I thought it a stranger thing long afterwards. I turned my eyes – a little dimmed by looking up at the frosty light – towards a great wooden beam in a low nook of the building near me on my right hand, and I saw a figure hanging there by the neck. A figure all in yellow white, with but one shoe to the feet; and it hung so, that I could see that the faded trimmings of the dress were like earthy paper, and that the face was Miss Havisham's, with a movement going over the whole countenance as if she were trying to call to me. In the terror of seeing the figure, and in the terror of being certain that it had not been there a moment before, I at first ran from it, and then ran towards it. And my terror was greatest of all when I found no figure there.

Nothing less than the frosty light of the cheerful sky, the sight of people passing beyond the bars of the court-yard gate, and the reviving influence of the rest of the bread and meat and beer, would have brought me round. Even with those aids, I might not have come to myself as soon as I did, but that I saw Estella approaching with the keys, to let me out. She would have some fair reason for looking down upon me, I thought, if she saw me frightened; and she would have no fair reason.

She gave me a triumphant glance in passing me, as if she rejoiced that my hands were so coarse and my boots were so thick, and she opened the gate, and stood holding it. I was passing out without looking at her, when she touched me with a taunting hand.

"Why don't you cry?"

"Because I don't want to".

"You do", said she. "You have been crying till you are half blind, and you are near crying again now".

She laughed contemptuously, pushed me out, and locked the gate upon me. I went straight to Mr. Pumblechook's, and was immensely relieved to find him not at home. So, leaving word with the shopman on what day I was wanted at Miss Havisham's again, I set off on the four-mile walk to our forge; pondering, as I went along, on all I had seen, and deeply revolving that I was a common laboring-boy; that my hands were coarse; that my boots were thick; that I had fallen into a despicable habit of calling knaves Jacks; that I was much more ignorant than I had considered myself last night, and generally that I was in a low-lived bad way.

CHAPTER IX

When I reached home, my sister was very curious to know all about Miss Havisham's, and asked a number of questions. And I soon found myself getting heavily bumped from behind in the nape of the neck and the small of the back, and having my face ignominiously shoved against the kitchen wall, because I did not answer those questions at sufficient length.

If a dread of not being understood be hidden in the breasts of other young people to anything like the extent to which it used to be hidden in mine – which I consider probable, as I have no particular reason to suspect myself of having been a monstrosity – it is the key to many reservations. I felt convinced that if I described Miss Havisham's as my eyes had seen it, I should not be understood. Not only that, but I felt convinced that Miss Havisham too would not be understood; and although she was perfectly incomprehensible to me, I entertained an impression that there would be something coarse and treacherous in my dragging her as she really was (to say nothing of Miss Estella) before the contemplation of Mrs. Joe. Consequently, I said as little as I could, and had my face shoved against the kitchen wall.

The worst of it was that that bullying old Pumblechook, preyed upon by a devouring curiosity to be informed of all I had seen and heard, came gaping over in his chaise-cart at tea-time, to have the details divulged to him. And the mere sight of the torment, with his fishy eyes and mouth open, his sandy hair inquisitively on end, and his waistcoat heaving with windy arithmetic, made me vicious in my reticence.

"Well, boy", Uncle Pumblechook began, as soon as he was seated in the chair of honor by the fire. "How did you get on up town?"

I answered, "Pretty well, sir", and my sister shook her fist at me.

"Pretty well?" Mr. Pumblechook repeated. "Pretty well is no answer. Tell us what you mean by pretty well, boy?"

Whitewash on the forehead hardens the brain into a state of obstinacy perhaps. Anyhow, with whitewash from the wall on my forehead, my obstinacy was adamantine. I reflected for some time, and then answered as if I had discovered a new idea, "I mean pretty well".

My sister with an exclamation of impatience was going to fly at me – I had no shadow of defence, for Joe was busy in the forge – when Mr.

Pumblechook interposed with “No! Don’t lose your temper. Leave this lad to me, ma’am; leave this lad to me”. Mr. Pumblechook then turned me towards him, as if he were going to cut my hair, and said:

“First (to get our thoughts in order): Forty-three pence?”

I calculated the consequences of replying “Four Hundred Pound”, and finding them against me, went as near the answer as I could – which was somewhere about eightpence off. Mr. Pumblechook then put me through my pence-table from “twelve pence make one shilling”, up to “forty pence make three and fourpence”, and then triumphantly demanded, as if he had done for me, “Now! How much is forty-three pence?” To which I replied, after a long interval of reflection, “I don’t know”. And I was so aggravated that I almost doubt if I did know.

Mr. Pumblechook worked his head like a screw to screw it out of me, and said, “Is forty-three pence seven and sixpence three fardens, for instance?”

“Yes!” said I. And although my sister instantly boxed my ears, it was highly gratifying to me to see that the answer spoilt his joke, and brought him to a dead stop.

“Boy! What like is Miss Havisham?” Mr. Pumblechook began again when he had recovered; folding his arms tight on his chest and applying the screw.

“Very tall and dark”, I told him.

“Is she, uncle?” asked my sister.

Mr. Pumblechook winked assent; from which I at once inferred that he had never seen Miss Havisham, for she was nothing of the kind.

“Good!” said Mr. Pumblechook conceitedly. (“This is the way to have him! We are beginning to hold our own, I think, Mum?”)

“I am sure, uncle”, returned Mrs. Joe, “I wish you had him always; you know so well how to deal with him”.

“Now, boy! What was she a doing of, when you went in today?” asked Mr. Pumblechook.

“She was sitting”, I answered, “in a black velvet coach”.

Mr. Pumblechook and Mrs. Joe stared at one another – as they well might – and both repeated, “In a black velvet coach?”

“Yes”, said I. “And Miss Estella – that’s her niece, I think – handed her in cake and wine at the coach-window, on a gold plate. And we all had

cake and wine on gold plates. And I got up behind the coach to eat mine, because she told me to".

"Was anybody else there?" asked Mr. Pumblechook.

"Four dogs", said I.

"Large or small?"

"Immense", said I. "And they fought for veal-cutlets out of a silver basket".

Mr. Pumblechook and Mrs. Joe stared at one another again, in utter amazement. I was perfectly frantic – a reckless witness under the torture – and would have told them anything.

"Where was this coach, in the name of gracious?" asked my sister.

"In Miss Havisham's room". They stared again. "But there weren't any horses to it". I added this saving clause, in the moment of rejecting four richly caparisoned coursers which I had had wild thoughts of harnessing.

"Can this be possible, uncle?" asked Mrs. Joe. "What can the boy mean?"

"I'll tell you, Mum", said Mr. Pumblechook. "My opinion is, it's a sedan-chair. She's flighty, you know – very flighty – quite flighty enough to pass her days in a sedan-chair".

"Did you ever see her in it, uncle?" asked Mrs. Joe.

"How could I", he returned, forced to the admission, "when I never see her in my life? Never clapped eyes upon her!"

"Goodness, uncle! And yet you have spoken to her?"

"Why, don't you know", said Mr. Pumblechook, testily, "that when I have been there, I have been took up to the outside of her door, and the door has stood ajar, and she has spoke to me that way. Don't say you don't know that, Mum. Howsever, the boy went there to play. What did you play at, boy?"

"We played with flags", I said. (I beg to observe that I think of myself with amazement, when I recall the lies I told on this occasion.)

"Flags!" echoed my sister.

"Yes", said I. "Estella waved a blue flag, and I waved a red one, and Miss Havisham waved one sprinkled all over with little gold stars, out at the coach-window. And then we all waved our swords and hurrahed".

"Swords!" repeated my sister. "Where did you get swords from?"

"Out of a cupboard", said I. "And I saw pistols in it – and jam – and

pills. And there was no daylight in the room, but it was all lighted up with candles".

"That's true, Mum", said Mr. Pumblechook, with a grave nod. "That's the state of the case, for that much I've seen myself". And then they both stared at me, and I, with an obtrusive show of artlessness on my countenance, stared at them, and plaited the right leg of my trousers with my right hand.

If they had asked me any more questions, I should undoubtedly have betrayed myself, for I was even then on the point of mentioning that there was a balloon in the yard, and should have hazarded the statement but for my invention being divided between that phenomenon and a bear in the brewery. They were so much occupied, however, in discussing the marvels I had already presented for their consideration, that I escaped. The subject still held them when Joe came in from his work to have a cup of tea. To whom my sister, more for the relief of her own mind than for the gratification of his, related my pretended experiences.

Now, when I saw Joe open his blue eyes and roll them all round the kitchen in helpless amazement, I was overtaken by penitence; but only as regarded him – not in the least as regarded the other two. Towards Joe, and Joe only, I considered myself a young monster, while they sat debating what results would come to me from Miss Havisham's acquaintance and favor. They had no doubt that Miss Havisham would "do something" for me; their doubts related to the form that something would take. My sister stood out for "property". Mr. Pumblechook was in favor of a handsome premium for binding me apprentice to some genteel trade – say, the corn and seed trade, for instance. Joe fell into the deepest disgrace with both, for offering the bright suggestion that I might only be presented with one of the dogs who had fought for the veal-cutlets. "If a fool's head can't express better opinions than that", said my sister, "and you have got any work to do, you had better go and do it". So he went.

After Mr. Pumblechook had driven off, and when my sister was washing up, I stole into the forge to Joe, and remained by him until he had done for the night. Then I said, "Before the fire goes out, Joe, I should like to tell you something".

"Should you, Pip?" said Joe, drawing his shoeing-stool near the forge. "Then tell us. What is it, Pip?"

"Joe", said I, taking hold of his rolled-up shirt sleeve, and twisting it

between my finger and thumb, “you remember all that about Miss Havisham’s?”

“Remember?” said Joe. “I believe you! Wonderful!”

“It’s a terrible thing, Joe; it ain’t true”.

“What are you telling of, Pip?” cried Joe, falling back in the greatest amazement. “You don’t mean to say it’s...”

“Yes I do; it’s lies, Joe”.

“But not all of it? Why sure you don’t mean to say, Pip, that there was no black welwet co – ch?” For, I stood shaking my head. “But at least there was dogs, Pip? Come, Pip”, said Joe, persuasively, “if there warn’t no weal-cutlets, at least there was dogs?”

“No, Joe”.

“A dog?” said Joe. “A puppy? Come?”

“No, Joe, there was nothing at all of the kind”.

As I fixed my eyes hopelessly on Joe, Joe contemplated me in dismay. “Pip, old chap! This won’t do, old fellow! I say! Where do you expect to go to?”

“It’s terrible, Joe; ain’t it?”

“Terrible?” cried Joe. “Awful! What possessed you?”

“I don’t know what possessed me, Joe”, I replied, letting his shirt sleeve go, and sitting down in the ashes at his feet, hanging my head; “but I wish you hadn’t taught me to call Knaves at cards Jacks; and I wish my boots weren’t so thick nor my hands so coarse”.

And then I told Joe that I felt very miserable, and that I hadn’t been able to explain myself to Mrs. Joe and Pumblechook, who were so rude to me, and that there had been a beautiful young lady at Miss Havisham’s who was dreadfully proud, and that she had said I was common, and that I knew I was common, and that I wished I was not common, and that the lies had come of it somehow, though I didn’t know how.

This was a case of metaphysics, at least as difficult for Joe to deal with as for me. But Joe took the case altogether out of the region of metaphysics, and by that means vanquished it.

“There’s one thing you may be sure of, Pip”, said Joe, after some rumination, “namely, that lies is lies. Howsever they come, they didn’t ought to come, and they come from the father of lies, and work round to the same. Don’t you tell no more of ‘em, Pip. That ain’t the way to get out of being

common, old chap. And as to being common, I don't make it out at all clear. You are oncommon in some things. You're oncommon small. Likewise you're a oncommon scholar".

"No, I am ignorant and backward, Joe".

"Why, see what a letter you wrote last night! Wrote in print even! I've seen letters – Ah! and from gentlefolks! – that I'll swear weren't wrote in print", said Joe.

"I have learnt next to nothing, Joe. You think much of me. It's only that".

"Well, Pip", said Joe, "be it so or be it son't, you must be a common scholar afore you can be a oncommon one, I should hope! The king upon his throne, with his crown upon his ed, can't sit and write his acts of Parliament in print, without having begun, when he were a unpromoted Prince, with the alphabet. – Ah!" added Joe, with a shake of the head that was full of meaning, "and begun at A. too, and worked his way to Z. And I know what that is to do, though I can't say I've exactly done it".

There was some hope in this piece of wisdom, and it rather encouraged me.

"Whether common ones as to callings and earnings", pursued Joe, reflectively, "mightn't be the better of continuing for to keep company with common ones, instead of going out to play with oncommon ones – which reminds me to hope that there were a flag, perhaps?"

"No, Joe".

"(I'm sorry there weren't a flag, Pip). Whether that might be or mightn't be, is a thing as can't be looked into now, without putting your sister on the Rampage; and that's a thing not to be thought of as being done intentional. Lookee here, Pip, at what is said to you by a true friend. Which this to you the true friend say. If you can't get to be oncommon through going straight, you'll never get to do it through going crooked. So don't tell no more on 'em, Pip, and live well and die happy".

"You are not angry with me, Joe?"

"No, old chap. But bearing in mind that them were which I meantersay of a stunning and outdacious sort – alluding to them which bordered on weal-cutlets and dog-fighting – a sincere well-wisher would adwise, Pip, their being dropped into your meditations, when you go up stairs to bed. That's all, old chap, and don't never do it no more".

When I got up to my little room and said my prayers, I did not forget Joe's recommendation, and yet my young mind was in that disturbed and unthankful state, that I thought long after I laid me down, how common Estella would consider Joe, a mere blacksmith; how thick his boots, and how coarse his hands. I thought how Joe and my sister were then sitting in the kitchen, and how I had come up to bed from the kitchen, and how Miss Havisham and Estella never sat in a kitchen, but were far above the level of such common doings. I fell asleep recalling what I "used to do" when I was at Miss Havisham's; as though I had been there weeks or months, instead of hours; and as though it were quite an old subject of remembrance, instead of one that had arisen only that day.

That was a memorable day to me, for it made great changes in me. But it is the same with any life. Imagine one selected day struck out of it, and think how different its course would have been. Pause you who read this, and think for a moment of the long chain of iron or gold, of thorns or flowers, that would never have bound you, but for the formation of the first link on one memorable day.

CHAPTER X

The felicitous idea occurred to me a morning or two later when I woke, that the best step I could take towards making myself uncommon was to get out of Biddy everything she knew. In pursuance of this luminous conception I mentioned to Biddy when I went to Mr. Wopsle's great-aunt's at night, that I had a particular reason for wishing to get on in life, and that I should feel very much obliged to her if she would impart all her learning to me. Biddy, who was the most obliging of girls, immediately said she would, and indeed began to carry out her promise within five minutes.

The Educational scheme or Course established by Mr. Wopsle's great-aunt may be resolved into the following synopsis. The pupils ate apples and put straws down one another's backs, until Mr. Wopsle's great-aunt collected her energies, and made an indiscriminate totter at them with a birch-rod. After receiving the charge with every mark of derision, the pupils formed in line and buzzingly passed a ragged book from hand to hand. The book had an alphabet in it, some figures and tables, and a little spelling – that is to say, it had had once. As soon as this volume began to circulate, Mr. Wopsle's great-aunt fell into a state of coma, arising either from sleep or a rheumatic paroxysm. The pupils then entered among themselves upon a competitive examination on the subject of Boots, with the view of ascertaining who could tread the hardest upon whose toes. This mental exercise lasted until Biddy made a rush at them and distributed three defaced Bibles (shaped as if they had been unskilfully cut off the chump end of something), more illegibly printed at the best than any curiosities of literature I have since met with, speckled all over with ironmould, and having various specimens of the insect world smashed between their leaves. This part of the Course was usually lightened by several single combats between Biddy and refractory students. When the fights were over, Biddy gave out the number of a page, and then we all read aloud what we could – or what we couldn't – in a frightful chorus; Biddy leading with a high, shrill, monotonous voice, and none of us having the least notion of, or reverence for, what we were reading about. When this horrible din had lasted a certain time, it mechanically awoke Mr. Wopsle's great-aunt, who staggered at a boy fortuitously, and pulled his ears. This was understood to terminate the Course for the evening, and we emerged into the air with shrieks of intellectual victory. It is fair to remark

that there was no prohibition against any pupil's entertaining himself with a slate or even with the ink (when there was any), but that it was not easy to pursue that branch of study in the winter season, on account of the little general shop in which the classes were holden – and which was also Mr. Wopsle's great-aunt's sitting-room and bedchamber – being but faintly illuminated through the agency of one low-spirited dip-candle and no snuffers.

It appeared to me that it would take time to become uncommon, under these circumstances: nevertheless, I resolved to try it, and that very evening Biddy entered on our special agreement, by imparting some information from her little catalogue of Prices, under the head of moist sugar, and lending me, to copy at home, a large old English D which she had imitated from the heading of some newspaper, and which I supposed, until she told me what it was, to be a design for a buckle.

Of course there was a public-house in the village, and of course Joe liked sometimes to smoke his pipe there. I had received strict orders from my sister to call for him at the Three Jolly Bargemen, that evening, on my way from school, and bring him home at my peril. To the Three Jolly Bargemen, therefore, I directed my steps.

There was a bar at the Jolly Bargemen, with some alarmingly long chalk scores in it on the wall at the side of the door, which seemed to me to be never paid off. They had been there ever since I could remember, and had grown more than I had. But there was a quantity of chalk about our country, and perhaps the people neglected no opportunity of turning it to account.

It being Saturday night, I found the landlord looking rather grimly at these records; but as my business was with Joe and not with him, I merely wished him good evening, and passed into the common room at the end of the passage, where there was a bright large kitchen fire, and where Joe was smoking his pipe in company with Mr. Wopsle and a stranger. Joe greeted me as usual with "Halloa, Pip, old chap!" and the moment he said that, the stranger turned his head and looked at me.

He was a secret-looking man whom I had never seen before. His head was all on one side, and one of his eyes was half shut up, as if he were taking aim at something with an invisible gun. He had a pipe in his mouth, and he took it out, and, after slowly blowing all his smoke away and looking hard at me all the time, nodded. So, I nodded, and then he nodded again, and made

room on the settle beside him that I might sit down there.

But as I was used to sit beside Joe whenever I entered that place of resort, I said “No, thank you, sir”, and fell into the space Joe made for me on the opposite settle. The strange man, after glancing at Joe, and seeing that his attention was otherwise engaged, nodded to me again when I had taken my seat, and then rubbed his leg – in a very odd way, as it struck me.

“You was saying”, said the strange man, turning to Joe, “that you was a blacksmith”.

“Yes. I said it, you know”, said Joe.

“What’ll you drink, Mr. …? You didn’t mention your name, by the bye”.

Joe mentioned it now, and the strange man called him by it. “What’ll you drink, Mr. Gargery? At my expense? To top up with?”

“Well”, said Joe, “to tell you the truth, I ain’t much in the habit of drinking at anybody’s expense but my own”.

“Habit? No”, returned the stranger, “but once and away, and on a Saturday night too. Come! Put a name to it, Mr. Gargery”.

“I wouldn’t wish to be stiff company”, said Joe. “Rum”.

“Rum”, repeated the stranger. “And will the other gentleman originate a sentiment”.

“Rum”, said Mr. Wopsle.

“Three Rums!” cried the stranger, calling to the landlord. “Glasses round!”

“This other gentleman”, observed Joe, by way of introducing Mr. Wopsle, “is a gentleman that you would like to hear give it out. Our clerk at church”.

“Aha!” said the stranger, quickly, and cocking his eye at me. “The lonely church, right out on the marshes, with graves round it!”

“That’s it”, said Joe.

The stranger, with a comfortable kind of grunt over his pipe, put his legs up on the settle that he had to himself. He wore a flapping broad-brimmed traveller’s hat, and under it a handkerchief tied over his head in the manner of a cap: so that he showed no hair. As he looked at the fire, I thought I saw a cunning expression, followed by a half-laugh, come into his face.

“I am not acquainted with this country, gentlemen, but it seems a solitary country towards the river”.

“Most marshes is solitary”, said Joe.

“No doubt, no doubt. Do you find any gypsies, now, or tramps, or vagrants of any sort, out there?”

“No”, said Joe; “none but a runaway convict now and then. And we don’t find them, easy. Eh, Mr. Wopsle?”

Mr. Wopsle, with a majestic remembrance of old discomfiture, assented; but not warmly.

“Seems you have been out after such?” asked the stranger.

“Once”, returned Joe. “Not that we wanted to take them, you understand; we went out as lookers on; me, and Mr. Wopsle, and Pip. Didn’t us, Pip?”

“Yes, Joe”.

The stranger looked at me again – still cocking his eye, as if he were expressly taking aim at me with his invisible gun – and said, “He’s a likely young parcel of bones that. What is it you call him?”

“Pip”, said Joe.

“Christened Pip?”

“No, not christened Pip”.

“Surname Pip?”

“No”, said Joe, “it’s a kind of family name what he gave himself when a infant, and is called by”.

“Son of yours?”

“Well”, said Joe, meditatively, not, of course, that it could be in anywise necessary to consider about it, but because it was the way at the Jolly Bargemen to seem to consider deeply about everything that was discussed over pipes – “well – no. No, he ain’t”.

“Nevvy?” said the strange man.

“Well”, said Joe, with the same appearance of profound cogitation, “he is not – no, not to deceive you, he is not – my nevvy”.

“What the Blue Blazes is he?” asked the stranger. Which appeared to me to be an inquiry of unnecessary strength.

Mr. Wopsle struck in upon that; as one who knew all about relationships, having professional occasion to bear in mind what female relations a man might not marry; and expounded the ties between me and Joe. Having his hand in, Mr. Wopsle finished off with a most terrifically snarling passage from Richard the Third, and seemed to think he had done quite

enough to account for it when he added, " – as the poet says".

And here I may remark that when Mr. Wopsle referred to me, he considered it a necessary part of such reference to rumple my hair and poke it into my eyes. I cannot conceive why everybody of his standing who visited at our house should always have put me through the same inflammatory process under similar circumstances. Yet I do not call to mind that I was ever in my earlier youth the subject of remark in our social family circle, but some large-handed person took some such ophthalmic steps to patronize me.

All this while, the strange man looked at nobody but me, and looked at me as if he were determined to have a shot at me at last, and bring me down. But he said nothing after offering his Blue Blazes observation, until the glasses of rum and water were brought; and then he made his shot, and a most extraordinary shot it was.

It was not a verbal remark, but a proceeding in dumb-show, and was pointedly addressed to me. He stirred his rum and water pointedly at me, and he tasted his rum and water pointedly at me. And he stirred it and he tasted it; not with a spoon that was brought to him, but with a file.

He did this so that nobody but I saw the file; and when he had done it he wiped the file and put it in a breast-pocket. I knew it to be Joe's file, and I knew that he knew my convict, the moment I saw the instrument. I sat gazing at him, spell-bound. But he now reclined on his settle, taking very little notice of me, and talking principally about turnips.

There was a delicious sense of cleaning-up and making a quiet pause before going on in life afresh, in our village on Saturday nights, which stimulated Joe to dare to stay out half an hour longer on Saturdays than at other times. The half-hour and the rum and water running out together, Joe got up to go, and took me by the hand.

"Stop half a moment, Mr. Gargery", said the strange man. "I think I've got a bright new shilling somewhere in my pocket, and if I have, the boy shall have it".

He looked it out from a handful of small change, folded it in some crumpled paper, and gave it to me. "Yours!" said he. "Mind! Your own".

I thanked him, staring at him far beyond the bounds of good manners, and holding tight to Joe. He gave Joe good-night, and he gave Mr. Wopsle good-night (who went out with us), and he gave me only a look with his aiming eye – no, not a look, for he shut it up, but wonders may be done with

an eye by hiding it.

On the way home, if I had been in a humor for talking, the talk must have been all on my side, for Mr. Wopsle parted from us at the door of the Jolly Bargemen, and Joe went all the way home with his mouth wide open, to rinse the rum out with as much air as possible. But I was in a manner stupefied by this turning up of my old misdeed and old acquaintance, and could think of nothing else.

My sister was not in a very bad temper when we presented ourselves in the kitchen, and Joe was encouraged by that unusual circumstance to tell her about the bright shilling. “A bad un, I’ll be bound”, said Mrs. Joe triumphantly, “or he wouldn’t have given it to the boy! Let’s look at it”.

I took it out of the paper, and it proved to be a good one. “But what’s this?” said Mrs. Joe, throwing down the shilling and catching up the paper. “Two One-Pound notes?”

Nothing less than two fat sweltering one-pound notes that seemed to have been on terms of the warmest intimacy with all the cattle-markets in the county. Joe caught up his hat again, and ran with them to the Jolly Bargemen to restore them to their owner. While he was gone, I sat down on my usual stool and looked vacantly at my sister, feeling pretty sure that the man would not be there.

Presently, Joe came back, saying that the man was gone, but that he, Joe, had left word at the Three Jolly Bargemen concerning the notes. Then my sister sealed them up in a piece of paper, and put them under some dried rose-leaves in an ornamental teapot on the top of a press in the state parlor. There they remained, a nightmare to me, many and many a night and day.

I had sadly broken sleep when I got to bed, through thinking of the strange man taking aim at me with his invisible gun, and of the guiltily coarse and common thing it was, to be on secret terms of conspiracy with convicts – a feature in my low career that I had previously forgotten. I was haunted by the file too. A dread possessed me that when I least expected it, the file would reappear. I coaxed myself to sleep by thinking of Miss Havisham’s, next Wednesday; and in my sleep I saw the file coming at me out of a door, without seeing who held it, and I screamed myself awake.

CHAPTER XI

At the appointed time I returned to Miss Havisham's, and my hesitating ring at the gate brought out Estella. She locked it after admitting me, as she had done before, and again preceded me into the dark passage where her candle stood. She took no notice of me until she had the candle in her hand, when she looked over her shoulder, superciliously saying, "You are to come this way today", and took me to quite another part of the house.

The passage was a long one, and seemed to pervade the whole square basement of the Manor House. We traversed but one side of the square, however, and at the end of it she stopped, and put her candle down and opened a door. Here, the daylight reappeared, and I found myself in a small paved courtyard, the opposite side of which was formed by a detached dwelling-house, that looked as if it had once belonged to the manager or head clerk of the extinct brewery. There was a clock in the outer wall of this house. Like the clock in Miss Havisham's room, and like Miss Havisham's watch, it had stopped at twenty minutes to nine.

We went in at the door, which stood open, and into a gloomy room with a low ceiling, on the ground-floor at the back. There was some company in the room, and Estella said to me as she joined it, "You are to go and stand there boy, till you are wanted". "There", being the window, I crossed to it, and stood "there", in a very uncomfortable state of mind, looking out.

It opened to the ground, and looked into a most miserable corner of the neglected garden, upon a rank ruin of cabbage-stalks, and one box-tree that had been clipped round long ago, like a pudding, and had a new growth at the top of it, out of shape and of a different color, as if that part of the pudding had stuck to the saucepan and got burnt. This was my homely thought, as I contemplated the box-tree. There had been some light snow, overnight, and it lay nowhere else to my knowledge; but, it had not quite melted from the cold shadow of this bit of garden, and the wind caught it up in little eddies and threw it at the window, as if it pelted me for coming there.

I divined that my coming had stopped conversation in the room, and that its other occupants were looking at me. I could see nothing of the room except the shining of the fire in the window-glass, but I stiffened in all my joints with the consciousness that I was under close inspection.

There were three ladies in the room and one gentleman. Before I had

been standing at the window five minutes, they somehow conveyed to me that they were all toadies and humbugs, but that each of them pretended not to know that the others were toadies and humbugs: because the admission that he or she did know it, would have made him or her out to be a toady and humbug.

They all had a listless and dreary air of waiting somebody's pleasure, and the most talkative of the ladies had to speak quite rigidly to repress a yawn. This lady, whose name was Camilla, very much reminded me of my sister, with the difference that she was older, and (as I found when I caught sight of her) of a blunter cast of features. Indeed, when I knew her better I began to think it was a Mercy she had any features at all, so very blank and high was the dead wall of her face.

"Poor dear soul!" said this lady, with an abruptness of manner quite my sister's. "Nobody's enemy but his own!"

"It would be much more commendable to be somebody else's enemy", said the gentleman; "far more natural".

"Cousin Raymond", observed another lady, "we are to love our neighbor".

"Sarah Pocket", returned Cousin Raymond, "if a man is not his own neighbor, who is?"

Miss Pocket laughed, and Camilla laughed and said (checking a yawn), "The idea!" But I thought they seemed to think it rather a good idea too. The other lady, who had not spoken yet, said gravely and emphatically, "Very true!"

"Poor soul!" Camilla presently went on (I knew they had all been looking at me in the mean time), "he is so very strange! Would anyone believe that when Tom's wife died, he actually could not be induced to see the importance of the children's having the deepest of trimmings to their mourning? 'Good Lord!' says he, 'Camilla, what can it signify so long as the poor bereaved little things are in black?' So like Matthew! The idea!"

"Good points in him, good points in him", said Cousin Raymond; "Heaven forbid I should deny good points in him; but he never had, and he never will have, any sense of the proprieties".

"You know I was obliged", said Camilla, "I was obliged to be firm. I said, 'It WILL NOT DO, for the credit of the family.' I told him that, without deep trimmings, the family was disgraced. I cried about it from breakfast till

dinner. I injured my digestion. And at last he flung out in his violent way, and said, with a D, ‘Then do as you like.’ Thank Goodness it will always be a consolation to me to know that I instantly went out in a pouring rain and bought the things”.

“He paid for them, did he not?” asked Estella.

“It’s not the question, my dear child, who paid for them”, returned Camilla. “I bought them. And I shall often think of that with peace, when I wake up in the night”.

The ringing of a distant bell, combined with the echoing of some cry or call along the passage by which I had come, interrupted the conversation and caused Estella to say to me, “Now, boy!” On my turning round, they all looked at me with the utmost contempt, and, as I went out, I heard Sarah Pocket say, “Well I am sure! What next!” and Camilla add, with indignation, “Was there ever such a fancy! The i-de-a!”

As we were going with our candle along the dark passage, Estella stopped all of a sudden, and, facing round, said in her taunting manner, with her face quite close to mine:

“Well?”

“Well, miss?” I answered, almost falling over her and checking myself.

She stood looking at me, and, of course, I stood looking at her.

“Am I pretty?”

“Yes; I think you are very pretty”.

“Am I insulting?”

“Not so much so as you were last time”, said I.

“Not so much so?”

“No”.

She fired when she asked the last question, and she slapped my face with such force as she had, when I answered it.

“Now?” said she. “You little coarse monster, what do you think of me now?”

“I shall not tell you”.

“Because you are going to tell up stairs. Is that it?”

“No”, said I, “that’s not it”.

“Why don’t you cry again, you little wretch?”

“Because I’ll never cry for you again”, said I. Which was, I suppose,

as false a declaration as ever was made; for I was inwardly crying for her then, and I know what I know of the pain she cost me afterwards.

We went on our way up stairs after this episode; and, as we were going up, we met a gentleman groping his way down.

"Whom have we here?" asked the gentleman, stopping and looking at me.

"A boy", said Estella.

He was a burly man of an exceedingly dark complexion, with an exceedingly large head, and a corresponding large hand. He took my chin in his large hand and turned up my face to have a look at me by the light of the candle. He was prematurely bald on the top of his head, and had bushy black eyebrows that wouldn't lie down but stood up bristling. His eyes were set very deep in his head, and were disagreeably sharp and suspicious. He had a large watch-chain, and strong black dots where his beard and whiskers would have been if he had let them. He was nothing to me, and I could have had no foresight then, that he ever would be anything to me, but it happened that I had this opportunity of observing him well.

"Boy of the neighborhood? Hey?" said he.

"Yes, sir", said I.

"How do you come here?"

"Miss Havisham sent for me, sir", I explained.

"Well! Behave yourself. I have a pretty large experience of boys, and you're a bad set of fellows. Now mind!" said he, biting the side of his great forefinger as he frowned at me, "you behave yourself!"

With those words, he released me – which I was glad of, for his hand smelt of scented soap – and went his way down stairs. I wondered whether he could be a doctor; but no, I thought; he couldn't be a doctor, or he would have a quieter and more persuasive manner. There was not much time to consider the subject, for we were soon in Miss Havisham's room, where she and everything else were just as I had left them. Estella left me standing near the door, and I stood there until Miss Havisham cast her eyes upon me from the dressing-table.

"So!" she said, without being startled or surprised: "the days have worn away, have they?"

"Yes, ma'am. Today is…"

"There, there, there!" with the impatient movement of her fingers. "I

don’t want to know. Are you ready to play?”

I was obliged to answer in some confusion, “I don’t think I am, ma’am”.

“Not at cards again?” she demanded, with a searching look.

“Yes, ma’am; I could do that, if I was wanted”.

“Since this house strikes you old and grave, boy”, said Miss Havisham, impatiently, “and you are unwilling to play, are you willing to work?”

I could answer this inquiry with a better heart than I had been able to find for the other question, and I said I was quite willing.

“Then go into that opposite room”, said she, pointing at the door behind me with her withered hand, “and wait there till I come”.

I crossed the staircase landing, and entered the room she indicated. From that room, too, the daylight was completely excluded, and it had an airless smell that was oppressive. A fire had been lately kindled in the damp old-fashioned grate, and it was more disposed to go out than to burn up, and the reluctant smoke which hung in the room seemed colder than the clearer air – like our own marsh mist. Certain wintry branches of candles on the high chimney-piece faintly lighted the chamber; or it would be more expressive to say, faintly troubled its darkness. It was spacious, and I dare say had once been handsome, but every discernible thing in it was covered with dust and mould, and dropping to pieces. The most prominent object was a long table with a tablecloth spread on it, as if a feast had been in preparation when the house and the clocks all stopped together. An epergne or centre-piece of some kind was in the middle of this cloth; it was so heavily overhung with cobwebs that its form was quite undistinguishable; and, as I looked along the yellow expanse out of which I remember its seeming to grow, like a black fungus, I saw speckle-legged spiders with blotchy bodies running home to it, and running out from it, as if some circumstances of the greatest public importance had just transpired in the spider community.

I heard the mice too, rattling behind the panels, as if the same occurrence were important to their interests. But the black beetles took no notice of the agitation, and groped about the hearth in a ponderous elderly way, as if they were short-sighted and hard of hearing, and not on terms with one another.

These crawling things had fascinated my attention, and I was

watching them from a distance, when Miss Havisham laid a hand upon my shoulder. In her other hand she had a crutch-headed stick on which she leaned, and she looked like the Witch of the place.

"This", said she, pointing to the long table with her stick, "is where I will be laid when I am dead. They shall come and look at me here".

With some vague misgiving that she might get upon the table then and there and die at once, the complete realization of the ghastly waxwork at the Fair, I shrank under her touch.

"What do you think that is?" she asked me, again pointing with her stick; "that, where those cobwebs are?"

"I can't guess what it is, ma'am".

"It's a great cake. A bride-cake. Mine!"

She looked all round the room in a glaring manner, and then said, leaning on me while her hand twitched my shoulder, "Come, come, come! Walk me, walk me!"

I made out from this, that the work I had to do, was to walk Miss Havisham round and round the room. Accordingly, I started at once, and she leaned upon my shoulder, and we went away at a pace that might have been an imitation (founded on my first impulse under that roof) of Mr. Pumblechook's chaise-cart.

She was not physically strong, and after a little time said, "Slower!" Still, we went at an impatient fitful speed, and as we went, she twitched the hand upon my shoulder, and worked her mouth, and led me to believe that we were going fast because her thoughts went fast. After a while she said, "Call Estella!" so I went out on the landing and roared that name as I had done on the previous occasion. When her light appeared, I returned to Miss Havisham, and we started away again round and round the room.

If only Estella had come to be a spectator of our proceedings, I should have felt sufficiently discontented; but as she brought with her the three ladies and the gentleman whom I had seen below, I didn't know what to do. In my politeness, I would have stopped; but Miss Havisham twitched my shoulder, and we posted on – with a shame-faced consciousness on my part that they would think it was all my doing.

"Dear Miss Havisham", said Miss Sarah Pocket. "How well you look!"

"I do not", returned Miss Havisham. "I am yellow skin and bone".

Camilla brightened when Miss Pocket met with this rebuff; and she murmured, as she plaintively contemplated Miss Havisham, “Poor dear soul! Certainly not to be expected to look well, poor thing. The idea!”

“And how are you?” said Miss Havisham to Camilla. As we were close to Camilla then, I would have stopped as a matter of course, only Miss Havisham wouldn’t stop. We swept on, and I felt that I was highly obnoxious to Camilla.

“Thank you, Miss Havisham”, she returned, “I am as well as can be expected”.

“Why, what’s the matter with you?” asked Miss Havisham, with exceeding sharpness.

“Nothing worth mentioning”, replied Camilla. “I don’t wish to make a display of my feelings, but I have habitually thought of you more in the night than I am quite equal to”.

“Then don’t think of me”, retorted Miss Havisham.

“Very easily said!” remarked Camilla, amiably repressing a sob, while a hitch came into her upper lip, and her tears overflowed. “Raymond is a witness what ginger and sal volatile I am obliged to take in the night. Raymond is a witness what nervous jerkings I have in my legs. Chokings and nervous jerkings, however, are nothing new to me when I think with anxiety of those I love. If I could be less affectionate and sensitive, I should have a better digestion and an iron set of nerves. I am sure I wish it could be so. But as to not thinking of you in the night – The idea!” Here, a burst of tears.

The Raymond referred to, I understood to be the gentleman present, and him I understood to be Mr. Camilla. He came to the rescue at this point, and said in a consolatory and complimentary voice, “Camilla, my dear, it is well known that your family feelings are gradually undermining you to the extent of making one of your legs shorter than the other”.

“I am not aware”, observed the grave lady whose voice I had heard but once, “that to think of any person is to make a great claim upon that person, my dear”.

Miss Sarah Pocket, whom I now saw to be a little dry, brown, corrugated old woman, with a small face that might have been made of walnut-shells, and a large mouth like a cat’s without the whiskers, supported this position by saying, “No, indeed, my dear. Hem!”

“Thinking is easy enough”, said the grave lady.

“What is easier, you know?” assented Miss Sarah Pocket.

“Oh, yes, yes!” cried Camilla, whose fermenting feelings appeared to rise from her legs to her bosom. “It’s all very true! It’s a weakness to be so affectionate, but I can’t help it. No doubt my health would be much better if it was otherwise, still I wouldn’t change my disposition if I could. It’s the cause of much suffering, but it’s a consolation to know I posses it, when I wake up in the night”. Here another burst of feeling.

Miss Havisham and I had never stopped all this time, but kept going round and round the room; now brushing against the skirts of the visitors, now giving them the whole length of the dismal chamber.

“There’s Matthew!” said Camilla. “Never mixing with any natural ties, never coming here to see how Miss Havisham is! I have taken to the sofa with my staylace cut, and have lain there hours insensible, with my head over the side, and my hair all down, and my feet I don’t know where...”

(“Much higher than your head, my love”, said Mr. Camilla.)

“I have gone off into that state, hours and hours, on account of Matthew’s strange and inexplicable conduct, and nobody has thanked me”.

“Really I must say I should think not!” interposed the grave lady.

“You see, my dear”, added Miss Sarah Pocket (a blandly vicious personage), “the question to put to yourself is, who did you expect to thank you, my love?”

“Without expecting any thanks, or anything of the sort”, resumed Camilla, “I have remained in that state, hours and hours, and Raymond is a witness of the extent to which I have choked, and what the total inefficacy of ginger has been, and I have been heard at the piano-forte tuner’s across the street, where the poor mistaken children have even supposed it to be pigeons cooing at a distance – and now to be told…” Here Camilla put her hand to her throat, and began to be quite chemical as to the formation of new combinations there.

When this same Matthew was mentioned, Miss Havisham stopped me and herself, and stood looking at the speaker. This change had a great influence in bringing Camilla’s chemistry to a sudden end.

“Matthew will come and see me at last”, said Miss Havisham, sternly, “when I am laid on that table. That will be his place – there”, striking the table with her stick, “at my head! And yours will be there! And your husband’s there! And Sarah Pocket’s there! And Georgiana’s there! Now you

all know where to take your stations when you come to feast upon me. And now go!”

At the mention of each name, she had struck the table with her stick in a new place. She now said, “Walk me, walk me!” and we went on again.

“I suppose there’s nothing to be done”, exclaimed Camilla, “but comply and depart. It’s something to have seen the object of one’s love and duty for even so short a time. I shall think of it with a melancholy satisfaction when I wake up in the night. I wish Matthew could have that comfort, but he sets it at defiance. I am determined not to make a display of my feelings, but it’s very hard to be told one wants to feast on one’s relations – as if one was a Giant – and to be told to go. The bare idea!”

Mr. Camilla interposing, as Mrs. Camilla laid her hand upon her heaving bosom, that lady assumed an unnatural fortitude of manner which I supposed to be expressive of an intention to drop and choke when out of view, and kissing her hand to Miss Havisham, was escorted forth. Sarah Pocket and Georgiana contended who should remain last; but Sarah was too knowing to be outdone, and ambled round Georgiana with that artful slipperiness that the latter was obliged to take precedence. Sarah Pocket then made her separate effect of departing with, “Bless you, Miss Havisham dear!” and with a smile of forgiving pity on her walnut-shell countenance for the weaknesses of the rest.

While Estella was away lighting them down, Miss Havisham still walked with her hand on my shoulder, but more and more slowly. At last she stopped before the fire, and said, after muttering and looking at it some seconds:

“This is my birthday, Pip”.

I was going to wish her many happy returns, when she lifted her stick.

“I don’t suffer it to be spoken of. I don’t suffer those who were here just now, or any one to speak of it. They come here on the day, but they dare not refer to it”.

Of course I made no further effort to refer to it.

“On this day of the year, long before you were born, this heap of decay”, stabbing with her crutched stick at the pile of cobwebs on the table, but not touching it, “was brought here. It and I have worn away together. The mice have gnawed at it, and sharper teeth than teeth of mice have gnawed at me”.

She held the head of her stick against her heart as she stood looking at the table; she in her once white dress, all yellow and withered; the once white cloth all yellow and withered; everything around in a state to crumble under a touch.

"When the ruin is complete", said she, with a ghastly look, "and when they lay me dead, in my bride's dress on the bride's table – which shall be done, and which will be the finished curse upon him – so much the better if it is done on this day!"

She stood looking at the table as if she stood looking at her own figure lying there. I remained quiet. Estella returned, and she too remained quiet. It seemed to me that we continued thus for a long time. In the heavy air of the room, and the heavy darkness that brooded in its remoter corners, I even had an alarming fancy that Estella and I might presently begin to decay.

At length, not coming out of her distraught state by degrees, but in an instant, Miss Havisham said, "Let me see you two play cards; why have you not begun?" With that, we returned to her room, and sat down as before; I was beggared, as before; and again, as before, Miss Havisham watched us all the time, directed my attention to Estella's beauty, and made me notice it the more by trying her jewels on Estella's breast and hair.

Estella, for her part, likewise treated me as before, except that she did not condescend to speak. When we had played some half-dozen games, a day was appointed for my return, and I was taken down into the yard to be fed in the former dog-like manner. There, too, I was again left to wander about as I liked.

It is not much to the purpose whether a gate in that garden wall which I had scrambled up to peep over on the last occasion was, on that last occasion, open or shut. Enough that I saw no gate then, and that I saw one now. As it stood open, and as I knew that Estella had let the visitors out – for she had returned with the keys in her hand – I strolled into the garden, and strolled all over it. It was quite a wilderness, and there were old melon-frames and cucumber-frames in it, which seemed in their decline to have produced a spontaneous growth of weak attempts at pieces of old hats and boots, with now and then a weedy offshoot into the likeness of a battered saucepan.

When I had exhausted the garden and a greenhouse with nothing in it but a fallen-down grape-vine and some bottles, I found myself in the dismal corner upon which I had looked out of the window. Never questioning for a

moment that the house was now empty, I looked in at another window, and found myself, to my great surprise, exchanging a broad stare with a pale young gentleman with red eyelids and light hair.

This pale young gentleman quickly disappeared, and reappeared beside me. He had been at his books when I had found myself staring at him, and I now saw that he was inky.

"Halloa!" said he, "young fellow!"

Halloa being a general observation which I had usually observed to be best answered by itself, I said, "Halloa!" politely omitting young fellow.

"Who let you in?" said he.

"Miss Estella".

"Who gave you leave to prowl about?"

"Miss Estella".

"Come and fight", said the pale young gentleman.

What could I do but follow him? I have often asked myself the question since; but what else could I do? His manner was so final, and I was so astonished, that I followed where he led, as if I had been under a spell.

"Stop a minute, though", he said, wheeling round before we had gone many paces. "I ought to give you a reason for fighting, too. There it is!" In a most irritating manner he instantly slapped his hands against one another, daintily flung one of his legs up behind him, pulled my hair, slapped his hands again, dipped his head, and butted it into my stomach.

The bull-like proceeding last mentioned, besides that it was unquestionably to be regarded in the light of a liberty, was particularly disagreeable just after bread and meat. I therefore hit out at him and was going to hit out again, when he said, "Aha! Would you?" and began dancing backwards and forwards in a manner quite unparalleled within my limited experience.

"Laws of the game!" said he. Here, he skipped from his left leg on to his right. "Regular rules!" Here, he skipped from his right leg on to his left. "Come to the ground, and go through the preliminaries!" Here, he dodged backwards and forwards, and did all sorts of things while I looked helplessly at him.

I was secretly afraid of him when I saw him so dexterous; but I felt morally and physically convinced that his light head of hair could have had no business in the pit of my stomach, and that I had a right to consider it

irrelevant when so obtruded on my attention. Therefore, I followed him without a word, to a retired nook of the garden, formed by the junction of two walls and screened by some rubbish. On his asking me if I was satisfied with the ground, and on my replying Yes, he begged my leave to absent himself for a moment, and quickly returned with a bottle of water and a sponge dipped in vinegar. “Available for both”, he said, placing these against the wall. And then fell to pulling off, not only his jacket and waistcoat, but his shirt too, in a manner at once light-hearted, business-like, and bloodthirsty.

Although he did not look very healthy – having pimples on his face, and a breaking out at his mouth – these dreadful preparations quite appalled me. I judged him to be about my own age, but he was much taller, and he had a way of spinning himself about that was full of appearance. For the rest, he was a young gentleman in a gray suit (when not denuded for battle), with his elbows, knees, wrists, and heels considerably in advance of the rest of him as to development.

My heart failed me when I saw him squaring at me with every demonstration of mechanical nicety, and eyeing my anatomy as if he were minutely choosing his bone. I never have been so surprised in my life, as I was when I let out the first blow, and saw him lying on his back, looking up at me with a bloody nose and his face exceedingly fore-shortened.

But, he was on his feet directly, and after sponging himself with a great show of dexterity began squaring again. The second greatest surprise I have ever had in my life was seeing him on his back again, looking up at me out of a black eye.

His spirit inspired me with great respect. He seemed to have no strength, and he never once hit me hard, and he was always knocked down; but he would be up again in a moment, sponging himself or drinking out of the water-bottle, with the greatest satisfaction in seconding himself according to form, and then came at me with an air and a show that made me believe he really was going to do for me at last. He got heavily bruised, for I am sorry to record that the more I hit him, the harder I hit him; but he came up again and again and again, until at last he got a bad fall with the back of his head against the wall. Even after that crisis in our affairs, he got up and turned round and round confusedly a few times, not knowing where I was; but finally went on his knees to his sponge and threw it up: at the same time panting out, “That means you have won”.

He seemed so brave and innocent, that although I had not proposed the contest, I felt but a gloomy satisfaction in my victory. Indeed, I go so far as to hope that I regarded myself while dressing as a species of savage young wolf or other wild beast. However, I got dressed, darkly wiping my sanguinary face at intervals, and I said, “Can I help you?” and he said “No thankee”, and I said “Good afternoon”, and he said “Same to you”.

When I got into the courtyard, I found Estella waiting with the keys. But she neither asked me where I had been, nor why I had kept her waiting; and there was a bright flush upon her face, as though something had happened to delight her. Instead of going straight to the gate, too, she stepped back into the passage, and beckoned me.

“Come here! You may kiss me, if you like”.

I kissed her cheek as she turned it to me. I think I would have gone through a great deal to kiss her cheek. But I felt that the kiss was given to the coarse common boy as a piece of money might have been, and that it was worth nothing.

What with the birthday visitors, and what with the cards, and what with the fight, my stay had lasted so long, that when I neared home the light on the spit of sand off the point on the marshes was gleaming against a black night-sky, and Joe’s furnace was flinging a path of across the road.

CHAPTER XII

My mind grew very uneasy on the subject of the pale young gentleman. The more I thought of the fight, and recalled the pale young gentleman on his back in various stages of puffy and incrimsoned countenance, the more certain it appeared that something would be done to me. I felt that the pale young gentleman's blood was on my head, and that the Law would avenge it. Without having any definite idea of the penalties I had incurred, it was clear to me that village boys could not go stalking about the country, ravaging the houses of gentlefolks and pitching into the studious youth of England, without laying themselves open to severe punishment. For some days, I even kept close at home, and looked out at the kitchen door with the greatest caution and trepidation before going on an errand, lest the officers of the County Jail should pounce upon me. The pale young gentleman's nose had stained my trousers, and I tried to wash out that evidence of my guilt in the dead of night. I had cut my knuckles against the pale young gentleman's teeth, and I twisted my imagination into a thousand tangles, as I devised incredible ways of accounting for that damnatory circumstance when I should be haled before the Judges.

When the day came round for my return to the scene of the deed of violence, my terrors reached their height. Whether myrmidons of Justice, specially sent down from London, would be lying in ambush behind the gate; – whether Miss Havisham, preferring to take personal vengeance for an outrage done to her house, might rise in those grave-clothes of hers, draw a pistol, and shoot me dead:whether suborned boys – a numerous band of mercenaries – might be engaged to fall upon me in the brewery, and cuff me until I was no more; – it was high testimony to my confidence in the spirit of the pale young gentleman, that I never imagined him accessory to these retaliations; they always came into my mind as the acts of injudicious relatives of his, goaded on by the state of his visage and an indignant sympathy with the family features.

However, go to Miss Havisham's I must, and go I did. And behold! nothing came of the late struggle. It was not alluded to in any way, and no pale young gentleman was to be discovered on the premises. I found the same gate open, and I explored the garden, and even looked in at the windows of the detached house; but my view was suddenly stopped by the closed shutters

within, and all was lifeless. Only in the corner where the combat had taken place could I detect any evidence of the young gentleman's existence. There were traces of his gore in that spot, and I covered them with garden-mould from the eye of man.

On the broad landing between Miss Havisham's own room and that other room in which the long table was laid out, I saw a garden-chair – a light chair on wheels, that you pushed from behind. It had been placed there since my last visit, and I entered, that same day, on a regular occupation of pushing Miss Havisham in this chair (when she was tired of walking with her hand upon my shoulder) round her own room, and across the landing, and round the other room. Over and over and over again, we would make these journeys, and sometimes they would last as long as three hours at a stretch. I insensibly fall into a general mention of these journeys as numerous, because it was at once settled that I should return every alternate day at noon for these purposes, and because I am now going to sum up a period of at least eight or ten months.

As we began to be more used to one another, Miss Havisham talked more to me, and asked me such questions as what had I learnt and what was I going to be? I told her I was going to be apprenticed to Joe, I believed; and I enlarged upon my knowing nothing and wanting to know everything, in the hope that she might offer some help towards that desirable end. But she did not; on the contrary, she seemed to prefer my being ignorant. Neither did she ever give me any money – or anything but my daily dinner – nor ever stipulate that I should be paid for my services.

Estella was always about, and always let me in and out, but never told me I might kiss her again. Sometimes, she would coldly tolerate me; sometimes, she would condescend to me; sometimes, she would be quite familiar with me; sometimes, she would tell me energetically that she hated me. Miss Havisham would often ask me in a whisper, or when we were alone, "Does she grow prettier and prettier, Pip?" And when I said yes (for indeed she did), would seem to enjoy it greedily. Also, when we played at cards Miss Havisham would look on, with a miserly relish of Estella's moods, whatever they were. And sometimes, when her moods were so many and so contradictory of one another that I was puzzled what to say or do, Miss Havisham would embrace her with lavish fondness, murmuring something in her ear that sounded like "Break their hearts my pride and hope,

break their hearts and have no mercy!”

There was a song Joe used to hum fragments of at the forge, of which the burden was Old Clem. This was not a very ceremonious way of rendering homage to a patron saint, but I believe Old Clem stood in that relation towards smiths. It was a song that imitated the measure of beating upon iron, and was a mere lyrical excuse for the introduction of Old Clem’s respected name. Thus, you were to hammer boys round – Old Clem! With a thump and a sound – Old Clem! Beat it out, beat it out – Old Clem! With a clink for the stout – Old Clem! Blow the fire, blow the fire – Old Clem! Roaring dryer, soaring higher – Old Clem! One day soon after the appearance of the chair, Miss Havisham suddenly saying to me, with the impatient movement of her fingers, “There, there, there! Sing!” I was surprised into crooning this ditty as I pushed her over the floor. It happened so to catch her fancy that she took it up in a low brooding voice as if she were singing in her sleep. After that, it became customary with us to have it as we moved about, and Estella would often join in; though the whole strain was so subdued, even when there were three of us, that it made less noise in the grim old house than the lightest breath of wind.

What could I become with these surroundings? How could my character fail to be influenced by them? Is it to be wondered at if my thoughts were dazed, as my eyes were, when I came out into the natural light from the misty yellow rooms?

Perhaps I might have told Joe about the pale young gentleman, if I had not previously been betrayed into those enormous inventions to which I had confessed. Under the circumstances, I felt that Joe could hardly fail to discern in the pale young gentleman, an appropriate passenger to be put into the black velvet coach; therefore, I said nothing of him. Besides, that shrinking from having Miss Havisham and Estella discussed, which had come upon me in the beginning, grew much more potent as time went on. I reposed complete confidence in no one but Biddy; but I told poor Biddy everything. Why it came natural to me to do so, and why Biddy had a deep concern in everything I told her, I did not know then, though I think I know now.

Meanwhile, councils went on in the kitchen at home, fraught with almost insupportable aggravation to my exasperated spirit. That ass, Pumblechook, used often to come over of a night for the purpose of discussing my prospects with my sister; and I really do believe (to this hour

with less penitence than I ought to feel), that if these hands could have taken a linchpin out of his chaise-cart, they would have done it. The miserable man was a man of that confined stolidity of mind, that he could not discuss my prospects without having me before him – as it were, to operate upon – and he would drag me up from my stool (usually by the collar) where I was quiet in a corner, and, putting me before the fire as if I were going to be cooked, would begin by saying, “Now, Mum, here is this boy! Here is this boy which you brought up by hand. Hold up your head, boy, and be forever grateful unto them which so did do. Now, Mum, with respections to this boy!” And then he would rumple my hair the wrong way – which from my earliest remembrance, as already hinted, I have in my soul denied the right of any fellow-creature to do – and would hold me before him by the sleeve – a spectacle of imbecility only to be equalled by himself.

Then, he and my sister would pair off in such nonsensical speculations about Miss Havisham, and about what she would do with me and for me, that I used to want – quite painfully – to burst into spiteful tears, fly at Pumblechook, and pummel him all over. In these dialogues, my sister spoke to me as if she were morally wrenching one of my teeth out at every reference; while Pumblechook himself, self-constituted my patron, would sit supervising me with a depreciatory eye, like the architect of my fortunes who thought himself engaged on a very unremunerative job.

In these discussions, Joe bore no part. But he was often talked at, while they were in progress, by reason of Mrs. Joe’s perceiving that he was not favorable to my being taken from the forge. I was fully old enough now to be apprenticed to Joe; and when Joe sat with the poker on his knees thoughtfully raking out the ashes between the lower bars, my sister would so distinctly construe that innocent action into opposition on his part, that she would dive at him, take the poker out of his hands, shake him, and put it away. There was a most irritating end to every one of these debates. All in a moment, with nothing to lead up to it, my sister would stop herself in a yawn, and catching sight of me as it were incidentally, would swoop upon me with, “Come! there’s enough of you! You get along to bed; you’ve given trouble enough for one night, I hope!” As if I had besought them as a favor to bother my life out.

We went on in this way for a long time, and it seemed likely that we should continue to go on in this way for a long time, when one day Miss

Havisham stopped short as she and I were walking, she leaning on my shoulder; and said with some displeasure:

"You are growing tall, Pip!"

I thought it best to hint, through the medium of a meditative look, that this might be occasioned by circumstances over which I had no control.

She said no more at the time; but she presently stopped and looked at me again; and presently again; and after that, looked frowning and moody. On the next day of my attendance, when our usual exercise was over, and I had landed her at her dressing-table, she stayed me with a movement of her impatient fingers:

"Tell me the name again of that blacksmith of yours".

"Joe Gargery, ma'am".

"Meaning the master you were to be apprenticed to?"

"Yes, Miss Havisham".

"You had better be apprenticed at once. Would Gargery come here with you, and bring your indentures, do you think?"

I signified that I had no doubt he would take it as an honor to be asked.

"Then let him come".

"At any particular time, Miss Havisham?"

"There, there! I know nothing about times. Let him come soon, and come along with you".

When I got home at night, and delivered this message for Joe, my sister "went on the Rampage", in a more alarming degree than at any previous period. She asked me and Joe whether we supposed she was door-mats under our feet, and how we dared to use her so, and what company we graciously thought she was fit for? When she had exhausted a torrent of such inquiries, she threw a candlestick at Joe, burst into a loud sobbing, got out the dustpan – which was always a very bad sign – put on her coarse apron, and began cleaning up to a terrible extent. Not satisfied with a dry cleaning, she took to a pail and scrubbing-brush, and cleaned us out of house and home, so that we stood shivering in the back-yard. It was ten o'clock at night before we ventured to creep in again, and then she asked Joe why he hadn't married a Negress Slave at once? Joe offered no answer, poor fellow, but stood feeling his whisker and looking dejectedly at me, as if he thought it really might have been a better speculation.

CHAPTER XIII

It was a trial to my feelings, on the next day but one, to see Joe arraying himself in his Sunday clothes to accompany me to Miss Havisham's. However, as he thought his court-suit necessary to the occasion, it was not for me to tell him that he looked far better in his working-dress; the rather, because I knew he made himself so dreadfully uncomfortable, entirely on my account, and that it was for me he pulled up his shirt-collar so very high behind, that it made the hair on the crown of his head stand up like a tuft of feathers.

At breakfast-time my sister declared her intention of going to town with us, and being left at Uncle Pumblechook's and called for "when we had done with our fine ladies" – a way of putting the case, from which Joe appeared inclined to augur the worst. The forge was shut up for the day, and Joe inscribed in chalk upon the door (as it was his custom to do on the very rare occasions when he was not at work) the monosyllable HOUT, accompanied by a sketch of an arrow supposed to be flying in the direction he had taken.

We walked to town, my sister leading the way in a very large beaver bonnet, and carrying a basket like the Great Seal of England in plaited Straw, a pair of pattens, a spare shawl, and an umbrella, though it was a fine bright day. I am not quite clear whether these articles were carried penitentially or ostentatiously; but I rather think they were displayed as articles of property – much as Cleopatra or any other sovereign lady on the Rampage might exhibit her wealth in a pageant or procession.

When we came to Pumblechook's, my sister bounced in and left us. As it was almost noon, Joe and I held straight on to Miss Havisham's house. Estella opened the gate as usual, and, the moment she appeared, Joe took his hat off and stood weighing it by the brim in both his hands; as if he had some urgent reason in his mind for being particular to half a quarter of an ounce.

Estella took no notice of either of us, but led us the way that I knew so well. I followed next to her, and Joe came last. When I looked back at Joe in the long passage, he was still weighing his hat with the greatest care, and was coming after us in long strides on the tips of his toes.

Estella told me we were both to go in, so I took Joe by the coat-cuff and conducted him into Miss Havisham's presence. She was seated at her

dressing-table, and looked round at us immediately.

"Oh!" said she to Joe. "You are the husband of the sister of this boy?"

I could hardly have imagined dear old Joe looking so unlike himself or so like some extraordinary bird; standing as he did speechless, with his tuft of feathers ruffled, and his mouth open as if he wanted a worm.

"You are the husband", repeated Miss Havisham, "of the sister of this boy?"

It was very aggravating; but, throughout the interview, Joe persisted in addressing Me instead of Miss Havisham.

"Which I meantersay, Pip", Joe now observed in a manner that was at once expressive of forcible argumentation, strict confidence, and great politeness, "as I hup and married your sister, and I were at the time what you might call (if you was anyways inclined) a single man".

"Well!" said Miss Havisham. "And you have reared the boy, with the intention of taking him for your apprentice; is that so, Mr. Gargery?"

"You know, Pip", replied Joe, "as you and me were ever friends, and it were looked for'ard to betwixt us, as being calc'lated to lead to larks. Not but what, Pip, if you had ever made objections to the business – such as its being open to black and sut, or such-like – not but what they would have been attended to, don't you see?"

"Has the boy", said Miss Havisham, "ever made any objection? Does he like the trade?"

"Which it is well beknown to yourself, Pip", returned Joe, strengthening his former mixture of argumentation, confidence, and politeness, "that it were the wish of your own hart". (I saw the idea suddenly break upon him that he would adapt his epitaph to the occasion, before he went on to say) "And there weren't no objection on your part, and Pip it were the great wish of your hart!"

It was quite in vain for me to endeavor to make him sensible that he ought to speak to Miss Havisham. The more I made faces and gestures to him to do it, the more confidential, argumentative, and polite, he persisted in being to Me.

"Have you brought his indentures with you?" asked Miss Havisham.

"Well, Pip, you know", replied Joe, as if that were a little unreasonable, "you yourself see me put 'em in my 'at, and therefore you know as they are here". With which he took them out, and gave them, not to

Miss Havisham, but to me. I am afraid I was ashamed of the dear good fellow – I know I was ashamed of him – when I saw that Estella stood at the back of Miss Havisham's chair, and that her eyes laughed mischievously. I took the indentures out of his hand and gave them to Miss Havisham.

"You expected", said Miss Havisham, as she looked them over, "no premium with the boy?"

"Joe!" I remonstrated, for he made no reply at all. "Why don't you answer..."

"Pip", returned Joe, cutting me short as if he were hurt, "which I meantersay that were not a question requiring a answer betwixt yourself and me, and which you know the answer to be full well No. You know it to be No, Pip, and wherefore should I say it?"

Miss Havisham glanced at him as if she understood what he really was better than I had thought possible, seeing what he was there; and took up a little bag from the table beside her.

"Pip has earned a premium here", she said, "and here it is. There are five-and-twenty guineas in this bag. Give it to your master, Pip".

As if he were absolutely out of his mind with the wonder awakened in him by her strange figure and the strange room, Joe, even at this pass, persisted in addressing me.

"This is wery liberal on your part, Pip", said Joe, "and it is as such received and grateful welcome, though never looked for, far nor near, nor nowheres. And now, old chap", said Joe, conveying to me a sensation, first of burning and then of freezing, for I felt as if that familiar expression were applied to Miss Havisham – "and now, old chap, may we do our duty! May you and me do our duty, both on us, by one and another, and by them which your liberal present – have-conweyed – to be – for the satisfaction of mind-of – them as never – " here Joe showed that he felt he had fallen into frightful difficulties, until he triumphantly rescued himself with the words, "and from myself far be it!" These words had such a round and convincing sound for him that he said them twice.

"Good by, Pip!" said Miss Havisham. "Let them out, Estella".

"Am I to come again, Miss Havisham?" I asked.

"No. Gargery is your master now. Gargery! One word!"

Thus calling him back as I went out of the door, I heard her say to Joe in a distinct emphatic voice, "The boy has been a good boy here, and that is

his reward. Of course, as an honest man, you will expect no other and no more".

How Joe got out of the room, I have never been able to determine; but I know that when he did get out he was steadily proceeding up stairs instead of coming down, and was deaf to all remonstrances until I went after him and laid hold of him. In another minute we were outside the gate, and it was locked, and Estella was gone. When we stood in the daylight alone again, Joe backed up against a wall, and said to me, "Astonishing!" And there he remained so long saying, "Astonishing" at intervals, so often, that I began to think his senses were never coming back. At length he prolonged his remark into "Pip, I do assure you this is as-TON-ishing!" and so, by degrees, became conversational and able to walk away.

I have reason to think that Joe's intellects were brightened by the encounter they had passed through, and that on our way to Pumblechook's he invented a subtle and deep design. My reason is to be found in what took place in Mr. Pumblechook's parlor: where, on our presenting ourselves, my sister sat in conference with that detested seedsman.

"Well?" cried my sister, addressing us both at once. "And what's happened to you? I wonder you condescend to come back to such poor society as this, I am sure I do!"

"Miss Havisham", said Joe, with a fixed look at me, like an effort of remembrance, "made it wery partick'ler that we should give her – were it compliments or respects, Pip?"

"Compliments", I said.

"Which that were my own belief", answered Joe; "her compliments to Mrs. J. Gargery..."

"Much good they'll do me!" observed my sister; but rather gratified too.

"And wishing", pursued Joe, with another fixed look at me, like another effort of remembrance, "that the state of Miss Havisham's elth were sitch as would have – allowed, were it, Pip?"

"Of her having the pleasure", I added.

"Of ladies' company", said Joe. And drew a long breath.

"Well!" cried my sister, with a mollified glance at Mr. Pumblechook. "She might have had the politeness to send that message at first, but it's better late than never. And what did she give young Rantipole here?"

“She giv’ him”, said Joe, “nothing”.

Mrs. Joe was going to break out, but Joe went on.

“What she giv’“, said Joe, “she giv’ to his friends. ‘And by his friends,’ were her explanation, ‘I mean into the hands of his sister Mrs. J. Gargery.’ Them were her words; ‘Mrs. J. Gargery.’ She mayn’t have know’d”, added Joe, with an appearance of reflection, “whether it were Joe, or Jorge”.

My sister looked at Pumblechook: who smoothed the elbows of his wooden arm-chair, and nodded at her and at the fire, as if he had known all about it beforehand.

“And how much have you got?” asked my sister, laughing. Positively laughing!

“What would present company say to ten pound?” demanded Joe.

“They’d say”, returned my sister, curtly, “pretty well. Not too much, but pretty well”.

“It’s more than that, then”, said Joe.

That fearful Impostor, Pumblechook, immediately nodded, and said, as he rubbed the arms of his chair, “It’s more than that, Mum”.

“Why, you don’t mean to say...” began my sister.

“Yes I do, Mum”, said Pumblechook; “but wait a bit. Go on, Joseph. Good in you! Go on!”

“What would present company say”, proceeded Joe, “to twenty pound?”

“Handsome would be the word”, returned my sister.

“Well, then”, said Joe, “It’s more than twenty pound”.

That abject hypocrite, Pumblechook, nodded again, and said, with a patronizing laugh, “It’s more than that, Mum. Good again! Follow her up, Joseph!”

“Then to make an end of it”, said Joe, delightedly handing the bag to my sister; “it’s five-and-twenty pound”.

“It’s five-and-twenty pound, Mum”, echoed that basest of swindlers, Pumblechook, rising to shake hands with her; “and it’s no more than your merits (as I said when my opinion was asked), and I wish you joy of the money!”

If the villain had stopped here, his case would have been sufficiently awful, but he blackened his guilt by proceeding to take me into custody, with

a right of patronage that left all his former criminality far behind.

"Now you see, Joseph and wife", said Pumblechook, as he took me by the arm above the elbow, "I am one of them that always go right through with what they've begun. This boy must be bound, out of hand. That's my way. Bound out of hand".

"Goodness knows, Uncle Pumblechook", said my sister (grasping the money), "we're deeply beholden to you".

"Never mind me, Mum", returned that diabolical cornchandler. "A pleasure's a pleasure all the world over. But this boy, you know; we must have him bound. I said I'd see to it – to tell you the truth".

The Justices were sitting in the Town Hall near at hand, and we at once went over to have me bound apprentice to Joe in the Magisterial presence. I say we went over, but I was pushed over by Pumblechook, exactly as if I had that moment picked a pocket or fired a rick; indeed, it was the general impression in Court that I had been taken red-handed; for, as Pumblechook shoved me before him through the crowd, I heard some people say, "What's he done?" and others, "He's a young 'un, too, but looks bad, don't he?" One person of mild and benevolent aspect even gave me a tract ornamented with a woodcut of a malevolent young man fitted up with a perfect sausage-shop of fetters, and entitled TO BE READ IN MY CELL.

The Hall was a queer place, I thought, with higher pews in it than a church – and with people hanging over the pews looking on – and with mighty Justices (one with a powdered head) leaning back in chairs, with folded arms, or taking snuff, or going to sleep, or writing, or reading the newspapers – and with some shining black portraits on the walls, which my unartistic eye regarded as a composition of hardbake and sticking-plaster. Here, in a corner my indentures were duly signed and attested, and I was "bound"; Mr. Pumblechook holding me all the while as if we had looked in on our way to the scaffold, to have those little preliminaries disposed of.

When we had come out again, and had got rid of the boys who had been put into great spirits by the expectation of seeing me publicly tortured, and who were much disappointed to find that my friends were merely rallying round me, we went back to Pumblechook's. And there my sister became so excited by the twenty-five guineas, that nothing would serve her but we must have a dinner out of that windfall at the Blue Boar, and that Pumblechook must go over in his chaise-cart, and bring the Hubbles and Mr.

Wopsle.

It was agreed to be done; and a most melancholy day I passed. For, it inscrutably appeared to stand to reason, in the minds of the whole company, that I was an excrescence on the entertainment. And to make it worse, they all asked me from time to time – in short, whenever they had nothing else to do – why I didn't enjoy myself? And what could I possibly do then, but say I was enjoying myself – when I wasn't!

However, they were grown up and had their own way, and they made the most of it. That swindling Pumblechook, exalted into the beneficent contriver of the whole occasion, actually took the top of the table; and, when he addressed them on the subject of my being bound, and had fiendishly congratulated them on my being liable to imprisonment if I played at cards, drank strong liquors, kept late hours or bad company, or indulged in other vagaries which the form of my indentures appeared to contemplate as next to inevitable, he placed me standing on a chair beside him to illustrate his remarks.

My only other remembrances of the great festival are, That they wouldn't let me go to sleep, but whenever they saw me dropping off, woke me up and told me to enjoy myself. That, rather late in the evening Mr. Wopsle gave us Collins's ode, and threw his bloodstained sword in thunder down, with such effect, that a waiter came in and said, "The Commercials underneath sent up their compliments, and it wasn't the Tumblers' Arms". That, they were all in excellent spirits on the road home, and sang, O Lady Fair! Mr. Wopsle taking the bass, and asserting with a tremendously strong voice (in reply to the inquisitive bore who leads that piece of music in a most impertinent manner, by wanting to know all about everybody's private affairs) that he was the man with his white locks flowing, and that he was upon the whole the weakest pilgrim going.

Finally, I remember that when I got into my little bedroom, I was truly wretched, and had a strong conviction on me that I should never like Joe's trade. I had liked it once, but once was not now.

CHAPTER XIV

It is a most miserable thing to feel ashamed of home. There may be black ingratitude in the thing, and the punishment may be retributive and well deserved; but that it is a miserable thing, I can testify.

Home had never been a very pleasant place to me, because of my sister's temper. But, Joe had sanctified it, and I had believed in it. I had believed in the best parlor as a most elegant saloon; I had believed in the front door, as a mysterious portal of the Temple of State whose solemn opening was attended with a sacrifice of roast fowls; I had believed in the kitchen as a chaste though not magnificent apartment; I had believed in the forge as the glowing road to manhood and independence. Within a single year all this was changed. Now it was all coarse and common, and I would not have had Miss Havisham and Estella see it on any account.

How much of my ungracious condition of mind may have been my own fault, how much Miss Havisham's, how much my sister's, is now of no moment to me or to any one. The change was made in me; the thing was done. Well or ill done, excusably or inexcusably, it was done.

Once, it had seemed to me that when I should at last roll up my shirt-sleeves and go into the forge, Joe's 'prentice, I should be distinguished and happy. Now the reality was in my hold, I only felt that I was dusty with the dust of small-coal, and that I had a weight upon my daily remembrance to which the anvil was a feather. There have been occasions in my later life (I suppose as in most lives) when I have felt for a time as if a thick curtain had fallen on all its interest and romance, to shut me out from anything save dull endurance any more. Never has that curtain dropped so heavy and blank, as when my way in life lay stretched out straight before me through the newly entered road of apprenticeship to Joe.

I remember that at a later period of my "time", I used to stand about the churchyard on Sunday evenings when night was falling, comparing my own perspective with the windy marsh view, and making out some likeness between them by thinking how flat and low both were, and how on both there came an unknown way and a dark mist and then the sea. I was quite as dejected on the first working-day of my apprenticeship as in that after-time; but I am glad to know that I never breathed a murmur to Joe while my indentures lasted. It is about the only thing I am glad to know of myself in

that connection.

For, though it includes what I proceed to add, all the merit of what I proceed to add was Joe's. It was not because I was faithful, but because Joe was faithful, that I never ran away and went for a soldier or a sailor. It was not because I had a strong sense of the virtue of industry, but because Joe had a strong sense of the virtue of industry, that I worked with tolerable zeal against the grain. It is not possible to know how far the influence of any amiable honest-hearted duty-doing man flies out into the world; but it is very possible to know how it has touched one's self in going by, and I know right well that any good that intermixed itself with my apprenticeship came of plain contented Joe, and not of restlessly aspiring discontented me.

What I wanted, who can say? How can I say, when I never knew? What I dreaded was, that in some unlucky hour I, being at my grimiest and commonest, should lift up my eyes and see Estella looking in at one of the wooden windows of the forge. I was haunted by the fear that she would, sooner or later, find me out, with a black face and hands, doing the coarsest part of my work, and would exult over me and despise me. Often after dark, when I was pulling the bellows for Joe, and we were singing Old Clem, and when the thought how we used to sing it at Miss Havisham's would seem to show me Estella's face in the fire, with her pretty hair fluttering in the wind and her eyes scorning me – often at such a time I would look towards those panels of black night in the wall which the wooden windows then were, and would fancy that I saw her just drawing her face away, and would believe that she had come at last.

After that, when we went in to supper, the place and the meal would have a more homely look than ever, and I would feel more ashamed of home than ever, in my own ungracious breast.

CHAPTER XV

As I was getting too big for Mr. Wopsle's great-aunt's room, my education under that preposterous female terminated. Not, however, until Biddy had imparted to me everything she knew, from the little catalogue of prices, to a comic song she had once bought for a half-penny. Although the only coherent part of the latter piece of literature were the opening lines.

When I went to Lunnon town sirs,
Too rul loo rul
Too rul loo rul
Wasn't I done very brown sirs?
Too rul loo rul
Too rul loo rul

Still, in my desire to be wiser, I got this composition by heart with the utmost gravity; nor do I recollect that I questioned its merit, except that I thought (as I still do) the amount of Too rul somewhat in excess of the poetry. In my hunger for information, I made proposals to Mr. Wopsle to bestow some intellectual crumbs upon me, with which he kindly complied. As it turned out, however, that he only wanted me for a dramatic lay-figure, to be contradicted and embraced and wept over and bullied and clutched and stabbed and knocked about in a variety of ways, I soon declined that course of instruction; though not until Mr. Wopsle in his poetic fury had severely mauled me.

Whatever I acquired, I tried to impart to Joe. This statement sounds so well, that I cannot in my conscience let it pass unexplained. I wanted to make Joe less ignorant and common, that he might be worthier of my society and less open to Estella's reproach.

The old Battery out on the marshes was our place of study, and a broken slate and a short piece of slate-pencil were our educational implements: to which Joe always added a pipe of tobacco. I never knew Joe to remember anything from one Sunday to another, or to acquire, under my tuition, any piece of information whatever. Yet he would smoke his pipe at the Battery with a far more sagacious air than anywhere else – even with a learned air – as if he considered himself to be advancing immensely. Dear fellow, I hope he did.

It was pleasant and quiet, out there with the sails on the river passing beyond the earthwork, and sometimes, when the tide was low, looking as if they belonged to sunken ships that were still sailing on at the bottom of the water. Whenever I watched the vessels standing out to sea with their white sails spread, I somehow thought of Miss Havisham and Estella; and whenever the light struck aslant, afar off, upon a cloud or sail or green hillside or water-line, it was just the same. – Miss Havisham and Estella and the strange house and the strange life appeared to have something to do with everything that was picturesque.

One Sunday when Joe, greatly enjoying his pipe, had so plumed himself on being "most awful dull", that I had given him up for the day, I lay on the earthwork for some time with my chin on my hand, descrying traces of Miss Havisham and Estella all over the prospect, in the sky and in the water, until at last I resolved to mention a thought concerning them that had been much in my head.

"Joe", said I; "don't you think I ought to make Miss Havisham a visit?"

"Well, Pip", returned Joe, slowly considering. "What for?"

"What for, Joe? What is any visit made for?"

"There is some wisits p'r'aps", said Joe, "as for ever remains open to the question, Pip. But in regard to wisiting Miss Havisham. She might think you wanted something – expected something of her".

"Don't you think I might say that I did not, Joe?"

"You might, old chap", said Joe. "And she might credit it. Similarly she mightn't".

Joe felt, as I did, that he had made a point there, and he pulled hard at his pipe to keep himself from weakening it by repetition.

"You see, Pip", Joe pursued, as soon as he was past that danger, "Miss Havisham done the handsome thing by you. When Miss Havisham done the handsome thing by you, she called me back to say to me as that were all".

"Yes, Joe. I heard her".

"ALL", Joe repeated, very emphatically.

"Yes, Joe. I tell you, I heard her".

"Which I meantersay, Pip, it might be that her meaning were – Make a end on it! – As you was! – Me to the North, and you to the South! – Keep in sunders!"

I had thought of that too, and it was very far from comforting to me to find that he had thought of it; for it seemed to render it more probable.

"But, Joe".

"Yes, old chap".

"Here am I, getting on in the first year of my time, and, since the day of my being bound, I have never thanked Miss Havisham, or asked after her, or shown that I remember her".

"That's true, Pip; and unless you was to turn her out a set of shoes all four round – and which I meantersay as even a set of shoes all four round might not be acceptable as a present, in a total wacancy of hoofs… "

"I don't mean that sort of remembrance, Joe; I don't mean a present".

But Joe had got the idea of a present in his head and must harp upon it. "Or even", said he, "if you was helped to knocking her up a new chain for the front door – or say a gross or two of shark-headed screws for general use – or some light fancy article, such as a toasting-fork when she took her muffins – or a gridiron when she took a sprat or such like… "

"I don't mean any present at all, Joe", I interposed.

"Well", said Joe, still harping on it as though I had particularly pressed it, "if I was yourself, Pip, I wouldn't. No, I would not. For what's a door-chain when she's got one always up? And shark-headers is open to misrepresentations. And if it was a toasting-fork, you'd go into brass and do yourself no credit. And the oncommonest workman can't show himself oncommon in a gridiron – for a gridiron IS a gridiron", said Joe, steadfastly impressing it upon me, as if he were endeavouring to rouse me from a fixed delusion, "and you may haim at what you like, but a gridiron it will come out, either by your leave or again your leave, and you can't help yourself… "

"My dear Joe", I cried, in desperation, taking hold of his coat, "don't go on in that way. I never thought of making Miss Havisham any present".

"No, Pip", Joe assented, as if he had been contending for that, all along; "and what I say to you is, you are right, Pip".

"Yes, Joe; but what I wanted to say, was, that as we are rather slack just now, if you would give me a half-holiday tomorrow, I think I would go up-town and make a call on Miss Est – Havisham".

"Which her name", said Joe, gravely, "ain't Estavisham, Pip, unless she have been rechris'ened".

"I know, Joe, I know. It was a slip of mine. What do you think of it,

Joe?”

In brief, Joe thought that if I thought well of it, he thought well of it. But, he was particular in stipulating that if I were not received with cordiality, or if I were not encouraged to repeat my visit as a visit which had no ulterior object but was simply one of gratitude for a favor received, then this experimental trip should have no successor. By these conditions I promised to abide.

Now, Joe kept a journeyman at weekly wages whose name was Orlick. He pretended that his Christian name was Dolge – a clear Impossibility – but he was a fellow of that obstinate disposition that I believe him to have been the prey of no delusion in this particular, but wilfully to have imposed that name upon the village as an affront to its understanding. He was a broadshouldered loose-limbed swarthy fellow of great strength, never in a hurry, and always slouching. He never even seemed to come to his work on purpose, but would slouch in as if by mere accident; and when he went to the Jolly Bargemen to eat his dinner, or went away at night, he would slouch out, like Cain or the Wandering Jew, as if he had no idea where he was going and no intention of ever coming back. He lodged at a sluice-keeper’s out on the marshes, and on working-days would come slouching from his hermitage, with his hands in his pockets and his dinner loosely tied in a bundle round his neck and dangling on his back. On Sundays he mostly lay all day on the sluice-gates, or stood against ricks and barns. He always slouched, locomotively, with his eyes on the ground; and, when accosted or otherwise required to raise them, he looked up in a half-resentful, half-puzzled way, as though the only thought he ever had was, that it was rather an odd and injurious fact that he should never be thinking.

This morose journeyman had no liking for me. When I was very small and timid, he gave me to understand that the Devil lived in a black corner of the forge, and that he knew the fiend very well: also that it was necessary to make up the fire, once in seven years, with a live boy, and that I might consider myself fuel. When I became Joe’s ‘prentice, Orlick was perhaps confirmed in some suspicion that I should displace him; howbeit, he liked me still less. Not that he ever said anything, or did anything, openly importing hostility; I only noticed that he always beat his sparks in my direction, and that whenever I sang Old Clem, he came in out of time.

Dolge Orlick was at work and present, next day, when I reminded Joe

of my half-holiday. He said nothing at the moment, for he and Joe had just got a piece of hot iron between them, and I was at the bellows; but by and by he said, leaning on his hammer:

"Now, master! Sure you're not a going to favor only one of us. If Young Pip has a half-holiday, do as much for Old Orlick". I suppose he was about five-and-twenty, but he usually spoke of himself as an ancient person.

"Why, what'll you do with a half-holiday, if you get it?" said Joe.

"What'll I do with it! What'll he do with it? I'll do as much with it as him", said Orlick.

"As to Pip, he's going up town", said Joe.

"Well then, as to Old Orlick, he's a going up town", retorted that worthy. "Two can go up town. Tain't only one wot can go up town.

"Don't lose your temper", said Joe.

"Shall if I like", growled Orlick. "Some and their up-towning! Now, master! Come. No favoring in this shop. Be a man!"

The master refusing to entertain the subject until the journeyman was in a better temper, Orlick plunged at the furnace, drew out a red-hot bar, made at me with it as if he were going to run it through my body, whisked it round my head, laid it on the anvil, hammered it out – as if it were I, I thought, and the sparks were my spirting blood – and finally said, when he had hammered himself hot and the iron cold, and he again leaned on his hammer:

"Now, master!"

"Are you all right now?" demanded Joe.

"Ah! I am all right", said gruff Old Orlick.

"Then, as in general you stick to your work as well as most men", said Joe, "let it be a half-holiday for all".

My sister had been standing silent in the yard, within hearing – she was a most unscrupulous spy and listener – and she instantly looked in at one of the windows.

"Like you, you fool!" said she to Joe, "giving holidays to great idle hulkers like that. You are a rich man, upon my life, to waste wages in that way. I wish I was his master!"

"You'd be everybody's master, if you durst", retorted Orlick, with an ill-favored grin.

("Let her alone", said Joe.)

“I’d be a match for all noodles and all rogues”, returned my sister, beginning to work herself into a mighty rage. “And I couldn’t be a match for the noodles, without being a match for your master, who’s the dunder-headed king of the noodles. And I couldn’t be a match for the rogues, without being a match for you, who are the blackest-looking and the worst rogue between this and France. Now!”

“You’re a foul shrew, Mother Gargery”, growled the journeyman. “If that makes a judge of rogues, you ought to be a good’un”.

(“Let her alone, will you?” said Joe.)

“What did you say?” cried my sister, beginning to scream. “What did you say? What did that fellow Orlick say to me, Pip? What did he call me, with my husband standing by? Oh! oh! oh!” Each of these exclamations was a shriek; and I must remark of my sister, what is equally true of all the violent women I have ever seen, that passion was no excuse for her, because it is undeniable that instead of lapsing into passion, she consciously and deliberately took extraordinary pains to force herself into it, and became blindly furious by regular stages; “what was the name he gave me before the base man who swore to defend me? Oh! Hold me! Oh!”

“Ah-h-h!” growled the journeyman, between his teeth, “I’d hold you, if you was my wife. I’d hold you under the pump, and choke it out of you”.

(“I tell you, let her alone”, said Joe.)

“Oh! To hear him!” cried my sister, with a clap of her hands and a scream together – which was her next stage. “To hear the names he’s giving me! That Orlick! In my own house! Me, a married woman! With my husband standing by! Oh! Oh!” Here my sister, after a fit of clappings and screamings, beat her hands upon her bosom and upon her knees, and threw her cap off, and pulled her hair down – which were the last stages on her road to frenzy. Being by this time a perfect Fury and a complete success, she made a dash at the door which I had fortunately locked.

What could the wretched Joe do now, after his disregarded parenthetical interruptions, but stand up to his journeyman, and ask him what he meant by interfering betwixt himself and Mrs. Joe; and further whether he was man enough to come on? Old Orlick felt that the situation admitted of nothing less than coming on, and was on his defence straightway; so, without so much as pulling off their singed and burnt aprons, they went at one another, like two giants. But, if any man in that neighborhood could stand

uplong against Joe, I never saw the man. Orlick, as if he had been of no more account than the pale young gentleman, was very soon among the coal-dust, and in no hurry to come out of it. Then Joe unlocked the door and picked up my sister, who had dropped insensible at the window (but who had seen the fight first, I think), and who was carried into the house and laid down, and who was recommended to revive, and would do nothing but struggle and clench her hands in Joe's hair. Then, came that singular calm and silence which succeed all uproars; and then, with the vague sensation which I have always connected with such a lull – namely, that it was Sunday, and somebody was dead – I went up stairs to dress myself.

When I came down again, I found Joe and Orlick sweeping up, without any other traces of discomposure than a slit in one of Orlick's nostrils, which was neither expressive nor ornamental. A pot of beer had appeared from the Jolly Bargemen, and they were sharing it by turns in a peaceable manner. The lull had a sedative and philosophical influence on Joe, who followed me out into the road to say, as a parting observation that might do me good, "On the Rampage, Pip, and off the Rampage, Pip:such is Life!"

With what absurd emotions (for we think the feelings that are very serious in a man quite comical in a boy) I found myself again going to Miss Havisham's, matters little here. Nor, how I passed and repassed the gate many times before I could make up my mind to ring. Nor, how I debated whether I should go away without ringing; nor, how I should undoubtedly have gone, if my time had been my own, to come back.

Miss Sarah Pocket came to the gate. No Estella.

"How, then? You here again?" said Miss Pocket. "What do you want?"

When I said that I only came to see how Miss Havisham was, Sarah evidently deliberated whether or no she should send me about my business. But unwilling to hazard the responsibility, she let me in, and presently brought the sharp message that I was to "come up".

Everything was unchanged, and Miss Havisham was alone.

"Well?" said she, fixing her eyes upon me. "I hope you want nothing? You'll get nothing".

"No indeed, Miss Havisham. I only wanted you to know that I am doing very well in my apprenticeship, and am always much obliged to you".

"There, there!" with the old restless fingers. "Come now and then;

come on your birthday. – Ay!" she cried suddenly, turning herself and her chair towards me, "You are looking round for Estella? Hey?"

I had been looking round – in fact, for Estella – and I stammered that I hoped she was well.

"Abroad", said Miss Havisham; "educating for a lady; far out of reach; prettier than ever; admired by all who see her. Do you feel that you have lost her?"

There was such a malignant enjoyment in her utterance of the last words, and she broke into such a disagreeable laugh, that I was at a loss what to say. She spared me the trouble of considering, by dismissing me. When the gate was closed upon me by Sarah of the walnut-shell countenance, I felt more than ever dissatisfied with my home and with my trade and with everything; and that was all I took by that motion.

As I was loitering along the High Street, looking in disconsolately at the shop windows, and thinking what I would buy if I were a gentleman, who should come out of the bookshop but Mr. Wopsle. Mr. Wopsle had in his hand the affecting tragedy of George Barnwell, in which he had that moment invested sixpence, with the view of heaping every word of it on the head of Pumblechook, with whom he was going to drink tea. No sooner did he see me, than he appeared to consider that a special Providence had put a 'prentice in his way to be read at; and he laid hold of me, and insisted on my accompanying him to the Pumblechookian parlor. As I knew it would be miserable at home, and as the nights were dark and the way was dreary, and almost any companionship on the road was better than none, I made no great resistance; consequently, we turned into Pumblechook's just as the street and the shops were lighting up.

As I never assisted at any other representation of George Barnwell, I don't know how long it may usually take; but I know very well that it took until half-past nine o' clock that night, and that when Mr. Wopsle got into Newgate, I thought he never would go to the scaffold, he became so much slower than at any former period of his disgraceful career. I thought it a little too much that he should complain of being cut short in his flower after all, as if he had not been running to seed, leaf after leaf, ever since his course began. This, however, was a mere question of length and wearisomeness. What stung me, was the identification of the whole affair with my unoffending self. When Barnwell began to go wrong, I declare that I felt positively apologetic,

Pumblechook's indignant stare so taxed me with it. Wopsle, too, took pains to present me in the worst light. At once ferocious and maudlin, I was made to murder my uncle with no extenuating circumstances whatever; Millwood put me down in argument, on every occasion; it became sheer monomania in my master's daughter to care a button for me; and all I can say for my gasping and procrastinating conduct on the fatal morning, is, that it was worthy of the general feebleness of my character. Even after I was happily hanged and Wopsle had closed the book, Pumblechook sat staring at me, and shaking his head, and saying, "Take warning, boy, take warning!" as if it were a well-known fact that I contemplated murdering a near relation, provided I could only induce one to have the weakness to become my benefactor.

It was a very dark night when it was all over, and when I set out with Mr. Wopsle on the walk home. Beyond town, we found a heavy mist out, and it fell wet and thick. The turnpike lamp was a blur, quite out of the lamp's usual place apparently, and its rays looked solid substance on the fog. We were noticing this, and saying how that the mist rose with a change of wind from a certain quarter of our marshes, when we came upon a man, slouching under the lee of the turnpike house.

"Halloa!" we said, stopping. "Orlick there?"

"Ah!" he answered, slouching out. "I was standing by a minute, on the chance of company".

"You are late", I remarked.

Orlick not unnaturally answered, "Well? And you're late".

"We have been", said Mr. Wopsle, exalted with his late performance – "we have been indulging, Mr. Orlick, in an intellectual evening".

Old Orlick growled, as if he had nothing to say about that, and we all went on together. I asked him presently whether he had been spending his half-holiday up and down town?

"Yes", said he, "all of it. I come in behind yourself. I didn't see you, but I must have been pretty close behind you. By the by, the guns is going again".

"At the Hulks?" said I.

"Ay! There's some of the birds flown from the cages. The guns have been going since dark, about. You'll hear one presently".

In effect, we had not walked many yards further, when the well-

remembered boom came towards us, deadened by the mist, and heavily rolled away along the low grounds by the river, as if it were pursuing and threatening the fugitives.

"A good night for cutting off in", said Orlick. "We'd be puzzled how to bring down a jail-bird on the wing, tonight".

The subject was a suggestive one to me, and I thought about it in silence. Mr. Wopsle, as the ill-requited uncle of the evening's tragedy, fell to meditating aloud in his garden at Camberwell. Orlick, with his hands in his pockets, slouched heavily at my side. It was very dark, very wet, very muddy, and so we splashed along. Now and then, the sound of the signal cannon broke upon us again, and again rolled sulkily along the course of the river. I kept myself to myself and my thoughts. Mr. Wopsle died amiably at Camberwell, and exceedingly game on Bosworth Field, and in the greatest agonies at Glastonbury. Orlick sometimes growled, "Beat it out, beat it out – Old Clem! With a clink for the stout – Old Clem!" I thought he had been drinking, but he was not drunk.

Thus, we came to the village. The way by which we approached it took us past the Three Jolly Bargemen, which we were surprised to find – it being eleven o'clock – in a state of commotion, with the door wide open, and unwonted lights that had been hastily caught up and put down scattered about. Mr. Wopsle dropped in to ask what was the matter (surmising that a convict had been taken), but came running out in a great hurry.

"There's something wrong", said he, without stopping, "up at your place, Pip. Run all!"

"What is it?" I asked, keeping up with him. So did Orlick, at my side.

"I can't quite understand. The house seems to have been violently entered when Joe Gargery was out. Supposed by convicts. Somebody has been attacked and hurt".

We were running too fast to admit of more being said, and we made no stop until we got into our kitchen. It was full of people; the whole village was there, or in the yard; and there was a surgeon, and there was Joe, and there were a group of women, all on the floor in the midst of the kitchen. The unemployed bystanders drew back when they saw me, and so I became aware of my sister – lying without sense or movement on the bare boards where she had been knocked down by a tremendous blow on the back of the head, dealt by some unknown hand when her face was turned towards the fire – destined

never to be on the Rampage again, while she was the wife of Joe.

CHAPTER XVI

With my head full of George Barnwell, I was at first disposed to believe that I must have had some hand in the attack upon my sister, or at all events that as her near relation, popularly known to be under obligations to her, I was a more legitimate object of suspicion than any one else. But when, in the clearer light of next morning, I began to reconsider the matter and to hear it discussed around me on all sides, I took another view of the case, which was more reasonable.

Joe had been at the Three Jolly Bargemen, smoking his pipe, from a quarter after eight o'clock to a quarter before ten. While he was there, my sister had been seen standing at the kitchen door, and had exchanged Good Night with a farm-laborer going home. The man could not be more particular as to the time at which he saw her (he got into dense confusion when he tried to be), than that it must have been before nine. When Joe went home at five minutes before ten, he found her struck down on the floor, and promptly called in assistance. The fire had not then burnt unusually low, nor was the snuff of the candle very long; the candle, however, had been blown out.

Nothing had been taken away from any part of the house. Neither, beyond the blowing out of the candle – which stood on a table between the door and my sister, and was behind her when she stood facing the fire and was struck – was there any disarrangement of the kitchen, excepting such as she herself had made, in falling and bleeding. But, there was one remarkable piece of evidence on the spot. She had been struck with something blunt and heavy, on the head and spine; after the blows were dealt, something heavy had been thrown down at her with considerable violence, as she lay on her face. And on the ground beside her, when Joe picked her up, was a convict's leg-iron which had been filed asunder.

Now, Joe, examining this iron with a smith's eye, declared it to have been filed asunder some time ago. The hue and cry going off to the Hulks, and people coming thence to examine the iron, Joe's opinion was corroborated. They did not undertake to say when it had left the prison-ships to which it undoubtedly had once belonged; but they claimed to know for certain that that particular manacle had not been worn by either of the two convicts who had escaped last night. Further, one of those two was already retaken, and had not freed himself of his iron.

Knowing what I knew, I set up an inference of my own here. I believed the iron to be my convict's iron – the iron I had seen and heard him filing at, on the marshes – but my mind did not accuse him of having put it to its latest use. For I believed one of two other persons to have become possessed of it, and to have turned it to this cruel account. Either Orlick, or the strange man who had shown me the file.

Now, as to Orlick; he had gone to town exactly as he told us when we picked him up at the turnpike, he had been seen about town all the evening, he had been in divers companies in several public-houses, and he had come back with myself and Mr. Wopsle. There was nothing against him, save the quarrel; and my sister had quarrelled with him, and with everybody else about her, ten thousand times. As to the strange man; if he had come back for his two bank-notes there could have been no dispute about them, because my sister was fully prepared to restore them. Besides, there had been no altercation; the assailant had come in so silently and suddenly, that she had been felled before she could look round.

It was horrible to think that I had provided the weapon, however undesignedly, but I could hardly think otherwise. I suffered unspeakable trouble while I considered and reconsidered whether I should at last dissolve that spell of my childhood and tell Joe all the story. For months afterwards, I every day settled the question finally in the negative, and reopened and reargued it next morning. The contention came, after all, to this; – the secret was such an old one now, had so grown into me and become a part of myself, that I could not tear it away. In addition to the dread that, having led up to so much mischief, it would be now more likely than ever to alienate Joe from me if he believed it, I had a further restraining dread that he would not believe it, but would assort it with the fabulous dogs and veal-cutlets as a monstrous invention. However, I temporized with myself, of course – for, was I not wavering between right and wrong, when the thing is always done? – and resolved to make a full disclosure if I should see any such new occasion as a new chance of helping in the discovery of the assailant.

The Constables and the Bow Street men from London – for, this happened in the days of the extinct red-waistcoated police – were about the house for a week or two, and did pretty much what I have heard and read of like authorities doing in other such cases. They took up several obviously wrong people, and they ran their heads very hard against wrong ideas, and

persisted in trying to fit the circumstances to the ideas, instead of trying to extract ideas from the circumstances. Also, they stood about the door of the Jolly Bargemen, with knowing and reserved looks that filled the whole neighborhood with admiration; and they had a mysterious manner of taking their drink, that was almost as good as taking the culprit. But not quite, for they never did it.

Long after these constitutional powers had dispersed, my sister lay very ill in bed. Her sight was disturbed, so that she saw objects multiplied, and grasped at visionary teacups and wineglasses instead of the realities; her hearing was greatly impaired; her memory also; and her speech was unintelligible. When, at last, she came round so far as to be helped down stairs, it was still necessary to keep my slate always by her, that she might indicate in writing what she could not indicate in speech. As she was (very bad handwriting apart) a more than indifferent speller, and as Joe was a more than indifferent reader, extraordinary complications arose between them which I was always called in to solve. The administration of mutton instead of medicine, the substitution of Tea for Joe, and the baker for bacon, were among the mildest of my own mistakes.

However, her temper was greatly improved, and she was patient. A tremulous uncertainty of the action of all her limbs soon became a part of her regular state, and afterwards, at intervals of two or three months, she would often put her hands to her head, and would then remain for about a week at a time in some gloomy aberration of mind. We were at a loss to find a suitable attendant for her, until a circumstance happened conveniently to relieve us. Mr. Wopsle’s great-aunt conquered a confirmed habit of living into which she had fallen, and Biddy became a part of our establishment.

It may have been about a month after my sister’s reappearance in the kitchen, when Biddy came to us with a small speckled box containing the whole of her worldly effects, and became a blessing to the household. Above all, she was a blessing to Joe, for the dear old fellow was sadly cut up by the constant contemplation of the wreck of his wife, and had been accustomed, while attending on her of an evening, to turn to me every now and then and say, with his blue eyes moistened, “Such a fine figure of a woman as she once were, Pip!” Biddy instantly taking the cleverest charge of her as though she had studied her from infancy; Joe became able in some sort to appreciate the greater quiet of his life, and to get down to the Jolly Bargemen now and

then for a change that did him good. It was characteristic of the police people that they had all more or less suspected poor Joe (though he never knew it), and that they had to a man concurred in regarding him as one of the deepest spirits they had ever encountered.

Biddy's first triumph in her new office, was to solve a difficulty that had completely vanquished me. I had tried hard at it, but had made nothing of it. Thus it was:

Again and again and again, my sister had traced upon the slate, a character that looked like a curious T, and then with the utmost eagerness had called our attention to it as something she particularly wanted. I had in vain tried everything producible that began with a T, from tar to toast and tub. At length it had come into my head that the sign looked like a hammer, and on my lustily calling that word in my sister's ear, she had begun to hammer on the table and had expressed a qualified assent. Thereupon, I had brought in all our hammers, one after another, but without avail. Then I bethought me of a crutch, the shape being much the same, and I borrowed one in the village, and displayed it to my sister with considerable confidence. But she shook her head to that extent when she was shown it, that we were terrified lest in her weak and shattered state she should dislocate her neck.

When my sister found that Biddy was very quick to understand her, this mysterious sign reappeared on the slate. Biddy looked thoughtfully at it, heard my explanation, looked thoughtfully at my sister, looked thoughtfully at Joe (who was always represented on the slate by his initial letter), and ran into the forge, followed by Joe and me.

"Why, of course!" cried Biddy, with an exultant face. "Don't you see? It's him!"

Orlick, without a doubt! She had lost his name, and could only signify him by his hammer. We told him why we wanted him to come into the kitchen, and he slowly laid down his hammer, wiped his brow with his arm, took another wipe at it with his apron, and came slouching out, with a curious loose vagabond bend in the knees that strongly distinguished him.

I confess that I expected to see my sister denounce him, and that I was disappointed by the different result. She manifested the greatest anxiety to be on good terms with him, was evidently much pleased by his being at length produced, and motioned that she would have him given something to drink. She watched his countenance as if she were particularly wishful to be assured

that he took kindly to his reception, she showed every possible desire to conciliate him, and there was an air of humble propitiation in all she did, such as I have seen pervade the bearing of a child towards a hard master. After that day, a day rarely passed without her drawing the hammer on her slate, and without Orlick’s slouching in and standing doggedly before her, as if he knew no more than I did what to make of it.

CHAPTER XVII

I now fell into a regular routine of apprenticeship life, which was varied beyond the limits of the village and the marshes, by no more remarkable circumstance than the arrival of my birthday and my paying another visit to Miss Havisham. I found Miss Sarah Pocket still on duty at the gate; I found Miss Havisham just as I had left her, and she spoke of Estella in the very same way, if not in the very same words. The interview lasted but a few minutes, and she gave me a guinea when I was going, and told me to come again on my next birthday. I may mention at once that this became an annual custom. I tried to decline taking the guinea on the first occasion, but with no better effect than causing her to ask me very angrily, if I expected more? Then, and after that, I took it.

So unchanging was the dull old house, the yellow light in the darkened room, the faded spectre in the chair by the dressing-table glass, that I felt as if the stopping of the clocks had stopped Time in that mysterious place, and, while I and everything else outside it grew older, it stood still. Daylight never entered the house as to my thoughts and remembrances of it, any more than as to the actual fact. It bewildered me, and under its influence I continued at heart to hate my trade and to be ashamed of home.

Imperceptibly I became conscious of a change in Biddy, however. Her shoes came up at the heel, her hair grew bright and neat, her hands were always clean. She was not beautiful – she was common, and could not be like Estella – but she was pleasant and wholesome and sweet-tempered. She had not been with us more than a year (I remember her being newly out of mourning at the time it struck me), when I observed to myself one evening that she had curiously thoughtful and attentive eyes; eyes that were very pretty and very good.

It came of my lifting up my own eyes from a task I was poring at – writing some passages from a book, to improve myself in two ways at once by a sort of stratagem – and seeing Biddy observant of what I was about. I laid down my pen, and Biddy stopped in her needlework without laying it down.

“Biddy”, said I, “how do you manage it? Either I am very stupid, or you are very clever”.

“What is it that I manage? I don’t know”, returned Biddy, smiling.

She managed our whole domestic life, and wonderfully too; but I did not mean that, though that made what I did mean more surprising.

"How do you manage, Biddy", said I, "to learn everything that I learn, and always to keep up with me?" I was beginning to be rather vain of my knowledge, for I spent my birthday guineas on it, and set aside the greater part of my pocket-money for similar investment; though I have no doubt, now, that the little I knew was extremely dear at the price.

"I might as well ask you", said Biddy, "how you manage?"

"No; because when I come in from the forge of a night, any one can see me turning to at it. But you never turn to at it, Biddy".

"I suppose I must catch it like a cough", said Biddy, quietly; and went on with her sewing.

Pursuing my idea as I leaned back in my wooden chair, and looked at Biddy sewing away with her head on one side, I began to think her rather an extraordinary girl. For I called to mind now, that she was equally accomplished in the terms of our trade, and the names of our different sorts of work, and our various tools. In short, whatever I knew, Biddy knew. Theoretically, she was already as good a blacksmith as I, or better.

"You are one of those, Biddy", said I, "who make the most of every chance. You never had a chance before you came here, and see how improved you are!"

Biddy looked at me for an instant, and went on with her sewing. "I was your first teacher though; wasn't I?" said she, as she sewed.

"Biddy!" I exclaimed, in amazement. "Why, you are crying!"

"No I am not", said Biddy, looking up and laughing. "What put that in your head?"

What could have put it in my head but the glistening of a tear as it dropped on her work? I sat silent, recalling what a drudge she had been until Mr. Wopsle's great-aunt successfully overcame that bad habit of living, so highly desirable to be got rid of by some people. I recalled the hopeless circumstances by which she had been surrounded in the miserable little shop and the miserable little noisy evening school, with that miserable old bundle of incompetence always to be dragged and shouldered. I reflected that even in those untoward times there must have been latent in Biddy what was now developing, for, in my first uneasiness and discontent I had turned to her for help, as a matter of course. Biddy sat quietly sewing, shedding no more tears,

and while I looked at her and thought about it all, it occurred to me that perhaps I had not been sufficiently grateful to Biddy. I might have been too reserved, and should have patronized her more (though I did not use that precise word in my meditations) with my confidence.

"Yes, Biddy", I observed, when I had done turning it over, "you were my first teacher, and that at a time when we little thought of ever being together like this, in this kitchen".

"Ah, poor thing!" replied Biddy. It was like her self-forgetfulness to transfer the remark to my sister, and to get up and be busy about her, making her more comfortable; "that's sadly true!"

"Well!" said I, "we must talk together a little more, as we used to do. And I must consult you a little more, as I used to do. Let us have a quiet walk on the marshes next Sunday, Biddy, and a long chat".

My sister was never left alone now; but Joe more than readily undertook the care of her on that Sunday afternoon, and Biddy and I went out together. It was summer-time, and lovely weather. When we had passed the village and the church and the churchyard, and were out on the marshes and began to see the sails of the ships as they sailed on, I began to combine Miss Havisham and Estella with the prospect, in my usual way. When we came to the river-side and sat down on the bank, with the water rippling at our feet, making it all more quiet than it would have been without that sound, I resolved that it was a good time and place for the admission of Biddy into my inner confidence.

"Biddy", said I, after binding her to secrecy, "I want to be a gentleman".

"O, I wouldn't, if I was you!" she returned. "I don't think it would answer".

"Biddy", said I, with some severity, "I have particular reasons for wanting to be a gentleman".

"You know best, Pip; but don't you think you are happier as you are?"

"Biddy", I exclaimed, impatiently, "I am not at all happy as I am. I am disgusted with my calling and with my life. I have never taken to either, since I was bound. Don't be absurd".

"Was I absurd?" said Biddy, quietly raising her eyebrows; "I am sorry for that; I didn't mean to be. I only want you to do well, and to be comfortable".

“Well, then, understand once for all that I never shall or can be comfortable – or anything but miserable – there, Biddy! – unless I can lead a very different sort of life from the life I lead now”.

“That’s a pity!” said Biddy, shaking her head with a sorrowful air.

Now, I too had so often thought it a pity, that, in the singular kind of quarrel with myself which I was always carrying on, I was half inclined to shed tears of vexation and distress when Biddy gave utterance to her sentiment and my own. I told her she was right, and I knew it was much to be regretted, but still it was not to be helped.

“If I could have settled down”, I said to Biddy, plucking up the short grass within reach, much as I had once upon a time pulled my feelings out of my hair and kicked them into the brewery wall – “if I could have settled down and been but half as fond of the forge as I was when I was little, I know it would have been much better for me. You and I and Joe would have wanted nothing then, and Joe and I would perhaps have gone partners when I was out of my time, and I might even have grown up to keep company with you, and we might have sat on this very bank on a fine Sunday, quite different people. I should have been good enough for you; shouldn’t I, Biddy?”

Biddy sighed as she looked at the ships sailing on, and returned for answer, “Yes; I am not over-particular”. It scarcely sounded flattering, but I knew she meant well.

“Instead of that”, said I, plucking up more grass and chewing a blade or two, “see how I am going on. Dissatisfied, and uncomfortable, and – what would it signify to me, being coarse and common, if nobody had told me so!”

Biddy turned her face suddenly towards mine, and looked far more attentively at me than she had looked at the sailing ships.

“It was neither a very true nor a very polite thing to say”, she remarked, directing her eyes to the ships again. “Who said it?”

I was disconcerted, for I had broken away without quite seeing where I was going to. It was not to be shuffled off now, however, and I answered, “The beautiful young lady at Miss Havisham’s, and she’s more beautiful than anybody ever was, and I admire her dreadfully, and I want to be a gentleman on her account”. Having made this lunatic confession, I began to throw my torn-up grass into the river, as if I had some thoughts of following it.

“Do you want to be a gentleman, to spite her or to gain her over?”

Biddy quietly asked me, after a pause.

"I don't know", I moodily answered.

"Because, if it is to spite her", Biddy pursued, "I should think – but you know best – that might be better and more independently done by caring nothing for her words. And if it is to gain her over, I should think – but you know best – she was not worth gaining over".

Exactly what I myself had thought, many times. Exactly what was perfectly manifest to me at the moment. But how could I, a poor dazed village lad, avoid that wonderful inconsistency into which the best and wisest of men fall every day?

"It may be all quite true", said I to Biddy, "but I admire her dreadfully".

In short, I turned over on my face when I came to that, and got a good grasp on the hair on each side of my head, and wrenched it well. All the while knowing the madness of my heart to be so very mad and misplaced, that I was quite conscious it would have served my face right, if I had lifted it up by my hair, and knocked it against the pebbles as a punishment for belonging to such an idiot.

Biddy was the wisest of girls, and she tried to reason no more with me. She put her hand, which was a comfortable hand though roughened by work, upon my hands, one after another, and gently took them out of my hair. Then she softly patted my shoulder in a soothing way, while with my face upon my sleeve I cried a little – exactly as I had done in the brewery yard – and felt vaguely convinced that I was very much ill-used by somebody, or by everybody; I can't say which.

"I am glad of one thing", said Biddy, "and that is, that you have felt you could give me your confidence, Pip. And I am glad of another thing, and that is, that of course you know you may depend upon my keeping it and always so far deserving it. If your first teacher (dear! such a poor one, and so much in need of being taught herself!) had been your teacher at the present time, she thinks she knows what lesson she would set. But it would be a hard one to learn, and you have got beyond her, and it's of no use now". So, with a quiet sigh for me, Biddy rose from the bank, and said, with a fresh and pleasant change of voice, "Shall we walk a little farther, or go home?"

"Biddy", I cried, getting up, putting my arm round her neck, and giving her a kiss, "I shall always tell you everything".

“Till you’re a gentleman”, said Biddy.

“You know I never shall be, so that’s always. Not that I have any occasion to tell you anything, for you know everything I know – as I told you at home the other night”.

“Ah!” said Biddy, quite in a whisper, as she looked away at the ships. And then repeated, with her former pleasant change, “shall we walk a little farther, or go home?”

I said to Biddy we would walk a little farther, and we did so, and the summer afternoon toned down into the summer evening, and it was very beautiful. I began to consider whether I was not more naturally and wholesomely situated, after all, in these circumstances, than playing beggar my neighbor by candle-light in the room with the stopped clocks, and being despised by Estella. I thought it would be very good for me if I could get her out of my head, with all the rest of those remembrances and fancies, and could go to work determined to relish what I had to do, and stick to it, and make the best of it. I asked myself the question whether I did not surely know that if Estella were beside me at that moment instead of Biddy, she would make me miserable? I was obliged to admit that I did know it for a certainty, and I said to myself, “Pip, what a fool you are!”

We talked a good deal as we walked, and all that Biddy said seemed right. Biddy was never insulting, or capricious, or Biddy today and somebody else tomorrow; she would have derived only pain, and no pleasure, from giving me pain; she would far rather have wounded her own breast than mine. How could it be, then, that I did not like her much the better of the two?

“Biddy”, said I, when we were walking homeward, “I wish you could put me right”.

“I wish I could!” said Biddy.

“If I could only get myself to fall in love with you – you don’t mind my speaking so openly to such an old acquaintance?”

“Oh dear, not at all!” said Biddy. “Don’t mind me”.

“If I could only get myself to do it, that would be the thing for me”.

“But you never will, you see”, said Biddy.

It did not appear quite so unlikely to me that evening, as it would have done if we had discussed it a few hours before. I therefore observed I was not quite sure of that. But Biddy said she was, and she said it decisively. In my

heart I believed her to be right; and yet I took it rather ill, too, that she should be so positive on the point.

When we came near the churchyard, we had to cross an embankment, and get over a stile near a sluice-gate. There started up, from the gate, or from the rushes, or from the ooze (which was quite in his stagnant way), Old Orlick.

"Halloa!" he growled, "where are you two going?"

"Where should we be going, but home?"

"Well, then", said he, "I'm jiggered if I don't see you home!"

This penalty of being jiggered was a favorite supposititious case of his. He attached no definite meaning to the word that I am aware of, but used it, like his own pretended Christian name, to affront mankind, and convey an idea of something savagely damaging. When I was younger, I had had a general belief that if he had jiggered me personally, he would have done it with a sharp and twisted hook.

Biddy was much against his going with us, and said to me in a whisper, "Don't let him come; I don't like him". As I did not like him either, I took the liberty of saying that we thanked him, but we didn't want seeing home. He received that piece of information with a yell of laughter, and dropped back, but came slouching after us at a little distance.

Curious to know whether Biddy suspected him of having had a hand in that murderous attack of which my sister had never been able to give any account, I asked her why she did not like him.

"Oh!" she replied, glancing over her shoulder as he slouched after us, "because I – I am afraid he likes me".

"Did he ever tell you he liked you?" I asked indignantly.

"No", said Biddy, glancing over her shoulder again, "he never told me so; but he dances at me, whenever he can catch my eye".

However novel and peculiar this testimony of attachment, I did not doubt the accuracy of the interpretation. I was very hot indeed upon Old Orlick's daring to admire her; as hot as if it were an outrage on myself.

"But it makes no difference to you, you know", said Biddy, calmly.

"No, Biddy, it makes no difference to me; only I don't like it; I don't approve of it".

"Nor I neither", said Biddy. "Though that makes no difference to you".

“Exactly”, said I; “but I must tell you I should have no opinion of you, Biddy, if he danced at you with your own consent”.

I kept an eye on Orlick after that night, and, whenever circumstances were favorable to his dancing at Biddy, got before him to obscure that demonstration. He had struck root in Joe’s establishment, by reason of my sister’s sudden fancy for him, or I should have tried to get him dismissed. He quite understood and reciprocated my good intentions, as I had reason to know thereafter.

And now, because my mind was not confused enough before, I complicated its confusion fifty thousand-fold, by having states and seasons when I was clear that Biddy was immeasurably better than Estella, and that the plain honest working life to which I was born had nothing in it to be ashamed of, but offered me sufficient means of self-respect and happiness. At those times, I would decide conclusively that my disaffection to dear old Joe and the forge was gone, and that I was growing up in a fair way to be partners with Joe and to keep company with Biddy – when all in a moment some confounding remembrance of the Havisham days would fall upon me like a destructive missile, and scatter my wits again. Scattered wits take a long time picking up; and often before I had got them well together, they would be dispersed in all directions by one stray thought, that perhaps after all Miss Havisham was going to make my fortune when my time was out.

If my time had run out, it would have left me still at the height of my perplexities, I dare say. It never did run out, however, but was brought to a premature end, as I proceed to relate.

CHAPTER XVIII

It was in the fourth year of my apprenticeship to Joe, and it was a Saturday night. There was a group assembled round the fire at the Three Jolly Bargemen, attentive to Mr. Wopsle as he read the newspaper aloud. Of that group I was one.

A highly popular murder had been committed, and Mr. Wopsle was imbrued in blood to the eyebrows. He gloated over every abhorrent adjective in the description, and identified himself with every witness at the Inquest. He faintly moaned, “I am done for”, as the victim, and he barbarously bellowed, “I’ll serve you out”, as the murderer. He gave the medical testimony, in pointed imitation of our local practitioner; and he piped and shook, as the aged turnpike-keeper who had heard blows, to an extent so very paralytic as to suggest a doubt regarding the mental competency of that witness. The coroner, in Mr. Wopsle’s hands, became Timon of Athens; the beadle, Coriolanus. He enjoyed himself thoroughly, and we all enjoyed ourselves, and were delightfully comfortable. In this cosey state of mind we came to the verdict Wilful Murder.

Then, and not sooner, I became aware of a strange gentleman leaning over the back of the settle opposite me, looking on. There was an expression of contempt on his face, and he bit the side of a great forefinger as he watched the group of faces.

“Well!” said the stranger to Mr. Wopsle, when the reading was done, “you have settled it all to your own satisfaction, I have no doubt?”

Everybody started and looked up, as if it were the murderer. He looked at everybody coldly and sarcastically.

“Guilty, of course?” said he. “Out with it. Come!”

“Sir”, returned Mr. Wopsle, “without having the honor of your acquaintance, I do say Guilty”. Upon this we all took courage to unite in a confirmatory murmur.

“I know you do”, said the stranger; “I knew you would. I told you so. But now I’ll ask you a question. Do you know, or do you not know, that the law of England supposes every man to be innocent, until he is proved-proved – to be guilty?”

“Sir”, Mr. Wopsle began to reply, “as an Englishman myself, I...”

“Come!” said the stranger, biting his forefinger at him. “Don’t evade

the question. Either you know it, or you don't know it. Which is it to be?"

He stood with his head on one side and himself on one side, in a bullying, interrogative manner, and he threw his forefinger at Mr. Wopsle – as it were to mark him out – before biting it again.

"Now!" said he. "Do you know it, or don't you know it?"

"Certainly I know it", replied Mr. Wopsle.

"Certainly you know it. Then why didn't you say so at first? Now, I'll ask you another question", – taking possession of Mr. Wopsle, as if he had a right to him – "do you know that none of these witnesses have yet been cross-examined?"

Mr. Wopsle was beginning, "I can only say..." when the stranger stopped him.

"What? You won't answer the question, yes or no? Now, I'll try you again". Throwing his finger at him again. "Attend to me. Are you aware, or are you not aware, that none of these witnesses have yet been cross-examined? Come, I only want one word from you. Yes, or no?"

Mr. Wopsle hesitated, and we all began to conceive rather a poor opinion of him.

"Come!" said the stranger, "I'll help you. You don't deserve help, but I'll help you. Look at that paper you hold in your hand. What is it?"

"What is it?" repeated Mr. Wopsle, eyeing it, much at a loss.

"Is it", pursued the stranger in his most sarcastic and suspicious manner, "the printed paper you have just been reading from?"

"Undoubtedly".

"Undoubtedly. Now, turn to that paper, and tell me whether it distinctly states that the prisoner expressly said that his legal advisers instructed him altogether to reserve his defence?"

"I read that just now", Mr. Wopsle pleaded.

"Never mind what you read just now, sir; I don't ask you what you read just now. You may read the Lord's Prayer backwards, if you like – and, perhaps, have done it before today. Turn to the paper. No, no, no my friend; not to the top of the column; you know better than that; to the bottom, to the bottom". (We all began to think Mr. Wopsle full of subterfuge.) "Well? Have you found it?"

"Here it is", said Mr. Wopsle.

"Now, follow that passage with your eye, and tell me whether it

distinctly states that the prisoner expressly said that he was instructed by his legal advisers wholly to reserve his defence? Come! Do you make that of it?"

Mr. Wopsle answered, "Those are not the exact words".

"Not the exact words!" repeated the gentleman bitterly. "Is that the exact substance?"

"Yes", said Mr. Wopsle.

"Yes", repeated the stranger, looking round at the rest of the company with his right hand extended towards the witness, Wopsle. "And now I ask you what you say to the conscience of that man who, with that passage before his eyes, can lay his head upon his pillow after having pronounced a fellow-creature guilty, unheard?"

We all began to suspect that Mr. Wopsle was not the man we had thought him, and that he was beginning to be found out.

"And that same man, remember", pursued the gentleman, throwing his finger at Mr. Wopsle heavily – "that same man might be summoned as a juryman upon this very trial, and, having thus deeply committed himself, might return to the bosom of his family and lay his head upon his pillow, after deliberately swearing that he would well and truly try the issue joined between Our Sovereign Lord the King and the prisoner at the bar, and would a true verdict give according to the evidence, so help him God!"

We were all deeply persuaded that the unfortunate Wopsle had gone too far, and had better stop in his reckless career while there was yet time.

The strange gentleman, with an air of authority not to be disputed, and with a manner expressive of knowing something secret about every one of us that would effectually do for each individual if he chose to disclose it, left the back of the settle, and came into the space between the two settles, in front of the fire, where he remained standing, his left hand in his pocket, and he biting the forefinger of his right.

"From information I have received", said he, looking round at us as we all quailed before him, "I have reason to believe there is a blacksmith among you, by name Joseph – or Joe – Gargery. Which is the man?"

"Here is the man", said Joe.

The strange gentleman beckoned him out of his place, and Joe went.

"You have an apprentice", pursued the stranger, "commonly known as Pip? Is he here?"

"I am here!" I cried.

The stranger did not recognize me, but I recognized him as the gentleman I had met on the stairs, on the occasion of my second visit to Miss Havisham. I had known him the moment I saw him looking over the settle, and now that I stood confronting him with his hand upon my shoulder, I checked off again in detail his large head, his dark complexion, his deep-set eyes, his bushy black eyebrows, his large watch-chain, his strong black dots of beard and whisker, and even the smell of scented soap on his great hand.

"I wish to have a private conference with you two", said he, when he had surveyed me at his leisure. "It will take a little time. Perhaps we had better go to your place of residence. I prefer not to anticipate my communication here; you will impart as much or as little of it as you please to your friends afterwards; I have nothing to do with that".

Amidst a wondering silence, we three walked out of the Jolly Bargemen, and in a wondering silence walked home. While going along, the strange gentleman occasionally looked at me, and occasionally bit the side of his finger. As we neared home, Joe vaguely acknowledging the occasion as an impressive and ceremonious one, went on ahead to open the front door. Our conference was held in the state parlor, which was feebly lighted by one candle.

It began with the strange gentleman's sitting down at the table, drawing the candle to him, and looking over some entries in his pocket-book. He then put up the pocket-book and set the candle a little aside, after peering round it into the darkness at Joe and me, to ascertain which was which.

"My name", he said, "is Jaggers, and I am a lawyer in London. I am pretty well known. I have unusual business to transact with you, and I commence by explaining that it is not of my originating. If my advice had been asked, I should not have been here. It was not asked, and you see me here. What I have to do as the confidential agent of another, I do. No less, no more".

Finding that he could not see us very well from where he sat, he got up, and threw one leg over the back of a chair and leaned upon it; thus having one foot on the seat of the chair, and one foot on the ground.

"Now, Joseph Gargery, I am the bearer of an offer to relieve you of this young fellow your apprentice. You would not object to cancel his indentures at his request and for his good? You would want nothing for so doing?"

“Lord forbid that I should want anything for not standing in Pip’s way”, said Joe, staring.

“Lord forbidding is pious, but not to the purpose”, returned Mr. Jaggers. “The question is, Would you want anything? Do you want anything?”

“The answer is”, returned Joe, sternly, “No”.

I thought Mr. Jaggers glanced at Joe, as if he considered him a fool for his disinterestedness. But I was too much bewildered between breathless curiosity and surprise, to be sure of it.

“Very well”, said Mr. Jaggers. “Recollect the admission you have made, and don’t try to go from it presently”.

“Who’s a going to try?” retorted Joe.

“I don’t say anybody is. Do you keep a dog?”

“Yes, I do keep a dog”.

“Bear in mind then, that Brag is a good dog, but Holdfast is a better. Bear that in mind, will you?” repeated Mr. Jaggers, shutting his eyes and nodding his head at Joe, as if he were forgiving him something. “Now, I return to this young fellow. And the communication I have got to make is, that he has Great Expectations”.

Joe and I gasped, and looked at one another.

“I am instructed to communicate to him”, said Mr. Jaggers, throwing his finger at me sideways, “that he will come into a handsome property. Further, that it is the desire of the present possessor of that property, that he be immediately removed from his present sphere of life and from this place, and be brought up as a gentleman – in a word, as a young fellow of great expectations”.

My dream was out; my wild fancy was surpassed by sober reality; Miss Havisham was going to make my fortune on a grand scale.

“Now, Mr. Pip”, pursued the lawyer, “I address the rest of what I have to say, to you. You are to understand, first, that it is the request of the person from whom I take my instructions that you always bear the name of Pip. You will have no objection, I dare say, to your great expectations being encumbered with that easy condition. But if you have any objection, this is the time to mention it”.

My heart was beating so fast, and there was such a singing in my ears, that I could scarcely stammer I had no objection.

“I should think not! Now you are to understand, secondly, Mr. Pip, that the name of the person who is your liberal benefactor remains a profound secret, until the person chooses to reveal it. I am empowered to mention that it is the intention of the person to reveal it at first hand by word of mouth to yourself. When or where that intention may be carried out, I cannot say; no one can say. It may be years hence. Now, you are distinctly to understand that you are most positively prohibited from making any inquiry on this head, or any allusion or reference, however distant, to any individual whomsoever as the individual, in all the communications you may have with me. If you have a suspicion in your own breast, keep that suspicion in your own breast. It is not the least to the purpose what the reasons of this prohibition are; they may be the strongest and gravest reasons, or they may be mere whim. This is not for you to inquire into. The condition is laid down. Your acceptance of it, and your observance of it as binding, is the only remaining condition that I am charged with, by the person from whom I take my instructions, and for whom I am not otherwise responsible. That person is the person from whom you derive your expectations, and the secret is solely held by that person and by me. Again, not a very difficult condition with which to encumber such a rise in fortune; but if you have any objection to it, this is the time to mention it. Speak out”.

Once more, I stammered with difficulty that I had no objection.

“I should think not! Now, Mr. Pip, I have done with stipulations”. Though he called me Mr. Pip, and began rather to make up to me, he still could not get rid of a certain air of bullying suspicion; and even now he occasionally shut his eyes and threw his finger at me while he spoke, as much as to express that he knew all kinds of things to my disparagement, if he only chose to mention them. “We come next, to mere details of arrangement. You must know that, although I have used the term ‘expectations’ more than once, you are not endowed with expectations only. There is already lodged in my hands a sum of money amply sufficient for your suitable education and maintenance. You will please consider me your guardian. Oh!” for I was going to thank him, “I tell you at once, I am paid for my services, or I shouldn’t render them. It is considered that you must be better educated, in accordance with your altered position, and that you will be alive to the importance and necessity of at once entering on that advantage”.

I said I had always longed for it.

“Never mind what you have always longed for, Mr. Pip”, he retorted; “keep to the record. If you long for it now, that’s enough. Am I answered that you are ready to be placed at once under some proper tutor? Is that it?”

I stammered yes, that was it.

“Good. Now, your inclinations are to be consulted. I don’t think that wise, mind, but it’s my trust. Have you ever heard of any tutor whom you would prefer to another?”

I had never heard of any tutor but Biddy and Mr. Wopsle’s great-aunt; so, I replied in the negative.

“There is a certain tutor, of whom I have some knowledge, who I think might suit the purpose”, said Mr. Jaggers. “I don’t recommend him, observe; because I never recommend anybody. The gentleman I speak of is one Mr. Matthew Pocket”.

Ah! I caught at the name directly. Miss Havisham’s relation. The Matthew whom Mr. and Mrs. Camilla had spoken of. The Matthew whose place was to be at Miss Havisham’s head, when she lay dead, in her bride’s dress on the bride’s table.

“You know the name?” said Mr. Jaggers, looking shrewdly at me, and then shutting up his eyes while he waited for my answer.

My answer was, that I had heard of the name.

“Oh!” said he. “You have heard of the name. But the question is, what do you say of it?”

I said, or tried to say, that I was much obliged to him for his recommendation –

“No, my young friend!” he interrupted, shaking his great head very slowly. “Recollect yourself!”

Not recollecting myself, I began again that I was much obliged to him for his recommendation...

“No, my young friend”, he interrupted, shaking his head and frowning and smiling both at once – “no, no, no; it’s very well done, but it won’t do; you are too young to fix me with it. Recommendation is not the word, Mr. Pip. Try another”.

Correcting myself, I said that I was much obliged to him for his mention of Mr. Matthew Pocket:

“That’s more like it!” cried Mr. Jaggers. – And (I added), I would gladly try that gentleman.

“Good. You had better try him in his own house. The way shall be prepared for you, and you can see his son first, who is in London. When will you come to London?”

I said (glancing at Joe, who stood looking on, motionless), that I supposed I could come directly.

“First”, said Mr. Jaggers, “you should have some new clothes to come in, and they should not be working-clothes. Say this day week. You’ll want some money. Shall I leave you twenty guineas?”

He produced a long purse, with the greatest coolness, and counted them out on the table and pushed them over to me. This was the first time he had taken his leg from the chair. He sat astride of the chair when he had pushed the money over, and sat swinging his purse and eyeing Joe.

“Well, Joseph Gargery? You look dumbfoundered?”

“I am!” said Joe, in a very decided manner.

“It was understood that you wanted nothing for yourself, remember?”

“It were understood”, said Joe. “And it are understood. And it ever will be similar according”.

“But what”, said Mr. Jaggers, swinging his purse – “what if it was in my instructions to make you a present, as compensation?”

“As compensation what for?” Joe demanded.

“For the loss of his services”.

Joe laid his hand upon my shoulder with the touch of a woman. I have often thought him since, like the steam-hammer that can crush a man or pat an egg-shell, in his combination of strength with gentleness. “Pip is that hearty welcome”, said Joe, “to go free with his services, to honor and fortun’, as no words can tell him. But if you think as Money can make compensation to me for the loss of the little child – what come to the forge – and ever the best of friends!...”

O dear good Joe, whom I was so ready to leave and so unthankful to, I see you again, with your muscular blacksmith’s arm before your eyes, and your broad chest heaving, and your voice dying away. O dear good faithful tender Joe, I feel the loving tremble of your hand upon my arm, as solemnly this day as if it had been the rustle of an angel’s wing!

But I encouraged Joe at the time. I was lost in the mazes of my future fortunes, and could not retrace the by-paths we had trodden together. I begged Joe to be comforted, for (as he said) we had ever been the best of

friends, and (as I said) we ever would be so. Joe scooped his eyes with his disengaged wrist, as if he were bent on gouging himself, but said not another word.

Mr. Jaggers had looked on at this, as one who recognized in Joe the village idiot, and in me his keeper. When it was over, he said, weighing in his hand the purse he had ceased to swing:

"Now, Joseph Gargery, I warn you this is your last chance. No half measures with me. If you mean to take a present that I have it in charge to make you, speak out, and you shall have it. If on the contrary you mean to say..." Here, to his great amazement, he was stopped by Joe's suddenly working round him with every demonstration of a fell pugilistic purpose.

"Which I meantersay", cried Joe, "that if you come into my place bull-baiting and badgering me, come out! Which I meantersay as sech if you're a man, come on! Which I meantersay that what I say, I meantersay and stand or fall by!"

I drew Joe away, and he immediately became placable; merely stating to me, in an obliging manner and as a polite expostulatory notice to any one whom it might happen to concern, that he were not a going to be bull-baited and badgered in his own place. Mr. Jaggers had risen when Joe demonstrated, and had backed near the door. Without evincing any inclination to come in again, he there delivered his valedictory remarks. They were these.

"Well, Mr. Pip, I think the sooner you leave here – as you are to be a gentleman – the better. Let it stand for this day week, and you shall receive my printed address in the meantime. You can take a hackney-coach at the stage-coach office in London, and come straight to me. Understand, that I express no opinion, one way or other, on the trust I undertake. I am paid for undertaking it, and I do so. Now, understand that, finally. Understand that!"

He was throwing his finger at both of us, and I think would have gone on, but for his seeming to think Joe dangerous, and going off.

Something came into my head which induced me to run after him, as he was going down to the Jolly Bargemen, where he had left a hired carriage.

"I beg your pardon, Mr. Jaggers".

"Halloa!" said he, facing round, "what's the matter?"

"I wish to be quite right, Mr. Jaggers, and to keep to your directions; so I thought I had better ask. Would there be any objection to my taking leave of any one I know, about here, before I go away?"

“No”, said he, looking as if he hardly understood me.

“I don’t mean in the village only, but up town?”

“No”, said he. “No objection”.

I thanked him and ran home again, and there I found that Joe had already locked the front door and vacated the state parlor, and was seated by the kitchen fire with a hand on each knee, gazing intently at the burning coals. I too sat down before the fire and gazed at the coals, and nothing was said for a long time.

My sister was in her cushioned chair in her corner, and Biddy sat at her needle-work before the fire, and Joe sat next Biddy, and I sat next Joe in the corner opposite my sister. The more I looked into the glowing coals, the more incapable I became of looking at Joe; the longer the silence lasted, the more unable I felt to speak.

At length I got out, “Joe, have you told Biddy?”

“No, Pip”, returned Joe, still looking at the fire, and holding his knees tight, as if he had private information that they intended to make off somewhere, “which I left it to yourself, Pip”.

“I would rather you told, Joe”.

“Pip’s a gentleman of fortun’ then”, said Joe, “and God bless him in it!”

Biddy dropped her work, and looked at me. Joe held his knees and looked at me. I looked at both of them. After a pause, they both heartily congratulated me; but there was a certain touch of sadness in their congratulations that I rather resented.

I took it upon myself to impress Biddy (and through Biddy, Joe) with the grave obligation I considered my friends under, to know nothing and say nothing about the maker of my fortune. It would all come out in good time, I observed, and in the meanwhile nothing was to be said, save that I had come into great expectations from a mysterious patron. Biddy nodded her head thoughtfully at the fire as she took up her work again, and said she would be very particular; and Joe, still detaining his knees, said, “Ay, ay, I’ll be ekervally partickler, Pip;” and then they congratulated me again, and went on to express so much wonder at the notion of my being a gentleman that I didn’t half like it.

Infinite pains were then taken by Biddy to convey to my sister some idea of what had happened. To the best of my belief, those efforts entirely

failed. She laughed and nodded her head a great many times, and even repeated after Biddy, the words “Pip” and “Property”. But I doubt if they had more meaning in them than an election cry, and I cannot suggest a darker picture of her state of mind.

I never could have believed it without experience, but as Joe and Biddy became more at their cheerful ease again, I became quite gloomy. Dissatisfied with my fortune, of course I could not be; but it is possible that I may have been, without quite knowing it, dissatisfied with myself.

Any how, I sat with my elbow on my knee and my face upon my hand, looking into the fire, as those two talked about my going away, and about what they should do without me, and all that. And whenever I caught one of them looking at me, though never so pleasantly (and they often looked at me – particularly Biddy), I felt offended: as if they were expressing some mistrust of me. Though Heaven knows they never did by word or sign.

At those times I would get up and look out at the door; for our kitchen door opened at once upon the night, and stood open on summer evenings to air the room. The very stars to which I then raised my eyes, I am afraid I took to be but poor and humble stars for glittering on the rustic objects among which I had passed my life.

“Saturday night”, said I, when we sat at our supper of bread and cheese and beer. “Five more days, and then the day before the day! They’ll soon go”.

“Yes, Pip”, observed Joe, whose voice sounded hollow in his beer-mug. “They’ll soon go”.

“Soon, soon go”, said Biddy.

“I have been thinking, Joe, that when I go down town on Monday, and order my new clothes, I shall tell the tailor that I’ll come and put them on there, or that I’ll have them sent to Mr. Pumblechook’s. It would be very disagreeable to be stared at by all the people here”.

“Mr. and Mrs. Hubble might like to see you in your new gen-teel figure too, Pip”, said Joe, industriously cutting his bread, with his cheese on it, in the palm of his left hand, and glancing at my untasted supper as if he thought of the time when we used to compare slices. “So might Wopsle. And the Jolly Bargemen might take it as a compliment”.

“That’s just what I don’t want, Joe. They would make such a business of it – such a coarse and common business – that I couldn’t bear myself”.

“Ah, that indeed, Pip!” said Joe. “If you couldn’t abear yourself...”

Biddy asked me here, as she sat holding my sister’s plate, “Have you thought about when you’ll show yourself to Mr. Gargery, and your sister and me? You will show yourself to us; won’t you?”

“Biddy”, I returned with some resentment, “you are so exceedingly quick that it’s difficult to keep up with you”.

(“She always were quick”, observed Joe.)

“If you had waited another moment, Biddy, you would have heard me say that I shall bring my clothes here in a bundle one evening – most likely on the evening before I go away”.

Biddy said no more. Handsomely forgiving her, I soon exchanged an affectionate good night with her and Joe, and went up to bed. When I got into my little room, I sat down and took a long look at it, as a mean little room that I should soon be parted from and raised above, for ever. It was furnished with fresh young remembrances too, and even at the same moment I fell into much the same confused division of mind between it and the better rooms to which I was going, as I had been in so often between the forge and Miss Havisham’s, and Biddy and Estella.

The sun had been shining brightly all day on the roof of my attic, and the room was warm. As I put the window open and stood looking out, I saw Joe come slowly forth at the dark door, below, and take a turn or two in the air; and then I saw Biddy come, and bring him a pipe and light it for him. He never smoked so late, and it seemed to hint to me that he wanted comforting, for some reason or other.

He presently stood at the door immediately beneath me, smoking his pipe, and Biddy stood there too, quietly talking to him, and I knew that they talked of me, for I heard my name mentioned in an endearing tone by both of them more than once. I would not have listened for more, if I could have heard more; so I drew away from the window, and sat down in my one chair by the bedside, feeling it very sorrowful and strange that this first night of my bright fortunes should be the loneliest I had ever known.

Looking towards the open window, I saw light wreaths from Joe’s pipe floating there, and I fancied it was like a blessing from Joe – not obtruded on me or paraded before me, but pervading the air we shared together. I put my light out, and crept into bed; and it was an uneasy bed now, and I never slept the old sound sleep in it any more.

CHAPTER XIX

Morning made a considerable difference in my general prospect of Life, and brightened it so much that it scarcely seemed the same. What lay heaviest on my mind was, the consideration that six days intervened between me and the day of departure; for I could not divest myself of a misgiving that something might happen to London in the meanwhile, and that, when I got there, it would be either greatly deteriorated or clean gone.

Joe and Biddy were very sympathetic and pleasant when I spoke of our approaching separation; but they only referred to it when I did. After breakfast, Joe brought out my indentures from the press in the best parlor, and we put them in the fire, and I felt that I was free. With all the novelty of my emancipation on me, I went to church with Joe, and thought perhaps the clergyman wouldn't have read that about the rich man and the kingdom of Heaven, if he had known all.

After our early dinner, I strolled out alone, purposing to finish off the marshes at once, and get them done with. As I passed the church, I felt (as I had felt during service in the morning) a sublime compassion for the poor creatures who were destined to go there, Sunday after Sunday, all their lives through, and to lie obscurely at last among the low green mounds. I promised myself that I would do something for them one of these days, and formed a plan in outline for bestowing a dinner of roast-beef and plum-pudding, a pint of ale, and a gallon of condescension, upon everybody in the village.

If I had often thought before, with something allied to shame, of my companionship with the fugitive whom I had once seen limping among those graves, what were my thoughts on this Sunday, when the place recalled the wretch, ragged and shivering, with his felon iron and badge! My comfort was, that it happened a long time ago, and that he had doubtless been transported a long way off, and that he was dead to me, and might be veritably dead into the bargain.

No more low, wet grounds, no more dikes and sluices, no more of these grazing cattle – though they seemed, in their dull manner, to wear a more respectful air now, and to face round, in order that they might stare as long as possible at the possessor of such great expectations – farewell, monotonous acquaintances of my childhood, henceforth I was for London and greatness; not for smith's work in general, and for you! I made my

exultant way to the old Battery, and, lying down there to consider the question whether Miss Havisham intended me for Estella, fell asleep.

When I awoke, I was much surprised to find Joe sitting beside me, smoking his pipe. He greeted me with a cheerful smile on my opening my eyes, and said:

"As being the last time, Pip, I thought I'd foller".

"And Joe, I am very glad you did so".

"Thankee, Pip".

"You may be sure, dear Joe", I went on, after we had shaken hands, "that I shall never forget you".

"No, no, Pip!" said Joe, in a comfortable tone, "I'm sure of that. Ay, ay, old chap! Bless you, it were only necessary to get it well round in a man's mind, to be certain on it. But it took a bit of time to get it well round, the change come so oncommon plump; didn't it?"

Somehow, I was not best pleased with Joe's being so mightily secure of me. I should have liked him to have betrayed emotion, or to have said, "It does you credit, Pip", or something of that sort. Therefore, I made no remark on Joe's first head; merely saying as to his second, that the tidings had indeed come suddenly, but that I had always wanted to be a gentleman, and had often and often speculated on what I would do, if I were one.

"Have you though?" said Joe. "Astonishing!"

"It's a pity now, Joe", said I, "that you did not get on a little more, when we had our lessons here; isn't it?"

"Well, I don't know", returned Joe. "I'm so awful dull. I'm only master of my own trade. It were always a pity as I was so awful dull; but it's no more of a pity now, than it was – this day twelvemonth – don't you see?"

What I had meant was, that when I came into my property and was able to do something for Joe, it would have been much more agreeable if he had been better qualified for a rise in station. He was so perfectly innocent of my meaning, however, that I thought I would mention it to Biddy in preference.

So, when we had walked home and had had tea, I took Biddy into our little garden by the side of the lane, and, after throwing out in a general way for the elevation of her spirits, that I should never forget her, said I had a favor to ask of her.

"And it is, Biddy", said I, "that you will not omit any opportunity of

helping Joe on, a little".

"How helping him on?" asked Biddy, with a steady sort of glance.

"Well! Joe is a dear good fellow – in fact, I think he is the dearest fellow that ever lived – but he is rather backward in some things. For instance, Biddy, in his learning and his manners".

Although I was looking at Biddy as I spoke, and although she opened her eyes very wide when I had spoken, she did not look at me.

"O, his manners! won't his manners do then?" asked Biddy, plucking a black-currant leaf.

"My dear Biddy, they do very well here..."

"O! they do very well here?" interrupted Biddy, looking closely at the leaf in her hand.

"Hear me out – but if I were to remove Joe into a higher sphere, as I shall hope to remove him when I fully come into my property, they would hardly do him justice".

"And don't you think he knows that?" asked Biddy.

It was such a very provoking question (for it had never in the most distant manner occurred to me), that I said, snappishly:

"Biddy, what do you mean?"

Biddy, having rubbed the leaf to pieces between her hands – and the smell of a black-currant bush has ever since recalled to me that evening in the little garden by the side of the lane – said, "Have you never considered that he may be proud?"

"Proud?" I repeated, with disdainful emphasis.

"O! there are many kinds of pride", said Biddy, looking full at me and shaking her head; "pride is not all of one kind..."

"Well? What are you stopping for?" said I.

"Not all of one kind", resumed Biddy. "He may be too proud to let any one take him out of a place that he is competent to fill, and fills well and with respect. To tell you the truth, I think he is; though it sounds bold in me to say so, for you must know him far better than I do".

"Now, Biddy", said I, "I am very sorry to see this in you. I did not expect to see this in you. You are envious, Biddy, and grudging. You are dissatisfied on account of my rise in fortune, and you can't help showing it".

"If you have the heart to think so", returned Biddy, "say so. Say so over and over again, if you have the heart to think so".

“If you have the heart to be so, you mean, Biddy”, said I, in a virtuous and superior tone; “don’t put it off upon me. I am very sorry to see it, and it’s a – it’s a bad side of human nature. I did intend to ask you to use any little opportunities you might have after I was gone, of improving dear Joe. But after this I ask you nothing. I am extremely sorry to see this in you, Biddy”, I repeated. “It’s a... it’s a bad side of human nature”.

“Whether you scold me or approve of me”, returned poor Biddy, “you may equally depend upon my trying to do all that lies in my power, here, at all times. And whatever opinion you take away of me, shall make no difference in my remembrance of you. Yet a gentleman should not be unjust neither”, said Biddy, turning away her head.

I again warmly repeated that it was a bad side of human nature (in which sentiment, waiving its application, I have since seen reason to think I was right), and I walked down the little path away from Biddy, and Biddy went into the house, and I went out at the garden gate and took a dejected stroll until supper-time; again feeling it very sorrowful and strange that this, the second night of my bright fortunes, should be as lonely and unsatisfactory as the first.

But, morning once more brightened my view, and I extended my clemency to Biddy, and we dropped the subject. Putting on the best clothes I had, I went into town as early as I could hope to find the shops open, and presented myself before Mr. Trabb, the tailor, who was having his breakfast in the parlor behind his shop, and who did not think it worth his while to come out to me, but called me in to him.

“Well!” said Mr. Trabb, in a hail-fellow-well-met kind of way. “How are you, and what can I do for you?”

Mr. Trabb had sliced his hot roll into three feather-beds, and was slipping butter in between the blankets, and covering it up. He was a prosperous old bachelor, and his open window looked into a prosperous little garden and orchard, and there was a prosperous iron safe let into the wall at the side of his fireplace, and I did not doubt that heaps of his prosperity were put away in it in bags.

“Mr. Trabb”, said I, “it’s an unpleasant thing to have to mention, because it looks like boasting; but I have come into a handsome property”.

A change passed over Mr. Trabb. He forgot the butter in bed, got up from the bedside, and wiped his fingers on the tablecloth, exclaiming, “Lord

bless my soul!”

“I am going up to my guardian in London”, said I, casually drawing some guineas out of my pocket and looking at them; “and I want a fashionable suit of clothes to go in. I wish to pay for them”, I added – otherwise I thought he might only pretend to make them, “with ready money”.

“My dear sir”, said Mr. Trabb, as he respectfully bent his body, opened his arms, and took the liberty of touching me on the outside of each elbow, “don’t hurt me by mentioning that. May I venture to congratulate you? Would you do me the favor of stepping into the shop?”

Mr. Trabb’s boy was the most audacious boy in all that country-side. When I had entered he was sweeping the shop, and he had sweetened his labors by sweeping over me. He was still sweeping when I came out into the shop with Mr. Trabb, and he knocked the broom against all possible corners and obstacles, to express (as I understood it) equality with any blacksmith, alive or dead.

“Hold that noise”, said Mr. Trabb, with the greatest sternness, “or I’ll knock your head off! – Do me the favor to be seated, sir. Now, this”, said Mr. Trabb, taking down a roll of cloth, and tiding it out in a flowing manner over the counter, preparatory to getting his hand under it to show the gloss, “is a very sweet article. I can recommend it for your purpose, sir, because it really is extra super. But you shall see some others. Give me Number Four, you!” (To the boy, and with a dreadfully severe stare; foreseeing the danger of that miscreant’s brushing me with it, or making some other sign of familiarity.)

Mr. Trabb never removed his stern eye from the boy until he had deposited number four on the counter and was at a safe distance again. Then he commanded him to bring number five, and number eight. “And let me have none of your tricks here”, said Mr. Trabb, “or you shall repent it, you young scoundrel, the longest day you have to live”.

Mr. Trabb then bent over number four, and in a sort of deferential confidence recommended it to me as a light article for summer wear, an article much in vogue among the nobility and gentry, an article that it would ever be an honor to him to reflect upon a distinguished fellow-townsman’s (if he might claim me for a fellow-townsman) having worn. “Are you bringing numbers five and eight, you vagabond”, said Mr. Trabb to the boy after that, “or shall I kick you out of the shop and bring them myself?”

I selected the materials for a suit, with the assistance of Mr. Trabb's judgment, and re-entered the parlor to be measured. For although Mr. Trabb had my measure already, and had previously been quite contented with it, he said apologetically that it "wouldn't do under existing circumstances, sir – wouldn't do at all". So, Mr. Trabb measured and calculated me in the parlor, as if I were an estate and he the finest species of surveyor, and gave himself such a world of trouble that I felt that no suit of clothes could possibly remunerate him for his pains. When he had at last done and had appointed to send the articles to Mr. Pumblechook's on the Thursday evening, he said, with his hand upon the parlor lock, "I know, sir, that London gentlemen cannot be expected to patronize local work, as a rule; but if you would give me a turn now and then in the quality of a townsman, I should greatly esteem it. Good morning, sir, much obliged. – Door!"

The last word was flung at the boy, who had not the least notion what it meant. But I saw him collapse as his master rubbed me out with his hands, and my first decided experience of the stupendous power of money was, that it had morally laid upon his back Trabb's boy.

After this memorable event, I went to the hatter's, and the bootmaker's, and the hosier's, and felt rather like Mother Hubbard's dog whose outfit required the services of so many trades. I also went to the coach-office and took my place for seven o'clock on Saturday morning. It was not necessary to explain everywhere that I had come into a handsome property; but whenever I said anything to that effect, it followed that the officiating tradesman ceased to have his attention diverted through the window by the High Street, and concentrated his mind upon me. When I had ordered everything I wanted, I directed my steps towards Pumblechook's, and, as I approached that gentleman's place of business, I saw him standing at his door.

He was waiting for me with great impatience. He had been out early with the chaise-cart, and had called at the forge and heard the news. He had prepared a collation for me in the Barnwell parlor, and he too ordered his shopman to "come out of the gangway" as my sacred person passed.

"My dear friend", said Mr. Pumblechook, taking me by both hands, when he and I and the collation were alone, "I give you joy of your good fortune. Well deserved, well deserved!"

This was coming to the point, and I thought it a sensible way of

expressing himself.

"To think", said Mr. Pumblechook, after snorting admiration at me for some moments, "that I should have been the humble instrument of leading up to this, is a proud reward".

I begged Mr. Pumblechook to remember that nothing was to be ever said or hinted, on that point.

"My dear young friend", said Mr. Pumblechook; "if you will allow me to call you so..."

I murmured "Certainly", and Mr. Pumblechook took me by both hands again, and communicated a movement to his waistcoat, which had an emotional appearance, though it was rather low down, "My dear young friend, rely upon my doing my little all in your absence, by keeping the fact before the mind of Joseph. – Joseph!" said Mr. Pumblechook, in the way of a compassionate adjuration. "Joseph!! Joseph!!!" Thereupon he shook his head and tapped it, expressing his sense of deficiency in Joseph.

"But my dear young friend", said Mr. Pumblechook, "you must be hungry, you must be exhausted. Be seated. Here is a chicken had round from the Boar, here is a tongue had round from the Boar, here's one or two little things had round from the Boar, that I hope you may not despise. But do I", said Mr. Pumblechook, getting up again the moment after he had sat down, "see afore me, him as I ever sported with in his times of happy infancy? And may I… may I…?"

This May I, meant might he shake hands? I consented, and he was fervent, and then sat down again.

"Here is wine", said Mr. Pumblechook. "Let us drink, Thanks to Fortune, and may she ever pick out her favorites with equal judgment! And yet I cannot", said Mr. Pumblechook, getting up again, "see afore me One – and likewise drink to One – without again expressing – May I… may I…?"

I said he might, and he shook hands with me again, and emptied his glass and turned it upside down. I did the same; and if I had turned myself upside down before drinking, the wine could not have gone more direct to my head.

Mr. Pumblechook helped me to the liver wing, and to the best slice of tongue (none of those out-of-the-way No Thoroughfares of Pork now), and took, comparatively speaking, no care of himself at all. "Ah! poultry, poultry! You little thought", said Mr. Pumblechook, apostrophizing the fowl in the

dish, “when you was a young fledgling, what was in store for you. You little thought you was to be refreshment beneath this humble roof for one as… Call it a weakness, if you will”, said Mr. Pumblechook, getting up again, “but may I? may I...?”

It began to be unnecessary to repeat the form of saying he might, so he did it at once. How he ever did it so often without wounding himself with my knife, I don’t know.

“And your sister”, he resumed, after a little steady eating, “which had the honor of bringing you up by hand! It’s a sad picter, to reflect that she’s no longer equal to fully understanding the honor. May...”

I saw he was about to come at me again, and I stopped him.

“We’ll drink her health”, said I.

“Ah!” cried Mr. Pumblechook, leaning back in his chair, quite flaccid with admiration, “that’s the way you know ‘em, sir!” (I don’t know who Sir was, but he certainly was not I, and there was no third person present); “that’s the way you know the noble-minded, sir! Ever forgiving and ever affable. It might”, said the servile Pumblechook, putting down his untasted glass in a hurry and getting up again, “to a common person, have the appearance of repeating, but may I…?”

When he had done it, he resumed his seat and drank to my sister. “Let us never be blind”, said Mr. Pumblechook, “to her faults of temper, but it is to be hoped she meant well”.

At about this time, I began to observe that he was getting flushed in the face; as to myself, I felt all face, steeped in wine and smarting.

I mentioned to Mr. Pumblechook that I wished to have my new clothes sent to his house, and he was ecstatic on my so distinguishing him. I mentioned my reason for desiring to avoid observation in the village, and he lauded it to the skies. There was nobody but himself, he intimated, worthy of my confidence, and – in short, might he? Then he asked me tenderly if I remembered our boyish games at sums, and how we had gone together to have me bound apprentice, and, in effect, how he had ever been my favorite fancy and my chosen friend? If I had taken ten times as many glasses of wine as I had, I should have known that he never had stood in that relation towards me, and should in my heart of hearts have repudiated the idea. Yet for all that, I remember feeling convinced that I had been much mistaken in him, and that he was a sensible, practical, good-hearted prime fellow.

By degrees he fell to reposing such great confidence in me, as to ask my advice in reference to his own affairs. He mentioned that there was an opportunity for a great amalgamation and monopoly of the corn and seed trade on those premises, if enlarged, such as had never occurred before in that or any other neighborhood. What alone was wanting to the realization of a vast fortune, he considered to be More Capital. Those were the two little words, more capital. Now it appeared to him (Pumblechook) that if that capital were got into the business, through a sleeping partner, sir – which sleeping partner would have nothing to do but walk in, by self or deputy, whenever he pleased, and examine the books – and walk in twice a year and take his profits away in his pocket, to the tune of fifty per cent – it appeared to him that that might be an opening for a young gentleman of spirit combined with property, which would be worthy of his attention. But what did I think? He had great confidence in my opinion, and what did I think? I gave it as my opinion. “Wait a bit!” The united vastness and distinctness of this view so struck him, that he no longer asked if he might shake hands with me, but said he really must – and did.

We drank all the wine, and Mr. Pumblechook pledged himself over and over again to keep Joseph up to the mark (I don’t know what mark), and to render me efficient and constant service (I don’t know what service). He also made known to me for the first time in my life, and certainly after having kept his secret wonderfully well, that he had always said of me, “That boy is no common boy, and mark me, his fortun’ will be no common fortun’“. He said with a tearful smile that it was a singular thing to think of now, and I said so too. Finally, I went out into the air, with a dim perception that there was something unwonted in the conduct of the sunshine, and found that I had slumberously got to the turnpike without having taken any account of the road.

There, I was roused by Mr. Pumblechook’s hailing me. He was a long way down the sunny street, and was making expressive gestures for me to stop. I stopped, and he came up breathless.

“No, my dear friend”, said he, when he had recovered wind for speech. “Not if I can help it. This occasion shall not entirely pass without that affability on your part. – May I, as an old friend and well-wisher? May I?”

We shook hands for the hundredth time at least, and he ordered a young carter out of my way with the greatest indignation. Then, he blessed

me and stood waving his hand to me until I had passed the crook in the road; and then I turned into a field and had a long nap under a hedge before I pursued my way home.

I had scant luggage to take with me to London, for little of the little I possessed was adapted to my new station. But I began packing that same afternoon, and wildly packed up things that I knew I should want next morning, in a fiction that there was not a moment to be lost.

So, Tuesday, Wednesday, and Thursday, passed; and on Friday morning I went to Mr. Pumblechook's, to put on my new clothes and pay my visit to Miss Havisham. Mr. Pumblechook's own room was given up to me to dress in, and was decorated with clean towels expressly for the event. My clothes were rather a disappointment, of course. Probably every new and eagerly expected garment ever put on since clothes came in, fell a trifle short of the wearer's expectation. But after I had had my new suit on some half an hour, and had gone through an immensity of posturing with Mr. Pumblechook's very limited dressing-glass, in the futile endeavor to see my legs, it seemed to fit me better. It being market morning at a neighboring town some ten miles off, Mr. Pumblechook was not at home. I had not told him exactly when I meant to leave, and was not likely to shake hands with him again before departing. This was all as it should be, and I went out in my new array, fearfully ashamed of having to pass the shopman, and suspicious after all that I was at a personal disadvantage, something like Joe's in his Sunday suit.

I went circuitously to Miss Havisham's by all the back ways, and rang at the bell constrainedly, on account of the stiff long fingers of my gloves. Sarah Pocket came to the gate, and positively reeled back when she saw me so changed; her walnut-shell countenance likewise turned from brown to green and yellow.

"You?" said she. "You? Good gracious! What do you want?"

"I am going to London, Miss Pocket", said I, "and want to say good by to Miss Havisham".

I was not expected, for she left me locked in the yard, while she went to ask if I were to be admitted. After a very short delay, she returned and took me up, staring at me all the way.

Miss Havisham was taking exercise in the room with the long spread table, leaning on her crutch stick. The room was lighted as of yore, and at the

sound of our entrance, she stopped and turned. She was then just abreast of the rotted bride-cake.

"Don't go, Sarah", she said. "Well, Pip?"

"I start for London, Miss Havisham, tomorrow", I was exceedingly careful what I said, "and I thought you would kindly not mind my taking leave of you".

"This is a gay figure, Pip", said she, making her crutch stick play round me, as if she, the fairy godmother who had changed me, were bestowing the finishing gift.

"I have come into such good fortune since I saw you last, Miss Havisham", I murmured. "And I am so grateful for it, Miss Havisham!"

"Ay, ay!" said she, looking at the discomfited and envious Sarah, with delight. "I have seen Mr. Jaggers. I have heard about it, Pip. So you go tomorrow?"

"Yes, Miss Havisham".

"And you are adopted by a rich person?"

"Yes, Miss Havisham".

"Not named?"

"No, Miss Havisham".

"And Mr. Jaggers is made your guardian?"

"Yes, Miss Havisham".

She quite gloated on these questions and answers, so keen was her enjoyment of Sarah Pocket's jealous dismay. "Well!" she went on; "you have a promising career before you. Be good – deserve it – and abide by Mr. Jaggers's instructions". She looked at me, and looked at Sarah, and Sarah's countenance wrung out of her watchful face a cruel smile. "Good by, Pip! – you will always keep the name of Pip, you know".

"Yes, Miss Havisham".

"Good by, Pip!"

She stretched out her hand, and I went down on my knee and put it to my lips. I had not considered how I should take leave of her; it came naturally to me at the moment to do this. She looked at Sarah Pocket with triumph in her weird eyes, and so I left my fairy godmother, with both her hands on her crutch stick, standing in the midst of the dimly lighted room beside the rotten bride-cake that was hidden in cobwebs.

Sarah Pocket conducted me down, as if I were a ghost who must be

seen out. She could not get over my appearance, and was in the last degree confounded. I said “Good by, Miss Pocket;” but she merely stared, and did not seem collected enough to know that I had spoken. Clear of the house, I made the best of my way back to Pumblechook’s, took off my new clothes, made them into a bundle, and went back home in my older dress, carrying it – to speak the truth – much more at my ease too, though I had the bundle to carry.

And now, those six days which were to have run out so slowly, had run out fast and were gone, and tomorrow looked me in the face more steadily than I could look at it. As the six evenings had dwindled away, to five, to four, to three, to two, I had become more and more appreciative of the society of Joe and Biddy. On this last evening, I dressed my self out in my new clothes for their delight, and sat in my splendor until bedtime. We had a hot supper on the occasion, graced by the inevitable roast fowl, and we had some flip to finish with. We were all very low, and none the higher for pretending to be in spirits.

I was to leave our village at five in the morning, carrying my little hand-portmanteau, and I had told Joe that I wished to walk away all alone. I am afraid – sore afraid – that this purpose originated in my sense of the contrast there would be between me and Joe, if we went to the coach together. I had pretended with myself that there was nothing of this taint in the arrangement; but when I went up to my little room on this last night, I felt compelled to admit that it might be so, and had an impulse upon me to go down again and entreat Joe to walk with me in the morning. I did not.

All night there were coaches in my broken sleep, going to wrong places instead of to London, and having in the traces, now dogs, now cats, now pigs, now men – never horses. Fantastic failures of journeys occupied me until the day dawned and the birds were singing. Then, I got up and partly dressed, and sat at the window to take a last look out, and in taking it fell asleep.

Biddy was astir so early to get my breakfast, that, although I did not sleep at the window an hour, I smelt the smoke of the kitchen fire when I started up with a terrible idea that it must be late in the afternoon. But long after that, and long after I had heard the clinking of the teacups and was quite ready, I wanted the resolution to go down stairs. After all, I remained up there, repeatedly unlocking and unstrapping my small portmanteau and

locking and strapping it up again, until Biddy called to me that I was late.

It was a hurried breakfast with no taste in it. I got up from the meal, saying with a sort of briskness, as if it had only just occurred to me, “Well! I suppose I must be off!” and then I kissed my sister who was laughing and nodding and shaking in her usual chair, and kissed Biddy, and threw my arms around Joe’s neck. Then I took up my little portmanteau and walked out. The last I saw of them was, when I presently heard a scuffle behind me, and looking back, saw Joe throwing an old shoe after me and Biddy throwing another old shoe. I stopped then, to wave my hat, and dear old Joe waved his strong right arm above his head, crying huskily “Hooroar!” and Biddy put her apron to her face.

I walked away at a good pace, thinking it was easier to go than I had supposed it would be, and reflecting that it would never have done to have had an old shoe thrown after the coach, in sight of all the High Street. I whistled and made nothing of going. But the village was very peaceful and quiet, and the light mists were solemnly rising, as if to show me the world, and I had been so innocent and little there, and all beyond was so unknown and great, that in a moment with a strong heave and sob I broke into tears. It was by the finger-post at the end of the village, and I laid my hand upon it, and said, “Good by, O my dear, dear friend!”

Heaven knows we need never be ashamed of our tears, for they are rain upon the blinding dust of earth, overlying our hard hearts. I was better after I had cried than before – more sorry, more aware of my own ingratitude, more gentle. If I had cried before, I should have had Joe with me then.

So subdued I was by those tears, and by their breaking out again in the course of the quiet walk, that when I was on the coach, and it was clear of the town, I deliberated with an aching heart whether I would not get down when we changed horses and walk back, and have another evening at home, and a better parting. We changed, and I had not made up my mind, and still reflected for my comfort that it would be quite practicable to get down and walk back, when we changed again. And while I was occupied with these deliberations, I would fancy an exact resemblance to Joe in some man coming along the road towards us, and my heart would beat high. – As if he could possibly be there!

We changed again, and yet again, and it was now too late and too far to go back, and I went on. And the mists had all solemnly risen now, and the

world lay spread before me.

This is the end of the first stage of Pip's expectations.

CHAPTER XX

The journey from our town to the metropolis was a journey of about five hours. It was a little past midday when the four-horse stage-coach by which I was a passenger, got into the ravel of traffic frayed out about the Cross Keys, Wood Street, Cheapside, London.

We Britons had at that time particularly settled that it was treasonable to doubt our having and our being the best of everything: otherwise, while I was scared by the immensity of London, I think I might have had some faint doubts whether it was not rather ugly, crooked, narrow, and dirty.

Mr. Jaggers had duly sent me his address; it was, Little Britain, and he had written after it on his card, “just out of Smithfield, and close by the coach-office”. Nevertheless, a hackney-coachman, who seemed to have as many capes to his greasy great-coat as he was years old, packed me up in his coach and hemmed me in with a folding and jingling barrier of steps, as if he were going to take me fifty miles. His getting on his box, which I remember to have been decorated with an old weather-stained pea-green hammercloth moth-eaten into rags, was quite a work of time. It was a wonderful equipage, with six great coronets outside, and ragged things behind for I don’t know how many footmen to hold on by, and a harrow below them, to prevent amateur footmen from yielding to the temptation.

I had scarcely had time to enjoy the coach and to think how like a straw-yard it was, and yet how like a rag-shop, and to wonder why the horses’ nose-bags were kept inside, when I observed the coachman beginning to get down, as if we were going to stop presently. And stop we presently did, in a gloomy street, at certain offices with an open door, whereon was painted MR. JAGGERS.

“How much?” I asked the coachman.

The coachman answered, “A shilling – unless you wish to make it more”.

I naturally said I had no wish to make it more.

“Then it must be a shilling”, observed the coachman. “I don’t want to get into trouble. I know him!” He darkly closed an eye at Mr. Jaggers’s name, and shook his head.

When he had got his shilling, and had in course of time completed the ascent to his box, and had got away (which appeared to relieve his mind), I

went into the front office with my little portmanteau in my hand and asked, Was Mr. Jaggers at home?

"He is not", returned the clerk. "He is in Court at present. Am I addressing Mr. Pip?"

I signified that he was addressing Mr. Pip.

"Mr. Jaggers left word, would you wait in his room. He couldn't say how long he might be, having a case on. But it stands to reason, his time being valuable, that he won't be longer than he can help".

With those words, the clerk opened a door, and ushered me into an inner chamber at the back. Here, we found a gentleman with one eye, in a velveteen suit and knee-breeches, who wiped his nose with his sleeve on being interrupted in the perusal of the newspaper.

"Go and wait outside, Mike", said the clerk.

I began to say that I hoped I was not interrupting, when the clerk shoved this gentleman out with as little ceremony as I ever saw used, and tossing his fur cap out after him, left me alone.

Mr. Jaggers's room was lighted by a skylight only, and was a most dismal place; the skylight, eccentrically pitched like a broken head, and the distorted adjoining houses looking as if they had twisted themselves to peep down at me through it. There were not so many papers about, as I should have expected to see; and there were some odd objects about, that I should not have expected to see – such as an old rusty pistol, a sword in a scabbard, several strange-looking boxes and packages, and two dreadful casts on a shelf, of faces peculiarly swollen, and twitchy about the nose. Mr. Jaggers's own high-backed chair was of deadly black horsehair, with rows of brass nails round it, like a coffin; and I fancied I could see how he leaned back in it, and bit his forefinger at the clients. The room was but small, and the clients seemed to have had a habit of backing up against the wall; the wall, especially opposite to Mr. Jaggers's chair, being greasy with shoulders. I recalled, too, that the one-eyed gentleman had shuffled forth against the wall when I was the innocent cause of his being turned out.

I sat down in the cliental chair placed over against Mr. Jaggers's chair, and became fascinated by the dismal atmosphere of the place. I called to mind that the clerk had the same air of knowing something to everybody else's disadvantage, as his master had. I wondered how many other clerks there were up-stairs, and whether they all claimed to have the same

detrimental mastery of their fellow-creatures. I wondered what was the history of all the odd litter about the room, and how it came there. I wondered whether the two swollen faces were of Mr. Jaggers's family, and, if he were so unfortunate as to have had a pair of such ill-looking relations, why he stuck them on that dusty perch for the blacks and flies to settle on, instead of giving them a place at home. Of course I had no experience of a London summer day, and my spirits may have been oppressed by the hot exhausted air, and by the dust and grit that lay thick on everything. But I sat wondering and waiting in Mr. Jaggers's close room, until I really could not bear the two casts on the shelf above Mr. Jaggers's chair, and got up and went out.

When I told the clerk that I would take a turn in the air while I waited, he advised me to go round the corner and I should come into Smithfield. So I came into Smithfield; and the shameful place, being all asmear with filth and fat and blood and foam, seemed to stick to me. So, I rubbed it off with all possible speed by turning into a street where I saw the great black dome of Saint Paul's bulging at me from behind a grim stone building which a bystander said was Newgate Prison. Following the wall of the jail, I found the roadway covered with straw to deaden the noise of passing vehicles; and from this, and from the quantity of people standing about smelling strongly of spirits and beer, I inferred that the trials were on.

While I looked about me here, an exceedingly dirty and partially drunk minister of justice asked me if I would like to step in and hear a trial or so: informing me that he could give me a front place for half a crown, whence I should command a full view of the Lord Chief Justice in his wig and robes – mentioning that awful personage like waxwork, and presently offering him at the reduced price of eighteen-pence. As I declined the proposal on the plea of an appointment, he was so good as to take me into a yard and show me where the gallows was kept, and also where people were publicly whipped, and then he showed me the Debtors' Door, out of which culprits came to be hanged; heightening the interest of that dreadful portal by giving me to understand that "four on 'em" would come out at that door the day after tomorrow at eight in the morning, to be killed in a row. This was horrible, and gave me a sickening idea of London; the more so as the Lord Chief Justice's proprietor wore (from his hat down to his boots and up again to his pocket-handkerchief inclusive) mildewed clothes which had evidently not belonged to him originally, and which I took it into my head he had

bought cheap of the executioner. Under these circumstances I thought myself well rid of him for a shilling.

I dropped into the office to ask if Mr. Jaggers had come in yet, and I found he had not, and I strolled out again. This time, I made the tour of Little Britain, and turned into Bartholomew Close; and now I became aware that other people were waiting about for Mr. Jaggers, as well as I. There were two men of secret appearance lounging in Bartholomew Close, and thoughtfully fitting their feet into the cracks of the pavement as they talked together, one of whom said to the other when they first passed me, that "Jaggers would do it if it was to be done". There was a knot of three men and two women standing at a corner, and one of the women was crying on her dirty shawl, and the other comforted her by saying, as she pulled her own shawl over her shoulders, "Jaggers is for him, 'Melia, and what more could you have?" There was a red-eyed little Jew who came into the Close while I was loitering there, in company with a second little Jew whom he sent upon an errand; and while the messenger was gone, I remarked this Jew, who was of a highly excitable temperament, performing a jig of anxiety under a lamp-post and accompanying himself, in a kind of frenzy, with the words, "O Jaggerth, Jaggerth, Jaggerth! all otherth ith Cag-Maggerth, give me Jaggerth!" These testimonies to the popularity of my guardian made a deep impression on me, and I admired and wondered more than ever.

At length, as I was looking out at the iron gate of Bartholomew Close into Little Britain, I saw Mr. Jaggers coming across the road towards me. All the others who were waiting saw him at the same time, and there was quite a rush at him. Mr. Jaggers, putting a hand on my shoulder and walking me on at his side without saying anything to me, addressed himself to his followers.

First, he took the two secret men.

"Now, I have nothing to say to you", said Mr. Jaggers, throwing his finger at them. "I want to know no more than I know. As to the result, it's a toss-up. I told you from the first it was a toss-up. Have you paid Wemmick?"

"We made the money up this morning, sir", said one of the men, submissively, while the other perused Mr. Jaggers's face.

"I don't ask you when you made it up, or where, or whether you made it up at all. Has Wemmick got it?"

"Yes, sir", said both the men together.

"Very well; then you may go. Now, I won't have it!" said Mr Jaggers,

waving his hand at them to put them behind him. “If you say a word to me, I’ll throw up the case”.

“We thought, Mr. Jaggers...” one of the men began, pulling off his hat.

“That’s what I told you not to do”, said Mr. Jaggers. “You thought! I think for you; that’s enough for you. If I want you, I know where to find you; I don’t want you to find me. Now I won’t have it. I won’t hear a word”.

The two men looked at one another as Mr. Jaggers waved them behind again, and humbly fell back and were heard no more.

“And now you!” said Mr. Jaggers, suddenly stopping, and turning on the two women with the shawls, from whom the three men had meekly separated – “Oh! Amelia, is it?”

“Yes, Mr. Jaggers”.

“And do you remember”, retorted Mr. Jaggers, “that but for me you wouldn’t be here and couldn’t be here?”

“Oh yes, sir!” exclaimed both women together. “Lord bless you, sir, well we knows that!”

“Then why”, said Mr. Jaggers, “do you come here?”

“My Bill, sir!” the crying woman pleaded.

“Now, I tell you what!” said Mr. Jaggers. “Once for all. If you don’t know that your Bill’s in good hands, I know it. And if you come here bothering about your Bill, I’ll make an example of both your Bill and you, and let him slip through my fingers. Have you paid Wemmick?”

“O yes, sir! Every farden”.

“Very well. Then you have done all you have got to do. Say another word – one single word – and Wemmick shall give you your money back”.

This terrible threat caused the two women to fall off immediately. No one remained now but the excitable Jew, who had already raised the skirts of Mr. Jaggers’s coat to his lips several times.

“I don’t know this man!” said Mr. Jaggers, in the same devastating strain: “What does this fellow want?”

“Ma thear Mithter Jaggerth. Hown brother to Habraham Latharuth?”

“Who’s he?” said Mr. Jaggers. “Let go of my coat”.

The suitor, kissing the hem of the garment again before relinquishing it, replied, “Habraham Latharuth, on thuthpithion of plate”.

“You’re too late”, said Mr. Jaggers. “I am over the way”.

“Holy father, Mithter Jaggerth!” cried my excitable acquaintance,

turning white, “don’t thay you’re again Habraham Latharuth!”

“I am”, said Mr. Jaggers, “and there’s an end of it. Get out of the way”.

“Mithter Jaggerth! Half a moment! My hown cuthen’th gone to Mithter Wemmick at thith prethent minute, to hoffer him hany termth. Mithter Jaggerth! Half a quarter of a moment! If you’d have the condethenthun to be bought off from the t’other thide… at hany thuperior prithe!... money no object!... Mithter Jaggerth… Mithter…!”

My guardian threw his supplicant off with supreme indifference, and left him dancing on the pavement as if it were red hot. Without further interruption, we reached the front office, where we found the clerk and the man in velveteen with the fur cap.

“Here’s Mike”, said the clerk, getting down from his stool, and approaching Mr. Jaggers confidentially.

“Oh!” said Mr. Jaggers, turning to the man, who was pulling a lock of hair in the middle of his forehead, like the Bull in Cock Robin pulling at the bell-rope; “your man comes on this afternoon. Well?”

“Well, Mas’r Jaggers”, returned Mike, in the voice of a sufferer from a constitutional cold; “arter a deal o’ trouble, I’ve found one, sir, as might do”.

“What is he prepared to swear?”

“Well, Mas’r Jaggers”, said Mike, wiping his nose on his fur cap this time; “in a general way, anythink”.

Mr. Jaggers suddenly became most irate. “Now, I warned you before”, said he, throwing his forefinger at the terrified client, “that if you ever presumed to talk in that way here, I’d make an example of you. You infernal scoundrel, how dare you tell ME that?”

The client looked scared, but bewildered too, as if he were unconscious what he had done.

“Spooney!” said the clerk, in a low voice, giving him a stir with his elbow. “Soft Head! Need you say it face to face?”

“Now, I ask you, you blundering booby”, said my guardian, very sternly, “once more and for the last time, what the man you have brought here is prepared to swear?”

Mike looked hard at my guardian, as if he were trying to learn a lesson from his face, and slowly replied, “Ayther to character, or to having been in

his company and never left him all the night in question".

"Now, be careful. In what station of life is this man?"

Mike looked at his cap, and looked at the floor, and looked at the ceiling, and looked at the clerk, and even looked at me, before beginning to reply in a nervous manner, "We've dressed him up like..." when my guardian blustered out:

"What? You WILL, will you?"

("Spooney!" added the clerk again, with another stir.)

After some helpless casting about, Mike brightened and began again:

"He is dressed like a 'spectable pieman. A sort of a pastry-cook".

"Is he here?" asked my guardian.

"I left him", said Mike, "a setting on some doorsteps round the corner".

"Take him past that window, and let me see him".

The window indicated was the office window. We all three went to it, behind the wire blind, and presently saw the client go by in an accidental manner, with a murderous-looking tall individual, in a short suit of white linen and a paper cap. This guileless confectioner was not by any means sober, and had a black eye in the green stage of recovery, which was painted over.

"Tell him to take his witness away directly", said my guardian to the clerk, in extreme disgust, "and ask him what he means by bringing such a fellow as that".

My guardian then took me into his own room, and while he lunched, standing, from a sandwich-box and a pocket-flask of sherry (he seemed to bully his very sandwich as he ate it), informed me what arrangements he had made for me. I was to go to "Barnard's Inn", to young Mr. Pocket's rooms, where a bed had been sent in for my accommodation; I was to remain with young Mr. Pocket until Monday; on Monday I was to go with him to his father's house on a visit, that I might try how I liked it. Also, I was told what my allowance was to be – it was a very liberal one – and had handed to me from one of my guardian's drawers, the cards of certain tradesmen with whom I was to deal for all kinds of clothes, and such other things as I could in reason want. "You will find your credit good, Mr. Pip", said my guardian, whose flask of sherry smelt like a whole caskful, as he hastily refreshed himself, "but I shall by this means be able to check your bills, and to pull you

up if I find you outrunning the constable. Of course you'll go wrong somehow, but that's no fault of mine".

After I had pondered a little over this encouraging sentiment, I asked Mr. Jaggers if I could send for a coach? He said it was not worth while, I was so near my destination; Wemmick should walk round with me, if I pleased.

I then found that Wemmick was the clerk in the next room. Another clerk was rung down from up stairs to take his place while he was out, and I accompanied him into the street, after shaking hands with my guardian. We found a new set of people lingering outside, but Wemmick made a way among them by saying coolly yet decisively, "I tell you it's no use; he won't have a word to say to one of you;" and we soon got clear of them, and went on side by side.

CHAPTER XXI

Casting my eyes on Mr. Wemmick as we went along, to see what he was like in the light of day, I found him to be a dry man, rather short in stature, with a square wooden face, whose expression seemed to have been imperfectly chipped out with a dull-edged chisel. There were some marks in it that might have been dimples, if the material had been softer and the instrument finer, but which, as it was, were only dints. The chisel had made three or four of these attempts at embellishment over his nose, but had given them up without an effort to smooth them off. I judged him to be a bachelor from the frayed condition of his linen, and he appeared to have sustained a good many bereavements; for he wore at least four mourning rings, besides a brooch representing a lady and a weeping willow at a tomb with an urn on it. I noticed, too, that several rings and seals hung at his watch-chain, as if he were quite laden with remembrances of departed friends. He had glittering eyes – small, keen, and black – and thin wide mottled lips. He had had them, to the best of my belief, from forty to fifty years.

"So you were never in London before?" said Mr. Wemmick to me.

"No", said I.

"I was new here once", said Mr. Wemmick. "Rum to think of now!"

"You are well acquainted with it now?"

"Why, yes", said Mr. Wemmick. "I know the moves of it".

"Is it a very wicked place?" I asked, more for the sake of saying something than for information.

"You may get cheated, robbed, and murdered in London. But there are plenty of people anywhere, who'll do that for you".

"If there is bad blood between you and them", said I, to soften it off a little.

"O! I don't know about bad blood", returned Mr. Wemmick; "there's not much bad blood about. They'll do it, if there's anything to be got by it".

"That makes it worse".

"You think so?" returned Mr. Wemmick. "Much about the same, I should say".

He wore his hat on the back of his head, and looked straight before him: walking in a self-contained way as if there were nothing in the streets to claim his attention. His mouth was such a post-office of a mouth that he had a

mechanical appearance of smiling. We had got to the top of Holborn Hill before I knew that it was merely a mechanical appearance, and that he was not smiling at all.

"Do you know where Mr. Matthew Pocket lives?" I asked Mr. Wemmick.

"Yes", said he, nodding in the direction. "At Hammersmith, west of London".

"Is that far?"

"Well! Say five miles".

"Do you know him?"

"Why, you're a regular cross-examiner!" said Mr. Wemmick, looking at me with an approving air. "Yes, I know him. I know him!"

There was an air of toleration or depreciation about his utterance of these words that rather depressed me; and I was still looking sideways at his block of a face in search of any encouraging note to the text, when he said here we were at Barnard's Inn. My depression was not alleviated by the announcement, for, I had supposed that establishment to be an hotel kept by Mr. Barnard, to which the Blue Boar in our town was a mere public-house. Whereas I now found Barnard to be a disembodied spirit, or a fiction, and his inn the dingiest collection of shabby buildings ever squeezed together in a rank corner as a club for Tom-cats.

We entered this haven through a wicket-gate, and were disgorged by an introductory passage into a melancholy little square that looked to me like a flat burying-ground. I thought it had the most dismal trees in it, and the most dismal sparrows, and the most dismal cats, and the most dismal houses (in number half a dozen or so), that I had ever seen. I thought the windows of the sets of chambers into which those houses were divided were in every stage of dilapidated blind and curtain, crippled flower-pot, cracked glass, dusty decay, and miserable makeshift; while To Let, To Let, To Let, glared at me from empty rooms, as if no new wretches ever came there, and the vengeance of the soul of Barnard were being slowly appeased by the gradual suicide of the present occupants and their unholy interment under the gravel. A frowzy mourning of soot and smoke attired this forlorn creation of Barnard, and it had strewn ashes on its head, and was undergoing penance and humiliation as a mere dust-hole. Thus far my sense of sight; while dry rot and wet rot and all the silent rots that rot in neglected roof and cellar – rot of

rat and mouse and bug and coaching-stables near at hand besides – addressed themselves faintly to my sense of smell, and moaned, “Try Barnard’s Mixture”.

So imperfect was this realization of the first of my great expectations, that I looked in dismay at Mr. Wemmick. “Ah!” said he, mistaking me; “the retirement reminds you of the country. So it does me”.

He led me into a corner and conducted me up a flight of stairs – which appeared to me to be slowly collapsing into sawdust, so that one of those days the upper lodgers would look out at their doors and find themselves without the means of coming down – to a set of chambers on the top floor. MR. POCKET, JUN., was painted on the door, and there was a label on the letter-box, “Return shortly”.

“He hardly thought you’d come so soon”, Mr. Wemmick explained. “You don’t want me any more?”

“No, thank you”, said I.

“As I keep the cash”, Mr. Wemmick observed, “we shall most likely meet pretty often. Good day”.

“Good day”.

I put out my hand, and Mr. Wemmick at first looked at it as if he thought I wanted something. Then he looked at me, and said, correcting himself:

“To be sure! Yes. You’re in the habit of shaking hands?”

I was rather confused, thinking it must be out of the London fashion, but said yes.

“I have got so out of it!” said Mr. Wemmick – “except at last. Very glad, I’m sure, to make your acquaintance. Good day!”

When we had shaken hands and he was gone, I opened the staircase window and had nearly beheaded myself, for, the lines had rotted away, and it came down like the guillotine. Happily it was so quick that I had not put my head out. After this escape, I was content to take a foggy view of the Inn through the window’s encrusting dirt, and to stand dolefully looking out, saying to myself that London was decidedly overrated.

Mr. Pocket, Junior’s, idea of Shortly was not mine, for I had nearly maddened myself with looking out for half an hour, and had written my name with my finger several times in the dirt of every pane in the window, before I heard footsteps on the stairs. Gradually there arose before me the hat, head,

neckcloth, waistcoat, trousers, boots, of a member of society of about my own standing. He had a paper-bag under each arm and a pottle of strawberries in one hand, and was out of breath.

"Mr. Pip?" said he.

"Mr. Pocket?" said I.

"Dear me!" he exclaimed. "I am extremely sorry; but I knew there was a coach from your part of the country at midday, and I thought you would come by that one. The fact is, I have been out on your account – not that that is any excuse – for I thought, coming from the country, you might like a little fruit after dinner, and I went to Covent Garden Market to get it good".

For a reason that I had, I felt as if my eyes would start out of my head. I acknowledged his attention incoherently, and began to think this was a dream.

"Dear me!" said Mr. Pocket, Junior. "This door sticks so!"

As he was fast making jam of his fruit by wrestling with the door while the paper-bags were under his arms, I begged him to allow me to hold them. He relinquished them with an agreeable smile, and combated with the door as if it were a wild beast. It yielded so suddenly at last, that he staggered back upon me, and I staggered back upon the opposite door, and we both laughed. But still I felt as if my eyes must start out of my head, and as if this must be a dream.

"Pray come in", said Mr. Pocket, Junior. "Allow me to lead the way. I am rather bare here, but I hope you'll be able to make out tolerably well till Monday. My father thought you would get on more agreeably through tomorrow with me than with him, and might like to take a walk about London. I am sure I shall be very happy to show London to you. As to our table, you won't find that bad, I hope, for it will be supplied from our coffee-house here, and (it is only right I should add) at your expense, such being Mr. Jaggers's directions. As to our lodging, it's not by any means splendid, because I have my own bread to earn, and my father hasn't anything to give me, and I shouldn't be willing to take it, if he had. This is our sitting-room – just such chairs and tables and carpet and so forth, you see, as they could spare from home. You mustn't give me credit for the tablecloth and spoons and castors, because they come for you from the coffee-house. This is my little bedroom; rather musty, but Barnard's is musty. This is your bedroom;

the furniture's hired for the occasion, but I trust it will answer the purpose; if you should want anything, I'll go and fetch it. The chambers are retired, and we shall be alone together, but we shan't fight, I dare say. But dear me, I beg your pardon, you're holding the fruit all this time. Pray let me take these bags from you. I am quite ashamed".

As I stood opposite to Mr. Pocket, Junior, delivering him the bags, One, Two, I saw the starting appearance come into his own eyes that I knew to be in mine, and he said, falling back…

"Lord bless me, you're the prowling boy!"

"And you", said I, "are the pale young gentleman!"

CHAPTER XXII

The pale young gentleman and I stood contemplating one another in Barnard's Inn, until we both burst out laughing. "The idea of its being you!" said he. "The idea of its being you!" said I. And then we contemplated one another afresh, and laughed again. "Well!" said the pale young gentleman, reaching out his hand good-humoredly, "it's all over now, I hope, and it will be magnanimous in you if you'll forgive me for having knocked you about so".

I derived from this speech that Mr. Herbert Pocket (for Herbert was the pale young gentleman's name) still rather confounded his intention with his execution. But I made a modest reply, and we shook hands warmly.

"You hadn't come into your good fortune at that time?" said Herbert Pocket.

"No", said I.

"No", he acquiesced: "I heard it had happened very lately. I was rather on the lookout for good fortune then".

"Indeed?"

"Yes. Miss Havisham had sent for me, to see if she could take a fancy to me. But she couldn't – at all events, she didn't".

I thought it polite to remark that I was surprised to hear that.

"Bad taste", said Herbert, laughing, "but a fact. Yes, she had sent for me on a trial visit, and if I had come out of it successfully, I suppose I should have been provided for; perhaps I should have been what-you-may-called it to Estella".

"What's that?" I asked, with sudden gravity.

He was arranging his fruit in plates while we talked, which divided his attention, and was the cause of his having made this lapse of a word. "Affianced", he explained, still busy with the fruit. "Betrothed. Engaged. What's-his-named. Any word of that sort".

"How did you bear your disappointment?" I asked.

"Pooh!" said he, "I didn't care much for it. She's a Tartar".

"Miss Havisham?"

"I don't say no to that, but I meant Estella. That girl's hard and haughty and capricious to the last degree, and has been brought up by Miss Havisham to wreak revenge on all the male sex".

“What relation is she to Miss Havisham?”

“None”, said he. “Only adopted”.

“Why should she wreak revenge on all the male sex? What revenge?”

“Lord, Mr. Pip!” said he. “Don’t you know?”

“No”, said I.

“Dear me! It’s quite a story, and shall be saved till dinner-time. And now let me take the liberty of asking you a question. How did you come there, that day?”

I told him, and he was attentive until I had finished, and then burst out laughing again, and asked me if I was sore afterwards? I didn’t ask him if he was, for my conviction on that point was perfectly established.

“Mr. Jaggers is your guardian, I understand?” he went on.

“Yes”.

“You know he is Miss Havisham’s man of business and solicitor, and has her confidence when nobody else has?”

This was bringing me (I felt) towards dangerous ground. I answered with a constraint I made no attempt to disguise, that I had seen Mr. Jaggers in Miss Havisham’s house on the very day of our combat, but never at any other time, and that I believed he had no recollection of having ever seen me there.

“He was so obliging as to suggest my father for your tutor, and he called on my father to propose it. Of course he knew about my father from his connection with Miss Havisham. My father is Miss Havisham’s cousin; not that that implies familiar intercourse between them, for he is a bad courtier and will not propitiate her”.

Herbert Pocket had a frank and easy way with him that was very taking. I had never seen any one then, and I have never seen any one since, who more strongly expressed to me, in every look and tone, a natural incapacity to do anything secret and mean. There was something wonderfully hopeful about his general air, and something that at the same time whispered to me he would never be very successful or rich. I don’t know how this was. I became imbued with the notion on that first occasion before we sat down to dinner, but I cannot define by what means.

He was still a pale young gentleman, and had a certain conquered languor about him in the midst of his spirits and briskness, that did not seem indicative of natural strength. He had not a handsome face, but it was better than handsome: being extremely amiable and cheerful. His figure was a little

ungainly, as in the days when my knuckles had taken such liberties with it, but it looked as if it would always be light and young. Whether Mr. Trabb's local work would have sat more gracefully on him than on me, may be a question; but I am conscious that he carried off his rather old clothes much better than I carried off my new suit.

As he was so communicative, I felt that reserve on my part would be a bad return unsuited to our years. I therefore told him my small story, and laid stress on my being forbidden to inquire who my benefactor was. I further mentioned that as I had been brought up a blacksmith in a country place, and knew very little of the ways of politeness, I would take it as a great kindness in him if he would give me a hint whenever he saw me at a loss or going wrong.

"With pleasure", said he, "though I venture to prophesy that you'll want very few hints. I dare say we shall be often together, and I should like to banish any needless restraint between us. Will you do me the favour to begin at once to call me by my Christian name, Herbert?"

I thanked him and said I would. I informed him in exchange that my Christian name was Philip.

"I don't take to Philip", said he, smiling, "for it sounds like a moral boy out of the spelling-book, who was so lazy that he fell into a pond, or so fat that he couldn't see out of his eyes, or so avaricious that he locked up his cake till the mice ate it, or so determined to go a bird's-nesting that he got himself eaten by bears who lived handy in the neighborhood. I tell you what I should like. We are so harmonious, and you have been a blacksmith – -would you mind it?"

"I shouldn't mind anything that you propose", I answered, "but I don't understand you".

"Would you mind Handel for a familiar name? There's a charming piece of music by Handel, called the Harmonious Blacksmith".

"I should like it very much".

"Then, my dear Handel", said he, turning round as the door opened, "here is the dinner, and I must beg of you to take the top of the table, because the dinner is of your providing".

This I would not hear of, so he took the top, and I faced him. It was a nice little dinner – seemed to me then a very Lord Mayor's Feast – and it acquired additional relish from being eaten under those independent

circumstances, with no old people by, and with London all around us. This again was heightened by a certain gypsy character that set the banquet off; for while the table was, as Mr. Pumblechook might have said, the lap of luxury – being entirely furnished forth from the coffee-house – the circumjacent region of sitting-room was of a comparatively pastureless and shifty character; imposing on the waiter the wandering habits of putting the covers on the floor (where he fell over them), the melted butter in the arm-chair, the bread on the bookshelves, the cheese in the coal-scuttle, and the boiled fowl into my bed in the next room – where I found much of its parsley and butter in a state of congelation when I retired for the night. All this made the feast delightful, and when the waiter was not there to watch me, my pleasure was without alloy.

We had made some progress in the dinner, when I reminded Herbert of his promise to tell me about Miss Havisham.

"True", he replied. "I'll redeem it at once. Let me introduce the topic, Handel, by mentioning that in London it is not the custom to put the knife in the mouth – for fear of accidents – and that while the fork is reserved for that use, it is not put further in than necessary. It is scarcely worth mentioning, only it's as well to do as other people do. Also, the spoon is not generally used over-hand, but under. This has two advantages. You get at your mouth better (which after all is the object), and you save a good deal of the attitude of opening oysters, on the part of the right elbow".

He offered these friendly suggestions in such a lively way, that we both laughed and I scarcely blushed.

"Now", he pursued, "concerning Miss Havisham. Miss Havisham, you must know, was a spoilt child. Her mother died when she was a baby, and her father denied her nothing. Her father was a country gentleman down in your part of the world, and was a brewer. I don't know why it should be a crack thing to be a brewer; but it is indisputable that while you cannot possibly be genteel and bake, you may be as genteel as never was and brew. You see it every day".

"Yet a gentleman may not keep a public-house; may he?" said I.

"Not on any account", returned Herbert; "but a public-house may keep a gentleman. Well! Mr. Havisham was very rich and very proud. So was his daughter".

"Miss Havisham was an only child?" I hazarded.

“Stop a moment, I am coming to that. No, she was not an only child; she had a half-brother. Her father privately married again – his cook, I rather think”.

“I thought he was proud”, said I.

“My good Handel, so he was. He married his second wife privately, because he was proud, and in course of time she died. When she was dead, I apprehend he first told his daughter what he had done, and then the son became a part of the family, residing in the house you are acquainted with. As the son grew a young man, he turned out riotous, extravagant, undutiful – altogether bad. At last his father disinherited him; but he softened when he was dying, and left him well off, though not nearly so well off as Miss Havisham. – Take another glass of wine, and excuse my mentioning that society as a body does not expect one to be so strictly conscientious in emptying one’s glass, as to turn it bottom upwards with the rim on one’s nose”.

I had been doing this, in an excess of attention to his recital. I thanked him, and apologized. He said, “Not at all”, and resumed.

“Miss Havisham was now an heiress, and you may suppose was looked after as a great match. Her half-brother had now ample means again, but what with debts and what with new madness wasted them most fearfully again. There were stronger differences between him and her than there had been between him and his father, and it is suspected that he cherished a deep and mortal grudge against her as having influenced the father’s anger. Now, I come to the cruel part of the story – merely breaking off, my dear Handel, to remark that a dinner-napkin will not go into a tumbler”.

Why I was trying to pack mine into my tumbler, I am wholly unable to say. I only know that I found myself, with a perseverance worthy of a much better cause, making the most strenuous exertions to compress it within those limits. Again I thanked him and apologized, and again he said in the cheerfullest manner, “Not at all, I am sure!” and resumed.

“There appeared upon the scene – say at the races, or the public balls, or anywhere else you like – a certain man, who made love to Miss Havisham. I never saw him (for this happened five-and-twenty years ago, before you and I were, Handel), but I have heard my father mention that he was a showy man, and the kind of man for the purpose. But that he was not to be, without ignorance or prejudice, mistaken for a gentleman, my father most strongly

asseverates; because it is a principle of his that no man who was not a true gentleman at heart ever was, since the world began, a true gentleman in manner. He says, no varnish can hide the grain of the wood; and that the more varnish you put on, the more the grain will express itself. Well! This man pursued Miss Havisham closely, and professed to be devoted to her. I believe she had not shown much susceptibility up to that time; but all the susceptibility she possessed certainly came out then, and she passionately loved him. There is no doubt that she perfectly idolized him. He practised on her affection in that systematic way, that he got great sums of money from her, and he induced her to buy her brother out of a share in the brewery (which had been weakly left him by his father) at an immense price, on the plea that when he was her husband he must hold and manage it all. Your guardian was not at that time in Miss Havisham's counsels, and she was too haughty and too much in love to be advised by any one. Her relations were poor and scheming, with the exception of my father; he was poor enough, but not time-serving or jealous. The only independent one among them, he warned her that she was doing too much for this man, and was placing herself too unreservedly in his power. She took the first opportunity of angrily ordering my father out of the house, in his presence, and my father has never seen her since".

I thought of her having said, "Matthew will come and see me at last when I am laid dead upon that table;" and I asked Herbert whether his father was so inveterate against her?

"It's not that", said he, "but she charged him, in the presence of her intended husband, with being disappointed in the hope of fawning upon her for his own advancement, and, if he were to go to her now, it would look true – even to him – and even to her. To return to the man and make an end of him. The marriage day was fixed, the wedding dresses were bought, the wedding tour was planned out, the wedding guests were invited. The day came, but not the bridegroom. He wrote her a letter..."

"Which she received", I struck in, "when she was dressing for her marriage? At twenty minutes to nine?"

"At the hour and minute", said Herbert, nodding, "at which she afterwards stopped all the clocks. What was in it, further than that it most heartlessly broke the marriage off, I can't tell you, because I don't know. When she recovered from a bad illness that she had, she laid the whole place

waste, as you have seen it, and she has never since looked upon the light of day".

"Is that all the story?" I asked, after considering it.

"All I know of it; and indeed I only know so much, through piecing it out for myself; for my father always avoids it, and, even when Miss Havisham invited me to go there, told me no more of it than it was absolutely requisite I should understand. But I have forgotten one thing. It has been supposed that the man to whom she gave her misplaced confidence acted throughout in concert with her half-brother; that it was a conspiracy between them; and that they shared the profits".

"I wonder he didn't marry her and get all the property", said I.

"He may have been married already, and her cruel mortification may have been a part of her half-brother's scheme", said Herbert. "Mind! I don't know that".

"What became of the two men?" I asked, after again considering the subject.

"They fell into deeper shame and degradation – if there can be deeper – and ruin".

"Are they alive now?"

"I don't know".

"You said just now that Estella was not related to Miss Havisham, but adopted. When adopted?"

Herbert shrugged his shoulders. "There has always been an Estella, since I have heard of a Miss Havisham. I know no more. And now, Handel", said he, finally throwing off the story as it were, "there is a perfectly open understanding between us. All that I know about Miss Havisham, you know".

"And all that I know", I retorted, "you know".

"I fully believe it. So there can be no competition or perplexity between you and me. And as to the condition on which you hold your advancement in life – namely, that you are not to inquire or discuss to whom you owe it – you may be very sure that it will never be encroached upon, or even approached, by me, or by any one belonging to me".

In truth, he said this with so much delicacy, that I felt the subject done with, even though I should be under his father's roof for years and years to come. Yet he said it with so much meaning, too, that I felt he as perfectly understood Miss Havisham to be my benefactress, as I understood the fact

myself.

It had not occurred to me before, that he had led up to the theme for the purpose of clearing it out of our way; but we were so much the lighter and easier for having broached it, that I now perceived this to be the case. We were very gay and sociable, and I asked him, in the course of conversation, what he was? He replied, “A capitalist – an Insurer of Ships”. I suppose he saw me glancing about the room in search of some tokens of Shipping, or capital, for he added, “In the City”.

I had grand ideas of the wealth and importance of Insurers of Ships in the City, and I began to think with awe of having laid a young Insurer on his back, blackened his enterprising eye, and cut his responsible head open. But again there came upon me, for my relief, that odd impression that Herbert Pocket would never be very successful or rich.

“I shall not rest satisfied with merely employing my capital in insuring ships. I shall buy up some good Life Assurance shares, and cut into the Direction. I shall also do a little in the mining way. None of these things will interfere with my chartering a few thousand tons on my own account. I think I shall trade”, said he, leaning back in his chair, “to the East Indies, for silks, shawls, spices, dyes, drugs, and precious woods. It’s an interesting trade”.

“And the profits are large?” said I.

“Tremendous!” said he.

I wavered again, and began to think here were greater expectations than my own.

“I think I shall trade, also”, said he, putting his thumbs in his waist-coat pockets, “to the West Indies, for sugar, tobacco, and rum. Also to Ceylon, specially for elephants’ tusks”.

“You will want a good many ships”, said I.

“A perfect fleet”, said he.

Quite overpowered by the magnificence of these transactions, I asked him where the ships he insured mostly traded to at present?

“I haven’t begun insuring yet”, he replied. “I am looking about me”.

Somehow, that pursuit seemed more in keeping with Barnard’s Inn. I said (in a tone of conviction), “Ah-h!”

“Yes. I am in a counting-house, and looking about me”.

“Is a counting-house profitable?” I asked.

“To… do you mean to the young fellow who’s in it?” he asked, in

reply.

"Yes; to you".

"Why, n-no; not to me". He said this with the air of one carefully reckoning up and striking a balance. "Not directly profitable. That is, it doesn't pay me anything, and I have to – keep myself".

This certainly had not a profitable appearance, and I shook my head as if I would imply that it would be difficult to lay by much accumulative capital from such a source of income.

"But the thing is", said Herbert Pocket, "that you look about you. That's the grand thing. You are in a counting-house, you know, and you look about you".

It struck me as a singular implication that you couldn't be out of a counting-house, you know, and look about you; but I silently deferred to his experience.

"Then the time comes", said Herbert, "when you see your opening. And you go in, and you swoop upon it and you make your capital, and then there you are! When you have once made your capital, you have nothing to do but employ it".

This was very like his way of conducting that encounter in the garden; very like. His manner of bearing his poverty, too, exactly corresponded to his manner of bearing that defeat. It seemed to me that he took all blows and buffets now with just the same air as he had taken mine then. It was evident that he had nothing around him but the simplest necessaries, for everything that I remarked upon turned out to have been sent in on my account from the coffee-house or somewhere else.

Yet, having already made his fortune in his own mind, he was so unassuming with it that I felt quite grateful to him for not being puffed up. It was a pleasant addition to his naturally pleasant ways, and we got on famously. In the evening we went out for a walk in the streets, and went half-price to the Theatre; and next day we went to church at Westminster Abbey, and in the afternoon we walked in the Parks; and I wondered who shod all the horses there, and wished Joe did.

On a moderate computation, it was many months, that Sunday, since I had left Joe and Biddy. The space interposed between myself and them partook of that expansion, and our marshes were any distance off. That I could have been at our old church in my old church-going clothes, on the

very last Sunday that ever was, seemed a combination of impossibilities, geographical and social, solar and lunar. Yet in the London streets so crowded with people and so brilliantly lighted in the dusk of evening, there were depressing hints of reproaches for that I had put the poor old kitchen at home so far away; and in the dead of night, the footsteps of some incapable impostor of a porter mooning about Barnard's Inn, under pretence of watching it, fell hollow on my heart.

On the Monday morning at a quarter before nine, Herbert went to the counting-house to report himself – to look about him, too, I suppose – and I bore him company. He was to come away in an hour or two to attend me to Hammersmith, and I was to wait about for him. It appeared to me that the eggs from which young Insurers were hatched were incubated in dust and heat, like the eggs of ostriches, judging from the places to which those incipient giants repaired on a Monday morning. Nor did the counting-house where Herbert assisted, show in my eyes as at all a good Observatory; being a back second floor up a yard, of a grimy presence in all particulars, and with a look into another back second floor, rather than a look out.

I waited about until it was noon, and I went upon 'Change, and I saw fluey men sitting there under the bills about shipping, whom I took to be great merchants, though I couldn't understand why they should all be out of spirits. When Herbert came, we went and had lunch at a celebrated house which I then quite venerated, but now believe to have been the most abject superstition in Europe, and where I could not help noticing, even then, that there was much more gravy on the tablecloths and knives and waiters' clothes, than in the steaks. This collation disposed of at a moderate price (considering the grease, which was not charged for), we went back to Barnard's Inn and got my little portmanteau, and then took coach for Hammersmith. We arrived there at two or three o'clock in the afternoon, and had very little way to walk to Mr. Pocket's house. Lifting the latch of a gate, we passed direct into a little garden overlooking the river, where Mr. Pocket's children were playing about. And unless I deceive myself on a point where my interests or prepossessions are certainly not concerned, I saw that Mr. and Mrs. Pocket's children were not growing up or being brought up, but were tumbling up.

Mrs. Pocket was sitting on a garden chair under a tree, reading, with her legs upon another garden chair; and Mrs. Pocket's two nurse-maids were

looking about them while the children played. “Mamma”, said Herbert, “this is young Mr. Pip”. Upon which Mrs. Pocket received me with an appearance of amiable dignity.

“Master Alick and Miss Jane”, cried one of the nurses to two of the children, “if you go a bouncing up against them bushes you’ll fall over into the river and be drownded, and what’ll your pa say then?”

At the same time this nurse picked up Mrs. Pocket’s handkerchief, and said, “If that don’t make six times you’ve dropped it, Mum!” Upon which Mrs. Pocket laughed and said, “Thank you, Flopson”, and settling herself in one chair only, resumed her book. Her countenance immediately assumed a knitted and intent expression as if she had been reading for a week, but before she could have read half a dozen lines, she fixed her eyes upon me, and said, “I hope your mamma is quite well?” This unexpected inquiry put me into such a difficulty that I began saying in the absurdest way that if there had been any such person I had no doubt she would have been quite well and would have been very much obliged and would have sent her compliments, when the nurse came to my rescue.

“Well!” she cried, picking up the pocket-handkerchief, “if that don’t make seven times! What ARE you a doing of this afternoon, Mum!” Mrs. Pocket received her property, at first with a look of unutterable surprise as if she had never seen it before, and then with a laugh of recognition, and said, “Thank you, Flopson”, and forgot me, and went on reading.

I found, now I had leisure to count them, that there were no fewer than six little Pockets present, in various stages of tumbling up. I had scarcely arrived at the total when a seventh was heard, as in the region of air, wailing dolefully.

“If there ain’t Baby!” said Flopson, appearing to think it most surprising. “Make haste up, Millers”.

Millers, who was the other nurse, retired into the house, and by degrees the child’s wailing was hushed and stopped, as if it were a young ventriloquist with something in its mouth. Mrs. Pocket read all the time, and I was curious to know what the book could be.

We were waiting, I supposed, for Mr. Pocket to come out to us; at any rate we waited there, and so I had an opportunity of observing the remarkable family phenomenon that whenever any of the children strayed near Mrs. Pocket in their play, they always tripped themselves up and tumbled over her

– always very much to her momentary astonishment, and their own more enduring lamentation. I was at a loss to account for this surprising circumstance, and could not help giving my mind to speculations about it, until by and by Millers came down with the baby, which baby was handed to Flopson, which Flopson was handing it to Mrs. Pocket, when she too went fairly head foremost over Mrs. Pocket, baby and all, and was caught by Herbert and myself.

"Gracious me, Flopson!" said Mrs. Pocket, looking off her book for a moment, "everybody's tumbling!"

"Gracious you, indeed, Mum!" returned Flopson, very red in the face; "what have you got there?"

"I got here, Flopson?" asked Mrs. Pocket.

"Why, if it ain't your footstool!" cried Flopson. "And if you keep it under your skirts like that, who's to help tumbling? Here! Take the baby, Mum, and give me your book".

Mrs. Pocket acted on the advice, and inexpertly danced the infant a little in her lap, while the other children played about it. This had lasted but a very short time, when Mrs. Pocket issued summary orders that they were all to be taken into the house for a nap. Thus I made the second discovery on that first occasion, that the nurture of the little Pockets consisted of alternately tumbling up and lying down.

Under these circumstances, when Flopson and Millers had got the children into the house, like a little flock of sheep, and Mr. Pocket came out of it to make my acquaintance, I was not much surprised to find that Mr. Pocket was a gentleman with a rather perplexed expression of face, and with his very gray hair disordered on his head, as if he didn't quite see his way to putting anything straight.

CHAPTER XXIII

Mr. Pocket said he was glad to see me, and he hoped I was not sorry to see him. “For, I really am not”, he added, with his son’s smile, “an alarming personage”. He was a young-looking man, in spite of his perplexities and his very gray hair, and his manner seemed quite natural. I use the word natural, in the sense of its being unaffected; there was something comic in his distraught way, as though it would have been downright ludicrous but for his own perception that it was very near being so. When he had talked with me a little, he said to Mrs. Pocket, with a rather anxious contraction of his eyebrows, which were black and handsome, “Belinda, I hope you have welcomed Mr. Pip?” And she looked up from her book, and said, “Yes”. She then smiled upon me in an absent state of mind, and asked me if I liked the taste of orange-flower water? As the question had no bearing, near or remote, on any foregone or subsequent transaction, I consider it to have been thrown out, like her previous approaches, in general conversational condescension.

I found out within a few hours, and may mention at once, that Mrs. Pocket was the only daughter of a certain quite accidental deceased Knight, who had invented for himself a conviction that his deceased father would have been made a Baronet but for somebody’s determined opposition arising out of entirely personal motives – I forget whose, if I ever knew – the Sovereign’s, the Prime Minister’s, the Lord Chancellor’s, the Archbishop of Canterbury’s, anybody’s – and had tacked himself on to the nobles of the earth in right of this quite supposititious fact. I believe he had been knighted himself for storming the English grammar at the point of the pen, in a desperate address engrossed on vellum, on the occasion of the laying of the first stone of some building or other, and for handing some Royal Personage either the trowel or the mortar. Be that as it may, he had directed Mrs. Pocket to be brought up from her cradle as one who in the nature of things must marry a title, and who was to be guarded from the acquisition of plebeian domestic knowledge.

So successful a watch and ward had been established over the young lady by this judicious parent, that she had grown up highly ornamental, but perfectly helpless and useless. With her character thus happily formed, in the first bloom of her youth she had encountered Mr. Pocket: who was also in the

first bloom of youth, and not quite decided whether to mount to the Woolsack, or to roof himself in with a mitre. As his doing the one or the other was a mere question of time, he and Mrs. Pocket had taken Time by the forelock (when, to judge from its length, it would seem to have wanted cutting), and had married without the knowledge of the judicious parent. The judicious parent, having nothing to bestow or withhold but his blessing, had handsomely settled that dower upon them after a short struggle, and had informed Mr. Pocket that his wife was “a treasure for a Prince”. Mr. Pocket had invested the Prince’s treasure in the ways of the world ever since, and it was supposed to have brought him in but indifferent interest. Still, Mrs. Pocket was in general the object of a queer sort of respectful pity, because she had not married a title; while Mr. Pocket was the object of a queer sort of forgiving reproach, because he had never got one.

Mr. Pocket took me into the house and showed me my room: which was a pleasant one, and so furnished as that I could use it with comfort for my own private sitting-room. He then knocked at the doors of two other similar rooms, and introduced me to their occupants, by name Drummle and Startop. Drummle, an old-looking young man of a heavy order of architecture, was whistling. Startop, younger in years and appearance, was reading and holding his head, as if he thought himself in danger of exploding it with too strong a charge of knowledge.

Both Mr. and Mrs. Pocket had such a noticeable air of being in somebody else’s hands, that I wondered who really was in possession of the house and let them live there, until I found this unknown power to be the servants. It was a smooth way of going on, perhaps, in respect of saving trouble; but it had the appearance of being expensive, for the servants felt it a duty they owed to themselves to be nice in their eating and drinking, and to keep a deal of company down stairs. They allowed a very liberal table to Mr. and Mrs. Pocket, yet it always appeared to me that by far the best part of the house to have boarded in would have been the kitchen – always supposing the boarder capable of self-defence, for, before I had been there a week, a neighboring lady with whom the family were personally unacquainted, wrote in to say that she had seen Millers slapping the baby. This greatly distressed Mrs. Pocket, who burst into tears on receiving the note, and said that it was an extraordinary thing that the neighbors couldn’t mind their own business.

By degrees I learnt, and chiefly from Herbert, that Mr. Pocket had

been educated at Harrow and at Cambridge, where he had distinguished himself; but that when he had had the happiness of marrying Mrs. Pocket very early in life, he had impaired his prospects and taken up the calling of a Grinder. After grinding a number of dull blades – of whom it was remarkable that their fathers, when influential, were always going to help him to preferment, but always forgot to do it when the blades had left the Grindstone – he had wearied of that poor work and had come to London. Here, after gradually failing in loftier hopes, he had "read" with divers who had lacked opportunities or neglected them, and had refurbished divers others for special occasions, and had turned his acquirements to the account of literary compilation and correction, and on such means, added to some very moderate private resources, still maintained the house I saw.

Mr. and Mrs. Pocket had a toady neighbor; a widow lady of that highly sympathetic nature that she agreed with everybody, blessed everybody, and shed smiles and tears on everybody, according to circumstances. This lady's name was Mrs. Coiler, and I had the honor of taking her down to dinner on the day of my installation. She gave me to understand on the stairs, that it was a blow to dear Mrs. Pocket that dear Mr. Pocket should be under the necessity of receiving gentlemen to read with him. That did not extend to me, she told me in a gush of love and confidence (at that time, I had known her something less than five minutes); if they were all like Me, it would be quite another thing.

"But dear Mrs. Pocket", said Mrs. Coiler, "after her early disappointment (not that dear Mr. Pocket was to blame in that), requires so much luxury and elegance..."

"Yes, ma'am", I said, to stop her, for I was afraid she was going to cry.

"And she is of so aristocratic a disposition..."

"Yes, ma'am", I said again, with the same object as before.

"… That it is hard", said Mrs. Coiler, "to have dear Mr. Pocket's time and attention diverted from dear Mrs. Pocket".

I could not help thinking that it might be harder if the butcher's time and attention were diverted from dear Mrs. Pocket; but I said nothing, and indeed had enough to do in keeping a bashful watch upon my company manners.

It came to my knowledge, through what passed between Mrs. Pocket

and Drummle while I was attentive to my knife and fork, spoon, glasses, and other instruments of self-destruction, that Drummle, whose Christian name was Bentley, was actually the next heir but one to a baronetcy. It further appeared that the book I had seen Mrs. Pocket reading in the garden was all about titles, and that she knew the exact date at which her grandpapa would have come into the book, if he ever had come at all. Drummle didn't say much, but in his limited way (he struck me as a sulky kind of fellow) he spoke as one of the elect, and recognized Mrs. Pocket as a woman and a sister. No one but themselves and Mrs. Coiler the toady neighbor showed any interest in this part of the conversation, and it appeared to me that it was painful to Herbert; but it promised to last a long time, when the page came in with the announcement of a domestic affliction. It was, in effect, that the cook had mislaid the beef. To my unutterable amazement, I now, for the first time, saw Mr. Pocket relieve his mind by going through a performance that struck me as very extraordinary, but which made no impression on anybody else, and with which I soon became as familiar as the rest. He laid down the carving-knife and fork – being engaged in carving, at the moment – put his two hands into his disturbed hair, and appeared to make an extraordinary effort to lift himself up by it. When he had done this, and had not lifted himself up at all, he quietly went on with what he was about.

Mrs. Coiler then changed the subject and began to flatter me. I liked it for a few moments, but she flattered me so very grossly that the pleasure was soon over. She had a serpentine way of coming close at me when she pretended to be vitally interested in the friends and localities I had left, which was altogether snaky and fork-tongued; and when she made an occasional bounce upon Startop (who said very little to her), or upon Drummle (who said less), I rather envied them for being on the opposite side of the table.

After dinner the children were introduced, and Mrs. Coiler made admiring comments on their eyes, noses, and legs – a sagacious way of improving their minds. There were four little girls, and two little boys, besides the baby who might have been either, and the baby's next successor who was as yet neither. They were brought in by Flopson and Millers, much as though those two non-commissioned officers had been recruiting somewhere for children and had enlisted these, while Mrs. Pocket looked at the young Nobles that ought to have been as if she rather thought she had had the pleasure of inspecting them before, but didn't quite know what to make of

them.

“Here! Give me your fork, Mum, and take the baby”, said Flopson. “Don’t take it that way, or you’ll get its head under the table”.

Thus advised, Mrs. Pocket took it the other way, and got its head upon the table; which was announced to all present by a prodigious concussion.

“Dear, dear! Give it me back, Mum”, said Flopson; “and Miss Jane, come and dance to baby, do!”

One of the little girls, a mere mite who seemed to have prematurely taken upon herself some charge of the others, stepped out of her place by me, and danced to and from the baby until it left off crying, and laughed. Then, all the children laughed, and Mr. Pocket (who in the meantime had twice endeavored to lift himself up by the hair) laughed, and we all laughed and were glad.

Flopson, by dint of doubling the baby at the joints like a Dutch doll, then got it safely into Mrs. Pocket’s lap, and gave it the nut-crackers to play with; at the same time recommending Mrs. Pocket to take notice that the handles of that instrument were not likely to agree with its eyes, and sharply charging Miss Jane to look after the same. Then, the two nurses left the room, and had a lively scuffle on the staircase with a dissipated page who had waited at dinner, and who had clearly lost half his buttons at the gaming-table.

I was made very uneasy in my mind by Mrs. Pocket’s falling into a discussion with Drummle respecting two baronetcies, while she ate a sliced orange steeped in sugar and wine, and, forgetting all about the baby on her lap, who did most appalling things with the nut-crackers. At length little Jane, perceiving its young brains to be imperilled, softly left her place, and with many small artifices coaxed the dangerous weapon away. Mrs. Pocket finishing her orange at about the same time, and not approving of this, said to Jane:

“You naughty child, how dare you? Go and sit down this instant!”

“Mamma dear”, lisped the little girl, “baby ood have put hith eyeth out”.

“How dare you tell me so?” retorted Mrs. Pocket. “Go and sit down in your chair this moment!”

Mrs. Pocket’s dignity was so crushing, that I felt quite abashed, as if I myself had done something to rouse it.

“Belinda”, remonstrated Mr. Pocket, from the other end of the table, “how can you be so unreasonable? Jane only interfered for the protection of baby”.

“I will not allow anybody to interfere”, said Mrs. Pocket. “I am surprised, Matthew, that you should expose me to the affront of interference”.

“Good God!” cried Mr. Pocket, in an outbreak of desolate desperation. “Are infants to be nut-crackered into their tombs, and is nobody to save them?”

“I will not be interfered with by Jane”, said Mrs. Pocket, with a majestic glance at that innocent little offender. “I hope I know my poor grandpapa’s position. Jane, indeed!”

Mr. Pocket got his hands in his hair again, and this time really did lift himself some inches out of his chair. “Hear this!” he helplessly exclaimed to the elements. “Babies are to be nut-crackered dead, for people’s poor grandpapa’s positions!” Then he let himself down again, and became silent.

We all looked awkwardly at the tablecloth while this was going on. A pause succeeded, during which the honest and irrepressible baby made a series of leaps and crows at little Jane, who appeared to me to be the only member of the family (irrespective of servants) with whom it had any decided acquaintance.

“Mr. Drummle”, said Mrs. Pocket, “will you ring for Flopson? Jane, you undutiful little thing, go and lie down. Now, baby darling, come with ma!”

The baby was the soul of honor, and protested with all its might. It doubled itself up the wrong way over Mrs. Pocket’s arm, exhibited a pair of knitted shoes and dimpled ankles to the company in lieu of its soft face, and was carried out in the highest state of mutiny. And it gained its point after all, for I saw it through the window within a few minutes, being nursed by little Jane.

It happened that the other five children were left behind at the dinner-table, through Flopson’s having some private engagement, and their not being anybody else’s business. I thus became aware of the mutual relations between them and Mr. Pocket, which were exemplified in the following manner. Mr. Pocket, with the normal perplexity of his face heightened and his hair rumpled, looked at them for some minutes, as if he couldn’t make out how they came to be boarding and lodging in that establishment, and why

they hadn’t been billeted by Nature on somebody else. Then, in a distant Missionary way he asked them certain questions – as why little Joe had that hole in his frill, who said, Pa, Flopson was going to mend it when she had time – and how little Fanny came by that whitlow, who said, Pa, Millers was going to poultice it when she didn’t forget. Then, he melted into parental tenderness, and gave them a shilling apiece and told them to go and play; and then as they went out, with one very strong effort to lift himself up by the hair he dismissed the hopeless subject.

In the evening there was rowing on the river. As Drummle and Startop had each a boat, I resolved to set up mine, and to cut them both out. I was pretty good at most exercises in which country boys are adepts, but as I was conscious of wanting elegance of style for the Thames – not to say for other waters – I at once engaged to place myself under the tuition of the winner of a prize-wherry who plied at our stairs, and to whom I was introduced by my new allies. This practical authority confused me very much by saying I had the arm of a blacksmith. If he could have known how nearly the compliment lost him his pupil, I doubt if he would have paid it.

There was a supper-tray after we got home at night, and I think we should all have enjoyed ourselves, but for a rather disagreeable domestic occurrence. Mr. Pocket was in good spirits, when a housemaid came in, and said, “If you please, sir, I should wish to speak to you”.

“Speak to your master?” said Mrs. Pocket, whose dignity was roused again. “How can you think of such a thing? Go and speak to Flopson. Or speak to me – at some other time”.

“Begging your pardon, ma’am”, returned the housemaid, “I should wish to speak at once, and to speak to master”.

Hereupon, Mr. Pocket went out of the room, and we made the best of ourselves until he came back.

“This is a pretty thing, Belinda!” said Mr. Pocket, returning with a countenance expressive of grief and despair. “Here’s the cook lying insensibly drunk on the kitchen floor, with a large bundle of fresh butter made up in the cupboard ready to sell for grease!”

Mrs. Pocket instantly showed much amiable emotion, and said, “This is that odious Sophia’s doing!”

“What do you mean, Belinda?” demanded Mr. Pocket.

“Sophia has told you”, said Mrs. Pocket. “Did I not see her with my

own eyes and hear her with my own ears, come into the room just now and ask to speak to you?”

“But has she not taken me down stairs, Belinda”, returned Mr. Pocket, “and shown me the woman, and the bundle too?”

“And do you defend her, Matthew”, said Mrs. Pocket, “for making mischief?”

Mr. Pocket uttered a dismal groan.

“Am I, grandpapa’s granddaughter, to be nothing in the house?” said Mrs. Pocket. “Besides, the cook has always been a very nice respectful woman, and said in the most natural manner when she came to look after the situation, that she felt I was born to be a Duchess”.

There was a sofa where Mr. Pocket stood, and he dropped upon it in the attitude of the Dying Gladiator. Still in that attitude he said, with a hollow voice, “Good night, Mr. Pip”, when I deemed it advisable to go to bed and leave him.

CHAPTER XXIV

After two or three days, when I had established myself in my room and had gone backwards and forwards to London several times, and had ordered all I wanted of my tradesmen, Mr. Pocket and I had a long talk together. He knew more of my intended career than I knew myself, for he referred to his having been told by Mr. Jaggers that I was not designed for any profession, and that I should be well enough educated for my destiny if I could “hold my own” with the average of young men in prosperous circumstances. I acquiesced, of course, knowing nothing to the contrary.

He advised my attending certain places in London, for the acquisition of such mere rudiments as I wanted, and my investing him with the functions of explainer and director of all my studies. He hoped that with intelligent assistance I should meet with little to discourage me, and should soon be able to dispense with any aid but his. Through his way of saying this, and much more to similar purpose, he placed himself on confidential terms with me in an admirable manner; and I may state at once that he was always so zealous and honorable in fulfilling his compact with me, that he made me zealous and honorable in fulfilling mine with him. If he had shown indifference as a master, I have no doubt I should have returned the compliment as a pupil; he gave me no such excuse, and each of us did the other justice. Nor did I ever regard him as having anything ludicrous about him – or anything but what was serious, honest, and good – in his tutor communication with me.

When these points were settled, and so far carried out as that I had begun to work in earnest, it occurred to me that if I could retain my bedroom in Barnard’s Inn, my life would be agreeably varied, while my manners would be none the worse for Herbert’s society. Mr. Pocket did not object to this arrangement, but urged that before any step could possibly be taken in it, it must be submitted to my guardian. I felt that this delicacy arose out of the consideration that the plan would save Herbert some expense, so I went off to Little Britain and imparted my wish to Mr. Jaggers.

“If I could buy the furniture now hired for me”, said I, “and one or two other little things, I should be quite at home there”.

“Go it!” said Mr. Jaggers, with a short laugh. “I told you you’d get on. Well! How much do you want?”

I said I didn’t know how much.

“Come!” retorted Mr. Jaggers. “How much? Fifty pounds?”

“O, not nearly so much”.

“Five pounds?” said Mr. Jaggers.

This was such a great fall, that I said in discomfiture, “O, more than that”.

“More than that, eh!” retorted Mr. Jaggers, lying in wait for me, with his hands in his pockets, his head on one side, and his eyes on the wall behind me; “how much more?”

“It is so difficult to fix a sum”, said I, hesitating.

“Come!” said Mr. Jaggers. “Let’s get at it. Twice five; will that do? Three times five; will that do? Four times five; will that do?”

I said I thought that would do handsomely.

“Four times five will do handsomely, will it?” said Mr. Jaggers, knitting his brows. “Now, what do you make of four times five?”

“What do I make of it?”

“Ah!” said Mr. Jaggers; “how much?”

“I suppose you make it twenty pounds”, said I, smiling.

“Never mind what I make it, my friend”, observed Mr. Jaggers, with a knowing and contradictory toss of his head. “I want to know what you make it”.

“Twenty pounds, of course”.

“Wemmick!” said Mr. Jaggers, opening his office door. “Take Mr. Pip’s written order, and pay him twenty pounds”.

This strongly marked way of doing business made a strongly marked impression on me, and that not of an agreeable kind. Mr. Jaggers never laughed; but he wore great bright creaking boots, and, in poising himself on these boots, with his large head bent down and his eyebrows joined together, awaiting an answer, he sometimes caused the boots to creak, as if they laughed in a dry and suspicious way. As he happened to go out now, and as Wemmick was brisk and talkative, I said to Wemmick that I hardly knew what to make of Mr. Jaggers’s manner.

“Tell him that, and he’ll take it as a compliment”, answered Wemmick; “he don’t mean that you should know what to make of it. – Oh!” for I looked surprised, “it’s not personal; it’s professional: only professional”.

Wemmick was at his desk, lunching – and crunching – on a dry hard biscuit; pieces of which he threw from time to time into his slit of a mouth, as

if he were posting them.

"Always seems to me", said Wemmick, "as if he had set a man-trap and was watching it. Suddenly-click – you're caught!"

Without remarking that man-traps were not among the amenities of life, I said I supposed he was very skilful?

"Deep", said Wemmick, "as Australia". Pointing with his pen at the office floor, to express that Australia was understood, for the purposes of the figure, to be symmetrically on the opposite spot of the globe. "If there was anything deeper", added Wemmick, bringing his pen to paper, "he'd be it".

Then, I said I supposed he had a fine business, and Wemmick said, "Ca-pi-tal!" Then I asked if there were many clerks? to which he replied:

"We don't run much into clerks, because there's only one Jaggers, and people won't have him at second hand. There are only four of us. Would you like to see 'em? You are one of us, as I may say".

I accepted the offer. When Mr. Wemmick had put all the biscuit into the post, and had paid me my money from a cash-box in a safe, the key of which safe he kept somewhere down his back and produced from his coat-collar like an iron-pigtail, we went up stairs. The house was dark and shabby, and the greasy shoulders that had left their mark in Mr. Jaggers's room seemed to have been shuffling up and down the staircase for years. In the front first floor, a clerk who looked something between a publican and a rat-catcher – a large pale, puffed, swollen man – was attentively engaged with three or four people of shabby appearance, whom he treated as unceremoniously as everybody seemed to be treated who contributed to Mr. Jaggers's coffers. "Getting evidence together", said Mr. Wemmick, as we came out, "for the Bailey". In the room over that, a little flabby terrier of a clerk with dangling hair (his cropping seemed to have been forgotten when he was a puppy) was similarly engaged with a man with weak eyes, whom Mr. Wemmick presented to me as a smelter who kept his pot always boiling, and who would melt me anything I pleased – and who was in an excessive white-perspiration, as if he had been trying his art on himself. In a back room, a high-shouldered man with a face-ache tied up in dirty flannel, who was dressed in old black clothes that bore the appearance of having been waxed, was stooping over his work of making fair copies of the notes of the other two gentlemen, for Mr. Jaggers's own use.

This was all the establishment. When we went down stairs again,

Wemmick led me into my guardian's room, and said, "This you've seen already".

"Pray", said I, as the two odious casts with the twitchy leer upon them caught my sight again, "whose likenesses are those?"

"These?" said Wemmick, getting upon a chair, and blowing the dust off the horrible heads before bringing them down. "These are two celebrated ones. Famous clients of ours that got us a world of credit. This chap (why you must have come down in the night and been peeping into the inkstand, to get this blot upon your eyebrow, you old rascal!) murdered his master, and, considering that he wasn't brought up to evidence, didn't plan it badly".

"Is it like him?" I asked, recoiling from the brute, as Wemmick spat upon his eyebrow and gave it a rub with his sleeve.

"Like him? It's himself, you know. The cast was made in Newgate, directly after he was taken down. You had a particular fancy for me, hadn't you, Old Artful?" said Wemmick. He then explained this affectionate apostrophe, by touching his brooch representing the lady and the weeping willow at the tomb with the urn upon it, and saying, "Had it made for me, express!"

"Is the lady anybody?" said I.

"No", returned Wemmick. "Only his game. (You liked your bit of game, didn't you?) No; deuce a bit of a lady in the case, Mr. Pip, except one – and she wasn't of this slender lady-like sort, and you wouldn't have caught her looking after this urn, unless there was something to drink in it". Wemmick's attention being thus directed to his brooch, he put down the cast, and polished the brooch with his pocket-handkerchief.

"Did that other creature come to the same end?" I asked. "He has the same look".

"You're right", said Wemmick; "it's the genuine look. Much as if one nostril was caught up with a horse-hair and a little fish-hook. Yes, he came to the same end; quite the natural end here, I assure you. He forged wills, this blade did, if he didn't also put the supposed testators to sleep too. You were a gentlemanly Cove, though" (Mr. Wemmick was again apostrophizing), "and you said you could write Greek. Yah, Bounceable! What a liar you were! I never met such a liar as you!" Before putting his late friend on his shelf again, Wemmick touched the largest of his mourning rings and said, "Sent out to buy it for me, only the day before".

While he was putting up the other cast and coming down from the chair, the thought crossed my mind that all his personal jewelry was derived from like sources. As he had shown no diffidence on the subject, I ventured on the liberty of asking him the question, when he stood before me, dusting his hands.

"O yes", he returned, "these are all gifts of that kind. One brings another, you see; that's the way of it. I always take 'em. They're curiosities. And they're property. They may not be worth much, but, after all, they're property and portable. It don't signify to you with your brilliant lookout, but as to myself, my guiding-star always is, 'Get hold of portable property'".

When I had rendered homage to this light, he went on to say, in a friendly manner:

"If at any odd time when you have nothing better to do, you wouldn't mind coming over to see me at Walworth, I could offer you a bed, and I should consider it an honor. I have not much to show you; but such two or three curiosities as I have got you might like to look over; and I am fond of a bit of garden and a summer-house".

I said I should be delighted to accept his hospitality.

"Thankee", said he; "then we'll consider that it's to come off, when convenient to you. Have you dined with Mr. Jaggers yet?"

"Not yet".

"Well", said Wemmick, "he'll give you wine, and good wine. I'll give you punch, and not bad punch. And now I'll tell you something. When you go to dine with Mr. Jaggers, look at his housekeeper".

"Shall I see something very uncommon?"

"Well", said Wemmick, "you'll see a wild beast tamed. Not so very uncommon, you'll tell me. I reply, that depends on the original wildness of the beast, and the amount of taming. It won't lower your opinion of Mr. Jaggers's powers. Keep your eye on it".

I told him I would do so, with all the interest and curiosity that his preparation awakened. As I was taking my departure, he asked me if I would like to devote five minutes to seeing Mr. Jaggers "at it?"

For several reasons, and not least because I didn't clearly know what Mr. Jaggers would be found to be "at", I replied in the affirmative. We dived into the City, and came up in a crowded police-court, where a blood-relation (in the murderous sense) of the deceased, with the fanciful taste in brooches,

was standing at the bar, uncomfortably chewing something; while my guardian had a woman under examination or cross-examination – I don't know which – and was striking her, and the bench, and everybody present, with awe. If anybody, of whatsoever degree, said a word that he didn't approve of, he instantly required to have it "taken down". If anybody wouldn't make an admission, he said, "I'll have it out of you!" and if anybody made an admission, he said, "Now I have got you!" The magistrates shivered under a single bite of his finger. Thieves and thief-takers hung in dread rapture on his words, and shrank when a hair of his eyebrows turned in their direction. Which side he was on I couldn't make out, for he seemed to me to be grinding the whole place in a mill; I only know that when I stole out on tiptoe, he was not on the side of the bench; for, he was making the legs of the old gentleman who presided, quite convulsive under the table, by his denunciations of his conduct as the representative of British law and justice in that chair that day.

CHAPTER XXV

Bentley Drummle, who was so sulky a fellow that he even took up a book as if its writer had done him an injury, did not take up an acquaintance in a more agreeable spirit. Heavy in figure, movement, and comprehension – in the sluggish complexion of his face, and in the large, awkward tongue that seemed to loll about in his mouth as he himself lolled about in a room – he was idle, proud, niggardly, reserved, and suspicious. He came of rich people down in Somersetshire, who had nursed this combination of qualities until they made the discovery that it was just of age and a blockhead. Thus, Bentley Drummle had come to Mr. Pocket when he was a head taller than that gentleman, and half a dozen heads thicker than most gentlemen.

Startop had been spoilt by a weak mother and kept at home when he ought to have been at school, but he was devotedly attached to her, and admired her beyond measure. He had a woman's delicacy of feature, and was…" as you may see, though you never saw her", said Herbert to me – "exactly like his mother". It was but natural that I should take to him much more kindly than to Drummle, and that, even in the earliest evenings of our boating, he and I should pull homeward abreast of one another, conversing from boat to boat, while Bentley Drummle came up in our wake alone, under the overhanging banks and among the rushes. He would always creep inshore like some uncomfortable amphibious creature, even when the tide would have sent him fast upon his way; and I always think of him as coming after us in the dark or by the back-water, when our own two boats were breaking the sunset or the moonlight in mid-stream.

Herbert was my intimate companion and friend. I presented him with a half-share in my boat, which was the occasion of his often coming down to Hammersmith; and my possession of a half-share in his chambers often took me up to London. We used to walk between the two places at all hours. I have an affection for the road yet (though it is not so pleasant a road as it was then), formed in the impressibility of untried youth and hope.

When I had been in Mr. Pocket's family a month or two, Mr. and Mrs. Camilla turned up. Camilla was Mr. Pocket's sister. Georgiana, whom I had seen at Miss Havisham's on the same occasion, also turned up. She was a cousin – an indigestive single woman, who called her rigidity religion, and her liver love. These people hated me with the hatred of cupidity and

disappointment. As a matter of course, they fawned upon me in my prosperity with the basest meanness. Towards Mr. Pocket, as a grown-up infant with no notion of his own interests, they showed the complacent forbearance I had heard them express. Mrs. Pocket they held in contempt; but they allowed the poor soul to have been heavily disappointed in life, because that shed a feeble reflected light upon themselves.

These were the surroundings among which I settled down, and applied myself to my education. I soon contracted expensive habits, and began to spend an amount of money that within a few short months I should have thought almost fabulous; but through good and evil I stuck to my books. There was no other merit in this, than my having sense enough to feel my deficiencies. Between Mr. Pocket and Herbert I got on fast; and, with one or the other always at my elbow to give me the start I wanted, and clear obstructions out of my road, I must have been as great a dolt as Drummle if I had done less.

I had not seen Mr. Wemmick for some weeks, when I thought I would write him a note and propose to go home with him on a certain evening. He replied that it would give him much pleasure, and that he would expect me at the office at six o'clock. Thither I went, and there I found him, putting the key of his safe down his back as the clock struck.

"Did you think of walking down to Walworth?" said he.

"Certainly", said I, "if you approve".

"Very much", was Wemmick's reply, "for I have had my legs under the desk all day, and shall be glad to stretch them. Now, I'll tell you what I have got for supper, Mr. Pip. I have got a stewed steak – which is of home preparation – and a cold roast fowl – which is from the cook's-shop. I think it's tender, because the master of the shop was a Juryman in some cases of ours the other day, and we let him down easy. I reminded him of it when I bought the fowl, and I said, "Pick us out a good one, old Briton, because if we had chosen to keep you in the box another day or two, we could easily have done it". He said to that, "Let me make you a present of the best fowl in the shop". I let him, of course. As far as it goes, it's property and portable. You don't object to an aged parent, I hope?"

I really thought he was still speaking of the fowl, until he added, "Because I have got an aged parent at my place". I then said what politeness required.

“So, you haven’t dined with Mr. Jaggers yet?” he pursued, as we walked along.

“Not yet”.

“He told me so this afternoon when he heard you were coming. I expect you’ll have an invitation tomorrow. He’s going to ask your pals, too. Three of ‘em; ain’t there?”

Although I was not in the habit of counting Drummle as one of my intimate associates, I answered, “Yes”.

“Well, he’s going to ask the whole gang”, I hardly felt complimented by the word, “and whatever he gives you, he’ll give you good. Don’t look forward to variety, but you’ll have excellence. And there’s another rum thing in his house”, proceeded Wemmick, after a moment’s pause, as if the remark followed on the housekeeper understood; “he never lets a door or window be fastened at night”.

“Is he never robbed?”

“That’s it!” returned Wemmick. “He says, and gives it out publicly, “I want to see the man who’ll rob me”. Lord bless you, I have heard him, a hundred times, if I have heard him once, say to regular cracksmen in our front office, “You know where I live; now, no bolt is ever drawn there; why don’t you do a stroke of business with me? Come; can’t I tempt you?” Not a man of them, sir, would be bold enough to try it on, for love or money”.

“They dread him so much?” said I.

“Dread him”, said Wemmick. “I believe you they dread him. Not but what he’s artful, even in his defiance of them. No silver, sir. Britannia metal, every spoon”.

“So they wouldn’t have much”, I observed, “even if they...”

“Ah! But he would have much”, said Wemmick, cutting me short, “and they know it. He’d have their lives, and the lives of scores of ‘em. He’d have all he could get. And it’s impossible to say what he couldn’t get, if he gave his mind to it”.

I was falling into meditation on my guardian’s greatness, when Wemmick remarked:

“As to the absence of plate, that’s only his natural depth, you know. A river’s its natural depth, and he’s his natural depth. Look at his watch-chain. That’s real enough”.

“It’s very massive”, said I.

“Massive?” repeated Wemmick. “I think so. And his watch is a gold repeater, and worth a hundred pound if it’s worth a penny. Mr. Pip, there are about seven hundred thieves in this town who know all about that watch; there’s not a man, a woman, or a child, among them, who wouldn’t identify the smallest link in that chain, and drop it as if it was red hot, if inveigled into touching it”.

At first with such discourse, and afterwards with conversation of a more general nature, did Mr. Wemmick and I beguile the time and the road, until he gave me to understand that we had arrived in the district of Walworth.

It appeared to be a collection of back lanes, ditches, and little gardens, and to present the aspect of a rather dull retirement. Wemmick’s house was a little wooden cottage in the midst of plots of garden, and the top of it was cut out and painted like a battery mounted with guns.

“My own doing”, said Wemmick. “Looks pretty; don’t it?”

I highly commended it, I think it was the smallest house I ever saw; with the queerest gothic windows (by far the greater part of them sham), and a gothic door almost too small to get in at.

“That’s a real flagstaff, you see”, said Wemmick, “and on Sundays I run up a real flag. Then look here. After I have crossed this bridge, I hoist it up-so… and cut off the communication”.

The bridge was a plank, and it crossed a chasm about four feet wide and two deep. But it was very pleasant to see the pride with which he hoisted it up and made it fast; smiling as he did so, with a relish and not merely mechanically.

“At nine o’clock every night, Greenwich time”, said Wemmick, “the gun fires. There he is, you see! And when you hear him go, I think you’ll say he’s a Stinger”.

The piece of ordnance referred to, was mounted in a separate fortress, constructed of lattice-work. It was protected from the weather by an ingenious little tarpaulin contrivance in the nature of an umbrella.

“Then, at the back”, said Wemmick, “out of sight, so as not to impede the idea of fortifications – for it’s a principle with me, if you have an idea, carry it out and keep it up – I don’t know whether that’s your opinion...”

I said, decidedly.

“ … At the back, there’s a pig, and there are fowls and rabbits; then, I

knock together my own little frame, you see, and grow cucumbers; and you'll judge at supper what sort of a salad I can raise. So, sir", said Wemmick, smiling again, but seriously too, as he shook his head, "if you can suppose the little place besieged, it would hold out a devil of a time in point of provisions".

Then, he conducted me to a bower about a dozen yards off, but which was approached by such ingenious twists of path that it took quite a long time to get at; and in this retreat our glasses were already set forth. Our punch was cooling in an ornamental lake, on whose margin the bower was raised. This piece of water (with an island in the middle which might have been the salad for supper) was of a circular form, and he had constructed a fountain in it, which, when you set a little mill going and took a cork out of a pipe, played to that powerful extent that it made the back of your hand quite wet.

"I am my own engineer, and my own carpenter, and my own plumber, and my own gardener, and my own Jack of all Trades", said Wemmick, in acknowledging my compliments. "Well; it's a good thing, you know. It brushes the Newgate cobwebs away, and pleases the Aged. You wouldn't mind being at once introduced to the Aged, would you? It wouldn't put you out?"

I expressed the readiness I felt, and we went into the castle. There we found, sitting by a fire, a very old man in a flannel coat: clean, cheerful, comfortable, and well cared for, but intensely deaf.

"Well aged parent", said Wemmick, shaking hands with him in a cordial and jocose way, "how am you?"

"All right, John; all right!" replied the old man.

"Here's Mr. Pip, aged parent", said Wemmick, "and I wish you could hear his name. Nod away at him, Mr. Pip; that's what he likes. Nod away at him, if you please, like winking!"

"This is a fine place of my son's, sir", cried the old man, while I nodded as hard as I possibly could. "This is a pretty pleasure-ground, sir. This spot and these beautiful works upon it ought to be kept together by the Nation, after my son's time, for the people's enjoyment".

"You're as proud of it as Punch; ain't you, Aged?" said Wemmick, contemplating the old man, with his hard face really softened; "there's a nod for you;" giving him a tremendous one; "there's another for you;" giving him a still more tremendous one; "you like that, don't you? If you're not tired,

Mr. Pip – though I know it's tiring to strangers – will you tip him one more? You can't think how it pleases him".

I tipped him several more, and he was in great spirits. We left him bestirring himself to feed the fowls, and we sat down to our punch in the arbor; where Wemmick told me, as he smoked a pipe, that it had taken him a good many years to bring the property up to its present pitch of perfection.

"Is it your own, Mr. Wemmick?"

"O yes", said Wemmick, "I have got hold of it, a bit at a time. It's a freehold, by George!"

"Is it indeed? I hope Mr. Jaggers admires it?"

"Never seen it", said Wemmick. "Never heard of it. Never seen the Aged. Never heard of him. No; the office is one thing, and private life is another. When I go into the office, I leave the Castle behind me, and when I come into the Castle, I leave the office behind me. If it's not in any way disagreeable to you, you'll oblige me by doing the same. I don't wish it professionally spoken about".

Of course I felt my good faith involved in the observance of his request. The punch being very nice, we sat there drinking it and talking, until it was almost nine o'clock. "Getting near gun-fire", said Wemmick then, as he laid down his pipe; "it's the Aged's treat".

Proceeding into the Castle again, we found the Aged heating the poker, with expectant eyes, as a preliminary to the performance of this great nightly ceremony. Wemmick stood with his watch in his hand until the moment was come for him to take the red-hot poker from the Aged, and repair to the battery. He took it, and went out, and presently the Stinger went off with a Bang that shook the crazy little box of a cottage as if it must fall to pieces, and made every glass and teacup in it ring. Upon this, the Aged – who I believe would have been blown out of his arm-chair but for holding on by the elbows – cried out exultingly, "He's fired! I heerd him!" and I nodded at the old gentleman until it is no figure of speech to declare that I absolutely could not see him.

The interval between that time and supper Wemmick devoted to showing me his collection of curiosities. They were mostly of a felonious character; comprising the pen with which a celebrated forgery had been committed, a distinguished razor or two, some locks of hair, and several manuscript confessions written under condemnation – upon which Mr.

Wemmick set particular value as being, to use his own words, “every one of ‘em Lies, sir”. These were agreeably dispersed among small specimens of china and glass, various neat trifles made by the proprietor of the museum, and some tobacco-stoppers carved by the Aged. They were all displayed in that chamber of the Castle into which I had been first inducted, and which served, not only as the general sitting-room but as the kitchen too, if I might judge from a saucepan on the hob, and a brazen bijou over the fireplace designed for the suspension of a roasting-jack.

There was a neat little girl in attendance, who looked after the Aged in the day. When she had laid the supper-cloth, the bridge was lowered to give her means of egress, and she withdrew for the night. The supper was excellent; and though the Castle was rather subject to dry-rot insomuch that it tasted like a bad nut, and though the pig might have been farther off, I was heartily pleased with my whole entertainment. Nor was there any drawback on my little turret bedroom, beyond there being such a very thin ceiling between me and the flagstaff, that when I lay down on my back in bed, it seemed as if I had to balance that pole on my forehead all night.

Wemmick was up early in the morning, and I am afraid I heard him cleaning my boots. After that, he fell to gardening, and I saw him from my gothic window pretending to employ the Aged, and nodding at him in a most devoted manner. Our breakfast was as good as the supper, and at half-past eight precisely we started for Little Britain. By degrees, Wemmick got dryer and harder as we went along, and his mouth tightened into a post-office again. At last, when we got to his place of business and he pulled out his key from his coat-collar, he looked as unconscious of his Walworth property as if the Castle and the drawbridge and the arbor and the lake and the fountain and the Aged, had all been blown into space together by the last discharge of the Stinger.

CHAPTER XXVI

It fell out as Wemmick had told me it would, that I had an early opportunity of comparing my guardian's establishment with that of his cashier and clerk. My guardian was in his room, washing his hands with his scented soap, when I went into the office from Walworth; and he called me to him, and gave me the invitation for myself and friends which Wemmick had prepared me to receive. "No ceremony", he stipulated, "and no dinner dress, and say tomorrow". I asked him where we should come to (for I had no idea where he lived), and I believe it was in his general objection to make anything like an admission, that he replied, "Come here, and I'll take you home with me". I embrace this opportunity of remarking that he washed his clients off, as if he were a surgeon or a dentist. He had a closet in his room, fitted up for the purpose, which smelt of the scented soap like a perfumer's shop. It had an unusually large jack-towel on a roller inside the door, and he would wash his hands, and wipe them and dry them all over this towel, whenever he came in from a police court or dismissed a client from his room. When I and my friends repaired to him at six o'clock next day, he seemed to have been engaged on a case of a darker complexion than usual, for we found him with his head butted into this closet, not only washing his hands, but laving his face and gargling his throat. And even when he had done all that, and had gone all round the jack-towel, he took out his penknife and scraped the case out of his nails before he put his coat on.

There were some people slinking about as usual when we passed out into the street, who were evidently anxious to speak with him; but there was something so conclusive in the halo of scented soap which encircled his presence, that they gave it up for that day. As we walked along westward, he was recognized ever and again by some face in the crowd of the streets, and whenever that happened he talked louder to me; but he never otherwise recognized anybody, or took notice that anybody recognized him.

He conducted us to Gerrard Street, Soho, to a house on the south side of that street. Rather a stately house of its kind, but dolefully in want of painting, and with dirty windows. He took out his key and opened the door, and we all went into a stone hall, bare, gloomy, and little used. So, up a dark brown staircase into a series of three dark brown rooms on the first floor. There were carved garlands on the panelled walls, and as he stood among

them giving us welcome, I know what kind of loops I thought they looked like.

Dinner was laid in the best of these rooms; the second was his dressing-room; the third, his bedroom. He told us that he held the whole house, but rarely used more of it than we saw. The table was comfortably laid – no silver in the service, of course – and at the side of his chair was a capacious dumb-waiter, with a variety of bottles and decanters on it, and four dishes of fruit for dessert. I noticed throughout, that he kept everything under his own hand, and distributed everything himself.

There was a bookcase in the room; I saw from the backs of the books, that they were about evidence, criminal law, criminal biography, trials, acts of Parliament, and such things. The furniture was all very solid and good, like his watch-chain. It had an official look, however, and there was nothing merely ornamental to be seen. In a corner was a little table of papers with a shaded lamp: so that he seemed to bring the office home with him in that respect too, and to wheel it out of an evening and fall to work.

As he had scarcely seen my three companions until now – for he and I had walked together – he stood on the hearth-rug, after ringing the bell, and took a searching look at them. To my surprise, he seemed at once to be principally if not solely interested in Drummle.

“Pip”, said he, putting his large hand on my shoulder and moving me to the window, “I don’t know one from the other. Who’s the Spider?”

“The spider?” said I.

“The blotchy, sprawly, sulky fellow”.

“That’s Bentley Drummle”, I replied; “the one with the delicate face is Startop”.

Not making the least account of “the one with the delicate face”, he returned, “Bentley Drummle is his name, is it? I like the look of that fellow”.

He immediately began to talk to Drummle: not at all deterred by his replying in his heavy reticent way, but apparently led on by it to screw discourse out of him. I was looking at the two, when there came between me and them the housekeeper, with the first dish for the table.

She was a woman of about forty, I supposed – but I may have thought her younger than she was. Rather tall, of a lithe nimble figure, extremely pale, with large faded eyes, and a quantity of streaming hair. I cannot say whether any diseased affection of the heart caused her lips to be parted as if

she were panting, and her face to bear a curious expression of suddenness and flutter; but I know that I had been to see Macbeth at the theatre, a night or two before, and that her face looked to me as if it were all disturbed by fiery air, like the faces I had seen rise out of the Witches' caldron.

She set the dish on, touched my guardian quietly on the arm with a finger to notify that dinner was ready, and vanished. We took our seats at the round table, and my guardian kept Drummle on one side of him, while Startop sat on the other. It was a noble dish of fish that the housekeeper had put on table, and we had a joint of equally choice mutton afterwards, and then an equally choice bird. Sauces, wines, all the accessories we wanted, and all of the best, were given out by our host from his dumb-waiter; and when they had made the circuit of the table, he always put them back again. Similarly, he dealt us clean plates and knives and forks, for each course, and dropped those just disused into two baskets on the ground by his chair. No other attendant than the housekeeper appeared. She set on every dish; and I always saw in her face, a face rising out of the caldron. Years afterwards, I made a dreadful likeness of that woman, by causing a face that had no other natural resemblance to it than it derived from flowing hair to pass behind a bowl of flaming spirits in a dark room.

Induced to take particular notice of the housekeeper, both by her own striking appearance and by Wemmick's preparation, I observed that whenever she was in the room she kept her eyes attentively on my guardian, and that she would remove her hands from any dish she put before him, hesitatingly, as if she dreaded his calling her back, and wanted him to speak when she was nigh, if he had anything to say. I fancied that I could detect in his manner a consciousness of this, and a purpose of always holding her in suspense.

Dinner went off gayly, and although my guardian seemed to follow rather than originate subjects, I knew that he wrenched the weakest part of our dispositions out of us. For myself, I found that I was expressing my tendency to lavish expenditure, and to patronize Herbert, and to boast of my great prospects, before I quite knew that I had opened my lips. It was so with all of us, but with no one more than Drummle: the development of whose inclination to gird in a grudging and suspicious way at the rest, was screwed out of him before the fish was taken off.

It was not then, but when we had got to the cheese, that our

conversation turned upon our rowing feats, and that Drummle was rallied for coming up behind of a night in that slow amphibious way of his. Drummle upon this, informed our host that he much preferred our room to our company, and that as to skill he was more than our master, and that as to strength he could scatter us like chaff. By some invisible agency, my guardian wound him up to a pitch little short of ferocity about this trifle; and he fell to baring and spanning his arm to show how muscular it was, and we all fell to baring and spanning our arms in a ridiculous manner.

Now the housekeeper was at that time clearing the table; my guardian, taking no heed of her, but with the side of his face turned from her, was leaning back in his chair biting the side of his forefinger and showing an interest in Drummle, that, to me, was quite inexplicable. Suddenly, he clapped his large hand on the housekeeper's, like a trap, as she stretched it across the table. So suddenly and smartly did he do this, that we all stopped in our foolish contention.

"If you talk of strength", said Mr. Jaggers, "I'll show you a wrist. Molly, let them see your wrist".

Her entrapped hand was on the table, but she had already put her other hand behind her waist. "Master", she said, in a low voice, with her eyes attentively and entreatingly fixed upon him. "Don't".

"I'll show you a wrist", repeated Mr. Jaggers, with an immovable determination to show it. "Molly, let them see your wrist".

"Master", she again murmured. "Please!"

"Molly", said Mr. Jaggers, not looking at her, but obstinately looking at the opposite side of the room, "let them see both your wrists. Show them. Come!"

He took his hand from hers, and turned that wrist up on the table. She brought her other hand from behind her, and held the two out side by side. The last wrist was much disfigured – deeply scarred and scarred across and across. When she held her hands out she took her eyes from Mr. Jaggers, and turned them watchfully on every one of the rest of us in succession.

"There's power here", said Mr. Jaggers, coolly tracing out the sinews with his forefinger. "Very few men have the power of wrist that this woman has. It's remarkable what mere force of grip there is in these hands. I have had occasion to notice many hands; but I never saw stronger in that respect, man's or woman's, than these".

While he said these words in a leisurely, critical style, she continued to look at every one of us in regular succession as we sat. The moment he ceased, she looked at him again. “That’ll do, Molly”, said Mr. Jaggers, giving her a slight nod; “you have been admired, and can go”. She withdrew her hands and went out of the room, and Mr. Jaggers, putting the decanters on from his dumb-waiter, filled his glass and passed round the wine.

“At half-past nine, gentlemen”, said he, “we must break up. Pray make the best use of your time. I am glad to see you all. Mr. Drummle, I drink to you”.

If his object in singling out Drummle were to bring him out still more, it perfectly succeeded. In a sulky triumph, Drummle showed his morose depreciation of the rest of us, in a more and more offensive degree, until he became downright intolerable. Through all his stages, Mr. Jaggers followed him with the same strange interest. He actually seemed to serve as a zest to Mr. Jaggers’s wine.

In our boyish want of discretion I dare say we took too much to drink, and I know we talked too much. We became particularly hot upon some boorish sneer of Drummle’s, to the effect that we were too free with our money. It led to my remarking, with more zeal than discretion, that it came with a bad grace from him, to whom Startop had lent money in my presence but a week or so before.

“Well”, retorted Drummle; “he’ll be paid”.

“I don’t mean to imply that he won’t”, said I, “but it might make you hold your tongue about us and our money, I should think”.

“You should think!” retorted Drummle. “Oh Lord!”

“I dare say”, I went on, meaning to be very severe, “that you wouldn’t lend money to any of us if we wanted it”.

“You are right”, said Drummle. “I wouldn’t lend one of you a sixpence. I wouldn’t lend anybody a sixpence”.

“Rather mean to borrow under those circumstances, I should say”.

“You should say”, repeated Drummle. “Oh Lord!”

This was so very aggravating – the more especially as I found myself making no way against his surly obtuseness – that I said, disregarding Herbert’s efforts to check me:

“Come, Mr. Drummle, since we are on the subject, I’ll tell you what passed between Herbert here and me, when you borrowed that money”.

“I don’t want to know what passed between Herbert there and you”, growled Drummle. And I think he added in a lower growl, that we might both go to the devil and shake ourselves.

“I’ll tell you, however”, said I, “whether you want to know or not. We said that as you put it in your pocket very glad to get it, you seemed to be immensely amused at his being so weak as to lend it”.

Drummle laughed outright, and sat laughing in our faces, with his hands in his pockets and his round shoulders raised; plainly signifying that it was quite true, and that he despised us as asses all.

Hereupon Startop took him in hand, though with a much better grace than I had shown, and exhorted him to be a little more agreeable. Startop, being a lively, bright young fellow, and Drummle being the exact opposite, the latter was always disposed to resent him as a direct personal affront. He now retorted in a coarse, lumpish way, and Startop tried to turn the discussion aside with some small pleasantry that made us all laugh. Resenting this little success more than anything, Drummle, without any threat or warning, pulled his hands out of his pockets, dropped his round shoulders, swore, took up a large glass, and would have flung it at his adversary’s head, but for our entertainer’s dexterously seizing it at the instant when it was raised for that purpose.

“Gentlemen”, said Mr. Jaggers, deliberately putting down the glass, and hauling out his gold repeater by its massive chain, “I am exceedingly sorry to announce that it’s half past nine”.

On this hint we all rose to depart. Before we got to the street door, Startop was cheerily calling Drummle “old boy”, as if nothing had happened. But the old boy was so far from responding, that he would not even walk to Hammersmith on the same side of the way; so Herbert and I, who remained in town, saw them going down the street on opposite sides; Startop leading, and Drummle lagging behind in the shadow of the houses, much as he was wont to follow in his boat.

As the door was not yet shut, I thought I would leave Herbert there for a moment, and run up stairs again to say a word to my guardian. I found him in his dressing-room surrounded by his stock of boots, already hard at it, washing his hands of us.

I told him I had come up again to say how sorry I was that anything disagreeable should have occurred, and that I hoped he would not blame me

much.

“Pooh!” said he, sluicing his face, and speaking through the water-drops; “it’s nothing, Pip. I like that Spider though”.

He had turned towards me now, and was shaking his head, and blowing, and towelling himself.

“I am glad you like him, sir”, said I, ”but I don’t”.

“No, no”, my guardian assented; “don’t have too much to do with him. Keep as clear of him as you can. But I like the fellow, Pip; he is one of the true sort. Why, if I was a fortune-teller...”

Looking out of the towel, he caught my eye.

“But I am not a fortune-teller”, he said, letting his head drop into a festoon of towel, and towelling away at his two ears. “You know what I am, don’t you? Good night, Pip”.

“Good night, sir”.

In about a month after that, the Spider’s time with Mr. Pocket was up for good, and, to the great relief of all the house but Mrs. Pocket, he went home to the family hole.

CHAPTER XXVII

My dear Mr Pip:

I write this by request of Mr. Gargery, for to let you know that he is going to London in company with Mr. Wopsle and would be glad if agreeable to be allowed to see you. He would call at Barnard's Hotel Tuesday morning at nine o'clock, when if not agreeable please leave word. Your poor sister is much the same as when you left. We talk of you in the kitchen every night, and wonder what you are saying and doing. If now considered in the light of a liberty, excuse it for the love of poor old days. No more, dear Mr. Pip, from your ever obliged, and affectionate servant,

Biddy.

P.S. He wishes me most particular to write what larks. He says you will understand. I hope and do not doubt it will be agreeable to see him, even though a gentleman, for you had ever a good heart, and he is a worthy, worthy man. I have read him all, excepting only the last little sentence, and he wishes me most particular to write again what larks.

I received this letter by the post on Monday morning, and therefore its appointment was for next day. Let me confess exactly with what feelings I looked forward to Joe's coming.

Not with pleasure, though I was bound to him by so many ties; no; with considerable disturbance, some mortification, and a keen sense of incongruity. If I could have kept him away by paying money, I certainly would have paid money. My greatest reassurance was that he was coming to Barnard's Inn, not to Hammersmith, and consequently would not fall in Bentley Drummle's way. I had little objection to his being seen by Herbert or his father, for both of whom I had a respect; but I had the sharpest sensitiveness as to his being seen by Drummle, whom I held in contempt. So, throughout life, our worst weaknesses and meannesses are usually committed for the sake of the people whom we most despise.

I had begun to be always decorating the chambers in some quite unnecessary and inappropriate way or other, and very expensive those wrestles with Barnard proved to be. By this time, the rooms were vastly

different from what I had found them, and I enjoyed the honor of occupying a few prominent pages in the books of a neighboring upholsterer. I had got on so fast of late, that I had even started a boy in boots – top boots – in bondage and slavery to whom I might have been said to pass my days. For, after I had made the monster (out of the refuse of my washerwoman's family), and had clothed him with a blue coat, canary waistcoat, white cravat, creamy breeches, and the boots already mentioned, I had to find him a little to do and a great deal to eat; and with both of those horrible requirements he haunted my existence.

This avenging phantom was ordered to be on duty at eight on Tuesday morning in the hall, (it was two feet square, as charged for floorcloth,) and Herbert suggested certain things for breakfast that he thought Joe would like. While I felt sincerely obliged to him for being so interested and considerate, I had an odd half-provoked sense of suspicion upon me, that if Joe had been coming to see him, he wouldn't have been quite so brisk about it.

However, I came into town on the Monday night to be ready for Joe, and I got up early in the morning, and caused the sitting-room and breakfast-table to assume their most splendid appearance. Unfortunately the morning was drizzly, and an angel could not have concealed the fact that Barnard was shedding sooty tears outside the window, like some weak giant of a Sweep.

As the time approached I should have liked to run away, but the Avenger pursuant to orders was in the hall, and presently I heard Joe on the staircase. I knew it was Joe, by his clumsy manner of coming up stairs – his state boots being always too big for him – and by the time it took him to read the names on the other floors in the course of his ascent. When at last he stopped outside our door, I could hear his finger tracing over the painted letters of my name, and I afterwards distinctly heard him breathing in at the keyhole. Finally he gave a faint single rap, and Pepper – such was the compromising name of the avenging boy – announced "Mr. Gargery!" I thought he never would have done wiping his feet, and that I must have gone out to lift him off the mat, but at last he came in.

"Joe, how are you, Joe?"

"Pip, how AIR you, Pip?"

With his good honest face all glowing and shining, and his hat put down on the floor between us, he caught both my hands and worked them straight up and down, as if I had been the last-patented Pump.

“I am glad to see you, Joe. Give me your hat”.

But Joe, taking it up carefully with both hands, like a bird’s-nest with eggs in it, wouldn’t hear of parting with that piece of property, and persisted in standing talking over it in a most uncomfortable way.

“Which you have that growed”, said Joe, “and that swelled, and that gentle-folked;” Joe considered a little before he discovered this word; “as to be sure you are a honor to your king and country”.

“And you, Joe, look wonderfully well”.

“Thank God”, said Joe, “I’m ekerval to most. And your sister, she’s no worse than she were. And Biddy, she’s ever right and ready. And all friends is no backerder, if not no forarder. ‘Ceptin Wopsle; he’s had a drop”.

All this time (still with both hands taking great care of the bird’s-nest), Joe was rolling his eyes round and round the room, and round and round the flowered pattern of my dressing-gown.

“Had a drop, Joe?”

“Why yes”, said Joe, lowering his voice, “he’s left the Church and went into the playacting. Which the playacting have likeways brought him to London along with me. And his wish were”, said Joe, getting the bird’s-nest under his left arm for the moment, and groping in it for an egg with his right; “if no offence, as I would ‘and you that”.

I took what Joe gave me, and found it to be the crumpled play-bill of a small metropolitan theatre, announcing the first appearance, in that very week, of “the celebrated Provincial Amateur of Roscian renown, whose unique performance in the highest tragic walk of our National Bard has lately occasioned so great a sensation in local dramatic circles”.

“Were you at his performance, Joe?” I inquired.

“I were”, said Joe, with emphasis and solemnity.

“Was there a great sensation?”

“Why”, said Joe, “yes, there certainly were a peck of orange-peel. Partickler when he see the ghost. Though I put it to yourself, sir, whether it were calc’lated to keep a man up to his work with a good hart, to be continiwally cutting in betwixt him and the Ghost with “Amen!” A man may have had a misfortun’ and been in the Church”, said Joe, lowering his voice to an argumentative and feeling tone, “but that is no reason why you should put him out at such a time. Which I meantersay, if the ghost of a man’s own father cannot be allowed to claim his attention, what can, Sir? Still more,

when his mourning ‘at is unfortunately made so small as that the weight of the black feathers brings it off, try to keep it on how you may”.

A ghost-seeing effect in Joe’s own countenance informed me that Herbert had entered the room. So, I presented Joe to Herbert, who held out his hand; but Joe backed from it, and held on by the bird’s-nest.

“Your servant, Sir”, said Joe, “which I hope as you and Pip”, here his eye fell on the Avenger, who was putting some toast on table, and so plainly denoted an intention to make that young gentleman one of the family, that I frowned it down and confused him more...” I meantersay, you two gentlemen, which I hope as you get your elths in this close spot? For the present may be a werry good inn, according to London opinions”, said Joe, confidentially, “and I believe its character do stand I; but I wouldn’t keep a pig in it myself – not in the case that I wished him to fatten wholesome and to eat with a meller flavor on him”.

Having borne this flattering testimony to the merits of our dwelling-place, and having incidentally shown this tendency to call me “sir”, Joe, being invited to sit down to table, looked all round the room for a suitable spot on which to deposit his hat – as if it were only on some very few rare substances in nature that it could find a resting place – and ultimately stood it on an extreme corner of the chimney-piece, from which it ever afterwards fell off at intervals.

“Do you take tea, or coffee, Mr. Gargery?” asked Herbert, who always presided of a morning.

“Thankee, Sir”, said Joe, stiff from head to foot, “I’ll take whichever is most agreeable to yourself”.

“What do you say to coffee?”

“Thankee, Sir”, returned Joe, evidently dispirited by the proposal, “since you are so kind as make chice of coffee, I will not run contrairy to your own opinions. But don’t you never find it a little ‘eating?”

“Say tea then”, said Herbert, pouring it out.

Here Joe’s hat tumbled off the mantel-piece, and he started out of his chair and picked it up, and fitted it to the same exact spot. As if it were an absolute point of good breeding that it should tumble off again soon.

“When did you come to town, Mr. Gargery?”

“Were it yesterday afternoon?” said Joe, after coughing behind his hand, as if he had had time to catch the whooping-cough since he came. “No

it were not. Yes it were. Yes. It were yesterday afternoon" (with an appearance of mingled wisdom, relief, and strict impartiality).

"Have you seen anything of London yet?"

"Why, yes, Sir", said Joe, "me and Wopsle went off straight to look at the Blacking Ware'us. But we didn't find that it come up to its likeness in the red bills at the shop doors; which I meantersay", added Joe, in an explanatory manner, "as it is there drawd too architectooralooral".

I really believe Joe would have prolonged this word (mightily expressive to my mind of some architecture that I know) into a perfect Chorus, but for his attention being providentially attracted by his hat, which was toppling. Indeed, it demanded from him a constant attention, and a quickness of eye and hand, very like that exacted by wicket-keeping. He made extraordinary play with it, and showed the greatest skill; now, rushing at it and catching it neatly as it dropped; now, merely stopping it midway, beating it up, and humoring it in various parts of the room and against a good deal of the pattern of the paper on the wall, before he felt it safe to close with it; finally splashing it into the slop-basin, where I took the liberty of laying hands upon it.

As to his shirt-collar, and his coat-collar, they were perplexing to reflect upon – insoluble mysteries both. Why should a man scrape himself to that extent, before he could consider himself full dressed? Why should he suppose it necessary to be purified by suffering for his holiday clothes? Then he fell into such unaccountable fits of meditation, with his fork midway between his plate and his mouth; had his eyes attracted in such strange directions; was afflicted with such remarkable coughs; sat so far from the table, and dropped so much more than he ate, and pretended that he hadn't dropped it; that I was heartily glad when Herbert left us for the City.

I had neither the good sense nor the good feeling to know that this was all my fault, and that if I had been easier with Joe, Joe would have been easier with me. I felt impatient of him and out of temper with him; in which condition he heaped coals of fire on my head.

"Us two being now alone, sir", began Joe.

"Joe", I interrupted, pettishly, "how can you call me, sir?"

Joe looked at me for a single instant with something faintly like reproach. Utterly preposterous as his cravat was, and as his collars were, I was conscious of a sort of dignity in the look.

“Us two being now alone”, resumed Joe, “and me having the intentions and abilities to stay not many minutes more, I will now conclude – leastways begin – to mention what have led to my having had the present honor. For was it not”, said Joe, with his old air of lucid exposition, “that my only wish were to be useful to you, I should not have had the honor of breaking wittles in the company and abode of gentlemen”.

I was so unwilling to see the look again, that I made no remonstrance against this tone.

“Well, sir”, pursued Joe, “this is how it were. I were at the Bargemen t’other night, Pip;” whenever he subsided into affection, he called me Pip, and whenever he relapsed into politeness he called me sir; “when there come up in his shay-cart, Pumblechook. Which that same identical”, said Joe, going down a new track, “do comb my ‘air the wrong way sometimes, awful, by giving out up and down town as it were him which ever had your infant companionation and were looked upon as a playfellow by yourself”.

“Nonsense. It was you, Joe”.

“Which I fully believed it were, Pip”, said Joe, slightly tossing his head, “though it signify little now, sir. Well, Pip; this same identical, which his manners is given to blusterous, come to me at the Bargemen (wot a pipe and a pint of beer do give refreshment to the workingman, sir, and do not over stimilate), and his word were, ‘Joseph, Miss Havisham she wish to speak to you.’“

“Miss Havisham, Joe?”

“‘She wish,’ were Pumblechook’s word, ‘to speak to you.’“ Joe sat and rolled his eyes at the ceiling.

“Yes, Joe? Go on, please”.

“Next day, sir”, said Joe, looking at me as if I were a long way off, “having cleaned myself, I go and I see Miss A”.

“Miss A., Joe? Miss Havisham?”

“Which I say, sir”, replied Joe, with an air of legal formality, as if he were making his will, “Miss A., or otherways Havisham. Her expression air then as follering: ‘Mr. Gargery. You air in correspondence with Mr. Pip?’ Having had a letter from you, I were able to say ‘I am.’ (When I married your sister, sir, I said ‘I will;’ and when I answered your friend, Pip, I said ‘I am.’) ‘Would you tell him, then,’ said she, ‘that which Estella has come home and would be glad to see him.’“

I felt my face fire up as I looked at Joe. I hope one remote cause of its firing may have been my consciousness that if I had known his errand, I should have given him more encouragement.

"Biddy", pursued Joe, "when I got home and asked her fur to write the message to you, a little hung back. Biddy says, 'I know he will be very glad to have it by word of mouth, it is holiday time, you want to see him, go!' I have now concluded, sir", said Joe, rising from his chair, "and, Pip, I wish you ever well and ever prospering to a greater and a greater height".

"But you are not going now, Joe?"

"Yes I am", said Joe.

"But you are coming back to dinner, Joe?"

"No I am not", said Joe.

Our eyes met, and all the "Sir" melted out of that manly heart as he gave me his hand.

"Pip, dear old chap, life is made of ever so many partings welded together, as I may say, and one man's a blacksmith, and one's a whitesmith, and one's a goldsmith, and one's a coppersmith. Diwisions among such must come, and must be met as they come. If there's been any fault at all today, it's mine. You and me is not two figures to be together in London; nor yet anywheres else but what is private, and beknown, and understood among friends. It ain't that I am proud, but that I want to be right, as you shall never see me no more in these clothes. I'm wrong in these clothes. I'm wrong out of the forge, the kitchen, or off th' meshes. You won't find half so much fault in me if you think of me in my forge dress, with my hammer in my hand, or even my pipe. You won't find half so much fault in me if, supposing as you should ever wish to see me, you come and put your head in at the forge window and see Joe the blacksmith, there, at the old anvil, in the old burnt apron, sticking to the old work. I'm awful dull, but I hope I've beat out something nigh the rights of this at last. And so GOD bless you, dear old Pip, old chap, GOD bless you!"

I had not been mistaken in my fancy that there was a simple dignity in him. The fashion of his dress could no more come in its way when he spoke these words than it could come in its way in Heaven. He touched me gently on the forehead, and went out. As soon as I could recover myself sufficiently, I hurried out after him and looked for him in the neighboring streets; but he was gone.

CHAPTER XXVIII

It was clear that I must repair to our town next day, and in the first flow of my repentance, it was equally clear that I must stay at Joe's. But, when I had secured my box-place by tomorrow's coach, and had been down to Mr. Pocket's and back, I was not by any means convinced on the last point, and began to invent reasons and make excuses for putting up at the Blue Boar. I should be an inconvenience at Joe's; I was not expected, and my bed would not be ready; I should be too far from Miss Havisham's, and she was exacting and mightn't like it. All other swindlers upon earth are nothing to the self-swindlers, and with such pretences did I cheat myself. Surely a curious thing. That I should innocently take a bad half-crown of somebody else's manufacture is reasonable enough; but that I should knowingly reckon the spurious coin of my own make as good money! An obliging stranger, under pretence of compactly folding up my bank-notes for security's sake, abstracts the notes and gives me nutshells; but what is his sleight of hand to mine, when I fold up my own nutshells and pass them on myself as notes!

Having settled that I must go to the Blue Boar, my mind was much disturbed by indecision whether or not to take the Avenger. It was tempting to think of that expensive Mercenary publicly airing his boots in the archway of the Blue Boar's posting-yard; it was almost solemn to imagine him casually produced in the tailor's shop, and confounding the disrespectful senses of Trabb's boy. On the other hand, Trabb's boy might worm himself into his intimacy and tell him things; or, reckless and desperate wretch as I knew he could be, might hoot him in the High Street. My patroness, too, might hear of him, and not approve. On the whole, I resolved to leave the Avenger behind.

It was the afternoon coach by which I had taken my place, and, as winter had now come round, I should not arrive at my destination until two or three hours after dark. Our time of starting from the Cross Keys was two o'clock. I arrived on the ground with a quarter of an hour to spare, attended by the Avenger – if I may connect that expression with one who never attended on me if he could possibly help it.

At that time it was customary to carry Convicts down to the dock-yards by stage-coach. As I had often heard of them in the capacity of outside passengers, and had more than once seen them on the high road dangling

their ironed legs over the coach roof, I had no cause to be surprised when Herbert, meeting me in the yard, came up and told me there were two convicts going down with me. But I had a reason that was an old reason now for constitutionally faltering whenever I heard the word “convict”.

“You don’t mind them, Handel?” said Herbert.

“Oh no!”

“I thought you seemed as if you didn’t like them?”

“I can’t pretend that I do like them, and I suppose you don’t particularly. But I don’t mind them”.

“See! There they are”, said Herbert, “coming out of the Tap. What a degraded and vile sight it is!”

They had been treating their guard, I suppose, for they had a gaoler with them, and all three came out wiping their mouths on their hands. The two convicts were handcuffed together, and had irons on their legs – irons of a pattern that I knew well. They wore the dress that I likewise knew well. Their keeper had a brace of pistols, and carried a thick-knobbed bludgeon under his arm; but he was on terms of good understanding with them, and stood with them beside him, looking on at the putting-to of the horses, rather with an air as if the convicts were an interesting Exhibition not formally open at the moment, and he the Curator. One was a taller and stouter man than the other, and appeared as a matter of course, according to the mysterious ways of the world, both convict and free, to have had allotted to him the smaller suit of clothes. His arms and legs were like great pincushions of those shapes, and his attire disguised him absurdly; but I knew his half-closed eye at one glance. There stood the man whom I had seen on the settle at the Three Jolly Bargemen on a Saturday night, and who had brought me down with his invisible gun!

It was easy to make sure that as yet he knew me no more than if he had never seen me in his life. He looked across at me, and his eye appraised my watch-chain, and then he incidentally spat and said something to the other convict, and they laughed and slued themselves round with a clink of their coupling manacle, and looked at something else. The great numbers on their backs, as if they were street doors; their coarse mangy ungainly outer surface, as if they were lower animals; their ironed legs, apologetically garlanded with pocket-handkerchiefs; and the way in which all present looked at them and kept from them; made them (as Herbert had said) a most disagreeable and

degraded spectacle.

But this was not the worst of it. It came out that the whole of the back of the coach had been taken by a family removing from London, and that there were no places for the two prisoners but on the seat in front behind the coachman. Hereupon, a choleric gentleman, who had taken the fourth place on that seat, flew into a most violent passion, and said that it was a breach of contract to mix him up with such villainous company, and that it was poisonous, and pernicious, and infamous, and shameful, and I don't know what else. At this time the coach was ready and the coachman impatient, and we were all preparing to get up, and the prisoners had come over with their keeper – bringing with them that curious flavor of bread-poultice, baize, rope-yarn, and hearthstone, which attends the convict presence.

"Don't take it so much amiss, sir", pleaded the keeper to the angry passenger; "I'll sit next you myself. I'll put 'em on the outside of the row. They won't interfere with you, sir. You needn't know they're there".

"And don't blame me", growled the convict I had recognized. "I don't want to go. I am quite ready to stay behind. As fur as I am concerned any one's welcome to my place".

"Or mine", said the other, gruffly. "I wouldn't have incommoded none of you, if I'd had my way". Then they both laughed, and began cracking nuts, and spitting the shells about. – As I really think I should have liked to do myself, if I had been in their place and so despised.

At length, it was voted that there was no help for the angry gentleman, and that he must either go in his chance company or remain behind. So he got into his place, still making complaints, and the keeper got into the place next him, and the convicts hauled themselves up as well as they could, and the convict I had recognized sat behind me with his breath on the hair of my head.

"Good by, Handel!" Herbert called out as we started. I thought what a blessed fortune it was, that he had found another name for me than Pip.

It is impossible to express with what acuteness I felt the convict's breathing, not only on the back of my head, but all along my spine. The sensation was like being touched in the marrow with some pungent and searching acid, it set my very teeth on edge. He seemed to have more breathing business to do than another man, and to make more noise in doing it; and I was conscious of growing high-shouldered on one side, in my

shrinking endeavors to fend him off.

The weather was miserably raw, and the two cursed the cold. It made us all lethargic before we had gone far, and when we had left the Half-way House behind, we habitually dozed and shivered and were silent. I dozed off, myself, in considering the question whether I ought to restore a couple of pounds sterling to this creature before losing sight of him, and how it could best be done. In the act of dipping forward as if I were going to bathe among the horses, I woke in a fright and took the question up again.

But I must have lost it longer than I had thought, since, although I could recognize nothing in the darkness and the fitful lights and shadows of our lamps, I traced marsh country in the cold damp wind that blew at us. Cowering forward for warmth and to make me a screen against the wind, the convicts were closer to me than before. The very first words I heard them interchange as I became conscious, were the words of my own thought, “Two One Pound notes”.

“How did he get ‘em?” said the convict I had never seen.

“How should I know?” returned the other. “He had ‘em stowed away somehows. Giv him by friends, I expect”.

“I wish”, said the other, with a bitter curse upon the cold, “that I had ‘em here”.

“Two one pound notes, or friends?”

“Two one pound notes. I’d sell all the friends I ever had for one, and think it a blessed good bargain. Well? So he says...?”

“So he says”, resumed the convict I had recognized – “it was all said and done in half a minute, behind a pile of timber in the Dock-yard – ‘You’re a going to be discharged?’ Yes, I was. Would I find out that boy that had fed him and kep his secret, and give him them two one pound notes? Yes, I would. And I did”.

“More fool you”, growled the other. “I’d have spent ‘em on a Man, in wittles and drink. He must have been a green one. Mean to say he knowed nothing of you?”

“Not a ha’porth. Different gangs and different ships. He was tried again for prison breaking, and got made a Lifer”.

“And was that... Honor!... the only time you worked out, in this part of the country?”

“The only time”.

“What might have been your opinion of the place?”

“A most beastly place. Mudbank, mist, swamp, and work; work, swamp, mist, and mudbank”.

They both execrated the place in very strong language, and gradually growled themselves out, and had nothing left to say.

After overhearing this dialogue, I should assuredly have got down and been left in the solitude and darkness of the highway, but for feeling certain that the man had no suspicion of my identity. Indeed, I was not only so changed in the course of nature, but so differently dressed and so differently circumstanced, that it was not at all likely he could have known me without accidental help. Still, the coincidence of our being together on the coach, was sufficiently strange to fill me with a dread that some other coincidence might at any moment connect me, in his hearing, with my name. For this reason, I resolved to alight as soon as we touched the town, and put myself out of his hearing. This device I executed successfully. My little portmanteau was in the boot under my feet; I had but to turn a hinge to get it out; I threw it down before me, got down after it, and was left at the first lamp on the first stones of the town pavement. As to the convicts, they went their way with the coach, and I knew at what point they would be spirited off to the river. In my fancy, I saw the boat with its convict crew waiting for them at the slime-washed stairs – again heard the gruff “Give way, you!” like and order to dogs – again saw the wicked Noah’s Ark lying out on the black water.

I could not have said what I was afraid of, for my fear was altogether undefined and vague, but there was great fear upon me. As I walked on to the hotel, I felt that a dread, much exceeding the mere apprehension of a painful or disagreeable recognition, made me tremble. I am confident that it took no distinctness of shape, and that it was the revival for a few minutes of the terror of childhood.

The coffee-room at the Blue Boar was empty, and I had not only ordered my dinner there, but had sat down to it, before the waiter knew me. As soon as he had apologized for the remissness of his memory, he asked me if he should send Boots for Mr. Pumblechook?

“No”, said I, “certainly not”.

The waiter (it was he who had brought up the Great Remonstrance from the Commercials, on the day when I was bound) appeared surprised, and took the earliest opportunity of putting a dirty old copy of a local

newspaper so directly in my way, that I took it up and read this paragraph:

Our readers will learn, not altogether without interest, in reference to the recent romantic rise in fortune of a young artificer in iron of this neighborhood (what a theme, by the way, for the magic pen of our as yet not universally acknowledged townsman TOOBY, the poet of our columns!) that the youth's earliest patron, companion, and friend, was a highly respected individual not entirely unconnected with the corn and seed trade, and whose eminently convenient and commodious business premises are situate within a hundred miles of the High Street. It is not wholly irrespective of our personal feelings that we record HIM as the Mentor of our young Telemachus, for it is good to know that our town produced the founder of the latter's fortunes. Does the thought-contracted brow of the local Sage or the lustrous eye of local Beauty inquire whose fortunes? We believe that Quintin Matsys was the BLACKSMITH of Antwerp. VERB. SAP.

I entertain a conviction, based upon large experience, that if in the days of my prosperity I had gone to the North Pole, I should have met somebody there, wandering Esquimaux or civilized man, who would have told me that Pumblechook was my earliest patron and the founder of my fortunes.

CHAPTER XXIX

Betimes in the morning I was up and out. It was too early yet to go to Miss Havisham's, so I loitered into the country on Miss Havisham's side of town – which was not Joe's side; I could go there tomorrow – thinking about my patroness, and painting brilliant pictures of her plans for me.

She had adopted Estella, she had as good as adopted me, and it could not fail to be her intention to bring us together. She reserved it for me to restore the desolate house, admit the sunshine into the dark rooms, set the clocks a-going and the cold hearths a-blazing, tear down the cobwebs, destroy the vermin – in short, do all the shining deeds of the young Knight of romance, and marry the Princess. I had stopped to look at the house as I passed; and its seared red brick walls, blocked windows, and strong green ivy clasping even the stacks of chimneys with its twigs and tendons, as if with sinewy old arms, had made up a rich attractive mystery, of which I was the hero. Estella was the inspiration of it, and the heart of it, of course. But, though she had taken such strong possession of me, though my fancy and my hope were so set upon her, though her influence on my boyish life and character had been all-powerful, I did not, even that romantic morning, invest her with any attributes save those she possessed. I mention this in this place, of a fixed purpose, because it is the clew by which I am to be followed into my poor labyrinth. According to my experience, the conventional notion of a lover cannot be always true. The unqualified truth is, that when I loved Estella with the love of a man, I loved her simply because I found her irresistible. Once for all; I knew to my sorrow, often and often, if not always, that I loved her against reason, against promise, against peace, against hope, against happiness, against all discouragement that could be. Once for all; I loved her none the less because I knew it, and it had no more influence in restraining me than if I had devoutly believed her to be human perfection.

I so shaped out my walk as to arrive at the gate at my old time. When I had rung at the bell with an unsteady hand, I turned my back upon the gate, while I tried to get my breath and keep the beating of my heart moderately quiet. I heard the side-door open, and steps come across the courtyard; but I pretended not to hear, even when the gate swung on its rusty hinges.

Being at last touched on the shoulder, I started and turned. I started much more naturally then, to find myself confronted by a man in a sober gray

dress. The last man I should have expected to see in that place of porter at Miss Havisham's door.

"Orlick!"

"Ah, young master, there's more changes than yours. But come in, come in. It's opposed to my orders to hold the gate open".

I entered and he swung it, and locked it, and took the key out. "Yes!" said he, facing round, after doggedly preceding me a few steps towards the house. "Here I am!"

"How did you come here?"

"I come her", he retorted, "on my legs. I had my box brought alongside me in a barrow".

"Are you here for good?"

"I ain't here for harm, young master, I suppose?"

I was not so sure of that. I had leisure to entertain the retort in my mind, while he slowly lifted his heavy glance from the pavement, up my legs and arms, to my face.

"Then you have left the forge?" I said.

"Do this look like a forge?" replied Orlick, sending his glance all round him with an air of injury. "Now, do it look like it?"

I asked him how long he had left Gargery's forge?

"One day is so like another here", he replied, "that I don't know without casting it up. However, I come here some time since you left".

"I could have told you that, Orlick".

"Ah!" said he, dryly. "But then you've got to be a scholar".

By this time we had come to the house, where I found his room to be one just within the side-door, with a little window in it looking on the courtyard. In its small proportions, it was not unlike the kind of place usually assigned to a gate-porter in Paris. Certain keys were hanging on the wall, to which he now added the gate key; and his patchwork-covered bed was in a little inner division or recess. The whole had a slovenly, confined, and sleepy look, like a cage for a human dormouse; while he, looming dark and heavy in the shadow of a corner by the window, looked like the human dormouse for whom it was fitted up – as indeed he was.

"I never saw this room before", I remarked; "but there used to be no Porter here".

"No", said he; "not till it got about that there was no protection on the

premises, and it come to be considered dangerous, with convicts and Tag and Rag and Bobtail going up and down. And then I was recommended to the place as a man who could give another man as good as he brought, and I took it. It's easier than bellowsing and hammering. That's loaded, that is".

My eye had been caught by a gun with a brass-bound stock over the chimney-piece, and his eye had followed mine.

"Well", said I, not desirous of more conversation, "shall I go up to Miss Havisham?"

"Burn me, if I know!" he retorted, first stretching himself and then shaking himself; "my orders ends here, young master. I give this here bell a rap with this here hammer, and you go on along the passage till you meet somebody".

"I am expected, I believe?"

"Burn me twice over, if I can say!" said he.

Upon that, I turned down the long passage which I had first trodden in my thick boots, and he made his bell sound. At the end of the passage, while the bell was still reverberating, I found Sarah Pocket, who appeared to have now become constitutionally green and yellow by reason of me.

"Oh!" said she. "You, is it, Mr. Pip?"

"It is, Miss Pocket. I am glad to tell you that Mr. Pocket and family are all well".

"Are they any wiser?" said Sarah, with a dismal shake of the head; "they had better be wiser, than well. Ah, Matthew, Matthew! You know your way, sir?"

Tolerably, for I had gone up the staircase in the dark, many a time. I ascended it now, in lighter boots than of yore, and tapped in my old way at the door of Miss Havisham's room. "Pip's rap", I heard her say, immediately; "come in, Pip".

She was in her chair near the old table, in the old dress, with her two hands crossed on her stick, her chin resting on them, and her eyes on the fire. Sitting near her, with the white shoe, that had never been worn, in her hand, and her head bent as she looked at it, was an elegant lady whom I had never seen.

"Come in, Pip", Miss Havisham continued to mutter, without looking round or up; "come in, Pip, how do you do, Pip? so you kiss my hand as if I were a queen, eh? Well?"

She looked up at me suddenly, only moving her eyes, and repeated in a grimly playful manner...

“Well?”

“I heard, Miss Havisham”, said I, rather at a loss, “that you were so kind as to wish me to come and see you, and I came directly”.

“Well?”

The lady whom I had never seen before, lifted up her eyes and looked archly at me, and then I saw that the eyes were Estella’s eyes. But she was so much changed, was so much more beautiful, so much more womanly, in all things winning admiration, had made such wonderful advance, that I seemed to have made none. I fancied, as I looked at her, that I slipped hopelessly back into the coarse and common boy again. O the sense of distance and disparity that came upon me, and the inaccessibility that came about her!

She gave me her hand. I stammered something about the pleasure I felt in seeing her again, and about my having looked forward to it, for a long, long time.

“Do you find her much changed, Pip?” asked Miss Havisham, with her greedy look, and striking her stick upon a chair that stood between them, as a sign to me to sit down there.

“When I came in, Miss Havisham, I thought there was nothing of Estella in the face or figure; but now it all settles down so curiously into the old...”

“What? You are not going to say into the old Estella?” Miss Havisham interrupted. “She was proud and insulting, and you wanted to go away from her. Don’t you remember?”

I said confusedly that that was long ago, and that I knew no better then, and the like. Estella smiled with perfect composure, and said she had no doubt of my having been quite right, and of her having been very disagreeable.

“Is he changed?” Miss Havisham asked her.

“Very much”, said Estella, looking at me.

“Less coarse and common?” said Miss Havisham, playing with Estella’s hair.

Estella laughed, and looked at the shoe in her hand, and laughed again, and looked at me, and put the shoe down. She treated me as a boy still, but she lured me on.

We sat in the dreamy room among the old strange influences which had so wrought upon me, and I learnt that she had but just come home from France, and that she was going to London. Proud and wilful as of old, she had brought those qualities into such subjection to her beauty that it was impossible and out of nature – or I thought so – to separate them from her beauty. Truly it was impossible to dissociate her presence from all those wretched hankerings after money and gentility that had disturbed my boyhood – from all those ill-regulated aspirations that had first made me ashamed of home and Joe – from all those visions that had raised her face in the glowing fire, struck it out of the iron on the anvil, extracted it from the darkness of night to look in at the wooden window of the forge, and flit away. In a word, it was impossible for me to separate her, in the past or in the present, from the innermost life of my life.

It was settled that I should stay there all the rest of the day, and return to the hotel at night, and to London tomorrow. When we had conversed for a while, Miss Havisham sent us two out to walk in the neglected garden: on our coming in by and by, she said, I should wheel her about a little, as in times of yore.

So, Estella and I went out into the garden by the gate through which I had strayed to my encounter with the pale young gentleman, now Herbert; I, trembling in spirit and worshipping the very hem of her dress; she, quite composed and most decidedly not worshipping the hem of mine. As we drew near to the place of encounter, she stopped and said –

“I must have been a singular little creature to hide and see that fight that day; but I did, and I enjoyed it very much”.

“You rewarded me very much”.

“Did I?” she replied, in an incidental and forgetful way. “I remember I entertained a great objection to your adversary, because I took it ill that he should be brought here to pester me with his company”.

“He and I are great friends now”.

“Are you? I think I recollect though, that you read with his father?”

“Yes”.

I made the admission with reluctance, for it seemed to have a boyish look, and she already treated me more than enough like a boy.

“Since your change of fortune and prospects, you have changed your companions”, said Estella.

“Naturally”, said I.

“And necessarily”, she added, in a haughty tone; “what was fit company for you once, would be quite unfit company for you now”.

In my conscience, I doubt very much whether I had any lingering intention left of going to see Joe; but if I had, this observation put it to flight.

“You had no idea of your impending good fortune, in those times?” said Estella, with a slight wave of her hand, signifying in the fighting times.

“Not the least”.

The air of completeness and superiority with which she walked at my side, and the air of youthfulness and submission with which I walked at hers, made a contrast that I strongly felt. It would have rankled in me more than it did, if I had not regarded myself as eliciting it by being so set apart for her and assigned to her.

The garden was too overgrown and rank for walking in with ease, and after we had made the round of it twice or thrice, we came out again into the brewery yard. I showed her to a nicety where I had seen her walking on the casks, that first old day, and she said, with a cold and careless look in that direction, “Did I?” I reminded her where she had come out of the house and given me my meat and drink, and she said, “I don’t remember”. “Not remember that you made me cry?” said I. “No”, said she, and shook her head and looked about her. I verily believe that her not remembering and not minding in the least, made me cry again, inwardly – and that is the sharpest crying of all.

“You must know”, said Estella, condescending to me as a brilliant and beautiful woman might, “that I have no heart – if that has anything to do with my memory”.

I got through some jargon to the effect that I took the liberty of doubting that. That I knew better. That there could be no such beauty without it.

“Oh! I have a heart to be stabbed in or shot in, I have no doubt”, said Estella, “and of course if it ceased to beat I should cease to be. But you know what I mean. I have no softness there, no – sympathy – sentiment – nonsense”.

What was it that was borne in upon my mind when she stood still and looked attentively at me? Anything that I had seen in Miss Havisham? No. In some of her looks and gestures there was that tinge of resemblance to Miss

Havisham which may often be noticed to have been acquired by children, from grown person with whom they have been much associated and secluded, and which, when childhood is passed, will produce a remarkable occasional likeness of expression between faces that are otherwise quite different. And yet I could not trace this to Miss Havisham. I looked again, and though she was still looking at me, the suggestion was gone.

What was it?

"I am serious", said Estella, not so much with a frown (for her brow was smooth) as with a darkening of her face; "if we are to be thrown much together, you had better believe it at once. No!" imperiously stopping me as I opened my lips. "I have not bestowed my tenderness anywhere. I have never had any such thing".

In another moment we were in the brewery, so long disused, and she pointed to the high gallery where I had seen her going out on that same first day, and told me she remembered to have been up there, and to have seen me standing scared below. As my eyes followed her white hand, again the same dim suggestion that I could not possibly grasp crossed me. My involuntary start occasioned her to lay her hand upon my arm. Instantly the ghost passed once more and was gone.

What was it?

"What is the matter?" asked Estella. "Are you scared again?"

"I should be, if I believed what you said just now", I replied, to turn it off.

"Then you don't? Very well. It is said, at any rate. Miss Havisham will soon be expecting you at your old post, though I think that might be laid aside now, with other old belongings. Let us make one more round of the garden, and then go in. Come! You shall not shed tears for my cruelty today; you shall be my Page, and give me your shoulder".

Her handsome dress had trailed upon the ground. She held it in one hand now, and with the other lightly touched my shoulder as we walked. We walked round the ruined garden twice or thrice more, and it was all in bloom for me. If the green and yellow growth of weed in the chinks of the old wall had been the most precious flowers that ever blew, it could not have been more cherished in my remembrance.

There was no discrepancy of years between us to remove her far from me; we were of nearly the same age, though of course the age told for more

in her case than in mine; but the air of inaccessibility which her beauty and her manner gave her, tormented me in the midst of my delight, and at the height of the assurance I felt that our patroness had chosen us for one another. Wretched boy!

At last we went back into the house, and there I heard, with surprise, that my guardian had come down to see Miss Havisham on business, and would come back to dinner. The old wintry branches of chandeliers in the room where the mouldering table was spread had been lighted while we were out, and Miss Havisham was in her chair and waiting for me.

It was like pushing the chair itself back into the past, when we began the old slow circuit round about the ashes of the bridal feast. But, in the funereal room, with that figure of the grave fallen back in the chair fixing its eyes upon her, Estella looked more bright and beautiful than before, and I was under stronger enchantment.

The time so melted away, that our early dinner-hour drew close at hand, and Estella left us to prepare herself. We had stopped near the centre of the long table, and Miss Havisham, with one of her withered arms stretched out of the chair, rested that clenched hand upon the yellow cloth. As Estella looked back over her shoulder before going out at the door, Miss Havisham kissed that hand to her, with a ravenous intensity that was of its kind quite dreadful.

Then, Estella being gone and we two left alone, she turned to me, and said in a whisper...

“Is she beautiful, graceful, well-grown? Do you admire her?”

“Everybody must who sees her, Miss Havisham”.

She drew an arm round my neck, and drew my head close down to hers as she sat in the chair. “Love her, love her, love her! How does she use you?”

Before I could answer (if I could have answered so difficult a question at all) she repeated, “Love her, love her, love her! If she favors you, love her. If she wounds you, love her. If she tears your heart to pieces – and as it gets older and stronger it will tear deeper – love her, love her, love her!”

Never had I seen such passionate eagerness as was joined to her utterance of these words. I could feel the muscles of the thin arm round my neck swell with the vehemence that possessed her.

“Hear me, Pip! I adopted her, to be loved. I bred her and educated her,

to be loved. I developed her into what she is, that she might be loved. Love her!”

She said the word often enough, and there could be no doubt that she meant to say it; but if the often repeated word had been hate instead of love – despair – revenge – dire death – it could not have sounded from her lips more like a curse.

“I’ll tell you”, said she, in the same hurried passionate whisper, “what real love is. It is blind devotion, unquestioning self-humiliation, utter submission, trust and belief against yourself and against the whole world, giving up your whole heart and soul to the smiter – as I did!”

When she came to that, and to a wild cry that followed that, I caught her round the waist. For she rose up in the chair, in her shroud of a dress, and struck at the air as if she would as soon have struck herself against the wall and fallen dead.

All this passed in a few seconds. As I drew her down into her chair, I was conscious of a scent that I knew, and turning, saw my guardian in the room.

He always carried (I have not yet mentioned it, I think) a pocket-handkerchief of rich silk and of imposing proportions, which was of great value to him in his profession. I have seen him so terrify a client or a witness by ceremoniously unfolding this pocket-handkerchief as if he were immediately going to blow his nose, and then pausing, as if he knew he should not have time to do it before such client or witness committed himself, that the self-committal has followed directly, quite as a matter of course. When I saw him in the room he had this expressive pocket-handkerchief in both hands, and was looking at us. On meeting my eye, he said plainly, by a momentary and silent pause in that attitude, “Indeed? Singular!” and then put the handkerchief to its right use with wonderful effect.

Miss Havisham had seen him as soon as I, and was (like everybody else) afraid of him. She made a strong attempt to compose herself, and stammered that he was as punctual as ever.

“As punctual as ever”, he repeated, coming up to us. “(How do you do, Pip? Shall I give you a ride, Miss Havisham? Once round?) And so you are here, Pip?”

I told him when I had arrived, and how Miss Havisham had wished me to come and see Estella. To which he replied, “Ah! Very fine young

lady!" Then he pushed Miss Havisham in her chair before him, with one of his large hands, and put the other in his trousers-pocket as if the pocket were full of secrets.

"Well, Pip! How often have you seen Miss Estella before?" said he, when he came to a stop.

"How often?"

"Ah! How many times? Ten thousand times?"

"Oh! Certainly not so many".

"Twice?"

"Jaggers", interposed Miss Havisham, much to my relief, "leave my Pip alone, and go with him to your dinner".

He complied, and we groped our way down the dark stairs together. While we were still on our way to those detached apartments across the paved yard at the back, he asked me how often I had seen Miss Havisham eat and drink; offering me a breadth of choice, as usual, between a hundred times and once.

I considered, and said, "Never".

"And never will, Pip", he retorted, with a frowning smile. "She has never allowed herself to be seen doing either, since she lived this present life of hers. She wanders about in the night, and then lays hands on such food as she takes".

"Pray, sir", said I, "may I ask you a question?"

"You may", said he, "and I may decline to answer it. Put your question".

"Estella's name. Is it Havisham or…?" I had nothing to add.

"Or what?" said he.

"Is it Havisham?"

"It is Havisham".

This brought us to the dinner-table, where she and Sarah Pocket awaited us. Mr. Jaggers presided, Estella sat opposite to him, I faced my green and yellow friend. We dined very well, and were waited on by a maid-servant whom I had never seen in all my comings and goings, but who, for anything I know, had been in that mysterious house the whole time. After dinner a bottle of choice old port was placed before my guardian (he was evidently well acquainted with the vintage), and the two ladies left us.

Anything to equal the determined reticence of Mr. Jaggers under that

roof I never saw elsewhere, even in him. He kept his very looks to himself, and scarcely directed his eyes to Estella's face once during dinner. When she spoke to him, he listened, and in due course answered, but never looked at her, that I could see. On the other hand, she often looked at him, with interest and curiosity, if not distrust, but his face never showed the least consciousness. Throughout dinner he took a dry delight in making Sarah Pocket greener and yellower, by often referring in conversation with me to my expectations; but here, again, he showed no consciousness, and even made it appear that he extorted – and even did extort, though I don't know how – those references out of my innocent self.

And when he and I were left alone together, he sat with an air upon him of general lying by in consequence of information he possessed, that really was too much for me. He cross-examined his very wine when he had nothing else in hand. He held it between himself and the candle, tasted the port, rolled it in his mouth, swallowed it, looked at his glass again, smelt the port, tried it, drank it, filled again, and cross-examined the glass again, until I was as nervous as if I had known the wine to be telling him something to my disadvantage. Three or four times I feebly thought I would start conversation; but whenever he saw me going to ask him anything, he looked at me with his glass in his hand, and rolling his wine about in his mouth, as if requesting me to take notice that it was of no use, for he couldn't answer.

I think Miss Pocket was conscious that the sight of me involved her in the danger of being goaded to madness, and perhaps tearing off her cap – which was a very hideous one, in the nature of a muslin mop – and strewing the ground with her hair – which assuredly had never grown on her head. She did not appear when we afterwards went up to Miss Havisham's room, and we four played at whist. In the interval, Miss Havisham, in a fantastic way, had put some of the most beautiful jewels from her dressing-table into Estella's hair, and about her bosom and arms; and I saw even my guardian look at her from under his thick eyebrows, and raise them a little, when her loveliness was before him, with those rich flushes of glitter and color in it.

Of the manner and extent to which he took our trumps into custody, and came out with mean little cards at the ends of hands, before which the glory of our Kings and Queens was utterly abased, I say nothing; nor, of the feeling that I had, respecting his looking upon us personally in the light of three very obvious and poor riddles that he had found out long ago. What I

suffered from, was the incompatibility between his cold presence and my feelings towards Estella. It was not that I knew I could never bear to speak to him about her, that I knew I could never bear to hear him creak his boots at her, that I knew I could never bear to see him wash his hands of her; it was, that my admiration should be within a foot or two of him – it was, that my feelings should be in the same place with him – that, was the agonizing circumstance.

We played until nine o'clock, and then it was arranged that when Estella came to London I should be forewarned of her coming and should meet her at the coach; and then I took leave of her, and touched her and left her.

My guardian lay at the Boar in the next room to mine. Far into the night, Miss Havisham's words, "Love her, love her, love her!" sounded in my ears. I adapted them for my own repetition, and said to my pillow, "I love her, I love her, I love her!" hundreds of times. Then, a burst of gratitude came upon me, that she should be destined for me, once the blacksmith's boy. Then I thought if she were, as I feared, by no means rapturously grateful for that destiny yet, when would she begin to be interested in me? When should I awaken the heart within her that was mute and sleeping now?

Ah me! I thought those were high and great emotions. But I never thought there was anything low and small in my keeping away from Joe, because I knew she would be contemptuous of him. It was but a day gone, and Joe had brought the tears into my eyes; they had soon dried, God forgive me! soon dried.

CHAPTER XXX

After well considering the matter while I was dressing at the Blue Boar in the morning, I resolved to tell my guardian that I doubted Orlick's being the right sort of man to fill a post of trust at Miss Havisham's. "Why of course he is not the right sort of man, Pip", said my guardian, comfortably satisfied beforehand on the general head, "because the man who fills the post of trust never is the right sort of man". It seemed quite to put him into spirits to find that this particular post was not exceptionally held by the right sort of man, and he listened in a satisfied manner while I told him what knowledge I had of Orlick. "Very good, Pip", he observed, when I had concluded, "I'll go round presently, and pay our friend off". Rather alarmed by this summary action, I was for a little delay, and even hinted that our friend himself might be difficult to deal with. "Oh no he won't", said my guardian, making his pocket-handkerchief-point, with perfect confidence; "I should like to see him argue the question with me".

As we were going back together to London by the midday coach, and as I breakfasted under such terrors of Pumblechook that I could scarcely hold my cup, this gave me an opportunity of saying that I wanted a walk, and that I would go on along the London road while Mr. Jaggers was occupied, if he would let the coachman know that I would get into my place when overtaken. I was thus enabled to fly from the Blue Boar immediately after breakfast. By then making a loop of about a couple of miles into the open country at the back of Pumblechook's premises, I got round into the High Street again, a little beyond that pitfall, and felt myself in comparative security.

It was interesting to be in the quiet old town once more, and it was not disagreeable to be here and there suddenly recognized and stared after. One or two of the tradespeople even darted out of their shops and went a little way down the street before me, that they might turn, as if they had forgotten something, and pass me face to face – on which occasions I don't know whether they or I made the worse pretence; they of not doing it, or I of not seeing it. Still my position was a distinguished one, and I was not at all dissatisfied with it, until Fate threw me in the way of that unlimited miscreant, Trabb's boy.

Casting my eyes along the street at a certain point of my progress, I beheld Trabb's boy approaching, lashing himself with an empty blue bag.

Deeming that a serene and unconscious contemplation of him would best beseem me, and would be most likely to quell his evil mind, I advanced with that expression of countenance, and was rather congratulating myself on my success, when suddenly the knees of Trabb's boy smote together, his hair uprose, his cap fell off, he trembled violently in every limb, staggered out into the road, and crying to the populace, "Hold me! I'm so frightened!" feigned to be in a paroxysm of terror and contrition, occasioned by the dignity of my appearance. As I passed him, his teeth loudly chattered in his head, and with every mark of extreme humiliation, he prostrated himself in the dust.

This was a hard thing to bear, but this was nothing. I had not advanced another two hundred yards when, to my inexpressible terror, amazement, and indignation, I again beheld Trabb's boy approaching. He was coming round a narrow corner. His blue bag was slung over his shoulder, honest industry beamed in his eyes, a determination to proceed to Trabb's with cheerful briskness was indicated in his gait. With a shock he became aware of me, and was severely visited as before; but this time his motion was rotatory, and he staggered round and round me with knees more afflicted, and with uplifted hands as if beseeching for mercy. His sufferings were hailed with the greatest joy by a knot of spectators, and I felt utterly confounded.

I had not got as much further down the street as the post-office, when I again beheld Trabb's boy shooting round by a back way. This time, he was entirely changed. He wore the blue bag in the manner of my great-coat, and was strutting along the pavement towards me on the opposite side of the street, attended by a company of delighted young friends to whom he from time to time exclaimed, with a wave of his hand, "Don't know yah!" Words cannot state the amount of aggravation and injury wreaked upon me by Trabb's boy, when passing abreast of me, he pulled up his shirt-collar, twined his side-hair, stuck an arm akimbo, and smirked extravagantly by, wriggling his elbows and body, and drawling to his attendants, "Don't know yah, don't know yah, 'pon my soul don't know yah!" The disgrace attendant on his immediately afterwards taking to crowing and pursuing me across the bridge with crows, as from an exceedingly dejected fowl who had known me when I was a blacksmith, culminated the disgrace with which I left the town, and was, so to speak, ejected by it into the open country.

But unless I had taken the life of Trabb's boy on that occasion, I really

do not even now see what I could have done save endure. To have struggled with him in the street, or to have exacted any lower recompense from him than his heart's best blood, would have been futile and degrading. Moreover, he was a boy whom no man could hurt; an invulnerable and dodging serpent who, when chased into a corner, flew out again between his captor's legs, scornfully yelping. I wrote, however, to Mr. Trabb by next day's post, to say that Mr. Pip must decline to deal further with one who could so far forget what he owed to the best interests of society, as to employ a boy who excited Loathing in every respectable mind.

The coach, with Mr. Jaggers inside, came up in due time, and I took my box-seat again, and arrived in London safe – but not sound, for my heart was gone. As soon as I arrived, I sent a penitential codfish and barrel of oysters to Joe (as reparation for not having gone myself), and then went on to Barnard's Inn.

I found Herbert dining on cold meat, and delighted to welcome me back. Having despatched The Avenger to the coffee-house for an addition to the dinner, I felt that I must open my breast that very evening to my friend and chum. As confidence was out of the question with The Avenger in the hall, which could merely be regarded in the light of an antechamber to the keyhole, I sent him to the Play. A better proof of the severity of my bondage to that taskmaster could scarcely be afforded, than the degrading shifts to which I was constantly driven to find him employment. So mean is extremity, that I sometimes sent him to Hyde Park corner to see what o'clock it was.

Dinner done and we sitting with our feet upon the fender, I said to Herbert, "My dear Herbert, I have something very particular to tell you".

"My dear Handel", he returned, "I shall esteem and respect your confidence".

"It concerns myself, Herbert", said I, "and one other person".

Herbert crossed his feet, looked at the fire with his head on one side, and having looked at it in vain for some time, looked at me because I didn't go on.

"Herbert", said I, laying my hand upon his knee, "I love… I adore… Estella".

Instead of being transfixed, Herbert replied in an easy matter-of-course way, "Exactly. Well?"

"Well, Herbert? Is that all you say? Well?"

“What next, I mean?” said Herbert. “Of course I know that”.

“How do you know it?” said I.

“How do I know it, Handel? Why, from you”.

“I never told you”.

“Told me! You have never told me when you have got your hair cut, but I have had senses to perceive it. You have always adored her, ever since I have known you. You brought your adoration and your portmanteau here together. Told me! Why, you have always told me all day long. When you told me your own story, you told me plainly that you began adoring her the first time you saw her, when you were very young indeed”.

“Very well, then”, said I, to whom this was a new and not unwelcome light, “I have never left off adoring her. And she has come back, a most beautiful and most elegant creature. And I saw her yesterday. And if I adored her before, I now doubly adore her”.

“Lucky for you then, Handel”, said Herbert, “that you are picked out for her and allotted to her. Without encroaching on forbidden ground, we may venture to say that there can be no doubt between ourselves of that fact. Have you any idea yet, of Estella’s views on the adoration question?”

I shook my head gloomily. “Oh! She is thousands of miles away, from me”, said I.

“Patience, my dear Handel: time enough, time enough. But you have something more to say?”

“I am ashamed to say it”, I returned, “and yet it’s no worse to say it than to think it. You call me a lucky fellow. Of course, I am. I was a blacksmith’s boy but yesterday; I am – what shall I say I am – today?”

“Say a good fellow, if you want a phrase”, returned Herbert, smiling, and clapping his hand on the back of mine...”a good fellow, with impetuosity and hesitation, boldness and diffidence, action and dreaming, curiously mixed in him”.

I stopped for a moment to consider whether there really was this mixture in my character. On the whole, I by no means recognized the analysis, but thought it not worth disputing.

“When I ask what I am to call myself today, Herbert”, I went on, “I suggest what I have in my thoughts. You say I am lucky. I know I have done nothing to raise myself in life, and that Fortune alone has raised me; that is being very lucky. And yet, when I think of Estella...”

(“And when don’t you, you know?” Herbert threw in, with his eyes on the fire; which I thought kind and sympathetic of him.)

“... Then, my dear Herbert, I cannot tell you how dependent and uncertain I feel, and how exposed to hundreds of chances. Avoiding forbidden ground, as you did just now, I may still say that on the constancy of one person (naming no person) all my expectations depend. And at the best, how indefinite and unsatisfactory, only to know so vaguely what they are!” In saying this, I relieved my mind of what had always been there, more or less, though no doubt most since yesterday.

“Now, Handel”, Herbert replied, in his gay, hopeful way, “it seems to me that in the despondency of the tender passion, we are looking into our gift-horse’s mouth with a magnifying-glass. Likewise, it seems to me that, concentrating our attention on the examination, we altogether overlook one of the best points of the animal. Didn’t you tell me that your guardian, Mr. Jaggers, told you in the beginning, that you were not endowed with expectations only? And even if he had not told you so – though that is a very large If, I grant – could you believe that of all men in London, Mr. Jaggers is the man to hold his present relations towards you unless he were sure of his ground?”

I said I could not deny that this was a strong point. I said it (people often do so, in such cases) like a rather reluctant concession to truth and justice; – as if I wanted to deny it!

“I should think it was a strong point”, said Herbert, “and I should think you would be puzzled to imagine a stronger; as to the rest, you must bide your guardian’s time, and he must bide his client’s time. You’ll be one-and-twenty before you know where you are, and then perhaps you’ll get some further enlightenment. At all events, you’ll be nearer getting it, for it must come at last”.

“What a hopeful disposition you have!” said I, gratefully admiring his cheery ways.

“I ought to have”, said Herbert, “for I have not much else. I must acknowledge, by the by, that the good sense of what I have just said is not my own, but my father’s. The only remark I ever heard him make on your story, was the final one, “The thing is settled and done, or Mr. Jaggers would not be in it”. And now before I say anything more about my father, or my father’s son, and repay confidence with confidence, I want to make myself seriously

disagreeable to you for a moment – positively repulsive".

"You won't succeed", said I.

"O yes I shall!" said he. "One, two, three, and now I am in for it. Handel, my good fellow;" – though he spoke in this light tone, he was very much in earnest – "I have been thinking since we have been talking with our feet on this fender, that Estella surely cannot be a condition of your inheritance, if she was never referred to by your guardian. Am I right in so understanding what you have told me, as that he never referred to her, directly or indirectly, in any way? Never even hinted, for instance, that your patron might have views as to your marriage ultimately?"

"Never".

"Now, Handel, I am quite free from the flavor of sour grapes, upon my soul and honor! Not being bound to her, can you not detach yourself from her? – I told you I should be disagreeable".

I turned my head aside, for, with a rush and a sweep, like the old marsh winds coming up from the sea, a feeling like that which had subdued me on the morning when I left the forge, when the mists were solemnly rising, and when I laid my hand upon the village finger-post, smote upon my heart again. There was silence between us for a little while.

"Yes; but my dear Handel", Herbert went on, as if we had been talking, instead of silent, "its having been so strongly rooted in the breast of a boy whom nature and circumstances made so romantic, renders it very serious. Think of her bringing-up, and think of Miss Havisham. Think of what she is herself (now I am repulsive and you abominate me). This may lead to miserable things".

"I know it, Herbert", said I, with my head still turned away, "but I can't help it".

"You can't detach yourself?"

"No. Impossible!"

"You can't try, Handel?"

"No. Impossible!"

"Well!" said Herbert, getting up with a lively shake as if he had been asleep, and stirring the fire, "now I'll endeavor to make myself agreeable again!"

So he went round the room and shook the curtains out, put the chairs in their places, tidied the books and so forth that were lying about, looked

into the hall, peeped into the letter-box, shut the door, and came back to his chair by the fire: where he sat down, nursing his left leg in both arms.

"I was going to say a word or two, Handel, concerning my father and my father's son. I am afraid it is scarcely necessary for my father's son to remark that my father's establishment is not particularly brilliant in its housekeeping".

"There is always plenty, Herbert", said I, to say something encouraging.

"O yes! and so the dustman says, I believe, with the strongest approval, and so does the marine-store shop in the back street. Gravely, Handel, for the subject is grave enough, you know how it is as well as I do. I suppose there was a time once when my father had not given matters up; but if ever there was, the time is gone. May I ask you if you have ever had an opportunity of remarking, down in your part of the country, that the children of not exactly suitable marriages are always most particularly anxious to be married?"

This was such a singular question, that I asked him in return, "Is it so?"

"I don't know", said Herbert, "that's what I want to know. Because it is decidedly the case with us. My poor sister Charlotte, who was next me and died before she was fourteen, was a striking example. Little Jane is the same. In her desire to be matrimonially established, you might suppose her to have passed her short existence in the perpetual contemplation of domestic bliss. Little Alick in a frock has already made arrangements for his union with a suitable young person at Kew. And indeed, I think we are all engaged, except the baby".

"Then you are?" said I.

"I am", said Herbert; "but it's a secret".

I assured him of my keeping the secret, and begged to be favored with further particulars. He had spoken so sensibly and feelingly of my weakness that I wanted to know something about his strength.

"May I ask the name?" I said.

"Name of Clara", said Herbert.

"Live in London?"

"Yes, perhaps I ought to mention", said Herbert, who had become curiously crestfallen and meek, since we entered on the interesting theme,

“that she is rather below my mother’s nonsensical family notions. Her father had to do with the victualling of passenger-ships. I think he was a species of purser”.

“What is he now?” said I.

“He’s an invalid now”, replied Herbert.

“Living on...?”

“On the first floor”, said Herbert. Which was not at all what I meant, for I had intended my question to apply to his means. “I have never seen him, for he has always kept his room overhead, since I have known Clara. But I have heard him constantly. He makes tremendous rows – roars, and pegs at the floor with some frightful instrument”. In looking at me and then laughing heartily, Herbert for the time recovered his usual lively manner.

“Don’t you expect to see him?” said I.

“O yes, I constantly expect to see him”, returned Herbert, “because I never hear him, without expecting him to come tumbling through the ceiling. But I don’t know how long the rafters may hold”.

When he had once more laughed heartily, he became meek again, and told me that the moment he began to realize Capital, it was his intention to marry this young lady. He added as a self-evident proposition, engendering low spirits, “But you can’t marry, you know, while you’re looking about you”.

As we contemplated the fire, and as I thought what a difficult vision to realize this same Capital sometimes was, I put my hands in my pockets. A folded piece of paper in one of them attracting my attention, I opened it and found it to be the play-bill I had received from Joe, relative to the celebrated provincial amateur of Roscian renown. “And bless my heart”, I involuntarily added aloud, “it’s tonight!”

This changed the subject in an instant, and made us hurriedly resolve to go to the play. So, when I had pledged myself to comfort and abet Herbert in the affair of his heart by all practicable and impracticable means, and when Herbert had told me that his affianced already knew me by reputation and that I should be presented to her, and when we had warmly shaken hands upon our mutual confidence, we blew out our candles, made up our fire, locked our door, and issued forth in quest of Mr. Wopsle and Denmark.

CHAPTER XXXI

On our arrival in Denmark, we found the king and queen of that country elevated in two arm-chairs on a kitchen-table, holding a Court. The whole of the Danish nobility were in attendance; consisting of a noble boy in the wash-leather boots of a gigantic ancestor, a venerable Peer with a dirty face who seemed to have risen from the people late in life, and the Danish chivalry with a comb in its hair and a pair of white silk legs, and presenting on the whole a feminine appearance. My gifted townsman stood gloomily apart, with folded arms, and I could have wished that his curls and forehead had been more probable.

Several curious little circumstances transpired as the action proceeded. The late king of the country not only appeared to have been troubled with a cough at the time of his decease, but to have taken it with him to the tomb, and to have brought it back. The royal phantom also carried a ghostly manuscript round its truncheon, to which it had the appearance of occasionally referring, and that too, with an air of anxiety and a tendency to lose the place of reference which were suggestive of a state of mortality. It was this, I conceive, which led to the Shade's being advised by the gallery to "turn over!" – a recommendation which it took extremely ill. It was likewise to be noted of this majestic spirit, that whereas it always appeared with an air of having been out a long time and walked an immense distance, it perceptibly came from a closely contiguous wall. This occasioned its terrors to be received derisively. The Queen of Denmark, a very buxom lady, though no doubt historically brazen, was considered by the public to have too much brass about her; her chin being attached to her diadem by a broad band of that metal (as if she had a gorgeous toothache), her waist being encircled by another, and each of her arms by another, so that she was openly mentioned as "the kettle-drum". The noble boy in the ancestral boots was inconsistent, representing himself, as it were in one breath, as an able seaman, a strolling actor, a grave-digger, a clergyman, and a person of the utmost importance at a Court fencing-match, on the authority of whose practised eye and nice discrimination the finest strokes were judged. This gradually led to a want of toleration for him, and even – on his being detected in holy orders, and declining to perform the funeral service – to the general indignation taking the form of nuts. Lastly, Ophelia was a prey to such slow musical madness,

that when, in course of time, she had taken off her white muslin scarf, folded it up, and buried it, a sulky man who had been long cooling his impatient nose against an iron bar in the front row of the gallery, growled, “Now the baby’s put to bed let’s have supper!” Which, to say the least of it, was out of keeping.

Upon my unfortunate townsman all these incidents accumulated with playful effect. Whenever that undecided Prince had to ask a question or state a doubt, the public helped him out with it. As for example; on the question whether ‘twas nobler in the mind to suffer, some roared yes, and some no, and some inclining to both opinions said “Toss up for it;” and quite a Debating Society arose. When he asked what should such fellows as he do crawling between earth and heaven, he was encouraged with loud cries of “Hear, hear!” When he appeared with his stocking disordered (its disorder expressed, according to usage, by one very neat fold in the top, which I suppose to be always got up with a flat iron), a conversation took place in the gallery respecting the paleness of his leg, and whether it was occasioned by the turn the ghost had given him. On his taking the recorders – very like a little black flute that had just been played in the orchestra and handed out at the door – he was called upon unanimously for Rule Britannia. When he recommended the player not to saw the air thus, the sulky man said, “And don’t you do it, neither; you’re a deal worse than him!” And I grieve to add that peals of laughter greeted Mr. Wopsle on every one of these occasions.

But his greatest trials were in the churchyard, which had the appearance of a primeval forest, with a kind of small ecclesiastical wash-house on one side, and a turnpike gate on the other. Mr. Wopsle in a comprehensive black cloak, being descried entering at the turnpike, the gravedigger was admonished in a friendly way, “Look out! Here’s the undertaker a coming, to see how you’re a getting on with your work!” I believe it is well known in a constitutional country that Mr. Wopsle could not possibly have returned the skull, after moralizing over it, without dusting his fingers on a white napkin taken from his breast; but even that innocent and indispensable action did not pass without the comment, “Wai-ter!” The arrival of the body for interment (in an empty black box with the lid tumbling open), was the signal for a general joy, which was much enhanced by the discovery, among the bearers, of an individual obnoxious to identification. The joy attended Mr. Wopsle through his struggle with Laertes on the brink

of the orchestra and the grave, and slackened no more until he had tumbled the king off the kitchen-table, and had died by inches from the ankles upward.

We had made some pale efforts in the beginning to applaud Mr. Wopsle; but they were too hopeless to be persisted in. Therefore we had sat, feeling keenly for him, but laughing, nevertheless, from ear to ear. I laughed in spite of myself all the time, the whole thing was so droll; and yet I had a latent impression that there was something decidedly fine in Mr. Wopsle's elocution – not for old associations' sake, I am afraid, but because it was very slow, very dreary, very up-hill and down-hill, and very unlike any way in which any man in any natural circumstances of life or death ever expressed himself about anything. When the tragedy was over, and he had been called for and hooted, I said to Herbert, "Let us go at once, or perhaps we shall meet him".

We made all the haste we could down stairs, but we were not quick enough either. Standing at the door was a Jewish man with an unnatural heavy smear of eyebrow, who caught my eyes as we advanced, and said, when we came up with him:

"Mr. Pip and friend?"

Identity of Mr. Pip and friend confessed.

"Mr. Waldengarver", said the man, "would be glad to have the honor".

"Waldengarver?", I repeated, when Herbert murmured in my ear, "Probably Wopsle".

"Oh!" said I. "Yes. Shall we follow you?"

"A few steps, please". When we were in a side alley, he turned and asked, "How did you think he looked? – I dressed him".

I don't know what he had looked like, except a funeral; with the addition of a large Danish sun or star hanging round his neck by a blue ribbon, that had given him the appearance of being insured in some extraordinary Fire Office. But I said he had looked very nice.

"When he come to the grave", said our conductor, "he showed his cloak beautiful. But, judging from the wing, it looked to me that when he see the ghost in the queen's apartment, he might have made more of his stockings".

I modestly assented, and we all fell through a little dirty swing door,

into a sort of hot packing-case immediately behind it. Here Mr. Wopsle was divesting himself of his Danish garments, and here there was just room for us to look at him over one another's shoulders, by keeping the packing-case door, or lid, wide open.

"Gentlemen", said Mr. Wopsle, "I am proud to see you. I hope, Mr. Pip, you will excuse my sending round. I had the happiness to know you in former times, and the Drama has ever had a claim which has ever been acknowledged, on the noble and the affluent".

Meanwhile, Mr. Waldengarver, in a frightful perspiration, was trying to get himself out of his princely sables.

"Skin the stockings off Mr. Waldengarver", said the owner of that property, "or you'll bust 'em. Bust 'em, and you'll bust five-and-thirty shillings. Shakspeare never was complimented with a finer pair. Keep quiet in your chair now, and leave 'em to me".

With that, he went upon his knees, and began to flay his victim; who, on the first stocking coming off, would certainly have fallen over backward with his chair, but for there being no room to fall anyhow.

I had been afraid until then to say a word about the play. But then, Mr. Waldengarver looked up at us complacently, and said:

"Gentlemen, how did it seem to you, to go, in front?"

Herbert said from behind (at the same time poking me), "Capitally". So I said "Capitally".

"How did you like my reading of the character, gentlemen?" said Mr. Waldengarver, almost, if not quite, with patronage.

Herbert said from behind (again poking me), "Massive and concrete". So I said boldly, as if I had originated it, and must beg to insist upon it, "Massive and concrete".

"I am glad to have your approbation, gentlemen", said Mr. Waldengarver, with an air of dignity, in spite of his being ground against the wall at the time, and holding on by the seat of the chair.

"But I'll tell you one thing, Mr. Waldengarver", said the man who was on his knees, "in which you're out in your reading. Now mind! I don't care who says contrairy; I tell you so. You're out in your reading of Hamlet when you get your legs in profile. The last Hamlet as I dressed, made the same mistakes in his reading at rehearsal, till I got him to put a large red wafer on each of his shins, and then at that rehearsal (which was the last) I went in

front, sir, to the back of the pit, and whenever his reading brought him into profile, I called out “I don’t see no wafers!” And at night his reading was lovely”.

Mr. Waldengarver smiled at me, as much as to say “a faithful Dependent – I overlook his folly;” and then said aloud, “My view is a little classic and thoughtful for them here; but they will improve, they will improve”.

Herbert and I said together, O, no doubt they would improve.

“Did you observe, gentlemen”, said Mr. Waldengarver, “that there was a man in the gallery who endeavored to cast derision on the service – I mean, the representation?”

We basely replied that we rather thought we had noticed such a man. I added, “He was drunk, no doubt”.

“O dear no, sir”, said Mr. Wopsle, “not drunk. His employer would see to that, sir. His employer would not allow him to be drunk”.

“You know his employer?” said I.

Mr. Wopsle shut his eyes, and opened them again; performing both ceremonies very slowly. “You must have observed, gentlemen”, said he, “an ignorant and a blatant ass, with a rasping throat and a countenance expressive of low malignity, who went through – I will not say sustained – the rôle (if I may use a French expression) of Claudius, King of Denmark. That is his employer, gentlemen. Such is the profession!”

Without distinctly knowing whether I should have been more sorry for Mr. Wopsle if he had been in despair, I was so sorry for him as it was, that I took the opportunity of his turning round to have his braces put on – which jostled us out at the doorway – to ask Herbert what he thought of having him home to supper? Herbert said he thought it would be kind to do so; therefore I invited him, and he went to Barnard’s with us, wrapped up to the eyes, and we did our best for him, and he sat until two o’clock in the morning, reviewing his success and developing his plans. I forget in detail what they were, but I have a general recollection that he was to begin with reviving the Drama, and to end with crushing it; inasmuch as his decease would leave it utterly bereft and without a chance or hope.

Miserably I went to bed after all, and miserably thought of Estella, and miserably dreamed that my expectations were all cancelled, and that I had to give my hand in marriage to Herbert’s Clara, or play Hamlet to Miss

Havisham’s Ghost, before twenty thousand people, without knowing twenty words of it.

CHAPTER XXXII

One day when I was busy with my books and Mr. Pocket, I received a note by the post, the mere outside of which threw me into a great flutter; for, though I had never seen the handwriting in which it was addressed, I divined whose hand it was. It had no set beginning, as Dear Mr. Pip, or Dear Pip, or Dear Sir, or Dear Anything, but ran thus:

I am to come to London the day after tomorrow by the midday coach. I believe it was settled you should meet me? At all events Miss Havisham has that impression, and I write in obedience to it. She sends you her regard.

Yours,

Estella.

If there had been time, I should probably have ordered several suits of clothes for this occasion; but as there was not, I was fain to be content with those I had. My appetite vanished instantly, and I knew no peace or rest until the day arrived. Not that its arrival brought me either; for, then I was worse than ever, and began haunting the coach-office in Wood Street, Cheapside, before the coach had left the Blue Boar in our town. For all that I knew this perfectly well, I still felt as if it were not safe to let the coach-office be out of my sight longer than five minutes at a time; and in this condition of unreason I had performed the first half-hour of a watch of four or five hours, when Wemmick ran against me.

"Halloa, Mr. Pip", said he; "how do you do? I should hardly have thought this was your beat".

I explained that I was waiting to meet somebody who was coming up by coach, and I inquired after the Castle and the Aged.

"Both flourishing thankye", said Wemmick, "and particularly the Aged. He's in wonderful feather. He'll be eighty-two next birthday. I have a notion of firing eighty-two times, if the neighborhood shouldn't complain, and that cannon of mine should prove equal to the pressure. However, this is not London talk. Where do you think I am going to?"

"To the office?" said I, for he was tending in that direction.

"Next thing to it", returned Wemmick, "I am going to Newgate. We

are in a banker's-parcel case just at present, and I have been down the road taking a squint at the scene of action, and thereupon must have a word or two with our client".

"Did your client commit the robbery?" I asked.

"Bless your soul and body, no", answered Wemmick, very drily. "But he is accused of it. So might you or I be. Either of us might be accused of it, you know".

"Only neither of us is", I remarked.

"Yah!" said Wemmick, touching me on the breast with his forefinger; "you're a deep one, Mr. Pip! Would you like to have a look at Newgate? Have you time to spare?"

I had so much time to spare, that the proposal came as a relief, notwithstanding its irreconcilability with my latent desire to keep my eye on the coach-office. Muttering that I would make the inquiry whether I had time to walk with him, I went into the office, and ascertained from the clerk with the nicest precision and much to the trying of his temper, the earliest moment at which the coach could be expected – which I knew beforehand, quite as well as he. I then rejoined Mr. Wemmick, and affecting to consult my watch, and to be surprised by the information I had received, accepted his offer.

We were at Newgate in a few minutes, and we passed through the lodge where some fetters were hanging up on the bare walls among the prison rules, into the interior of the jail. At that time jails were much neglected, and the period of exaggerated reaction consequent on all public wrongdoing – and which is always its heaviest and longest punishment – was still far off. So felons were not lodged and fed better than soldiers, (to say nothing of paupers,) and seldom set fire to their prisons with the excusable object of improving the flavor of their soup. It was visiting time when Wemmick took me in, and a potman was going his rounds with beer; and the prisoners, behind bars in yards, were buying beer, and talking to friends; and a frowzy, ugly, disorderly, depressing scene it was.

It struck me that Wemmick walked among the prisoners much as a gardener might walk among his plants. This was first put into my head by his seeing a shoot that had come up in the night, and saying, "What, Captain Tom? Are you there? Ah, indeed!" and also, "Is that Black Bill behind the cistern? Why I didn't look for you these two months; how do you find yourself?" Equally in his stopping at the bars and attending to anxious

whisperers – always singly – Wemmick with his post-office in an immovable state, looked at them while in conference, as if he were taking particular notice of the advance they had made, since last observed, towards coming out in full blow at their trial.

He was highly popular, and I found that he took the familiar department of Mr. Jaggers's business; though something of the state of Mr. Jaggers hung about him too, forbidding approach beyond certain limits. His personal recognition of each successive client was comprised in a nod, and in his settling his hat a little easier on his head with both hands, and then tightening the post-office, and putting his hands in his pockets. In one or two instances there was a difficulty respecting the raising of fees, and then Mr. Wemmick, backing as far as possible from the insufficient money produced, said, "it's no use, my boy. I'm only a subordinate. I can't take it. Don't go on in that way with a subordinate. If you are unable to make up your quantum, my boy, you had better address yourself to a principal; there are plenty of principals in the profession, you know, and what is not worth the while of one, may be worth the while of another; that's my recommendation to you, speaking as a subordinate. Don't try on useless measures. Why should you? Now, who's next?"

Thus, we walked through Wemmick's greenhouse, until he turned to me and said, "Notice the man I shall shake hands with". I should have done so, without the preparation, as he had shaken hands with no one yet.

Almost as soon as he had spoken, a portly upright man (whom I can see now, as I write) in a well-worn olive-colored frock-coat, with a peculiar pallor overspreading the red in his complexion, and eyes that went wandering about when he tried to fix them, came up to a corner of the bars, and put his hand to his hat – which had a greasy and fatty surface like cold broth – with a half-serious and half-jocose military salute.

"Colonel, to you!" said Wemmick; "how are you, Colonel?"

"All right, Mr. Wemmick".

"Everything was done that could be done, but the evidence was too strong for us, Colonel".

"Yes, it was too strong, sir, but I don't care".

"No, no", said Wemmick, coolly, "you don't care". Then, turning to me, "Served His Majesty this man. Was a soldier in the line and bought his discharge".

I said, “Indeed?” and the man’s eyes looked at me, and then looked over my head, and then looked all round me, and then he drew his hand across his lips and laughed.

“I think I shall be out of this on Monday, sir”, he said to Wemmick.

“Perhaps”, returned my friend, “but there’s no knowing”.

“I am glad to have the chance of bidding you good by, Mr. Wemmick”, said the man, stretching out his hand between two bars.

“Thankye”, said Wemmick, shaking hands with him. “Same to you, Colonel”.

“If what I had upon me when taken had been real, Mr. Wemmick”, said the man, unwilling to let his hand go, “I should have asked the favor of your wearing another ring – in acknowledgment of your attentions”.

“I’ll accept the will for the deed”, said Wemmick. “By the by; you were quite a pigeon-fancier”. The man looked up at the sky. “I am told you had a remarkable breed of tumblers. Could you commission any friend of yours to bring me a pair, of you’ve no further use for ‘em?”

“It shall be done, sir?”

“All right”, said Wemmick, “they shall be taken care of. Good afternoon, Colonel. Good by!” They shook hands again, and as we walked away Wemmick said to me, “A Coiner, a very good workman. The Recorder’s report is made today, and he is sure to be executed on Monday. Still you see, as far as it goes, a pair of pigeons are portable property all the same”. With that, he looked back, and nodded at this dead plant, and then cast his eyes about him in walking out of the yard, as if he were considering what other pot would go best in its place.

As we came out of the prison through the lodge, I found that the great importance of my guardian was appreciated by the turnkeys, no less than by those whom they held in charge. “Well, Mr. Wemmick”, said the turnkey, who kept us between the two studded and spiked lodge gates, and who carefully locked one before he unlocked the other, “what’s Mr. Jaggers going to do with that water-side murder? Is he going to make it manslaughter, or what’s he going to make of it?”

“Why don’t you ask him?” returned Wemmick.

“O yes, I dare say!” said the turnkey.

“Now, that’s the way with them here, Mr. Pip”, remarked Wemmick, turning to me with his post-office elongated. “They don’t mind what they ask

of me, the subordinate; but you'll never catch 'em asking any questions of my principal".

"Is this young gentleman one of the 'prentices or articled ones of your office?" asked the turnkey, with a grin at Mr. Wemmick's humor.

"There he goes again, you see!" cried Wemmick, "I told you so! Asks another question of the subordinate before his first is dry! Well, supposing Mr. Pip is one of them?"

"Why then", said the turnkey, grinning again, "he knows what Mr. Jaggers is".

"Yah!" cried Wemmick, suddenly hitting out at the turnkey in a facetious way, "you're dumb as one of your own keys when you have to do with my principal, you know you are. Let us out, you old fox, or I'll get him to bring an action against you for false imprisonment".

The turnkey laughed, and gave us good day, and stood laughing at us over the spikes of the wicket when we descended the steps into the street.

"Mind you, Mr. Pip", said Wemmick, gravely in my ear, as he took my arm to be more confidential; "I don't know that Mr. Jaggers does a better thing than the way in which he keeps himself so high. He's always so high. His constant height is of a piece with his immense abilities. That Colonel durst no more take leave of him, than that turnkey durst ask him his intentions respecting a case. Then, between his height and them, he slips in his subordinate – don't you see? – and so he has 'em, soul and body".

I was very much impressed, and not for the first time, by my guardian's subtlety. To confess the truth, I very heartily wished, and not for the first time, that I had had some other guardian of minor abilities.

Mr. Wemmick and I parted at the office in Little Britain, where suppliants for Mr. Jaggers's notice were lingering about as usual, and I returned to my watch in the street of the coach-office, with some three hours on hand. I consumed the whole time in thinking how strange it was that I should be encompassed by all this taint of prison and crime; that, in my childhood out on our lonely marshes on a winter evening, I should have first encountered it; that, it should have reappeared on two occasions, starting out like a stain that was faded but not gone; that, it should in this new way pervade my fortune and advancement. While my mind was thus engaged, I thought of the beautiful young Estella, proud and refined, coming towards me, and I thought with absolute abhorrence of the contrast between the jail

and her. I wished that Wemmick had not met me, or that I had not yielded to him and gone with him, so that, of all days in the year on this day, I might not have had Newgate in my breath and on my clothes. I beat the prison dust off my feet as I sauntered to and fro, and I shook it out of my dress, and I exhaled its air from my lungs. So contaminated did I feel, remembering who was coming, that the coach came quickly after all, and I was not yet free from the soiling consciousness of Mr. Wemmick's conservatory, when I saw her face at the coach window and her hand waving to me.

What was the nameless shadow which again in that one instant had passed?

CHAPTER XXXIII

In her furred travelling-dress, Estella seemed more delicately beautiful than she had ever seemed yet, even in my eyes. Her manner was more winning than she had cared to let it be to me before, and I thought I saw Miss Havisham's influence in the change.

We stood in the Inn Yard while she pointed out her luggage to me, and when it was all collected I remembered – having forgotten everything but herself in the meanwhile – that I knew nothing of her destination.

"I am going to Richmond", she told me. "Our lesson is, that there are two Richmonds, one in Surrey and one in Yorkshire, and that mine is the Surrey Richmond. The distance is ten miles. I am to have a carriage, and you are to take me. This is my purse, and you are to pay my charges out of it. O, you must take the purse! We have no choice, you and I, but to obey our instructions. We are not free to follow our own devices, you and I".

As she looked at me in giving me the purse, I hoped there was an inner meaning in her words. She said them slightingly, but not with displeasure.

"A carriage will have to be sent for, Estella. Will you rest here a little?"

"Yes, I am to rest here a little, and I am to drink some tea, and you are to take care of me the while".

She drew her arm through mine, as if it must be done, and I requested a waiter who had been staring at the coach like a man who had never seen such a thing in his life, to show us a private sitting-room. Upon that, he pulled out a napkin, as if it were a magic clew without which he couldn't find the way up stairs, and led us to the black hole of the establishment, fitted up with a diminishing mirror (quite a superfluous article, considering the hole's proportions), an anchovy sauce-cruet, and somebody's pattens. On my objecting to this retreat, he took us into another room with a dinner-table for thirty, and in the grate a scorched leaf of a copy-book under a bushel of coal-dust. Having looked at this extinct conflagration and shaken his head, he took my order; which, proving to be merely, "Some tea for the lady", sent him out of the room in a very low state of mind.

I was, and I am, sensible that the air of this chamber, in its strong combination of stable with soup-stock, might have led one to infer that the

coaching department was not doing well, and that the enterprising proprietor was boiling down the horses for the refreshment department. Yet the room was all in all to me, Estella being in it. I thought that with her I could have been happy there for life. (I was not at all happy there at the time, observe, and I knew it well).

"Where are you going to, at Richmond?" I asked Estella.

"I am going to live", said she, "at a great expense, with a lady there, who has the power – or says she has – of taking me about, and introducing me, and showing people to me and showing me to people".

"I suppose you will be glad of variety and admiration?"

"Yes, I suppose so".

She answered so carelessly, that I said, "You speak of yourself as if you were some one else".

"Where did you learn how I speak of others? Come, come", said Estella, smiling delightfully, "you must not expect me to go to school to you; I must talk in my own way. How do you thrive with Mr. Pocket?"

"I live quite pleasantly there; at least..." It appeared to me that I was losing a chance.

"At least?" repeated Estella.

"As pleasantly as I could anywhere, away from you".

"You silly boy", said Estella, quite composedly, "how can you talk such nonsense? Your friend Mr. Matthew, I believe, is superior to the rest of his family?"

"Very superior indeed. He is nobody's enemy..." – "Don't add but his own", interposed Estella, "for I hate that class of man. But he really is disinterested, and above small jealousy and spite, I have heard?"

"I am sure I have every reason to say so".

"You have not every reason to say so of the rest of his people", said Estella, nodding at me with an expression of face that was at once grave and rallying, "for they beset Miss Havisham with reports and insinuations to your disadvantage. They watch you, misrepresent you, write letters about you (anonymous sometimes), and you are the torment and the occupation of their lives. You can scarcely realize to yourself the hatred those people feel for you".

"They do me no harm, I hope?"

Instead of answering, Estella burst out laughing. This was very

singular to me, and I looked at her in considerable perplexity. When she left off – and she had not laughed languidly, but with real enjoyment – I said, in my diffident way with her:

"I hope I may suppose that you would not be amused if they did me any harm".

"No, no you may be sure of that", said Estella. "You may be certain that I laugh because they fail. O, those people with Miss Havisham, and the tortures they undergo!" She laughed again, and even now when she had told me why, her laughter was very singular to me, for I could not doubt its being genuine, and yet it seemed too much for the occasion. I thought there must really be something more here than I knew; she saw the thought in my mind, and answered it.

"It is not easy for even you". said Estella, "to know what satisfaction it gives me to see those people thwarted, or what an enjoyable sense of the ridiculous I have when they are made ridiculous. For you were not brought up in that strange house from a mere baby. I was. You had not your little wits sharpened by their intriguing against you, suppressed and defenceless, under the mask of sympathy and pity and what not that is soft and soothing. I had. You did not gradually open your round childish eyes wider and wider to the discovery of that impostor of a woman who calculates her stores of peace of mind for when she wakes up in the night. I did".

It was no laughing matter with Estella now, nor was she summoning these remembrances from any shallow place. I would not have been the cause of that look of hers for all my expectations in a heap.

"Two things I can tell you", said Estella. "First, notwithstanding the proverb that constant dropping will wear away a stone, you may set your mind at rest that these people never will – never would, in hundred years – impair your ground with Miss Havisham, in any particular, great or small. Second, I am beholden to you as the cause of their being so busy and so mean in vain, and there is my hand upon it".

As she gave it to me playfully – for her darker mood had been but Momentary – I held it and put it to my lips. "You ridiculous boy", said Estella, "will you never take warning? Or do you kiss my hand in the same spirit in which I once let you kiss my cheek?"

"What spirit was that?" said I.

"I must think a moment. A spirit of contempt for the fawners and

plotters”.

“If I say yes, may I kiss the cheek again?”

“You should have asked before you touched the hand. But, yes, if you like”.

I leaned down, and her calm face was like a statue’s. “Now”, said Estella, gliding away the instant I touched her cheek, “you are to take care that I have some tea, and you are to take me to Richmond”.

Her reverting to this tone as if our association were forced upon us, and we were mere puppets, gave me pain; but everything in our intercourse did give me pain. Whatever her tone with me happened to be, I could put no trust in it, and build no hope on it; and yet I went on against trust and against hope. Why repeat it a thousand times? So it always was.

I rang for the tea, and the waiter, reappearing with his magic clew, brought in by degrees some fifty adjuncts to that refreshment, but of tea not a glimpse. A teaboard, cups and saucers, plates, knives and forks (including carvers), spoons (various), saltcellars, a meek little muffin confined with the utmost precaution under a strong iron cover, Moses in the bulrushes typified by a soft bit of butter in a quantity of parsley, a pale loaf with a powdered head, two proof impressions of the bars of the kitchen fireplace on triangular bits of bread, and ultimately a fat family urn; which the waiter staggered in with, expressing in his countenance burden and suffering. After a prolonged absence at this stage of the entertainment, he at length came back with a casket of precious appearance containing twigs. These I steeped in hot water, and so from the whole of these appliances extracted one cup of I don’t know what for Estella.

The bill paid, and the waiter remembered, and the ostler not forgotten, and the chambermaid taken into consideration – in a word, the whole house bribed into a state of contempt and animosity, and Estella’s purse much lightened – we got into our post-coach and drove away. Turning into Cheapside and rattling up Newgate Street, we were soon under the walls of which I was so ashamed.

“What place is that?” Estella asked me.

I made a foolish pretence of not at first recognizing it, and then told her. As she looked at it, and drew in her head again, murmuring, “Wretches!” I would not have confessed to my visit for any consideration.

“Mr. Jaggers”, said I, by way of putting it neatly on somebody else,

“has the reputation of being more in the secrets of that dismal place than any man in London”.

“He is more in the secrets of every place, I think”, said Estella, in a low voice.

“You have been accustomed to see him often, I suppose?”

“I have been accustomed to see him at uncertain intervals, ever since I can remember. But I know him no better now, than I did before I could speak plainly. What is your own experience of him? Do you advance with him?”

“Once habituated to his distrustful manner”, said I, “I have done very well”.

“Are you intimate?”

“I have dined with him at his private house”.

“I fancy”, said Estella, shrinking “that must be a curious place”.

“It is a curious place”.

I should have been chary of discussing my guardian too freely even with her; but I should have gone on with the subject so far as to describe the dinner in Gerrard Street, if we had not then come into a sudden glare of gas. It seemed, while it lasted, to be all alight and alive with that inexplicable feeling I had had before; and when we were out of it, I was as much dazed for a few moments as if I had been in lightning.

So we fell into other talk, and it was principally about the way by which we were travelling, and about what parts of London lay on this side of it, and what on that. The great city was almost new to her, she told me, for she had never left Miss Havisham’s neighborhood until she had gone to France, and she had merely passed through London then in going and returning. I asked her if my guardian had any charge of her while she remained here? To that she emphatically said “God forbid!” and no more.

It was impossible for me to avoid seeing that she cared to attract me; that she made herself winning, and would have won me even if the task had needed pains. Yet this made me none the happier, for even if she had not taken that tone of our being disposed of by others, I should have felt that she held my heart in her hand because she wilfully chose to do it, and not because it would have wrung any tenderness in her to crush it and throw it away.

When we passed through Hammersmith, I showed her where Mr. Matthew Pocket lived, and said it was no great way from Richmond, and that I hoped I should see her sometimes.

“O yes, you are to see me; you are to come when you think proper; you are to be mentioned to the family; indeed you are already mentioned”.

I inquired was it a large household she was going to be a member of?

“No; there are only two; mother and daughter. The mother is a lady of some station, though not averse to increasing her income”.

“I wonder Miss Havisham could part with you again so soon”.

“It is a part of Miss Havisham’s plans for me, Pip”, said Estella, with a sigh, as if she were tired; “I am to write to her constantly and see her regularly and report how I go on – I and the jewels – for they are nearly all mine now”.

It was the first time she had ever called me by my name. Of course she did so purposely, and knew that I should treasure it up.

We came to Richmond all too soon, and our destination there was a house by the green – a staid old house, where hoops and powder and patches, embroidered coats, rolled stockings, ruffles and swords, had had their court days many a time. Some ancient trees before the house were still cut into fashions as formal and unnatural as the hoops and wigs and stiff skirts; but their own allotted places in the great procession of the dead were not far off, and they would soon drop into them and go the silent way of the rest.

A bell with an old voice – which I dare say in its time had often said to the house, Here is the green farthingale, Here is the diamond-hilted sword, Here are the shoes with red heels and the blue solitaire – sounded gravely in the moonlight, and two cherry-colored maids came fluttering out to receive Estella. The doorway soon absorbed her boxes, and she gave me her hand and a smile, and said good night, and was absorbed likewise. And still I stood looking at the house, thinking how happy I should be if I lived there with her, and knowing that I never was happy with her, but always miserable.

I got into the carriage to be taken back to Hammersmith, and I got in with a bad heart-ache, and I got out with a worse heart-ache. At our own door, I found little Jane Pocket coming home from a little party escorted by her little lover; and I envied her little lover, in spite of his being subject to Flopson.

Mr. Pocket was out lecturing; for, he was a most delightful lecturer on domestic economy, and his treatises on the management of children and servants were considered the very best text-books on those themes. But Mrs. Pocket was at home, and was in a little difficulty, on account of the baby’s

having been accommodated with a needle-case to keep him quiet during the unaccountable absence (with a relative in the Foot Guards) of Millers. And more needles were missing than it could be regarded as quite wholesome for a patient of such tender years either to apply externally or to take as a tonic.

Mr. Pocket being justly celebrated for giving most excellent practical advice, and for having a clear and sound perception of things and a highly judicious mind, I had some notion in my heart-ache of begging him to accept my confidence. But happening to look up at Mrs. Pocket as she sat reading her book of dignities after prescribing Bed as a sovereign remedy for baby, I thought... Well... No, I wouldn’t.

CHAPTER XXXIV

As I had grown accustomed to my expectations, I had insensibly begun to notice their effect upon myself and those around me. Their influence on my own character I disguised from my recognition as much as possible, but I knew very well that it was not all good. I lived in a state of chronic uneasiness respecting my behavior to Joe. My conscience was not by any means comfortable about Biddy. When I woke up in the night – like Camilla – I used to think, with a weariness on my spirits, that I should have been happier and better if I had never seen Miss Havisham's face, and had risen to manhood content to be partners with Joe in the honest old forge. Many a time of an evening, when I sat alone looking at the fire, I thought, after all there was no fire like the forge fire and the kitchen fire at home.

Yet Estella was so inseparable from all my restlessness and disquiet of mind, that I really fell into confusion as to the limits of my own part in its production. That is to say, supposing I had had no expectations, and yet had had Estella to think of, I could not make out to my satisfaction that I should have done much better. Now, concerning the influence of my position on others, I was in no such difficulty, and so I perceived – though dimly enough perhaps – that it was not beneficial to anybody, and, above all, that it was not beneficial to Herbert. My lavish habits led his easy nature into expenses that he could not afford, corrupted the simplicity of his life, and disturbed his peace with anxieties and regrets. I was not at all remorseful for having unwittingly set those other branches of the Pocket family to the poor arts they practised; because such littlenesses were their natural bent, and would have been evoked by anybody else, if I had left them slumbering. But Herbert's was a very different case, and it often caused me a twinge to think that I had done him evil service in crowding his sparely furnished chambers with incongruous upholstery work, and placing the Canary-breasted Avenger at his disposal.

So now, as an infallible way of making little ease great ease, I began to contract a quantity of debt. I could hardly begin but Herbert must begin too, so he soon followed. At Startop's suggestion, we put ourselves down for election into a club called The Finches of the Grove: the object of which institution I have never divined, if it were not that the members should dine expensively once a fortnight, to quarrel among themselves as much as

possible after dinner, and to cause six waiters to get drunk on the stairs. I know that these gratifying social ends were so invariably accomplished, that Herbert and I understood nothing else to be referred to in the first standing toast of the society: which ran “Gentlemen, may the present promotion of good feeling ever reign predominant among the Finches of the Grove”.

The Finches spent their money foolishly (the Hotel we dined at was in Covent Garden), and the first Finch I saw when I had the honor of joining the Grove was Bentley Drummle, at that time floundering about town in a cab of his own, and doing a great deal of damage to the posts at the street corners. Occasionally, he shot himself out of his equipage headforemost over the apron; and I saw him on one occasion deliver himself at the door of the Grove in this unintentional way – like coals. But here I anticipate a little, for I was not a Finch, and could not be, according to the sacred laws of the society, until I came of age.

In my confidence in my own resources, I would willingly have taken Herbert’s expenses on myself; but Herbert was proud, and I could make no such proposal to him. So he got into difficulties in every direction, and continued to look about him. When we gradually fell into keeping late hours and late company, I noticed that he looked about him with a desponding eye at breakfast-time; that he began to look about him more hopefully about mid-day; that he drooped when he came into dinner; that he seemed to descry Capital in the distance, rather clearly, after dinner; that he all but realized Capital towards midnight; and that at about two o’clock in the morning, he became so deeply despondent again as to talk of buying a rifle and going to America, with a general purpose of compelling buffaloes to make his fortune.

I was usually at Hammersmith about half the week, and when I was at Hammersmith I haunted Richmond, whereof separately by and by. Herbert would often come to Hammersmith when I was there, and I think at those seasons his father would occasionally have some passing perception that the opening he was looking for, had not appeared yet. But in the general tumbling up of the family, his tumbling out in life somewhere, was a thing to transact itself somehow. In the meantime Mr. Pocket grew grayer, and tried oftener to lift himself out of his perplexities by the hair. While Mrs. Pocket tripped up the family with her footstool, read her book of dignities, lost her pocket-handkerchief, told us about her grandpapa, and taught the young idea how to shoot, by shooting it into bed whenever it attracted her notice.

As I am now generalizing a period of my life with the object of clearing my way before me, I can scarcely do so better than by at once completing the description of our usual manners and customs at Barnard's Inn.

We spent as much money as we could, and got as little for it as people could make up their minds to give us. We were always more or less miserable, and most of our acquaintance were in the same condition. There was a gay fiction among us that we were constantly enjoying ourselves, and a skeleton truth that we never did. To the best of my belief, our case was in the last aspect a rather common one.

Every morning, with an air ever new, Herbert went into the City to look about him. I often paid him a visit in the dark back-room in which he consorted with an ink-jar, a hat-peg, a coal-box, a string-box, an almanac, a desk and stool, and a ruler; and I do not remember that I ever saw him do anything else but look about him. If we all did what we undertake to do, as faithfully as Herbert did, we might live in a Republic of the Virtues. He had nothing else to do, poor fellow, except at a certain hour of every afternoon to "go to Lloyd's" – in observance of a ceremony of seeing his principal, I think. He never did anything else in connection with Lloyd's that I could find out, except come back again. When he felt his case unusually serious, and that he positively must find an opening, he would go on 'Change at a busy time, and walk in and out, in a kind of gloomy country dance figure, among the assembled magnates. "For", says Herbert to me, coming home to dinner on one of those special occasions, "I find the truth to be, Handel, that an opening won't come to one, but one must go to it – so I have been".

If we had been less attached to one another, I think we must have hated one another regularly every morning. I detested the chambers beyond expression at that period of repentance, and could not endure the sight of the Avenger's livery; which had a more expensive and a less remunerative appearance then than at any other time in the four-and-twenty hours. As we got more and more into debt, breakfast became a hollower and hollower form, and, being on one occasion at breakfast-time threatened (by letter) with legal proceedings, "not unwholly unconnected", as my local paper might put it, "with jewelery", I went so far as to seize the Avenger by his blue collar and shake him off his feet – so that he was actually in the air, like a booted Cupid – for presuming to suppose that we wanted a roll.

At certain times – meaning at uncertain times, for they depended on our humor – I would say to Herbert, as if it were a remarkable discovery…

"My dear Herbert, we are getting on badly".

"My dear Handel", Herbert would say to me, in all sincerity, "if you will believe me, those very words were on my lips, by a strange coincidence".

"Then, Herbert", I would respond, "let us look into our affairs".

We always derived profound satisfaction from making an appointment for this purpose. I always thought this was business, this was the way to confront the thing, this was the way to take the foe by the throat. And I know Herbert thought so too.

We ordered something rather special for dinner, with a bottle of something similarly out of the common way, in order that our minds might be fortified for the occasion, and we might come well up to the mark. Dinner over, we produced a bundle of pens, a copious supply of ink, and a goodly show of writing and blotting paper. For there was something very comfortable in having plenty of stationery.

I would then take a sheet of paper, and write across the top of it, in a neat hand, the heading, "Memorandum of Pip's debts"; with Barnard's Inn and the date very carefully added. Herbert would also take a sheet of paper, and write across it with similar formalities, "Memorandum of Herbert's debts".

Each of us would then refer to a confused heap of papers at his side, which had been thrown into drawers, worn into holes in pockets, half burnt in lighting candles, stuck for weeks into the looking-glass, and otherwise damaged. The sound of our pens going refreshed us exceedingly, insomuch that I sometimes found it difficult to distinguish between this edifying business proceeding and actually paying the money. In point of meritorious character, the two things seemed about equal.

When we had written a little while, I would ask Herbert how he got on? Herbert probably would have been scratching his head in a most rueful manner at the sight of his accumulating figures.

"They are mounting up, Handel", Herbert would say; "upon my life, they are mounting up".

"Be firm, Herbert", I would retort, plying my own pen with great assiduity. "Look the thing in the face. Look into your affairs. Stare them out

of countenance".

"So I would, Handel, only they are staring me out of countenance".

However, my determined manner would have its effect, and Herbert would fall to work again. After a time he would give up once more, on the plea that he had not got Cobbs's bill, or Lobbs's, or Nobbs's, as the case might be.

"Then, Herbert, estimate; estimate it in round numbers, and put it down".

"What a fellow of resource you are!" my friend would reply, with admiration. "Really your business powers are very remarkable".

I thought so too. I established with myself, on these occasions, the reputation of a first-rate man of business – prompt, decisive, energetic, clear, cool-headed. When I had got all my responsibilities down upon my list, I compared each with the bill, and ticked it off. My self-approval when I ticked an entry was quite a luxurious sensation. When I had no more ticks to make, I folded all my bills up uniformly, docketed each on the back, and tied the whole into a symmetrical bundle. Then I did the same for Herbert (who modestly said he had not my administrative genius), and felt that I had brought his affairs into a focus for him.

My business habits had one other bright feature, which I called "leaving a Margin". For example; supposing Herbert's debts to be one hundred and sixty-four pounds four-and-twopence, I would say, "Leave a margin, and put them down at two hundred". Or, supposing my own to be four times as much, I would leave a margin, and put them down at seven hundred. I had the highest opinion of the wisdom of this same Margin, but I am bound to acknowledge that on looking back, I deem it to have been an expensive device. For, we always ran into new debt immediately, to the full extent of the margin, and sometimes, in the sense of freedom and solvency it imparted, got pretty far on into another margin.

But there was a calm, a rest, a virtuous hush, consequent on these examinations of our affairs that gave me, for the time, an admirable opinion of myself. Soothed by my exertions, my method, and Herbert's compliments, I would sit with his symmetrical bundle and my own on the table before me among the stationary, and feel like a Bank of some sort, rather than a private individual.

We shut our outer door on these solemn occasions, in order that we

might not be interrupted. I had fallen into my serene state one evening, when we heard a letter dropped through the slit in the said door, and fall on the ground. “It’s for you, Handel”, said Herbert, going out and coming back with it, “and I hope there is nothing the matter”. This was in allusion to its heavy black seal and border.

The letter was signed Trabb & Co., and its contents were simply, that I was an honored sir, and that they begged to inform me that Mrs. J. Gargery had departed this life on Monday last at twenty minutes past six in the evening, and that my attendance was requested at the interment on Monday next at three o’clock in the afternoon.

CHAPTER XXXV

It was the first time that a grave had opened in my road of life, and the gap it made in the smooth ground was wonderful. The figure of my sister in her chair by the kitchen fire, haunted me night and day. That the place could possibly be, without her, was something my mind seemed unable to compass; and whereas she had seldom or never been in my thoughts of late, I had now the strangest ideas that she was coming towards me in the street, or that she would presently knock at the door. In my rooms too, with which she had never been at all associated, there was at once the blankness of death and a perpetual suggestion of the sound of her voice or the turn of her face or figure, as if she were still alive and had been often there.

Whatever my fortunes might have been, I could scarcely have recalled my sister with much tenderness. But I suppose there is a shock of regret which may exist without much tenderness. Under its influence (and perhaps to make up for the want of the softer feeling) I was seized with a violent indignation against the assailant from whom she had suffered so much; and I felt that on sufficient proof I could have revengefully pursued Orlick, or any one else, to the last extremity.

Having written to Joe, to offer him consolation, and to assure him that I would come to the funeral, I passed the intermediate days in the curious state of mind I have glanced at. I went down early in the morning, and alighted at the Blue Boar in good time to walk over to the forge.

It was fine summer weather again, and, as I walked along, the times when I was a little helpless creature, and my sister did not spare me, vividly returned. But they returned with a gentle tone upon them that softened even the edge of Tickler. For now, the very breath of the beans and clover whispered to my heart that the day must come when it would be well for my memory that others walking in the sunshine should be softened as they thought of me.

At last I came within sight of the house, and saw that Trabb and Co. had put in a funereal execution and taken possession. Two dismally absurd persons, each ostentatiously exhibiting a crutch done up in a black bandage – as if that instrument could possibly communicate any comfort to anybody – were posted at the front door; and in one of them I recognized a postboy discharged from the Boar for turning a young couple into a sawpit on their

bridal morning, in consequence of intoxication rendering it necessary for him to ride his horse clasped round the neck with both arms. All the children of the village, and most of the women, were admiring these sable warders and the closed windows of the house and forge; and as I came up, one of the two warders (the postboy) knocked at the door – implying that I was far too much exhausted by grief to have strength remaining to knock for myself.

Another sable warder (a carpenter, who had once eaten two geese for a wager) opened the door, and showed me into the best parlor. Here, Mr. Trabb had taken unto himself the best table, and had got all the leaves up, and was holding a kind of black Bazaar, with the aid of a quantity of black pins. At the moment of my arrival, he had just finished putting somebody's hat into black long-clothes, like an African baby; so he held out his hand for mine. But I, misled by the action, and confused by the occasion, shook hands with him with every testimony of warm affection.

Poor dear Joe, entangled in a little black cloak tied in a large bow under his chin, was seated apart at the upper end of the room; where, as chief mourner, he had evidently been stationed by Trabb. When I bent down and said to him, "Dear Joe, how are you?" he said, "Pip, old chap, you knowed her when she were a fine figure of a..." and clasped my hand and said no more.

Biddy, looking very neat and modest in her black dress, went quietly here and there, and was very helpful. When I had spoken to Biddy, as I thought it not a time for talking I went and sat down near Joe, and there began to wonder in what part of the house it – she – my sister – was. The air of the parlor being faint with the smell of sweet-cake, I looked about for the table of refreshments; it was scarcely visible until one had got accustomed to the gloom, but there was a cut-up plum cake upon it, and there were cut-up oranges, and sandwiches, and biscuits, and two decanters that I knew very well as ornaments, but had never seen used in all my life; one full of port, and one of sherry. Standing at this table, I became conscious of the servile Pumblechook in a black cloak and several yards of hatband, who was alternately stuffing himself, and making obsequious movements to catch my attention. The moment he succeeded, he came over to me (breathing sherry and crumbs), and said in a subdued voice, "May I, dear sir?" and did. I then descried Mr. and Mrs. Hubble; the last-named in a decent speechless paroxysm in a corner. We were all going to "follow", and were all in course

of being tied up separately (by Trabb) into ridiculous bundles.

"Which I meantersay, Pip", Joe whispered me, as we were being what Mr. Trabb called "formed" in the parlor, two and two – and it was dreadfully like a preparation for some grim kind of dance; "which I meantersay, sir, as I would in preference have carried her to the church myself, along with three or four friendly ones wot come to it with willing harts and arms, but it were considered wot the neighbors would look down on such and would be of opinions as it were wanting in respect".

"Pocket-handkerchiefs out, all!" cried Mr. Trabb at this point, in a depressed business-like voice. "Pocket-handkerchiefs out! We are ready!"

So we all put our pocket-handkerchiefs to our faces, as if our noses were bleeding, and filed out two and two; Joe and I; Biddy and Pumblechook; Mr. and Mrs. Hubble. The remains of my poor sister had been brought round by the kitchen door, and, it being a point of Undertaking ceremony that the six bearers must be stifled and blinded under a horrible black velvet housing with a white border, the whole looked like a blind monster with twelve human legs, shuffling and blundering along, under the guidance of two keepers – the postboy and his comrade.

The neighborhood, however, highly approved of these arrangements, and we were much admired as we went through the village; the more youthful and vigorous part of the community making dashes now and then to cut us off, and lying in wait to intercept us at points of vantage. At such times the more exuberant among them called out in an excited manner on our emergence round some corner of expectancy, "Here they come!" "Here they are!" and we were all but cheered. In this progress I was much annoyed by the abject Pumblechook, who, being behind me, persisted all the way as a delicate attention in arranging my streaming hatband, and smoothing my cloak. My thoughts were further distracted by the excessive pride of Mr. and Mrs. Hubble, who were surpassingly conceited and vainglorious in being members of so distinguished a procession.

And now the range of marshes lay clear before us, with the sails of the ships on the river growing out of it; and we went into the churchyard, close to the graves of my unknown parents, Philip Pirrip, late of this parish, and Also Georgiana, Wife of the Above. And there, my sister was laid quietly in the earth, while the larks sang high above it, and the light wind strewed it with beautiful shadows of clouds and trees.

Of the conduct of the worldly minded Pumblechook while this was doing, I desire to say no more than it was all addressed to me; and that even when those noble passages were read which remind humanity how it brought nothing into the world and can take nothing out, and how it fleeth like a shadow and never continueth long in one stay, I heard him cough a reservation of the case of a young gentleman who came unexpectedly into large property. When we got back, he had the hardihood to tell me that he wished my sister could have known I had done her so much honor, and to hint that she would have considered it reasonably purchased at the price of her death. After that, he drank all the rest of the sherry, and Mr. Hubble drank the port, and the two talked (which I have since observed to be customary in such cases) as if they were of quite another race from the deceased, and were notoriously immortal. Finally, he went away with Mr. and Mrs. Hubble – to make an evening of it, I felt sure, and to tell the Jolly Bargemen that he was the founder of my fortunes and my earliest benefactor.

When they were all gone, and when Trabb and his men – but not his Boy; I looked for him – had crammed their mummery into bags, and were gone too, the house felt wholesomer. Soon afterwards, Biddy, Joe, and I, had a cold dinner together; but we dined in the best parlor, not in the old kitchen, and Joe was so exceedingly particular what he did with his knife and fork and the saltcellar and what not, that there was great restraint upon us. But after dinner, when I made him take his pipe, and when I had loitered with him about the forge, and when we sat down together on the great block of stone outside it, we got on better. I noticed that after the funeral Joe changed his clothes so far, as to make a compromise between his Sunday dress and working dress; in which the dear fellow looked natural, and like the Man he was.

He was very much pleased by my asking if I might sleep in my own little room, and I was pleased too; for I felt that I had done rather a great thing in making the request. When the shadows of evening were closing in, I took an opportunity of getting into the garden with Biddy for a little talk.

“Biddy”, said I, “I think you might have written to me about these sad matters”.

“Do you, Mr. Pip?” said Biddy. “I should have written if I had thought that”.

“Don’t suppose that I mean to be unkind, Biddy, when I say I consider

that you ought to have thought that".

"Do you, Mr. Pip?"

She was so quiet, and had such an orderly, good, and pretty way with her, that I did not like the thought of making her cry again. After looking a little at her downcast eyes as she walked beside me, I gave up that point.

"I suppose it will be difficult for you to remain here now, Biddy dear?"

"Oh! I can't do so, Mr. Pip", said Biddy, in a tone of regret but still of quiet conviction. "I have been speaking to Mrs. Hubble, and I am going to her tomorrow. I hope we shall be able to take some care of Mr. Gargery, together, until he settles down".

"How are you going to live, Biddy? If you want any mo..."

"How am I going to live?" repeated Biddy, striking in, with a momentary flush upon her face. "I'll tell you, Mr. Pip. I am going to try to get the place of mistress in the new school nearly finished here. I can be well recommended by all the neighbors, and I hope I can be industrious and patient, and teach myself while I teach others. You know, Mr. Pip", pursued Biddy, with a smile, as she raised her eyes to my face, "the new schools are not like the old, but I learnt a good deal from you after that time, and have had time since then to improve".

"I think you would always improve, Biddy, under any circumstances".

"Ah! Except in my bad side of human nature", murmured Biddy.

It was not so much a reproach as an irresistible thinking aloud. Well! I thought I would give up that point too. So, I walked a little further with Biddy, looking silently at her downcast eyes.

"I have not heard the particulars of my sister's death, Biddy".

"They are very slight, poor thing. She had been in one of her bad states – though they had got better of late, rather than worse – for four days, when she came out of it in the evening, just at tea-time, and said quite plainly, 'Joe.' As she had never said any word for a long while, I ran and fetched in Mr. Gargery from the forge. She made signs to me that she wanted him to sit down close to her, and wanted me to put her arms round his neck. So I put them round his neck, and she laid her head down on his shoulder quite content and satisfied. And so she presently said 'Joe' again, and once 'Pardon,' and once 'Pip.' And so she never lifted her head up any more, and it was just an hour later when we laid it down on her own bed, because we

found she was gone".

Biddy cried; the darkening garden, and the lane, and the stars that were coming out, were blurred in my own sight.

"Nothing was ever discovered, Biddy?"

"Nothing".

"Do you know what is become of Orlick?"

"I should think from the color of his clothes that he is working in the quarries".

"Of course you have seen him then? – Why are you looking at that dark tree in the lane?"

"I saw him there, on the night she died".

"That was not the last time either, Biddy?"

"No; I have seen him there, since we have been walking here. – It is of no use", said Biddy, laying her hand upon my arm, as I was for running out, "you know I would not deceive you; he was not there a minute, and he is gone".

It revived my utmost indignation to find that she was still pursued by this fellow, and I felt inveterate against him. I told her so, and told her that I would spend any money or take any pains to drive him out of that country. By degrees she led me into more temperate talk, and she told me how Joe loved me, and how Joe never complained of anything – she didn't say, of me; she had no need; I knew what she meant – but ever did his duty in his way of life, with a strong hand, a quiet tongue, and a gentle heart.

"Indeed, it would be hard to say too much for him", said I; "and Biddy, we must often speak of these things, for of course I shall be often down here now. I am not going to leave poor Joe alone".

Biddy said never a single word.

"Biddy, don't you hear me?"

"Yes, Mr. Pip".

"Not to mention your calling me Mr. Pip – which appears to me to be in bad taste, Biddy – what do you mean?"

"What do I mean?" asked Biddy, timidly.

"Biddy", said I, in a virtuously self-asserting manner, "I must request to know what you mean by this?"

"By this?" said Biddy.

"Now, don't echo", I retorted. "You used not to echo, Biddy".

“Used not!” said Biddy. “O Mr. Pip! Used!”

Well! I rather thought I would give up that point too. After another silent turn in the garden, I fell back on the main position.

“Biddy”, said I, “I made a remark respecting my coming down here often, to see Joe, which you received with a marked silence. Have the goodness, Biddy, to tell me why”.

“Are you quite sure, then, that you WILL come to see him often?” asked Biddy, stopping in the narrow garden walk, and looking at me under the stars with a clear and honest eye.

“O dear me!” said I, as if I found myself compelled to give up Biddy in despair. “This really is a very bad side of human nature! Don’t say any more, if you please, Biddy. This shocks me very much”.

For which cogent reason I kept Biddy at a distance during supper, and when I went up to my own old little room, took as stately a leave of her as I could, in my murmuring soul, deem reconcilable with the churchyard and the event of the day. As often as I was restless in the night, and that was every quarter of an hour, I reflected what an unkindness, what an injury, what an injustice, Biddy had done me.

Early in the morning I was to go. Early in the morning I was out, and looking in, unseen, at one of the wooden windows of the forge. There I stood, for minutes, looking at Joe, already at work with a glow of health and strength upon his face that made it show as if the bright sun of the life in store for him were shining on it.

“Good by, dear Joe! – No, don’t wipe it off – for God’s sake, give me your blackened hand! – I shall be down soon and often”.

“Never too soon, sir”, said Joe, “and never too often, Pip!”

Biddy was waiting for me at the kitchen door, with a mug of new milk and a crust of bread. “Biddy”, said I, when I gave her my hand at parting, “I am not angry, but I am hurt”.

“No, don’t be hurt”, she pleaded quite pathetically; “let only me be hurt, if I have been ungenerous”.

Once more, the mists were rising as I walked away. If they disclosed to me, as I suspect they did, that I should not come back, and that Biddy was quite right, all I can say is – they were quite right too.

CHAPTER XXXVI

Herbert and I went on from bad to worse, in the way of increasing our debts, looking into our affairs, leaving Margins, and the like exemplary transactions; and Time went on, whether or no, as he has a way of doing; and I came of age – in fulfilment of Herbert's prediction, that I should do so before I knew where I was.

Herbert himself had come of age eight months before me. As he had nothing else than his majority to come into, the event did not make a profound sensation in Barnard's Inn. But we had looked forward to my one-and-twentieth birthday, with a crowd of speculations and anticipations, for we had both considered that my guardian could hardly help saying something definite on that occasion.

I had taken care to have it well understood in Little Britain when my birthday was. On the day before it, I received an official note from Wemmick, informing me that Mr. Jaggers would be glad if I would call upon him at five in the afternoon of the auspicious day. This convinced us that something great was to happen, and threw me into an unusual flutter when I repaired to my guardian's office, a model of punctuality.

In the outer office Wemmick offered me his congratulations, and incidentally rubbed the side of his nose with a folded piece of tissue-paper that I liked the look of. But he said nothing respecting it, and motioned me with a nod into my guardian's room. It was November, and my guardian was standing before his fire leaning his back against the chimney-piece, with his hands under his coattails.

"Well, Pip", said he, "I must call you Mr. Pip today. Congratulations, Mr. Pip".

We shook hands – he was always a remarkably short shaker – and I thanked him.

"Take a chair, Mr. Pip", said my guardian.

As I sat down, and he preserved his attitude and bent his brows at his boots, I felt at a disadvantage, which reminded me of that old time when I had been put upon a tombstone. The two ghastly casts on the shelf were not far from him, and their expression was as if they were making a stupid apoplectic attempt to attend to the conversation.

"Now my young friend", my guardian began, as if I were a witness in

the box, “I am going to have a word or two with you”.

“If you please, sir”.

“What do you suppose”, said Mr. Jaggers, bending forward to look at the ground, and then throwing his head back to look at the ceiling – “what do you suppose you are living at the rate of?”

“At the rate of, sir?”

“At”, repeated Mr. Jaggers, still looking at the ceiling, “the... rate... of?” And then looked all round the room, and paused with his pocket-handkerchief in his hand, half-way to his nose.

I had looked into my affairs so often, that I had thoroughly destroyed any slight notion I might ever have had of their bearings. Reluctantly, I confessed myself quite unable to answer the question. This reply seemed agreeable to Mr. Jaggers, who said, “I thought so!” and blew his nose with an air of satisfaction.

“Now, I have asked you a question, my friend”, said Mr. Jaggers. “Have you anything to ask me?”

“Of course it would be a great relief to me to ask you several questions, sir; but I remember your prohibition”.

“Ask one”, said Mr. Jaggers.

“Is my benefactor to be made known to me today?”

“No. Ask another”.

“Is that confidence to be imparted to me soon?”

“Waive that, a moment”, said Mr. Jaggers, “and ask another”.

I looked about me, but there appeared to be now no possible escape from the inquiry, “Have-I – anything to receive, sir?” On that, Mr. Jaggers said, triumphantly, “I thought we should come to it!” and called to Wemmick to give him that piece of paper. Wemmick appeared, handed it in, and disappeared.

“Now, Mr. Pip”, said Mr. Jaggers, “attend, if you please. You have been drawing pretty freely here; your name occurs pretty often in Wemmick’s cash-book; but you are in debt, of course?”

“I am afraid I must say yes, sir”.

“You know you must say yes; don’t you?” said Mr. Jaggers.

“Yes, sir”.

“I don’t ask you what you owe, because you don’t know; and if you did know, you wouldn’t tell me; you would say less. Yes, yes, my friend”,

cried Mr. Jaggers, waving his forefinger to stop me as I made a show of protesting: “it’s likely enough that you think you wouldn’t, but you would. You’ll excuse me, but I know better than you. Now, take this piece of paper in your hand. You have got it? Very good. Now, unfold it and tell me what it is”.

“This is a bank-note”, said I, “for five hundred pounds”.

“That is a bank-note”, repeated Mr. Jaggers, “for five hundred pounds. And a very handsome sum of money too, I think. You consider it so?”

“How could I do otherwise!”

“Ah! But answer the question”, said Mr. Jaggers.

“Undoubtedly”.

“You consider it, undoubtedly, a handsome sum of money. Now, that handsome sum of money, Pip, is your own. It is a present to you on this day, in earnest of your expectations. And at the rate of that handsome sum of money per annum, and at no higher rate, you are to live until the donor of the whole appears. That is to say, you will now take your money affairs entirely into your own hands, and you will draw from Wemmick one hundred and twenty-five pounds per quarter, until you are in communication with the fountain-head, and no longer with the mere agent. As I have told you before, I am the mere agent. I execute my instructions, and I am paid for doing so. I think them injudicious, but I am not paid for giving any opinion on their merits”.

I was beginning to express my gratitude to my benefactor for the great liberality with which I was treated, when Mr. Jaggers stopped me. “I am not paid, Pip”, said he, coolly, “to carry your words to any one;” and then gathered up his coat-tails, as he had gathered up the subject, and stood frowning at his boots as if he suspected them of designs against him.

After a pause, I hinted:

“There was a question just now, Mr. Jaggers, which you desired me to waive for a moment. I hope I am doing nothing wrong in asking it again?”

“What is it?” said he.

I might have known that he would never help me out; but it took me aback to have to shape the question afresh, as if it were quite new. “Is it likely”, I said, after hesitating, “that my patron, the fountain-head you have spoken of, Mr. Jaggers, will soon...” there I delicately stopped.

“Will soon what?” asked Mr. Jaggers. “That’s no question as it stands,

you know".

"Will soon come to London", said I, after casting about for a precise form of words, "or summon me anywhere else?"

"Now, here", replied Mr. Jaggers, fixing me for the first time with his dark deep-set eyes, "we must revert to the evening when we first encountered one another in your village. What did I tell you then, Pip?"

"You told me, Mr. Jaggers, that it might be years hence when that person appeared".

"Just so", said Mr. Jaggers, "that's my answer".

As we looked full at one another, I felt my breath come quicker in my strong desire to get something out of him. And as I felt that it came quicker, and as I felt that he saw that it came quicker, I felt that I had less chance than ever of getting anything out of him.

"Do you suppose it will still be years hence, Mr. Jaggers?"

Mr. Jaggers shook his head – not in negativing the question, but in altogether negativing the notion that he could anyhow be got to answer it – and the two horrible casts of the twitched faces looked, when my eyes strayed up to them, as if they had come to a crisis in their suspended attention, and were going to sneeze.

"Come!" said Mr. Jaggers, warming the backs of his legs with the backs of his warmed hands, "I'll be plain with you, my friend Pip. That's a question I must not be asked. You'll understand that better, when I tell you it's a question that might compromise me. Come! I'll go a little further with you; I'll say something more".

He bent down so low to frown at his boots, that he was able to rub the calves of his legs in the pause he made.

"When that person discloses", said Mr. Jaggers, straightening himself, "you and that person will settle your own affairs. When that person discloses, my part in this business will cease and determine. When that person discloses, it will not be necessary for me to know anything about it. And that's all I have got to say".

We looked at one another until I withdrew my eyes, and looked thoughtfully at the floor. From this last speech I derived the notion that Miss Havisham, for some reason or no reason, had not taken him into her confidence as to her designing me for Estella; that he resented this, and felt a jealousy about it; or that he really did object to that scheme, and would have

nothing to do with it. When I raised my eyes again, I found that he had been shrewdly looking at me all the time, and was doing so still.

"If that is all you have to say, sir", I remarked, "there can be nothing left for me to say".

He nodded assent, and pulled out his thief-dreaded watch, and asked me where I was going to dine? I replied at my own chambers, with Herbert. As a necessary sequence, I asked him if he would favor us with his company, and he promptly accepted the invitation. But he insisted on walking home with me, in order that I might make no extra preparation for him, and first he had a letter or two to write, and (of course) had his hands to wash. So I said I would go into the outer office and talk to Wemmick.

The fact was, that when the five hundred pounds had come into my pocket, a thought had come into my head which had been often there before; and it appeared to me that Wemmick was a good person to advise with concerning such thought.

He had already locked up his safe, and made preparations for going home. He had left his desk, brought out his two greasy office candlesticks and stood them in line with the snuffers on a slab near the door, ready to be extinguished; he had raked his fire low, put his hat and great-coat ready, and was beating himself all over the chest with his safe-key, as an athletic exercise after business.

"Mr. Wemmick", said I, "I want to ask your opinion. I am very desirous to serve a friend".

Wemmick tightened his post-office and shook his head, as if his opinion were dead against any fatal weakness of that sort.

"This friend", I pursued, "is trying to get on in commercial life, but has no money, and finds it difficult and disheartening to make a beginning. Now I want somehow to help him to a beginning".

"With money down?" said Wemmick, in a tone drier than any sawdust.

"With some money down", I replied, for an uneasy remembrance shot across me of that symmetrical bundle of papers at home – "with some money down, and perhaps some anticipation of my expectations".

"Mr. Pip", said Wemmick, "I should like just to run over with you on my fingers, if you please, the names of the various bridges up as high as Chelsea Reach. Let's see; there's London, one; Southwark, two; Blackfriars,

three; Waterloo, four; Westminster, five; Vauxhall, six". He had checked off each bridge in its turn, with the handle of his safe-key on the palm of his hand. "There's as many as six, you see, to choose from".

"I don't understand you", said I.

"Choose your bridge, Mr. Pip", returned Wemmick, "and take a walk upon your bridge, and pitch your money into the Thames over the centre arch of your bridge, and you know the end of it. Serve a friend with it, and you may know the end of it too – but it's a less pleasant and profitable end".

I could have posted a newspaper in his mouth, he made it so wide after saying this.

"This is very discouraging", said I.

"Meant to be so", said Wemmick.

"Then is it your opinion", I inquired, with some little indignation, "that a man should never..."

"… Invest portable property in a friend?" said Wemmick. "Certainly he should not. Unless he wants to get rid of the friend – and then it becomes a question how much portable property it may be worth to get rid of him".

"And that", said I, "is your deliberate opinion, Mr. Wemmick?"

"That", he returned, "is my deliberate opinion in this office".

"Ah!" said I, pressing him, for I thought I saw him near a loophole here; "but would that be your opinion at Walworth?"

"Mr. Pip", he replied, with gravity, "Walworth is one place, and this office is another. Much as the Aged is one person, and Mr. Jaggers is another. They must not be confounded together. My Walworth sentiments must be taken at Walworth; none but my official sentiments can be taken in this office".

"Very well", said I, much relieved, "then I shall look you up at Walworth, you may depend upon it".

"Mr. Pip", he returned, "you will be welcome there, in a private and personal capacity".

We had held this conversation in a low voice, well knowing my guardian's ears to be the sharpest of the sharp. As he now appeared in his doorway, towelling his hands, Wemmick got on his great-coat and stood by to snuff out the candles. We all three went into the street together, and from the door-step Wemmick turned his way, and Mr. Jaggers and I turned ours.

I could not help wishing more than once that evening, that Mr. Jaggers

had had an Aged in Gerrard Street, or a Stinger, or a Something, or a Somebody, to unbend his brows a little. It was an uncomfortable consideration on a twenty-first birthday, that coming of age at all seemed hardly worth while in such a guarded and suspicious world as he made of it. He was a thousand times better informed and cleverer than Wemmick, and yet I would a thousand times rather have had Wemmick to dinner. And Mr. Jaggers made not me alone intensely melancholy, because, after he was gone, Herbert said of himself, with his eyes fixed on the fire, that he thought he must have committed a felony and forgotten the details of it, he felt so dejected and guilty.

CHAPTER XXXVII

Deeming Sunday the best day for taking Mr. Wemmick's Walworth sentiments, I devoted the next ensuing Sunday afternoon to a pilgrimage to the Castle. On arriving before the battlements, I found the Union Jack flying and the drawbridge up; but undeterred by this show of defiance and resistance, I rang at the gate, and was admitted in a most pacific manner by the Aged.

"My son, sir", said the old man, after securing the drawbridge, "rather had it in his mind that you might happen to drop in, and he left word that he would soon be home from his afternoon's walk. He is very regular in his walks, is my son. Very regular in everything, is my son".

I nodded at the old gentleman as Wemmick himself might have nodded, and we went in and sat down by the fireside.

"You made acquaintance with my son, sir", said the old man, in his chirping way, while he warmed his hands at the blaze, "at his office, I expect?" I nodded. "Hah! I have heerd that my son is a wonderful hand at his business, sir?" I nodded hard. "Yes; so they tell me. His business is the Law?" I nodded harder. "Which makes it more surprising in my son", said the old man, "for he was not brought up to the Law, but to the Wine-Coopering".

Curious to know how the old gentleman stood informed concerning the reputation of Mr. Jaggers, I roared that name at him. He threw me into the greatest confusion by laughing heartily and replying in a very sprightly manner, "No, to be sure; you're right". And to this hour I have not the faintest notion what he meant, or what joke he thought I had made.

As I could not sit there nodding at him perpetually, without making some other attempt to interest him, I shouted at inquiry whether his own calling in life had been "the Wine-Coopering". By dint of straining that term out of myself several times and tapping the old gentleman on the chest to associate it with him, I at last succeeded in making my meaning understood.

"No", said the old gentleman; "the warehousing, the warehousing. First, over yonder;" he appeared to mean up the chimney, but I believe he intended to refer me to Liverpool; "and then in the City of London here. However, having an infirmity – for I am hard of hearing, sir..."

I expressed in pantomime the greatest astonishment.

"...Yes, hard of hearing; having that infirmity coming upon me, my son he went into the Law, and he took charge of me, and he by little and little made out this elegant and beautiful property. But returning to what you said, you know", pursued the old man, again laughing heartily, "what I say is, No to be sure; you're right".

I was modestly wondering whether my utmost ingenuity would have enabled me to say anything that would have amused him half as much as this imaginary pleasantry, when I was startled by a sudden click in the wall on one side of the chimney, and the ghostly tumbling open of a little wooden flap with "JOHN" upon it. The old man, following my eyes, cried with great triumph, "My son's come home!" and we both went out to the drawbridge.

It was worth any money to see Wemmick waving a salute to me from the other side of the moat, when we might have shaken hands across it with the greatest ease. The Aged was so delighted to work the drawbridge, that I made no offer to assist him, but stood quiet until Wemmick had come across, and had presented me to Miss Skiffins; a lady by whom he was accompanied.

Miss Skiffins was of a wooden appearance, and was, like her escort, in the post-office branch of the service. She might have been some two or three years younger than Wemmick, and I judged her to stand possessed of portable property. The cut of her dress from the waist upward, both before and behind, made her figure very like a boy's kite; and I might have pronounced her gown a little too decidedly orange, and her gloves a little too intensely green. But she seemed to be a good sort of fellow, and showed a high regard for the Aged. I was not long in discovering that she was a frequent visitor at the Castle; for, on our going in, and my complimenting Wemmick on his ingenious contrivance for announcing himself to the Aged, he begged me to give my attention for a moment to the other side of the chimney, and disappeared. Presently another click came, and another little door tumbled open with "Miss Skiffins" on it; then Miss Skiffins shut up and John tumbled open; then Miss Skiffins and John both tumbled open together, and finally shut up together. On Wemmick's return from working these mechanical appliances, I expressed the great admiration with which I regarded them, and he said, "Well, you know, they're both pleasant and useful to the Aged. And by George, sir, it's a thing worth mentioning, that of all the people who come to this gate, the secret of those pulls is only known to the Aged, Miss Skiffins, and me!"

“And Mr. Wemmick made them”, added Miss Skiffins, “with his own hands out of his own head”.

While Miss Skiffins was taking off her bonnet (she retained her green gloves during the evening as an outward and visible sign that there was company), Wemmick invited me to take a walk with him round the property, and see how the island looked in wintertime. Thinking that he did this to give me an opportunity of taking his Walworth sentiments, I seized the opportunity as soon as we were out of the Castle.

Having thought of the matter with care, I approached my subject as if I had never hinted at it before. I informed Wemmick that I was anxious in behalf of Herbert Pocket, and I told him how we had first met, and how we had fought. I glanced at Herbert’s home, and at his character, and at his having no means but such as he was dependent on his father for; those, uncertain and unpunctual. I alluded to the advantages I had derived in my first rawness and ignorance from his society, and I confessed that I feared I had but ill repaid them, and that he might have done better without me and my expectations. Keeping Miss Havisham in the background at a great distance, I still hinted at the possibility of my having competed with him in his prospects, and at the certainty of his possessing a generous soul, and being far above any mean distrusts, retaliations, or designs. For all these reasons (I told Wemmick), and because he was my young companion and friend, and I had a great affection for him, I wished my own good fortune to reflect some rays upon him, and therefore I sought advice from Wemmick’s experience and knowledge of men and affairs, how I could best try with my resources to help Herbert to some present income – say of a hundred a year, to keep him in good hope and heart – and gradually to buy him on to some small partnership. I begged Wemmick, in conclusion, to understand that my help must always be rendered without Herbert’s knowledge or suspicion, and that there was no one else in the world with whom I could advise. I wound up by laying my hand upon his shoulder, and saying, “I can’t help confiding in you, though I know it must be troublesome to you; but that is your fault, in having ever brought me here”.

Wemmick was silent for a little while, and then said with a kind of start, “Well you know, Mr. Pip, I must tell you one thing. This is devilish good of you”.

“Say you’ll help me to be good then”, said I.

“Ecod”, replied Wemmick, shaking his head, “that’s not my trade”.

“Nor is this your trading-place”, said I.

“You are right”, he returned. “You hit the nail on the head. Mr. Pip, I’ll put on my considering-cap, and I think all you want to do may be done by degrees. Skiffins (that’s her brother) is an accountant and agent. I’ll look him up and go to work for you”.

“I thank you ten thousand times”.

“On the contrary”, said he, “I thank you, for though we are strictly in our private and personal capacity, still it may be mentioned that there are Newgate cobwebs about, and it brushes them away”.

After a little further conversation to the same effect, we returned into the Castle where we found Miss Skiffins preparing tea. The responsible duty of making the toast was delegated to the Aged, and that excellent old gentleman was so intent upon it that he seemed to me in some danger of melting his eyes. It was no nominal meal that we were going to make, but a vigorous reality. The Aged prepared such a hay-stack of buttered toast, that I could scarcely see him over it as it simmered on an iron stand hooked on to the top-bar; while Miss Skiffins brewed such a jorum of tea, that the pig in the back premises became strongly excited, and repeatedly expressed his desire to participate in the entertainment.

The flag had been struck, and the gun had been fired, at the right moment of time, and I felt as snugly cut off from the rest of Walworth as if the moat were thirty feet wide by as many deep. Nothing disturbed the tranquillity of the Castle, but the occasional tumbling open of John and Miss Skiffins: which little doors were a prey to some spasmodic infirmity that made me sympathetically uncomfortable until I got used to it. I inferred from the methodical nature of Miss Skiffins’s arrangements that she made tea there every Sunday night; and I rather suspected that a classic brooch she wore, representing the profile of an undesirable female with a very straight nose and a very new moon, was a piece of portable property that had been given her by Wemmick.

We ate the whole of the toast, and drank tea in proportion, and it was delightful to see how warm and greasy we all got after it. The Aged especially, might have passed for some clean old chief of a savage tribe, just oiled. After a short pause of repose, Miss Skiffins – in the absence of the little servant who, it seemed, retired to the bosom of her family on Sunday

afternoons – washed up the tea-things, in a trifling lady-like amateur manner that compromised none of us. Then, she put on her gloves again, and we drew round the fire, and Wemmick said, “Now, Aged Parent, tip us the paper”.

Wemmick explained to me while the Aged got his spectacles out, that this was according to custom, and that it gave the old gentleman infinite satisfaction to read the news aloud. “I won’t offer an apology”, said Wemmick, “for he isn’t capable of many pleasures – are you, Aged P.?”

“All right, John, all right”, returned the old man, seeing himself spoken to.

“Only tip him a nod every now and then when he looks off his paper”, said Wemmick, “and he’ll be as happy as a king. We are all attention, Aged One”.

“All right, John, all right!” returned the cheerful old man, so busy and so pleased, that it really was quite charming.

The Aged’s reading reminded me of the classes at Mr. Wopsle’s great-aunt’s, with the pleasanter peculiarity that it seemed to come through a keyhole. As he wanted the candles close to him, and as he was always on the verge of putting either his head or the newspaper into them, he required as much watching as a powder-mill. But Wemmick was equally untiring and gentle in his vigilance, and the Aged read on, quite unconscious of his many rescues. Whenever he looked at us, we all expressed the greatest interest and amazement, and nodded until he resumed again.

As Wemmick and Miss Skiffins sat side by side, and as I sat in a shadowy corner, I observed a slow and gradual elongation of Mr. Wemmick’s mouth, powerfully suggestive of his slowly and gradually stealing his arm round Miss Skiffins’s waist. In course of time I saw his hand appear on the other side of Miss Skiffins; but at that moment Miss Skiffins neatly stopped him with the green glove, unwound his arm again as if it were an article of dress, and with the greatest deliberation laid it on the table before her. Miss Skiffins’s composure while she did this was one of the most remarkable sights I have ever seen, and if I could have thought the act consistent with abstraction of mind, I should have deemed that Miss Skiffins performed it mechanically.

By and by, I noticed Wemmick’s arm beginning to disappear again, and gradually fading out of view. Shortly afterwards, his mouth began to widen again. After an interval of suspense on my part that was quite

enthralling and almost painful, I saw his hand appear on the other side of Miss Skiffins. Instantly, Miss Skiffins stopped it with the neatness of a placid boxer, took off that girdle or cestus as before, and laid it on the table. Taking the table to represent the path of virtue, I am justified in stating that during the whole time of the Aged's reading, Wemmick's arm was straying from the path of virtue and being recalled to it by Miss Skiffins.

At last, the Aged read himself into a light slumber. This was the time for Wemmick to produce a little kettle, a tray of glasses, and a black bottle with a porcelain-topped cork, representing some clerical dignitary of a rubicund and social aspect. With the aid of these appliances we all had something warm to drink, including the Aged, who was soon awake again. Miss Skiffins mixed, and I observed that she and Wemmick drank out of one glass. Of course I knew better than to offer to see Miss Skiffins home, and under the circumstances I thought I had best go first; which I did, taking a cordial leave of the Aged, and having passed a pleasant evening.

Before a week was out, I received a note from Wemmick, dated Walworth, stating that he hoped he had made some advance in that matter appertaining to our private and personal capacities, and that he would be glad if I could come and see him again upon it. So, I went out to Walworth again, and yet again, and yet again, and I saw him by appointment in the City several times, but never held any communication with him on the subject in or near Little Britain. The upshot was, that we found a worthy young merchant or shipping-broker, not long established in business, who wanted intelligent help, and who wanted capital, and who in due course of time and receipt would want a partner. Between him and me, secret articles were signed of which Herbert was the subject, and I paid him half of my five hundred pounds down, and engaged for sundry other payments: some, to fall due at certain dates out of my income: some, contingent on my coming into my property. Miss Skiffins's brother conducted the negotiation. Wemmick pervaded it throughout, but never appeared in it.

The whole business was so cleverly managed, that Herbert had not the least suspicion of my hand being in it. I never shall forget the radiant face with which he came home one afternoon, and told me, as a mighty piece of news, of his having fallen in with one Clarriker (the young merchant's name), and of Clarriker's having shown an extraordinary inclination towards him, and of his belief that the opening had come at last. Day by day as his hopes

grew stronger and his face brighter, he must have thought me a more and more affectionate friend, for I had the greatest difficulty in restraining my tears of triumph when I saw him so happy. At length, the thing being done, and he having that day entered Clarriker's House, and he having talked to me for a whole evening in a flush of pleasure and success, I did really cry in good earnest when I went to bed, to think that my expectations had done some good to somebody.

A great event in my life, the turning point of my life, now opens on my view. But, before I proceed to narrate it, and before I pass on to all the changes it involved, I must give one chapter to Estella. It is not much to give to the theme that so long filled my heart.

CHAPTER XXXVIII

If that staid old house near the Green at Richmond should ever come to be haunted when I am dead, it will be haunted, surely, by my ghost. O the many, many nights and days through which the unquiet spirit within me haunted that house when Estella lived there! Let my body be where it would, my spirit was always wandering, wandering, wandering, about that house.

The lady with whom Estella was placed, Mrs. Brandley by name, was a widow, with one daughter several years older than Estella. The mother looked young, and the daughter looked old; the mother's complexion was pink, and the daughter's was yellow; the mother set up for frivolity, and the daughter for theology. They were in what is called a good position, and visited, and were visited by, numbers of people. Little, if any, community of feeling subsisted between them and Estella, but the understanding was established that they were necessary to her, and that she was necessary to them. Mrs. Brandley had been a friend of Miss Havisham's before the time of her seclusion.

In Mrs. Brandley's house and out of Mrs. Brandley's house, I suffered every kind and degree of torture that Estella could cause me. The nature of my relations with her, which placed me on terms of familiarity without placing me on terms of favor, conduced to my distraction. She made use of me to tease other admirers, and she turned the very familiarity between herself and me to the account of putting a constant slight on my devotion to her. If I had been her secretary, steward, half-brother, poor relation – if I had been a younger brother of her appointed husband – I could not have seemed to myself further from my hopes when I was nearest to her. The privilege of calling her by her name and hearing her call me by mine became, under the circumstances an aggravation of my trials; and while I think it likely that it almost maddened her other lovers, I know too certainly that it almost maddened me.

She had admirers without end. No doubt my jealousy made an admirer of every one who went near her; but there were more than enough of them without that.

I saw her often at Richmond, I heard of her often in town, and I used often to take her and the Brandleys on the water; there were picnics, fête days, plays, operas, concerts, parties, all sorts of pleasures, through which I

pursued her – and they were all miseries to me. I never had one hour's happiness in her society, and yet my mind all round the four-and-twenty hours was harping on the happiness of having her with me unto death.

Throughout this part of our intercourse – and it lasted, as will presently be seen, for what I then thought a long time – she habitually reverted to that tone which expressed that our association was forced upon us. There were other times when she would come to a sudden check in this tone and in all her many tones, and would seem to pity me.

"Pip, Pip", she said one evening, coming to such a check, when we sat apart at a darkening window of the house in Richmond; "will you never take warning?"

"Of what?"

"Of me".

"Warning not to be attracted by you, do you mean, Estella?"

"Do I mean! If you don't know what I mean, you are blind".

I should have replied that Love was commonly reputed blind, but for the reason that I always was restrained – and this was not the least of my miseries – by a feeling that it was ungenerous to press myself upon her, when she knew that she could not choose but obey Miss Havisham. My dread always was, that this knowledge on her part laid me under a heavy disadvantage with her pride, and made me the subject of a rebellious struggle in her bosom.

"At any rate", said I, "I have no warning given me just now, for you wrote to me to come to you, this time".

"That's true", said Estella, with a cold careless smile that always chilled me.

After looking at the twilight without, for a little while, she went on to say:

"The time has come round when Miss Havisham wishes to have me for a day at Satis. You are to take me there, and bring me back, if you will. She would rather I did not travel alone, and objects to receiving my maid, for she has a sensitive horror of being talked of by such people. Can you take me?"

"Can I take you, Estella!"

"You can then? The day after tomorrow, if you please. You are to pay all charges out of my purse, You hear the condition of your going?"

“And must obey”, said I.

This was all the preparation I received for that visit, or for others like it; Miss Havisham never wrote to me, nor had I ever so much as seen her handwriting. We went down on the next day but one, and we found her in the room where I had first beheld her, and it is needless to add that there was no change in Satis House.

She was even more dreadfully fond of Estella than she had been when I last saw them together; I repeat the word advisedly, for there was something positively dreadful in the energy of her looks and embraces. She hung upon Estella’s beauty, hung upon her words, hung upon her gestures, and sat mumbling her own trembling fingers while she looked at her, as though she were devouring the beautiful creature she had reared.

From Estella she looked at me, with a searching glance that seemed to pry into my heart and probe its wounds. “How does she use you, Pip; how does she use you?” she asked me again, with her witch-like eagerness, even in Estella’s hearing. But, when we sat by her flickering fire at night, she was most weird; for then, keeping Estella’s hand drawn through her arm and clutched in her own hand, she extorted from her, by dint of referring back to what Estella had told her in her regular letters, the names and conditions of the men whom she had fascinated; and as Miss Havisham dwelt upon this roll, with the intensity of a mind mortally hurt and diseased, she sat with her other hand on her crutch stick, and her chin on that, and her wan bright eyes glaring at me, a very spectre.

I saw in this, wretched though it made me, and bitter the sense of dependence and even of degradation that it awakened – I saw in this that Estella was set to wreak Miss Havisham’s revenge on men, and that she was not to be given to me until she had gratified it for a term. I saw in this, a reason for her being beforehand assigned to me. Sending her out to attract and torment and do mischief, Miss Havisham sent her with the malicious assurance that she was beyond the reach of all admirers, and that all who staked upon that cast were secured to lose. I saw in this that I, too, was tormented by a perversion of ingenuity, even while the prize was reserved for me. I saw in this the reason for my being staved off so long and the reason for my late guardian’s declining to commit himself to the formal knowledge of such a scheme. In a word, I saw in this Miss Havisham as I had her then and there before my eyes, and always had had her before my eyes; and I saw in

this, the distinct shadow of the darkened and unhealthy house in which her life was hidden from the sun.

The candles that lighted that room of hers were placed in sconces on the wall. They were high from the ground, and they burnt with the steady dulness of artificial light in air that is seldom renewed. As I looked round at them, and at the pale gloom they made, and at the stopped clock, and at the withered articles of bridal dress upon the table and the ground, and at her own awful figure with its ghostly reflection thrown large by the fire upon the ceiling and the wall, I saw in everything the construction that my mind had come to, repeated and thrown back to me. My thoughts passed into the great room across the landing where the table was spread, and I saw it written, as it were, in the falls of the cobwebs from the centre-piece, in the crawlings of the spiders on the cloth, in the tracks of the mice as they betook their little quickened hearts behind the panels, and in the gropings and pausings of the beetles on the floor.

It happened on the occasion of this visit that some sharp words arose between Estella and Miss Havisham. It was the first time I had ever seen them opposed.

We were seated by the fire, as just now described, and Miss Havisham still had Estella's arm drawn through her own, and still clutched Estella's hand in hers, when Estella gradually began to detach herself. She had shown a proud impatience more than once before, and had rather endured that fierce affection than accepted or returned it.

"What!" said Miss Havisham, flashing her eyes upon her, "are you tired of me?"

"Only a little tired of myself", replied Estella, disengaging her arm, and moving to the great chimney-piece, where she stood looking down at the fire.

"Speak the truth, you ingrate!" cried Miss Havisham, passionately striking her stick upon the floor; "you are tired of me".

Estella looked at her with perfect composure, and again looked down at the fire. Her graceful figure and her beautiful face expressed a self-possessed indifference to the wild heat of the other, that was almost cruel.

"You stock and stone!" exclaimed Miss Havisham. "You cold, cold heart!"

"What?" said Estella, preserving her attitude of indifference as she

leaned against the great chimney-piece and only moving her eyes; “do you reproach me for being cold? You?”

“Are you not?” was the fierce retort.

“You should know”, said Estella. “I am what you have made me. Take all the praise, take all the blame; take all the success, take all the failure; in short, take me”.

“O, look at her, look at her!” cried Miss Havisham, bitterly; “Look at her so hard and thankless, on the hearth where she was reared! Where I took her into this wretched breast when it was first bleeding from its stabs, and where I have lavished years of tenderness upon her!”

“At least I was no party to the compact”, said Estella, “for if I could walk and speak, when it was made, it was as much as I could do. But what would you have? You have been very good to me, and I owe everything to you. What would you have?”

“Love”, replied the other.

“You have it”.

“I have not”, said Miss Havisham.

“Mother by adoption”, retorted Estella, never departing from the easy grace of her attitude, never raising her voice as the other did, never yielding either to anger or tenderness – “mother by adoption, I have said that I owe everything to you. All I possess is freely yours. All that you have given me, is at your command to have again. Beyond that, I have nothing. And if you ask me to give you, what you never gave me, my gratitude and duty cannot do impossibilities”.

“Did I never give her love!” cried Miss Havisham, turning wildly to me. “Did I never give her a burning love, inseparable from jealousy at all times, and from sharp pain, while she speaks thus to me! Let her call me mad, let her call me mad!”

“Why should I call you mad”, returned Estella, “I, of all people? Does any one live, who knows what set purposes you have, half as well as I do? Does any one live, who knows what a steady memory you have, half as well as I do? I who have sat on this same hearth on the little stool that is even now beside you there, learning your lessons and looking up into your face, when your face was strange and frightened me!”

“Soon forgotten!” moaned Miss Havisham. “Times soon forgotten!”

“No, not forgotten”, retorted Estella, “not forgotten, but treasured up

in my memory. When have you found me false to your teaching? When have you found me unmindful of your lessons? When have you found me giving admission here", she touched her bosom with her hand, "to anything that you excluded? Be just to me".

"So proud, so proud!" moaned Miss Havisham, pushing away her gray hair with both her hands.

"Who taught me to be proud?" returned Estella. "Who praised me when I learnt my lesson?"

"So hard, so hard!" moaned Miss Havisham, with her former action.

"Who taught me to be hard?" returned Estella. "Who praised me when I learnt my lesson?"

"But to be proud and hard to me!" Miss Havisham quite shrieked, as she stretched out her arms. "Estella, Estella, Estella, to be proud and hard to me!"

Estella looked at her for a moment with a kind of calm wonder, but was not otherwise disturbed; when the moment was past, she looked down at the fire again.

"I cannot think", said Estella, raising her eyes after a silence "why you should be so unreasonable when I come to see you after a separation. I have never forgotten your wrongs and their causes. I have never been unfaithful to you or your schooling. I have never shown any weakness that I can charge myself with".

"Would it be weakness to return my love?" exclaimed Miss Havisham. "But yes, yes, she would call it so!"

"I begin to think", said Estella, in a musing way, after another moment of calm wonder, "that I almost understand how this comes about. If you had brought up your adopted daughter wholly in the dark confinement of these rooms, and had never let her know that there was such a thing as the daylight by which she had never once seen your face – if you had done that, and then, for a purpose had wanted her to understand the daylight and know all about it, you would have been disappointed and angry?"

Miss Havisham, with her head in her hands, sat making a low moaning, and swaying herself on her chair, but gave no answer.

"Or", said Estella, "which is a nearer case, if you had taught her, from the dawn of her intelligence, with your utmost energy and might, that there was such a thing as daylight, but that it was made to be her enemy and

destroyer, and she must always turn against it, for it had blighted you and would else blight her; if you had done this, and then, for a purpose, had wanted her to take naturally to the daylight and she could not do it, you would have been disappointed and angry?"

Miss Havisham sat listening (or it seemed so, for I could not see her face), but still made no answer.

"So", said Estella, "I must be taken as I have been made. The success is not mine, the failure is not mine, but the two together make me".

Miss Havisham had settled down, I hardly knew how, upon the floor, among the faded bridal relics with which it was strewn. I took advantage of the moment – I had sought one from the first – to leave the room, after beseeching Estella's attention to her, with a movement of my hand. When I left, Estella was yet standing by the great chimney-piece, just as she had stood throughout. Miss Havisham's gray hair was all adrift upon the ground, among the other bridal wrecks, and was a miserable sight to see.

It was with a depressed heart that I walked in the starlight for an hour and more, about the courtyard, and about the brewery, and about the ruined garden. When I at last took courage to return to the room, I found Estella sitting at Miss Havisham's knee, taking up some stitches in one of those old articles of dress that were dropping to pieces, and of which I have often been reminded since by the faded tatters of old banners that I have seen hanging up in cathedrals. Afterwards, Estella and I played at cards, as of yore – only we were skilful now, and played French games – and so the evening wore away, and I went to bed.

I lay in that separate building across the courtyard. It was the first time I had ever lain down to rest in Satis House, and sleep refused to come near me. A thousand Miss Havishams haunted me. She was on this side of my pillow, on that, at the head of the bed, at the foot, behind the half-opened door of the dressing-room, in the dressing-room, in the room overhead, in the room beneath – everywhere. At last, when the night was slow to creep on towards two o'clock, I felt that I absolutely could no longer bear the place as a place to lie down in, and that I must get up. I therefore got up and put on my clothes, and went out across the yard into the long stone passage, designing to gain the outer courtyard and walk there for the relief of my mind. But I was no sooner in the passage than I extinguished my candle; for I saw Miss Havisham going along it in a ghostly manner, making a low cry. I

followed her at a distance, and saw her go up the staircase. She carried a bare candle in her hand, which she had probably taken from one of the sconces in her own room, and was a most unearthly object by its light. Standing at the bottom of the staircase, I felt the mildewed air of the feast-chamber, without seeing her open the door, and I heard her walking there, and so across into her own room, and so across again into that, never ceasing the low cry. After a time, I tried in the dark both to get out, and to go back, but I could do neither until some streaks of day strayed in and showed me where to lay my hands. During the whole interval, whenever I went to the bottom of the staircase, I heard her footstep, saw her light pass above, and heard her ceaseless low cry.

Before we left next day, there was no revival of the difference between her and Estella, nor was it ever revived on any similar occasion; and there were four similar occasions, to the best of my remembrance. Nor, did Miss Havisham's manner towards Estella in anywise change, except that I believed it to have something like fear infused among its former characteristics.

It is impossible to turn this leaf of my life, without putting Bentley Drummle's name upon it; or I would, very gladly.

On a certain occasion when the Finches were assembled in force, and when good feeling was being promoted in the usual manner by nobody's agreeing with anybody else, the presiding Finch called the Grove to order, forasmuch as Mr. Drummle had not yet toasted a lady; which, according to the solemn constitution of the society, it was the brute's turn to do that day. I thought I saw him leer in an ugly way at me while the decanters were going round, but as there was no love lost between us, that might easily be. What was my indignant surprise when he called upon the company to pledge him to "Estella!"

"Estella who?" said I.

"Never you mind", retorted Drummle.

"Estella of where?" said I. "You are bound to say of where". Which he was, as a Finch.

"Of Richmond, gentlemen", said Drummle, putting me out of the question, "and a peerless beauty".

Much he knew about peerless beauties, a mean, miserable idiot! I whispered Herbert.

“I know that lady”, said Herbert, across the table, when the toast had been honored.

“Do you?” said Drummle.

“And so do I”, I added, with a scarlet face.

“Do you?” said Drummle. “O, Lord!”

This was the only retort – except glass or crockery – that the heavy creature was capable of making; but, I became as highly incensed by it as if it had been barbed with wit, and I immediately rose in my place and said that I could not but regard it as being like the honorable Finch’s impudence to come down to that Grove – we always talked about coming down to that Grove, as a neat Parliamentary turn of expression – down to that Grove, proposing a lady of whom he knew nothing. Mr. Drummle, upon this, starting up, demanded what I meant by that? Whereupon I made him the extreme reply that I believed he knew where I was to be found.

Whether it was possible in a Christian country to get on without blood, after this, was a question on which the Finches were divided. The debate upon it grew so lively, indeed, that at least six more honorable members told six more, during the discussion, that they believed they knew where they were to be found. However, it was decided at last (the Grove being a Court of Honor) that if Mr. Drummle would bring never so slight a certificate from the lady, importing that he had the honor of her acquaintance, Mr. Pip must express his regret, as a gentleman and a Finch, for “having been betrayed into a warmth which”. Next day was appointed for the production (lest our honor should take cold from delay), and next day Drummle appeared with a polite little avowal in Estella’s hand, that she had had the honor of dancing with him several times. This left me no course but to regret that I had been “betrayed into a warmth which”, and on the whole to repudiate, as untenable, the idea that I was to be found anywhere. Drummle and I then sat snorting at one another for an hour, while the Grove engaged in indiscriminate contradiction, and finally the promotion of good feeling was declared to have gone ahead at an amazing rate.

I tell this lightly, but it was no light thing to me. For, I cannot adequately express what pain it gave me to think that Estella should show any favor to a contemptible, clumsy, sulky booby, so very far below the average. To the present moment, I believe it to have been referable to some pure fire of generosity and disinterestedness in my love for her, that I could not endure

the thought of her stooping to that hound. No doubt I should have been miserable whomsoever she had favored; but a worthier object would have caused me a different kind and degree of distress.

It was easy for me to find out, and I did soon find out, that Drummle had begun to follow her closely, and that she allowed him to do it. A little while, and he was always in pursuit of her, and he and I crossed one another every day. He held on, in a dull persistent way, and Estella held him on; now with encouragement, now with discouragement, now almost flattering him, now openly despising him, now knowing him very well, now scarcely remembering who he was.

The Spider, as Mr. Jaggers had called him, was used to lying in wait, however, and had the patience of his tribe. Added to that, he had a blockhead confidence in his money and in his family greatness, which sometimes did him good service – almost taking the place of concentration and determined purpose. So, the Spider, doggedly watching Estella, outwatched many brighter insects, and would often uncoil himself and drop at the right nick of time.

At a certain Assembly Ball at Richmond (there used to be Assembly Balls at most places then), where Estella had outshone all other beauties, this blundering Drummle so hung about her, and with so much toleration on her part, that I resolved to speak to her concerning him. I took the next opportunity; which was when she was waiting for Mrs. Blandley to take her home, and was sitting apart among some flowers, ready to go. I was with her, for I almost always accompanied them to and from such places.

“Are you tired, Estella?”

“Rather, Pip”.

“You should be”.

“Say rather, I should not be; for I have my letter to Satis House to write, before I go to sleep”.

“Recounting tonight’s triumph?” said I. “Surely a very poor one, Estella”.

“What do you mean? I didn’t know there had been any”.

“Estella”, said I, “do look at that fellow in the corner yonder, who is looking over here at us”.

“Why should I look at him?” returned Estella, with her eyes on me instead. “What is there in that fellow in the corner yonder – to use your words

– that I need look at?”

“Indeed, that is the very question I want to ask you”, said I. “For he has been hovering about you all night”.

“Moths, and all sorts of ugly creatures”, replied Estella, with a glance towards him, “hover about a lighted candle. Can the candle help it?”

“No”, I returned; “but cannot the Estella help it?”

“Well!” said she, laughing, after a moment, “perhaps. Yes. Anything you like”.

“But, Estella, do hear me speak. It makes me wretched that you should encourage a man so generally despised as Drummle. You know he is despised”.

“Well?” said she.

“You know he is as ungainly within as without. A deficient, ill-tempered, lowering, stupid fellow”.

“Well?” said she.

“You know he has nothing to recommend him but money and a ridiculous roll of addle-headed predecessors; now, don’t you?”

“Well?” said she again; and each time she said it, she opened her lovely eyes the wider.

To overcome the difficulty of getting past that monosyllable, I took it from her, and said, repeating it with emphasis, “Well! Then, that is why it makes me wretched”.

Now, if I could have believed that she favored Drummle with any idea of making me-me – wretched, I should have been in better heart about it; but in that habitual way of hers, she put me so entirely out of the question, that I could believe nothing of the kind.

“Pip”, said Estella, casting her glance over the room, “don’t be foolish about its effect on you. It may have its effect on others, and may be meant to have. It’s not worth discussing”.

“Yes it is”, said I, “because I cannot bear that people should say, ‘she throws away her graces and attractions on a mere boor, the lowest in the crowd.’“

“I can bear it”, said Estella.

“Oh! don’t be so proud, Estella, and so inflexible”.

“Calls me proud and inflexible in this breath!” said Estella, opening her hands. “And in his last breath reproached me for stooping to a boor!”

“There is no doubt you do”, said I, something hurriedly, “for I have seen you give him looks and smiles this very night, such as you never give to... me”.

“Do you want me then”, said Estella, turning suddenly with a fixed and serious, if not angry, look, “to deceive and entrap you?”

“Do you deceive and entrap him, Estella?”

“Yes, and many others – all of them but you. Here is Mrs. Brandley. I’ll say no more”.

And now that I have given the one chapter to the theme that so filled my heart, and so often made it ache and ache again, I pass on unhindered, to the event that had impended over me longer yet; the event that had begun to be prepared for, before I knew that the world held Estella, and in the days when her baby intelligence was receiving its first distortions from Miss Havisham’s wasting hands.

In the Eastern story, the heavy slab that was to fall on the bed of state in the flush of conquest was slowly wrought out of the quarry, the tunnel for the rope to hold it in its place was slowly carried through the leagues of rock, the slab was slowly raised and fitted in the roof, the rope was rove to it and slowly taken through the miles of hollow to the great iron ring. All being made ready with much labor, and the hour come, the sultan was aroused in the dead of the night, and the sharpened axe that was to sever the rope from the great iron ring was put into his hand, and he struck with it, and the rope parted and rushed away, and the ceiling fell. So, in my case; all the work, near and afar, that tended to the end, had been accomplished; and in an instant the blow was struck, and the roof of my stronghold dropped upon me.

CHAPTER XXXIX

I was three-and-twenty years of age. Not another word had I heard to enlighten me on the subject of my expectations, and my twenty-third birthday was a week gone. We had left Barnard's Inn more than a year, and lived in the Temple. Our chambers were in Garden-court, down by the river.

Mr. Pocket and I had for some time parted company as to our original relations, though we continued on the best terms. Notwithstanding my inability to settle to anything – which I hope arose out of the restless and incomplete tenure on which I held my means – I had a taste for reading, and read regularly so many hours a day. That matter of Herbert's was still progressing, and everything with me was as I have brought it down to the close of the last preceding chapter.

Business had taken Herbert on a journey to Marseilles. I was alone, and had a dull sense of being alone. Dispirited and anxious, long hoping that tomorrow or next week would clear my way, and long disappointed, I sadly missed the cheerful face and ready response of my friend.

It was wretched weather; stormy and wet, stormy and wet; and mud, mud, mud, deep in all the streets. Day after day, a vast heavy veil had been driving over London from the East, and it drove still, as if in the East there were an Eternity of cloud and wind. So furious had been the gusts, that high buildings in town had had the lead stripped off their roofs; and in the country, trees had been torn up, and sails of windmills carried away; and gloomy accounts had come in from the coast, of shipwreck and death. Violent blasts of rain had accompanied these rages of wind, and the day just closed as I sat down to read had been the worst of all.

Alterations have been made in that part of the Temple since that time, and it has not now so lonely a character as it had then, nor is it so exposed to the river. We lived at the top of the last house, and the wind rushing up the river shook the house that night, like discharges of cannon, or breakings of a sea. When the rain came with it and dashed against the windows, I thought, raising my eyes to them as they rocked, that I might have fancied myself in a storm-beaten lighthouse. Occasionally, the smoke came rolling down the chimney as though it could not bear to go out into such a night; and when I set the doors open and looked down the staircase, the staircase lamps were blown out; and when I shaded my face with my hands and looked through the

black windows (opening them ever so little was out of the question in the teeth of such wind and rain), I saw that the lamps in the court were blown out, and that the lamps on the bridges and the shore were shuddering, and that the coal-fires in barges on the river were being carried away before the wind like red-hot splashes in the rain.

I read with my watch upon the table, purposing to close my book at eleven o'clock. As I shut it, Saint Paul's, and all the many church-clocks in the City – some leading, some accompanying, some following – struck that hour. The sound was curiously flawed by the wind; and I was listening, and thinking how the wind assailed and tore it, when I heard a footstep on the stair.

What nervous folly made me start, and awfully connect it with the footstep of my dead sister, matters not. It was past in a moment, and I listened again, and heard the footstep stumble in coming on. Remembering then, that the staircase-lights were blown out, I took up my reading-lamp and went out to the stair-head. Whoever was below had stopped on seeing my lamp, for all was quiet.

"There is some one down there, is there not?" I called out, looking down.

"Yes", said a voice from the darkness beneath.

"What floor do you want?"

"The top. Mr. Pip".

"That is my name. There is nothing the matter?"

"Nothing the matter", returned the voice. And the man came on.

I stood with my lamp held out over the stair-rail, and he came slowly within its light. It was a shaded lamp, to shine upon a book, and its circle of light was very contracted; so that he was in it for a mere instant, and then out of it. In the instant, I had seen a face that was strange to me, looking up with an incomprehensible air of being touched and pleased by the sight of me.

Moving the lamp as the man moved, I made out that he was substantially dressed, but roughly, like a voyager by sea. That he had long iron-gray hair. That his age was about sixty. That he was a muscular man, strong on his legs, and that he was browned and hardened by exposure to weather. As he ascended the last stair or two, and the light of my lamp included us both, I saw, with a stupid kind of amazement, that he was holding out both his hands to me.

“Pray what is your business?” I asked him.

“My business?” he repeated, pausing. “Ah! Yes. I will explain my business, by your leave”.

“Do you wish to come in?”

“Yes”, he replied; “I wish to come in, master”.

I had asked him the question inhospitably enough, for I resented the sort of bright and gratified recognition that still shone in his face. I resented it, because it seemed to imply that he expected me to respond to it. But I took him into the room I had just left, and, having set the lamp on the table, asked him as civilly as I could to explain himself.

He looked about him with the strangest air – an air of wondering pleasure, as if he had some part in the things he admired – and he pulled off a rough outer coat, and his hat. Then, I saw that his head was furrowed and bald, and that the long iron-gray hair grew only on its sides. But, I saw nothing that in the least explained him. On the contrary, I saw him next moment, once more holding out both his hands to me.

“What do you mean?” said I, half suspecting him to be mad.

He stopped in his looking at me, and slowly rubbed his right hand over his head. “It’s disapinting to a man”, he said, in a coarse broken voice, “arter having looked for’ard so distant, and come so fur; but you’re not to blame for that – neither on us is to blame for that. I’ll speak in half a minute. Give me half a minute, please”.

He sat down on a chair that stood before the fire, and covered his forehead with his large brown veinous hands. I looked at him attentively then, and recoiled a little from him; but I did not know him.

“There’s no one nigh”, said he, looking over his shoulder; “is there?”

“Why do you, a stranger coming into my rooms at this time of the night, ask that question?” said I.

“You’re a game one”, he returned, shaking his head at me with a deliberate affection, at once most unintelligible and most exasperating; “I’m glad you’ve grow’d up, a game one! But don’t catch hold of me. You’d be sorry arterwards to have done it”.

I relinquished the intention he had detected, for I knew him! Even yet I could not recall a single feature, but I knew him! If the wind and the rain had driven away the intervening years, had scattered all the intervening objects, had swept us to the churchyard where we first stood face to face on

such different levels, I could not have known my convict more distinctly than I knew him now as he sat in the chair before the fire. No need to take a file from his pocket and show it to me; no need to take the handkerchief from his neck and twist it round his head; no need to hug himself with both his arms, and take a shivering turn across the room, looking back at me for recognition. I knew him before he gave me one of those aids, though, a moment before, I had not been conscious of remotely suspecting his identity.

He came back to where I stood, and again held out both his hands. Not knowing what to do – for, in my astonishment I had lost my self-possession – I reluctantly gave him my hands. He grasped them heartily, raised them to his lips, kissed them, and still held them.

"You acted noble, my boy", said he. "Noble, Pip! And I have never forgot it!"

At a change in his manner as if he were even going to embrace me, I laid a hand upon his breast and put him away.

"Stay!" said I. "Keep off! If you are grateful to me for what I did when I was a little child, I hope you have shown your gratitude by mending your way of life. If you have come here to thank me, it was not necessary. Still, however you have found me out, there must be something good in the feeling that has brought you here, and I will not repulse you; but surely you must understand that – I..."

My attention was so attracted by the singularity of his fixed look at me, that the words died away on my tongue.

"You was a saying", he observed, when we had confronted one another in silence, "that surely I must understand. What, surely must I understand?"

"That I cannot wish to renew that chance intercourse with you of long ago, under these different circumstances. I am glad to believe you have repented and recovered yourself. I am glad to tell you so. I am glad that, thinking I deserve to be thanked, you have come to thank me. But our ways are different ways, none the less. You are wet, and you look weary. Will you drink something before you go?"

He had replaced his neckerchief loosely, and had stood, keenly observant of me, biting a long end of it. "I think", he answered, still with the end at his mouth and still observant of me, "that I will drink (I thank you) afore I go".

There was a tray ready on a side-table. I brought it to the table near the fire, and asked him what he would have? He touched one of the bottles without looking at it or speaking, and I made him some hot rum and water. I tried to keep my hand steady while I did so, but his look at me as he leaned back in his chair with the long draggled end of his neckerchief between his teeth – evidently forgotten – made my hand very difficult to master. When at last I put the glass to him, I saw with amazement that his eyes were full of tears.

Up to this time I had remained standing, not to disguise that I wished him gone. But I was softened by the softened aspect of the man, and felt a touch of reproach. “I hope”, said I, hurriedly putting something into a glass for myself, and drawing a chair to the table, “that you will not think I spoke harshly to you just now. I had no intention of doing it, and I am sorry for it if I did. I wish you well and happy!”

As I put my glass to my lips, he glanced with surprise at the end of his neckerchief, dropping from his mouth when he opened it, and stretched out his hand. I gave him mine, and then he drank, and drew his sleeve across his eyes and forehead.

“How are you living?” I asked him.

“I’ve been a sheep-farmer, stock-breeder, other trades besides, away in the new world”, said he; “many a thousand mile of stormy water off from this”.

“I hope you have done well?”

“I’ve done wonderfully well. There’s others went out alonger me as has done well too, but no man has done nigh as well as me. I’m famous for it”.

“I am glad to hear it”.

“I hope to hear you say so, my dear boy”.

Without stopping to try to understand those words or the tone in which they were spoken, I turned off to a point that had just come into my mind.

“Have you ever seen a messenger you once sent to me”, I inquired, “since he undertook that trust?”

“Never set eyes upon him. I warn’t likely to it”.

“He came faithfully, and he brought me the two one-pound notes. I was a poor boy then, as you know, and to a poor boy they were a little

fortune. But, like you, I have done well since, and you must let me pay them back. You can put them to some other poor boy's use". I took out my purse.

He watched me as I laid my purse upon the table and opened it, and he watched me as I separated two one-pound notes from its contents. They were clean and new, and I spread them out and handed them over to him. Still watching me, he laid them one upon the other, folded them long-wise, gave them a twist, set fire to them at the lamp, and dropped the ashes into the tray.

"May I make so bold", he said then, with a smile that was like a frown, and with a frown that was like a smile, "as ask you how you have done well, since you and me was out on them lone shivering marshes?"

"How?"

"Ah!"

He emptied his glass, got up, and stood at the side of the fire, with his heavy brown hand on the mantel-shelf. He put a foot up to the bars, to dry and warm it, and the wet boot began to steam; but, he neither looked at it, nor at the fire, but steadily looked at me. It was only now that I began to tremble.

When my lips had parted, and had shaped some words that were without sound, I forced myself to tell him (though I could not do it distinctly), that I had been chosen to succeed to some property.

"Might a mere warmint ask what property?" said he.

I faltered, "I don't know".

"Might a mere warmint ask whose property?" said he.

I faltered again, "I don't know".

"Could I make a guess, I wonder", said the Convict, "at your income since you come of age! As to the first figure now. Five?"

With my heart beating like a heavy hammer of disordered action, I rose out of my chair, and stood with my hand upon the back of it, looking wildly at him.

"Concerning a guardian", he went on. "There ought to have been some guardian, or such-like, whiles you was a minor. Some lawyer, maybe. As to the first letter of that lawyer's name now. Would it be J?"

All the truth of my position came flashing on me; and its disappointments, dangers, disgraces, consequences of all kinds, rushed in in such a multitude that I was borne down by them and had to struggle for every breath I drew.

"Put it", he resumed, "as the employer of that lawyer whose name

begun with a J, and might be Jaggers – put it as he had come over sea to Portsmouth, and had landed there, and had wanted to come on to you. ‘However, you have found me out,’ you says just now. Well! However, did I find you out? Why, I wrote from Portsmouth to a person in London, for particulars of your address. That person’s name? Why, Wemmick”.

I could not have spoken one word, though it had been to save my life. I stood, with a hand on the chair-back and a hand on my breast, where I seemed to be suffocating – I stood so, looking wildly at him, until I grasped at the chair, when the room began to surge and turn. He caught me, drew me to the sofa, put me up against the cushions, and bent on one knee before me, bringing the face that I now well remembered, and that I shuddered at, very near to mine.

“Yes, Pip, dear boy, I’ve made a gentleman on you! It’s me wot has done it! I swore that time, sure as ever I earned a guinea, that guinea should go to you. I swore arterwards, sure as ever I spec’lated and got rich, you should get rich. I lived rough, that you should live smooth; I worked hard, that you should be above work. What odds, dear boy? Do I tell it, fur you to feel a obligation? Not a bit. I tell it, fur you to know as that there hunted dunghill dog wot you kep life in, got his head so high that he could make a gentleman – and, Pip, you’re him!”

The abhorrence in which I held the man, the dread I had of him, the repugnance with which I shrank from him, could not have been exceeded if he had been some terrible beast.

“Look’ee here, Pip. I’m your second father. You’re my son – more to me nor any son. I’ve put away money, only for you to spend. When I was a hired-out shepherd in a solitary hut, not seeing no faces but faces of sheep till I half forgot wot men’s and women’s faces wos like, I see yourn. I drops my knife many a time in that hut when I was a-eating my dinner or my supper, and I says, ‘Here’s the boy again, a looking at me whiles I eats and drinks!’ I see you there a many times, as plain as ever I see you on them misty marshes. ‘Lord strike me dead!’ I says each time – and I goes out in the air to say it under the open heavens – ‘but wot, if I gets liberty and money, I’ll make that boy a gentleman!’ And I done it. Why, look at you, dear boy! Look at these here lodgings o’yourn, fit for a lord! A lord? Ah! You shall show money with lords for wagers, and beat ‘em!”

In his heat and triumph, and in his knowledge that I had been nearly

fainting, he did not remark on my reception of all this. It was the one grain of relief I had.

"Look'ee here!" he went on, taking my watch out of my pocket, and turning towards him a ring on my finger, while I recoiled from his touch as if he had been a snake, "a gold 'un and a beauty: that's a gentleman's, I hope! A diamond all set round with rubies; that's a gentleman's, I hope! Look at your linen; fine and beautiful! Look at your clothes; better ain't to be got! And your books too", turning his eyes round the room, "mounting up, on their shelves, by hundreds! And you read 'em; don't you? I see you'd been a reading of 'em when I come in. Ha, ha, ha! You shall read 'em to me, dear boy! And if they're in foreign languages wot I don't understand, I shall be just as proud as if I did".

Again he took both my hands and put them to his lips, while my blood ran cold within me.

"Don't you mind talking, Pip", said he, after again drawing his sleeve over his eyes and forehead, as the click came in his throat which I well remembered – and he was all the more horrible to me that he was so much in earnest; "you can't do better nor keep quiet, dear boy. You ain't looked slowly forward to this as I have; you wosn't prepared for this as I wos. But didn't you never think it might be me?"

"O no, no, no", I returned, "Never, never!"

"Well, you see it wos me, and single-handed. Never a soul in it but my own self and Mr. Jaggers".

"Was there no one else?" I asked.

"No", said he, with a glance of surprise: "who else should there be? And, dear boy, how good looking you have growed! There's bright eyes somewheres – eh? Isn't there bright eyes somewheres, wot you love the thoughts on?"

O Estella, Estella!

"They shall be yourn, dear boy, if money can buy 'em. Not that a gentleman like you, so well set up as you, can't win 'em off of his own game; but money shall back you! Let me finish wot I was a telling you, dear boy. From that there hut and that there hiring-out, I got money left me by my master (which died, and had been the same as me), and got my liberty and went for myself. In every single thing I went for, I went for you. 'Lord strike a blight upon it,' I says, wotever it was I went for, 'if it ain't for him!' It all

prospered wonderful. As I giv' you to understand just now, I'm famous for it. It was the money left me, and the gains of the first few year wot I sent home to Mr. Jaggers – all for you – when he first come arter you, agreeable to my letter".

O that he had never come! That he had left me at the forge – far from contented, yet, by comparison happy!

"And then, dear boy, it was a recompense to me, look'ee here, to know in secret that I was making a gentleman. The blood horses of them colonists might fling up the dust over me as I was walking; what do I say? I says to myself, 'I'm making a better gentleman nor ever you'll be!' When one of 'em says to another, 'He was a convict, a few year ago, and is a ignorant common fellow now, for all he's lucky,' what do I say? I says to myself, 'If I ain't a gentleman, nor yet ain't got no learning, I'm the owner of such. All on you owns stock and land; which on you owns a brought-up London gentleman?' This way I kep myself a going. And this way I held steady afore my mind that I would for certain come one day and see my boy, and make myself known to him, on his own ground".

He laid his hand on my shoulder. I shuddered at the thought that for anything I knew, his hand might be stained with blood.

"It warn't easy, Pip, for me to leave them parts, nor yet it warn't safe. But I held to it, and the harder it was, the stronger I held, for I was determined, and my mind firm made up. At last I done it. Dear boy, I done it!"

I tried to collect my thoughts, but I was stunned. Throughout, I had seemed to myself to attend more to the wind and the rain than to him; even now, I could not separate his voice from those voices, though those were loud and his was silent.

"Where will you put me?" he asked, presently. "I must be put somewheres, dear boy".

"To sleep?" said I.

"Yes. And to sleep long and sound", he answered; "for I've been sea-tossed and sea-washed, months and months".

"My friend and companion", said I, rising from the sofa, "is absent; you must have his room".

"He won't come back tomorrow; will he?"

"No", said I, answering almost mechanically, in spite of my utmost

efforts; “not tomorrow”.

“Because, look’ee here, dear boy”, he said, dropping his voice, and laying a long finger on my breast in an impressive manner, “caution is necessary”.

“How do you mean? Caution?”

“By G… , it’s Death!”

“What’s death?”

“I was sent for life. It’s death to come back. There’s been overmuch coming back of late years, and I should of a certainty be hanged if took”.

Nothing was needed but this; the wretched man, after loading wretched me with his gold and silver chains for years, had risked his life to come to me, and I held it there in my keeping! If I had loved him instead of abhorring him; if I had been attracted to him by the strongest admiration and affection, instead of shrinking from him with the strongest repugnance; it could have been no worse. On the contrary, it would have been better, for his preservation would then have naturally and tenderly addressed my heart.

My first care was to close the shutters, so that no light might be seen from without, and then to close and make fast the doors. While I did so, he stood at the table drinking rum and eating biscuit; and when I saw him thus engaged, I saw my convict on the marshes at his meal again. It almost seemed to me as if he must stoop down presently, to file at his leg.

When I had gone into Herbert’s room, and had shut off any other communication between it and the staircase than through the room in which our conversation had been held, I asked him if he would go to bed? He said yes, but asked me for some of my “gentleman’s linen” to put on in the morning. I brought it out, and laid it ready for him, and my blood again ran cold when he again took me by both hands to give me good night.

I got away from him, without knowing how I did it, and mended the fire in the room where we had been together, and sat down by it, afraid to go to bed. For an hour or more, I remained too stunned to think; and it was not until I began to think, that I began fully to know how wrecked I was, and how the ship in which I had sailed was gone to pieces.

Miss Havisham’s intentions towards me, all a mere dream; Estella not designed for me; I only suffered in Satis House as a convenience, a sting for the greedy relations, a model with a mechanical heart to practise on when no other practice was at hand; those were the first smarts I had. But, sharpest and

deepest pain of all – it was for the convict, guilty of I knew not what crimes, and liable to be taken out of those rooms where I sat thinking, and hanged at the Old Bailey door, that I had deserted Joe.

I would not have gone back to Joe now, I would not have gone back to Biddy now, for any consideration; simply, I suppose, because my sense of my own worthless conduct to them was greater than every consideration. No wisdom on earth could have given me the comfort that I should have derived from their simplicity and fidelity; but I could never, never, undo what I had done.

In every rage of wind and rush of rain, I heard pursuers. Twice, I could have sworn there was a knocking and whispering at the outer door. With these fears upon me, I began either to imagine or recall that I had had mysterious warnings of this man's approach. That, for weeks gone by, I had passed faces in the streets which I had thought like his. That these likenesses had grown more numerous, as he, coming over the sea, had drawn nearer. That his wicked spirit had somehow sent these messengers to mine, and that now on this stormy night he was as good as his word, and with me.

Crowding up with these reflections came the reflection that I had seen him with my childish eyes to be a desperately violent man; that I had heard that other convict reiterate that he had tried to murder him; that I had seen him down in the ditch tearing and fighting like a wild beast. Out of such remembrances I brought into the light of the fire a half-formed terror that it might not be safe to be shut up there with him in the dead of the wild solitary night. This dilated until it filled the room, and impelled me to take a candle and go in and look at my dreadful burden.

He had rolled a handkerchief round his head, and his face was set and lowering in his sleep. But he was asleep, and quietly too, though he had a pistol lying on the pillow. Assured of this, I softly removed the key to the outside of his door, and turned it on him before I again sat down by the fire. Gradually I slipped from the chair and lay on the floor. When I awoke without having parted in my sleep with the perception of my wretchedness, the clocks of the Eastward churches were striking five, the candles were wasted out, the fire was dead, and the wind and rain intensified the thick black darkness.

This is the end of the second stage of Pip's expectations.

CHAPTER XL

It was fortunate for me that I had to take precautions to ensure (so far as I could) the safety of my dreaded visitor; for, this thought pressing on me when I awoke, held other thoughts in a confused concourse at a distance.

The impossibility of keeping him concealed in the chambers was self-evident. It could not be done, and the attempt to do it would inevitably engender suspicion. True, I had no Avenger in my service now, but I was looked after by an inflammatory old female, assisted by an animated rag-bag whom she called her niece, and to keep a room secret from them would be to invite curiosity and exaggeration. They both had weak eyes, which I had long attributed to their chronically looking in at keyholes, and they were always at hand when not wanted; indeed that was their only reliable quality besides larceny. Not to get up a mystery with these people, I resolved to announce in the morning that my uncle had unexpectedly come from the country.

This course I decided on while I was yet groping about in the darkness for the means of getting a light. Not stumbling on the means after all, I was fain to go out to the adjacent Lodge and get the watchman there to come with his lantern. Now, in groping my way down the black staircase I fell over something, and that something was a man crouching in a corner.

As the man made no answer when I asked him what he did there, but eluded my touch in silence, I ran to the Lodge and urged the watchman to come quickly; telling him of the incident on the way back. The wind being as fierce as ever, we did not care to endanger the light in the lantern by rekindling the extinguished lamps on the staircase, but we examined the staircase from the bottom to the top and found no one there. It then occurred to me as possible that the man might have slipped into my rooms; so, lighting my candle at the watchman’s, and leaving him standing at the door, I examined them carefully, including the room in which my dreaded guest lay asleep. All was quiet, and assuredly no other man was in those chambers.

It troubled me that there should have been a lurker on the stairs, on that night of all nights in the year, and I asked the watchman, on the chance of eliciting some hopeful explanation as I handed him a dram at the door, whether he had admitted at his gate any gentleman who had perceptibly been dining out? Yes, he said; at different times of the night, three. One lived in Fountain Court, and the other two lived in the Lane, and he had seen them all

go home. Again, the only other man who dwelt in the house of which my chambers formed a part had been in the country for some weeks, and he certainly had not returned in the night, because we had seen his door with his seal on it as we came up-stairs.

"The night being so bad, sir", said the watchman, as he gave me back my glass, "uncommon few have come in at my gate. Besides them three gentlemen that I have named, I don't call to mind another since about eleven o'clock, when a stranger asked for you".

"My uncle", I muttered. "Yes".

"You saw him, sir?"

"Yes. Oh yes".

"Likewise the person with him?"

"Person with him!" I repeated.

"I judged the person to be with him", returned the watchman. "The person stopped, when he stopped to make inquiry of me, and the person took this way when he took this way".

"What sort of person?"

The watchman had not particularly noticed; he should say a working person; to the best of his belief, he had a dust-colored kind of clothes on, under a dark coat. The watchman made more light of the matter than I did, and naturally; not having my reason for attaching weight to it.

When I had got rid of him, which I thought it well to do without prolonging explanations, my mind was much troubled by these two circumstances taken together. Whereas they were easy of innocent solution apart – as, for instance, some diner out or diner at home, who had not gone near this watchman's gate, might have strayed to my staircase and dropped asleep there – and my nameless visitor might have brought some one with him to show him the way – still, joined, they had an ugly look to one as prone to distrust and fear as the changes of a few hours had made me.

I lighted my fire, which burnt with a raw pale flare at that time of the morning, and fell into a doze before it. I seemed to have been dozing a whole night when the clocks struck six. As there was full an hour and a half between me and daylight, I dozed again; now, waking up uneasily, with prolix conversations about nothing, in my ears; now, making thunder of the wind in the chimney; at length, falling off into a profound sleep from which the daylight woke me with a start.

All this time I had never been able to consider my own situation, nor could I do so yet. I had not the power to attend to it. I was greatly dejected and distressed, but in an incoherent wholesale sort of way. As to forming any plan for the future, I could as soon have formed an elephant. When I opened the shutters and looked out at the wet wild morning, all of a leaden hue; when I walked from room to room; when I sat down again shivering, before the fire, waiting for my laundress to appear; I thought how miserable I was, but hardly knew why, or how long I had been so, or on what day of the week I made the reflection, or even who I was that made it.

At last, the old woman and the niece came in – the latter with a head not easily distinguishable from her dusty broom – and testified surprise at sight of me and the fire. To whom I imparted how my uncle had come in the night and was then asleep, and how the breakfast preparations were to be modified accordingly. Then I washed and dressed while they knocked the furniture about and made a dust; and so, in a sort of dream or sleep-waking, I found myself sitting by the fire again, waiting for – Him – to come to breakfast.

By and by, his door opened and he came out. I could not bring myself to bear the sight of him, and I thought he had a worse look by daylight.

“I do not even know”, said I, speaking low as he took his seat at the table, “by what name to call you. I have given out that you are my uncle”.

“That’s it, dear boy! Call me uncle”.

“You assumed some name, I suppose, on board ship?”

“Yes, dear boy. I took the name of Provis”.

“Do you mean to keep that name?”

“Why, yes, dear boy, it’s as good as another – unless you’d like another”.

“What is your real name?” I asked him in a whisper.

“Magwitch”, he answered, in the same tone; “chrisen’d Abel”.

“What were you brought up to be?”

“A warmint, dear boy”.

He answered quite seriously, and used the word as if it denoted some profession.

“When you came into the Temple last night...” said I, pausing to wonder whether that could really have been last night, which seemed so long ago.

“Yes, dear boy?”

“When you came in at the gate and asked the watchman the way here, had you any one with you?”

“With me? No, dear boy”.

“But there was some one there?”

“I didn’t take particular notice”, he said, dubiously, “not knowing the ways of the place. But I think there was a person, too, come in alonger me”.

“Are you known in London?”

“I hope not!” said he, giving his neck a jerk with his forefinger that made me turn hot and sick.

“Were you known in London, once?”

“Not over and above, dear boy. I was in the provinces mostly”.

“Were you – tried – in London?”

“Which time?” said he, with a sharp look.

“The last time”.

He nodded. “First knowed Mr. Jaggers that way. Jaggers was for me”.

It was on my lips to ask him what he was tried for, but he took up a knife, gave it a flourish, and with the words, “And what I done is worked out and paid for!” fell to at his breakfast.

He ate in a ravenous way that was very disagreeable, and all his actions were uncouth, noisy, and greedy. Some of his teeth had failed him since I saw him eat on the marshes, and as he turned his food in his mouth, and turned his head sideways to bring his strongest fangs to bear upon it, he looked terribly like a hungry old dog. If I had begun with any appetite, he would have taken it away, and I should have sat much as I did – repelled from him by an insurmountable aversion, and gloomily looking at the cloth.

“I’m a heavy grubber, dear boy”, he said, as a polite kind of apology when he made an end of his meal, “but I always was. If it had been in my constitution to be a lighter grubber, I might ha’ got into lighter trouble. Similarly, I must have my smoke. When I was first hired out as shepherd t’other side the world, it’s my belief I should ha’ turned into a molloncolly-mad sheep myself, if I hadn’t a had my smoke”.

As he said so, he got up from table, and putting his hand into the breast of the pea-coat he wore, brought out a short black pipe, and a handful of loose tobacco of the kind that is called Negro-head. Having filled his pipe, he put the surplus tobacco back again, as if his pocket were a drawer. Then,

he took a live coal from the fire with the tongs, and lighted his pipe at it, and then turned round on the hearth-rug with his back to the fire, and went through his favorite action of holding out both his hands for mine.

"And this", said he, dandling my hands up and down in his, as he puffed at his pipe – "and this is the gentleman what I made! The real genuine One! It does me good fur to look at you, Pip. All I stip'late, is, to stand by and look at you, dear boy!"

I released my hands as soon as I could, and found that I was beginning slowly to settle down to the contemplation of my condition. What I was chained to, and how heavily, became intelligible to me, as I heard his hoarse voice, and sat looking up at his furrowed bald head with its iron gray hair at the sides.

"I mustn't see my gentleman a footing it in the mire of the streets; there mustn't be no mud on his boots. My gentleman must have horses, Pip! Horses to ride, and horses to drive, and horses for his servant to ride and drive as well. Shall colonists have their horses (and blood 'uns, if you please, good Lord!) and not my London gentleman? No, no. We'll show 'em another pair of shoes than that, Pip; won't us?"

He took out of his pocket a great thick pocket-book, bursting with papers, and tossed it on the table.

"There's something worth spending in that there book, dear boy. It's yourn. All I've got ain't mine; it's yourn. Don't you be afeerd on it. There's more where that come from. I've come to the old country fur to see my gentleman spend his money like a gentleman. That'll be my pleasure. My pleasure 'ull be fur to see him do it. And blast you all!" he wound up, looking round the room and snapping his fingers once with a loud snap, "blast you every one, from the judge in his wig, to the colonist a stirring up the dust, I'll show a better gentleman than the whole kit on you put together!"

"Stop!" said I, almost in a frenzy of fear and dislike, "I want to speak to you. I want to know what is to be done. I want to know how you are to be kept out of danger, how long you are going to stay, what projects you have".

"Look'ee here, Pip", said he, laying his hand on my arm in a suddenly altered and subdued manner; "first of all, look'ee here. I forgot myself half a minute ago. What I said was low; that's what it was; low. Look'ee here, Pip. Look over it. I ain't a going to be low".

"First", I resumed, half groaning, "what precautions can be taken

against your being recognized and seized?”

“No, dear boy”, he said, in the same tone as before, “that don’t go first. Lowness goes first. I ain’t took so many year to make a gentleman, not without knowing what’s due to him. Look’ee here, Pip. I was low; that’s what I was; low. Look over it, dear boy”.

Some sense of the grimly-ludicrous moved me to a fretful laugh, as I replied, “I have looked over it. In Heaven’s name, don’t harp upon it!”

“Yes, but look’ee here”, he persisted. “Dear boy, I ain’t come so fur, not fur to be low. Now, go on, dear boy. You was a saying...”

“How are you to be guarded from the danger you have incurred?”

“Well, dear boy, the danger ain’t so great. Without I was informed agen, the danger ain’t so much to signify. There’s Jaggers, and there’s Wemmick, and there’s you. Who else is there to inform?”

“Is there no chance person who might identify you in the street?” said I.

“Well”, he returned, “there ain’t many. Nor yet I don’t intend to advertise myself in the newspapers by the name of A.M. come back from Botany Bay; and years have rolled away, and who’s to gain by it? Still, look’ee here, Pip. If the danger had been fifty times as great, I should ha’ come to see you, mind you, just the same”.

“And how long do you remain?”

“How long?” said he, taking his black pipe from his mouth, and dropping his jaw as he stared at me. “I’m not a going back. I’ve come for good”.

“Where are you to live?” said I. “What is to be done with you? Where will you be safe?”

“Dear boy”, he returned, “there’s disguising wigs can be bought for money, and there’s hair powder, and spectacles, and black clothes – shorts and what not. Others has done it safe afore, and what others has done afore, others can do agen. As to the where and how of living, dear boy, give me your own opinions on it”.

“You take it smoothly now”, said I, “but you were very serious last night, when you swore it was Death”.

“And so I swear it is Death”, said he, putting his pipe back in his mouth, “and Death by the rope, in the open street not fur from this, and it’s serious that you should fully understand it to be so. What then, when that’s

once done? Here I am. To go back now ‘ud be as bad as to stand ground – worse. Besides, Pip, I’m here, because I’ve meant it by you, years and years. As to what I dare, I’m a old bird now, as has dared all manner of traps since first he was fledged, and I’m not afeerd to perch upon a scarecrow. If there’s Death hid inside of it, there is, and let him come out, and I’ll face him, and then I’ll believe in him and not afore. And now let me have a look at my gentleman agen”.

Once more, he took me by both hands and surveyed me with an air of admiring proprietorship: smoking with great complacency all the while.

It appeared to me that I could do no better than secure him some quiet lodging hard by, of which he might take possession when Herbert returned: whom I expected in two or three days. That the secret must be confided to Herbert as a matter of unavoidable necessity, even if I could have put the immense relief I should derive from sharing it with him out of the question, was plain to me. But it was by no means so plain to Mr. Provis (I resolved to call him by that name), who reserved his consent to Herbert’s participation until he should have seen him and formed a favorable judgment of his physiognomy. “And even then, dear boy”, said he, pulling a greasy little clasped black Testament out of his pocket, “we’ll have him on his oath”.

To state that my terrible patron carried this little black book about the world solely to swear people on in cases of emergency, would be to state what I never quite established; but this I can say, that I never knew him put it to any other use. The book itself had the appearance of having been stolen from some court of justice, and perhaps his knowledge of its antecedents, combined with his own experience in that wise, gave him a reliance on its powers as a sort of legal spell or charm. On this first occasion of his producing it, I recalled how he had made me swear fidelity in the churchyard long ago, and how he had described himself last night as always swearing to his resolutions in his solitude.

As he was at present dressed in a seafaring slop suit, in which he looked as if he had some parrots and cigars to dispose of, I next discussed with him what dress he should wear. He cherished an extraordinary belief in the virtues of “shorts” as a disguise, and had in his own mind sketched a dress for himself that would have made him something between a dean and a dentist. It was with considerable difficulty that I won him over to the assumption of a dress more like a prosperous farmer’s; and we arranged that

he should cut his hair close, and wear a little powder. Lastly, as he had not yet been seen by the laundress or her niece, he was to keep himself out of their view until his change of dress was made.

It would seem a simple matter to decide on these precautions; but in my dazed, not to say distracted, state, it took so long, that I did not get out to further them until two or three in the afternoon. He was to remain shut up in the chambers while I was gone, and was on no account to open the door.

There being to my knowledge a respectable lodging-house in Essex Street, the back of which looked into the Temple, and was almost within hail of my windows, I first of all repaired to that house, and was so fortunate as to secure the second floor for my uncle, Mr. Provis. I then went from shop to shop, making such purchases as were necessary to the change in his appearance. This business transacted, I turned my face, on my own account, to Little Britain. Mr. Jaggers was at his desk, but, seeing me enter, got up immediately and stood before his fire.

"Now, Pip", said he, "be careful".

"I will, sir", I returned. For, coming along I had thought well of what I was going to say.

"Don't commit yourself", said Mr. Jaggers, "and don't commit any one. You understand – any one. Don't tell me anything: I don't want to know anything; I am not curious".

Of course I saw that he knew the man was come.

"I merely want, Mr. Jaggers", said I, "to assure myself that what I have been told is true. I have no hope of its being untrue, but at least I may verify it".

Mr. Jaggers nodded. "But did you say 'told' or 'informed'?" he asked me, with his head on one side, and not looking at me, but looking in a listening way at the floor. "Told would seem to imply verbal communication. You can't have verbal communication with a man in New South Wales, you know".

"I will say, informed, Mr. Jaggers".

"Good".

"I have been informed by a person named Abel Magwitch, that he is the benefactor so long unknown to me".

"That is the man", said Mr. Jaggers, "in New South Wales".

"And only he?" said I.

“And only he”, said Mr. Jaggers.

“I am not so unreasonable, sir, as to think you at all responsible for my mistakes and wrong conclusions; but I always supposed it was Miss Havisham”.

“As you say, Pip”, returned Mr. Jaggers, turning his eyes upon me coolly, and taking a bite at his forefinger, “I am not at all responsible for that”.

“And yet it looked so like it, sir”, I pleaded with a downcast heart.

“Not a particle of evidence, Pip”, said Mr. Jaggers, shaking his head and gathering up his skirts. “Take nothing on its looks; take everything on evidence. There’s no better rule”.

“I have no more to say”, said I, with a sigh, after standing silent for a little while. “I have verified my information, and there’s an end”.

“And Magwitch – in New South Wales – having at last disclosed himself”, said Mr. Jaggers, “you will comprehend, Pip, how rigidly throughout my communication with you, I have always adhered to the strict line of fact. There has never been the least departure from the strict line of fact. You are quite aware of that?”

“Quite, sir”.

“I communicated to Magwitch – in New South Wales – when he first wrote to me – from New South Wales – the caution that he must not expect me ever to deviate from the strict line of fact. I also communicated to him another caution. He appeared to me to have obscurely hinted in his letter at some distant idea he had of seeing you in England here. I cautioned him that I must hear no more of that; that he was not at all likely to obtain a pardon; that he was expatriated for the term of his natural life; and that his presenting himself in this country would be an act of felony, rendering him liable to the extreme penalty of the law. I gave Magwitch that caution”, said Mr. Jaggers, looking hard at me; “I wrote it to New South Wales. He guided himself by it, no doubt”.

“No doubt”, said I.

“I have been informed by Wemmick”, pursued Mr. Jaggers, still looking hard at me, “that he has received a letter, under date Portsmouth, from a colonist of the name of Purvis, or...”

“Or Provis”, I suggested.

“Or Provis, thank you, Pip. Perhaps it is Provis? Perhaps you know

it’s Provis?”

“Yes”, said I.

“You know it’s Provis. A letter, under date Portsmouth, from a colonist of the name of Provis, asking for the particulars of your address, on behalf of Magwitch. Wemmick sent him the particulars, I understand, by return of post. Probably it is through Provis that you have received the explanation of Magwitch – in New South Wales?”

“It came through Provis”, I replied.

“Good day, Pip”, said Mr. Jaggers, offering his hand; “glad to have seen you. In writing by post to Magwitch – in New South Wales – or in communicating with him through Provis, have the goodness to mention that the particulars and vouchers of our long account shall be sent to you, together with the balance; for there is still a balance remaining. Good day, Pip!”

We shook hands, and he looked hard at me as long as he could see me. I turned at the door, and he was still looking hard at me, while the two vile casts on the shelf seemed to be trying to get their eyelids open, and to force out of their swollen throats, “O, what a man he is!”

Wemmick was out, and though he had been at his desk he could have done nothing for me. I went straight back to the Temple, where I found the terrible Provis drinking rum and water and smoking negro-head, in safety.

Next day the clothes I had ordered all came home, and he put them on. Whatever he put on, became him less (it dismally seemed to me) than what he had worn before. To my thinking, there was something in him that made it hopeless to attempt to disguise him. The more I dressed him and the better I dressed him, the more he looked like the slouching fugitive on the marshes. This effect on my anxious fancy was partly referable, no doubt, to his old face and manner growing more familiar to me; but I believe too that he dragged one of his legs as if there were still a weight of iron on it, and that from head to foot there was Convict in the very grain of the man.

The influences of his solitary hut-life were upon him besides, and gave him a savage air that no dress could tame; added to these were the influences of his subsequent branded life among men, and, crowning all, his consciousness that he was dodging and hiding now. In all his ways of sitting and standing, and eating and drinking – of brooding about in a high-shouldered reluctant style – of taking out his great horn-handled jackknife and wiping it on his legs and cutting his food – of lifting light glasses and

cups to his lips, as if they were clumsy pannikins – of chopping a wedge off his bread, and soaking up with it the last fragments of gravy round and round his plate, as if to make the most of an allowance, and then drying his finger-ends on it, and then swallowing it – in these ways and a thousand other small nameless instances arising every minute in the day, there was Prisoner, Felon, Bondsman, plain as plain could be.

It had been his own idea to wear that touch of powder, and I had conceded the powder after overcoming the shorts. But I can compare the effect of it, when on, to nothing but the probable effect of rouge upon the dead; so awful was the manner in which everything in him that it was most desirable to repress, started through that thin layer of pretence, and seemed to come blazing out at the crown of his head. It was abandoned as soon as tried, and he wore his grizzled hair cut short.

Words cannot tell what a sense I had, at the same time, of the dreadful mystery that he was to me. When he fell asleep of an evening, with his knotted hands clenching the sides of the easy-chair, and his bald head tattooed with deep wrinkles falling forward on his breast, I would sit and look at him, wondering what he had done, and loading him with all the crimes in the Calendar, until the impulse was powerful on me to start up and fly from him. Every hour so increased my abhorrence of him, that I even think I might have yielded to this impulse in the first agonies of being so haunted, notwithstanding all he had done for me and the risk he ran, but for the knowledge that Herbert must soon come back. Once, I actually did start out of bed in the night, and begin to dress myself in my worst clothes, hurriedly intending to leave him there with everything else I possessed, and enlist for India as a private soldier.

I doubt if a ghost could have been more terrible to me, up in those lonely rooms in the long evenings and long nights, with the wind and the rain always rushing by. A ghost could not have been taken and hanged on my account, and the consideration that he could be, and the dread that he would be, were no small addition to my horrors. When he was not asleep, or playing a complicated kind of Patience with a ragged pack of cards of his own – a game that I never saw before or since, and in which he recorded his winnings by sticking his jackknife into the table – when he was not engaged in either of these pursuits, he would ask me to read to him – “Foreign language, dear boy!” While I complied, he, not comprehending a single word, would stand

before the fire surveying me with the air of an Exhibitor, and I would see him, between the fingers of the hand with which I shaded my face, appealing in dumb show to the furniture to take notice of my proficiency. The imaginary student pursued by the misshapen creature he had impiously made, was not more wretched than I, pursued by the creature who had made me, and recoiling from him with a stronger repulsion, the more he admired me and the fonder he was of me.

This is written of, I am sensible, as if it had lasted a year. It lasted about five days. Expecting Herbert all the time, I dared not go out, except when I took Provis for an airing after dark. At length, one evening when dinner was over and I had dropped into a slumber quite worn out – for my nights had been agitated and my rest broken by fearful dreams – I was roused by the welcome footstep on the staircase. Provis, who had been asleep too, staggered up at the noise I made, and in an instant I saw his jackknife shining in his hand.

"Quiet! It's Herbert!" I said; and Herbert came bursting in, with the airy freshness of six hundred miles of France upon him.

"Handel, my dear fellow, how are you, and again how are you, and again how are you? I seem to have been gone a twelvemonth! Why, so I must have been, for you have grown quite thin and pale! Handel, my… Halloa! I beg your pardon".

He was stopped in his running on and in his shaking hands with me, by seeing Provis. Provis, regarding him with a fixed attention, was slowly putting up his jackknife, and groping in another pocket for something else.

"Herbert, my dear friend", said I, shutting the double doors, while Herbert stood staring and wondering, "something very strange has happened. This is – a visitor of mine".

"It's all right, dear boy!" said Provis coming forward, with his little clasped black book, and then addressing himself to Herbert. "Take it in your right hand. Lord strike you dead on the spot, if ever you split in any way sumever! Kiss it!"

"Do so, as he wishes it", I said to Herbert. So, Herbert, looking at me with a friendly uneasiness and amazement, complied, and Provis immediately shaking hands with him, said, "Now you're on your oath, you know. And never believe me on mine, if Pip shan't make a gentleman on you!"

CHAPTER XLI

In vain should I attempt to describe the astonishment and disquiet of Herbert, when he and I and Provis sat down before the fire, and I recounted the whole of the secret. Enough, that I saw my own feelings reflected in Herbert's face, and not least among them, my repugnance towards the man who had done so much for me.

What would alone have set a division between that man and us, if there had been no other dividing circumstance, was his triumph in my story. Saving his troublesome sense of having been "low' on one occasion since his return – on which point he began to hold forth to Herbert, the moment my revelation was finished – he had no perception of the possibility of my finding any fault with my good fortune. His boast that he had made me a gentleman, and that he had come to see me support the character on his ample resources, was made for me quite as much as for himself. And that it was a highly agreeable boast to both of us, and that we must both be very proud of it, was a conclusion quite established in his own mind.

"Though, look'ee here, Pip's comrade", he said to Herbert, after having discoursed for some time, "I know very well that once since I come back – for half a minute – I've been low. I said to Pip, I knowed as I had been low. But don't you fret yourself on that score. I ain't made Pip a gentleman, and Pip ain't a going to make you a gentleman, not fur me not to know what's due to ye both. Dear boy, and Pip's comrade, you two may count upon me always having a gen-teel muzzle on. Muzzled I have been since that half a minute when I was betrayed into lowness, muzzled I am at the present time, muzzled I ever will be".

Herbert said, "Certainly", but looked as if there were no specific consolation in this, and remained perplexed and dismayed. We were anxious for the time when he would go to his lodging and leave us together, but he was evidently jealous of leaving us together, and sat late. It was midnight before I took him round to Essex Street, and saw him safely in at his own dark door. When it closed upon him, I experienced the first moment of relief I had known since the night of his arrival.

Never quite free from an uneasy remembrance of the man on the stairs, I had always looked about me in taking my guest out after dark, and in bringing him back; and I looked about me now. Difficult as it is in a large

city to avoid the suspicion of being watched, when the mind is conscious of danger in that regard, I could not persuade myself that any of the people within sight cared about my movements. The few who were passing passed on their several ways, and the street was empty when I turned back into the Temple. Nobody had come out at the gate with us, nobody went in at the gate with me. As I crossed by the fountain, I saw his lighted back windows looking bright and quiet, and, when I stood for a few moments in the doorway of the building where I lived, before going up the stairs, Garden Court was as still and lifeless as the staircase was when I ascended it.

Herbert received me with open arms, and I had never felt before so blessedly what it is to have a friend. When he had spoken some sound words of sympathy and encouragement, we sat down to consider the question, What was to be done?

The chair that Provis had occupied still remaining where it had stood – for he had a barrack way with him of hanging about one spot, in one unsettled manner, and going through one round of observances with his pipe and his negro-head and his jackknife and his pack of cards, and what not, as if it were all put down for him on a slate – I say his chair remaining where it had stood, Herbert unconsciously took it, but next moment started out of it, pushed it away, and took another. He had no occasion to say after that that he had conceived an aversion for my patron, neither had I occasion to confess my own. We interchanged that confidence without shaping a syllable.

“What”, said I to Herbert, when he was safe in another chair – “what is to be done?”

“My poor dear Handel”, he replied, holding his head, “I am too stunned to think”.

“So was I, Herbert, when the blow first fell. Still, something must be done. He is intent upon various new expenses – horses, and carriages, and lavish appearances of all kinds. He must be stopped somehow”.

“You mean that you can’t accept...”

“How can I?” I interposed, as Herbert paused. “Think of him! Look at him!”

An involuntary shudder passed over both of us.

“Yet I am afraid the dreadful truth is, Herbert, that he is attached to me, strongly attached to me. Was there ever such a fate!”

“My poor dear Handel”, Herbert repeated.

“Then”, said I, “after all, stopping short here, never taking another penny from him, think what I owe him already! Then again: I am heavily in debt – very heavily for me, who have now no expectations – and I have been bred to no calling, and I am fit for nothing”.

“Well, well, well!” Herbert remonstrated. “Don’t say fit for nothing”.

“What am I fit for? I know only one thing that I am fit for, and that is, to go for a soldier. And I might have gone, my dear Herbert, but for the prospect of taking counsel with your friendship and affection”.

Of course I broke down there: and of course Herbert, beyond seizing a warm grip of my hand, pretended not to know it.

“Anyhow, my dear Handel”, said he presently, “soldiering won’t do. If you were to renounce this patronage and these favors, I suppose you would do so with some faint hope of one day repaying what you have already had. Not very strong, that hope, if you went soldiering! Besides, it’s absurd. You would be infinitely better in Clarriker’s house, small as it is. I am working up towards a partnership, you know”.

Poor fellow! He little suspected with whose money.

“But there is another question”, said Herbert. “This is an ignorant, determined man, who has long had one fixed idea. More than that, he seems to me (I may misjudge him) to be a man of a desperate and fierce character”.

“I know he is”, I returned. “Let me tell you what evidence I have seen of it”. And I told him what I had not mentioned in my narrative, of that encounter with the other convict.

“See, then”, said Herbert; “think of this! He comes here at the peril of his life, for the realization of his fixed idea. In the moment of realization, after all his toil and waiting, you cut the ground from under his feet, destroy his idea, and make his gains worthless to him. Do you see nothing that he might do, under the disappointment?”

“I have seen it, Herbert, and dreamed of it, ever since the fatal night of his arrival. Nothing has been in my thoughts so distinctly as his putting himself in the way of being taken”.

“Then you may rely upon it”, said Herbert, “that there would be great danger of his doing it. That is his power over you as long as he remains in England, and that would be his reckless course if you forsook him”.

I was so struck by the horror of this idea, which had weighed upon me from the first, and the working out of which would make me regard myself,

in some sort, as his murderer, that I could not rest in my chair, but began pacing to and fro. I said to Herbert, meanwhile, that even if Provis were recognized and taken, in spite of himself, I should be wretched as the cause, however innocently. Yes; even though I was so wretched in having him at large and near me, and even though I would far rather have worked at the forge all the days of my life than I would ever have come to this!

But there was no staving off the question, What was to be done?

"The first and the main thing to be done", said Herbert, "is to get him out of England. You will have to go with him, and then he may be induced to go".

"But get him where I will, could I prevent his coming back?"

"My good Handel, is it not obvious that with Newgate in the next street, there must be far greater hazard in your breaking your mind to him and making him reckless, here, than elsewhere. If a pretext to get him away could be made out of that other convict, or out of anything else in his life, now".

"There, again!" said I, stopping before Herbert, with my open hands held out, as if they contained the desperation of the case. "I know nothing of his life. It has almost made me mad to sit here of a night and see him before me, so bound up with my fortunes and misfortunes, and yet so unknown to me, except as the miserable wretch who terrified me two days in my childhood!"

Herbert got up, and linked his arm in mine, and we slowly walked to and fro together, studying the carpet.

"Handel", said Herbert, stopping, "you feel convinced that you can take no further benefits from him; do you?"

"Fully. Surely you would, too, if you were in my place?"

"And you feel convinced that you must break with him?"

"Herbert, can you ask me?"

"And you have, and are bound to have, that tenderness for the life he has risked on your account, that you must save him, if possible, from throwing it away. Then you must get him out of England before you stir a finger to extricate yourself. That done, extricate yourself, in Heaven's name, and we'll see it out together, dear old boy".

It was a comfort to shake hands upon it, and walk up and down again, with only that done.

"Now, Herbert", said I, "with reference to gaining some knowledge of

his history. There is but one way that I know of. I must ask him point blank".

"Yes. Ask him", said Herbert, "when we sit at breakfast in the morning". For he had said, on taking leave of Herbert, that he would come to breakfast with us.

With this project formed, we went to bed. I had the wildest dreams concerning him, and woke unrefreshed; I woke, too, to recover the fear which I had lost in the night, of his being found out as a returned transport. Waking, I never lost that fear.

He came round at the appointed time, took out his jackknife, and sat down to his meal. He was full of plans "for his gentleman's coming out strong, and like a gentleman", and urged me to begin speedily upon the pocket-book which he had left in my possession. He considered the chambers and his own lodging as temporary residences, and advised me to look out at once for a "fashionable crib" near Hyde Park, in which he could have "a shake-down". When he had made an end of his breakfast, and was wiping his knife on his leg, I said to him, without a word of preface –

"After you were gone last night, I told my friend of the struggle that the soldiers found you engaged in on the marshes, when we came up. You remember?"

"Remember!" said he. "I think so!"

"We want to know something about that man – and about you. It is strange to know no more about either, and particularly you, than I was able to tell last night. Is not this as good a time as another for our knowing more?"

"Well!" he said, after consideration. "You're on your oath, you know, Pip's comrade?"

"Assuredly", replied Herbert.

"As to anything I say, you know", he insisted. "The oath applies to all".

"I understand it to do so".

"And look'ee here! Wotever I done is worked out and paid for", he insisted again.

"So be it".

He took out his black pipe and was going to fill it with negro-head, when, looking at the tangle of tobacco in his hand, he seemed to think it might perplex the thread of his narrative. He put it back again, stuck his pipe in a button-hole of his coat, spread a hand on each knee, and after turning an

angry eye on the fire for a few silent moments, looked round at us and said what follows.

CHAPTER XLII

“Dear boy and Pip’s comrade. I am not a going fur to tell you my life like a song, or a story-book. But to give it you short and handy, I’ll put it at once into a mouthful of English. In jail and out of jail, in jail and out of jail, in jail and out of jail. There, you’ve got it. That’s my life pretty much, down to such times as I got shipped off, arter Pip stood my friend.

“I’ve been done everything to, pretty well – except hanged. I’ve been locked up as much as a silver tea-kittle. I’ve been carted here and carted there, and put out of this town, and put out of that town, and stuck in the stocks, and whipped and worried and drove. I’ve no more notion where I was born than you have – if so much. I first become aware of myself down in Essex, a thieving turnips for my living. Summun had run away from me – a man – a tinker – and he’d took the fire with him, and left me wery cold.

“I know’d my name to be Magwitch, chrisen’d Abel. How did I know it? Much as I know’d the birds’ names in the hedges to be chaffinch, sparrer, thrush. I might have thought it was all lies together, only as the birds’ names come out true, I supposed mine did.

“So fur as I could find, there warn’t a soul that see young Abel Magwitch, with us little on him as in him, but wot caught fright at him, and either drove him off, or took him up. I was took up, took up, took up, to that extent that I reg’larly grow’d up took up.

“This is the way it was, that when I was a ragged little creetur as much to be pitied as ever I see (not that I looked in the glass, for there warn’t many insides of furnished houses known to me), I got the name of being hardened. ‘This is a terrible hardened one,’ they says to prison wisitors, picking out me. ‘May be said to live in jails, this boy.’ Then they looked at me, and I looked at them, and they measured my head, some on ‘em – they had better a measured my stomach – and others on ‘em giv me tracts what I couldn’t read, and made me speeches what I couldn’t understand. They always went on agen me about the Devil. But what the Devil was I to do? I must put something into my stomach, mustn’t I? – Howsomever, I’m a getting low, and I know what’s due. Dear boy and Pip’s comrade, don’t you be afeerd of me being low.

“Tramping, begging, thieving, working sometimes when I could – though that warn’t as often as you may think, till you put the question

whether you would ha' been over-ready to give me work yourselves – a bit of a poacher, a bit of a laborer, a bit of a wagoner, a bit of a haymaker, a bit of a hawker, a bit of most things that don't pay and lead to trouble, I got to be a man. A deserting soldier in a Traveller's Rest, what lay hid up to the chin under a lot of taturs, learnt me to read; and a travelling Giant what signed his name at a penny a time learnt me to write. I warn't locked up as often now as formerly, but I wore out my good share of key-metal still.

"At Epsom races, a matter of over twenty years ago, I got acquainted wi' a man whose skull I'd crack wi' this poker, like the claw of a lobster, if I'd got it on this hob. His right name was Compeyson; and that's the man, dear boy, what you see me a pounding in the ditch, according to what you truly told your comrade arter I was gone last night.

"He set up fur a gentleman, this Compeyson, and he'd been to a public boarding-school and had learning. He was a smooth one to talk, and was a dab at the ways of gentlefolks. He was good-looking too. It was the night afore the great race, when I found him on the heath, in a booth that I know'd on. Him and some more was a sitting among the tables when I went in, and the landlord (which had a knowledge of me, and was a sporting one) called him out, and said, 'I think this is a man that might suit you,' – meaning I was.

"Compeyson, he looks at me very noticing, and I look at him. He has a watch and a chain and a ring and a breast-pin and a handsome suit of clothes.

"'To judge from appearances, you're out of luck,' says Compeyson to me.

"'Yes, master, and I've never been in it much.' (I had come out of Kingston Jail last on a vagrancy committal. Not but what it might have been for something else; but it warn't).

"'Luck changes,' says Compeyson; 'perhaps yours is going to change.'

"I says, 'I hope it may be so. There's room.'

"'What can you do?' says Compeyson.

"'Eat and drink,' I says; 'if you'll find the materials.'

"Compeyson laughed, looked at me again very noticing, giv me five shillings, and appointed me for next night. Same place.

"I went to Compeyson next night, same place, and Compeyson took me on to be his man and pardner. And what was Compeyson's business in

which we was to go pardners? Compeyson's business was the swindling, handwriting forging, stolen bank-note passing, and such-like. All sorts of traps as Compeyson could set with his head, and keep his own legs out of and get the profits from and let another man in for, was Compeyson's business. He'd no more heart than a iron file, he was as cold as death, and he had the head of the Devil afore mentioned.

"There was another in with Compeyson, as was called Arthur – not as being so chrisen'd, but as a surname. He was in a Decline, and was a shadow to look at. Him and Compeyson had been in a bad thing with a rich lady some years afore, and they'd made a pot of money by it; but Compeyson betted and gamed, and he'd have run through the king's taxes. So, Arthur was a dying, and a dying poor and with the horrors on him, and Compeyson's wife (which Compeyson kicked mostly) was a having pity on him when she could, and Compeyson was a having pity on nothing and nobody.

"I might a took warning by Arthur, but I didn't; and I won't pretend I was partick'ler – for where 'ud be the good on it, dear boy and comrade? So I begun wi' Compeyson, and a poor tool I was in his hands. Arthur lived at the top of Compeyson's house (over nigh Brentford it was), and Compeyson kept a careful account agen him for board and lodging, in case he should ever get better to work it out. But Arthur soon settled the account. The second or third time as ever I see him, he come a tearing down into Compeyson's parlor late at night, in only a flannel gown, with his hair all in a sweat, and he says to Compeyson's wife, 'Sally, she really is upstairs alonger me, now, and I can't get rid of her. She's all in white,' he says, 'wi' white flowers in her hair, and she's awful mad, and she's got a shroud hanging over her arm, and she says she'll put it on me at five in the morning.'

"Says Compeyson: 'Why, you fool, don't you know she's got a living body? And how should she be up there, without coming through the door, or in at the window, and up the stairs?'

"'I don't know how she's there,' says Arthur, shivering dreadful with the horrors, 'but she's standing in the corner at the foot of the bed, awful mad. And over where her heart's broke – you broke it! – there's drops of blood.'

"Compeyson spoke hardy, but he was always a coward. 'Go up alonger this drivelling sick man,' he says to his wife, 'and Magwitch, lend her a hand, will you?' But he never come nigh himself.

“Compeyson’s wife and me took him up to bed agen, and he raved most dreadful. ‘Why look at her!’ he cries out. ‘She’s a shaking the shroud at me! Don’t you see her? Look at her eyes! Ain’t it awful to see her so mad?’ Next he cries, ‘She’ll put it on me, and then I’m done for! Take it away from her, take it away!’ And then he catched hold of us, and kep on a talking to her, and answering of her, till I half believed I see her myself.

“Compeyson’s wife, being used to him, giv him some liquor to get the horrors off, and by and by he quieted. ‘O, she’s gone! Has her keeper been for her?’ he says. ‘Yes,’ says Compeyson’s wife. ‘Did you tell him to lock her and bar her in?’ ‘Yes.’ ‘And to take that ugly thing away from her?’ ‘Yes, yes, all right.’ ‘You’re a good creetur,’ he says, ‘don’t leave me, whatever you do, and thank you!’

“He rested pretty quiet till it might want a few minutes of five, and then he starts up with a scream, and screams out, ‘Here she is! She’s got the shroud again. She’s unfolding it. She’s coming out of the corner. She’s coming to the bed. Hold me, both on you – one of each side – don’t let her touch me with it. Hah! she missed me that time. Don’t let her throw it over my shoulders. Don’t let her lift me up to get it round me. She’s lifting me up. Keep me down!’ Then he lifted himself up hard, and was dead.

“Compeyson took it easy as a good riddance for both sides. Him and me was soon busy, and first he swore me (being ever artful) on my own book – this here little black book, dear boy, what I swore your comrade on.

“Not to go into the things that Compeyson planned, and I done – which ‘ud take a week – I’ll simply say to you, dear boy, and Pip’s comrade, that that man got me into such nets as made me his black slave. I was always in debt to him, always under his thumb, always a working, always a getting into danger. He was younger than me, but he’d got craft, and he’d got learning, and he overmatched me five hundred times told and no mercy. My Missis as I had the hard time wi’... Stop though! I ain’t brought her in...”

He looked about him in a confused way, as if he had lost his place in the book of his remembrance; and he turned his face to the fire, and spread his hands broader on his knees, and lifted them off and put them on again.

“There ain’t no need to go into it”, he said, looking round once more. “The time wi’ Compeyson was a’most as hard a time as ever I had; that said, all’s said. Did I tell you as I was tried, alone, for misdemeanor, while with Compeyson?”

I answered, No.

"Well!" he said, "I was, and got convicted. As to took up on suspicion, that was twice or three times in the four or five year that it lasted; but evidence was wanting. At last, me and Compeyson was both committed for felony – on a charge of putting stolen notes in circulation – and there was other charges behind. Compeyson says to me, 'Separate defences, no communication,' and that was all. And I was so miserable poor, that I sold all the clothes I had, except what hung on my back, afore I could get Jaggers.

"When we was put in the dock, I noticed first of all what a gentleman Compeyson looked, wi' his curly hair and his black clothes and his white pocket-handkercher, and what a common sort of a wretch I looked. When the prosecution opened and the evidence was put short, aforehand, I noticed how heavy it all bore on me, and how light on him. When the evidence was giv in the box, I noticed how it was always me that had come for'ard, and could be swore to, how it was always me that the money had been paid to, how it was always me that had seemed to work the thing and get the profit. But when the defence come on, then I see the plan plainer; for, says the counsellor for Compeyson, 'My lord and gentlemen, here you has afore you, side by side, two persons as your eyes can separate wide; one, the younger, well brought up, who will be spoke to as such; one, the elder, ill brought up, who will be spoke to as such; one, the younger, seldom if ever seen in these here transactions, and only suspected; t'other, the elder, always seen in 'em and always wi'his guilt brought home. Can you doubt, if there is but one in it, which is the one, and, if there is two in it, which is much the worst one?' And such-like. And when it come to character, warn't it Compeyson as had been to the school, and warn't it his schoolfellows as was in this position and in that, and warn't it him as had been know'd by witnesses in such clubs and societies, and nowt to his disadvantage? And warn't it me as had been tried afore, and as had been know'd up hill and down dale in Bridewells and Lock-Ups! And when it come to speech-making, warn't it Compeyson as could speak to 'em wi' his face dropping every now and then into his white pocket-handkercher – ah! and wi' verses in his speech, too – and warn't it me as could only say, 'Gentlemen, this man at my side is a most precious rascal'? And when the verdict come, warn't it Compeyson as was recommended to mercy on account of good character and bad company, and giving up all the information he could agen me, and warn't it me as got never a word but

Guilty? And when I says to Compeyson, ‘Once out of this court, I’ll smash that face of yourn!’ ain’t it Compeyson as prays the Judge to be protected, and gets two turnkeys stood betwixt us? And when we’re sentenced, ain’t it him as gets seven year, and me fourteen, and ain’t it him as the Judge is sorry for, because he might a done so well, and ain’t it me as the Judge perceives to be a old offender of wiolent passion, likely to come to worse?”

He had worked himself into a state of great excitement, but he checked it, took two or three short breaths, swallowed as often, and stretching out his hand towards me said, in a reassuring manner, “I ain’t a going to be low, dear boy!”

He had so heated himself that he took out his handkerchief and wiped his face and head and neck and hands, before he could go on.

“I had said to Compeyson that I’d smash that face of his, and I swore Lord smash mine! to do it. We was in the same prison-ship, but I couldn’t get at him for long, though I tried. At last I come behind him and hit him on the cheek to turn him round and get a smashing one at him, when I was seen and seized. The black-hole of that ship warn’t a strong one, to a judge of black-holes that could swim and dive. I escaped to the shore, and I was a hiding among the graves there, envying them as was in ‘em and all over, when I first see my boy!”

He regarded me with a look of affection that made him almost abhorrent to me again, though I had felt great pity for him.

“By my boy, I was giv to understand as Compeyson was out on them marshes too. Upon my soul, I half believe he escaped in his terror, to get quit of me, not knowing it was me as had got ashore. I hunted him down. I smashed his face. ‘And now,’ says I ‘as the worst thing I can do, caring nothing for myself, I’ll drag you back.’ And I’d have swum off, towing him by the hair, if it had come to that, and I’d a got him aboard without the soldiers.

“Of course he’d much the best of it to the last – his character was so good. He had escaped when he was made half wild by me and my murderous intentions; and his punishment was light. I was put in irons, brought to trial again, and sent for life. I didn’t stop for life, dear boy and Pip’s comrade, being here”.

“He wiped himself again, as he had done before, and then slowly took his tangle of tobacco from his pocket, and plucked his pipe from his button-

hole, and slowly filled it, and began to smoke.

"Is he dead?" I asked, after a silence.

"Is who dead, dear boy?"

"Compeyson".

"He hopes I am, if he's alive, you may be sure", with a fierce look. "I never heerd no more of him".

Herbert had been writing with his pencil in the cover of a book. He softly pushed the book over to me, as Provis stood smoking with his eyes on the fire, and I read in it:

"YOUNG HAVISHAM'S NAME WAS ARTHUR. COMPEYSON IS THE MAN WHO PROFESSED TO BE MISS HAVISHAM'S LOVER".

I shut the book and nodded slightly to Herbert, and put the book by; but we neither of us said anything, and both looked at Provis as he stood smoking by the fire.

CHAPTER XLIII

Why should I pause to ask how much of my shrinking from Provis might be traced to Estella? Why should I loiter on my road, to compare the state of mind in which I had tried to rid myself of the stain of the prison before meeting her at the coach-office, with the state of mind in which I now reflected on the abyss between Estella in her pride and beauty, and the returned transport whom I harbored? The road would be none the smoother for it, the end would be none the better for it, he would not be helped, nor I extenuated.

A new fear had been engendered in my mind by his narrative; or rather, his narrative had given form and purpose to the fear that was already there. If Compeyson were alive and should discover his return, I could hardly doubt the consequence. That Compeyson stood in mortal fear of him, neither of the two could know much better than I; and that any such man as that man had been described to be would hesitate to release himself for good from a dreaded enemy by the safe means of becoming an informer was scarcely to be imagined.

Never had I breathed, and never would I breathe – or so I resolved – a word of Estella to Provis. But, I said to Herbert that, before I could go abroad, I must see both Estella and Miss Havisham. This was when we were left alone on the night of the day when Provis told us his story. I resolved to go out to Richmond next day, and I went.

On my presenting myself at Mrs. Brandley's, Estella's maid was called to tell that Estella had gone into the country. Where? To Satis House, as usual. Not as usual, I said, for she had never yet gone there without me; when was she coming back? There was an air of reservation in the answer which increased my perplexity, and the answer was, that her maid believed she was only coming back at all for a little while. I could make nothing of this, except that it was meant that I should make nothing of it, and I went home again in complete discomfiture.

Another night consultation with Herbert after Provis was gone home (I always took him home, and always looked well about me), led us to the conclusion that nothing should be said about going abroad until I came back from Miss Havisham's. In the mean time, Herbert and I were to consider separately what it would be best to say; whether we should devise any

pretence of being afraid that he was under suspicious observation; or whether I, who had never yet been abroad, should propose an expedition. We both knew that I had but to propose anything, and he would consent. We agreed that his remaining many days in his present hazard was not to be thought of.

Next day I had the meanness to feign that I was under a binding promise to go down to Joe; but I was capable of almost any meanness towards Joe or his name. Provis was to be strictly careful while I was gone, and Herbert was to take the charge of him that I had taken. I was to be absent only one night, and, on my return, the gratification of his impatience for my starting as a gentleman on a greater scale was to be begun. It occurred to me then, and as I afterwards found to Herbert also, that he might be best got away across the water, on that pretence – as, to make purchases, or the like.

Having thus cleared the way for my expedition to Miss Havisham's, I set off by the early morning coach before it was yet light, and was out on the open country road when the day came creeping on, halting and whimpering and shivering, and wrapped in patches of cloud and rags of mist, like a beggar. When we drove up to the Blue Boar after a drizzly ride, whom should I see come out under the gateway, toothpick in hand, to look at the coach, but Bentley Drummle!

As he pretended not to see me, I pretended not to see him. It was a very lame pretence on both sides; the lamer, because we both went into the coffee-room, where he had just finished his breakfast, and where I ordered mine. It was poisonous to me to see him in the town, for I very well knew why he had come there.

Pretending to read a smeary newspaper long out of date, which had nothing half so legible in its local news, as the foreign matter of coffee, pickles, fish sauces, gravy, melted butter, and wine with which it was sprinkled all over, as if it had taken the measles in a highly irregular form, I sat at my table while he stood before the fire. By degrees it became an enormous injury to me that he stood before the fire. And I got up, determined to have my share of it. I had to put my hand behind his legs for the poker when I went up to the fireplace to stir the fire, but still pretended not to know him.

"Is this a cut?" said Mr. Drummle.

"Oh!" said I, poker in hand; "it's you, is it? How do you do? I was wondering who it was, who kept the fire off".

With that, I poked tremendously, and having done so, planted myself side by side with Mr. Drummle, my shoulders squared and my back to the fire.

"You have just come down?" said Mr. Drummle, edging me a little away with his shoulder.

"Yes", said I, edging him a little away with my shoulder.

"Beastly place", said Drummle. "Your part of the country, I think?"

"Yes", I assented. "I am told it's very like your Shropshire".

"Not in the least like it", said Drummle.

Here Mr. Drummle looked at his boots and I looked at mine, and then Mr. Drummle looked at my boots, and I looked at his.

"Have you been here long?" I asked, determined not to yield an inch of the fire.

"Long enough to be tired of it", returned Drummle, pretending to yawn, but equally determined.

"Do you stay here long?"

"Can't say", answered Mr. Drummle. "Do you?"

"Can't say", said I.

I felt here, through a tingling in my blood, that if Mr. Drummle's shoulder had claimed another hair's breadth of room, I should have jerked him into the window; equally, that if my own shoulder had urged a similar claim, Mr. Drummle would have jerked me into the nearest box. He whistled a little. So did I.

"Large tract of marshes about here, I believe?" said Drummle.

"Yes. What of that?" said I.

Mr. Drummle looked at me, and then at my boots, and then said, "Oh!" and laughed.

"Are you amused, Mr. Drummle?"

"No", said he, "not particularly. I am going out for a ride in the saddle. I mean to explore those marshes for amusement. Out-of-the-way villages there, they tell me. Curious little public-houses – and smithies – and that. Waiter!"

"Yes, sir".

"Is that horse of mine ready?"

"Brought round to the door, sir".

"I say. Look here, you sir. The lady won't ride today; the weather

won’t do”.

“Very good, sir”.

“And I don’t dine, because I’m going to dine at the lady’s”.

“Very good, sir”.

Then, Drummle glanced at me, with an insolent triumph on his great-jowled face that cut me to the heart, dull as he was, and so exasperated me, that I felt inclined to take him in my arms (as the robber in the story-book is said to have taken the old lady) and seat him on the fire.

One thing was manifest to both of us, and that was, that until relief came, neither of us could relinquish the fire. There we stood, well squared up before it, shoulder to shoulder and foot to foot, with our hands behind us, not budging an inch. The horse was visible outside in the drizzle at the door, my breakfast was put on the table, Drummle’s was cleared away, the waiter invited me to begin, I nodded, we both stood our ground.

“Have you been to the Grove since?” said Drummle.

“No”, said I, “I had quite enough of the Finches the last time I was there”.

“Was that when we had a difference of opinion?”

“Yes”, I replied, very shortly.

“Come, come! They let you off easily enough”, sneered Drummle. “You shouldn’t have lost your temper”.

“Mr. Drummle”, said I, “you are not competent to give advice on that subject. When I lose my temper (not that I admit having done so on that occasion), I don’t throw glasses”.

“I do”, said Drummle.

After glancing at him once or twice, in an increased state of smouldering ferocity, I said –

“Mr. Drummle, I did not seek this conversation, and I don’t think it an agreeable one”.

“I am sure it’s not”, said he, superciliously over his shoulder; “I don’t think anything about it”.

“And therefore”, I went on, “with your leave, I will suggest that we hold no kind of communication in future”.

“Quite my opinion”, said Drummle, “and what I should have suggested myself, or done – more likely – without suggesting. But don’t lose your temper. Haven’t you lost enough without that?”

“What do you mean, sir?”

“Waiter!” said Drummle, by way of answering me.

The waiter reappeared.

“Look here, you sir. You quite understand that the young lady don’t ride today, and that I dine at the young lady’s?”

“Quite so, sir!”

When the waiter had felt my fast-cooling teapot with the palm of his hand, and had looked imploringly at me, and had gone out, Drummle, careful not to move the shoulder next me, took a cigar from his pocket and bit the end off, but showed no sign of stirring. Choking and boiling as I was, I felt that we could not go a word further, without introducing Estella’s name, which I could not endure to hear him utter; and therefore I looked stonily at the opposite wall, as if there were no one present, and forced myself to silence. How long we might have remained in this ridiculous position it is impossible to say, but for the incursion of three thriving farmers – laid on by the waiter, I think – who came into the coffee-room unbuttoning their great-coats and rubbing their hands, and before whom, as they charged at the fire, we were obliged to give way.

I saw him through the window, seizing his horse’s mane, and mounting in his blundering brutal manner, and sidling and backing away. I thought he was gone, when he came back, calling for a light for the cigar in his mouth, which he had forgotten. A man in a dust-colored dress appeared with what was wanted – I could not have said from where: whether from the inn yard, or the street, or where not – and as Drummle leaned down from the saddle and lighted his cigar and laughed, with a jerk of his head towards the coffee-room windows, the slouching shoulders and ragged hair of this man whose back was towards me reminded me of Orlick.

Too heavily out of sorts to care much at the time whether it were he or no, or after all to touch the breakfast, I washed the weather and the journey from my face and hands, and went out to the memorable old house that it would have been so much the better for me never to have entered, never to have seen.

CHAPTER XLIV

In the room where the dressing-table stood, and where the wax-candles burnt on the wall, I found Miss Havisham and Estella; Miss Havisham seated on a settee near the fire, and Estella on a cushion at her feet. Estella was knitting, and Miss Havisham was looking on. They both raised their eyes as I went in, and both saw an alteration in me. I derived that, from the look they interchanged.

"And what wind", said Miss Havisham, "blows you here, Pip?"

Though she looked steadily at me, I saw that she was rather confused. Estella, pausing a moment in her knitting with her eyes upon me, and then going on, I fancied that I read in the action of her fingers, as plainly as if she had told me in the dumb alphabet, that she perceived I had discovered my real benefactor.

"Miss Havisham", said I, "I went to Richmond yesterday, to speak to Estella; and finding that some wind had blown her here, I followed".

Miss Havisham motioning to me for the third or fourth time to sit down, I took the chair by the dressing-table, which I had often seen her occupy. With all that ruin at my feet and about me, it seemed a natural place for me, that day.

"What I had to say to Estella, Miss Havisham, I will say before you, presently – in a few moments. It will not surprise you, it will not displease you. I am as unhappy as you can ever have meant me to be".

Miss Havisham continued to look steadily at me. I could see in the action of Estella's fingers as they worked that she attended to what I said; but she did not look up.

"I have found out who my patron is. It is not a fortunate discovery, and is not likely ever to enrich me in reputation, station, fortune, anything. There are reasons why I must say no more of that. It is not my secret, but another's".

As I was silent for a while, looking at Estella and considering how to go on, Miss Havisham repeated, "It is not your secret, but another's. Well?"

"When you first caused me to be brought here, Miss Havisham, when I belonged to the village over yonder, that I wish I had never left, I suppose I did really come here, as any other chance boy might have come – as a kind of servant, to gratify a want or a whim, and to be paid for it?"

“Ay, Pip”, replied Miss Havisham, steadily nodding her head; “you did”.

“And that Mr. Jaggers...”

“Mr. Jaggers”, said Miss Havisham, taking me up in a firm tone, “had nothing to do with it, and knew nothing of it. His being my lawyer, and his being the lawyer of your patron is a coincidence. He holds the same relation towards numbers of people, and it might easily arise. Be that as it may, it did arise, and was not brought about by any one”.

Any one might have seen in her haggard face that there was no suppression or evasion so far.

“But when I fell into the mistake I have so long remained in, at least you led me on?” said I.

“Yes”, she returned, again nodding steadily, “I let you go on”.

“Was that kind?”

“Who am I”, cried Miss Havisham, striking her stick upon the floor and flashing into wrath so suddenly that Estella glanced up at her in surprise – “who am I, for God’s sake, that I should be kind?”

It was a weak complaint to have made, and I had not meant to make it. I told her so, as she sat brooding after this outburst.

“Well, well, well!” she said. “What else?”

“I was liberally paid for my old attendance here”, I said, to soothe her, “in being apprenticed, and I have asked these questions only for my own information. What follows has another (and I hope more disinterested) purpose. In humoring my mistake, Miss Havisham, you punished – practised on – perhaps you will supply whatever term expresses your intention, without offence – your self-seeking relations?”

“I did. Why, they would have it so! So would you. What has been my history, that I should be at the pains of entreating either them or you not to have it so! You made your own snares. I never made them”.

Waiting until she was quiet again – for this, too, flashed out of her in a wild and sudden way – I went on.

“I have been thrown among one family of your relations, Miss Havisham, and have been constantly among them since I went to London. I know them to have been as honestly under my delusion as I myself. And I should be false and base if I did not tell you, whether it is acceptable to you or no, and whether you are inclined to give credence to it or no, that you

deeply wrong both Mr. Matthew Pocket and his son Herbert, if you suppose them to be otherwise than generous, upright, open, and incapable of anything designing or mean".

"They are your friends", said Miss Havisham.

"They made themselves my friends", said I, "when they supposed me to have superseded them; and when Sarah Pocket, Miss Georgiana, and Mistress Camilla were not my friends, I think".

This contrasting of them with the rest seemed, I was glad to see, to do them good with her. She looked at me keenly for a little while, and then said quietly –

"What do you want for them?"

"Only", said I, "that you would not confound them with the others. They may be of the same blood, but, believe me, they are not of the same nature".

Still looking at me keenly, Miss Havisham repeated:

"What do you want for them?"

"I am not so cunning, you see", I said, in answer, conscious that I reddened a little, "as that I could hide from you, even if I desired, that I do want something. Miss Havisham, if you would spare the money to do my friend Herbert a lasting service in life, but which from the nature of the case must be done without his knowledge, I could show you how".

"Why must it be done without his knowledge?" she asked, settling her hands upon her stick, that she might regard me the more attentively.

"Because", said I, "I began the service myself, more than two years ago, without his knowledge, and I don't want to be betrayed. Why I fail in my ability to finish it, I cannot explain. It is a part of the secret which is another person's and not mine".

She gradually withdrew her eyes from me, and turned them on the fire. After watching it for what appeared in the silence and by the light of the slowly wasting candles to be a long time, she was roused by the collapse of some of the red coals, and looked towards me again – at first, vacantly – then, with a gradually concentrating attention. All this time Estella knitted on. When Miss Havisham had fixed her attention on me, she said, speaking as if there had been no lapse in our dialogue –

"What else?"

"Estella", said I, turning to her now, and trying to command my

trembling voice, “you know I love you. You know that I have loved you long and dearly”.

She raised her eyes to my face, on being thus addressed, and her fingers plied their work, and she looked at me with an unmoved countenance. I saw that Miss Havisham glanced from me to her, and from her to me.

“I should have said this sooner, but for my long mistake. It induced me to hope that Miss Havisham meant us for one another. While I thought you could not help yourself, as it were, I refrained from saying it. But I must say it now”.

Preserving her unmoved countenance, and with her fingers still going, Estella shook her head.

“I know”, said I, in answer to that action – “I know. I have no hope that I shall ever call you mine, Estella. I am ignorant what may become of me very soon, how poor I may be, or where I may go. Still, I love you. I have loved you ever since I first saw you in this house”.

Looking at me perfectly unmoved and with her fingers busy, she shook her head again.

“It would have been cruel in Miss Havisham, horribly cruel, to practise on the susceptibility of a poor boy, and to torture me through all these years with a vain hope and an idle pursuit, if she had reflected on the gravity of what she did. But I think she did not. I think that, in the endurance of her own trial, she forgot mine, Estella”.

I saw Miss Havisham put her hand to her heart and hold it there, as she sat looking by turns at Estella and at me.

“It seems”, said Estella, very calmly, “that there are sentiments, fancies – I don’t know how to call them – which I am not able to comprehend. When you say you love me, I know what you mean, as a form of words; but nothing more. You address nothing in my breast, you touch nothing there. I don’t care for what you say at all. I have tried to warn you of this; now, have I not?”

I said in a miserable manner, “Yes”.

“Yes. But you would not be warned, for you thought I did not mean it. Now, did you not think so?”

“I thought and hoped you could not mean it. You, so young, untried, and beautiful, Estella! Surely it is not in Nature”.

“It is in my nature”, she returned. And then she added, with a stress

upon the words, “It is in the nature formed within me. I make a great difference between you and all other people when I say so much. I can do no more”.

“Is it not true”, said I, “that Bentley Drummle is in town here, and pursuing you?”

“It is quite true”, she replied, referring to him with the indifference of utter contempt.

“That you encourage him, and ride out with him, and that he dines with you this very day?”

She seemed a little surprised that I should know it, but again replied, “Quite true”.

“You cannot love him, Estella!”

Her fingers stopped for the first time, as she retorted rather angrily, “What have I told you? Do you still think, in spite of it, that I do not mean what I say?”

“You would never marry him, Estella?”

She looked towards Miss Havisham, and considered for a moment with her work in her hands. Then she said, “Why not tell you the truth? I am going to be married to him”.

I dropped my face into my hands, but was able to control myself better than I could have expected, considering what agony it gave me to hear her say those words. When I raised my face again, there was such a ghastly look upon Miss Havisham’s, that it impressed me, even in my passionate hurry and grief.

“Estella, dearest Estella, do not let Miss Havisham lead you into this fatal step. Put me aside for ever – you have done so, I well know – but bestow yourself on some worthier person than Drummle. Miss Havisham gives you to him, as the greatest slight and injury that could be done to the many far better men who admire you, and to the few who truly love you. Among those few there may be one who loves you even as dearly, though he has not loved you as long, as I. Take him, and I can bear it better, for your sake!”

My earnestness awoke a wonder in her that seemed as if it would have been touched with compassion, if she could have rendered me at all intelligible to her own mind.

“I am going”, she said again, in a gentler voice, “to be married to him.

The preparations for my marriage are making, and I shall be married soon. Why do you injuriously introduce the name of my mother by adoption? It is my own act".

"Your own act, Estella, to fling yourself away upon a brute?"

"On whom should I fling myself away?" she retorted, with a smile. "Should I fling myself away upon the man who would the soonest feel (if people do feel such things) that I took nothing to him? There! It is done. I shall do well enough, and so will my husband. As to leading me into what you call this fatal step, Miss Havisham would have had me wait, and not marry yet; but I am tired of the life I have led, which has very few charms for me, and I am willing enough to change it. Say no more. We shall never understand each other".

"Such a mean brute, such a stupid brute!" I urged, in despair.

"Don't be afraid of my being a blessing to him", said Estella; "I shall not be that. Come! Here is my hand. Do we part on this, you visionary boy… or man?"

"O Estella!" I answered, as my bitter tears fell fast on her hand, do what I would to restrain them; "even if I remained in England and could hold my head up with the rest, how could I see you Drummle's wife?"

"Nonsense", she returned, "nonsense. This will pass in no time".

"Never, Estella!"

"You will get me out of your thoughts in a week".

"Out of my thoughts! You are part of my existence, part of myself. You have been in every line I have ever read since I first came here, the rough common boy whose poor heart you wounded even then. You have been in every prospect I have ever seen since – on the river, on the sails of the ships, on the marshes, in the clouds, in the light, in the darkness, in the wind, in the woods, in the sea, in the streets. You have been the embodiment of every graceful fancy that my mind has ever become acquainted with. The stones of which the strongest London buildings are made are not more real, or more impossible to be displaced by your hands, than your presence and influence have been to me, there and everywhere, and will be. Estella, to the last hour of my life, you cannot choose but remain part of my character, part of the little good in me, part of the evil. But, in this separation, I associate you only with the good; and I will faithfully hold you to that always, for you must have done me far more good than harm, let me feel now what sharp

distress I may. O God bless you, God forgive you!”

In what ecstasy of unhappiness I got these broken words out of myself, I don’t know. The rhapsody welled up within me, like blood from an inward wound, and gushed out. I held her hand to my lips some lingering moments, and so I left her. But ever afterwards, I remembered – and soon afterwards with stronger reason – that while Estella looked at me merely with incredulous wonder, the spectral figure of Miss Havisham, her hand still covering her heart, seemed all resolved into a ghastly stare of pity and remorse.

All done, all gone! So much was done and gone, that when I went out at the gate, the light of the day seemed of a darker color than when I went in. For a while, I hid myself among some lanes and by-paths, and then struck off to walk all the way to London. For, I had by that time come to myself so far as to consider that I could not go back to the inn and see Drummle there; that I could not bear to sit upon the coach and be spoken to; that I could do nothing half so good for myself as tire myself out.

It was past midnight when I crossed London Bridge. Pursuing the narrow intricacies of the streets which at that time tended westward near the Middlesex shore of the river, my readiest access to the Temple was close by the river-side, through Whitefriars. I was not expected till tomorrow; but I had my keys, and, if Herbert were gone to bed, could get to bed myself without disturbing him.

As it seldom happened that I came in at that Whitefriars gate after the Temple was closed, and as I was very muddy and weary, I did not take it ill that the night-porter examined me with much attention as he held the gate a little way open for me to pass in. To help his memory I mentioned my name.

“I was not quite sure, sir, but I thought so. Here’s a note, sir. The messenger that brought it, said would you be so good as read it by my lantern?”

Much surprised by the request, I took the note. It was directed to Philip Pip, Esquire, and on the top of the superscription were the words, “PLEASE READ THIS, HERE”. I opened it, the watchman holding up his light, and read inside, in Wemmick’s writing: “DON’T GO HOME”.

CHAPTER XLV

Turning from the Temple gate as soon as I had read the warning, I made the best of my way to Fleet Street, and there got a late hackney chariot and drove to the Hummums in Covent Garden. In those times a bed was always to be got there at any hour of the night, and the chamberlain, letting me in at his ready wicket, lighted the candle next in order on his shelf, and showed me straight into the bedroom next in order on his list. It was a sort of vault on the ground floor at the back, with a despotic monster of a four-post bedstead in it, straddling over the whole place, putting one of his arbitrary legs into the fireplace and another into the doorway, and squeezing the wretched little washing-stand in quite a Divinely Righteous manner.

As I had asked for a night-light, the chamberlain had brought me in, before he left me, the good old constitutional rushlight of those virtuous days. – an object like the ghost of a walking-cane, which instantly broke its back if it were touched, which nothing could ever be lighted at, and which was placed in solitary confinement at the bottom of a high tin tower, perforated with round holes that made a staringly wide-awake pattern on the walls. When I had got into bed, and lay there footsore, weary, and wretched, I found that I could no more close my own eyes than I could close the eyes of this foolish Argus. And thus, in the gloom and death of the night, we stared at one another.

What a doleful night! How anxious, how dismal, how long! There was an inhospitable smell in the room, of cold soot and hot dust; and, as I looked up into the corners of the tester over my head, I thought what a number of blue-bottle flies from the butchers', and earwigs from the market, and grubs from the country, must be holding on up there, lying by for next summer. This led me to speculate whether any of them ever tumbled down, and then I fancied that I felt light falls on my face – a disagreeable turn of thought, suggesting other and more objectionable approaches up my back. When I had lain awake a little while, those extraordinary voices with which silence teems began to make themselves audible. The closet whispered, the fireplace sighed, the little washing-stand ticked, and one guitar-string played occasionally in the chest of drawers. At about the same time, the eyes on the wall acquired a new expression, and in every one of those staring rounds I saw written, DON'T GO HOME.

Whatever night-fancies and night-noises crowded on me, they never warded off this DON'T GO HOME. It plaited itself into whatever I thought of, as a bodily pain would have done. Not long before, I had read in the newspapers, how a gentleman unknown had come to the Hummums in the night, and had gone to bed, and had destroyed himself, and had been found in the morning weltering in blood. It came into my head that he must have occupied this very vault of mine, and I got out of bed to assure myself that there were no red marks about; then opened the door to look out into the passages, and cheer myself with the companionship of a distant light, near which I knew the chamberlain to be dozing. But all this time, why I was not to go home, and what had happened at home, and when I should go home, and whether Provis was safe at home, were questions occupying my mind so busily, that one might have supposed there could be no more room in it for any other theme. Even when I thought of Estella, and how we had parted that day forever, and when I recalled all the circumstances of our parting, and all her looks and tones, and the action of her fingers while she knitted – even then I was pursuing, here and there and everywhere, the caution, Don't go home. When at last I dozed, in sheer exhaustion of mind and body, it became a vast shadowy verb which I had to conjugate. Imperative mood, present tense: Do not thou go home, let him not go home, let us not go home, do not ye or you go home, let not them go home. Then potentially: I may not and I cannot go home; and I might not, could not, would not, and should not go home; until I felt that I was going distracted, and rolled over on the pillow, and looked at the staring rounds upon the wall again.

I had left directions that I was to be called at seven; for it was plain that I must see Wemmick before seeing any one else, and equally plain that this was a case in which his Walworth sentiments only could be taken. It was a relief to get out of the room where the night had been so miserable, and I needed no second knocking at the door to startle me from my uneasy bed.

The Castle battlements arose upon my view at eight o'clock. The little servant happening to be entering the fortress with two hot rolls, I passed through the postern and crossed the drawbridge in her company, and so came without announcement into the presence of Wemmick as he was making tea for himself and the Aged. An open door afforded a perspective view of the Aged in bed.

"Halloa, Mr. Pip!" said Wemmick. "You did come home, then?"

“Yes”, I returned; “but I didn’t go home”.

“That’s all right”, said he, rubbing his hands. “I left a note for you at each of the Temple gates, on the chance. Which gate did you come to?”

I told him.

“I’ll go round to the others in the course of the day and destroy the notes”, said Wemmick; “it’s a good rule never to leave documentary evidence if you can help it, because you don’t know when it may be put in. I’m going to take a liberty with you. Would you mind toasting this sausage for the Aged P.?”

I said I should be delighted to do it.

“Then you can go about your work, Mary Anne”, said Wemmick to the little servant; “which leaves us to ourselves, don’t you see, Mr. Pip?” he added, winking, as she disappeared.

I thanked him for his friendship and caution, and our discourse proceeded in a low tone, while I toasted the Aged’s sausage and he buttered the crumb of the Aged’s roll.

“Now, Mr. Pip, you know”, said Wemmick, “you and I understand one another. We are in our private and personal capacities, and we have been engaged in a confidential transaction before today. Official sentiments are one thing. We are extra official”.

I cordially assented. I was so very nervous, that I had already lighted the Aged’s sausage like a torch, and been obliged to blow it out.

“I accidentally heard, yesterday morning”, said Wemmick, “being in a certain place where I once took you – even between you and me, it’s as well not to mention names when avoidable...”

“Much better not”, said I. “I understand you”.

“I heard there by chance, yesterday morning”, said Wemmick, “that a certain person not altogether of uncolonial pursuits, and not unpossessed of portable property – I don’t know who it may really be – we won’t name this person...”

“Not necessary”, said I.

“ … Had made some little stir in a certain part of the world where a good many people go, not always in gratification of their own inclinations, and not quite irrespective of the government expense…”

In watching his face, I made quite a firework of the Aged’s sausage, and greatly discomposed both my own attention and Wemmick’s; for which I

apologized.

“ … By disappearing from such place, and being no more heard of thereabouts. From which”, said Wemmick, “conjectures had been raised and theories formed. I also heard that you at your chambers in Garden Court, Temple, had been watched, and might be watched again”.

“By whom?” said I.

“I wouldn’t go into that”, said Wemmick, evasively, “it might clash with official responsibilities. I heard it, as I have in my time heard other curious things in the same place. I don’t tell it you on information received. I heard it”.

He took the toasting-fork and sausage from me as he spoke, and set forth the Aged’s breakfast neatly on a little tray. Previous to placing it before him, he went into the Aged’s room with a clean white cloth, and tied the same under the old gentleman’s chin, and propped him up, and put his nightcap on one side, and gave him quite a rakish air. Then he placed his breakfast before him with great care, and said, “All right, ain’t you, Aged P.?” To which the cheerful Aged replied, “All right, John, my boy, all right!” As there seemed to be a tacit understanding that the Aged was not in a presentable state, and was therefore to be considered invisible, I made a pretence of being in complete ignorance of these proceedings.

“This watching of me at my chambers (which I have once had reason to suspect)”, I said to Wemmick when he came back, “is inseparable from the person to whom you have adverted; is it?”

Wemmick looked very serious. “I couldn’t undertake to say that, of my own knowledge. I mean, I couldn’t undertake to say it was at first. But it either is, or it will be, or it’s in great danger of being”.

As I saw that he was restrained by fealty to Little Britain from saying as much as he could, and as I knew with thankfulness to him how far out of his way he went to say what he did, I could not press him. But I told him, after a little meditation over the fire, that I would like to ask him a question, subject to his answering or not answering, as he deemed right, and sure that his course would be right. He paused in his breakfast, and crossing his arms, and pinching his shirt-sleeves (his notion of in-door comfort was to sit without any coat), he nodded to me once, to put my question.

“You have heard of a man of bad character, whose true name is Compeyson?”

He answered with one other nod.

“Is he living?”

One other nod.

“Is he in London?”

He gave me one other nod, compressed the post-office exceedingly, gave me one last nod, and went on with his breakfast.

“Now”, said Wemmick, “questioning being over”, which he emphasized and repeated for my guidance, “I come to what I did, after hearing what I heard. I went to Garden Court to find you; not finding you, I went to Clarriker’s to find Mr. Herbert”.

“And him you found?” said I, with great anxiety.

“And him I found. Without mentioning any names or going into any details, I gave him to understand that if he was aware of anybody – Tom, Jack, or Richard – being about the chambers, or about the immediate neighborhood, he had better get Tom, Jack, or Richard out of the way while you were out of the way”.

“He would be greatly puzzled what to do?”

“He was puzzled what to do; not the less, because I gave him my opinion that it was not safe to try to get Tom, Jack, or Richard too far out of the way at present. Mr. Pip, I’ll tell you something. Under existing circumstances, there is no place like a great city when you are once in it. Don’t break cover too soon. Lie close. Wait till things slacken, before you try the open, even for foreign air”.

I thanked him for his valuable advice, and asked him what Herbert had done?

“Mr. Herbert”, said Wemmick, “after being all of a heap for half an hour, struck out a plan. He mentioned to me as a secret, that he is courting a young lady who has, as no doubt you are aware, a bedridden Pa. Which Pa, having been in the Purser line of life, lies a-bed in a bow-window where he can see the ships sail up and down the river. You are acquainted with the young lady, most probably?”

“Not personally”, said I.

The truth was, that she had objected to me as an expensive companion who did Herbert no good, and that, when Herbert had first proposed to present me to her, she had received the proposal with such very moderate warmth, that Herbert had felt himself obliged to confide the state of the case

to me, with a view to the lapse of a little time before I made her acquaintance. When I had begun to advance Herbert's prospects by stealth, I had been able to bear this with cheerful philosophy: he and his affianced, for their part, had naturally not been very anxious to introduce a third person into their interviews; and thus, although I was assured that I had risen in Clara's esteem, and although the young lady and I had long regularly interchanged messages and remembrances by Herbert, I had never seen her. However, I did not trouble Wemmick with these particulars.

"The house with the bow-window", said Wemmick, "being by the river-side, down the Pool there between Limehouse and Greenwich, and being kept, it seems, by a very respectable widow who has a furnished upper floor to let, Mr. Herbert put it to me, what did I think of that as a temporary tenement for Tom, Jack, or Richard? Now, I thought very well of it, for three reasons I'll give you. That is to say: Firstly. It's altogether out of all your beats, and is well away from the usual heap of streets great and small. Secondly. Without going near it yourself, you could always hear of the safety of Tom, Jack, or Richard, through Mr. Herbert. Thirdly. After a while and when it might be prudent, if you should want to slip Tom, Jack, or Richard on board a foreign packet-boat, there he is… ready".

Much comforted by these considerations, I thanked Wemmick again and again, and begged him to proceed.

"Well, sir! Mr. Herbert threw himself into the business with a will, and by nine o'clock last night he housed Tom, Jack, or Richard – whichever it may be – you and I don't want to know – quite successfully. At the old lodgings it was understood that he was summoned to Dover, and, in fact, he was taken down the Dover road and cornered out of it. Now, another great advantage of all this is, that it was done without you, and when, if any one was concerning himself about your movements, you must be known to be ever so many miles off and quite otherwise engaged. This diverts suspicion and confuses it; and for the same reason I recommended that, even if you came back last night, you should not go home. It brings in more confusion, and you want confusion".

Wemmick, having finished his breakfast, here looked at his watch, and began to get his coat on.

"And now, Mr. Pip", said he, with his hands still in the sleeves, "I have probably done the most I can do; but if I can ever do more – from a

Walworth point of view, and in a strictly private and personal capacity – I shall be glad to do it. Here's the address. There can be no harm in your going here tonight, and seeing for yourself that all is well with Tom, Jack, or Richard, before you go home – which is another reason for your not going home last night. But, after you have gone home, don't go back here. You are very welcome, I am sure, Mr. Pip"; his hands were now out of his sleeves, and I was shaking them; "and let me finally impress one important point upon you". He laid his hands upon my shoulders, and added in a solemn whisper: "Avail yourself of this evening to lay hold of his portable property. You don't know what may happen to him. Don't let anything happen to the portable property".

Quite despairing of making my mind clear to Wemmick on this point, I forbore to try.

"Time's up", said Wemmick, "and I must be off. If you had nothing more pressing to do than to keep here till dark, that's what I should advise. You look very much worried, and it would do you good to have a perfectly quiet day with the Aged – he'll be up presently – and a little bit of – you remember the pig?"

"Of course", said I.

"Well; and a little bit of him. That sausage you toasted was his, and he was in all respects a first-rater. Do try him, if it is only for old acquaintance sake. Good by, Aged Parent!" in a cheery shout.

"All right, John; all right, my boy!" piped the old man from within.

I soon fell asleep before Wemmick's fire, and the Aged and I enjoyed one another's society by falling asleep before it more or less all day. We had loin of pork for dinner, and greens grown on the estate; and I nodded at the Aged with a good intention whenever I failed to do it drowsily. When it was quite dark, I left the Aged preparing the fire for toast; and I inferred from the number of teacups, as well as from his glances at the two little doors in the wall, that Miss Skiffins was expected.

CHAPTER XLVI

Eight o’clock had struck before I got into the air, that was scented, not disagreeably, by the chips and shavings of the long-shore boat-builders, and mast, oar, and block makers. All that water-side region of the upper and lower Pool below Bridge was unknown ground to me; and when I struck down by the river, I found that the spot I wanted was not where I had supposed it to be, and was anything but easy to find. It was called Mill Pond Bank, Chinks’s Basin; and I had no other guide to Chinks’s Basin than the Old Green Copper Rope-walk.

It matters not what stranded ships repairing in dry docks I lost myself among, what old hulls of ships in course of being knocked to pieces, what ooze and slime and other dregs of tide, what yards of ship-builders and ship-breakers, what rusty anchors blindly biting into the ground, though for years off duty, what mountainous country of accumulated casks and timber, how many ropewalks that were not the Old Green Copper. After several times falling short of my destination and as often overshooting it, I came unexpectedly round a corner, upon Mill Pond Bank. It was a fresh kind of place, all circumstances considered, where the wind from the river had room to turn itself round; and there were two or three trees in it, and there was the stump of a ruined windmill, and there was the Old Green Copper Ropewalk – whose long and narrow vista I could trace in the moonlight, along a series of wooden frames set in the ground, that looked like superannuated haymaking-rakes which had grown old and lost most of their teeth.

Selecting from the few queer houses upon Mill Pond Bank a house with a wooden front and three stories of bow-window (not bay-window, which is another thing), I looked at the plate upon the door, and read there, Mrs. Whimple. That being the name I wanted, I knocked, and an elderly woman of a pleasant and thriving appearance responded. She was immediately deposed, however, by Herbert, who silently led me into the parlor and shut the door. It was an odd sensation to see his very familiar face established quite at home in that very unfamiliar room and region; and I found myself looking at him, much as I looked at the corner-cupboard with the glass and china, the shells upon the chimney-piece, and the colored engravings on the wall, representing the death of Captain Cook, a ship-launch, and his Majesty King George the Third in a state coachman’s wig,

leather-breeches, and top-boots, on the terrace at Windsor.

"All is well, Handel", said Herbert, "and he is quite satisfied, though eager to see you. My dear girl is with her father; and if you'll wait till she comes down, I'll make you known to her, and then we'll go up stairs. That's her father".

I had become aware of an alarming growling overhead, and had probably expressed the fact in my countenance.

"I am afraid he is a sad old rascal", said Herbert, smiling, "but I have never seen him. Don't you smell rum? He is always at it".

"At rum?" said I.

"Yes", returned Herbert, "and you may suppose how mild it makes his gout. He persists, too, in keeping all the provisions up stairs in his room, and serving them out. He keeps them on shelves over his head, and will weigh them all. His room must be like a chandler's shop".

While he thus spoke, the growling noise became a prolonged roar, and then died away.

"What else can be the consequence", said Herbert, in explanation, "if he will cut the cheese? A man with the gout in his right hand – and everywhere else – can't expect to get through a Double Gloucester without hurting himself".

He seemed to have hurt himself very much, for he gave another furious roar.

"To have Provis for an upper lodger is quite a godsend to Mrs. Whimple", said Herbert, "for of course people in general won't stand that noise. A curious place, Handel; isn't it?"

It was a curious place, indeed; but remarkably well kept and clean.

"Mrs. Whimple", said Herbert, when I told him so, "is the best of housewives, and I really do not know what my Clara would do without her motherly help. For, Clara has no mother of her own, Handel, and no relation in the world but old Gruffandgrim".

"Surely that's not his name, Herbert?"

"No, no", said Herbert, "that's my name for him. His name is Mr. Barley. But what a blessing it is for the son of my father and mother to love a girl who has no relations, and who can never bother herself or anybody else about her family!"

Herbert had told me on former occasions, and now reminded me, that

he first knew Miss Clara Barley when she was completing her education at an establishment at Hammersmith, and that on her being recalled home to nurse her father, he and she had confided their affection to the motherly Mrs. Whimple, by whom it had been fostered and regulated with equal kindness and discretion, ever since. It was understood that nothing of a tender nature could possibly be confided to old Barley, by reason of his being totally unequal to the consideration of any subject more psychological than Gout, Rum, and Purser's stores.

As we were thus conversing in a low tone while Old Barley's sustained growl vibrated in the beam that crossed the ceiling, the room door opened, and a very pretty, slight, dark-eyed girl of twenty or so came in with a basket in her hand: whom Herbert tenderly relieved of the basket, and presented, blushing, as "Clara". She really was a most charming girl, and might have passed for a captive fairy, whom that truculent Ogre, Old Barley, had pressed into his service.

"Look here", said Herbert, showing me the basket, with a compassionate and tender smile, after we had talked a little; "here's poor Clara's supper, served out every night. Here's her allowance of bread, and here's her slice of cheese, and here's her rum – which I drink. This is Mr. Barley's breakfast for tomorrow, served out to be cooked. Two mutton-chops, three potatoes, some split peas, a little flour, two ounces of butter, a pinch of salt, and all this black pepper. It's stewed up together, and taken hot, and it's a nice thing for the gout, I should think!"

There was something so natural and winning in Clara's resigned way of looking at these stores in detail, as Herbert pointed them out; and something so confiding, loving, and innocent in her modest manner of yielding herself to Herbert's embracing arm; and something so gentle in her, so much needing protection on Mill Pond Bank, by Chinks's Basin, and the Old Green Copper Ropewalk, with Old Barley growling in the beam – that I would not have undone the engagement between her and Herbert for all the money in the pocket-book I had never opened.

I was looking at her with pleasure and admiration, when suddenly the growl swelled into a roar again, and a frightful bumping noise was heard above, as if a giant with a wooden leg were trying to bore it through the ceiling to come at us. Upon this Clara said to Herbert, "Papa wants me, darling!" and ran away.

“There is an unconscionable old shark for you!” said Herbert. “What do you suppose he wants now, Handel?”

“I don’t know”, said I. “Something to drink?”

“That’s it!” cried Herbert, as if I had made a guess of extraordinary merit. “He keeps his grog ready mixed in a little tub on the table. Wait a moment, and you’ll hear Clara lift him up to take some. There he goes!” Another roar, with a prolonged shake at the end. “Now”, said Herbert, as it was succeeded by silence, “he’s drinking. Now”, said Herbert, as the growl resounded in the beam once more, “he’s down again on his back!”

Clara returned soon afterwards, and Herbert accompanied me up stairs to see our charge. As we passed Mr. Barley’s door, he was heard hoarsely muttering within, in a strain that rose and fell like wind, the following Refrain, in which I substitute good wishes for something quite the reverse:

“Ahoy! Bless your eyes, here’s old Bill Barley. Here’s old Bill Barley, bless your eyes. Here’s old Bill Barley on the flat of his back, by the Lord. Lying on the flat of his back like a drifting old dead flounder, here’s your old Bill Barley, bless your eyes. Ahoy! Bless you”.

In this strain of consolation, Herbert informed me the invisible Barley would commune with himself by the day and night together; Often, while it was light, having, at the same time, one eye at a telescope which was fitted on his bed for the convenience of sweeping the river.

In his two cabin rooms at the top of the house, which were fresh and airy, and in which Mr. Barley was less audible than below, I found Provis comfortably settled. He expressed no alarm, and seemed to feel none that was worth mentioning; but it struck me that he was softened – indefinably, for I could not have said how, and could never afterwards recall how when I tried, but certainly.

The opportunity that the day’s rest had given me for reflection had resulted in my fully determining to say nothing to him respecting Compeyson. For anything I knew, his animosity towards the man might otherwise lead to his seeking him out and rushing on his own destruction. Therefore, when Herbert and I sat down with him by his fire, I asked him first of all whether he relied on Wemmick’s judgment and sources of information?

“Ay, ay, dear boy!” he answered, with a grave nod, “Jaggers knows”.

“Then, I have talked with Wemmick”, said I, “and have come to tell you what caution he gave me and what advice”.

This I did accurately, with the reservation just mentioned; and I told him how Wemmick had heard, in Newgate prison (whether from officers or prisoners I could not say), that he was under some suspicion, and that my chambers had been watched; how Wemmick had recommended his keeping close for a time, and my keeping away from him; and what Wemmick had said about getting him abroad. I added, that of course, when the time came, I should go with him, or should follow close upon him, as might be safest in Wemmick's judgment. What was to follow that I did not touch upon; neither, indeed, was I at all clear or comfortable about it in my own mind, now that I saw him in that softer condition, and in declared peril for my sake. As to altering my way of living by enlarging my expenses, I put it to him whether in our present unsettled and difficult circumstances, it would not be simply ridiculous, if it were no worse?

He could not deny this, and indeed was very reasonable throughout. His coming back was a venture, he said, and he had always known it to be a venture. He would do nothing to make it a desperate venture, and he had very little fear of his safety with such good help.

Herbert, who had been looking at the fire and pondering, here said that something had come into his thoughts arising out of Wemmick's suggestion, which it might be worth while to pursue. "We are both good watermen, Handel, and could take him down the river ourselves when the right time comes. No boat would then be hired for the purpose, and no boatmen; that would save at least a chance of suspicion, and any chance is worth saving. Never mind the season; don't you think it might be a good thing if you began at once to keep a boat at the Temple stairs, and were in the habit of rowing up and down the river? You fall into that habit, and then who notices or minds? Do it twenty or fifty times, and there is nothing special in your doing it the twenty-first or fifty-first".

I liked this scheme, and Provis was quite elated by it. We agreed that it should be carried into execution, and that Provis should never recognize us if we came below Bridge, and rowed past Mill Pond Bank. But we further agreed that he should pull down the blind in that part of his window which gave upon the east, whenever he saw us and all was right.

Our conference being now ended, and everything arranged, I rose to go; remarking to Herbert that he and I had better not go home together, and that I would take half an hour's start of him. "I don't like to leave you here", I

said to Provis, “though I cannot doubt your being safer here than near me. Good by!”

“Dear boy”, he answered, clasping my hands, “I don’t know when we may meet again, and I don’t like good by. Say good night!”

“Good night! Herbert will go regularly between us, and when the time comes you may be certain I shall be ready. Good night, good night!”

We thought it best that he should stay in his own rooms; and we left him on the landing outside his door, holding a light over the stair-rail to light us down stairs. Looking back at him, I thought of the first night of his return, when our positions were reversed, and when I little supposed my heart could ever be as heavy and anxious at parting from him as it was now.

Old Barley was growling and swearing when we repassed his door, with no appearance of having ceased or of meaning to cease. When we got to the foot of the stairs, I asked Herbert whether he had preserved the name of Provis. He replied, certainly not, and that the lodger was Mr. Campbell. He also explained that the utmost known of Mr. Campbell there was, that he (Herbert) had Mr. Campbell consigned to him, and felt a strong personal interest in his being well cared for, and living a secluded life. So, when we went into the parlor where Mrs. Whimple and Clara were seated at work, I said nothing of my own interest in Mr. Campbell, but kept it to myself.

When I had taken leave of the pretty, gentle, dark-eyed girl, and of the motherly woman who had not outlived her honest sympathy with a little affair of true love, I felt as if the Old Green Copper Ropewalk had grown quite a different place. Old Barley might be as old as the hills, and might swear like a whole field of troopers, but there were redeeming youth and trust and hope enough in Chinks’s Basin to fill it to overflowing. And then I thought of Estella, and of our parting, and went home very sadly.

All things were as quiet in the Temple as ever I had seen them. The windows of the rooms on that side, lately occupied by Provis, were dark and still, and there was no lounger in Garden Court. I walked past the fountain twice or thrice before I descended the steps that were between me and my rooms, but I was quite alone. Herbert, coming to my bedside when he came in – for I went straight to bed, dispirited and fatigued – made the same report. Opening one of the windows after that, he looked out into the moonlight, and told me that the pavement was a solemnly empty as the pavement of any cathedral at that same hour.

Next day I set myself to get the boat. It was soon done, and the boat was brought round to the Temple stairs, and lay where I could reach her within a minute or two. Then, I began to go out as for training and practice: sometimes alone, sometimes with Herbert. I was often out in cold, rain, and sleet, but nobody took much note of me after I had been out a few times. At first, I kept above Blackfriars Bridge; but as the hours of the tide changed, I took towards London Bridge. It was Old London Bridge in those days, and at certain states of the tide there was a race and fall of water there which gave it a bad reputation. But I knew well enough how to ‘shoot’ the bridge after seeing it done, and so began to row about among the shipping in the Pool, and down to Erith. The first time I passed Mill Pond Bank, Herbert and I were pulling a pair of oars; and, both in going and returning, we saw the blind towards the east come down. Herbert was rarely there less frequently than three times in a week, and he never brought me a single word of intelligence that was at all alarming. Still, I knew that there was cause for alarm, and I could not get rid of the notion of being watched. Once received, it is a haunting idea; how many undesigning persons I suspected of watching me, it would be hard to calculate.

In short, I was always full of fears for the rash man who was in hiding. Herbert had sometimes said to me that he found it pleasant to stand at one of our windows after dark, when the tide was running down, and to think that it was flowing, with everything it bore, towards Clara. But I thought with dread that it was flowing towards Magwitch, and that any black mark on its surface might be his pursuers, going swiftly, silently, and surely, to take him.

CHAPTER XLVII

Some weeks passed without bringing any change. We waited for Wemmick, and he made no sign. If I had never known him out of Little Britain, and had never enjoyed the privilege of being on a familiar footing at the Castle, I might have doubted him; not so for a moment, knowing him as I did.

My worldly affairs began to wear a gloomy appearance, and I was pressed for money by more than one creditor. Even I myself began to know the want of money (I mean of ready money in my own pocket), and to relieve it by converting some easily spared articles of jewelery into cash. But I had quite determined that it would be a heartless fraud to take more money from my patron in the existing state of my uncertain thoughts and plans. Therefore, I had sent him the unopened pocket-book by Herbert, to hold in his own keeping, and I felt a kind of satisfaction – whether it was a false kind or a true, I hardly know – in not having profited by his generosity since his revelation of himself.

As the time wore on, an impression settled heavily upon me that Estella was married. Fearful of having it confirmed, though it was all but a conviction, I avoided the newspapers, and begged Herbert (to whom I had confided the circumstances of our last interview) never to speak of her to me. Why I hoarded up this last wretched little rag of the robe of hope that was rent and given to the winds, how do I know? Why did you who read this, commit that not dissimilar inconsistency of your own last year, last month, last week?

It was an unhappy life that I lived; and its one dominant anxiety, towering over all its other anxieties, like a high mountain above a range of mountains, never disappeared from my view. Still, no new cause for fear arose. Let me start from my bed as I would, with the terror fresh upon me that he was discovered; let me sit listening, as I would with dread, for Herbert’s returning step at night, lest it should be fleeter than ordinary, and winged with evil news – for all that, and much more to like purpose, the round of things went on. Condemned to inaction and a state of constant restlessness and suspense, I rowed about in my boat, and waited, waited, waited, as I best could.

There were states of the tide when, having been down the river, I

could not get back through the eddy-chafed arches and starlings of old London Bridge; then, I left my boat at a wharf near the Custom House, to be brought up afterwards to the Temple stairs. I was not averse to doing this, as it served to make me and my boat a commoner incident among the water-side people there. From this slight occasion sprang two meetings that I have now to tell of.

One afternoon, late in the month of February, I came ashore at the wharf at dusk. I had pulled down as far as Greenwich with the ebb tide, and had turned with the tide. It had been a fine bright day, but had become foggy as the sun dropped, and I had had to feel my way back among the shipping, pretty carefully. Both in going and returning, I had seen the signal in his window, All well.

As it was a raw evening, and I was cold, I thought I would comfort myself with dinner at once; and as I had hours of dejection and solitude before me if I went home to the Temple, I thought I would afterwards go to the play. The theatre where Mr. Wopsle had achieved his questionable triumph was in that water-side neighborhood (it is nowhere now), and to that theatre I resolved to go. I was aware that Mr. Wopsle had not succeeded in reviving the Drama, but, on the contrary, had rather partaken of its decline. He had been ominously heard of, through the play-bills, as a faithful Black, in connection with a little girl of noble birth, and a monkey. And Herbert had seen him as a predatory Tartar of comic propensities, with a face like a red brick, and an outrageous hat all over bells.

I dined at what Herbert and I used to call a geographical chop-house, where there were maps of the world in porter-pot rims on every half-yard of the tablecloths, and charts of gravy on every one of the knives – to this day there is scarcely a single chop-house within the Lord Mayor's dominions which is not geographical – and wore out the time in dozing over crumbs, staring at gas, and baking in a hot blast of dinners. By and by, I roused myself, and went to the play.

There, I found a virtuous boatswain in His Majesty's service – a most excellent man, though I could have wished his trousers not quite so tight in some places, and not quite so loose in others – who knocked all the little men's hats over their eyes, though he was very generous and brave, and who wouldn't hear of anybody's paying taxes, though he was very patriotic. He had a bag of money in his pocket, like a pudding in the cloth, and on that

property married a young person in bed-furniture, with great rejoicings; the whole population of Portsmouth (nine in number at the last census) turning out on the beach to rub their own hands and shake everybody else's, and sing "Fill, fill!" A certain dark-complexioned Swab, however, who wouldn't fill, or do anything else that was proposed to him, and whose heart was openly stated (by the boatswain) to be as black as his figure-head, proposed to two other Swabs to get all mankind into difficulties; which was so effectually done (the Swab family having considerable political influence) that it took half the evening to set things right, and then it was only brought about through an honest little grocer with a white hat, black gaiters, and red nose, getting into a clock, with a gridiron, and listening, and coming out, and knocking everybody down from behind with the gridiron whom he couldn't confute with what he had overheard. This led to Mr. Wopsle's (who had never been heard of before) coming in with a star and garter on, as a plenipotentiary of great power direct from the Admiralty, to say that the Swabs were all to go to prison on the spot, and that he had brought the boatswain down the Union Jack, as a slight acknowledgment of his public services. The boatswain, unmanned for the first time, respectfully dried his eyes on the Jack, and then cheering up, and addressing Mr. Wopsle as Your Honor, solicited permission to take him by the fin. Mr. Wopsle, conceding his fin with a gracious dignity, was immediately shoved into a dusty corner, while everybody danced a hornpipe; and from that corner, surveying the public with a discontented eye, became aware of me.

The second piece was the last new grand comic Christmas pantomime, in the first scene of which, it pained me to suspect that I detected Mr. Wopsle with red worsted legs under a highly magnified phosphoric countenance and a shock of red curtain-fringe for his hair, engaged in the manufacture of thunderbolts in a mine, and displaying great cowardice when his gigantic master came home (very hoarse) to dinner. But he presently presented himself under worthier circumstances; for, the Genius of Youthful Love being in want of assistance – on account of the parental brutality of an ignorant farmer who opposed the choice of his daughter's heart, by purposely falling upon the object, in a flour-sack, out of the first-floor window – summoned a sententious Enchanter; and he, coming up from the antipodes rather unsteadily, after an apparently violent journey, proved to be Mr. Wopsle in a high-crowned hat, with a necromantic work in one volume under

his arm. The business of this enchanter on earth being principally to be talked at, sung at, butted at, danced at, and flashed at with fires of various colors, he had a good deal of time on his hands. And I observed, with great surprise, that he devoted it to staring in my direction as if he were lost in amazement.

There was something so remarkable in the increasing glare of Mr. Wopsle's eye, and he seemed to be turning so many things over in his mind and to grow so confused, that I could not make it out. I sat thinking of it long after he had ascended to the clouds in a large watch-case, and still I could not make it out. I was still thinking of it when I came out of the theatre an hour afterwards, and found him waiting for me near the door.

"How do you do?" said I, shaking hands with him as we turned down the street together. "I saw that you saw me".

"Saw you, Mr. Pip!" he returned. "Yes, of course I saw you. But who else was there?"

"Who else?"

"It is the strangest thing", said Mr. Wopsle, drifting into his lost look again; "and yet I could swear to him".

Becoming alarmed, I entreated Mr. Wopsle to explain his meaning.

"Whether I should have noticed him at first but for your being there", said Mr. Wopsle, going on in the same lost way, "I can't be positive; yet I think I should".

Involuntarily I looked round me, as I was accustomed to look round me when I went home; for these mysterious words gave me a chill.

"Oh! He can't be in sight", said Mr. Wopsle. "He went out before I went off. I saw him go".

Having the reason that I had for being suspicious, I even suspected this poor actor. I mistrusted a design to entrap me into some admission. Therefore I glanced at him as we walked on together, but said nothing.

"I had a ridiculous fancy that he must be with you, Mr. Pip, till I saw that you were quite unconscious of him, sitting behind you there like a ghost".

My former chill crept over me again, but I was resolved not to speak yet, for it was quite consistent with his words that he might be set on to induce me to connect these references with Provis. Of course, I was perfectly sure and safe that Provis had not been there.

"I dare say you wonder at me, Mr. Pip; indeed, I see you do. But it is

so very strange! You'll hardly believe what I am going to tell you. I could hardly believe it myself, if you told me".

"Indeed?" said I.

"No, indeed. Mr. Pip, you remember in old times a certain Christmas Day, when you were quite a child, and I dined at Gargery's, and some soldiers came to the door to get a pair of handcuffs mended?"

"I remember it very well".

"And you remember that there was a chase after two convicts, and that we joined in it, and that Gargery took you on his back, and that I took the lead, and you kept up with me as well as you could?"

"I remember it all very well". Better than he thought – except the last clause.

"And you remember that we came up with the two in a ditch, and that there was a scuffle between them, and that one of them had been severely handled and much mauled about the face by the other?"

"I see it all before me".

"And that the soldiers lighted torches, and put the two in the centre, and that we went on to see the last of them, over the black marshes, with the torchlight shining on their faces – I am particular about that – with the torchlight shining on their faces, when there was an outer ring of dark night all about us?"

"Yes", said I. "I remember all that".

"Then, Mr. Pip, one of those two prisoners sat behind you tonight. I saw him over your shoulder".

"Steady!" I thought. I asked him then, "Which of the two do you suppose you saw?"

"The one who had been mauled", he answered readily, "and I'll swear I saw him! The more I think of him, the more certain I am of him".

"This is very curious!" said I, with the best assumption I could put on of its being nothing more to me. "Very curious indeed!"

I cannot exaggerate the enhanced disquiet into which this conversation threw me, or the special and peculiar terror I felt at Compeyson's having been behind me "like a ghost". For if he had ever been out of my thoughts for a few moments together since the hiding had begun, it was in those very moments when he was closest to me; and to think that I should be so unconscious and off my guard after all my care was as if I had shut an avenue

of a hundred doors to keep him out, and then had found him at my elbow. I could not doubt, either, that he was there, because I was there, and that, however slight an appearance of danger there might be about us, danger was always near and active.

I put such questions to Mr. Wopsle as, When did the man come in? He could not tell me that; he saw me, and over my shoulder he saw the man. It was not until he had seen him for some time that he began to identify him; but he had from the first vaguely associated him with me, and known him as somehow belonging to me in the old village time. How was he dressed? Prosperously, but not noticeably otherwise; he thought, in black. Was his face at all disfigured? No, he believed not. I believed not too, for, although in my brooding state I had taken no especial notice of the people behind me, I thought it likely that a face at all disfigured would have attracted my attention.

When Mr. Wopsle had imparted to me all that he could recall or I extract, and when I had treated him to a little appropriate refreshment, after the fatigues of the evening, we parted. It was between twelve and one o'clock when I reached the Temple, and the gates were shut. No one was near me when I went in and went home.

Herbert had come in, and we held a very serious council by the fire. But there was nothing to be done, saving to communicate to Wemmick what I had that night found out, and to remind him that we waited for his hint. As I thought that I might compromise him if I went too often to the Castle, I made this communication by letter. I wrote it before I went to bed, and went out and posted it; and again no one was near me. Herbert and I agreed that we could do nothing else but be very cautious. And we were very cautious indeed – more cautious than before, if that were possible – and I for my part never went near Chinks's Basin, except when I rowed by, and then I only looked at Mill Pond Bank as I looked at anything else.

CHAPTER XLVIII

The second of the two meetings referred to in the last chapter occurred about a week after the first. I had again left my boat at the wharf below Bridge; the time was an hour earlier in the afternoon; and, undecided where to dine, I had strolled up into Cheapside, and was strolling along it, surely the most unsettled person in all the busy concourse, when a large hand was laid upon my shoulder by some one overtaking me. It was Mr. Jaggers's hand, and he passed it through my arm.

"As we are going in the same direction, Pip, we may walk together. Where are you bound for?"

"For the Temple, I think", said I.

"Don't you know?" said Mr. Jaggers.

"Well", I returned, glad for once to get the better of him in cross-examination, "I do not know, for I have not made up my mind".

"You are going to dine?" said Mr. Jaggers. "You don't mind admitting that, I suppose?"

"No", I returned, "I don't mind admitting that".

"And are not engaged?"

"I don't mind admitting also that I am not engaged".

"Then", said Mr. Jaggers, "come and dine with me".

I was going to excuse myself, when he added, "Wemmick's coming". So I changed my excuse into an acceptance – the few words I had uttered, serving for the beginning of either – and we went along Cheapside and slanted off to Little Britain, while the lights were springing up brilliantly in the shop windows, and the street lamp-lighters, scarcely finding ground enough to plant their ladders on in the midst of the afternoon's bustle, were skipping up and down and running in and out, opening more red eyes in the gathering fog than my rushlight tower at the Hummums had opened white eyes in the ghostly wall.

At the office in Little Britain there was the usual letter-writing, hand-washing, candle-snuffing, and safe-locking, that closed the business of the day. As I stood idle by Mr. Jaggers's fire, its rising and falling flame made the two casts on the shelf look as if they were playing a diabolical game at bo-peep with me; while the pair of coarse, fat office candles that dimly lighted Mr. Jaggers as he wrote in a corner were decorated with dirty

winding-sheets, as if in remembrance of a host of hanged clients.

We went to Gerrard Street, all three together, in a hackney-coach: And, as soon as we got there, dinner was served. Although I should not have thought of making, in that place, the most distant reference by so much as a look to Wemmick's Walworth sentiments, yet I should have had no objection to catching his eye now and then in a friendly way. But it was not to be done. He turned his eyes on Mr. Jaggers whenever he raised them from the table, and was as dry and distant to me as if there were twin Wemmicks, and this was the wrong one.

"Did you send that note of Miss Havisham's to Mr. Pip, Wemmick?" Mr. Jaggers asked, soon after we began dinner.

"No, sir", returned Wemmick; "it was going by post, when you brought Mr. Pip into the office. Here it is". He handed it to his principal instead of to me.

"It's a note of two lines, Pip", said Mr. Jaggers, handing it on, "sent up to me by Miss Havisham on account of her not being sure of your address. She tells me that she wants to see you on a little matter of business you mentioned to her. You'll go down?"

"Yes", said I, casting my eyes over the note, which was exactly in those terms.

"When do you think of going down?"

"I have an impending engagement", said I, glancing at Wemmick, who was putting fish into the post-office, "that renders me rather uncertain of my time. At once, I think".

"If Mr. Pip has the intention of going at once", said Wemmick to Mr. Jaggers, "he needn't write an answer, you know".

Receiving this as an intimation that it was best not to delay, I settled that I would go tomorrow, and said so. Wemmick drank a glass of wine, and looked with a grimly satisfied air at Mr. Jaggers, but not at me.

"So, Pip! Our friend the Spider", said Mr. Jaggers, "has played his cards. He has won the pool".

It was as much as I could do to assent.

"Hah! He is a promising fellow – in his way – but he may not have it all his own way. The stronger will win in the end, but the stronger has to be found out first. If he should turn to, and beat her..."

"Surely", I interrupted, with a burning face and heart, "you do not

seriously think that he is scoundrel enough for that, Mr. Jaggers?"

"I didn't say so, Pip. I am putting a case. If he should turn to and beat her, he may possibly get the strength on his side; if it should be a question of intellect, he certainly will not. It would be chance work to give an opinion how a fellow of that sort will turn out in such circumstances, because it's a toss-up between two results".

"May I ask what they are?"

"A fellow like our friend the Spider", answered Mr. Jaggers, "either beats or cringes. He may cringe and growl, or cringe and not growl; but he either beats or cringes. Ask Wemmick his opinion".

"Either beats or cringes", said Wemmick, not at all addressing himself to me.

"So here's to Mrs. Bentley Drummle", said Mr. Jaggers, taking a decanter of choicer wine from his dumb-waiter, and filling for each of us and for himself, "and may the question of supremacy be settled to the lady's satisfaction! To the satisfaction of the lady and the gentleman, it never will be. Now, Molly, Molly, Molly, Molly, how slow you are today!"

She was at his elbow when he addressed her, putting a dish upon the table. As she withdrew her hands from it, she fell back a step or two, nervously muttering some excuse. And a certain action of her fingers, as she spoke, arrested my attention.

"What's the matter?" said Mr. Jaggers.

"Nothing. Only the subject we were speaking of", said I, "was rather painful to me".

The action of her fingers was like the action of knitting. She stood looking at her master, not understanding whether she was free to go, or whether he had more to say to her and would call her back if she did go. Her look was very intent. Surely, I had seen exactly such eyes and such hands on a memorable occasion very lately!

He dismissed her, and she glided out of the room. But she remained before me as plainly as if she were still there. I looked at those hands, I looked at those eyes, I looked at that flowing hair; and I compared them with other hands, other eyes, other hair, that I knew of, and with what those might be after twenty years of a brutal husband and a stormy life. I looked again at those hands and eyes of the housekeeper, and thought of the inexplicable feeling that had come over me when I last walked – not alone – in the ruined

garden, and through the deserted brewery. I thought how the same feeling had come back when I saw a face looking at me, and a hand waving to me from a stage-coach window; and how it had come back again and had flashed about me like lightning, when I had passed in a carriage – not alone – through a sudden glare of light in a dark street. I thought how one link of association had helped that identification in the theatre, and how such a link, wanting before, had been riveted for me now, when I had passed by a chance swift from Estella's name to the fingers with their knitting action, and the attentive eyes. And I felt absolutely certain that this woman was Estella's mother.

Mr. Jaggers had seen me with Estella, and was not likely to have missed the sentiments I had been at no pains to conceal. He nodded when I said the subject was painful to me, clapped me on the back, put round the wine again, and went on with his dinner.

Only twice more did the housekeeper reappear, and then her stay in the room was very short, and Mr. Jaggers was sharp with her. But her hands were Estella's hands, and her eyes were Estella's eyes, and if she had reappeared a hundred times I could have been neither more sure nor less sure that my conviction was the truth.

It was a dull evening, for Wemmick drew his wine, when it came round, quite as a matter of business – just as he might have drawn his salary when that came round – and with his eyes on his chief, sat in a state of perpetual readiness for cross-examination. As to the quantity of wine, his post-office was as indifferent and ready as any other post-office for its quantity of letters. From my point of view, he was the wrong twin all the time, and only externally like the Wemmick of Walworth.

We took our leave early, and left together. Even when we were groping among Mr. Jaggers's stock of boots for our hats, I felt that the right twin was on his way back; and we had not gone half a dozen yards down Gerrard Street in the Walworth direction, before I found that I was walking arm in arm with the right twin, and that the wrong twin had evaporated into the evening air.

"Well!" said Wemmick, "that's over! He's a wonderful man, without his living likeness; but I feel that I have to screw myself up when I dine with him – and I dine more comfortably unscrewed".

I felt that this was a good statement of the case, and told him so.

"Wouldn't say it to anybody but yourself", he answered. "I know that

what is said between you and me goes no further".

I asked him if he had ever seen Miss Havisham's adopted daughter, Mrs. Bentley Drummle. He said no. To avoid being too abrupt, I then spoke of the Aged and of Miss Skiffins. He looked rather sly when I mentioned Miss Skiffins, and stopped in the street to blow his nose, with a roll of the head, and a flourish not quite free from latent boastfulness.

"Wemmick", said I, "do you remember telling me, before I first went to Mr. Jaggers's private house, to notice that housekeeper?"

"Did I?" he replied. "Ah, I dare say I did. Deuce take me", he added, suddenly, "I know I did. I find I am not quite unscrewed yet".

"A wild beast tamed, you called her".

"And what do you call her?"

"The same. How did Mr. Jaggers tame her, Wemmick?"

"That's his secret. She has been with him many a long year".

"I wish you would tell me her story. I feel a particular interest in being acquainted with it. You know that what is said between you and me goes no further".

"Well!" Wemmick replied, "I don't know her story… that is, I don't know all of it. But what I do know I'll tell you. We are in our private and personal capacities, of course".

"Of course".

"A score or so of years ago, that woman was tried at the Old Bailey for murder, and was acquitted. She was a very handsome young woman, and I believe had some gypsy blood in her. Anyhow, it was hot enough when it was up, as you may suppose".

"But she was acquitted".

"Mr. Jaggers was for her", pursued Wemmick, with a look full of meaning, "and worked the case in a way quite astonishing. It was a desperate case, and it was comparatively early days with him then, and he worked it to general admiration; in fact, it may almost be said to have made him. He worked it himself at the police-office, day after day for many days, contending against even a committal; and at the trial where he couldn't work it himself, sat under counsel, and – every one knew – put in all the salt and pepper. The murdered person was a woman – a woman a good ten years older, very much larger, and very much stronger. It was a case of jealousy. They both led tramping lives, and this woman in Gerrard Street here had been

married very young, over the broomstick (as we say), to a tramping man, and was a perfect fury in point of jealousy. The murdered woman – more a match for the man, certainly, in point of years – was found dead in a barn near Hounslow Heath. There had been a violent struggle, perhaps a fight. She was bruised and scratched and torn, and had been held by the throat, at last, and choked. Now, there was no reasonable evidence to implicate any person but this woman, and on the improbabilities of her having been able to do it Mr. Jaggers principally rested his case. You may be sure", said Wemmick, touching me on the sleeve, "that he never dwelt upon the strength of her hands then, though he sometimes does now".

I had told Wemmick of his showing us her wrists, that day of the dinner party.

"Well, sir!" Wemmick went on; "it happened – happened, don't you see? – that this woman was so very artfully dressed from the time of her apprehension, that she looked much slighter than she really was; in particular, her sleeves are always remembered to have been so skilfully contrived that her arms had quite a delicate look. She had only a bruise or two about her – nothing for a tramp – but the backs of her hands were lacerated, and the question was, Was it with finger-nails? Now, Mr. Jaggers showed that she had struggled through a great lot of brambles which were not as high as her face; but which she could not have got through and kept her hands out of; and bits of those brambles were actually found in her skin and put in evidence, as well as the fact that the brambles in question were found on examination to have been broken through, and to have little shreds of her dress and little spots of blood upon them here and there. But the boldest point he made was this: it was attempted to be set up, in proof of her jealousy, that she was under strong suspicion of having, at about the time of the murder, frantically destroyed her child by this man – some three years old – to revenge herself upon him. Mr. Jaggers worked that in this way: "We say these are not marks of finger-nails, but marks of brambles, and we show you the brambles. You say they are marks of finger-nails, and you set up the hypothesis that she destroyed her child. You must accept all consequences of that hypothesis. For anything we know, she may have destroyed her child, and the child in clinging to her may have scratched her hands. What then? You are not trying her for the murder of her child; why don't you? As to this case, if you will have scratches, we say that, for anything we know, you may have accounted

for them, assuming for the sake of argument that you have not invented them?" "To sum up, sir", said Wemmick, "Mr. Jaggers was altogether too many for the jury, and they gave in".

"Has she been in his service ever since?"

"Yes; but not only that", said Wemmick, "she went into his service immediately after her acquittal, tamed as she is now. She has since been taught one thing and another in the way of her duties, but she was tamed from the beginning".

"Do you remember the sex of the child?"

"Said to have been a girl".

"You have nothing more to say to me tonight?"

"Nothing. I got your letter and destroyed it. Nothing".

We exchanged a cordial good-night, and I went home, with new matter for my thoughts, though with no relief from the old.

CHAPTER XLIX

Putting Miss Havisham's note in my pocket, that it might serve as my credentials for so soon reappearing at Satis House, in case her waywardness should lead her to express any surprise at seeing me, I went down again by the coach next day. But I alighted at the Halfway House, and breakfasted there, and walked the rest of the distance; for I sought to get into the town quietly by the unfrequented ways, and to leave it in the same manner.

The best light of the day was gone when I passed along the quiet echoing courts behind the High Street. The nooks of ruin where the old monks had once had their refectories and gardens, and where the strong walls were now pressed into the service of humble sheds and stables, were almost as silent as the old monks in their graves. The cathedral chimes had at once a sadder and a more remote sound to me, as I hurried on avoiding observation, than they had ever had before; so, the swell of the old organ was borne to my ears like funeral music; and the rooks, as they hovered about the gray tower and swung in the bare high trees of the priory garden, seemed to call to me that the place was changed, and that Estella was gone out of it for ever.

An elderly woman, whom I had seen before as one of the servants who lived in the supplementary house across the back courtyard, opened the gate. The lighted candle stood in the dark passage within, as of old, and I took it up and ascended the staircase alone. Miss Havisham was not in her own room, but was in the larger room across the landing. Looking in at the door, after knocking in vain, I saw her sitting on the hearth in a ragged chair, close before, and lost in the contemplation of, the ashy fire.

Doing as I had often done, I went in, and stood touching the old chimney-piece, where she could see me when she raised her eyes. There was an air of utter loneliness upon her, that would have moved me to pity though she had wilfully done me a deeper injury than I could charge her with. As I stood compassionating her, and thinking how, in the progress of time, I too had come to be a part of the wrecked fortunes of that house, her eyes rested on me. She stared, and said in a low voice, "Is it real?"

"It is I, Pip. Mr. Jaggers gave me your note yesterday, and I have lost no time".

"Thank you. Thank you".

As I brought another of the ragged chairs to the hearth and sat down, I

remarked a new expression on her face, as if she were afraid of me.

"I want", she said, "to pursue that subject you mentioned to me when you were last here, and to show you that I am not all stone. But perhaps you can never believe, now, that there is anything human in my heart?"

When I said some reassuring words, she stretched out her tremulous right hand, as though she was going to touch me; but she recalled it again before I understood the action, or knew how to receive it.

"You said, speaking for your friend, that you could tell me how to do something useful and good. Something that you would like done, is it not?"

"Something that I would like done very much".

"What is it?"

I began explaining to her that secret history of the partnership. I had not got far into it, when I judged from her looks that she was thinking in a discursive way of me, rather than of what I said. It seemed to be so; for, when I stopped speaking, many moments passed before she showed that she was conscious of the fact.

"Do you break off", she asked then, with her former air of being afraid of me, "because you hate me too much to bear to speak to me?"

"No, no", I answered, "how can you think so, Miss Havisham! I stopped because I thought you were not following what I said".

"Perhaps I was not", she answered, putting a hand to her head. "Begin again, and let me look at something else. Stay! Now tell me".

She set her hand upon her stick in the resolute way that sometimes was habitual to her, and looked at the fire with a strong expression of forcing herself to attend. I went on with my explanation, and told her how I had hoped to complete the transaction out of my means, but how in this I was disappointed. That part of the subject (I reminded her) involved matters which could form no part of my explanation, for they were the weighty secrets of another.

"So!" said she, assenting with her head, but not looking at me. "And how much money is wanting to complete the purchase?"

I was rather afraid of stating it, for it sounded a large sum. "Nine hundred pounds".

"If I give you the money for this purpose, will you keep my secret as you have kept your own?"

"Quite as faithfully".

“And your mind will be more at rest?”

“Much more at rest”.

“Are you very unhappy now?”

She asked this question, still without looking at me, but in an unwonted tone of sympathy. I could not reply at the moment, for my voice failed me. She put her left arm across the head of her stick, and softly laid her forehead on it.

“I am far from happy, Miss Havisham; but I have other causes of disquiet than any you know of. They are the secrets I have mentioned”.

After a little while, she raised her head, and looked at the fire Again.

“It is noble in you to tell me that you have other causes of unhappiness, Is it true?”

“Too true”.

“Can I only serve you, Pip, by serving your friend? Regarding that as done, is there nothing I can do for you yourself?”

“Nothing. I thank you for the question. I thank you even more for the tone of the question. But there is nothing”.

She presently rose from her seat, and looked about the blighted room for the means of writing. There were none there, and she took from her pocket a yellow set of ivory tablets, mounted in tarnished gold, and wrote upon them with a pencil in a case of tarnished gold that hung from her neck.

“You are still on friendly terms with Mr. Jaggers?”

“Quite. I dined with him yesterday”.

“This is an authority to him to pay you that money, to lay out at your irresponsible discretion for your friend. I keep no money here; but if you would rather Mr. Jaggers knew nothing of the matter, I will send it to you”.

“Thank you, Miss Havisham; I have not the least objection to receiving it from him”.

She read me what she had written; and it was direct and clear, and evidently intended to absolve me from any suspicion of profiting by the receipt of the money. I took the tablets from her hand, and it trembled again, and it trembled more as she took off the chain to which the pencil was attached, and put it in mine. All this she did without looking at me.

“My name is on the first leaf. If you can ever write under my name, “I forgive her”, though ever so long after my broken heart is dust pray do it!”

“O Miss Havisham”, said I, “I can do it now. There have been sore

mistakes; and my life has been a blind and thankless one; and I want forgiveness and direction far too much, to be bitter with you".

She turned her face to me for the first time since she had averted it, and, to my amazement, I may even add to my terror, dropped on her knees at my feet; with her folded hands raised to me in the manner in which, when her poor heart was young and fresh and whole, they must often have been raised to heaven from her mother's side.

To see her with her white hair and her worn face kneeling at my feet gave me a shock through all my frame. I entreated her to rise, and got my arms about her to help her up; but she only pressed that hand of mine which was nearest to her grasp, and hung her head over it and wept. I had never seen her shed a tear before, and, in the hope that the relief might do her good, I bent over her without speaking. She was not kneeling now, but was down upon the ground.

"O!" she cried, despairingly. "What have I done! What have I done!"

"If you mean, Miss Havisham, what have you done to injure me, let me answer. Very little. I should have loved her under any circumstances. Is she married?"

"Yes".

It was a needless question, for a new desolation in the desolate house had told me so.

"What have I done! What have I done!" She wrung her hands, and crushed her white hair, and returned to this cry over and over again. "What have I done!"

I knew not how to answer, or how to comfort her. That she had done a grievous thing in taking an impressionable child to mould into the form that her wild resentment, spurned affection, and wounded pride found vengeance in, I knew full well. But that, in shutting out the light of day, she had shut out infinitely more; that, in seclusion, she had secluded herself from a thousand natural and healing influences; that, her mind, brooding solitary, had grown diseased, as all minds do and must and will that reverse the appointed order of their Maker, I knew equally well. And could I look upon her without compassion, seeing her punishment in the ruin she was, in her profound unfitness for this earth on which she was placed, in the vanity of sorrow which had become a master mania, like the vanity of penitence, the vanity of remorse, the vanity of unworthiness, and other monstrous vanities that have

been curses in this world?

"Until you spoke to her the other day, and until I saw in you a looking-glass that showed me what I once felt myself, I did not know what I had done. What have I done! What have I done!" And so again, twenty, fifty times over, What had she done!

"Miss Havisham", I said, when her cry had died away, "you may dismiss me from your mind and conscience. But Estella is a different case, and if you can ever undo any scrap of what you have done amiss in keeping a part of her right nature away from her, it will be better to do that than to bemoan the past through a hundred years".

"Yes, yes, I know it. But, Pip… my dear!" There was an earnest womanly compassion for me in her new affection. "My dear! Believe this: when she first came to me, I meant to save her from misery like my own. At first, I meant no more".

"Well, well!" said I. "I hope so".

"But as she grew, and promised to be very beautiful, I gradually did worse, and with my praises, and with my jewels, and with my teachings, and with this figure of myself always before her, a warning to back and point my lessons, I stole her heart away, and put ice in its place".

"Better", I could not help saying, "to have left her a natural heart, even to be bruised or broken".

With that, Miss Havisham looked distractedly at me for a while, and then burst out again, What had she done!

"If you knew all my story", she pleaded, "you would have some compassion for me and a better understanding of me".

"Miss Havisham", I answered, as delicately as I could, "I believe I may say that I do know your story, and have known it ever since I first left this neighborhood. It has inspired me with great commiseration, and I hope I understand it and its influences. Does what has passed between us give me any excuse for asking you a question relative to Estella? Not as she is, but as she was when she first came here?"

She was seated on the ground, with her arms on the ragged chair, and her head leaning on them. She looked full at me when I said this, and replied, "Go on".

"Whose child was Estella?"

She shook her head.

“You don’t know?”

She shook her head again.

“But Mr. Jaggers brought her here, or sent her here?”

“Brought her here”.

“Will you tell me how that came about?”

She answered in a low whisper and with caution: “I had been shut up in these rooms a long time (I don’t know how long; you know what time the clocks keep here), when I told him that I wanted a little girl to rear and love, and save from my fate. I had first seen him when I sent for him to lay this place waste for me; having read of him in the newspapers, before I and the world parted. He told me that he would look about him for such an orphan child. One night he brought her here asleep, and I called her Estella”.

“Might I ask her age then?”

“Two or three. She herself knows nothing, but that she was left an orphan and I adopted her”.

So convinced I was of that woman’s being her mother, that I wanted no evidence to establish the fact in my own mind. But, to any mind, I thought, the connection here was clear and straight.

What more could I hope to do by prolonging the interview? I had succeeded on behalf of Herbert, Miss Havisham had told me all she knew of Estella, I had said and done what I could to ease her mind. No matter with what other words we parted; we parted.

Twilight was closing in when I went down stairs into the natural air. I called to the woman who had opened the gate when I entered, that I would not trouble her just yet, but would walk round the place before leaving. For I had a presentiment that I should never be there again, and I felt that the dying light was suited to my last view of it.

By the wilderness of casks that I had walked on long ago, and on which the rain of years had fallen since, rotting them in many places, and leaving miniature swamps and pools of water upon those that stood on end, I made my way to the ruined garden. I went all round it; round by the corner where Herbert and I had fought our battle; round by the paths where Estella and I had walked. So cold, so lonely, so dreary all!

Taking the brewery on my way back, I raised the rusty latch of a little door at the garden end of it, and walked through. I was going out at the opposite door – not easy to open now, for the damp wood had started and

swelled, and the hinges were yielding, and the threshold was encumbered with a growth of fungus – when I turned my head to look back. A childish association revived with wonderful force in the moment of the slight action, and I fancied that I saw Miss Havisham hanging to the beam. So strong was the impression, that I stood under the beam shuddering from head to foot before I knew it was a fancy – though to be sure I was there in an instant.

The mournfulness of the place and time, and the great terror of this illusion, though it was but momentary, caused me to feel an indescribable awe as I came out between the open wooden gates where I had once wrung my hair after Estella had wrung my heart. Passing on into the front courtyard, I hesitated whether to call the woman to let me out at the locked gate of which she had the key, or first to go up stairs and assure myself that Miss Havisham was as safe and well as I had left her. I took the latter course and went up.

I looked into the room where I had left her, and I saw her seated in the ragged chair upon the hearth close to the fire, with her back towards me. In the moment when I was withdrawing my head to go quietly away, I saw a great flaming light spring up. In the same moment I saw her running at me, shrieking, with a whirl of fire blazing all about her, and soaring at least as many feet above her head as she was high.

I had a double-caped great-coat on, and over my arm another thick coat. That I got them off, closed with her, threw her down, and got them over her; that I dragged the great cloth from the table for the same purpose, and with it dragged down the heap of rottenness in the midst, and all the ugly things that sheltered there; that we were on the ground struggling like desperate enemies, and that the closer I covered her, the more wildly she shrieked and tried to free herself – that this occurred I knew through the result, but not through anything I felt, or thought, or knew I did. I knew nothing until I knew that we were on the floor by the great table, and that patches of tinder yet alight were floating in the smoky air, which, a moment ago, had been her faded bridal dress.

Then, I looked round and saw the disturbed beetles and spiders running away over the floor, and the servants coming in with breathless cries at the door. I still held her forcibly down with all my strength, like a prisoner who might escape; and I doubt if I even knew who she was, or why we had struggled, or that she had been in flames, or that the flames were out, until I

saw the patches of tinder that had been her garments no longer alight but falling in a black shower around us.

She was insensible, and I was afraid to have her moved, or even touched. Assistance was sent for, and I held her until it came, as if I unreasonably fancied (I think I did) that, if I let her go, the fire would break out again and consume her. When I got up, on the surgeon's coming to her with other aid, I was astonished to see that both my hands were burnt; for, I had no knowledge of it through the sense of feeling.

On examination it was pronounced that she had received serious hurts, but that they of themselves were far from hopeless; the danger lay mainly in the nervous shock. By the surgeon's directions, her bed was carried into that room and laid upon the great table, which happened to be well suited to the dressing of her injuries. When I saw her again, an hour afterwards, she lay, indeed, where I had seen her strike her stick, and had heard her say that she would lie one day.

Though every vestige of her dress was burnt, as they told me, she still had something of her old ghastly bridal appearance; for, they had covered her to the throat with white cotton-wool, and as she lay with a white sheet loosely overlying that, the phantom air of something that had been and was changed was still upon her.

I found, on questioning the servants, that Estella was in Paris, and I got a promise from the surgeon that he would write to her by the next post. Miss Havisham's family I took upon myself; intending to communicate with Mr. Matthew Pocket only, and leave him to do as he liked about informing the rest. This I did next day, through Herbert, as soon as I returned to town.

There was a stage, that evening, when she spoke collectedly of what had happened, though with a certain terrible vivacity. Towards midnight she began to wander in her speech; and after that it gradually set in that she said innumerable times in a low solemn voice, "What have I done!" And then, "When she first came, I meant to save her from misery like mine". And then, "Take the pencil and write under my name, 'I forgive her!'" She never changed the order of these three sentences, but she sometimes left out a word in one or other of them; never putting in another word, but always leaving a blank and going on to the next word.

As I could do no service there, and as I had, nearer home, that pressing reason for anxiety and fear which even her wanderings could not

drive out of my mind, I decided, in the course of the night that I would return by the early morning coach, walking on a mile or so, and being taken up clear of the town. At about six o'clock of the morning, therefore, I leaned over her and touched her lips with mine, just as they said, not stopping for being touched, "Take the pencil and write under my name, 'I forgive her.'"

CHAPTER L

My hands had been dressed twice or thrice in the night, and again in the morning. My left arm was a good deal burned to the elbow, and, less severely, as high as the shoulder; it was very painful, but the flames had set in that direction, and I felt thankful it was no worse. My right hand was not so badly burnt but that I could move the fingers. It was bandaged, of course, but much less inconveniently than my left hand and arm; those I carried in a sling; and I could only wear my coat like a cloak, loose over my shoulders and fastened at the neck. My hair had been caught by the fire, but not my head or face.

When Herbert had been down to Hammersmith and seen his father, he came back to me at our chambers, and devoted the day to attending on me. He was the kindest of nurses, and at stated times took off the bandages, and steeped them in the cooling liquid that was kept ready, and put them on again, with a patient tenderness that I was deeply grateful for.

At first, as I lay quiet on the sofa, I found it painfully difficult, I might say impossible, to get rid of the impression of the glare of the flames, their hurry and noise, and the fierce burning smell. If I dozed for a minute, I was awakened by Miss Havisham's cries, and by her running at me with all that height of fire above her head. This pain of the mind was much harder to strive against than any bodily pain I suffered; and Herbert, seeing that, did his utmost to hold my attention engaged.

Neither of us spoke of the boat, but we both thought of it. That was made apparent by our avoidance of the subject, and by our agreeing – without agreement – to make my recovery of the use of my hands a question of so many hours, not of so many weeks.

My first question when I saw Herbert had been of course, whether all was well down the river? As he replied in the affirmative, with perfect confidence and cheerfulness, we did not resume the subject until the day was wearing away. But then, as Herbert changed the bandages, more by the light of the fire than by the outer light, he went back to it spontaneously.

"I sat with Provis last night, Handel, two good hours".

"Where was Clara?"

"Dear little thing!" said Herbert. "She was up and down with Gruffandgrim all the evening. He was perpetually pegging at the floor the

moment she left his sight. I doubt if he can hold out long, though. What with rum and pepper – and pepper and rum – I should think his pegging must be nearly over".

"And then you will be married, Herbert?"

"How can I take care of the dear child otherwise? Lay your arm out upon the back of the sofa, my dear boy, and I'll sit down here, and get the bandage off so gradually that you shall not know when it comes. I was speaking of Provis. Do you know, Handel, he improves?"

"I said to you I thought he was softened when I last saw him".

"So you did. And so he is. He was very communicative last night, and told me more of his life. You remember his breaking off here about some woman that he had had great trouble with. Did I hurt you?"

I had started, but not under his touch. His words had given me a start.

"I had forgotten that, Herbert, but I remember it now you speak of it".

"Well! He went into that part of his life, and a dark wild part it is. Shall I tell you? Or would it worry you just now?"

"Tell me by all means. Every word".

Herbert bent forward to look at me more nearly, as if my reply had been rather more hurried or more eager than he could quite account for. "Your head is cool?" he said, touching it.

"Quite", said I. "Tell me what Provis said, my dear Herbert".

"It seems", said Herbert, "...there's a bandage off most charmingly, and now comes the cool one – makes you shrink at first, my poor dear fellow, don't it? but it will be comfortable presently – it seems that the woman was a young woman, and a jealous woman, and a revengeful woman; revengeful, Handel, to the last degree".

"To what last degree?"

"Murder... Does it strike too cold on that sensitive place?"

"I don't feel it. How did she murder? Whom did she murder?"

"Why, the deed may not have merited quite so terrible a name", said Herbert, "but, she was tried for it, and Mr. Jaggers defended her, and the reputation of that defence first made his name known to Provis. It was another and a stronger woman who was the victim, and there had been a struggle – in a barn. Who began it, or how fair it was, or how unfair, may be doubtful; but how it ended is certainly not doubtful, for the victim was found throttled".

“Was the woman brought in guilty?”

“No; she was acquitted... My poor Handel, I hurt you!”

“It is impossible to be gentler, Herbert. Yes? What else?”

“This acquitted young woman and Provis had a little child; a little child of whom Provis was exceedingly fond. On the evening of the very night when the object of her jealousy was strangled as I tell you, the young woman presented herself before Provis for one moment, and swore that she would destroy the child (which was in her possession), and he should never see it again; then she vanished. There’s the worst arm comfortably in the sling once more, and now there remains but the right hand, which is a far easier job. I can do it better by this light than by a stronger, for my hand is steadiest when I don’t see the poor blistered patches too distinctly. You don’t think your breathing is affected, my dear boy? You seem to breathe quickly”.

“Perhaps I do, Herbert. Did the woman keep her oath?”

“There comes the darkest part of Provis’s life. She did”.

“That is, he says she did”.

“Why, of course, my dear boy”, returned Herbert, in a tone of surprise, and again bending forward to get a nearer look at me. “He says it all. I have no other information”.

“No, to be sure”.

“Now, whether”, pursued Herbert, “he had used the child’s mother ill, or whether he had used the child’s mother well, Provis doesn’t say; but she had shared some four or five years of the wretched life he described to us at this fireside, and he seems to have felt pity for her, and forbearance towards her. Therefore, fearing he should be called upon to depose about this destroyed child, and so be the cause of her death, he hid himself (much as he grieved for the child), kept himself dark, as he says, out of the way and out of the trial, and was only vaguely talked of as a certain man called Abel, out of whom the jealousy arose. After the acquittal she disappeared, and thus he lost the child and the child’s mother”.

“I want to ask...”

“A moment, my dear boy, and I have done. That evil genius, Compeyson, the worst of scoundrels among many scoundrels, knowing of his keeping out of the way at that time and of his reasons for doing so, of course afterwards held the knowledge over his head as a means of keeping him poorer and working him harder. It was clear last night that this barbed the

point of Provis's animosity".

"I want to know", said I, "and particularly, Herbert, whether he told you when this happened?"

"Particularly? Let me remember, then, what he said as to that. His expression was, 'a round score o' year ago, and a'most directly after I took up wi' Compeyson.' How old were you when you came upon him in the little churchyard?"

"I think in my seventh year".

"Ay. It had happened some three or four years then, he said, and you brought into his mind the little girl so tragically lost, who would have been about your age".

"Herbert", said I, after a short silence, in a hurried way, "can you see me best by the light of the window, or the light of the fire?"

"By the firelight", answered Herbert, coming close again.

"Look at me".

"I do look at you, my dear boy".

"Touch me".

"I do touch you, my dear boy".

"You are not afraid that I am in any fever, or that my head is much disordered by the accident of last night?"

"N-no, my dear boy", said Herbert, after taking time to examine me. "You are rather excited, but you are quite yourself".

"I know I am quite myself. And the man we have in hiding down the river, is Estella's Father".

CHAPTER LI

What purpose I had in view when I was hot on tracing out and proving Estella's parentage, I cannot say. It will presently be seen that the question was not before me in a distinct shape until it was put before me by a wiser head than my own.

But when Herbert and I had held our momentous conversation, I was seized with a feverish conviction that I ought to hunt the matter down – that I ought not to let it rest, but that I ought to see Mr. Jaggers, and come at the bare truth. I really do not know whether I felt that I did this for Estella's sake, or whether I was glad to transfer to the man in whose preservation I was so much concerned some rays of the romantic interest that had so long surrounded me. Perhaps the latter possibility may be the nearer to the truth.

Any way, I could scarcely be withheld from going out to Gerrard Street that night. Herbert's representations that, if I did, I should probably be laid up and stricken useless, when our fugitive's safety would depend upon me, alone restrained my impatience. On the understanding, again and again reiterated, that, come what would, I was to go to Mr. Jaggers tomorrow, I at length submitted to keep quiet, and to have my hurts looked after, and to stay at home. Early next morning we went out together, and at the corner of Giltspur Street by Smithfield, I left Herbert to go his way into the City, and took my way to Little Britain.

There were periodical occasions when Mr. Jaggers and Wemmick went over the office accounts, and checked off the vouchers, and put all things straight. On these occasions, Wemmick took his books and papers into Mr. Jaggers's room, and one of the up-stairs clerks came down into the outer office. Finding such clerk on Wemmick's post that morning, I knew what was going on; but I was not sorry to have Mr. Jaggers and Wemmick together, as Wemmick would then hear for himself that I said nothing to compromise him.

My appearance, with my arm bandaged and my coat loose over my shoulders, favored my object. Although I had sent Mr. Jaggers a brief account of the accident as soon as I had arrived in town, yet I had to give him all the details now; and the speciality of the occasion caused our talk to be less dry and hard, and less strictly regulated by the rules of evidence, than it had been before. While I described the disaster, Mr. Jaggers stood, according to his

wont, before the fire. Wemmick leaned back in his chair, staring at me, with his hands in the pockets of his trousers, and his pen put horizontally into the post. The two brutal casts, always inseparable in my mind from the official proceedings, seemed to be congestively considering whether they didn't smell fire at the present moment.

My narrative finished, and their questions exhausted, I then produced Miss Havisham's authority to receive the nine hundred pounds for Herbert. Mr. Jaggers's eyes retired a little deeper into his head when I handed him the tablets, but he presently handed them over to Wemmick, with instructions to draw the check for his signature. While that was in course of being done, I looked on at Wemmick as he wrote, and Mr. Jaggers, poising and swaying himself on his well-polished boots, looked on at me. "I am sorry, Pip", said he, as I put the check in my pocket, when he had signed it, "that we do nothing for you".

"Miss Havisham was good enough to ask me", I returned, "whether she could do nothing for me, and I told her No".

"Everybody should know his own business", said Mr. Jaggers. And I saw Wemmick's lips form the words "portable property".

"I should not have told her No, if I had been you", said Mr Jaggers; "but every man ought to know his own business best".

"Every man's business", said Wemmick, rather reproachfully towards me, "is portable property".

As I thought the time was now come for pursuing the theme I had at heart, I said, turning on Mr. Jaggers:

"I did ask something of Miss Havisham, however, sir. I asked her to give me some information relative to her adopted daughter, and she gave me all she possessed".

"Did she?" said Mr. Jaggers, bending forward to look at his boots and then straightening himself. "Hah! I don't think I should have done so, if I had been Miss Havisham. But she ought to know her own business best".

"I know more of the history of Miss Havisham's adopted child than Miss Havisham herself does, sir. I know her mother".

Mr. Jaggers looked at me inquiringly, and repeated "Mother?"

"I have seen her mother within these three days".

"Yes?" said Mr. Jaggers.

"And so have you, sir. And you have seen her still more recently".

“Yes?” said Mr. Jaggers.

“Perhaps I know more of Estella’s history than even you do”, said I. “I know her father too”.

A certain stop that Mr. Jaggers came to in his manner – he was too self-possessed to change his manner, but he could not help its being brought to an indefinably attentive stop – assured me that he did not know who her father was. This I had strongly suspected from Provis’s account (as Herbert had repeated it) of his having kept himself dark; which I pieced on to the fact that he himself was not Mr. Jaggers’s client until some four years later, and when he could have no reason for claiming his identity. But, I could not be sure of this unconsciousness on Mr. Jaggers’s part before, though I was quite sure of it now.

“So! You know the young lady’s father, Pip?” said Mr. Jaggers.

“Yes”, I replied, “and his name is Provis… from New South Wales”.

Even Mr. Jaggers started when I said those words. It was the slightest start that could escape a man, the most carefully repressed and the sooner checked, but he did start, though he made it a part of the action of taking out his pocket-handkerchief. How Wemmick received the announcement I am unable to say; for I was afraid to look at him just then, lest Mr. Jaggers’s sharpness should detect that there had been some communication unknown to him between us.

“And on what evidence, Pip”, asked Mr. Jaggers, very coolly, as he paused with his handkerchief half way to his nose, “does Provis make this claim?”

“He does not make it”, said I, “and has never made it, and has no knowledge or belief that his daughter is in existence”.

For once, the powerful pocket-handkerchief failed. My reply was so Unexpected, that Mr. Jaggers put the handkerchief back into his pocket without completing the usual performance, folded his arms, and looked with stern attention at me, though with an immovable face.

Then I told him all I knew, and how I knew it; with the one reservation that I left him to infer that I knew from Miss Havisham what I in fact knew from Wemmick. I was very careful indeed as to that. Nor did I look towards Wemmick until I had finished all I had to tell, and had been for some time silently meeting Mr. Jaggers’s look. When I did at last turn my eyes in Wemmick’s direction, I found that he had unposted his pen, and was intent

upon the table before him.

"Hah!" said Mr. Jaggers at last, as he moved towards the papers on the table. "What item was it you were at, Wemmick, when Mr. Pip came in?"

But I could not submit to be thrown off in that way, and I made a passionate, almost an indignant appeal, to him to be more frank and manly with me. I reminded him of the false hopes into which I had lapsed, the length of time they had lasted, and the discovery I had made: and I hinted at the danger that weighed upon my spirits. I represented myself as being surely worthy of some little confidence from him, in return for the confidence I had just now imparted. I said that I did not blame him, or suspect him, or mistrust him, but I wanted assurance of the truth from him. And if he asked me why I wanted it, and why I thought I had any right to it, I would tell him, little as he cared for such poor dreams, that I had loved Estella dearly and long, and that although I had lost her, and must live a bereaved life, whatever concerned her was still nearer and dearer to me than anything else in the world. And seeing that Mr. Jaggers stood quite still and silent, and apparently quite obdurate, under this appeal, I turned to Wemmick, and said, "Wemmick, I know you to be a man with a gentle heart. I have seen your pleasant home, and your old father, and all the innocent, cheerful playful ways with which you refresh your business life. And I entreat you to say a word for me to Mr. Jaggers, and to represent to him that, all circumstances considered, he ought to be more open with me!"

I have never seen two men look more oddly at one another than Mr. Jaggers and Wemmick did after this apostrophe. At first, a misgiving crossed me that Wemmick would be instantly dismissed from his employment; but it melted as I saw Mr. Jaggers relax into something like a smile, and Wemmick become bolder.

"What's all this?" said Mr. Jaggers. "You with an old father, and you with pleasant and playful ways?"

"Well!" returned Wemmick. "If I don't bring 'em here, what does it matter?"

"Pip", said Mr. Jaggers, laying his hand upon my arm, and smiling openly, "this man must be the most cunning impostor in all London".

"Not a bit of it", returned Wemmick, growing bolder and bolder. "I think you're another".

Again they exchanged their former odd looks, each apparently still

distrustful that the other was taking him in.

"You with a pleasant home?" said Mr. Jaggers.

"Since it don't interfere with business", returned Wemmick, "let it be so. Now, I look at you, sir, I shouldn't wonder if you might be planning and contriving to have a pleasant home of your own one of these days, when you're tired of all this work".

Mr. Jaggers nodded his head retrospectively two or three times, and actually drew a sigh. "Pip", said he, "we won't talk about 'poor dreams;' you know more about such things than I, having much fresher experience of that kind. But now about this other matter. I'll put a case to you. Mind! I admit nothing".

He waited for me to declare that I quite understood that he expressly said that he admitted nothing.

"Now, Pip", said Mr. Jaggers, "put this case. Put the case that a woman, under such circumstances as you have mentioned, held her child concealed, and was obliged to communicate the fact to her legal adviser, on his representing to her that he must know, with an eye to the latitude of his defence, how the fact stood about that child. Put the case that, at the same time he held a trust to find a child for an eccentric rich lady to adopt and bring up".

"I follow you, sir".

"Put the case that he lived in an atmosphere of evil, and that all he saw of children was their being generated in great numbers for certain destruction. Put the case that he often saw children solemnly tried at a criminal bar, where they were held up to be seen; put the case that he habitually knew of their being imprisoned, whipped, transported, neglected, cast out, qualified in all ways for the hangman, and growing up to be hanged. Put the case that pretty nigh all the children he saw in his daily business life he had reason to look upon as so much spawn, to develop into the fish that were to come to his net – to be prosecuted, defended, forsworn, made orphans, bedevilled somehow".

"I follow you, sir".

"Put the case, Pip, that here was one pretty little child out of the heap who could be saved; whom the father believed dead, and dared make no stir about; as to whom, over the mother, the legal adviser had this power: "I know what you did, and how you did it. You came so and so, you did such and such things to divert suspicion. I have tracked you through it all, and I tell it you

all. Part with the child, unless it should be necessary to produce it to clear you, and then it shall be produced. Give the child into my hands, and I will do my best to bring you off. If you are saved, your child is saved too; if you are lost, your child is still saved". Put the case that this was done, and that the woman was cleared".

"I understand you perfectly".

"But that I make no admissions?"

"That you make no admissions". And Wemmick repeated, "No admissions".

"Put the case, Pip, that passion and the terror of death had a little shaken the woman's intellects, and that when she was set at liberty, she was scared out of the ways of the world, and went to him to be sheltered. Put the case that he took her in, and that he kept down the old, wild, violent nature whenever he saw an inkling of its breaking out, by asserting his power over her in the old way. Do you comprehend the imaginary case?"

"Quite".

"Put the case that the child grew up, and was married for money. That the mother was still living. That the father was still living. That the mother and father, unknown to one another, were dwelling within so many miles, furlongs, yards if you like, of one another. That the secret was still a secret, except that you had got wind of it. Put that last case to yourself very carefully".

"I do".

"I ask Wemmick to put it to himself very carefully".

And Wemmick said, "I do".

"For whose sake would you reveal the secret? For the father's? I think he would not be much the better for the mother. For the mother's? I think if she had done such a deed she would be safer where she was. For the daughter's? I think it would hardly serve her to establish her parentage for the information of her husband, and to drag her back to disgrace, after an escape of twenty years, pretty secure to last for life. But add the case that you had loved her, Pip, and had made her the subject of those 'poor dreams' which have, at one time or another, been in the heads of more men than you think likely, then I tell you that you had better – and would much sooner when you had thought well of it – chop off that bandaged left hand of yours with your bandaged right hand, and then pass the chopper on to Wemmick there, to cut

that off too".

I looked at Wemmick, whose face was very grave. He gravely touched his lips with his forefinger. I did the same. Mr. Jaggers did the same. "Now, Wemmick", said the latter then, resuming his usual manner, "what item was it you were at when Mr. Pip came in?"

Standing by for a little, while they were at work, I observed that the odd looks they had cast at one another were repeated several times: with this difference now, that each of them seemed suspicious, not to say conscious, of having shown himself in a weak and unprofessional light to the other. For this reason, I suppose, they were now inflexible with one another; Mr. Jaggers being highly dictatorial, and Wemmick obstinately justifying himself whenever there was the smallest point in abeyance for a moment. I had never seen them on such ill terms; for generally they got on very well indeed together.

But they were both happily relieved by the opportune appearance of Mike, the client with the fur cap and the habit of wiping his nose on his sleeve, whom I had seen on the very first day of my appearance within those walls. This individual, who, either in his own person or in that of some member of his family, seemed to be always in trouble (which in that place meant Newgate), called to announce that his eldest daughter was taken up on suspicion of shoplifting. As he imparted this melancholy circumstance to Wemmick, Mr. Jaggers standing magisterially before the fire and taking no share in the proceedings, Mike's eye happened to twinkle with a tear.

"What are you about?" demanded Wemmick, with the utmost indignation. "What do you come snivelling here for?"

"I didn't go to do it, Mr. Wemmick".

"You did", said Wemmick. "How dare you? You're not in a fit state to come here, if you can't come here without spluttering like a bad pen. What do you mean by it?"

"A man can't help his feelings, Mr. Wemmick", pleaded Mike.

"His what?" demanded Wemmick, quite savagely. "Say that again!"

"Now look here my man", said Mr. Jaggers, advancing a step, and pointing to the door. "Get out of this office. I'll have no feelings here. Get out".

"It serves you right", said Wemmick, "Get out".

So, the unfortunate Mike very humbly withdrew, and Mr. Jaggers and

Wemmick appeared to have re-established their good understanding, and went to work again with an air of refreshment upon them as if they had just had lunch.

CHAPTER LII

From Little Britain I went, with my check in my pocket, to Miss Skiffins's brother, the accountant; and Miss Skiffins's brother, the accountant, going straight to Clarriker's and bringing Clarriker to me, I had the great satisfaction of concluding that arrangement. It was the only good thing I had done, and the only completed thing I had done, since I was first apprised of my great expectations.

Clarriker informing me on that occasion that the affairs of the House were steadily progressing, that he would now be able to establish a small branch-house in the East which was much wanted for the extension of the business, and that Herbert in his new partnership capacity would go out and take charge of it, I found that I must have prepared for a separation from my friend, even though my own affairs had been more settled. And now, indeed, I felt as if my last anchor were loosening its hold, and I should soon be driving with the winds and waves.

But there was recompense in the joy with which Herbert would come home of a night and tell me of these changes, little imagining that he told me no news, and would sketch airy pictures of himself conducting Clara Barley to the land of the Arabian Nights, and of me going out to join them (with a caravan of camels, I believe), and of our all going up the Nile and seeing wonders. Without being sanguine as to my own part in those bright plans, I felt that Herbert's way was clearing fast, and that old Bill Barley had but to stick to his pepper and rum, and his daughter would soon be happily provided for.

We had now got into the month of March. My left arm, though it presented no bad symptoms, took, in the natural course, so long to heal that I was still unable to get a coat on. My right arm was tolerably restored; disfigured, but fairly serviceable.

On a Monday morning, when Herbert and I were at breakfast, I received the following letter from Wemmick by the post.

"Walworth. Burn this as soon as read. Early in the week, or say Wednesday, you might do what you know of, if you felt disposed to try it. Now burn".

When I had shown this to Herbert and had put it in the fire – but not before we had both got it by heart – we considered what to do. For, of course

my being disabled could now be no longer kept out of view.

"I have thought it over again and again", said Herbert, "and I think I know a better course than taking a Thames waterman. Take Startop. A good fellow, a skilled hand, fond of us, and enthusiastic and honorable".

I had thought of him more than once.

"But how much would you tell him, Herbert?"

"It is necessary to tell him very little. Let him suppose it a mere freak, but a secret one, until the morning comes: then let him know that there is urgent reason for your getting Provis aboard and away. You go with him?"

"No doubt".

"Where?"

It had seemed to me, in the many anxious considerations I had given the point, almost indifferent what port we made for – Hamburg, Rotterdam, Antwerp – the place signified little, so that he was out of England. Any foreign steamer that fell in our way and would take us up would do. I had always proposed to myself to get him well down the river in the boat; certainly well beyond Gravesend, which was a critical place for search or inquiry if suspicion were afoot. As foreign steamers would leave London at about the time of high-water, our plan would be to get down the river by a previous ebb-tide, and lie by in some quiet spot until we could pull off to one. The time when one would be due where we lay, wherever that might be, could be calculated pretty nearly, if we made inquiries beforehand.

Herbert assented to all this, and we went out immediately after breakfast to pursue our investigations. We found that a steamer for Hamburg was likely to suit our purpose best, and we directed our thoughts chiefly to that vessel. But we noted down what other foreign steamers would leave London with the same tide, and we satisfied ourselves that we knew the build and color of each. We then separated for a few hours: I, to get at once such passports as were necessary; Herbert, to see Startop at his lodgings. We both did what we had to do without any hindrance, and when we met again at one o'clock reported it done. I, for my part, was prepared with passports; Herbert had seen Startop, and he was more than ready to join.

Those two should pull a pair of oars, we settled, and I would steer; our charge would be sitter, and keep quiet; as speed was not our object, we should make way enough. We arranged that Herbert should not come home to dinner before going to Mill Pond Bank that evening; that he should not go

there at all tomorrow evening, Tuesday; that he should prepare Provis to come down to some stairs hard by the house, on Wednesday, when he saw us approach, and not sooner; that all the arrangements with him should be concluded that Monday night; and that he should be communicated with no more in any way, until we took him on board.

These precautions well understood by both of us, I went home.

On opening the outer door of our chambers with my key, I found a letter in the box, directed to me; a very dirty letter, though not ill-written. It had been delivered by hand (of course, since I left home), and its contents were these:

"If you are not afraid to come to the old marshes tonight or tomorrow night at nine, and to come to the little sluice-house by the limekiln, you had better come. If you want information regarding your uncle Provis, you had much better come and tell no one, and lose no time. You must come alone. Bring this with you".

I had had load enough upon my mind before the receipt of this strange letter. What to do now, I could not tell. And the worst was, that I must decide quickly, or I should miss the afternoon coach, which would take me down in time for tonight. Tomorrow night I could not think of going, for it would be too close upon the time of the flight. And again, for anything I knew, the proffered information might have some important bearing on the flight itself.

If I had had ample time for consideration, I believe I should still have gone. Having hardly any time for consideration – my watch showing me that the coach started within half an hour – I resolved to go. I should certainly not have gone, but for the reference to my Uncle Provis. That, coming on Wemmick's letter and the morning's busy preparation, turned the scale.

It is so difficult to become clearly possessed of the contents of almost any letter, in a violent hurry, that I had to read this mysterious epistle again twice, before its injunction to me to be secret got mechanically into my mind. Yielding to it in the same mechanical kind of way, I left a note in pencil for Herbert, telling him that as I should be so soon going away, I knew not for how long, I had decided to hurry down and back, to ascertain for myself how Miss Havisham was faring. I had then barely time to get my great-coat, lock up the chambers, and make for the coach-office by the short by-ways. If I had taken a hackney-chariot and gone by the streets, I should have missed my aim; going as I did, I caught the coach just as it came out of the yard. I was

the only inside passenger, jolting away knee-deep in straw, when I came to myself.

For I really had not been myself since the receipt of the letter; it had so bewildered me, ensuing on the hurry of the morning. The morning hurry and flutter had been great; for, long and anxiously as I had waited for Wemmick, his hint had come like a surprise at last. And now I began to wonder at myself for being in the coach, and to doubt whether I had sufficient reason for being there, and to consider whether I should get out presently and go back, and to argue against ever heeding an anonymous communication, and, in short, to pass through all those phases of contradiction and indecision to which I suppose very few hurried people are strangers. Still, the reference to Provis by name mastered everything. I reasoned as I had reasoned already without knowing it – if that be reasoning – in case any harm should befall him through my not going, how could I ever forgive myself!

It was dark before we got down, and the journey seemed long and dreary to me, who could see little of it inside, and who could not go outside in my disabled state. Avoiding the Blue Boar, I put up at an inn of minor reputation down the town, and ordered some dinner. While it was preparing, I went to Satis House and inquired for Miss Havisham; she was still very ill, though considered something better.

My inn had once been a part of an ancient ecclesiastical house, and I dined in a little octagonal common-room, like a font. As I was not able to cut my dinner, the old landlord with a shining bald head did it for me. This bringing us into conversation, he was so good as to entertain me with my own story – of course with the popular feature that Pumblechook was my earliest benefactor and the founder of my fortunes.

“Do you know the young man?” said I.

“Know him!” repeated the landlord. “Ever since he was… no height at all”.

“Does he ever come back to this neighborhood?”

“Ay, he comes back”, said the landlord, “to his great friends, now and again, and gives the cold shoulder to the man that made him”.

“What man is that?”

“Him that I speak of”, said the landlord. “Mr. Pumblechook”.

“Is he ungrateful to no one else?”

“No doubt he would be, if he could”, returned the landlord, “but he

can’t. And why? Because Pumblechook done everything for him”.

“Does Pumblechook say so?”

“Say so!” replied the landlord. “He han’t no call to say so”.

“But does he say so?”

“It would turn a man’s blood to white wine winegar to hear him tell of it, sir”, said the landlord.

I thought, “Yet Joe, dear Joe, you never tell of it. Long-suffering and loving Joe, you never complain. Nor you, sweet-tempered Biddy!”

“Your appetite’s been touched like by your accident”, said the landlord, glancing at the bandaged arm under my coat. “Try a tenderer bit”.

“No, thank you”, I replied, turning from the table to brood over the fire. “I can eat no more. Please take it away”.

I had never been struck at so keenly, for my thanklessness to Joe, as through the brazen impostor Pumblechook. The falser he, the truer Joe; the meaner he, the nobler Joe.

My heart was deeply and most deservedly humbled as I mused over the fire for an hour or more. The striking of the clock aroused me, but not from my dejection or remorse, and I got up and had my coat fastened round my neck, and went out. I had previously sought in my pockets for the letter, that I might refer to it again; but I could not find it, and was uneasy to think that it must have been dropped in the straw of the coach. I knew very well, however, that the appointed place was the little sluice-house by the limekiln on the marshes, and the hour nine. Towards the marshes I now went straight, having no time to spare.

CHAPTER LIII

It was a dark night, though the full moon rose as I left the enclosed lands, and passed out upon the marshes. Beyond their dark line there was a ribbon of clear sky, hardly broad enough to hold the red large moon. In a few minutes she had ascended out of that clear field, in among the piled mountains of cloud.

There was a melancholy wind, and the marshes were very dismal. A stranger would have found them insupportable, and even to me they were so oppressive that I hesitated, half inclined to go back. But I knew them well, and could have found my way on a far darker night, and had no excuse for returning, being there. So, having come there against my inclination, I went on against it.

The direction that I took was not that in which my old home lay, nor that in which we had pursued the convicts. My back was turned towards the distant Hulks as I walked on, and, though I could see the old lights away on the spits of sand, I saw them over my shoulder. I knew the limekiln as well as I knew the old Battery, but they were miles apart; so that, if a light had been burning at each point that night, there would have been a long strip of the blank horizon between the two bright specks.

At first, I had to shut some gates after me, and now and then to stand still while the cattle that were lying in the banked-up pathway arose and blundered down among the grass and reeds. But after a little while I seemed to have the whole flats to myself.

It was another half-hour before I drew near to the kiln. The lime was burning with a sluggish stifling smell, but the fires were made up and left, and no workmen were visible. Hard by was a small stone-quarry. It lay directly in my way, and had been worked that day, as I saw by the tools and barrows that were lying about.

Coming up again to the marsh level out of this excavation – for the rude path lay through it – I saw a light in the old sluice-house. I quickened my pace, and knocked at the door with my hand. Waiting for some reply, I looked about me, noticing how the sluice was abandoned and broken, and how the house – of wood with a tiled roof – would not be proof against the weather much longer, if it were so even now, and how the mud and ooze were coated with lime, and how the choking vapor of the kiln crept in a

ghostly way towards me. Still there was no answer, and I knocked again. No answer still, and I tried the latch.

It rose under my hand, and the door yielded. Looking in, I saw a lighted candle on a table, a bench, and a mattress on a truckle bedstead. As there was a loft above, I called, “Is there any one here?” but no voice answered. Then I looked at my watch, and, finding that it was past nine, called again, “Is there any one here?” There being still no answer, I went out at the door, irresolute what to do.

It was beginning to rain fast. Seeing nothing save what I had seen already, I turned back into the house, and stood just within the shelter of the doorway, looking out into the night. While I was considering that some one must have been there lately and must soon be coming back, or the candle would not be burning, it came into my head to look if the wick were long. I turned round to do so, and had taken up the candle in my hand, when it was extinguished by some violent shock; and the next thing I comprehended was, that I had been caught in a strong running noose, thrown over my head from behind.

“Now”, said a suppressed voice with an oath, “I’ve got you!”

“What is this?” I cried, struggling. “Who is it? Help, help, help!”

Not only were my arms pulled close to my sides, but the pressure on my bad arm caused me exquisite pain. Sometimes, a strong man’s hand, sometimes a strong man’s breast, was set against my mouth to deaden my cries, and with a hot breath always close to me, I struggled ineffectually in the dark, while I was fastened tight to the wall. “And now”, said the suppressed voice with another oath, “call out again, and I’ll make short work of you!”

Faint and sick with the pain of my injured arm, bewildered by the surprise, and yet conscious how easily this threat could be put in execution, I desisted, and tried to ease my arm were it ever so little. But, it was bound too tight for that. I felt as if, having been burnt before, it were now being boiled.

The sudden exclusion of the night, and the substitution of black darkness in its place, warned me that the man had closed a shutter. After groping about for a little, he found the flint and steel he wanted, and began to strike a light. I strained my sight upon the sparks that fell among the tinder, and upon which he breathed and breathed, match in hand, but I could only see his lips, and the blue point of the match; even those but fitfully. The

tinder was damp – no wonder there – and one after another the sparks died out.

The man was in no hurry, and struck again with the flint and steel. As the sparks fell thick and bright about him, I could see his hands, and touches of his face, and could make out that he was seated and bending over the table; but nothing more. Presently I saw his blue lips again, breathing on the tinder, and then a flare of light flashed up, and showed me Orlick.

Whom I had looked for, I don't know. I had not looked for him. Seeing him, I felt that I was in a dangerous strait indeed, and I kept my eyes upon him.

He lighted the candle from the flaring match with great deliberation, and dropped the match, and trod it out. Then he put the candle away from him on the table, so that he could see me, and sat with his arms folded on the table and looked at me. I made out that I was fastened to a stout perpendicular ladder a few inches from the wall – a fixture there – the means of ascent to the loft above.

"Now", said he, when we had surveyed one another for some time, "I've got you".

"Unbind me. Let me go!"

"Ah!" he returned, "I'll let you go. I'll let you go to the moon, I'll let you go to the stars. All in good time".

"Why have you lured me here?"

"Don't you know?" said he, with a deadly look.

"Why have you set upon me in the dark?"

"Because I mean to do it all myself. One keeps a secret better than two. O you enemy, you enemy!"

His enjoyment of the spectacle I furnished, as he sat with his arms folded on the table, shaking his head at me and hugging himself, had a malignity in it that made me tremble. As I watched him in silence, he put his hand into the corner at his side, and took up a gun with a brass-bound stock.

"Do you know this?" said he, making as if he would take aim at me. "Do you know where you saw it afore? Speak, wolf!"

"Yes", I answered.

"You cost me that place. You did. Speak!"

"What else could I do?"

"You did that, and that would be enough, without more. How dared

you to come betwixt me and a young woman I liked?"

"When did I?"

"When didn't you? It was you as always give Old Orlick a bad name to her".

"You gave it to yourself; you gained it for yourself. I could have done you no harm, if you had done yourself none".

"You're a liar. And you'll take any pains, and spend any money, to drive me out of this country, will you?" said he, repeating my words to Biddy in the last interview I had with her. "Now, I'll tell you a piece of information. It was never so well worth your while to get me out of this country as it is tonight. Ah! If it was all your money twenty times told, to the last brass farden!" As he shook his heavy hand at me, with his mouth snarling like a tiger's, I felt that it was true.

"What are you going to do to me?"

"I'm a going", said he, bringing his fist down upon the table with a heavy blow, and rising as the blow fell to give it greater force, "I'm a going to have your life!"

He leaned forward staring at me, slowly unclenched his hand and drew it across his mouth as if his mouth watered for me, and sat down again.

"You was always in Old Orlick's way since ever you was a child. You goes out of his way this present night. He'll have no more on you. You're dead".

I felt that I had come to the brink of my grave. For a moment I looked wildly round my trap for any chance of escape; but there was none.

"More than that", said he, folding his arms on the table again, "I won't have a rag of you, I won't have a bone of you, left on earth. I'll put your body in the kiln – I'd carry two such to it, on my Shoulders – and, let people suppose what they may of you, they shall never know nothing".

My mind, with inconceivable rapidity followed out all the consequences of such a death. Estella's father would believe I had deserted him, would be taken, would die accusing me; even Herbert would doubt me, when he compared the letter I had left for him with the fact that I had called at Miss Havisham's gate for only a moment; Joe and Biddy would never know how sorry I had been that night, none would ever know what I had suffered, how true I had meant to be, what an agony I had passed through. The death close before me was terrible, but far more terrible than death was

the dread of being misremembered after death. And so quick were my thoughts, that I saw myself despised by unborn generations – Estella's children, and their children – while the wretch's words were yet on his lips.

"Now, wolf", said he, "afore I kill you like any other beast – which is wot I mean to do and wot I have tied you up for – I'll have a good look at you and a good goad at you. Oh you enemy!"

It had passed through my thoughts to cry out for help again; though few could know better than I, the solitary nature of the spot, and the hopelessness of aid. But as he sat gloating over me, I was supported by a scornful detestation of him that sealed my lips. Above all things, I resolved that I would not entreat him, and that I would die making some last poor resistance to him. Softened as my thoughts of all the rest of men were in that dire extremity; humbly beseeching pardon, as I did, of Heaven; melted at heart, as I was, by the thought that I had taken no farewell, and never now could take farewell of those who were dear to me, or could explain myself to them, or ask for their compassion on my miserable errors – still, if I could have killed him, even in dying, I would have done it.

He had been drinking, and his eyes were red and bloodshot. Around his neck was slung a tin bottle, as I had often seen his meat and drink slung about him in other days. He brought the bottle to his lips, and took a fiery drink from it; and I smelt the strong spirits that I saw flash into his face.

"Wolf!" said he, folding his arms again, "Old Orlick's a going to tell you somethink. It was you as did for your shrew sister".

Again my mind, with its former inconceivable rapidity, had exhausted the whole subject of the attack upon my sister, her illness, and her death, before his slow and hesitating speech had formed these words.

"It was you, villain", said I.

"I tell you it was your doing – I tell you it was done through you", he retorted, catching up the gun, and making a blow with the stock at the vacant air between us. "I come upon her from behind, as I come upon you tonight. I giv' it her! I left her for dead, and if there had been a limekiln as nigh her as there is now nigh you, she shouldn't have come to life again. But it warn't Old Orlick as did it; it was you. You was favored, and he was bullied and beat. Old Orlick bullied and beat, eh? Now you pays for it. You done it; now you pays for it".

He drank again, and became more ferocious. I saw by his tilting of the

bottle that there was no great quantity left in it. I distinctly understood that he was working himself up with its contents to make an end of me. I knew that every drop it held was a drop of my life. I knew that when I was changed into a part of the vapor that had crept towards me but a little while before, like my own warning ghost, he would do as he had done in my sister's case – make all haste to the town, and be seen slouching about there drinking at the alehouses. My rapid mind pursued him to the town, made a picture of the street with him in it, and contrasted its lights and life with the lonely marsh and the white vapor creeping over it, into which I should have dissolved.

It was not only that I could have summed up years and years and years while he said a dozen words, but that what he did say presented pictures to me, and not mere words. In the excited and exalted state of my brain, I could not think of a place without seeing it, or of persons without seeing them. It is impossible to overstate the vividness of these images, and yet I was so intent, all the time, upon him himself – who would not be intent on the tiger crouching to spring! – that I knew of the slightest action of his fingers.

When he had drunk this second time, he rose from the bench on which he sat, and pushed the table aside. Then, he took up the candle, and, shading it with his murderous hand so as to throw its light on me, stood before me, looking at me and enjoying the sight.

"Wolf, I'll tell you something more. It was Old Orlick as you tumbled over on your stairs that night".

I saw the staircase with its extinguished lamps. I saw the shadows of the heavy stair-rails, thrown by the watchman's lantern on the wall. I saw the rooms that I was never to see again; here, a door half open; there, a door closed; all the articles of furniture around.

"And why was Old Orlick there? I'll tell you something more, wolf. You and her have pretty well hunted me out of this country, so far as getting a easy living in it goes, and I've took up with new companions, and new masters. Some of 'em writes my letters when I wants 'em wrote – do you mind? – writes my letters, wolf! They writes fifty hands; they're not like sneaking you, as writes but one. I've had a firm mind and a firm will to have your life, since you was down here at your sister's burying. I han't seen a way to get you safe, and I've looked arter you to know your ins and outs. For, says Old Orlick to himself, 'Somehow or another I'll have him!' What! When I looks for you, I finds your uncle Provis, eh?"

Mill Pond Bank, and Chinks's Basin, and the Old Green Copper Ropewalk, all so clear and plain! Provis in his rooms, the signal whose use was over, pretty Clara, the good motherly woman, old Bill Barley on his back, all drifting by, as on the swift stream of my life fast running out to sea!

"You with a uncle too! Why, I know'd you at Gargery's when you was so small a wolf that I could have took your weazen betwixt this finger and thumb and chucked you away dead (as I'd thoughts o' doing, odd times, when I see you loitering amongst the pollards on a Sunday), and you hadn't found no uncles then. No, not you! But when Old Orlick come for to hear that your uncle Provis had most like wore the leg-iron wot Old Orlick had picked up, filed asunder, on these meshes ever so many year ago, and wot he kep by him till he dropped your sister with it, like a bullock, as he means to drop you… hey?... when he come for to hear that… hey?"

In his savage taunting, he flared the candle so close at me that I turned my face aside to save it from the flame.

"Ah!" he cried, laughing, after doing it again, "the burnt child dreads the fire! Old Orlick knowed you was burnt, Old Orlick knowed you was smuggling your uncle Provis away, Old Orlick's a match for you and know'd you'd come tonight! Now I'll tell you something more, wolf, and this ends it. There's them that's as good a match for your uncle Provis as Old Orlick has been for you. Let him 'ware them, when he's lost his nevvy! Let him 'ware them, when no man can't find a rag of his dear relation's clothes, nor yet a bone of his body. There's them that can't and that won't have Magwitch – yes, I know the name! – alive in the same land with them, and that's had such sure information of him when he was alive in another land, as that he couldn't and shouldn't leave it unbeknown and put them in danger. P'raps it's them that writes fifty hands, and that's not like sneaking you as writes but one. 'Ware Compeyson, Magwitch, and the gallows!"

He flared the candle at me again, smoking my face and hair, and for an instant blinding me, and turned his powerful back as he replaced the light on the table. I had thought a prayer, and had been with Joe and Biddy and Herbert, before he turned towards me again.

There was a clear space of a few feet between the table and the opposite wall. Within this space, he now slouched backwards and forwards. His great strength seemed to sit stronger upon him than ever before, as he did this with his hands hanging loose and heavy at his sides, and with his eyes

scowling at me. I had no grain of hope left. Wild as my inward hurry was, and wonderful the force of the pictures that rushed by me instead of thoughts, I could yet clearly understand that, unless he had resolved that I was within a few moments of surely perishing out of all human knowledge, he would never have told me what he had told.

Of a sudden, he stopped, took the cork out of his bottle, and tossed it away. Light as it was, I heard it fall like a plummet. He swallowed slowly, tilting up the bottle by little and little, and now he looked at me no more. The last few drops of liquor he poured into the palm of his hand, and licked up. Then, with a sudden hurry of violence and swearing horribly, he threw the bottle from him, and stooped; and I saw in his hand a stone-hammer with a long heavy handle.

The resolution I had made did not desert me, for, without uttering one vain word of appeal to him, I shouted out with all my might, and struggled with all my might. It was only my head and my legs that I could move, but to that extent I struggled with all the force, until then unknown, that was within me. In the same instant I heard responsive shouts, saw figures and a gleam of light dash in at the door, heard voices and tumult, and saw Orlick emerge from a struggle of men, as if it were tumbling water, clear the table at a leap, and fly out into the night.

After a blank, I found that I was lying unbound, on the floor, in the same place, with my head on some one's knee. My eyes were fixed on the ladder against the wall, when I came to myself – had opened on it before my mind saw it – and thus as I recovered consciousness, I knew that I was in the place where I had lost it.

Too indifferent at first, even to look round and ascertain who supported me, I was lying looking at the ladder, when there came between me and it a face. The face of Trabb's boy!

"I think he's all right!" said Trabb's boy, in a sober voice; "but ain't he just pale though!"

At these words, the face of him who supported me looked over into mine, and I saw my supporter to be –

"Herbert! Great Heaven!"

"Softly", said Herbert. "Gently, Handel. Don't be too eager".

"And our old comrade, Startop!" I cried, as he too bent over me.

"Remember what he is going to assist us in", said Herbert, "and be

calm”.

The allusion made me spring up; though I dropped again from the pain in my arm. “The time has not gone by, Herbert, has it? What night is tonight? How long have I been here?” For, I had a strange and strong misgiving that I had been lying there a long time – a day and a night – two days and nights – more.

“The time has not gone by. It is still Monday night”.

“Thank God!”

“And you have all tomorrow, Tuesday, to rest in”, said Herbert. “But you can’t help groaning, my dear Handel. What hurt have you got? Can you stand?”

“Yes, yes”, said I, “I can walk. I have no hurt but in this throbbing arm”.

They laid it bare, and did what they could. It was violently swollen and inflamed, and I could scarcely endure to have it touched. But, they tore up their handkerchiefs to make fresh bandages, and carefully replaced it in the sling, until we could get to the town and obtain some cooling lotion to put upon it. In a little while we had shut the door of the dark and empty sluice-house, and were passing through the quarry on our way back. Trabb’s boy – Trabb’s overgrown young man now – went before us with a lantern, which was the light I had seen come in at the door. But, the moon was a good two hours higher than when I had last seen the sky, and the night, though rainy, was much lighter. The white vapor of the kiln was passing from us as we went by, and as I had thought a prayer before, I thought a thanksgiving now.

Entreating Herbert to tell me how he had come to my rescue – which at first he had flatly refused to do, but had insisted on my remaining quiet – I learnt that I had in my hurry dropped the letter, open, in our chambers, where he, coming home to bring with him Startop whom he had met in the street on his way to me, found it, very soon after I was gone. Its tone made him uneasy, and the more so because of the inconsistency between it and the hasty letter I had left for him. His uneasiness increasing instead of subsiding, after a quarter of an hour’s consideration, he set off for the coach-office with Startop, who volunteered his company, to make inquiry when the next coach went down. Finding that the afternoon coach was gone, and finding that his uneasiness grew into positive alarm, as obstacles came in his way, he resolved to follow in a post-chaise. So he and Startop arrived at the Blue

Boar, fully expecting there to find me, or tidings of me; but, finding neither, went on to Miss Havisham's, where they lost me. Hereupon they went back to the hotel (doubtless at about the time when I was hearing the popular local version of my own story) to refresh themselves and to get some one to guide them out upon the marshes. Among the loungers under the Boar's archway happened to be Trabb's Boy – true to his ancient habit of happening to be everywhere where he had no business – and Trabb's boy had seen me passing from Miss Havisham's in the direction of my dining-place. Thus Trabb's boy became their guide, and with him they went out to the sluice-house, though by the town way to the marshes, which I had avoided. Now, as they went along, Herbert reflected, that I might, after all, have been brought there on some genuine and serviceable errand tending to Provis's safety, and, bethinking himself that in that case interruption must be mischievous, left his guide and Startop on the edge of the quarry, and went on by himself, and stole round the house two or three times, endeavouring to ascertain whether all was right within. As he could hear nothing but indistinct sounds of one deep rough voice (this was while my mind was so busy), he even at last began to doubt whether I was there, when suddenly I cried out loudly, and he answered the cries, and rushed in, closely followed by the other two.

When I told Herbert what had passed within the house, he was for our immediately going before a magistrate in the town, late at night as it was, and getting out a warrant. But, I had already considered that such a course, by detaining us there, or binding us to come back, might be fatal to Provis. There was no gainsaying this difficulty, and we relinquished all thoughts of pursuing Orlick at that time. For the present, under the circumstances, we deemed it prudent to make rather light of the matter to Trabb's boy; who, I am convinced, would have been much affected by disappointment, if he had known that his intervention saved me from the limekiln. Not that Trabb's boy was of a malignant nature, but that he had too much spare vivacity, and that it was in his constitution to want variety and excitement at anybody's expense. When we parted, I presented him with two guineas (which seemed to meet his views), and told him that I was sorry ever to have had an ill opinion of him (which made no impression on him at all).

Wednesday being so close upon us, we determined to go back to London that night, three in the post-chaise; the rather, as we should then be clear away before the night's adventure began to be talked of. Herbert got a

large bottle of stuff for my arm; and by dint of having this stuff dropped over it all the night through, I was just able to bear its pain on the journey. It was daylight when we reached the Temple, and I went at once to bed, and lay in bed all day.

My terror, as I lay there, of falling ill, and being unfitted for tomorrow, was so besetting, that I wonder it did not disable me of itself. It would have done so, pretty surely, in conjunction with the mental wear and tear I had suffered, but for the unnatural strain upon me that tomorrow was. So anxiously looked forward to, charged with such consequences, its results so impenetrably hidden, though so near.

No precaution could have been more obvious than our refraining from communication with him that day; yet this again increased my restlessness. I started at every footstep and every sound, believing that he was discovered and taken, and this was the messenger to tell me so. I persuaded myself that I knew he was taken; that there was something more upon my mind than a fear or a presentiment; that the fact had occurred, and I had a mysterious knowledge of it. As the days wore on, and no ill news came, as the day closed in and darkness fell, my overshadowing dread of being disabled by illness before tomorrow morning altogether mastered me. My burning arm throbbed, and my burning head throbbed, and I fancied I was beginning to wander. I counted up to high numbers, to make sure of myself, and repeated passages that I knew in prose and verse. It happened sometimes that in the mere escape of a fatigued mind, I dozed for some moments or forgot; then I would say to myself with a start, “Now it has come, and I am turning delirious!”

They kept me very quiet all day, and kept my arm constantly dressed, and gave me cooling drinks. Whenever I fell asleep, I awoke with the notion I had had in the sluice-house, that a long time had elapsed and the opportunity to save him was gone. About midnight I got out of bed and went to Herbert, with the conviction that I had been asleep for four-and-twenty hours, and that Wednesday was past. It was the last self-exhausting effort of my fretfulness, for after that I slept soundly.

Wednesday morning was dawning when I looked out of window. The winking lights upon the bridges were already pale, the coming sun was like a marsh of fire on the horizon. The river, still dark and mysterious, was spanned by bridges that were turning coldly gray, with here and there at top a warm touch from the burning in the sky. As I looked along the clustered

roofs, with church-towers and spires shooting into the unusually clear air, the sun rose up, and a veil seemed to be drawn from the river, and millions of sparkles burst out upon its waters. From me too, a veil seemed to be drawn, and I felt strong and well.

Herbert lay asleep in his bed, and our old fellow-student lay asleep on the sofa. I could not dress myself without help; but I made up the fire, which was still burning, and got some coffee ready for them. In good time they too started up strong and well, and we admitted the sharp morning air at the windows, and looked at the tide that was still flowing towards us.

“When it turns at nine o’clock”, said Herbert, cheerfully, “look out for us, and stand ready, you over there at Mill Pond Bank!”

CHAPTER LIV

It was one of those March days when the sun shines hot and the wind blows cold: when it is summer in the light, and winter in the shade. We had our pea-coats with us, and I took a bag. Of all my worldly possessions I took no more than the few necessaries that filled the bag. Where I might go, what I might do, or when I might return, were questions utterly unknown to me; nor did I vex my mind with them, for it was wholly set on Provis's safety. I only wondered for the passing moment, as I stopped at the door and looked back, under what altered circumstances I should next see those rooms, if ever.

We loitered down to the Temple stairs, and stood loitering there, as if we were not quite decided to go upon the water at all. Of course, I had taken care that the boat should be ready and everything in order. After a little show of indecision, which there were none to see but the two or three amphibious creatures belonging to our Temple stairs, we went on board and cast off; Herbert in the bow, I steering. It was then about high-water – half-past eight.

Our plan was this. The tide, beginning to run down at nine, and being with us until three, we intended still to creep on after it had turned, and row against it until dark. We should then be well in those long reaches below Gravesend, between Kent and Essex, where the river is broad and solitary, where the water-side inhabitants are very few, and where lone public-houses are scattered here and there, of which we could choose one for a resting-place. There, we meant to lie by all night. The steamer for Hamburg and the steamer for Rotterdam would start from London at about nine on Thursday morning. We should know at what time to expect them, according to where we were, and would hail the first; so that, if by any accident we were not taken abroad, we should have another chance. We knew the distinguishing marks of each vessel.

The relief of being at last engaged in the execution of the purpose was so great to me that I felt it difficult to realize the condition in which I had been a few hours before. The crisp air, the sunlight, the movement on the river, and the moving river itself – the road that ran with us, seeming to sympathize with us, animate us, and encourage us on – freshened me with new hope. I felt mortified to be of so little use in the boat; but, there were few better oarsmen than my two friends, and they rowed with a steady stroke that was to last all day.

At that time, the steam-traffic on the Thames was far below its present extent, and watermen's boats were far more numerous. Of barges, sailing colliers, and coasting-traders, there were perhaps, as many as now; but of steam-ships, great and small, not a tithe or a twentieth part so many. Early as it was, there were plenty of scullers going here and there that morning, and plenty of barges dropping down with the tide; the navigation of the river between bridges, in an open boat, was a much easier and commoner matter in those days than it is in these; and we went ahead among many skiffs and wherries briskly.

Old London Bridge was soon passed, and old Billingsgate Market with its oyster-boats and Dutchmen, and the White Tower and Traitor's Gate, and we were in among the tiers of shipping. Here were the Leith, Aberdeen, and Glasgow steamers, loading and unloading goods, and looking immensely high out of the water as we passed alongside; here, were colliers by the score and score, with the coal-whippers plunging off stages on deck, as counterweights to measures of coal swinging up, which were then rattled over the side into barges; here, at her moorings was tomorrow's steamer for Rotterdam, of which we took good notice; and here tomorrow's for Hamburg, under whose bowsprit we crossed. And now I, sitting in the stern, could see, with a faster beating heart, Mill Pond Bank and Mill Pond stairs.

"Is he there?" said Herbert.

"Not yet".

"Right! He was not to come down till he saw us. Can you see his signal?"

"Not well from here; but I think I see it. – Now I see him! Pull both. Easy, Herbert. Oars!"

We touched the stairs lightly for a single moment, and he was on board, and we were off again. He had a boat-cloak with him, and a black canvas bag; and he looked as like a river-pilot as my heart could have wished.

"Dear boy!" he said, putting his arm on my shoulder, as he took his seat. "Faithful dear boy, well done. Thankye, thankye!"

Again among the tiers of shipping, in and out, avoiding rusty chain-cables frayed hempen hawsers and bobbing buoys, sinking for the moment floating broken baskets, scattering floating chips of wood and shaving, cleaving floating scum of coal, in and out, under the figure-head of the John of Sunderland making a speech to the winds (as is done by many Johns), and

the Betsy of Yarmouth with a firm formality of bosom and her knobby eyes starting two inches out of her head; in and out, hammers going in ship-builders' yards, saws going at timber, clashing engines going at things unknown, pumps going in leaky ships, capstans going, ships going out to sea, and unintelligible sea-creatures roaring curses over the bulwarks at respondent lightermen, in and out – out at last upon the clearer river, where the ships' boys might take their fenders in, no longer fishing in troubled waters with them over the side, and where the festooned sails might fly out to the wind.

At the Stairs where we had taken him abroad, and ever since, I had looked warily for any token of our being suspected. I had seen none. We certainly had not been, and at that time as certainly we were not either attended or followed by any boat. If we had been waited on by any boat, I should have run in to shore, and have obliged her to go on, or to make her purpose evident. But we held our own without any appearance of molestation.

He had his boat-cloak on him, and looked, as I have said, a natural part of the scene. It was remarkable (but perhaps the wretched life he had led accounted for it) that he was the least anxious of any of us. He was not indifferent, for he told me that he hoped to live to see his gentleman one of the best of gentlemen in a foreign country; he was not disposed to be passive or resigned, as I understood it; but he had no notion of meeting danger half way. When it came upon him, he confronted it, but it must come before he troubled himself.

"If you knowed, dear boy", he said to me, "what it is to sit here alonger my dear boy and have my smoke, arter having been day by day betwixt four walls, you'd envy me. But you don't know what it is".

"I think I know the delights of freedom", I answered.

"Ah", said he, shaking his head gravely. "But you don't know it equal to me. You must have been under lock and key, dear boy, to know it equal to me – but I ain't a going to be low".

It occurred to me as inconsistent, that, for any mastering idea, he should have endangered his freedom, and even his life. But I reflected that perhaps freedom without danger was too much apart from all the habit of his existence to be to him what it would be to another man. I was not far out, since he said, after smoking a little:

“You see, dear boy, when I was over yonder, t’other side the world, I was always a looking to this side; and it come flat to be there, for all I was a growing rich. Everybody knowed Magwitch, and Magwitch could come, and Magwitch could go, and nobody’s head would be troubled about him. They ain’t so easy concerning me here, dear boy… wouldn’t be, leastwise, if they knowed where I was”.

“If all goes well”, said I, “you will be perfectly free and safe again within a few hours”.

“Well”, he returned, drawing a long breath, “I hope so”.

“And think so?”

He dipped his hand in the water over the boat’s gunwale, and said, smiling with that softened air upon him which was not new to me:

“Ay, I s’pose I think so, dear boy. We’d be puzzled to be more quiet and easy-going than we are at present. But… it’s a flowing so soft and pleasant through the water, p’raps, as makes me think it – I was a thinking through my smoke just then, that we can no more see to the bottom of the next few hours than we can see to the bottom of this river what I catches hold of. Nor yet we can’t no more hold their tide than I can hold this. And it’s run through my fingers and gone, you see!” holding up his dripping hand.

“But for your face I should think you were a little despondent”, said I.

“Not a bit on it, dear boy! It comes of flowing on so quiet, and of that there rippling at the boat’s head making a sort of a Sunday tune. Maybe I’m a growing a trifle old besides”.

He put his pipe back in his mouth with an undisturbed expression of face, and sat as composed and contented as if we were already out of England. Yet he was as submissive to a word of advice as if he had been in constant terror; for, when we ran ashore to get some bottles of beer into the boat, and he was stepping out, I hinted that I thought he would be safest where he was, and he said. “Do you, dear boy?” and quietly sat down again.

The air felt cold upon the river, but it was a bright day, and the sunshine was very cheering. The tide ran strong, I took care to lose none of it, and our steady stroke carried us on thoroughly well. By imperceptible degrees, as the tide ran out, we lost more and more of the nearer woods and hills, and dropped lower and lower between the muddy banks, but the tide was yet with us when we were off Gravesend. As our charge was wrapped in his cloak, I purposely passed within a boat or two’s length of the floating

Custom House, and so out to catch the stream, alongside of two emigrant ships, and under the bows of a large transport with troops on the forecastle looking down at us. And soon the tide began to slacken, and the craft lying at anchor to swing, and presently they had all swung round, and the ships that were taking advantage of the new tide to get up to the Pool began to crowd upon us in a fleet, and we kept under the shore, as much out of the strength of the tide now as we could, standing carefully off from low shallows and mudbanks.

Our oarsmen were so fresh, by dint of having occasionally let her drive with the tide for a minute or two, that a quarter of an hour's rest proved full as much as they wanted. We got ashore among some slippery stones while we ate and drank what we had with us, and looked about. It was like my own marsh country, flat and monotonous, and with a dim horizon; while the winding river turned and turned, and the great floating buoys upon it turned and turned, and everything else seemed stranded and still. For now the last of the fleet of ships was round the last low point we had headed; and the last green barge, straw-laden, with a brown sail, had followed; and some ballast-lighters, shaped like a child's first rude imitation of a boat, lay low in the mud; and a little squat shoal-lighthouse on open piles stood crippled in the mud on stilts and crutches; and slimy stakes stuck out of the mud, and slimy stones stuck out of the mud, and red landmarks and tidemarks stuck out of the mud, and an old landing-stage and an old roofless building slipped into the mud, and all about us was stagnation and mud.

We pushed off again, and made what way we could. It was much harder work now, but Herbert and Startop persevered, and rowed and rowed and rowed until the sun went down. By that time the river had lifted us a little, so that we could see above the bank. There was the red sun, on the low level of the shore, in a purple haze, fast deepening into black; and there was the solitary flat marsh; and far away there were the rising grounds, between which and us there seemed to be no life, save here and there in the foreground a melancholy gull.

As the night was fast falling, and as the moon, being past the full, would not rise early, we held a little council; a short one, for clearly our course was to lie by at the first lonely tavern we could find. So, they plied their oars once more, and I looked out for anything like a house. Thus we held on, speaking little, for four or five dull miles. It was very cold, and, a

collier coming by us, with her galley-fire smoking and flaring, looked like a comfortable home. The night was as dark by this time as it would be until morning; and what light we had, seemed to come more from the river than the sky, as the oars in their dipping struck at a few reflected stars.

At this dismal time we were evidently all possessed by the idea that we were followed. As the tide made, it flapped heavily at irregular intervals against the shore; and whenever such a sound came, one or other of us was sure to start, and look in that direction. Here and there, the set of the current had worn down the bank into a little creek, and we were all suspicious of such places, and eyed them nervously. Sometimes, “What was that ripple?” one of us would say in a low voice. Or another, “Is that a boat yonder?” And afterwards we would fall into a dead silence, and I would sit impatiently thinking with what an unusual amount of noise the oars worked in the thowels.

At length we descried a light and a roof, and presently afterwards ran alongside a little causeway made of stones that had been picked up hard by. Leaving the rest in the boat, I stepped ashore, and found the light to be in a window of a public-house. It was a dirty place enough, and I dare say not unknown to smuggling adventurers; but there was a good fire in the kitchen, and there were eggs and bacon to eat, and various liquors to drink. Also, there were two double-bedded rooms – “such as they were”, the landlord said. No other company was in the house than the landlord, his wife, and a grizzled male creature, the “Jack” of the little causeway, who was as slimy and smeary as if he had been low-water mark too.

With this assistant, I went down to the boat again, and we all came ashore, and brought out the oars, and rudder and boat-hook, and all else, and hauled her up for the night. We made a very good meal by the kitchen fire, and then apportioned the bedrooms: Herbert and Startop were to occupy one; I and our charge the other. We found the air as carefully excluded from both, as if air were fatal to life; and there were more dirty clothes and bandboxes under the beds than I should have thought the family possessed. But we considered ourselves well off, notwithstanding, for a more solitary place we could not have found.

While we were comforting ourselves by the fire after our meal, the Jack – who was sitting in a corner, and who had a bloated pair of shoes on, which he had exhibited while we were eating our eggs and bacon, as

interesting relics that he had taken a few days ago from the feet of a drowned seaman washed ashore – asked me if we had seen a four-oared galley going up with the tide? When I told him No, he said she must have gone down then, and yet she “took up too”, when she left there.

“They must ha’ thought better on’t for some reason or another”, said the Jack, “and gone down”.

“A four-oared galley, did you say?” said I.

“A four”, said the Jack, “and two sitters”.

“Did they come ashore here?”

“They put in with a stone two-gallon jar for some beer. I’d ha’ been glad to pison the beer myself”, said the Jack, “or put some rattling physic in it”.

“Why?”

“I know why”, said the Jack. He spoke in a slushy voice, as if much mud had washed into his throat.

“He thinks”, said the landlord, a weakly meditative man with a pale eye, who seemed to rely greatly on his Jack, “he thinks they was, what they wasn’t”.

“I knows what I thinks”, observed the Jack.

“You thinks Custum ‘Us, Jack?” said the landlord.

“I do”, said the Jack.

“Then you’re wrong, Jack”.

“AM I!”

In the infinite meaning of his reply and his boundless confidence in his views, the Jack took one of his bloated shoes off, looked into it, knocked a few stones out of it on the kitchen floor, and put it on again. He did this with the air of a Jack who was so right that he could afford to do anything.

“Why, what do you make out that they done with their buttons then, Jack?” asked the landlord, vacillating weakly.

“Done with their buttons?” returned the Jack. “Chucked ‘em overboard. Swallered ‘em. Sowed ‘em, to come up small salad. Done with their buttons!”

“Don’t be cheeky, Jack”, remonstrated the landlord, in a melancholy and pathetic way.

“A Custum ‘Us officer knows what to do with his Buttons”, said the Jack, repeating the obnoxious word with the greatest contempt, “when they

comes betwixt him and his own light. A four and two sitters don't go hanging and hovering, up with one tide and down with another, and both with and against another, without there being Custum 'Us at the bottom of it". Saying which he went out in disdain; and the landlord, having no one to reply upon, found it impracticable to pursue the subject.

This dialogue made us all uneasy, and me very uneasy. The dismal wind was muttering round the house, the tide was flapping at the shore, and I had a feeling that we were caged and threatened. A four-oared galley hovering about in so unusual a way as to attract this notice was an ugly circumstance that I could not get rid of. When I had induced Provis to go up to bed, I went outside with my two companions (Startop by this time knew the state of the case), and held another council. Whether we should remain at the house until near the steamer's time, which would be about one in the afternoon, or whether we should put off early in the morning, was the question we discussed. On the whole we deemed it the better course to lie where we were, until within an hour or so of the steamer's time, and then to get out in her track, and drift easily with the tide. Having settled to do this, we returned into the house and went to bed.

I lay down with the greater part of my clothes on, and slept well for a few hours. When I awoke, the wind had risen, and the sign of the house (the Ship) was creaking and banging about, with noises that startled me. Rising softly, for my charge lay fast asleep, I looked out of the window. It commanded the causeway where we had hauled up our boat, and, as my eyes adapted themselves to the light of the clouded moon, I saw two men looking into her. They passed by under the window, looking at nothing else, and they did not go down to the landing-place which I could discern to be empty, but struck across the marsh in the direction of the Nore.

My first impulse was to call up Herbert, and show him the two men going away. But reflecting, before I got into his room, which was at the back of the house and adjoined mine, that he and Startop had had a harder day than I, and were fatigued, I forbore. Going back to my window, I could see the two men moving over the marsh. In that light, however, I soon lost them, and, feeling very cold, lay down to think of the matter, and fell asleep again.

We were up early. As we walked to and fro, all four together, before breakfast, I deemed it right to recount what I had seen. Again our charge was the least anxious of the party. It was very likely that the men belonged to the

Custom House, he said quietly, and that they had no thought of us. I tried to persuade myself that it was so – as, indeed, it might easily be. However, I proposed that he and I should walk away together to a distant point we could see, and that the boat should take us aboard there, or as near there as might prove feasible, at about noon. This being considered a good precaution, soon after breakfast he and I set forth, without saying anything at the tavern.

He smoked his pipe as we went along, and sometimes stopped to clap me on the shoulder. One would have supposed that it was I who was in danger, not he, and that he was reassuring me. We spoke very little. As we approached the point, I begged him to remain in a sheltered place, while I went on to reconnoitre; for it was towards it that the men had passed in the night. He complied, and I went on alone. There was no boat off the point, nor any boat drawn up anywhere near it, nor were there any signs of the men having embarked there. But, to be sure, the tide was high, and there might have been some footpints under water.

When he looked out from his shelter in the distance, and saw that I waved my hat to him to come up, he rejoined me, and there we waited; sometimes lying on the bank, wrapped in our coats, and sometimes moving about to warm ourselves, until we saw our boat coming round. We got aboard easily, and rowed out into the track of the steamer. By that time it wanted but ten minutes of one o’clock, and we began to look out for her smoke.

But, it was half-past one before we saw her smoke, and soon afterwards we saw behind it the smoke of another steamer. As they were coming on at full speed, we got the two bags ready, and took that opportunity of saying good by to Herbert and Startop. We had all shaken hands cordially, and neither Herbert’s eyes nor mine were quite dry, when I saw a four-oared galley shoot out from under the bank but a little way ahead of us, and row out into the same track.

A stretch of shore had been as yet between us and the steamer’s smoke, by reason of the bend and wind of the river; but now she was visible, coming head on. I called to Herbert and Startop to keep before the tide, that she might see us lying by for her, and I adjured Provis to sit quite still, wrapped in his cloak. He answered cheerily, “Trust to me, dear boy”, and sat like a statue. Meantime the galley, which was very skilfully handled, had crossed us, let us come up with her, and fallen alongside. Leaving just room enough for the play of the oars, she kept alongside, drifting when we drifted,

and pulling a stroke or two when we pulled. Of the two sitters one held the rudder-lines, and looked at us attentively – as did all the rowers; the other sitter was wrapped up, much as Provis was, and seemed to shrink, and whisper some instruction to the steerer as he looked at us. Not a word was spoken in either boat.

Startop could make out, after a few minutes, which steamer was first, and gave me the word “Hamburg”, in a low voice, as we sat face to face. She was nearing us very fast, and the beating of her peddles grew louder and louder. I felt as if her shadow were absolutely upon us, when the galley hailed us. I answered.

“You have a returned Transport there”, said the man who held the lines. “That’s the man, wrapped in the cloak. His name is Abel Magwitch, otherwise Provis. I apprehend that man, and call upon him to surrender, and you to assist”.

At the same moment, without giving any audible direction to his crew, he ran the galley abroad of us. They had pulled one sudden stroke ahead, had got their oars in, had run athwart us, and were holding on to our gunwale, before we knew what they were doing. This caused great confusion on board the steamer, and I heard them calling to us, and heard the order given to stop the paddles, and heard them stop, but felt her driving down upon us irresistibly. In the same moment, I saw the steersman of the galley lay his hand on his prisoner’s shoulder, and saw that both boats were swinging round with the force of the tide, and saw that all hands on board the steamer were running forward quite frantically. Still, in the same moment, I saw the prisoner start up, lean across his captor, and pull the cloak from the neck of the shrinking sitter in the galley. Still in the same moment, I saw that the face disclosed, was the face of the other convict of long ago. Still, in the same moment, I saw the face tilt backward with a white terror on it that I shall never forget, and heard a great cry on board the steamer, and a loud splash in the water, and felt the boat sink from under me.

It was but for an instant that I seemed to struggle with a thousand mill-weirs and a thousand flashes of light; that instant past, I was taken on board the galley. Herbert was there, and Startop was there; but our boat was gone, and the two convicts were gone.

What with the cries aboard the steamer, and the furious blowing off of her steam, and her driving on, and our driving on, I could not at first

distinguish sky from water or shore from shore; but the crew of the galley righted her with great speed, and, pulling certain swift strong strokes ahead, lay upon their oars, every man looking silently and eagerly at the water astern. Presently a dark object was seen in it, bearing towards us on the tide. No man spoke, but the steersman held up his hand, and all softly backed water, and kept the boat straight and true before it. As it came nearer, I saw it to be Magwitch, swimming, but not swimming freely. He was taken on board, and instantly manacled at the wrists and ankles.

The galley was kept steady, and the silent, eager look-out at the water was resumed. But, the Rotterdam steamer now came up, and apparently not understanding what had happened, came on at speed. By the time she had been hailed and stopped, both steamers were drifting away from us, and we were rising and falling in a troubled wake of water. The look-out was kept, long after all was still again and the two steamers were gone; but everybody knew that it was hopeless now.

At length we gave it up, and pulled under the shore towards the tavern we had lately left, where we were received with no little surprise. Here I was able to get some comforts for Magwitch – Provis no longer – who had received some very severe injury in the Chest, and a deep cut in the head.

He told me that he believed himself to have gone under the keel of the steamer, and to have been struck on the head in rising. The injury to his chest (which rendered his breathing extremely painful) he thought he had received against the side of the galley. He added that he did not pretend to say what he might or might not have done to Compeyson, but that, in the moment of his laying his hand on his cloak to identify him, that villain had staggered up and staggered back, and they had both gone overboard together, when the sudden wrenching of him (Magwitch) out of our boat, and the endeavor of his captor to keep him in it, had capsized us. He told me in a whisper that they had gone down fiercely locked in each other’s arms, and that there had been a struggle under water, and that he had disengaged himself, struck out, and swum away.

I never had any reason to doubt the exact truth of what he thus told me. The officer who steered the galley gave the same account of their going overboard.

When I asked this officer’s permission to change the prisoner’s wet clothes by purchasing any spare garments I could get at the public-house, he gave it readily: merely observing that he must take charge of everything his

prisoner had about him. So the pocket-book which had once been in my hands passed into the officer's. He further gave me leave to accompany the prisoner to London; but declined to accord that grace to my two friends.

The Jack at the Ship was instructed where the drowned man had gone down, and undertook to search for the body in the places where it was likeliest to come ashore. His interest in its recovery seemed to me to be much heightened when he heard that it had stockings on. Probably, it took about a dozen drowned men to fit him out completely; and that may have been the reason why the different articles of his dress were in various stages of decay.

We remained at the public-house until the tide turned, and then Magwitch was carried down to the galley and put on board. Herbert and Startop were to get to London by land, as soon as they could. We had a doleful parting, and when I took my place by Magwitch's side, I felt that that was my place henceforth while he lived.

For now, my repugnance to him had all melted away; and in the hunted, wounded, shackled creature who held my hand in his, I only saw a man who had meant to be my benefactor, and who had felt affectionately, gratefully, and generously, towards me with great constancy through a series of years. I only saw in him a much better man than I had been to Joe.

His breathing became more difficult and painful as the night drew on, and often he could not repress a groan. I tried to rest him on the arm I could use, in any easy position; but it was dreadful to think that I could not be sorry at heart for his being badly hurt, since it was unquestionably best that he should die. That there were, still living, people enough who were able and willing to identify him, I could not doubt. That he would be leniently treated, I could not hope. He who had been presented in the worst light at his trial, who had since broken prison and had been tried again, who had returned from transportation under a life sentence, and who had occasioned the death of the man who was the cause of his arrest.

As we returned towards the setting sun we had yesterday left behind us, and as the stream of our hopes seemed all running back, I told him how grieved I was to think that he had come home for my sake.

"Dear boy", he answered, "I'm quite content to take my chance. I've seen my boy, and he can be a gentleman without me".

No. I had thought about that, while we had been there side by side. No. Apart from any inclinations of my own, I understood Wemmick's hint

now. I foresaw that, being convicted, his possessions would be forfeited to the Crown.

"Lookee here, dear boy", said he "It's best as a gentleman should not be knowed to belong to me now. Only come to see me as if you come by chance alonger Wemmick. Sit where I can see you when I am swore to, for the last o' many times, and I don't ask no more".

"I will never stir from your side", said I, "when I am suffered to be near you. Please God, I will be as true to you as you have been to me!"

I felt his hand tremble as it held mine, and he turned his face away as he lay in the bottom of the boat, and I heard that old sound in his throat – softened now, like all the rest of him. It was a good thing that he had touched this point, for it put into my mind what I might not otherwise have thought of until too late – that he need never know how his hopes of enriching me had perished.

CHAPTER LV

He was taken to the Police Court next day, and would have been immediately committed for trial, but that it was necessary to send down for an old officer of the prison-ship from which he had once escaped, to speak to his identity. Nobody doubted it; but Compeyson, who had meant to depose to it, was tumbling on the tides, dead, and it happened that there was not at that time any prison officer in London who could give the required evidence. I had gone direct to Mr. Jaggers at his private house, on my arrival over night, to retain his assistance, and Mr. Jaggers on the prisoner's behalf would admit nothing. It was the sole resource; for he told me that the case must be over in five minutes when the witness was there, and that no power on earth could prevent its going against us.

I imparted to Mr. Jaggers my design of keeping him in ignorance of the fate of his wealth. Mr. Jaggers was querulous and angry with me for having "let it slip through my fingers", and said we must memorialize by and by, and try at all events for some of it. But he did not conceal from me that, although there might be many cases in which the forfeiture would not be exacted, there were no circumstances in this case to make it one of them. I understood that very well. I was not related to the outlaw, or connected with him by any recognizable tie; he had put his hand to no writing or settlement in my favor before his apprehension, and to do so now would be idle. I had no claim, and I finally resolved, and ever afterwards abided by the resolution, that my heart should never be sickened with the hopeless task of attempting to establish one.

There appeared to be reason for supposing that the drowned informer had hoped for a reward out of this forfeiture, and had obtained some accurate knowledge of Magwitch's affairs. When his body was found, many miles from the scene of his death, and so horribly disfigured that he was only recognizable by the contents of his pockets, notes were still legible, folded in a case he carried. Among these were the name of a banking-house in New South Wales, where a sum of money was, and the designation of certain lands of considerable value. Both these heads of information were in a list that Magwitch, while in prison, gave to Mr. Jaggers, of the possessions he supposed I should inherit. His ignorance, poor fellow, at last served him; he never mistrusted but that my inheritance was quite safe, with Mr. Jaggers's

aid.

After three days' delay, during which the crown prosecution stood over for the production of the witness from the prison-ship, the witness came, and completed the easy case. He was committed to take his trial at the next Sessions, which would come on in a month.

It was at this dark time of my life that Herbert returned home one evening, a good deal cast down, and said:

"My dear Handel, I fear I shall soon have to leave you".

His partner having prepared me for that, I was less surprised than he thought.

"We shall lose a fine opportunity if I put off going to Cairo, and I am very much afraid I must go, Handel, when you most need me".

"Herbert, I shall always need you, because I shall always love you; but my need is no greater now than at another time".

"You will be so lonely".

"I have not leisure to think of that", said I. "You know that I am always with him to the full extent of the time allowed, and that I should be with him all day long, if I could. And when I come away from him, you know that my thoughts are with him".

The dreadful condition to which he was brought, was so appalling to both of us, that we could not refer to it in plainer words.

"My dear fellow", said Herbert, "let the near prospect of our separation – for, it is very near – be my justification for troubling you about yourself. Have you thought of your future?"

"No, for I have been afraid to think of any future".

"But yours cannot be dismissed; indeed, my dear dear Handel, it must not be dismissed. I wish you would enter on it now, as far as a few friendly words go, with me".

"I will", said I.

"In this branch house of ours, Handel, we must have a..."

I saw that his delicacy was avoiding the right word, so I said, "A clerk".

"A clerk. And I hope it is not at all unlikely that he may expand (as a clerk of your acquaintance has expanded) into a partner. Now, Handel, in short, my dear boy, will you come to me?"

There was something charmingly cordial and engaging in the manner

in which after saying “Now, Handel”, as if it were the grave beginning of a portentous business exordium, he had suddenly given up that tone, stretched out his honest hand, and spoken like a schoolboy.

“Clara and I have talked about it again and again”, Herbert pursued, “and the dear little thing begged me only this evening, with tears in her eyes, to say to you that, if you will live with us when we come together, she will do her best to make you happy, and to convince her husband’s friend that he is her friend too. We should get on so well, Handel!”

I thanked her heartily, and I thanked him heartily, but said I could not yet make sure of joining him as he so kindly offered. Firstly, my mind was too preoccupied to be able to take in the subject clearly. Secondly – Yes! Secondly, there was a vague something lingering in my thoughts that will come out very near the end of this slight narrative.

“But if you thought, Herbert, that you could, without doing any injury to your business, leave the question open for a little while...”

“For any while”, cried Herbert. “Six months, a year!”

“Not so long as that”, said I. “Two or three months at most”.

Herbert was highly delighted when we shook hands on this arrangement, and said he could now take courage to tell me that he believed he must go away at the end of the week.

“And Clara?” said I.

“The dear little thing”, returned Herbert, “holds dutifully to her father as long as he lasts; but he won’t last long. Mrs. Whimple confides to me that he is certainly going”.

“Not to say an unfeeling thing”, said I, “he cannot do better than go”.

“I am afraid that must be admitted”, said Herbert; “and then I shall come back for the dear little thing, and the dear little thing and I will walk quietly into the nearest church. Remember! The blessed darling comes of no family, my dear Handel, and never looked into the red book, and hasn’t a notion about her grandpapa. What a fortune for the son of my mother!”

On the Saturday in that same week, I took my leave of Herbert – full of bright hope, but sad and sorry to leave me – as he sat on one of the seaport mail coaches. I went into a coffee-house to write a little note to Clara, telling her he had gone off, sending his love to her over and over again, and then went to my lonely home – if it deserved the name; for it was now no home to me, and I had no home anywhere.

On the stairs I encountered Wemmick, who was coming down, after an unsuccessful application of his knuckles to my door. I had not seen him alone since the disastrous issue of the attempted flight; and he had come, in his private and personal capacity, to say a few words of explanation in reference to that failure.

"The late Compeyson", said Wemmick, "had by little and little got at the bottom of half of the regular business now transacted; and it was from the talk of some of his people in trouble (some of his people being always in trouble) that I heard what I did. I kept my ears open, seeming to have them shut, until I heard that he was absent, and I thought that would be the best time for making the attempt. I can only suppose now, that it was a part of his policy, as a very clever man, habitually to deceive his own instruments. You don't blame me, I hope, Mr. Pip? I am sure I tried to serve you, with all my heart".

"I am as sure of that, Wemmick, as you can be, and I thank you most earnestly for all your interest and friendship".

"Thank you, thank you very much. It's a bad job", said Wemmick, scratching his head, "and I assure you I haven't been so cut up for a long time. What I look at is the sacrifice of so much portable property. Dear me!"

"What I think of, Wemmick, is the poor owner of the property".

"Yes, to be sure", said Wemmick. "Of course, there can be no objection to your being sorry for him, and I'd put down a five-pound note myself to get him out of it. But what I look at is this. The late Compeyson having been beforehand with him in intelligence of his return, and being so determined to bring him to book, I do not think he could have been saved. Whereas, the portable property certainly could have been saved. That's the difference between the property and the owner, don't you see?"

I invited Wemmick to come up stairs, and refresh himself with a glass of grog before walking to Walworth. He accepted the invitation. While he was drinking his moderate allowance, he said, with nothing to lead up to it, and after having appeared rather fidgety:

"What do you think of my meaning to take a holiday on Monday, Mr. Pip?"

"Why, I suppose you have not done such a thing these twelve months".

"These twelve years, more likely", said Wemmick. "Yes. I'm going to

take a holiday. More than that; I'm going to take a walk. More than that; I'm going to ask you to take a walk with me".

I was about to excuse myself, as being but a bad companion just then, when Wemmick anticipated me.

"I know your engagements", said he, "and I know you are out of sorts, Mr. Pip. But if you could oblige me, I should take it as a kindness. It ain't a long walk, and it's an early one. Say it might occupy you (including breakfast on the walk) from eight to twelve. Couldn't you stretch a point and manage it?"

He had done so much for me at various times, that this was very little to do for him. I said I could manage it – would manage it – and he was so very much pleased by my acquiescence, that I was pleased too. At his particular request, I appointed to call for him at the Castle at half past eight on Monday morning, and so we parted for the time.

Punctual to my appointment, I rang at the Castle gate on the Monday morning, and was received by Wemmick himself, who struck me as looking tighter than usual, and having a sleeker hat on. Within, there were two glasses of rum and milk prepared, and two biscuits. The Aged must have been stirring with the lark, for, glancing into the perspective of his bedroom, I observed that his bed was empty.

When we had fortified ourselves with the rum and milk and biscuits, and were going out for the walk with that training preparation on us, I was considerably surprised to see Wemmick take up a fishing-rod, and put it over his shoulder. "Why, we are not going fishing!" said I. "No", returned Wemmick, "but I like to walk with one".

I thought this odd; however, I said nothing, and we set off. We went towards Camberwell Green, and when we were thereabouts, Wemmick said suddenly:

"Halloa! Here's a church!"

There was nothing very surprising in that; but again, I was rather surprised, when he said, as if he were animated by a brilliant idea:

"Let's go in!"

We went in, Wemmick leaving his fishing-rod in the porch, and looked all round. In the mean time, Wemmick was diving into his coat-pockets, and getting something out of paper there.

"Halloa!" said he. "Here's a couple of pair of gloves! Let's put 'em

on!”

As the gloves were white kid gloves, and as the post-office was widened to its utmost extent, I now began to have my strong suspicions. They were strengthened into certainty when I beheld the Aged enter at a side door, escorting a lady.

“Halloa!” said Wemmick. “Here’s Miss Skiffins! Let’s have a wedding”.

That discreet damsel was attired as usual, except that she was now engaged in substituting for her green kid gloves a pair of white. The Aged was likewise occupied in preparing a similar sacrifice for the altar of Hymen. The old gentleman, however, experienced so much difficulty in getting his gloves on, that Wemmick found it necessary to put him with his back against a pillar, and then to get behind the pillar himself and pull away at them, while I for my part held the old gentleman round the waist, that he might present an equal and safe resistance. By dint of this ingenious scheme, his gloves were got on to perfection.

The clerk and clergyman then appearing, we were ranged in order at those fatal rails. True to his notion of seeming to do it all without preparation, I heard Wemmick say to himself, as he took something out of his waistcoat-pocket before the service began, “Halloa! Here’s a ring!”

I acted in the capacity of backer, or best-man, to the bridegroom; while a little limp pew-opener in a soft bonnet like a baby’s, made a feint of being the bosom friend of Miss Skiffins. The responsibility of giving the lady away devolved upon the Aged, which led to the clergyman’s being unintentionally scandalized, and it happened thus. When he said, “Who giveth this woman to be married to this man?” the old gentlemen, not in the least knowing what point of the ceremony we had arrived at, stood most amiably beaming at the ten commandments. Upon which, the clergyman said again, “WHO giveth this woman to be married to this man?” The old gentleman being still in a state of most estimable unconsciousness, the bridegroom cried out in his accustomed voice, “Now Aged P. you know; who giveth?” To which the Aged replied with great briskness, before saying that he gave, “All right, John, all right, my boy!” And the clergyman came to so gloomy a pause upon it, that I had doubts for the moment whether we should get completely married that day.

It was completely done, however, and when we were going out of

church Wemmick took the cover off the font, and put his white gloves in it, and put the cover on again. Mrs. Wemmick, more heedful of the future, put her white gloves in her pocket and assumed her green. “Now, Mr. Pip”, said Wemmick, triumphantly shouldering the fishing-rod as we came out, “let me ask you whether anybody would suppose this to be a wedding-party!”

Breakfast had been ordered at a pleasant little tavern, a mile or so away upon the rising ground beyond the green; and there was a bagatelle board in the room, in case we should desire to unbend our minds after the solemnity. It was pleasant to observe that Mrs. Wemmick no longer unwound Wemmick’s arm when it adapted itself to her figure, but sat in a high-backed chair against the wall, like a violoncello in its case, and submitted to be embraced as that melodious instrument might have done.

We had an excellent breakfast, and when any one declined anything on table, Wemmick said, “Provided by contract, you know; don’t be afraid of it!” I drank to the new couple, drank to the Aged, drank to the Castle, saluted the bride at parting, and made myself as agreeable as I could.

Wemmick came down to the door with me, and I again shook hands with him, and wished him joy.

“Thankee!” said Wemmick, rubbing his hands. “She’s such a manager of fowls, you have no idea. You shall have some eggs, and judge for yourself. I say, Mr. Pip!” calling me back, and speaking low. “This is altogether a Walworth sentiment, please”.

“I understand. Not to be mentioned in Little Britain”, said I.

Wemmick nodded. “After what you let out the other day, Mr. Jaggers may as well not know of it. He might think my brain was softening, or something of the kind”.

CHAPTER LVI

He lay in prison very ill, during the whole interval between his committal for trial and the coming round of the Sessions. He had broken two ribs, they had wounded one of his lungs, and he breathed with great pain and difficulty, which increased daily. It was a consequence of his hurt that he spoke so low as to be scarcely audible; therefore he spoke very little. But he was ever ready to listen to me; and it became the first duty of my life to say to him, and read to him, what I knew he ought to hear.

Being far too ill to remain in the common prison, he was removed, after the first day or so, into the infirmary. This gave me opportunities of being with him that I could not otherwise have had. And but for his illness he would have been put in irons, for he was regarded as a determined prison-breaker, and I know not what else.

Although I saw him every day, it was for only a short time; hence, the regularly recurring spaces of our separation were long enough to record on his face any slight changes that occurred in his physical state. I do not recollect that I once saw any change in it for the better; he wasted, and became slowly weaker and worse, day by day, from the day when the prison door closed upon him.

The kind of submission or resignation that he showed was that of a man who was tired out. I sometimes derived an impression, from his manner or from a whispered word or two which escaped him, that he pondered over the question whether he might have been a better man under better circumstances. But he never justified himself by a hint tending that way, or tried to bend the past out of its eternal shape.

It happened on two or three occasions in my presence, that his desperate reputation was alluded to by one or other of the people in attendance on him. A smile crossed his face then, and he turned his eyes on me with a trustful look, as if he were confident that I had seen some small redeeming touch in him, even so long ago as when I was a little child. As to all the rest, he was humble and contrite, and I never knew him complain.

When the Sessions came round, Mr. Jaggers caused an application to be made for the postponement of his trial until the following Sessions. It was obviously made with the assurance that he could not live so long, and was refused. The trial came on at once, and, when he was put to the bar, he was

seated in a chair. No objection was made to my getting close to the dock, on the outside of it, and holding the hand that he stretched forth to me.

The trial was very short and very clear. Such things as could be said for him were said – how he had taken to industrious habits, and had thriven lawfully and reputably. But nothing could unsay the fact that he had returned, and was there in presence of the Judge and Jury. It was impossible to try him for that, and do otherwise than find him guilty.

At that time, it was the custom (as I learnt from my terrible experience of that Sessions) to devote a concluding day to the passing of Sentences, and to make a finishing effect with the Sentence of Death. But for the indelible picture that my remembrance now holds before me, I could scarcely believe, even as I write these words, that I saw two-and-thirty men and women put before the Judge to receive that sentence together. Foremost among the two-and-thirty was he; seated, that he might get breath enough to keep life in him.

The whole scene starts out again in the vivid colors of the moment, down to the drops of April rain on the windows of the court, glittering in the rays of April sun. Penned in the dock, as I again stood outside it at the corner with his hand in mine, were the two-and-thirty men and women; some defiant, some stricken with terror, some sobbing and weeping, some covering their faces, some staring gloomily about. There had been shrieks from among the women convicts; but they had been stilled, and a hush had succeeded. The sheriffs with their great chains and nosegays, other civic gewgaws and monsters, criers, ushers, a great gallery full of people – a large theatrical audience – looked on, as the two-and-thirty and the Judge were solemnly confronted. Then the Judge addressed them. Among the wretched creatures before him whom he must single out for special address was one who almost from his infancy had been an offender against the laws; who, after repeated imprisonments and punishments, had been at length sentenced to exile for a term of years; and who, under circumstances of great violence and daring, had made his escape and been re-sentenced to exile for life. That miserable man would seem for a time to have become convinced of his errors, when far removed from the scenes of his old offences, and to have lived a peaceable and honest life. But in a fatal moment, yielding to those propensities and passions, the indulgence of which had so long rendered him a scourge to society, he had quitted his haven of rest and repentance, and had come back to the country where he was proscribed. Being here presently denounced, he

had for a time succeeded in evading the officers of Justice, but being at length seized while in the act of flight, he had resisted them, and had – he best knew whether by express design, or in the blindness of his hardihood – caused the death of his denouncer, to whom his whole career was known. The appointed punishment for his return to the land that had cast him out, being Death, and his case being this aggravated case, he must prepare himself to Die.

The sun was striking in at the great windows of the court, through the glittering drops of rain upon the glass, and it made a broad shaft of light between the two-and-thirty and the Judge, linking both together, and perhaps reminding some among the audience how both were passing on, with absolute equality, to the greater Judgment that knoweth all things, and cannot err. Rising for a moment, a distinct speck of face in this way of light, the prisoner said, “My Lord, I have received my sentence of Death from the Almighty, but I bow to yours”, and sat down again. There was some hushing, and the Judge went on with what he had to say to the rest. Then they were all formally doomed, and some of them were supported out, and some of them sauntered out with a haggard look of bravery, and a few nodded to the gallery, and two or three shook hands, and others went out chewing the fragments of herb they had taken from the sweet herbs lying about. He went last of all, because of having to be helped from his chair, and to go very slowly; and he held my hand while all the others were removed, and while the audience got up (putting their dresses right, as they might at church or elsewhere), and pointed down at this criminal or at that, and most of all at him and me.

I earnestly hoped and prayed that he might die before the Recorder’s Report was made; but, in the dread of his lingering on, I began that night to write out a petition to the Home Secretary of State, setting forth my knowledge of him, and how it was that he had come back for my sake. I wrote it as fervently and pathetically as I could; and when I had finished it and sent it in, I wrote out other petitions to such men in authority as I hoped were the most merciful, and drew up one to the Crown itself. For several days and nights after he was sentenced I took no rest except when I fell asleep in my chair, but was wholly absorbed in these appeals. And after I had sent them in, I could not keep away from the places where they were, but felt as if they were more hopeful and less desperate when I was near them. In this unreasonable restlessness and pain of mind I would roam the streets of an

evening, wandering by those offices and houses where I had left the petitions. To the present hour, the weary western streets of London on a cold, dusty spring night, with their ranges of stern, shut-up mansions, and their long rows of lamps, are melancholy to me from this association.

The daily visits I could make him were shortened now, and he was more strictly kept. Seeing, or fancying, that I was suspected of an intention of carrying poison to him, I asked to be searched before I sat down at his bedside, and told the officer who was always there, that I was willing to do anything that would assure him of the singleness of my designs. Nobody was hard with him or with me. There was duty to be done, and it was done, but not harshly. The officer always gave me the assurance that he was worse, and some other sick prisoners in the room, and some other prisoners who attended on them as sick nurses, (malefactors, but not incapable of kindness, God be thanked!) always joined in the same report.

As the days went on, I noticed more and more that he would lie placidly looking at the white ceiling, with an absence of light in his face until some word of mine brightened it for an instant, and then it would subside again. Sometimes he was almost or quite unable to speak, then he would answer me with slight pressures on my hand, and I grew to understand his meaning very well.

The number of the days had risen to ten, when I saw a greater change in him than I had seen yet. His eyes were turned towards the door, and lighted up as I entered.

“Dear boy”, he said, as I sat down by his bed: “I thought you was late. But I knowed you couldn’t be that”.

“It is just the time”, said I. “I waited for it at the gate”.

“You always waits at the gate; don’t you, dear boy?”

“Yes. Not to lose a moment of the time”.

“Thank’ee dear boy, thank’ee. God bless you! You’ve never deserted me, dear boy”.

I pressed his hand in silence, for I could not forget that I had once meant to desert him.

“And what’s the best of all”, he said, “you’ve been more comfortable alonger me, since I was under a dark cloud, than when the sun shone. That’s best of all”.

He lay on his back, breathing with great difficulty. Do what he would,

and love me though he did, the light left his face ever and again, and a film came over the placid look at the white ceiling.

"Are you in much pain today?"

"I don't complain of none, dear boy".

"You never do complain".

He had spoken his last words. He smiled, and I understood his touch to mean that he wished to lift my hand, and lay it on his breast. I laid it there, and he smiled again, and put both his hands upon it.

The allotted time ran out, while we were thus; but, looking round, I found the governor of the prison standing near me, and he whispered, "You needn't go yet". I thanked him gratefully, and asked, "Might I speak to him, if he can hear me?"

The governor stepped aside, and beckoned the officer away. The change, though it was made without noise, drew back the film from the placid look at the white ceiling, and he looked most affectionately at me.

"Dear Magwitch, I must tell you now, at last. You understand what I say?"

A gentle pressure on my hand.

"You had a child once, whom you loved and lost".

A stronger pressure on my hand.

"She lived, and found powerful friends. She is living now. She is a lady and very beautiful. And I love her!"

With a last faint effort, which would have been powerless but for my yielding to it and assisting it, he raised my hand to his lips. Then, he gently let it sink upon his breast again, with his own hands lying on it. The placid look at the white ceiling came back, and passed away, and his head dropped quietly on his breast.

Mindful, then, of what we had read together, I thought of the two men who went up into the Temple to pray, and I knew there were no better words that I could say beside his bed, than "O Lord, be merciful to him a sinner!"

CHAPTER LVII

Now that I was left wholly to myself, I gave notice of my intention to quit the chambers in the Temple as soon as my tenancy could legally determine, and in the meanwhile to underlet them. At once I put bills up in the windows; for, I was in debt, and had scarcely any money, and began to be seriously alarmed by the state of my affairs. I ought rather to write that I should have been alarmed if I had had energy and concentration enough to help me to the clear perception of any truth beyond the fact that I was falling very ill. The late stress upon me had enabled me to put off illness, but not to put it away; I knew that it was coming on me now, and I knew very little else, and was even careless as to that.

For a day or two, I lay on the sofa, or on the floor – anywhere, according as I happened to sink down – with a heavy head and aching limbs, and no purpose, and no power. Then there came, one night which appeared of great duration, and which teemed with anxiety and horror; and when in the morning I tried to sit up in my bed and think of it, I found I could not do so.

Whether I really had been down in Garden Court in the dead of the night, groping about for the boat that I supposed to be there; whether I had two or three times come to myself on the staircase with great terror, not knowing how I had got out of bed; whether I had found myself lighting the lamp, possessed by the idea that he was coming up the stairs, and that the lights were blown out; whether I had been inexpressibly harassed by the distracted talking, laughing, and groaning of some one, and had half suspected those sounds to be of my own making; whether there had been a closed iron furnace in a dark corner of the room, and a voice had called out, over and over again, that Miss Havisham was consuming within it – these were things that I tried to settle with myself and get into some order, as I lay that morning on my bed. But the vapor of a limekiln would come between me and them, disordering them all, and it was through the vapor at last that I saw two men looking at me.

“What do you want?” I asked, starting; “I don’t know you”.

“Well, sir”, returned one of them, bending down and touching me on the shoulder, “this is a matter that you’ll soon arrange, I dare say, but you’re arrested”.

“What is the debt?”

“Hundred and twenty-three pound, fifteen, six. Jeweller’s account, I think”.

“What is to be done?”

“You had better come to my house”, said the man. “I keep a very nice house”.

I made some attempt to get up and dress myself. When I next attended to them, they were standing a little off from the bed, looking at me. I still lay there.

“You see my state”, said I. “I would come with you if I could; but indeed I am quite unable. If you take me from here, I think I shall die by the way”.

Perhaps they replied, or argued the point, or tried to encourage me to believe that I was better than I thought. Forasmuch as they hang in my memory by only this one slender thread, I don’t know what they did, except that they forbore to remove me.

That I had a fever and was avoided, that I suffered greatly, that I often lost my reason, that the time seemed interminable, that I confounded impossible existences with my own identity; that I was a brick in the house-wall, and yet entreating to be released from the giddy place where the builders had set me; that I was a steel beam of a vast engine, clashing and whirling over a gulf, and yet that I implored in my own person to have the engine stopped, and my part in it hammered off; that I passed through these phases of disease, I know of my own remembrance, and did in some sort know at the time. That I sometimes struggled with real people, in the belief that they were murderers, and that I would all at once comprehend that they meant to do me good, and would then sink exhausted in their arms, and suffer them to lay me down, I also knew at the time. But, above all, I knew that there was a constant tendency in all these people – who, when I was very ill, would present all kinds of extraordinary transformations of the human face, and would be much dilated in size – above all, I say, I knew that there was an extraordinary tendency in all these people, sooner or later, to settle down into the likeness of Joe.

After I had turned the worst point of my illness, I began to notice that while all its other features changed, this one consistent feature did not change. Whoever came about me, still settled down into Joe. I opened my eyes in the night, and I saw, in the great chair at the bedside, Joe. I opened

my eyes in the day, and, sitting on the window-seat, smoking his pipe in the shaded open window, still I saw Joe. I asked for cooling drink, and the dear hand that gave it me was Joe's. I sank back on my pillow after drinking, and the face that looked so hopefully and tenderly upon me was the face of Joe.

At last, one day, I took courage, and said, "Is it Joe?"

And the dear old home-voice answered, "Which it air, old chap".

"O Joe, you break my heart! Look angry at me, Joe. Strike me, Joe. Tell me of my ingratitude. Don't be so good to me!"

For Joe had actually laid his head down on the pillow at my side, and put his arm round my neck, in his joy that I knew him.

"Which dear old Pip, old chap", said Joe, "you and me was ever friends. And when you're well enough to go out for a ride – what larks!"

After which, Joe withdrew to the window, and stood with his back towards me, wiping his eyes. And as my extreme weakness prevented me from getting up and going to him, I lay there, penitently whispering, "O God bless him! O God bless this gentle Christian man!"

Joe's eyes were red when I next found him beside me; but I was holding his hand, and we both felt happy.

"How long, dear Joe?"

"Which you meantersay, Pip, how long have your illness lasted, dear old chap?"

"Yes, Joe".

"It's the end of May, Pip. Tomorrow is the first of June".

"And have you been here all that time, dear Joe?"

"Pretty nigh, old chap. For, as I says to Biddy when the news of your being ill were brought by letter, which it were brought by the post, and being formerly single he is now married though underpaid for a deal of walking and shoe-leather, but wealth were not a object on his part, and marriage were the great wish of his hart..."

"It is so delightful to hear you, Joe! But I interrupt you in what you said to Biddy".

"Which it were", said Joe, "that how you might be amongst strangers, and that how you and me having been ever friends, a wisit at such a moment might not prove unacceptabobble. And Biddy, her word were, 'Go to him, without loss of time.' That", said Joe, summing up with his judicial air, "were the word of Biddy. 'Go to him,' Biddy say, 'without loss of time.' In short, I

shouldn’t greatly deceive you”, Joe added, after a little grave reflection, “if I represented to you that the word of that young woman were, ‘without a minute’s loss of time.’“

There Joe cut himself short, and informed me that I was to be talked to in great moderation, and that I was to take a little nourishment at stated frequent times, whether I felt inclined for it or not, and that I was to submit myself to all his orders. So I kissed his hand, and lay quiet, while he proceeded to indite a note to Biddy, with my love in it.

Evidently Biddy had taught Joe to write. As I lay in bed looking at him, it made me, in my weak state, cry again with pleasure to see the pride with which he set about his letter. My bedstead, divested of its curtains, had been removed, with me upon it, into the sitting-room, as the airiest and largest, and the carpet had been taken away, and the room kept always fresh and wholesome night and day. At my own writing-table, pushed into a corner and cumbered with little bottles, Joe now sat down to his great work, first choosing a pen from the pen-tray as if it were a chest of large tools, and tucking up his sleeves as if he were going to wield a crow-bar or sledgehammer. It was necessary for Joe to hold on heavily to the table with his left elbow, and to get his right leg well out behind him, before he could begin; and when he did begin he made every down-stroke so slowly that it might have been six feet long, while at every up-stroke I could hear his pen spluttering extensively. He had a curious idea that the inkstand was on the side of him where it was not, and constantly dipped his pen into space, and seemed quite satisfied with the result. Occasionally, he was tripped up by some orthographical stumbling-block; but on the whole he got on very well indeed; and when he had signed his name, and had removed a finishing blot from the paper to the crown of his head with his two forefingers, he got up and hovered about the table, trying the effect of his performance from various points of view, as it lay there, with unbounded satisfaction.

Not to make Joe uneasy by talking too much, even if I had been able to talk much, I deferred asking him about Miss Havisham until next day. He shook his head when I then asked him if she had recovered.

“Is she dead, Joe?”

“Why you see, old chap”, said Joe, in a tone of remonstrance, and by way of getting at it by degrees, “I wouldn’t go so far as to say that, for that’s a deal to say; but she ain’t…”

“Living, Joe?”

“That’s nigher where it is”, said Joe; “she ain’t living”.

“Did she linger long, Joe?”

“Arter you was took ill, pretty much about what you might call (if you was put to it) a week”, said Joe; still determined, on my account, to come at everything by degrees.

“Dear Joe, have you heard what becomes of her property?”

“Well, old chap”, said Joe, “it do appear that she had settled the most of it, which I meantersay tied it up, on Miss Estella. But she had wrote out a little coddleshell in her own hand a day or two afore the accident, leaving a cool four thousand to Mr. Matthew Pocket. And why, do you suppose, above all things, Pip, she left that cool four thousand unto him? ‘Because of Pip’s account of him, the said Matthew.’ I am told by Biddy, that air the writing”, said Joe, repeating the legal turn as if it did him infinite good, “‘account of him the said Matthew.’ And a cool four thousand, Pip!”

I never discovered from whom Joe derived the conventional temperature of the four thousand pounds; but it appeared to make the sum of money more to him, and he had a manifest relish in insisting on its being cool.

This account gave me great joy, as it perfected the only good thing I had done. I asked Joe whether he had heard if any of the other relations had any legacies?

“Miss Sarah”, said Joe, “she have twenty-five pound perannium fur to buy pills, on account of being bilious. Miss Georgiana, she have twenty pound down. Mrs. …, what’s the name of them wild beasts with humps, old chap?”

“Camels?” said I, wondering why he could possibly want to know.

Joe nodded. “Mrs. Camels”, by which I presently understood he meant Camilla, “she have five pound fur to buy rushlights to put her in spirits when she wake up in the night”.

The accuracy of these recitals was sufficiently obvious to me, to give me great confidence in Joe’s information. “And now”, said Joe, “you ain’t that strong yet, old chap, that you can take in more nor one additional shovelful today. Old Orlick he’s been a bustin’ open a dwelling-ouse”.

“Whose?” said I.

“Not, I grant you, but what his manners is given to blusterous”, said

Joe, apologetically; “still, a Englishman’s ouse is his Castle, and castles must not be busted ‘cept when done in war time. And wotsume’er the failings on his part, he were a corn and seedsman in his hart”.

“Is it Pumblechook’s house that has been broken into, then?”

“That’s it, Pip”, said Joe; “and they took his till, and they took his cash-box, and they drinked his wine, and they partook of his wittles, and they slapped his face, and they pulled his nose, and they tied him up to his bedpust, and they giv’ him a dozen, and they stuffed his mouth full of flowering annuals to prewent his crying out. But he knowed Orlick, and Orlick’s in the county jail”.

By these approaches we arrived at unrestricted conversation. I was slow to gain strength, but I did slowly and surely become less weak, and Joe stayed with me, and I fancied I was little Pip again.

For the tenderness of Joe was so beautifully proportioned to my need, that I was like a child in his hands. He would sit and talk to me in the old confidence, and with the old simplicity, and in the old unassertive protecting way, so that I would half believe that all my life since the days of the old kitchen was one of the mental troubles of the fever that was gone. He did everything for me except the household work, for which he had engaged a very decent woman, after paying off the laundress on his first arrival. “Which I do assure you, Pip”, he would often say, in explanation of that liberty; “I found her a tapping the spare bed, like a cask of beer, and drawing off the feathers in a bucket, for sale. Which she would have tapped yourn next, and draw’d it off with you a laying on it, and was then a carrying away the coals gradiwally in the soup-tureen and wegetable-dishes, and the wine and spirits in your Wellington boots”.

We looked forward to the day when I should go out for a ride, as we had once looked forward to the day of my apprenticeship. And when the day came, and an open carriage was got into the Lane, Joe wrapped me up, took me in his arms, carried me down to it, and put me in, as if I were still the small helpless creature to whom he had so abundantly given of the wealth of his great nature.

And Joe got in beside me, and we drove away together into the country, where the rich summer growth was already on the trees and on the grass, and sweet summer scents filled all the air. The day happened to be Sunday, and when I looked on the loveliness around me, and thought how it

had grown and changed, and how the little wild-flowers had been forming, and the voices of the birds had been strengthening, by day and by night, under the sun and under the stars, while poor I lay burning and tossing on my bed, the mere remembrance of having burned and tossed there came like a check upon my peace. But when I heard the Sunday bells, and looked around a little more upon the outspread beauty, I felt that I was not nearly thankful enough – that I was too weak yet to be even that – and I laid my head on Joe's shoulder, as I had laid it long ago when he had taken me to the Fair or where not, and it was too much for my young senses.

More composure came to me after a while, and we talked as we used to talk, lying on the grass at the old Battery. There was no change whatever in Joe. Exactly what he had been in my eyes then, he was in my eyes still; just as simply faithful, and as simply right.

When we got back again, and he lifted me out, and carried me – so easily! – across the court and up the stairs, I thought of that eventful Christmas Day when he had carried me over the marshes. We had not yet made any allusion to my change of fortune, nor did I know how much of my late history he was acquainted with. I was so doubtful of myself now, and put so much trust in him, that I could not satisfy myself whether I ought to refer to it when he did not.

"Have you heard, Joe", I asked him that evening, upon further consideration, as he smoked his pipe at the window, "who my patron was?"

"I heerd", returned Joe, "as it were not Miss Havisham, old chap".

"Did you hear who it was, Joe?"

"Well! I heerd as it were a person what sent the person what giv' you the bank-notes at the Jolly Bargemen, Pip".

"So it was".

"Astonishing!" said Joe, in the placidest way.

"Did you hear that he was dead, Joe?" I presently asked, with increasing diffidence.

"Which? Him as sent the bank-notes, Pip?"

"Yes".

"I think", said Joe, after meditating a long time, and looking rather evasively at the window-seat, "as I did hear tell that how he were something or another in a general way in that direction".

"Did you hear anything of his circumstances, Joe?"

“Not partickler, Pip”.

“If you would like to hear, Joe…” I was beginning, when Joe got up and came to my sofa.

“Lookee here, old chap”, said Joe, bending over me. “Ever the best of friends; ain’t us, Pip?”

I was ashamed to answer him.

“Wery good, then”, said Joe, as if I had answered; “that’s all right; that’s agreed upon. Then why go into subjects, old chap, which as betwixt two sech must be for ever onnecessary? There’s subjects enough as betwixt two sech, without onnecessary ones. Lord! To think of your poor sister and her Rampages! And don’t you remember Tickler?”

“I do indeed, Joe”.

“Lookee here, old chap”, said Joe. “I done what I could to keep you and Tickler in sunders, but my power were not always fully equal to my inclinations. For when your poor sister had a mind to drop into you, it were not so much”, said Joe, in his favorite argumentative way, “that she dropped into me too, if I put myself in opposition to her, but that she dropped into you always heavier for it. I noticed that. It ain’t a grab at a man’s whisker, not yet a shake or two of a man (to which your sister was quite welcome), that ‘ud put a man off from getting a little child out of punishment. But when that little child is dropped into heavier for that grab of whisker or shaking, then that man naterally up and says to himself, ‘Where is the good as you are a doing? I grant you I see the ‘arm,’ says the man, ‘but I don’t see the good. I call upon you, sir, therefore, to pint out the good’”.

“The man says?” I observed, as Joe waited for me to speak.

“The man says”, Joe assented. “Is he right, that man?”

“Dear Joe, he is always right”.

“Well, old chap”, said Joe, “then abide by your words. If he’s always right (which in general he’s more likely wrong), he’s right when he says this: Supposing ever you kep any little matter to yourself, when you was a little child, you kep it mostly because you know’d as J. Gargery’s power to part you and Tickler in sunders were not fully equal to his inclinations. Theerfore, think no more of it as betwixt two sech, and do not let us pass remarks upon onnecessary subjects. Biddy giv’ herself a deal o’ trouble with me afore I left (for I am almost awful dull), as I should view it in this light, and, viewing it in this light, as I should so put it. Both of which”, said Joe, quite charmed

with his logical arrangement, “being done, now this to you a true friend, say. Namely. You mustn’t go a overdoing on it, but you must have your supper and your wine and water, and you must be put betwixt the sheets”.

The delicacy with which Joe dismissed this theme, and the sweet tact and kindness with which Biddy – who with her woman’s wit had found me out so soon – had prepared him for it, made a deep impression on my mind. But whether Joe knew how poor I was, and how my great expectations had all dissolved, like our own marsh mists before the sun, I could not understand.

Another thing in Joe that I could not understand when it first began to develop itself, but which I soon arrived at a sorrowful comprehension of, was this: As I became stronger and better, Joe became a little less easy with me. In my weakness and entire dependence on him, the dear fellow had fallen into the old tone, and called me by the old names, the dear “old Pip, old chap”, that now were music in my ears. I too had fallen into the old ways, only happy and thankful that he let me. But, imperceptibly, though I held by them fast, Joe’s hold upon them began to slacken; and whereas I wondered at this, at first, I soon began to understand that the cause of it was in me, and that the fault of it was all mine.

Ah! Had I given Joe no reason to doubt my constancy, and to think that in prosperity I should grow cold to him and cast him off? Had I given Joe’s innocent heart no cause to feel instinctively that as I got stronger, his hold upon me would be weaker, and that he had better loosen it in time and let me go, before I plucked myself away?

It was on the third or fourth occasion of my going out walking in the Temple Gardens leaning on Joe’s arm, that I saw this change in him very plainly. We had been sitting in the bright warm sunlight, looking at the river, and I chanced to say as we got up:

“See, Joe! I can walk quite strongly. Now, you shall see me walk back by myself”.

“Which do not overdo it, Pip”, said Joe; “but I shall be happy fur to see you able, sir”.

The last word grated on me; but how could I remonstrate! I walked no further than the gate of the gardens, and then pretended to be weaker than I was, and asked Joe for his arm. Joe gave it me, but was thoughtful.

I, for my part, was thoughtful too; for, how best to check this growing

change in Joe was a great perplexity to my remorseful thoughts. That I was ashamed to tell him exactly how I was placed, and what I had come down to, I do not seek to conceal; but I hope my reluctance was not quite an unworthy one. He would want to help me out of his little savings, I knew, and I knew that he ought not to help me, and that I must not suffer him to do it.

It was a thoughtful evening with both of us. But, before we went to bed, I had resolved that I would wait over tomorrow – tomorrow being Sunday – and would begin my new course with the new week. On Monday morning I would speak to Joe about this change, I would lay aside this last vestige of reserve, I would tell him what I had in my thoughts (that Secondly, not yet arrived at), and why I had not decided to go out to Herbert, and then the change would be conquered for ever. As I cleared, Joe cleared, and it seemed as though he had sympathetically arrived at a resolution too.

We had a quiet day on the Sunday, and we rode out into the country, and then walked in the fields.

"I feel thankful that I have been ill, Joe", I said.

"Dear old Pip, old chap, you're a'most come round, sir".

"It has been a memorable time for me, Joe".

"Likeways for myself, sir", Joe returned.

"We have had a time together, Joe, that I can never forget. There were days once, I know, that I did for a while forget; but I never shall forget these".

"Pip", said Joe, appearing a little hurried and troubled, "there has been larks. And, dear sir, what have been betwixt us – have been".

At night, when I had gone to bed, Joe came into my room, as he had done all through my recovery. He asked me if I felt sure that I was as well as in the morning?

"Yes, dear Joe, quite".

"And are always a getting stronger, old chap?"

"Yes, dear Joe, steadily".

Joe patted the coverlet on my shoulder with his great good hand, and said, in what I thought a husky voice, "Good night!"

When I got up in the morning, refreshed and stronger yet, I was full of my resolution to tell Joe all, without delay. I would tell him before breakfast. I would dress at once and go to his room and surprise him; for, it was the first day I had been up early. I went to his room, and he was not there. Not only

was he not there, but his box was gone.

I hurried then to the breakfast-table, and on it found a letter. These were its brief contents:

Not wishful to intrude I have departured fur you are well again dear Pip and will do better without JO.

P.S. Ever the best of friends.

Enclosed in the letter was a receipt for the debt and costs on which I had been arrested. Down to that moment, I had vainly supposed that my creditor had withdrawn, or suspended proceedings until I should be quite recovered. I had never dreamed of Joe's having paid the money; but Joe had paid it, and the receipt was in his name.

What remained for me now, but to follow him to the dear old forge, and there to have out my disclosure to him, and my penitent remonstrance with him, and there to relieve my mind and heart of that reserved Secondly, which had begun as a vague something lingering in my thoughts, and had formed into a settled purpose?

The purpose was, that I would go to Biddy, that I would show her how humbled and repentant I came back, that I would tell her how I had lost all I once hoped for, that I would remind her of our old confidences in my first unhappy time. Then I would say to her, "Biddy, I think you once liked me very well, when my errant heart, even while it strayed away from you, was quieter and better with you than it ever has been since. If you can like me only half as well once more, if you can take me with all my faults and disappointments on my head, if you can receive me like a forgiven child (and indeed I am as sorry, Biddy, and have as much need of a hushing voice and a soothing hand), I hope I am a little worthier of you that I was… not much, but a little. And, Biddy, it shall rest with you to say whether I shall work at the forge with Joe, or whether I shall try for any different occupation down in this country, or whether we shall go away to a distant place where an opportunity awaits me which I set aside, when it was offered, until I knew your answer. And now, dear Biddy, if you can tell me that you will go through the world with me, you will surely make it a better world for me, and me a better man for it, and I will try hard to make it a better world for you".

Such was my purpose. After three days more of recovery, I went

down to the old place to put it in execution. And how I sped in it is all I have left to tell.

CHAPTER LVIII

The tidings of my high fortunes having had a heavy fall had got down to my native place and its neighborhood before I got there. I found the Blue Boar in possession of the intelligence, and I found that it made a great change in the Boar's demeanour. Whereas the Boar had cultivated my good opinion with warm assiduity when I was coming into property, the Boar was exceedingly cool on the subject now that I was going out of property.

It was evening when I arrived, much fatigued by the journey I had so often made so easily. The Boar could not put me into my usual bedroom, which was engaged (probably by some one who had expectations), and could only assign me a very indifferent chamber among the pigeons and post-chaises up the yard. But I had as sound a sleep in that lodging as in the most superior accommodation the Boar could have given me, and the quality of my dreams was about the same as in the best bedroom.

Early in the morning, while my breakfast was getting ready, I strolled round by Satis House. There were printed bills on the gate and on bits of carpet hanging out of the windows, announcing a sale by auction of the Household Furniture and Effects, next week. The House itself was to be sold as old building materials, and pulled down. LOT 1 was marked in whitewashed knock-knee letters on the brew house; LOT 2 on that part of the main building which had been so long shut up. Other lots were marked off on other parts of the structure, and the ivy had been torn down to make room for the inscriptions, and much of it trailed low in the dust and was withered already. Stepping in for a moment at the open gate, and looking around me with the uncomfortable air of a stranger who had no business there, I saw the auctioneer's clerk walking on the casks and telling them off for the information of a catalogue-compiler, pen in hand, who made a temporary desk of the wheeled chair I had so often pushed along to the tune of Old Clem.

When I got back to my breakfast in the Boar's coffee-room, I found Mr. Pumblechook conversing with the landlord. Mr. Pumblechook (not improved in appearance by his late nocturnal adventure) was waiting for me, and addressed me in the following terms:

"Young man, I am sorry to see you brought low. But what else could be expected! what else could be expected!"

As he extended his hand with a magnificently forgiving air, and as I was broken by illness and unfit to quarrel, I took it.

"William", said Mr. Pumblechook to the waiter, "put a muffin on table. And has it come to this! Has it come to this!"

I frowningly sat down to my breakfast. Mr. Pumblechook stood over me and poured out my tea – before I could touch the teapot – with the air of a benefactor who was resolved to be true to the last.

"William", said Mr. Pumblechook, mournfully, "put the salt on. In happier times", addressing me, "I think you took sugar? And did you take milk? You did. Sugar and milk. William, bring a watercress".

"Thank you", said I, shortly, "but I don't eat watercresses".

"You don't eat 'em", returned Mr. Pumblechook, sighing and nodding his head several times, as if he might have expected that, and as if abstinence from watercresses were consistent with my downfall. "True. The simple fruits of the earth. No. You needn't bring any, William".

I went on with my breakfast, and Mr. Pumblechook continued to stand over me, staring fishily and breathing noisily, as he always did.

"Little more than skin and bone!" mused Mr. Pumblechook, aloud. "And yet when he went from here (I may say with my blessing), and I spread afore him my humble store, like the Bee, he was as plump as a Peach!"

This reminded me of the wonderful difference between the servile manner in which he had offered his hand in my new prosperity, saying, "May I?" and the ostentatious clemency with which he had just now exhibited the same fat five fingers.

"Hah!" he went on, handing me the bread and butter. "And air you a going to Joseph?"

"In heaven's name", said I, firing in spite of myself, "what does it matter to you where I am going? Leave that teapot alone".

It was the worst course I could have taken, because it gave Pumblechook the opportunity he wanted.

"Yes, young man", said he, releasing the handle of the article in question, retiring a step or two from my table, and speaking for the behoof of the landlord and waiter at the door, "I will leave that teapot alone. You are right, young man. For once you are right. I forgit myself when I take such an interest in your breakfast, as to wish your frame, exhausted by the debilitating effects of prodigygality, to be stimilated by the 'olesome nourishment of your

forefathers. And yet", said Pumblechook, turning to the landlord and waiter, and pointing me out at arm's length, "this is him as I ever sported with in his days of happy infancy! Tell me not it cannot be; I tell you this is him!"

A low murmur from the two replied. The waiter appeared to be particularly affected.

"This is him", said Pumblechook, "as I have rode in my shay-cart. This is him as I have seen brought up by hand. This is him untoe the sister of which I was uncle by marriage, as her name was Georgiana M'ria from her own mother, let him deny it if he can!"

The waiter seemed convinced that I could not deny it, and that it gave the case a black look.

"Young man", said Pumblechook, screwing his head at me in the old fashion, "you air a going to Joseph. What does it matter to me, you ask me, where you air a going? I say to you, Sir, you air a going to Joseph".

The waiter coughed, as if he modestly invited me to get over that.

"Now", said Pumblechook, and all this with a most exasperating air of saying in the cause of virtue what was perfectly convincing and conclusive, "I will tell you what to say to Joseph. Here is Squires of the Boar present, known and respected in this town, and here is William, which his father's name was Potkins if I do not deceive myself".

"You do not, sir", said William.

"In their presence", pursued Pumblechook, "I will tell you, young man, what to say to Joseph. Says you, "Joseph, I have this day seen my earliest benefactor and the founder of my fortun's. I will name no names, Joseph, but so they are pleased to call him up town, and I have seen that man".

"I swear I don't see him here", said I.

"Say that likewise", retorted Pumblechook. "Say you said that, and even Joseph will probably betray surprise".

"There you quite mistake him", said I. "I know better".

"Says you", Pumblechook went on, "'Joseph, I have seen that man, and that man bears you no malice and bears me no malice. He knows your character, Joseph, and is well acquainted with your pig-headedness and ignorance; and he knows my character, Joseph, and he knows my want of gratitoode. Yes, Joseph,' says you", here Pumblechook shook his head and hand at me, "'he knows my total deficiency of common human gratitoode.

He knows it, Joseph, as none can. You do not know it, Joseph, having no call to know it, but that man do.'"

Windy donkey as he was, it really amazed me that he could have the face to talk thus to mine.

"Says you, 'Joseph, he gave me a little message, which I will now repeat. It was that, in my being brought low, he saw the finger of Providence. He knowed that finger when he saw Joseph, and he saw it plain. It pinted out this writing, Joseph. Reward of ingratitoode to his earliest benefactor, and founder of fortun's. But that man said he did not repent of what he had done, Joseph. Not at all. It was right to do it, it was kind to do it, it was benevolent to do it, and he would do it again.'"

"It's pity", said I, scornfully, as I finished my interrupted breakfast, "that the man did not say what he had done and would do again".

"Squires of the Boar!" Pumblechook was now addressing the landlord, "and William! I have no objections to your mentioning, either up town or down town, if such should be your wishes, that it was right to do it, kind to do it, benevolent to do it, and that I would do it again".

With those words the Impostor shook them both by the hand, with an air, and left the house; leaving me much more astonished than delighted by the virtues of that same indefinite "it". I was not long after him in leaving the house too, and when I went down the High Street I saw him holding forth (no doubt to the same effect) at his shop door to a select group, who honored me with very unfavorable glances as I passed on the opposite side of the way.

But, it was only the pleasanter to turn to Biddy and to Joe, whose great forbearance shone more brightly than before, if that could be, contrasted with this brazen pretender. I went towards them slowly, for my limbs were weak, but with a sense of increasing relief as I drew nearer to them, and a sense of leaving arrogance and untruthfulness further and further behind.

The June weather was delicious. The sky was blue, the larks were soaring high over the green corn, I thought all that countryside more beautiful and peaceful by far than I had ever known it to be yet. Many pleasant pictures of the life that I would lead there, and of the change for the better that would come over my character when I had a guiding spirit at my side whose simple faith and clear home wisdom I had proved, beguiled my way. They awakened a tender emotion in me; for my heart was softened by my return, and such a change had come to pass, that I felt like one who was toiling home barefoot

from distant travel, and whose wanderings had lasted many years.

The schoolhouse where Biddy was mistress I had never seen; but, the little roundabout lane by which I entered the village, for quietness' sake, took me past it. I was disappointed to find that the day was a holiday; no children were there, and Biddy's house was closed. Some hopeful notion of seeing her, busily engaged in her daily duties, before she saw me, had been in my mind and was defeated.

But the forge was a very short distance off, and I went towards it under the sweet green limes, listening for the clink of Joe's hammer. Long after I ought to have heard it, and long after I had fancied I heard it and found it but a fancy, all was still. The limes were there, and the white thorns were there, and the chestnut-trees were there, and their leaves rustled harmoniously when I stopped to listen; but, the clink of Joe's hammer was not in the midsummer wind.

Almost fearing, without knowing why, to come in view of the forge, I saw it at last, and saw that it was closed. No gleam of fire, no glittering shower of sparks, no roar of bellows; all shut up, and still.

But the house was not deserted, and the best parlor seemed to be in use, for there were white curtains fluttering in its window, and the window was open and gay with flowers. I went softly towards it, meaning to peep over the flowers, when Joe and Biddy stood before me, arm in arm.

At first Biddy gave a cry, as if she thought it was my apparition, but in another moment she was in my embrace. I wept to see her, and she wept to see me; I, because she looked so fresh and pleasant; she, because I looked so worn and white.

"But dear Biddy, how smart you are!"

"Yes, dear Pip".

"And Joe, how smart you are!"

"Yes, dear old Pip, old chap".

I looked at both of them, from one to the other, and then:

"It's my wedding-day!" cried Biddy, in a burst of happiness, "and I am married to Joe!"

They had taken me into the kitchen, and I had laid my head down on the old deal table. Biddy held one of my hands to her lips, and Joe's restoring touch was on my shoulder. "Which he warn't strong enough, my dear, fur to be surprised", said Joe. And Biddy said, "I ought to have thought of it, dear

Joe, but I was too happy". They were both so overjoyed to see me, so proud to see me, so touched by my coming to them, so delighted that I should have come by accident to make their day complete!

My first thought was one of great thankfulness that I had never breathed this last baffled hope to Joe. How often, while he was with me in my illness, had it risen to my lips! How irrevocable would have been his knowledge of it, if he had remained with me but another hour!

"Dear Biddy", said I, "you have the best husband in the whole world, and if you could have seen him by my bed you would have… But no, you couldn't love him better than you do".

"No, I couldn't indeed", said Biddy.

"And, dear Joe, you have the best wife in the whole world, and she will make you as happy as even you deserve to be, you dear, good, noble Joe!"

Joe looked at me with a quivering lip, and fairly put his sleeve before his eyes.

"And Joe and Biddy both, as you have been to church today, and are in charity and love with all mankind, receive my humble thanks for all you have done for me, and all I have so ill repaid! And when I say that I am going away within the hour, for I am soon going abroad, and that I shall never rest until I have worked for the money with which you have kept me out of prison, and have sent it to you, don't think, dear Joe and Biddy, that if I could repay it a thousand times over, I suppose I could cancel a farthing of the debt I owe you, or that I would do so if I could!"

They were both melted by these words, and both entreated me to say no more.

"But I must say more. Dear Joe, I hope you will have children to love, and that some little fellow will sit in this chimney-corner of a winter night, who may remind you of another little fellow gone out of it for ever. Don't tell him, Joe, that I was thankless; don't tell him, Biddy, that I was ungenerous and unjust; only tell him that I honored you both, because you were both so good and true, and that, as your child, I said it would be natural to him to grow up a much better man than I did".

"I ain't a going", said Joe, from behind his sleeve, "to tell him nothink o' that natur, Pip. Nor Biddy ain't. Nor yet no one ain't".

"And now, though I know you have already done it in your own kind

hearts, pray tell me, both, that you forgive me! Pray let me hear you say the words, that I may carry the sound of them away with me, and then I shall be able to believe that you can trust me, and think better of me, in the time to come!"

"O dear old Pip, old chap", said Joe. "God knows as I forgive you, if I have anythink to forgive!"

"Amen! And God knows I do!" echoed Biddy.

"Now let me go up and look at my old little room, and rest there a few minutes by myself. And then, when I have eaten and drunk with you, go with me as far as the finger-post, dear Joe and Biddy, before we say good by!"

I sold all I had, and put aside as much as I could, for a composition with my creditors – who gave me ample time to pay them in full – and I went out and joined Herbert. Within a month, I had quitted England, and within two months I was clerk to Clarriker and Co., and within four months I assumed my first undivided responsibility. For the beam across the parlor ceiling at Mill Pond Bank had then ceased to tremble under old Bill Barley's growls and was at peace, and Herbert had gone away to marry Clara, and I was left in sole charge of the Eastern Branch until he brought her back.

Many a year went round before I was a partner in the House; but I lived happily with Herbert and his wife, and lived frugally, and paid my debts, and maintained a constant correspondence with Biddy and Joe. It was not until I became third in the Firm, that Clarriker betrayed me to Herbert; but he then declared that the secret of Herbert's partnership had been long enough upon his conscience, and he must tell it. So he told it, and Herbert was as much moved as amazed, and the dear fellow and I were not the worse friends for the long concealment. I must not leave it to be supposed that we were ever a great House, or that we made mints of money. We were not in a grand way of business, but we had a good name, and worked for our profits, and did very well. We owed so much to Herbert's ever cheerful industry and readiness, that I often wondered how I had conceived that old idea of his inaptitude, until I was one day enlightened by the reflection, that perhaps the inaptitude had never been in him at all, but had been in me.

CHAPTER LIX

For eleven years, I had not seen Joe nor Biddy with my bodily Eyes – though they had both been often before my fancy in the East – when, upon an evening in December, an hour or two after dark, I laid my hand softly on the latch of the old kitchen door. I touched it so softly that I was not heard, and looked in unseen. There, smoking his pipe in the old place by the kitchen firelight, as hale and as strong as ever, though a little gray, sat Joe; and there, fenced into the corner with Joe's leg, and sitting on my own little stool looking at the fire, was… I again!

"We giv' him the name of Pip for your sake, dear old chap", said Joe, delighted, when I took another stool by the child's side (but I did not rumple his hair), "and we hoped he might grow a little bit like you, and we think he do".

I thought so too, and I took him out for a walk next morning, and we talked immensely, understanding one another to perfection. And I took him down to the churchyard, and set him on a certain tombstone there, and he showed me from that elevation which stone was sacred to the memory of Philip Pirrip, late of this Parish, and Also Georgiana, Wife of the Above.

"Biddy", said I, when I talked with her after dinner, as her little girl lay sleeping in her lap, "you must give Pip to me one of these days; or lend him, at all events".

"No, no", said Biddy, gently. "You must marry".

"So Herbert and Clara say, but I don't think I shall, Biddy. I have so settled down in their home, that it's not at all likely. I am already quite an old bachelor".

Biddy looked down at her child, and put its little hand to her lips, and then put the good matronly hand with which she had touched it into mine. There was something in the action, and in the light pressure of Biddy's wedding-ring, that had a very pretty eloquence in it.

"Dear Pip", said Biddy, "you are sure you don't fret for her?"

"Oh no… I think not, Biddy".

"Tell me as an old, old friend. Have you quite forgotten her?

"My dear Biddy, I have forgotten nothing in my life that ever had a foremost place there, and little that ever had any place there. But that poor dream, as I once used to call it, has all gone by, Biddy – all gone by!"

Nevertheless, I knew, while I said those words, that I secretly intended to revisit the site of the old house that evening, alone, for her sake. Yes, even so. For Estella's sake.

I had heard of her as leading a most unhappy life, and as being separated from her husband, who had used her with great cruelty, and who had become quite renowned as a compound of pride, avarice, brutality, and meanness. And I had heard of the death of her husband, from an accident consequent on his ill-treatment of a horse. This release had befallen her some two years before; for anything I knew, she was married again.

The early dinner hour at Joe's, left me abundance of time, without hurrying my talk with Biddy, to walk over to the old spot before dark. But, what with loitering on the way to look at old objects and to think of old times, the day had quite declined when I came to the place.

There was no house now, no brewery, no building whatever left, but the wall of the old garden. The cleared space had been enclosed with a rough fence, and looking over it, I saw that some of the old ivy had struck root anew, and was growing green on low quiet mounds of ruin. A gate in the fence standing ajar, I pushed it open, and went in.

A cold silvery mist had veiled the afternoon, and the moon was not yet up to scatter it. But, the stars were shining beyond the mist, and the moon was coming, and the evening was not dark. I could trace out where every part of the old house had been, and where the brewery had been, and where the gates, and where the casks. I had done so, and was looking along the desolate garden walk, when I beheld a solitary figure in it.

The figure showed itself aware of me, as I advanced. It had been moving towards me, but it stood still. As I drew nearer, I saw it to be the figure of a woman. As I drew nearer yet, it was about to turn away, when it stopped, and let me come up with it. Then, it faltered, as if much surprised, and uttered my name, and I cried out:

"Estella!"

"I am greatly changed. I wonder you know me".

The freshness of her beauty was indeed gone, but its indescribable majesty and its indescribable charm remained. Those attractions in it, I had seen before; what I had never seen before, was the saddened, softened light of the once proud eyes; what I had never felt before was the friendly touch of the once insensible hand.

We sat down on a bench that was near, and I said, “After so many years, it is strange that we should thus meet again, Estella, here where our first meeting was! Do you often come back?”

“I have never been here since”.

“Nor I”.

The moon began to rise, and I thought of the placid look at the white ceiling, which had passed away. The moon began to rise, and I thought of the pressure on my hand when I had spoken the last words he had heard on earth.

Estella was the next to break the silence that ensued between us.

“I have very often hoped and intended to come back, but have been prevented by many circumstances. Poor, poor old place!”

The silvery mist was touched with the first rays of the moonlight, and the same rays touched the tears that dropped from her eyes. Not knowing that I saw them, and setting herself to get the better of them, she said quietly:

“Were you wondering, as you walked along, how it came to be left in this condition?”

“Yes, Estella”.

“The ground belongs to me. It is the only possession I have not relinquished. Everything else has gone from me, little by little, but I have kept this. It was the subject of the only determined resistance I made in all the wretched years”.

“Is it to be built on?”

“At last, it is. I came here to take leave of it before its change. And you”, she said, in a voice of touching interest to a wanderer – “you live abroad still?”

“Still”.

“And do well, I am sure?”

“I work pretty hard for a sufficient living, and therefore – yes, I do well”.

“I have often thought of you”, said Estella.

“Have you?”

“Of late, very often. There was a long hard time when I kept far from me the remembrance of what I had thrown away when I was quite ignorant of its worth. But since my duty has not been incompatible with the admission of that remembrance, I have given it a place in my heart”.

“You have always held your place in my heart”, I answered.

And we were silent again until she spoke.

“I little thought”, said Estella, “that I should take leave of you in taking leave of this spot. I am very glad to do so”.

“Glad to part again, Estella? To me, parting is a painful thing. To me, the remembrance of our last parting has been ever mournful and painful”.

“But you said to me”, returned Estella, very earnestly, “‘God bless you, God forgive you!’ And if you could say that to me then, you will not hesitate to say that to me now – now, when suffering has been stronger than all other teaching, and has taught me to understand what your heart used to be. I have been bent and broken, but – I hope – into a better shape. Be as considerate and good to me as you were, and tell me we are friends”.

“We are friends”, said I, rising and bending over her, as she rose from the bench.

“And will continue friends apart”, said Estella.

I took her hand in mine, and we went out of the ruined place; and, as the morning mists had risen long ago when I first left the forge, so the evening mists were rising now, and in all the broad expanse of tranquil light they showed to me, I saw no shadow of another parting from her.

THE END

CHARLES DICKENS

Charles John Huffam Dickens (1812-1870) foi o mais popular dos romancistas da era vitoriana e contribuiu para a introdução da crítica social na literatura de ficção inglesa. A fama dos seus romances e contos pode ser comprovada pelo fato de todos os seus livros continuarem a serem editados ininterruptamente. Entre as suas maiores obras destacam-se “Oliver Twist”, “Grandes Esperanças”, “Um Cântico de Natal” e “David Copperfield”.

Filho de uma família de poucos recursos, Dickens desde cedo teve que trabalhar para contribuir para o sustento familiar, principalmente após a prisão do pai por dívidas contraídas. As péssimas condições de trabalho da classe operária seriam um tema constante de suas obras e a crítica às transformações sociais e econômicas da Inglaterra Vitoriana recorrentes em sua obra.

Já adulto trabalhou como jornalista no “Morning Chronicle”, onde passou a publicar diversas crônicas suas sob o pseudônimo de Boz, reunidas mais tarde como “Esboços feitos por Boz”. Com isso Dickens ganhou espaço no jornal para apresentar os capítulos de “As Aventuras do Senhor Pickwick”, que confirmou seu nome e fama como grande escritor.

A partir de então, passa a publicar em folhetins semanais, uma de suas principais obras – “Oliver Twist” – onde pela primeira vez, aponta os males sociais da era vitoriana. Suas próximas obras lançadas foram “Vida e Aventura de Nicholas Nickleby”, e, depois, “A Velha Loja de Antiguidades” (1840), “Barnaby Rudge” (1841) e “Martin Chuzzlewitt” (1843/44), escrito após uma viagem aos Estados Unidos da América.

Em 1843, publicou o seu mais famoso livro de Natal, “Um Cântico de Natal”, ao qual se seguiriam outros, como “The Chimes” (1844), que escreveu durante uma viagem à Gênova e “O Grilo na Lareira” (1845). Em 1849 publicou um de seus mais conhecidos romances, “David Copperfield”, inspirado em grande parte, em sua própria vida.

A partir da década de 1850, torna-se editor de duas revistas literárias inglesas, a “Household Words” e sua sucessora “All the Year Around” (1859-1895), onde publicou algumas de suas mais famosas obras entre elas, “História de Duas Cidades” (1859), “Grandes Esperanças” (1861) e “Nosso Amigo em Comum” (1864) e teve como colaboradores importantes escritores de seu tempo, como Elizabeth Gaskell, Wilkie Collins e Edmund

H. Yates.

Aos poucos sua obra se tornou mais crítica em relação às instituições inglesas, ao publicar “A Casa Sombria” (1852) e “Tempos Difíceis”. Nos últimos anos de sua vida Charles Dickens empreendeu uma série de viagens, realizando leituras de suas obras em conferências por toda a Inglaterra, Escócia e Estados Unidos. Após um acidente de trem, em 1865, Dickens começou a sofrer de pequenos derrames cerebrais até o derradeiro, que ocorreu à porta de sua residência. Suas últimas palavras foram dirigidas aos seus empregados, que vieram lhe socorrer para que seu corpo fosse colocado no chão.

Dickens deixou inacabado o livro “O Mistério de Erwin Drood”.